PATRÍSTICA

SANTO AGOSTINHO

Comentário aos Salmos

(Enarrationes in psalmos)

Salmos 101-150

SANTO AGOSTINHO

COMENTÁRIO AOS SALMOS

(Enarrationes in psalmos)

Salmos 101-150

Índice

A presente obra, em três volumes, traz ao público de língua portuguesa a tradução fiel das *Enarrationes in psalmos* de Santo Agostinho.
Os salmos têm sido e continuam sendo fonte riquíssima de inspiração de um dos legados bíblicos mais fecundos para a espiritualidade da civilização do Ocidente.
Com o presente *Comentário aos Salmos* (*Enarrationes in psalmos*), Agostinho solidifica a tradição patrística, juntamente com Orígenes, Atanásio, Basílio, Ambrósio, Eusébio de Cesaréia, Jerônimo… que se dedicaram ao estudo dos salmos; nenhum outro, porém, alcançou o êxito do comentário de Agostinho. O presente *Comentário aos Salmos* nasce num ambiente litúrgico, onde os salmos são lidos, cantados, apreciados, comentados e meditados. Por essa razão, não se encontra no *Comentário* uma elaboração teológica sistemática, mas sente-se nele a fala do pastor, o pregador popular e o catequista. Comentando os salmos, Agostinho tem ocasião de tocar nas questões teológicas, bíblicas, morais e espirituais do seu tempo.
A presente obra compõe-se das seguintes partes:
9/1: Salmos 1-50
9/2: Salmos 51-100
9/3: Salmos 101-150

SALMO 101

I SERMÃO

1 1 Eis que reza um pobre e não reza em silêncio. Podemos ouvi-lo e verificar quem é. Não seria aquele de quem fala o Apóstolo: “Que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza”? (1Cor 8,9). Mas, se é ele, como é pobre? Pois, quem não vê como ele é rico? De onde vem a riqueza dos homens? Julgo que do ouro, prata, família, terra; mas “tudo foi feito por meio dele” (Jo 1,2). Que pode haver de mais rico do que aquele que fez todas as riquezas, mesmo aquelas que não são verdadeiras? Pois, também foram feitas por meio dele as outras riquezas: inteligência, memória, costumes, vida, a saúde corporal, os sentidos, a conformação dos membros; efetivamente, se tudo isso é íntegro, mesmo os pobres são ricos. Por intermédio dele foram criadas também as maiores riquezas; a fé, a piedade, a justiça, a caridade, a castidade, os bons hábitos. Com efeito, ninguém as possui se não as obtiver daquele que justifica o ímpio (cf Rm 4,5). Aí está como ele é rico. Qual o verdadeiro rico? O que tem o que quer, por obra de outro, ou quem faz o que quer, mas é outro quem o possui? Penso que é mais rico aquele que criou o que tens, porque não possuis o que ele possui. Por aí se vê como é rico. Como então atribuir a quem é tão rico as seguintes palavras: “Comi como pão a cinza e misturavam-se lágrimas a minha bebida?” Tão grandes riquezas reduziram-se a isto? Ele é tão excelso, e isto tão objeto! Que fazer? Como unir todas as profundezas àquelas sublimes alturas? Estão extremamente longe uma da outra. Ainda não descubro quem é este pobre. Talvez seja outro. Vamos procurar ainda. Pois se nos parece que é outro, é espantoso que não interrogas e não te assustam as riquezas: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito”. O evangelista, dizendo isto, era rico; quanto mais aquele do qual afirmava: “No princípio era o Verbo” e não um verbo qualquer, mas “o Verbo era Deus”; não em toda a parte, mas “estava com Deus”; e não estava desocupado, mas “tudo foi feito por meio dele!” Ele comeu como pão a cinza e misturam-se lágrimas a sua bebida? Seria de temer que nossa pobreza danificasse tantas riquezas. Todavia, procuras saber se ele mesmo não é o pobre mencionado no sal-mo; porque “o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,1.2.3.14). Atende também àquela palavra: “Sou teu servo e filho de tua serva” (Sl 115,16). Considera aquela serva casta, virgem e mãe; assumiu por meio dela a nossa pobreza, revestiu-se da condição de escravo, aniquilando-se a si mesmo, e assim não te assustarão suas riquezas e ousarás aproximar-te dele com tua mendicidade. No seio da virgem ele assumiu, digo, a condição de escravo, ali se revestiu de nossa pobreza, ali se depauperou para nos enriquecer. Já podemos, portanto, nos aproximar dele e entender essas coisas; contudo, ainda não podemos temerariamente nos pronunciar. O parto da virgem é representado por aquela pedra que foi rolada do monte sem intervenção de mãos humanas (cf Dn 2,34); não houve ação humana, nem concupiscência, mas apenas

uma fé ardente e a concepção da carne do Verbo. Em seguida, saiu do seio materno. Os céus se manifestaram, os anjos anunciaram aos pastores, a estrela levou os magos a adorarem o rei recém-nascido, Simeão, repleto do Espírito reconheceu o Deus Menino nos braços da mãe (cf Lc 2,7-14; Mt 2,1.2). Cresceu em idade, não a divindade, mas a carne humana. Os anciãos indoutos ficam assustados e admirados perante a sabedoria de um menino de doze anos (Lc 2,25-47). Ou foram mesmo os anciãos peritos na lei; mas que era sua perícia diante do Verbo de Deus? Que valia sua perícia junto da Sabedoria de Deus? Mesmo os peritos, sem o socorro do Verbo, não desvaneceriam? Cristo cresceu em idade corporal; veio para perto do rio Jordão para ser batizado. O Batista reconhece seu Deus e confessa-se indigno de desatar a correia de suas sandálias (Mc 1,7-11). Em seguida, os cegos recuperam a vista, abrem-se os ouvidos dos surdos, falam os mudos, ficam limpos os leprosos, paralíticos andam, recuperam a saúde os doentes, ressurgem os mortos (Mt 11,5).

2 Com efeito, em comparação com o Verbo pelo qual tudo foi feito, já reconheço a pobreza de todas as riquezas; mas como me acho longe ainda das cinzas e da bebida misturada às lágrimas! Ainda tenho receio de afirmar: trata-se dele; e no entanto, quero assegurar. Alguns elementos aqui me impelem a querer e de outro lado, outros pontos me obrigam a ter medo. É dele e não é ele. Já se apresenta na condição de servo, já carrega uma carne mortal e frágil, já veio para morrer, e no entanto ainda não se apresenta nesta indigência. “Comi como pão a cinza e misturavam-se lágrimas a minha bebida”. Acrescente-se, pois, pobreza a pobreza, e represente em si a humilde condição de nosso corpo (Fl 3,21); seja nossa Cabeça, sejamos seus membros, sejam dois numa só carne. Pois, no intuito de fazer-se pobre, tomou a condição de servo (Fl 2,7), deixou o Pai. Quanto à natureza que recebeu da virgem, deixe também a mãe, una-se a sua esposa, e sejam dois numa só carne (Ef 5,31.32). Assim, pois, serão também dois numa só voz, e naquela única voz, não nos admiramos de encontrar a nossa: “Comi como pão a cinza e misturavam-se lágrimas a minha bebida”. Ele se dignou ter-nos por seus membros. Até mesmo os penitentes são seus membros. Pois, não são excluídos, separados de sua Igreja; de forma alguma se uniria a sua esposa, se não fosse aquela palavra: “Convertei-vos, porque o reino dos céus está próximo” (Mt 3,2). Por conseguinte, já vamos ouvir como oram Cabeça e corpo (cf Ef 4,15), esposo e esposa (cf Jo 3,29), Cristo e a Igreja, ambos um só. Mas o Verbo e a carne não são uma só natureza. O Pai e o Verbo são um só. Cristo e a Igreja são um só corpo, um só homem perfeito na condição de sua plenitude: “Até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de homem perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13). Mas até que alcancemos isso, trata-se aqui de nossa pobreza, trata-se ainda de labor e gemidos. Graças sejam dadas à misericórdia de Deus. De onde vem o labor, de onde o gemido do Verbo, pelo qual tudo foi feito? Se ele se dignou suportar a nossa morte, não nos dará a sua vida? Reanimou-nos com grande esperança, com grande esperança gememos. Nosso gemido vem acompanhado de tristeza; mas existe um gemido acompanhado de alegria. Penso que a estéril Sara gemeu com alegria ao dar à luz; nós também concebemos, por teu temor, e demos à luz o espírito de salvação (cf Is

26,18). Ouçamos, portanto, a Cristo pobre em nós, conosco, por nossa causa. Pois, o título do salmo nos indica um pobre. Depois, considerai que sugeri quem seria este pobre; ouçamos sua oração, e reconheçamos a sua pessoa. No intuito de evitar um erro, quando ouvires algo que não se adapte bem à Cabeça, expliquei antecipadamente; ao ouvires destas afirmações, percebas que provêm da fraqueza do corpo, e descubras a voz dos membros através da voz da Cabeça. O título é o seguinte: "Oração do pobre angustiado, que expande suas preces na presença do Senhor". Este pobre assim se exprime noutra passagem: "Dos confins da terra clamei a ti, quando meu coração se angustiava" (Sl 60,3). Trata-se do mesmo pobre, porque identifica-se a Cristo que, através do profeta, se denomina esposo e esposa: "Como um esposo que se adorna com um diadema, como uma esposa que se enfeita com as suas jóias" (Sl 61,10). Chamou-se de esposo e de esposa; de onde se origina isso senão porque ele é esposo por ser a Cabeça, e esposa por causa do corpo? Por conseguinte, a voz é uma só porque a carne é uma só. Ouçamos, ou antes nessas palavras reconheçamos a nós mesmos. E se verificarmos que estamos de fora, esforcemo-nos por participar delas.

3 2.3 "Ouve, Senhor, a minha oração. Chegue a ti o meu clamor". É a mesma coisa dizer: "Ouve, Senhor, a minha oração", e: "Chegue a ti o meu clamor". A dúplice prece demonstra o afeto daquele que reza. "Não ocultes de mim a tua face". Quando Deus assim age para com o Filho? Quando faz assim o Pai relativamente a Cristo? Mas, devido à pobreza dos membros, reza: "Não ocultes de mim a tua face, em qualquer dia que estiver atribulado, inclina para mim os teus ouvidos". Estou atribulado aqui, embaixo; tu, porém, te achas lá em cima. Se me exalto, vais para longe; se me humilho, inclinas para mim teus ouvidos. Mas que quer dizer: "Em qualquer dia que estiver atribulado?" Pois, agora não está atribulado? Ou falaria deste modo se não estivesse atribulado? Seria, contudo, suficiente dizer: Inclina para mim os teus ouvidos, porque estou atribulado. "Em qualquer dia que estiver atribulado, inclina para mim os teus ouvidos". Trata-se evidentemente da unidade do corpo. Se um membro sofre, todos sofrem com ele (cf 1Cor 12,26). Tu estás aflito hoje, sou eu que me aflijo; outro se aflije amanhã, sou eu que me aflijo; depois desta geração, os pósteros que se sucedem estarão aflitos, sou eu que me aflijo; até o fim dos séculos, seja quem for que esteja aflito em meu corpo, sou eu que me aflijo. "Em qualquer dia que estiver atribulado, inclina para mim os teus ouvidos. Em qualquer dia que eu te invocar, escuta-me prontamente". As duas frases têm sentido idêntico. Invoco neste momento; mas "em qualquer dia que eu te invocar, escuta-me prontamente". Pedro rezou, rezou Paulo, os demais apóstolos rezaram; rezaram os fiéis de outrora, rezaram os fiéis das épocas seguintes, rezaram os fiéis dos tempos dos mártires; rezam os fiéis de nossos dias, rezarão os fiéis dos tempos vindouros. "Em qualquer dia que eu te invocar, escuta-me prontamente". Escuta-me prontamente, pois peço aquilo que queres dar. Não peço como um homem terreno bens terrenos, mas já redimido do primeiro cativeiro, desejo o reino dos céus. "Escuta-me prontamente", visto que prometeste apenas diante de tal desejo: Enquanto ainda falares direi: "Eis-me aqui" (Is 58,9)! "Em qualquer dia que eu te invocar, escuta-me prontamente". Por que invocas? De qual tribulação? De qual penúria? Ó pobre que jazes

diante da porta dos ricos de Deus, que desejas obter mendigando? Pedes, por causa de que penúria? Qual a pobreza que te leva a bater a fim de que se te abra a porta? Dize. Escutemos qual a pobreza. Encontremo-nos a nós mesmos nesta situação e rezemos contigo. Escuta e reconhece, se é possível.

4 4 “Porque meus dias desvaneceram como fumaça”. Ó dias! Se forem dias. Ao se falar de dias, subentende-se a luz. Mas “meus dias desvaneceram como fumaça. Meus dias”, os tempos. Por que diz o salmista: “como fumaça”, a não ser devido à exaltação da soberba? Adão soberbo mereceu ter esses dias. Cristo assumiu a carne de sua descendência. Por conseguinte, temos em Adão Cristo, e Adão em Cristo. Desses dias, que se desvanecem como fumaça libertou-nos efetivamente Cristo, que se dignou falar como tendo destes dias. “Meus dias desvaneceram como fumaça”. Vede como se assemelha à soberba a fumaça que sobe, entumesce e se esvai; com razão, portanto, desaparece, não permanece. “Meus dias desvaneceram como fumaça e meus ossos foram torrados como numa grelha”. Os próprios ossos, minha própria fortaleza não está isenta de tribulações, de queimaduras. Onde se acham mais do que nos santos apóstolos os ossos do corpo de Cristo, a fortaleza do corpo de Cristo? E no entanto, vê como os ossos são queimados: “Quem se escandaliza, sem que eu também me abrase”? (2Cor 11,29). Os apóstolos são fortes, fiéis, bons entendedores e pregadores da palavra, vivem como falam, falam o que ouvem; sem dúvida são fortes, mas todos os que sofrem dos escândalos os fazem arder. No corpo há caridade; mais intensa, porém, nos ossos. Os ossos estão bem dentro das carnes, e as sustentam. De fato, se alguém se escandaliza e sua alma periclita, o osso se abrasa na medida mesma que ama. Falte o amor e ninguém se abrase; haja caridade, e se um membro sofre o outro membro se compadece. Como não se abrasarão aqueles que sustentam todos os membros? “Meus ossos foram torrados como numa grelha”.

5 5 “Meu coração foi ferido e como feno secou”. Considera Adão, do qual se originou o gênero humano. De quem, senão dele, se propagou a miséria? De onde, senão dele, originou-se a pobreza hereditária? Diga, portanto, o salmista já incorporado ao corpo de Cristo, com esperança, ele que outrora estava desesperado em seu próprio corpo: “Meu coração foi ferido e como feno secou”. Com toda razão, porque toda carne é como feno (cf Is 40,6). Mas por que motivo isto te sucedeu? “Porque me esqueci de comer o meu pão”. Pois, Deus dera o pão do preceito. Com efeito, qual o pão da alma, senão a palavra de Deus? Por sugestão da serpente e prevaricação da mulher, Adão tocou no fruto proibido, esquecido do preceito (cf Gn 3,6). Merecidamente foi ferido e seu coração secou como feno, porque ele se esqueceu de comer seu pão. Esquecido do pão, bebeu o veneno; seu coração foi ferido e secou como feno. Ele é o ferido de que fala Isaías, e ao qual ele se dirige: “Não estarei perpetuamente encolerizado”. Pois o espírito de mim procede e “a alma eu a criei”. Por causa de seu pecado eu o contristei um pouco, eu o feri, e desviei dele a minha face (cf Is 57,16-18). Por isso, com razão diz o salmo: “Não ocultes de mim a tua face”, isto é, do ferido, do qual disseste: Eu o feri. E ainda: “Vi o seu caminho e o curarei. Meu coração foi ferido e como feno secou, porque me

esqueci de comer o meu pão". Agora come o pão do qual te esqueceras. Mas veio a ti o próprio pão. Incorporado a ele, podes recordar-te das palavras que foram esquecidas e clamar do fundo de tua pobreza, para adquirires riquezas. Agora, come, estando no corpo daquele que disse: "Eu sou o pão vivo descido do céu" (Jo 6,41). Havias te esquecido de comer o teu pão. Depois que Cristo foi crucificado, haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra (Sl 21,28). Após o esquecimento, venha a comemoração. Para se viver, coma-se o pão do céu e não o maná, que os hebreus comeram e morreram (cf Jo 6,49). O pão, do qual foi dito: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça" (Mt 5,6).

6 6 "Pelo som de meus gemidos, aderiram-me os ossos à pele". O som que entendo, que conheço: "Pelo som de meus gemidos" e não pelos gemidos daqueles dos quais tenho compaixão. Pois, muitos gemem e gemo também eu; e gemo, porque eles não sabem gemer. Alguém perde uma moeda e geme; perde a fé e não geme. Peso o dinheiro e a fé. E chego à conclusão de que é pior o gemido daquele que geme mal do que o fato de não gemer. Outro comete uma fraude e alegra-se com isso. Qual o lucro e qual o prejuízo? Adquiriu o dinheiro e perdeu a justiça. Geme por isto aquele que sabe como gemer. Aquele que se aproxima da Cabeça, que adere corretamente ao corpo de Cristo, geme por tudo isso. Os homens carnais, no entanto, não gemem por isso e são lastimáveis por não gemerem. Mas, não podemos desprezar os que não gemem ou gemem mal. Queremos corrigi-los, queremos emendá-los, queremos consertá-los. E quando não o conseguimos, gememos. E gemendo, não nos separamos deles. "Pelo som de meus gemidos, aderiram-me os ossos à pele". Os fortes aderiram aos inválidos, os firmes aderiram aos fracos. Devido a que norma eles aderiram, a não ser esta: "Nós, os fortes, devemos carregar as debilidades dos fracos? (Rm 15,1). Aderiram os ossos à pele".

7 7.8 "Assemelhei-me ao pelicano no deserto, sou como a coruja nas ruínas. Em vigília, tornei-me como o pássaro solitário no telhado". Temos aí três aves e três lugares. O Senhor nos conceda podermos explicar seu sentido e que vos seja útil o que for dito de salutar. Que representam as três aves e os três lugares? Quais são as três aves? O pelicano, a coruja e o pássaro. Os três lugares são o deserto, as ruínas, e o telhado. O pelicano no deserto, a coruja nas ruínas, o pássaro no telhado. Primeiro devemos explicar o que é pelicano. Nasce de fato noutra região, e nos é desconhecido. Nasce no deserto; principalmente junto do Rio Nilo, no Egito. Examinemos que ave é, e o que o salmo quis dizer a seu respeito. Diz: Habita "no deserto". Para que perguntar qual a sua forma, como são seus membros, sua voz, seus costumes? Tudo o que o salmo diz é que se trata de uma ave que habita no deserto. A coruja é uma ave que gosta da noite. Paredes em ruínas, que habitualmente chamamos de ruínas, são paredes de pé sem telhado, sem habitantes. Ali mora a coruja. Quanto a pássaro e telhado, sabeis o que é. Por exemplo, encontro alguém do corpo de Cristo que é pregador da palavra, compadece-se dos fracos, procura os interesses de Cristo, lembra-se de que seu Senhor há de vir e não quer que ele lhe diga: "Servo mau e preguiçoso, devias ter depositado o meu dinheiro com os banqueiros" (Mt 25,26.27). Em vista deste ofício de dispensador,

consideremos essas três coisas. Ele vai a um lugar onde não há cristãos: é um pelicano no deserto. Vai para junto daqueles que eram cristãos e falharam: é coruja nas ruínas, pois não os abandona, não deixa nas trevas os que habitam na noite, querendo lucrá-los. Vai para junto de cristãos que, de fato, habitam na casa, não como os que não creram ou como os que creram e perderam a fé, mas caminham tíbiamente no que crêem. Ele grita-lhes, não como um pássaro, não no deserto, pois são cristãos; nem nas ruínas, porque eles não caíram, mas se acham no telhado, ou antes sob o telhado, porque sujeitos à carne. Aquele pássaro, que está acima da carne, clama, não cala os preceitos de Deus, não se faz carnal, ficando debaixo do telhado. Pois, "aquele que estiver no terraço, não desça para apanhar as coisas de sua casa" (Mt 24,17); e: "O que vos é dito aos ouvidos, proclamai-o sobre os telhados" (Mt 10,27). São três aves e três lugares. De um só homem podem fazer as vezes três aves, e três homens podem estar representados por três aves. E os três lugares podem ser três espécies de homens; todavia, deserto, ruínas e telhado só podem ser três espécies de homens.

8 Mas por que falar mais disso? Verifiquemos se não se trataria do próprio Senhor, se não reconheceríamos melhor a ele mesmo na figura do pelicano no deserto, da coruja nas ruínas e do pássaro solitário no telhado. Fale-nos este pobre, que é a nossa Cabeça; pobre voluntário, fale aos pobres em necessidade. Não omitamos o que se diz e se lê sobre esta ave, isto é, o pelicano. Não vamos afirmar temerariamente alguma coisa, nem calar o que os escritores quiseram dizer e dar a ler. Quanto a vós, ouvi de tal sorte que aceiteis se é verdade; se é falso, esquecei-o. Diz-se que estas aves matam seus filhotes a bicadas, e depois de mortos nos ninhos, choram-nos por três dias; em seguida, a mãe fere-se profundamente e derrama de seu sangue sobre os filhotes, que recebendo-o revivem. Talvez seja verdade e talvez mentira. No entanto, se é verdade, vede como se aplica bem àquele que nos vivificou com seu sangue. Aplica-se a ele porque a mãe vivifica com seu sangue seus filhotes. Figura bem conveniente! Pois, o Senhor se chama de galinha que cuida dos pintinhos: "Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, e não o quiseste" (Mt 23,37). Com efeito, o Senhor tem autoridade paterna e afeto materno. Como também Paulo é pai e é mãe, não por si mesmo, mas pelo evangelho. É pai quando assegura: "Com efeito, ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais, pois fui em quem pelo evangelho vos gerou em Jesus Cristo" (1Cor 4,15); e mãe quando declara: "Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós" (Gl 4,19). Esta ave, portanto, (se na verdade ela é assim) assemelha-se bastante à carne de Cristo, cujo sangue vos vivificou. Mas como pode convir a Cristo o fato de que ela mata seus filhotes? Acaso não lhe convém a palavra: "Sou eu quem mata e faço viver, sou eu quem fere e torno a curar"? (Dt 32,39). Acaso desapareceria Saulo perseguidor, se não tivesse sido ferido do céu, ou teria surgido como pregador, se não tivesse sido vivificado pelo sangue de Cristo? (cf At 9,4). Mas, verifiquem-no os que escreveram; não devemos basear nosso entendimento em coisas incertas. É preferível reconhecer nesta ave uma alusão a deserto; assim a apresentou o salmo: "Pelicano no deserto". Julgo que o salmista quis aludir a Cristo, nascido da

virgem. Foi o único a assim nascer, e por isso ele fala em solidão: nascido na solidão, porque foi o único que teve tal nascimento. Após o nascimento vem a paixão. Por quem foi ele crucificado? Acaso pelos que ali estavam? Pelos que o choravam? Foi crucificado na noite da ignorância deles, como que em suas ruínas. A coruja nas ruínas gosta da noite. Se não gostasse, porque disse o Senhor: "Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem"? (Lc 23,34). Por conseguinte, nasceu no deserto, porque foi o único a nascer deste modo; padeceu nas trevas dos judeus, como numa noite, e por sua prevaricação, como ruínas. Como continua o salmo: "Em vigília". Então, havias dormido nas ruínas e disseras: "Eu adormeci". Que quer dizer: "Eu adormeci?" Adormeci, porque eu quis; adormeci amando a noite; mas prossegue: "Despertei" (Sl 3,6). Portanto, como neste salmo: "Em vigília". Mas depois de acordar, o que fez? Subiu ao céu, tornou-se qual "pássaro" a voar, isto é, a subir, "solitário no telhado", isto é, no céu. Por conseguinte, pelicano ao nascer, coruja ao morrer, pássaro ao ressuscitar. Primeiro na solidão sozinho, depois nas ruínas morto por aqueles que não puderam ficar no edifício. Aqui, na terra em vigília e a voar solitário no telhado, lá no céu intercede por nós (cf Rm 8,34). Nossa Cabeça é pássaro e seu corpo é rola. "Porque o pássaro encontra uma casa". Qual? O céu, onde ele intercede por nós. "E a rola um ninho", a Igreja de Deus, ninho na árvore da cruz, "onde agasalhar seus filhotes" (Sl 83,4), seus pequeninos. "Em vigília, tornei-me como o pássaro solitário no telhado".

9 "Todos os dias me recriminavam os inimigos, e os que me louvavam juravam contra mim". Louvavam com os lábios, mas preparavam ciladas no coração. Escuta seus louvores. "Mestre, sabemos que és verdadeiro e que, de fato, ensinas o caminho de Deus. Não dás preferência a ninguém". É lícito pagar imposto a César"? (Mt 22,16.17). Queres suplantar aquele que louvas. Qual o motivo senão porque "os que me louvavam, juravam contra mim?" De onde provém este opróbrio, a não ser porque vim fazer dos pecadores membros meus, de tal sorte que, fazendo penitência se incorporassem a mim? Esta a origem do opróbrio, da perseguição: "Por que come o vosso mestre com os pecadores e os publicanos? Não são os que tem saúde que precisam de médico, mas os doentes" (Mt 9,11.12). Oxalá estivésseis cientes de vossa doença para procurardes o médico, não matásseis o médico, nem vos perdêsseis com pretensa saúde, devido a vossa soberba demência.

10 10 Donde vem que "todos os dias me recriminavam os inimigos?" Donde provém que "os que me louvavam, juravam contra mim? Porque comi como pão a cinza e misturavam-se lágrimas a minha bebida". A causa de seu opróbrio foi ter querido curar essa espécie de homens, livrá-los, contá-los entre seus membros. E hoje qual o opróbrio que nos lançam os pagãos? Que pensais, irmãos, que pensais que eles dizem contra nós? Vós corrompeis a disciplina e perverteis os costumes do gênero humano. Que atacais? Dize o motivo. Que fizemos? Eles respondem: Dais oportunidade aos homens de fazerem penitência, prometendo a impunidade de todos os delitos; por isso, os homens praticam o mal, seguros de que, uma vez arrependidos, tudo lhes será perdoado. Este o opróbrio: "Comi como pão a cinza e misturavam-se lágrimas a minha bebida". Ó

injuriador, convido-te a comer este pão. Pois, não ousarás dizer que não és pecador. Examina a tua consciência, apresenta-te ao tribunal de tua mente, não te poupes, perscruta, fale-te o íntimo do coração. Verifica se ousas declarar-te inocente. Sem dúvida, se alguém se considerar assim, perturbar-se-á; se não adular a si mesmo, confessará. E que farás, infeliz, se não existe um porto de impunidade? Se existe apenas falsa liberdade de pecar, e não há indulgência para os pecados, onde ficarás? Para onde irás? Certamente, foi também em teu favor que este pobre comeu como pão a cinza e misturam-se lágrimas a sua bebida. Não te agrada tal comida? Mas, no entanto, responde ele, os homens aumentam seus pecados devido à esperança do perdão. Ao contrário, perder a esperança do perdão aumentariam os pecados. Não notas como os gladiadores vivem numa licenciosa crueldade? De onde vem isto, a não ser porque sendo destinados à espada e à morte, querem satisfazer seus maus desejos antes de derramarem seu sangue? Acaso tu também dirias: Já sou pecador, sou iníquo, condenado, sem esperança de perdão. Por que não fazer tudo que me agrada mesmo se ilícito? Por que não satisfazer, quando possível, todos os desejos, se depois disto não me restam senão os tormentos? Não falarias deste modo, e não te tornarias pior devido ao desespero? Por isso, mais te corrige quem te promete perdão e diz: “Caí em vós mesmos, vós, infiéis” (Is 46,8). “Não tenho prazer na morte do ímpio, mas antes, em que ele se converta do seu caminho e viva” (Ez 33,11). Sem dúvida, querendo alcançar este porto, arreias as velas da iniqüidade, voltas à proa, navegas para a justiça e esperando a vida não negligencias o tratamento. Não te desagrade esta disposição de Deus, como se, pela promessa do perdão, ele desse segurança aos pecadores. Com efeito, tendo em mira que os homens não piorassem por falta de esperança, Deus prometeu o porto do perdão, e de outro lado, visando a que não se tornassem piores com a esperança do perdão, deixou na incerteza o dia da morte; em sua providência estabeleceu ambas as medidas: os que se convertem tenham possibilidade de serem acolhidos, e os que não, adiando a conversão, se atemorizem. Come como pão a cinza e mistura tuas lágrimas a tua bebida; este banquete te levará para junto da mesa de Deus. Não percas a esperança; o perdão te é prometido. Respondes: Graças a Deus que foi prometido; agarro-me à promessa de Deus. Então, vive bem. Replicas: amanhã viverei bem. Deus te prometeu o perdão; mas ninguém te prometeu o dia de amanhã. Se viveste mal, começa hoje a viver bem. “Insensato, nessa mesma moite ser-te-á reclamada a alma”. Não digo: “E as coisas que acumulaste, de quem serão”? (Lc 12,20). E sim: Segundo teu modo de viver, onde estarás? Corrige-te, pois, a fim de poderes fazer tua no corpo de Cristo essa palavra que, se não me engano, reconheces de bom grado: “Porque comi como pão a cinza e misturam-se lágrimas a minha bebida”.

11 11“Em vista de tua ira e tua indignação, por que me elevaste e depois me derrubaste”. Essa é tua ira, Senhor, contra Adão. Ira sob a qual todos nascemos, à qual aderimos ao nascer; ira da propagação do pecado, ira da massa pecadora, segundo a qual diz o Apóstolo: “Éramos por natureza como os demais, filhos da ira” (Ef 2,3). Daí afirmar também o Senhor: “Aquele, porém, que recusa crer no Filho unigênito de Deus, a ira de Deus permanece sobre ele” (Jo 3,36). Não declara: A ira de Deus vem sobre ele, mas:

“permanece sobre ele”, porque não se retira a ira, sob a qual nasceu. Por que então, e que significa a palavra: “Por que me elevaste e depois me derrubaste?” O salmo não diz: Porque me elevaste e me derrubaste, mas: “Porque me elevaste e depois me derrubaste”. Derrubaste, porque me elevaste. Donde vem isto? O homem foi estabelecido num lugar honroso, foi criado à imagem de Deus; elevado a tal honra, levantado do pó, erguido da terra, recebeu uma alma racional, foi colocado pela vivacidade de sua razão acima de todos os animais, rebanhos, aves e peixes. Qual deles tem inteligência? Nenhum deles foi feito à imagem de Deus (cf Gn 1,26). Como nenhum deles possui tal honra, igualmente nenhum deles tem a nossa miséria. Qual o animal que se lastima de ter pecado? Qual a ave que tem medo da geena do fogo eterno? Não sofrem de estímulo algum de nossas misérias, porque não terão participação alguma na vida bem-aventurada. O homem, contudo, tendo sido feito para a vida bem-aventurada se viver bem, passará uma vida infeliz se viver mal. Portanto: “Porque me elevaste e depois me derrubaste”. A pena me acompanha, porque me deste o livre-arbítrio. Se, pois, não me tivesses dado o livre-arbítrio, e desta forma não me tivesses feito melhor do que os animais, não sofreria justa condenação ao pecar. Então, pelo livre-arbítrio me elevaste, e por justo juízo me derrubaste.

12 12 “Meus dias passaram qual uma sombra”. Teus dias podiam não passar, se não te apartasses do dia verdadeiro. Tu te afastaste e recebeste dias que declinam. Não é de admirar que teus dias se tenham assemelhado a ti. São dias que declinam, porque tu te desviaste. São dias de fumaça, porque tu te inchaste de orgulho. Acima dissera o salmista: “Meus dias desvaneceram como fumaça”. E agora: “Meus dias passaram qual uma sombra”. Sob esta sombra é preciso reconhecer o dia, sob esta sombra ver a luz, a fim de que com um arrependimento tardio e infrutífero não se diga: “Que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviu riqueza e arrogância? Tudo isso passou como uma sombra” (Sb 5,8.9). Agora diz: Todas as coisas passarão como sombra, mas tu não passes como sombra. “Meus dias passaram qual uma sombra e eu murchei como o feno”. Mais acima fora dito: “meu coração foi ferido e como o feno secou”. Mas o feno, irigado com o sangue do Salvador reverdecerá. Eu murchei como o feno”, eu, que sou homem, após a prevaricação. Sofri isto por justo juízo de Deus. E tu?

13 13 “Tu, porém, Senhor, permaneces eternamente”. Meus dias passaram qual uma sombra, mas tu permaneces eternamente. O eterno salve o temporal. Nem pelo fato de que eu caí, tu envelheceste; pois, és vigoroso para me libertar, tu que foste vigoroso para me humilhar. “Tu, porém, Senhor, permaneces eternamente e tua memória dura de geração em geração. Tua memória”, porque não esqueces. Dura “de geração”, não apenas uma geração, mas “de geração em geração”. Pois, de fato, temos a promessa da vida presente e futura (cf 1Tm 4,8).

14 14 “Levanta-te, tem piedade de Sião, porque é tempo de compadecer-te dela”. Que tempo é esse? “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl 4,5). E onde está Sião? “Para remir os que estavam sob a lei”. Em primeiro lugar, portanto, os judeus; em seguida, os apóstolos,

depois mais de quinhentos irmãos, logo a multidão que era um só coração e uma só alma em Deus (cf 1Cor 15,6; At 4,32). Portanto, "levanta-te, tem piedade de Sião, porque é tempo de compadecer-te dela. Sim, chegou o tempo". Que tempo? "Eis agora o tempo favorável, eis agora o dia da salvação" (2Cor 6,2). Quem assim fala? O servo de Deus que edificava e dizia: "Vós sois o edifício de Deus, e ainda: "Como bom arquiteto, lancei o fundamento", e: "Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo" (1Cor 3,9-11).

15 15 Por conseguinte, que diz aqui o salmista: "Porque teus servos têm amor a suas pedras". De quem são estas pedras? As pedras de Sião. Mas existem ali outras coisas além de pedras. Quais são elas? Como prossegue o salmo? "E compaixão do pó de suas ruínas". Vejamos quais as pedras em Sião e qual o pó em Sião. Pois, o salmo não diz: Têm compaixão de suas pedras; mas como se exprime? "Porque teus servos têm amor a suas pedras e compaixão do pó de suas ruínas". Têm amor às pedras de Sião e se compadecem do pó. Entendo que pedras de Sião são todos os profetas. Neles foi prenunciada a pregação, deles originou-se o anúncio do evangelho, por eles foi profetizado o Cristo. Portanto, teus servos têm amor às pedras de Sião. Mas os hebreus prevaricadores, que se afastaram do Senhor, e ofen-deram o Criador com seus atos malvados, voltaram à terra donde foram tirados. Tornaram-se pó, tornaram-se ím-pios; deles se diz: "Bem diversa será a sorte dos ímpios, poeira que o vento carrega da superfície da terra" (Sl 1,4). Mas, espera, Senhor; suporta, Senhor; sê paciente, Senhor. Não irrompa o vento, não carregue esta poeira da superfície da terra. Venham, venham teus servos, reconheçam tuas palavras nas pedras, compadeçam-se da poeira de Sião, forme-se o homem à tua imagem. Diga o pó, para não se perder: "Lembra-te que somos pó" (Sl 102,14). "Têm compaixão do pó". Isto a respeito de Sião. Acaso não era poeria aquele que crucificou o Senhor? Pior ainda; pó das paredes arruinadas. Era, de fato, pó; contudo não foi em vão que o Senhor disse acerca do pó: "Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem" (Lc 23,34). Desta poeira se levantou a parede de tantos milagres de fiéis, que depuseram o preço da venda de seus bens aos pés dos apóstolos. Por conseguinte, daquela poeira surgiu uma humanidade reformada e formosa. Pois, dentre os gentios quem agiu assim? Admiramos tão poucos que assim fizeram em comparação com tantos mil dos judeus! De repente, primeito três mil, depois cinco mil; todos vivendo unânimes, todos colocando o preço da venda de seus bens aos pés dos apóstolos, a fim de que eles distribuíssem a cada um conforme a sua neces-sidade, e eles eram um só coração e uma só alma em Deus (cf At 2,41; 4,32, etc). Mas quem fez tudo isso com este pó, senão aquele que criou o próprio Adão do pó da terra? Isso foi feito, portanto, de Sião, mas não apenas em Sião.

16 16 Como continua o salmo? "E temerão as nações o teu nome, Senhor, e todos os reis da terra a tua glória". Uma vez que te compadeceste de Sião, que teus servos tiveram amor a suas pedras, reconhecendo o fundamento dos apóstolos e dos profetas, que se compadeceram do pó de suas ruínas a fim de se formar ou antes de se reformar o homem vivo, tirado deste pó, e daí a pregação se propagou entre os gentios, temam o teu

nome as nações e todos os reis da terra a tua glória. Venha a outra parede, formada dos gentios, seja reconhecida a pedra angular (cf Ef 2,20), à qual adiram as duas paredes que vêm de sentido contrário, mas já não pensam de modo diverso.

17 17 “Porque o Senhor edificará Sião”. É agora que isto se realiza. Vamos, pois, pedras vivas, contribuí para a construção e não para a ruína. Sião está sendo edificada; cuidado com as ruínas das paredes. Edifica-se uma torre, edifica-se uma arca; assisti ao dilúvio. Isto se realiza agora: “Porque o Senhor edificará Sião”. Uma vez edifi-cada Sião, que acontecerá? “E se manifestará em sua glória”. Apareceu a Sião, a fim de edificá-la, para lançar o fundamento em Sião, mas não em sua glória: “Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar” (Is 53,2). No entanto, ao vir a julgar com seus anjos, quando diante dele se congregarão todos os povos, quando serão separadas as ovelhas à direita dos cabritos à esquer-da, não o verão então aqueles que o transpassaram? (cf Mt 25,31-33; Zc 12,10). E serão confundidos tardiamente aqueles que não quiseram anteriormente sofrer a confusão de uma penitência salutar. “Porque o Senhor edifi-cará Sião e se manifestará em sua glória”, tendo primeiro se manifestado a ela em sua fraqueza.

18 18 “Olhou do alto a oração dos humildes e não desdenhou a prece deles”. Dá-se isto agora, na construção de Sião. Os que a edificam oram, geme aquele único pobre, que consta de muitos pobres, porque é um só em tantos milhares de povos, tendo-se em vista a unidade da paz da Igreja. Ele é um, e é muitos: um, por causa da caridade; muitos, devido a sua extensão. Portanto, agora reza, agora corre; agora, se alguém era diferente, e se comportava de outra maneira, coma como pão a cinza e misture lágrimas a sua bebida. Agora é tempo para isto, enquanto se edifica Sião; agora as pedras entram na estrutura. Terminado o edifício e dedicada a casa, para que hás de correr, procurando tarde demais, pedindo em vão, batendo à porta inutilmente, se hás de ficar fora com as cinco virgens insensatas? (cf Mt 25,12). Agora, portanto, corre; pois o Senhor “olhou do alto a oração dos humildes e não desdenhou a prece deles”.

19 19.20 “Escrevam-se estas coisas para a geração vindoura”. Quando estas coisas foram escritas, não eram bem entendidas por aqueles que viviam então, pois eram escritas para profetizar o Novo Testamento no ambiente do Antigo Testamento. Mas fora Deus que lhes dera o Antigo Testamento e havia colocado seu povo na terra da promissão. Mas como “Tua memória dura de geração em geração”, não de iníquos, mas de justos, uma geração pertence ao Antigo Testamento e outra pertence ao Novo Testamento. E como as profecias prenunciam o Novo Testamento, “escrevam-se estas coisas para a geração vindoura e um povo a ser criado louvará o Senhor”. Não se fala de um povo que foi criado, mas de “um povo a ser criado”. Que há de mais evidente, meus irmãos? Encontra-se predita aqui a criatura mencionada pelo Apóstolo: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova. Tudo isso vem de Deus” (2Cor 5,17.18). Que sentido tem: “Tudo isso vem de Deus?” As realidades antigas e as novas, porque tua memória dura de geração em geração. “E um povo a ser criado louvará o Senhor. O Senhor olhou das alturas de seu

santuário”. Olhou das alturas para vir aos humildes; vindo das alturas fez-se humilde, a fim de exaltar os humildes.

II SERMÃO

1 Ontem ouvimos o gemido de um pobre em oração e nele reconhecemos o Senhor que se fez pobre por nós, rico como era (cf 2Cor 8,9), e os membros que a ele aderiram e falavam através de sua cabeça. Descobrimos ali também a nós mesmos, se, todavia, por sua graça, algo é também nosso. Havíamos terminado as palavras acompanhadas de gemidos e começáramos as de consolação. Mas, não foi possível ontem acabar de explicá-las. Quanto ao restante, ouçamos hoje não um pobre a gemer, mas a se alegrar; alegre porque esperançoso, esperançoso porque não conta consigo mesmo. Ele anunciou de antemão as Escrituras de Deus onde se acha a felicidade para os homens e acrescentou: “Escrevam-se estas coisas para a geração vindoura e um povo a ser criado louvará o Senhor. O Senhor olhou das alturas de seu santuário”. Até aqui, o sermão de ontem; vede a continuação.

2 20.22 “O Senhor dos céus contemplou a terra, a fim de ouvir os gemidos dos cativos em grilhões e dar a liberdade aos filhos dos condenados à morte”. Encontramos escrito em outro salmo: “Chegue à tua presença o gemido dos cativos em grilhões” (Sl 78,11). No contexto, entendia-se ser esta a voz dos mártires. Onde existiam mártires em grilhões? Não eram antes algemados? Ao serem conduzidos os santos mártires de Deus, depois de comparecerem diante dos juízes, através das províncias, sabemos que eram enviados algemados; com grilhões, não sabemos. Trata-se dos grilhões da disciplina e do temor de Deus, do qual foi dito: “O início da sabedoria é temer ao Senhor” (Eclo 1,16). Este temor não fez com que os servos de Deus tivessem medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma; porque temiam aquele que tem poder de lançar corpo e alma na geena de fogo (cf Mt 10,28). Se os mártires não estivessem ligados com os grilhões deste temor, quando suportariam os duros e molestos padecimentos da parte de seus perseguidores, enquanto lhes era facultado fazer aquilo a que eram coagidos e escapar do que sofriam? Mas Deus os ligara com estes grilhões, duros e incômodos por algum tempo, mas toleráveis diante de suas promessas. Diziam ao Senhor: “Por causa das palavras de teus lábios, eu segui duros caminhos” (Sl 16,4). Nesses grilhões, de fato, geme-se para impetrar a misericórdia de Deus; daí provêm as palavras dos mártires em outro salmo: “Chegue à tua presença os gemidos dos cativos em grilhões”. Não se deve, contudo, evitar tais grilhões, desejando perniciosa liberdade, e doçura temporal e breve nesta vida, seguida de amargura perpétua. Por esta razão a Escritura, a fim de não recusarmos os grilhões da sabedoria, assim nos fala: “Escuta, filho, e aceita o meu parecer, não rejeites meu conselho: mete teus pés nos seus grilhões e o teu pescoço no seu jugo. Abaixa o teu ombro e carrega-a e não te irrites com os seus liames. Com toda a tua alma aproxima-te dela e com toda a tua força segue-lhe os caminhos. Coloca-te na sua pista e procura: ela se fará conhecer; possuindo-a, não a deixes mais. Porque, no fim,

encontrarás nela o repouso e ela se transformará, para ti, em alegria. Seus grilhões serão para ti uma possante proteção; seu jugo, um enfeite precioso. Seu jugo será ornamento de ouro; seus grilhões, fitas de púrpura. Vesti-la-ás qual manto de glória, tu a cingirás qual diadema de alegria" (Eclo 6,23-31). Clamem, portanto, os que se acham em grilhões, enquanto estão nos vínculos da disciplina de Deus, que exercita os mártires; os grilhões se abrirão e eles voarão; posteriormente os próprios grilhões se transformarão em ornamento. Assim aconteceu aos mártires. Que conseguiram fazer os perseguidores, a não ser que os grilhões fossem abertos e convertidos em coroas?

3 "O Senhor dos céus contemplou a terra, a fim de ouvir os gemidos dos cativos em grilhões e dar a liberdade aos filhos dos condenados à morte". Os mártires foram condenados à morte. Quais os filhos senão nós mesmos? Como recuperamos a liberdade, a não ser conforme o que dizemos ao Senhor: "Rompeste as minhas cadeias; eu te sacrificarei uma hóstia de louvor"? (Sl 115,16.17). Cada qual é libertado dos vínculos de seus maus desejos, ou dos nós de seus pecados. A remissão dos pecados é a libertação. De que serviria a Lázaro ter saído do sepulcro se lhe não fosse dito: "Desatai-o e deixai-o ir-se"? (Jo 11,44). Foi a voz do Senhor, com efeito, que o tirou do sepulcro, foi ele que clamando lhe restituiu a vida, ele que removeu o volume de terra imposto ao sepultado, que se pôs a caminhar ainda atado; não se movimentou por meio dos pés, mas pelo poder daquele que o retirou do sepulcro. Assim acontece no coração do penitente. Ao ouvires um homem arrepender-se de seus pecados, ele já reviveu; se o ouvires a manifestar sua consciência em confissão, já foi tirado do sepulcro, mas ainda não foi desatado. Quando é desatado? E por quem? Diz o Senhor: "O que desligares na terra será desligado nos céus" (Mt 16,19). Com razão, pode a Igreja desligar os pecados; mas ressuscitar o morto, só o Senhor o pode, clamando interiormente; pois isto Deus opera no íntimo do homem. Falamos e atingimos vossos ouvidos; como sabemos o que se passa em vossos corações? O que se dá no íntimo, não somos nós que o operamos, mas é ele quem opera.

4 Olhou, pois, o Senhor "a fim de dar a liberdade aos filhos dos condenados à morte". Ouvistes quem são os condenados à morte e quais os seus filhos. Qual a conseqüência? "Para que se anuncie em Sião o nome do Senhor". Primeiro, a Igreja era afligida, quando eram condenados à morte os que estavam em grilhões; depois daquelas angústia, anuncia-se em Sião, o nome do Senhor, com grande liberdade, a própria Igreja. Pois, ela é Sião. Não se trata daquele lugar anteriormente soberbo e depois cativo, mas de Sião, da qual era sombra a Sião que se traduz por: Observação. Por isso, se enquanto estamos na carne, vemos as realidades primitivas, avançamos não para as realidades presentes, mas para as futuras. Por isso, fala-se em observação. Pois, quem está num posto de observação, olha para longe. Chamam-se postos de observação os lugares onde se colocam os vigias. Esses postos se fazem nos rochedos, nos montes, nas árvores, no intuito de ver longe de um lugar mais alto. Sião, portanto, é observação, a Igreja lugar de observação. Por que observação? Observar é olhar para bem longe. Pois, "pareceu-me penosa tarefa até que entrei no santuário de Deus e percebi qual a sorte final" (Sl

72,16.17). Que observação, perceber qual a sorte final! Atravessar o mar com a vista, não navegando, e habitar nos confins do mar (cf Sl 138,9), isto é depositar a esperança nas realidades finais. Por conseguinte, se a Igreja é observação, nela já se anuncia o nome do Senhor. Nesta Sião não apenas se anuncia o nome do Senhor, mas "o seu louvor em Jerusalém".

5 23 E como se anuncia? "Quando unânimes se reunirem os povos e os reinos para servirem o Senhor". Donde se origina isto, senão do sangue dos que foram condenados à morte? Como isso se deu, a não ser devido aos gemidos dos cativos em grilhões? Por conseguinte, foram atendidos os que estavam na angústia e humilhação, de tal sorte que em nossa época conforme notamos, a Igreja goze de tamanha glória, e já sirvam o Senhor os reinos que perseguiam a Igreja.

6 24 "Respondeu-lhe no caminho de sua força". A quem respondeu, a não ser ao Senhor? Quanto a quem respondeu, vejamos mais acima: "E o seu louvor em Jerusalém. Quando unânimes se reunirem os povos e os reinos para servirem o Senhor. Respondeu-lhe no caminho de sua força". Que foi que lhes respondeu, ou quem foi que lhe respondeu no caminho de sua força? Pesquisemos primeiro quem respondeu, e assim procuremos saber qual o caminho de sua força. As palavras acima indicam ter-lhe seu louvor, ou Jerusalém trazido uma resposta; pois o salmista dissera mais acima: "E o seu louvor em Jerusalém, quando unânimes se reunirem os povos e os reinos para servirem o Senhor. Respondeu-lhe". Não podemos dizer que foram os reinos, porque então teria dito: Responderam. Não podemos afirmar que "Respondeu-lhe" relaciona-se com povos, porque também aqui se diria: Responderam. Ora, "Respondeu-lhe" está no singular. Procuramos acima o sujeito e apenas encontramos no singular: seu louvor, ou Jerusalém. E sendo ambíguo se aqui se trata de seu louvor, ou de Jerusalém, expliquemos num e noutro sentido. De que maneira lhe respondeu seu louvor? Quando os que foram chamados por ele lhe dão graças. De fato, ele chama e nós respondemos, não pela voz, mas pela fé; não pela língua, mas pela vida. Com efeito, se Deus te chama, ordenando que vivas bem, mas tu vives mal, não respondendo ao seu chamado, seu louvor não lhe responde a respeito de ti, porque vives de tal modo que ele não é louvado, antes é blasfemado por causa de ti. Ao contrário, quando vivemos de tal forma que Deus é louvado por nossa causa, respondeu-lhe seu louvor. Quanto a Jerusalém, responde-lhe acerca dos que foram chamados e são seus santos. Pois, Jerusalém também foi chamada, e a primeira Jerusalém não quis ouvir, tendo-lhe sido dito: "Eis que a vossa casa vos ficará abandonada. Jerusalém, Jerusalém" (ele clama e ninguém responde), "quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, e não o quiseste"! (Mt 23,38.37). Não há resposta; vem a chuva do alto, e em vez de frutos a terra produz espinhos. No entanto, aquela Jerusalém da qual foi dito: "Alegra-te, estéril, que não davas à luz, tu que não conheces as dores do parto, ergue gritos de alegria, exulta, porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os daquela que tem marido" (Is 54,1; Gl 4,27). "Respondeu-lhe". Que quer dizer: "Respondeu-lhe?" O Senhor fez cair a chuva, e ela produziu fruto.

7 “Respondeu-lhe”, mas onde? “No caminho de sua força”. Acaso por si mesma? Mas, que seria alegria por si mesma, ou que voz emitiria a si mesma, em si mesma, senão a voz do pecado, a voz da iniqüidade? Perscruta a sua voz e que descobrirás senão, no máximo: “Eu disse: Compadece-te de mim; Senhor, cura a minha alma, porque pequei contra ti”? (Sl 40,5). Na verdade, se está justificada, “responde-lhe”, não por seus méritos, por obra dele. Onde? “No caminho de sua força”. É Cristo, ele mesmo; “Eu sou, disse ele, o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Mas, antes da ressurreição não era conhecido de seu povo; e principalmente foi crucificado em fraqueza, sem manifestar quem era, até que aparecesse em sua força ao ressuscitar (cf 2Cor 13,14). A Igreja, por conseguinte, não lhe respondeu no caminho da fraqueza, mas “no caminho da sua força”; após a ressurreição o Senhor chamou de todo o orbe da terra a Igreja, não mais em fraqueza na cruz, mas forte no céu. A fé dos cristãos não é louvável porque eles crêem no Cristo que morreu, mas no Cristo que ressuscitou. Pois, também o pagão acredita que ele morreu e te acusa como de um crime teres acreditado num morto. Que tens, portanto, de louvável? Teres acreditado que Cristo ressuscitou e esperar que hás de ressuscitar por Cristo. Nisto consiste uma fé louvável. “Se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”. Não disse: Se confessares que Deus o entregou à morte; mas “que Deus o ressuscitou dentre os mortos, então serás salvo. Pois quem crê de coração obtém a justiça, e quem confessa com a boca, a salvação” (Rm 10,9.10). Por que acreditamos também que morreu? Porque não podemos crer que ele ressuscitou se não cremos primeiro que ele morreu. Pois, quem ressuscita sem ter morrido? Quem acorda, se primeiro não tiver dormido? Mas, “porventura aquele que dorme, não poderá reerguer-se”? (Sl 40,9). Esta é a fé dos cristãos. Nesta fé, que congrega a Igreja, “porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos daquela que tem marido” (Is 54,1; Gl 4,27), “respondeu-lhe”, louvou-o de acordo com seus preceitos; “no caminho de sua força”, não no caminho de sua fraqueza.

8 Ouvistes acima como lhe respondeu: “Quando unânimes se reunirem os povos e os reinos para servirem o Senhor”. Respondei-lhe deste modo, na unidade; quem não está na unidade, não lhe responde. Quem não se encontra nesta unidade, não lhe responde. Pois o Cristo é um só e a Igreja é unidade; não lhe responde senão a unidade. Mas alguns dizem: Isso é um fato. Respondeu-lhe a Igreja em todas as gentes, deu à luz mais filhos do que aquela que tem marido, “respondeu-lhe, no caminho de sua força”. De fato, ela acreditou que Cristo ressuscitou. Acreditaram nele todos os povos. Mas, a Igreja formada de todos os povos já não existe: pereceu. Assim se expressam os que não lhe pertencem. Ó palavra impudente! Ela já não existe porque tu não estás nela? Vê se não és tu que não és; pois ela existirá, apesar de tu não seres. O Espírito de Deus previu esta palavra abominável, detestável, cheia de presunção e falsidade, que não se apoia em verdade alguma, nem é iluminada pela sabedoria, nem temperada com sal, vã, temerária, lábil, perniciosa. Foi de certo modo contra eles que o Espírito de Deus anunciou a unidade: “Quando unânimes se reunirem os povos, e os reinos para servirem o Senhor”. Tendo acrescentado: “Respondeu-lhe”, a saber, seu louvor, ou Jeru-salém, nossa mãe,

chamada de sua peregrinação, fecunda e com mais filhos do que aquela que tem marido, e visando a alguns que haveriam de dizer contra ela: Existiu, mas não existe mais, disse: "Anuncia-me a brevidade dos meus dias". Por que motivo alguns afastam-se de mim e contra mim murmuram? Por que os que se perderam declaram-me perdida? Certamente assim dizem porque eu existia e não existo mais: "Anuncia-me a brevidade dos meus dias". Não te pergunto pelos dias eternos; eles são sem fim, e lá estarei; não pergunto por eles. Pergunto pelos dias do tempo, anuncia-me quais os meus dias no tempo: "a brevidade de meus dias", não a eternidade dos meus dias. Enquanto estou neste mundo, anuncia-me, por causa daqueles que dizem: Existiu, mas não existe mais; por causa daqueles que dizem: As Escrituras foram cumpridas, todos os povos acreditaram, mas a Igreja apostatou e pereceu, ela que era formada de todos os povos. Que significa: "Anuncia-me a brevidade dos meus dias?" Anunciou. Esta palavra não foi inútil. Quem me anunciou, senão o próprio caminho? Como anunciou? "Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28,20).

9 Mas, então, eles insistem nesses termos: Ele disse: "Estou convosco até a consumação dos séculos", porque previa que existiríamos, que o partido de Donato exisitiria na terra. Acaso foi este que falou: "anuncia-me a brevidade dos meus dias", ou foi a Igreja, que falava mais acima: "Quando unânimes se reunirem os povos e os reinos para servirem o Senhor?" Qual a parte do coração que vos está dolorida? Os imperadores promulgam leis contra os hereges, cumprindo-se a palavra: "E os reinos para servirem o Senhor". Não sois do número dos filhos dos que foram condenados à morte, dos cativos em grilhões cuja voz o Senhor ouviu. Absolutamente não. Não o indicam vossos atos, não o indica vossa soberba, não o indica vossa vaidade. Não possuís a sabedoria e estais do lado de fora. Sois sal insosso e por isso pisados pelos homens (cf Mt 5,13). Ouvi as palavras do salmo: Qual é a Igreja? Aquela que reunir "os povos unânimes". Qual é a Igreja? A que congregou "os reinos para servirem o Senhor". Abalada por vossas palavras e vossas falsas opiniões, ela pede a Deus que lhe anuncie a brevidade dos seus dias e encontrou a resposta do Senhor: "Eis que estou convosco até a consumação dos séculos". Então replicais: Falou a nosso respeito; somos nós, nós existiremos até a consumação dos séculos. Seja interrogado o próprio Cristo, ao qual foi dito: "Anuncia-me a brevidade dos meus dias". Ele responderá: "Este evangelho será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações. E então virá o fim" (Mt 24,14). Por que dizias: Certamente era assim, mas terminou? Escuta o Senhor a anunciar a brevidade de meus dias. Ele afirma: "Este evangelho será proclamado". Onde? "No mundo inteiro". A quem? "Como testemunho para todas as nações". E depois? "E então virá o fim". Não vês que ainda há povos entre os quais o evangelho não foi pregado? Ora, sendo necessário que se cumpram as palavras do Senhor, que anuncia à Igreja a brevidade de meus dias, de tal sorte que o evangelho seja proclamado entre todos os povos, e só então virá o fim, em que te baseias para declarar que a Igreja formada de todos os povos já pereceu, enquanto o evangelho é proclamado precisamente para poder estar presente no meio de todos os povos? Por conseguinte, até o fim dos séculos a Igreja é constituída de todos os povos. Quanto à brevidade dos dias, consiste em ser exíguo tudo o que acaba,

de tal forma que desta brevidade se passe à eternidade. Pereçam os hereges, pereçam os que não são, e passem a ser aqueles que não são. A brevidade dos dias estende-se até o fim dos séculos. Brevidade porque a totalidade do tempo, não digo de hoje até o fim dos séculos, mas de Adão até o fim dos séculos, é uma exígua gota d'água, se comparada à eternidade.

10 25 Contra mim, portanto, não se iludam os hereges, como se não permanecesse até o fim dos séculos, porque disse: "a brevidade de meus dias". Pois, que acrescentou? "Não me leves na metade dos meus dias". Não queiras agir para comigo conforme dizem os hereges. Leva-me até o fim dos séculos, e não até a metade de meus dias, e completa os meus dias exíguos, a fim de me dares depois dias eternos. Por que então perguntaste acerca da brevidade dos dias? Por quê? Queres ouvir? "Duram os teus anos de geração em geração". Por conseguinte, eu interroguei acerca da brevidade de meus dias, porque mesmo que durem até o fim dos séculos estes dias são poucos em comparação com os teus, pois: "Duram teus anos de geração em geração". Porque não disse o salmo: Teus anos duram pelos séculos dos séculos? De fato, as Sagradas Escrituras costumam preferir esta expressão para designar a eternidade. Mas, disse: "Duram teus anos de geração em geração". Mas que "anos" são estes? Quais, senão os que não vêm e passam? Quais, senão os que não vêm para passar? Pois, todos os dias do tempo vêm para não existirem mais. Toda hora, todo mês, todo ano: nada disso permanece. Antes de vir, será; quando vier, não será mais. Aqueles anos, portanto, que são teus e eternos, anos que não mudam, hão de durar de "geração em geração". Existe certa geração das gerações; nela estarão teus anos. Qual é? Ela existe, e se pensarmos bem, estaremos nela e conosco estarão os anos de Deus. Como estarão estes em nós? Do mesmo modo como Deus será em nós, conforme foi dito: "Para que Deus seja tudo em todos" (1Cor 15,28). Os anos de Deus não são uma coisa e Deus mesmo outra; mas os anos de Deus são a eternidade de Deus; eternidade de Deus é a sua substância. Nada tem de mutável, nada de pretérito, como se já não fosse, nada de futuro, como ainda não sendo. Ali só se encontra: É; não há: Foi e será, porque o que foi já não é, e o que será ainda não é; mas tudo que existe ali, apenas é. Foi com razão que Deus assim falou ao enviar seu servo Moisés. Ele perguntou qual o nome de quem o enviava; perguntou e teve resposta, não sendo frustrado seu bom desejo. Perguntou, porém, não por curiosidade, mas por necessidade de seu ministério. Disse ele: Que direi aos filhos de Israel se me perguntarem: Quem te enviou? E Deus, indicando à criatura que ele era o Criador, ao homem que ele era Deus, ao mortal que ele era o imortal, ao temporal que ele era eterno, disse: "Eu sou aquele que é". Tu dirias: "Eu sou". Quem? Caio. Um outro: Lúcio. Um outro: Marcos. Dirias outra coisa a não ser teu nome? Isso se esperava que Deus respondesse. Pois havia-lhe sido perguntado: como te chamas? Que responderei aos que me perguntarem quem me enviou? "Eu sou". Quem? "Aquele que é". É este o teu nome? É o nome completo que tens? Seria teu nome o pró-prio ser, como se tudo o mais comparado a ti, não fosse verdadeiramente ser? Este é o teu nome; exprime melhor a questão. Disse ele: "Assim dirás aos filhos de Israel: Eu sou me enviou até vós. Eu sou aquele que é". Aquele que é, enviou-me a vós. Eis que coisa grandiosa este "É",

grandioso “É!” Diante dele que é o homem? Perante tão grandioso “É”, que se torna o homem, tudo o que existe? Quem pode compreender aquele ser? Quem se torna participante dele? Quem anela por isto? quem aspira a ele? Quem prenunciará poder estar ali? Não desesperes, fraqueza humana! Ele disse: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus e Isaac e o Deus de Jacó” (Ex 3,13-15). Ouviste o que sou em mim mesmo, escuta o que sou por tua causa. Efetivamente, esta eternidade nos chamou, e o Verbo irrompeu de sua eternidade. Era o Verbo, era a eternidade, mas não ainda o tempo. Por que não era mais o tempo? Porque o tempo foi feito. Como foi feito o tempo? “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,3). Ó Verbo anterior ao tempo, por meio do qual foram feitos os tempos, nascido no tempo, embora seja a vida eterna, e que chamas os homens de sujeitos ao tempo para fazê-los eternos! Esta é a geração das gerações. Uma geração passa, outra lhe sucede (Ecl 1,4). Verificais que as gerações dos homens passam pela terra como as folhas das árvores, mas das oliveiras, dos loureiros, ou de qualquer outra árvore que está sempre coberta de folhas. Assim a terra carrega o gênero humano, quais folhas. Ela está cheia de homens, mas uns morrem e outros sucedem a estes, nascendo. A árvore está sempre ornada de uma veste verde; mas atende a quantas folhas secas pisas, debaixo da árvore.

11 Assim houve a geração de Adão e passou. Nasceram dele alguns que haveriam de participar da eternidade de Deus, mesmo naquele tempo: dele provieram Abel, Set, Enoc. Passou aquela geração, veio o dilúvio, restou uma só família. E aquela geração produziu alguns: o próprio Noé, três filhos, três noras; em toda essa família de oito pessoas houve apenas um pecador. À geração anterior acrescentou-se um grande número de homens. Em seguida, dos três filhos de Noé, como de três medidas de farinha, encheu-se a terra. Foram escolhidos Abraão, Isaac e Jacó; santos varões, patriarcas, agradaram a Deus (cf Gn 4,28). Esta geração produziu as seguintes que também geraram os profetas, os pregoeiros de Deus. Depois, veio também o próprio nosso Senhor Jesus Cristo, que pôs fermento em três medidas de farinha, até que tudo ficasse fermentado (cf Mt 13,33). Na época de sua vida terrena, viveram os apóstolos, viveram os santos; depois destes, outros santos; e agora, em nome de Cristo, todos os que são santos; depois de nós todos os que existirem, e até o fim dos séculos todos os santos. De tantas gerações congregas todas as proles santas de todas as gerações e fazes uma só geração. Nesta “geração das gerações duram teus anos”, isto é, aquela eternidade estará na geração formada de todas as gerações e unificada; será participante de tua eternidade. Surgem, para se completar o tempo, as demais gerações, das quais procede aquela que será eternamente regenerada; será vivificada depois de transformada, e será capaz de ser portadora de ti, de ti recebendo forças. “Duram os teus anos de geração em geração”.

12 26-28 “No princípio, Senhor, fundaste a terra”. Conheço tua eternidade. Precedes a tudo que fizeste. “No princípio, Senhor, fundaste a terra e os céus são obra de tuas mãos. Eles perecerão; tu, porém, permanecerás. Como uma veste eles todos envelhecerão; como roupa, tu mudá-los-ás, e se transformarão. Mas tu és sempre o mesmo”. Quem és tu? “Tu és sempre o mesmo”. Tu que disseste: “Eu sou aquele que é,

tu és sempre o mesmo" (Ex 3,14). Embora tuas obras não sejam senão de ti, por ti e em ti, no entanto não são o mesmo que tu és: "Tu és sempre o mesmo e teus anos não terão fim". Aqueles teus anos não passam, aqueles teus anos não terão fim". Aqueles teus anos não haverão de passar. Ciente disso, perguntar-te-ia qual a brevidade de meus dias, se não soubesse que todos os dias do mundo, do início até o fim são breves em comparação com tua eternidade. Sei, portanto, por que motivo interroguei. Os hereges não se exaltem, como se os dias da Igreja difundida por toda a terra, fossem breves, pois apesar de durarem até o fim dos séculos são breves. Por que são breves? Porque hão de terminar. Devemos pois amar, desejar aqueles anos que durarão "de geração em geração", e suspirar por eles. Por causa deles devemos permanecer na unidade, por causa deles evitar os homens perversos, por causa deles ganhar os que erram e fazer voltar os que estavam perdidos. Tal deve ser todo o desejo. Todavia, tendo em vista possa eu responder a todos os tagarelas, os loquazes no mal, os caluniadores, os murmuradores, os detratores, "anuncia-me a brevidade dos meus dias. Não me leves na metade dos meus dias", não me leves da terra antes que o evangelho nela toda se propague, conforme a palavra de meu Senhor: "Este evangelho será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações. E então virá o fim" (Mt 24,14). Que quer dizer isso, irmãos? É muito claro, manifesto. Sabemos que Deus criou a terra; os céus são obra de suas mãos. Mas, não penseis que Deuz faz alguma coisa com as mãos e outras por sua palavra. Faz a palavra o mesmo que as mãos. Deus não é composto de membros corporais. Ele disse: "Eu sou aquele que é". Talvez suas palavras sejam suas mãos. Certamente suas mãos são o seu poder. Pois, se ele disse: "Haja um firmamento" e ele foi feito, entende-se que foi feito pela palavra. Quanto à palavra: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gn 1,6.26), parece ter ele feito pelas mãos. Escuta, portanto: "Os céus são obras de tuas mãos". Com efeito, o que criou pela palavra, criou com suas mãos, porque foi por seu poder, sua virtude. Dá mais atenção ao que fez, sem perguntar como. Já é muito compreenderes como fez, porque ele te fez de tal modo que deves primeiro ser servo obediente e talvez depois amigo que entende. Por conseguinte, "os céus são obra de tuas mãos".

13 "Eles perecerão; tu, porém, permanecerás". O apóstolo Pedro o afirma claramente: "Existiram outrora céus e terra, tirados da água e estabelecidos no meio da água pela palavra de Deus, e que por essas mesmas causas o mundo de então pereceu, submergido pela água. Ora os céus e a terra de agora estão reservados pela mesma palavra ao fogo" (2Pd 3,5-7). Afirmou que os céus pereceram no dilúvio. Sabemos que pereceram os céus segundo a dimensão e espaço da atmosfera. As águas cresceram e ocuparam o espaço onde voavam as aves e assim pereceram os céus próximos da terra, os céus da expressão: aves do céu. Existem os céus dos céus, acima no firmamento. Mas se eles também hão de perecer pelo fogo, ou somente os céus que pereceram no dilúvio, discute-se com cuidado entre os doutos e não é fácil explicar, principalmente quando o tempo é pouco. Deixemos, portanto, esta questão, ou adiemo-la; sabemos, no entanto, que estas coisas perecerão, mas Deus há de permanecer. E se permanecem algumas coisas com Deus, feitas por Deus, não permanecem em si mesmas, mas em Deus, não se

afastando dele. E então? Diremos, irmãos, que os anjos vão perecer no fogo que incendiará o mundo? De forma alguma. Mas, então? Diremos que Deus não criou os anjos? De forma alguma. Que diremos, então? E de onde proviriam, se não tivessem sido criados por ele? "Ele disse e tudo foi feito; ordenou e tudo foi criado" (Sl 32,9). O salmista afirmou isto ao fazer comemoração das obras de Deus, entre as quais foram nomeados os anjos. Portanto, os anjos estarão com ele, mesmo ao ser o mundo consumido pelo fogo. Haverá um incêndio no mundo que não queimará os santos de Deus. Igual à fornalha do rei para os três jovens (cf Dn 3), será o mundo em fogo para os justos assinalados em nome da Trindade.

14 "É provável que seja oportuno aqui entender por céus os próprios justos, os santos de Deus, nos quais Deus habita e de onde ele trovejou preceitos, relampejou milagres, inundou a terra com a chuva da sabedoria da verdade; pois os céus narram a glória de Deus (cf Sl 18,2). Mas eles também perecerão? Ou de que modo perecerão? Em conformidade com quê? Segundo a veste. Que será: segundo a veste? Segundo o corpo. De fato, o corpo é a vestimenta da alma. Deus o denominou vestimenta na passagem: "Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa"? (Mt 6,25). Como, então, perece a veste? "Embora, em nós, o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia" (2Cor 4,16). Portanto eles perecem, mas segundo o corpo; "Tu, porém, permanecerás". Mas, se eles perecem segundo o corpo, onde fica a ressurreição da carne? Onde fica para os membros o modelo precedente da Cabeça? Onde? Queres ouvir? Ele mudará; não será o mesmo que foi. Escuta como se exprime o Apóstolo: "Os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados". Como seremos transformados? "Semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual" (1Cor 15,52,44). Portanto, semeado mortal ressuscita imortal; semeado corruptível ressuscita incorruptível. Com efeito, esperamos essa transformação. Assim perecerão os céus, os céus se transformarão. Mas, talvez não serão os corpos dos santos exatamente denominados céus? Se não são portadores de Deus, não são céus. E como me provas que são eles portadores de Deus? Escapa-te a exortação: "Glorificai a Deus", sede seus portadores, "em vosso corpo"? (1Cor 6,20). Por conseguinte, estes céus perecerão, mas não eternamente; perecerão para serem transformados. Não é isto que declara o salmo? Lê a continuação: "Como uma veste eles todos envelhecerão; como roupa mudá-los-ás e eles se transformarão. Mas, tu és sempre o mesmo e teus anos não teminarão". Ouves o salmista falar de veste, roupa; entendes corpo, ou outra coisa? Esperemos, portanto, a transformação de nossos corpos, operada por aquele que era antes de nós e permanece depois de nós. Dele vem sermos o que somos, a ele iremos quando transformados. Ele nos muda, sem se transformar; faz, mas não foi feito; move, sem se mover. Como a carne e o sangue entendem a palavra: "Eu sou aquele que é? Tu és sempre o mesmo e teus anos não terminarão". Diante daqueles anos, que somos nós e nossos anos esfarrapados? Que são eles? Todavia, não é caso de desesperar. Deus havia declarado com certa grandiosidade e excelência, em sua sabedoria: "Eu sou aquele que é"; entretanto, para nos consolar disse: "Eu sou o Deus de Abrão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó" (Ex 3,14.15). E nós somos da descendência

de Abraão; apesar de abjetos, de sermos pó e cinza, nele esperamos. Somos servos; mas por nossa causa nosso Senhor tomou a condição de servo. Por nós, mortais, o imortal quis morrer, por nós manifestou em exemplo a sua ressurreição. Por isso, esperemos alcançar estes anos estáveis, nos quais os dias não são marcados pelo circuito do sol; mas o que é permanece como é, porque somente ele é verdadeiro.

15 29 Dize-nos se poderemos uma vez estar ali. Escuta e verifica se deves perder a esperança. Escuta como o salmo prossegue: "Os filhos de teus servos hão de habitar em segurança". Onde senão nos "anos que não passam? Os filhos de teus servos hão de habitar em segurança e sua posteridade subsistirá pelos séculos", pelos séculos dos séculos, pelos séculos eternos, pelos séculos que permanecem. Mas disse o salmo: "Os filhos de teus servos". Devemos recear que não sejamos servos de Deus, e ali estarão nossos filhos e não nós? Ou se somos filhos de teus servos, porque somos filhos dos apóstolos, que dizer? Que audácia tão infeliz é esta dos filhos que nasceram depois, e se gloriam de sua recente sucessão, a afirmarem: Nós lá estaremos; e os apóstolos não estarão? A piedade filial, a fé dos pequeninos, a inteligência dos grandes estejam longe de afirmá-lo. Os apóstolos lá estarão. Os carneiros precedem, seguem os cordeiros. Porque então: "Os filhos de teus servos", e não de forma mais breve: Teus servos? Eles são teus servos, os filhos deles são teus servos, e os filhos destes, os netos, que são, a não ser teus servos? Incluirias a todos brevemente, se dissesses: Os teus servos habitarão em segurança. Vejamos que aviso nos quis dar. Houve determinado fato nos primeiros séculos. Por quarenta anos os filhos de Israel foram atribulados no deserto. Nenhum deles entrou na terra prometida, e sim os seus filhos. Entraram de fato, conforme nos lembramos; se não me engano, dois, os outros não. De tantos milhares, entraram dois (cf Nm 14,29.30). Somente eles estiveram neste trabalho; mas Deus não trabalha; certamente trabalharam seus servos. Quanto sofreu, quanto ouviu Moisés em favor de homens que não haveriam de entrar na terra prometida? Entraram seus filhos. Qual o sentido disso? Entraram os homens novos, os velhos não entraram. Deles, contudo, entraram dois, um e a unidade, como se fossem Cabeça e corpo, Cristo e a Igreja, com todos os novos, os filhos. Portanto, "os filhos de teus servos hão de habitar com segurança. Filhos dos servos" são as suas obras. Ninguém ali habitará a não ser por causa de suas obras. Que significa pois: Os filhos habitarão? Ninguém se gabe de que há de habitar ali, se apenas se diz servo, sem obras; só habitarão os filhos. Que quer dizer então: "Os filhos de teus servos habitarão em segurança?" Que os servos habitarão por seus filhos, vale dizer, que os servos habitarão por suas obras. Não deves, pois, ser estéril, se queres habitar. Envia previamente os filhos e segue-os, depois de tê-los enviado, e não levando-os ao sepulcro. Teus filhos te conduzam à terra prometida, à terra dos vivos e não dos mortos. Enquanto vives como peregrino na terra, eles te precedam e te acolham. José, filho de Jacó, o precedeu no Egito, em vista de sua subsistência corporal. Ele disse ao pai e aos irmãos: "Deus me enviou adiante de vós para assegurar a vossa subsistência" (Gn 45,7). Teus filhos, pois, te precedam, precedam-te tuas obras. Seguirás do mesmo modo que teus filhos foram a tua frente.

SALMO 102

SERMÃO

1 1 Bendiga ao Senhor a nossa alma por todos os dons do Senhor nosso Deus, por todas as suas consolações, por todas as suas correções pela graça que se dignou conceder-nos, pela indulgência que o levou a não retribuir confor-me merecíamos, por todas as suas obras. Foi isso que cantamos. Assim começa o salmo que explicaremos, à me-dida que nossas forças, pela graça daquele a quem nossa alma bendiz. Cada um de nós incite, exorte a sua alma, nesses termos: "Bendize, minha alma, ao Senhor". E todos nós, irmãos em Cristo de todas as parte da terra, um só homem, cuja Cabeça se acha no céu, este homem único exorte a sua alma, dizendo-lhe: "Bendize, minha alma, ao Senhor". Ela ouve, obedece, assim procede, fica persuadida, mas não por causa de nossos dons e sim por dádiva daquele a quem nossa alma bendiz. O salmo empreendeu mostrar-nos a razão de bendizer a nossa alma ao Se-nhor, como se lhe tivesse respondido sua alma: Por que me dizes: Bendize ao Senhor? Ouçamos, então, ouça nossa pró-pria alma, considere tudo que a estimula, a fim de deixar a preguiça de bendizer ao Senhor. Pondere se é justo dizer-lhe: "Bendize, minha alma, ao Senhor", se deve bendizer a outro além do Senhor. "Bendize, minha alma, ao Senhor".

2 O salmo retoma o convite e se exprime com maior clareza: "Bendize, minha alma, ao Senhor e tudo o que há em mim, o seu santo nome". A meu ver, ele não se dirige às vísceras corporais; não fala ao pulmão, ou ao fígado, ou aos intestinos que emitam palavras a bendizerem ao Senhor. Com efeito, nosso pulmão é qual um fole que aspira o ar, e faz com que se emita a voz e o som, ao proferirmos as palavras. Em nossa boca a voz não soa se o pulmão não expirar o ar. Mas não se trata disso aqui; interessa só ao ouvido humano. Deus tem ouvidos para o som do coração. O homem fala a seu íntimo que bendiga ao Senhor com essas palavras: Tudo o que há em mim, bendizei ao nome do Senhor. Perguntas o que há no teu interior? A tua alma. Por isso, dizer: "Bendize, minha alma, ao Senhor" equivale a: "tudo o que há em mim, o seu santo nome". Subentende-se: Bendizei. A voz clama para que um homem ouça; silencia quando não há quem o ouça; mas nunca falta quem ouça teu íntimo. Ora, ressonava a bênção em nossa boca e cantávamos estas mesmas palavras: "Bendize, minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim, o seu santo nome". Passado um tempo suficiente, calamos; porventura deve calar o nosso íntimo e não bendizer ao Senhor? O som das vozes alterne com pausas, de acordo com o tempo; perpétua seja a voz do nosso íntimo. Ao te unires na Igreja aos que cantam um hino, em tua voz ressoam os louvores de Deus. Cantaste quanto pudeste e saíste; ressoem em tua alma os louvores de Deus. Estás ocupado; tua alma louve a Deus. Tomas alimento; nota o que diz o Apóstolo: "Quer comais, quer be-bais, fazei tudo para a glória de Deus" (1Cor 10,31). Ouso dizer: Se dormes, bendiga tua alma ao Senhor. Não acordes com o pensamento de praticar um malfeito, não despertes disposto ao furto,

não despertes talvez com um plano de corrupção. Tua inocência, mesmo enquanto dormes, é a voz de tua alma. “Bendize, minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim, o seu santo nome”.

3 2 “Bendize, minha alma, ao Senhor e não esqueças nenhuma de suas retribuições. Bendize”, diz o salmo, “minha alma, ao Senhor”. Que é a tua alma? Tudo o que há no teu íntimo. “Bendize, minha alma, ao Senhor”. A repetição vale por uma exortação, a que sempre bendigas ao Senhor. “Não esqueças nenhuma de suas retribuições”. Se esqueceres, calarás. Diante de teus olhos não poderão estar as retribuições do Senhor, se não estiverem perante teus olhos teus pecados. Não haja diante de teus olhos o deleite dos pecados passados, mas haja diante de teus olhos a condenação do pecado. Condenação de tua parte, remissão da parte de Deus. É assim que o Senhor retribui, de sorte que possas dizer: “Com que retribuirei ao Senhor por tudo com que me retribuiu”? (Sl 115,12). Os mártires, cuja memória hoje celebramos, consideraram tudo isto; igualmente, todos os santos que desprezaram a vida presente, e conforme o que ouvistes da epístola de S. João, deram a vida pelos irmãos (cf 1Cor 3,16), no que consiste a perfeição da caridade, de acordo com a palavra do Senhor: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). Levando tudo isso em conta, os santos mártires desprezaram a vida terrena para recuperá-la no céu, em conformidade com o dito do Senhor: “Quem ama sua vida a perde e quem odeia a sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna” (Jo 12,25). Pois, eles quiseram retribuir. Quem? O quê? A quem? Homens que retribuíram a Deus com o seu ministério até a morte. Mas, foi algo que ele não tivesse dado? Que deram os homens que não tenham recebido? Por isso, só retribui verdadeiramente o doador único; mas não retribui por nossos pecados, pois merecíamos retribuições bem diferentes. “Não esqueças nenhuma de suas retribuições”. Não fala o salmo de doações, mas de “retribuições”. Nosso crédito era outro; foi-nos devolvido o que não nos era devido. Daí provém a palavra: “Com que retribuirei ao Senhor por tudo com que me retribuiu”? (Sl 115,12). Não declara: que me deu, mas “me retribuiu”. Tu retribuíste bens com obras más; Deus retribuiu com bens o mal. Como retribuíste, ó homem, com o mal pelos bens que Deus te deu? Outrora eras blasfemo, perseguidor e insolente; retribuíste com blasfêmias (cf 1Tm 1,13). Em troca de que bens? Em primeiro lugar, porque existes; mas também a pedra existe. Em seguida, porque vives; mas o animal também vive. Que retribuirás ao Senhor, por te ter criado, acima de todos os animais e acima de todas as aves, à sua imagem e semelhança? (cf Gn 1,26). Não procures com que retribuir. Devolve-lhe a sua semelhança; ele não pede mais. Exige a sua moeda (cf Mt 22,21). Mas, tu, em vez de dar graças, em vez da humildade, da reverência, do culto religioso, isto é, de tudo o que devias a teu Deus, pelos bens que recebeste e a que aludi, retribuíste com blasfêmias. E ele, que faz? Diz: Confessa, que eu perdôo. Eu também retribui, mas não a tua maneira. Tu retribuíste com mal pelo bem; eu retribuo com bens pelos males.

4 Pondera, portanto, ó alma, todas as retribuições de Deus, pensando em todo o mal que fizeste. Quantos são os teus malfeitos, tantas as retribuições em bens. E que presentes

lhe ofereces? Que dons? Que sacrifícios? Ele se apraz no sacrifício de não esqueceres suas retribuições: “Bendize, minha alma, ao Senhor. O sacrifício de louvor me glorificará. Oferece a Deus um sacrifício de louvor e cumpre os votos ao Altíssimo” (Sl 49,23.14). Deus quer ser louvado, com o fito de que tu progridas e não para que ele se eleve. Não há absolutamente possibilidade de lhe retribuir. O que ele exige, não o exige para si, mas é em teu favor. Ser-te-á útil; é reservado para ti. Não te ama para com isso se engrandecer, mas para te conduzir até ele. Por isso, os mártires procuravam, e desistiam da busca por não encontrarem; e por isso diziam: “Com que retribuirei ao Senhor por tudo com que me retribuiu?” E não acharam outro modo de retribuir, senão: “Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor” (Sl 115,12.13). Com que retribuirás ao Senhor? Procuravas e não encontravas: “Tomarei o cálice da salvação?” Como? Não foi o próprio Senhor quem deu “o cálice da salvação?” Retribui com algo de teu, se podes. Não, eu diria. Não faças isso. Não queiras retribuir com algo de teu; Deus não quer essa retribuição. Se retribuis com algo de teu, será com o pecado. Pois, tudo o que tens recebeste dele; de teu só tens o pecado. Ele não quer retribuição tua, mas deseja retribuição do que é seu. Como o agricultor, se lhe levares a colheita da terra onde ele semeou, retribuíste com um fruto que é dele; se levas espinhos, ofereceste do que é teu. Retribui com a verdade, louva o Senhor na verdade. Se quiseres louvar com o que é teu, mentirás. “Quando ele mente, fala do que lhe é próprio” (Jo 8,44). Se alguém fala a mentira, fala do que lhe é próprio; se fala a verdade, fala do que é de Deus. Que significa tomar o cálice da salvação, a não ser imitar a paixão do Senhor? Assim fizeram os mártires. Foi isto que o Senhor disse aos apóstolos soberbos, que desejavam obter então tronos sublimes, fugindo do vale das lágrimas; queriam sentar-se um à direita e outro à esquerda. Como, então, lhes respondeu? “Podeis beber o cálice que estou para beber”? (Mt 20,22). O mártir, já preparado para ser santo sacrifício, diz: “Tomarei o cálice da salvação”, tomarei o cálice de Cristo, beberei a paixão do Senhor. Cuidado para não desfaleceres. Mas “invocarei o nome do Senhor”. Aqueles que desfaleceram, não invocaram o nome do Senhor; presumiram de suas forças. Tu, porém, retribui, lembrado de que recebeste aquilo que devolves. Assim, pois, bendiga tua alma ao Senhor e não se esqueça de todas as suas retribuições.

5 3.5 Ouvi quais são todas as suas retribuições. “Porque ele é que perdoa todas as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades. Ele resgata da morte a tua vida e te coroa por sua comiseração e misericódia. De bens cumula teu desejo. Renovar-se-á, como a da águia, a tua juventude”. Eis as retribuições. Que era devido ao pecador, senão o suplício? Que era devido ao blasfemo, a não ser a geena de fogo ardente? Não foi assim que Deus retribuiu. Não temas, não sintas horror, não tenhas temor sem amor. Não esqueças todas as suas retribuições para teu bem. Converte-te a fim de não experimentares as suas retribuições. Diria: más? Se são justas, não são más. Para ti, portanto, são más; mas para Deus nem esses males que sofres são maus, porque se são justos são bons, apesar de serem males para ti que os suportas. Não queres que reverta em mal para ti o que é justo diante de Deus? Não exista na presença de Deus o mal de tua iniqüidade. Ele, de fato, não cessa de chamar, ou pára de instruir aquele que ele chamou, ou deixa de aperfeiçoar

o que foi instruído, ou negligencia coroar o perfeito. Que respondes? Que és pecador? Converte-te e receberás estas retribuições. “Porque ele é que perdoa todas as tuas culpas”. Mesmo depois da remissão dos pecados, tens um corpo fraco. Forçoso é que te incitem certos desejos carnais, e que te sugiram prazeres ilícitos; provêm de tua enfermidade. Ainda tens uma carne fraca, a morte ainda não foi absorvida pela vitória, nem este ser corruptível revestiu a incorrup-tibilidade (cf 1Cor 15,53-54). Certas perturbações ainda atingem a própria alma, mesmo depois da remissão dos pecados. Ela ainda vive nos perigos das tentações, deleita-se em algumas sugestões e em outras não se deleita. Nessas em que se deleita, por vezes consente, é apanhada. É doença. Ele “cura todas as tuas enfermidades”. Não temas. Todas as tuas enfermidades serão curadas. Respondes: São grandes; mas o médico é maior. O médico onipotente não se encontra com doença alguma incurável. Apenas aceita o tratamento, não repilas a sua mão; ele sabe o que deve fazer. Não te agrade somente quando ele fomenta, mas tolera ainda quando corta. Suporta a dor medicinal, pensando em readquirir a saúde. Vede, irmãos, quanto os homens suportam nas doenças corporais, a fim de viverem uns poucos dias e depois morrerem, e além disso dias incertos. Pois, muitos após tolerarem grandes dores nas operações feitas pelos médicos, ou morreram nas suas mãos, ou depois de curados, apareceu outra doença e eles morreram. Se soubessem que a morte estaria tão próxima, aceitariam sofrer dores tão intensas? Tu não suportas na incerteza. Aquele que te promete a cura não pode se enganar. Um médico muitas vezes se engana ao prometer a saúde corporal. Por que se engana? Porque não cura um homem que ele tenha criado. Deus fez teu corpo, Deus criou a tua alma; ele sabe como refazer o corpo que formou, reformar o que ele mesmo plasmou. Apenas deves submeter-te às mãos do médico; ele odeia aquele que repele suas mãos. Ninguém faz isso às mãos de um médico humano. Os homens deixam que ele os ligue, corte, e pagarão grande preço por uma dor certa, uma cura incerta. Deus, que te fez, cura-te com toda certeza e gratuitamente. Suporta, portanto, suas mãos, ó alma, que o bendizes, lembrada de suas retribuições, pois ele “cura todas as tuas enfermidades”.

6 “Ele resgata da morte a tua vida”. Cura todas as tuas enfermidades, porque resgata da morte a tua vida. Eis que um corpo corruptível pesa sobre a alma (cf Sb 9,15). A alma, de fato, vive num corpo corruptível. Que vida leva? Sofre vários ônus, sustenta pesos. Ao pensar no próprio Deus (como é digno que o homem pense), quantos são os impedimentos a interpelaram-no devido à necessária corruptibilidade humana? Quantos o chamam para trás? Quantos o desviam de uma sublime intenção? Quantos interpelam? Que turba de fantasias? Quantas sujestões do povo? Tudo isso pulula no coração do homem quais vermes da corrupção. Aumentamos a doença; louvemos o médico. Não te haverá de curar aquele que te fez de tal forma que não adoecerias se quisesses observar as leis salutares? Acaso ele não dispôs e ordenou o que podias tocar e no que não devias tocar para manter a saúde? Não quiseste ouvir para conservar a saúde, escuta para recuperá-la. A doença te fez experimentar como era verdadeiro o que ele mandara. Enfim, uma vez que o homem outrora não atendeu ao aviso, escute ao menos depois que aprendeu por experiência. Que dureza é esta que não cede nem diante da experiência?

Com efeito, não pode te curar aquele que te criou de tal forma que nunca adoecerias se tivesses obedecido a seus preceitos? Não te haverá de curar quem fez os anjos e te restaurará de sorte a igualar-te aos anjos? Não curará o homem feito à imagem daquele que criou o céu e a terra? Ele há de curar; importa que queiras ser curado. Na verdade ele cura qualquer doença, mas não cura contra a vontade do doente. Que pode haver de melhor do que ter em teu poder a tua saúde, como se estivesse em tuas mãos? Se quisesses obter um poder sublime aqui na terra, um ducado, procon-sulado, prefeitura, por acaso alcançarias logo, sendo suficiente querer? Acaso o poder atenderia a tua vontade? Muitos desejam chegar a estes pontos e não podem; mas se alcançassem, de que serviria a honra aos doentes? Pois, quem não adoece nesta vida? Quem não arrasta uma longa enfermidade? Nascer aqui, num corpo mortal, é começar a adoecer. Nossa indigência é suprida por remédios cotidianos; medicamentos diários são as refeições que suprem todas as indigências. A fome não te mataria se não lhe desses remédio? A sede não acabaria contigo se tu, bebendo, não propriamente a extinguisses, mas diminuísses? A sede um pouquinho saciada, logo volta. Moderamos com estes alívios a tribulação de nossa enfermidade. Cansado de ficar de pé, alivias-te assentando; o próprio ato de ficar sentado cura o cansaço; mas o próprio remédio, de outro lado, te deixa fatigado; não poderás ficar muito tempo sentado. Todo socorro para um cansaço é o começo de outra fadiga. Por que então, em tua doença, desejas estes alívios? Pensa em primeiro lugar em tua saúde. Por vezes, adoece um homem em sua casa, em seu leito, de maneira evidente. Apesar de ser muito evidente, os homens não querem vê-la. No entanto, alguém adoece em sua casa, está ofegante de febre em seu leito, de uma doença que exige os cuidados do médico; talvez queira pensar na administração dos bens, quer dar alguma ordem em casa, ou na propriedade, ou fazer alguma disposição; imediatamente o cuidado dos seus que o cercam se exprime em voz alta e baixa, para que desista de tais preocupações, nesses termos: Deixa isso, pensa primeiro em tua saúde. Portanto, assim te é aconselhado como a um homem: Se não estás doente, cogita de outras coisas; mas se o próprio mal-estar te convence de estares doente, pensa primeiro em tua saúde. Cristo é a tua salvação; por isso, pensa em Cristo. Toma o seu cálice salutar, "que cura todas as enfermidades". Se quiseres esta saúde, obtê-la-ás. Ao procurares obter honras e riquezas, não as conseguirás logo que quiseres; aquela é mais valiosa e depende da tua vontade. "Cura todas as tuas enfermidades. Ele resgata da morte a tua vida". Ele curará todas as tuas enfermidades, quando este ser corruptível revestir a incorruptibilidade. Pois, tua vida já foi resgatada da morte. Podes ficar tranqüilo. Foi feito um contrato bem garantido. Ninguém engana teu redentor, ninguém o compra, ninguém o coage. Exerceu aqui um comércio, já pagou o preço, derramou seu sangue. O Filho único de Deus, dizia, derramou o sangue por nós. Ó alma, reanima-te; vales tanto! "Ele resgata da morte a tua vida". De-monstrou por seu exemplo, o que prometeu como prêmio. Ele morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação (cf Rm 4,25). Aguardem os membros aquilo que foi demonstrado na Cabeça. Deus não terá cuidado dos membros cuja Cabeça ele levou ao céu? Portanto, "ele resgata da morte a tua vida".

7 "Ele te coroa por sua comiseração e misericórdia". Talvez já começavas a ser

arrogante, ao ouvires: “te coroa”. Por conseguinte sou grande, lutei. De quem eram as forças? Tuas, mas subministradas pelo Senhor. É evidente que lutas; portanto, serás coroado, porque vences. Mas olha quem venceu primeiro, quem te faz tornar-te, pela segunda vez, vencedor. Diz o Senhor: Mas alegrai-vos, “eu venci o mundo” (Jo 16,33). Por que havemos de nos alegrar, se ele venceu o mundo? Teríamos nós vencido? Sim, de fato nos alegramos, porque vencemos. Por nós mesmos fomos vencidos, mas nele vencemos. Por esta razão ele te coroa, coroando seus dons e não os teus méritos. Diz o Apóstolo: “Trabalhei mais do que todos eles”; mas vede o que acrescenta: “Não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10). Depois de todos os trabalhos, espera a coroa, conforme declara: “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia” (2Tm 4,7.8). Por quê? Porque “combati o bom combate”. Por quê? Porque “terminei a minha carreira”. Por quê? Porque “guardei a fé”. Como combateste? Como guardaste a fé? “Não eu, mas a graça de Deus que está comigo”. Portanto, se és coroado, é por sua misericórdia que és coroado. Em parte alguma podes ser soberbo. Louva sempre o Senhor, não esqueças as suas retribuições. É uma retribuição seres chamado quando és pecador e ímpio para seres justificado. É uma retribuição, quando és reerguido e dirigido para não caíres. Trata-se de uma retribuição receberes forças para perseverares até o fim. É uma retribuição que esta tua carne que pesa sobre ti, ressuscite e não se perca nem um cabelo de tua cabeça. É retribuição seres coroado após a ressurreição. É retribuição louvares a Deus eternamente sem desfalecer. Não esqueças as suas retribuições, se queres que tua alma bendiga ao Senhor, que “te coroa por sua comiseração e misericórdia”.

8 E que farei depois de coroado? Vê como eu era auxiliado na luta e terminada esta sou coroado. Já não restará sugestão inimiga ou corrupção, com as quais deva lutar. Sempre nesta vida lutamos com a corruptibilidade. Mas, como está escrito? “O último inimigo a ser destruído será a morte”. Após a destruição da morte, não temerás mais inimigo algum: “A morte foi absorvida na vitória” (1Cor 15,26,54). Então será a vitória, haverá uma coroa. Por conseguinte, serei coroado após o combate; e depois, que farei? “De bens cumula teu desejo”. Agora, pois, ouves falar de bens e os desejas; ouves falar de bens e suspiras; e talvez por isso mesmo pecas, enganando-te pela avidez na escolha do bem. Tornas-te réu porque não escutas o conselho bom que Deus te dá, a respeito do que deves des-prezar e do que deves escolher. Talvez negligencias a oportunidade de aprender, e enganas-te na escolha do bem. Sempre que pecas, pareces procurar um bem, desejar refazer-te. São bens os que procuras, mas serão males para ti, se abandonas aquele que fez estes bens. Procura o bem para ti, ó alma. Os bens diferem de um a outro, e cada cria-tura tem o seu bem peculiar, para sua integridade, para a perfeição de sua natureza. São diferentes as coisas necessárias a cada ser imperfeito para alcançar sua perfeição; quanto a ti, procura o que é bom para ti mesmo. “Ninguém é bom senão só Deus” (Mt 19,17). Bem para ti é o bem supremo. Que falta àquele que tem o bem supremo por seu bem? Efetivamente, existem bens inferiores, que são bons para uns ou outros. Em que consiste o bem para o animal, meus irmãos, senão encher o estômago,

não sentir falta de coisa alguma, dormir, saltar, viver, ter saúde, gerar? Isso é bom para ele, e até certa medida é seu bem peculiar, concedido por Deus, criador de todas as coisas. É esse o bem que desejas? Deus dá também esse; mas não procures somente esse. Co-herdeiro de Cristo, como te regozijares de ser equiparado a um animal? Ergue tua esperança ao bem de todos os bens. Será bem para ti aquele pelo qual foste feito bom em tua espécie, e todas as coisas em suas espécies foram feitas boas. Pois, Deus fez tudo muito bom. Por conseguinte, se dissermos que o bem que é Deus é muito bom, já afirmamos isso sobre a criatura: "Deus fez tudo muito bom" (Gn 1,31). Que bem, pois, é aquele do qual foi dito: "Ninguém é bom senão Deus?" Declaramos que é muito bom? Vem logo a recordação de todas as criaturas, uma vez que foi dito: "Deus fez tudo muito bom". Que dizer, então? A palavra nos falta, mas não o afeto. Venha-nos à mente aquele comentário recente do salmo: não podemos explicar, jubilemos. Deus é bom. Quem pode dizer que espécie de bem? Eis que não podemos nos exprimir, e não nos é lícito calar. Portanto, se não podemos nos expressar e não nos é permitido calar, por causa de nossa alegria, nem falemos, nem calemos. Que fazer então, não falando, nem calando? Jubilemos. Jubilai diante de Deus, nosso salvador (Sl 94,1). "Jubilai diante do Senhor, terra inteira". Que quer dizer: Jubilai? Levantai a voz, com inefável gaúdio, e prorrompa diante dele vossa alegria. E que será rotar de saciedade, se nossa alma sente tanto agora após estas modestas refeições? Que será, quando se realizar, após a redenção de toda a corrupção, o que declara este salmo: "De bens cumula teu desejo?"

9 E como se perguntasses: Quando sacia? Pois, agora não me sacio. Para qualquer parte que me volte, perde o sabor o que alcanço, embora despertasse meu desejo. Se amo enquanto não possuo, e desprezo quando alcanço, que bem me saciará? O louvor de Deus. E este mesmo, enquanto o corpo corruptível pesa sobre a alma e a habitação terrena oprime a mente pensativa, não é pleno, nem perfeito, porque outros deleites provenientes da corrupção me impedem o louvor. Quando será cumulado de bens o meu desejo? Quando? Perguntas, "Renovar-se-á, como a da águia, a tua juventude". Ora, perguntas quando se cumulará de bens a tua alma? Quando tua juventude for renovada. E acrescenta: "Como a da águia". Realmente, aqui acha-se oculta alguma coisa. Não vamos omitir o que se costuma dizer a respeito da águia, porque não é fora de propósito. Apenas se insinue em nosso coração que o Espírito Santo o disse por algum motivo: "Renovar-se-á, como a da águia, a tua juventude". Alude a uma espécie de ressurreição. Com efeito, a juventude da águia se renova, mas não para se tornar imortal. Foi apresentada uma comparação, enquanto é possível empregar um ser mortal para figurar um ser imortal; não para demonstrar como é. Diz-se que a águia, ao envelhecer não pode apanhar o alimento devido ao excessivo crescimento do bico. Pois, a parte superior do bico, que é adunco, e está sobre a parte inferior, cresce demais na velhice; esse aumento não deixa que ela abra o bico, de tal forma que haja um intervalo entre a parte inferior e a superior. Sem este intervalo, a sua mordida não é mais como uma tenaz que corte os pedaços para engoli-los. Crescendo, portanto, a parte superior, que se torna muito curva, a águia não pode abrir o bico e apanhar a presa. Assim lhe acontece quando velha. Agrava-se a fraqueza da velhice e com a falta de alimento ela fica bastante debilitada,

pela idade e a inédia. Então, emprega um meio natural para de certa maneira recuperar a força juvenil. Conta-se que a águia esfrega e bate numa pedra a parte superior do bico que havia crescido demais e a impedia de comer. Assim, quebrando-o contra a pedra, livra-se dele, e tira o peso do excedente de seu bico que a impedia de tomar alimento. Procura depois alimento, e restaura-se. E a águia, de velha torna-se jovem de algum modo. Volta o vigor de todos os membros, o brilho das penas, a força das asas, ela voa pelas alturas como antes, enfim, é uma verdadeira ressurreição. Por isso foi empregada esta figura, da mesma forma que se usou a da lua, a qual vai diminuindo e se es-conde, depois reaparece e torna-se lua cheia, para representar-nos a ressurreição. Mas ela não permancece no plenilúnio, de novo decresce, para a figurar. Assim também acontece ao que foi dito sobre a águia. A águia não se restaura para chegar à imortalidade, enquanto, ao contrário, nós alcançamos a vida eterna. Mas, foi usada essa comparação, porque a pedra deve nos tirar aquilo que nos impede. Contudo, não presumas de tuas forças. A firmeza da pedra é que sacode a tua velhice: "Essa rocha era Cristo" (1Cor 10,4). Em Cristo se renova como a da águia a nossa juventude. Com efeito, envelhecêramos entre nos-sos inimigos, conforme é notório pelo salmo: "Envelheci em meio de todos os meus inimigos" (Sl 6,8). Por que envelhecemos? Devido à carne mortal, a esta carne que é como o feno; por isso: "Meu coração foi ferido e como o feno se-cou, porque me esqueci de comer o meu pão" (Sl 101,5). Aumentou a velhice, fechou-se o bico; quebre-se o excesso contra a pedra.

10 Assim igualmente neste salmo de que tratamos, tendo dito primeiro: "De bens cumula teu desejo", a alma parece responder: Não me saciarei de alimentos temporais; o Senhor me conceda algo de eterno, algo de eterno ele me conceda: Dê-me sua Sabedoria, dê-me seu Verbo, Deus junto de Deus, e a si mesmo Deus Pai, e o Filho, e o Espírito Santo. Estou a sua porta como mendigo; não dorme aquele que invoco, que me dê três pães. Recordai-vos do evangelho. Eis o que é conhecer as Escrituras de Deus; os que as leram se agitaram. Pois, lembrai-vos que certo pobre veio à casa de seu amigo e lhe pediu três pães. E ele, com sono lhe respondia: "Meus filhos e eu estamos na cama" (Lc 11,5-8). Ele proseguiu pedindo, e arrancou ao amigo aborrecido o que não conseguiu por amizade. Deus, porém, quer dar; mas não dá senão ao que pede, a fim de não dar a quem não o acolhe. Não quer ficar excitado porque o incomodas. Ao rezares, não o incomodas como se ele estivesse dormindo: "Não dormita, nem há de dormir o que guarda Israel" (Sl 120,4). Cristo dormiu uma vez, a fim de que de seu lado fosse tirada a sua esposa: dormiu na cruz, isto é notório. Pois, morreu, de sorte que podia dizer: "Eu adormeci, caí em sono profundo". Por- ventura aquele que dorme, não poderá reerguer-se? (cf Sl 40,9). Por isso, continua o outro salmo: "despertei porque o senhor me acolherá" (Sl 3,6). E o Apóstolo, como se exprime? "Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele" (Rm 6,9). Portanto, ele não dorme. Cuidado para que não durma a tua fé. Diga, portanto, a alma desejosa de saciar-se de um bem excelso, inenarrável, que a faz antes jubilar, e jubilar mais do que explicar; ela quer, já percebe algo dele; vê-se impedida pelo peso do corpo e que não pode nesta vida saciar-se; e de certo modo responde com essas palavras: Por que me

dizes: De bens saciará o teu desejo? Conheço o bem desejável para mim, sei o que me basta, vejo-o em Filipe: “Mostra-nos, diz ele, o Pai e isto nos basta!” Parece desejar somente o Pai, mas o Senhor lhe mostra três pães a desejar. Demonstra que é um só pão, e diz: “Há tanto tempo que estou convosco, e não me conheceis? Filipe, quem me viu, viu o Pai”. Prometeu também o Espírito: “Que o Pai enviará em meu nome” (Jo 14,8.9.26) e ainda: “Que vos enviarei de junto do Pai” (Jo 15,26). Seu dom é igual a ele mesmo. Sei o que desejar; mas quando serei saciado? Eis que agora medito na Trindade; de algum modo percebo algo da Trindade, apenas de maneira obscura em espelho, parcialmente; quando serei saciado? “Renovar-se-á, como a da águia, a tua juventude”. Não serás saciado agora, porque tua alma não é capaz de alimento sólido e substancioso; com o bico fechado, não é capaz. A velhice fechou-te a boca e por isso foi-te dada uma pedra, onde se quebre o que vem da velhice, e tua juventude se renove como a da águia, a fim de poderes comer o teu pão, aquele que disse: “Eu sou o pão vivo descido do céu” (Jo 6,41). “Renovar-se-á, como a da águia, a tua juventude”; então, saciar-te-ás de bens.

11 6 “O Senhor tem misericórdia e exerce o direito para com todos os que sofrem de injustiça”. Tem misericórdia agora, irmãos, antes de obtermos a renovação como a águia, antes de sermos cumulados de bens. Que acontece, porém, aqui, que acontece nesta peregrinação, que sucede nesta vida? Acaso somos abandonados? Não. “O Senhor tem misericórdia”. E vede como tem misericórdia, não nos abandonando no deserto, não nos deixando no ermo, até chegarmos à pátria. Ele “tem misericórdia”; mas, para com quem? “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7). Acabais de ouvir isto, irmãos, da leitura do evangelho. Ninguém pense que alcançará no futuro a misericórdia de Deus, se for sem misericórdia. Mas, escute qual a medida da misericórdia. Não a excerças apenas em favor de um amigo não de um inimigo. Foi dito: “Amai os vossos inimigos” (Mt 5,44). Queres ser cumulado de bens; usa de plena misericórdia. Plena misericórdia é a misericórdia perfeita. Ela ama, tem caridade mesmo para com aquele que a odeia. Mas, que hei de fazer? respondes. Se começo a amar meu inimigo, receberei injúrias, e suportarei as injúrias, não me vingarei, se existem leis? É justo que te vingues; concede-se que é justo. Mas, vê se não tens em ti o que merece vingança, e então vinga. Assim dizes: Então não me vingarei? Como se Deus reprimisse a justiça da vingança e não extinguisse a soberba do que se vinga. Ou, na verdade, aquela mulher adúltera não devia ser apedrejada? Ou se fosse apedrejada, seria iníquo? Se fosse iníquo, a ordem de apedrejar seria iníqua. A lei, contudo, o ordena, Deus o ordena. Mas, vós, ó vingadores, vede se não sois pecadores. Apresentaram ao Senhor uma mulher adúltera que devia ser apedrejada de acordo com a lei; mas ela foi conduzida ao legislador. Tu que a apresentaste estás enfurecido. Vê quem se enfurece e contra quem. Se é um pecador contra uma pecadora, deixa de enfurecer-te, mas antes confessa. Se és um pecador contra uma pecadora, deixa-a; o legislador sabe o que pensar a seu respeito, como julgar, como perdoar, como curar. Enfureces-te devido à lei? O legislador sabe melhor o que deve fazer do que tu, que queres agir com furor segundo a lei. O Senhor, na ocasião em que a levaram, com a cabeça inclinada escrevia na terra. Escreveu na terra, quando se inclinou para a terra; antes de se inclinar para a terra, não escreveu na

terra, mas inscreveu na pedra. A terra já estava para produzir fruto, devido à escrita do Senhor. Ele inscrevera a lei na pedra, representando a dureza dos judeus; escreveu na terra figurando os frutos dos cristãos. Vieram, pois, os judeus trazendo-lhe a adúltera, como as ondas que batem com furor contra a pedra; mas por sua resposta foram quebrados. Pois, replicou-lhes: "Quem dentre vós não tem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!" Inclinando-se de novo, escrevia na terra. Eles, porém, interrogando a própria consciência, saíram todos (cf Jo 8,3-9). Repeliu-os, não a pobre mulher adúltera, mas a consciência deles adulterada. Queriam castigar, desejavam julgar. Aproximaram-se da pedra, e foram vencidos junto à pedra os seus juízes (cf Sl 140,6).

12 "O Senhor tem misericórdia", mas para com quem? "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia". Deves ter misericórdia para com todos. Que misericórdia terás para com o justo? Somente quanto às necessidades corporais; se faltarem teus socorros, não faltarão os de Deus. Por isso, é mais útil para ti mesmo o bem que lhe fazes. Dás ao mendigo que passa e te pede; procuras também um justo para dares, a fim de teres quem te receba nos tabernáculos eternos; porque "quem recebe um justo na qualidade de justo, receberá a recompensa própria de justo" (Mt 10,41). O mendigo te procura; tu mesmo procura o justo. De um foi dito: "Dá a quem te pedir" (Lc 6,30); e de outro: A esmola fique suada em tuas mãos, até que encontres um justo a quem dar. E se durante muito tempo não encontrares, procura até achar. Mas em que servirás? Não és tu que recebeste mais? "Se semeamos em vosso favor os bens espirituais, será excessivo que colhamos os vossos bens espirituais"? (1Cor 9,11). Daí vem a palavra que explicamos antes, conforme o desígnio do Senhor, que a terra produz feno para os jumentos (cf Sl 103,14), isto é, bens materiais para aqueles que trituram o grão, porque: "Não amordaçarás o boi que tritura o grão" (1Cor 9,9; 1Tm 5,18; cf Dt 25,4). Por isso vos exortamos a serdes diligentes, precavidos, sóbrios nesta questão; considerai que vossas obras são os vossos tesouros. Porventura, irmãos, falamos assim, para que procedais deste modo para conosco? Julgo, em nome do Senhor, que a seguinte palavra, embora dirigida aos fracos, no entanto provinda do Apóstolo, vos será proveitosa: "Não que eu busque presentes; o que busco é o fruto que se cre-dite em vossa conta" (Fl 4,17). Que esmola darás ao justo? Não o alimentava a viúva, alimentava-o o corvo, porque o alimentava aquele que fizera o corvo; refiro-me a Elias (1Rs 17,6.12). Não falta a Deus o que dar aos seus. Tu, porém, olha o que compras, quando compras, por quanto compras. Pois, adquires o reino dos céus; e só a vida presente é tempo de comprar. E observa como é barato o que compras. Custará quanto tiveres.

13 Tem misericórdia para com o iníquo, mas não enquanto iníquo. Pois, não deves nem receber o iníquo na qualidade de iníquo, isto é, não o recebas por atenção e amor a sua iniqüidade. Pois, é proibido dar ao pecador e acolher os pecadores. Então, como se explica: "Dá a quem pedir?" E como: "Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer"? (Rm 12,20). Parecem sentenças contrárias, mas esclarecer-se-ão, em nome de Cristo, aos que batem à porta e serão claras aos que procuram. "Não ajudes ao pecador, e não

recebas o pecador" (Eclo 12,4-6); entretanto: "Dá a quem pedir". Mas, quem me pede é pecador. Dá-lhe, mas não enquanto pecador. Quando dás a alguém, enquanto pecador? Quando te agrada dar pelo fato mesmo de ser pecador. V. Caridade, dê-me um pouco de atenção, até que desenvolva a questão por meio de exemplos, que são muito úteis para que ela se entenda. Disse o seguinte: Alguém está passando fome; se tens o que dar, dá; se vês que deves socorrer, dá. Não sejam tardas as vísceras da misericórdia, porque é um pecador que te procura; pois é um homem pecador o que te procura. Ao dizer: Procura-te um homem pecador, pronunciei dois nomes. Esses dois nomes não são supérfluos. Dois nomes, um que indica que é homem, outro que é pecador. O homem é obra de Deus, o pecador é obra do homem. Dá à obra Deus e não à obra do homem. Como, dizes, me proíbes dar à obra do homem? Que é dar à obra do homem? Dar ao pecador por causa do pecado, agradar-te por causa do pecado. E quem faz isso, respondes? Quem faz? Oxalá ninguém faça, oxalá sejam poucos, oxalá não publicamente. Os que dão aos caçadores do circo, por que motivo dão? Digam-me. Por que dá ao caçador? Porque ama nele o que há de pior; é isto que ele quer alimentar, vestir, a própria maldade pública de todos, nos espetáculos. Quem dá aos palhaços, quem dá aos aurigas, quem dá às meretrizes, por que dá? Por acaso não estão dando a homens? Eles não visam à natureza, obra de Deus, mas à maldade, obra do homem. Queres ver o que honras no caçador, quando o vestes? Se alguém te diz: Continua assim; ama-o, congratula-te com ele, e se queres, de certo modo te despojar para vesti-lo; então consideras injúria que ele te diga: Teus filhos sejam como ele. Replicas: Mas é uma injúria. Por que é injúria se aquilo não é uma iniqüidade? Por que é injúria, se não é uma torpeza? Por conseguinte, ao doares, não doas à fortaleza, mas à torpeza. Quem dá ao caçador não faz doação a um homem, mas a uma profissão péssima, pois se ele fosse apenas homem e não fosse caçador, não lhe darias; honras nele o vício, não a natureza. Ao contrário, se dás a um justo, se dás a um profeta, se dás a um discípulo de Cristo algo de que necessite, sem pensares que se trata de um discípulo de Cristo, de um ministro de Deus, de um dispensador dos bens de Deus, mas cogitares de algum lucro temporal, ou que talvez venhas a necessitar dele em defesa de uma causa, será venal para ti se lhe ofereces presente. Tu não deste a um justo, dando deste modo, nem aquele outro deu a um homem, quando deu ao caçador. Portanto, caríssimos, o problema foi resolvido, e julgo que, embora fosse obscuro, já ficou esclarecido. O Senhor te obrigou a isto, ao dizer: "E quem recebe um justo". Bastaria. Mas pode-se receber um justo com outra intenção, quando se pensa que ele pode ajudar numa dificuldade temporal, talvez para satisfazer à ambição, ou para socorrer quando se arma ciladas a outro, ou se oprime; se procuras obter dele tal espécie de serviço e talvez por isso o recebas, o Senhor negou que receberás a recompensa de justo, a não ser que ajas conforme ele acrescentou. Pois, afirmou: "Quem recebe um justo na qualidade de justo", isto é, recebe-o pelo fato mesmo de ser justo; e: "Quem recebe um profeta", não somente porque recebe um profeta, mas, "na qualidade de profeta", honrando-o pelo fato mesmo de ser profeta; finalmente: "E quem der, nem que seja um copo d'água fria, a um destes pequeninos, por ser meu discípulo", isto é, por ser discípulo de Cristo, ou dispensador do

sacramento: “Em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa”. Co-mo entendes, então: “Quem recebe um justo na qualidade de justo, receberá a recompensa própria de justo” (Mt 10,41.42), assim também deves compreender: Quem recebe um pecador enquanto pecador, perde a recompensa.

14 Por conseguinte, irmãos, exercei a misericórdia. Não existe outro vínculo de caridade, não há outro veículo que nos conduza desta vida à pátria. Estendei o amor até aos inimigos e senti-vos seguros. Por isso veio o Cristo, do qual tanto tempo antes foi dito: “Da boca das crianças e lactentes tiraste um louvor perfeito, para abateres o adversário e vingador”. Alguns códices trazem “defensor”, mas seria mais exato dizer “vingador” (Sl 8,3). O Senhor quis abater o vingador, isto é, aquele que quis se vingar, de tal sorte que seus pecados não lhe sejam perdoados. Mas, então? A disciplina fica entorpecida? Abolida está toda correção? Não está abolida. Que farás, então a um filho devasso? Não castigarás, não flagelarás? Acaso não refreias um escravo que vires agindo mal, por meio de castigo ou açoites? Deve-se agir assim; faça-se. Deus o admite, ou antes repreende, se não se faz; mas faze com ânimo caridoso e não vindicativo. Se, porém, tiveres de sofrer da parte de alguns mais fortes que te injuriam, e não puderes corrigir com a disciplina, nem mesmo admoestar ou dar ordens, tolera, tolera com segurança. Escuta o evangelho que foi lido há pouco: “Bem-aventurados sois, quando vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim” (Mt 5,11). E acrescentou por qual motivo: não te maldigam os homens por tua própria culpa, mas por causa das justificações de Deus. Pois, ninguém é justo só porque foi amaldiçoado, mas trata do justo, amaldiçoado injustamente. Se é amaldiçoado injustamente, recebe o prêmio. Por esta razão, sê misericordioso tranqüilamente, estende o amor até aos inimigos. Quanto aos que estão sob tua direção, castiga, proíbe com amor, com caridade, atendendo à salvação eterna deles, para não suceder que poupes a carne e a alma pereça. Age assim, e sofrerás da parte de muitos, aos quais não podes impor uma disciplina, porque não estão sob tua juris-dição; suporta as injúrias, e permanece tranqüilo. Pois, “o Senhor tem misericórdia e exerce o direito para com todos os que sofrem injustiça”. Assim, terá misericórdia para contigo, se fores compassivo; sê misericordioso de tal forma que não fique impune o fato de sofreres injustiça. Diz o Senhor: “É minha a vingança e a represália” (Dt 32,35).

15 7 “A Moisés revelou os seus caminhos”. Que caminhos revelou a Moisés? Por que o escolheu? Sob o nome de Moisés, subentende todos os justos, todos os santos. Apresenta-se um, ocorrem todos. No entanto, por meio de Moisés foi dada a lei, e a própria entrega da lei é um tanto obscura. A lei foi dada para convencer o doente a pedir o médico. Este é o caminho oculto de Deus. Mais acima ouviste: “Cura todas as tuas enfermidades”. As doenças estavam ocultas nos doentes. Foram dados os cinco livros de Moisés. A piscina era ladeada de cinco pórticos (cf Jo 5,2-4). Atraía os doentes, a fim de ficarem ali prostrados e expostos e não para serem curados. Os cinco pórticos expunham os doentes, mas não os curavam. A piscina curava só um que decesse a ela, enquanto as águas se agitavam; esta agitação da piscina figurava a paixão do Senhor. Veio incógnito e

uns diziam: Ele é o Cristo; e outros: Não é o Cristo. É justo; é pecador. É mestre; é sedutor. A água agitou-se, isto é, agitou-se o povo. E nesta perturbação da água, um só era curado, porque na paixão do Senhor cura-se a unidade. Quem estiver fora da unidade, apesar de jazer nos pórticos, não poderá ser curado. Embora observe a lei, não chega à salvação. E aí está um mistério; o Senhor ensina que a lei foi dada para convencer os pecadores e para que estes invocassem o médico no intuito de receberem a graça. Disto foi convencido aquele de quem Paulo apóstolo faz as vezes, dizendo: "Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?" O preceito revelou-lhe uma luta dentro de si mesmo; daí a afirmação: "Percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros" (Rm 7,23-25). Reconheceu estar na miséria, em gemidos, em luta e dissensão; não concordava consigo mesmo, discorde, alheio a si mesmo. E como se exprime, desejando a paz, a paz verdadeira, a paz do alto? "Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso. Pois, onde avultou o pecado, a graça superabundou. Por que o pecado avultou? A lei interveio para que avultassem as faltas" (Rm 5,20). Porque devido a intervenção da lei avultaram os pecados? Porque os homens não queriam se confessar pecadores e sobrevindo a lei, fizeram-se também prevaricadores. Ninguém é prevaricador, a não ser quando transgrediu a lei. O próprio Apóstolo o diz: "Onde não há lei, não há transgressão" (Rm 4,15). O pecado, portanto, avultou, a fim de que a graça superabundasse. Por conseguinte, como eu começara a dizer, este é o grande mistério da lei, que foi dada para que, aumentando os pecados, os soberbos fossem humilhados, humilhados confessassem, e tendo confessado fossem curados. São estes os caminhos ocultos, revelados a Moisés, através do qual foi dada a lei, a fim de que o pecado avultasse e a graça superabundasse. Deus não agiu assim por crueldade, mas por desígnio medicinal. Por vezes o homem se considera são e está doente; estando doente sem o perceber, não chama o médico. A doença se agrava, cresce a moléstia, procura o médico e é inteiramente curado. "A Moisés revelou os seus caminhos e aos filhos de Israel a sua vontade". A todos os filhos de Israel? Os verdadeiros filhos de Israel, ou antes, a todos os filhos de Israel. Pois, os dolosos, os insidiosos, os hipócritas não são filhos de Israel. E quais, então, os filhos de Israel? "Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento" (Jo 1,47). "Aos filhos de Israel a sua vontade".

16 8 "Compassivo e misericordioso é o Senhor, longânime e rico em misericórdia". Por que tão longânime? Por que tão rico em misericórdia? O pecador comete pecados e continua a viver; aumentam os pecados, aumenta a vida; blasfema cada dia, e o Senhor faz seu sol nascer sobre bons e maus (cf Mt 5,45). Chama de toda a parte à correção, chama de toda a parte à penitência, chama a criatura por seus benefícios, chama concedendo tempo de vida, chama pelo leitor, chama pelo comentador, chama por pensamentos íntimos, chama pelo açoite da correção, chama pela misericórdia da consolação: "Longânime e rico em misericórdia". Mas, acautela-te para não empregares mal a longa misericórdia de Deus, acumulando para ti, conforme diz o Apóstolo, ira para o dia da ira. Pois, assim se exprime o Apóstolo: "Ou desprezas a riqueza da sua bondade e

longânimidade, desconhecendo que a paciência de Deus te convida à conversão"? (Rm 2,5.4). Pensas que lhe agradas porque ele te poupa? Diz o salmo: "Fizeste isto e calei. Suspeitaste, devido a tua iniqüidade, que sou semelhante a ti" (Sl 49,21). Não me agradam teus pecados, mas pela minha longaminidade procuro ações retas. Se punisse enquanto são pecadores, não encontraria quem confessasse. Com efeito, Deus em sua longami-nidade te poupa e te conduz à penitência. Tu, porém, dizes cada dia: Termina o dia de hoje, e assim serei também amanhã, pois amanhã não será meu último dia; e virá o terceiro dia, e de repente chegará a ira de Deus. Irmão, não adies a conversão ao Senhor (Eclo 5,8). Há alguns que se preparam para a conversão e adiam, falando como o corvo: Amanhã, amanhã ("cras, cras"). O corvo que foi solto da arca, não voltou (cf Gn 8,7). Deus não procura a prorrogação do grito do corvo, mas a confissão do gemido da pomba. A pomba que foi solta voltou. Até quando: "Cras, cras?" Atenção ao último cras; uma vez que ignoras qual seja o último cras, basta que tenhas sido pecador até hoje. Ouviste, muitas vezes costumas ouvir, ouviste ainda hoje; o que ouves cotidianamente, não corriges tão depressa. Pois, "com tua obstinação e com teu coração emperdenido, estás acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus, que retribuirá a cada um segundo suas obras" (Rm 2,5.6). Não imagines que Deus é misericordioso, sem ser justo. "Compassivo e misericordioso é o Senhor". Ouço e alegro-me; assim tu dizes. Ouve e alegra-te; mas o salmo ainda acrescenta: "Longânime e rico em misericórdia"; e finalmente: "E veraz". Alegras-te com as palavras acima, mas quanto à última, treme. É misericordioso e longânime de tal forma que seja também veraz. Ao acumulares ira para o dia da ira, não encontrarás com o justo, aquele que desprezaste por ser benigno?

17 9 "Não ficará irado para sempre, nem encolerizado eternamente". Se vivemos no meio de flagelos e da cor-rupção da mortalidade, isso provém de sua indignação; é pena do primeiro pecado. Meus irmãos, não devemos pensar em escapar das futuras ameaças, mas também da ira presente; porque esta ira é a de que fala o Apóstolo e da qual ele e nós fomos filhos; na verdade, ele disse: "Éramos por natureza como os demais, filhos da ira" (Ef 2,3). Por isso, vem da ira de Deus que o homem na terra é peregrino e deve labutar. Não provém de sua ira, meus irmãos, a palavra: "Com o suor de teu rosto comerás teu pão, e a terra produzirá para ti espinhos e cardos"? (Gn 3,19.18). Isso foi sentenciado para nossos primeiros pais. Ou se é diferente nossa vida, se puderes, procura algum prazer onde não sintas os espinhos. Escolhe o que quiseres, ser avaro ou devasso, para falarmos somente destes dois vícios; acrescenta um terceiro: ambicioso. Quantos espinhos não produz a ambição das honras? Quantos espinhos na luxúria? Quantos espinhos no ardor da avareza? Os amores torpes, quantos incomodos não trazem? Quantas não são as solicitudes desta vida? Omito a geena. Vê se não és para ti mesmo uma geena. Tudo isso, meus irmãos, provém da ira de Deus. E ao te converteres, para agir bem só poderás trabalhar na terra; e o labor não acaba senão ao terminar o caminho. É preciso trabalhar enquanto estamos a caminho, a fim de nos alegrarmos na pátria. Então, o Senhor consola com suas promessas o teu labor, o teu suor, as tuas incomodidades, e te diz: "Não ficará irado para sempre, nem encolerizado eternamente".

18 10.11 “Não nos tratou segundo os nossos pecados”. Graças a Deus que assim quis. Não recebemos o que merecíamos: “Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos castigou em proporção de nossas maldades. Quanto se eleva o céu acima da terra, tanto o Senhor consolidou sua misericórdia sobre os que o temem. O Senhor consolidou sua misericórdia sobre os que o temem”. Em que quantidade? “Quanto se eleva o céu acima da terra”. Que disse o salmista? Se alguma vez pode o céu retirar sua proteção relativamente à terra, poderá Deus deixar de proteger os que o temem. Observa o céu: por toda a parte, de toda a parte protege a terra, e não existe parte alguma da terra que ele não proteja. Os homens pecam sob o céu, praticam toda espécie de crimes sob o céu; o céu, contudo os protege. De lá vem a luz para os olhos, de lá o ar, de lá o vento, de lá a chuva para a terra a fim de que produza frutos, de lá do céu, toda misericórdia. Retira da terra o auxílio do céu e imediatamente ela perece. Como, pois, permanece a proteção do céu sobre a terra, igualmente subsiste a proteção do Senhor sobre os que o temem. Tu temes a Deus; sobre ti está a proteção dele. Mas talvez sejas castigado e pensas que Deus te abandonou. O céu deixaria de proteger a terra? “Quanto se eleva o céu acima da terra, tanto o Senhor consolidou sua misericórdia sobre os que o temem”.

19 12 E que fez ele? Não nos retribuiu de acordo com nossos pecados. “Quanto dista o oriente do ocidente ele de nós afastou os nossos pecados”. Quanto dista o céu da terra, Deus consolidou sua misericórdia sobre nós. Eu disse por que assim fez: por causa de sua proteção. Como? “Quanto dista o oriente do ocidente ele de nós afastou os nossos pecados”. Sabem estas coisas os que conhecem os sacramentos; no entanto digo o que todos podem ouvir. Quando o pecado é perdoado, a graça desponta; teus pecados estão de certo modo no ocaso; e a graça que te liberta, no oriente. “A verdade germinou da terra”. Que quer dizer: “A verdade germinou da terra”? (Sl 84,12). Surgiu a graça para ti, morrem teus pecados, de certa maneira és renovado. Deves olhar para o oriente, e afastar-te do poente. Aparta-te de teus pecados, converte-te à graça de Deus. Ao serem eles apagados, tu te ergues e progrides. Mas a parte do céu que se levanta, novamente caminha para o ocaso. As comparações não são perfeitas, mas podem adaptar-se às coisas às quais se aplicam; conforme disse da águia, e da lua, assim também aqui. Uma parte do céu descamba, e a outra se levanta; mas a parte que agora se levanta, depois de doze horas há de se pôr. Não acontece assim com a graça que se levanta para nós. E os pecados morrem para sempre, enquanto a graça permanece eternamente.

20 13 Por que, então: “Quanto dista o oriente do ocidente, tanto ele de nós afastou os nossos pecados”, de tal sorte que os tenha apagado e a graça tenha surgido? Qual a vossa opinião? “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadeceu dos que o temem”. Que se enfureça quanto quiser; é pai. Mas, ele nos castigou, nos afligiu, nos esmagou; é pai. Filho, se choras, chora submisso ao pai; não chores indignado, não chores inchado de soberba. Aquilo que sofres e que te faz queixar-te é remédio, não castigo; é emenda, não condenação. Não repilas o açoite, se não queres ser excluído da herança. Não ponderes o castigo do açoite, mas o lugar que terás no testamento. “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadeceu

dos que o temem”.

21 14 “Porque ele sabe de que fomos feitos”, isto é, conhece nossa fraqueza. Sabe o que fez, como o homem caiu, como deve ser restaurado, como há de ser adotado e enriquecido. Eis que fomos feitos de argila: “O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu, é celeste” (1Cor 15,47). Deus enviou seu Filho, que se tornou o segundo homem, ele que é Deus antes de todas as coisas. Com efeito, é segundo pela vinda, primeiro na volta. Morreu depois de muitos, ressuscitou antes de todos. “Porque ele sabe de que fomos feitos”. Quem foi feito? Nós. Por que afirmas que ele conhece? Porque teve compaixão. “Lembra-te de que somos pó”. O salmista se volta para Deus e lhe diz: “Lembra-te”, como se Deus se esquecesse. Conhece, sabe, de tal forma que não se esquece. Mas, então, por que: “Lembra-te?” Persevere tua misericórdia em nosso favor. Conheceste de certo modo de que somos feitos; não te esqueças do que somos, a fim de não nos esquecermos de tua graça. “Lembra-te de que somos pó”.

22 15 “O homem! Assemelham-se ao feno os seus dias”. Lembre-se do que é; não se orgulhe: “assemelham-se ao feno os seus dias”. Como pode se ensoberbecer o feno agora verdejante, e daqui a pouco seco? Como se orgulhar o feno vicejante por pouco tempo, muito pouco, até que o sol dardeje? Ora, é bom que Deus tenha misericórdia para conosco e nos transforme de feno em ouro. Pois, “o homem! Assemelham-se ao feno os seus dias. Florescerá como a flor do campo”. Todo o esplendor do gênero humano: honras, poder, riquezas, orgulho, ameaças são flor do feno. Florece aquela casa, e uma grande casa, floresce aquela família; quantos são os que florescem, ou por quantos anos vivem? Os anos são muitos para ti; diante de Deus é um breve tempo. Deus não conta como tu. Em comparação dos longos séculos, que duram muito, a flor de qualquer casa é como a flor do campo. Sua beleza não perdura nem por um ano inteiro. Tudo o que ali viceja, tudo o que ali brilha, tudo o que é belo, não dura um ano; ou antes, não pode atravessar um ano. Como é exígua a duração das flores, e elas são o que há de belo nas ervas. Aquilo que é muito belo, rapidamente cai. “Toda carne é feno e toda a graça do homem como a flor do campo. Seca o feno e murcha a flor, mas a palavra do Senhor subsiste para sempre” (Is 40,6-8). Mas, uma vez que o Pai sabe de que fomos feitos, que somos feno, e podemos florescer por pouco tempo, enviou-nos seu Verbo, seu Verbo que subsiste para sempre, e fez dele um irmão para o feno que não permanece eternamente. Fez um Unigênito por natureza, único nascido de sua substância, irmão para tantos irmãos adotivos. Não te admires de seres participante de sua eternidade; ele primeiro se fez partícipe da natureza do feno. Ele te negará o que é mais elevado do que tu, uma vez que recebeu de ti o que era humilde? Portanto, o homem, quanto ao que compete ao “homem, assemelham-se seus dias ao feno. Florescerá como a flor do campo”.

23 16 “Porque o espírito soprará por ele e já não existirá, nem conhecerá mais o seu lugar”. Parece perdição, verdadeira ruína. Eis que ele se incha, entumesce, orgulha-se: “O vento soprará sobre ele e já não existirá, nem conhecerá mais o seu lugar”. Observai

os que morrem cada dia. É tudo, o fim. Não se dirige o salmista ao feno, mas àquele por quem o Verbo se fez feno. Pois, tu és homem; por tua causa o Verbo se fez homem; tu és carne, e por tua causa o Verbo se fez carne. "Toda carne é feno e o Verbo se fez carne" (Jo 1,14). Como não será grande a esperança do feno, se o Verbo se fez carne? Aquele que subsiste eternamente dignou-se assumir o feno, a fim de que o feno não desesperasse de si mesmo.

24 17 Portanto, considerando a ti mesmo, pensa em tua condição humilde, pensa no pó que és. Não te orgulhes. Tudo o que tiveres de melhor, tu o deves a sua graça, a sua misericórdia. Portanto, escuta o que segue: "Mas a misericórdia do Senhor é de sempre e para sempre sobre os que o temem". Vós que o temeis sereis feno, estareis no meio do feno e no tormento com ele; pois a carne ressurgirá para o tormento. Alegrem-se os que o temem, porque sua misericórdia está sobre eles.

25 18 "E sua justiça se estende aos filhos dos seus filhos". Refere-se à retribuição "aos filhos dos seus filhos". Quantos servos de Deus existem que não têm filhos, quanto menos "filhos dos filhos?" Mas denominam-se filhos nossos as nossas obras. "Filhos dos filhos" seriam a recompensa de nossas obras. "E sua justiça se estende sobre os filhos dos seus filhos, sobre os que guardam a sua aliança". Cuidem que nem todos pensem caber-lhes o que foi dito. Escolham enquanto é possível. "Sobre os que guardam a sua aliança e que retêm na memória os mandamentos para os observar". Talvez estavas disposto a te exaltar, a recitar-me o saltério, que eu não conheço, a pronunciar de cor toda a lei. De fato, é melhor sua memória; melhor do que a minha memória, a memória de qualquer justo, se este justo não guardar à letra a lei; mas cuida da observância dos preceitos. Como guardá-los? Não só na memória, mas também na vida. "Os que retêm na memória os mandamentos", não para repeti-los, mas "para observá-los". Provavelmente agora uma alma se perturba e diz: Quem pode observar todos os mandamentos de Deus? Quem retém todas as Escrituras de Deus? Não quero apenas que os tenha na memória, mas também que os observe por minhas obras; mas quem retém tudo na memória? Não temas; ele não te onera. "Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mt 22,40). Mas, quero reter toda a lei. Retém, se puderes, quando puderes, como puderes. A qualquer página que interrogares, ela te responderá: Segura o que tens, mantém a caridade: "A finalidade do preceito é a caridade" (1Tm 1,5). Não cogites da multidão dos ramos; segura a raiz, e tens a árvore toda. "E retêm na memória os seus mandamentos para observá-los".

26 19 "O Senhor estabeleceu no céu o seu trono". Quem, senão Cristo, estabeleceu no céu o seu trono? Aquele que desceu e subiu ao céu, que morreu e ressuscitou, que assumiu a natureza humana e a elevou ao céu, ele próprio estabeleceu no céu o seu trono. O trono é o tribunal do juiz. Notai, portanto, vós que ouvis, que ele "estabeleceu no céu o seu trono". Faça cada qual o que quiser na terra; o pecado não ficará impune, nem a justiça será infrutífera, porque o Senhor, que perante um tribunal humano foi ridicularizado, estabeleceu no céu o seu trono. "O Senhor estabeleceu no céu o seu trono e a todas as coisas se estende a sua realeza". Ao Senhor pertence o reino, e a todas as

gentes se estende sua realeza. “E a todas as coisas se estende a sua realeza”.

27 20 “Bendizei ao Senhor todos os seus anjos, poderosos em fortaleza, executores de sua palavra”. Logo tu só és justo ou fiel quando cumpres a palavra de Deus. “Poderosos em fortaleza e executores de sua palavra a fim de que seja ouvida a sua voz”.

28 20 “Bendizei ao Senhor, todos os seus exércitos, ministros seus, que fazeis a sua vontade”. Todos os anjos, poderosos em fortaleza, dóceis a sua palavra, todas as suas virtudes, todos os seus ministros, que realizam a sua vontade, vós todos, bendizei ao Senhor. Com efeito, todos os que vivem mal, embora tenham a língua em silêncio, maldizem ao Senhor com sua vida. Para que serve tua língua cantar um hino, se tua vida exala sacrilégio? Vivendo mal levaste muitas línguas à blasfêmia. Tua língua canta o hino, e as línguas dos outros que te observam dão-se às blasfêmias. Se, portanto, queres bendizer ao Senhor, pratica sua palavra, executa sua vontade. Edifica sobre a pedra e não sobre a areia. Ouvir e não fazer é edificar sobre a areia. Ouvir e executar é edificar sobre a pedra; não ouvir, nem realizar é nada construir. Se constróis sobre a areia, constróis para ruína; se nada edificas, ficando exposto às chuvas, às enchentes dos rios, aos ventos, não ficarás em pé, serás arrebatado. Por conseguinte, não se deve ficar parado, mas deve-se edificar. Contudo, não edificar para a ruína, mas edificar sobre a pedra a fim de que ao chegar a provação, não derrube a construção. Se for assim, bendize ao Senhor; se não for assim, não afagues a tua língua. Interroga tua vida, que ela mesma te responderá. Descobrirás que és mau. Geme, confessa. Tua confissão pode bendizer ao Senhor; mas tua conversão persevere a bendizer.

29 22 “Bendizei ao Senhor todas as suas obras, em todos os lugares onde ele domina”. Portanto, em todo lugar. Não seja bendito onde não domine: “Em todos os lugares onde ele domina”. Não aconteça que alguém replique: Não posso bendizer ao Senhor no Oriente, porque ele partiu para o ocidente; ou: Não posso bendizer no ocidente, porque está no oriente. “Não é do oriente, nem do ocidente, nem das montanhas desertas, pois o juiz é Deus” (Sl 74,7.8). Ele está em toda parte; em toda parte seja bendito. Está em toda parte, de sorte que de toda a parte surge o júbilo diante dele; em toda parte é bendito, de forma que em toda parte deve-se viver bem. “Bendizei ao Senhor todas as suas obras”. Quando começares por uma vida correta a bendizer ao Senhor, serão suas obras que o bendirão e não os teus méritos. Ele próprio é quem opera por ti e em ti o bem, segundo os dizeres do Apóstolo: “Operai a vossa salvação com temor e tremor, pois é Deus quem opera em vós” (Fl 2,12.13). Por esta razão, tendo em vista que não te orgulhes por fazeres conforme sua palavra, por praticares o que é de sua vontade, quis que te humilhasses, considerando a sua graça, pela qual o conseguiste. “Em todos os lugares onde ele domina. Bendize, minha alma, ao Senhor”. O último versículo é igual ao primeiro. Bênção no início, bênção no fim. Partimos de uma bênção, voltemos à bênção, reinemos com uma bênção.

SALMO 103

I SERMÃO

1 Anteontem, se vos lembrais, fostes servidos com fartura; mas como vos despedistes de nós desejando mais ainda, depois de um longo sermão, pensamos que não devíamos hoje negar a V. Santidade o que é justo darmos. O de hoje para a dívida, o outro foi lucro. O salmo que foi lido, é entretecido quase totalmente de figuras e mistérios, e exige não somente de nós, mas também de vós, gran-de atenção, embora tudo o que foi dito possa ser tomado religiosamente à letra. Enumeram-se, se não todas, muitas das obras de Deus, notórias a todos os que sabem ver atrás das criaturas as invisíveis, com o intelecto. De fato, vemos a amplidão do universo, céu, terra e tudo o que eles contêm; e da beleza e grandeza do mundo passamos à gran-deza e beleza inestimáveis do criador, que embora não ve-jamos, no entanto amamos. Efetivamente, Deus que ainda não pode ser contemplado pela pureza de nosso coração, põe perante nossos olhos suas obras, a fim de que vendo o que podemos ver, amemos aquele que não podemos contemplar, e assim, devido a seu próprio amor, um dia possamos obter a sua visão. Entretanto, devemos procurar também o sentido espiritual em todas as palavras. Nessa busca vossos anelos nos auxiliarão, em nome de Cristo. São eles mãos invisíveis que batem à porta invisível, a fim de que invisivelmente ela se abra, invisivelmente entreis e invisivelmente sejais curados.

2 1 Em consequência, digamos todos: “Bendize, minha alma, ao Senhor”. Todos nós falamos a nossa alma, porque a alma de todos nós, por uma só fé torna-se uma só alma. E todos nós, que cremos em Cristo, devido à unidade de seu corpo somos um só homem. Bendiga, nossa alma, ao Senhor, por tantos benefícios seus, por tantos e tão grandes dons de suas graças. Atentos, encontramos estes dons neste salmo, se dissiparmos as névoas dos pensamentos carnais, com a mente ereta quanto pudermos, com o olhar direto à medida do possível, quanto possível com a pureza dos olhos de nosso coração, quanto não nos impedir a vida presente, quanto não nos ocuparem os desejos dos bens presentes, quanto não nos cegar a ambição mundana. Eretos, portanto, havemos de ouvir quais as suas dádivas grandes, alegres e belas, desejáveis e cheias de regozijo e de gáudio. Aquele profeta que tivera a concepção deste salmo já o via espiritualmente e na alegria de sua visão irrompia nestas palavras: “Bendize, minha alma, ao Senhor”.

3 “Senhor meu Deus, tu te engrandeceste sumamente”. Vê que expressões magníficas. Com elas é glorificado o autor de todas as maravilhas. “De confissão e esplendor te revestiste”. Senhor meu Deus, que “te engrandeceste sumamente, como foi que te engrandeceste sumamente?” Acaso não és sempre grande? Não és sempre magnífico? Porventura não és perfeito e por isso cresces? Diminuis, desfaleces? Mas, como és o que és, e és verdadei-ramente, declaraste a Moisés, teu servo, o teu nome: “Eu sou aquele

que é" (Ex 3,14). Efetivamente, tu és grande, e tua grandeza é eterna; não começou, nem termina. Não começou no início do tempo, nem decorre até o fim dos tempos, nem sofre diminuição no espaço intermediário; é uma grandeza imutável. Como, então, "tu te engrandeceste sumamente?" Outro salmo nô-lo adverte, com as palavras: "Ciência maravilhosa; não me é acessível" (Sl 138,6). Se está certo dizer: "Ciência maravilhosa: não me é acessível", igualmente é certo: "Senhor meu Deus, tu te engrandeceste sumamente", por meio de mim. Mas, isto também precisa ser examinado. Por mim és engrandecido, meu Deus? Então, por mim torna-se grande. Ensina-nos algo a oração salutar que rezamos todos os dias. "Santificado seja o teu nome" (Mt 6,9). Pedimos isto diariamente; cotidianamente pedimos que isto se faça. Se alguém nos interrogar: Por que pedis que seja santificado o nome de Deus? Em algum tempo deixa de ser santo, de tal forma que agora seja santificado? Entretanto, se não quiséssemos que isto se realize, não o pediríamos. Uma coisa é congratulação e outra oração. Congratulamo-nos por aquilo que é; rezamos para que se faça o que ainda não é. Então, por que: "Santificado seja o teu nome? Entenderemos depois: Senhor meu Deus, tu te engrandeceste sumamente. Santificado seja o teu nome", isto é, teu nome seja santificado junto dos homens. Pois, o teu nome é sempre santo, mas para alguns impuros teu nome ainda não é santo. Com efeito, diz o Apóstolo: "Para os puros, todas as coisas são puras; mas para os impuros e descrentes, nada é puro". Se para os impuros e descrentes nada é puro, procuro saber a causa. Diz ainda: "Tanto a mente quanto a consciência deles estão corrompidas" (Tt 1,15). Se para eles nada é puro, nem Deus; a não ser que penseis que Deus é puro para aqueles que cotidianamente blasfemam contra ele. Se é puro, que agrade; se agrada, seja louvado. Ao contrário, se é blasfemado é porque desagrada; e se desagrada, como pode ser puro para ti quem te desagrada? Por que, então, rezamos: "Santificado seja o teu nome?" Temos em mira que o nome de Deus seja santificado por aqueles homens que ainda não o possuem por serem incrédulos. Para eles ainda não é santo quem por si e em si, e em seus santos é santo. Suplicamos pelo gênero humano, rezamos por toda a terra, por todos os povos, que diariamente se sentam para disputar que Deus não é reto, que Deus não julga corretamente. Que eles por fim se corrijam e levem um coração reto àquela retidão. Aderindo a Deus, orientados para aquele que é reto, já não critiquem, mas quem é reto agrade aos retos, porque: "Como é bom o Deus de Israel", sim, mas "para os retos de coração" (Sl 72,1). Por esta razão, ao verificar este homem que canta, este cantor que somos nós, isto é, o corpo de Cristo, os membros de Cristo, ao verificar quantos bens Deus outorgou ao gênero humano, se antes parecia-lhe que Deus nada era, ou era falso, ou ao menos não tão grande, contemplando-o em suas obras, disse: "Senhor meu Deus, tu te engrandeceste sumamente", isto é, ainda não entendia, mas agora compreendo que és grande. Grande é sempre, embora ocultamente; mas para mim és grande quanto te revelaste. Eu te engrandeci, assim como: "Ciência maravilhosa; não me é acessível", isto é, tornou-se maravilhosa, por mim. Eu a admiro depois que me converti; mas ela, mesmo que eu não me converta, mesmo que após a conversão dela me aparte, permanece íntegra. Mas eu que me tornei grande com ela, e de deficiente tornei-me íntegro nela, admiro o que desconhecia. Não digo que ela se fez grande desde

que a conheci, mas que eu me engrandeci desde que aprendi. Escuta, pois. Se Deus, sempre grande parecia ter-se engrandecido sumamente, foi engrandecido sumamente em suas obras diante de nós.

4 “De confissão e de esplendor te revestiste”. Colocou a confissão antes do esplendor, esplendor na beleza. Procuras a beleza; é boa coisa que procuras. Mas por que procuras a beleza, ó alma? Para que teu esposo te ame; de fato, sendo feia não lhe agradas. Como é ele? “Muito belo, acima dos filhos dos homens”. Queres, sendo feia, que aquele que é belo te oscule; mas não consideras que estás repleta de iniqüidades. “Pairou a graça nos teus lábios”. Assim foi dito a respeito dele: “Muito belo, acima dos filhos dos homens. Pairou a graça nos teus lábios, por isso as adolescentes te amaram” (Sl 44,3). Existe, portanto, alguém formoso, muito belo, “acima dos filhos dos homens”. É a este que queres agradar, ó alma humana, uma só, em muitas? Ouçamos falar da Igreja. Eram nos primórdios os fiéis uma só alma e um só coração em Deus (cf At 4,32). Desta Igreja fala o salmo. Queres agradar a Deus? Não podes, enquanto fores disforme; que fará com que tornes bela? Primeiro, que te desagrade tua deformidade e então merecerás obter a beleza da parte daquele mesmo ao qual queres aprazer. Ele mesmo que te formou te reformará. Por isso, considera em primeiro lugar o que és, a fim de não procurares, enquanto és feia, os ósculos de quem é belo. E onde olhar para me ver? Ele te deu o espelho da Sagrada Escritura. Lê-se: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). Nesta leitura foi te proposto um espelho. Vê se és o que ele te diz; se ainda não és, geme para te tornares tal. O espelho reflete a tua face. Como o espelho não te adula, nem tu mesmo o faças. Ele te mostra o brilho que tens; vê o que és e se te desagradar, procura mudar. Se enquanto és feia, desagradas a ti mesma, começas a agradar àquele que é belo. Por quê? Porque tua feiura não te apraz, começas a confessar, conforme se diz noutra passagem: “Começai cânticos, confessando ao Senhor” (Sl 146,7). Em primeiro lugar, acusa tua fealdade, pois a fealdade da alma provém dos pecados, das iniqüidades. Acusando tua fealdade começa a confessar, e pela confissão começas a te embelezar; quem te embeleza, a não ser o que é muito belo, acima de todos os filhos dos homens?

5 Ouso afirmar que o Senhor amou mesmo a que era feia para torná-la formosa. Como é que amou mesmo a feia? “Com efeito, Cristo morreu pelos ímpios” (Rm 5,6). Que vida não reserva para ti, depois de justificado, aquele que deu a vida mesmo pelo ímpio? Efetivamente aquele que é formoso, “muito belo, acima dos filhos dos homens”, porque o mais justo dos filhos dos homens, tendo vindo procurar aquela que era feia a fim de torná-la bela (afirmo-o, porque o encontro nas Escrituras), fez-se feio. Não é a mim que deveis ouvir, pois é possível que temerariamente tenha errado. Como dissera: Ele amou mesmo aquela que era feia, não o teria dito convenientemente aos que o amam, se não apresentasse testemunhas. Afirmei o que o Apóstolo asseverou. Queres ver que ele amou mesmo aquela que era feia? “Cristo morreu pelos ímpios”. Assim também agora, o que adiantei: fez-se feio para se aproximar daquela que era feia, fez-se disforme; como o provarei, quando o divino oráculo já predisse: “Muito belo, acima dos filhos dos

homens?” Ora, tenho a prova na própria palavra de Deus: “Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar” (Is 53,2). “Muito belo, acima dos filhos dos homens. Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar”. Não disse: Não vimos e por isso não sabíamos se tinha beleza e esplendor; nós o “vimos e não tinha beleza nem esplendor”. Como, então, viu aquele que disse: “Muito belo, acima dos filhos dos homens?” E como viu o que afirmou: “Não tinha beleza nem esplendor?” Escuta como viu aquele que disse: “Muito belo, acima dos filhos dos homens. Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus”. Com justeza, “acima dos filhos dos homens”, porque igual a Deus. Aí está, encontrei e sei onde o viu aquele que disse: “Muito belo, acima dos filhos dos homens”. De fato, ele nos responde: Perguntas onde vi? “Na condição divina”. E de onde o viste na condição divina? De que modo o viste na condição divina? “Sua realidade invisível tornou-se inteligível através das criaturas” (Rm 1,20). Bem, ótimo. Concordo, sei quem foi que viste, como viste, onde viste e de onde viste. A quem viste? Nosso esposo. Como o viste? “Muito belo, acima dos filhos dos homens”. Onde o viste? “Sendo ele de condição divina”. De onde o viste? “Tornou-se inteligível através das criaturas”. Examinemos agora o que afirma a respeito dele outro profeta, mas não como outro espírito; pois eles não discordam um do outro. O salmista nos apresentou o que era muito belo acima dos filhos dos homens; apresente-nos agora o profeta que declarou: “ Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair nosso olhar”. Um só, o apóstolo Paulo, une os dois profetas; um só capítulo de Paulo dá testemunho a ambos os profetas. Nele encontro aquele que é muito belo acima dos filhos dos homens: “Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus”. Paulo disse o que viu também o outro, que ele não tinha beleza nem esplendor, porque “aniquilou-se a si mesmo, as-sumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos ho-mens, e sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz” (Fl 2,6-8). Com razão, não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar. Conse-qüentemente, diante da cruz, os judeus meneavam a cabe-ça, dizendo: Este é o Filho de Deus? “Se é Filho de Deus, desça da cruz” (Mt 27,40). Mas, ele não tinha beleza nem esplendor. Mesmo assim, ó vós, aos quais desagrada não ter ele beleza nem esplendor! Ó vós, que meneais a cabeça diante da cruz, em vez de unir vossa cabeça àquela Cabeça que estava na cruz! É com justiça que a cabeça dos que o insultam, oscila até que ele se torne a Cabeça de seus injuriadores. Assim ele reassume a beleza e grande beleza. Deste modo é menos o que propões do que aquilo que ele fez. Tu dizes: “Se é Filho de Deus, desça da cruz”. Eis que ele não desceu da cruz, mas ressuscitou do sepulcro.

6 Por conseguinte, ó alma, não podes tornar-te bela, se não confessares tua fealdade àquele que é sempre formoso, e por tua causa se fez temporariamente sem beleza. Temporariamente não tinha beleza, estando na condição de escravo, de tal forma, porém, que jamais se tenha diminuído sua beleza, na condição divina. Tu, também, ó Igreja, tens beleza. De ti se declara no Cântico dos cânticos: “Ó mais bela das mulheres” (Ct 5,9). Diz-se de ti: “Quem é essa que sobe alvejada”? (Ct 8,5 sg LXX). Que significa

“alvejada?” Iluminada: não alvejada, como se estivesse pintada, como se pintam as mulheres que querem parecer o que não são; não caiada como uma parede branca, que, conforme diz o Apóstolo, será destruída, pois é hipocrisia e simulação. Parede caiada, coberta de estuque por fora, e no interior, lama. Ela não é alvejada desta forma; mas alvejada, iluminada, porque por si mesma não é branca. Diz o Apóstolo: “Outrora era blasfemo” (1Tm 1,13); e ainda: “Éramos por natureza, como os demais, filhos da ira” (Ef 2,3). Chegou depois a graça que ilumina e alveja. Primeiro foste negra, mas te tornaste branca através da graça de Deus. “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5,8). Refere-se, portanto, a ti a palavra: “Quem é essa que sobe alvejada?” Já és admirável, e apenas com dificuldade é possível te contemplar. Admira-se quem diz: “Quem é essa que sobe alvejada”, tão bela, tão luminosa, sem ruga nem mancha? Não é a mesma que jazia no lodo das iniqüidades? Não é a que jazia no adultério com os ídolos? Não é a que era impura, por causa de toda espécie de ambições e desejos carnais? “Quem é esta, portanto, que sobe alvejada?” Atende a quem é que por causa dela tornou-se sem beleza e esplendor, e entenderás sua honra e glória. Se admirares a humildade do Senhor, já não admirarás a elevação da Igreja, por obra dele. Como é grande a felicidade da que foi alvejada e que, mesmo sendo negra, fez descer do céu aquele que é belo, a fim de morrer em favor dos ímpios? Por conseguinte, o Senhor nosso Deus se revestiu de beleza e esplendor, revestiu-se da Igreja, que é confissão e beleza. Primeiro confissão, depois beleza. Confissão dos pecados, beleza das boas ações: “De confissão e esplendor te revestiste”.

7 2 “Envolvido de luz como de uma veste”. É a veste, da qual já disse: “Sem mancha, nem ruga” (Ef 5,27). É chamada também luz, conforme disse mais acima: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor”. Não por vós próprios; pois em vós mesmos sois trevas, mas no Senhor sois luz. Por isso, “envolvidos de luz como de uma veste, estende o céu como um pavilhão”. Como realizou isto de se revestir como de uma veste de luz, da Igreja, o salmista o enumera através de certas figuras sacramentais. Ouçamos como a Igreja se fez luz, como se tornou sem ruga nem mancha, como se tornou cândida, alvejada, fúlgida como veste de seu esposo, aderindo a ele, como se fez tudo isso. “Estende o céu como um pavilhão”. Com efeito, isto eu o vejo. Pois, quem estendeu este céu, que olhamos com nossos olhos carnais, a não ser Deus? “E estende como um pavilhão”, é para mostrar a facilidade com que o faz, se o tomarmos à letra. De fato, vê-se a amplidão do céu: se um homem estender uma pequena tenda, só o consegue com grande esforço, muito trabalho e dificuldade e longa operação. Então, a fim de que a fraqueza humana não imaginasse tal trabalho nas obras de Deus, o salmista refere-se a certa facilidade, de acordo com tua capacidade, a fim de que, de certo modo, comeces a crer que Deus opera facilmente e não penses que ele estendeu o céu, como tu fazes o telhado de tua casa. Mas, como é fácil estender uma pele foi tão fácil estender o céu imenso. Admirável facilidade; contudo, o Espírito te fala, segundo tua lentidão em entender. Digo, que o Espírito fala a teu espírito tardo. Pois, nem é como tu estendes uma pele que Deus estende o céu. Se estende do mesmo modo, eis que tens diante de ti uma pele enrugada, ou dobrada; dize-lhe que se estenda, estende a pele por tua palavra.

Não posso, respondes. Por conseguinte, até mesmo para esticar a pele estás muito longe da facilidade que Deus tem. "Porque ele falou e foram feitas" (Sl 148,5). "Deus disse: Haja um firmamento no meio das águas e assim se fez" (Gn 1,6). Tomaste algo à letra provisoriamente, de acordo com tua opinião, para figurar a facilidade em criar.

8 Figuradamente, contudo, se quisermos descobrir algo de oculto e bater à porta fechada, encontramos que Deus estendeu o céu como um pavilhão e entendemos que céu é a Sagrada Escritura. Foi a primeira autoridade que Deus estabeleceu em sua Igreja; a começar desta seguem-se as demais. Pois, estabeleceu o céu, que estendeu como um pavilhão, e não é por nada que o compara com uma pele. Em primeiro lugar, estendeu a fama dos pregadores como uma pele. A pele significa a mortalidade. Por isso, aqueles dois seres humanos, nossos primeiros pais, autores do pecado do gênero humano, Adão e Eva (cf Gn 3), quando no paraíso, desprezando o preceito de Deus, e seguindo a sugestão e persuasão da serpente, transgrediram a ordem de Deus, tornaram-se mortais e foram expulsos do paraíso; e para assinalar a mortalidade, foram revestidos de túnicas de peles. Receberam túnicas feitas de pele. Só se retira a pele de animais mortos; portanto, sob o nome de peles foi figurada a mortalidade. Mas então, se a Sagrada Escritura representa isso sob o nome de pele, como é que Deus fez o céu de pele, e "o estendeu como um pavilhão?" Porque os que nos anunciaram a Escritura eram mortais. De fato, o Verbo de Deus é sempre o mesmo, sempre imutável e indefectível. Eis que, "No princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1,1). Acaso era, e agora não é? É e sempre será. Se, portanto, o Verbo de Deus está com Deus, lê se podes. Mas que respondes? Que está no alto e por isso não podes ler? O Verbo de Deus está em toda a parte; ele atinge de uma extremidade à outra com força, e, por sua pureza, tudo atravessa e penetra (Sb 8,1;7,24). "Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele" (Jo 1,10); e quando veio, já estava aqui. Pois, veio segundo a carne, mas nunca esteve ausente, segundo a divindade. Por que, então, não podias ler? "Visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus" (1Cor 1,21), o mundo estabelecido na sabedoria de Deus. Todas as coisas se apoiavam nela, e se ela se subtrai reduzem-se a nada. Estando no mundo, não conhecias pela sabedoria a Deus; por isso era necessário o que segue: "Aprouve a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que crêem" (1Cor 1,21). Se pela loucura da pregação os fiéis se haveriam de salvar, Deus escolheu alguns seres mortais, escolheu homens mortais e que haviam de morrer; empregou língua mortal, usou de sons mortais, empregou um plano para os mortais, empregou instrumentos mortais. Com isso, criou o céu para ti, a fim de conheceres o Verbo imortal através de uma realidade mortal, e tu também te tornasses, pela participação do mesmo Verbo, imortal. Moisés viveu e morreu. Deus lhe disse: "Sobe ao monte e morre" (cf Dt 32,49). Morreu também Jeremias, e tantos profetas morreram; e os ditos dos que morreram, uma vez que não eram deles, mas foram proferidos através deles, sendo de quem "estendeu os céus, como um pavilhão", permanecem até nós, sua posteridade. Eis que, tendo saído desta vida, o Apóstolo que havia declarado ser para ele muito melhor partir e estar com Cristo (cf Fl 1,23), vive agora com Cristo, assim como todos aqueles profetas vivem com Cristo. Mas, por

intermédio de quem nos foram dispensadas as leituras que possuímos? Por algo que havia de morrer: boca, língua, dentes, mãos. Todos eles o Apóstolo empregou para escrever o que lemos; são tarefas corporais, às ordens da alma, que fazia o que Deus mandava; por isso, o céu foi estendido como uma pele. Nós, estamos debaixo do céu, como sob a pele das Sagradas Escrituras e as lemos quando são estendidas. Na verdade, no fim, "os céus se enrolam como um livro" (Is 34,4). Não inutilmente, irmãos, se comparam ali à pele, aqui ao livro; são certas figuras. Quanto à Sagrada Escritura, é estendida como palavra de mortos; por isso, é estendida como pele; e muito mais se estende, porque eles morreram. Pois, após a morte, os profetas e os apóstolos se tornaram conhecidos; não eram tão notórios enquanto viviam. Somente a Judéia teve profetas em vida; depois de mortos, todos os povos. Enquanto viviam, a pele não estava ainda estendida, o céu ainda não estava estendido, para cobrir toda a terra. Por isso, "estende o céu como um pavilhão".

9 3 "Que protege com as águas a parte superior". Lemos isto, e é bem inteligível à letra. Quando Deus ordenou que se fizesse um firmamento entre as águas, assim se fez, de tal modo que as águas inferiores chovessem sobre a terra, e haja águas superiores, longe de nossos olhares, no entanto relembradas pela fé. "Águas que estão acima dos céus, louvem o nome do Senhor; porque ele falou e foram feitas; ele ordenou, e foram criadas" (Sl 148,4.5). Por conseguinte, está explicado seu sentido à letra. Pois, ele "protege com as águas a parte superior". Qual o sentido figurado? Figuradamente tomamos como pele a Sagrada Escritura, e a autoridade da palavra divina dispensada a nós através de seres mortais, cuja fama se propagou após sua morte. Neste sentido, como "protege com as águas a parte superior? "Parte superior de quê? Do céu. E que é o céu? A Sagrada Escritura. Quais são as partes superiores da Sagrada Escritura? Que encontramos na parte mais alta da Sagrada Escritura? Interroga Paulo, e ele responde: "Aliás, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos". Qual o caminho denominado eminente entre todos? "Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa, como um címbalo que tine" (1Cor 12,31; 13,1). Se, portanto, na Sagrada Escritura nenhum caminho se pode encontrar superior à caridade, as partes superiores do céu como são protegidas pelas águas, se os preceitos principais da Escritura são os da caridade? Escuta como: "O amor de Deus", diz o Apóstolo, "foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5). Ao falar em amor derramado, entende-se como águas a caridade do Espírito Santo. São as águas nomeadas em certa passagem da Escritura: "Não derrames pela rua o teu manancial. Sejam para ti somente, sem reparti-lo com estranhos" (Pr 5,16-17). Todos os estranhos ao caminho da verdade, sejam pagãos, sejam judeus, sejam hereges, ou qualquer mau cristão, podem ter muitos dons, mas não podem ter a caridade. Que dom é esse? Para não falarmos de outros dons exteriores, dons que possuem todos os homens, porque Deus faz o seu sol nascer sobre bons e maus (cf Mt 5,45); são dons de Deus, comuns não somente aos bons e maus, mas até às feras e animais domésticos. Constituem dons de Deus o próprio ser, viver, ver, sentir, ouvir e as funções dos outros sentidos; mas vede como são comuns com que espécie de

seres e com quantos, mesmo com aqueles que não queres imitar. Até os piores homens têm engenho agudo, têm perícia e habilidade nas artes os mais torpes artistas teatrais, têm riquezas até os ladrões, têm mulher e filhos muito malvados. Todos esses são belos dons de Deus, ninguém o nega; mas verifica como são comuns a quaisquer espécies de homens. Considera os ofícios da própria Igreja. Qual a importância dos múnus sacramentais no batismo, na eucaristia e nos demais santos sacramentos? Estes múnus conseguiu-os até Simão, o mago (cf At 8,13). Que ofício é a profecia? Profetizou também Saul, rei péssimo, e profetizou até enquanto perseguia o santo Davi. Atenção! Não disse: quando havia perseguido. Talvez tivesse perseguido e se arrependido e então se tornou digno de profetizar. Não profetizou tendo perseguido, nem estando para perseguir, mas profetizou quando perseguia. Mandou seus servos para prender Davi; Davi, contudo, nesta ocasião estava no meio dos profetas, onde estava também o santo profeta Samuel; ficaram cheios do espírito de profecia os enviados e profetizaram. Provavelmente haviam vindo com ânimo bom, ou obrigados por ofício, ou não fariam o que fora ordenado. Saul enviou outros; assim se fez, e interpretemos de igual modo sua disposição de ânimo. Como eles tardassem, veio furioso o próprio Saul, aspirando por morticínio, sedento do sangue do santo inocente, para com o qual era ingrato; e ele também ficou cheio do espírito profético, e profetizou (cf 1Rs 19,18-24). Por isso, não se gabem os que talvez sem a caridade receberam este santo dom de Deus, o santo batismo: mas vejam que contas prestarão a Deus, por usarem as coisas santas de maneira não santa. Serão do número daqueles que dirão: “Não foi em teu nome que profetizamos?” Não terão a resposta: Mentis, mas ser-lhes-á dito: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade” (Mt 7,22.23). “Porque ainda que eu tivesse o dom da profecia, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria (1Cor 13,2). Saul profetizava, mas praticava a iniqüidade. Quem pratica a iniqüidade, senão quem não tem a caridade? Pois, a caridade é a plenitude da lei (cf Rm 13,10). Portanto, “protege com as águas a parte superior”. Que disse? Em todas as Escrituras a caridade constitui o caminho mais excelente, o lugar que ultrapassa a todos. Somente os bons a ela aspiram; os maus não participam dela conosco. Podem ter em comum o batismo, podem estar em comunhão conosco nos demais sacramentos, na oração, estar dentro das mesmas paredes, participar desta reunião; mas, da caridade não participam conosco. Ela é, efetivamente, a própria fonte dos bens, peculiar aos santos; dela se diz: “Sem reparti-la com estranhos”. Quem são os estranhos? Todos os que ouvem a palavra: “Nunca vos conheci”. Aqueles que propriamente pertencem ao reino dos céus mantêm-se no caminho que ultrapassa a todos, a caridade. Por conseguinte, o preceito da caridade está acima dos céus, acima de todos os livros. Os livros lhe são inferiores; para ela militam as línguas dos santos e os movimentos todos dos dispensadores dos bens de Deus, tanto os da alma como os do corpo. Trata-se, portanto, do mais excelente dos caminhos, e com razão Deus protege com águas a parte superior do céu, porque nada se encontra de mais importante do que a caridade nos livros divinos.

10 Mas escuta com mais clareza o que é a água. Pois, dissemos que o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado; dissemos também:

“Não derrames pela rua o teu manancial” (Pr 5,16). Pode dizer-me alguém: Ali não se diz expressamente que devo entender como sendo a caridade. E se houver outro modo de entender? Lembra-te somente do que disse o Apóstolo: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações”. De que modo? “Pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). Escuta agora o Senhor, mestre dos apóstolos: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba”. Diga-nos ainda: “Quem crê em mim, de seu seio jorrarão rios de água viva”. Qual o sentido dessas palavras? Exponha o evangelista: “Ele falava do Espírito que deviam receber os que nele cressem; pois não havia ainda sido dado o Espírito, porque Jesus não fora ainda glorificado” (Jo 7,37-39). Conseqüentemente, irmãos, se o Espírito ainda não fora dado, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado, depois que ele foi glorificado e subiu ao céu, foi enviado o Espírito Santo e os apóstolos ficaram repletos de caridade, porque fora derramada em seus corações pelo Espírito Santo, que lhes fora dado. Assim aconteceu, porque as partes superiores do céu são protegidas pelas águas. Muito bem. O Senhor subiu aos céus, subiu acima dos céus para de lá enviar a caridade. Deus não protege os céus como se fosse ele mesmo sustentado por aquilo que ele protege. Ele ergue aquele que é protegido, não o onera. Por isso, protege o céu com as águas, para elevá-los mais pelo Espírito Santo. O que eleva está em cima; o que é elevado está abaixo. Suspende-o, e o céu está pendente. Se, pois, suspende o céu, este está pendente. O céu das Escrituras depende da caridade. De fato, são muito notórios os dois preceitos da caridade: “Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mt 22,40). “Que protege com as águas a parte superior”.

11 “E emprega as nuvens para subir”. Podem-se tomar bem estas palavras à letra. O Senhor subiu visivelmente ao céu. Como emprega as nuvens para subir? “Dito isso, uma nuvem o ocultou” (At 1,9). A mesma coisa foi predita a respeito de nossa ressurreição: “Então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4,15,17). Tens aí as nuvens para subir ao céu; mostrarei também como se empregam as nuvens para subir a este céu, isto é, o céu das Sagradas Escrituras. Como é isto, irmãos? Oxalá o Senhor meu Deus se digne contar-me entre aquelas nuvens. Ver-se-á que nuvem escura eu sou. Tomai como nuvens todos os pregadores da palavra da verdade. Todos aqueles que por fraqueza não podem subir a este céu, isto é, ao entendimento das Escrituras, subam por meio das nuvens. Talvez agora isso acontece também a vós; se fazemos algo, se nosso labor e nosso suor não são infrutíferos, subis ao céu das Escrituras Sagradas, isto é, ao entendimento delas, através de nossa pregação. A que altura achava-se o céu deste salmo! Nenhum de vós entendia essa figura: “Estende o céu como um pavilhão, que protege com as águas a parte superior”. Até mesmo a palavra: “E emprega as nuvens para subir”, já está entendido, através de nossa pregação, à medida que o Senhor nos concedeu. Pois, as chuvas não caem por si mesmas das nuvens. Subi, ao compreenderdes, e com este entendimento frutificai. Não sejais como a vinha mencionada pelo profeta: “Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela” (Is 5,6). Ele denuncia a vinha que havia produzido espinhos em vez de uvas, não

retribuíra dignamente à sua-vidade da chuva. Quem ouve boas palavras e age mal, recebe uma chuva suave e produz espinhos. Não devemos ima-ginar, irmãos, que o Senhor se refira a uma vinha terrena e visível. Com efeito, no intuito de evitar que se interpretasse como uma desculpa aos pecados a obscuridade da palavra, o próprio Senhor, através do profeta, explicou de que vinha falava e se dirigia: "A vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel" (Is 5,7). Por que motivo, ó iníquos, vossos corações divagam através de montes e colinas dos vinhateiros? Sei, diz ele, de que vinha estou falando, sei onde procurava uvas e encontrei espinhos; inutilmente vos entregais a suspeitas e opiniões, sem quererdes entender para não terdes de agir bem. Pois, também isto está escrito: "Não quis entender para agir bem" (Sl 35,4). Desisti de todas as vossas imaginações: "A vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel e os homens de Judá a sua plantação preciosa". Preciosa ao ser plantada; condenada ao produzir espinhos. Por conseguinte, irmãos, a casa de Israel teria sido a vinha, e nós não somos? Ouçamos com temor o que foi dito aos judeus. Vede como o Apóstolo atemoriza os ramos enxertados em lugar dos ramos quebrados (Rm 11, 20-22), recomendando a estes que receiem a severidade, e aos ramos enxertados que amem a bondade de Deus. Não sejas infrutífero quando ele emprega bondade, a fim de não temeres a severidade, por causa de tua esterilidade. Mas, eu não sou vinha, dizes-me. Para que serve a palavra do Senhor: "Eu sou a verdadeira vide, e vós os ramos. Meu Pai é o agricultor"? (Jo 15,15). E a palavra do Apóstolo: "Quem planta uma vinha e não come de seu fruto"? (1Cor 9,7). És uma vinha, ó Igreja, e tens a Deus por agricultor. Um agricultor humano não pode fazer a chuva cair sobre sua vinha. Irmãos caríssimos, entranhas da Igreja, penhor da Igreja, filhos de uma mãe celeste, ouvi, enquanto é tempo. Deus ameaçou àquela vinha com ameaças terríveis: "Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela". E assim aconteceu. Os apóstolos se dirigiram aos judeus, que os repeliram; então, eles declararam: "Era a vós que fôramos enviados, mas como rejeitais a palavra de Deus, nós nos voltamos para os gentios" (At 13,46). Vedes como o Espírito de Deus que habitava nos corações dos seus ordenou às nuvens que não derramassem chuva sobre a vinha, porque deu espinhos em vez de uvas. Por isso, o Senhor empregou as nuvens para subir, e estendeu o céu como um pavilhão. Não tendes motivo de queixa. A autoridade das Escrituras estendeu-se sobre a terra inteira, não faltam nuvens, a palavra da verdade é anunciada, as obscuridades são explicadas, a fim de que vossos corações empreguem as nuvens para subir. Cuidai de como crer, como acolher. Depois do pregador, virá o juiz, após o dispensador vem o cobrador. "Emprega as nuvens para subir".

12 "E voa nas asas dos ventos". Isso já é perigoso tomar à letra. Ou quais são as asas dos ventos? Seria como nas pinturas? Nós nos tornaremos ventos a voar, tendo asas? Vento, irmãos, não passa do que sentimos, certo movimento e flutuação do ar, impelindo o que pode, conforme sua intensidade. Quais são as asas dos ventos? E quais as asas de Deus? No entanto, foi dito: "Os filhos dos homens se abrigam à sombra de tuas asas" (Sl 35,8). Em-penhemo-nos em tomar isto à letra, conforme propriamen-te se dá nesta criatura. Talvez a Escritura queira recomen-dar a velocidade da palavra. Desta

velocidade já falamos em outro salmo, onde se acha escrito: “Sua palavra corre veloz” (Sl 147,15). Os homens nada conhecem de mais veloz do que o vento. Na pele, anotava-se a facilidade de esticar; nada é mais fácil para o homem do que estender uma pele. Assim também aqui, o salmista insinuando que Deus, ou seu Verbo, está presente em toda parte e por isso nada perde em comparações quanto a velocidade de movimentos, e uma vez que tu nada conheces de mais veloz do que o vento, declara: “Voa nas asas dos ventos”, isto é, sua velocidade supera a velocidade dos ventos, mas a palavra de Deus é mais veloz do que todos os ventos. Assim o primeiro modo de considerar. Batamos à porta para alcançarmos o interior, e este sentido literal nos indique figuradamente mais alguma coisa.

13 Entendemos que figuradamente ventos seriam certamente as almas. Não quer isso dizer que a alma seja de vento, mas que o vento é invisível, embora seja elemento material e mova os corpos; no entanto, escapa aos olhares humanos. Como a alma é invisível, entendemos que o vento pode figurá-la. Por isso é que se diz que Deus insuflou o espírito de vida no homem que plasmara: “e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7). Portanto, não é absurdo tomar os ventos como alegoria da alma. Cuidado para não pensares, por ter eu nomeado a alegoria, que me refiro ao pantomimo. Pois, certas palavras, por serem palavras e procederem da língua, são comuns a nós e às comédias e representações desonestas. No entanto, estas palavras estão em seu lugar na Igreja e nas cenas. Falei como o Apóstolo, quando se referia aos dois filhos de Abraão: “Isto dito em alegoria” (Gl 4,24). Diz-se que é uma alegoria quando as palavras parecem significar algo, mas o sentido é outro. Como é que se diz que Cristo é cordeiro (cf Ap 1,29); acaso seria animal? Cristo é leão (cf Ap 5,5); seria fera? Cristo é pedra (cf 1Cor 10,4); seria por dureza? Cristo é monte (cf Dn 2,35); seria elevação de terra? E assim, muitos vocábulos têm um sentido como soam, mas outro é o seu significado; então, temos uma alegoria. Quem pensar que falei em alegoria pertencente ao teatro, pense também que o Senhor narrou uma parábola acerca do anfiteatro. Isso é o que acontece numa cidade[1], onde os espetáculos são numerosos; no interior, no campo, falaria com mais segurança. Ali os homens aprenderiam o que é alegoria somente das Escrituras de Deus. Por isso, disse que alegoria é uma figura, alegoria é um sacramento em figura. E que entendemos aqui, no salmo: “Voa nas asas dos ventos?” Afirmamos que figura-damente podemos tomar ventos no sentido de almas. Asas dos ventos, asas das almas, que são elas, senão aquilo que as leva para o alto? Asas das almas, portanto, são as virtudes, as boas obras, os atos retos. Essas duas asas contêm as penas; todos os preceitos se resumem em dois. Quem amar a Deus e ao próximo, tem a alma com asas, asas livres, voando pela caridade santa para o Senhor. Quem se implica em amor carnal, tem visgo nas asas. Pois, se a alma não tem asas e penas, por que aquele que geme no meio das tribulações diz: “Quem me dará asas como as da pomba?” E continua: “para voar e repousar?” (Sl 54,7). E ainda em outra passagem: “Aonde irei para longe de teu espírito e aonde fugirei de tua face? Se subir até o céu lá estás, se descer ao inferno ali estás presente. Se tomar as asas da pomba, se voar aos confins do mar”. Aparentemente diz: Posso fugir de tua presença, de tua ira, se tomar as asas da pomba, se voar até os confins do mar. Voar até os confins

do mar consiste em tender com a esperança até o fim dos séculos, de acordo com aquele que disse: “Refleti para compreender. Pareceu-me penosa tarefa até que entrei no santuário de Deus e percebi qual a sorte final” (Sl 72,16.17). E como alcançou os confins do mar? Teria sido porque tomou as asas? Diz ele: “Até lá me conduziria a tua mão e a tua destra me sustentaria” (Sl 138,7-10). De fato, apesar de minhas asas cairia, se tu não me sustentas. Por conseguinte, possuem asas boas e livres, sem visgo algum, as almas que praticam exatamente os preceitos de Deus, e que têm uma caridade que procede de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia (1Tm 1,5). Mas, por mais que sejam ornadas de atos de caridade, que significa isto diante do amor de Deus para com elas, mesmo quando ainda cobertas de visgo? O amor de Deus para conosco é muito maior do que o nosso para com ele. Nosso amor dá-nos asas, mas “ele voa nas asas do vento”.

14 O Apóstolo já dizia a alguns: “Dobro os joelhos diante do Pai, para pedir-lhe que ele conceda sejais fortalecidos no homem interior, que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor”. Já lhes dá a caridade; já lhes dá asas e penas. Diz o Apóstolo: “Assim tereis condições para compreender qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade”. Talvez esteja se referindo à cruz do Senhor. No sentido da largura ele estendeu as mãos; o comprimento partia da terra, direção em que o corpo estava colocado; a altura seria a parte que se erguia para cima do braço transversal; a profundidade, onde se firmara a cruz. Aí está toda a esperança de nossa vida. A largura é a dimensão das boas obras, o comprimento refere-se à perseverança até o fim, a altura lembra a aclamação: Corações ao alto. Todas as boas obras, nas quais perseveramos até o fim, tendo a dimensão da largura que nos leva a fazer o bem, e do comprimento que nos traz a perseverança final, sejam feitas apenas por causa da esperança dos prêmios celestes. A altura consiste em não procurar recompensa aqui, mas no alto, no intuito de que não nos seja dito: “Em verdade vos digo, já receberam a sua recompensa” (Mt 6,2). A profundidade, conforme disse, era o lugar onde da cruz fora encravada, a parte que não se via, e donde saía a parte visível. Que era oculto, não público, na Igreja? O sacramento do batismo, o sacramento da eucaristia. Os pagãos, vêem nossas boas obras, contudo os sacramentos são ocultos para eles. Mas, da parte invisível surgem as partes visíveis, assim como da parte da cruz que está fixa na profundidade da terra surge toda a cruz que aparece visivelmente. E o que há além disso? Depois dessas palavras o Apóstolo acrescenta: “E conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento” (Ef 3,14-1), tendo declarado antes: “Arraigados e fundados no amor”. Pois, amais a Cristo e em conseqüência, obrais unidos à cruz. Mas, amaríeis tanto quanto ele vos amou? Amando quanto puderdes, voais para junto dele, a fim de conhecerdes como ele próprio vos amou, isto é, para conhecerdes a excelência do amor de Cristo. Pois, amais quanto podeis, e voais quanto podeis; mas ele voa nas asas dos ventos. “E voa nas asas dos ventos”.

15 4 “Faz dos espíritos os seus anjos, e do fogo ardente seus ministros”. E isto, apesar de não vermos aparições de anjos. Existe, oculta a nossos olhos, certa república muito grande que tem a Deus por imperador. No entanto, sabemos pela fé que existem anjos, e

lemos nas Escrituras que muitos apareceram. Mantemos esta fé, e não nos é lícito duvidar disso. Com efeito, os espíritos são anjos; enquanto espíritos, ainda não são anjos, mas ao serem enviados tornam-se anjos. Com o nome de anjo se designa o ofício, não a natureza. Perguntas o nome desta natureza? É espírito. Procuras saber qual o seu múnus? É o de anjo, mensageiro. Quanto ao que é, é espírito; quanto ao que faz, é anjo. O mesmo se dá relativamente aos homens. O nome da natureza é homem; o do ofício é soldado; o nome da natureza é varão, o nome da profissão é de arauto. O homem se faz arauto, isto é, quem era homem faz-se arauto e não o que era arauto se faz homem. Assim também os que já eram espíritos criados por Deus criador, ele os torna seus mensageiros, anjos, enviando-os a anunciar o que ele houver ordenado; e do fogo ardente faz seus ministros. Lemos que apareceu fogo na sarça (cf Ex 3,2), lemos que foi também enviado fogo do alto e realizou o que havia sido ordenado. Serviu de ministro, quando realizou sua função. Enquanto existia estava em sua natureza; ao cumprir as ordens realizou seu serviço. Assim acontece literalmente nas criaturas.

16 E o que sucede, porém, figuradamente na Igreja? Como explicar: “Faz dos espíritos os seus anjos, e do fogo ardente os seus ministros?” Espíritos seriam os homens espirituais. Certamente faz dos homens espirituais os seus mensageiros, isto é, anunciadores de sua palavra. “O homem espiritual, ao contrário, julga a respeito de tudo e por ninguém é julgado” (1Cor 2,15). Observa como o homem espiritual se tornou mensageiro de Deus. Diz o Apóstolo: “Quanto a mim, não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais” (1Cor 3,1). Por certa disposição espiritual, foi enviado aos homens carnais, como o anjo é enviado do céu à terra. Qual o sentido de: “Do fogo ardente seus ministros”, a não ser a palavra: “Fervorosos de espírito”? (Rm 12,11). Assim, pois, fervoroso de espírito, fogo ardente é o ministro de Deus. Estêvão não era ardente? Em que fogo ardia? Que fogo era aquele que o queimava ao ser apedrejado enquanto rezava pelos que o lapidavam? (cf At 7,59). Ao ouvires a afirmação: o ministro de Deus é um fogo, pensas que ele há de incendiar? Queime, de fato, mas o teu feno, isto é, teus desejos carnais sejam cauterizados pelo ministro de Deus, que prega a palavra de Deus. Escutai-o: “Portanto, considerem-nos os homens como servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus” (1Cor 4,1). Como não ardia, ao dizer: “A nossa boca se abriu para vós, ó coríntios; o nosso coração se dilatou” (2Cor 6,11). Ardia e se inflamava pela caridade; e ia aos coríntios para os incendiar. O Senhor afirmava que havia de mandar este fogo à terra, nesses termos: “Eu vim trazer fogo à terra” (cf Mt 10,34). A espada corta o afeto carnal, o fogo o consome. Entende tudo isso da palavra de Deus, tudo isso reconhece no espírito de Deus. Começa a inflamar-te de amor através da palavra que ouves, e vê o que realizou em ti o fogo, servo de Deus. “Faz dos espíritos os seus anjos e do fogo ardente seus ministros”.

17 5 “Fundou a terra sobre firmes alicerces. Será inabalável pelos século dos séculos”. Tomar esta afirmação como relativa à terra, não sei se dá resultado, se é correto: Será inabalável pelos séculos dos séculos. Entretanto, dela se declarou: “Passará o céu e a terra” (Mt 24,35). É um problema se tomares no sentido literal. Com efeito, a locução:

“Fundou a terra sobre firmes alicerces” talvez trate de uma firmeza que nos é desconhecida e que sustenta a terra, e por isso disse: “Fundou”. Sobre o que? Sobre os alicerces da própria terra, que estariam por baixo para a sustentar e que estão ocultos a nossos olhos. Se esse fato está oculto na natureza, por ser escondido não tornará desconhecido o Criador. Vejamos o que pudermos; do que vemos, louvemo-lo e amemo-lo. Voltemo-nos a considerar algo aqui apresentado em figuras. “Fundou a terra”, entende que é a Igreja. “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que ela encerra” (Sl 23,1). Entendo que terra é a Igreja. Ela é a terra árida mencionada nos salmos. Fala uma alma em lugar de todas: “Como terra sem água minha alma está diante de ti” (Sl 142,6). Que é: “Sem água?” Sedenta. Minha alma tem sede de ti, como a terra sem água; se ela não estiver sedenta, certamente não será irrigada. Para uma alma ébria a chuva é um dilúvio. Mas, deve ter sede: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Mt 5,6), e dizer: “Como terra sem água minha alma está diante de ti”, ela que disse noutro salmo: “Minha alma tem sede do Deus vivo” (Sl 41,3). Por terra entendo a Igreja. Qual a firmeza que a sustenta, a não ser seu fundamento? Não seria inadequado aplicar a firmeza que sustenta a terra ao fundamento sobre o qual foi fundada a Igreja? Que fundamento é este? “Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo” (1Cor 3,11). Nele, portanto, nos firmamos. Com razão, quem nele se apoia será inabalável pelos séculos dos séculos. Nada tão firme como este fundamento. Eras fraco, mas o alicerce firme te sustenta. Por ti mesmo, não podias ser firme; serás sempre firme, se não deixares aquele fundamento firme. “Será inabalável pelos séculos dos séculos. A Igreja é coluna e sustentáculo da verdade” (cf 1Cor 3,15).

18 6.17 “O abismo cerca-a como uma veste. Sobre as montanhas se elevarão as águas. Diante de tua ameaça fugirão. Temerão o ribombo do trovão. Elevam-se os montes e sulcam-se as planícies nos lugares que lhes fixaste. Assinalaste limites que não transporão, nem voltarão a cobrir a terra. Fazes brotar fontes nos vales, entre as montanhas deslisarão as águas. Delas beberão todos os animais do campo e os asnos selvagens com elas apagarão a sua sede. Perto delas aninham-se as aves do céu, que do meio dos rochedos emitirão seu canto. Do alto regas os montes; do fruto de tuas obras fartar-se-á a terra. Produzes o feno para os jumentos e plantas úteis aos homens, para que retire da terra o pão e o vinho que alegra o coração do homem. E o óleo que lhe faz brilhar o rosto e o pão que lhe sustenta as forças. Fartam-se as árvores do campo e os cedros do Líbano que ele plantou. Ali constroem os pássaros os seus ninhos e a casa da gaivota é guia para eles”. Observais o céu em sua extensão e quereis subir até lá com o intelecto. Eu o vejo. Penso, porém, que V. Caridade há de considerar comigo a sua altura. Quis que fossem lidos muitos versículos, para verificardes em que altura se colocam os mistérios de Deus. Não nos entendiemos diante do que foi apresentado, para não diminuirmos seu valor. Procurando sempre, apesar das dificuldades, serão encontrados com maior prazer. Entre os demais, irmãos, que podem ser tomados à letra, por acaso também estão os versículos: “Ali constroem os pássaros os seus ninhos e a casa da gaivota é guia para eles?” Por acaso serve a casa da gaivota de guia para as aves? Ou a casa da gaivota é guia para os cedros? “E os cedros do Líbano que ele plantou. Ali

constroem os pássaros os seus ninhos e a casa da gaivota é guia para eles". Efetivamente, em latim: "deles" (eorum) não se pode referir a "cedros", porque cedri é do gênero feminino. A casa da gaivota, então, como pode ser guia dos pássaros? Desta ave, que vemos com nossos olhos, de forma alguma isso se pode entender. As gaivotas são aves do mar ou dos lagos. A casa das gaivotas são os ninhos das gaivotas; como então a casa da gaivota pode ser guia para os pássaros? Por que o Espírito Santo mistura certas coisas, quase absurdas entre as coisas visíveis, senão a fim de que, uma vez que não podem ser tomadas à letra, nos obriguem a procurar ocultas nelas o sentido espiritual?

19 Por conseguinte, se desejais, como disse, subir ao céu com o intelecto, ao céu estendido como um pavilhão e empregar estas nuvens para subir, esta nuvem que hoje vos fala sente-se incapaz de explicar tudo isso. Tende indulgência, não certamente para com a vossa fraqueza, mas para a minha. Eu vos vejo sempre tão ávidos que estais continuamente dispostos a ouvir. Mas, há dois pontos a ponderar, que não são desprezíveis. Pois, temos de considerar a fraqueza de nosso corpo, e como guardar na memória estas explicações. Neste intervalo, refleti no que ouvistes. Que disse eu? Ruminai o que comestes. Pois, assim sereis animais puros, e aptos para os convívios de Deus. Observai o fruto que colhestes em vossas obras. Digere muito mal aquele que ouve bem, mas não age bem, porque o Senhor nosso Deus não deixa de alimentar. É notório a todos que haveremos de prestar contas do pão que recebemos e distribuímos. V. Caridade o sabe perfeitamente. A página das Sagradas Escrituras não o cala, nem Deus nos adula. Podeis ver como estamos livres para vos falar deste lugar; ou se eu estou menos livre, ou aqueles todos que vos falam neste lugar, se estamos nós menos livres, certamente a palavra de Deus não tem medo de ninguém. Nós, contudo, quer tenhamos medo, quer falemos com liberdade, somos obrigados a anunciar aquele que não tem medo de ninguém. Quanto a vós, concedeu-vos Deus e não os homens, que escuteis livremente, mesmo da parte dos orgulhosos. Não teríes escusa no juízo de Deus, a não ser que pratiqueis boas obras e recebais como chuva o que ouvis, dando frutos convenientes. Frutos adequados são as boas obras; frutos adequados encontram-se no amor, não só aos irmãos, mas também aos inimigos. Não menosprezes a ninguém que te peça algo, e quando não puderes dar o que ele pedir, não o desprezes. Se podes dar, dá; se não podes, mostra-te afável. Deus co-roa internamente a vontade, quando não se tem possibilidade de dar. Ninguém diga: Não tenho. A caridade não se tira da bolsa. Tudo o que dizemos, tudo o que já dissemos, e tudo o que pudermos ainda dizer, tanto nós mesmos, ou os que vêm depois de nós, ou os que vieram antes de nós, não têm outra finalidade a não ser a caridade, porque a finalidade do preceito é a caridade, que procede de coração puro e de fé sem hipocrisia (cf 1Tm 1,5). Ao orardes a Deus, interrogai vossos corações; vede como traduzis este versículo: "Perdoai as nossa dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (cf Mt 6,12). Não rezas, se não pronunciares estas palavras; se proferires outras, ele não te ouvirá, porque não foi isto que te ditou o jurisperito enviado por ele. É preciso, portanto, mesmo quando proferimos nossas palavras em oração, nós as digamos de acordo com estas. E ao repetirmos estas mesmas

palavras, en-tendamos bem o que estamos dizendo, porque Deus quis que fossem bem claras. Se, portanto, não as rezardes, não tendes esperança. Se rezardes de maneira diferente daquela ensinada pelo Mestre, não alcançareis o que pedis; ou se mentirdes na oração, não impetrareis o objeto de vosso pedido. Por conseguinte, temos de orar, de dizer a verdade, de rezar como ele ensinou. Quer queiras, quer não, hás de repetir diariamente: "Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores". Queres repetir com segurança? Pratica o que dizes.

II SERMÃO

1 Estou ciente de que nos tendes como devedores, não por necessidade, mas o que é mais forte, por caridade. Estamos devendo em primeiro lugar ao Senhor nosso Deus, que habitando também em vós, exige isto de nós; em seguida a nosso Senhor e Pai, que está aqui presente, e que nos deu a ordem de falar e reza por mim. Além disso, por causa de empenho com que extorquis nossas palavras, apesar de nossas limitadas forças. No entanto, à medida que o Senhor nos conceder, e confiante de que ele se dignará dar-nos forças, devido a vossas orações, uma vez que há poucos dias expusemos a primeira parte deste salmo, vamos empreender explicar as partes seguintes e com auxílio daquele em cujo nome começamos, esperamos terminar. Relembrávamos a V. Caridade, aos que estavam presentes, que este salmo inteiro está entretecido de mistérios ocultos em figuras. Costuma-se descobrir com gosto maior aquilo que é díficil de pesquisar. Não penseis que eles se furtam a vós devido a sua obscuridade, mas estão guardados pelas próprias dificuldades. Assim sucede, segundo já dissemos com freqüência a fim de que se dê aos que pedem, achem os que procuram, entrem os que batem à porta. Mas necessitamos de um pouco mais de silêncio de vossa parte e de vossa paciência, a fim de que as poucas palavras que devemos dizer não tomem mais tempo por causa do barulho. A escasses do tempo nos obriga a falar pouco, porque, como sabe V. Caridade, devemos tomar parte nas exéquias solenes de um fiel. Por isso, não nos forceis a repetir o que já foi dito e explicado; se alguns estiveram ausentes e por isso não ouviram, que não tivessem faltado; talvez seja bom que não ouçam agora o que ouviram os que estavam presentes, a fim de que aprendam a comparecer. Leiamos, portanto, brevemente.

2 1.2 "Bendize, minha alma, ao Senhor". Diga nossa alma, as almas de todos nós que somos uma só alma em Cristo. "Senhor meu Deus, tu te engrandeceste sumamente". Como te engrandeceste? "De confissão e de esplendor te revestiste". Confessai para vos ornardes, para que ele vos revista. "Envolvido de luz como de uma veste". Envolvido da luz de sua Igreja, porque ela se tornou luz em Cristo, apesar de ser antes trevas em si mesma, conforme a palavra do Apóstolo: "Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor" (Ef 5,8). "Estende o céu como um pavilhão". Tão facilmente quanto tu estendes uma pele, se tão facilmente podes tomar isto ao pé da letra. Ou entendamos que se trata da autoridade das Escrituras, estendida por todo o mundo, sob o nome de pele. A mortalidade é representada pela pele, pois a autoridade das divinas Escrituras vem até

nós através de homens mortais, cuja fama, depois que eles morreram, se propagou.

3 3 “Que protege com as águas a parte superior”. Parte superior de quê? Do céu. Que é céu? Dissemos que figura as Sagradas Escrituras. Qual a parte superior das Escrituras Sagradas? O preceito, que ultrapassa a todos, da caridade. Por que motivo, porém, a caridade é comparada às águas? “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). E por que a água representa o próprio Espírito? “Jesus, de pé, disse em alta voz: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, de seu seio jorrarão rios de água viva”. Como provamos que se refere ao Espírito Santo? Diga-o o próprio evangelista, que continua: “Ele falava do Espírito que deviam receber os que nele cressem” (Jo 6,37-39). “E voa nas asas dos ventos”, isto é, sobre as virtudes das almas. Qual é a virtude da alma? A própria caridade. Como ele voa sobre ela? Porque a caridade de Deus em relação a nós é maior do que a nossa relativamente a ele.

4 4 “Faz dos espíritos os seus anjos e do fogo ardente seus ministros”, isto é, daqueles que são espíritos, são espi-rituais, não carnais, faz seus mensageiros, enviando-os a pregarem seu evangelho. “E do fogo ardente seus ministros”. Se o ministro ao pregar não arder não inflamará aquele que ouve sua pregação.

5 5.6 “Fundou a terra sobre firmes alicerces”. Firmou a Igreja sobre seus alicerces. Qual o firmamento da Igreja senão seu fundamento? E qual o seu fundamento, a não ser o mencionado pelo Apóstolo: “Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo” (1Cor 3,11). E apoiada neste fundamento, que mereceu ouvir? “Fundaste a terra sobre firmes alicerces”, isto é, firmou a Igreja sobre Cristo, seu fundamento. A Igreja vacilará se vacilar o fundamento; mas de que modo pode vacilar Cristo, se, antes de vir para junto de nós e assumir a carne, “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,3), e ele tudo contém por sua majestade, e a nós em sua bondade? Como Cristo não vacila, ela “será inabalável pelos séculos dos séculos”. Onde se acham os que dizem que a Igreja no mundo pereceu, quando nem se abala?

6 Mas, quando começou o Senhor a semear esta Igreja, a revelá-la, a dar-lhe início, a mostrá-la, difundi-la? Quando começou? Que existia antes? “Fundaste a terra sobre firmes alicerces. Será inabalável pelos séculos dos séculos. O abismo cerca-a como uma veste”. A quem? Acaso a Deus? Mas o salmista já se referira à veste de Deus: “Envolvido de luz como de uma veste”. Ouço dizer que Deus está vestido de luz, e a própria luz, se queremos, somos nós. Que quer dizer: Se queremos? Se já não formos trevas. Portanto, se Deus está revestido de luz, de quem é esta veste do abismo? Chama-se abismo uma imensa quantidade de água. Todas as águas, toda a natureza úmida, a substância espalhada por todos os mares, rios, antros ocultos, todos simultaneamente têm o nome de abismo. Portanto, entendemos que o salmista fala da terra: “Fundou a terra sobre firmes alicerces. Será inabalável pelos séculos dos séculos”, creio que também se refere a ela: “O abismo cerca-a como uma veste”. As águas são certo revestimento da terra, cercando-a e reco-brindo-a. Mas, uma vez, no dilúvio, este revestimento aumentou

tanto que cobriu tudo e ultrapassou as mais altas montanhas, subindo quase quinze côvados acima delas, conforme atesta a Escritura (Gn 7,20). É provável que este salmo se refira a esta época, ao dizer: “O abismo cerca-a como uma veste”.

1 Cartago.

7 “Sobre as montanhas se elevarão as águas”, a saber, a veste da terra, o abismo, aumentou tanto que as águas subiram acima das montanhas. Lemos que assim aconteceu no dilúvio, conforme disse acima. De que tempo falava o profeta? Narrava-nos fatos passados, ou prenunciava eventos futuros? Mas, se contasse fatos passados, não diria: “Sobre as montanhas se elevarão as águas”, e sim: Sobre as montanhas as águas se elevaram. Costumam as Escrituras usar o tempo passado em lugar do futuro. Lemos freqüentemente que o Espírito prevê os eventos futuros como já realizados. Daí vem a passagem de outro salmo que todos conhecemos bem, porque parece que se lê do evangelho: “Transpassaram-me as mãos e os pés. Contaram todos os meus ossos. Sobre a minha túnica lançaram sortes” (Sl 21,17-19). São mencionados como fatos realizados, enquanto, de fato, ainda eram futuros. Mas, o que conseguimos com nossa aplicação? Que podemos com tanto trabalho? Ou que tempo dar-lhe para podermos afirmar com certeza: assim é? Percebem que os profetas freqüentemente usam o pretérito para exprimir fatos futuros; mas que empreguem o futuro pelo pretérito, não é tão fácil ao leitor encontrá-lo. Não ouso afirmar: não é. Mas, sem dúvida apontei aos estudiosos das Escrituras o que devem pesquisar. Se encontrarem e nô-lo comunicarem, ficaremos gratos, nós, velhos ocupados, à diligência dos jovens que têm tempo; e aprenderemos algo de seu ministério. Não o menosprezamos, uma vez que Cristo nos ensina através de todos. Então, diz o salmista: “Sobre as montanhas se elevarão as águas”. O profeta, cuidando de predizer o futuro e não de narrar fatos passados, assim se expressou, porque a Igreja haveria de se achar no dilúvio das perseguições. Houve uma época em que a terra de Deus, a Igreja de Deus estava imersa nas águas das perseguições; de tal forma imersa que não apareciam nem os grandes, que são os montes. Se eles, em toda parte, fugiam, como não haveriam de desaparecer? Talvez parta daquelas águas esta voz: “Salva-me, ó Deus, porque as águas penetraram até a minha alma” (Sl 68,2). Especialmente as águas dos mares, procelosas, sem utilidade. As águas marinhas se recobrem uma terra qualquer, não a fecundam; ao contrário, esterilizam. Com efeito, os montes estavam debaixo das águas, pois estas os ultrapassavam. Os povos resistiam à autoridade dos que em toda parte anunciavam com fortaleza a palavra de Deus. A estes recobriam as águas, elevavam-se sobre eles, diziam: Oprime, oprime. E eram oprimidos. Extingue, não apareçam mais. Assim falavam, e prevaleciam contra os mártires. Os cristãos fugiam em todas as partes. Os apóstolos se ocultavam, fugindo. Por que eles se ocultavam e fugiam? Porque sobre as montanhas se elevavam as águas. Era grande a violência das águas. Mas até quando? Escuta os versículos seguintes.

8 7 “Diante de tua ameaça fugirão”. E assim se fez, irmãos; diante da ameaça de Deus as águas fugiram, isto é, desistiram devido à resistência dos montes. Temos agora os montes: Pedro e Paulo. Como se elevam! Eram anteriormente oprimidos pelos

perseguidores e agora são venerados pelos imperadores. As águas fugiram diante das ameaças de Deus, porque o coração do rei está na mão de Deus; este, segundo o seu querer, o inclina (cf Pr 21,1). Ele ordenou que a paz fosse dada aos cristãos. Brilhou e prevaleceu a autoridade apostólica. Porventura quando as águas se elevaram, diminuira a grandeza das montanhas? Todavia, meus irmãos, diante da ameaça de Deus as águas fugiram, a fim de que todos vissem a elevação dos montes, desses montes através dos quais veio a salvação ao gênero humano, pois: "Ergui os olhos para os montes, para ver de onde me viria o auxílio" (Sl 120,1). "Temerão o ribombo do trovão". Quem agora não se atemoriza diante da voz de Deus através dos apóstolos, da voz de Deus, através das Escrituras, de suas nuvens? O mar está em bonança, as águas temeram, os montes estão despojados, o imperador deu ordens. Mas quem daria ordens, se Deus não fizesse trovejar? Uma vez que Deus o quis, os imperadores ordenaram, e tudo se fez. Por conseguinte, ninguém se vanglorie de coisa alguma. As águas temeram "o ribombo do trovão". Pois, no momento que Deus determinou, as águas fugiram para não pesarem sobre os montes. Antes disso, porém, os montes mantiveram-se firmes sob as águas.

9 8.10 "Elevam-se os montes e sulcam-se as planícies nos lugares que lhes fixaste". Ainda trata das águas. Não imaginemos que o salmista aqui fala de montes de terra, nem de campos terrenos; refere-se a ondas tão altas que são comparadas a montanhas. Outrora agitou-se o mar, e seus vagalhões pareciam montanhas, que recobriam aqueles outros montes, os apóstolos. Mas por quanto tempo elevaram-se os montes e sulcaram-se as planícies? Os perseguidores enfureceram-se e acalmaram-se. Enquanto enfurecidos eram montes; aplacados, tornaram-se planícies, nos lugares que Deus lhes fixou. Há um desfiladeiro, muito profundo, onde de certo modo se refugiam os corações enfurecidos dos mortais. Quantos existem agora salgados e amargos, embora quietos? Quantos são os que não querem tornar-se suaves? Quais são os que não querem ser mansos? Os que ainda não querem acreditar em Cristo. E apesar de serem muitos os que ainda não acreditam, que faz à Igreja? Outrora eram montes, agora são planícies; no entanto, meus irmãos, o mar em calmaria é ainda mar. Por que, então, agora não maltratam? Por que não se iram? Por que não entram em ação? Se não podem arruinar a nossa terra, certamente podem recobri-la. Por que não o fazem? Escuta: "Assinalaste limites que não transporão, nem voltarão a cobrir a terra".

10 Que acontece então, uma vez que as ondas tão amargas têm seus limites de tal modo que nos é lícito até pregar livremente estas palavras? Se lhes foi assinalado o devido termo e não podem ultrapassar os limites marcados, nem voltar a cobrir a terra, que sucede à própria terra? Que se opera na terra, de onde o mar recuou? Embora às suas margens ressoem tênues ondas, embora os pagãos ainda murmurem, ouço o som na praia, mas não te-nho receio de inundação. Que, então, acontece na terra? "Fazes brotar fontes nos vales". Diz o salmo: "Fazes brotar fontes nos vales". Sabeis que vales são os lugares da terra em depressão. Pois as colinas e montanhas se contrapõem aos vales. Colinas e montanhas são as elevações da terra; vales são as depressões. Não desprezes os lugares baixos; ali brotam as fontes: "Fazes brotar fontes nos vales". Escuta como fala

um monte; diz o Apóstolo: “Trabalhei mais do que todos eles”. Fala de certa grandeza; imediatamente, porém, a fim de que brotem as águas, apresenta-se como um vale: “Não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10). Não é paradoxo asseverar que os montes são também vales. São denominados montes em vista de sua grandeza espiritual e vales por causa de sua humildade de espírito. “Não eu”, diz ele, “mas a graça de Deus que está comigo”. “Não eu”, trata-se do vale; mas “a graça de Deus que está comigo”, é a fonte. “Fazes brotar fontes nos vales”. Acerca do Espírito foi dito aquilo que mencionei há pouco: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, de seu seio jorrarão rios de água viva. Ele falava do Espírito que deviam receber os que nele cressem” (Jo 7,37-39). Vejamos se são vales, de tal sorte que brotem fontes nos vales. Ouve o que diz o profeta: “Sobre quem repousará o meu Espírito, senão sobre o humilde e quieto, sobre aquele que treme diante da minha palavra”? (Is 66,2). Que significa: “Sobre quem repousará o meu Espírito, senão sobre o humilde e quieto?” Quem terá a minha fonte? O vale.

11 “Entre as montanhas deslizarão as águas”. Até aqui o leitor pronunciou as palavras do salmo. Até aqui baste a V. Caridade. Exporemos isto e em nome de Deus terminaremos o sermão. Que quer dizer: “Entre as montanhas deslizarão as águas?” Ouvimos a explicação de que montes são os grandes pregadores da palavra, sublimes mensageiros de Deus, embora ainda na carne mortal. São excelsos não por sua virtude, mas pela graça de Deus. Em si mesmos são vales, e humildemente neles brotam as fontes. “Entre as montanhas deslizarão as águas”. Consideremos que foi dito o seguinte: Entre os apóstolos passarão os pregadores da palavra da verdade. Que significa: No meio dos apóstolos? O que é intermediário é comum a dois. Um bem intermedio é um bem comum, de onde todos haurem igualmente para viver, e não me pertence; nem te pertence, nem a mim. Por isso, falamos de igual modo a respeito de alguns: Têm paz entre si, têm fidelidade entre si, entre si têm caridade. Sem dúvida, assim nos exprimimos. Que significa: Entre si? No meio deles. Que quer dizer? No meio deles? É comum a todos eles. Escuta as águas no meio dos montes. A fé lhes era comum; ninguém considerava as águas como próprias e suas. Se as águas não correm pelo meio, são de certo modo privadas e não fluem publicamente. Tenho as minhas próprias águas, ele tem as suas; não existem águas entre nós, de tal sorte que eu e ele as possuamos. Mas, uma pre-gação desta espécie não é pacífica. Ao invés, a fim de que as águas deslizem entre as montanhas, escuta a voz do monte: “O Deus da paz vos conceda terdes os mesmos sentimentos uns para com os outros” (Rm 5,15), e ainda: “Guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja divisões entre vós” (1Cor 1,10). Tu pensas como eu: entre nós passam as águas: não tenho bem particular, nem tu. A verdade não me seja própria, nem a ti, de tal modo que seja tua e minha: “Entre as montanhas deslizarão as águas”. Escuta o próprio monte, conforme disse, porque “entre as montanhas deslizarão as águas”. “Por conseguinte, tanto eu como eles, eis o que pregamos. Eis também o que acreditastes” (1Cor 15,11). Disse com segurança: “Tanto eu como eles, eis o que pregamos. Eis também o que acreditastes”. Entre as montanhas deslizavam as águas. Nenhuma discórdia entre os montes a respeito das águas; mas havia

a paz da concórdia e a sociedade da caridade. Se alguém quisesse pregar algo diferente, pregaria do que é seu e não do que havia no meio deles. E escuta como se exprime a respeito desse dissidente aquele que fez brotar as fontes nos vales: “Quando ele mente, fala do que lhe é próprio” (Jo 8,44). Por esta razão, a fim de evitar que alguém acolhesse um monte que faz brotar águas de si mesmo, e não da parte intermediária, diz o Apóstolo: “Se alguém vos anunciar um evangelho diferente do que recebestes, seja anátema”. E vê como não quis ter presunção acerca do monte, a fim de que o monte não se aparte das águas que correm pelo meio, querendo que flua algo de próprio. “Se alguém, ainda que nós mesmos”. E que importância tinha o monte que assim falou! Com que abundância a água fluía de seu vale! Contudo, queria que corresse no meio dos montes, e ali se tornasse segura a fé dos povos, porque mantinham entre si a fé que havia entre os apóstolos e lhes era comum. “Ainda que nós”, diz ele. E tu, Paulo, podes pregar algo de diferente? Trata-se aqui de Paulo. Ouve como continua ele: “Ainda que nós mesmos ou um anjo do céu anunciar um evangelho diferente do que recebestes, seja anátema” (Gl 1,9.8). Se vier um monte a anunciar um evangelho diferente, seja anátema; se vier um anjo a anunciar um evangelho diferente, seja anátema. Por que isto? Porque quer águas que brotam particularmente e não da parte intermediária. Pode ser que um homem carnal, perturbado por uma névoa, depois de deixar a fonte comum, e estando reduzido à sua própria falsidade, assim aja. Mas e um anjo? Na verdade um anjo? Se um anjo, no paraíso, fazendo brotar as águas do que lhe era peculiar, não tivesse sido ouvido, não nos precipitaríamos na morte. Fora apresentada aos homens a água que brotava do meio, o preceito de Deus; água do meio, água de certo modo pública, conforme disse a V. Caridade, água genuína, sem mancha, sem lodo. Se o homem sempre tivesse bebido desta água, viveria para sempre. Aproximou-se o anjo que caíra do céu, que se tornara serpente, porque desejava insidiosamente inocular seu veneno. Inoculou-o, falou de seu próprio fundo, do que era seu; porque “quando ele mente, fala do que lhe é próprio”. E os infelizes homens, ouvindo-o, abandonaram o que era comum, e que os fazia felizes. Reduzidos ao que lhes era próprio, querendo perversamente ser semelhantes a Deus (pois o diabo lhes dissera: Comei, “e vós sereis como deuses” (Gn 3,5), e apetecendo o que não eram, perderam o que haviam recebido. Por conseguinte, irmãos, o que dissemos a V. Caridade, acerca das fontes, sirva para o seguinte; que brotem de vós, sede vales, e partilhai com todos o que recebeis de Deus. As águas corram pelo meio. Não tenhais inveja de outrem. Bebei, saturai-vos; depois de saciados, manai. As águas comuns de Deus em toda parte tenham a glória, não as peculiares mentiras dos homens.

III SERMÃO

1 V. Caridade se lembra de que somos devedores, quanto à explicação das restantes partes deste salmo. Não preciso estimular vossa atenção por outro prêmio. Vejo-vos atentos com grande vivacidade para entenderdes os mistérios da profecia. Minha palavra

não precisa despertar a atenção daqueles que o Espírito Santo já despertou. Façamos então o que é mais urgente. Já falamos das fontes que brotam nos vales, e das águas que correm entre as montanhas. Falamos até aqui. Vamos expor de agora em diante o que segue.

2 11 Efetivamente, continua o salmo: "Delas beberão todos os animais do campo". De onde beberão? Das águas que deslizam entre as montanhas. De que se desaltara-rão? Das fontes que brotam nos vales. Que animais hão de beber? Os animais do campo. De fato, verificamos isto na natureza. Os animais do campo bebem das fontes e dos rios que correm entre as montanhas. Mas tendo sido do beneplácito de Deus esconder sob essas figuras sua sabedoria, que, no entanto, não se furta dos esforçados, que se abre para aqueles que batem à porta, mas se fecha aos negligentes, aprouve também ao mesmo Deus, Senhor nosso, que vos exortássemos a que procuremos em todas essas coisas que se dizem das criaturas corporais e visíveis, algo de espiritual nelas oculto, que nos alegre com sua descoberta. Entendemos que animais do campo são os gentios; muitas passagens das Escrituras o atestam. Todavia, ocorrem-nos dois exemplos particularmente evidentes. Na arca de Noé, que indubitavelmente figura a Igreja, não seriam encerrados todos os gêneros de animais (cf Gn 7,2.14), senão para significar, na unidade do agregado, todas as gentes. A não ser que imaginemos a terra que os produzisse, se o dilúvio os eliminasse totalmente, que Deus não teria poder de ordenar aquilo que ele anteriormente produzira por sua palavra (Gn 1,24). Por isso, não foi sem razão, nem temerariamente, nem por alguma indigência ou falta de poder da parte de Deus que ele ordenou fossem aqueles animais encerrados na arca. Efetivamente, veio depois o tempo (e já devemos acres-centar o outro exemplo bem evidente), a ocasião oportuna para que se cumprisse na Igreja o que era prefigurado na arca, Pedro apóstolo, hesitando em dar o sacramento evangélico do batismo aos gentios incircuncisos; ou antes, não hesitando, mas opinando que absolutamente não devia ser dado, certo dia em que quis comer por estar com fome, subiu ao terraço para rezar. Todos os que lêem atentamente ou ouvem bem a Sagrada Escritura sabem que isso se encontra nos Atos dos Apóstolos. Enquanto rezava, adveio-lhe aquele arroubo de espírito que os gregos chamam de êxtase, isto é, a mente se alheia do hábito corporal de contemplar algo com os olhos, apartada das realidades presentes. Então viu certo objeto, uma espécie de toalha, presa pelas quatro pontas, descer do céu. Dentro havia de todos os animais, de todas as espécies de feras; e ele ouviu uma voz: "Pedro, imola e come". Ele, contudo, que fora instruído pela lei, crescera entre os preceitos judaicos, e observava os mandamentos de Deus, promulgados através de Moisés, tendo-os guardado fielmente por toda a vida, respondeu: "De modo nenhum, Senhor! Porque jamais comi coisa profana e impura!" Estão bem cientes, os que aprenderam as ciências eclesiásticas de que os judeus e a lei chamavam alguns alimen-tos profanos e imundos. E a voz replicou-lhe: "Não chames impuro o que Deus declarou puro". Isso se deu por três vezes. E foi recolhido aquele objeto vindo do céu, por três vezes (cf At 10,9-16). O prato dentro da toalha de quatro pontas representava as quatro partes da terra. Freqüentemente, a Escritura cita estas quatro partes: oriente e ocidente, norte e sul. E assim como todo o orbe seria convidado ao evangelho, foram

escritos quatro evangelhos. O objeto que desceu do céu por três vezes significa o que foi dito aos apóstolos: “Ide, portanto e batizai as nações em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). Daí se deduz, como já o sabeis, o número dos discípulos: doze. Não foi sem razão que o Senhor quis ter doze apóstolos; e de tal forma aquele número é sagrado que em lugar de um que caíra, apenas pôde ser escolhido outro. Por que doze apóstolos? Porque são quatro as partes da terra, e todo o orbe era chamado ao evangelho e por isso foram escritos quatro evangelhos e a terra inteira é chamada em nome da Santíssima Trindade, para que se congregue a Igreja. Quatro vezes três são doze. Por isso, não nos admiremos de que daquelas águas que correm entre as montanhas, daquela doutrina apóstolica que corre pelo meio devido à concórdia da comunhão, bebam todos os animais do campo. Pois, todos estavam na arca, todos no prato, e Pedro mata e come a todos. Porque Pedro é pedra, e pedra é a Igreja. Que é matar e comer? Matar o que eles eram, e ingeri-los. Tu dissuadiste um pagão de um sacrilégio: mataste o que era. Dando-lhe o sacramento de Cristo, incorporaste-o à Igreja; comeste.

3 Os próprios animais, portanto, bebem dessas águas; no entanto, de passagem; não de maneira permanente e sim de passagem. Com efeito, todo ensinamento ministrado na terra, passa. Daí dizer o Apóstolo: “Quanto a ciência, também desaparecerá. Quanto às profecias, desaparecerão”. Por que motivo elas desaparecerão? “O nosso conhecimento é limitado, e limitada é a nossa profecia. Mas, quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá” (1Cor 13,8-10). A menos que pense V. Caridade que na cidade da qual se diz: “Louva, ó Jerusalém, ao Senhor, louva a teu Deus, ó Sião. Porque ele reforçou os ferrolhos de tuas portas”, quando já estiverem reforçados os ferrolhos e as portas da cidade estiverem fechadas, e dela, conforme já dissemos anteriormente[1], não sair amigo algum, nem ali entrar qualquer inimigo, será lido um livro, ou pronunciado um sermão, como este que agora vos fazemos. Ora, agora expomos, a fim de que lá se realize; agora se divide por sílabas, para que lá seja contemplada a realidade total e integralmente. Ali não faltará a palavra de Deus; no entanto, não consistirá em letra, sons, códices, nem precisará de leitor ou expositor. Então, como será? Como “no princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus”. Não veio até nós para de novo se afastar, porque “ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele” (Jo 1,1.10). Tal é o Verbo que haveremos de contemplar. “Pois, aparecerá o Deus dos deuse em Sião” (Sl 83,8). Mas quando será? Depois de terminada a peregrinação, a nossa caminhada; mas isto se, depois de terminada esta, não formos entregues ao juiz para que nos lance no cárcere. Mas, se terminada nossa jornada, como esperamos e desejamos e nos empenhamos para que aconteça, chegarmos à pátria, lá contemplaremos o que sempre haveremos de louvar. Ali não nos faltará o que nos for apresentado, nem desfaleceremos nós que disto fruirmos. Não se enfastiará aquele que comer, nem faltará o alimento. Aquela contemplação será grande e admirável. E quem poderá falar dignamente dela no tempo em que as águas deslizam entre as montanhas? Neste intervalo de tempo, que as águas deslizam entre as montanhas, que elas passem. Enquanto as águas correm, durante nossa peregrinação, bebamos a fim de não perecermos no caminho por causa da sede.

“Delas beberão todos os animais do campo”. De onde viestes, da floresta fostes apanhados. E em que floresta? Ninguém por ali passava, porque nenhum profeta havia sido enviado. Mas, para a construção da arca foram cortadas madeiras da floresta. Viestes do lugar onde havia madeira e feras. Portanto, bebei. “Beberão todos os animais do campo”.

4 “E os asnos selvagens com elas apagarão a sua sede”. Os asnos selvagens são animais corpulentos. Quem não sabe que onagros são os asnos selvagens? Alguns maiores são indômitos. Os povos, de fato, não tinham jugo de lei alguma. Viviam muitos povos segundo seus próprios costumes, vagando como no deserto, em sua soberba e jactância. Na verdade, todas as feras são assim, mas o salmista fala em asnos selvagens por causa de seu tamanho. Eles também beberão quando com sede; pois, também para eles correm aquelas águas. Delas bebem as lebres e os asnos selvagens. A lebre é pequena e o asno grande; a lebre é tímida e o asno feroz. Ambos bebem ali, mas cada um conforme “sua sede”. A água não diz: Basto para a lebre, e repele o asno; nem diz: Aproxime-se o asno, e se a lebre se acercar, será apanhada. Ela corre de maneira tão clara e moderada que sacia o asno selvagem, sem atemorizar a lebre. Ressoa o estrépido da voz de Túlio, lê-se Cícero, um livro ou diálogo, seja dele, seja de Platão, ou de qualquer outro de tais escritores; ouvem os indoutos, os fracos de menos inteligência; quem ousa ali aspirar? Fragor das águas, e muito perturbadas. Certamente, no entanto, a correr tão impetuosamente que um animal tímido não ousa aproximar-se para beber. Quem ouve: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1), e não ousa beber? Quem escuta um salmo e diz: É difícil demais para mim? Eis que agora ressoa o salmo. Certamente, há mistérios ocultos.Todavia, ressoa de tal modo que as crianças gostam de ouvi-lo; os ignorantes se aproximam para beber, e saciados irrompem em salmodia. Bebem, portanto, os animais menores e maiores; mas os maiores com maior capacidade, porque “os asnos selvagens com elas apagarão a sua sede”. Bebam os menores, aos quais foi dito: “E vós, maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja. As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos” (Ef 5,25.24). Bebam os menores. Ao Senhor foi feita a pergunta: “É lícito repudiar a própria mulher por qualquer motivo que seja”? O Senhor proíbe-o, dizendo que não é lícito. Respondeu: “Não lestes que desde o princípio o criador os fez homem e mulher? O homem não separe o que Deus uniu”. Em seguida, acrescentou: “Aquele que repudiar sua mulher — exceto por motivo de fornicação, (converte-a em adúltera) — se desposar outra comete adultério” (Mt 19,3.4.6). O Senhor confirmou o vínculo; é isto que convém a quem está ligado; cuidasse anteriormente de não se casar. “Estás ligado a uma mulher? Não procures romper o vínculo. Não estás ligado a uma mulher? Não procures mulher” (1Cor 7,27). Se ainda não és asno selvagem e não estás ligado a mulher, podes beber como a lebre; e se tomares mulher, não pecas. Os discípulos, porém, ao ouvirem o Senhor pronunciar que não é lícito de forma alguma, exceto por motivo de fornicação, separar os cônjuges, responderam: “Se é assim a condição do homem em relação à mulher, não vale a pena casar-se”. E o Senhor acrescentou: “Nem todos são capazes de compreender esta palavra” (Mt 19,10.11). Ora, é verdade o que dizeis, porque se tal é a condição do

homem relativamente à mulher, não vale a pena casar-se; mas, então, somente os asnos selvagens hão de beber? Nem todos são capazes de compreender esta palavra, muitos não a compreendem. E quais são os que a compreendem? “Os asnos selvagens com elas apagarão a sua sede”? Que quer dizer: “Os asnos selvagens com elas apagarão a sua sede? Quem tiver capacidade para compreender, compreenda” (Mt 19,12).

5 12 Continuando, diz o salmo em seu contexto: “Acima delas aninham-se as aves do céu”. Acima de quê? Dos asnos, ou antes, dos montes? O sentido se revela nestes versículos: “Entre as montanhas deslizarão as águas. Delas beberão todos os animais do campo e os asnos selvagens com elas apagarão a sua sede. Acima delas aninham-se as aves do céu”. É mais conveniente entendermos: acima dos montes, porque isto assemelha-se ao que se vê na natureza; assim entenderíamos, se fôssemos necessariamente obrigados a isso. Sobre os montes as aves podem aninhar-se; sobre os asnos, não. Por conseguinte, as aves do céu aninhar-se-ão sobre os montes. Vemos que estas aves aninham-se nos montes; mas muitas delas aninham-se nos campos, muitas nos vales, muitas nos bosques, muitas nos jardins; nem todas, pois, nos montes. Há certas aves que moram somente nos montes. Figuram as almas espirituais. Aves são os corações espirituais, que fruem da liberdade dos ares. Estas aves fruem da serenidade do céu, contudo encontram seu sustento nos montes; lá habitam. Sabeis quais são os montes; já o explanamos. Montes são os profetas, montes os apóstolos, montes todos os pregadores da verdade. Quem quiser ser espiritual, habite ali; não divague em seu coração; habite, atravesse voando. Temos, então, as aves a figurarem algo de espiritual. Não foi sem razão que foi dito: “Renovar-se-á, como a da águia, a tua juventude” (Sl 102,5). Tem determinado sentido o que foi dito de Abraão: “Entretanto, não partiu as aves”. Abraão naquele sacrifício assaz misterioso ofereceu três animais: uma vaca, de três anos, um cordeiro de três anos, uma cabra de três anos, uma rola e um pombinho. Dividiu o cordeiro e colocou uma parte em face da outra; dividiu a cabra e colocou metade em face da outra; dividiu a vaca, e fez o mesmo com a sua carne; e acrescenta a Escritura: “Entretanto, não partiu as aves”. Além disso, diz-se que o cordeiro era de três anos, a vaca de três anos; a cabra de três anos; não se fala, porém, da idade das aves. Qual o motivo, pergunto-vos, senão porque as aves representam homens espirituais, cuja idade temporal se omite, porque meditam as realidades eternas e ultrapassam todas as realidades temporais pelo desejo e o intelecto? O homem espiritual julga a respeito de tudo e por ninguém é julgado (cf 1Cor 2,15); por isso, somente eles não se separam em heresias e cismas. O cordeiro representa os chefes sob o jugo da lei, sob a qual labutava. A cabra figura a Igreja dos gentios; ela saltava livremente e nutria-se da amarga oliveira silvestre. Estes animais tinham três anos, porque a graça se revelou na terceira época. A primeira foi antes da lei; a segunda, em que a lei foi promulgada; a terceira, a atual, em que se anuncia o reino dos céus. Por que dizemos que o cordeiro não se divide? Acaso os bispos não foram fautores de cismas e heresias? De fato, se o próprio povo não se dividisse, isto é, se a vaca não fosse partida, nem a cabra, talvez se envergonhassem de suas divisões e voltassem à união. Dividem-se os chefes, dividem-se os povos, como se um cego guiasse outro cego e ambos caíssem numa cova; são colocados um diante do

outro. “Entretanto, não partiu as aves” (cf Mt 15,14). Os espirituais não sofrem divisão, não planejam cismas. Têm a paz em si, e conservam-na nos outros à medida que podem; e quando ela falta nos outros, eles a mantêm em si mesmos. “E se lá houver um homem de paz, a vossa paz irá repousar sobre ele; se não, voltará a vós” (Lc 10,6). Se ele não é de paz, quis dividir, tua paz voltará a ti, porque não partiu as aves. Virá também o fogo; pois, Abraão sentou-se ali até a tarde, e apoderou-se dele grande pavor como do dia do juízo. Aquela tarde representa o fim do mundo e a fogueira o dia do juízo futuro. Também o fogo dividiu, ao passar pelo meio das partes (Gn 13,9-17). Se o fogo passou pelo meio, separou uma parte para a direita e outra para a esquerda. Existem, de fato, alguns que são carnais, e contudo estão contidos no grêmio da Igreja, vivendo a seu modo. Receamos que estes sejam seduzidos pelos hereges; pois, enquanto são carnais são divisíveis. “Entretanto, não partiu as aves”. Os carnais são divisíveis. “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais”. E como provar que os carnais se dividem? Prossegue: “Cada um de vós diz: Eu sou de Paulo! ou Eu sou de Apolo! ou Eu sou de Cefas! Não sois carnais, não procedeis de maneira meramente humana? Peço-vos, irmãos, ouvi e tirai proveito; deixai de ser carnais e começai a ser rola e pombinho: “Entretanto, não partiu as aves”. Ora, quem permanecer assim, segundo certo estilo de vida conveniente aos carnais, sem se apartar do grêmio da Igreja, nem se deixar seduzir pelos hereges (sendo dividido e indo para a parte contrária), virá o fogo, contudo não poderá ser colocado à direita a não ser passando através do fogo. Mas, se não quiser suportar o fogo, procure tornar-se rola e pomba. Quem puder compreender, compreenda. Se, porém, ele não for assim, e “sobre esse fundamento construir com madeira, feno ou palha”, isto é, se edificar sobre o fundamento de sua fé com amores mundanos, no entanto, tem a Cristo por fundamento de tal forma que isto ocupe o primeiro lugar em seu coração e nada lhe é preferido, seja levado, seja suportado esse tal, porque virá o fogo e queimará a madeira, o feno e a palha. “Ele será salvo, mas como que através do fogo” (1Cor 1,12.13; 3,1-15). Esta é a ação do fogo: separará alguns à esquerda e outros segregará à direita. “Entretanto, não partiu as aves”. Mas cuidem as aves de serem tais que possam habitar nos montes; não devem seguir a elevação de seus corações, a respeito da qual foi dito: “Investem com a boca contra o céu” (Sl 72,9). Não sejam arrastadas pelos ventos; repousem nos montes. Elas estão sob a autoridade dos santos; descansem nos montes, nos apóstolos, nos profetas. Ali habitem tais aves, porque nos montes encontram-se pedras, bases dos preceitos. Como existe aquela única pedra, Cristo Verbo de Deus, há muitas palavras de Deus, muitas pedras, e estas nos montes. Considera como as aves ali se aninham: “Acima delas aninham-se as aves do céu”.

1 Cf Com s/ salmos 84, 12, 14; 147, 9, 13

6 Mas, não penses que estas aves do céu se apoiem em sua própria autoridade. Verifica o texto do salmo: “Do meio dos rochedos emitirão seu canto”. Se agora eu vos dissesse: Acreditai nisso porque assim falou Cícero, assim disse Platão, assim afirmou Pitágoras, quem de vós não haveria de rir-se de mim? Pois, seria ave que não emitiria minha voz do

meio dos rochedos. Que me deve responder qualquer um de vós? Que me deve replicar quem tiver sido instruído? “Se alguém vos anunciar um evangelho diferente do que recebestes, seja anátema” (Gl 1,9). Que me dirias de Platão, de Cícero, de Virgílio? Tens diante de ti as pedras dos montes, do meio dos rochedos emite-me teu canto. “Do meio dos rochedos emitirão seu canto”. Sejam ouvidos aqueles que escutam as palavras emitidas dentres os rochedos; sejam ouvidos, porque na voz daquelas muitas pedras se ouve a da pedra: “E essa rocha era Cristo” (1Cor 10,4). Sejam, portanto, ouvidas de bom grado, porque do meio dos rochedos emitem seu canto. Nada de mais suave do que o canto dos pássaros. Eles soam e as pedras ressoam. Eles soam, disputam os homens espirituais; ressoam as pedras, respondem os testemunhos da Escritura. Eis de onde as aves, no meio dos rochedos, emitem seu canto; pois, aninham-se nos montes.

7 13 Os próprios montes e aqueles rochedos, de onde emitem as vozes? A fim de sermos irrigados pelas Sagradas Escrituras, refugiamo-nos junto do apóstolo Paulo. E ele, de onde tira? Vamos a Isaías. E Isaías, de onde? “Do alto regas os montes”. Por exemplo, se nos procurar um gentio incircunciso, que quer acreditar em Cristo, damos-lhe o batismo, sem exigir dele as obras da lei. E se um judeu nos interrogar por que agimos assim, emitimos palavras do meio dos rochedos, do seguinte modo: Assim agiu Pedro, assim agiu Paulo. Emitimos nossa voz do meio dos rochedos. De fato, aquela pedra, Pedro, grande montanha, enquanto rezava e teve aquela visão, era irrigado do alto. O apóstolo Paulo diz aos gentios: “Se vos fizerdes circuncidar, Cristo para nada vos servirá” (Gl 5,2). Assim se exprime Paulo, qual montanha; assim dizemos nós, emitindo a voz do meio dos rochedos. Irrigue o Senhor a pedra do alto. Pois, enquanto esse rochedo era ainda áspero pela infidelidade, o Senhor, querendo regá-lo do alto a fim de que as águas corressem no vale, clamou: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Ele não lhe fez a leitura de um profeta, não o fez ouvir outro apóstolo, pois aquela grande montanha teria desprezado tudo isso; mas regou-o do algo, e logo que foi irrigado e já desejava manar, disse: Senhor, que queres que eu faça? (At 9,4.6). Vai àquele monte ou pedra, de onde possas emitir tua voz; adere a ele, e vê-lo-ás irrigado do alto, a manar para as partes inferiores. Escuta isso de outra passagem: “Se nos deixamos arrebatar como para fora do bom senso, foi por causa de Deus; se somos sensatos, é por causa de vós” (2Cor 5,13). Não podeis compreender a expressão: “Se nos deixamos arrebatar para fora do bom senso”; fomos arrebatados para fora de todos os bens carnais, e vós ainda sois carnais. Portanto, fomos arrebatados para Deus, e não podemos expressar o que vemos quando arrebatados. Pois, Paulo ali “ouviu as palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir” (2Cor 12,4). E então, perguntam os homens carnais, as lebres, nós não seremos irrigados? Nada chegará até nós? E como Deus faz brotar fontes nos vales? E como entre as montanhas deslizarão as águas? É relativo a isto a palavra: “Se somos sensatos, é por causa de vós”. Donde provém isto? A quem imitamos? Diz o Apóstolo: “A caridade de Cristo nos compele” (2Cor 5,13.14). Tu que és partícipe do Verbo, embora hoje sejas espiritual, eras ontem ainda carnal, menosprezas descer para junto dos carnais; e no entanto, o próprio Verbo se fez carne (Jo 1,14), para habitar junto de vós.

8 Bendigamos, portanto, ao Senhor, e louvemos àquele que rega os montes do alto. De lá, a irrigação atinge a terra, de lá também os lugares baixos se fartam, pois continua o salmo: "Do fruto de tuas obras fartar-se-á a terra". Que quer dizer: "Do fruto de tuas obras?" Ninguém se glorie de suas obras; mas aquele que se gloria, se glorie no Senhor (cf 1Cor 1,31). É saciado por tua graça quando é saciado; não diga que recebeu a graça devido a seus méritos. Se é denominada graça, é dada gratuitamente; se é paga das obras, é recompensa. Portanto, recebe gratuitamente, porque, sendo ímpio és justificado (cf Rm 4,4.5). "Do fruto de tuas obras fartar-se-á a terra".

9 14 "Produzes o feno para os jumentos e as plantas úteis aos homens". É verdade. Vejo isso, reconheço-o na criação: a terra produz feno para os jumentos e as plantas úteis aos homens. Mas verifico que há outros jumentos do Senhor que são representados pelas palavras: "Não amordaçarás o boi que tritura o grão"; e diz o próprio jumento: "Acaso Deus se preocupa com os bois?" Efetivamente, é por nossa causa que a Escritura fala assim. Como, então, a terra produz feno para os jumentos? Porque "o Senhor ordenou àqueles que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho" (1Cor 7,7-19). Enviou pregadores e lhes disse: "Comei o que vos servirem. Pois, o operário é digno do seu salário" (Lc 10,7.8). Tendo dito: "Comei o que vos servirem", para não obter a resposta: Seremos indesejáveis às mesas dos outros quando estivermos necessitados; queres que sejamos tão ousados? Não, replicará ele, isso não é uma dádiva dos outros, mas o vosso salário. Salário de quê? O que dão? O que recebem? Dão bens espirituais, e recebem bens materiais; dão ouro e recebem feno. "Toda carne é feno e toda a sua graça é como a flor do campo" (Is 40,6). Todos os bens temporais supérfluos e superbundantes que possuis são feno para os jumentos. Por quê? Porque são carnais. Ouve de quais jumentos são feno. "Se semeamos em vosso favor os bens espirituais, será excessivo que colhamos os vossos bens materiais?" Assim pergunta o Apóstolo, o pregador tão trabalhador, tão ativo, tão exercitado que leva o feno para toda a terra. Diz ele: "Não me vali de nenhum desses direitos". Mostra que tinha esse direito, mas não o utilizou; contudo não condena os que aceitaram o que lhes era devido. Seriam condenáveis os que exigissem o que não lhes cabia e não os que recebessem seu salário; ele, porém, abriu mão até de seu salário. Se alguém te perdoou algo, nem por isso deixas de devê-lo a outro; do contrário não serias terra irrigada que produz feno para os jumentos. "Do fruto de tuas obras fartar-se-á a terra. Produzes o feno para os jumentos". Não sejas estéril. Produz feno para os jumentos. Se os jumentos não aceitam teu feno, entretanto não te encontrem estéril. Recebes bens espirituais, paga com carnais, que são devidos aos soldados. Dá ao soldado porque és provedor de Cristo[1]. "Quem vai alguma vez à guerra com seus próprios recursos? Quem planta uma vinha e não come do seu fruto? Quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho?" Não digo isso para agirem assim para comigo. O Apóstolo foi um soldado que até dispensava ao provedor de lhe fornecer seu sustento; todavia o provedor forneça o alimento. Direi a este respeito mais; são jumentos: "Não amordaçarás o boi que tritura o grão. Produzes o feno para os jumentos", e de certo modo explica a expressão, acrescentando: "e as plantas úteis aos homens". A fim de entenderes o que foi dito: "Produzes o feno para os jumentos" expôs,

repetindo o anterior. Acima dissera: “feno”, em seguida: “planta”. Tendo dito: “para os jumentos”, aqui traz: “úteis para os homens”. Para o serviço dos homens e não para a liberdade. Por que então: “Vós fostes chamados à liberdade?” Mas entende às palavras do mesmo Apóstolo: “Ainda que livre em relação a todos, fiz-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (1Cor 9,7-19). E qual o motivo por que aos mesmos aos quais dissera: “Vós fostes chamados à liberdade”, acrescentou: “Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto para a carne, mas, pela caridade, ponde-vos a serviço uns dos outros”? (Gl 5,13). Apresenta como escravos aqueles que mostrara como livres; não por condição, contudo pela redenção operada por Cristo; não por necessidade, mas por caridade: “Ponde-vos a serviço uns dos outros”, diz ele, “pela caridade”. Mas responde alguém: Por Cristo, servi-mo-nos mutuamente; não ao povo, não aos carnais, não aos fracos. Efetivamente, serves a Cristo, se serves àqueles aos quais Cristo serviu. Dele não foi dito que serviu bem a muitos? Isso se lê no profeta; costuma-se aplicar isso somente a Cristo. Ouçamos, contudo, propriamente e do evangelho a sua voz: “Aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve” (Mt 20,27). Aquele que por seu sangue te fez livre, tornou-te meu servo. Dizei-nos isto, porque é verdade. Ouve como o Apóstolo fala em outra passagem: “Apresentamo-nos como vossos servos por causa de Jesus” (2Cor 4,5). Amai, de fato, vossos servos, mas em vosso Senhor. Que ele nos conceda servirmos bem. Pois, queiramos ou não, somos servos; entretanto se o somos voluntariamente, não servimos obrigados, mas por caridade. Pois, de certo modo parecia uma soberba apaixonada a de seus servos, quando o Senhor lhes dizia: “Aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve”. Ora, os filhos de Zebedeu desejavam tronos elevados; um queria sentar-se à direita, outro à esquerda, servindo-lhes a mãe de intermediária para manifestar seus desejos. O Senhor não lhes recusou os tronos, mas mostrou-lhes primeiro o vale de lágrimas, dizendo-lhes de certa maneira: Queres vir até onde eu estou? Vinde pelo mesmo caminho que eu. Que quer dizer: Vinde pelo mesmo caminho que eu? Pela humildade. Eu desci das sublimes alturas, e depois de humilhado subo. Encontrei-vos na terra, e quereis voar antes que vos alimentar. Primeiro nutri-vos, educai-vos, suportai o ninho. Que lhes disse? Como os chamou de volta à humildade, enquanto procuravam as alturas? “Podeis beber o cálice que estou para beber?” (Mt 20,22). E eles, ainda nisto soberbos, responderam: “Podemos”. Fizeram como Pedro: “Darei a minha vida por ti”. Varão forte, até que a criada lhe dissesse: “Ele estava com eles” (Mt 26,35.71). Assim, estes aqui: “Podemos”. Podeis? “Podemos”. Então lhes disse: “Sim, bebereis de meu cálice”, embora agora não sejais capazes, “bebereis”. Igualmente a Pedro: “Não podes seguir-me agora aonde vou, mas me seguirás mais tarde” (Jo 13,36). “Sim, bebereis de meu cálice. Todavia, sentar à minha direita e à minha esquerda, não cabe a mim concedê-lo”. (Mt 20,20-27). Que significa: “Não cabe a mim concedê-lo?” Não me compete dá-lo a soberbos. Vós, a quem falo agora, sois soberbos; por isso disse: “Não cabe a mim concedê-lo”. Mas talvez respondessem: Seremos humildes. Então, já não sereis vós. Eu disse: “a vós”. Não disse: Não darei aos humildes e sim: Não darei aos soberbos. Quem, contudo, de soberbo se torna humilde, já não será o que era.

10 Por conseguinte, os pregadores da palavra são jumentos e são servos. Produz a terra, se for irrigada, "o feno para os jumentos e as plantas úteis aos homens". É este o fruto, a fim de se poder realizar a palavra do evangelho: "a fim de que eles vos recebam nos tabernáculos eternos" (Lc 16,9). Nota o que podes fazer com o feno, o que comprar com quantia insignificante. "A fim de que eles nos recebam nos tabernáculos eternos". Eles vos recebam lá onde se acham. Por que assim sucede? Porque "quem recebe um justo na qualidade de justo, receberá a recompensa própria de justo. E quem recebe um profeta na qualidade de profeta, receberá a recompensa própria de profeta. E quem der, nem que seja um copo d'água fria, a um destes pequeninos, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa" (Mt 10,41-42). Que recompensa não perderá? Eles vos receberão nos tabernáculos eternos. Quem não se apressará? Quem não correrá velozmente? Se sois terra, inebriai-vos dos frutos das obras de Deus. Não digais: Não temos a quem beneficiar. Nossos pregadores, jumentos que trituram os grãos, homens que servem, não precisam do que é nosso. Procura, no entanto, a fim de que ninguém passe necessidade; enfim, mesmo os que de nada necessitam, encontrem em ti o que não quiserem receber. Ele receberá tua boa vontade e tu receberás a paz. Embora ele não procure a dádiva (cf Fl 4,17), procura o fruto. Procura, no entanto, para não suceder que alguém passe necessidade. E não digas: Se ele pedir, darei. Esperas, então, que ele peça? Alimentas o boi de Deus, como um mendigo de passagem? Dás ao que pede, porque está escrito: "Dá a quem te pedir" (Lc 6,30). E quanto ao que não pedir, como está escrito? "Feliz de quem entende o necessitado e o pobre" (Sl 40,2). Procura a quem dar: "Feliz de quem entende o necessitado e o pobre", que vai ao encontro de quem quer pedir. Se no meio de vós os soldados de Cristo sofrem indigência, a ponto de terem de pedir, cuidai de que não vos julguem, em vez de pedirem. Como, dizes, devo procurar? Sê curioso, sê prudente; prevê, verifica como cada um consegue sua subsistência, como se mantém, de onde tira seus recursos. Esta curiosidade não é repreensível. Serás uma terra que "produz feno para os jumentos e as plantas úteis aos homens". Sê curioso e entende o necessitado e o pobre. Um te procura para pedir; vá ao encontro de outro para que não precise pedir. Como foi dito acerca de quem te procura: "Dá a quem te pedir"; assim a respeito daquele que deves procurar foi dito: Segura a esmola em tua mão até achares um justo a quem dá-la. Ora, deve-se dar mesmo a estes pobres mendigos; Deus não proibiu dar-lhes esmolas, pois Cristo fala sobre eles: "Quando deres um festa, chama cegos, coxos, fracos, que não têm com que te retribuir. Serás, porém, recompensado na ressurreição dos justos" (Lc 14,13.14). Chama também a estes, alimenta-os; banqueteia-te com eles; alegra-te porque eles se saciam; eles, de teu pão e tu, da justiça de Deus. Nenhum de vós diga: Cristo mandou que se dê ao servo de Deus, mas não se dê ao mendigo. De forma nenhuma; é completamente ímpio quem fala assim. Dá-lhe e muito mais a ele. Pois, ele pede, e pela voz deves reconhecer a quem dar. Quanto menos pedir, tanto mais deves estar vigilante para ires ao encontro de quem vai pedir; ou talvez agora não suplique e um dia condene. Por isso, meus irmãos, sede curiosos nesta questão; encontrareis muitos servos de Deus na penúria, contanto que queirais encontrar. Mas, como vos agrada a desculpa: Não

sabíamos, por isso não encontrais.

11 O próprio Senhor tinha bolsa, onde guardava o necessário e possuía dinheiro para uso daqueles que o acompanhavam e para si mesmo. Ao dizer o evangelista: “Teve fome (Mt 4,2;21,18), não mentiu”. O Senhor quis ter fome por tua causa, para que não tenhas fome com aquele que se tornou pobre, quando era rico, para nos enriquecer com sua pobreza (cf 2Cor 8,9). Teve, portanto, bolsa; e foi narrado que certas mulheres religiosas o acompanhavam quando seus pés iam evangelizar, e que elas o serviam com seus bens. O evangelho as nomeia; entre elas havia a mulher de Cuza, procurador de Herodes (cf Lc 8,3). Vê o que se fazia. Futuramente viria Paulo que nada disso queria, e cedia tudo aos provedores. Mas, como muitos homens fracos haviam de querer isto, Cristo prefere fazer as vezes dos fracos. Paulo seria mais sublime que Cristo? Cristo é mais sublime, porque mais misericordioso. Cristo, vendo que Paulo não aceitaria auxílio, cuidou de não condenar os que recebessem, e deu em si exemplo aos fracos; da mesma forma, vendo como muitos estariam dispostos ao martírio e iriam para ele alegres, exul-tantes no meio dos sofrimentos, fortes, produzindo cem por um e maduros para o celeiro, enquanto outros eram fracos, e ele via que poderiam perturbar-se com a perspectiva da paixão, sem cederem contudo, mas antes conformariam sua vontade humana com a vontade do Criador, Cristo quis na paixão representá-los, dizendo: “A minha alma está triste até a morte!” e ainda: “Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice”. Mostrou o que haveria de dizer um homem fraco, mas em seguida ensinou o que ele devia fazer: “Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26,38.29), ó Pai. Como, pois na paixão, representou os fracos, prefigurando-os em seu corpo, porque são seus membros, não foi dito sem razão: “Teus olhos viram minha imperfeição. Em teu livro todos serão inscritos” (Sl 138,16), assim também assumiu a indigência, tendo bolsa, recebendo de certo modo salário que não exigiria, mas lhe seria oferecido. Zaqueu o recebeu em sua casa, e se alegrou (cf Lc 19,6). Quem foi beneficiado? Cristo, ou Zaqueu? Efetivamente, se Zaqueu não o acolhesse, não haveria onde ficar o criador do mundo? Ou se Zaqueu não o alimentasse, precisaria disso aquele que saciou tantos milhares de homens com cinco pães? Quando alguém acolhe um santo, o benefício não é para quem é acolhido, mas para quem acolhe. Por acaso, durante aquela fome, Elias não era alimentado? O corvo não lhe levava pão e carne, servindo a criatura ao servo de Deus? No entanto, foi enviado à viúva para receber alimento; e assim algo lhe foi ministrado, não como a um soldado, mas como a um provedor (cf 1Rs 17,6).

12 Por conseguinte, irmãos, falávamos a respeito de como alimentar os pobres. O Senhor tinha uma bolsa e disse a Judas que estava para traí-lo: “Faze depressa o que tens de fazer”. Não entendendo os outros porque lhe dissera isto, pensavam que Jesus lhe ordenara que desse algo aos pobres. Era ele que guardava a bolsa. Assim está escrito no evangelho (cf Jo 13,27-29). Poderiam imaginar isso se o Senhor não tivesse o costume de agir deste modo? Por conseguinte, daquilo que o Senhor recebia e guardava na bolsa, dava-se alguma coisa àqueles pobres que Deus ensinou não serem desprezíveis. Mas se não o desprezas, quanto mais não o deves fazer ao boi que tritura esta eira? Quanto mais

ao teu escravo? Talvez não precise de alimento, mas necessite de roupa. Não precisa de roupa, mas é possível que necessite de casa. Talvez levante uma igreja, ou faça um trabalho útil à casa de Deus. Ele espera que lhe dês atenção, que entendas o pobre e o necessitado. Tu, ao invés, terra dura como pedra, não irrigada, ou inutilmente irrigada, desculpas-te: Não sabia, não tinha conhecimento, ninguém me disse. Ninguém te disse! Cristo não cessa de dizer, o profeta diz continuamente: "Feliz quem entende o necessitado e o pobre". Não vês que teu prelado está com o cofre vazio, mas certamente vês elevar-se o edifício onde entrarás para rezar. Não está diante de teus olhos? A não ser, irmãos, que penseis que vossos superiores estão acumulando bens em tesouros. Conhecemos muitos que não entesouram, e passam diariamente necessidade, em que ninguém acredita. Também vós podeis descobri-los, se quiserdes, se olhardes ao redor de vós, se estiverdes vigilantes, a fim de produzirdes frutos. Disse o que pude, quanto pude. Penso que conheceis bem nossa situação; como diz o Apóstolo, não falamos isto para agirdes assim em relação a nós. Conceda-me Deus que não tenha falado em vão; conceda-me que sejais terra irrigada, não pedregosa, como os judeus, que mereceram receber os mandamentos em tábuas de pedra; mas sejais terra frutífera, terra irrigada que retribua ao agricultor. Eles mesmos, os judeus, de coração duro como pedra, figurado nas tábuas de pedra, pagavam o dízimo. Vós até gemeis, mas nada sai daí. Se gemeis, dai à luz; se estais em parto, dai à luz. Por que um gemido vão? Para que um gemido estéril? Doem as vísceras, e no interior nada há de nascer? "Do alto regas os montes, do fruto de tuas obras fartar-se-á a terra". Felizes os que fazem, felizes os que ouvem essas palavras e frutificam, felizes os que não exclamam em vão. "Do fruto de tuas obras fartar-se-á a terra. Produzes o feno para os jumentos e as plantas úteis aos homens". Para quê? "Para que retires da terra o pão". Que pão? O Cristo. De que terra? De Pedro, de Paulo, dos demais administradores da verdade. Escuta por que se fala em terra: "Trazemos, porém, este tesouro em vasos de argila, para que esse incomparável poder seja de Deus" (2Cor 4,7). Este é o pão que desceu do céu (cf Jo 6,41), de tal modo, contudo, que seja tirado da terra, ao ser pregado pela atuação corporal de seus servos. A terra produz o feno, para que o homem retire o pão da terra. Qual a terra que produz o feno? O povo piedoso, o povo santo. Para retirar o pão de que terra? A palavra de Deus, através dos apóstolos, dos ministros dos sacramentos de Deus, que ainda vivem na terra, ainda tendo um corpo terreno.

13 15 "E o vinho que alegra o coração do homem". Ninguém pense logo em embriaguez; ou antes, todos podem esperá-la. E teu cálice inebriante, como é excelente! (Sl 22,5). Não queremos dizer: Ninguém se inebrie. Inebriai-vos, mas vede como. Se vos inebria o cálice excelente do Senhor, revelar-se-á esta embriaguez em vossas obras, mostrar-se-á no santo amor da justiça, ver-se-á finalmente no arroubo de vossa mente, mas dos bens terrenos para o céu. "E o óleo que lhe faz brilhar o rosto". Vejo qual a terra e quanto fruto produzirá, se ela produzir o feno para os jumentos. Estes servos de Deus não vendem aquilo que dão. Não são comerciantes do evangelho. Dão gratuitamente o que gratuitamente receberam. Eles se alegram com vossas boas obras, pois elas são para vosso próprio proveito. Não procuram presentes, mas desejam ver os frutos. Que brilho

é este que o óleo traz à face? A graça de Deus, certo brilho que revela, conforme diz o Apóstolo: “Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito” (1Cor 12,7). Certa graça existente nos homens, notória aos outros e que concilia um amor santo, chama-se óleo, de brilho divino. E como esta graça apareceu de modo excelente em Cristo, todo o mundo o ama. Tendo sido desprezado quando estava na terra, agora é adorado por todos os povos: “Porque do Senhor é o Reino. E ele dominará os povos” (Sl 21,29). Nele existe tanta graça que muitos que nele não acreditam, louvam-no, dizendo, porém, que não querem acreditar nele, porque ninguém pode cumprir o que ele ordena. Sentem-se coagidos enquanto o louvam aqueles que antes o injuriavam, furiosos. No entanto, é amado por todos, por todos anunciado. Como foi ungido de maneira excelente, chama-se Cristo. Cristo deriva de ungido, de crisma. Em hebraico Messias, em grego Cristo, em latim Unctus, ungido; mas todo o seu corpo foi ungido. Todos, portanto, que aderem a ele recebem a graça, de tal sorte que o óleo lhes faz brilhar o rosto.

14 “E o pão que lhe sustenta as forças, o coração”. Que quer dizer isto, irmãos? Incita-nos a entender de que pão ele fala. Pois, o pão material fortifica o estômago, o ventre; existe outro pão que confirma o coração, porque é pão para o coração. O salmista já se referira a um pão, mais acima: “Para que retire da terra o pão”, mas não dissera que espécie de pão era este. “E o vinho que alegra o coração do homem.” Provavelmente já se trata do vinho espiritual, pois alegra o coração do homem. Mas, ainda pode se tratar do vinho material, porque os ébrios se mostram de coração alegre. Oxalá se alegrem e não briguem. Podes replicar-me: Quem está mais contente do que o ébrio? Ou antes, que de mais louco do que o ébrio? E muitas vezes, quem mais colérico? Ora, existe outro vinho que verdadeiramente alegra o coração, e não faz outra coisa senão alegrá-lo. Mas, não consideres que este vinho deve ser entendido como sendo espiritual e o pão não. Expôs o próprio salmista que o pão é também espiritual, nesses termos: “E o pão que lhe sustenta as forças, o coração”. Interpreta, portanto, o pão da mesma forma que o vinho. Deves ter fome interiormente, ter sede interiormente: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Este pão é a justiça, este vinho é a justiça; é a verdade e a verdade é Cristo (Jo 14,6). “Eu sou o pão vivo descido do céu” (Jo 6,41), e: “Eu sou a videira e vós os ramos” (Jo 15,5). “E o pão que lhe sustenta as forças, o coração”.

15 16 “Fartam-se as árvores do campo” com a graça que brota da terra. “Árvores do campo” são as multidões dos povos. “E os cedros do Líbano que ele plantou”. Cedros do Líbano são os poderosos do mundo. Eles se fartarão. Chegaram o pão, o vinho e o óleo de Cristo até aos senadores, aos nobres, aos reis; fartaram-se as árvores do campo. Primeiro, os humildes se saciaram, em seguida igualmente os cedros do Líbano, mas aqueles “que ele plantou”: cedros piedosos, fiéis religiosos; de fato, a esses ele plantou. Pois, também os ímpios são cedros do Líbano, mas “o Senhor quebra os cedros do Líbano” (Sl 28,5). O Líbano é um monte; ali existem literalmente estas árvores antiquíssimas e excelentes. Líbano se traduz, conforme lemos nos que escreveram sobre o assunto, por: brancura. Líbano quer dizer brancura. Parece referir-se à brancura deste

mundo, que agora brilha e refulge em suas pompas. Ali estão os cedros do Líbano que o Senhor plantou; fartam-se as árvores que o Senhor plantou. Pois, diz o Senhor, “toda planta que não foi plantada por meu Pai será arrancada” (Mt 15,13). “E os cedros do Líbano que ele plantou”.

16 17 “Ali constroem os pássaros os seus ninhos e a casa da gaivota é guia para eles”. Onde os pássaros constroem seus ninhos? Nos cedros do Líbano. Já ouvimos o que são os cedros do Líbano: os nobres do mundo, importantes pela estirpe, riquezas, honrarias. Fartam-se também esses cedros, mas aqueles que o Senhor plantou. Nesses cedros os pássaros constroem seus ninhos. Quais são os pássaros? Efetivamente, as aves e animais alados do céu são pássaros, mas costuma-se denominar pássaros os alados pequeninos. Existem, portanto, determinados homens espirituais que constroem ninhos nos cedros do Líbano, isto é, existem servos de Deus que seguem a palavra do evangelho: Renuncia a tudo, ou: “Vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus”. Depois, “vem e segue-me” (Mt 19,21). Ouviram o convite não somente os grandes, mas ouviram igualmente os pequenos. Estes quiseram atender e tornar-se espirituais; preferiram não ter mulher, não se atormentar com as preocupações com os filhos, não possuir casas particulares que os prendessem e adotar vida em comum. Mas o que abandonaram estes pás-saros? Parecem ser os mínimos deste mundo esses pássaros. A que renunciaram? Que deixaram de importante? Alguém se converte, abandona a morada pobre de seu pai, apenas uma cama e uma arca. Converte-se, porém, torna-se pássaro, procura os bens espirituais. Bem, ótimo! Não o injuriemos, nem digamos: Nada deixaste. Não se ensoberbeça aquele que renunciou a muito. Sabemos que Pedro era pescador. Que pôde deixar para seguir o Senhor? Ou seu irmão André, ou os filhos de Zebedeu, João e Tiago, também eles pescadores? Entretanto, que disseram? “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos” (cf Mt 4,18,21; 19,27). O Senhor não lhes respondeu: Estás esquecido de tua pobreza? Que deixaste para receberes o mundo todo? Deixou muito, meus irmãos, deixou muito quem não somente deixou tudo o que tinha, mas ainda tudo o que ambicionava ter. Qual o pobre que não se incha com esperanças mundanas? Quem não ambiciona diariamente aumentar o que tem? Esta ambição foi cortada. Era imensa; recebeu limites, e nada deixou? De fato, Pedro deixou o mundo todo e Pedro recebeu o mundo todo. Como nada tendo, embora possuindo tudo (cf 2Cor 6,10). Muitos assim fazem. Fazem-no os que têm pouco, mas vêm a Cristo, e tornam-se pássaros úteis. Pareciam insignificantes, porque não possuíam altos postos, dignidades mundanas; constroem seus ninhos nos cedros do Líbano. Mesmo os cedros do Líbano, nobres, ricos e poderosos neste mundo, ouvem com temor a palavra: “Feliz quem entende o necessitado e o pobre” (Sl 40,2), ponderam seus bens, suas propriedades, e todo o supérfluo que parece aumentar-lhes a grandeza, e oferecem-nos aos servos de Deus. Dão campos, dão jardins, edificam igrejas, mosteiros, reúnem pássaros, a fim de que estes construam seus ninhos nos cedros do Líbano. Por conseguinte, fartam-se “os cedros do Líbano que plantou o Senhor e ali constroem os pássaros os seus ninhos”. Observai a terra inteira e vede se não é assim. Falei tudo isto, não só porque acredito, mas porque vi; compreendi-o por experiência. Examinai as maiores extensões de terras que

conheceis, e vede quantos são os cedros do Líbano onde aqueles pássaros, a que me referi, constroem seus ninhos.

17 Todavia, meus irmãos, os próprios pássaros, se são espirituais, embora contruam seus ninhos nos cedros do Líbano, não devem dar excessiva importância aos cedros do Líbano e julgar superiores a tudo aqueles que lhes fornecem o necessário. Pois, eles são pássaros, e os outros são cedros do Líbano. No entanto, "a casa da gaivota é guia deles", dos pássaros. Embora os pássaros construam seus ninhos nos cedros do Líbano, nem por isso esses são os guias dos pássaros. Eis que se fartarão as árvores do campo, todos os povos; e fartar-se-ão os cedros do Líbano que o Senhor plantou, todos os nobres e altamente colocados dentre os fiéis. Ali, isto é, nos cedros do Líbano, os pássaros farão seus ninhos; os ramos oferecerão oportunidade de se recolherem os homens espirituais de condição menos elevada. Ofereçam-na; façam-no os cedros do Líbano que o Senhor plantou; façam-no e façam-no de boa vontade. Estão cientes do que fazem, sabem-no os que recebem. Mas, apesar de ser nos cedros do Líbano que os pássaros fazem seus ninhos, "a casa das gaivotas é guia deles". Que é a casa da gaivota? A gaivota, como todos nós sabemos, é uma ave marinha; habita nos lagos ou no mar. Não é fácil habitarem no litoral, ou nunca habitam aí, e sim no que emerge do meio da água; muitas vezes em pedras cercadas de água. Entendemos, portanto, que os rochedos são adequados para as casas das gaivotas. Não habitam em lugar mais forte e mais firme do que a pedra. Em que pedra? A que emerge do mar. Embora batida das ondas, ela as quebra sem se partir. É a grandeza do rochedo que emerge do mar. Quantas ondas bateram contra nossa pedra, Cristo Senhor nosso? Chocaram-se contra ele os judeus; estes se quebraram, Cristo ficou inteiro. Qualquer que quiser imitar a Cristo, mantenha-se neste mundo, isto é, nesse mar, onde não é possível deixar de sentir as procelas e tempestades, sem ceder a vento algum, a onda alguma, mas receba tudo isso e permaneça íntegro. Portanto, a casa da gaivota é forte e humilde. A gaivota não habita nas alturas; nada é mais firme do que sua casa, e nada mais humilde. De fato, os pássaros constroem seus ninhos nos cedros, devido às necessidades da vida presente; mas têm como guia aquela pedra que é batida pelas ondas e não se parte; pois imitam a paixão de Cristo. E se acaso os cedros do Líbano se irritarem, e sacudirem seus ramos, provocando incomodidades e escândalos para os servos de Deus, os pássaros, sem dúvida, voarão dali; mas ai dos cedros que ficarem sem os ninhos dos pássaros! Quanto aos pássaros não afundarão, não perecerão, porque "a casa da gaivota é guia para eles".

1 Cf Com. s/ Sl. 52 90, I, 10, 15

18 18 Como continua o salmo? "Os altos montes são os cervos". Cervos, grandes, espirituais, que atravessam correndo todos os espinheiros das sebes e das florestas. "Deu-me agilidade aos pés como aos dos cervos e nas alturas me firmará" (Sl 17,34). Mantenham-se nos montes altos, altos preceitos de Deus; meditem as coisas sublimes, guardem a lembrança do que se destaca nas Escrituras, sejam justificados pelas realidades supremas, pois para os cervos são aqueles montes altíssimos. Que acontece aos animais menores? Que sucede à lebre? Que sucede ao ouriço? A lebre é um animal

pequeno e fraco, e o ouriço é espinhento. Um animal tímido e outro coberto de espinhos. Que significam os espinhos senão os pecadores? Quem peca diariamente, embora não sejam pecados graves, fica coberto de espinhos miúdos. Enquanto teme é lebre; enquanto coberto de pecados miúdos é ouriço; e não pode observar os preceitos mais importantes e perfeitos. “Os altos montes são para os cervos”. E então? Estes se perdem? Não. Assim como os altos montes são para os cervos”, vê como continua o salmo: “E os rochedos são asilos para os ouriços e as lebres”, porque o Senhor se fez o refúgio do pobre (cf Sl 9,10). Se pensas na pedra que está na terra, serve de asilo para os ouriços e lebres; se pensas no rochedo no meio do mar, é a casa da gaivota. Em toda parte a pedra é útil. Mesmo nos montes é útil; as montanhas sem uma base de pedra ruiriam nas produndezas. Já não se dizia das montanhas: “Acima delas aninham-se as aves do céu, que do meio dos rochedos emitirão seu canto?” Em toda parte, portanto, a pedra é nosso refúgio: quer esteja elevada nos montes, quer no meio do mar, quer batida das ondas sem se partir, quer se firme na terra; junto da primeira estão os cervos, da segunda a gaivota, da terceira a lebre e o ouriço. Que as le-bres batam no peito, os ouriços confessem seus pecados; embora estejam cobertos de pecados leves e cotidianos, não lhes falta contudo a pedra, que lhes ensinou a oração: “Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores (Mt 6,12). Os rochedos são asilos para os ouriços e as lebres”.

19 19 “Fez a lua para indicar os tempos”. No sentido espiritual, é a Igreja que cresce de um ponto mínimo, e devido à mortalidade nesta vida de certo modo envelhece; mas é para se aproximar do sol. Não estou falando desta lua visível aos olhos, mas daquela que é figurada por este nome. Esta, quando a Igreja estava na obscuridade, quando ainda não aparecia, ainda não se destacava, os homens eram seduzidos e dizia-se: Esta é a Igreja, aqui está Cristo; para alvejarem, sob uma lua obscura, os retos de coração” (Sl 10,3). Agora, que grande cegueira não é errar com a lua cheia? “Fez a lua para indicar os tempos”. Aqui no tempo, a Igreja passa; não existirá para sempre esta mortalidade. Crescer e minguar são fases que um dia terminarão; realizavam-se no tempo. “E o sol conhece a hora de se pôr”. Que sol é este senão o sol de justiça, que não nasceu para os ímpios, conforme eles se queixarão no dia do juízo? Eles haverão de declarar naquele dia: “Sim, extraviamo-nos do caminho da verdade; a luz da justiça não brilhou para nós, para nós não nasceu o sol” (Sb 5,6). O sol nasce para quem entende o Cristo. Cristo se afasta da mente daquele que de tal sorte fica irado contra um irmão que lhe tem ódio. Conseqüentemente, “irai-vos e não pequeis” (Sl 4,5). Quem possui a caridade, apesar de se irar de vez em quando para corrigir a outrem, não é réu, porque a ira não é inveterada a ponto de se converter em ódio. Se, porém, a ira se converter em ódio, o sol se põe sobre a vossa ira. Portanto, “não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Ef 4,26).

20 Não penseis, irmãos, que por causa disso deveria o sol ser adorado, pois o sol nas Escrituras às vezes simboliza Cristo. Isso é loucura; como se eu estivesse recomendando a adorar quando digo: o sol simboliza Cristo. Adora, então, a pedra, que representa Cristo (cf 1Cor 10,4). “Como um cordeiro conduzido ao matadouro” (Is 53,7): adora

também o cordeiro, porque representa o Cristo. “Eis que o Leão da tribo de Judá venceu” (Ap 5,5): adora também o leão, porque figura o Cristo. Vede quantas são as figuras de Cristo; todas elas o figuram por semelhança, mas não são ele propriamente. Queres saber como é Cristo propriamente? “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”. Assim é propriamente o Cristo que te fez. Queres ouvir como é propriamente aquele que te restaurou? “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,1.14). As outras coisas são semelhanças. Compreende, aumenta tua capacidade de entender a Escritura, a fim de que uma coisa seja apresentada a teus olhos e outra seja sugerida a teu coração.

21 Sem dúvida podemos afirmar que aquele sol, o sol de justiça, com razão não nasce para os ímpios, embora eles o desejem. A própria Sabedoria o assevera: “Então, buscar-me-ão os maus, e não me encontrarão”. E por quê? Porque odiaram a sabedoria. Fala a própria sabedoria: “Buscar-me-ão os maus, e não me encontrarão, porque odiaram o saber” (Pr 1,28.29). Se odiaram, porque procuram? Procuram, não para dela usufruir, mas se orgulharem; buscam palavras, odeiam os bons costumes. “Pois o Espírito Santo, o educador, foge da duplicidade, ele se retira dos pensamentos sem sentido” (Sb 1,5). De fato, o sol acima mencionado não nasce para os ímpios, não se levanta para os maus. Quanto ao sol visível, que foi dito? “Ele faz nascer o seu sol igualmente sobre bons e maus, e cair a chuva sobre os justos e injustos” (Mt 5,45). Por conseguinte, não sei bem o que este salmo quer dizer a respeito do sol de justiça, segundo o mistério; pois verificamos que na criação isto acontece visivelmente: “O sol conhece a hora de se pôr”. Que quer dizer: “O sol conhece a hora de se pôr?” Cristo conhece o hora de sua paixão. Ocaso de Cristo é a paixão de Cristo. Mas, acaso o sol se põe para não nascer mais? “Porventura aquele que dorme, não poderá reerguer-se”? (Sl 40,9) Não foi ele mesmo quem disse: “Dormi inquieto?” E dele não foi dito: “Sejas exaltado, ó Deus, acima dos céus” (Sl 56,5.6)? Por conseguinte, “o sol conheceu a hora de se pôr”. Que significa: “conheceu?” Aprovou, agradou-lhe. E como provamos que conheceu, isto é, que lhe agradou? Que é que Deus não sabe? Que desconhece Cristo? E no entanto há de dizer no fim do mundo a alguns: “Nunca vos conheci” (Mt 7,23). Como, portanto, nesta passagem: “Nunca vos conheci” não quer dizer: Sois desconhecidos para mim, e sim: Não me sois agradáveis, assim igualmente aqui: “conheceu a hora de se pôr”, isto é, aprovou-lhe a hora de se pôr. Se lhe de-sagradasse, como sofreria? A um homem, visto que ele não é o sol, embora lhe desagrade sua paixão, cabe sofrer mesmo o que não quer. Cristo, porém, sofreria, se não lhe aprou-vesse padecer, isto é, se não conhecesse seu ocaso, não seria morto; pois ele próprio declarou: “Dou a minha vida para retomá-la. Ninguém ma arrebata, mas eu a dou livremente. Tenho poder de entregá-la” (Jo 10,17.18). Portanto, “o sol conheceu a hora de se pôr”.

22 20.21 E que aconteceu ao se pôr o sol, na paixão do Senhor? As trevas envolveram os apóstolos, sua esperança desfaleceu, enquanto anteriormente eles o tinham por grande e redentor de todos os homens. Por quê? “Estendeste as trevas e fez-se noite. Nela rondarão todas as feras da floresta. Os leõezinhos rugem pela presa e pedem a Deus o

seu sustento”[1]. No sentido espiritual, como entender esses leõezinhos, a não ser os espíritos malignos? (cf Ef 6,12). Como interpretar se não se trata dos demônios malvados, alimentados com os erros dos homens? Existem os príncipes dos demônios e outros demônios desprezíveis. Eles procuram seduzir as almas, ali onde o sol não nasceu, onde há trevas. E quando caem as trevas, os leõezinhos procuram a quem devorar. Que foi dito do leão principal, príncipe de todos esses leões? “Eis que o vosso adversário, o diabo, vos rodeia como um leão a rugir, procurando quem devorar” (1Pd 5,8). Por isso, “pedem a Deus o seu sustento”. Pois, o diabo não pode tentar, sem permissão de Deus. O santo varão Jó estava diante do diabo, todavia estava distante. À vista dele, mas fora de seu poder. Quando ousaria ele tentá-lo na carne, ou quanto aos bens que Jó possuía, se não recebesse faculdade para isso? Por que lhe foi dado este poder? É no intuito de que os ímpios sejam condenados, ou os justos provados. Em tudo Deus age com justiça. Sem uma concessão de Deus, que tem o poder sublime e supremo, o diabo não tem poder sobre ninguém, nem sobre seus bens. Como acontece com o diabo, assim também homem algum tem poder sobre outro homem, se não lhe for dado do alto. Comparecia o juiz dos vivos e dos mortos perante um juiz humano e este homem que o julgava, vendo o Cristo diante de si, ensoberbeceu-se e disse: “Não sabes que eu tenho poder para te matar e poder para te libertar?” Mas aquele que viera para ensinar até aquele que o julgava respondeu: “Não terias poder algum sobre mim, se não te houvesse sido dado do alto” (Jo 19,10.11). Tanto o homem quanto o diabo e qualquer demônio não podem prejudicar se não receberem poder para isso. Mas não prejudicam os mais adiantados. Para os maus, eles são o que o fogo é, para o feno; para os bons, como o fogo para o ouro. Judas foi absorvido como feno; Jó foi provado como ouro. “Estendeste as trevas e fez-se noite. Nela rondarão todas as feras da floresta”. Temos aí as feras da floresta, de maneira diferente. Estas coisas se estendem sempre de vários modos. Assim como o Senhor é cordeiro, é também leão. Que há de mais diverso do que o cordeiro e o leão? Mas, que espécie de cordeiro? Cordeiro que vence o lobo, que vence o leão. Ele é também pedra, pastor, porta. O pastor entra pela porta. E diz: “Eu sou o bom pastor”, ainda: “Eu sou a porta” (Jo 10,7.11). O nome de leão também representa o Senhor, porque: “O Leão da tribo de Judá venceu” (Ap 5,5), o diabo; também: “Calcarás o leão e o dragão” (Sl 90,13). Aprendei a interpretar assim, quando estas coisas se dizem em figura, para não suceder que ao lerdes que a pedra representa Cristo, venhais a supor que pedra é sempre Cristo. Tem a palavra vários significados, deve-se verificar onde está uma letra para apreender sua força. Se ouvires a letra D, primeira do nome de Deus, e pensares que deve sempre ser usada para isso, tu a apagarás do nome do diabo. O nome de Deus começa pela mesma letra que se acha no início do nome do diabo; e nada tão separado um do outro quanto Deus e o diabo. Observa como é absurdo, tanto relativamente às coisas humanas quanto às divinas, o que pode dizer alguém de uma só letra, a letra D: não deve ser colocada no começo do nome do diabo. E se perguntares por quê? Responderá: li esta letra no nome de Deus. E o outro há de rir. Não é coisa digna de se prestar atenção. Não penses de maneira tão pueril das realidades divinas. Nem algum de vós, porque disse mais acima que as feras da floresta representam os

povos e agora afirmo que as feras da floresta significam os demônios, anjos prevaricadores, vai imaginar que estou me contradizendo. São comparações, e onde se acham, explicam-se pelas circunstâncias. "Nela rondarão todas as feras da floresta". Onde? Na noite que o Senhor trouxe, porque "o sol conheceu a hora de se pôr. Os leõezinhos rugem pela presa e pedem a Deus o seu sustento". Com razão, o Senhor estando iminente o seu ocaso, disse aos apóstolos, futuras trevas, onde o leão haveria de rondar à procura de quem devorar (e aquele leão a ninguém devoraria, sem antes pedir): "Eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; eu, porém, orei por ti a fim de que, Pedro, tua fé não desfaleça" (Lc 22,31.32). Ao negar Pedro por três vezes, ele já não estava nos dentes do leão? (cf Mt 26,70-74). "Os leõezinhos rugem pela presa e pedem a Deus o seu sustento".

23 22 "Ao rair do sol". Aquele que disse: "Tenho poder de entregar a minha vida e poder de retomá-la", conheceu seu ocaso e a entregou. "Ao raiar do sol", ele a retomou: "Ao raiar do sol", porque o sol se pôs, mas não se extinguiu. Para os que não compreenderam a Cristo ainda é noite. O sol ainda não nasceu. Insistam no esforço de entender, a fim de não serem arrebatados pelo leão a rugir. Pois, os leõezinhos não ousam atacar aqueles para os quais o sol nasceu. Continua o salmo: "Mas se retiram ao raiar do sol e vão deitar em seus covis". Quanto mais se levanta este sol, de forma a ser percebido na terra inteira, e o mundo todo vê a glória de Cristo, retiram-se os leõezinhos. Os demônios desistem de perseguir a Igreja. Eles instigam a perseguição contra a casa de Deus, operando nos filhos da desobediência. Pois, foi dito: "Conforme o príncipe do poder do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência" (Ef 2,2). Agora, uma vez que nenhum deles ousa perseguir a Igreja, "ao raiar do sol, se retiram". E onde estão? "Vão se deitar em seus covis". Seus covis são os corações dos infiéis. Quantos são os que trazem leões deitados em seus corações? Não saem dali, não atacam a esta Jerusalém peregrina. Por que não o fazem? Porque o sol já "raiou" e brilha em todo o orbe da terra.

24 23 Por conseguinte, olha como continua o salmo. "Mas se retiram ao raiar do sol e vão se deitar em seus covis". Que fazes tu, ó homem de Deus? Que fazes, ó Igreja de Deus? Que fazes tu, ó corpo de Cristo, cuja Cabeça está no céu? Que fazes tu, ó homem, na unidade? "Então sairá o homem para o seu trabalho". Pratique, portanto, esse homem boas obras na segurança da paz da Igreja, pratique até o fim. Pois, um dia virá a escuridão; haverá um ataque, mas à tarde, no fim do mundo; agora, porém, a Igreja opera na paz e tranqüilidade, porque "sairá o homem para o trabalho e para a labuta até o anoitecer".

25 24 "Quão magníficas são as tuas obras, Senhor!" Com efeito, são grandes, são excelsas. Onde se realizaram estas obras tão grandiosas? Em que posto Deus permaneceu, ou que sede utilizou para operá-las? Em que lugar as fez? De onde partiram primeiro estas obras tão belas? Se tomares à letra, donde se originaram as criaturas bem ordenadas, que decorrem em perfeita ordem, ordenadamente belas, ordenadamente surgem, e ordenadamente desaparecem, ordenadamente percorrem todos os tempos? E a

própria Igreja, como obteve progresso, sucesso, perfeição? Como se destina à imortalidade final? Como é apregoada? Que mistérios a recomendam? Que sacramentos a ocultam? Que pregação a revela? Onde Deus executou tudo isso? Vejo obras grandiosas: "Quão magníficas são as tuas obras, Senhor!" Procuro o lugar onde atuou e não encontro; mas descubro o que segue: "Com sabedoria fizeste todas as coisas". Portanto, fizeste tudo em Cristo. Cristo desprezado, Cristo esbofeteado, cuspido, coroado de espinhos, crucificado, tudo fizeste nele. Escuto, escuto o que anuncias aos homens acerca deste teu soldado; o que anuncias aos povos sobre aquele santo pregoeiro, Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Os judeus zombem de Cristo crucificado, porque é escândalo para eles; zombem os pagãos de Cristo crucificado, porque é loucura para eles: "Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que, para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas, para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus" (1Cor 23.24). "Com sabedoria fizeste todas as coisas".

26 "E a terra está repleta de tuas criaturas". A terra está repleta das criaturas de Cristo. E como? Que observamos? O que não foi criado pelo Pai através do Filho? Tudo que anda ou se arrasta sobre a terra, tudo o que nada nas águas, tudo o que voa no ar, tudo o que gira no céu, quanto mais a terra, todo o mundo é criatura de Deus. Mas, não sei bem o que o Apóstolo quis dizer ao falar em nova criatura: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova. Tudo isto vem de Deus" (2Cor 5,17.18). A nova criatura que surgiu consta de todos os que acreditaram em Cristo, se despojaram do homem velho e se revestiram do novo (cf Ef 4,22.24). "E a terra está repleta de tuas criaturas". Cristo foi crucificado num lugar da terra, num lugar pequenino caiu o grão na terra e morreu; mas produziu muito fruto. Estavas sozinho, Senhor Jesus, até que passaste. "Estou só, até que passo" (Sl 140,10): reconheço tua voz em outro salmo. Estavas só até passares; estavas só quando conheceste teu ocaso; mas do ocaso passaste ao nascente. Nasceste, brilhaste, foste glorificado, ao subires ao céu, "e a terra está repleta de tuas criaturas". Irmãos, não terminamos ainda o salmo; mas adiemos algo, em nome de Cristo para o domingo.

IV SERMÃO

1 Lembra-se V. Caridade do que vou dizer. Uma só é a palavra de Deus que se estende por todas as Escrituras; e através da boca de muitos santos ressoa um só Verbo, que sendo no princípio Deus junto de Deus, lá não consta de sílabas, porque está fora do tempo; e não devemos admirar que, por causa de nossa fraqueza ele desceu até às partículas de nossos sons, quando desceu para assumir a fraqueza de nosso corpo (cf Jo 1,1.14). Quanto ao presente salmo, exigiu de nós muitos sermões e os mistérios que encerra ocultos (a fim de que a porta deles se abra para os que batem), tomaram-nos grande quantidade de tempo, para serem pronunciados, recomendados, e para demonstrarmos o que estava ali encerrado, enfim para que se abrissem, manifestassem,

mostrassem. Assim, lembra-se V. Caridade, como ia dizendo, que nem ontem pudemos chegar ao termo, e por isso diferimos a conclusão para hoje. Quis o Senhor conceder-nos tempo para se cumprir nossa palavra. Posso eu, devedor, pagar meu débito, e tranqüilizar meus cobradores. O Senhor mesmo nos dê o que possamos vos transmitir, ele que não nos retribuiu com o mal, o mal que havíamos praticado.

2 24 Exclamou, como sabeis, como recordais com piedade e alegria, exclamou com o salmo o íntimo de nosso coração, dizendo: "Quão magníficas são as tuas obras, Senhor! Com sabedoria fizeste todas as coisas e a terra está repleta de tuas criaturas". Tudo que Deus criou, criou em sua sabedoria e por sua sabedoria. Tudo aquilo que conhece a sabedoria e tudo o que não a conhece, e contudo está entre as criaturas de Deus, foi feito em sua sabedoria e por sua sabedoria. Os que conhecem a sabedoria, têm a luz da sabedoria; os que não a conhecem, têm a sabedoria por autor, apesar de estarem eles mesmos detidos na insipiência. Aqueles que possuem-na como sua luz, têm-na igualmente por autor; mas nem todos que a têm por autor possuem também a luz da sabedoria. Efetivamente, muitos são os homens que se tornam participantes dela, e chamam-se sábios; e muitos dela desprovidos têm o nome de estultos. Por isso não é devidamente que são chamados de estultos os que se aplicam a obter a sabedoria, porque se pedem, se procuram, se batem à sua porta, podem alcançar uma participação nela; ela não se furta à natureza, e sim à negligência. Existem contudo, outras criaturas que não podem ser participantes da sabedoria, como todas as feras, todos os animais, todas as árvores que nem têm sensibilidade. Mas, se não podem ser participantes da sabedoria, em conseqüência não foram feitas na sabedoria e pela sabedoria? Deus não exige inteligência do cavalo e do mulo; mas aos homens ele diz: "Não sejais como o cavalo e o mulo, sem inteligência" (Sl 31,9). Se isto constitui natureza no cavalo, no homem é crime. Por isso diz Deus: Não exijo participação em minha sabedoria daqueles que não fiz à minha imagem; mas daqueles que fiz assim, peço o uso do dom que lhes concedi. Os homens, portanto, que dão a Deus o que é de Deus, e dão a César o que é de César (cf Mt 22,21), isto é, que devolvem a César sua imagem, e a Deus dão de volta a imagem de Deus, elevam a mente, não a si mesmos, mas a seu criador e àquela luz de onde vêm, a uma espécie de calor espiritual que os aquecem. Abandonando este calor, eles se esfriam, e deixando a luz ficam nas trevas; se, porém, voltam a ela iluminam-se. Dizendo piedosamente a Deus: "Senhor, fazes brilhar a minha lâmpada. Iluminarás, meu Deus, as minhas trevas" (Sl 17,29), afastadas as trevas da estultície terrena, eles abrem a boca, orientam o espírito, elevam confiantes, como disse, os olhos do coração. Mentalmente percorrem o mundo, a terra, o mar e o céu, e vendo todas as coisas dispostas com beleza, movimentarem-se ordenadamente, dividirem-se em espécies, multiplicarem-se por sementes, sofrerem vicissitudes, sucederem-se no tempo, comprazem-se no Criador e agradam o Criador por meio de suas obras. E exclamam cheios de grande alegria, pois de fato nada se compara a este gáudio: "Quão magníficas são as tuas obras, Senhor! Com sabedoria fizeste todas as coisas". Onde se acha a sabedoria com que fizeste todas as coisas? Que sentido a atinge? Que olho a vê? Com que estudos é pesquisada? Que méritos a obtêm? Com que, senão pela graça de Deus?

Quem nos deu o ser, concede-nos também a possibilidade de sermos bons. Dá aos que se converteram. Antes que se convertessem enquanto eram seus adversários e seguiam seus próprios caminhos, ele não os procurou? Não desceu do céu? O Verbo não se fez carne e habitou entre nós? (cf Jo 1,14). Não acendeu a lâmpada de sua carne, quando pendia da cruz, e procurou a dracma perdida? Procurou e encontrou; convidou as vizinhas a se congratularem, isto é, todas as criaturas espirituais, próximas de Deus. Para alegria das vizinhas foi encontrada a dracma; com a alegria dos anjos foi encontrada a alma humana. Foi encontrada. Portanto se alegre e diga: "Quão magníficas são as tuas obras, Senhor! Com sabedoria fizeste todas as coisas".

3 "A terra está repleta de tuas criaturas". De que cria-turas a terra está cheia? De árvores e arbustos, de animais e rebanhos, de todo o gênero humano; a terra está repleta das criaturas de Deus. Nós o vemos, sabemos, lemos, conhecemos, louvamos e com elas anunciamos; e não conseguimos louvar tanto quanto transborda de nosso coração, por causa desta boa observação. Mas sabe-nos prestar maior atenção à criatura mencionada pelo Apóstolo: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova" (2Cor 5,17). "Quais as coisas antigas que terminaram"? Entre os gentios a idolatria, entre os próprios judeus a servidão da lei, os sacrifícios que prenunciavam o sacrífício atual. Superabundava a velhice humana; veio aquele que havia de renovar a sua obra, purificar a sua prata, cunhar a sua moeda e notamos que a terra está repleta de cristãos que crêem em Deus, que se apartam das anteriores impurezas e da idolatria e abandonam as antigas esperanças em vista da esperança do século novo. Ainda não é a plena realidade, mas esta já é possuída na esperança, e devido à própria esperança já cantamos: "A terra está repleta de tuas criaturas". De fato, ainda não é na pátria que assim cantamos, ainda não é no repouso prometido, ainda não se reforçaram os ferrolhos das portas de Jerusalém (cf Sl 147,13). Mas, ainda em peregrinação, contemplando todo este mundo, e em todas as partes homens que caminham à luz da fé, que temem a geena, desprezam a morte, amam a vida eterna, desprezam a vida presente; e cheios de alegria diante de tal espetáculo, dizemos: "A terra está repleta de tuas criaturas".

4 25 O mundo ainda se acha batido pelas ondas das tentações, ainda é perturbado pelas tempestades e procelas das tribulações e ambições; no entanto, prossegue. Apesar das ameaças do mar, das grandes ressacas e das procelas, prosseguimos e nos é dado um madeiro, sobre o qual realizamos nossa travessia: "A terra está repleta de tuas criaturas". Mas ainda não nos achamos na terra dos vivos. Esta terra ainda é terra dos que morrem. Clamamos, contudo, repetindo: "Tu és a minha esperança, a minha porção na terra dos vivos" (Sl 141,6). Na terra dos que morrem minha esperança, minha porção na terra dos vivos. Eis a terra repleta das criaturas de Deus. Quem ainda está na terra dos que morrem, ainda não na terra dos vivos, por onde passa? Escuta o versículo seguinte: "Eis o mar amplo e vasto, onde se agitam inúmeros animais pequenos e grandes". Refere-se a um mar terrível: "lá se agitam inúmeros animais". As insídias serpeiam neste mundo, e de repente atacam os incautos. Quem pode enumerar as tentações insidiosas? Serpeiam;

cuidado para que não se insinuem. Que se vigie sobre o madeiro; mesmo no meio das águas, mesmo entre as ondas estamos seguros; Cristo não durma, não durma a fé. E se ele adormecer, seja despertado. Ele ordenará aos ventos e aplacará o mar. O caminho há de terminar, e haverá alegria na pátria. "Onde se agitam inúmeros animais pequenos e grandes". Vejo neste mar horroroso os que ainda não crêem; eles vivem em águas amargas e estéreis; ali, de fato, há grandes e pequenos. Sabemos bem que é assim; muitos das câmadas inferiores são ainda incrédulos, muitos dos potentados deste mundo não crêem ainda: existem neste mar "animais pequenos e grandes". Odeiam a Igreja, mas são retidos pelo nome de Cristo; não são cruéis porque não lhes é permitido ser. Fica presa no coração a fúria que não se pode mostrar nas mãos. Pois, todos, pequenos ou grandes, "animais pequenos e grandes", que agora se queixam porque os templos estão fechados, os altares acham-se derrubados, estão quebrados os ídolos, e existem leis promulgadas que consideram crime capital sacrificar aos ídolos, todos esses, que lastimam tudo isso, ainda estão no meio do mar. E a nós, o que acontece? Queremos ir para a pátria, através de que caminho? Pelo próprio mar, mas sobre o madeiro. Não temas o perigo; carrega-te o madeiro que contém o mundo. Por isso, atenção: "Eis o mar amplo e vasto, onde se agitam inúmeros animais pequenos e grandes". Não temas, não te atemorizes; deseja a pátria, entende como é a peregrinação.

5 26 "As naus sulcam-no". Quanto ao que se temia, eis que as naus sulcam o mar, sem naufragar. Entendemos por naus as Igrejas, que sulcam o mar entre as tempestades, procelas das tentações, ondas deste mundo, entre animais pequenos e grandes. O piloto é Cristo no madeiro de sua cruz. "As naus sulcam-no". Não tenham medo as naves, não considerem tanto onde navegam, mas quem as dirige. "As naus sulcam-no". Como podem achar triste a travessia, se percebem que Cristo é o piloto? Naveguem com segurança, sulquem o mar com perseverança, pois chegarão ao termo desejado, serão conduzidos à terra firme.

6 Existe neste mar algo que supera todos os animais pequenos e grandes. Que será? Escutemos o que diz o salmo: "Este dragão que criaste para dele zombar". No mar se encontram inúmeros animais, animais pequenos e grandes; as naves o atravessam sem medo não somente dos animais inúmeros, pequenos e grandes, mas até do dragão que nele existe. Dizem a Deus: "que criaste para dele zombar". É um grande enigma, contudo sabeis o que vou dizer. Estais cientes de que a Igreja tem por inimigo um dragão. Não o vistes com os olhos carnais, mas o vedes com os olhos da fé. Identifica-se com o leão, mencionado na Escritura: "Calcarás o leão e o dragão" (Sl 90,13). Ele está sujeito à tua Cabeça; que se sujeite também ao corpo, contanto que os membros adiram à Cabeça, sendo na verdade seus membros. Narra-se que a primeira mulher foi seduzida por este dragão. Trata-se de Eva, a quem ele deu um conselho mortal, insinuando-se qual serpente por uma astuta persuasão no coração da mulher. Aconteceu o que sabemos, o que também nós ali fizemos e que lastimamos. Naqueles dois seres humanos achava-se todo o gênero humano; daí vem a transmissão da morte, daí provém o débito, o delito mesmo nas criancinhas. Diz a Escritura: "Quem é puro em tua presença? Nem a criança

que tem um dia de vida sobre a terra" (cf Jó 14,4 e 5, sg LXX). Transmissão do pecado, transmissão da morte originária do primeiro pecado. Pois, conheceis o que foi dito à mulher, ou antes à serpente por Deus, diante do pecado do primeiro homem: "Ele observará tua cabeça e tu observarás seu calcanhar" (Gn 3,15). Foi dito para simbolizar um grande mistério, figurando a Igreja do futuro, tirada do lado de seu esposo enquanto dormia. Adão era um tipo do futuro. "Figura daquele que devia vir" (Rm 5,14), diz o Apóstolo. Foi prefigurado o que havia de vir. A Igreja nasceu do lado do Senhor adormecido na cruz. Pois do lado aberto do crucificado brotaram os sacramentos da Igreja (cf Jo 19,34). Que foi dito à Igreja? Ouvi, entendei, acautelai-vos: "Ela observará tua cabeça e tu observarás o seu calcanhar". Ó Igreja, observa a cabeça da serpente. Que é a cabeça da serpente? A primeira sugestão de pecado. Ocorre-te alguma coisa ilícita; não detenhas ali teu pensamento, não consintas. Veio-te à mente, é a cabeça da serpente. Calca a cabeça, e evitas outros movimentos. Que significa calca a cabeça? Despreza a sugestão. Mas ela sugeriu um lucro, um grande lucro, muito ouro; se praticares esta fraude, ficarás rico. Pisa a cabeça da serpente. Que quer dizer: pisa? Despreza o que ela sugeriu. Mas sugeriu uma grande quantidade de ouro. De fato, que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro mas arruinar a sua alma? (cf Mt 16,26). Pereça o lucro mundano, a fim de que a alma não sofra dano. Falando assim, observaste a cabeça da serpente e a pisaste. De outro lado, o diabo observa teu calcanhar. Que quer dizer: Observa teu calcanhar? Observa se escorrega no caminho de Deus. Tu observas a primeira sugestão e ele observa tua queda. Pois, se escorregares cais; se caires, ele te possuirá. Mas, para não caires, não saias do caminho. Deus te abriu uma senda estreita; tudo o que está fora dela é escorregadio. Pois, Cristo é a luz, Cristo é o caminho: "Era a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem ao mundo" (Jo 1,9); e: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). Vais por mim, vais a mim. Se, portanto, Cristo é luz e também caminho, se dele te afastares, não estarás na luz, nem no caminho. E qual a conseqüência? A que afirma sobre os ímpios um salmo: "Seja tenebroso e escorregadio o seu caminho" (Sl 34,6).

1 Cf Com, s/ Sl 100, 12 ss.

7 Este dragão, portanto, nosso antigo inimigo, inflamado de cólera, astuto em insídias, está no grande mar. "Este dragão que criaste para dele zombares". Tu também, zomba do dragão; para isso foi feito. Ele tendo caí-do por causa de seu pecado da sublime habitação dos céus, e de anjo transformado em diabo, recebeu um lugar neste mar amplo e vasto. Parece seu reino e é seu cárcere. Pois, muitos dizem: Por que o diabo recebeu tanto poder que domina neste mundo e tem tanta força e tanto poder? Quanta força, quanto poder? Sem permissão, nada pode. Tu, porém, age de tal modo que nada consiga contra ti; ou se lhe for permitido tentar-te, que se afaste vencido, sem tomar posse de ti. Pois, foi-lhe permitido tentar a alguns santos servos de Deus; eles o venceram porque não se apartaram do caminho; não caíram aqueles cujo calcanhar o diabo observava. O santo varão Jó estava sentado no monturo, mas de fato corria pelo caminho. Vede como ele observou a cabeça da serpente e como esta estava atenta a seu calcanhar. Jó repelia a

serpente a sugerir, e esta esperava que ele caísse. Apanhou sua mulherzinha. Tirou a Jó tudo o que tinha, mas deixou apenas quem podia ajudá-lo, não para consolar o marido, antes para tentá-lo. Apanhou aquela que não observa- va a cabeça da serpente. Ela ainda era Eva, mas Jó não era mais Adão. Tendo perdido tudo, restou a Jó a mulher que o tentasse e ficou com Deus que o governava. Quem sofreu tão repentina pobreza se consideras sua casa? E quem mais rico que ele se olhas seu coração? Vê a pobreza da casa: perdeu tudo. Vê a riqueza do coração: "O Senhor o deu, o Senhor o tirou; como foi do agrado do Senhor assim se fez; bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1,21). Sabia quem o governava e quem o tentava. Conhecia quem dava permissão ao tentador. Diz: que o diabo nada atribua a si mesmo. Ele tem a vontade de danifi-car, contudo não teria poder para isso se não o recebes-se. Sofro na medida que ele recebeu faculdade para isso. Não sofro da parte dele, mas da mão daquele que lhe deu poder para tanto. Desprezo a soberba do tentador e suporto o castigo de meu pai. O tentador foi repelido, sua cabeça era observada e ele não pôde penetrar no coração. O diabo atacou de fora a cidade com muralhas, mas não a tomou. Chegou a tentação. Foi-lhe permitido atacar o corpo de Jó e feriu-o com uma ferida grave da cabeça aos pés; consumido de podridão, fervilhava de vermes e tendo perdido a casa estava sentado no monturo. Ali Eva cativa, que restara não para auxílio ao marido, mas para causar-lhe uma queda, sugere-lhe que blasfeme contra Deus. O diabo no paraíso, primeiro, sugeriu que desprezasse a Deus, e agora que blasfeme contra Deus. Conseguiu-o então do homem em perfeita saúde, e agora foi vencido por um homem putrefacto. No paraíso derrubou, no monturo foi superado. Aquele dragão observava se Jó resvalaria pela língua. Ao agir, o homem parece ter pés próprios para isto, enquanto atua, movimenta-se, anda. Jó proferiu muitas palavras. Os leitores sabem quantas coisas ele falou. Entre tantas palavras, a serpente observava seu calcanhar para ver se escorregava. Ele, contudo, que observava a cabeça da serpente, repeliu toda sugestão. Respondeu também à mulher, como era conveniente responder-lhe: "Falas como uma insensata; se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males? Apesar de tudo isso, Jó não caiu jamais" (Jó 2,10). Muitos não entendem aquelas pala- vras, e alguns pensam que Jó proferiu algo de duro contra Deus.

8 Pois, entre muitas outras proferiu também essas palavras, parecendo irado contra Deus, conforme opinam alguns que não entendem, pois ele fazia as vezes de outra personagem, como uma grande profecia: "Oxalá existisse um árbitro entre nós!" (Jó 9,33, sg LXX). Assim se dirige ele a Deus. Que significa: "Oxalá existisse um árbitro entre nós?" Alguém que julgasse a nós dois, e por seu julgamento minha causa vencesse. Assim parece à primeira vista. Mas examina para não escorregares. Pois aquela serpente sempre observa teu calcanhar. Que parece ter dito Jó? "Oxalá existisse um árbitro entre nós!" Oxalá houvesse um mediador que julgasse a mim e a ti! Assim fala o homem de Deus, o homem sentado no monturo, como se fosse um anjo do céu a falar a Deus: "Oxalá existisse um árbitro entre nós!" Mas o que previa? Que desejava? O Senhor disse: "Muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram" (Mt 13,17). Desejava um árbitro. Que é um árbitro? Um mediador para resolver uma causa. Não éramos

inimigos de Deus e tínhamos uma causa comprometida contra Deus? Quem poria termo a esta causa comprometida, senão aquele mediador que veio para não desaparecer o caminho da misericórdia? Dele fala o Apóstolo: “Há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens um homem, Cristo Jesus” (1Tm 2,5). Se não é homem não é mediador, porque ele é Deus igual ao Pai. Diz outra passagem da Escritura: “Ora, não existe mediador quando se trata de um só, e Deus é um só” (Gl 3,20). O mediador fica entre dois; portanto, Cristo é mediador entre o homem e Deus. Não enquanto Deus, mas enquanto homem; pois enquanto Deus é igual ao Pai e sendo igual ao Pai não é mediador. A fim de se tornar mediador, desce do superior ao inferior, da igualdade com o Pai. Faz o que diz o Apóstolo: “Aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens e sendo exteriormente reconhecido como homem” (Fl 2,7.8). Derrame seu sangue, apague o documento de nossa dívida, reconcilie-nos com Deus, corrigindo nossa vontade segundo a justiça e inclinando para a misericórdia a sentença de Deus (cf Cl 2,14). Da mesma forma que expusemos, à medida que o Senhor nos concedeu, o que de fato é aquilo que parece duro nas palavras de Jó, assim o restante que ali parece áspero e blasfemo, tem seu sentido. Pensaríamos ser diferente, se o próprio Deus não o atestasse, antes de Jó tomar a palavra e depois de tudo o que falou. Em primeiro lugar, Deus deu este testemunho: “Homem íntegro e reto, que teme verdadeiramente a Deus” (Jó 1,8). Assim falou Deus, e disse isto antes de sua provação. Todavia, para evitar que alguém não entendendo bem aquelas palavras se escandalizasse, e pensasse que Jó fora um varão justo antes da tentação, mas que durante esta gravemente tivesse pecado e caído em sacrílega blasfêmia, quando terminaram todos os discursos do próprio Jó e de seus amigos que deviam consolá-lo, o Senhor prestou este testemunho de que estes não haviam proferido a verdade como seu servo Jó. “Não falastes corretamente de mim, como o meu servo Jó” (Jó 42,7.8). Em seguida, ordena-lhe que ofereça pelos amigos vítimas para que seus pecados fossem perdoados.

9 Vamos, meus irmãos. Quem quiser observar a cabeça da serpente e atravessar o mar desta vida com segurança, uma vez que forçosamente aqui habita esta serpente e, conforme começara a dizer, o diabo que caiu do céu tem aqui seu lugar, observe sua cabeça, evite o temor e a ambição neste mundo. Ele sempre sugere algo que te cause temor ou desejo. Ele te tenta por amor ou temor. Tu, porém, se temes a geena e amas o reino de Deus, deves observar sua cabeça. Acautela-te da cabeça e estarás seguro; nem ele conseguirá tua queda, nem se alegrará com tua ruína. Ora, ninguém diga conforme mencionei acima: Ele tem grande poder. Os homens verificam que ele parece ter recebido grande poder, mas não vêem quanto perdeu. O santo varão Jó, em suas palavras místicas e profundamente secretas, ao falar do poder atribuído ao diabo, e descrevendo-o de muitas maneiras por meio de comparações e figuras, expôs quem é ele e quanto pode, nestes termos: “Na terra ninguém se iguala a ele, pois foi feito para que meus anjos dele zombem. Afronta os mais altivos, é rei de todos os que estão nas águas” (Jó, 41,24.25, sg LXX). Este testemunho combina com o do presente salmo. Ao se referir ao mar amplo e vasto, onde se agitam animais pequenos e grandes sem número, onde as naves

estão a navegar seguras devido ao madeiro, declarou: “Este dragão que criaste para dele zombar”. Mas, se foi feito para zombaria, como Deus dele zomba? Ou será que o entregou para zombaria, isto é, para que fosse ridicularizado? Pensaríamos que Deus zomba dele, se a Escritura, através de Jó, não resolvesse o problema; neste livro foi dito: “Para que meus anjos dele zombem”. Queres zombar do dragão? Sê anjo de Deus. Mas ainda não és anjo de Deus. Até que o sejas, se te encaminhas para isso, existem anjos que zombam do dragão, a fim de que ele não te cause dano. Estão colocados os anjos dos céus acima das potestades do ar e daí procede a palavra do salmo. Os anjos contemplam a lei fixa, a lei eterna, promulgada sem escritura, sem sílabas, sem ruído, sempre firme e estável. Os anjos a contemplam com o coração puro e realizam aqui tudo de acordo com ela; e ela põe em ordem as potestades, das supremas até as ínfimas. E se as potestades dos céus mais altos são regidas pela palavra de Deus, quanto mais as inferiores e terrenas? Nos maus resta apenas a vontade de prejudicar. O homem tem em seu poder o desejo de prejudicar, a vontade de fazer a maldade. Mas, se puder fazer mal a alguém não se glorie disso; não prejudicou por si mesmo, foi-lhe concedida faculdade para tal. Foi proferido uma vez e é sentença firme: “Não há autoridade que não venha de Deus” (Rm 13,1). Por que então temer? O dragão fique nas águas, fique no mar; passarás por ali. Ele foi feito para ser ridicularizado, e foi-lhe determinado este lugar, destinada esta sede. Pensas que é importante esta sede, porque não conheces as sedes dos anjos, de onde ele caiu. Parece-te honra, mas é condenação.

10 Acolhei esta breve comparação. Realmente é importante conhecer e entender estas coisas. Considerai todo o governo da criação como sendo o de uma grande casa: Esta grande casa tem um senhor, tem escravos e dentre estes, os mais próximos do senhor, cuidam do que ele tem de melhor em vestes, tesouros, celeiros, grandes possessões; o senhor possui também escravos dedicados aos serviços ínfimos, tão sujeitos a seu poder que alguns até limpam as cloacas. Quantos não são os graus, desde os supremos procuradores até estes serviços extremos e ínfimos! Se, portanto, algum procurador importante comete erro e seu senhor, por exemplo, o castiga fazendo-o porteiro de último lugar, e ele, no exercício do ofício, impedir os que quiserem entrar ou sair, conforme o poder que recebeu de seu senhor, aqueles que não sabem que fora um grande procurador, pensam que é grande coisa esse poder, porque desconhecem o que ele perdeu. E no entanto, meus irmãos, aquele porteiro que mencionei, usando a comparação de uma grande casa terrena, pode fazer algo sem conhecimento de seu senhor, e impedir o acesso a alguém, sem ter recebido ordem para tal. Este, o diabo, porém, não está colocado junto à porta que nos dá acesso a Deus. Pois, Cristo é a porta, e por Cristo entramos na vida eterna (Jo 10,9). Mas existe uma porta pela qual entramos neste mundo, porta de mortalidade. Junto dela, em vista das falhas e apoios de nossa carne fraca, fica o diabo, como porteiro. Ele tem poder neste mar que as naves sulcam, mas não é tão grande que possa fazer algo sem conhecimento e contra a vontade de seu Senhor. Que não diga alguém: Perdeu, de fato, aquele grande poder sobre bens mais elevados; mas estou entre estes bens insignificantes e aqui o diabo pode ter poder sobre mim, portanto, devo servi-lo. Não te enganes: teu Senhor te conhece e de tal forma que

sabe o número de teus cabelos (cf Mt 10,30). Por que, então, tens medo? É possível que o diabo tente tua carne; é um castigo de teu Senhor e não poder do tentador. Este quer prejudicar à salvação que te foi prometida, mas não lhe é permitido. Cristo seja tua Cabeça para que isto não lhe seja permitido. Repele a cabeça do dragão, não consistas em sua sugestão, não escorregues no caminho. "Este dragão que criaste para dele zombar".

11 27.29 Ora, queres ver que não te prejudica sem permissão? "Todos de ti esperam, Senhor, que lhes dês alimento a seu tempo". Este dragão quer devorar, mas não devora a quem quer. "Todos de ti esperam, Senhor, que lhes dês alimento a seu tempo". Todos, os animais inúmeros, pequenos e grandes, o próprio dragão e todas as tuas criaturas com que encheste a terra: "Todos de ti esperam que lhes dês alimento a seu tempo", cada qual um alimento peculiar. Tu tens um alimento próprio, e o dragão tem seu alimento peculiar. Se viveres bem, tens a Cristo por alimento; se dele te apartares, serás alimento do dragão. "Todos de ti esperam que lhes dês alimento a seu tempo". Qual a sentença do dragão? "Comerás poeira". Foi proferido contra o dragão: "Comerás poeira todos os dias de tua vida". Escutaste qual o alimento do dragão. Não queres que Deus te entregue ao dragão como alimento, não sejas comido do dragão, isto é, não abandones a palavra de Deus. Quando foi dito ao dragão: "comerás poeira", foi também proferido contra o homem trans-gressor. "Tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3,14.15). Não queres te tornar alimento da serpente? Não sejas terra. Como, dizes, não serei terra? Não tendo gosto pelas coisas terrenas. Escuta os dizeres do Apóstolo, a fim de não seres terra. Pois, o corpo que tens é terra, mas tu não de-ves ser terra. Como? Diz o Apóstolo: "Se, pois, ressus-citastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra" (Cl 3,1.2). Se não pensas nas coisas terrenas, não és terra; se não és terra, não serás comido pela serpente, a quem a terra foi dada como alimento. Deus dá à serpente seu alimento quando quer, e a quem quer; ele julga corretamente, não se pode enganar, não lhe dá ouro em vez de terra. "Todos de ti esperam, Senhor, que lhes dês alimento a seu tempo. Tu o forneces, eles vêm recolhê-lo". Estão diante deles; mas eles não o recolhem se tu não o deres. Jó estava diante do diabo; e ele, de fato, não devorou a Jó, nem mesmo ousou tentá-lo, sem permissão. "De ti esperam; tu o forneces, eles vêm recolhê-lo"; se não deres, eles não recolhem.

12 Quanto a nós, irmãos, que alimento temos? Vem em seguida qual é nosso alimento. "Abres as mãos, todos se enchem de bens". Que quer dizer, Senhor, abres tua mão? "E a quem se revelou o braço do Senhor"? (Is 53,1). Abre-se para aquele a quem se revela alguma coisa, pois revelação é abertura. "Abres as mãos, todos se enchem de bens". Quando Cristo te revela, "todos se enchem de bens". Eles não são bons em si mesmos; pois algumas vezes são provados: "Se escondes o rosto, perturbam-se". Muitos, cheios de bondade, atribuiram a si mesmos o bem que ti-nham e quiseram gloriar-se de sua justiça, dizendo a si mesmos: Sou justo, sou grande; e agradaram-se a si mesmos. Mas o Apóstolo lhes clama: "Que é que possuis que não tenhas recebido?" (1Cor 4,7). Deus,

quando quer provar ao homem que recebe dele tudo o que tem, a fim de que ele possua a bondade unida à humildade, às vezes o perturba. Afasta dele a sua face e o homem cai em tentação; assim, Deus lhe mostra que se era justo e andava retamente era porque Deus o regia. “Se escondeu o rosto, perturbam-se”. Vede o que diz outro salmo: “Eu, porém, disse na prosperidade: Jamais sereis abalado” Presumira de si mesmo. Estava cheio de bondade e pensava que vinha de si mesmo toda a bondade; então disse em seu coração: “Jamais serei abalado”. Mas como já percebera que havia recebido a graça de Deus, dá graças pela experiência: “Senhor, por tua benevolência, confirmaste a minha honra. Escondeste a tua face e fiquei perturbado” (Sl 29,7.8). Assim também aqui: “Abres as mãos, abres as mãos e todos se encherão de bens”. Mãos abertas são as tuas, não as dele. “Se escondes o rosto, perturbam-se”.

13 Mas por que ages assim? Por que escondes teu rosto para que se perturbem? “Se lhes retiras o espírito expiram”. Espírito deles era a soberba, com que se gloriavam, atribuíam tudo a si, consideravam-se justos. Esconde, portanto, tua face para que se perturbem; retira-lhes o espírito para que expirem. Que clamem por ti: “Escuta-me prontamente, Senhor; meu espírito desfaleceu. Não me ocultes a tua face” (Sl 142,7). “Se lhes retiras o espírito expiram e voltam para o pó de onde vieram”. O homem se recupera, arrependendo-se de seu pecado, pois não tinha forças em si mesmo; e confessa a Deus, dizendo que é pó e cinza. Ó soberbo, voltaste ao pó donde saíste, teu espírito se retirou de ti; já não te gabas, não te orgulhas, não te justificas; vês que foste feito do pó, e que, se o Senhor esconde seu rosto, voltas ao pó de onde vieste. Reza, portanto, confessa que és pó, confessa tua fraqueza.

14 30 Vê como continua o salmo: “Enviarás teu espírito e serão criados”. Tu lhes retiras o espírito e envias o teu espírito: “Tu lhes retiras o espírito”, não terão mais seu próprio espírito. Portanto, foram abandonados? “Bem-aventurados os pobres em espírito”, não foram abandonados, “porque deles é o reino dos céus” (Mt 5,3). Não qui-seram ter o seu próprio espírito e terão o espírito de Deus. O Senhor disse aos futuros mártires: “Quando vos entregarem, não vos preocupeis por saber como ou o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis naquela hora, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós” (Mt 10,19.10). Não atribuais a vós mesmos a fortaleza. Se é vossa e não minha, é dureza, não fortaleza. “Se lhes retiras o espírito, expiram e voltam para o pó de onde vieram. Enviarás o teu espírito e serão criados”. Diz o Apóstolo: “Pois somos criaturas dele, criados para as boas obras” (Ef 2,10). Recebemos do espírito a graça, a fim de vivermos para a justiça, porque é ele quem justifica o ímpio (cf Rm 4,5). “Se lhes retiras o espírito, expiram. Enviarás teu espírito e serão criados e renovarás a face da terra”, isto é, os homens novos, que confessam terem sido justificados e não serem justos por si mesmos, de tal sorte que a graça de Deus esteja neles. Vê como são aqueles com os quais a face da terra foi renovada. Paulo declara: “Trabalhei mais do que todos eles”. Que é isto, Paulo? Nota se foste tu, se foi teu espírito. “Não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10).

15 E então? Quando o Senhor tiver nos retirado o espírito, voltaremos ao pó de onde

viemos; consideramos para nossa utilidade a nossa fraqueza, de tal forma que seremos refeitos, após receber seu espírito. Vê como continua o salmo: "Ao Senhor, glória eterna". Não a ti, não a mim, nem a este ou aquele; "ao Senhor, glória", não temporal, mas "eterna. Alegrar-se-á o Senhor em suas obras". Não em tuas obras, como se fossem tuas; porque as obras são tuas se são más, devido a tua iniqüidade; se são boas, elas o são pela graça de Deus. "Alegrar-se-á o Senhor em suas obras".

16 32 "Ele que faz tremer a terra com o seu olhar e com seu contacto inflamará as montanhas". Ó terra, exultavas por causa de tua bondade, atribuías a ti mesma as forças de tua opulência. Eis que o Senhor com seu olhar te faz tremer. Que ele te olhe e te faça tremer. É melhor o tremor da humildade do que a ousadia da soberba. Vede como Deus olha a terra e a faz tremer. O Apóstolo fala à terra que confia em si mesma e exulta por isso: "Operai a vossa salvação com temor e tremor". Com temor e tremor: "pois é Deus quem opera em vós" (Fl 2,12.13). Dizes, ó Paulo: "Operai". Dizes que devemos operar, mas por que razão "com tremor? Pois é Deus quem opera em vós. Com tremor", porque "Deus é quem opera". Uma vez que foi ele quem deu, não vem de ti o que tens e então hás de operar com temor e tremor; pois se não tremeres, ele retirará o que deu. Com tremor, portanto, deves operar. Verifica o que se acha em outro salmo: "Servi ao Senhor com temor e exultai diante dele com tremor" (Sl 2,11). Se é com tremor que se deve exultar, é porque Deus olha e há terremoto; com o seu olhar tremam nossos corações; então neles Deus repousará. Escuta-o em outra passagem: Sobre quem repousará meu espírito? Sobre o humilde e tranqüilo, sobre aquele que treme diante da minha palavra (Is 66,2). "Ele que faz tremer a terra com o seu olhar e com seu contacto inflamará as montanhas". As montanhas eram soberbas, gabavam-se, Deus não as tocara; com seu contacto ele as inflamará. Que significa inflamar as montanhas? Elas rogarão ao Senhor. Eis que os montes altos, soberbos, montes imensos, não rogavam a Deus. Queriam ser rogados, mas não rezavam a quem lhes era superior. Qual o potentado, inchado, soberbo desta terra que se digna rezar humildemente a Deus? Refiro-me aos ímpios e não aos cedros do Líbano que o Senhor plantou. Um ímpio qualquer, alma infeliz, não sabe suplicar a Deus e quer que os homens lhe supliquem a ele. É monte e é preciso que Deus o toque para que fumegue; quando começar a fumegar, rezará, oferecerá o sacrifício do coração. Fumegue diante de Deus e em seguida bata no peito; começa então a chorar, porque também a fumaça produz lágrimas. "Com seu contacto inflamará as montanhas".

17 33 "Cantarei ao Senhor em toda a minha vida". Que cantará? Tudo o que somos cantará. Cantemos ao Senhor em nossa vida. Nossa vida agora é esperança; depois será eternidade. A vida mortal é a esperança da vida imortal. "Cantarei ao Senhor em toda a minha vida. Salmodiarei ao meu Deus enquanto eu existir". Uma vez que nele existirei sem fim, enquanto eu existir salmodiarei ao meu Deus. Não pensemos que, ao começarmos a salmodiar a Deus naquela cidade, passaremos a fazer coisa diferente. Toda a nossa vida será salmodiar a Deus. Se nos causasse fastio aquele que louvamos, poderíamos enfastiar-nos de nosso louvor. Mas, se ele sempre é amado, sempre o louvaremos: "Salmodiarei ao meu Deus enquanto eu existir".

18 34 “Gratas lhe sejam minhas palavras. Regozijar-me-ei no Senhor. Gratas lhe sejam minhas palavras”. Quais as palavras que o homem dirige a Deus, senão a confissão de seus pecados? Confessa a Deus o que és, e lhe falaste. Fala com ele, pratica boas obras e fala. Diz Isaías: “Lavai-vos, purificai-vos”. Tirai da minha vista as vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva! Então, sim, poderemos discutir, diz o Senhor” (Is 1,16-18). Que é discutir com Deus? Mostra-te a ele que te conhece, a fim de que ele se revele a ti que o desconheces. “Gratas lhe sejam minhas palavras”. Eis as tuas palavras que são gratas a Deus. O sacrifício de tua humildade, a contrição de teu coração, o holocausto de tua vida, isto é suave a Deus. E a ti, o que é suave? “Regozijar-me-ei no Senhor”. Esta é a discussão entre os dois, a que me referi: mostra-te àquele que te conhece e ele se revela a ti que o desconheces. Grata lhe é a tua confissão, suave é para ti a sua graça. Ele se revelou a ti. Como se revelou? Pelo Verbo. Que Verbo? O Cristo. Falou-lhe e falou de si mesmo. Tendo enviado Cristo, falou de si mesmo. Sim, ouçamos o próprio Verbo: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). “Regozijar-me-ei no Senhor”.

19 35 “Desapareçam da terra os pecadores”. Parece furioso o salmista. Ó alma santa, que aqui canta e geme! Oxalá nossa alma esteja unida a esta alma! Oxalá se una a ela, a ela se associe e adira! Verá também a misericórdia daquela alma que se ira. Quem entende isto, se não estiver cheio de caridade? “Desapareçam da terra os pecadores”. Estremeces, porque ela maldiz. E quem é que maldiz? Um santo. Sem dúvida será atendido. Mas, foi dito aos santos: “Abençoai e não amaldiçoeis” (Rm 12,14). Por que então diz o salmo: “Desapareçam da terra os pecadores?” Desapareçam efetivamente; seja retirado o seu espírito e desapareçam, a fim de que Deus envie seu espírito e sejam restaurados. “Desapareçam os pecadores da terra, e os iníquos nunca mais existam”. Quem não deve existir, a não ser o iníquo? Portanto, sejam justificados os iníquos, para que deixem de existir. O salmista viu isto realizado, encheu-se de alegria e voltou ao primeiro versículo do salmo: “Bendize, minha alma, ao Senhor”. Bendiga nossa alma ao Senhor, irmãos, porque se dignou dar-nos a possibilidade de falar e a palavra, e a vós concedeu atenção. Em conversas mútuas digeri o que assimi-lastes, ruminai o que recebestes. Não fique em olvido em vossos corações. Tesouro precioso repouse em vossos lábios (cf Pr 21,20). Com grande esforço tudo isso foi examinado e encontrado, com grande labor foi anunciado e discutido. Seja frutuoso para vós o nosso labor, e bendiga nossa alma ao Senhor.

SALMO 104

COMENTÁRIO

1 1 O salmo centésimo quarto é o primeiro que traz anotado no início o Aleluia. O significado desta palavra, ou antes destas duas palavras é o seguinte: Louvai a Deus. Daí provém que ele comece: “confessai ao Senhor e invocai o seu nome”. Esta confissão deve ser entendida como sendo de louvor, conforme também a expressão: “Eu te confesso, ó Pai, Senhor do céu e da terra” (Mt 11,25). Quando se começa com o louvor, costuma-se continuar com a invocação, em que o orante manifesta seus desejos. Daí vem que a própria oração dominical contém no início um brevíssimo louvor, isto é: “Pai nosso, que estais no céu” (Mt 6,9). Então, em seguida vêm as petições. Por isso, também noutra passagem de um salmo se diz: “Nós confessaremos a ti, ó Deus, a ti nós confessaremos e invocaremos o teu nome” (Sl 74,2). De modo mais claro, em outro salmo: “com louvores, invocarei o Senhor e serei salvo de meus inimigos” (Sl 17,4). E neste salmo: “Confessai ao Senhor e invocai o seu nome”. O sentido é idêntico ao da palavra: Louvai ao Senhor, e invocai o seu nome. O Senhor, de fato, atende a quem o invoca, vendo-o a louvá-lo. Vê a louvá-lo aquele cujo amor o Senhor comprova. E em que o Senhor quis que mostrasse o bom servo seu amor por ele, senão na palavra que disse a Pedro: “Apascenta minhas ovelhas”? (Jo 21,17). Por isso, continua o salmo: “Anunciai entre as nações as suas obras”, ou melhor, para traduzir literalmente a palavra grega, conforme trazem outros códices latinos: “Evangelizai entre as nações as suas obras”. A quem se dirigem estas palavras, senão profeticamente aos evangelistas?

2 2.3 “Cantai-lhe e entoai-lhe salmos”. Louvai com palavras e obras. Com a boca, efetivamente, se canta; com o saltério, porém, isto é, com as mãos, se salmodia. “Narrai todas as suas maravilhas. Gloriai-vos de seu nome santo”. Estes dois versículos podem certamente ser considerados como repetição dos dois versículos anteriores. De sorte que: “Narrai todas as suas maravilhas” se refira a “Cantai-lhe”; quanto ao que segue: Gloriai-vos de seu nome santo seja relativo a: “Entoai-lhe salmos”. Um, portanto, relativamente à palavra boa, que se lhe canta, e com a qual se narram todas as suas maravilhas; quanto ao outro, trata da obra boa, de lhe entoar salmos, e isso de tal forma que ninguém procure louvor por causa de suas boas obras, como se fossem feitas por virtude sua. Por isso, tendo dito: “Gloriai-vos”, o que, na verdade, os que agem bem podem fazer com razão, acrescentou: “de seu nome santo”, de tal maneira que aquele que se gloria, se glorie no Senhor (cf 1Cor 1,31). Aqueles que querem salmodiar ao Senhor e não para si mesmos, acautelem-se de praticar sua justiça diante dos homens para serem vistos por eles. Se o fizerem, não receberão a recompensa do Pai que está nos céus; mas brilhem as suas obras diante dos homens, não para serem vistos por eles, mas para que, vendo as suas boas obras, eles glorifiquem seu Pai, que está nos céus (cf Mt 6,1; 5,16). É isto que significa: Gloriai-vos de seu nome santo. Por esta razão, se lê em outro salmo: “Minha

alma se gloriará no Senhor. Ouçam os mansos e se alegrem" (Sl 33,2.3). Assim, aqui de certo modo se prossegue: "Alegre-se o coração dos que buscam o Senhor". Desta forma, os mansos se alegram, porque não invejam com zelo amargo aqueles que agem bem.

3 4 "Procurai o Senhor e confortai-vos (conformamini)". Assim foi vertido mais exatamente do grego, embora a palavra não seja bem latina; por isso alguns códices têm: confirmamini e outros: corroboramini. Na verdade, se diz: "Minha firmeza" (Sl 17,2) e: "Guardarei em ti a minha força" (Sl 58,10). Procurando-o e aproximando-nos dele, sejamos iluminados e confortados. Por cegueira, não deixemos de ver o que devemos fazer, ou não pratiquemos mesmo o que vemos, por fraqueza. Quanto ao que nos convém ver: "Acercai-vos dele e sereis iluminados" (Sl 33,5); o mesmo, quanto às obras: "Procurai o Senhor e confortai-vos. Buscai sempre a sua face". Que é a face de Deus senão a sua presença? Como se fala de face do vento e face do fogo; pois, está escrito: "como a palha diante do sopro (a facie) do vento" (Sl 82,14) e: "como ao contato com o fogo (a facie) com o fogo se derrete a cera" (Sl 67,3). A Escritura encerra muitas expressões similares. Nada mais quer significar do que a presença quando se refere à face. Mas, que quer dizer: "Buscai sempre a sua face?" Sei que para mim felicidade é aproximar-me de Deus (cf Sl 72,28), mas se sempre se procura, quando se encontra? Ou terá dito "sempre" a respeito desta vida que aqui se leva (durante a qual sabemos o que devemos fazer), que mesmo depois de ter encontrado a Deus devemos procurá-lo? A fé, com efeito, já o encontrou, mas a esperança ainda o busca. A caridade, porém, o encontra pela fé e procura possuí-lo na plena realidade, quando ele será encontrado de tal forma que nos bastará e não teremos mais o que buscar além. Pois, se a fé não o encontrasse nesta vida, não se diria: "Procurai o Senhor; e tendo-o encontrado, abandone o ímpio o seu caminho, e o homem mau os seus pensamentos" (Is 55,6.7). Se tendo sido encontrado pela fé, não devesse ainda ser procurado, não se diria: "E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8,25), nem João: "Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é"; ainda teremos de procurar, e procurar sem fim, porque ele deve ser amado infinitamente. Costumamos dizer na presença de alguém: Não te procuro, quer dizer, não te amo. Pelo fato de se amar, procura-se mesmo quem está presente, pois se trata de um amor perpétuo que exclui uma ausência. Por esta razão, quem ama a alguém, mesmo vendo-o, quer, sem se cansar, que ele esteja presente, isto é, deseja que esteja sempre presente. É isto que quer dizer: "Buscai sempre a sua face", a fim de que o encontro não traga um termo a esta busca, que representa o amor, mas com o aumento do amor cresça também a procura daquele que foi encontrado.

4 5 De agora em diante este salmista ardente no louvor modera-se e desce a palavras mais acessíveis, nutre o amor fraco, que ainda se alimenta de leite, com as maravilhas de Deus operadas no tempo. "Recordai as maravilhas que ele realizou, seus prodígios e seus juízos proferidos por sua boca". Esse texto parece semelhante àquela passagem em que Deus, tendo dito a Moisés que perguntava quem ele era: "Eu sou aquele que é", e: "assim dirás aos filhos de Israel: Eu sou me enviou até vós" (poucas são as mentes que

captam o sentido desta frase em minúscula partícula), em seguida, lembrando o seu nome, moderou misericordiosamente a sua sublimidade, em consideração à fraqueza dos homens, nesses termos: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Este é o meu nome para sempre” (Ex 3,14.13). Quis com isso dar a entender que vivem eternamente junto dele aqueles de quem ele declara ser Deus, e afirmou-o de um modo que até os pequenos podiam compreendê-lo; quanto à declaração: “Eu sou aquele que é”, entendessem segundo sua capacidade os que possuindo a grande força da caridade soubessem procurar sempre a sua face. Se, portanto, é elevado demais para vós ver ou procurar saber quem é ele, “recordai-vos das maravilhas que ele realizou, seus prodígios e os juízos proferidos por sua boca”.

5 6.7 E a quem se dirigem essas palavras? “À raça de Abraão, seus servos, filhos de Jacó seus escolhidos”. Vós, raça de Abraão, vós, filhos de Jacó, “recordai-vos das maravilhas por ele realizadas, seus prodígios e os juízos proferidos por sua boca”. O salmista, no intuito de que não se pensasse que isso se aplica somente ao povo israelita segundo a carne, e que não seriam antes raça de Abraão os filhos da promessa e não os filhos carnais, conforme fala o Apóstolo aos gentios: “Sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa” (Gl 3,29), prossegue: “Ele é o Senhor, nosso Deus, seus juízos se exercem em toda a terra”. O mesmo diz Isaías à Jerusalém livre, nossa mãe: “Teu Deus é teu redentor. Ele se chama o Deus de toda a terra” (Is 54,5). Acaso é Deus apenas dos judeus? De forma nenhuma. “Ele é o Senhor, nosso Deus, os seus juízos se exercem em toda a terra”, porque sua Igreja se acha na terra inteira, onde são anunciados os seus juízos. Porque, então, afirma outro salmo: “Revela sua palavra a Jacó, sua justiça e seus juízos a Israel; com nenhum outro povo agiu assim, a nenhum manifestou os seus juízos” (Sl 147, 19.20). Por conseguinte, quis dar a entender que um só povo pertence à descendência de Abraão. Este povo, de fato, foi formado de todas as nações, e assim pode-se dizer que nele se acham todos os povos, de sorte a formar um povo destinado à adoção. Fora deste povo, a nenhum outro revelou seus juízos; pois, aos que neles não acreditaram, embora lhes tenham sido anunciados, não foram revelados; porque se não crêem, não entendem.

6 8.11 “Ele se lembrou pelos séculos de sua aliança”. Outros códices trazem: “eternamente”. Isto provém da ambigüidade da palavra grega. Mas, trata-se dos presentes séculos, não da eternidade. Como é que, ao expor de que aliança se lembrou, o salmista acrescentou: “Da palavra ordenada a mil gerações?” Poderia referir-se a determinado termo; mas em seguida diz: “Do pacto que concluiu com Abraão e do juramento que fez a Isaac; e que confirmou em preceito a Jacó e a Israel em aliança eterna”. Aqui não deixa lugar a ambigüidade. O texto grego diz: aionion que os nossos em parte alguma verteram por outro termo senão: eterno. Apenas um ou outro, traduziu aionion por eternale. A não ser, talvez que aiona em geral possa significar: século, e então prefiram traduzir aionion não por eterno, mas por secular; mas não me lembro que alguém tenha ousado fazê-lo. Se, porém, neste lugar se deva entender o Antigo Testamento, por causa da terra de Canaã, pois assim é o contexto: “E que confirmou em

preceito a Jacó e a Israel em aliança eterna, dizendo: Dar-te-ei a terra de Canaã, como a porção de vossa herança", como entender a palavra "eterna", se aquela herança terrena não pode ser eterna? E, com efeito este Testamento não se chama Antigo, porque é abolido pelo Novo? "E mil gerações", de fato, não parecem represen-tar algo de eterno; porque têm fim, ainda que para as realidades temporais pareçam grande número. Uma geração, que os gregos denominam geneán limita-se a poucos anos, no mínimo quinze anos, idade em que o homem começa a ter capacidade de gerar. Que são essas mil gerações, se contadas não só do tempo de Abraão, quando lhe foi feita essa promessa, até a época do Novo Testamento, mas mesmo se computadas de Adão até o fim dos séculos? Quem ousará dizer que este mundo durará quinze mil anos?

7 Por conseguinte, não me parece tratar-se aqui do Antigo Testamento, que o profeta diz será substituído pelo Novo: "eis que dias virão — oráculo do Senhor — em que selarei com a casa de Jacó uma aliança nova. Não como a aliança que selei com seus pais, no dia em que os tomei pela mão para fazê-los sair da terra do Egito" (Jr 31,31.32), mas uma aliança na fé, louvada pelo Apóstolo, ao nos propor à imitação a figura de Abraão, e convencer aos que se gloriavam das obras da lei de que Abraão acreditou mesmo antes da circuncisão e isso lhe foi dito em conta de justiça (Gl 3,5.6). Enfim, tendo dito: "ele se lembrou pelos séculos de sua aliança", devemos entender: eternamente se lembrou da aliança da justificação e da herança eterna, prometida por Deus à fé: "Da palavra ordenada a mil gerações". Que significa: ordenada? A locução: "Dar-te-ei a terra de Canaã" não constitui uma ordem, mas é uma promessa. Uma ordem deve ser executada, uma promessa deve ser recebida. Um mandato é a fé: que o justo viva da fé (cf Rm 1,17). A esta fé é prometida a herança eterna. "Mil gerações", pois, por causa da perfeição do número. Significa totalidade, isto é, enquanto uma geração suceder a outra, existe o mandato de viver da fé. É isto que observa o povo de Deus, enquanto os filhos da promessa vêm por nascimento, e partem morrendo, até que terminem todas as gerações. Tal é o sentido do número milenário, o cubo do número dez, porque dez vezes dez, vezes dez produz mil. "Do pacto que concluiu com Abraão e do juramento que fez a Isaac. E que confirmou em preceito a Jacó", ao próprio Jacó. Estes três são os patriarcas, dos quais Deus especialmente se diz seu Deus, e que o Senhor nomeia no Novo Testamento, ao dizer: "Virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa no reino dos céus, com Abraão, Isaac e Jacó" (Mt 8,11). Tal é a herança eterna. Pois, também aqui, ao dizer: "E que confirmou em preceito a Jacó", manifesta que se trata do preceito da fé; pois se fosse promessa, não o chamaria de preceito. O trabalho relaciona-se com o preceito, e a recompensa com a promessa. Disse o Senhor: "A obra de Deus é que acrediteis naquele que ele enviou" (Jo 6,29). Conseqüentemente, a palavra que ele ordenou, "lembrado eternamente de sua aliança", isto é, a palavra da fé que anunciamos (cf Rm 10,8), "ele a confirmou em preceito a Jacó e a Israel em aliança eterna", a saber, devi-do à palavra e ao preceito cumprido haveria de dar recompensa eterna, "dizendo: Dar-te-ei a terra de Canaã, como a porção de vossa herança". Como esta recompensa é eterna, se não representar algo eterno? Ela é denominada terra da promissão, terra onde corre leite e mel (cf Ex 3,8.17). Tudo isso figura a graça, que nos

faz provar como o Senhor é suave (cf Sl 33,8), e que não pertence a todos os homens; porque a fé não é de todos (cf 11 Ts 3,2). Por isso acrescentou: "A porção de vossa herança". Daí provém que em outro salmo percebe-se que fala Abraão uma vez, isto é, Cristo, nesses termos: "Caíram meus cordéis em parte esplêndida. A minha herança, portanto, é excelente" (Sl 15,6). O motivo por que o salmista fala em terra de Canaã, revela-o a interpretação do nome; Canaã, na verdade, se traduz por: humilde. Se o referirmos à sentença de Noé, que declarou seria Canaã servo de seus irmãos (cf Gn 9,25), daí vem igualmente o temor servil. "Ora, o escravo não permanece sempre na casa, mas o filho aí permanece para sempre" (Jo 8,35). Excluído, portanto, o cananeu, a terra da promissão é dada à descendência de Abraão. O perfeito amor lança fora o temor, de sorte que o filho permaneça na casa para sempre (cf 1Jo 4,18). Daí se dizer: "A Israel em aliança eterna".

8 12 Em seguida, afirma-se uma verdade muito conhecida da história dos livros sagrados. "Quando eram em número reduzido, pouquíssimos e forasteiros naquela região", isto é, na terra de Canaã. Quando lá habitavam os patriarcas, Abraão, Isaac e Jacó, antes de recebê-la em herança, seus descendentes eram pouquíssimos e forasteiros naquela região. Alguns códices trazem: paucissimos et incolas e não: paucissimi et incolae. É evidente que os que assim traduziram, seguiram literalmente a construção grega, que não pode ser simplesmente trasladada para o latim, pois seria um absurdo intolerável. Se nos esforçarmos por traduzir toda a frase literalmente, diremos: In eo esse illos numero brevi, paucissimos et incolas in ea. A locução em grego: In eo esse illos, num latim correto seria: Cum essent. A palavra seguinte não pode estar no acusativo, mas deve estar no nominativo. Pois, quem diria: Cum essent paucissimos? Exato seria: Cum essent paucissimi.

9 13.15 Por conseguinte, "quando eram em número reduzido" ou: "poucos numericamente, pouquíssimos e forasteiros naquela região, migraram de nação em nação e de um reino a outro povo". É uma repetição do que dissera: "de nação em nação. A ninguém permitiu que os oprimisse", não deixou. Em grego está dito: nocere illos, num latim correto: nocere illis. "Castigou a reis por causa deles". Disse: "Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas". O salmista apresenta as palavras de Deus a corrigir e argüir os reis, a fim de que não maltratassem os santos pais, quando eram em número reduzido, pouquíssimos e forasteiros na terra de Canaã. Apesar de não se lerem estas palavras nos livros históricos, contudo deprende-se que ou foram proferidas ocultamente, quando Deus fala aos corações dos homens por visões escondidas e verdadeiras, ou por intermédio de um anjo. Com efeito, o rei de Gerara e o rei do Egito foram advertidos por Deus para que não prejudicassem a Abraão (Gn 12,17-20; 20,3), outro rei, que não maltratasse Isaac (Gn 26,8-11), e outros, que não fizessem mal a Jacó (Gn caps. 31-33) quando ainda eram pouquíssimos e forasteiros, antes que Jacó se transferisse com seus filhos para o Egito, estabelecendo aí morada. Relembram-nos as palavras: "Migraram de nação em nação e de um reino a outro povo". Mas, visto que se poderia perguntar como teriam podido, sendo em número reduzido, pouquíssimos

e forasteiros em terra estranha subsistir, antes que se transladassem para o Egito e ali se multiplicassem o salmista prosseguiu: “A ninguém permitiu que os oprimisse. Castigou reis por causa deles. Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas”.

10 Sem dúvida, pode alguém interrogar-se como foram chamados ungidos, antes que houvesse unção. Devido a uma unção, este nome de ungido foi imposto aos reis, dos quais Saul foi o primeiro. Sucedeu-lhe Davi. De então em diante os demais reis de Judá e os de Israel, segundo este costume sagrado, eram ungidos. Tal unção figurava o único e verdadeiro Cristo, ao qual foi dito: “Por isso, ó Deus, te ungiu o teu Deus com o óleo da alegria, de preferência a teus companheiros” (Sl 44,8). Donde se origina, pois, que aqueles já então eram denominados ungidos? Lemos a respeito de Abraão que eles foram profetas; de fato, o que é claramente dito acerca de um, deve-se entender dos outros. Ou seriam ungidos porque, de maneira latente, já eram cristãos? Pois, embora a carne de Cristo originou-se deles, no entanto Cristo existia antes deles, conforme a resposta que ele deu aos judeus: “Antes que Abraão nascesse, eu sou”. Como, porém, eles o ignoravam, ou nele não acreditavam, se eram chamados profetas porque, apesar da forma oculta, prenunciavam o Senhor? Por isso, ele diz claramente: “Abraão desejou ver o meu dia. Ele o viu e encheu-se de alegria” (Jo 8,58.56). Ninguém, sem a fé em Cristo Jesus, seja antes de sua encarnação, seja depois, reconciliou-se com Deus; o Apóstolo delimitou-o com toda verdade: “Há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus” (1Tm 2,5).

11 16.17 Logo começa a narrar como se realizou a migração de nação em nação e de um reino a outro povo. “Ele chamou a fome sobre a terra e os privou de todo sustento de pão. Adiante deles enviou um varão, José que foi vendido por escravo”. Por causa dele, migraram de nação em nação e de um reino a outro povo. Mas, não convém passar descuidadamente pelas locuções das Sagradas Escrituras. Dizem elas: “Ele chamou a fome sobre a terra”. Parece que a fome é uma pessoa, ou um corpo animado, ou algum espírito que pode obedecer a quem o chama. No entanto, a fome é um mal contraído por inanição, e para aqueles que dela padecem é uma espécie de doença. A doença cessa, muitas vezes, com um medicamento; assim a fome se cura com o alimento. Então por que dizer: Chamou a fome? Por acaso este mal de que sofrem os homens tem como chefe um anjo mau [pois outro salmo diz que por uma intervenção de anjos maus Deus afligiu os homens (Sl 77,49), e este é um juízo exato], e talvez: “Chamou a fome” quer dizer, chamou o anjo preposto à fome, mencionado sob o nome daquilo a que preside? Segundo este modo de opinar, os antigo romanos criaram alguns deuses com nomes semelhantes, como a deusa Febre e a deusa Lividez. Ou então o que é mais verossímil: “chamou a fome”, quer dizer, ordenou que a fome existisse. Denominar aqui seria chamar, chamar seria dizer, dizer seria mandar? Pois, chamou a fome, ele que “chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4,17), como se existissem. O Apóstolo não afirma: Chama as “coisas que não existem para existirem: mas, como se existissem”. Para Deus já é realidade aquilo que, segundo seus desígnios, há de vir futuramente. Disto fala outra passagem: “Fez as coisas que hão de vir” (Is 45,11, sg LXX). Neste salmo,

diz-se que a fome foi chamada quando foi feita, isto é, que aparecesse aquela que já existia, por oculta disposição de Deus. Enfim, logo expôs de que maneira Deus chamou a fome, dizendo: "E os privou de todo sustento de pão". É uma expressão pouco usual: "privou" em vez de consumiu.

12 "Adiante deles enviou um varão". Quem? José. Como enviou? "Que fora vendido como escravo". Com efeito, o ato dos irmãos foi pecado; foi Deus, contudo, que enviou José para o Egito. Consideremos uma questão importante e muito necessária: como Deus emprega bem as obras más dos homens, assim como estes, ao contrário, empregam mal as obras boas de Deus.

13 18.19 Em seguida, a narração prossegue, relembrando o que José suportou em sua humilhação, e como foi exaltado. "Humilharam-no com os pés entre os grilhões, o ferro traspassou-lhe a alma, até que se cumprisse seu oráculo". Não lemos que José tenha sido preso com grilhões; mas de forma alguma devemos duvidar disto. Alguns pormenores da história puderam ser omitidos: no entanto, o Espírito Santo não os ignorava e é ele quem fala nos salmos. Quanto ao ferro que se diz ter-lhe traspassado a alma, tomamos no sentido de uma tribulação dura e necessária. Não fala o salmo do corpo, mas da "alma". Existe no evangelho uma locução semelhante, quando Simeão diz a Maria: "Eis que este menino foi posto para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição, — e a ti, uma espada traspassará tua alma! — para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações" (Lc 2,34.35). Efetivamente, a paixão do Senhor, que serviu de queda para muitos, e durante a qual se revelaram os pensamentos íntimos de muitos corações, porque exprimiram o que pensavam acerca do Senhor, também sem dúvida contristou a mãe, gravemente atingida pela perda do filho. Quanto à tribulação de José, durou "até que se cumprisse o seu oráculo", sua interpretação verdadeira dos sonhos: por causa disso ele foi recomendado ao rei, a fim de que ele predissesse os eventos futuros, baseado nos sonhos do rei (cf Gn 41). Mas, como o salmista disse: "até que se cumprisse o seu oráculo", para evitar que interpretássemos "o seu", atribuindo a um homem tamanha ação, logo prosseguiu: "E a palavra de Deus o inflamou"; ou conforme se encontra em alguns códices, traduzido mais literalmente do grego: "E a palavra de Deus o abrasou", de tal modo que ele fosse enumerado entre aqueles aos quais foi dito: "Gloriai-vos de seu nome Santo. E a palavra de Deus o abrasou". Com razão, quando o Espírito Santo foi enviado pelo Senhor, apareceram-lhes umas como línguas de fogo, que se distribuíram (At 2,3). E diz o Apóstolo: "Fervorosos de espírito" (Rm 12,11). Afastam-se deste fogo aqueles dos quais se diz: "O amor de muitos esfriará" (Mt 24,12).

14 20.22 Em seguida vem: "O rei mandou soltá-lo. O so-berano dos povos o libertou"."Rei" é o mesmo "soberano dos povos", que "soltou" o prisioneiro, "libertou" o preso. "Nomeou-o senhor de sua casa e governador de todos os seus domínios para instruir os magnatas segundo a sua vontade e ensinar a prudência aos anciãos". O texto grego traz: "E ensinar a sabedoria aos anciãos". Precisamente se poderia traduzir: "Instruir os magnatas segundo a sua vontade, e tranformar em sabios os anciãos". Pois,

o grego traz a palavra presbitérous que costumamos verter por anciãos e não gérontas, isto é, velhos; sophísai que não se pode traduzir por uma só palavra latina, deriva de sabedoria, que em grego é sophia e não de prudência, phónesis. Mas, também não lemos isto quando José foi exaltado, como também não encontramos grilhões em sua humilhação. Mas como é possível que um tão grande varão, adorador do único e verdadeiro Deus, estivesse empenhado somente em alimentar os corpos e em governar as coisas temporais, sem se preocupar com o que os tornaria melhores, a saber, o cuidado com as suas almas? Mas estas coisas foram registradas naquela história, as quais segundo a intenção do autor, que tinha em si o Espírito Santo, eram suficientes para representar as coisas futuras, através de sua narativa.

15 23 "Então Israel entrou no Egito e Jacó foi peregrino na terra de Cam". Israel identifica-se com Jacó e Egito com a terra de Cam. Daí se evidenciou que da descendência de Cam, filho de Noé, cujo primogênito foi Canaã, se originou o povo egípcio. Por conseguinte, deve-se corrigir a palavra Canaã neste lugar, conforme se encontra em alguns códices. É melhor traduzir: "foi peregrino" do que "habitou", segundo alguns códices. Enfim, seria o mesmo que dizer peregrino, pois não significa outra coisa. De fato, no grego esta passagem usa a mesma palavra que acima, no trecho: "Pouquíssimos e forasteiros naquela região". Forasteiro ou peregrino não é nativo, mas estrangeiro. Eis como "migravam de nação em nação e de um reino a outro povo". Fora apresentado resumidamente e brevemente foi explicado. Mas com razão se pode perguntar de que reino passaram a outro povo. Pois, ainda não reinavam na terra de Canaã, porque ainda não fora constituído ali o reino de Israel. Como, portanto, se pode entender, senão talvez por antecipação, porque ali haveria um reino de sua raça?

16 24 Logo são descritos os acontecimentos no Egito. "O Senhor fez crescer muito o seu povo e o fez mais forte que seus inimigos". Também isto foi apresentado em resumo primeiro e depois se narra como aconteceu. O povo de Deus ainda não era mais forte do que os egípcios, seus inimigos, quando eles matavam os recém-nascidos, nem quando eram oprimidos na fabricação de tijolos; mas foram mais fortes quando se tornaram temíveis e respeitáveis devido à mão poderosa de seu Deus e Senhor a operar sinais e prodígios, até que fosse vencida a dureza do faraó e o perseguidor com seu exército se afogassem no mar Vermelho.

17 A breve declaração: "E o fez mais forte que seus inimigos" nos induz a interrogarmos como isso se deu; o sal-mista começa a dizer, até defini-lo por uma narração. "Mudou-lhes o coração para detestarem o seu povo e empregarem dolo contra os seus servos". Por acaso devemos entender, ou acreditar que Deus transforme o coração do homem para cometer pecados? Ou não será pecado, ou será pecado leve odiar o povo de Deus e empregar fraude contra seus servos? Quem diria isto? Então seria Deus autor destes pecados gravíssimos, ele que não se pode crer ser autor de nenhum pecado mesmo levíssimo? Quem é sábio e entende essas coisas? (cf Sl 106,43). Ora, a bondade de Deus é tão admirável que emprega bem até os maus, sejam anjos, sejam homens. Apesar de serem eles por seu próprio vício malvados, Deus tira o bem de suas más ações. Eles, de

fato, não eram bons antes de detestarem seu povo; mas eram tão malignos e ímpios que facilmente invejavam a felicidade dos forasteiros. O fato de Deus ter feito crescer o seu povo levou os maus à inveja de seu benefício. Com efeito, a inveja é ódio da felicidade alheia. Mudou-lhes o coração de tal forma que por inveja detestassem seu povo e empregassem dolo contra seus servos. Não o fez tornando maus seus corações, e sim beneficiando a seu povo; fez com que eles espontaneamente odiassem em seu malvado coração. Pois, Deus não perverteu um coração reto, mas mudou o coração perverso a odiar espontaneamente o povo, tirando porém um bem do mal. Não os fez maus, mas concedeu tais bens a seu povo que eles com facilidade podiam invejar. Os versículos seguintes nos ensinam como o ódio dos egípcios foi utilizado por Deus para exercitar o seu povo e para a glória do nome de Deus, que nos é proveitosa. Tudo isso é relembrado para o louvor de Deus, ao se cantar: Aleluia.

18 20 "Mas Deus lhes enviou Moisés, seu servo, e Aarão, seu escolhido, ele próprio". Bastaria: "seu escolhido". Não é preciso investigar porque foi acrescentado: "ele próprio". É um modo de falar peculiar às Escrituras, conforme a expressão: "Onde habitarão nela" (Nm 13,20; Lv 18,3, sg LXX). As páginas divinas estão cheias destas locuções.

19 27 "Transmitiu-lhes palavras, sinais e prodígios na terra de Cam". Não devemos entender: "palavras, sinais e prodígios", como se fossem palavras pelas quais se faziam sinais e prodígios, proferidas em vista de um milagre. Mui-tas coisas aconteceram sem palavras, por meio da vara, da mão estendida, ou das cinzas jogadas para o ar. Mas como os mesmos fatos não eram desprovidos de sentido, como não o são as palavras que proferimos, fala-se de palavras, não constituídas de vozes e sons, mas de sinais e prodígios. "Transmitiu-lhes", quer dizer, operou por meio deles.

20 28 "Mandou trevas e tudo escureceu". Está escrito também isso entre as pragas que feriram o Egito. Os versículos seguintes, variam nos diversos códices. Com efeito, uns trazem: "Mas eles resistiram às suas palavras", outros, porém: "Mas eles não resistiram às suas palavras"; a primeira forma, nós a encontramos em maior número; o acréscimo da partícula negativa pudemos encontrar apenas em dois códices. Mas, talvez a correção seja mais numerosa por apresentar sentido mais fácil; que há de mais fácil de entender do que o que foi dito: "Mas eles resistiram às suas palavras?" Sim, às suas contumazes contradições? Esforçamo-nos por expôr também segundo uma sentença correta a segunda forma, e ocorreu-nos o seguinte: "Mas não resistiram às suas palavras", quer dizer, trata-se de Moisés e Aarão, porque eles suportaram com a maior paciência mesmo os mais duros, até que se cumprisse por ordem tudo o que Deus dispusera fazer-lhes.

21 29.30 "Converteu-lhes as águas em sangue, matando-lhes todos os peixes. Infestou-lhes a terra de rãs, que pulularam até nos aposentos reais". Seria como se dissesse: Converteu-lhes a terra em rãs. Foi tamanha a quantidade de rãs, que isto se diria convenientemente por hiperbolén (hipérbole).

22 31 "À uma palavra dele vieram moscas e mosquitos em todo o seu território". Se

perguntarmos quando Deus falou, estava em sua palavra antes de se realizarem, pois ali estavam sem tempo os acontecimentos que adviriam no tempo. Embora se fizessem através de anjos, e de seus servos Moisés e Aarão, mesmo então, de certa maneira, ele proferiu que se fizesse quando se devia fazer.

23 32 “Em vez de chuva enviou-lhes granizo”. Assemelha-se à locução acima: “Infestou-lhes de rãs a terra”, com a diferença de que não toda a terra se converteu em rãs, enquanto toda a chuva pôde se converter em granizo. “Fogo abrasador sobre a sua terra”. Subentende-se: “enviou”.

24 33 “Devastou-lhes vinhas e figueiras e quebrou o arvoredo de seus campos”. Aconteceu tudo isso pela força do granizo e dos raios; por isso, disse o salmista: “fogo abrasador”.

25 34 “Ordenou e vieram o gafanhoto e lagartas incon-táveis”. Uma só é a praga do gafanhoto e de lagartas; porque uns são os pais, outras as filhas.

26 35 “Que devoraram toda a erva do país e comeram todos os frutos de sua terra”. Também a erva é fruto, conforme a maneira habitual de falar das Escrituras, que chama de erva até as colheitas de frutos. Usou as duas palavras, talvez porque quis que combinassem com o número que dissera, isto é, dois: gafanhotos e lagartas. Tudo isso pertence à variedade de estilo, para se evitar o fastio, e não à diversidade de sentenças.

27 36 “Feriu de morte todos os primogênitos do país, as primícias de todo o seu trabalho”. Esta foi a última praga, se excetuarmos a morte no mar Vermelho. Penso que se fala em primícias de todo o seu trabalho por causa dos primogênitos dos animais. Sendo dez as pragas, nem todas foram relembradas, nem se lêem na mesma ordem em que se realizaram. Um escrito elogioso não se sujeita à lei das narrações ou da história. O autor e escritor deste texto elogioso é o Espírito Santo mediante o profeta. Este, com a mesma autoridade, de fato, daquele que escreveu a história, comemora algum fato que nela não se lê, ou omite algum que lá se encontra.

28 37 Aos louvores de Deus se acrescenta o feito de que tirou do Egito os israelitas enriquecidos de ouro e prata. De fato, eles ainda eram dos que não podiam menosprezar a recompensa, temporal é verdade, mas devida e justa de seus trabalhos. Nem porque eles enganaram os egípcios, dos quais pediram de empréstimo ouro e prata, se deve pensar que Deus ordenasse os dolos daqueles que têm o coração ao alto, ou, se eles o fizessem, que Deus os aprovasse. Antes por aquelas palavras de Deus, que via seus corações e examinava seus desejos, foi-lhes permi-tido agir assim, mas não lhes foi ordenado. Entretanto, foram impelidos por um ânimo carnal os que assim agiram para com aqueles que o mereciam e embora tenha sido por dolo, tiraram de homens iníquos o que lhes era devido. Deus empregou divinamente a iniqüidade dos egípcios e a fraqueza dos israelitas a fim de obter o que deviam aqueles fatos figurar e prenunciar. “E fez sair o povo com ouro e prata”. Este modo de se expressar é próprio da Escritura. Disse: “com ouro e prata”, em vez de: carregado de ouro e prata. “E em suas tribos não havia enfermos”, mas de corpo, não de alma. Constituía isto um grande benefício de Deus: que

não houvesse doente algum enquanto eles se vissem na necessidade de migrar.

29 38 “O Egito se alegrou com a sua partida, por causa do temor que lhes incutiam”. Refere-se ao temor que os hebreus incutiam aos egípcios. Não o “temor” dos hebreus, mas o que eles incutiam. Dirá alguém: Como então os egípcios não queriam deixá-los partir? Como os demitiram pensando que eles voltariam? Como lhes emprestaram o ouro e a prata que eles pediram, pensando que haveriam de voltar e devolver o emprestado, se “o Egito se alegrou com a sua partida?” Mas, compreende-se que depois da última praga da morte dos primogênitos dos egípcios, e de tamanha mortandade do exército perseguidor no mar Vermelho, os egípcios tenham tido medo de que os hebreus voltassem e esmagassem com a maior facilidade os restos de seu povo. Então se cumpriu o que foi dito mais acima: “O Senhor fez crescer muito o seu povo”; e logo prosseguiu: “E o fez mais forte que seus inimigos”. O salmista, no intuito de explicar a sentença proferida num só versículo e como isto se realizou, acrescentou o restante da narração que exalta esta mortandade, até este trecho: “O Egito se alegrou com a sua partida, por causa do temor que lhes incutiam”. Parece assinalar o que propusera: Que Deus fez seu povo mais forte que seus inimigos.

30 39 Em seguida narra quais os benefícios divinos em sua caminhada pelo deserto. “Distendeu uma nuvem para protegê-los, e deu-lhes um fogo para iluminá-los durante a noite”. Esses eventos são tão manifestos quanto conhecidos.

31 40 “A seu pedido, mandou-lhes cordonizes”. Não haviam desejado codornizes, mas carne. Uma vez, contudo, que condorniz é carne, e neste salmo não se fala da murmuração daqueles nos quais Deus não depositou a complacência, e sim da fé dos eleitos, que constituem a verdadeira descendência de Abraão, deve-se interpretar que estes pediram fosse abafada a murmuração dos queixosos. “E os fartou com o pão do céu”. O salmista não nomeia o maná, mas isto é claro para quem lê as Escrituras.

32 41 “Fendeu o rochedo e jorararam águas, que correram qual rio pelo deserto”. Ao se ler alusão a tal acontecimento, logo se entende.

33 42.44 Depois Deus recomenda o mérito da fé de Abraão, através de todos esses benefícios seus. Continua o salmo: “Porque se lembrou de sua palavra santa, empenhada a Abraão seu servo. E conduziu seu povo com exultação e seus eleitos entre gritos de alegria”. Tendo dito: “seu povo”, repetiu: “seus eleitos”; e: “com exultação”, retoma: “entre gritos de alegria. E lhes deu a região dos gentios e desfrutaram das riquezas dos povos. Região dos gentios” identifica-se com “riquezas dos povos”; e: “deu-lhes” foi repetido sob esta forma: “desfrutaram”.

34 45 O salmista para evitar que perguntássemos a quem tudo isso foi dado, e que pensássemos nisto consistir o bem supremo, porque Deus concedeu a seu povo esta felicidade temporal, imediatamente a refere a outro fim, onde importa procurar o bem supremo: “Para guardarem as suas justificações e buscarem a sua lei”. Trata-se aqui dos servos de Deus e filhos escolhidos da promessa, verdadeira e genuína descendência de Abraão, que imita a fé de Abraão. Por isso, receberam estes bens terrenos da parte de

Deus, de sorte que não se dissipassem no luxo, nem se entorpecessem em enganosa segurança; mas considerassem que tudo isso foi preparado pela divina misericórdia de sorte que em vez de obtê-los ocupando-se em penosos trabalhos, tivessem lazer para adquirirem os bens eternos, isto é: "Para guardarem as suas justificações e buscarem a sua lei". Enfim, quis que se entendesse como descendência de Abraão aqueles que o fossem verdadeiramente; estes não faltaram efetivamente no povo hebreu. O apóstolo Paulo o demonstra suficientemente, ao dizer: "Apesar disso, não todos agradaram a Deus" (1Cor 10,5); e se, pois, "não todos", de fato, alguns ali "agradaram a Deus". Uma vez que este salmo recomenda a esses tais, nada relata das iniqüidades, provocações e murmurações daqueles que não agradaram a Deus. Mas, visto que não foi somente a justiça, mas ainda a misericórdia de Deus onipotente e clemente que apareceu até mesmo aos iníquos, o salmo seguinte trata deles, louvando a Deus. No entanto, existiram num só povo uns e outros, os iníquos não mancharam pelo contágio de suas iniqüidades os primeiros. Pois, o "Senhor conhece os que lhe pertencem"; e se neste mundo não é possível separarem-se dos injustos, "aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor" (2Tm 2,19).

35 Visando, portanto, a expor qual o espírito oculto de certo modo no que se pode chamar o corpo deste salmo, isto é, o sentido interior latente nas palavras exteriores, parece-me que ele exorta à descendência de Abraão, a saber, todos os pertencentes dentre os filhos da promessa à herança eterna, que prefiram a Deus por sua própria herança, e cultuem-no gratuitamente, isto é, por si mesmo e não tendo em mira algum lucro fora dele. E façam-no louvando, invocando, anunciando, não para a própria glória, mas para a glória de Deus, fazendo o bem pela fé, alegres na esperança, ardorosos na caridade (cf Rm 12, 11.12). É tudo isso que ressoa nesses versículos: "Confessai ao Senhor e invocai o seu nome. Evangelizai entre as na-ções as suas obras. Cantai-lhe e entoai-lhe salmos. Narrai todas as suas maravilhas. Gloriai-vos de seu nome santo. Alegre-se o coração dos que buscam o Senhor. Procurai o Senhor e confortai-vos. Buscai sempre a sua face".

36 Em seguida, são propostos os exemplos dos patriarcas, sua fé e as promessas de Deus, para alimentar os corações dos pequeninos e fortificá-los na fé. Imitando os exemplos deles com esperança, sejamos seus descendentes. Não são estes somente os hebreus, mas quantos na terra inteira recebem esta graça. Tal é o conteúdo dos versículos seguintes: "Recordai-vos das maravilhas que realizou, seus prodígios e os juízos proferidos por sua boca. Raça de Abraão, seus servos, filhos de Jacó, seus escolhidos. Ele é o Senhor, nosso Deus, os seus juízos se exercem em toda a terra. Ele se lembrou eternamente de sua aliança, da palavra ordenada a mil gerações. Do pacto que concluiu com Abraão e do juramento que fez a Isaac e que confirmou em preceito a Jacó e a Israel em aliança eterna, dizendo: Dar-te-ei a terra de Canaã, como a porção de vossa herança". Expliquei todos esses versículos, mostrando como interpretá-los, segundo minhas capacidades.

37 Neste ponto, pode ocorrer a alguém que não tenha bastante fé: se, pois, deve-se

adorar gratuitamente a Deus e procurar a ele mesmo que é a herança do testamento eterno, não há de descurar ele da vida mortal dos que o buscam, de suas necessidades temporais ou da própria multiplicidade de suas misericórdias? Então, ouvi atentamente o que ele outorgou a nossos pais, àqueles cujo exemplo de fé ele nos apresenta, ou àqueles de sua raça que imitaram sua fé. "Quando eram em número reduzido, pouquíssimos e forasteiros naquela região", na terra de Canaã. "E migraram de nação em nação e de um reino a outro povo. A ninguém permitiu que os oprimisse. Castigou reis por causa deles. Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas".

38 Se, porém, perguntardes como "migraram de nação em nação e de um reino a outro povo", ouvi: "Ele chamou a fome sobre a terra e os privou de todo sustento de pão. Adiante deles enviou um varão, José, que fora vendido por escravo. Humilharam-no com os pés entre os grilhões, o ferro traspassou-lhe a alma. Até que se cumprisse o seu oráculo. E a palavra do Senhor o inflamou. O rei mandou soltá-lo; o soberano dos povos o libertou. Nomeou-o senhor de sua casa e governador de todos os seus domínios, para instruir os magnatas segundo a sua vontade e ensinar a prudência aos anciãos. Então Israel entrou no Egito, e Jacó foi peregrino na terra de Cam". Eis como "migraram de nação em nação e de um reino a outro povo".

39 "O Senhor fez crescer muito o seu povo e o fez mais forte que seus inimigos". Se, pois, quereis saber como o Senhor o fez mais forte que seus inimigos, ouvi: "Mudou-lhes o coração para detestarem o seu povo e empregarem dolo contra os seus servos. Mas Deus lhes enviou Moisés, seu servo e Aarão, seu escolhido, ele próprio. Transmitiu-lhes palavras, sinais e prodígios na terra de Cam. Mandou trevas e tudo escureceu, mas eles resistiram às suas palavras. Converteu-lhes as águas em sangue, matando-lhes todos os peixes. Infestou-lhes de rãs a terra, que pulularam até nos aposentos reais. A uma palavra dele, vieram moscas e mosquitos em todo o seu território. Em vez de chuva, enviou-lhes granizo, fogo abrasador sobre a sua terra. Devastou-lhes vinhas e figueiras e quebrou o arvoredo de seus campos. Ordenou e vieram gafanhotos e lagartas incontáveis que devoraram toda a erva do país e comeram todos os frutos de sua terra. Feriu de morte todos os primogênitos do país, as primícias de todo o seu trabalho. E fez sair o povo com ouro e prata e em suas tribos não havia enfermo. E o Egito se alegrou com a sua partida, por causa do temor que lhes incutia".

40 Eis como o Senhor fez o seu povo mais forte que seus inimigos. Tendo Deus infligido por sua justiça esses males aos inimigos de seu povo, recebei agora o ensinamento de que sua misericórdia também lhe concedeu benefícios temporais: "Distendeu uma nuvem para protegê-los e deu-lhes um fogo para iluminá-los durante a noite. A seu pedido, mandou-lhes codornizes e os fartou com o pão do céu. Fendeu o rochedo e jorraram águas, que correram qual rio pelo deserto. Porque se lembrou de sua palavra santa, empenhada a Abraão seu servo. E conduziu seu povo com exultação e seus eleitos entre gritos de alegria. Deu-lhes a região dos gentios e desfrutaram das riquezas dos povos". Mas, não o adorem por causa disto; refiram-no aos bens eternos e se convertam, isto é, "para guardarem as suas justificações e buscarem a sua lei". Quaisquer que sejam os

bens conferidos por Deus, devem ser relacionados a um culto gratuito. O inimigo, provocando a este combate, ousou dizer a Deus: “É em vão que Jó teme a Deus”? (Jó 1,9). Com efeito, se José foi vendido como escravo, foi humilhado e depois exaltado e com isso obteve bens temporais para o povo de Deus, tornando-o mais forte do que seus inimigos, quanto mais Jesus vendido e humilhado por seus irmãos segundo a carne e exaltado no céu, fez reverter tudo isso em bens eternos para o povo de Deus, que triunfou do diabo e de seus anjos? Ouve, portanto, descendência de Abraão, que não se gloria da sua origem carnal, mas imita a sua fé; ouvi, servos de Deus, escolhidos de Deus, que tendes a promessa da vida presente e futura. Se as tentações neste mundo são duras, pensai em José no cárcere e em Jesus na cruz. Se gozais de prosperidade temporal, não sirvais a Deus por causa disso, mas utilizai-a, servindo a Deus. Não julgueis que ele é cultuado pelos que o veneram por causa dos bens necessários à vida presente, porque ele os dá também aos que o blasfemam; mas procurai primeiro o reino de Deus e sua justiça e todas essas coisas vos serão acrescentadas (cf Mt 6,33).

SALMO 105

COMENTÁRIO

1 1 O salmo centésimo quinto também traz a nota prévia: “Aleluia”, por duas vezes. Alguns, porém, afirmam que um aleluia pertence ao final do salmo anterior, e o outro ao princípio deste. E asseguram-no porque todos os salmos aleluiáticos têm no final um aleluia; nem todos, contudo, no início. Daí provém que todo salmo que não conclui com um aleluia, eles julgam que não deve tê-lo no começo. Quanto ao aleluia que parece ser do começo deste salmo, deve pertencer ao termo do antecedente. Nós, porém, até que por provas seguras formos persuadidos de que isto é verdade, seguimos o costume de muitos que atribuem o aleluia ao salmo onde o encontram, em seu início. Efetivamente, pouquíssimos são os códices (entre os códices gregos que pude examinar, nenhum encontrei) que tenham aleluia no fim do salmo cento e cinqüenta; depois deste salmo não há outro no cânon das Escritu-ras. Nem isto poderia apoiar o costume, mesmo que todos os códices o trouxessem. Pois, é possível que por alguma razão relativa ao louvor de Deus o livro inteiro dos salmos, que consta de cinco livros (pois, diz-se que onde se acha inscrito: “Fiat, fiat”, assim seja, trata-se do final de um livro), depois de tudo o que foi cantado, encerre-se com um último aleluia. Nem acho necessário, tendo em vista o fim do salmo centésimo quinquagésimo, que todos os salmos aleluiáticos tenham no final um aleluia. Não sei por que motivo no começo do salmo se duplica o aleluia, como também não sei porque o Senhor uma vez diz um “amém”, e em outras passagens profere dois; da mesma forma, não sei por que às vezes temos um aleluia, outras vezes dois; principalmente porque ambos os aleluias vêm depois do número do salmo, como neste salmo centésimo quinto. Se um deles pertencesse ao salmo anterior devia ser colocado antes do número; e depois do número do salmo se escreveria o outro aleluia, pertencente a este mesmo salmo. Mas pode ser que nisto tenha prevalecido um costume inadequado; e pode aparecer algo, que ainda ignoramos, que nos ensine melhor a verdade do que o preconceito de um costume. Agora, entretanto, até que o apren-damos melhor, todas as vezes que depois do número do salmo, encontramos o aleluia, seja uma ou duas vezes, segundo o costume muito difundido da Igreja, atribuiremos ao salmo deste número. Confessamos que ainda não conseguimos penetrar, como queríamos, no sentido obscuro de todos os títulos dos salmos, nem na ordem dos mesmos, apesar de considerarmos ser isto importante.

2 Vejo, todavia, que estes dois salmos, o centésimo quarto e o centésimo quinto são de tal forma unidos que um deles, o precedente, recomenda os eleitos de Deus em seu povo, sem acusá-los de coisa alguma, e penso que se trata daqueles que agradaram a Deus (cf 1Cor 10,5); neste salmo, porém, que vem logo em seguida, trata daqueles que murmuraram, embora pertecessem ao mesmo povo; a misericórdia de Deus, no entanto, não faltou nem a estes últimos. Falam aqueles que, convertidos, pedem perdão. O

salmista alude aos exemplos daqueles nos quais se manifestou abundantemente a misericórdia de Deus, apesar de serem pecadores. Com efeito, este salmo começa como o salmo cento e quatro: "Confessai ao Senhor". Mas, este último continua: "e invocai o seu nome" (Sl 104,1), enquanto o cento e cinco prossegue: "Porque ele é bom, porque eterna é a sua misericórdia". Por isso, pode- se entender aqui que se refere à confissão dos pecados; pois, após alguns versículos, continua o salmo: "Pecamos, como os nossos pais, agimos injustamente, cometemos a iniqüidade". Quanto à locução: "Porque ele é bom, porque eterna é a sua misericórdia", de fato, trata-se do louvor de Deus e da confissão em seu louvor. Embora, ao confessar alguém seus pecados, deva confessar louvando a Deus, pois somente é piedosa a confissão quando o pecador não desespera, mas suplica a misericórdia de Deus. Inclui, portanto, o louvor de Deus, seja por palavras, declarando-o bom e misericordioso, seja pelos afetos, acreditando nisso. Efetivamente daquele publicano somente estas palavras foram citadas: "Senhor, tem piedade de mim, pecador!" (Lc 18,13). Apesar de não ter dito: Porque és bom e misericordioso, ou coisa semelhante, não teria proferido aquelas palavras, se não cresse nisso. Rezou esperançoso; não seria possível fazê-lo sem a fé. Com efeito, é possível haver louvor de Deus verdadeiro e piedoso, independente da confissão. Não existe, contudo, confissão dos pecados piedosa e útil, sem louvor de Deus, de coração, ou também de boca ou nas palavras. Quanto ao que contêm alguns códices: "Porque ele é bom", outros trazem: "Porque ele é suave". Uma só palavra grega: xenotós recebeu diversa interpretação. Igualmente: "Porque sua misericórdia dura séculos", traduz o grego que pode também ser vertido por: "em eterno". Com efeito, se aqui se trata da misericórdia, pela qual ninguém é feliz longe de Deus, é melhor traduzir: "eterna é a sua misericórdia". Se, ao invés, refere-se à misericórdia prestada aos infelizes, que os consola no infortúnio, ou dele os liberta, é melhor verter: "dura séculos", isto é, até o fim dos séculos, enquanto os infelizes que necessitam de misericórdia não faltam. A não ser que alguém ouse afirmar que mesmo os que serão condenados com o diabo e seus anjos não serão alvo de alguma misericórdia da parte de Deus; não quero dizer que sejam libertados da condenação, e sim que esta será de algum modo mitigada, e assim pode-se dizer que será eterna a misericórdia de Deus em sua eterna infelicidade. Mas lemos que alguns terão uma condenação mais tolerável do que outros. No entanto, quem ousaria assegurar que seja mitigada a pena de alguém, ou que haja alguma pausa em certos intervalos, se de fato aquele rico não mereceu receber nem uma gota d'água? (cf Lc 16,24-26). Mas, num assunto de tal importância seria preciso mais tempo para expô-lo cuidadosamente; no momento, quanto a esse salmo, baste o que foi dito até aqui.

3 2.3 "Quem contará os feitos poderosos do Senhor?" O salmista, repleto da consideração das obras divinas que exigem a misericórida de Deus, pergunta: "Quem contará os feitos poderosos do Senhor e fará ouvir todos os seus louvores?" Subentende-se o que foi dito acima, de sorte que a sentença completa seria: "Quem fará ouvir todos os seus louvores?" isto é, quem é idôneo para fazer ouvir todos os seus louvores? "Fazer ouvir", isto é, fazer com que se ouçam; mostra que de tal modo devem-se narrar os feitos do Senhor e seus louvores que sejam anunciados aos ouvintes. Mas quem pode

anunciar todos eles? Ou talvez como o salmista prossegue: “Felizes os que observam o juízo e praticam a justiça em todo tempo”, denominando louvores de Deus os constituídos por suas obras, em seus preceitos? Diz o Apóstolo: “É Deus quem opera em vós” (Fl 2,13). E foi dito à descendência de Abraão: “Cantai-lhe e entoai-lhe salmos”. Entendêmo-lo como se tivesse exortado: Falai o que é bom e praticai-o, em louvor a Deus. Os dois verbos, isto é, cantar e entoar salmos adaptam-se aos dois versículos seguintes, de tal forma que: “Narrai todas as suas maravilhas” corresponde a: “Cantai-lhe”; quanto à expressão: “gloriai-vos de seu nome santo” relaciona-se com: “entoai-lhe salmos” (Sl 104,2.3). O próprio Senhor também se dirige, de fato, a esta descendência: “Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,16). Daí procede que o salmista considerando os preceitos de Deus e que as obras provenientes destes mesmos preceitos revertem em louvor daquele que opera nos seus, disse: “Quem contará os feitos poderosos do Senhor?” porque ele os opera inefavelmente. “Quem fará ouvir todos os seus louvores?” isto é, quem ao ouvir, fará tudo em louvor de Deus, a saber, praticará obras segundo seus preceitos? Ao se realizar isso, apesar de não se realizar tudo o que é ouvido, seja louvado aquele que “opera em vós o querer e o ope-rar, segundo a sua vontade” (Fl 2,13). Assim, quando podia dizer: Todos os seus mandamentos, ou, todas as obras ordenadas por seus preceitos, preferiu dizer: “seus louvores”, porque, conforme foi falado, quando elas são feitas, ele deve ser louvado. Mas, quem é capaz de fazer ouvir todos esses louvores? Isto é, quem é idôneo para praticá-las todas, ao ouvi-las?

4 “Felizes os que observam o juízo e praticam a justiça em todo tempo”, desde que começam e vivem no tempo, pois, aquele que perseverar até o fim, esse será salvo (cf Mt 10,22). Pode, porém, parecer uma repetição da mesma sentença, visto que praticar a justiça é o mesmo que observar o juízo, de tal forma que no primeiro versículo se subentenda: “todo tempo”, como se subentende no segundo: “Felizes”. Colocando-se no devido lugar o que se suben-tende, ter-se-ia: “Felizes os que observam o juízo” em todo tempo, felizes os que “praticam a justiça em todo tempo”. Mas se houvesse alguma diferença entre juízo e justiça, não se teria dito noutro salmo: “Até que a justiça se converta em juízo” (Sl 93,15). A Escritura gosta, efetivamente, de colocar os dois juntos, como na seguinte passagem: “A justiça e o juízo sustentam o seu trono” (Sl 96,2) e esta outra: “Fará surgir como a luz a tua justiça e o teu direito como o sol do meio dia” (Sl 36,6). Parece também repetição da mesma sentença. Pode ser que devido à proximida-de de sentido seja possível usar um termo pelo outro, juízo em vez de justiça, ou justiça em vez de juízo; contudo, pro-priamente não duvido que exista alguma diferença, de tal modo que se diga observar o juízo quem julga corretamente, e praticar a justiça quem age retamente. Penso não ser absurdo entender de acordo com a palavra: “Até que a justiça se converta em juízo”, que aqui se designam por felizes os que observam o juízo com a fidelidade, e pra-ticam a justiça nas obras. Pois, virá um tempo em que o juízo agora observado com fidelidade também se exerça nas obras, quando a justiça se tiver convertido em juízo, isto é, ao receberem os justos o poder de julgar com retidão aque-les pelos quais agora são julgados injustamente. Daí dizer o corpo de Cristo em outro

lugar: “No tempo determinado, julgarei segundo a justiça” (Sl 74,3). Palavra por palavra devia-se traduzir: Julgarei as eqüidades. Não declarou o salmista: No tempo determinado, praticarei a justiça, por-que esta deve ser praticada todo tempo, conforme se diz também aqui: “Que praticam a justiça em todo tempo”.

5 4.5 Em seguida, uma vez que é Deus quem justifica, isto é, transforma em justos os pecadores curando as suas iniqüidades, vem a oração: “Lembra-te de nós, Senhor, com benevolência pelo teu povo”, que sejamos do número daqueles que te agradaram; porque nem todos agradaram a Deus. “Visita-nos com a tua salvação”. Pois, ele próprio é o Salvador, que perdoa o pecado e cura as almas, a fim de poderem observar o juízo e praticar a justiça. Estes, entendendo que são felizes os que assim falam, conseqüentemente isto pedem ao orarem. De tal salvação diz outro salmo: “Para que conheçamos na terra o teu caminho”. E se perguntarmos em que terra; prossegue: “Em todos os povos”; e de novo se interrogarmos qual o caminho, continua: “A tua salvação” (Sl 66,3). Conforme proferiu o velho Simeão: “Porque meus olhos viram a tua salvação” (Lc 2,30). O Cristo afirmou de si próprio: “Eu sou o caminho” (Jo 14,6). Visita-nos, pois, com a tua salvação, isto é, com o teu Cristo. “A fim de ver a bondade de teus escolhidos e alegrar-se com a alegria de teu povo”, isto é, visita-nos com a tua salvação, a fim de que vejamos a bondade de teus escolhidos e nos regozijemos com a alegria de teu povo. Enquanto aqui se encontra: “a bondade”, outros códices trazem: a suavidade, à semelhança da expressão: “Porque ele é bom” que outros traduzem: “Porque ele é suave”. Em grego usa-se a mesma palavra que se lê em outro ponto: “O Senhor dará a suavidade” (Sl 84,13) que outros verteram por bondade, e outros ainda por benignidade. Mas que significa: “Visita-nos a fim de que vejamos a bondade de teus escolhidos”, isto é, a bondade que concedes a teus eleitos? A não ser que permaneçamos cegos, como aqueles aos quais foi dito: “Mas” dizeis: Nós “vemos”! Vosso pecado permanece”? (Jo 9,41). Ora, o “Senhor torna os sábios cegos” (Sl 145,8), não por seus méritos, mas por “bondade de seus escolhidos”, isto é, que ele demonstra ou dá a seus escolhidos, assim como se disse: “A salvação de minha face”, não porque derive de mim mesmo, mas de “meu Deus” (Sl 42,5). Do mesmo modo, rezamos: “pão nosso cotidiano”, e no entanto acrescentamos: “dá-nos hoje” (Mt 6,11). “Visita-nos”, portanto, “com a tua salvação, a fim de que vejamos (ad videndeum) a bondade de teus escolhidos e nos regozijemos (ad laetan-dum) com a alegria de teu povo”. Por um só povo de Deus devemos entender toda a descendência de Abraão, os filhos da promessa, não os carnais. Estes, portanto, que falam aqui, desejam ter a alegria própria deste povo. E qual a alegria deste povo, senão seu Deus? A Deus eles assim se dirigem: “Tu és a minha alegria, preserva-me” (Sl 31,7) e: “Está assinalada em nós, Senhor, a luz de tua face. Deste alegria a meu coração” (Sl 4,7). É o supremo, verdadeiro imutável e beatificante bem, o próprio Deus. “Para que sejas louvado com tua herança”. Admiro-me de que este versículo tenha sido assim traduzido em muitos códices, porque nestes três versos há em grego uma só maneira de se exprimir, de sorte que se for certo o que se lê: “Para que sejas louvado com tua herança”, será correto também dizer: “Para que vejas a bondade de teus eleitos e te alegres com a alegria de teu povo”. O trecho todo seria: “Visita-nos com a tua salvação,

para que vejas a bondade de teus escolhidos e te alegres com a alegria de teu povo, e sejas louvado com tua herança”. De acordo, porém, com a tradução que adotamos: “visita-nos, a fim de que vejamos a bondade de teus escolhidos e nos regozijemos com a alegria de teu povo”; e conseqüentemente: “e te louvemos com tua herança”. A esta herança foi dito: “Gloriai-vos de seu nome santo” (Sl 104,3). Com efeito, uma vez que esta locução parece ambígua, se o verdadeiro sentido foi o preferido por alguns tradutores: “Para que sejas louvado”, também os dois versículos precedentes devem ser entendidos assim, porque conforme disse, uma só é a maneira de se expressar no grego destes três versículos, de tal sorte que o todo seria: “Visita-nos com a tua salvação, para veres a bondade de teus escolhidos”, isto é, visita-nos para nos colocares ali e ali nos vejas: “para te alegrares com a alegria de teu povo”, a saber, que se diga que tu te alegras, enquanto são eles que se alegram por tua causa; “para que sejas louvado com tua herança”, isto é, sejas louvado com ela, porque ela não é louvada a não ser por tua causa. Quer se entenda daquele modo ou deste o que foi dito: “para se ver, alegrar-se, louvar”, o voto que se formula é de que sejamos visitados com a salvação de Deus, isto é, seu Cristo, a fim de não sermos excluídos de seu povo e do meio daqueles que agradaram a Deus.

6 6.7 Ouçamos agora como o salmista confessa: “Pecamos, com nossos pais, agimos injustamente, cometemos a iniqüidade”. Por que: “com nossos pais?” Seria conforme expõe a epístola aos Hebreus? Como Levi pagou o dízimo com Abraão, porque estava em seus rins, quando ele entregou os dízimos ao sacerdote Melquisedec, também estes pecaram com seus pais, em cujos rins se achavam quando eles estiveram no Egito? (cf Hb 7,1-10). De fato, os que viviam na época em que este salmo foi composto, e principalmente seus descendentes (porque o salmo podia falar ou profetizar dos que vivam então ou dos pósteros), estavam muito distantes da época daqueles que pecaram no Egito, por não entenderem as maravilhas de Deus. Por is-so, continua o salmo expondo como pecaram, com seus pais: “Nossos pais no Egito não entenderam as tuas maravilhas” etc., e relembrando muitos dos pecados deles. Ou seria preferível entender: “Pecamos com nossos pais”, no sentido de: Pecamos como nossos pais, imitando seus pecados? Se é assim, seria preciso basear-nos em algum exemplo de tal locução. Procurei, mas não encontrei que se diga ter alguém pecado com outro, ou ter feito algo com ele, porque imitou depois de muito tempo uma ação semelhante.

7 Que significa então: “Nossos pais não entenderam as tuas maravilhas”, senão não terem eles conhecido o que querias lhes prestar através daquelas maravilhas? O que, de fato, senão a vida eterna, intemporal, bem imutável, esperado com paciência? Eles, com efeito, murmuraram impacientemente, e irritaram o Senhor, procurando tornar felizes por meio de bens presentes, falazes e fugazes. “Não se lembraram da multidão de tuas misericórdias”. O salmista censura o intelecto e a memória. Efetivamente, precisavam do intelecto para pensarem como Deus os chamava através dos bens temporais a outros bens eternos; da memória, porém, a fim de que ao menos não se esque-cessem das maravilhas operadas no tempo, e com fidelidade presumissem que pelo mesmo poder

que haviam experimentado, Deus os livraria da perseguição dos inimigos. Haviam olvidado os benefícios que lhes foram outorgados no Egito, tendo sido esmagados seus inimigos por meio de tantos prodígios. “Mas te irritaram, ao subirem, atravessando o mar, o mar Vermelho”; o códice que exami-nei trazia essas expressões; as duas últimas palavras: “mar Vermelho” estavam marcadas com um asterisco, as-sinalando que essas palavras se acham no texto hebraico, mas não na versão dos Setenta. Vários códices que pude examinar, gregos e latinos, têm: “Mas te irritaram” ou, mais literalmente vertido do grego: “Mas te provocaram, ao subirem, atravessando o mar Vermelho”. O leitor da história da saída do Egito e da travessia do mar Vermelho, sente pesar diante da infidelidade dos hebreus, de ta-manha trepidação e desespero, após tantos e tão grandes milagres recentemente operados no Egito, de não terem se lembrado da multidão das misericóridas de Deus, conforme diz o salmo. Subiram, no entanto; diz-se isto por causa da posição daqueles países, de tal modo que se desce ao Egito, vindo da terra de Canaã, e a ela se sobe, par-tindo do Egito. É notório como a Escritura inculpa a carência de se entender o que deve ser entendido, e o esquecimento daquilo que devia ser lembrado. Efetivamente, os homens não querem reconhecer sua culpa, a fim de suplicarem menos, serem menos humildes perante Deus, confessando o que são em sua presença, e tendo impetrado seu auxílio possam tornar-se o que não são. Seria preferível acusar os pecados de ignorância para serem apagados, a escusá-los conservando-os; é melhor invocar a Deus e ser purificado do que irritá-lo, mantendo-se neles.

8 8 O salmo acrescenta, contudo, que Deus não procedeu conforme a infidelidade deles. “Mas ele os salvou por amor de seu nome, para revelar o seu poder”, e não por causa de méritos deles.

9 9 “Ameaçou o mar Vermelho e ele secou”. Não lemos que tenha ameaçado o mar, com uma voz vinda do céu; mas o que realizou o poder divino foi denominado pelo salmista ameaças. A não ser que alguém afirme que ameaçou o mar ocultamente, de tal forma que as águas ouviram, mas não os homens. Muito oculta e misteriosa é a força que Deus emprega, de tal modo que mesmo as coisas insensíveis imediatamente obedeçam a sua vontade. “E conduziu-os por entre os abismos, como por um deserto”. Chama de abismos a uma enorme quantidade de água. Alguns, no intuito de interpretarem este versículo, traduziram: “E conduziu-os por entre muitas águas”. Que significa: “por entre abismos, como por um deserto?” Seria que ficou seco como um deserto o lugar onde havia muitas águas?

10 10 “Salvou-os das mãos dos que os odiavam (odien-tium)”. Alguns, para evitarem expressão menos latina, tra-duziram por uma circunlocução: “E salvou-os das mãos daqueles que os odiavam (qui oderunt). E redimiu-os do poder do inimigo”. Que preço foi pago para essa redenção? Seria uma profecia, figura do batismo, onde somos remidos do poder do diabo por um grande preço, o sangue de Cristo? Por isso, o batismo não foi figurado por um mar qualquer, mas pelo mar Vermelho. Pois, o sangue é rubro.

11 11 “As águas sepultaram os seus perseguidores; nem um só escapou”. Não se trata de

todos os egípcios e sim daqueles que perseguiam os que haviam partido, desejosos de os prender ou matar.

12 12 “Acreditaram então em suas palavras (in verbis eius)”. Parece locução menos latina, porque ele não disse: verbis eius, ou: in verba eius, e sim: “in verbis eius”. Entretanto, é um modo de falar muito usado nas Escrituras. “E cantaram os seus louvores. (Laudaverunt laudem)”. Esta locução é da espécie das nossas: Serviu tal servidão, viveu tal vida. Refere-se àquela bem conhecida frase: de louvor a Deus: “Cantemos ao Senhor, porque se vestiu de glória; ele lançou ao mar o cavalo e o cavaleiro” (Ex 15,1).

13 “Rapidamente eles se esqueceram de suas obras”. Outros códices trazem, de modo mais inteligível: “Apressaram-se, esqueceram-se de suas obras. Não aguardaram a realização de seus desígnios”. Deviam ter pensado que tamanhas obras de Deus em seu favor não podiam ser inúteis, mas apelavam para uma felicidade sem fim, que devia ser aguardada com paciência. Mas eles se apressaram a tornar-se felizes por meio de bens temporais, que não conferem a verdadeira felicidade, porque não extinguem uma cupidez insaciável: “Pois aquele que beber desta água terá sede novamente” (Jo 4,13).

14 14 “Entregaram-se às suas concupiscências no deserto e tentaram a Deus num lugar sem água. No deserto” foi repetido: “num lugar sem água”. Quanto a: “entregaram-se às suas concuspicências” equivale a: “tentaram a Deus”. Tal locução: concupierunt concupiscentiam assemelha-se à anterior: laudaverunt laudem.

15 15 “E deu-lhes o que pediam”, segundo sua petição. “E saciou as suas almas”. Nem por isso fê-los felizes, porque não se tratava da saciedade da qual se disse: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Por conseguinte, neste lugar o salmista não se refere à alma enquanto racional, mas enquanto anima o corpo. Ao sustento desse pertencem o alimento e a bebida, conforme a palavra que se encontra no evangelho: “Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa”. De acordo com isso, diz Isaías: “E perguntam: Por que temos jejuado e tu não o vês? Te-mos mortificado as nossas almas e tu não tomas conhecimento disso”? (Is 58,3).

16 16 “E irritaram Moisés no acampamento, e Aarão, o consagrado do Senhor”. Os versículos seguintes indicam bastante o que o salmista chama de irritação, ou, como os outros traduziram mais literalmente: provocação.

17 17 “Abriu-se a terra e tragou Datan e sorveu a turma de Abiron. Tragou” equivale a “sorveu”. Um só foi o soberbo e sacrílego cisma de ambos, Datan e Abiron.

18 18 “O fogo se ateou a sua assembléia e a chama consumiu os pecadores”. Este nome não é dado pelas Escrituras àqueles que embora vivam de modo justo e laudável, não se encontram isentos de pecado. Pois há grande diferença entre os que zombam e os zombeteiros, entre os que murmuram e os murmuradores, entre os que escrevem e os escritores etc. Assim, a Escritura costuma chamar de pecadores os que são muito iníquos e estão onerados de grandes pecados.

19 19.20 “Fabricaram um bezerro em Horeb e adoraram o que esculpiram. E trocaram a sua glória pela imagem de um novilho que come feno”. O salmo não traz: in similitudinem (em acusativo), mas in similitudine (ablativo), como naquela frase: “Acreditaram então em suas pa-lavras (in verbis eius)”. Com certa elegância, o salmista não disse: Trocaram a glória de Deus (o que eles efetivamente fizeram), segundo o modo de se exprimir que o Apóstolo também emprega: “Trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível” (Rm 1,23); mas diz: “sua glória”. Deus, com efeito, seria a glória deles, se realizassem seus desígnios e não se precipitassem, esse Deus, ao qual diz outro salmo: “Minha glória, e ergues a minha cabeça” (Sl 3,4). Esta “sua glória”, isto é, Deus, eles a “trocaram pela imagem de um novilho que come feno”, de sorte que ele os devorasse, porque devora todos os que têm gosto carnal. De fato, toda carne é feno (cf Is 40,6).

20 21.22 “Esqueceram-se de Deus que os salvara”. Como os salvara? “Fizera prodígios no Egito, maravilhas na terra de Cam, coisas terríveis no mar Vermelho”. Maravilhas identificam-se com coisas terríveis. De fato, a admiração inclui certo receio. Aqui podem ser denominados terríveis os males que infligiram aos adversários, mostrando-lhes o que tinham a temer.

21 23 “E já dissera que os exterminaria”. Pelo fato de terem-se esquecido de quem os salvara, operando maravilhas e de terem fabricado e adorado um ídolo, tornando-se culpados de uma impiedade tão criminosa e incrível, mereciam perecer. “E já dissera que os exterminaria, se Moisés, seu eleito, não se interpusesse diante dele na brecha”. O salmista não afirma que ele se interpôs “na brecha”, como se quisesse quebrar a ira de Deus; mas “na brecha”, isto é, querendo ser atingido pela praga que havia de feri-los. Ele se interpôs em favor deles, dizendo: “Agora, pois, se perdoasses o seu pecado… Se não, risca-me do livro que escreveste” (Ex 32,31.32). Aí se demonstra quanto vale em favor dos outros a intercessão dos santos junto de Deus. Ora, Moisés, seguro acerca da justiça de Deus, que não poderia aniquilá-lo, impetrou a misericórdia, a fim de que Deus não exterminasse aqueles que podia com justiça castigar. Assim, ele se interpôs “na brecha diante dele, para afastar a sua ira e impedir que os destruísse”.

22 24 “Tiveram por nada uma terra desejável”. Mas, por acaso a tinham visto? Como, então, tiveram por nada o que não tinham visto, senão da maneira mencionada na frase seguinte: “Não confiaram em sua palavra?” Com efeito, se aquela terra não figurasse algo de grande, quando se dizia que era uma terra onde corria leite e mel (cf Ex 3,8), sinal visível que conduzisse à graça invisível do reino dos céus aqueles que entendessem suas maravilhas, de modo algum seriam inculpados os que tiveram por nada aquela terra. Também nós devemos ter por nada aquele reino temporal, a fim de amarmos verdadeiramente a terra desejável, a Jesuralém livre, nossa mãe, que está nos céus. Mas aqui a infidelidade com razão é condenada, visto que tendo por nada aquela terra desejável, não haviam acreditado nas palavras de Deus, que através de coisas pequenas conduz a grandes, e apressados a alcançarem a felicidade por meio de bens temporais, que eles apreciavam carnalmente, “não aguardaram”, conforme foi dito acima, “a

realização de seus desígnios” (Sl 105,13).

23 25 “Murmuraram em suas tendas; não ouviram a voz do Senhor”, impedidos com grande força por suas murmurações.

24 26.27 “E levantou a mão contra eles para prostrá-los no deserto, para abater sua raça entre as nações e dispersá-los pelas várias regiões”.

25 28.29 Neste ponto, antes de dizer que alguém intercedeu diante de tamanha indignação de Deus e que o aplacou de certo modo, prossegue: “Iniciaram-se no culto de Beelfegor”, isto é, de um ídolo pagão a que se consagraram. “E comeram vítimas oferecidas a deuses mortos. E o provocaram com suas invenções e a ruína contra eles se multiplicou”. Evidentemente adiou o castigo de levantar a mão contra eles para prostrá-los no deserto, para abater a sua raça entre as nações e dispersá-los pelas várias regiões, a fim de que entregues a seus malvados sentimentos, admitissem também estas ações, e por causa des-te crime hediondo fossem punidos por manifesta justiça, conforme a palavra do Apóstolo: “E como não julgaram bom ter o conhecimento de Deus, Deus os entregou à sua mente incapaz de julgar, para fazerem o que não presta” (Rm 1,28).

26 30 Enfim, foi tão grande o crime deles de se consagrarem ao ídolo e de comerem sacrifícios a deuses mortos (isto é, os gentios sacrificavam aos defuntos, tomando-os por deuses) que Deus não quis se aplacar a não ser como foi aplacado pelo sacerdote Finéias, que matou o homem e a mulher surpreendidos numa união adúltera. Se ele tivesse agido por ódio contra eles, e não por amor, quando o zelo da casa de Deus o consumia, não lhe seria imputado à justiça (cf Nm 25,8). Pois, agindo desta maneira, feriu aquele povo destinado a maior ruína como se fosse um só homem, a fim de salvar da morte a sua alma. Cristo Senhor, depois de revelado o Novo Testamento, preferiu uma disciplina mais suave; mas a ameaça da geena é muito mais grave, e não a encontramos naquelas ameaças feitas de acordo com os desígnios de Deus para aqueles tempos. “A ruína”, portanto, “contra eles se multiplicou”, ao serem gravemente dizimados por causa de seus grandes pecados. “Apresentou-se Finésia e aplacou-o e o flagelo cessou”. O salmista em resumo disse tudo, porque não ensina aqui aos que ignoram o fato, mas relembra-os aos que o conhecem. O flagelo aqui mencionado é a mesma coisa que acima foi denominada brecha, porque no texto grego a palavra é a mesma.

27 31 “Zelo que lhe foi imputado à justiça, de geração em geração para sempre”. Deus imputou à justiça o ato de seu sacerdote, não apenas naquela geração, mas “para sempre”; ele perscruta o coração e sabe ponderar com que amor ao povo ele agiu.

28 32.33 “Depois irritaram-no nas águas da contradição e Moisés sofreu por causa deles, porque exacerbaram seu espírito. E ele vacilou em suas palavras”. Que significa: “vacilou?” Duvidou que Deus pudesse fazer brotar água da pedra, aquele Deus que já operara tantas maravilhas. Hesitante feriu a pedra com a vara, e este milagre foi diferente dos demais, quando ele não duvidara. Por essa razão ofendeu a Deus, e mereceu a sentença de que morreria sem entrar na terra da promissão. Pois, perturbado com a murmuração do povo infiel, não manteve a confiança que devia ter. No entanto, Deus,

dá um bom testemunho acerca de seu eleito, mesmo após sua morte, a fim de entendermos que aquela hesitação de sua fé foi apagada apenas com o castigo de não lhe ser permitido entrar na terra aonde ele próprio conduzia o povo (cf Dt 32,49-52). De forma alguma creiamos que tenha sido afastado do reino da graça de Deus, significado pela terra da promissão, onde se dizia que manava leite e mel. Este é, pois, o testamento eterno que fez com Abraão, nosso pai, não segundo a carne, e sim segundo a fé.

29 34.36 Aqueles, porém, de cujas iniqüidades fala o presente salmo, tendo entrado naquela terra da promissão temporal, "não exterminaram os povos que o Senhor lhes indicara. Mas mesclaram-se com eles, e aprenderam seus costumes. Prestaram culto a seus ídolos, que foram para eles ocasião de escândalo". Tornou-se para eles ocasião de tropeço não terem exterminado aqueles povos, mas terem-se misturado com eles.

30 37.39 "Imolaram aos demônios seus filhos e suas filhas. Derramaram sangue inocente, o sangue de seus filhos e filhas, que eles sacrificaram aos seus ídolos de Canaã". Aquela história não conta que tenham imolado seus filhos e suas filhas aos demônios e ídolos; mas nem este salmo pode mentir, nem os profetas, que o afirmaram em muitas passagens de suas incriminações. Não negam as letras dos gentios que eles tinham tal costume.

31 Mas, como continua o salmo? Et interfecta est terra in sanguinibus. "E a terra foi morta com sangue". Pensaríamos num erro do copista, e em vez de interfecta diríamos infecta, infeccionada, se não contássemos com o benefício de Deus que quis fosse suas Escrituras vertidas para muitas línguas. Examinando os códices gregos, veremos que está escrito: Interfecta est terra in sanguinibus. Que quer dizer, então: "A terra foi morta", se não o referirmos aos homens que habitavam naquela terra, usando uma expressão figurada, por meio da qual se assinala o contéudo através daquilo que o contém? Assim falamos em casa péssima, designando a que é habitada por malvados e boa aquela onde habitam homens bons. Pois, os israelitas matavam suas almas imolando seus filhos e derramando o sangue dos pequeninos, em conformidade com os crimes dos estrangeiros. Daí a palavra: "Derramaram o sangue inocente". Portanto, "a terra foi morta com sangue e contaminou-se com as obras deles". Eles é que morreram espiritualmente e contaminaram-se com as suas obras. "Prostituíram-se com suas invenções". O salmista denomina: "invenções", traduzindo do grego: epitedeúmara. Encontra-se a palavra nos códices gregos neste lugar e mais acima, no versículo: "Provocaram-no com suas invenções". Ali e aqui, o salmista chama de invenções os crimes que eles imitaram. Não consideremos como invenções certas descobertas deles, sem exemplos precedentes a serem imitados. Daí vem que muitos tradutores nossos não falam em invenções, mas em esforços; outros dizem afeições, ou inclinações; outros preferiram prazeres; e os mesmos que verteram por invenções, em outras passagens traduziram por esforços. Quis re-lembrar essas coisas para não levantar uma questão sobre o nome de invenções, aplicado a coisas que eles não excogitaram por si mesmos, mas que imitaram de outros.

32 40.43 "O Senhor se encheu de furor contra seu povo". Alguns de nossos tradutores

não quiseram empregar a palavra ira para verter o termo grego tumós; mas alguns traduziram por mente; outros por indignação, outros por ânimo. Seja qual for o termo, em Deus não existe perturbação; mas de acordo com a tradução habitual tomou aqui o sentido de poder vindicativo.

33 “E abominou a sua herança. Entregou-os nas mãos das nações e dominaram-nos aqueles que os odiavam. Oprimiram-nos os inimigos e os humilharam sob suas mãos”. Se eles são denominados herança de Deus, é evidente que o Senhor os abominou para seu ensinamento e não para sua perdição; e entregou-os às mãos dos inimigos. E continua: “Libertou-os muitas vezes”.

34 “Eles, porém, o exacerbaram com seus planos”. Trata-se do que foi dito acima: “Não aguardaram a realização de seus desígnios”. Os planos do homem, porém, são perniciosos ao próprio homem, porque ele procura atender seus interesses, não os de Deus (cf Fl 2,21). Quando Deus se dignar oferecer-nos o gozo desta herança, que é ele mesmo, não sofreremos limitações na sociedade dos santos, amando o que é nosso como sendo bem particular. Efetivamente, aquela gloriosíssima cidade de Deus, tendo recebido a herança prometida lá onde não haverá morte nem nascimento, não possuirá cidadãos que gozem isoladamente de seus bens, porque Deus será tudo em todos (cf 1Cor 15,28). Todo aquele que nesta peregrinação terrestre desejar fiel e ardentemente esta sociedade dos santos, acostuma-se a preferir os bens comuns aos particulares, sem procurar atender os seus próprios interesses e sim os de Jesus Cristo; não é sábio aos próprios olhos, nem segue seus planos, exacerbando a Deus em seus desígnios; mas esperando o que não vê, não se apressa a se tornar feliz com os bens visíveis. Aguardando, po-rém, pacientemente os bens eternos invisíveis, siga os desígnios contidos nas promessas daquele cujo auxílio é pedido nas tentações. Assim será humilde em suas confissões, e não se assemelhará àqueles a respeito dos quais se diz: “E foram humilhados pelas suas iniqüidades.

35 44.45 Deus, contudo, cheio de misericórdia, não os menosprezou. “Mas viu-os quando aflitos e escutou a oração deles. Lembrou-se de sua aliança e arrependeu-se segundo a sua grande misericórdia”. Diz-se que ele “arrependeu-se”, porque aparentemente mudou o desígnio de perdê-los. De fato, em Deus tudo está determinado e fixo. Nada faz por um plano repentino, que não tenha sido previsto desde toda a eternidade. Mas, ele governa admiravelmente os movimentos temporais da criação. Ele mesmo não se move no tempo, como se fosse possível dizer que faz por uma decisão repentina o que dispôs fazer na imutabilidade de seu misterioso plano, por meio de causas ordenadas. Esta imutabilidade, conhecida no tempo devido, realiza as coisas presentes e já realizou as futuras. Quem é capaz de entender estas coisas? Ouçamos, por isso a Escritura, que exprime em forma humilde as realidades mais elevadas, ao oferecer aos pequeninos o alimento e ao propor aos maiores, para exercitarem-se, o que deve ser investigado. “Mas viu-os quando aflitos e escutou a oração deles. Lembrou-se de sua aliança”, a saber, da aliança eterna “que fez com Abraão” (Sl 104,9), não da aliança antiga que foi abolida, mas da nova que se escondia na antiga. “E arrependeu-se segundo

a sua grande misericórdia”. Fez o que dispusera; mas sabia de antemão que haveria de concedê-lo aos aflitos que o suplicassem. A própria oração deles, quando ainda não era feita, mas o seria, sem dúvida alguma não era oculta a Deus.

36 46 “Usou de misericórida para com eles”, a fim de que não fossem vasos de ira, mas de misericórdia (cf Rm 9,22.23). Acho que misericórdia está no plural, misericórdias para com eles, porque cada um recebe de Deus o seu dom particular: um, deste modo; outro, daquele modo (1Cor 7,7). “Usou”, portanto, “de misericórdias para com eles, diante de todos que os haviam escravizado”. Agora, pois, quem quer que sejas que lês isto, reconhece a graça de Deus, que nos redimiu para a vida eterna, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, lendo as cartas dos apóstolos, ou perscrutando os escritos dos profetas. Verás o Antigo Testamento revelado pelo Novo Testamento e o Novo velado no Antigo. Relembra quem é que o apóstolo Paulo denomina príncipe das potestades do ar, “que agora opera nos filhos da desobediência” (Ef 2,2), e o que declara a respeito de alguns: “que se libertem do laço do diabo, que os tinha cativos de sua vontade” (2Tm 2,26). Recorda as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, quando expulsando o diabo dos corações dos fiéis, disse: “Agora o príncipe deste mundo será lançado fora” (Jo 12,31), e as do mesmo Apóstolo: “Ele nos arrancou do poder das trevas e nos transportou para o reino de seu filho amado” (Cl 1,13). Raciocinando sobre estas coisas e outras semelhantes, a alma considera também os livros do Antigo Testamento, e vê como se canta no salmo intitulado: “Quando se edi-ficava a casa, depois do cativeiro”; ali se diz: “Cantai ao Senhor um cântico novo”. E não julgues que é atinente apenas ao povo judaico o convite: “Cantai ao Senhor, terra inteira. Cantai ao Senhor, bendizei o seu nome, anun-ciai”, ou melhor, anunciai bem, ou antes, para traduzir a mesma palavra usada no grego: “evangelizai de dia em dia a sua salvação”. Assim, foi denominado evangelho o livro em que é anunciado de dia em dia Cristo Senhor, luz da luz, Filho do Pai. Este é também a “sua salvação”, porque a salvação de Deus é Cristo, como já demonstramos mais acima[1]. “Anunciai entre as nações a sua glória, a todos os povos as suas maravilhas. Porque o Senhor é grande e muito digno de louvor, é temível sobre todos os deuses. Porque os deuses das nações são demônios” (Sl 95,1-5). Estes inimigos, portanto, com seu rei, o diabo, mantinham cativo o povo de Deus. Deste cativeiro somos remidos e então o príncipe deste mundo é lançado fora; a casa é edificada depois do cativeiro. A pedra angular desta casa é Cristo, que de ambos os povos fez um só em si, para a criação de um novo homem. Ele fez a paz, que vindo de dia em dia anunciou a boa nova àqueles que estavam perto e àqueles que estavam longe, e de ambos fez um só povo. Conduziu as ovelhas que não são deste aprisco, para que haja um só pastor (cf Ef 2,13-22; cf Jo 10,16). Assim Deus “usou de misericórdias” para com seus predestinados; porque “não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus que faz misericórdia” (Rm 9,16), “diante de todos aqueles que os haviam escravizado”. Por conseguinte, os inimigos, o diabo e seus anjos haviam escravizado os predestinados ao reino e à glória de Deus. Nosso redentor lançou fora aqueles que costumavam dominar internamente os infiéis, e atacar externamente os fiéis. Mas se atacam, não expulsam aqueles que alcançam uma torre forte na presença do inimigo (cf Sl 60,4). Para poderem,

no entanto, atacar, percebem que existem em nós ainda fraquezas, por causa das quais suplicamos: “Perdoa-nos as nossas dívidas; e rezamos: “Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal” (Mt 6,12.13). Expelidos estes inimigos, Cristo Senhor curou o corpo, do qual ele é Cabeça e ele próprio Salvador (cf Ef 5,23), e neste mesmo corpo ao terceiro dia foi consumado. Pois, assim se exprimiu ele: “Eis que eu expulso demônios e realizo curas hoje e amanhã e no terceiro dia terminarei” (Lc 13,32), isto é, serei consumado, até que alcancemos todos nós o estado de homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo (cf Ef 4,13).

37 48 Portanto, expulsos os demônios, que nos mantinham cativos, o Senhor terminou a cura. Por isso, tendo dito o salmista: “Usou de misericórdias para com eles, diante de todos aqueles que os haviam escravizado”, expulsos os demônios que os escravizaram, faz uma oração a fim de que o Senhor complete a cura. “Salva-nos, Senhor nosso Deus, e reúne-nos para celebrarmos teu nome santo e nos gloriarmos em teu louvor”. Em seguida, acrescenta o próprio louvor: “Bendito o Senhor Deus de Israel, nos séculos dos séculos”, entenda-se, de eternidade a eternidade, pois sem fim será louvado por aqueles dos quais se diz: “Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos” (Sl 83,5). Esta é a terceira consumação do corpo de Cristo: após a expulsão dos demônios, a cura perfeita, atinge a imortalidade deste mesmo corpo, o reino eterno dos que louvam perfeitamente, porque perfeitamente amam; amam perfeitamente, porque contemplam face a face. Então se realizará o que foi pedido no início do salmo: “Lembra-te de nós, Senhor, com benevolência pelo teu povo. Visita-nos com a tua salvação, a fim de que vejamos a bondade de teus escolhidos e nos regozijemos com a alegria de teu povo e sejas louvado com tua herança”. Não congrega no povo somente as ovelhas que haviam perecido da casa de Israel, mas também aqueles que não são deste redil, de tal forma que seja, como foi dito, um só rebanho e um só pastor (cf Mt 15,24). Os judeus, contudo, pensando que esta profecia é relativa a seu reino visível, porque desconhecem a esperança dos bens invisíveis, hão de cair nos laços mencionados pelo Senhor: “Vim em nome de meu Pai, mas não me acolheis; se alguém viesse em seu próprio nome, vós o receberíeis” (Jo 4,43). A respeito disso, pronuncia-se Paulo: “Porque deve aparecer o homem ímpio, o filho da perdição, o adversário, a levantar-se contra tudo que se chama Deus, ou recebe um culto, chegando a sentar-se no templo de Deus, e querendo passar por Deus”. E pouco mais adiante: “Então, aparecerá o ímpio, aquele que o Senhor Jesus destruirá com o sopro de sua boca, e suprimirá pela manifestação de sua vinda. Ora, a vinda do ímpio será assinalada pela atividade de Satanás, com toda a sorte de portentos, milagres, prodígios mentirosos, e por todas as seduções da injustiça, para aqueles que se perdem, porque não escolheram o amor da verdade, a fim de serem salvos. É por isso que Deus lhes manda o poder da sedução, para acreditarem na mentira e serem condenados, todos os que não creram na verdade, mas antes consentiram na injustiça” (2Ts 2,3-12). Por meio deste refratário, por meio deste que se eleva contra tudo o que se chama Deus, ou recebe um culto, parece-me que o povo israelita carnal pensaria realizar-se esta profecia: “Salva-nos, Senhor nosso Deus, e reúne-nos dentre as nações”; sob sua conduta, diante de seus inimigos visíveis, que os

haviam visivelmente escravizado, alcançariam uma glória visível. Desta forma acreditariam na mentira, por não terem acolhido a verdade com amor, desejando não os bens carnais, mas os espirituais. Assim, pois, foram enganados pelo diabo, de sorte que mataram a Cristo, quando disseram: "Se o deixarmos assim, todos crerão nele e os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação. Então, um deles, Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: Vós nada entendeis. Não compreendeis que é de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda? Não dizia isto por si mesmo, conforme o entendeu o evangelista, mas sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus iria morrer pela nação — e não só pela nação, mas também para congregar na unidade, isto é, pelas ovelhas que haviam perecido da casa de Israel, os filhos de Deus dis-persos" (Jo 11,48-52). Tinha, pois, outras ovelhas que não eram daquele redil. O diabo e seus anjos haviam escravizado todas as ovelhas, tanto dos israelitas, como das nações. Expulso, portanto, o diabo que as dominava, diante dos espíritos malignos que as escravizavam, a fim de se salvarem e serem perfeitos eternamente, sua voz se levanta na profecia: "Salva-nos, Senhor nosso Deus, e reúne-nos dentre as nações". Não como os judeus pensam que o anticristo fará, mas como será realizado por Cristo Senhor nosso, que virá em nome de seu Pai, "de dia em dia, sua salvação" (Sl 95,2). Dele foi dito aqui: "Visita-nos com a tua salvação". "E todo o povo dirá", este povo dos predestinados, tanto da circuncisão como dos gentios, nação santa, povo da adoção: "Assim seja, assim seja".

1 Cf nº 5

SALMO 106

SERMÃO AO POVO

1 1 Recomenda este salmo as comiserações de Deus em nosso favor. Nós as experimentamos e pelo fato de as havermos experimentado nos são mais suaves. Seria de admirar que alguém as achasse suaves, se não aprendeu por ter vivido o que ouve deste salmo. Foi exarado não apenas para um só ou dois, mas para todo o povo de Deus e foi-lhe proposto como um espelho onde se pudesse mirar. É desnecessário explicar agora o título, pois consta de "aleluia", de dois "aleluias". É um costume consagrado que o cantemos em determinadas ocasiões, segundo antiga tradição da Igreja. Cantamo-lo em dias fixos, conforme o mistério celebrado. Cantamos o aleluia em certos dias, de fato, mas nele pensamos todos os dias. Pois, se esta palavra significa louvor a Deus, embora não vocal, mas certamente no coração: "Seu louvor estará sempre em minha boca" (Sl 33,2). O fato de que este título não contém apenas um "Aleluia", mas dois, não é peculiar a este salmo, mas outro mais acima também os contém. E na medida que se pode deduzir do texto, um é cantado acerca do povo de Israel; e outro, a respeito de toda a Igreja de Deus, espalhada pela terra inteira. Talvez não seja sem razão que sejam dois "aleluias"; também clamamos: "Abba, Pai". Embora "Abba" seja idêntico a "Pai", não foi em vão que o Apóstolo disse: "Pelo qual clamamos: "Abba! Pai!" (Rm 8,15). Talvez porque um dos muros na direção da pedra angular, clama: "Abba", e o outro muro, do outro lado, clama: "Pai", naquela pedra angular, que é nossa paz, e fez dos dois um só povo (cf Ef 2,14-20). Vejamos, portanto, aqui a que somos admoestados, por meio de que devemos nos congratular, por que gemer, como pedir auxílio; como somos abandonados, e como socorridos; o que somos por nós mesmos, e o que somos pela misericórdia de Deus; como é esmagada nossa soberba, a fim de que seja glorificada a graça de Deus. Cada qual aplique a si mesmo, se possível, o que vou dizer. Dirijo-me a homens que andam nos caminhos de Deus e já se acham estabelecidos num estado espiritual adiantado. Daí, se alguns talvez não me entendam bem, verifiquem onde se acham e, progredindo, apressem-se a conseguir entender. Penso que Deus não deixará de apoiar nossos esforços, de tal modo que nossa palavra atinja a todos, experimentados ou não. Os mais capazes aprovem e os menos conhecedores ambicionem conhecer, e seja a todos agradável minha exposição. Em primeiro lugar, será agradável a Deus se for verídica; mas será verídica, se não provir de mim mesmo, e sim dele. Assim começa o salmo.

2 "Confessai ao Senhor, porque ele é suave, porque a sua misericórdia é pelos séculos". Confessai que ele é suave; se o saboreastes, confessai. Não pode confessar quem não quis experimentar; como pode dizer que é agradá- vel quem não o sabe? Vós, porém, se experimentastes que o Senhor é suave (cf 1Pd 2,3; Sl 33,9), "confessai ao Senhor, porque ele é suave". Se o saboreastes com avidez, irrompei em confissão. Pois, "a sua

misericórdia é pelos séculos”, isto é, eterna. Aqui foi vertido: “pelos séculos”, porque em alguns lugares da Escritura “pelos séculos” é tradução do grego: eis aiona e interpreta-se: eternamente. A misericórdia de Deus não é temporária, mas eter-na. É sobre-humana a misericórdia de Deus que faz com que os homens vivam eternamente na companhia dos anjos.

3 2.3 “Digam-no os que foram pelo Senhor resgatados”. De fato, foi resgatado o povo de Israel da terra do Egito, do jugo da escravidão, dos trabalhos infrutíferos, da fabricação de tijolos; vejamos, porém, se os que aqui falam são os que foram libertados pelo Senhor da escravidão do Egito. Não é bem assim. Mas quem são eles? “Os que ele resgatou das mãos dos inimigos”. Ainda é possível dizer que os resgatados das mãos dos inimigos são eles, a saber, das mãos dos egípcios. Sejam declarados quais são propriamente os que este salmo canta. “E os reuniu dentre várias regiões”. Podem ser ainda as regiões do Egito, pois muitas são as regiões de uma só província. Diga melhor o salmo: “Do oriente e do ocidente, do norte e do mar”. Já compreendemos que estes resgatados são de todo o orbe da terra. Aqui, o povo de Deus, libertado do grande e amplo Egito, é de certo modo conduzido através do mar Vermelho, para no batismo exterminar os inimigos. Neste sacramento figurado pelo mar Vermelho, quer dizer, no batismo de Cristo, consagrado por seu sangue, são apagados os pecados, esses egípcios perseguidores. Tu escapas e não resta inimigo algum para te oprimir. Este povo, portanto, repita essas palavras. E agora, irmãos, ouçamos (uma vez que é guiado este povo de Deus) o que se realiza nessa reunião de todas as gentes, redimidas por Cristo. As realidades aqui cantadas não atingem simultaneamente a todos e sim a cada um dos fiéis em particular; no povo de Israel era diferente. Pois, o povo inteiro, toda a raça descendente de Abraão segundo a carne, toda a multidão da casa de Israel, uma vez retirada do Egito, uma vez conduzida através do mar Vermelho, uma vez levada até a terra da promissão, era simultaneamente atingida por esses eventos: “Estas coisas lhe aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução, nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos” (1Cr 10,11). Quanto a nós porém, não fomos congregados todos simultaneamente, mas progressivamente um por um dos fiéis foi agregado àquela única cidade, ao único povo de Deus. Mas o que foi escrito atinge a cada um de nós, mesmo em particular, e realiza-se em todo o povo. De fato, o povo é formado de indivíduos, mas cada um não constitui um povo; com efeito, um só homem consta de povos? Mas o povo consta de particulares indivíduos. Enquanto estou a falar, se reconheces algo em ti, se experimentaste algo, teu pensamento não se limite a ti, pensando que tudo isso acontece somente a ti mesmo; mas crê que sucede a todos, ou a quase todos que vêm pertencer a este povo, e são redimidos, pelo precioso sangue, das mãos, dos inimigos.

4 O salmista quis repetir assiduamente o versículo que acabamos de cantar: “Glorifiquem ao Senhor por suas misericórdias e por suas maravilhas em favor dos filhos dos homens”. O salmista, conforme pude notar, e vós igualmente podeis advertir, repete estes versículos quatro vezes. Este número, na medida que pudemos examinar com o auxílio do Senhor, representa-nos quatro tipos de tentações, das quais nos liberta aquele diante

do qual confessamos suas misericórdias. Suponhamos um homem que nada busca e vive segundo a sedutora segurança da vida anterior, pensando que nada existe depois de terminada a presente vida; ele é negligente, preguiçoso e tem o coração imerso nos prazeres mundanos, e adormecido por deleites mortíferos. Não é preciso que o desperte a mão de Deus para que se levante a procurar a graça de Deus, torne-se solicito e acordado? Todavia, ele ignora quem é que o desperta. Com efeito, começa a pertencer a Deus ao reconhecer a verdade da fé. Mas antes de conhecer, lastima seu erro. Descobre que está em erro, quer conhecer a verdade, bate à porta a seu alcance, tenta o que pode, vaga por onde pode, e até mesmo sente a fome da verdade. Por conseguinte, a primeira tentação é a do erro e da fome. Quando fatigado por causa desta tentação clamar por Deus, é conduzido ao caminho da fé, e começa a andar por ele em direção à cidade de seu repouso. É conduzido, portanto, a Cristo que disse: "Eu sou o caminho" (Jo 14,6).

5 Já se achando ali, já conhecendo o que deve observar, por vezes atribuindo muito a si mesmo, e de certa maneira presumindo de suas forças, começa a querer combater contra os pecados, mas é vencido devido à soberba. Descobre que está amarrado pelas dificuldades dos maus desejos, e não pode seguir o caminho por causa de seus grilhões. Sente-se preso pela dificuldade dos vícios. Parece estar diante de um muro de impossibilidades, de portas fechadas e não encontra como escapar para viver corretamente. Já sabe como deve viver; pois anteriormente estava no erro, e sofria a fome da verdade; já recebeu o alimento da verdade e foi colocado no reto caminho. Ele ouve: Vive bem, conforme sabes. Pois anteriormente desconhecias como devias viver. Agora recebeste o ensinamento e sabes. Esforça-se, mas não pode. Sente-se amarrado, e clama pelo Senhor. A segunda tentação, portanto, está na dificuldade de agir bem, enquanto a primeira era a do erro e da fome. Clama também nesta pelo Senhor. O Senhor livra-o das necessidades, rompe os vínculos das dificuldades, estabelece-o num modo de agir eqüitativo. Começa a ser-lhe fácil o que fora difícil, a abster-se dos pecados, a não cometer adultério, nem furto, nem homicídio, nem sacrilégio, nem a ambicionar o alheio. Torna-se faculdade o que antes era dificuldade. O Senhor pôde conceder facilmente tudo isso. Mas se o obtivesse sem dificuldade, não reconheceria o doador de tal bem. Se pois inicialmente, pudesse logo que o quisesse, e não sentisse a oposição dos maus desejos, nem a alma se chocasse com o peso de seus vínculos, atribuiria às próprias forças o que percebia estar em seu poder, e não glorificaria as misericórdias do Senhor.

6 Depois destas duas tentações, a primeira do erro e da penúria da verdade, a segunda da dificuldade de agir bem, uma terceira tentação ataca o homem; falo a quem já atravessou as outras duas. Pois, as duas, confesso, são muito conhecidas. Quem não sabe que passou da ignorância à verdade, do erro ao caminho, da fome da sabedoria à palavra da fé? Em seguida, muitos lutam com as di-ficuldades de seus vícios, e ainda amarrados a seus hábitos, gemem como se estivessem no cárcere, presos a grilhões. Reconhecem também esta tentação, embora já digam, se é que dizem: "Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? (Rm 7,24). Vê que vínculos aper-tadíssimos: "Pois a

carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne, de sorte que não fazeis o que quereis" (Gl 5,17). Portanto, já está auxiliado pelo espírito, de tal modo que não é adúltero como quis; como quis, não é ladrão; e evita as demais ações más que os homens querem vencer, mas muitas vezes dobram-se e são superados, para que clamem por Deus, que os livre de suas necessidades, e assim libertados confessem ao Senhor as suas misericórdias. Quem já for assim, e vencer aquelas dificuldades, já viver de forma honesta entre os homens, sem qualquer mancha em seus costumes, é atacado pela terceira tentação de certo tédio das delongas da vida presente de tal modo que por vezes não tenha gosto nem de ler, nem de rezar. A terceira tentação é oposta à primeira. Antes corria perigo pela fome, depois pelo fastio. De onde provém isto senão de certa doença da alma? O adultério já não te atrai, mas também não te deleita a palavra de Deus. Então, após o perigo da ignorância e da concupiscência, das quais te alegras de ter escapado, cuida que não te mate o tédio e o fastio. Não é leve esta ten-tação. Reconhece que ela te ataca e clama pelo Senhor, a fim de que te liberte também nisso de tuas necessidades. E ao seres libertado dessa tentação, confessa as suas misericórdias.

7 Libertado, porém, do erro, libertado da dificuldade de agir bem, libertado do tédio e fastio de ouvir a palavra de Deus, talvez te tornes digno de que te seja confiado o governo do povo; serás estabelecido timoneiro da nave, deves reger a Igreja. Aqui está a quarta tentação. A Igreja é batida pelas tempestades do mar; perturba-se o timoneiro. Enfim, aquelas três tentações podem atingir qualquer fiel do povo de Deus; a quarta nos é peculiar. Quanto maior a honra, tanto mais periclitamos. É de temer que o perigo do erro afaste algum de vós da verdade; é de temer não seja alguém vencido por sua ambição e prefira segui-la a clamar pelo Senhor na hora da dificuldade; é de recear que alguém seja levado a não saborear mais a palavra de Deus e morra de fastio; a tentação, porém, do governo, a tentação perigosa na direção da Igreja toca principalmente a nós mesmos. Mas como ficareis alheios a ela, se toda a nave corre perigo? Toquei no assunto a fim de que acerca desta quarta tentação, como se fosse exclusivamente nossa (e é preciso que não desistais de rezar, porque sereis os primeiros a naufragar), não tenhais menor solicitude e não rezeis menos por nós. Então, irmãos, pelo fato de não estardes sentados junto ao leme, não navegais na mesma nave?

8 Após estas quatro tentações, quatro clamores, quatro libertações, quatro confissões das misericórdias do Senhor, de modo geral neste salmo conseqüentemente se recomenda a Igreja; assim, evidentemente reconhecereis de qual Igreja o salmo tratava no começo. É recomendada, contudo, de tal forma que a graça de Deus seja em tudo anunciada, porque "Deus resiste aos soberbos, mas dá graças aos humildes" (Tg 4,6). "O Senhor veio para que os que não enxergam vejam, e os que vêem tornem-se cegos" (Jo 9,39). E: "Seja entulhado todo vale, todo monte e toda colina sejam nivelados" (Is 40,4). Relembrado isto, o salmo fala algo que se aplica também aos hereges, que atacam a Igreja como numa guerra civil; depois termina o salmo, que expliquei, mais resumidamente talvez do que supúnheis. Pois, até aqui considero ter explicado todo o salmo, que é um tanto prolixo, de tal forma que não deveis esperar de mim o trabalho de

comentador, mas antes de leitor, se guardardes o que disse. Julgo, pois, que o tendes diante dos olhos; mas para relembrá-lo melhor, vamos repeti-lo brevemente. A primeira tentação é a do erro e da fome da palavra; a segunda, a da dificuldade de vencer as concupiscências; a terceira, a do tédio e fastio; a quarta, a de tempestades e perigos no governo das igrejas; e em to-das elas clamores, libertações e confissões das misericórdias de Deus. Finalmente faz-se menção da própria Igreja, salva pela graça de nosso Deus, e não por mérito seu; e menciona-se a tribulação proveniente dos inimigos, devido a sua soberba; extintos esses, a Igreja se levanta; por causa das insídias dos hereges, certa diminuição, e da parte dos familiares algum detrimento; nestas circunstâncias, os benefícios divinos conferidos à Igreja; e a conclusão do salmo. Vamos agora ler mais do que comentar.

9 2.9 “Digam-no os que foram resgatados pelo Senhor, os que ele resgatou das mãos dos inimigos. E os reuniu dentre várias regiões, do oriente e do ocidente, do norte e do mar”. Digam-no, portanto, os cristãos, convocados de todo o orbe. “Erraram no deserto sem água, não encontraram caminho de cidade onde habitar”. Ouvimos alusão a um engano miserável; e qual a penúria? “Esfaimados e sedentos, sua alma desfaleceu”. Mas por que desfaleceu? Que bem lhe faltou? Pois, Deus não é cruel; mas recomenda a si mesmo, o que nos convém, a fim de que peçamos quando desfalecemos, e amamos ao nos socorrer. Por isto, após este erro, fome e sede, “angustiados, clamaram ao Senhor e ele os livrou de suas aflições”. E que lhes prestou quando erravam? “Conduziu-os pelo caminho reto”. Eles não encontravam o caminho de uma cidade para habitarem, tinham fome, ardiam de sede e desfaleciam, mas o Senhor “conduziu-os pelo caminho reto, para chegarem a uma cidade onde morar”. Ainda não declarou o salmo como ele socorreu-os em sua fome e sede, mas esperai também isso. “Glorifiquem ao Senhor por suas misericórdias e por suas maravilhas em favor dos filhos dos homens”. Dizei, vós, homens experimentados aos inexperientes, uma vez que já vos achais no caminho, já orientados para encontrar a cidade, já libertos da fome e da sede: “Porque dessendentou a alma sequiosa e cumulou de bens a alma faminta”.

10 10.17 Por conseguinte, vive bem; já estás no caminho, já ouviste o que deves fazer, o que esperar. Que mais? Esforças-te e não consegues superar? “Sentados nas trevas e nas sombras da morte, jaziam cativos na miséria e em correntes”. Donde provém isto, senão porque atribuías a ti mesmo tudo, não reconhecias a graça de Deus, não aceitavas o desígnio de Deus a teu respeito? Vê como prossegue o salmo: “Por se haverem rebelado contra as palavras de Deus”, por soberba, desconhecendo a justiça do Senhor e procurando estabelecer a sua própria (Rm 10,3). “E desprezado os desígnios do Altíssimo. Seu coração se abateu com os trabalhos”. E agora luta contra a concupiscência. Deus retira seu auxílio: podes esforçar-te, mas não vencer. E ao seres pressionado pelo mau hábito, teu coração se abaterá com os trabalhos. De coração humilhado aprendas a clamar: “Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte”? (Rm 7,24). “Seu coração se abateu com os trabalhos. Perderam as forças e ninguém veio ajudá-los”. Que resta a explicar, a não ser o motivo por que assim

sucedeu? “Se tivesse sido dada uma lei capaz de comunicar a vida, então sim, realmente, a justiça viria da Lei. Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, a fim de que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse concedida aos que crêem” (Gl 3,21.22). “Ora, a lei interveio para que avultassem as faltas” (Rm 5,20). Recebeste a palavra, recebeste o preceito, e não deixas de fazer o mal que praticavas. Recebido o preceito, aumentas a gravidade do pecado pela prevaricação. Ó soberbo, se não te conhecias a ti mesmo, aprende a conhecer-te depois de humilhado. Clamarás e serás libertado da necessidade. Libertado, confessarás as misericórdias do Senhor. “Angustiados, clamaram ao Senhor e ele os livrou de suas aflições”. Foram libertados da segunda tentação, resta a do tédio e do fastio. Mas antes vede o que o Senhor concedeu a esses que foram libertados. “Tirou-os das trevas e da sombra da morte e despedaçou-lhes os grilhões. Glorifiquem ao Senhor por suas misericórdias e por suas maravilhas em favor dos filhos dos homens”. Qual a razão? Que dificuldades venceu? “Porque arrombou portas de bronze e quebrou trancas de ferro. Retirou-os do caminho de suas iniqüidades. Foram humilhados por causa de seus delitos”. Porque atribuíam o feito a si mesmos, não a Deus; foram humilhados por terem estabelecido a própria justiça, desconhecendo a justiça de Deus. Perceberam que nada podiam sem o auxílio de Deus aqueles que presumiam unicamente de suas forças.

11 18.22 Mas que espécie de tentação ainda falta? “A alma deles rejeitou todo alimento”. Já sofrem de fastio, desfalecem de fastio, estão em perigo por causa do fastio. A menos que penses que a fome podia matá-los, mas não o fastio. Vê como continua o salmo, depois do versículo: “A alma deles rejeitou todo alimento”, para não pensares que estavam seguros devido à saciedade; verás antes que estavam para morrer de fastio: “E eles chegaram às portas da morte”. Que falta, então? Se a palavra de Deus te deleita, não o atribuas a ti mesmo, nem por isso te inches de arrogância e ávido do alimento, orgulhosamente ataques os que estão em perigo de vida por fastio. Entende que isto te foi concedido e não provém de ti mesmo. Pois, o que possuis que não tenhas recebido? (1Cor 4,7). Por conseguinte, compreendendo isto, e periclitando por causa deste vício, desta doença, faze como segue: “Angustiados, clamaram ao Senhor e ele os livrou de suas aflições”. Visto ser doença não se deleitar na palavra: “Enviou sua palavra e os curou”. Nota o mal que é o fastio. Vê de onde li-berta aquele a quem clama o enfastiado. “Enviou sua palavra e os curou e os preservou”. De quê? Não do erro, não da fome, não da dificuldade de vencer os pecados, mas da “corrupção”. É certa corrupção da mente ter fastio do que é doce. Portanto, acerca deste benefício, como dos demais acima mencinados: “Glorifiquem ao Senhor por suas misericórdias, por suas maravilhas em favor dos filhos dos homens. E ofereçam sacrifícios de louvor”. O Senhor já é suave, e por isso é louvado. “E proclamem com alegria as suas obras”; não é com tédio, não com tristeza, não com ansiedade, não com fastio, mas “com alegria”.

12 23-31 Falta a quarta tentação, na qual todos nós pericli-tamos. Pois, todos nós estamos num navio; os marinheiros trabalham e os outros são levados; simultaneamente, contudo, todos tanto correm perigo nas tempestades, como se salvam no porto. Por isso,

prossegue o salmo no fim disso tudo: “Os que sulcam o mar em navios para trafegar nas grandes águas”, isto é, entre muitos povos. Com freqüência as águas representam os povos, conforme atesta o Apocalipse, onde João interroga o que significavam aquelas águas, e obteve a resposta: “São povos” (Ap 17,15). Por conseguinte, os que sulcam muitas águas para trafegar, “contemplaram as obras do Senhor e as suas maravilhas nas profundezas”. Que há de mais profundo do que o coração do homem? Dali, freqüentemente irrompem ventos, tempestades de sedições e dissensões, perturbando a nave. E o que acontece nestas circunstâncias? Querendo Deus que clamem por ele, os marinheiros e os viajantes, “ele falou e manteve-se um vento tempestuoso”. Que quer dizer: “manteve-se?” Permaneceu, perdurou. Agita, longamente sacode a nave, enfurece-se e não passa. Pois, “ele disse e manteve-se um vento tempestuoso”. E que provocou este vento tempestuoso? “Encresparam-se as ondas. Subiam aos céus”, com ousadia; “e desciam aos abismos”, com temor. “Subiam aos céus, desciam aos abismos”: fora combates, dentro temores. “A alma deles se consumia nos perigos. Perturbaram-se e cambalearam como um ébrio”. Os timoneiros que amam fielmente sua nave, compreendem o que digo: “Perturbaram-se e cambalearam como um ébrio”. Certamente quando falam, quando lêem, quando expõem, parecem sábios. Ai, durante a tempestade! “E toda a sua sabedoria se esvaiu”. Por vezes falham todos os planos humanos. Para todos os lados que se volte alguém, há bramido das ondas, a tempestade é furiosa, os braços desfalecem. O comandante não vê absolutamente para onde lançar a proa, que lado oferecer às ondas, aonde deixar que a nave seja impelida, que rochedos evitar para não naufragar. E que resta, senão o seguinte? “Angustiados, clamaram ao Senhor e ele os livrou de suas aflições. Ordenou à procela, que se transformou em leve brisa”. Não durou a tempestade, mas transformou-se em “leve brisa. E os vagalhões emudeceram”. Ouvi sobre este assunto a voz de um piloto que correu perigo, foi abatido, e depois libertado: “Não queremos, irmãos, que o ignoreis: a tribulação que padecemos na Ásia, acabrunhou-nos ao extremo, além das nossas forças, a ponto de” (vejo toda a sua sabedoria se esvair) “termos tédio até de viver”. E então? O Senhor a tal ponto abandonaria os desanimados? Ou não seria que eles desfaleceram para que Deus encontrasse neles sua glória? Finalmente, como prossegue? “Sim, recebêramos em nós mesmos a nossa sentença de morte, para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos” (2Cor 1,8.9). “E ordenou à procela que se transformou em leve brisa”. Eles já haviam recebido em si a sentença de morte, pois toda a sua sabedoria se esvaíra. “E os vagalhões emudeceram. E alegraram-se por vê-los amainados. Conduziu-os ao porto desejado. Glorifiquem ao Senhor por suas misericórdias”. Em toda parte absolutamente, em toda parte “glorifiquem ao Senhor por suas misericórdias”, não por nossos méritos, não por nossas forças, não por nossa sabedoria. Seja amado em qualquer libertação nossa aquele que invocamos em toda tribulação. “Glorifiquem ao Senhor por suas misericórdias, por suas maravilhas em favor dos filhos dos homens”.

13 32.38 E vede por que motivo o salmo assim se exprime, porque assim fala, porque enumero tudo isso, onde estas coisas se realizam. “Exaltem-no na assembléia do povo e

louvem-no na cátedra dos anciãos. Exaltem-no", isto é, "louvem-no", e "louvem-no", isto é, "exaltem-no". Exal-tem, louvem, os povos e os anciãos, os comerciantes e os pilotos. Pois, o que ele fez nesta assembléia? Que estabeleceu nela? Donde a tirou? Que lhe prestou? Como resistiu aos soberbos, e deu a graça aos humildes (cf Tg 4,6). Aos soberbos, isto é, ao primitivo povo dos judeus, arrogante e orgulhoso de ser da raça de Abraão, e de que à sua gente tenham sido confiadas as palavras de Deus (cf Rm 3,2). Estas não lhe valiam para seu bem-estar, mas para exaltação do coração, para um tumor mais do que para sua estatura. Que fez, então, Deus, ao resistir aos soberbos e ao dar aos humildes a graça, amputando os ramos naturais devido ao orgulho e enxertando a oliveira silvestre por causa da humildade? (cf Rm 11,17-24). Que fez Deus? Ouvi duas coisas: primeiro, como Deus resiste aos soberbos, e em seguida como dá a graça aos humildes. "Converteu rios em deserto". Ali corriam as águas, corriam as profecias. Se procuras agora um profeta entre os judeus, não encontras. Pois, "converteu rios em deserto, e mananciais em terra árida. Converteu rios em deserto". Digam: "Já não há profeta, nem mais, entre nós, quem seja conhecido" (Sl 73,9). "Converteu rios em deserto, e mananciais em terra árida, solo fértil em salsugem". Procuras ali a fé em Cristo e não encontras; procuras um profeta e não encontras; procuras um sacerdote e não encontras; procuras um sacrifício e não encontras; procuras um templo e não encontras. Por quê? Porque ele "converteu rios em deserto e mananciais em terra árida, solo fértil em salsugem". Por que razão? "Por causa da malícia de seus habitantes". Eis como resiste aos soberbos. Ouve como dá a graça aos humildes. "Converteu o deserto em lagos e a terra árida em fontes de águas. Ai estabeleceu os famintos". Com efeito, foi dito a Cristo: "Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec" (Sl 109,4). Procuras, então, o sacrifício entre os judeus; não achas sacrifício segundo a ordem de Aarão, porque o Senhor converteu rios em deserto; procuras segundo a ordem de Melquisedec e não o encontras no meio deles, mas este é celebrado na terra inteira na Igreja. "Desde o nascente ao poente, louvai o nome do Senhor" (Sl 112,4). E Deus fala àqueles cujos rios ele converteu em deserto: "Não tenho prazer algum em vós, disse o Senhor, e não me agrada a oferenda de vossas mãos. Sim, do levantar ao pôr-do-sol, será oferecido ao meu nome um sacrifício puro" (Ml 1,10.11). Eram imundos os sacrifícios, quando havia o deserto, quando os povos eram incultos, eram salsugem. Ali agora encontram-se fontes, ali há rios, ali existem lagos e fontes de águas. Portanto, o Senhor resistiu aos soberbos e deu aos humildes a graça. "Aí estabeleceu os famintos, porque os pobres hão de comer e saciar-se" (Sl 21,27). "E fundaram uma cidade habitável". Por enquanto, uma habitação em esperança, porque "quem me escuta viverá com esperança" (Pr 1,33, sg LXX). "E fundaram uma cidade habitável. Semearam campos e plantaram vinhas, colheram a produção de trigo". Com uma colheita dessas, alegra-se aquele operário que disse: "Não que eu busque presentes; o que busco é o fruto que se credite em vossa conta" (Fl 4,17). "Abençou-os e se multiplicaram grandemente. Não diminuiram seus jumentos". Isto é firme. "Pois, não obstante, o sólido fundamento colocado por Deus permanece. O Senhor conhece os que lhe pertencem" (2Tm 2,19). Jumentos e animais representam os que vivem com simplicidade, mas utilmente, na

Igreja; não são muito instruídos, mas cheios de fé. Portanto, tanto os espirituais como os carnais, "Deus os abençoou e se multiplicaram grandemente. Não diminuíram seus jumentos".

14 39.42 "Depois seu número se reduziu. Foram maltratados". De onde veio isso? Do sentido contrário? Não; absolutamente. De dentro. Para serem reduzidos, "eles saíram de entre nós, mas não eram dos nossos" (1Jo 2,19). Ora, parece falar dos mesmos que mencionara antes, mas tenha-se inteligente discernimento. Refere-se a alguns, aparentemente os mesmos, por causa dos sacramentos comuns. De fato, pertencem ao povo de Deus, se não pela virtude, certamente pela aparência de piedade. Acerca deles, ouvimos a sentença do Apóstolo: "Nos últimos dias sobrevirão momentos difíceis. Os homens serão egoístas" (2Tm 3,1.2). O primeiro mal é o seguinte: "egoístas", comprazem-se em si mesmos. Oxalá tivessem desgosto por si e agradassem a Deus; oxalá clamassem em suas dificuldades e fossem libertados de suas aflições. Mas, como presumiam demais de si mesmos, "seu número se reduziu". É manifesto, irmãos, que se reduzem em número, que se apartam da unidade. Na unidade são muitos, enquanto dela não se separam; ao começarem a deixar a multidão da unidade, seu número se reduz na heresia e no cisma. "Seu número se reduziu. Foram maltratados, oprimidos por tribulações e dores". O Senhor "lançou o desprezo sobre os príncipes", que foram reprovados pela Igreja de Deus. Tanto mais por terem querido ser príncipes. Foram menosprezados, tornaram-se insossos, sendo lançados fora e calcados pelos homens (cf Mt 5,13). "Lançou o desprezo sobre os príncipes. Seduziu-os por lugares ínvios e não por um caminho". Os outros, citados acima, estavam no caminho, eram dirigidos para a cidade, enfim levados, não seduzidos; estes, ao contrário, foram seduzidos por lugares ínvios. Que quer dizer: "Seduziu-os? Deus os entregou, segundo o desejo de seus corações" (Rm 1,24). Este o significado da expressão: "seduziu-os", entregou-os a si mesmos. Mas, se procurares o sentido próprio, eles mesmos se seduzem. "Se alguém pensa ser alguma coisa, nada sendo, engana a si mesmo" (Gl 6,3). Que quer dizer: "seduziu-os? " Abandonou-os. "Por lugares ínvios e não por um caminho". Como estarão no caminho aqueles que pertencem a um partido e abandonam o todo? Como estarão no caminho? Qual, então, o caminho, ou como se reconhece o caminho? Diz o salmo: "Deus se compadeça de nós e nos abençoe. Faça luzir sobre nós o brilho de sua face para que conheçamos na terra o teu caminho". Em que terra? "Em todos os povos a tua salvação" (Sl 66,2.3). Efetivamente, eles se reduziram, tornaram-se poucos, porque saíram daqui. Deixaram todos a multidão da unidade, conforme mais acima mencionei: "Eles saíram de entre nós, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco" (1Jo 2,19). Mas se acaso forem dos nossos, por oculta presciência de Deus, necessariamente voltarão. Quantos dos nossos parecem estar dentro e quantos ainda parecem estar fora? "O Senhor conhece os que lhe pertencem" (2Tm 2,19). E aqueles que não são dos nossos e estão dentro, quando encontrarem ocasião propícia, saem; e dos nossos que estão fora, em ocasião oportuna, voltam. Por conseguinte, aceitai o fato de que Deus conhece, e de acordo com isso, "seduziu-os por lugares ínvios e não por um caminho". E que fez deles? Aquilo que eu começara a dizer

e que deveis ouvir atentamente. Deus poderia suportá-los sempre dentro, mas não teríamos proveito com isso; ao se separarem e nos molestarem com questões malignas, são-nos propostos o esforço da pesquisa e o exemplo que nos atemoriza. Treme cada um, vendo como o outro sai, e como se lhe fosse dito por causa desta saída: “Assim, pois, aquele que julga estar de pé, tome cuidado para não cair” (1Cor 10,12). São, portanto, de proveito porque saem; pois, se ficassem dentro, sendo tão maus, para nada serviriam. Que afirma deles um salmo? “A manada de touros”, isto é, dos obstinados e soberbos; “a manada de touros com o rebanho dos povos” (Sl 67,31). “Rebanho” são as almas fracas, que facilmente se deixam levar pelos touros sedutores. Mas por que isso? “Para que sejam excluídos os que foram experimentados como a prata”. Que significa: “Para que sejam excluídos?” Para que apareçam, para que se destaquem aqueles que foram provados pela palavra de Deus. Pois, ao sermos obrigados a responder aos hereges, utilmente se edificam os católicos. Paulo exprime claramente esta sentença: “É preciso que haja até mesmo cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados” (1Cor 11,19). É preciso que haja touros sedutores, “a fim de que se tornem manifestos os que são comprovados como a prata, isto é, sejam excluídos”. Que quer dizer: “comprovados com a prata? Palavras do Senhor, palavras puras. Prata pelo fogo acrisolada de terra, sete vezes depurada” (Sl 11,19). Todos os que são provados, como esta prata, isto é, pela palavra de Deus, não podem manifestar prata, a não ser molestados pelas questões dos hereges. E aqui, prestai atenção; não foi omitido: Foi lançado “o desprezo sobre os príncipes”, sobre aqueles touros. Por que foram desprezados? Quando anunciavam coisa diferente. Como foram desprezados? Foram anatematizados. “Pois, se alguém vos anunciar um evangelho diferente do que recebestes, seja anátema”. Que há de mais desprezível do que o sal insípido, que é lançado fora e calcado aos pés? E vede se não se trata de príncipes; ouvi falar o próprio Paulo: “Entretanto, se alguém — ainda que nós mesmos ou um anjo do céu — vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema” (Gl 1,8-9). São príncipes, são instruídos, são grandes, são pedras preciosas. Que acrescentarás ainda? Acaso são anjos? “Entretanto, se alguém — um anjo do céu — vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema”, pois o próprio diabo, um anjo do céu, caiu. “Lançou o desprezo sobre os príncipes. Retirou o pobre da penúria”. Que quer dizer, irmãos: os príncipes foram desprezados e o pobre foi auxiliado? Foram rejeitados os soberbos e socorridos os humildes. Assim agiu Deus, e desta forma “retirou o pobre da penúria”. É um mendigo, aquele que nada atribui a si mesmo, esperando tudo da misericórdia de Deus. Grita diariamente diante da porta do Senhor, batendo para que se lhe abra, nu e tremendo de frio para receber uma veste, com os olhos pregados no chão, e batendo no peito. Deus ajuda muito a este pobre, este mendigo, este humilde, também separando-o dos hereges, porque estes se tornaram poucos, foram maltratados, seduzidos por lugares ínvios e não por um caminho. Enfim, depois que eles foram reduzidos, seduzidos, poucos, maltratados, que acontece ao pobre que foi socorrido? “Arrebanhou as famílias qual ovelhas”. Parecia ser um só pobre, um só mendigo, a respeito do qual disse o salmo: “Retirou o pobre da penúria”, mas este pobre representa

muitas famílias, este pobre figura muitos povos; muitas Igrejas formam uma só Igreja, um só povo, uma só família, uma só ovelha. “Arrebanhou as famílias qual ovelhas”. Grande mistério, grandes sacramentos, quão profundos, plenos de mistérios! É tão doce descobri-los quanto mais tempo escondidos estavam. Por conseguinte, “verão os retos e alegrar-se-ão. E toda iniqüidade fechará a boca”. A iniqüidade, a gritar contra a unidade, forçando-a a manifestar a verdade, convicta “fechará a boca”.

15 43 “Quem é sábio para guardar estas coisas e compreender as misericórdias do Senhor?” Vede como termina o salmo: “Quem é sábio para guardar estas coisas?” E sendo sábio, o que guardará? Isto é, se é pobre, guarda; se não é rico, isto é, não é soberbo, não está inchado de or-gulho, guarda estas coisas. Qual o motivo de guardá-las? Porque “compreende as misericórdias do Senhor”, não por seus méritos, não por suas forças, não por seu poder, mas pelas “misericórdias do Senhor”, que conduziu e alimentou o errante e necessitado no caminho; que soltou e libertou aquele que lutava contra a dificuldade dos pecados, preso aos vínculos dos maus hábitos; que refez aquele que tinha fastio da palavra de Deus e quase morria de tédio, enviando o remédio de sua palavra; que reconduziu o que periclitava nos riscos de naufrágio e de procelas, aplacando o mar e levando aquele ao porto; que, finalmente, o estabeleceu no meio do povo, em que ele dá a graça aos humildes (e não entre aquele onde resistem aos soberbos), tornando-o seu, a fim de se multiplicar permanecendo dentro, e não ser reduzido indo para fora. Os retos vêem estas coisas e alegram-se. Portanto, “toda iniqüidade fechará a boca e quem é sábio para guardar essas coisas?” Como guardará? Pela humildade, entendendo as misericórdias do Senhor, pois em toda parte se diz: “Glorifiquem ao Senhor por suas misericórdias, por suas maravilhas em favor dos filhos dos homens”.

SALMO 107

(“Por que razão não se inclui aqui um comentário”[1])

1 Não julguei necessário explicar o salmo centésimo sétimo, porque já o expus no salmo quinquagésimo sexto e no salmo quinquagésimo nono, pois o presente salmo consta das partes finais desses dois salmos. De fato, a parte final do quinquagésimo sexto constitui o começo deste, até o versículo: “E em toda a terra resplandeça a tua glória” (Sl 56,12; 107,6). Daqui até o fim, é formado da última parte do quinquagésimo nono. Da mesma forma, o final do centésimo trigésimo quarto é idêntico ao centésimo décimo terceiro, do versículo: “Os ídolos das nações são prata e ouro” (Sl 134,15). Igualmente o décimo terceiro e o quinquagésimo segundo, com algumas mudanças no meio, contêm as mesmas palavras do princípio ao fim. Todas as palavras, um pouco diferentes, que se encontram neste salmo centésimo sétimo, em relação aos dois outros salmos, de que consta, não são de interpretação difícil. Assim, no quinquagésimo sexto diz-se: “Cantarei e salmodiarei. Ergue-te, glória minha” (Sl 56,8) e neste: “Cantarei e salmodiarei em minha glória” (Sl 107,2). Neste ponto, foi dito no primeiro salmo: “Ergue-te (Sl 56,9; 107,3), para que com ela se cantasse e salmo-diasse. Ainda naquele salmo: “Porque a tua misericórdia se engrandeceu até os céus”; ou , conforme outros traduziram: “se elevou”; neste, contudo: “Porque é grande acima dos céus a tua misericórdia” (Sl 56,11; 107,5). Efetivamente, “se engrandeceu até os céus”, de tal modo que seja grande nos céus; isso mesmo quis dizer o salmista com a expressão: “acima dos céus”. O mesmo acontece com o quinquagésimo nono: “Alegrar-me-ei e repartirei Siquém”; aqui porém: “Exaltar-me-ei e repartirei Siquém” (Sl 59,8; 107,8). Desta forma se mostra o sentido desta repartição de Siquém, que foi predita para depois da exaltação do Senhor, e aquela alegria pertence a esta exaltação; alegra-se porque é exaltado. Daí ser declarado em outra passagem: “Transformaste minhas lamentações em regozijo. Rasgaste meu cilício e me cingiste de alegria” (Sl 29,12). Mais ainda, naquele salmo: “Efraim é a força de minha cabeça”. O Senhor acolhendo comunique força, isto é, acolhendo faça-nos fortes, frutificando em nós, pois Efraim significa frutificação (Sl 59,9; 107,9). Este acolhimento pode referir-se a ambos os sentidos: ou acolhemos a Cristo, ou ele nos acolhe, sendo Cabeça da Igreja. Naquele salmo acha-se: “os que nos afligem”, e aqui: “nossos inimigos” (Sl 59,14; 107,14). São expressões equivalentes.

2 Este salmo, de fato, nos admoesta a que os títulos que parecem históricos, mais corretamente devemos entendê-los como proféticos, conforme notamos serem escritos os salmos. Pois, que pode haver de mais diferente da História do que o título do salmo quinquagésimo sexto? “Para o fim. Não destruas. De Davi. Inscrição do título. Quando ele, perseguido por Saul, refugiou-se numa caverna” (Sl 56,1). E o título do quinquagésimo nono: “Para o fim, por aqueles que serão mudados. Inscrição do título. De Davi. Para ensino. Quando ele incendiou a Meso-potâmia da Síria e a Síria de Soba e quando Joab, de regresso, desbaratou 12.000 homens de Edom, no vale do sal”? (Sl

59,1). Pois, além desses termos ali empregados: “Inscrição do título. De Davi e Para o fim”, todo o resto é tão diferente que lá se menciona a humilhação de Davi e aqui a sua fortaleza; lá a fuga, aqui as vitórias. Todavia o presente salmo se compõe das partes finais daqueles dois salmos, cujos títulos são tão diferentes. Assim se assinala que ambos os salmos concorrem para exprimir algo que tem unidade, não superficialmente histórico, mas profundamente profético, unindo-se os finais dos dois salmos para formar outro, cujo título é: “Cântico de salmo. De Davi” (Sl 107,1). Nenhum dos outros títulos se lhe assemelha, exceto as palavras que aqui estão: “De Davi”. Porque muitas vezes e de muitos modos, como se exprime a epístola aos Hebreus, falou Deus outrora aos pais pelos profetas (cf Hb 1,1). Por fim, falou aquele que ele enviou depois para se cumprirem as predições dos profetas: “Todas as promessas de Deus encontraram nele o seu sim” (2Cor 1,20).

1 Segue o texto do salmo, segundo o códice a:

SALMO 108

COMENTÁRIO

1 Quem ler cuidadosamente os Atos dos Apóstolos, há de perceber que este salmo contém uma profecia mes-siânica. Foi profetizado acerca de Judas, o traidor de Cristo, o que nele foi escrito: “Seus dias sejam abreviados e tome outro o seu ministério”. Evidencia-se isto quando se narra que em lugar de Judas foi ordenado Matias, que foi agregado ao número dos doze apóstolos (cf At 1,15-26). Mas se tentarmos aplicar todo o mal aqui mencionado àquele homem só, não conseguiremos absolutamente, ou com muita dificuldade, fazer uma exposição. Se, ao contrário, referirmos a determinada espécie de homens malvados, isto é, aos inimigos de Cristo e aos judeus ingratos, a meu ver, será possível mostrá-lo com maior clareza. Assim, certas expressões parecem aplicar-se propriamente ao apóstolo Pedro, no entanto não oferecem sentido muito claro a não ser que se refiram à Igreja, que ele figurava, devido ao primado de que gozava entre os discípulos. Por exemplo a expressão: “Eu te darei as chaves do reino dos céus” (Mt 16,19) e outras semelhantes. Igualmente, Judas de certo modo figura os judeus, inimigos de Cristo, que então odiaram, e agora o odeiam nos seus sucessores, nos quais continua esta espécie de homens ímpios. A respeito destes e de seu povo é possível entender adequadamente não apenas o que lemos claramente sobre eles neste salmo, mas ainda o que propriamente se diz de maneira mais expressa acerca de Judas, como são os termos que mencionei: “Seus dias sejam abreviados e tome outro o seu ministério”. Com o auxílio do Senhor, isto se evidenciará quando, tratando por ordem os versículos, chegarmos a esse.

2 2 Começa o salmo da seguinte forma: “Ó Deus, não cales meu louvor, porque a boca do pecador e do pérfido se abriram contra mim”. Daí se conclui que é falsa a injúria que o pecador e o pérfido não calam, e é verdadeiro o louvor que Deus não silencia. Pois, Deus é veraz e o homem mentiroso; somente é veraz o homem quando Deus fala por ele. O louvor máximo, porém, é próprio do Filho unigênito de Deus; consiste em se anunciar aquilo mesmo que ele é, o unigênito Filho de Deus. Isto não se revelava, mas estava escondido sob uma aparente fraqueza e então a boca do pecador e do pérfido se abriu contra ele; abriu-se porque estava encoberto o seu poder. Por isso diz o salmo: “Abriu-se a boca do pérfido”, porque o ódio que o dolo encobria, irrompeu na voz. Os versículos seguintes o declaram com maior clareza.

3 3 “Com língua mentirosa falaram contra mim”; sucedeu assim, de fato, quando o louvavam com capciosa adulação, chamando-o de bom mestre. Daí se dizer em outra passagem: “Os que me louvavam, juravam contra mim” (Sl 101,9). Em seguida, porque clamavam: “Crucifica-o, crucifica-o!” (Jo 19,6), o salmo acrescenta: “E envolveram-me com palavras de ódio”. Eles proferiram palavras de amizade, como se não fossem de ódio, com uma língua mentirosa: “contra mim”, porque o faziam insidiosamente; depois,

com “palavras”, não de falsa e mentirosa amizade, mas de declarado “ódio me envolveram, e sem motivo me atacaram”. Como os homens piedosos amam gratuitamente a Cristo, os malvados gratuitamente o odeiam; porque assim como a verdade é visada pelos bons, sem outro interesse a não ser ela mesma, igualmente a iniqüidade é procurada pelos homens péssimos. Entre os autores das letras seculares encontra-se esta palavra acerca de um homem muito malvado: “Sem motivo algum, preferia ser mau e cruel” (Sallústio, de Cat. coniurat. 16,3).

4 4 “Em vez de me amarem, detraíam de mim.” Deste modo de agir, existem seis espécies diferentes, que se forem mencionadas, facilmente se podem captar: pagar o mal com o bem, não pagar o mal com o mal; pagar o bem com o bem, pagar o mal com o mal; não pagar o bem com o bem, pagar o bem com o mal. Os dois primeiros são bons, e o primeiro dos dois é melhor; os dois últimos são maus, e o segundo deles é o pior; os dois do meio de certo modo são médios, mas o primeiro deles é mais próximo dos bons, e o segundo mais próximo dos maus. Devemos examinar isso nas Sagradas Escrituras. Pagou o mal com o bem o próprio Senhor, “que justifica o ímpio “ (Rm 4,5), e crucificado disse: “Pai, perdoa-lhes; não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Santo Estêvão, seguindo estas pegadas, dobrou os joelhos e rezou por aqueles que o apedrejavam: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7,59). Pertence a esta questão o preceito: “Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5,44). O apóstolo Paulo declara que não se deve pagar o mal com o mal: “A ninguém pagueis o mal com o mal” (Rm 12,17); e o apóstolo Pedro: “Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria” (1Pd 3,9). Daí também, lermos no salmo: “Se paguei o mal com o mal aos que me retribuiram com o mal” (Sl 7,5). Dos dois últimos o mais suave adapta-se aos nove leprosos, que tendo sido purificados pelo Senhor, não agradeceram (cf Lc 17,12.18). O último, o pior de todos, cabe àqueles dos quais se lê neste salmo: “Em vez de me amarem, detraíam de mim”. Com efeito, deviam pagar com amor ao Senhor, em vista de tantos benefícios. Não apenas não pagavam de forma alguma, mas ainda em vez de bem, infligiam-lhe o mal. As duas espécies intermediárias, que atribuímos aos homens do meio, assim se distribuem: a primeira, pagar o bem com o bem, é própria dos bons, dos medíocres no bem ou dos medíocres no mal. Por isso, o Senhor não censura tal modo de proceder, mas não quer que seus discípulos parem aí, e sim deseja levar mais acima aqueles aos quais diz: “Se amais aos que vos amam”, isto é, se pagais o bem com o bem, “que recompensa tendes?” isto é, que fareis de extraordinário? “Não fazem também os publicanos a mesma coisa”? (Mt 5,46). O Senhor quer que os discípulos assim ajam e ainda melhor; isto é, não amem somente os amigos, mas ainda os inimigos. A segunda espécie, porém, a que paga o mal com o mal, é peculiar aos maus, aos maus medíocres e aos bons medíocres; a este respeito a lei lhes impõe medida na vingança: “Olho por olho, dente por dente” (Dt 19,21). Se assim podemos nos exprimir, temos aqui a justiça dos injustos. Não digo que seja iníquo receber cada qual conforme o que fez; de outra forma a lei absolutamente não o teria estabelecido; mas como o sentimento de vingança é vicioso, compete ao juiz decidir a respeito do castigo e não ao homem honesto aplicá-lo por si mesmo. Com

efeito, os ímpios que decaíram daquele cume de bondade, de pagarem o mal com o bem, a que profundidade de malignidade chegaram, retribuindo o bem com o mal! A que precipício se lançaram, atravessando tantos degraus intermediários! Nem se pense que foi pouco, porque o salmista não disse: Em vez de me amarem, mataram-me, mas "detraíram de mim". Eles, de fato, mataram, porque detraíram, negando o Filho de Deus, e dizendo: pelo "príncipe dos demônios ele expulsa os demônios" (Lc 11,15); e: "Ele tem um demônio! Está louco! Por que o escutais"? (Jo 10,20) etc. Com tal detração afastavam aqueles cuja conversão ele procurava obter. O salmista assim se exprime para demonstrar que mais causam dano os que difamam a Cristo, matando as almas, do que os assassinos cruéis de sua carne mortal, principalmente porque haveria de ressuscitar em breve.

5 Ora, tendo dito: "Em vez de me amarem, detraíram de mim", que acrescenta? "Eu, porém, orava". Não disse, com efeito, o que visava sua oração. Mas, que de melhor senão rezar por eles? Eles especialmente difamavam o crucificado, ao zombarem daquele que aparentemente fora vencido, como se fosse homem somente. Da cruz, ele rezou: "Pai, perdoa-lhes; não sabem o que fazem" (Lc 23,34). Eles, nas profundezas da malignidade pagavam o bem com o mal, enquanto ele no cume da bondade pagava o mal com o bem. Embora se possa entender com razão que ele rezara também por seus discípulos, conforme dissera antes da paixão, a fim de que sua fé não desfalecesse (cf Lc 22,32), quando ele, pendente do madeiro, querendo recomendar a paciência, não deixava transparecer seu poder, enquanto ouvia as palavras dos detratores, que ele podia extinguir com a virtude divina. Mas, para nós era mais proveitoso o exemplo de paciência do que a perda imediata de seus inimigos; edificava-nos para que não nos apressássemos impacientes a nos vingarmos, dos que nos fazem mal, quando está escrito: "Mais vale um homem lento à cólera do que um herói" (Pr 16,32). As palavras divinas nos instruem com o exemplo do Senhor, nesses termos: "Em vez de me amarem, detraíam de mim. Eu, porém, orava". Assim, quando percebemos que alguns nos são ingratos, não somente deixando de retribuir o bem que fazemos, mas além disso pagando o bem com o mal, devemos rezar. O Senhor, efetivamente, rezava pelos outros: cruéis, queixosos, hesitantes na fé. Quanto a nós, rezemos, em primeiro lugar, por nós mesmos, a fim de vencermos, com a misericórdia e o auxílio de Deus, nossos sentimentos, que nos ferem com a sede de vingança contra nossos detratores, presentes ou ausentes. Em seguida, lembrados da paciência de Cristo (como se ele acordasse, conforme fez ao dormir no barco, e tranqüilizasse a perturbação e tempestade de nosso coração), já acalmados e apaziguados, rezemos igualmente por nossos detratores e digamos com segurança: "Perdoai as nossas ofensas como nós também perdoamos" (cf Mt 8,24.25; Mt 6,12). Mas, como perdoava aquele que, de fato, não tinha pecado a ser perdoado?

6 5 O salmo prossegue: "Pagaram-me o bem com o mal". E como se perguntássemos: Que mal? Em troca de que bens? Responde: "E o meu amor com o ódio". Aí se acha totalmente seu grande crime. Pois, os perseguidores em que puderam causar dano àquele que morria voluntariamente, não por necessidade? Com efeito, o próprio ódio é o crime

máximo do perseguidor, apesar de ser voluntária a pena do paciente. Explicação suficiente temos das palavras supracitadas: “Em vez de me amarem” (porque lhe era devido não um amor qualquer, mas o seu amor), no acréscimo: “E o meu amor com ódio”. Ele menciona este amor no evangelho, nesses termos: “Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo de suas asas, e não o quiseste!” (Mt 23,37).

7 Em seguida, começa a profetizar o que hão de receber em paga de sua impiedade, e o profere como se o desejasse devido a um sentimento de vingança, porque prediz o futuro com toda certeza e anuncia que isto lhes advirá, conforme merecem, da parte da justiça de Deus. Alguns que não compreendem esta maneira de predizer o futuro, que parece ser uma imprecação, julgam que se trata de pagar ódio com ódio, e má vontade com má vontade. Efetivamente, poucos sabem distinguir como o castigo infligido aos iníquos agrada ao acusador sequioso de vingança; e como difere bastante isso da vontade reta do juiz, que pune os crimes. O primeiro, de fato, paga o mal com o mal; o juiz, porém, mesmo quando vinga, não paga mal com mal, porque retribui com o que é justo ao homem injusto. E o que é justo, na verdade é bom. Ele pune, portanto, não por se deleitar com a infelicidade alheia, o que seria pagar o mal com o mal; mas por amor à justiça, isto é, pagando o mal com o bem. Por conseguinte, os cegos não caluniem a luz das Escrituras, opinando que Deus não castiga os pecados; nem os injustos se iludam como se ele pagasse o mal com o mal. Ouçamos, portanto, agora o que declara a palavra divina e entendamos sob as palavras que parecem imprecações as predições de um profeta; e elevando nossa mente à lei eterna contemplemos a Deus retribuindo com justiça.

8 6 “Suscita contra ele o pecador e o diabo se levante a sua direita”. Porquanto mais acima o salmo se queixasse de mais indivíduos, agora fala de um só. Mais acima dissera: “Com língua mentirosa falaram contra mim e envolveram-me com palavras de ódio. Atacaram-me gratuitamente. Em vez de me amarem, detraíram de mim. Eu, porém, orava. Pagaram-me o bem com o mal e o amor com o ódio”. Tudo acerca de vários. Agora, então, prenunciando o que mereciam por suas iniqüidades, e o que lhes sucederia no juízo de Deus, diz: “Suscita contra ele o pecador”, apontando para aquele que se entregou àqueles acima mencionados como seus inimigos. Se aqui anuncia que o traidor Judas seria punido com o devido suplício, conforme está escrito nos Atos dos Apóstolos (At 1,20), que significa: “Suscita contra ele o pecador”, senão o que está indicado no versículo seguinte: “E o diabo se levante a sua direita”? Ele mereceu, de fato, ter o diabo acima de si, isto é, ser súdito do diabo, porque não quis ser súdito de Cristo. “Levante-se”, porém, “à sua direita”, diz o salmo, porque preferiu as obras do diabo às obras de Deus. Acertadamente se denomina lado direito aquele que prevalece, pois à esquerda se sobrepõe a direita. Por isso, a respeito daqueles que antepõem os prazeres deste mundo a Deus, e consideram feliz o povo que possui estes bens, foi declarado com verdade: “Sua direita é direita iníqua”. Por conseguinte os que afirmaram ser feliz o povo que possui estas coisas, proferiram com seus lábios a vaidade, segundo foi dito acerca deles mais

acima. Quanto à boca que profere a verdade, ao contrário do que asseveraram aqueles que declararam feliz o povo que possui estas coisas, deve também afirmar o que o mesmo salmo diz no versículo seguinte: "Feliz é o povo que tem o Senhor por seu Deus" (Sl 143,11.15). À direita deste povo não se levanta o diabo, mas encontra-se o Senhor, segundo o que se acha em outra passagem: "Via sempre o Senhor diante de mim, porque está a minha direita. Não serei abalado" (Sl 15,8). O diabo, portanto, se levantou à sua direita, quando Judas antepôs a avareza à sabedoria, o dinheiro à sua salvação; traiu aquele que devia possuí-lo para que não caísse no poder daquele cujas obras Cristo destruiu. Não quis que Cristo o possuísse.

9 "Ao ser julgado, seja condenado". Não desejou fosse-lhe dita a palavra: "Vem alegrar-te com o teu Senhor!", mas ser daquela espécie da qual se diz: "Lançai-o lá fora nas trevas" (Mt 25,21.30). "E sua oração seja tida por pecado". Não é justa a oração que não seja feita por meio de Cristo, a quem ele vendeu, cometendo imenso pecado. A oração, porém, que não se faz por Cristo, não somente não pode apagar o pecado, mas ela mesma se torna pecado. É possível fazer esta pergunta: Quando Judas pôde rezar de tal modo que sua oração se tornou pecado? Creio que antes de trair o Senhor, mas cogitava traí-lo; já não podia rezar por meio de Cristo. Pois, após a traição e ter tido remorso, se rezasse por Cristo, pediria perdão; se pedisse perdão, teria esperança; se tivesse esperança, esperaria misericórdia; se esperasse misericórdia, não se teria enforcado por desespero. Em seguida, tendo dito: "Ao ser julgado, seja condenado", a fim de que não se pensasse que ele poderia ter-se livrado da condenação iminente por meio da oração (que aprendera ao mesmo tempo que seus condiscípulos, nesses termos: "Perdoa as nossas dívidas como nós perdoamos aos nossos devedores" (Mt 6,12), diz o salmo: "E sua oração seja tida por pecado", porque não se fez por meio de Cristo, a quem ele não quis seguir, e sim perseguir.

10 8 "Seus dias sejam abreviados". Denomina: "seus dias" os dias de seu apostolado; foram poucos, porque foram consumidos por seu crime e por sua morte antes da paixão do Senhor. E como se alguém dissesse: que será do sacratíssimo número doze, pois não foi em vão que o Senhor quis que fossem doze os primeiros apóstolos? o salmo imediatamente acrescenta: "E tome outro o seu ministério". Parece dizer: Ele seja punido segundo merece, mas seja suprido o que falta para doze. Se alguém quiser saber como foi feito isso, leia os Atos dos Apóstolos.

11 9 "Fiquem órfãos os seus filhos e viúva a sua esposa". É evidente que por sua morte seus filhos ficaram órfãos e sua esposa ficou viúva.

12 10 "Andem errantes e mendigos os seus filhos". Errantes, incertos a respeito do lugar para onde irem, destituídos de todo socorro. "Expulsos de suas moradas". Explicou o que dissera acima: "andem". Os versículos seguintes indicam como tudo isso sudeceu a sua mulher e a seus filhos.

13 11.12 "O credor se apodere de todos os seus bens e estranhos arrebatem o produto de seu trabalho. Ninguém o ajude", proteja sua posteridade; por isso, continua: "Nem haja

quem se condoa de seus órfãos”.

14 13 Mas, como poderiam os órfãos mesmo sem ajuda e sem tutor, crescerem no meio de dificuldades e pobreza, e conservar a descendência, prossegue: “Destinem-se ao extermínio os seus descendentes. Extinga-se o seu nome em uma só geração”, isto é, os que ele gerou não gerem, e logo se extingam.

15 14 Mas que significa o que vem logo em seguida? “A ini-qüidade de seus pais seja rememorada na presença do Se-nhor e o pecado de sua mãe jamais se apague”. Deve-se en-tender que serão castigados nele até os pecados de seus pais? Não são castigados naquele que se transformar em Cristo e deixar de ser filho dos iníquos, não imitando os seus costumes, porque é bem verdade o que foi escrito: “Vingo a iniqüidade dos pais nos filhos”, e a palavra do profeta: “Todas as vidas me pertencem, tanto a vida do pai, como a do filho. Pois bem, aquele que pecar, esse morrerá” (Ez 18, 4.20). Isso se refere àqueles que se voltam para Deus, e não imitam os pecados de seus pais. O mesmo profeta o demons-tra claramente, dizendo que as iniqüidades dos pais não prejudicam os filhos que praticando a justiça se tornarem diferentes deles. Quanto à palavra: “Vingo a iniqüidade dos pais nos filhos”, vem com o acréscimo: “daqueles que me odeiam” (Ex 20,5), isto é, como me odiaram os seus pais. Do mesmo modo que a imitação dos bons faz com que os próprios pecados sejam apagados, assim a imitação dos maus faz com que não somente os seus, mas ainda os daqueles que os imitaram, recebam castigo conforme viverem. Se, portanto, Judas se mantivesse de acordo com sua vocação, de forma alguma nem seus pecados passados, nem a iniqüidade de seus pais o tocariam; mas, como não manteve a adoção na família de Deus, mas preferiu a iniqüidade da antiga raça, a iniqüidade de seus pais na presença do Senhor foi levada em conta, de sorte que também ela fosse castigada e o pecado de sua mãe jamais se apagasse.

16 15 “Estejam sempre perante o Senhor”, isto é, seu pai e sua mãe “estejam sempre perante o Senhor”, não para se oporem ao Senhor, mas para que o Senhor não se esqueça do mal que merecerem, ao retribuir a ele. “Perante o Senhor”, quer dizer: na presença do Senhor; pois outros tradutores verteram da maneira seguinte: “Estejam sempre na presença do Senhor”; outros, porém: “Estejam sempre diante do senhor”, segundo se disse em outra passagem: “Puseste diante de ti os nossos pecados” (Sl 89,8). O salmista diz: “sempre”, de tal sorte que aquele crime seja sem remissão, aqui e no século futuro. “Risque-se da terra a sua memória”, a saber, de seus pais e de sua mãe. Chama de memória a que se guarda na descendência. Ele profetizou que esta haveria de desaparecer da terra, porque o próprio Judas e seus filhos, que deram uma espécie de memória dos pais e da mãe, se extinguiram, sem prole para suceder-lhes, conforme dito mais acima, na brevidade de uma só geração.

17 Diria alguém: Deve-se pensar que o castigo de Judas inclui terem a mulher e os filhos caído na mendicidade após sua morte, vagarem errantes, expulsos de suas casas, e que o credor se apoderasse de seus bens, estranhos arrebatassem o produto de seu trabalho,

sem terem quem os ajudasse, nem se condoesse de seus órfãos, e terem morrido sem descendentes? Acaso os mortos se condoem do que acontece aos seus após a sua morte? Ou devemos supor que, ao menos, saibam disso, apesar de não terem ali os sentidos, conforme seus méritos, para o bem ou para o mal? Respondo ser questão muito importante, mas agora não devo tratar dela. Seria longo e trabalhoso indagar se, até quando, como os espíritos dos mortos conhecem os eventos que nos tocam. Contudo, em resumo, se não se interessassem por nós, o Senhor não diria que o rico, no meio dos tormentos do inferno, teria pedido: "Tenho em casa de meu pai cinco irmãos; que ele os advirta, a fim de que não venham eles também para este lugar de tormento" (Lc 16,28.23). Mas, seja como for que entendam os que procuram outro sentido, confessemos que não podemos deduzir ser forçoso que os mortos saibam também o que sucede aos seus, sejam eventos alegres ou tristes, mesmo se sabem que eles estão vivos, por não serem vistos nem nos lugares de tormentos onde se achava aquele rico, nem no repouso dos bem-aventurados onde o rico, embora de longe, reconhecia Lázaro e Abraão. Afirmo que poucos são os homens com tal disposição de espírito que menosprezem ou desprezem inteiramente o que, após sua morte, possa suceder de bem ou e de mal aos seus, ao menos enquanto vivem. Muitos, porém, conforme o indicam também tantos cuidados empregados em recomendar suas últimas vontades e em fazer qualquer testamento, tudo fazem a fim de que, depois de sua morte, os seus fiquem em boa situação. Somente descuram de maneira louvável da permanência de sua posteridade, através da sucessão das gerações, os que a ela renunciam por causa do reino dos céus, e desejam que seus filhos também o façam, ou almejam ser coroados de martírio, de sorte que nenhum deles subsista na terra. Todos os outros, contudo, ou quase todos desejam que os seus sejam felizes nesta vida, depois de sua morte, e não querem que se extinga sua raça. Por conseguinte, Judas teve morte tão infeliz, de tal sorte que sua esposa se tornou viúva e seus filhos ficaram órfãos, que o credor se apoderou de seus bens e estranhos arrebataram o produto de seus trabalhos, que foram expulsos de suas moradas, nem encontraram quem se compadecesse de seus órfãos, e numa só geração foram extintos, sem posteridade; se os mortos sentem tais coisas é o cúmulo dos males, e se não sentem, tornam-se elas o pavor dos vivos. Se, porém, alguém cogita como podia Judas ter bens de que o credor se apoderasse e os estranhos arrebatassem, quando já seguia o Senhor na companhia dos outros onze, deve supor que ele tenha deixado tudo o que tinha para os filhos e a esposa, de sorte que não rompera sincera e perseverantemente com o vínculo da ambição. Se aparentara vendê-los e distribuí-los aos pobres, na verdade fazia o que fez Ananias, depois da ascensão do Senhor (At 5,1.2). Pois, não receava que o Senhor o descobrisse devido a sua divindade; pensava enganá-lo, quando tendo a bolsa comum, roubava o que aí era colocado (cf Jo 12,6).

18 6.15 Mas, vejamos agora, se possível, com o auxílio do Senhor, como tudo isso pode convir também ao povo judaico, cujas inimizades e ódio pertinaz permaneceram contra o Senhor. Dissemos que Judas figurava este povo, como o apóstolo Pedro era um símbolo da Igreja. "Suscita contra ele o pecador e o diabo se levante a sua direita". Entenda-se do

povo judaico como também de Judas. O povo repeliu Cristo e submeteu-se ao diabo, cujas persuasões acerca de desejos maus e terrenos, preferiu à sua eterna salvação. "Ao ser julgado, seja condenado", porque persistindo na malícia e na infidelidade, acumulou ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras (cf Rm 2,5.6). "E sua oração seja tida por pecado", porque não se fez pelo único mediador entre Deus e os homens um homem, Cristo Jesus (1Tm 2,5), sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec (Sl 109,4). "Seus dias sejam abreviados". Relaciona-se ao reino, porque depois disso o reino dos judeus não subsistiu muito. "E tome outro o seu ministério". Considero convenientemente tratar-se de Cristo Senhor a exercer o ministério em favor do povo judaico, porque nasceu da tribo de Judá segundo a carne. Diz o Apóstolo: "Pois eu vos asseguro que Cristo se fez ministro dos circuncisos para honrar a fidelidade de Deus, no cumprimento das promessas feitas aos pais" (Rm 15,8). E ele próprio afirmou: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15,24), porque lhes mostrou a sua presença na carne. E os magos que vieram do oriente, disseram: "Onde está o rei dos judeus, recém-nascido"? (Mt 2,1.2). Esta denominação estava escrita no título colocado sobre o crucificado e como os judeus queriam mudá-la, de fato, respondeu Pilatos: "O que escrevi, está escrito" (Jo 19,19-22). Este ministério de Cristo Senhor desempenhado junto do povo judaico transferiu-se para outro, isto é, para os gentios. "Fiquem órfãos os seus filhos". Sobre eles se disse: "Os filhos do reino serão postos para fora, nas trevas" (Mt 8,12). Ficaram órfãos, privados do reino, tendo perdido o pai. Pode-se dizer, com razão, também que perderam o Deus Pai. Disse a Verdade: "Quem não possui o Filho também não possui o Pai" (1Jo 2,24). "E viúva a sua esposa". Por esposa do reino pode-se entender o povo, súditos sob o domínio dos reis. Tornou-se viúva ao perder o próprio reino. "Andem erran-tes e mendigos os seus filhos". Erravam em perigos; sob a pressão dos inimigos, foram exilados depois de vencidos, os filhos do reino judaico. Que é mendigar senão viver da misericórdia dos outros, como vivem eles sob os reis das nações, para onde foram transportados? "Expulsos de suas moradas". Assim se fez. "O credor se apodere de seus bens", dos bens de seu povo. Nada tão óbvio como o fato de que seus pecados não são perdoados, porque somente por Cristo, que eles rejeitaram, podem ser perdoados. O Senhor também ensinou a rezar: "Perdoai as nossas dívidas como nós perdoamos aos nossos devedores" (Mt 6,12). "Todos os seus bens", afirma o salmo, toda a sua vida, de tal maneira que nenhuma ofensa, isto é, nenhum pecado lhes seja perdoado. "E estranhos arrebatem o produto de seu trabalho", a saber, o diabo e seus anjos; porque não acumulam tesouros no céu aqueles que não possuem o Cristo. "Ninguém o ajude". Quem ajuda aquele que Cristo não ajuda? "Nem haja quem se condoa de seus órfãos". Assim ficaram, tendo perdido o pai, isto é, o reino. Ou, tendo perdido a Deus, cujo Filho perseguiram e odiaram, ninguém deles se compadece, não para dar ou sustentar a vida tem-poral, mas a verdadeira vida, a eterna. "Destinem-se ao extermínio os seus descendentes", ao extermínio eterno. "Extinga-se o seu nome em uma só geração". Tendo sido gerados, não regenerados, extinguem-se em uma só geração; pois se conhecessem e mantivessem a segunda, a regeneração, não seriam exterminados.

"A iniqüidade de seus pais seja rememorada na presença do Senhor". O Senhor retribua ao mesmo povo, que persevera na malícia, também a iniqüidade de seus pais. Assim se dirige a eles: "com isso testificais, contra vós, que sois filhos daqueles que mataram os profetas". E pouco mais adiante: "E assim cairá sobre vós todo o sangue dos justos derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias" (Mt 23, 31.35.37). Pecado de Jerusalém, escrava com seus filhos, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados. "Estejam sempre perante o Senhor", a iniqüidade e o pecado deles; isto é, não sejam apagados, na presença do Senhor, uma vez que Deus castiga eternamente. "Risque-se da terra a sua memória". Terra de Deus, campo de Deus. Campo de Deus, Igreja de Deus (cf Rm 11,20.21). Desta terra é riscada sua memória, porque sendo ramos naturais, foram quebrados devido a sua infidelidade.

19 16.17 "Porque não se lembrou", Judas ou o povo, "de praticar a misericórdia". Mas é melhor, aplicar ao povo as palavras: "Não se lembrou", pois uma vez que matou o Cristo, ao menos se recordasse e fizesse penitência, praticando a misericórdia para com os seus membros, que, no entanto, com perseverança perseguiu. Por isso diz o salmista: "Perseguiu o pobre e o mendigo". É aplicável a Judas; porque o Senhor se dignou fazer-se pobre, embora fosse rico, para nos enriquecer com a sua pobreza (cf 2Cor 8,9). Como pensar que ele é mendigo, a não ser talvez por ter dito à mulher samaritana: "Dá-me de beber"? (Jo 4,7). E na cruz: "Tenho sede!" (Jo 19,28). Mas não descubro como se pode aplicar o versículo seguinte a nossa própria Cabeça, isto é, ao Salvador de seu corpo, que Judas perseguiu. Tendo dito: "Perseguiu o pobre e o mendigo, acrescentou: "E o contrito de coração para matar", isto é, para o matar, conforme traduziram alguns. Não se costuma falar de contrito de coração senão do que tem remorso dos pecados, na dor da penitência, de acordo como foi dito sobre aqueles que, tendo ouvido os apóstolos após a ascensão do Senhor, "sentiram o coração transpassado", porque mataram o Senhor. São Pedro se dirigiu a eles, dizendo entre outras coisas: "Convertei-vos, e seja cada um de vós batizado em nome do Senhor Jesus Cristo, para a remissão dos pecados" (At 2,37.38). Mas, como se tornaram membros do corpo de Cristo aqueles mesmos que prenderam os membros dele na cruz, o povo judaico não se lembrou de praticar a misericórdia; perseguiu o pobre e o mendigo, mas em seus membros, dos quais o Cristo haveria de dizer, no que toca às obras de misericórdia: "Todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer" (Mt 25,45). "E o contrito de coração para o matar"; na verdade "contrito de coração", mas em seus membros. Entre os que perseguiram para matar o contrito de coração, achava-se Saulo, que consentia na morte de Estêvão, contrito de coração; porque Estêvão era dos contritos de coração (At 7,59). Mas Saulo não se recordou de praticar a misericórdia; de manhã devorava uma presa e até à tarde repartia o despojo (cf Gn 49,27). E quando ele mesmo ficou contrito de coração, até nele os judeus perseguiam o pobre, querendo matar o contrito de coração. Na verdade, odiavam o apóstolo Paulo, porque, contrito de coração, pregava aquele a quem anteriormente perseguia. Ele, perseguindo para o matar, o pobre e mendigo, o contrito de coração em seus membros, ouviu a voz do céu: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (cf At 9,1-24). E transformado em contrito de coração,

começou a sofrer as mesmas coisas que infligia aos contritos de coração.

20 18 Continua o salmo: “Amou a maldição e esta lhe sobrevirá”. Apesar de Judas ter amado a maldição, roubando da bolsa, vendendo e traindo o Senhor, no entanto, o povo judaico mais claramente amou a maldição, quando clamou: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt 27,25). “Não quis a bênção e ela se afastará”. Com efeito, Judas não quis o Cristo, no qual se acha a bênção eter-na; mas o povo judaico mais abertamente recusou a bênção. A ele disse o cego a quem o Senhor restituiu a vista: “Por acaso quereis tornar-vos seus discípulos?” Recusou a bênção, tendo-a por maldição, e respondeu: “Tu, sim, és seu discípulo” (Jo 9,27.28); e a bênção se afastou, porque passou para os gentios. “A maldição como um manto o re-vestiu”; tanto Judas, como aquele povo. “Como água pe-netrou em suas entranhas”. Portanto, fora e dentro: fora, como um manto, dentro como água, porque incidiu no jul-gamento daquele que pode destruir a alma e o corpo na gee-na (cf Mt 10,28). O corpo fora, a alma dentro. “E como óleo se infiltrou em seus ossos”. O salmo mostra que ele praticava o mal com deleite, e adquiria para si a maldição, isto é, a pena eterna; porque bênção é a vida eterna. Agora, de fato, os malefícios deleitam como água nas entranhas e óleo nos ossos; mas chamam-se maldição, porque Deus, aos que os praticam, predisse tormentos. A maldição se infiltra como o óleo nos ossos, porque os homens se consideram fortes, pois lhes é facultado cometer o mal de certo modo impunemente.

21 19 “Seja qual veste com que se cubra”. Tendo falado mais acima de manto, por que repete? Tendo dito: “A maldição, como veste o revestiu”, seria diferente “a veste com que” não se reveste, mas se cobre? Pois, revestimos a túnica, e cobrimo-nos com o manto. Que significa isto senão gloriar-se na presença dos homens a respeito da iniqüidade? “E qual cinto que sempre o aperte”. Os homens, em geral, se cingem para estarem mais desimpedidos no trabalho e as dobras da veste não os atrapalhem. Portanto, cingem-se de maldição os que agridem não por maldade repentina, mas proposital, e de tal modo aprendem a fazer o mal ao qual estão sempre dispostos; daí dizer o salmo: “E qual cinto que sempre o aperte”.

22 20 “Tal é a obra dos que detraem de mim junto do Senhor”. Não disse: a paga, mas a “obra deles”. É evidente que veste, manto, água, óleo, cinto referiam-se às obras que acarretam maldição eterna. Judas, portanto, não é um só, mas muitos; deles se diz: “Tal é a obra dos que detraem de mim junto do Senhor”. Embora o plural possa ter sido empregado pelo singular, conforme disse o anjo quando Herodes morreu: “Os que buscavam tirar a vida do menino já morreram” (Mt 2,20). Mas os que detraíam de Cristo junto do Senhor quais são, a não ser os que detraíam das próprias palavras do Senhor, dizendo que ele não era o que fora profetizado pela lei e os profetas? Diz o salmo: “E dos que lançam imprecações contra a minha alma”, negando que ele poderia ressuscitar quando quisesse, conforme afirmou: “Tenho poder de entregar minha vida e poder de retomá-la” (Jo 10,18).

23 21 “Mas tu, Senhor, Senhor, faze comigo”. Alguns julgaram que se devia

subentender: “misericórdia”; outros até mesmo acrescentaram a palavra; mas os códices mais exatos formulam: “Mas tu, Senhor, Senhor, faze comigo, por causa de teu nome”. Daí não devermos passar por alto do sentido mais importante, a saber, que o Filho tenha dito ao Pai: “Faze comigo”, porque as obras do Pai e do Filho são idênticas. Em conseqüência, se entendermos que se trata da misericórdia (pois o salmo prossegue: “porque suave é tua misericórdia”), uma vez que não disse: Faze para comigo, ou faze em meu favor, ou algo de semelhante, mas pediu: “Faze comigo”, é correto pensar que o Pai e o Filho simultaneamente exerceram misericórdia para com os vasos de misericórdia (cf Rm 9,23). É possível também interpretar assim: “Faze comigo”, isto é, ajuda-me. Costumamos assim nos expressar na linguagem corrente, ao nos referirmos a alguma coisa feita em nosso favor: Faz conosco. Na verdade, o Pai ajuda o Filho, enquanto Deus ajuda a natureza humana, por causa da condição de servo; para a natureza humana ele é Deus, para a condição de servo é também Senhor o Pai. Ora, na condição de Deus, o Filho não necessita de auxílio; pois igualmente com o Pai ele é onipotente e com ele é auxílio para o homem. “Como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer” (Jo 5,21). O Pai não faz viver a uns e o Filho a outros, nem este age de um modo e o outro, de maneira diferente; mas fazem a mesma coisa e de modo semelhante. Daí, enquanto o Filho de Deus é homem, ressuscitou-o dos mortos Deus, isto é, o Pai, a quem o Filho diz nos salmos: “Ergue-me e dar-lhes-ei a merecida retribuição” (Sl 40,11); mas enquanto é Deus, ele mesmo se ressuscitou e por isso disse: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei” (Jo 2,19). Ele o indicou aqui, se alguém examinar cuidadosamente; pois ele ordenou perscrutar as Escrituras, que dele dão testemunho (cf Jo 5,39), e não olhá-las superficialmente. Ele não pediu apenas: “Mas tu, Senhor, Senhor, faze comigo”, porém, proferiu assim: “Mas tu”. Que significa: “Mas tu”, senão que eu também? Quanto a duas vezes invocar: Senhor, repetindo: “Senhor, Senhor”, vem do afeto daquele que ora, conforme esta outra passagem: “Deus, meu Deus” (Sl 21,2). Em relação à frase: “Faze comigo”, se acrescentou: “por causa do teu nome” é para recomendar a graça. Pois, a natureza humana, sem mérito algum precedente de obras, foi elevada a tais alturas que, simultaneamente, o Verbo e a carne, isto é, Deus e o homem, foram denominados unigênito Filho de Deus. Assim aconteceu a fim de que aquilo que perecera fosse procurado por quem o criara, por meio daquilo que não se perdera. Daí vem a seqüência: “Porque suave é tua misericórdia”.

24 22 “Livra-me porque sou necessitado e pobre”. Necessidade e pobreza, fraqueza humana que possibilitou fosse ele crucificado. “E perturbou-se meu coração no meu íntimo”. Refere-se ao que ele proferiu nas proximidades da paixão: “A minha alma está triste até a morte” (Mt 26,38).

25 23 “Fui eliminado, como a sombra que foge”. Com isso indica sua morte. Com o cair das sombras vem a noite; assim a morte provém da carne mortal. “Atirado para longe como gafanhotos”. Julgo que se adapta melhor a seus membros, a seus fiéis. Para falar com maior clareza, preferiu dizer: “como gafanhotos” do que: como gafanhoto. Embora no singular se possa subentender também muitos, conforme esta outra expressão:

“Ordenou e veio o gafanhoto” (Sl 104,34), mas seria mais obscuro. Foram atirados, portanto, isto é, afugentados pelos perseguidores os seus fiéis, cuja multidão quis representar pelo nome de gafanhotos; ou então porque passaram de lugar a lugar.

26 24 “Meus joelhos vacilaram pelo jejum”. Lemos que Cristo Senhor jejuou durante quarenta dias (cf Mt 4,2); mas esta abstenção de alimento prevaleceu tanto contra ele que seus joelhos enfraqueceram? Ou isto se aplica antes a seus santos, a seus membros? “E minha carne definhou por causa do óleo”, da graça espiritual. A palavra Cristo deriva de unção, pois crisma se traduz por unção. A carne, porém, por causa do óleo se transformou não para pior, mas para melhor, isto é, ressuscitou do opróbrio da morte para a glória da imortalidade. Considero que a expressão: “Meus joelhos vacilaram pelo jejum” significa que os membros que aparentemente eram fortes, retirado o pão que os sustentava, na paixão do Senhor falharam até a negação, o que se evidenciou em Pedro. E no intuito de confirmá-los, a fim de não cairem inteiramente, disse: “E minha carne se transformou por causa do óleo”, para corroborar por minha resurreição aqueles que falharam por ocasião de minha morte, e para ungi-los, pela missão do Espírito Santo, que não viria se eu não partisse. Ele afirmara: “Se eu não for, o Paráclito não virá a vós” (Jo 16,7); e o evangelista declarara: “O Espírito ainda não fora dado, porque Jesus não fora ainda glorificado” (Jo 7,39). Sua carne ainda não tinha sido transformada. Ora, seja pela água, por causa da ablução ou irrigação, seja pelo óleo, por causa da exultação e ardor da caridade, figura-se o Espírito Santo; ele não se diversifica porque os sinais são vários. Diferem muito mais o leão e o cordeiro, e no entanto ambos simbolizam Cristo. Leão por determinado motivo e cordeiro por outro; Cristo, contudo, não é diverso, porque não é forte o cordeiro, nem o leão é inócuo; Cristo, porém, é inócuo como o cordeiro e forte como o leão. O próprio Jesus Cristo, diz, segundo Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu” (Is 61,1).

27 25 “Tornei-me para eles objeto de opróbrio”, pela morte na cruz. Pois, “Cristo nos remiu da maldição da lei tornando-se maldição por nós” (Gl 3,13). “Olharam-me e abanaram a cabeça”, porque eles o viram crucificado, mas não ressuscitado. Viram-no quando seus joelhos vacilaram, mas não quando sua carne foi transformada.

28 26 “Ajuda-me, Senhor meu Deus, salva-me segundo a tua misericórdia”. Este versículo pode aplicar-se ao todo, isto é, à Cabeça e ao corpo. À Cabeça por causa da condição de escravo; ao corpo, por causa dos próprios servos. Ele pôde por estes dizer a Deus: “Ajuda-me, e salva-me”, por estes a respeito dos quais interrogou Saulo: “Por que me persegues”? (At 9,4). O acréscimo: “segundo a tua misericórdia”, relembra a graça gratuita, e não a recompensa de determinadas obras.

29 27 “Saibam eles que por aí passou a tua mão. Tu, Senhor, o fizeste. Saibam”, foi dito daqueles enfurecidos pelos quais o Senhor rezou. Aqueles que o injuriaram, meneando a cabeça por zombaria, foram também daqueles que depois nele creram. Mas, aprendam os que atribuem a Deus a forma de um corpo humano como é que Deus tem mãos. Se emprega as mãos para fazer o que faz, acaso fez com as mãos a própria mão? Como

então aqui se diz: “Saibam eles que aí passou a tua mão. Tu, Senhor, a fizeste”? Entendamos, portanto, que mão de Deus é o Cristo; daí se encontrar em outra passagem: “E a quem se revelou o braço do Senhor”? (Is 53,1). Essa mão era, e ele a fez, porque “no princípio era o Verbo, e o Verbo se fez carne” (Jo 1,1.14); era fora do tempo segundo a divindade, e tornou-se da descendência de Davi segundo a carne (Rm 1,3).

30 28 “Eles amaldiçoarão, mas tu abençoarás”. Vã, portanto, e falsa a maldição dos filhos dos homens, que amam a vaidade e procuram a mentira (cf Sl 4,3). Deus, porém, ao abençoar, realiza o que profere. “Confundam-se os que se insurgem contra mim”. Pensam que, ao se insurgirem contra mim, conseguem alguma coisa; mas quando eu for exaltado acima dos céus, e minha glória começar a brilhar sobre a terra, confundir-se-ão. “Alegre-se, porém, o teu servo”, seja à direita do Pai, seja em seus membros que se alegram, no meio das tentações em esperança, e depois das tentações eternamente.

31 29 “Vistam-se de ignomínia os meus detratores, isto é, envergonhem-se de terem falado mal de mim. Mas isto pode ser tomado em bom sentido, que eles se corrigem. “Cercados de confusão como um manto duplo”. “Diplois” é um manto duplo. Alguns assim verteram este versículo: “Cercados, como de um pálio duplo, de confusão”. Entenda-se: confundidos por dentro e por fora, isto é, diante de Deus e diante dos homens.

32 30 “Confessarei intensamente (nimis) o Senhor com meus lábios. Nimis costuma-se empregar em latim para o que é mais do que é devido; o contrário é parum que significa menos do que é devido. Mas nimis correponde ao grego: ágan; este versículo não traz ágan, e sim sphodra. Alguns dos nossos traduzem esta palavra às vezes por nimis e outras, por valde, sobremaneira. Mas se nimis tem aqui o sentido de valde, pode significar louvor; pois confissão significa também louvor. Prossegue o salmo: “Louvá-lo-ei em meio à multidão”. Diz também outro salmo: “Cantar-te-ei no meio da Igreja” (Sl 21,23). Se canta a própria Igreja, que é o corpo do Cristo, como pode cantar no meio da Igreja? Assim também aqui, sendo multidão os membros de Cristo, se louvam eles, louva Cristo, porque são seus membros; como louva em meio à multidão, quando, ao louvar a multidão se diz que é Cristo quem louva? Acaso louva em meio à multidão, porque ele está com sua Igreja até à consumação dos séculos (cf Mt 28,20); então tomaríamos a expressão: “em meio à multidão” que ele é honrado por esses muitos? De fato, diz-se que está no meio, alguém que recebe insigne honra. Se, porém, o coração for considerado como o meio do corpo humano, nada de melhor do que interpretar que o louvarei nos corações de muitos. Pois, Cristo habita pela fé em nossos corações (cf Ef 3,17). “Com meus lábios”, a saber, os lábios de meu corpo que é a Igreja. Pois, quem crê de coração obtém a justiça e quem confessa com a boca, a salvação (cf Rm 10,10).

33 31 “Porque ele se colocou à direita do pobre”. Fora afirmado sobre Judas: “E o diabo se levante a sua direita”, porque quis aumentar suas riquezas vendendo o Cristo. Neste versículo o Senhor “se colocou a direita do pobre”, a fim de que seja o próprio Senhor a riqueza do pobre. Com efeito, “colocou-se à direita do pobre”, não para multiplicar-lhe

os anos de uma vida que um dia termina, nem para aumentar-lhe os recursos materiais, ou torná-lo forte de forças corporais, ou incólume temporariamente, mas, diz o salmo, "para salvar dos perseguidores a minha alma". Minha alma se salva dos perseguidores, se não concorda com eles em cometer o mal; não consente, se o Senhor se coloca à direita do pobre, a fim de que não sucumba devido à própria pobreza, isto é, a sua fraqueza. Foi este o auxílio prestado ao corpo de Cristo, em todos os seus mártires.

SALMO 109

SERMÃO AO POVO

1 À medida do dom do Senhor, que nos estabeleceu ministros de sua palavra e de seus sacramentos, a fim de vos servir segundo a abundância de sua misericórdia, empreendemos considerar e comentar este salmo que acabamos de cantar, curto pelo número de palavras, mas grande pelo peso das sentenças, auxiliados por aquele que vos tornou atentos. Faça-nos ele, de acordo com nossa capacidade, idôneos para desincumbir-nos desta tarefa. Viva a vossa alma e esteja vigilante na presença de Deus. Deus determinou uma época para fazer suas promessas, e outra para o cumprimento das mesmas. Tempo das promessas foi o tempo dos profetas até João Batista; partindo dele, porém, e de então em diante até o fim, temos o tempo de realização das promessas. Fiel é Deus que se fez nosso devedor, não por ter recebido algo de nós, mas por nos ter feito tão grandes promessas. Não bastaram, contudo, as promessas; além disso quis se comprometer por escrito, dando-nos um documento válido de suas promessas. Assim, ao começar ele a realizar as promessas, poderíamos considerar nas Escrituras a ordem do pagamento. Com efeito, o tempo das profecias era, conforme já dissemos, o da predição do que prometia. Ele prometeu a salvação eterna, a vida feliz e sem fim na companhia dos anjos, a herança imarcessível, a glória eterna, a suavidade da visão de seu rosto, a casa de sua santificação nos céus, e com a ressurreição dos mortos a exclusão de então em diante do medo da morte. Nisso consiste o termo final de suas promessas, de onde decorre todo o nosso empenho. Obtendo-o, nada mais busca-remos, nada mais exigiremos. Não calou nem mesmo, prometendo e anunciando, em que ordem alcançaremos o que virá no fim. Pois, ele prometeu aos homens a divin-dade, aos mortais a imortalidade, aos pecadores a justi-ficação, aos seres ínfimos a glorificação. Tudo aquilo que prometeu, ele o prometeu a indignos, de sorte que não aparentasse prometer como recompensa das obras, mas tudo fosse dado pela graça, gratuitamente portanto, conforme diz o nome. Pois, o fato mesmo de viver na justiça, enquanto é possível ao homem viver na justiça, não deriva de mérito humano, mas é benefício divino. De fato, ninguém vive na justiça, se não tiver sido justificado, isto é, transformado em justo. Converte um homem em justo aquele que nunca pode ser injusto. Da mesma forma que uma lâmpada não se acende sozinha, a alma humana não é luz para si mesma, mas clama por Deus: “Senhor, farás brilhar a minha lâmpada” (Sl 17,29).

2 Fora prometido o reino dos céus aos pecadores, não aos que permanecessem no pecado, mas aos dele libertos e já servidores da justiça. Para tal, conforme dissemos, são ajudados pela graça e justificados por aquele que sempre é justo. Parecia incrível que Deus tivesse tanto cuidado acerca dos homens. Hoje os que perdem a esperança na graça divina e não querem se voltar para Deus, abandonando seus péssimos hábitos, a

fim de serem justificados por ele e depois de perdoados todos os seus pecados por seu perdão começarem a viver nele com justiça (nele, que nunca viveu sem a justiça) têm esse pernicioso pensamento e dizem que Deus não se importa com os acontecimentos humanos, nem pode Deus que criou e governa o mundo pensar como vive cada um dos mortais na terra. Assim o homem criado por Deus pensa que Deus não se preocupa com ele. Se pudermos falar com tal homem; se ele nos abrir primeiro seus ouvidos e em seguida seu coração; se não repelir com resistência a quem o procura, e estando perdido deixar se encontrar, podemos dizer-lhe: Ó homem, como Deus não se preocupa contigo depois de criado, se ele antes de te criar tratou de seres criado? Por que pensas que não és contado na ordem das criaturas? Não acredites no sedutor: para teu criador até teus cabelos são contados (cf Mt 10,30). Finalmente, o Se-nhor no evangelho disse a seus discípulos que não temessem a morte, como se pela morte algo de si mesmos perecesse. Eles tinham receio acerca de sua alma por ocasião da morte, mas o Senhor lhes dava garantias até sobre seus cabelos. Então havia de perecer a alma, se nem os cabelos se perdem? Aliás, irmãos, como parecia aos homens incrível o que Deus prometia, que os homens desta mortalidade, corrupção, abjeção, fraqueza, pó e cinza se tornariam iguais aos anjos de Deus, não somente deu aos homens um documento escrito para acreditarem, mas ainda estabeleceu um mediador de sua fidelidade. Não foi um príncipe qualquer, ou qualquer anjo ou arcanjo, mas seu Filho único, de tal modo que nos mostrasse e oferecesse o caminho para atingir o fim prometido, por meio dele, o próprio Filho. Para Deus não bastou que seu Filho se fizesse um indicador do caminho; tornou-se ele mesmo o caminho a fim de andares sob sua direção pelo caminho que ele mesmo é.

3 Deus prometeu, portanto, que chegaríamos até junto dele, isto é, àquela inefável imortalidade e igualdade com os anjos. A que distância estávamos? A que altura ele se achava e nós, em que profundidade? Em que cume estava ele, e nós, desesperados, em que profundezas jazíamos? Estávamos doentes, sem esperança de cura; foi enviado o médico, que o doente não reconheceu. Pois, se eles tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória (cf 1Cor 2,8). Mas, até isso serviu para tratamento do doente: que este matou o médico. Ele veio para visitar e foi morto para curar. Entre os fiéis o homem Deus se insinuou; Deus que nos criou, homem que nos refez. Alguma coisa nele aparecia; outra, nele se escondia, mas o que estava escondido era muito mais valioso do que o que aparecia. O mais valioso não podia ser visto. O doente era curado pela natureza visível, a fim de ser depois capaz de ver aquilo que diferia sua aparição pelo escondimento, mas não se subtraía por uma recusa. O único Filho de Deus, portanto, que haveria de vir para junto dos homens, assumir a natureza humana e por meio dela fazer-se homem, morrer, ressuscitar, subir ao céu, assentar-se à direita do Pai e realizar entre os gentios as suas promessas, e depois deste cumprimento, ainda realizar a sua volta para cobrar o que confiou, distinguir os vasos da ira dos vasos de misericórdia, retribuir aos ím-pios com o que ameaçou e aos justos com o que prome-teu! Tudo isso, devia ser profetizado, prenunciado, relem-brado que viria, para não causar horror vindo subitamente, mas ser acreditado e esperado. Entre tais promessas

encontra-se este salmo, que profetiza com segurança e clareza acerca de nosso Senhor e salvador, Jesus Cristo, de tal sorte que não podemos absolutamente duvidar que o salmo anuncia o Cristo, principalmente porque somos cristãos e já cremos no evangelho. Ora, quando nosso Senhor e salvador, Jesus Cristo, perguntou aos judeus de quem o Cristo seria filho e eles responderam: "de Davi", replicou-lhes imediatamente: "Como então Davi, falan-do sob inspiração, lhe chama Senhor, ao dizer: O Senhor disse ao meu Senhor: senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Ora, se Davi sob inspiração lhe chama Senhor, como pode ser seu filho"? (cf Mt 22,42-45). O salmo inicia com este ver-sículo.

4 1 "Oráculo do Senhor ao meu Senhor: Assenta-te a minha direita, até que eu ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés". Devemos expor no próprio começo do salmo esta questão proposta pelo Senhor aos judeus. Se, então, for-nos pedida a mesma proposta que aos judeus, para mostrar que confessamos também nós, ou negamos, de forma alguma havemos de negar. Se nos for dito: Cristo é, ou não, filho de Davi? Se respondermos: Não, contradizemos ao evangelho; pois Mateus assim começa o evangelho: "Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi" (Mt 1,1). O evangelista afirma que escreve o livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi. Foi com razão, portanto, que os judeus, interrogados por Cristo, de quem acreditavam que o Cristo era filho, responderam: "De Davi". A resposta deles concorda com o evangelho. Não se tratava apenas de uma opinião dos judeus, mas constitui a fé dos cristãos. Verifico ainda outra confirmação. Diz o Apóstolo: "Nascido da estirpe de Davi segundo a carne" (Rm 1,3). Escreve também a Timóteo: "Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos, da descendência de Davi, segundo o meu evangelho". E o que assevera sobre o próprio evangelho? "Pelo qual eu sofro, até às cadeias, como malfeitor. Mas a palavra de Deus não está algemada"! (2Tm 2,8.9). O Apóstolo, portanto, sofria até às cadeias por seu evangelho, isto é, pelo ministério do evangelho que pregava aos povos, que distribuía às nações. Ele, que de manhã devorara a presa e até à tarde repartia o despojo (cf Gn 49,27). Sofria, portanto, até às cadeias pelo evangelho. Que evangelho? "O de Cristo Jesus, ressuscitado dentre os mortos, da descendência de Davi". Era em prol deste evangelho que o Apóstolo sofria. No entanto, Cristo interrogava sobre esta questão; e como os judeus respondessem o mesmo que o Apóstolo anunciava, replicou com certa contradição: "Como então Davi, falando sob inspiração, lhe chama Senhor"? E intercalou o testemunho deste salmo: "Oráculo do Senhor ao meu Senhor. Ora, se Davi sob inspiração lhe chama Senhor, como pode ser seu filho?" Diante de tal interrogação os judeus calaram, sem encontrar daí em diante uma resposta, nem procurá-lo como Senhor, porque não reconheceram que ele era filho de Davi. Nós, contudo, irmãos, acreditemos e digamos (pois, quem crê de coração obtém a justiça e quem confessa com a boca, a salvação (cf. Rm 10,10), acreditemos, digo, e confessemos que ele é filho de Davi e Senhor de Davi. Não nos envergonhemos do filho de Davi, para não encontrarmos irado o Senhor de Davi.

5 Clamando por ele, sob tal nome, com toda razão, enquanto passava, aqueles cegos

mereceram recuperar a vista. Pois, Jesus passava, e eles tendo ouvido o tumulto da turba de passagem (ouvindo souberam aquilo que não podiam ver) clamaram em altas vozes: “Filho de Davi, tem compaixão de nós!” (cf Mt 20,29-34). A multidão repreendia-os para que se calassem; mas eles, entretanto, vencendo a contradição da multidão por desejo da visão, continuaram gritando; retiveram o Senhor que passava, e conseguiram pelo contacto com ele obter a visão. Pois pediam à sua passagem: “Filho de Davi, tem compaixão de nós”. Jesus parou, e tendo superado eles o clamor dos que se opunham, disse-lhes: “Que quereis que vos faça? Responderam-lhe: Senhor, que os nossos olhos se abram. Jesus tocou-lhes os olhos” e eles viram presente aquele que haviam percebido passando. Por conseguinte, algumas ações do Senhor foram transitórias; outras estáveis. Digo, que umas foram transitórias e outras estáveis dentre as ações do Senhor. Acontecimentos transitórios para o Senhor foram o parto da Virgem, a encarnação do Verbo, a sucessão das idades, a realização dos milagres, os sofrimentos da paixão, a morte, a ressurreição, a ascensão ao céu. Tudo isso foi transitório. Cristo já não nasce, já não morre, não mais ressuscita ou sobe ao céu. Não vedes que estes feitos decorreram no tempo, através dos tempos mostraram aos viandantes algo de transitório, para que não parassem no caminho, mas chegassem à pátria? Enfim, também aqueles cegos estavam sentados à beira do caminho, perceberam o transeunte, e com seus gritos o retiveram. O Senhor, portanto, no caminho deste mundo fez esta obra transitória, e ela pertence ao filho de Davi. Por isso, enquanto o Senhor passava, clamaram: “Filho de Davi, tem compaixão de nós”. Pareciam dizer: Reconhecemos o filho de Davi neste homem que passa, tomamos conhecimento daquele que se fez filho de Davi e está passando. Reconheçamos também nós, confessemos que é filho de Davi, para merecermos ver a luz. Percebemos que o filho de Davi está passando e recebemos a luz do Senhor de Davi.

6 Eis, portanto, que nosso Mestre interrogou os judeus e estes não responderam por não terem querido ser seus discípulos; e se nos interrogasse, que responderíamos? Os judeus falharam nesta interrogação; os cristãos dela tirem proveito, não se perturbem, mas se instruam. Pois, o Senhor não interroga para aprender, mas pergunta como doutor. Os infelizes judeus deviam responder: Responde-nos tu mesmo. Eles preferiram arrebentar, como o tumor de seu silêncio, do que aprender por uma humilde confissão. Diga-nos, portanto, o nosso Mestre e vejamos como responder quando nos interroga: “Que pensais a respeito do Messias? Ele é filho de quem?” Respondamos o mesmo que os judeus, mas não nos detenhamos onde eles pararam. Rememoremos o evangelho no qual acreditamos: “Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi”. Diante dessa pergunta, não nos esqueçamos de que Cristo é filho de Davi. O Apóstolo nos exorta a disso nos lembrarmos: Ó cristão, lembra-me de que “Cristo Jesus, ressuscitado dentre os mortos, é filho de Davi”. Por conseguinte, sejamos interrogados e respondamos: “Que pensais a respeito do Messias? Ele é filho de quem?” Unânimes, afirmem os cristãos: “De Davi”. Replique ainda o Doutor e nos pergunte: “Como então Davi, falando sob inspiração, lhe chama Senhor? Oráculo do Senhor ao meu Senhor: Assenta-te a minha direita, até que eu ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés”. Como o afirmaríamos se não

tivéssemos aprendido de ti? Agora, pois, uma vez que aprendemos, dizemos: "No princípio era só Verbo; ó Verbo, estavas com Deus; ó, Verbo eras Deus; tudo foi feito por meio de ti: eis o Senhor de Davi. Mas, por causa de nossa enfermidade, pois jazíamos sem esperança de cura para a carne, tu, Verbo, te fizeste carne e habitaste entre nós (cf Jo 1,1.3.14): eis o filho de Davi. Certamente, sendo de condição divina, não te prevaleceste de tua igualdade com Deus: portanto, Senhor de Davi; mas tu te aniquilaste a ti mesmo, assumindo a condição de escravo (cf Fl 2,6.7): eis o filho de Davi. Finalmente, em tua própria interrogação: "como pode ser seu filho?" não negaste que és seu filho, mas inquiriste a maneira como isto se fez. "Davi lhe chama Senhor"; como pode ser seu filho? Não o nego; mas, declara como. Se eles, portanto, segundo as Escrituras que liam e não entendiam, ao serem interrogados se recordassem do modo de realização, não responderiam: Como perguntas? "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que se traduz por: Deus está conosco" (Is 7,14; Mt 1,23). Conceberá a virgem, a virgem da descendência de Davi dará à luz um filho, de sorte que seja filho de Davi, pois José e Maria eram da casa e da família de Davi (cf Lc 1,27.32; 2,4.5). Por conseguinte, aquela virgem deu à luz, de tal forma que ele fosse filho de Davi. Quanto ao recém-nascido, "chamá-lo-ão com o nome de Emanuel, Deus conosco". Temos aí o Senhor de Davi.

7 Talvez este salmo também nos insinuará algo sobre o assunto, como Cristo é filho de Davi. Ouçamos, pois, e comentemo-lo. Batamos à porta com a piedade, extraiamos com a caridade. Davi, portanto, também disse; e não é lícito contradizer ao Senhor. Declara ele: "Davi, falando sob inspiração, lhe chama Senhor". O próprio Davi, o que diz de Cristo? Pois, o "salmo é de Davi". Tal é o título inteiro, simples, sem figura que questione, sem nó algum que cause dificuldade. Que, então, profere Davi? "Oráculo do Senhor a meu Senhor: Assenta-te a minha direita, até que eu ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés". Escabelo de teus pés é o mesmo que sob "teus pés", pois o escabelo dos pés fica sob os pés. "Oráculo do Senhor ao meu Senhor". Ouviu-o Davi, ouviu-o em espírito. Nós não ouvimos quando ele ouviu, mas acreditamos no que falou e escreveu ter ouvido. De fato, ouviu, ouviu em determinado e escondido lugar da verdade, em certo santuário dos mistérios. Ouviu Davi lá onde os profetas ouviram ocultamente o que pregaram em público e com grande confiança diz: "Oráculo do Senhor ao meu Senhor: Assenta-te a minha direita, até que eu ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés". Sabemos que Cristo está assentado à direita do Pai, após sua ressurreição dentre os mortos e ascensão ao céu. Isto já se realizou. Não o vimos, mas acreditamos. Lemos nos Livros, ouvimos o anúncio, retivemos na fé. Cristo, enquanto era filho de Davi, tornou-se Senhor de Davi. Tendo nascido da descendência de Davi, foi honrado de tal modo que fosse Senhor de Davi. Tu te admiras como se essas coisas não sucedessem nas questões humanas. Se acontecer que o filho de um cidadão qualquer se tornar rei, não será senhor de seu pai? Mais admirável ainda é o que pode suceder: que não só o filho de um particular se torne rei e seja senhor de seu pai, mas que o filho de um leigo se torne bispo e seja pai de seu pai. Portanto, pelo mesmo fato de que Cristo assumiu a carne, que com ela morreu, ressuscitou, subiu ao céu e assentou-se à direita

do Pai, por esta carne, assim honrada, glorificada, transformada em celeste, ele é filho de Davi e também Senhor de Davi. Segundo esta disposição divina acerca da passagem de Cristo, diz o Apóstolo: "Por isso Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho no céu, na terra e nos infernos" (Fl 2,9.10). Deu-lhe um nome que está acima de todo nome", diz ele. A Cristo, segundo a natureza humana, a Cristo morto segundo a carne, ressuscitado e que subiu aos céus, foi dado "um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho no céu, na terra e nos infernos". Onde estará Davi para que ele não seja seu Senhor? Esteja no céu, esteja na terra, esteja no inferno; será seu Senhor aquele que é Senhor dos seres celestes, terrestres e infernais. Alegre-se, portanto, também conosco Davi, honrado com o nascimento de seu filho, e libertado por seu domínio; diga alegre e seja ouvido pelos que se regozijam: "Oráculo do Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés".

8 "Assenta-te", não somente no alto, mas também ocultamente: sublime para imperares, escondido para seres objeto de fé. Pois, qual seria o merecimento da fé, se não estivesse oculto o que cremos? Recompensa da fé é vermos o que acreditamos antes da plena visão. A Escritura proclama: "O justo viverá da fé" (Rm 1,17). Efetivamente, não existiria a justiça da fé, se não estivesse escondido o que é anunciado para crermos, e crendo chegarmos à visão. Pois, "como é grande, Senhor, a abundância de tua doçura, reservada para os que a ti temem!" (Sl 30,20). Portanto, reservaste; e assim ficaram? De forma nenhuma: "E perfeita para os que em ti esperam". Por conseguinte, admirável é o mistério de Cristo, assentado à direita de Deus: escondido para que se creia, subtraído para que se espere. "Pois fomos salvos em esperança e ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que vê?" São palavras do Apóstolo. De fato, vós as reconheceis, mas relembro por causa dos que as ignoram. Que diz, então o Apóstolo? "Pois fomos salvos em esperança e ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que aguardamos" (Rm 8,24.25). "Uma vez que ver o que se espera não é esperança, reservaste a tua doçura para os que a ti temem. E visto que esperamos o que não vemos e é na perseverança que aguardamos, ela é perfeita para os que em ti esperam". Finalmente, caríssimos, recebei atentamente o que vou dizer. Uma vez que nossa justiça provém da fé e pela fé se purificam nossos corações, a fim de podermos ver o que acreditamos, estão escritas ambas as coisas: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8) e: "Purificou os seus corações pela fé" (At 15,9). Tendo em vista que a justiça da fé consiste em crer o que não vês, e pelo próprio mérito da fé chegar em tempo oportuno à visão, o Senhor no evangelho, ao prometer o Espírito Santo, declarou: "Estabelecerá a culpabilidade do mundo a respeito do pecado, da justiça e do julgamento". De que pecado? De que justiça? De que julgamento? Continua e explica; não admite conjecturas humanas. Diz: "Do pecado, porque não crêem em mim". Quantos pecados a mais tinham os judeus! Todavia, como se houvesse um só, disse: "Do pecado, porque não crêem em mim". É o pecado mencionado em outro trecho: "Se

eu não tivesse vindo, não seriam culpados de pecado” (Jo 15,22). Que significa isto: “Se eu não tivesse vindo, não seriam culpados de pecado?” Então vieste para junto dos justos e os transformastes em pecadores? Mas excluindo os outros pecados, que poderiam ser perdoados pela fé, nomeou apenas um pecado, que se não fosse cometido, todos podiam ser perdoados. “Do pecado, porque não crêem em mim” e em outra passagem: “Se eu não tivesse vindo, não seriam culpados de pecado”. Pelo fato mesmo de que ele veio e não acreditaram nele, caíram em pecado; se não o cometessem, todos os outros pecados poderiam ser perdoados pela graça impetrada pela fé. Portanto, “do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai e não mais me vereis” (Jo 16,8-10). Esta é a justiça: vais para o Pai e eles não mais te verão. É a justiça que vem da fé. Pois, “o justo viverá da fé” (Rm 1,17). Vive da fé, se não vê o que crê. Uma vez que à justiça compete viver da fé, e ninguém vive da fé a não ser crendo no que não vê, a fim de que a justiça existisse entre os homens, isto é, que eles acreditassem no que não vissem, diz o Senhor: “Da justiça, porque vou para o Pai e não mais me vereis”. Vossa justiça consistirá em crer naquele que não vedes, e purificados pela fé, vereis no dia da ressurreição aquele em que acreditastes.

9 Conseqüentemente, Cristo está sentado à direita de Deus, o Filho está ocultamente à direita do Pai. Creiamos. Efetivamente, o salmo aqui afirma duas coisas, porque também Deus as disse: “Assenta-te a minha direita e prossegue: “Até que eu ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés”, isto é, sob teus pés. Não vês Cristo, sentado à direita do Pai; ao menos podes ver como os inimigos foram postos como escabelo de seus pés. Se isto se cumpre publicamente, acredita que aquilo se realiza ocultamente. Quais os inimigos que se tornaram escabelo de seus pés? Aqueles que fazem planos vãos e aos quais se pergunta: “Por que as nações se agitaram e os povos tramaram em vão? Os reis da terra se sublevaram e os príncipes unidos conspiraram contra o Senhor e o seu Cristo”; e disseram: “Quebremos suas cadeias e sacudamos o seu jugo”. Não nos domine, não nos subjugue. “Rir-se-á deles o que habita nos céus”. Eras inimigo: estarás sob seus pés, ou como filho adotivo, ou como vencido. Procura saber, portanto, que lugar terás aos pés do Senhor teu Deus; pois, forçoso é que tenhas um, ou da graça, ou de castigo. De fato, ele está sentado à direita de Deus, até que seus inimigos sejam postos sob seus pés. Isto se faz, isto se realiza; embora aconteça paulatinamente, ininterruptamente se realiza. Agitem-se, pois, as nações, e os povos tramem em vão; sublevem-se os reis da terra e os príncipes unidos conspirem contra o Senhor e o seu Cristo. Por acaso, agitando-se, tramando em vão, conspirando unidos contra Cristo, conseguem impedir que se realize a palavra: “Dar-te-ei as nações por herança e como propriedade os confins da terra”? (Sl 2,1-8). Cumprir-se-á absolutamente, mesmo quando eles se agitam e tramam em vão; “Dar-te-ei as nações por herança e como propriedade os confins da terra”. Com efeito, eles tramam em vão; mas para que se cumpra a promessa: “Dar-te-ei as nações por herança e como propriedade os confins da terra”, esta não foi proferida por um falador vão qualquer, mas: “disse-me o Senhor”. Assim também, neste salmo podemos asseverar: “Disse”, não qualquer, nem aqueles que se agitaram e tramam em vão, mas: “Oráculo do Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à

minha direita, até que eu ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés". Agitem-se, tramem em vão, gritem; acaso conseguem impedir que isso se faça? "Ruiu com estrépito a lembrança deles". Fala isso certamente outro salmo, mas não com outro espírito: "Ruiu com estrépito a lembrança deles. Mas o Senhor permanece eternamente" (Sl 9,7.8). Aquele, portanto, que permanece eternamente, enquanto a lembrança deles perece com estrépito, ele mesmo disse à meu Senhor: "Assenta-te à minha direita". Está, pois, sentado à direita do Pai, até que ele ponha os teus inimigos como escabelo de seus pés.

10 2 Como prossegue o salmo? "De Sião o Senhor estenderá o teu cetro poderoso". Revela-se, irmãos, evidentemente se revela que o profeta não se refere ao reinado de Cristo, enquanto ele reina sempre junto do Pai, como Senhor de tudo o que foi criado por ele, pois quando não reina o Verbo que no princípio era Deus junto de Deus? Pois, diz a Escritura: "ao Rei dos séculos, ao Deus incorruptível, invisível e único, honra e glória pelos séculos dos séculos" (1Tm 1,17). "Ao rei dos séculos honra e glória, pelos séculos dos séculos". A qual "Rei dos séculos"? "Ao invisível e incorruptível". Enquanto Cristo é com o Pai invisível e incorruptível, porque é seu Verbo, e seu Poder, e sua Sabedoria, Deus junto de Deus, por quem tudo foi feito, ele é o Rei dos séculos. Todavia, aquele reino transitório, segundo o plano divino, de onde através de sua carne nos chamou à eternidade, começa com os cristãos; mas seu reino não terá fim. São, portanto, postos como escabelo de seus pés os seus inimigos, quando ele está sentado à direita do Pai, conforme foi dito; isto está se realizando, e até o fim completamente se fará. Ninguém diga que não pode se cumprir o que foi começado. Por que não confias que chegará ao termo o que se iniciou? Foi o onipotente quem começou esta obra, o onipotente prometeu que haveria de levar a bom termo o que ele mesmo começou. De onde, porém, começou? "De Sião o Senhor estenderá o teu cetro poderoso". Sião é o mesmo que Jerusalém. Escuta o próprio Senhor: "O Messias devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia". Daí, ressuscitando, assenta-se à direita do Pai. Sentado à direita do Pai, que faz ele? Escuta-o a ensinar e expor: "Em seu nome, fosse proclamada a conversão para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém" (Lc 24,46.47), porque: "De Sião o Senhor estenderá o teu cetro poderoso. Teu cetro poderoso", isto é, teu reinado poderoso, porque "hás de governá-las por cetro de ferro" (Sl 2,9); "de Sião o Senhor estenderá", porque será "a começar de Jerusalém".

11 Ao estender ele de Sião o seu cetro poderoso, que acontecerá? "Domina entre os teus inimigos". Primeiro, "domina entre os teus inimigos", entre as nações em agitação. Porventura depois que os santos receberem a honra e os ímpios, a sua condenação, ele dominará entre os seus inimigos? Por que nos admirarmos que então domine, quando os justos reinarão com ele eternamente e os ímpios arderão nas penas eternas? Por que admirarmos que reine então? Agora, no meio de teus inimigos, agora enquanto decorrem os séculos e se propagam e sucedem uns aos outros os homens mortais, agora quando fluem as torrentes dos tempos, estende-se de Sião teu cetro poderoso para dominares entre os teus inimigos. Domina, domina no meio dos pagãos, dos judeus, dos hereges, dos falsos irmãos. Domina, domina, filho de Davi, Senhor de Davi, domina no meio dos

pagãos, dos judeus, dos hereges, dos falsos irmãos. "Domina entre os teus inimigos". Não compreendemos exatamente este versículo, se não o vemos já realizado. Senta-te, portanto, à direita de Deus, oculta-te a fim de seres objeto de fé até que se cumpram os tempos das nações. Pois, assim está escrito: "Aquele que os céus devem conservar até a restauração universal" (At 3,21). Morreste para ressuscitar, ressuscitaste para subires ao céu; portanto, morreste para te assentares à direita do Pai. Da morte veio a ressurreição, da ressurreição a ascensão, da ascensão a sessão à direita do Pai. Tudo isso começou com a morte. Teve início na humilhação a excelência desta glória. Estando, portanto, sentado à direita do Pai, cumprem-se os tempos dos gentios, todos os inimigos estão postos como escabelo de teus pés, e para se chegar a este ponto, primeiro dominarás entre teus inimigos; para isto, "de Sião o Senhor estende o teu cetro poderoso". A cegueira dos judeus deu ocasião a que morresses, e por tua morte fosse apagado o título da dívida dos pecados e fosse pregada a penitência e a remissão dos delitos em todas as nações, a começar por Jerusalém (cf Cl 2,14). A cegueira de uns provocou a visão em outros: "O endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios, e assim todo Israel será salvo" (Rm 11,25). A cegueira atingiu uma parte de Israel, e ela te matou; morto ressuscitaste, apagaste em teu sangue os pecados dos gentios, e sentado à direita do Pai congregaste de todas as partes os que sofrem e se refugiam em ti. "O endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios, e assim todo Israel será salvo", e todos os inimigos serão escabelo de teus pés. Isto agora. E depois?

12 3 "Contigo está o princípio no dia de teu poder". Que dia é este de seu poder? Quando está com ele o princípio, ou que princípio é este, ou como está com ele o princípio? Quando, de fato, é este princípio? O Senhor me auxilie, para que não me perturbe ao falar, nem vós vos perturbeis ao ouvirdes. Pois, vejo o que já se fez, e vejo convosco com os olhos da fé. Com os olhos carnais também vejo o que já se realizou, e ainda com os olhos da fé espero convosco o que há de vir. O que, então, já se fez? O que se faz? Que há de vir? Cristo sofreu, morreu, ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu, como sabemos, no quadragésimo dia, está sentado à direita do Pai. Isto já se fez; não o vimos, mas nisto cremos. O que se faz agora? Domina no meio de seus inimigos, tendo estendido de Sião o cetro poderoso; isto se realiza agora, se passa agora. Os seus servos então viram-no na condição de servo, diante deles e agora que se ausentou acreditam nisso os seus servos. Enquanto somos servos acreditamos isto a respeito de sua condição de servo, à medida que podemos compreender. Pois, este é o leite dos pequeninos, que ele preparou, alimento que passa através de sua carne. De fato, o pão dos anjos, o Verbo era no princípio; a fim de que o homem pudesse comer o pão dos anjos (Sl 77,25), o Criador dos anjos se fez homem. Assim, o Verbo encarnado se tornou receptível para nós. Não o poderíamos receber, se o Filho igual a Deus não se aniquilasse a si mesmo, assumindo a condição de escravo, assemelhando-se aos homens, e sendo exteriormente reconhecido como homem (cf Fl 2,6.7). Fez-se mortal aquele que é imortal a fim de que até certo ponto pudéssemos apreender quem não pode ser apreendido pelos mortais. Consumada a sua morte, far-nos-ia imortais e apresentar-nos-

ia algo a ser examinado, algo a ser criado, algo a ser visto posteriormente. Aos presentes apresentou sua condição de servo, não apenas para ser vista pelos olhos, mas ainda a ser palpada com as mãos. Nesta forma humana subiu ao céu, e ordenou-nos que crêssemos no que deu a eles ocasião de contemplar. Mas, também nós temos o que ver. Eles viram seu cetro poderoso estendido de Sião e nós vemos que ele domina entre os seus inimigos. Tudo isso, irmãos, pertence ao plano divino sobre sua condição servil, que seus servos tolerantemente apreendem, e os futuros libertos amam. A verdade imutável, que é o Verbo de Deus, Deus junto de Deus, por quem foram feitas todas as coisas, permanecendo em si mesmo tudo renova (cf Sb 7,27). Para a contemplarmos, faz-se mister grande e perfeita pureza de coração, que se obtém pela fé. Pois, foi demonstrada a condição de servo, mas adiada a manifestação da condição divina. Com efeito, o Senhor falou seus servos, em sua condição de servo: "Quem observa os meus mandamentos é que me ama; e quem me ama será amado por meu Pai. Eu o amarei e a ele me manifestarei" (Jo 14,21). Prometeu àqueles que o viam que haveria de se manifestar a eles. Que viam eles? Que prometia o Senhor? Viam a condição de escravo e ele prometia que o veriam na condição divina. "A ele me manifestarei", disse. Tal é a glória a que será levado o reino, reunido agora enquanto passa esse mundo; é conduzido a certa visão inefável, que os ímpios não merecerão possuir. Ademais, enquanto estava na terra, a condição de servo foi vista pelos ímpios; viram-na os que acreditaram, viram-na os que o mataram. Não consideres grande coisa vê-lo naquela condição, porque viram-na os amigos, viram-na os inimigos; e alguns dos que a viram, mataram-no, alguns dos que não viram acreditaram. A condição de servo, visível na terra em humilhação pelos pios e ímpios, vê-la-ão no juízo ímpios e pios. Quando o Senhor, diante dos olhos de seus discípulos elevava-se ao céu, ressoou a palavra angélica, enquanto eles o olhavam: "Homens da Galiléia, que estais aí a contemplar o céu? Esse Jesus virá do mesmo modo que para o céu o vistes partir" (At 1,11). Assim mesmo, do mesmo modo, na mesma forma; porque a respeito dos ímpios foi dito: "Verão aquele que transpassaram" (Zc 12,10). Vê-lo-ão prestes a julgar aquele mesmo de quem zombaram ao ser julgado. Por conseguinte, a mesma condição de servo será visível no juízo para justos e injustos, pios e ímpios, fiéis e infiéis. Que será, então, que os ímpios não verão? De fato, foi dito a respeito de alguns: "Verão aquele que transpassaram"; ainda a respeito dos mesmos: "Seja afastado o ímpio para que não veja a majestade do Senhor" (Is 26,10). Que significa isto, meus irmãos? Distingamos, examinemos. Incita-se o ímpio a ver algo; é apartado para não ver. Já mostramos o que há de ver; aquele aspecto do qual foi dito: "Virá do mesmo modo". O que não há de ver? "A ele me manifestarei" (Lc 14,21). Como diz: "me?" Não a condição de escravo. Que quer dizer, então: "me?" A condição divina, na qual não se prevaleceu de sua igualdade com Deus. Que quer dizer: "me? "Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é" (1Jo 3,2). Esta glória de Deus é uma luz inefável, fonte de luz imutável, verdade sem falha, sabedoria sempre estável em si mesma, que renova tudo: é a substância de Deus. Portanto, seja afastado o ímpio para que não veja

esta majestade do Senhor. Pois, “bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8).

13 Parece-me, irmãos, de acordo com o que o Senhor se digna conceder à nossa capacidade, que se trata do próprio tempo; se, contudo, se deve denominar tempo, pois em determinado momento chegaremos ao que não é tempo; disto parece-me se tratar; digo-o sem excluir que alguém possa entender melhor, mais habilmente, com maior probabilidade de acertar. Parece-me que daí vem a palavra: “Contigo está o princípio no dia de teu poder”. Enfim, a meu ver, isto está suficientemente explanado no versículo seguinte. Aí fala-se no poder, com que submeteu os povos ao seu domínio, prostrou as nações, não com a lança, mas com o lenho, embora na carne, embora na humildade, embora no que comporta a condição servil; no entanto, apreende-se como é grande seu poder. Com efeito, o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens (cf 1Cor 1,25). Por conseguinte, aqui se menciona seu poder, nesses termos: “De Sião o Senhor estenderá o seu cetro poderoso. Domina entre os teus inimigos”. Quão grande não é o poder, daquele que domina no meio de seus inimigos em tumulto, sem conseguirem coisa alguma contra ele, mas que dizem a si mesmos cotidianamente: “Quando há de morrer e de extinguir-se o seu nome”? (Sl 40,6). Enquanto isso, cresce sua glória no meio dos povos, as gentes se submetem a seu nome, o pecador verá e se irritará, rangerá os dentes e se consumirá (Sl 111,10). Portanto, tal é seu poder, mas o profeta quer mostrar de outro modo seu poder, enquanto é a Virtude de Deus e a Sabedoria de Deus, o Cristo na luz perpétua da imutável verdade. Para esta visão somos reservados, visão que é diferida; na perspectiva desta visão purificamo-nos pela fé, e dela é apartado o ímpio para que não veja a glória do Senhor. Querendo mostrar tudo isso, diz o salmo: “contigo está o princípio no dia de teu poder”. Que quer dizer: “Contigo está o princípio?” Imagina um princípio qualquer. Suponhamos que seja o próprio Cristo; alguém diria antes: Tu és o princípio, em vez de: “Contigo está o Princípio”. Pois, ele respondeu aos que o interrogavam: “Quem és tu? O Princípio, eu que vos falo” (Jo 8,25). Princípio é também o Pai, do qual é gerado o Filho unigênito; neste princípio era o Verbo, porque o Verbo estava junto de Deus. Então, se o Pai é princípio e o Filho é princípio são dois princípios? De forma nenhuma. Pois, como o Pai é Deus e o Filho é Deus, no entanto o Pai e o Filho não são dois deuses, mas um só Deus, assim o Pai é princípio e o Filho é princípio, contudo o Pai e o Filho não são dois, mas um só princípio. “Contigo está o princípio”. Então verás como o princípio está contigo. Não se diz que aqui na terra o princípio não esteja contigo. Porventura, não disseste tu mesmo: “Eis que chega a hora em que vos dispersareis, cada um para o seu lado, e me deixareis sozinho. Mas eu não estou só, porque o Pai está comigo”? (Jo 16,32). Também aqui, portanto, “contigo está o princípio”. Disseste, de fato, em outro lugar: “O Pai, que permanece em mim, realiza as suas obras (Jo 14,10). “Contigo está o princípio”; jamais o Pai se sepa- ra de ti. Mas quando se manifestar que contigo está o princípio, então isto será evidente a todos que já se assemelharam a ti, porque te verão como tu és (cf 1Jo 3,2); aqui, Filipe te via e procurava ver o Pai (cf Lc 14,8). Ora, então, se verá aquilo em que agora se acredita. Então “contigo estará o princípio” e vê-lo-ão os santos, os justos, sendo apartados os

ímpios para que não vejam a glória do Senhor.

14 Creiamos, portanto, agora, irmãos, o que então veremos. Pois, Filipe foi repreendido por procurar ver o Pai, não reconhecendo o Pai no próprio Filho: "Há tanto tempo estou convosco e não me conhecestes? Filipe, quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,9). Mas, "quem me viu" e não quem em mim viu a condição de escravo. "Quem me viu", portanto, tal como me escondi para os que me temem, tal como levo à perfeição do meu conhecimento os que esperam de mim, "viu também o Pai". Mas como tal visão virá posteriormente, agora que teremos em seu lugar? Vejamos o que diz a Filipe, a quem afirmara: "Quem me viu, viu o Pai". Seria como se Filipe replicasse interiormente: E como te verei, se na condição de escravo aparentas outra coisa? Ou como verei o Pai, débil homem mortal, pó e cinza? Quando aquele que dissera: "Quem me viu, viu o Pai", dirigia-se a ele, adiando a visão, e ordenando que tivesse fé. Era muito para Filipe e ele estava muito longe de ver. Disse-lhe: "Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim"? (Jo 14,10). Crê o que ainda não podes ver a fim de mereceres a visão. Ao chegar a ocasião de vermos, então aparecerá o sentido da frase: "Contigo está o princípio no dia de teu poder. De teu poder", não da virtude em tua fraqueza, porque nela há poder. "De teu poder", agora os homens têm suas virtudes: a fé, a esperança, a caridade, as boas obras; mas irão de virtude em virtude (Sl 83,8). "Contigo, portanto, está o princípio". Revelarte-ás com o Pai, no Pai, enquanto "contigo está o Pai, o princípio no dia de teu poder", daquele poder que o ímpio não verá. Pois, a tua fraqueza é mais forte do que os homens (cf 1Cor 1,25); por conseguinte "no dia de teu poder está contigo o princípio".

15 Expõe, dize-me, de que poder falas. Porque também aqui, conforme foi dito, menciona-se seu poder, ao estender o Senhor o seu cetro poderoso de Sião, a fim de dominar entre os seus inimigos. De que virtude falas? "Entre os esplendores dos santos". Diz o salmo: "Entre os esplendores dos santos". A que poder se refere, quando os santos estarão no esplendor; não enquanto vivem com a carne terrena e gemem num corpo mortal e corruptível, que pesa sobre a alma e oprime — tenda de argila — a mente pensativa (cf Sb 9,15). Como não se vêem os pensamentos dos outros, não se está no "esplendor dos santos". Mas que significa: "No esplendor dos santos? Até que venha o Senhor. Ele porá às claras o que está oculto nas trevas e manifestará os desígnios dos corações. Então cada um receberá de Deus o louvor que lhe for devido" (1Cor 4,5). Então será o "esplendor dos santos", porque "então os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai". Ouvi que sentido tem o seguinte: "No esplendor dos santos". Virá a messe, virá o fim do mundo. O pai de família "enviará os seus anjos e eles apanharão do seu reino todos os escândalos e os lançarão na fornalha ardente. Então os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai" (Mt 13,39-43; cf Sb 3,7). Em que reino? Vede se é reservada certa visão, sobre a qual nos foi dito: "Contigo o princípio". Em que reino? Sem dúvida, na vida eterna. Pois o Senhor dirá aos que estiverem à direita: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo" (Mt 25,34). Em seguida, depois de condenados e separados os ímpios e louvados os justos, como continua, após a palavra: "recebei o reino? E irão estes para o

castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna" (Mt 25,46). Denominara "reino a vida eterna", para a qual não irão os ímpios. Vede se a vida eterna não consiste em certa visão: "Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo" (Lc 17,3), porque "contigo está o princípio no dia de teu poder", portanto, "contigo está o princípio no dia de teu poder, no esplendor dos santos".

16 Mas isto é adiado, isto será dado mais tarde; o que acontece agora? "Do seio antes da estrela d'alva eu te gerei". Como é isto? Se Deus tem um Filho, tem igualmente seio? Não tem como os corpos carnais um seio; contudo foi dito: "O Filho unigênito que está no seio do Pai, este o deu a conhecer" (Jo 1,18). Seio e útero é a mesma coisa; seio e útero foram usados para indicar o que é secreto. Que significa: "Do seio?" Do lugar secreto, oculto; de mim mesmo, de minha substância. É isto o que quer dizer: "Do seio, porque quem relatará sua geração"? (cf Is 53,8). Tomemos no sentido de que o Pai diz ao Filho: "Do seio antes da estrela d'alva eu te gerei". Que quer dizer: "antes da estrela d'alva?" A estrela d'alva representa aqui os astros, como se a Escritura tomasse uma parte pelo todo, e de uma estrela eminente, todos os astros. Mas como foram feitos aqueles astros? "Eles sirvam de sinais, tanto para as festas, quanto para os dias e os anos" (Gn 1,14). Se os astros servem para assinalar o tempo, e a estrela d'alva é nomeada em lugar dos astros, antes da estrela d'alva quer dizer antes dos astros. E se, antes dos astros, antes dos tempos; se antes dos tempos, desde a eternidade. Não perguntes quando foi, porque a eternidade não comporta a pergunta quando. Quando e alguma vez são palavras empregadas para o tempo. Não nasceu do Pai no tempo aquele pelo qual foram feitos os tempos. O salmista se exprimiu, portanto, como era possível se expressar, figuradamente, profeticamente, de sorte que seio representava a substância oculta, e a estrela d'alva aparece em lugar do tempo. Ou quereis que examinemos o próprio Davi, que afirmou que seu Senhor era seu filho? Ouviu de seu Senhor para poder afirmá-lo; ouviu daquele que não pode se enganar. E chamou-o de seu Senhor, porque se trata de um "oráculo do Senhor ao meu Senhor: Assenta-te a minha direita". Ele falou e parece que o contexto é seu. Se, pois, é ele quem fala, talvez ele mesmo pôde dizer: "Do seio antes da estrela d'alva eu te gerei" do seio virginal, "antes da estrela d'alva eu te gerei". Se, pois, aquela virgem que carnalmente descende de Davi, de seu seio deu à luz o Cristo, de certo modo ele foi gerado por Davi. "Do seio" que não conheceu varão; "do seio" inteiramente, propriamente "do seio", porque apenas "do seio" somente. Portanto, "do seio", disse ele, que o denominara seu Senhor, "do seio antes da estrela d'alva eu te gerei". Até mesmo "antes da estrela d'alva" é significativo, dito com propriedade, e assim cumprido. Pois o Senhor nasceu do seio da virgem Maria à noite. Indicam-no os testemunhos dos pastores que durante as vigílias da noite montavam guarda ao seu rebanho (Lc 2,7.8). "Do seio antes da estrela d'alva eu te gerei". Tu, meu Senhor, sentado à direita do meu Senhor, donde vem que és meu filho, senão porque "do seio antes da estrela d'alva eu te gerei?"

17 4 E para que fim nasceu? "Jurou o Senhor e não se arrependerá. Tu és sacerdote

eternamente segundo a ordem de Melquisedec”. Nasceste do seio antes da estrela d’alva a fim de seres sacerdote enternamente segundo a ordem de Melquisedec. Se nasceu do seio, entendemos tratar-se da virgem; antes da estrela d’alva, à noite, conforme atestam os evangelhos; sem dúvida nascido do seio antes da estrela d’alva, a fim de ser sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec. Pois, enquanto gerado pelo Pai, Deus junto de Deus, coeterno ao genitor, não é sacerdote; mas é sacerdote por causa da carne que assumiu, por causa da vítima, tirada do que é nosso, a fim de ser por nós oferecida. “Jurou”, portanto, “o Senhor”. Que quer dizer: “Jurou o Senhor?” Então jura o Senhor que proíbe que o homem jure? (cf Mt 5,34). Ou talvez proíbe que o homem jure, mais para que não caia em perjúrio, e Deus jura principalmente porque não pode ser perjuro? Pois, o homem, devido ao hábito de jurar, pode deixar a boca proferir perjúrio, e por isso é bom que se lhe proíba jurar; estará tanto mais longe do perjúrio quanto estiver longe do juramento. O homem que jura, pode jurar falsamente ou com verdade; o que não jura, não pode jurar falso, porque não jura absolutamente. Por que, então, não há de jurar o Senhor, quando o juramento do Senhor é a garantia da promessa? Jure, efetivamente. Ora, que fazes ao jurar? Tomas Deus por testemunha. Jurar é tomar a Deus por testemunha. Por isso há o perigo de apresentares a Deus como testemunha de uma falsidade. Se, portanto, ao jurares tomas a Deus por testemunha, por que Deus ao jurar não há de dar testemunho por si mesmo? “Juro por mim mesmo, palavra do Senhor” é um juramento de Deus. Assim jurou ele sobre a descendência de Abraão: “Juro por mim mesmo, palavra do Senhor; porque ouviste a minha voz, porque não me recusaste teu filho, teu único, eu te cumularei de bênçãos, eu te darei uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas do céu e quanto a areia que está na beira do mar. Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra” (Gn 22,16-18). A posteridade de Abraão que é Cristo, descendência de Abraão, que assumiu a carne da posteridade de Abraão, será sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec. A respeito do sacerdócio, portanto, segundo a ordem de Melquisedec, “jurou o Senhor e não se arrependerá”. E que será do sacerdócio segundo a ordem de Aarão? Por acaso, Deus se arrepende, como o homem, ou contra sua vontade cai em alguma falta ou por imprudência, escorrega de tal modo que depois se arrepende da queda? Ele sabe o que faz, sabe até onde uma coisa deve ir; daí, se muda alguma coisa, isto deriva de seu poder. Mas a penitência significa mudança. Como tu, ao te arrependeres, sentes pesar de ter feito o que fizeste, assim quando Deus muda alguma coisa, sem que o homem espere, isto é, além de sua expectativa, diz-se que ele se arrepende. Chega mesmo a se arrepender de nos castigar se nos penitenciarmos por causa de nossa vida má. Por conseguinte, “o Senhor jurou; jurou, firmou; e não se arrependerá”, não mudará. O quê? “Tu és sacerdote eternamente”. Eternamente porque “não se arrependerá”. Mas sacerdote, segundo o quê? Seria por meio daquelas hóstias, vítimas oferecidas pelos patriarcas, altar de sangue e tabernáculo, aqueles sacramentos do primeiro Testamento, o Antigo? De forma nenhuma. Estes foram abolidos, o templo foi destruído, destituído aquele sacerdócio, eliminados suas vítimas e seu sacrifício; nem os judeus os têm mais. Eles vêem que terminou o sacerdócio segundo a ordem de Aarão e não reconhecem o sacerdócio

segundo a ordem de Melquisedec. “Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec”. Fala aos fiéis. Se os catecúmenos não entendem alguma coisa, deixem a preguiça, e procurem com zelo o conhecimento dela. Não é necessário descobrir os mistérios; a Escritura vos explique o que é sacerdócio segundo a ordem de Melquisedec.

18 5 “O Senhor está à tua direita”. O Senhor dissera: “Assenta-te à minha direita”. Agora é o Senhor que está à sua direita, como se o trono tivesse mudado de lugar. Ou talvez, melhor: “Jurou o Senhor e não se arrependerá: Tu és sacerdote eternamente”, foi dito a Cristo? “Tu és sacerdote eternamente, jurou o Senhor”. Qual Senhor? Aquele que disse “a meu Senhor: Assenta-te à minha direita”, ele “jurou: Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec”. E ao mesmo Senhor que jurou, foi dirigida a palavra: “O Senhor está a tua direita”. Ó Senhor, que juraste e disseste: “Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec”, o próprio “sacerdote eternamente, é Senhor à tua direita”, ele, digo, “sacerdote eterno”, sobre o qual juraste, “é Senhor à tua direita”; porque disseste ao mesmo Senhor meu: “Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos como escabelo de teus pés”. Este Senhor, portanto, que está à tua direita, acerca do qual juraste, e ao qual juraste, dizendo: “Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec, esmagou os reis no dia de sua cólera”. O próprio Cristo é, de fato, “Senhor à tua direita” e a ele juraste e não te arrependerás. Que faz o sacerdote eternamente? Que faz aquele que está à direita de Deus e intercede por nós, como sacerdote que entrou no interior ou no santo dos santos, na parte secreta dos céus, o único sem pecado, e que por isso, facilmente purifica dos pecados? (cf Rm 8,34; Hb 9,12.14.24). Ele, portanto, “à tua direita esmagará os reis no dia de sua cólera”. Quais são estes reis, perguntas? Tu te esqueceste do que foi dito: “Os reis da terra se sublevaram e os príncipes unidos conspiraram contra o Senhor e o seu Cristo? (Sl 2,2). A estes reis ele esmagou por sua glória, e pelo peso de seu nome tornou-os débeis, a ponto de não poderem fazer o que queriam. Pois, muitos se empenharam em apagar da terra o nome dos cristãos e não o puderam, porque “aquele que cair sobre esta pedra se despedaçará” (Mt 21,44). Caíam, portanto, sobre a pedra de escândalo e por isso esses reis foram despedaçados, ao dizerem: Quem é o Cristo? É um judeu qualquer, um galileu, que foi massacrado assim, assim foi morto. A pedra encontra-se ante teus pés, e jaz por terra de maneira vil e humilde; por isso, tropeças nela por teu deprezo, tropeçando cais, e caindo és despedaçado. Se, portanto, tão grande é a ira do Senhor oculto, que não será no juízo, ao se manifestar? Ouviste qual a ira daquele que se oculta, conforme está inscrito no salmo: “Pelos segredos do filho”; se bem me lembro, é o salmo nono que traz a inscrição: “Pelos segredos do filho” e ali se revela o juízo oculto da ira oculta. Estando Deus irado, vivem os que tropeçam naquela pedra, mas são quebrados. E que importância tem que se quebrem agora? Escuta o que será no juízo futuro: “Aquele que cair sobre esta pedra quebrar-se-á todo, e aquele sobre quem ela cair, ela o esmagará” (Lc 20,18). Quando se cai sobre ela é porque ela está no chão, em condição humilde; e então ela quebra; para esmagar, ela vem de cima. Vede como nesses grupos de duas palavras: quebrará e esmagará, cai sobre ela e sobre quem ela cai, distribuem-se os dois tempos, o da condição humilde e o da exaltação de Cristo, do castigo oculto e do

futuro juízo. Cristo, quando vier não esmagará aquele que ele não quebrar enquanto estiver prostrado. Digo prostrado, porque aparentemente desprezível. Pois o Senhor está à direita de Deus e energicamente clamou do alto: “Saulo, Saulo, por que me persegues”? (At 9,4). Todavia, embora do céu, não clamaria: “Por que me persegues?” aquele a quem ninguém tocava, se não estivesse sentado à direita do Pai no céu de tal sorte que em nós de certo modo jazia na terra. “O Senhor está a tua direita. Ele esmagou os reis no dia de sua cólera”.

19 6 “Julgará as nações”. Mas agora, “pelos segredos”; no juízo será manifesto: “Julgará as nações”. Pois agora, dá-se o seguinte: “Ruiu com estrépito a lembrança deles”. Encontra-se no mesmo salmo: “Pelos segredos”. Ruiu “com estrépido a lembrança deles. Mas o Senhor permanece eternamente. Preparou o tribunal do julgamento. Julgará o mundo inteiro com eqüidade”. Neste salmo foi dito: “Repreendeste as nações e o ímpio pereceu. Apagaste o seu nome nos séculos” (Sl 9,1.6-9). Isto se realiza ocultamente. “Pois ele esmagou os reis no dia de sua cólera. Julgará as nações”. Como? Escuta a continuação: “Encherá tudo de ruínas”. Agora julga as nações de sorte que encha tudo de ruínas; pois, quando julgar no fim, condenará as ruínas. “Encherá de ruínas”. Quais? Todo aquele que temer por causa de seu nome, cairá; ao cair, derrubará o que era, para edificar o que não existia. “Julgará as nações, encherá tudo de ruínas”. Sejas quem fores, se és contumaz contra Cristo, ergueste uma torre que vai cair. É bom que te abaixes, que te tornes humilde, que te prostres aos pés daquele que está sentado à direita do Pai, para te tornares uma ruína a ser reconstruída. Pois se permaneces numa altura imprópria serás derrubado quando não fores edificado. Pois, de tais homens diz em outra parte a Escritura: “Tu os destruirás e não os restabelecerás” (Sl 27,5). Sem dúvida não diria acerca de alguns: “Tu os destruirás e não os restabelecerás”, se não destruísse a alguns para edificar depois. Assim se faz agora, quando Cristo julga as nações de tal modo que enche tudo de ruínas. “Quebrará as cabeças de muitos sobre a terra”. Aqui, “sobre a terra”, nesta vida, “quebrará as cabeças de muitos”. Transforma os soberbos em humildes; e ouso dizer, meus irmãos, é melhor andar aqui na terra humildemente de cabeça quebrada do que com a cabeça erguida no juízo incidir na morte eterna. Quebrará a cabeça de muitos, criando ruínas, mas edificará preenchendo-as.

20 7 “Beberá da torrente do caminho, por isso levantará a cabeça”. Vejamo-lo a caminho, bebendo da torrente. Primeiro, que é a torrente? O fluxo da mortalidade humana. Como a torrente se forma das águas pluviais, transborda, faz ruído, corre e neste curso decorre, isto é, termina o curso, assim se realiza o percurso da mortalidade. Os homens nascem, vivem, morrem; uns morrem, outros nascem e mais uma vez estes morrem e outros surgem; eles se sucedem, aparecem, desaparecem, não permanecem. O que se retém aqui? O que não corre? O que não vai para o abismo como águas reunidas das chuvas? Assim como o rio, de repente formado com as chuvas, das gotas de chuva, vai para o mar e desaparece, nem aparecia, antes que as águas pluviais se reunissem, assim o gênero humano se congrega de fontes ocultas e flui; pela morte, de novo vai para lugares ocultos; a parte intermediária soa e passa. Desta torrente bebe ele; não

menosprezou beber desta torrente. Pois beber desta torrente consistia em nascer e morrer. Encontra essa torrente o nascimento e a morte. Cristo a acolheu. Nasceu e morreu; assim bebeu “da torrente no caminho. Deu saltos de gigante a percorrer o caminho” (Sl 18,6). Portanto, “bebeu da torrente do caminho”, porque não se “deteve no caminho dos pecadores” (Sl 1,1). “Bebeu da torrente do caminho, por isso exaltou a cabeça”, isto é, humilhou-se, e “fez-se obediente até à morte e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho no céu, na terra e nos infernos. E toda a língua confesse, para a glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é Senhor” (Fl 2,8-11).

SALMO 110

SERMÃO

1 Chegaram os dias de cantarmos Aleluia. Ficai atentos, irmãos, para apreendermos o que o Senhor nos sugere a fim de exortar-vos e alimentar a caridade, com a qual é bom aderirmos a Deus. Sede atentos, bons cantores, filhos do louvor e da glória eterna do Deus verdadeiro e incorruptível. Estai atentos, vós que sabeis cantar e sal-modiar em vossos corações ao Senhor, sempre e por tudo dando graças; e louvai a Deus: tal é o significado do Aleluia. Estes dias, de fato, chegam para passarem e passam os que virão, simbolizando o dia que não vem e passa, porque a sua chegada não foi precedida por um ontem, nem é obrigado a passar por um amanhã. Efetivamente, quando chegarmos a este dia, aderindo a ele, também nós não passaremos. Conforme se canta a Deus em outro salmo: "Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos" (Sl 83,5), será esta a ocupação dos que se entregam ao lazer, a obra dos que estão de férias, a ação dos que se acham quietos, o cuidado dos que se encontram em segurança. Como estes dias sucedem, solenemente e cheios de agradável alegria, aos dias passados da quaresma, nos quais antes da ressurreição do corpo do Senhor se representava a tristeza da vida presente, assim aquele dia que depois da ressurreição haverá para todo o corpo do Senhor, isto é, a santa Igreja, virá trazendo a perpétua felicidade, depois de excluídas todas as tribulações e dores desta vida. Esta vida, porém, exige de nós a temperança, de tal sorte que enquanto gememos acabrunhados, com labor e luta, porque não queremos ser despojados da nossa veste, mas revestir a outra por cima (cf 2Cor 5,2), abstenhamo-nos de alguns prazeres temporais. Isto é representado pelo número quarenta, número dos dias do jejum de Moisés, de Elias e do próprio Senhor. Prescrevem-nos a lei, os profetas e o próprio evangelho (que foi testemunhado pela lei e os profetas; daí vem que no monte o Salvador se transfigurou, estando no meio de ambos, Moisés e Elias) (cf Ex 34,28; 1Rs 19,8; Mt 4,2; cf Mt 17,3), que refreemos pelo jejum a temperança da nossa avidez de atrativos do mundo, que levam os homens cativos a se esquecerem de Deus enquanto a perfeição do Decálogo, como um saltério de dez cordas, é anunciada pelas quatro partes do mundo, isto é, por todo o orbe; de sorte que dez vezes quatro perfaçam o número quarenta. O número cinqüenta, porém, a contar da ressurreição do Senhor, em que cantamos o Aleluia, não significa a passagem e fim de um tempo, mas figura a eternidade feliz; porque consta de dez somado a quarenta e o denário constitui a recompensa dos fiéis que trabalham na vida presente, e que o pai de família preparou, dando-a igualmente aos primeiros e aos últimos. Ouçamos, portanto, as vozes que saem do peito do povo de Deus, repletas do louvor divino. Eis que neste salmo ressoa a voz de alguém que exulta com regozijo feliz, e prefigura o povo de Deus, isto é, o corpo de Cristo, libertado de todo mal e com o coração transbordante de amor.

2 1.2 "Confessar-te-ei, Senhor, de todo o coração". Nem sempre a confissão é relativa a

pecados; mas também é louvor de Deus a oferta da confissão. A primeira chora, a segunda se alegra; uma descobre ao médico a ferida, esta dá graças pela cura. A confissão deste salmo indica alguém que não foi apenas libertado de todo mal, mas ainda foi separado de todos os malvados. E por isso, vejamos onde confessa ao Senhor de todo coração. Diz ele: "No conselho e na assembléia dos justos". Creio que se sentarão em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel (cf Mt 19,28). Entre eles, já não há iníquo, não se toleram furtos de nenhum Judas, nenhum Simão mago é batizado nem procura comprar o dom do Espírito que pensa vender (cf At 8,13.18.19), nenhum Alexandre, caldeireiro, dá provas de muita maldade (cf 2Tm 4,14), nenhum falso irmão se insinua sob pele de ovelha. Entre esta espécie de gente necessariamente geme a Igreja agora e deverá excluí-la quando todos os justos forem congregados. Estas são as "grandes obras do Senhor, apropriadas a todas as suas vontades", pelas quais a misericórdia não abandona o pecador que se confessa, mas não deixa impune iniqüidade alguma, e castiga todo filho que ela acolhe (cf Hb 12,6). Mas, se o justo com dificuldade consegue salvar-se, em que situação ficarão o ímpio e o pecador? (1Pd 4,18). Escolha o homem o que quer, mas as obras do Senhor não são estabelecidas de tal modo que a criatura dotada de livre-arbítrio supere a vontade do Criador, mesmo se agir contra sua vontade. Deus não quer que peques, pois o proíbe; no entanto se pecares, não penses que o homem fez o que quis, e sucedeu a Deus o que não quis. Pois, como ele quer que o homem não peque, quer poupar o pecador para que se converta e viva, quer por fim punir aquele que persevera no pecado, de tal modo que o contumaz não escape ao poder da justiça. Assim, seja o que for que escolhas, o Onipotente não deixará de cumprir sua vontade a teu respeito. Pois, "grandes são as obras do Senhor, apropriadas a todas as suas vontades".

3 3 "Confissão e magnificência são os seus feitos". Que há de mais magnífico do que justificar o ímpio? Mas, talvez a obra humana preceda esta magnificência de Deus, de modo que ao confessar o homem seu pecado, mereça ser justificado. De fato, o publicano desceu do templo mais justificado do que o fariseu, porque "não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!" A magnificência do Senhor é esta: a justificação do pecador, porque "todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado" (Lc 18,13.14). Tal a magnificência do Senhor; porque aquele que foi mais perdoado, mais ama (cf Lc 7,42-28). Tal a magnificência do Senhor; pois "onde avultou o pecado, a graça superabundou" (Rm 5,20). Mas talvez devido às obras. Não, diz o Apóstolo, "não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho. Pois somos criaturas dele, criados em Cristo para as boas obras" (Ef 2,9.10). O homem só pratica a justiça depois de justificado; crendo "naquele que justifica o ímpio" (Rm 4,5) começa pela fé, de tal forma que as boas obras indicam, não precedendo o que ele mereceu, mas seguindo o que ele recebeu. De onde então vem a confissão? De fato, não é ainda obra de justiça, mas reprovação do delito; seja como for, nem desta te glories, ó homem, porém "aquele que se gloria, se glorie no Senhor" (1Cor 1,31). "Que é que possuis que não tenhas recebido?" (1Cor 4,7). Não somente, portanto, a magnificência que justifica o ímpio,

mas ainda “confissão e magnificência são os seus feitos. Que diremos então? Porque ele faz misericórdia a quem quer e endurece a quem ele quer. Há injustiça por parte de Deus? De modo algum” (Rm 9,14.18). Pois, “permanece pelos séculos dos séculos a sua justiça”. Quem és tu, ó homem deste século, para discutires com Deus? (Rm 9,20).

4 4.5 “Deixou lembrança de suas maravilhas”: a um humilha e a outro exalta. “Deixou lembrança de suas maravilhas”. Ele reserva oportunamente prodígios extraordinários, para que a fraqueza humana, atenta às novidades, se recorde, apesar de serem maiores os seus milagres cotidianos. Cria por toda a terra tantas árvores e ninguém se admira; seca uma com sua palavra e o coração dos mortais fica estupefacto (cf Mt 21,19.20); “mas deixou lembrança de suas maravilhas”. Os corações atentos se apegarão mais aos milagres que não terão perdido o valor para eles por causa de sua assiduidade.

5 Para que serviram os milagres, a não ser para incutirem temor? O que adiantaria, porém, o temor se o “Senhor, miseriocordioso e clemente”, não sustentasse “os que o temem?” Desceu o pão do céu (cf Jo 6,27.51), alimento incorruptível, dado a quem nada merecia. Pois Cristo morreu pelos ímpios (cf Rm 5,6). Ninguém daria tal alimento, a não ser o Senhor misericordioso e clemente. Se deu tanto nesta vida, se o Verbo feito carne acolheu o pecador para justificá-lo, que não receberá no futuro século o que for glorificado? Pois, “lembrar-se-á eternamente de sua aliança”. Não deu tudo quem deu um penhor.

6 6.9 “Manifestará a seu povo o poder de suas obras”. Não se contristem os israelitas santos que abandonaram tudo o que tinham e o seguiram; não se contristem dizendo: “Quem poderá então salvar-se?” Porque “é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus” (Mt 19,24-26). Anuncia-lhes o poder de suas obras; de fato, ao homem é difícil, mas a Deus é fácil. “Dando-lhes a herança das nações”. Chegou até os gentios, e foi ordenado aos ricos deste mundo que não fossem orgulhosos, nem pusessem sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus (cf 1Tm 6,17), para o qual é fácil o que é difícil para os homens. Assim, pois, muitos foram chamados, assim foi transmitida a herança aos gentios, assim sucedeu que muitos que não deixaram tudo o que tinham nesta vida para segui-lo, desprezassem até a própria vida pela confissão de seu nome; e humilhando-se como camelos para carregar o peso das tribulações, entrassem pelo buraco da agulha, através das angústias pungentes do sofrimento. Fez isso aquele para o qual tudo é possível.

7 “Verdadeiras e justas são as obras de suas mãos”. Seja mantida a verdade pelos juízes aqui na terra. São julgados aqui os mártires, e serão conduzidos ao juízo, onde julgarão não somente os que os julgaram, mas até os anjos, contra os quais lutaram, mesmo quando pareciam ser julgados pelos homens (cf 1Cor 6,3). Não nos separe de Cristo a tribulação, a angústia, a fome, a nudez, a espada (cf Rm 8,35). “Imutáveis são todos os seus mandamentos”. Ele não falha; apresenta o que prometeu. Todavia, o que prometeu não deve ser esperado aqui, aguardado aqui. Mas, “confirmados pelos séculos dos séculos e instituídos com verdade e eqüidade”. É verdadeiro e justo que aqui se trabalhe,

para se descansar no céu, porque ele “enviou libertação ao seu povo”. De onde são redimidos, senão do cativeiro desta peregrinação? Não se procure, portanto, repouso, a não ser na celeste pátria.

8 Deus deu aos isralitas carnais a Jerusalém terrena, que “é escrava com seus filhos”; mas trata-se do Antigo Testamento, pertencente ao homem velho. Os que lá perceberam a figura, também então foram herdeiros do Novo Testamento; porque “a Jerusalém do alto é livre, e esta é a nossa mãe” (Gl 4,25.26), eterna nos céus. É comprovado que o Antigo Testamento prometeu bens transitórios: “Estabeleceu para sempre o seu testamento”. Mas qual é ele, a não ser o novo? Se quiseres ser herdeiro deste testamento, não te iludas, nem penses carnalmente na terra que mana leite e mel, nem em sítios amenos, nem em hortos frutíferos e resguardados; não planejes conseguir tais coisas quais os olhos dos avarentos costumam ambicionar. Como a avareza é a raiz de todos os males (cf 1Tm 6,10), deve ser destruída para que aqui na terra termine, e não prolongada para ser saciada no céu. Em primeiro lugar, foge dos castigos, evita a geena; antes de desejares ver o Deus das promessas, acautela-te do Deus que ameaça. Pois, “santo e terrível é o seu nome”.

9 10 Em substituição dos prazeres todos deste mundo que experimentaste, ou podes aumentar e multiplicar, ambiciona a sabedoria, mãe das delícias imortais; mas: “O começo da sabedoria é o temor do Senhor”. Ela deleitará, sem dúvida deleitará inefavelmente com os amplexos castos e eternos da verdade; contudo, primeiro é preciso que teus pecados sejam perdoados antes de pedires recompensa. Por conseguinte, “o começo da sabedoria é o temor do Senhor. Bom é o intelecto”. Quem o nega? Mas entender e não praticar é perigoso. “Bom”, portanto, “para os que praticam”. Não se axalta pela soberba. Se o temor é para alguém o começo da sabedoria, “seu louvor perdura pelos séculos dos séculos”. Tal será o prêmio, o fim, a permanência e o trono perpétuos. Assim todos os mandamentos se demonstrarão apropriados, confirmados pelos séculos dos séculos. Os mandamentos eternos são a herança do Novo Testamento. “Uma só coisa pedi ao Senhor, e a procurarei. Habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida” (Sl 26,4). Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos (Sl 83,5), porque “seu louvor perdura pelos séculos dos séculos”.

SALMO 111

SERMÃO AO POVO

1 1 Creio, irmãos, que prestastes atenção ao título deste salmo e o guardastes na memória. É o seguinte: “Regresso de Ageu e de Zacarias”. Esses profetas ainda não existiam quando este salmo foi cantado. Pois, entre o tempo de Davi e o exílio do povo de Israel na Babilônia, contam-se catorze gerações, como atesta a Sagrada Escritura, principalmente o evangelista Mateus (cf Mt 1,17). A restauração do templo destruído, segundo a profecia do santo profeta Jeremias (cf Jr 25,12; 29,10), era esperada após setenta anos de cativeiro. Ao se completarem esses anos, sob Dario, rei da Babilônia, ficaram cheios do Espírito Santo esses dois profetas, Ageu e Zacarias. E ambos, com um ano de diferença, começaram a profetizar relativamente à restauração do templo, conforme tanto tempo antes fora predito (cf Esd 1,5; Ag 1; Zc 1). Mas todo aquele que materialmente fixa o olhar do coração nos fatos, e não vai até a graça do sentido espiritual, detém-se com o pensamento nas pedras do templo, com as quais se eleva pelas mãos dos homens a construção visível. Mas ele mesmo não se torna uma pedra viva, adaptada e conveniente àquele templo, que o Senhor antes de tudo comparou a seu corpo, ao dizer: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei” (Jo 2,19). O corpo do Senhor total é a santa Igreja. A Cabeça subiu ao céu. Principalmente o Senhor é a pedra viva, a pedra angular, a que se refere são Pedro: “Chegai-vos a ele, a pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa. Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos em um edifício espiritual, um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo. Com efeito, nas Escrituras se lê: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; quem nela crê não será confundido” (1Pd 2,4-6). Conseqüentemente, a fim de que alguém se transforme em pedra viva, adaptada a tal edifício, entenda espiritualmente a restauração do templo, em ruínas causadas anteriormente por Adão, e a reparação do povo novo segundo o homem novo e celeste. Assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também tenhamos a imagem do homem celeste (cf 1Cor 15,49), de tal sorte que possamos, após todas as épocas deste mundo, como se fosse após setenta anos, número místico que marca a perfeição, e após o cativeiro de uma longínqua peregrinação, sermos consolidados pela eterna imortalidade e não entrarmos numa construção destinada à ruína. Cosiderai que a Jerusalém espiritual, de fato, é mais vossa do que dos judeus, conforme a palavra do Apóstolo: “Já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus. Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular. Nele bem articulado, todo o edifício se ergue em santuário sagrado, no Senhor, e vós, também, nele sois coedificados para serdes uma habitação de Deus, no Espírito” (Ef 2,19-22). É este o templo de Deus, ao qual pertence o sacramento das profecias de Ageu e de Zacarias. O mesmo Apóstolo ainda diz: “Pois o templo de Deus é

santo e esse templo sois vós” (1Cor 3,17). Todo aquele, portanto, que se converte da ruinosa queda deste mundo à coedificação desta obra e à esperança de sua santa e firme inclusão, como pedra viva, no edifício, entende o título do salmo, entende o regresso de Ageu e Zacarias. Cante, portanto, o que segue, não tanto com a voz quanto com a vida. Será, então, a perfeição do edifício, aquela inefável paz da sabedoria, cujo início é o temor do Senhor (cf Pr 1,7); comece, pois, daí aquele a quem coedifica este regresso.

2 “Feliz o homem que teme o Senhor e muito se com-praz em seus mandamentos”. Verá Deus, o único que julga com veracidade e misericórdia quanto o salmista se adianta no caminho de seus mandamentos, porque é uma tentação a vida humana sobre a terra (Jó 7,1), conforme declara o santo varão Jó. Ainda está escrito: “Um corpo corruptível pesa sobre a alma e — tenda de argila — oprime a mente pensativa” (Sb 9,15). Mas quem nos julga é o Senhor; por conseguinte, não devemos julgar prematuramente, antes que venha o Senhor. Ele porá às claras o que está oculto nas trevas e manifestará os desígnios dos corações. Então cada um receberá de Deus o louvor que lhe for devido (1Cor 4,4.5). Veja, portanto, cada um quanto se adiantou nos mandamentos de Deus; no entanto muito se compraz quem amar a paz daquela edificação; não deve desanimar porque “muito se compraz em seus mandamentos”, e há paz na terra para os homens que Deus ama (cf Lc 2,14).

3 2.3 Daí: “poderosa na terra será a sua descendência”. O Apóstolo atesta que são sementes da futura messe as obras de misericórdia, dizendo: “Não desanimemos na prática do bem, pois, se não desfalecermos, a seu tempo colheremos” (Gl 6,9), e ainda: “Sabei que quem semeia com parcimônia, com parcimônia também colherá” (2Cor 9,6). Que pode haver de maior, meus irmãos, que não somente Zaqueu compre o reino dos céus com metade de seus bens, mas ainda a viúva com duas moedinhas, e ambos lá possuam o mesmo? (cf Lc 19,8; Mc 12,42). Que há de maior do que custar o mesmo reino todos os tesouros para um rico e um copo de água fria para um pobre? Existem os que o fazem, à busca de bens terrenos, esperando do Senhor uma recompensa na terra, ou desejando agradar aos homens; mas “abençoada será a geração dos justos”, isto é, as obras dos retos de coração, para os quais é bom o Deus de Israel. Coração reto consiste em não resistir ao Pai quando corrige, e acreditar nele quando faz promessas. Não o têm aqueles cujos pés vacilam, cujos passos por um triz resvalam, como se canta em outro salmo, ao terem inveja dos maus, observando a paz dos pecadores e pensando que são inúteis suas obras, porque não lhes é dado um prêmio perecível (cf Sl 72,1-14). Ao contrário, o homem que teme o Senhor, e se adapta ao santo templo de Deus, pela conversão de um coração reto, não procura a glória humana, nem ambiciona riquezas terrenas; e no entanto: “Glórias e riquezas terá em sua casa”. Com efeito, sua casa é seu coração, onde, louvando-o Deus, há de habitar de forma mais opulenta com a esperança da vida eterna do que, recebendo a adulação dos homens, há de morar sob tetos e artesanais recobertos de mármore, mas com medo da morte eterna. “A justiça desse perdura pelos séculos dos séculos”: é a sua glória, sua riqueza. A púrpura, o linho fino, os banquetes esplêndidos do outro, vêm e passam; e ao chegar o fim, ele desejará uma gota

de água na ponta do dedo, clamando com a língua a arder (cf Lc 16,19-24).

4 4.9 “Para os retos de coração uma luz surgiu nas trevas”. Com razão dirigem seu coração para seu Deus, com razão andam os retos junto de seu Deus, preferindo a vontade de Deus a si mesmos, sem presumirem soberbamente coisa alguma de si mesmos. Lembram-se de que foram outrora trevas e de que agora são luz no Senhor (cf Ef 5,8). “Misericordioso, compassivo e justo é o Senhor Deus. “Apraz que seja “misericordioso e compassivo”, mas talvez atemorize porque é “justo o Senhor Deus”. Não receies desesperançado, homem feliz, que temes o Senhor e te comprazes muito em seus mandamentos; sê suave, tem compaixão e empresta. O Senhor Deus é tão justo que submeterá a juízo sem misericórdia aquele que não praticou a misericórdia (cf Tg 2,13). Todavia, é “suave o homem que se compadece e empresta”. Deus não o rejeita de sua boca, como sendo de sabor desagradável. “Perdoai, e vos será perdoado. Dai, e vos será dado” (Lc 6,37.38). En-quanto perdoas para te ser perdoado, tu te compadeces; enquanto dás para que te seja dado, emprestas. Embora se inclua geralmente sob o nome de misericórdia todo socorro a um necessitado, há uma diferença quando não tens despesa pecuniária, nem trabalho corporal, mas perdoas quem pecou contra ti, e compras gratuitamente o perdão dos pecados. Parece-me que esses dois serviços de bondade, o de perdoar os pecados e de prestar benefícios, conforme citamos do evangelho: “Perdoai, e vos será perdoado, dai, e vos será dado”, acham-se distintamente neste versículo: “suave o homem que se compadece e empresta”. Não sejamos negligentes nisto, irmãos. Procura a sua glória quem deseja se vingar; mas atende ao que foi escrito: “Mais vale o que vence a cólera do que o conquistador de uma cidade” (Pr 16,32). Ambiciona riquezas quem não quer dar aos pobres; atende ao que foi escrito: “Terás um tesouro nos céus” (Mt 19,21). Não serás inglório ao perdoares, porque é mais louvável triunfar, vencendo a ira; nem o serás dando ao pobre, porque é mais seguro possuir um tesouro celeste. Este versículo brota daquele mais acima: “Glória e riquezas terá em sua casa”.

5 Quem assim age, “disporá seus discursos no juízo”. Suas ações são os discursos que o defenderão no julgamento; este não será sem misericórdia, porque ele mesmo praticou a misericórdia. “Porque jamais há de vacilar” aquele que estiver separado à direita e que ouvirá: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo”. Ali são relembradas apenas as obras de misericórdia. Ouvirá, portanto: “Vinde, benditos de meu Pai, porque a geração dos retos será abençoada” (Sl 112,2). Assim, “a lembrança do justo será eterna. Não receará más notícias” como aquela, que ouvirá, dirigida aos da esquerda: “Apartai-vos de mim, ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para seus anjos” (Mt 25,34-41).

6 Portanto, os que na terra não procuram seus interesses, mas os de Jesus Cristo, suportam os trabalhos com toda paciência, e esperam confiantes a realização das promessas: “Seu coração está preparado, confiante no Senhor”. Não fica alquebrado diante das tentações: “Fortalecido está o seu coração, não se abalará, até ver confundidos os seus inimigos”. Esses inimigos queriam ver na terra bens, enquanto lhes eram

prometidos os bens invisíveis, e diziam: “Quem nos dará a felicidade”? (Sl 4,7). Fortaleça-se, portanto, o nosso coração, não nos abalemos, até vermos confundidos nossos inimigos. Eles quiseram ver bens humanos na terra dos que morrem; nós acreditamos que veremos os bens do Senhor na terra dos vivos (cf Sl 26,13).

7 É de fato grande coisa ter o coração fortalecido e não se abalar, enquanto os que amam os bens visíveis se alegram, injuriando quem espera o que não vê. “Não se abalará até ver”, também ele, não em baixo o que vêem os seus inimigos, mas no alto, acima de “seus inimigos”, o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso que Deus preparou para aqueles que o amam (cf 1Cor 2,9). Quão grande o valor daquilo que não se vê e se compra pelo preço que cada um puder dar! Por isso, também o justo “distribuiu largamente, deu aos pobres”. Não via, mas comprava. Todavia, guardava o tesouro no céu aquele que se dignava ter fome e sede em seus pobres na terra. Não é de admirar, portanto, que “sua justiça perdure pelos séculos dos séculos”, sob a guarda daquele que criou os séculos. “Seu poder será exaltado na glória”, pois sua humildade era desprezada pelos soberbos.

8 10 “O pecador verá e se irritará”. Será tardia e inútil aquela penitência. Pois ele “se irritará” contra quem mais do que contra si mesmo dizendo: “Que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviu riqueza e arrogância” (Sb 5,9), quando vê ser exaltado na glória o poder daquele que distribuiu largamente e deu aos pobres? “Rangerá os dentes e se consumirá”, porque lá haverá choro e ranger de dentes. Não se cobrirá de folhas nem reverdecerá, como se faria se em tempo oportuno se arrependesse; mas ele se arrependerá quando “o desejo dos pecadores será frustrado”, sem qualquer alívio. Será frustrado o desejo dos pecadores, quando tudo passar como sombra; quando a flor murchar, tendo secado o feno. Mas, a palavra do Senhor que permanece eternamente (cf Is 40,8), assim como foi ridicularizada pela vaidade dos que falsamente eram felizes, zombará da perdição daqueles que são verdadeiramente infelizes.

SALMO 112

SERMÃO AO POVO

1 1.3 Bem o sabeis, irmãos, e com freqüência ouvistes dizer do evangelho do Senhor: "Deixai as crianças e não as impeçais de virem a mim, pois delas é o reino dos céus", e ainda: "Aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará nele" (Mt 19,14; 18,3; Mc 10,14.15). Em muitas outras passagens nosso Senhor, empregando singular exemplo de humildade, acusa a soberba do velho homem procurando renovar-lhe humildemente a vida, à semelhança da infância. Por esta razão, caríssimos, ao ouvirdes cantar nos salmos: "Louvai, meninos, ao Senhor", não penseis que esta exortação não vos pertence, porque já tendo ultrapassado a infância corporal, estais no belo vigor juvenil, ou com cãs honrosas da velhice; a todos vós diz o Apóstolo: "Quanto ao modo de julgardes, não sejais como crianças; quanto à malícia, sim, sede crianças, mas, quanto ao modo de julgar, sede adultos" (1Cor 14,20). De que malícia trata especialmente, senão da soberba? Esta, presumindo de uma grandeza vã não deixa o homem trilhar o caminho estreito, e entrar pela porta estreita. Uma criança facilmente entra por um lugar estreito; portanto, ninguém, se não for criança, entrará no reino dos céus. Que pode haver de pior do que a malícia da soberba, que ninguém quer acima de si, nem Deus? Pois está escrito: "O princípio do orgulho é o afastar-se de Deus" (Eclo 10,12). Derrubai, quebrai, esmigalhai e consumi este orgulho que se levanta contra os preceitos divinos com cerviz endurecida e resiste ao suave jugo do Senhor, e "louvai, meninos, ao Senhor, louvai o nome do Senhor". Prostrada e extinta a malícia da soberba, das bocas das crianças e lactentes se tira um louvor perfeito (cf Sl 8,3); contida e apagada a soberba, aquele que se gloria, se glorie no Senhor (cf 1Cor 1,31). Não cantam essas palavras os que se consideram grandes; não cantam os que, conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Louvam a si mesmos e não a Deus, porque não são meninos. Preferem seja anunciado seu próprio nome, e não louvam o nome do Senhor. Em conseqüência, dissiparam-se em seus pensamentos e seu coração insensato se obscureceu; dizendo-se sábios, tornaram-se estultos (cf Rm 1,21.22). Quiseram se tornasse famoso longa e largamente o seu nome, enquanto logo eles mesmos cairiam em angústias. Sempre e em toda a parte convém anunciar Deus, o Senhor. Sempre, portanto, se anuncie: "Seja bendito o nome do Senhor, desde agora e pelos séculos". Em toda a parte se apregoe: "Desde o nascente ao poente, louvai o nome do Senhor".

2 Pode perguntar-me algum dos santos meninos que louvam o nome do Senhor e dizer-me: Entendo que "pelos séculos" significa: eternamente. Por que, então, "desde agora", e não antes disso e antes de todos os séculos "seja bendito o nome do Senhor?" Respondo ao pequenino, que não pergunta com contumácia: O salmo vos diz, senhores e crianças, vos diz: "Louvai o nome do Senhor. Seja bendito o nome do Senhor". Bendizei o nome

do Senhor, “desde agora”, a saber, do momento em que vos é ordenado. Começastes a louvar, louvai sem fim. “Desde agora”, portanto, “e pelos séculos”, louvai sem fim. Não digais: De fato, começamos a louvar ao Senhor, porque somos meninos; mas quando crescermos e formos adultos, louvar-nos-emos a nós mesmos. Não façais isto, meninos, não façais. Por isso, o Senhor fala por meio de Isaías: “Eu sou; até a vossa velhice continuo o mesmo” (Is 46,4). Seja louvado sempre aquele que é. “Louvai, meninos, desde agora”, louvai, velhos, “pelos séculos”. Vossa velhice terá as cãs da sabedoria, mas não as rugas do envelhecimento corporal. Talvez representa neste lugar a infância antes a humildade, porque a falsa e vã grandeza do orgulho lhe é contrária. Assim, só os meninos louvam o Senhor, porque os soberbos não sabem louvá-lo. Seja vossa velhice infantil e a infância senil, isto é, nem vossa sabedoria seja acompanhada de orgulho, nem a humildade seja desprovida de sabedoria, a fim de louvardes ao Senhor “desde agora e pelos séculos”. Por toda parte em que a Igreja de Cristo se difunde nas crianças santas, “Louvai o nome do Senhor”; isto é, “desde o nascente ao poente, louvai o nome do Senhor”.

3 4 “Excelso é o Senhor sobre todas as nações”. As nações constam de homens. É de admirar que o Senhor seja excelso sobre os homens? Adoram seres excelsos sobre si mesmos aqueles que com seus olhos vêem brilhar no céu o sol, a luz e as estrelas; servem a essas criaturas, abandonando o Criador. Mas, não somente “excelso é o Senhor sobre todas as nações”, mas ainda ”acima dos céus eleva-se a sua glória”. Os céus o contemplam acima de si e os humildes, que não adoram o céu em lugar de Deus, postos segundo a carne abaixo do céu, o possuem consigo.

4 5.6 “Quem é semelhante ao Senhor nosso Deus, que habita nas alturas, mas vê o que é humilde?” Alguém poderia pensar que habita nas alturas dos céus e de lá vê o que é humilde na terra; mas ele “vê o que é humilde no céu e na terra”. Em que altura então habita para de lá ver o que é humilde no céu e na terra? Ou nas alturas em que habita também vê as coisas humildes? Pois ele de tal modo exalta os humildes que não os torna soberbos. Por conseguinte, habita também nas alturas que ele exalta e transforma para si em céu, isto é, em seu trono. Vendo-os, não orgulhosos, mas sempre submissos, também no próprio céu vê humildes, e habita nesses excelsos. Pois, o Espírito assim fala por intermédio de Isaías: “Assim diz aquele que está nas alturas, em lugar excelso, cujo nome é eterno, Senhor Altíssimo que repousa nos santos”. Expõe o que havia dito: “em lugar excelso”; explica melhor: “repousa nos santos”. Mas quem são os santos senão os humildes, os meninos que louvam ao Senhor? Por isso acrescenta: “Dou magnanimidade aos abatidos, e vida aos corações humildes” (Is 57,15). Esses santos nos quais repousa, a estes pusilânimes dá magnanimidade. Com efeito, dando magnanimidade torno-os excelsos; repousando neles habita nas alturas. Mas como dá magnanimidade aos pusilânimes, aos excelsos em quem habita, ele vê os humildes. “Vê o que é humilde no céu e na terra”.

5 O Senhor nosso Deus nos incita a procurar se são as mesmas coisas que são humildes no céu e na terra; ou se ele vê umas coisas humildes no céu e outras na terra. Se são as

mesmas, vejo como entendê-las, de acordo com o que diz o Apóstolo: “Embora vivamos na carne, não militamos segundo a carne. Na verdade, as armas com que combatemos não são carnais, mas têm, ao serviço de Deus, poder” (2Cor 10,3.4). De onde vem o poder, senão porque são espirituais? Se, portanto, o Apóstolo vive na carne e milita espiritualmente, não é de admirar se sua humildade é vista no céu por causa da liberdade do espírito, e na terra por causa da servidão corporal. Efetivamente, ele diz em outra passagem: “Mas a nossa cidade está nos céus” (Fl 3,20); também o mesmo afirma: “Partir e ir estar com Cristo, isso me é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa” (Fl 1,23.24). Em conseqüência disso, quem entende que a cidadania do Apóstolo estava no céu, e que corporalmente ele habitava na terra, simultaneamente há de compreender como o Senhor nosso Deus, que habita nos santos nas alturas, vê os mesmos santos humildes diante de si no céu, porque pensam nas coisas do alto (cf Cl 3,1) aqueles que em esperança ressuscitaram com Cristo; e ele os vê na terra igualmente, porque ainda não se libertaram do vínculo da carne, de tal forma que toda a sua vida possa estar com Cristo. Se, porém, o Senhor nosso Deus vê no céu umas coisas humildes e outras na terra, acredito que já olha no céu aqueles que ele chamou e nos quais ele habita; na terra, contudo, considera aqueles que ele chama para habitar neles. Aos que pensam nos bens celestes ele os possui; e aos que sonham com bens terrenos ele os desperta.

6 Mas como é difícil chamar de humildes os que ainda não submeteram o pescoço ao suave jugo do Senhor, pois as divinas Escrituras através do texto de todo o salmo nos adverte a entendermos a respeito dos santos os humildes mencionados neste lugar, existe outro sentido, que V. Caridade pode considerar comigo. Julgo que aqui são apresentados como sendo céus aqueles que se sentarão sobre doze tronos e julgarão com o Senhor (cf Mt 19,28); sob o nome de terra designa-se a restante multidão dos homens benditos, que estarão colocados à direita, a fim de que, recomendáveis por causa das obras de misericórdias, sejam recebidos nos tabernáculos eternos, pois adquiriram nesta vida mortal amigos com as riquezas da iniqüidade (cf Lc 16,9). A estes pergunta o Apóstolo: ‘Se semeamos em vosso favor os bens espirituais, será excessivo que colhamos os vossos bens materiais?” (1Cor 9,11). Ou em outras palavras: Se semeamos em vosso favor bens celestes, será excessivo que colhamos os vossos bens terrenos? O Senhor, portanto, vê no céu os que semeiam bens celestes, na terra os que colhem bens terrenos; no entanto são humildes uns e outros. Pois, “ele vê o que é humilde no céu e na terra”, uma vez que se lembram ambos do que foram por sua malícia, e o que se tornaram pela graça do Senhor. Não é apenas a eles que diz o Vaso de eleição: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5,8), e ainda: “Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é o dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho”. Incluiu-se a si mesmo na seqüência, dizendo: “Pois somos criaturas suas, criados para as boas obras”. Fala também separadamente de si e daqueles que são vistos no céu: “Éramos como os demais, filhos da ira (Ef 2,3-10). E ainda: “Também nós antigamente éramos insensatos e incrédulos, extraviados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícias e inveja, odiados pelos homens e odiando-nos

uns aos outros. Mas quando a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, se manifestaram, ele salvou-nos, não por causa dos atos justos que houvéssemos praticado, mas porque, por sua misericórdia fomos lavados por seu poder regenerador" (Tt 3,3-5). Eis as coisas humildes que se vêem nos céus. Pois são espirituais e julgam todas as coisas; são, contudo, humildes, para não serem rejeitados e julgados. Que há de peculiar ao Apóstolo? Não será o que ele menciona? Diz: "Nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância, na incredulidade" (1Cor 15,9; 1Tm 1,13).

7 7.9 Enfim, após estes versículos, nos quais fala o Espírito neste salmo: "Quem é semelhante ao Senhor nosso Deus, que habita nas alturas, mas vê o que é humilde no céu e na terra", o salmista querendo nos ensinar por que fala de coisas humildes no céu, tendo por essas expressões indicado os que já são grandes, espirituais e dignos dos tronos de juízes, logo acrescenta: "Ele levanta do pó o indigente e do estrume ergue o pobre, para colocá-lo entre os príncipes com os príncipes de seu povo". Não desdenham, portanto, serem cabeças humildes nas alturas, sob a direita do Senhor. Seja embora colocado como fiel dispensador dos bens do Senhor no meio dos príncipes do povo de Deus, embora deva se sentar num dos doze tronos e julgar até os anjos, é do pó que se levanta o indigente e do estrume que é erguido o pobre. Por acaso não foi erguido do estrume aquele que era escravo de vários desejos e prazeres? Mas talvez ao dizer isto, já não fosse indigente e pobre. Por que ainda geme oprimido, desejando revestir por cima da morada terrestre a habitação celeste? Por que, a fim de não se encher de soberba, foi-lhe dado um aguilhão na carne, um anjo de satanás que o espancava? (cf 2Cor 5,2; 12,7). Com efeito, está no alto, porque Deus nele habita, e tem aquele Espírito que sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus (cf 1Cor 2,10); portanto, está no céu; mas também no céu o Senhor vê o que é humilde.

8 Então, irmãos, se já ouvimos o que respeita às coisas humildes que estão no céu, erguidas do estrume, a fim de serem colocadas com os príncipes do povo, nada, por conseguinte, ouvimos acerca das coisas humildes que o Senhor vê na terra? De fato, poucos são os amigos do Senhor que hão de julgar com ele; muito mais os que estes amigos recebem nos tabernáculos eternos. Embora todo o monte de trigo pareça pouco em comparação com a palha separada, considerado em si mesmo é abundante. "Mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos de uma esposa" (Is 54,1); mais numerosos os filhos daquela que pela graça concebeu na velhice, do que os daquela que em idade juvenil se ligou pelo vínculo matrimonial. Digo, na verdade, que concebeu na velhice, considerando Sara, nossa mãe, com o único filho Isaac, mãe dos fiéis de todos os povos. Vede a mãe que se encontra em Isaías; parece que não é a mãe absolutamente, nem tenha dado alguém à luz. E no entanto que se lhe diz? "Os teus filhos, de que foste privada, ainda dirão aos teus ouvidos: O espaço é muito estreito para nós, arranja-nos lugar para que tenhamos onde morar. Então dirás no teu coração: Quem deu à luz todos estes? Pois eu estava sem filhos e viúva. Quem os criou? Eu tinha sido deixada só. Onde, então, estavam estes?" (Is 49,20.21). A Igreja assim fala, em nome daquela parte a que

parece nada disso tocar, constituída das multidões que não abandonaram tudo para seguir o Senhor e que não hão de sentar nos doze tronos. Mas quantos deles adquirem amigos com as riquezas da iniqüidade, por meio das obras de misericórdia e estarão à direita? Portanto, o Senhor não somente os ergue do estrume para os colocar entre os príncipes de seu povo, mas ainda "faz habitar a estéril em casa, mãe e feliz com seus filhos", ele que habita nas alturas, e vê o que é humilde no céu e na terra, a descendência de Abraão como as estrelas do céu, santidade sublime colocada nos tronos celestes, e como a areia na praia do mar, multidão misericordiosa e inumerável, separada da amargura dos ímpios e das ondas sinistras.

SALMO 113

I SERMÃO

1 1.6 Caríssimos irmãos! Efetivamente lemos e nos é bem notória a narrativa do livro do Êxodo (cf Ex 14,22), acerca do povo de Israel: que foi libertado da iníqua dominação dos egípcios e atravessou a pé enxuto as águas divididas do mar. Também lemos sobre o rio Jordão (cf Js 3,15-17), quando através dele o povo entrou na terra prometida, que, no momento em que os pés dos sacerdotes portadores da arca do Senhor o tocaram, ele reteve a queda impetuosa das águas superiores e deixou correr para o mar as da parte inferior, e enquanto os sacerdotes se mantinham parados, todo o povo passou pelo leito seco. Conhecemos os fatos. Mas, não devemos pensar que nesse salmo, a que respondemos agora pronunciando e cantando o Aleluia, quis o Espírito Santo recordássemos os feitos do passado, sem cogitarmos algo de semelhante no futuro. "Essas coisas", declara o Apóstolo, "lhes aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução, para nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos" (1Cor 10,11). Se ouvirmos as palavras do salmo: "quando Israel saiu do Egito e a família de Jacó do meio de um povo bárbaro, a Judéia tornou-se o seu santuário e Israel o seu domínio; o mar o viu e fugiu e o Jordão retrocedeu", não julguemos serem contados fatos passados, mas antes serem preditos eventos futuros. Os milagres operados em favor daquele povo eram então reais, mas simbolizavam eventos futuros. Por isso, aquele que ao salmodiar predizia esses feitos, traduzia em palavras o mesmo que os fatos realizavam, porque um só e mesmo Espírito operava aquelas ações e inspirava estas palavras, de tal sorte que era prenunciado por meio de figuras de palavras e fatos o que estava reservado para se manifestar no fim dos séculos. O salmista não narra exatamente o que aconteceu, mas alguns pontos diferem do que lemos, para que não pensássemos estar ele a relembrar o passado, antes estar a predizer o futuro. Em primeiro lugar, o Jordão não retrocedeu, mas lemos que pararam as águas da parte superior, enquanto o povo atravessava; em seguida, não lemos terem os montes e colinas saltado. Ele não só acrescentou isto, mas até o repetiu. Pois, tendo dito: "O mar o viu e fugiu e o Jordão retrocedeu", prossegue: "Os montes saltaram como carneiros, e as colinas, como cordeiros" e ainda pergunta com as mesmas palavras: "Que tens, ó mar, para fugires? E tu, Jordão, por que retrocedeste? Montes, por que saltastes como carneiros, e vós, colinas, como cordeiros?"

2 Atendamos aos avisos que nos são dados; porque aqueles feitos foram figuras para nós, e as palavras nos exortam a nos reconhecermos neles. Se guardarmos com firmeza de coração a graça de Deus que nos é dada, somos Israel, descendência de Abraão; diz-nos o Apóstolo: "Então sois descendência de Abraão" (Gl 3,29). Conforme diz ele também em outra passagem: Para Abraão a "fé foi levada em conta de justiça; não foi quando estava circuncidado, mas quando ainda era incircunciso; e recebeu o sinal da

circuncisão como selo da justiça da fé, que ele tinha quando incircunciso. Assim ele se tornou pai de todos aqueles que crêem, sem serem circuncidados, para que a ele também seja atribuída a justiça; e pai dos circuncisos, que não só receberam a circuncisão, mas que também seguem a trilha da fé que teve Abraão, nosso pai, quando ainda incircunciso". Não se tornou pai apenas dos carnalmente circuncisos, tendo-lhe sido dito: "Eu te constitui pai de muitos povos" (Rm 4,9-17). "Muitos", não, porém, de alguns, mas de todos; isto foi a ele claramente declarado: "Em ti serão abençoadas todas as nações" (Gn 22,18). Por conseguinte, nenhum cristão se julgue excluído do nome de Israel. Estamos unidos na pedra angular àqueles judeus que acreditaram, em cujo número encontram-se principalmente os apóstolos. Daí vem que o Senhor afirme em outro lugar: "Mas tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; devo conduzi-las também, e haverá um só rebanho e um só pastor" (Jo 10,16). Portanto, o povo cristão principalmente constitui o povo de Israel, e é antes ele que formam a casa de Jacó. De fato, Israel identifica-se com Jacó. Quanto à multidão dos judeus, que devido a sua perfídia foi reprovada, vendeu por um prazer carnal a sua primogenitura, que pertencia antes a Esaú e não a Jacó (Gn 25,33). Conheceis o que foi dito a respeito deste mistério: "O mais velho servirá ao menor" (Gn 25,23; Rm 9,13).

3 Quanto ao Egito, que significa aflição, ou aquele que aflige ou oprime, muitas vezes é imagem deste mundo, do qual espiritualmente devemos nos apartar, para não formarmos parelha com os infiéis (cf 2Cor 6,14). Assim, pois, faz-se cidadão idôneo da Jerusalém celeste quem primeiro tiver renunciado a este mundo, conforme também o povo hebreu não pôde ser levado à terra da promissão antes de se afastar do Egito. Mas, como ele não pôde partir dali, a não ser libertado por auxílio divino, assim ninguém renuncia de coração a este mundo, se não for ajudado por um dom da divina misericórdia. Realiza-se agora em cada fiel dos que nascem diariamente na Igreja, neste período final do mundo, nesta última hora, conforme escreve são João, aquilo que ali foi prefigurado outrora. Ouvi o Apóstolo, doutor dos gentios a ensinar e instruir: "Não quero que ignoreis, irmãos, que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar, e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés. Todos comeram o mesmo alimento espiritual, e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo. Apesar disso, a maioria deles não agradou a Deus, pois caíram mortos no deserto. Ora, esses fatos aconteceram para nos servir de exemplo" (1Cor 10,1-6). Que quereis ainda, irmãos caríssimos? Certamente, isso é claro, não por opinião humana, mas devido a um magistério apostólico, isto é, magistério de Deus e do Senhor; pois Deus falava neles, e apesar de ser através de nuvens materiais, era contudo o Senhor que fazia ouvir sua voz; sem dúvida, é evidente, devido a tão grande testemunho, que tudo aquilo se realizou figuradamente, e que agora se cumpre para nossa salvação; porque então se prenunciavam eventos futuros, agora se lêem fatos passados e se reconhecem acontecimentos presentes.

4 Escutai agora coisa mais admirável. Alguns fatos ocultos e velados nos mistérios dos livros antigos, são revelados parcialmente nesses livros antigos. Pois, assim fala o profeta

Miquéias: “Como nos dias de sua saída do país do Egito, mostrar-lhes-ei maravilhas! As nações verão e se envergonharão apesar de todo o seu poderio; que ponham a mão na boca, e seus ouvidos fiquem surdos. Que lambam o pó como a serpente, como os animais que rastejam pela terra. Que saiam tremendo de suas fortalezas, em direção ao Senhor nosso Deus, que eles tenham medo diante de ti. Qual deus é como tu, que tira a culpa e perdoa o crime ao resto de tua herança? Que não guarda para sempre a sua ira, porque prefere a misericórdia? Novamente ele nos manifestará a sua misericórdia, e lançará no mar as nossas faltas, lançará no fundo do mar todos os nossos pecados” (Mq 7,15-19). Indubitavelmente percebeis, irmãos, que se revelam aqui mais claramente mistérios sagrados. O presente salmo, portanto, embora se trate de uma admirável profecia do Espírito acerca do futuro, parece contudo estar narrando fatos passados. “A Judéia se tornou o seu santuário; o mar o viu e fugiu”. Tornou-se, viu e fugiu: são verbos no tempo passado; sem preconceito, porém, entendem-se eventos futuros. De outra forma, contra o testemunho do evangelho somos obrigados a entender que as seguintes palavras não são prenúncios do futuro, mas lembrança do passado: “Dividiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes” (Sl 21,19). Apesar de estarem os verbos no pretérito, prenunciavam contudo o que se cumpriria tanto tempo depois, na paixão do Senhor. No entanto, caríssimos, o profeta que citei, poliu os corações grosseiros, e prolongou sem dúvida o conhecimento dos fatos passados até o futuro. Assim, acreditemos não somente por causa da autoridade do Apóstolo que esses feitos eram figuras para nós (mas nem por isso foram omitidos pelos próprios profetas), de tal sorte que vendo e nos alegrando diante de sua palavra reveladora, tiremos certos e seguros, do tesouro de Deus, coisas novas e velhas, concordes e coerentes entre si. Apesar de ter o salmista cantado o salmo tanto tempo após a saída do povo hebreu do Egito, e tanto tempo antes da época atual da Igreja, entretanto atesta sem dúvida alguma que ele predizia o futuro. “Como nos dias de sua saída do país do Egito, mostrar-lhes-ei maravilhas! As nações verão e se envergonharão”. É isto que diz aqui o salmo: “O mar o viu e fugiu”; se aqui, pelos verbos no pretérito, como: “viu” e “fugiu” ocultamente se predizem fatos futuros, certamente quando os verbos: “verão” e se “envergonharão”, verbos no futuro, quem ousará pensar em fatos passados? E pouco depois, indica, sob luz meridiana, que nossos delitos, como os egípcios que submergiram no mar, foram imersos e apagados no batismo, dizendo: “Prefere a misericórdia”. Novamente “ele nos manifestará a sua misericórdia, e lançará no mar as nossas faltas, lançará no fundo do mar todos os nossos pecados”.

5 E então, caríssimos irmãos? Vós que reconheceis serdes israelitas segundo a descendência de Abraão, que sois da casa de Jacó, herdeiros segundo a promessa, considerai que saístes do Egito, que renunciastes a este mundo, saístes do meio de um povo bárbaro, vos apar-tastes pela confissão cheia de piedade das blasfêmias dos gentios. Pois, não é a vossa língua e sim uma língua bárbara, que não sabe louvar a Deus, ao qual cantastes o Aleluia. De fato, a “Judéia tornou-se o seu santuário em vós. Pois o verdadeiro judeu não é aquele que como tal aparece externamente, nem é verdadeira circuncisão a que é visível na carne; mas é judeu aquele que o é no interior e a

verdadeira circuncisão é a do coração” (Rm 2,28.29). Interrogai, portanto, os vossos corações; se a fé os circuncidou, se a confissão os purificou, “em vós a Judéia tornou-se o seu santuário”, em vós “Israel o seu domínio”. Pois ele vos deu o poder de vos tornardes filhos de Deus (cf Jo 1,12).

6 Então, lembre-se cada um de vós, querendo unir seu coração a Deus e a seu suave jugo, e afastando-se dos antigos desejos do tempo de sua ignorância, de submeter-lhe um ânimo devoto e abandonando; rejeitando os atos carnais deste mundo (quando sem fruto labutava, de maneira parecida à fabricação de tijolos no Egito, sob o duro domínio do diabo), ouça a voz do Senhor que chama: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso” (Mt 11,28). Lembre-se, portanto, cada um de vós, como cessaram todos os impedimentos mundanos, como as vozes dos que vos dissuadiam nem ousaram mais irromper, ou se calaram, considerando com tremor que o nome de Cristo está exal-tado e honrado por todas as terras. Por conseguinte: “O mar o viu e fugiu”, de tal sorte que o caminho se abrisse para ti sem contradição, em vista da liberdade espiritual.

7 Como foi, porém, que “o Jordão retrocedeu”, não o procureis fora de vós mesmo, nem suspeiteis algo de mal. O Senhor repreende os que voltaram para ele as costas e não a face (cf Jr 2,27). E todo aquele que abandona seu princípio e se aparta de seu Criador, cai na malícia cheia de amargura deste mundo, como o rio entra no mar. Seria um bem para ele retroceder, e voltar a face para Deus, a quem ele voltara as costas. Fique para trás o mar deste século, que tivera diante de si quando nele caía; e assim se esqueça do que ficou para trás e avance para o que está adiante (cf Fl 3,13); será isto útil ao convertido. De fato, antes de se converter, se ele se esquece do que ficou para trás, esquece-se de Deus, porque ele lhe voltara as costas, e o deixara para trás; e se avança para o que está adiante, avança para o mundo, porque voltara para ele a face, enquanto avidamente penetrava nele. O Jordão, portanto, figura aqueles que receberam a graça do batismo; e deste modo o Jordão retrocede, ao se converterem eles para Deus, de tal sorte que já não o tenham atrás, mas com a face descoberta, refletindo como num espelho a glória do Senhor, são transfigurados nessa mesma imagem, de glória em glória (cf 2Cor 3,18).

8 “Os montes saltaram como carneiros”, os fiéis administradores da palavra da verdade, os santos apóstolos, os santos pregadores do evangelho. “E as colinas, como cordeiros”. São aqueles aos quais diz o Apóstolo: “Fui eu quem pelo evangelho vos gerou”; são aqueles aos quais foi dito: “Não vos escrevo tais coisas para vos envergonhar, mas para vos admoestar como a filhos bem-amados” (1Cor 4,15.14); a estes foi dito: “Trazei cordeirinhos ao Senhor (Sl 28,1). Observai como em todas as terras, vós que sabeis admirar estas coisas, e alegrar-vos cantando ao Senhor vosso Deus, observai como por todas as gentes essas coisas se realizam, tendo sido preditas e feitas em figuras tanto tempo antes.

9 Interrogai: “Que tens, ó mar, para fugires? E tu, Jordão, por que retrocedeste? Montes,

por que saltastes como carneiros, e vós, colinas, como cordeiros?" Por que motivo, ó mundo, cessaram teus impedimentos? Por que vós, tantos milhares de fiéis em todo o orbe, renunciastes a este mundo, e vos convertestes a vosso Senhor? Por que vos alegrais, visto que no fim vos será dito: "Muito bem, servo bom e fiel! Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei?" Qual a razão de vos alegrardes vós aos quais se dirá no fim: "vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo"? (Mt 25,21.34).

10 Todas essas coisas vos serão respondidas, e vós mesmos havereis de vos responder: "Tremeu a terra ante a face do Senhor, ante a face do Deus de Jacó". Que é a "face do Senhor" senão a presença daquele que disse: "Eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos"? (Mt 28,20). A terra, efetivamente, tremeu; mas como estava indolente, foi abalada, para se firmar mais solidamente ante a face do Senhor.

11 8 "Que converteu a pedra em tanques de águas e a rocha em fontes de águas". Liquefez a si mesmo e certa dureza sua para irrigar seus fiéis, a fim de se tornar neles uma fonte de água que brota para a vida eterna. Antes, quando era desconhecido, parecia duro. Daí provém que eles se perturbaram e não esperaram até que, depois de reveladas as Escrituras, as águas corressem e os inundassem; e disseram: "Essa palavra é dura! Quem pode escutá-la"? (Jo 6,61). Esta pedra, esta dureza se converteu em tanques de águas, e esta pedra em fontes de águas, quando o Senhor ressuscitado expôs-lhes, a começar por Moisés, através de todos os profetas, que era necessário que Cristo assim sofresse (cf Lc 24,27.26); e enviou o Espírito Santo, do qual ele dizia: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba" (Jo 7,37).

12 9.1 "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a glória". Efetivamente, esta graça da água que brotou da pedra (e "essa rocha era Cristo" - 1Cor 10,4). Não foi dada por causa de obras que a houvessem precedido, mas por misericórdia daquele que justifica o ímpio (cf Rm 4,5). De fato, Cristo morreu pelos ímpios (cf Rm 5,6), a fim de que os homens não procurassem a própria glória, mas buscassem a glória do nome de Deus.

13 10.2 "Pela tua misericórdia e pela tua verdade". Notai que nas Sagradas Escrituras é freqüente estarem unidas essas duas coisas, a misericórdia e a verdade. Deus, com efeito, em sua misericórdia chamou os ímpios e em sua verdade julga aqueles que tendo sido chamados não quiseram vir. "Para que não digam as nações: Onde está o seu Deus?" Por fim, aparecerão sua misericórdia e sua verdade, quando aparecer no céu um sinal do Filho do homem e então chorarão todas as tribos da terra, que não dirão: "Onde está o seu Deus?" pois então já não será anunciado para que elas acreditem, mas mostrar-se-á terrível.

14 11.3 "Mas nosso Deus está nos altos céus". Não está no céu onde se vêem o sol e a lua, obras de Deus que eles adoram, mas "nos altos céus", que ultrapassam todos os corpos celestes e terrestres. Mas Deus não se encontra no céu de tal modo que se fosse retirado o céu, ele receasse uma queda, ficando sem apoio. "Fez tudo que lhe aprou-ve

no céu e na terra”. Ele não precisa de suas obras para ter onde permanecer; mas persiste em sua eternidade, e permanecendo nela fez tudo que lhe aprouve no céu e na terra. Nem as criaturas o sustentavam, a fim de serem feitas por ele, pois não poderiam sustentá-lo sem serem criadas. Por conseguinte, ele contém como necessitadas dele as coisas onde se encontra, mas não está circunscrito por elas como se delas precisasse. Ainda que se entenda neste sentido: “Fez tudo que lhe aprouve no céu e na terra”, contudo, ele estabeleceu por sua graça e sua vontade os príncipes e igualmente os súditos de seu povo, tendo em vista que ninguém se glorie dos méritos de suas obras; quer os montes saltem como carneiros, quer as colinas como cordeiros, tremeu a terra ante a face do Senhor, a fim de que não ficassem eles para sempre no meio das impurezas terrenas.

II SERMÃO

1 9/1 12/4 Talvez um exame atento não descubra nos salmos senão um só estilo de composição de tal forma que não exista salmo que não possa unir-se ao precedente. Consideremos, contudo, o presente salmo como sendo um só com o antecedente. Pois, como no primeiro foi dito: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a glória, pela tua misericórdia e pela tua verdade, para que não digam as nações: Onde está o seu Deus?” Visto que adoramos a um Deus invisível, em nada notório aos olhos corporais, mas somente a poucos homens de corações muito puros, a ponto de poderem as nações perguntar: Onde está o seu Deus? porque elas podem apresentar aos olhos dos outros os seus deuses, o salmista primeiro declara que através das obras podemos nós experimentar a presença de nosso Deus, porque, embora esteja “nos altos céus, fez tudo que lhe aprouve no céu e na terra”. Como se dissesse: Mostrem-nos as nações os seus deuses, acrescenta: “Os ídolos das nações são prata e ouro, obras das mãos dos homens”, isto é, apesar de não podermos apresentar a vossos olhos carnais o nosso Deus, que devíeis conhecer através de suas obras, não vos deixeis seduzir pelos ídolos vãos, porque podeis apontar com o dedo os simulacros que adorais. Com efeito, seria muito mais decoroso não terdes o que mostrar do que demonstrar a cegueira de vossos corações por meio daquilo que exibis aos olhos carnais; de fato, que nos apresentais senão ouro e prata? Na verdade, existem também simulacros de bronze, de madeira e de barro, de variados materiais; mas o Espírito Santo preferiu mencionar o mais precioso deles, porque se alguém se envergonha do mais precioso, muito mais facilmente deixará de venerar o mais vil. Efetivamente, foi dito noutra passagem das Escrituras a respeito dos adoradores dos simulacros: Dizem à madeira: “Tu és meu pai! e à madeira: Tu me geraste!” (Jr 2,27). Mas, a fim de que ninguém se julgue mais prudente por não se dirigir assim à madeira e à pedra, mas ao ouro e à prata, verifique, dê atenção com o ouvido do coração ao seguinte: “Os ídolos das nações são prata e ouro”. O salmista não mencionou coisa abjeta e desprezível. Todavia, ouro e prata são terra para a alma que não é terra; apenas são metais mais belos, brilhantes, mais sólidos e firmes. Não o toque mão

humana, para fabricar um deus falso do metal criado pelo verdadeiro Deus; ainda mais, fabricar um homem falso para venerá-lo em lugar do verdadeiro Deus. Se alguém o quisesse ter por amigo em vez de um homem real, estaria louco. A semelhança da forma humana e a imitação do conjunto dos membros, por certo afeto inferior conduz e arrebata os corações fracos dos mortais. Mas, se mostras cada um dos artefatos, apresenta igualmente as funções de cada um, cuja efígie, ó vaidade humana, te atrai.

2 13/50-15/7 Pois, "têm boca e não falam; olhos e não vêem. Têm ouvidos e não ouvem, nariz e não cheiram. Têm mãos e não possuem tato, têm pés e não andam. Com a garganta não emitem clamores". Por isso, o artífice é melhor do que eles, porque os fabricou mexendo seus membros e deles se servindo; contudo, terias vergonha de adorar o artífice. Também tu és melhor do que os ídolos, mesmo que não os tenhas feito, porque fazes o que eles não podem fazer. O animal igualmente é melhor. Foi isso que acrescentou o salmista: "Com a garganta não emitem clamores". De fato, tendo dito mais acima: "Têm boca e não falam" que necessidade havia, depois de nomeados os membros da cabeça aos pés, de repetir os clamores emitidos pela garganta, a não ser, creio eu, que percebemos serem comuns a homens e animais o que mencionava dos demais membros? Pois, também os animais vêem, ouvem, têm olfato, andam e alguns, como os macacos, pegam com as mãos. Só o que dissera sobre a boca é próprio do homem; porque os animais não falam. Para evitar que alguém referisse apenas às funções dos membros humanos o que fora dito, e antepusesse somente os homens aos deuses dos gentios, no final de tudo prossegue: "Com a garganta não emitem clamores", o que ainda é comum a homens e animais. Se tivesse dito primeiro, quando começou da boca a percorrer os membros: Têm boca e não clamam, teria referido tudo à natureza humana, e o ouvinte não advertiria com facilidade que se tratava de algo comum com as feras. Como, porém, nomeou a boca, que é própria do homem e depois da enumeração das partes do corpo que parecia terminar uma vez incluídos os pés, acrescentou: "com a garganta não emitem clamores", com isso, despertou a atenção do leitor ou do ouvinte, e enquanto ele se pergunta por que esse acréscimo, descobrirá uma advertência a antepor aos ídolos dos gentios não somente os homens mas também os animais, de tal forma que se ele se cora de adorar um animal, que Deus criou vendo, ouvindo, cheirando, apalpando, andando, clamando com sua garganta, verificasse como era vergonhoso adorar um simulacro mudo, desprovido de vida e sensibilidade. Este ídolo teria a semelhança dos membros humanos de tal sorte que a alma entregue aos sentimentos carnais, dedicasse afeto a ele como se tivesse uma forma viva e animada, porque via ter membros que em seu próprio corpo são vivos e animados. Melhor, portanto, fazem igualmente os ratos e as serpentes e outras espécies de animais que, se assim se pode dizer, julgam os simulacros dos gentios, porque não percebendo neles vida humana, não cuidam de sua figura humana. De fato, muitas vezes, fazem neles os seus ninhos, e se os homens não os tocam, não procuram uma morada mais segura. Por isso movimenta-se o homem, para expulsar de seu deus um animal vivo; e adora-o como poderoso enquanto o ídolo não se move e o homem dele espanta o animal que é melhor. Espanta de um ídolo cego o animal que vê, de um surdo o que ouve, de um mudo o que grita, de um ídolo imóvel o animal que

anda, de um insensível aquele que sente, de um morto o ser vivo, ou antes de algo pior do que um morto. É evidente que o morto não tem vida, mas é claro que antes vivia. Por isso, sem dúvida, o animal morto é melhor do que o deus que não vive, nem viveu.

3 Que pode ser mais claro, caríssimos irmãos? Que há de mais evidente? Qual o menino que, interrogado, não responda que certamente "os ídolos das nações têm boca e não falam, olhos e não vêem" e o restante, descrito pela palavra divina? Por que, então, o Espírito Santo, em tantos lugares da Escritura procura insinuar e inculcar estas verdades como se todos não soubessem, como se não fossem elas muito claras e conhecidas? A não ser que acarrete uma afeição imunda ao erro começarem as multidões a honrar e cultuar as belas formas dos membros que costumamos ver naturalmente vivos nos animais e sentimos que vivem em nós, embora se assegure constituírem apenas um sinal os ídolos fabricados e colocados sobre um pe-destal. Assim, visto que não se encontra naquela estátua movimento algum de vida, acredita-se que nela existe uma divindade oculta. Seduzido pela forma e abalado pela autoridade de mestres em aparência sábios e das multidões que os seguem, pensa alguém que estátua tão semelhante a um corpo vivo, não pode deixar de ter um ser vivo que a habite. Assim também esse afeto dos homens estimulam os demônios perversos a tomarem posse dos ídolos dos gentios. Sob a direção deles, e por várias falácias são semeados e se multiplicam erros mortíferos. Contra isso mostram-se vigilantes as Sagradas Letras, em outras passagens. Não retruque alguém, ao serem ridicularizados os ídolos: Não adoro a este simulacro visível, mas a divindade que o habita invisivelmente. Ora, em outro salmo, a Escritura assim condena essas divindades: "Porque os deuses das nações são demônios. Mas o Senhor fez os céus" (Sl 95,5). Diz também o Apóstolo: "Que quero dizer com isso? Que os ídolos mesmos sejam alguma coisa?" Não! Mas "aquilo que os gentios imolam, eles o imolam aos demônios, e não a Deus. Ora, não quero que entreis em comunhão com os demônios" (1Cor 10,19.20).

4 Julgam ter uma religião mais pura os que dizem: Não adoro um ídolo, nem um demônio; mas considero a efígie corporal como um sinal daquilo que devo adorar. Assim interpretam os simulacros, de forma que dizem que um representa a terra, e costumam dar a seu templo o nome da terra; outro figura o mar, como o ídolo de Netuno; outro o ar, como o de Juno, outro o fogo, como o de Vulcano; outro a estrela d'alva, como o de Vênus; outro o sol, outro a luz, a cujos simulacros dão o mesmo nome, como o da terra; outro esta ou aquela estrela, esta ou aquela criatura; ora, não podemos enumerar a todos. Se começarem a ser atacados a respeito deles, porque adoram corpos, principalmente a terra, o mar, o ar e o fogo, de que fazemos uso ime-diato (pois não se envergonham tanto em relação aos corpos celestes, porque não podemos tocá-los e atingi-los corporalmente, a não ser os seus raios que apreendemos com os olhos), ousam responder que não adoram os mesmos corpos, e sim as divindades que os presidem e governam. Por isso, uma só sentença do Apóstolo atesta o castigo e a condenação deles: "Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador, que é bendito pelos séculos" (Rm 1,25). Com efeito, na primeira parte

desta sentença, condenou os ídolos; na segunda, porém, as interpretações dos simulacros; pois denominando as efígies feitas pelo ferreiro com os nomes das coisas criadas por Deus, trocam a verdade de Deus pela mentira; considerando e venerando, contudo, as criaturas como deuses, servem antes a criatura do que o Criador, que é bendito pelos séculos.

5 Efetivamente, quem adora ou reza a olhar o ídolo que não tenha a sensação de ser ouvido por ele e espere que lhe dê o que deseja? Por isso, os homens presos a tais superstições, muitas vezes voltam as costas ao sol, e fazem preces à estátua que chamam de sol; e ao ouvirem o ruído das ondas do mar que lhes chega por detrás, adoram a estátua de Netuno em lugar do próprio mar, lançando gemidos como se ela os ouvisse. É isto o que faz e de certa maneira extrai aquela figura dos membros humanos. O espírito que mostra vida nos sentidos corporais, julga que apreende melhor o corpo bem semelhante ao seu do que o sol redondo e as ondas difusas e tudo mais que não é formado com as mesmas linhas que costuma verificar nos seres vivos. Contra este sentimento, que facilmente prende a fraqueza humana e carnal, a Escritura de Deus canta fatos muito conhecidos, com os quais relembra e de certa maneira desperta as mentes humanas, adormecidas em seus hábitos corporais. “Os ídolos das nações são prata e ouro”. Mas Deus fez a prata e o ouro. “Obras das mãos dos homens”, diz o salmo. Eles adoram o que eles mesmos fizeram de ouro e prata.

6 Mas também nós temos muitos instrumentos e vasos deste material ou metal que usamos para celebração dos sacramentos e são chamados sagrados porque consagrados por este mesmo ministério, em honra daquele que servimos assim em prol de nossa salvação. E estes instrumentos ou vasos que são a não ser obras das mãos dos homens? Todavia, têm boca e não falam? Têm olhos e não vêem? Por acaso dirigimos-lhes súplicas, porque por meio deles suplicamos a Deus? A causa principal de ser aquilo uma louca impiedade é que mais vale para os sentimentos daqueles infelizes a forma semelhante a de um ser vivo, que os leva a dirigir-lhe súplicas, do que a evidência de que não se trata de um ser vivo e que deve ser desprezado por um ser que tem vida. Pois, mais vale para curvar a alma infeliz diante do ídolo o fato de ter boca, de ter olhos, de ter ouvidos, de ter nariz, de ter mãos, de ter pés do que serve para corrigi-la a verificação de que não fala, não vê, não ouve, não cheira, não apalpa, não anda.

7 16/8 Conseqüêntemente, acontece o que vem em seguida neste salmo, a saber, “semelhantes a eles sejam os que os fazem, e todos os que neles confiam”. Vejam, portanto, eles com os olhos abertos e sensíveis, e adorem com as mentes fechadas e mortas os ídolos que não vêem nem vivem.

8 17/9-19/11 “No Senhor confiou a casa de Israel. Ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos” (Rm 8,24.25). Mas, para que perdure até o fim a paciência, “ele é seu amparo e protetor”. Acaso os homens espirituais (que instruem os carnais com espírito de mansidão, porque eles, como superiores, suplicam pelos inferiores) já vêem, e já

possuem a realidade do que os inferiores ainda têm em esperança? Não é assim; pois também "no Senhor confiou a casa de Aarão". Por conseguinte, a fim de que também eles com perseverança avancem para o que está adiante e com perseverança corram até que apreendam aquilo que os prendeu e conheçam como são conhecidos, "ele é seu amparo e protetor". Pois, ambos "temem o Senhor e confiaram no Senhor. Ele é seu amparo e protetor".

9 20/12 21/13 Com efeito, os nossos méritos não precederam a misericórdia do Senhor, mas "o Senhor se lembrou de nós e nos abençoou. Abençoou a casa de Israel, abençoou a casa de Aarão". Mas, abençoando a ambos: "Abençoou a todos os que temem o Senhor". Perguntas quem são estes dois, e obtens a resposta: "Pequenos e grandes". Isto é, a casa de Israel com a casa de Aarão; na verdade, aqueles do povo judaico que acreditaram em Jesus como salvador; porque nem todos eles agradaram a Deus (1Cor 10,5). "E o que acontece se alguns deles negaram a fé? A infidelidade deles não irá anular a fidelidade de Deus? De modo algum"! (Rm 3,3). "Nem todos os que descendem de Israel são Israel, como nem todos os descendentes de Abraão são seus filhos" (Rm 9,6.7). Mas, conforme está escrito: "O resto é que será salvo" (Rm 9,27.29). Diz-se em nome daqueles dentre eles que acreditaram: "Se o Senhor dos exércitos não nos tivesse preservado um germe, teríamos ficado como Sodoma, teríamos ficado como Gomorra" (Rm 9,29). Trata-se de um germe, porque espalhado pelas terras multiplicou-se.

10 2/14 Os grandes da casa de Aarão disseram, pois: "O Senhor vos multiplique, a vós e a vossos filhos". E assim se fez: das pedras foram suscitados filhos de Abraão que se aproximaram (cf Mt 3,9); achegaram-se as ovelhas que não eram daquele redil, para haver um só rebanho e um só pastor (cf Jo 10,16); acrescentou-se a fé de todos os povos, e aumentou não somente o número dos sábios antís-tites, mas ainda dos povos obedientes, porque o Senhor multiplicou não só os pais que precederam em Cristo, os outros que haveriam de imitá-los, mas também os filhos, que deviam seguir as piedosas pegadas de seus pais. Com efeito, assim se exprime aquele Apóstolo aos que ele gerara em Cristo pelo evangelho: "Sede meus imitadores como eu o sou de Cristo" (1Cor 4,15.16). O Senhor multiplicou não apenas os montes que saltaram como carneiros, mas igualmente as colinas que saltaram como cordeiros.

11 3/15 4/16 Além disso, o profeta diz a ambos, pequenos e grandes, montes e colinas, carneiros e cordeiros o seguinte: "Sede abençoados pelo Senhor, que fez o céu e a terra". Parece dizer: Sede abençoados pelo Senhor, que vos fez céus nos grandes, terra nos pequenos; mas não o céu visível, cheio de luzeiros perceptíveis a esses olhos corporais. "Pois, o céu dos céus é para o Senhor" que de tal forma elevou e sublimou as mentes de alguns santos que não foram instruídos por homem algum e sim pelo seu próprio Deus. Em comparação a este céu tudo o que os olhos carnais percebem deve-se denominar terra, que "ele deu aos filhos dos homens". Assim, se a considerarmos, quer da parte que ilumina de cima, como é a denominada céu, quer da parte de baixo que é iluminada, a qual propriamente se chama terra, o todo, segundo mencionamos, em comparação com o que tem o nome de céu dos céus, é terra. Por conseguinte, toda essa "terra, ele a deu aos

filhos dos homens". Considerando-a, na medida do possível, façam uma idéia do Criador, que os corações fracos, sem este auxílio da reflexão, não podem ver.

12 Existe outro sentido destas palavras, que não devo dissimular: "O céu dos céus é para o Senhor, mas a terra, ele a deu aos filhos dos homens". A intenção não se aparte do que dissemos. Faláramos que grandes e pequenos representavam o que logo foi acrescentado: "Sede abençoados pelo Senhor, que fez o céu e a terra". Se sob o nome de céu entendemos os grandes, e da terra os pequenos, uma vez que os pequenos crescendo virão a ser céu, e nesta esperança se nutrem de leite, assim os grandes são céu da terra ao alimentarem os pequenos, e acreditem que são céu dos céus enquanto refletem na esperança que nutre os pequenos. Todavia, como eles colhem a sinceridade e abundância da sabedoria não de um homem, mas do próprio Deus, acolheram os pequenos que, na verdade, se transformarão em céu de tal modo que eles pró-prios saibam que são céu dos céus; no entanto são ainda terra, à qual digam: "Eu plantei, Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer" (1Cor 3,6). Aquele que sabe prover à terra por meio do céu, deu a terra para ser trabalhada aos mesmos filhos dos homens que ele transformou em céu. Permaneçam, portanto, o céu e a terra, unidos a seu Deus que os criou, e dele vivam, confessando-o e louvando-o; porque se quiserem viver por si mesmos, morrerão, conforme está escrito: "Para o morto, como se não existisse mais nada, o louvor acabou" (Eclo 17,28). Mas: "Não são os mortos que louvam o Senhor, nem os que baixam à região dos mortos". Clama tua Escritura em outra passagem: "O ímpio, quando desceu ao fundo do abismo do pecado, zomba" (Pr 18,3). "Mas nós que vivemos, bendizemos o Senhor agora e para sempre".

SALMO 114

SERMÃO AO POVO

1 1 “Amo ao Senhor porque ele ouvirá a minha voz suplicante”. Assim cante a alma, peregrina longe do Senhor, cante a ovelha desgarrada, cante aquele filho que estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi reencontrado (cf Lc 15,24), cante nossa alma, irmãos e filhos caríssimos. Aprendamos e permaneçamos, e cantemos estas palavras com os santos: “Amo ao Senhor porque ele ouviu a minha voz suplicante”. Por acaso, o motivo de amarmos será porque o Senhor “ouvirá a minha voz suplicante?” Não o amaríamos antes porque ouviu, ou amaríamos para que ouça? Por que então: “amo, porque ele ouvirá?” Ou será porque a esperança costuma inflamar o amor, que ele disse amar por esperar que Deus há de ouvir sua voz suplicante?

2 2 Qual a base desta esperança? “Porque inclinou para mim o seu ouvido nos meus dias em que o invoquei”. Por conseguinte, amo, porque ele ouvirá; e ouvirá “porque inclinou para mim o seu ouvido”. Mas como hás de saber, ó alma humana, que Deus inclinou para ti seu ouvido, se não disseres: Creio? “Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas” (1Cor 13,13). Creste e por isso esperaste; esperaste e por isto amaste. Se perguntares por que a alma acreditou que Deus inclinou para ela seu ouvido, não responderá: Porque ele nos amou primeiro, “não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós? (Rm 8,32). Pois, como poderiam invocar aquele em que não creram?” diz o Doutor das gentes. “E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador? E como podem pregar se não forem enviados?” (Rm 10.14.15). Se vejo tudo isso feito em meu favor, como não acreditar que o Senhor inclinou para mim o seu ouvido? De tal modo ele nos manifestou seu amor que Cristo morreu pelo ímpios (cf Rm 5,8). Ao me anunciarem estas coisas os pés graciosos dos mensageiros que anunciaram a paz, que proclamaram boas novas, porque “todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo” (cf Is 52,7; Jl 3,5), acreditei que ele inclinou para mim seu ouvido, “nos meus dias em que o invoquei”.

3 3 Quais são os teus dias, porque disseste: “nos meus dias em que o invoquei?” Porventura naqueles em que veio a plenitude dos tempos, quando Deus enviou o seu Filho (cf Gl 4,4), que já havia dito: “No tempo favorável, eu te ouvi”, “e no dia da salvação vim em teu auxílio”? Ouviste da boca do pregador de pés graciosos que veio a ti: “Eis agora o tempo favorável. Eis agora o dia da salvação” (Is 49,8; 2Cor 6,2). Acreditaste e invocaste nos teus dias: “Senhor, livra a minha alma”. Na verdade, são estes dias; mas devo antes denominar meus dias os dias de minha miséria, os dias de minha mortalidade, os dias segundo Adão, cheios de labor e de suor, os dias segundo a antiga podridão. Pois, acho-me prostrado, “num lamaçal profundo” (Sl 68,3) e exclamei em outro salmo: “Eis que reduziste os meus dias à velhice” (Sl 38,6), e nestes “meus dias eu o invoquei”. Distam, de fato, os meus dias dos dias de meu Senhor. Dou-lhes a

denominação de meus dias, porque os fiz meus com a particular audácia que me levou a abandoná-lo. Uma vez que ele reina em toda parte, é onipotente e tudo domina, mereci o cárcere, isto é, as trevas da ignorância e os grilhões da mortalidade. “Nesses meus dias em que eu o invoquei”, porque eu também clamo em outro salmo: “Tira da prisão a minha alma” (141,8). E como no dia da salvação que me proporcionou ele me auxiliou, aceitou em sua presença os gemidos dos cativos. Nesses meus dias, “dores de morte me cercaram e perigos do inferno envolveram”. Se não estivesse desgarrado longe de ti não me alcançariam. Agora, porém, eles me encontraram, enquanto eu não os encontrava, porque me alegrava com a prosperidade mundana, na qual mais iludem os perigos do inferno.

4 4.5 Mas depois também eu “encontrei a tribulação e a dor e invoquei o nome do Senhor”. Desconhecia a tribulação e a dor proveitosa; a tribulação durante a qual presta auxílio aquele ao qual o salmista declara: “Dá-nos auxílio na tribulação; nada vale o socorro humano” (Sl 59,13). Ora, eu pensava que devia alegrar-me e exultar diante da vã salvação que o homem proporciona; mas como ouvisse de meu Senhor: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados” (Mt 5,5), não esperei perder os bens temporais nos quais me deleitava perversamente, para depois chorar; mas considerei a minha própria infelicidade de me deleitar nessas coisas que receava perder e não conseguia reter; observei-a intensamente e com fortaleza, e vi que não apenas me atormentavam as adversidades deste mundo, mas também me prendia a prosperidade; e assim “encontrei a tribulação e a dor latente e invoquei o nome do senhor. Senhor, livra a minha alma. Infeliz de mim!” Quem me libertará deste corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso” (Rm 7,24). Diga, pois, o santo povo de Deus: “Encontrei a tribulação e a dor e invoquei o nome do Senhor”, e ouçam as demais nações que ainda não invocam o nome do Senhor; ouçam e procurem a fim de encontrarem a tribulação e a dor, e invocarem o nome do Senhor e se salvarem. Não lhes falamos assim a fim de procurarem a miséria que não sofrem, mas para descobrirem a que têm sem o saberem. Nem lhes desejamos que lhes falte na terra o necessário, do qual precisam enquanto estão nesta vida mortal, mas para que lastimem terem merecido, após a perda da saciedade celeste, sofrer a falta dos bens necessários a sua subsistência e não gozar de bens estáveis. Reconheçam esta miséria e chorem-na. O Senhor não quis que eles fossem infelizes para sempre e os tornará felizes com este choro.

5 5.6 “O Senhor é misericordioso e justo e nosso Deus se compadece”. Misericordioso, justo e se compadece. “Misericordioso”, em primeiro lugar, porque inclinou para mim seu ouvido; e não saberia que meu Deus aproximou seu ouvido de minha boca, se não fosse incitado por aqueles pés graciosos a invocar o Senhor; pois quem o invoca a não ser aquele que ele chama primeiro? Conseqüentemente ele é em primeiro “lugar misericordioso”. É justo, porém, porque castiga; e ainda “se compadece” porque acolhe; pois, castiga todo filho que acolhe (cf Hb 12,6) e não devo considerar amargo seu castigo e sim suave sua acolhida. Como não há de castigar o Senhor que guarda “os pequenos”, se procura-os, quando grandes, para herdeiros? Qual é, com efeito, o filho que o pai não

educa? (cf Hb 12,7). “Fui humilhado e ele me salvou”. Salvou-me porque fui humilhado; a dor provocada pelo médico que opera não é penal, mas salutar.

6 7.8 “Volta, minha alma, a teu repouso, porque o Senhor te fez bem”, não por teus méritos, ou por tuas forças, e sim “porque o Senhor te fez bem. Preservou-me a alma da morte”. É admirável, caríssimos irmãos, que tendo dito que devia sua alma voltar ao repouso, porque o Senhor lhe fez bem, prossegue: “Preservou-me a alma da morte”. Então voltaria ao repouso, porque foi preservada da morte? Não se costuma antes dizer que a morte é repouso? Qual, enfim, é sua ação, se a vida é repouso e a morte desassosego? A ação da alma deve ser tal que tenda a uma segurança tranqüila e não que aumente um trabalho inquieto, porque preservou-a da morte aquele que dela se compadeceu e disse: “Vinde a mim todos os que estais consados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encon-trareis descanso para as vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11,30). Mansa, portanto, e humilde, como seguidora do caminho que é Cristo, deve ser a alma em ação que tende ao repouso, mas não preguiçosa e indolente, para que consuma a sua carreira, conforme está escrito: “Conduze teus negócios com doçura” (Eclo 3,17). Com efeito, para evitar que a mansidão levasse à preguiça, foi acrescentado: “Conduze teus negócios”. Não aconteça como nesta vida que o repouso do sono nos refaz para o trabalho, mas a ação boa leva a um repouso sempre vigilante.

7 Tudo isso nos concede, nos demonstra Deus, do qual diz o salmo: “Porque o Senhor me fez bem. Preservou-me a alma da morte, das lágrimas os olhos, da queda os pés”. Todo aquele que compreende o que significa o vínculo da carne, canta essas palavras para si mesmo, em esperança. Na verdade, foi dito: “Fui humilhado e ele me salvou”. Mas também é verdade o que disse o Apóstolo: “Pois fomos salvos em esperança” (Rm 8,24). Com razão, se declara já se ter realizado a morte da qual fomos preservados, de tal sorte que entendamos tratar-se da morte dos infiéis, conforme foi dito: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos” (Mt 8,22), e ainda a palavra do salmo anterior: “Não são os mortos que louvam o Senhor, nem os que baixam à região dos mortos. Mas nós que vivemos, bendizemos ao Senhor” (Sl 113,17). O fiel, pode, com razão, pensar que sua alma já está preservada de tal morte, pelo fato mesmo de ter passado de infiel a fiel; daí a palavra do próprio Salvador: Quem crê em mim, passa da morte à vida (cf Jo 5,24). O restante se realiza pela esperança naqueles que ainda não emigraram desta vida. Pois agora, enquanto ponderamos nossas perigosíssimas quedas, não cessam de correr as lágrimas de nossos olhos. Serão nossos olhos preservados das lágrimas quando nossos pés forem preservados das quedas. Não haverá queda alguma para os pés dos que caminham quando já não houver lugar escorregadio para a carne fraca. Agora, porém, embora seja firme nosso caminho que é Cristo, todavia estamos sujeitos à carne, que nos é ordenado domar. No próprio ato de a submeter e castigar, é grandioso não cair; mas quem pode nem ao menos escorregar?

8 8.9 Por isso, uma vez que estamos na carne e nela não estamos (pois estamos na carne

por aquele vínculo que ainda não se rompeu, porque “partir e ir estar com Cristo é muito melhor” [Fl 1,23]; não estamos, porém, na carne porque entregamos as primícias do espírito a Deus, se é que podemos dizer que “nossa cidade está nos céus” [Fl 3,20] e percebemos que, quanto à Cabeça agradamos a Deus, mas os pés, as extremas partes da alma, ainda resvalam) escuta como se refere à esperança o que aqui se canta como já sendo realizado: “Preservou-me das lágrimas os olhos, da queda os pés”. Todavia, ainda não diz o salmista: Sou agradável, mas: “Serei agradável ao Senhor na região dos vivos”, demonstrando suficientemente que ainda não agrada ao Senhor por aquela parte que está na região dos mortos, isto é, na carne mortal. “Pois os que estão na carne não podem agradar a Deus”. Donde se conclui, e diz o mesmo Apóstolo: “Vós não estais na carne”, de acordo com o seguinte: “o corpo está morto, pelo pecado, mas o Espírito é vida pela justiça”; segundo este, agradavam ao Senhor, porque então não estavam na carne. Quem pode agradar ao Deus vivo, num corpo morto? Mas que diz o Apóstolo? “Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós” (Rm 8,8-11). Então estaremos “na região dos vivos”, inteiramente agradáveis ao Senhor, e não de forma alguma peregrinos longe dele. “Enquanto habitamos neste corpo, estamos longe do Senhor, e na medida mesma em que peregrinamos, não nos achamos na região dos vivos. Sim, estamos cheios de confiança, e preferimos deixar a mansão deste corpo para ir morar junto do Senhor. Por isso também esforçamo-nos por agradar-lhe, quer permaneçamos em nossa mansão, quer a deixemos” (2Cor 5,6-9). Esforçamo-nos, na verdade, agora, porque ainda suspiramos pela redenção do nosso corpo (cf Rm 8,23); mas quando a morte for absorvida pela vitória, e este ser corruptível tiver revestido a incorrup-tibilidade, e este ser mortal tiver revestido a imortalidade (1Cor 5,54), então não haverá mais choro, porque não existirá queda alguma, e nenhuma queda porque não há nenhuma corrupção. E assim já nos esforçaremos por agradar-lhe, mas agradaremos inteiramente ao Senhor, na região dos vivos.

SALMO 115

SERMÃO AO POVO

1 Acredito que é bem notório a V. Santidade o que disse o Apóstolo: “Nem todos têm fé” (2Ts 3,2); e que costuma ser maior a multidão dos infiéis, também não o ignorais; daí a pergunta: “Senhor, quem acreditou em nossa pregação”? (Is 53,1; cf Rm 10,16). Entre esses enumeram-se os mencionados pelo mesmo Apóstolo: “Procuram atender os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo” (Fl 2,21). Em outro trecho fala que eles pregam a palavra de Deus, não por amor à verdade, mas com segundas intenções, não castamente, isto é, não animados por pura e sincera caridade (cf Fl 1,17). Seus costumes manifestavam que seus sentimentos diferiam do que eles pregavam, procurando sob um nome santo agradar aos homens; destes ele fala ainda: “Estes tais não servem a Deus, mas ao próprio ventre” (Rm 16,18). Entretanto, permite-lhes anunciar o Cristo. Embora mais acreditassem no que faziam, para sua morte, no entanto pregavam o que serviria para a salvação dos outros que nisso acreditassem, porque eles nada anunciavam fora da regra da fé. A estes rejeita o Apóstolo, dizendo: “Se alguém vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema” (Gl 1,9). Não anunciam o Cristo os que anunciam a falsidade, porque Cristo é a verdade (cf Jo 14,6). Declara que estes anunciam o Cristo, mas não castamente, isto é, com ânimo simples e puro, com fé sincera que opera pela caridade; visando a ambições terrenas, anunciavam o reino dos céus, tendo a falsidade no coração e na língua a verdade. Sabendo o Apóstolo que os fiéis podiam ser libertados, até mesmo pela evangelização de Judas, permitiu que esses evangeli-zassem: “Ou com segundas intenções ou sinceramente Cristo é proclamado” (Fl 1,18). Era, de fato, a verdade que anunciavam, embora não verdadeiramente, isto é, com ânimo sincero. Falam o que não crêem e por isso são reprovados, apesar de serem úteis àqueles que instruem, conforme a palavra do Senhor: “Observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações, pois dizem, mas não fazem” (Mt 23,3). Donde vem isso a não ser porque não acreditam ser útil o que dizem? Existem outros que acreditam, mas não falam do que crêem, por preguiça ou medo. Mesmo aquele servo que conservou o talento, no entanto não o quis empregar, ouviu a sentença do Senhor: “Servo mau e preguiçoso” (Mt 25,26). E em outra passagem do evangelho conta-se que muitos dos príncipes dos judeus acreditaram em Cristo, mas não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga (cf Jo 12,42), mas também eles foram censurados e desaprovados; continua o evangelista: “Pois amaram mais a glória dos homens do que a de Deus” (Jo 12,43). Se, portanto, aqueles que não acreditam na verdade que pregam, e os que não declaram a verdade em que acreditam, são com justiça reprovados, qual o servo que verdadeiramente pode ser chamado fiel, a não ser aquele ao qual se diz: “Muito bem, servo bom e fiel!” Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. Vem alegrar-te com o teu senhor”? (Mt 25,21.23). Tal servo, por conseguinte, não fala a não ser que acredite, nem cala depois que acreditou; ou, não dá o que perderia, nem guarda o

que perderá por não empregar. Pois assim foi dito: "Pois àquele que tem, lhe será dado, mas ao que não tem, mesmo o que tem lhe será tirado" (Mt 13,12).

2 10/1 Diga, então, este bom servo que canta "Aleluia", isto é, que sacrifica ao Senhor um sacrifício de louvor e que ouvirá dele: "Vem alegrar-te com o teu Senhor", exulte e diga: "Eu acreditei por isso falei", isto é, acreditei perfeitamente. Ora, não acreditam perfeitamente aqueles que não querem falar do que crêem. Pertence à fé igualmente dar adesão à palavra: "Todo aquele, portanto, que se declarar por ele diante dos homens, também eu me declararei por ele diante dos anjos de Deus" (Mt 10,32). Foi denominado fiel aquele servo, não tanto porque recebeu, mas porque empregou e lucrou (cf Mt 25,21.23). Assim, também aqui, o salmista não disse: Acreditei e falei; mas: falou porque acreditou. Acreditou de igual maneira que prêmio devia esperar falando, e que pena devia temer calando. "Eu acreditei por isso falei. Eu, porém, fui em extremo humilhado". Sofreu muitas tribulações, por causa da palavra que sustentava fielmente, fielmente distribuía, e foi em extremo humilhado; porque os outros tiveram medo de fazê-lo; "amaram mais a glória dos homens do que a de Deus" (Jo 12,43). Mas, que significa: "Eu, porém?" Devia dizer antes: Acreditei, por isso falei e fui em extremo humilhado; por que acrescentou: "Eu, porém?" Seria porque pode ser humilhado um homem por parte daqueles que contradizem, mas não a própria verdade que crê e fala? Daí provém que também o Apóstolo, ao se referir a suas cadeias, disse: "Mas a palavra de Deus não está algemada"! (2Tm 2,9). Assim fala também este, que personifica as santas testemunhas, isto é, os mártires de Deus: "Acreditei por isso falei. Eu, porém", não o objeto de minha fé, não a palavra que proferi, mas "eu, fui em extremo humilhado".

3 11/2 "No meu arroubo eu disse: Todo homem é mentiroso". Chama de arroubo o pavor que sente a fraqueza humana diante das ameaças dos perseguidores e da iminência dos tormentos da paixão e da morte. Entendemos assim porque neste salmo aparece a voz dos mártires. Há outra maneira de entender o arroubo, isto é, quando a mente não é arrebatada de pavor, mas é tomada por alguma revelação ou inspiração. "No meu arroubo eu disse: Todo homem é mentiroso". Aterrado olhou para sua fraqueza, e viu que não podia contar consigo mesmo. Quanto ao que se refere ao próprio homem, ele é mentiroso; mas pela graça de Deus se tornou veraz, a fim de não ce-der às instâncias dos inimigos, falando o que não acreditava e negando, conforme aconteceu a Pedro, porque presumira de si mesmo e devia aprender que um homem não há de presumir de outro homem. E se um homem não deve presumir de outro, nem pode presumir de si, porque também é homem. Foi com exatidão, pois, que o salmista viu em seu arroubo que todo homem é mentiroso; mesmo os que não são tomados de pavor, não cedem mentindo aos perseguidores, assim se mantêm por um dom de Deus e não por suas próprias forças. Conse-qüentemente, foi dito com toda verdade: "Todo homem é mentiroso"; mas é veraz Deus, que disse: "Eu disse: Vós sois deuses e sois todos filhos dos Altíssimo. Morrereis todavia como homens e caireis como um príncipe qualquer" (Sl 81,6). Deus consola os humildes, e enche-os não somente da fé para acreditarem, mas ainda da ousadia de pregarem a verdade, se eles se submetem com perseverança a Deus e não

imitam o diabo, um dos príncipes, que não permaneceu na verdade e caiu. Se, pois, todo homem é mentiroso, serão tanto menos mentirosos quanto não forem homens, porque serão deuses e filhos do Altíssimo.

4 12/3 Considera o devotíssimo povo dos testemunhos fiéis como a misericórdia de Deus não abandona a fraqueza humana, que disse cheia de pavor: "Todo homem é mentiroso"; considera como ele consola os humildes, e enche os hesitantes do espírito de ousadia, de tal modo que revivam os que estavam quase espiritualmente mortos, e não confiem em si mesmos e sim naquele que ressuscita os mortos e torna eloqüente a voz dos pequeninos (cf 2Cor 1,9; Sb 10,21), e que disse: "Quando vos entre-garem, não fiqueis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que estareis falando, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós" (Mt 10,19.20). Considera tudo isso o salmista que dissera: "No meu arroubo eu disse: Todo homem é mentiroso" e verificando que pela graça do Senhor ele se tornou veraz, pergunta: "com que retribuirei ao Senhor por tudo com que me retribuiu?" Ele não disse: Por tudo que me concedeu, mas por tudo com que me retribuiu. Que fizera antes o homem para que não se chamasse atribuição a concessão dos dons de Deus, e sim retribuição? Que precedera senão os pecados? Por conseguinte, Deus retribuiu o mal com o bem, enquanto os homens lhe retribuem o bem com o mal. Foi assim que retribuíram aqueles que disseram: "Este é o herdeiro: vamos! Matemo-lo" (Mt 21,38).

5 13/4 15/6 Mas procura o salmista com que retribuir ao Senhor e não encontra, a não ser com o que o Senhor mesmo lhe retribui. Diz: "Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor".[1] Ó homem, mentiroso por causa de teu pecado, veraz por dom de Deus, e portanto, já não sendo somente homem, quem te deu o cálice da salvação que tomas, invocando o nome do Senhor para retribuir-lhe por tudo com que te retribui? Quem, senão aquele que perguntou: "Podeis beber o cálice que estou para beber"? (Mt 20,22). Quem te deu a possibilidade de imitar seus sofrimentos senão aquele que primeiro padeceu por ti? Portanto, "preciosa na presença do Senhor é a morte de seus justos". Comprou-a com seu sangue, que derramou primeiro em prol da salvação de seus servos, a fim de que estes não hesitassem em derramar o seu pelo nome do Senhor; no entanto, seria para seu proveito e não para utilidade do Senhor.

6 16/7 Confesse, portanto, sua condição o escravo comprado por tão grande preço e diga: "Ó Senhor, sou teu servo e filho de tua serva". Por conseguinte foi comprado e é escravo. Acaso foi comprado simultaneamente com sua mãe? Ou seria escravo, preso por causa do pecado de sua fuga, e por isso comprado, redimido? Pois é filho da escrava segundo a submissão devida ao Criador por toda criatura, e compete-lhe um serviço verdadeiro ao verdadeiro Senhor. A criatura que o presta é livre, recebendo dele a graça de servi-lo não por necessidade, mas voluntariamente. Portanto, é filho da Jerusalém celeste, que é do alto, livre, mãe de todos nós (cf Gl 4,26). Diz-se a seus filhos ainda peregrinos: "Vós fostes chamados à liberdade" (Gl 5,13); e novamente os apresenta como escravos, dizendo: "Pela caridade, ponde-vos a serviço uns dos outros"; a estes

diz-se ainda: “Quando éreis escravos do pecado, estáveis livres em relação à justiça. Mas agora, libertos do pecado e postos a serviço de Deus, tendes vosso fruto para santificação, e como desfecho, a vida eterna” (Rm 6,20-22). Diga, portanto, este servo a Deus: Muitos dizem que são mártires, muitos que são teus servos, porque usam teu nome várias heresias e erros; mas como estão fora de tua Igreja, não são filhos de tua serva. Eu, porém, “sou teu servo e filho de tua serva”.

7 17/8 “Rompeste as minhas cadeias. Eu te sacrificarei uma hóstia de louvor”. Ao romperes as minhas cadeias, não encontrei mérito algum em mim mesmo, por isso, devo-te um sacrifício de louvor. Mesmo que me glorie de ser teu servo e filho de tua serva, não me gloriarei em mim mesmo, mas em ti, meu Deus, que rompeste as minhas cadeias, de tal sorte que voltando depois da fuga, me unisse novamente a ti.

8 18/9 “Cumprirei os meus votos ao Senhor”. Que votos cumprirás? Quais as vítimas que prometeste? Qual o incenso? Qual o holocausto? Será que te referes ao que pouco acima mencionaste: “Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor?” Efetivamente todo aquele que pensar bem no que há de prometer ao Senhor e de cumprir, prometa a si mesmo e cumpra o voto, dando-se a si mesmo. É isto que se exige, que se deve. O Senhor ao olhar a moeda diz: “Devolvei o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus” (Mt 22,21). Devolve-se a César a sua imagem; seja devolvida a Deus a sua.

9 19/10 Mas quem se lembrar de que não é somente servo de Deus, mas também filho da serva de Deus, verá onde deve cumprir seus votos, assemelhando-se a Cristo por meio do cálice da salvação. Diz o salmo: “Nos átrios da casa do Senhor”. Casa de Deus é sua serva; qual a casa de Deus, senão todo o seu povo? Por isso, continua o salmo: “na presença de todo o seu povo”. E logo mais claramente nomeia a própria mãe. Pois, que é seu povo senão o seguinte: “No meio de ti, ó Jerusalém?” Então se devolve o que é agradável a Deus: devolve-se o que vem da paz e na paz. Aqueles que não são filhos desta serva, amaram mais a guerra do que a paz. Para evitar que alguém julgue representarem os átrios da casa do Senhor e todo o seu povo os judeus, porque o salmo termina com as palavras: “No meio de ti, ó Jerusalém”, nome de que se gloriam os israelitas carnais, ouvi o salmo seguinte, que contém quatro versículos:

1 Santo Agostinho omite o versículo 14 (5) da Vulgata; este v. também falta nos LXX.

SALMO[2] 116

"Nações, louvai todas ao Senhor. Louvai-o todos os povos". São estes os átrios do Senhor, este seu povo, esta a verdadeira Jerusalém. Ouçam de preferência os que não quiseram ser cidadãos desta cidade, quando se afastaram da comunhão de todos os povos. "Porque se confirmou sobre nós a sua misericórdia e a verdade do Senhor perdura eternamente". A misericórdia e a verdade, dois pontos que recomendei fossem guardados na memória, ao comentar o salmo centésimo décimo terceiro[3]. Foi confirmada sobre nós "a misericórdia" do Senhor quando as bocas raivosas das nações inimigas se fecharam diante de seu nome, que nos libertou; "e a verdade do Senhor perdura eternamente", tanto no que prometeu aos justos, quanto no que ameaçou aos ímpios.

2 É continuação do salmo precedente.

3 Cf, Com s/Sl 93, sermão 1,13

SALMO 117

SERMÃO AO POVO

1 Ouvimos, irmãos, o Espírito Santo a nos admoestar e exortar a que ofereçamos a Deus o sacrifício de nossa confissão. A confissão, porém, pode ser de louvor, ou de nossos pecados. Aquele tipo de confissão que nos leva a declararmos a Deus nossos pecados é de todos conhecida, a tal ponto que a multidão menos instruída pensa que só esta confissão existe nas Sagradas Escrituras. Pois, logo que essas palavras soam na boca do leitor, imediatamente segue o piedoso ruído das batidas no peito. Mas deve-se observar como foi dito em outro salmo: "Entrarei no local do tabernáculo admirável, até a casa de Deus, entre gritos de alegria e de louvor (confessional), e sons festivos" (Sl 41,5). Aqui certamente evidencia-se serem os gritos de confissão não demonstração de tristeza da penitência, mas pertencem à alegria da festividade celebrada. Ou se alguém duvida de tão manifesto testemunho, que dirá do que se acha no Eclesiástico: "Bendizei ao Senhor por todas as suas obras, dai glória ao seu nome, por vossos cânticos, com as vossas cítaras, assim confessareis em seu louvor, assim direis em confissão: Todas as obras do Senhor são magníficas"? (Eclo 39,14-16). Ninguém, certamente, nem o mais tardo, duvidará que neste trecho confissão significa louvor a Deus. A não ser que seja tão grande, talvez, a perversidade mental que ouse afirmar ter o próprio Senhor Jesus Cristo confessado ao Pai seus pecados. Se um ímpio tentasse objetá-lo, por causa da palavra confissão, facilmente seria refutado pelo próprio contexto das palavras. Assim fala o Senhor: "Eu te confesso, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado". Quem não entende que fala assim em louvor ao Pai? Quem não vê que esta confissão não é referente à dor do coração e sim à alegria, uma vez que o evangelista a fizera preceder das palavras: "Naquele momento, ele exultou de alegria sob a ação do Espírito Santo e disse: Eu te confesso, ó Pai"? (Lc 10,21).

2 1 Por esta razão, caríssimos, absolutamente não se pode duvidar, diante de testemunhos tão concordantes, dos quais vós mesmos podeis descobrir alguns semelhantes nas Escrituras, que o termo confissão nas Sagradas Letras designa não somente declaração dos pecados, mas também louvor a Deus. A que ação entendemos admo-estar-nos convenientemente este salmo, depois de cantarmos "Aleluia", isto é, louvai ao Senhor, ao ouvirmos: "Confessai ao Senhor", senão à mesma, isto é, que louvemos ao Senhor? Não é possível explicar o motivo de se louvar a Deus de forma mais resumida do que declarar: "porque ele é bom". Não descubro algo de maior do que esta brevidade. De tal modo é peculiar a Deus ser bom que o Filho de Deus interpelado por alguém, que lhe dizia: "Bom mestre" (ele o via corporalmente, não entendia que possuía a plenitude da divindade e o considerava simples homem), respondeu-lhe: "Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão só Deus" (Mc 10,17-18). Qual o

significado disso senão: Se queres chamar-me bom, entende que sou Deus? De maneira muito adequada o salmo acrescenta: “Porque sua misericórdia perdura pelos séculos”, porque se dirige ao povo, numa predição do futuro, ao povo libertado de todo trabalho, do cativeiro de sua peregrinação, de qualquer mistura com os ímpios, porque lhe foi concedido pela graça de Deus não somente de não retribuir o mal com o mal, mas ainda de retribuir o mal com o bem.

3 2-5 “Proclame, pois, a casa de Israel que ele é bom, que sua misericórdia perdura pelos séculos. Proclame a casa de Aarão que ele é bom, que sua misericórdia perdura pelos séculos. Repitam os que temem o Senhor, que sua misericórdia perdura pelos séculos”. Acredito, caríssimos irmãos, que estais reconhecendo qual a casa de Israel, qual a casa de Aarão, e que ambas temem o Senhor. Pois, são eles os pequenos e grandes, já sugeridos a vossos corações em outro salmo. Alegramo-nos de sermos associados a seu número todos nós, por graça daquele que é bom e cuja misericórdia perdura pelos séculos. Foram atendidos aqueles que disseram: “O Senhor vos multiplique, a vós e a vossos filhos” (cf Sl 113,12.14). Assim, aos israelitas que acreditaram em Cristo, entre os quais se acham os apóstolos, nossos pais, veio unir-se certo número de gentios para a excelência dos perfeitos e a obediência dos pequenos. Desta forma, digamos todos que nos tornamos um em Cristo, um rebanho sob um só pastor e corpo daquela Cabeça, como que constituindo um só homem: “No meio da tribulação invoquei o Senhor e ele me atendeu amplamente”. A angústia de nossa tribulação acaba; a amplidão para onde passamos, não possui termo. “Pois, quem acusará os eleitos de Deus? (Rm 8,33).

4 6.7 “O Senhor é meu amparo; não temerei. Que me poderão fazer os homens?” Mas, os inimigos da Igreja são apenas homens? Que é o homem, dado à carne e ao sangue senão carne e sangue? Diz, contudo, o Apóstolo: “O nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra os Dominadores deste mundo de trevas”, isto é, os dominadores dos iníquos, dos que amam este mundo e por isso das trevas; também nós éramos outrora trevas, mas agora somos luz no Senhor (Ef 5,8). “Contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais” (Ef 6,12), isto é, o diabo e seus anjos. Este diabo é denominado noutra parte Príncipe do poder do ar (Ef 2,2). Escuta agora o que segue: “O Senhor é meu amparo; e desprezarei meus inimigos”. Seja qual for a espécie de inimigos que se levantem, quer sejam do número dos homens malvados, quer do número dos maus anjos, com o auxílio do Senhor sejam desprezados, do Senhor ao qual confessamos com louvor, ao qual cantamos: Aleluia.

5 8.9 Uma vez desprezados os inimigos, não se apresente um homem bom como amigo, de tal forma que queira ponha eu nele a minha esperança. Pois “é melhor confiar no Senhor do que confiar nos homens”. Nem considere eu algum anjo que de certo modo possa se chamar de anjo bom como se nele deva depositar minha esperança; pois ninguém é bom senão só Deus (cf Mc 10,13). Se um homem ou um anjo parecem ajudar, se o fazem por verdadeiro amor, quem age por eles é Deus que os fez bons, cada um a seu modo. Por conseguinte, “é melhor confiar no Senhor do que esperar nos príncipes”. Com efeito, os anjos recebem o nome de príncipes, conforme lemos no

profeta Daniel: “Miguel, o vosso príncipe” (Dn 12,1).

6 10.11 “Cercaram-me todas as gentes, mas em o nome do Senhor delas me vinguei. Assediaram-me de todos os lados, mas em o nome do Senhor delas me vinguei”. Quanto à frase: “Cercaram-me todas as gentes, mas em o nome do Senhor delas me vinguei” trata das lutas e da vitória da Igreja. Mas, como se alguém perguntasse à Igreja de onde veio que ela pôde superar tão grandes males, referiu-se a seu exemplar e narrou o que primeiro sofreu em sua Cabeça, acrescentando: “Assediaram-me de todos os lados”. Com razão não repetiu: “todas as gentes”, porque isto foi feito pelos judeus apenas. “E em o nome do Senhor delas me vinguei”, porque então o próprio povo piedoso, que é o corpo de Cristo, suportou os perseguidores. Deste povo Cristo assumiu a carne que pendeu do lenho. Em seu favor se fez tudo o que a divindade oculta no interior da carne realizou por ela, o que a força imortal realizou de modo mortal.

7 12 “Cercaram-me como um enxame de abelhas e inflamaram-se como fogo entre espinhos, mas em o nome do Senhor delas me vinguei”. Aqui a ordem das palavras segue a ordem dos fatos. Pois, entendemos com razão que o próprio Senhor, Cabeça da Igreja, foi assediado pelos perseguidores como cerca um enxame de abelhas. O Espírito Santo fala com mística subtileza do que foi feito pelos que não sabiam o que faziam. De fato as abelhas fabricam o mel nos favos; os perseguidores do Senhor, sem o saberem, fizeram-nos o Senhor mais doce pela própria paixão, a fim de provarmos e vermos quão suave é o Senhor (cf Sl 33,9), que morreu por causa de nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação (cf Rm 4,25). Quanto ao seguinte: “E inflamaram-se como fogo entre os espinhos” aplica-se melhor ao povo espalhado por toda parte. Cercaram-no todas as gentes quando foi formado de todas elas. Com efeito, “inflamaram-se como fogo entre espinhos” quando queimaram no fogo da perseguição a carne pecadora e também os golpes assaz incômodos desta vida mortal. “Mas em o nome do Senhor delas me vinguei”, seja porque também eles, extinta a malícia com que perseguiam os justos, foram associados ao povo cristão, seja porque aqueles dentre eles que desprezaram no tempo presente a misericórdia do Senhor que os chamava, haverão de sentir no fim dos tempos a realidade daquele que os vai julgar.

8 13 “Como um montão de areia fui empurrado para cair, mas o Senhor me sustentou”. De fato, embora já fosse tão grande a multidão dos fiéis que podia ser comparada a inumeráveis grãos de areia, e estivesse constituída numa só sociedade como um montão de areia, contudo que é o homem se tu, Senhor, não te lembrares dele (cf Sl 8,5)? O salmista não disse: O número dos gentios não superou meu elevado número, mas “o Senhor me sustentou”. A perseguição dos gentios não teve como empurrar para que caísse a multidão dos fiéis unânimes na unidade da fé, que confiou naquele que sustentou a cada um, a todos e em toda parte. Ele nunca falta aos que os invocam.

9 14 “O Senhor é a minha fortaleza e o meu louvor e foi a minha salvação”. Quais são os que caem quando são empurrados, senão os que querem ser sua própria fortaleza e seu louvor? Ninguém, efetivamente, cai no combate, se sua fortaleza e seu louvor não

caírem. Por isso, quem encontra no Senhor sua fortaleza e seu louvor, não cai porque não cai o Senhor. Por esta razão, ele se tornou a sua salvação. Não quer isto dizer que ele se tornou o que antes não era, mas que os fiéis, ao acreditarem, se tornaram o que não eram e Deus começou a ser a salvação não para si, mas para aqueles que enquanto contrários a Deus não era, mas começaram a ser quando se converteram.

10 15 "Ressoam brados de alegria e de salvação nas tendas dos justos". Pensavam que ali soavam gritos de tristeza e de morte aqueles que maltratavam os corpos dos justos. Eles não percebiam as alegrias interiores dos santos, devido à esperança dos bens futuros. Daí dizer também o Apóstolo: "como tristes e, não obstante, sempre alegres" (2Cor 6,10). E ainda: "E não é só. Nós nos gloriamos também nas tribulações" (Rm 5,3).

11 16 "A destra do Senhor realizou prodígios". Quais? "A destra do Senhor me exaltou". É grande prodígio exaltar o humilde, deificar o mortal, tirar perfeição da fraqueza, da sujeição glória, da paixão vitória, dar auxílio na tribulação de tal modo que se revela aos aflitos a verdadeira salvação de Deus, enquanto continua a ser vã a salvação que o homem proporciona para os que os afligem. Grandes prodígios! Mas, que há de espantoso nisso? Escuta o que repete o salmo. Não foi o homem que se exaltou, nem o homem que se aperfeiçoou, nem o homem que obteve glória para si mesmo, nem o homem que venceu, nem o homem que foi sua própria salvação: "A destra do Senhor realizou prodígios".

12 17 "Não morrerei; hei de viver e narrar as obras do Senhor". Ora, os perseguidores espalhando por toda parte a morte devastadora, julgavam que morria a Igreja de Cristo. Eis que agora narra as obras do Senhor. Por toda parte Cristo é a glória dos bem-aventurados mártires. Ele venceu açoitando os que feriam, suportando os impacientes, amando os cruéis.

13 18 Entretanto, por que o corpo de Cristo, a santa Igreja, o povo da adoção suportou tantos tratamentos indignos? Indica-nos o motivo. "O Senhor me castigou duramente, mas não me entregou à morte". Os ímpios encolerizados não pensem que tudo foi permitido à sua força; eles não teriam este poder se não lhes tivesse sido dado do alto. Muitas vezes o pai de família manda que escravos muito maus castiguem seus filhos, embora prepare a estes a herança e a eles os grilhões. Que herança é esta? De ouro, prata, pedras preciosas, terras, amenas propriedades? Considera por onde se entra e conhecerás qual é.

14 19 "Abri-me as portas da justiça". Ouvimos falar em portas. Que existe lá dentro? "Entrarei por elas para confessar ao Senhor". Trata-se da confissão de louvor, "admirável, até a casa de Deus, entre gritos de alegria e de louvor, e sons festivos" (Sl 41,5). Tal é a eterna felicidade dos justos, que faz felizes os que habitam na casa de Deus, os que o louvam pelos séculos dos séculos (Sl 83,5).

15 Mas vê como se entra pelas portas da justiça. "Estas são as portas do Senhor, os justos por elas entrarão". Ao menos por estas nenhum injusto penetra naquela Jerusalém que não encerra incircuncisos. Lá se diz: "Fora os cães" (Ap 22,15). Baste que em minha

peregrinação que muito se prolongou, "habitei nas tendas de Cedar, e com os que odeiam a paz fui pacífico" (Sl 119,5.6). Suportei até o fim a mistura com os maus, mas "estas são as portas do Senhor, os justos por elas entrarão".

16 21 "Eu te confessarei, Senhor, porque me ouviste e foste a minha salvação". Com grande freqüência demonstra-se que esta confissão é de louvor; não se mostram aí as feridas ao médico, mas dá-se graças pela saúde recuperada. Ora, o próprio médico é a salvação.

17 22 Mas, quem é ele? "A pedra que os construtores rejeitaram, pois ela tornou-se a pedra angular", de ambos os povos fazendo um só, "a fim de criar em si mesmo um só homem novo, estabelecendo a paz e de reconciliar a ambos com Deus em um só corpo, isto é circuncisos e incircuncisos" (Ef 2,15).

18 23 "Foi o Senhor quem assim o fez", isto é, o Senhor o fez à pedra angular. Não teria sido feito se ele não tivesse sofrido, mas não foi realizado por aqueles que o fizeram sofrer. Pois, aqueles que edificavam a rejeitaram; mas como o Senhor ocultamente construía, transformou em pedra angular aquele que eles rejeitaram. "E é maravilhoso a nossos olhos", aos olhos do homem interior, aos olhos dos que crêem, esperam, amam; não aos olhos carnais dos que o rejeitaram, desprezando-o como se fosse apenas um homem.

19 24 "Este é o dia que o Senhor fez". Lembra-se este homem de ter dito num salmo anterior: "Porque inclinou para mim o seu ouvido, nos meus dias em que o invoquei" (Sl 114,2); chama seus dias os dias de outrora. Por isso, diz agora: "Este é o dia que o Senhor fez", isto é, em que me deu a salvação. Deste dia ele declarou: "No tempo favorável eu te ouvi, no dia da salvação te socorri" (Is 49,8), isto é, no dia em que Cristo mediador se tornou a pedra angular. Por este motivo, "nele exultemos e nos alegremos".

20 25 "Ó Senhor, dá-me a salvação; ó Senhor, dá-nos um próspero caminho". Como é um dia de salvação, "dá-me a salvação". Ao voltarmos de uma longíqua peregrinação, separamo-nos daqueles que odeiam a paz, éramos pacíficos, e ao lhes falarmos, eles sem motivo nos impugnavam (cf Sl 119,7). "Dá um próspero caminho" aos que regressam, porque tu te fizeste caminho para nós.

21 26 "Bendito o que vem em nome do Senhor". Maldito, portanto, o que vem em seu próprio nome, conforme a palavra do evangelho: "Vim em nome de meu Pai mas não me acolheis; se alguém viesse em seu próprio nome, vós o receberíeis" (Jo 5,43). "Nós vos bendizemos da casa do Senhor". Creio que esta palavra é dirigida pelos grandes aos pequenos, aqueles grandes que espiritualmente atingem, quanto é possível nesta vida, o Verbo de Deus junto de Deus; contudo, moderam a palavra por causa dos pequenos, de sorte a poderem sinceramente falar como o Apóstolo: "Se nos deixamos arrebatar como para fora do bom senso, foi por causa de Deus; se somos sensatos, é por causa de vós. Pois a caridade de Cristo nos compele" (2Cor 5,13-14). Eles bendizem os pequenos do interior da casa do Senhor, onde o seu louvor não se cala pelos séculos dos séculos; por isso vede o que eles de lá anunciam.

22 27 “O Senhor é Deus e é nossa luz”. Aquele Senhor que vem em nome do Senhor, que os construtores rejeitaram, mas tornou-se a pedra angular (cf Mt 21,9.42); aquele mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus (1Tm 2,5) é Deus, igual ao Pai e nossa luz, a fim de entendermos o que acreditamos, e enunciarmos para vós que ainda não entendeis, mas já acreditais. No intuito de também vós entenderdes, “estabelecei um dia festivo com procissão até os ângulos do altar”, isto é, até o interior da casa de Deus, de onde vos bendizemos, de lá onde estão as proeminências do altar. “Estabelecei um dia festivo”, não fria nem tibiamente, mas com uma “procissão. Há gritos de alegria e sons festivos dos que caminham até o tabernáculo admirável, até a casa de Deus” (Sl 41,5). Na mente pacificada dos justos, se há ali sacrifício espiri-tual, eterno sacrifício de louvor, também há o sacerdócio eterno e o altar eterno. Falemos mais claramente, irmãos: àqueles que querem entender o Verbo que é Deus, não lhes baste a carne, o Verbo feito carne, para que se nutram de leite, nem lhes baste este dia festivo em que o cordeiro foi morto; mas forme-se uma procissão a fim de atingir, com as mentes elevadas pelo Senhor, o interior da divindade daquele que se dignou apresentar-nos exteriormente sua humanidade, para nos nutrir com leite.

23 28.29 E que cantaremos ali a não ser os seus louvores? Que diremos senão: “Tu és o meu Deus e eu te confessarei; és o meu Deus e eu te exaltarei. Eu te confessarei, Senhor, porque me ouviste e foste a minha salvação?” Não o diremos com o ruído das palavras, mas a caridade que adere ao Senhor por si mesma assim clama; o próprio amor constitui esta voz. Por isso, como o salmista começou com o louvor, assim termina: “Confessai ao Senhor, porque ele é bom, porque sua misericórdia perdura pelos séculos”. Deste modo começou o salmo, e igualmente aqui termina. Como no início de onde partimos, assim no final aonde voltamos, nada há que nos deleite de maneira mais salutar do que o louvor de Deus, e sempre “Aleluia”.

SALMO 118

PROÊMIO

À medida de minhas possibilidades, e segundo o dom de Deus, expus todos os outros salmos, contidos no livro dos salmos, que a Igreja costuma denominar Saltério, em parte pregando ao povo, em parte ditando. Quanto ao salmo centésimo décimo oitavo, não tanto por causa de seu bem conhecido tamanho quanto pela profundidade de seus pensamentos, acessíveis a poucos, ia diferindo sua exposição. Mas como meus irmãos sentissem muito que faltasse apenas esse comentário em nossos opúsculos pertencentes ao conjunto dos salmos, e insistissem com força em que solvesse esse débito, longamente resisti a seus pedidos e a suas ordens. Pois, cada vez que tentava refletir sobre ele, sempre excedia as nossas forças. Quanto mais claro parecia, tanto mais profundo eu o considerava, a tal ponto que não poderia demonstrar como é profundo. Relativamente aos outros, na verdade, de difícil compreensão, embora o sentido seja obscuro, evidencia-se a própria obscuridade. Neste, nem ela; porque apresenta tal superfície que se acredita bastar ler e ouvir, sem se precisar de um comentador. Mesmo agora quando começo enfim a comentá-lo, ignoro inteiramente o que poderei fazer; espero, contudo, que Deus me assista e ajude a conseguir algo. Foi deste modo que agi em relação a todos quantos comentei suficientemente, quando no começo me parecia difícil ou quase impossível entender ou explicar. Decidi, porém, tratar este salmo por meio de sermões proferidos ao povo, a que os gregos dão o nome de homílias. Julgo ser mais justo que a assembléia eclesiástica não seja privada da compreensão também deste salmo, cujo canto, como o dos outros, costuma deleitá-la. Até aqui, o proêmio. Chegou o momento de falar do salmo, a respeito do qual pareceu-me bem fosse precedido destas palavras.

I SERMÃO

1 1 Desde o início, caríssimos irmãos, este grande salmo nos exorta à felicidade, a que todos ambicionam. Alguma vez se pode, ou se pôde, ou se poderá encontrar quem não queira ser feliz? Que necessidade haveria de se exortar à obtenção daquilo que espontaneamente deseja a alma humana? De fato, quem exorta procura excitar a vontade daquele com quem trata a anelar pelo objeto de sua exortação. Por que, então, se nos incita a querermos o que não é possível abster-nos de querer, senão porque todos na verdade desejam a felicidade, mas a maioria desconhece a maneira de a obter? Por este motivo, o salmista nô-la ensina, nesses termos: “Felizes os que se mantêm sem mácula no caminho, os que andam segundo a lei do Senhor”. Parece que nos diz: Sei o que queres, procuras a felicidade; se, portanto, queres ser feliz, mantém-te sem mácula. A primeira parte todos querem, quanto à condição, poucos a procuram. Mas, sem isto, não

se chega aonde todos almejam. Mas onde se encontra alguém sem mácula, a não ser no caminho? Em que caminho, senão na lei do Senhor? Por isso, "felizes os que se mantêm no caminho, os que andam segundo a lei do Senhor". Não é recomendação supérflua, mas exortação necessária que se apresenta a nosso espírito. Demonstra-se ser um bem aquilo de que muitos têm preguiça, a saber, de andarem sem mancha no caminho, que é a lei do Senhor, e indica serem felizes os que assim agem, a fim de que para alcançarem o fim almejado por todos, façam-no muitos que não o querem fazer. De fato, ser feliz é um bem tão grande que o desejam bons e maus. Não é de admirar que para serem felizes os bons sejam bons; mas é espantoso que por isso os maus sejam maus. Pois, todo aquele que entregue aos prazeres, à luxúria e aos estupros se corrompe, procura nisto sua felicidade e considera-se infeliz se não alcança o prazer e o gozo de sua concupiscência, e não hesita em se gabar de ser feliz se os obtém. Todo aquele que arde nos tachos da avareza, para isso junta riquezas seja como for, a fim de ser feliz. Quem quer derramar o sangue dos inimigos, quem ama o domínio, quem alimenta sua crueldade com morticínios, procura em todos esses crimes a felicidade. Todos esses, portanto, estão no erro e procuram por uma verdadeira miséria uma falsa felicidade. A voz divina, se a ouvirem, chama-os ao caminho: "Felizes os que se mantêm sem mácula, os que andam segundo a lei do Senhor". De certo modo pergunta: Aonde ides? Para a ruína e não o sabeis. O caminho que trilhais não leva aonde quereis. Na verdade, quereis ser felizes; mas estes caminhos por onde correis são infelizes e levam a uma miséria maior. Não procureis por más veredas tão grande bem. Se anelais alcançá-lo, vinde por aqui, segui por ali. Abandonai as sendas perversas da malignidade, vós que não podeis desistir do desejo da felicidade. Cansais-vos inutilmente no esforço de alcançar o lugar onde vos manchareis. Não são felizes os que se mancham no erro, os que andam segundo a perversidade do mundo, e sim: "Felizes os que se mantêm sem mácula no caminho, os que andam segundo a lei do Senhor".

2 2.3 Notai o que além disso acrescenta: "Felizes os que perscrutam seus testemunhos, os que o procuram de todo o coração". Não me parece referir-se a outra espécie de homens felizes, do que os já mencionados. Pois, perscrutar os testemunhos do Senhor e procurá-lo de todo o coração é o mesmo que manter-se sem mácula no caminho, andar segundo a lei do Senhor. Afinal continua: "Pois, os que cometem iniqüidade não andaram em seus caminhos". Se, portanto, os que andam no caminho, isto é, segundo a lei do Senhor, são os que perscrutam os seus testemunhos e o procuram de todo coração, de fato, os que cometem iniqüidade, não perscrutam os seus testemunhos. Todavia, conhecemos operários da iniqüidade que perscrutam os testemunhos do Senhor porque preferem ser doutos a serem justos; conhecemos também outros que perscrutam os testemunhos do Senhor, não porque já vivam honestamente, mas para saberem como devem viver. Esses tais, portanto, ainda não andam segundo a lei do Senhor, e por isso ainda não são felizes. Como, então, entender a palavra: "Felizes os que perscrutam seus testemunhos", se verificamos que existem alguns que perscrutam os testemunhos de Deus e não são felizes, porque não são sem mácula? Com efeito, os escribas e fariseus que se sentavam na cátedra de Moisés, acerca dos quais diz o Senhor: "Fazei tudo

quanto vos disserem, mas não imiteis as suas ações, pois dizem, mas não fazem" (Mt 23,3), de fato, perscrutavam os testemunhos do Senhor para terem coisas boas a ensinar, embora praticassem o mal. Mas deixemos estes de lado. Com razão pode-se-nos objetar que estes não perscrutam os testemunhos do Senhor. Pois, não os procuram, mas procuram obter outra coisa por meio deles, isto é, serem exaltados pelos homens, ou se enriquecerem. Não é isto perscrutar os testemunhos de Deus: não amar o que mostram, não chegar aonde querem levar os outros, isto é, a Deus. Ou se eles perscrutam os testemunhos de Deus, embora não por ele mesmo, mas para encontrarem e adquirirem outra coisa por meio destes testemunhos, certamente não "o procuram de todo o coração"; é acréscimo que verificamos não ser ocioso. O Espírito que fala essas palavras, sabendo que muitos perscrutam os seus testemunhos por motivo di-ferente daquele pelo qual foram apresentados, não diz apenas: "Felizes os que perscrutam seus testemunhos", mas acrescentou: "os que o procuram de todo o coração", de algum modo ensinando como, ou por que razão devem ser perscrutados os testemunhos do Senhor. Finalmente, no livro da Sabedoria fala a própria Sabedoria: "Buscar-me-ão os maus e não me encontrarão! Porque odiaram o saber" (Pr 1,28.29). Que significa isso, senão: Odiaram-me? Procuraram-me, portanto e não me encontram porque me odiaram. Como, então se diz que procuram o que odeiam, senão porque procuram ali outra finalidade? Pois não visam a serem sábios, para a glória de Deus, mas querem parecer sábios, tendo em vista a glória humana. Como não odiariam a sabedoria, que manda e ensina desprezar o que eles amam? Por conseguinte, "felizes os que se mantêm sem mácula no caminho, os que andam segundo a lei do Senhor. Felizes os que perscrutam seus testemunhos, os que o procuram de todo o coração". Perscrutando desta forma seus testemunhos, procurando-o de todo o coração, andam sem mácula segundo a lei do Senhor. Porventura não perscrutava os seus testemunhos, nem o procurava também aquele que lhe dizia: "Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna"? (Mt 19,16). Mas como o procurou de todo o coração, se preferiu suas riquezas ao conselho do Mestre, se saiu pesaroso ao ouvir as palavras dele? Pois, igualmente diz o profeta Isaías: "Procurai o Senhor enquanto pode ser achado. Abandone o ímpio o seu caminho, e o homem mau os seus pensamentos" (Is 55,6-7).

3 Procurem, então, a Deus os ímpios e iníquos e tendo-o encontrado deixem de ser ímpios e iníquos. Como seriam já felizes, enquanto perscrutam os seus testemunhos e os buscam, se até os ímpios e iníquos podem fazê-lo? Quem diria, mesmo se é ímpio ou iníquo, que os ím-pios e iníquos são felizes? Com efeito, os justos são felizes em esperança, como são "bem-aventurados os que são per-seguidos por causa da justiça", não por causa dos males que ainda sofrem, mas por causa do que lhes advirá, "porque deles é o reino dos céus"; e são "bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça", não porque têm fome e sede, mas por causa do que segue, "porque serão sacia-dos"; e "bem-aventurados os aflitos", não porque choram, mas por causa do que segue, porque "haverão de rir" (Mt 5,10.6.5). "Felizes os que perscrutam os seus testemunhos, os que o procuram de todo o coração", não por perscrutarem e procurarem, mas porque hão de achar o que buscam, pois procuravam de todo o coração e não nigli-gentemente. Se,

pois, são felizes em esperança, talvez também sejam sem mácula na esperança. Verdadeiramente nesta vida, embora andemos segundo a lei do Senhor, embora perscrutemos os seus testemunhos e o procuremos de todo o coração, “se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós” (1Jo 1,8). Mas, esta questão deve ser examinada com mais cuidado. De fato, prossegue o salmo: “Pois os que cometem iniqüidade não andaram em seus caminhos”. Daí se conclui que os que andam nos caminhos do Senhor, isto é, segundo a lei do Senhor, perscrutando os seus testemunhos e que o procuram de todo o coração, já podem ser sem mácula, isto é, sem pecado, conforme as palavras seguintes: “Os que cometem iniqüidade não andaram em seus caminhos. Todo o que comete pecado come-te também iniqüidade”, diz São João; e acrescenta: “porque o pecado é iniqüidade” (1Jo 3,4). Mas é preciso encerrar este sermão; tão grande questão não deve ser resumida.

II SERMÃO

1 3 Neste salmo está escrito, assim se lê e é verdade: “Os que cometem iniqüidade não andaram em seus caminhos”. Mas devemos elaborar o discurso, com o auxílio de Deus, em cujas mãos estamos nós e nossas palavras, a fim de, apesar de falarmos corretamente, não se perturbe o leitor ou ouvinte por não entender bem. É palavra de todos os santos: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós” (1Jo 1,8). Por isso, devemos precaver-nos para não pensarmos que eles não andam nos caminhos do Senhor, porque o “pecado é iniqüidade” e os que cometem iniqüidade não andaram em seus caminhos; ou uma vez que não há dúvida de que eles andam nos caminhos do Senhor, acredita-se que eles não tenham pecado, o que indubitavelmente é falso. Com efeito, não foi escrito no intuito de se evitarem arrogância e orgulho: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos”. De outra forma não se acrescentaria: “E a verdade não está em nós”, mas se diria: A humildade não está em nós, principalmente porque a continuação ilustra mais claramente este sentido, retirando toda possibilidade de dúvida. Pois, logo após ter dito isso acrescenta São João: “Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e purificar-nos de toda injustiça” (1Jo 8,9). Que diz aqui, em que contradiz a condenável soberba da impiedade? Se, pois, os santos não dizem que não têm pecado, para evitar a arrogância e não para confessar a verdade, que haverão de confessar para merecerem a remissão e a purificação? Será que isso também se faz para evitar a arrogância? Como se impetrará a verdadeira purificação dos pecados, se a confissão é falsa? Por isso, emudeça e perca o viço a arrogância do soberbo, que se assemelha ao feno e engana-se a si mesma, dizendo por simulada humildade para que ouçam os homens que tem pecado, não obstante, no coração, em sua ímpia exaltação afirma que não tem pecado. Os que assim falam, enganam-se a si mesmos, e a verdade não está neles. Mas ao declararem isso diante dos homens, enganam não somente a si mesmos, mas seduzem os outros pela perversidade de um louco ensinamento; ao

dizerem isto no próprio coração, enganam-se a si mesmos e a verdade não se encontra neles; assim enganam-se a si mesmos em seu coração, e seu coração perde a luz da verdade. Exclame, porém, a santa família de Cristo, que frutifica e cresce em todo o mundo, humildemente veraz e verdadeiramente humilde, exclame: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós. Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e purificar-nos de toda injustiça”. Estejam disto convictos para assim se exprimirem. A humildade será genuína se não se ostentar por palavras somente, a fim de sermos conforme recomenda o Apóstolo: “Sem pretensões de grandeza, mas sentindo-vos solidários com os mais humildes” (Rm 12,16). Não disse: concordando em palavras e sim: “sentindo-vos solidários”. Não de boca, mas pelo coração. Ó hipócrita, se declaras ter pecado e acreditas que não o tens, exteriormente finges humildade, e interiormente abraças a vaidade. Por conseguinte, não tens a verdade nem na boca, nem no coração. De que serve aparentar aos homens ser humilde a tua palavra, se Deus vê que és orgulhoso nos sentimentos? Certamente, se o oráculo divino soasse a teus ouvidos desta forma: Não fales orgulhosamente, nem assim seria injusta tua condenação por falares humildemente diante dos homens, e no coração falares soberbamente diante do Senhor. Ao ouvires: “Não penses orgulhosamente, mas teme” (Rm 11,20) (aqui não se encontra: digas, mas: “penses”), por que não és humilde também no teu íntimo, onde estão teus pensamentos? O espírito, então, se enche de orgulho para que a língua minta, fingindo humildade? Lês, ou ouves a palavra: “Não penses orgulhosamente, mas teme”, e tu a tal ponto pensas orgulhosamente que julgas não ter pecado; assim, visto que não queres temer, nada te resta senão inchar-te.

2 E por que, dizes, está escrito: “Pois os que cometem iniqüidade não andaram em seus caminhos?” Acaso os santos do Senhor não andam em seu caminho? Se andam, não cometem iniqüidade; se não cometem iniqüidade, não têm pecado; porque “o pecado é iniqüidade” (Jo 3,4). Levanta-te, Senhor Jesus, para ajudar-me e socorre-me contra o herege soberbo através do Apóstolo que confessa. Onde está, então, o homem de Deus que se humilha aniquilando-se a fim de encher-se de ti? Ouçamo-lo, meus irmãos. Interroguemo-lo sobre esta questão, se nos apraz, ou antes porque nos apraz. Dize-nos, ó Paulo, se andavas nos caminhos do Senhor enquanto vivias na carne? Ele nos responderá: E por que dizia eu: “Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegamos, conservemos o rumo”? (Fl 3,16). Por que dizia: “Será que Tito vos explorou? Não caminhamos no mesmo espírito? Não seguimos os mesmos passos”? (2Cor 12,18). Por que dizia: “Enquanto habitamos neste corpo, estamos longe do Senhor, pois caminhamos pela fé não pela visão”? (2Cor 5,6). Qual o caminho do Senhor mais seguro do que a fé, pela qual o justo vive? (cf Rm 1,17). Qual seria outro caminho pelo qual tenderia para o alto, quando dizia: “Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está adiante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus”? (Fl 3,13). Fi-nalmente, corria por outro caminho quando dizia: “Com-bati o bom combate, terminei a minha carreira”? (2Tm 4,7). Sejam suficientes estas respostas, pelas quais sabemos que o apóstolo Paulo andou pelos caminhos do Senhor;

mas perguntemos-lhe ainda outra coisa. Dize, peço-te, ó Apóstolo, quando ainda vivendo na carne andavas pelos caminhos do Senhor, tinhas pecado, ou não? Ouçamos se ele se engana a si mesmo, ou pensa o mesmo que seu co-apóstolo, João, porque a verdade estava neles (cf 1Jo 1,8). Então, ele nos responderá: Não lestes a minha confissão: "Com efeito, não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que não quero"? (Rm 7,19). Ouvimos. Já lhe perguntamos outra coisa: Como andavas pelos caminhos do Senhor, se praticavas o mal que não querias, e o salmo sagrado assim faz ressoar: "Os que cometem iniqüidade não andaram nos caminhos do Senhor?" Escuta como ele logo responde pela sentença imediatamente após: "Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que ajo, e sim o pecado que habita em mim" (Rm 7,19-20). Eis como aqueles que andam pelos caminhos do Senhor, não cometem iniqüidade e no entanto não estão sem pecado; porque já não são eles que agem, e sim o pecado que neles habita.

3 Neste ponto pode dizer alguém: Como fazia o mal que não queria e como não era ele que agia e sim o pecado que nele habitava? No entanto, esta questão já foi solucionada e suficientemente se manifestou pela autoridade das Escrituras canônicas que é possível que aqueles que andam nos caminhos do Senhor, embora não sejam sem pecado, não são eles mesmos que agem. "Os que cometem iniqüidade", isto é, pecado, porque o "pecado é iniqüidade (1Jo 3,4), não andaram em seus caminhos". Agora, será necessário outro sermão (porque precisamos encerrar o presente), para se ver como entender que ele proceda assim devido a esse corpo mortal, no qual habita a lei do pecado, e que não seja ele que age, por causa dos caminhos do Senhor que ele trilha.

III SERMÃO

1 3 Por causa do versículo deste salmo: "Os que cometem iniqüidade não andaram em seus caminhos" e tendo em vista que o "pecado é iniqüidade" (1Jo 3,4), conforme diz o apóstolo João, surge uma questão difícil: Como é possível que os santos nesta vida não são sem pecado, porque é verdadeira a afirmação: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós" (1Jo 1,8), não obstante, eles andam nos caminhos do Senhor, por onde não caminham os que cometem iniqüidade. A solução é a apresentada pelo apóstolo Paulo: "Já não sou eu que ajo, e sim o pecado que habita em mim" (Rm 7,17-20). Ora, como é sem pecado aquele no qual o pecado habita? No entanto, ele anda pelos caminhos do Senhor, por onde não passam os que cometem iniqüidade, porque já não é ele que age, mas o pecado que nele habita. Por conseguinte, a questão foi solucionada de tal modo que surgisse outra mais difícil ainda: Como pode o homem fazer o que ele próprio não faz? O Apóstolo disse ambas as coisas: "Faço o que não quero, e: Já não sou eu que ajo, e sim o pecado que habita em mim". Daí termos de entender: quando o pecado que habita em nós age, então não somos nós que agimos; quando a vontade de forma alguma consente e contém até os membros do corpo para não obedecer a seus desejos. O que faz o pecado contra nossa vontade, a não ser apenas despertar os desejos ilícitos? Se não houver assentimento da vontade, produz-

se de fato algum afeto, mas impede-se qualquer efeito. É isto que ordena o mesmo Apóstolo, ao dizer: “Portanto, que o pecado não impere mais em vosso corpo mortal, sujeitando-vos às suas paixões; nem entregueis vossos membros, como armas de injustiça, ao pecado” (Rm 6,12). Existem, pois, paixões que nos és proibido seguir. Essas paixões produzem o pecado; se lhes obedecemos também nós o cometemos; se, porém, obedecendo ao Apóstolo, não as seguimos, não somos nós que agimos, mas o pecado que habita em nós. Se, pois, não tivéssemos desejo algum ilícito, nem nós, nem o pecado cometeria em nós algum mal. Com efeito, o movimento dos desejos ilícitos, a que não obedecemos, não somos nós que o produzimos; contudo, diz-se que nós o temos porque não provém do vigor de uma natureza estranha, mas é doença da nossa; desta fraqueza seremos totalmente livres, quando nos tornarmos imortais de corpo e alma. Por conseguinte, como andamos pelos caminhos do Senhor, não obedecemos às paixões pecaminosas; como não somos sem pecado, temos desejos pecaminosos. Já não somos nós que agimos, quando não lhes obedecemos; e sim, é o pecado que habita em nós que as excita. “Os que cometem iniqüidade”, isto é, obedecem às paixões pecaminosas, “não andaram nos caminhos” do Senhor.

2 Mas ainda devemos investigar o que pedimos a Deus que nos perdoe, com as palavras: “Perdoa as nossas dívidas”. Seria o que fazemos, quando obedecemos às paixões pecaminosas, ou pedimos que nos perdoe os próprios desejos que não somos nós que provocamos, mas o pecado que habita em nós? Com efeito, segundo minha opinião, todo o reato daquela doença e fraqueza de onde provêm os desejos ilícitos, e que o Apóstolo denomina “pecado”, foi apagado no sacramento do batismo, com tudo o que em obediência a ele fizemos, dissemos, pensamos. De então em diante esta enfermidade não nos prejudicaria, embora permanecesse, se não prestássemos jamais obediência a seus desejos ilícitos, seja por obras, seja por palavras, ou por tácito consentimento, até que ela também seja curada, ao se cumprir o que pedimos, seja nesses termos: “Venha o teu reino, ou livra-nos do mal” (Mt 6,10.13). Mas, como é uma tentação a vida humana sobre a terra (cf Jó 7,1), embora possamos estar longe de cometer crimes, não falta, contudo, com que possamos obedecer aos desejos do pecado, por palavras, pensamentos ou obras. Se estamos vigilantes acerca das quedas maiores, coisas miúdas se insinuam à nossa falta de cautela. Se elas se unem contra nós, embora cada uma delas não possa nos esmagar por seu peso, todas juntas, contudo, nos sufocam por sua quantidade. E por isso, mesmo os que caminham nas sendas do Senhor, dizem: “Perdoa-nos as nossas dívidas” (Mt 6,12), visto que pertencem aos caminhos do Senhor a própria oração e a própria confissão, embora o pecado nada tenha que ver com eles.

3 De fato, nos caminhos do Senhor, abrangidos todos por uma só fé que leva a crer naquele que justifica o ímpio (cf Rm 4,5), e que também afirmou: “Eu sou o caminho” (Jo 14,6), ninguém comete pecado, mas o confessa. Com efeito, desvia-se se peca; por isso o pecado não se atribui ao caminho, cometido por quem dele se desvia, mas no caminho da fé não são tidos como tendo pecado aqueles aos quais não se imputa pecado. Destes, o apóstolo Paulo recomendando a justiça da fé, mostra estar escrito no salmo:

“Felizes aqueles cujas iniqüidades foram perdoadas e cujos pecados foram apagados. Feliz o homem a quem o Senhor não imputou pecado” (Sl 31,1.2; Rm 4,7). Os caminhos do Senhor prestam tal benefício e assim, uma vez que o justo vive da fé (cf Rm 1,17), por meio desta, o caminho do Senhor afasta a iniqüidade da infidelidade. Quem anda por este caminho, isto é, por uma fé piedosa, ou não comete pecado, ou se é cometido algum erro, não é imputado por causa do caminho, e é tido como se não fosse feito. Por isso, é correto entender também assim o versículo: “Os que cometem iniqüidade, não andaram em seus caminhos”, de tal modo que aqui alude à iniqüidade que consiste em se afastar da fé, ou em não ter acesso a ela. Conforme também disse o Senhor aos ju-deus: “Se eu não tivesse vindo, não seriam culpados de pe-cado” (Jo 15,22). Não significa, de fato, que eles não tives-sem pecado algum antes que Cristo viesse na carne, e que tenham começado a ter pecado depois da encarnação; mas quis dar a entender certa espécie de pecado, isto é, o de in-fidelidade, porque não acreditaram nele. Assim, os que co-metem iniqüidade, não qualquer uma, mas esta espécie de infidelidade, não andaram em seus caminhos, porque “todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade” (Sl 24,10). Ambas se encontram em Cristo, e fora dele, em parte alguma. Diz o Apóstolo: “Pois eu vos asseguro que Cristo se fez ministro dos circuncisos para honrar a fidelidade de Deus, no cumprimento das promessas feitas aos pais, ao passo que os gentios glorificam a Deus pondo em realce a sua misericórdia” (Rm 15,8-9). “Misericórdia” porque nos remiu; “verdade” porque cumpriu o que prometeu, e há de realizar o que promete agora. Portanto, “os que cometem iniqüidade”, isto é, infidelidade, “não andaram em seus caminhos”, porque não acreditaram em Cristo. Convertam-se, pois, e creiam piamente naquele que justifica o ímpio (cf Rm 4,5) e encontrem nele misericórdia pela remissão dos pecados, e verdade, pela realização das promessas, isto é, todos os caminhos do Senhor. Andando por eles, não cometerão iniqüidades; porque não se apegarão à infidelidade, mas à fé, que opera pela caridade (cf Gl 5,6), e à qual não é imputado pecado.

IV SERMÃO

1 Quem é que assim, caríssimos irmãos, se dirige ao Senhor: “Impuseste teus mandamentos para serem observados em demasia. Oxalá se confirmem minhas veredas na observância de tuas justificações. Então não serei confundido, ao contemplar todos os teus mandamentos”. Quem é que assim fala, senão cada membro de Cristo, ou melhor todo o corpo de Cristo? E que significa: “Impuseste teus mandamentos para serem observados em demasia?” Seria: “Impuseste em demasia”, ou: “serem observados em demasia?” Seja como for que entendamos, parece que este dito contradiz aquela célebre e nobre sentença, que os gregos elogiam em seus sábios, e que os latinos aceitam com louvores: “Nada demais”1. Se isto é verdade, que nada deve ser em demasia, como seria correto o que aqui se diz: “Impuseste teus mandamentos para serem observados em demasia?” Quando Deus ordenaria alguma coisa em demasia, ou desejaria que fosse

observada em demasia, se todo excesso fosse condenável? Diríamos que não estamos obrigados a atender a autoridade alguma dos sábios gregos levando em consideração o que está escrito: "Deus não tornou louca a sabedoria deste século"? (1Cor 1,20). E que preferimos acreditar ser falsa essa sentença: Nada demais, e não a palavra divina que lemos e cantamos: "Impuseste teus mandamentos para serem observados em demasia", a não ser que a reta razão nos oriente, em vez da altivez dos gregos. Diz-se que é demais tudo o que vai além do que é conveniente. Pouco e demais são duas coisas contrárias entre si. Pouco é o que é menos do que convém; demais o que é além do que convém. No meio encontra-se o que é moderado e assim se exprime: É bastante. Tanto na vida quanto nos costumes é útil não fazer absolutamente nada além do que convém; portanto, é correta a sentença: Nada demais. É preferível afirmá-lo a negá-lo. Mas por vezes no latim abusa-se desta palavra, usando demais ("nimis") em vez de muito ("valde"). É corrente isso nas Sagradas Letras e em nossas palestras. Por conseguinte, aqui: "Impuseste teus mandamentos para serem observados em demasia", interpretamos: muito, se entendemos bem. Se dizemos a um amigo caríssimo: Gosto demais de você, não queremos dizer mais do que convém, mas queremos dar a entender que o amamos muito. Finalmente aquele provérbio grego não contém a palavra que aqui se lê; nele se acha ágan que significa: demais; aqui encontra-se sphódra que se traduz por: muito. Mas, às vezes, conforme dissemos, encontramos e dizemos: demais, em vez de: muito. Daí vem que alguns códices latinos não dizem: "Impuseste teus mandamentos para serem observados em demasia", mas: "bem" (valde). Deus, portanto, ordenou bem, e importa bem observar os mandamentos de Deus.

2 Mas, atendei ao que acrescenta a piedade humilde ou pia humildade, com a fé consciente da graça: "Oxalá se confirmem as minhas veredas na observância de tuas justificações". Na verdade tu ordenaste; oxalá faça-se em mim o que mandaste. Ao ouvires: "Oxalá" reconhece uma exclamação de desejo; e ao reconhecê-la, desiste de um orgulho presunçoso. Pois, quem declara desejar o que tem a seu arbítrio, sem necessitar de auxílio algum para obtê-lo? Em conseqüência, se o homem opta por aquilo que Deus ordena, há de rogar a Deus lhe dê aquilo que ele preceitua. De quem há de esperar, senão do "Pai das luzes", do qual, no testemunho da Escritura, "desce todo dom precioso e toda dádiva perfeita"? (Tg 1,17). O salmista não formula o desejo de que se confirmem suas veredas na observância das justificações de Deus a não ser depois de ter recebido por odem de Deus os mandamentos, tendo em vista aqueles que julgam ajudar-nos Deus a praticar a justiça somente enquanto os preceitos de Deus são anunciados para nosso conhecimento e estes, uma vez conhecidos, são cumpridos somente pelas forças de nossa vontade, sem qualquer graça de Deus. A isso se refere o que ele declarou anteriormente: "Impuseste teus mandamentos para serem observados em demasia". Poderia dizer alguém: Já recebi a lei, já a conheço. Tu, porém, mandaste que teus mandamentos fossem observados em demasia. E teus preceitos são santos, justos, bons; mas o pecado produziu em mim a morte através do que é bom (cf Rm 7,13), se não me ajudar a tua graça. "Oxalá se confirmem as minhas veredas na observância de tuas justificações".

3 “Então não serei confundido, quando contemplar todos os teus mandamentos”. Os mandamentos de Deus, quer lidos, quer meditados, devem ser considerados um espelho, segundo as palavras do apóstolo Tiago: “Com efeito, aquele que ouve a palavra e não a pratica, assemelha-se a um homem que, observando o seu rosto no espelho, se limita a observar-se e vai-se embora, esquecendo-se logo da sua aparência, mas aquele que se dedica ao estudo da lei perfeita da liberdade e persevera nela, não sendo um ouvinte esquecido, antes, praticando o que ela ordena, esse é bem-aventurado naquilo que faz” (Tg 1,23-25). O salmista quer ser daqueles que contemplam como num espelho os mandamentos de Deus e não fica confundido, porque não quer ser apenas um ouvinte deles, mas quer praticá-los. Por isso, deseja que se confirmem as suas veredas na observância das justificações de Deus. Confirmem-se como, senão pela graça de Deus? De outra forma, terá a lei de Deus, não para se alegrar, mas para ficar confundido, se quiser contemplar os mandamentos que não põe em prática.

4 7 “Eu te confessarei com retidão de coração, ao aprender os juízos de tua justiça”. Não se trata de confissão de pecados, e sim confissão de louvor, conforme disse aquele que não tinha pecado algum: “Eu te confesso, ó Pai, Senhor do céu e da terra” (Mt 11,25) e de acordo com o que está escrito no livro do Eclesiástico: Assim direis em confissão: “Todas as obras do Senhor são magníficas” (Eclo 39,15.16). “Eu te confessarei com retidão de coração”. Oxalá se confirmem as minhas veredas, e assim te confessarei porque foste tu que agiste, para o teu louvor, não o meu. Então, “eu te confessarei ao aprender os juízos de tua justiça”, se tiver coração reto, se meus caminhos se firmarem na observância de tuas justicações. Pois, de que me servirá tê-las aprendido, se com o coração perverso trilhar os caminhos da maldade? Não me alegrarei neles, mas serei acusado por causa disso.

5 8 Em seguida acrescenta: “Guardarei as tuas justificações”. Tudo isso forma um conjunto, desde o versículo: “Oxalá se confirmem as minhas veredas na observância de tuas justificações. Então não serei confundido ao contemplar todos os teus mandamentos. Eu te confessarei com retidão de coração, ao aprender os juízos de tua justiça”. Mas, como prossegue? “Não me desampares muito (valde); ou, segundo alguns códices: em excesso (usque nimis), em vez de: muito (valde). De fato, no grego está aqui esta palavra: sphódra. Como se ele quisesse que Deus o desamparasse, mas não “muito”. Não é isso, de forma alguma. Mas, como Deus abandonara o mundo, por causa dos pecados, teria abandonado “muito”, se não lhe aplicasse tão grande remédio, isto é, a graça de Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor. Agora, efetivamente, segundo esta prece do corpo de Cristo, ele não o desampara “muito, porque era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo” (2Cor 5,19). Pode-se entender também que o versículo é a voz daquele que disse em sua prosperidade: “Jamais serei abalado” (Sl 29,7.8), como que confiando em suas forças, mas que Deus, para lhe mostrar que não foi por seus méritos e sim por própria vontade que deu vigor a sua beleza, apartou dele a sua face e ele se perturbou. Caindo em si, já sem presunção, clama: “Não me desampares muito”. Se, pois, desamparaste, para que se evidencie que sou fraco sem teu auxílio, não me

desampares “muito” a fim de não me perder. “Impuseste teus mandamentos para serem observados em demasia”. Já não posso me desculpar sob pretexto de ignorância, mas como sou fraco, “oxalá se confirmem as minhas veredas na observância de tuas justificações. Então não serei confundido, quando contemplar todos os teus mandamentos”. Então, “eu te confessarei com retidão de coração, ao aprender os juízos de tua justiça”. Então, “guardarei as tuas justificações”. E se me abandonas, que não me glorie em mim mesmo; não me abandones muito, para que justificado por ti, em ti me glorifique.

V SERMÃO

1 9 Vamos considerar, caríssimos, os seguintes versí-culos do salmo, e conforme o Senhor nos possibilitar, perscrutemos as Sagradas Letras: “como o jovem corrige seu caminho? Guardando as tuas palavras”. Interroga-se a si mesmo e o salmista responde a si. “Como o jovem corrige seu caminho?” Até aqui a pergunta. Em seguida, a resposta: “Guardando as tuas palavras”. Nesta passagem, guardar as palavras de Deus significa praticar os preceitos. Em vão são eles guardados na memória, se não são guardados na vida. Pois, alguns conservam na memória as palavras de Deus, procurando não se esquecer delas, mas não para corrigirem sua vida. O salmista não disse: Como exercitará o jovem a sua memória, mas: “Como corrige seu caminho?” E responde: “Guardando as tuas palavras”. O caminho jamais é declarado correto enquanto a vida for perversa.

2 Mas que quer ele com este jovem? Teria podido dizer: Como corrige o homem seu caminho? Ou: Como corrige o varão o seu caminho? pois a Escritura muitas vezes emprega a palavra para representar pelo sexo mais nobre a humanidade, maneira de falar pela qual o todo é representado pela parte. Se foi declarado no salmo: “Feliz o homem” (Sl 1,1), não diz que a mulher que não entrou no conselho dos ímpios não seja feliz. Aqui, de fato, não disse homem, nem varão, mas “jovem”. Então o velho não tem o que esperar? Ou o velho não corrige seu caminho, guardando as palavras de Deus? Ou seria uma admoestação, pois esta idade principalmente deve assim agir? Conforme o que foi escrito em outro lugar: “Filho, desde a tua mocidade aplica-te à disciplina e até os cabelos brancos encontrarás a sabedoria” (Eclo 6,18). Existe outra explicação. Pode-se entender aqui daquele filho mais moço do evangelho, que deixou o pai, partindo para uma região longíqua, e dissipou sua herança numa vida devassa; depois que cuidou dos porcos e sofreu privações e fome, caiu em si e disse: “Vou-me embora, procurar o meu pai”. Como havia corrigido seu caminho, a não ser guardando as palavras de Deus, que desejou, sentindo fome do pão paterno? O filho mais velho não corrigira seu caminho, pois disse a seu pai: “Há tantos anos que eu te sirvo, e jamais transgredi um só dos teus mandamentos”. O mais jovem corrigiu seu caminho, que ele confessou ser depravado e perverso, dizendo ao pai: “Já não sou digno de ser chamado teu filho” (Lc 15,12-32). Ocorre-me um terceiro sentido, que eu, de fato, no meu fraco modo de entender, prefiro aos dois precedentes: o mais velho figura o velho homem, e o mais jovem o novo. O

velho traz a imagem do homem terreno e o jovem a do celeste, porque “primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é animal; o que é espiritual, vem depois (1Cor15,49; 1Cor 15, 46). Seja, portanto, alguém, quanto à idade corporal, decrépito por causa da avançada idade, será jovem diante de Deus, uma vez convertido e receber a novidade da graça. E assim corrige seu caminho, guardando as palavras de Deus, isto é, a palavra da fé que pregamos, da fé que opera pela caridade (cf Rm 10,8; cf Gl 5,6).

3 10 Mas este povo mais jovem, filho da graça, homem novo, cantor do cântico novo, herdeiro do Novo Testamento, este mais jovem que não é Caim e sim Abel; não Ismael, mas Isaac; não Esaú, mas Israel; não Manassés, mas Efraim; não Eli, mas Samuel; não Saul, mas Davi, notai o que ele acrescenta: “De todo o coração eu te procurei; não permitas que me aparte de teus mandamentos”. Eis que ele suplica ser auxiliado a guardar as palavras de Deus, a fim de corrigir sendo jovem o seu caminho, conforme dissera. Na verdade, nisto é que realiza a palavra: “Não permitas que me aparte de teus mandamentos”. Que quer dizer ser repelido por Deus, a não ser: não receber auxílio? A fraqueza humana não se adapta bem aos mandamentos retos e árduos, a não ser com o auxílio da caridade preveniente. Com razão se diz que Deus repele aqueles que ele não ajuda, como se a espada de fogo proibisse o indigno de estender a mão à árvore da vida (cf Gn 3,24). Quem, todavia, é digno, desde que por meio de um só homem o pecado entrou no mundo, e, pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque nele todos pecaram? (cf Rm 5,12). Mas a gratuita misericórdia de Deus cura nossa merecida miséria. Fala o sal-mista: “De todo o coração eu te procurei”; como poderia assim agir, se quando refratário não o convertesse aquele ao qual ele dirige as palavras: “Ó Deus, voltando-te para nós, restituir-nos-ás a vida” (Sl 84,7), e não procurasse quando estava perdido, não o chamasse quando desgarrado aquele que diz: “buscarei a ovelha que estiver perdida, reconduzirei a que estiver desgarrada”? (Ez 34,16).

4 11.12 Daí vem que, sob o governo e a ação de Deus, o salmista corrige seu caminho, guardando as palavras de Deus, o que não poderia fazer por si mesmo. Confessa-o o profeta Jeremias: “Eu sei, Senhor, que não pertence ao homem o seu caminho, que não é dado ao homem, que caminha, dirigir os seus passos” (Jr 10,23). Do Senhor provém igualmente o que o salmista desejou mais acima: “Oxalá se confirmem as minhas veredas” e no versículo onde acrescentou: “Em meu coração conservei a tua palavra para não te ofender”; imediatamente procurou o auxílio divino, a fim de que as palavras de Deus não ficassem ocultas sem resultado em seu coração, sem as conseqüentes obras de justiça. Tendo assim falado, prosseguiu: “Bendito és tu, Senhor, ensina-me as tuas justificações. Ensina-me”, como as aprendem os que as praticam e não como os que se lembram delas apenas para terem o que falar. Pois, efetivamente, já dissera: “Em meu coração conservei a tua palavra para não te ofender”. Por que, então, ainda procura aprender a palavra que já guarda escondida no coração? Não o faria, se não a tivesse aprendido. Por que então o acréscimo: “Ensina-me as tuas justificações”, a não ser que queira aprendê-las praticando-as e não falando ou retendo na memória? Assim como se

lê em outro salmo: “Dará a misericórdia quem deu a lei” (Sl 83,8), também diz aqui: “Bendito és tu, Senhor, ensina-me as tuas justificações”. Uma vez que conservei a tua palavra em meu coração para não te ofender, deste a lei; dá igualmente a bênção da graça para que aprenda praticando o que mandaste, ordenaste. São suficientes estas explicações a fim de que vosso espírito se nutra sem fastio. As palavras seguintes pedem outro sermão.

VI SERMÃO

1 13 Fornece-nos o começo deste sermão o versículo do salmo que comentamos: “Com os meus lábios enumero todos os juízos de tua boca”. Que é isto, caríssimos irmãos? Que é isto? Quem pode enunciar todos os juízos de Deus, se nem mesmo pode investigá-los? Será que hesitamos em exclamar com o Apóstolo: “Ó abismo da riqueza da sabedoria e da sabedoria de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos”! (Rm 11,35). O Senhor afirma: “Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis agora compreender” (Jo 16,12). E embora logo lhes prometesse o conhecimento de toda verdade, por intermédio do Espírito Santo, clama contudo são Paulo: “O nosso conhecimento é limitado” (1Cor 13,9), a fim de compreendermos que o Espírito Santo é, na verdade, ele cujo penhor recebemos, quem nos há de conduzir a toda verdade; mas isto acontecerá quando chegarmos a outra vida, depois desta vida, em espelho e figura, e virmos a Deus face a face. Como, então, declara o salmista: “Com os meus lábios enumero todos os juízos de tua boca?” Assevera-o aquele que dissera pouco antes no versículo precedente: “Ensina-me as tuas justificações”. De que modo, portanto, enumera todos os juízos de sua boca, aquele que ainda quer aprender suas justificações? Acaso já conhecia todos os juízos, mas queria ainda aprender as justificações? Seria espantoso já conhecer os juízos insondáveis de Deus e desconhecer o que preceituou aos homens que praticassem. Pois, justificações não são palavras, mas atos de justiça, a saber, obras dos justos ordenadas por Deus. Por isso são chamadas obras de Deus, embora feitas por nós, porque não se fazem senão por um dom de Deus. Quanto aos juízos de Deus, são as sentenças de Deus contra o mundo agora e no fim dos séculos. Mas como as palavras de Deus contêm tudo, suas justificações e seus juízos, por que ainda procura aprender as justificações, aquele que diz ter escondido em seu coração as palavras de Deus? Pois afirma: “Em meu coração conservei a tua palavra, para não te ofender”. Então prossegue: “Bendito és tu, Senhor. Ensina-me as tuas justificações”. E em seguida: “Com os meus lábios enumero todos os juízos de tua boca”. Duas asserções evidentemente não contrárias, até mesmo concordes e conjuntas: conservou em seu coração as palavras de Deus, e: Com os seus lábios enumerou todos os seus juízos. “Pois quem crê de coração obtém a justiça, e quem confessa com a boca, a salvação” (Rm 10,10). Mas, não se descobre como convém ao homem, que já contém em seu coração as palavras de Deus e enuncia com seus lábios todos os juízos de Deus, que ainda queira aprender as justificações de Deus, a não ser que queira aprendê-las fazendo

e não só retendo na memória e falando. O salmista demonstra que devemos pedir isto ao Senhor, sem o qual nada podemos fazer. Mas já tratamos desta questão em outro sermão; agora, porém, empreendemos a tarefa de expor, à medida que Deus nos der possibilidade para tal, como pôde afirmar o salmista que enumerou em seus lábios todos os juízos da boca de Deus, que foram declarados insondáveis, e de cuja profundidade foi escrito noutra passagem: "Os teus juízos são como o abismo profundo" (Sl 35,7).

2 Prestai atenção para saberdes como entendemos esta passagem. Acaso a Igreja ignora os juízos de Deus? Não; ela os conhece bem. Está ciente de quais são aqueles que hão de ouvir da parte do juiz dos vivos e dos mortos: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino" e a quem dirá: "Ide para o fogo eterno" (Mt 25,34.41). Sabe o apóstolo Paulo que os que ele enumera, os impudicos, os idólatras, estes e mais aqueles, não herdarão o reino de Deus (1Cor 6,9.10); mas que a ira e a indignação, a tribulação e a angústia é para todos os que praticam o mal, para o judeu em primeiro lugar e também para o grego; glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, para o judeu em primeiro lugar, mas também para o grego (Rm 2,9.10). A Igreja conhece estes e outros juízos de Deus, evidentemente expressos; mas estes não consti-tuem o todo, porque existem alguns insondáveis e como um grande abismo, profundos e ocultos. Seriam eles conhecidos a alguns dos membros mais sublimes deste homem que com sua Cabeça, o Salvador, forma o Cristo total? Talvez se deva dizer que são insondáveis para qualquer homem, que não pode perscrutá-los por suas próprias forças. Mas como não poderia, por dom do Espírito Santo, aquele a quem o Senhor se dignar conferi-lo? Pois assim foi afirmado: Deus "habita uma luz inacessível" (1Tm 6,16); todavia, ouvimos dizer: "Acercai-vos dele e sereis iluminados" (Sl 33,6). Soluciona-se a questão, ponderando-se que apesar de ser ele inacessível a nossas forças, dele nos acercamos por um dom seu. Mesmo se a nenhum dos santos, absolutamente, enquanto este corpo corruptível pesa sobre a alma (cf Sb 9,15), é concedido conhecer todos os juízos de Deus, porque de fato é demasiado para o homem — para dar um exemplo de onde se pode conjecturar a imensidade dos juízos de Deus, na verdade ninguém, a não ser por um juízo de Deus, é tardo de inteligência ou coxo corporalmente — contudo, a Igreja, o povo adquirido por Deus, tem com que dizer, e dizer com toda veracidade: "Com os meus lábios enumero todos os juízos de tua boca", isto é, não calei juízo algum dos teus, dos que quiseste tornar-me conhecidos por meio de tua palavra, mas todos eles, com efeito, enumerei com meus lábios. A meu ver, foi isto que ele quis dar a entender porque não disse: todos os teus juízos, mas: "Todos os juízos de tua boca", os juízos que proferiste para mim, de tal sorte que sua boca figuraria sua palavra, que veio até nós através das revelações múltiplas dos santos e dos dois Testamentos. Todos esses juízos, em todos os tempos, não cessa a Igreja de enunciá-los.

3 14 Em seguida acrescenta: "Deleitei-me na trilha de teus testemunhos, como se possuísse todas as riquezas". Quanto à trilha dos testemunhos, nada entendemos figurar mais rapidamente, mais certamente, nada mais resumidamente, nada de maior do que o Cristo, em quem se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento

(cf Cl 2,3). Daí provém que o salmista se diz alegre e contente neste caminho, “como se possuísse todas as riquezas”. Efetivamente trata-se dos testemunhos de Deus, nos quais se digna provar-nos quanto nos ama. Pois, Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós quando ainda éramos pecadores (Rm 5,8). Como ele próprio afirmou: “Eu sou o caminho” (Jo 14,6), e a humilhação de seu nascimento na carne e de sua paixão são testemunhos evidentes de seu amor divino por nós, sem dúvida alguma Cristo é o caminho dos testemunhos de Deus. Através destes testemunhos, com efeito, que vemos realizados nele, ficamos com a expectativa e a esperança de serem cumpridas igualmente em nosso favor no futuro as promessas eternas. Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo com ele? (cf Rm 3,32).

4 15.16 Prossegue o salmista: “Tratarei com loquacidade de teus mandamentos e considerarei os teus caminhos”. O termo grego adolescréso foi vertido por alguns por garriam, serei loquaz, e por outros: exercebor, exercitar-me-ei. Parecem coisas diversas. Mas se entendermos como exercício da inteligência, com certa satisfação em discutir, as duas palavras convergem para o mesmo ponto, e de certa maneira uma completa a outra, de sorte que a loquacidade não seja estranha a este exercício. Os tagarelas (garruli) costumam ter o nome de loquazes. Assim a Igreja se exercita nos mandamentos de Deus, contra todos os inimigos da fé cristã e católica, loquaz devido as abundantes discussões dos doutores. Elas são úteis aos que discursam se forem consideradas apenas as “vias do Senhor”, conforme está escrito: “misericórdia e verdade” (Sl 24,10). Em Cristo encontra-se a plenitude das duas. Por meio deste suave exercício faz-se também o que acrescenta o salmista: “Meditarei as tuas justificações, não esquecerei tuas palavras”. Com efeito, “meditarei” a fim de “não esquecer”. Daí deriva que o salmo primeiro chama de feliz aquele que medita dia e noite a lei do Senhor (cf Sl 1,2).

5 Em todo esse comentário, caríssimos, relembramos, à medida que pudemos, aquele que guarda em seu coração as palavras do Senhor e enumera em seus lábios todos os juízos de sua boca, que se deleita no caminho de seus testemunhos como se possuísse todas as riquezas, e loquaz ou exercitado em seus mandamentos, considera suas sendas e medita em suas justificações, para não esquecer suas palavras, por meio das quais, de fato, ele se mostra instruído na lei e na doutrina de Deus; além disso, reza nesses termos: “Bendito és tu, Senhor, ensina-me as tuas justificações”. Esta prece nada pede senão o auxílio da graça, a fim de que aquilo que ele aprendeu com o discurso, diga-o igualmente pelas obras.

VII SERMÃO

1 17 Se guardastes na memória, caríssimos, os versí-culos anteriores eles deverão ajudar-nos no entendimento dos versículos seguintes. Efetivamente, são os membros de Cristo que falam como se fosse um só homem, e um só corpo pertencente a uma só Cabeça. De fato, dissera o salmista mais acima: “Como o jovem corrige seu caminho?

Guardando as tuas palavras”. Eis que agora claramente, para consegui-lo, pede auxílio: “Retribui a teu servo. Viverei e guardarei as tuas palavras”. Se pediu fosse o bem retribuído com o bem, já aguardara as palavras de Deus. Pois, ele não disse: Retribui a teu servo, porque guardei tuas palavras, como se estivesse exigindo uma boa recompensa pelo bem da obediência, mas disse: “Retribui a teu servo. Viverei e guardarei as tuas palavras”. Que afirma senão que os mortos não podem guardá-las? Seriam os infiéis dos quais foi dito: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos” (Mt 8,22). Se por mortos entendemos os infiéis, vivos serão os fiéis, porque o justo vive da fé (cf Rm 1,17) e as palavras de Deus só podem ser guardadas através da fé, que opera pela caridade (cf Rm 4,5); aqui o salmista pede esta fé, ao dizer: “Retribui a teu servo. Viverei e guardarei as tuas palavras”. Visto que antes da fé o homem só merece mal por mal, e Deus, contudo, contribui por graça imerecida bem pelo mal, o salmista pede esta retribuição: “Retribui a teu servo. Viverei e guardarei as tuas palavras”. Pois, existem quatro espécies de retribuições: ou retribui-se o mal com o mal, como Deus há de retribuir com o fogo eterno aos ímpios; ou o bem com o bem, como Deus retribuirá aos justos com o reino eterno; ou com o bem pelo mal, como Cristo justifica o ímpio pela graça; ou com o mal pelo bem, como Judas e os judeus, por malícia, perseguiram a Cristo. Destas quatro espécies de retribuições as duas primeiras pertencem à justiça, de sorte que se retribui o mal com o mal, e o bem com o bem; a terceira pertence à misericórdia, a saber, que se retribua o mal com o bem; a quarta, Deus não a conhece, pois a ninguém retribui o bem com o mal. A que coloquei em terceio lugar, é necessária precedentemente. Se Deus não retribuísse o mal com o bem de forma alguma haveria a quem re-tribuísse o bem com o bem.

2 Considera Saulo, que depois se tornou Paulo. Diz ele: “Ele salvou-nos, não por causa dos atos justos que houvéssemos praticado, mas porque, por sua misericórdia, fomos lavados pelo poder regenerador do Espírito” (Tt 3,5). E ainda: “Outrora era blasfemo, perseguidor e insolente; mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância, na incredulidade” (1Tm 1,13). E em outro lugar: “Dou, porém, um conselho como homem que, pela misericórdia do Senhor é fiel” (1Cor 7,25), isto é, que vive. Porque o justo vive da fé (cf Rm 1,17). Pois, estava morto anteriormente por causa de sua injustiça, antes de viver pela graça de Deus. Assim, de fato, confessa sua morte: “Mas, sobrevindo o preceito, o pecado reviveu e eu morri. Verificou-se assim que o preceito dado para a vida produziu a morte” (Rm 7,9-10). Deus, portanto, retribui-lhe o mal com o bem, isto é, a vida em vez da morte; é uma retribuição dessas que pede aqui o salmo: “Retribui a teu servo. Viverei e guardarei as tuas palavras”. Reviveu e guardou as palavras de Deus, e começou a pertencer àqueles que recebem outra retribuição, a que paga o bem com o bem; por isso declara: “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia” (2Tm 4,7-8). Na verdade, “justo”, retribuindo o bem com o bem, porque primeiro foi misericordioso, retribuindo o mal com o bem. Embora até a justiça que retribui o bem com o bem, não seja desprovida de misericórdia; por isto está escrito: “Ele te coroa por sua comiseração e misericórdia” (Sl 102,4). O Apóstolo que disse: “combati o bom

combate” quando teria vencido a não ser por dom daquele a respeito do qual ele assim se exprime: “Graças se rendam a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo”? (1Cor 15,57). E aquele que terminou sua carreira, quando chegaria, a não ser com a ajuda daquele do qual disse: “Não depende, portanto, daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus que faz misericórdia”? (Rm 9,16). E aquele que guardou a fé, quando o faria, se, como ele mesmo disse, não tivesse obtido misericórdia para ser fiel? (cf 1Cor 7,25).

3 Nunca, portanto, se exalte a soberba humana. É a seus dons que Deus retribui com bons prêmios. Mas o salmista que já reza, dizendo: “Retribui a teu servo. Viverei”, se estivesse mesmo morto, não rezaria. Mas recebeu o início do bom desejo daquele a quem suplica a vida da obediência. Pois, tinha alguma fé aquele que pedia: Senhor, “aumenta-nos a fé” (Lc 17,5). Outro, de fato, confessava sua incredulidade, embora tivesse fé, pois quando interrogado se acreditava, disse: “Eu creio, Senhor. Ajuda a minha incredulidade” (Mc 9,24). Já começava a viver e pede vida; acreditando, suplica obediência. Não pede um prêmio por tê-la praticado, e sim auxílio para conservá-la. Com efeito, quem se renova de dia em dia, com o crescimento da vida revive diariamente (2Cor 4,16).

4 18.19 Ciente de que as palavras de Deus não podem ser observadas pela obediência, se não forem vistas pela inteligência, acrescenta também isso em sua oração: “Desvenda os meus olhos para contemplar as maravilhas de tua lei”. Abrange ainda o acréscimo: “Sou peregrino na terra”, ou, conforme outros códices: “Sou morador na terra, não me ocultes os teus preceitos”. Dissera o salmista supra: “Desvenda os meus olhos” e depois o mesmo: “Não me ocultes”. A expressão: “as maravilhas da tua lei” é repetida sob outra forma: “os teus preceitos”. Nenhum dos mandamentos de Deus é tão admirável quanto o seguinte: “Amai os vossos inimigos” (Mt 5,44), isto é, retribuí o mal com o bem. Mas não convém abreviar o sermão sobre esta moradia ou peregrinação; não trataremos deste assunto neste sermão, mas aguardemos outra ocasião para o fazermos, com o auxílio de Deus.

VIII SERMÃO

1 19 Devo atender à expectativa de V. Caridade sobre os versículos seguintes do maior dos salmos com este sermão, partindo do versículo que assim reza: “Sou peregrino na terra, não me ocultes os teus preceitos”, ou conforme têm alguns códices: “Sou inquilino na terra”. Enquanto o texto grego traz pároikos alguns dos nossos traduziram por “inquilino”, outros por “morador”, alguns por “peregrino”. Os inquilinos, que não têm casa própria, habitam uma casa alheia; moradores ou peregrinos são os estrangeiros. Daí se origina uma importante questão a respeito da alma. Pois, nem mesmo quanto ao corpo parece que se possa dizer: “morador”, “ou peregrino”, “ou inquilino sou na terra”, porque o corpo tira origem da terra. Mas acerca desta questão tão profunda nada ouso definir. Se por causa da alma se poderia afirmar com razão (de forma alguma se pense

que ela provém da terra): “Sou inquilino”, ou “morador”, ou “peregrino na terra”; ou, seria segundo o homem todo, porque outrora foi cidadão do paraíso, onde na verdade não estava quem dizia estas palavras; ou então, o que está mais livre de qualquer controvérsia, não é todo homem que pode assim falar, mas só aquele ao qual é prometida a pátria eterna nos céus — sei apenas que é uma tentação a vida humana sobre a terra (cf Jó 7,1), e um pesado jugo sobre os filhos de Adão (cf Eclo 40,1). Na verdade, agrada-me mais comentar de acordo com este último modo de entender, dizendo que nós na terra somos inquilinos ou moradores, porque descobrimos a pátria do alto, de onde recebemos um penhor e de onde jamais sairemos se lá chegarmos. Pois, o salmista em outro salmo disse: “Sou forasteiro e peregrino, como todos os meus pais” (Sl 38,13) e não: como todos os homens. Mas ao mencionar: “Como todos os meus pais”, quer aludir sem dúvida aos justos que o precederam no tempo, e suspiraram nesta peregrinação com piedosos gemidos pela pátria do alto. A respeito deles acha-se escrito na epístola aos Hebreus: “Na fé todos estes morreram, sem ter obtido a realização da promessa, depois de tê-la visto e saudado de longe, e depois de se reconhecerem estrangeiros e peregrinos nesta terra. Pois aqueles que assim falam demonstram claramente que estão à procura de uma pátria. E se lembrassem a que deixaram, teriam tempo de voltar para lá. Eles aspiram, com efeito, a uma pátria melhor, isto é, a uma pátria celestial. É por isso que Deus não se envergonha de ser chamado o seu Deus. Pois, de fato, preparou-lhes uma cidade” (Hb 11,13-16). E o que se lê: “Enquanto habitamos neste corpo, esta-mos longe do Senhor”, pode-se entender como relativo aos fiéis, não a todos: “Nem todos têm fé” (2Ts 3,2). E vemos o que o Apóstolo acrescenta a essas palavras. Tendo dito: “Enquanto habitamos neste corpo, estamos longe do Senhor, pois caminhamos, disse ele, pela fé e não pela visão” (2Cor 5,6-7), para que compreendêssemos que estão nesta peregrinação os que andam pela fé. Quanto aos infiéis, que Deus não conheceu de antemão, nem predestinou a serem conformes à imagem do seu Filho (Rm 8,29), não podem dizer com verdade que são peregrinos na terra, pois estão lá onde nasceram segundo a carne. Eles não têm em outra parte sua cidade. Conseqüêntemente não são estrangeiros na terra, mas naturais da terra. Daí provém o que a Escritura afirma acerca de alguns: A sua casa se inclina para a morte, e seus trilhos para os infernos com os naturais da terra (cf Pr 2,18). São, porém, também eles peregrinos e inquilinos, não nesta terra, mas para o povo de Deus, diante do qual são estrangeiros. Por isso, diz o Apóstolo aos fiéis, que começam a possuir a cidade santa a qual não pertence a este mundo: “Portanto, já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2,19). Por conseguinte, são cidadãos terrenos os que são peregrinos junto do povo de Deus. Quanto aos cidadãos do povo de Deus, são peregrinos na terra, porque o mesmo povo totalmente, enquanto está no corpo, está longe do Senhor. Diga, portanto: “Sou peregrino na terra, não me ocultes os teus preceitos”.

2 Mas, enfim, de quem Deus esconde os seus mandamentos? Não quer Deus que sejam anunciados em toda parte? Seria desejável que para muitos fossem tão estimados quanto são claros. Ora, que há de mais claro do que: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento”. E: “Amarás o teu próximo como a ti

mesmo? Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mt 22,37.40). E quem desconhece estes mandamentos? Na verdade, tanto a todos os fiéis como a muitos infiéis são notórios. Por que, então, pede o fiel que Deus não lhe oculte o que nota que nem ao infiel é escondido? Ou seria porque é difícil conhecer a Deus, e conseqüêntemente é difícil de entender o "Amarás ao Senhor teu Deus", visto que se pode amar uma coisa por outra? Aparentemente é mais fácil conhecer o próximo. De fato, todo homem é próximo dos outros homens; não se cogita de distância dentro do gênero humano em si, porque a natureza é comum. Embora nem soubesse quem é o próximo aquele que perguntara ao Senhor: "E quem é o meu próximo"? (Lc 10,29). Foi-lhe proposta a parábola do homem que descia de Jerusalém a Jericó e caiu em poder dos ladrões. Aquele que interrogara sentenciou que seu próximo foi apenas aquele que usou de misericórdia. Evidencia-se que, no exercício da misericórdia, para quem ama o próximo ninguém é estranho. Mas, muitos não conhecem a si mesmos. Efetivamente, nem todos são capazes do conhecimento próprio, conforme compete ao homem se conhe-cer. Como, então, há de amar o próximo como a si mesmo quem não se conhece? Não foi em vão que o filho mais jovem que partiu para uma região longíqua, onde gastou todos os seus haveres numa vida devassa, a fim de poder dizer: "Vou-me embora, procurar o meu pai", primeiro caiu em si (Lc 15,13-18); fora para tão longe que abandonara até a si mesmo. Não voltaria a si, se totalmente se desconhecesse; nem diria: "Vou-me embora, procurar o meu pai", se ignorasse completamente a Deus. Por conseguinte, estas coisas são parcialmente conhecidas; a fim de se tornarem cada vez mais conhecidas, não é sem razão que se busca conhecê-las. Conseqüentemente, para amarmos a Deus, ele há de ser conhecido; e a fim de que o homem saiba amar o próximo como a si mesmo, primeiro deve, amando a Deus, amar-se a si mesmo. Como o fará, se não conhece a Deus, se des-conhece a si mesmo? Não é sem motivo, portanto, que o salmista diz a Deus: "Sou peregrino na terra; não me ocultes os teus preceitos". É justo que estejam escondidos para aqueles que não são peregrinos na terra. Mesmo que ouçam os mandamentos, não os apreciam, porque só pensam no que é terreno. Mas os que têm a cidadania nos céus (cf Fl 3,19.20), enquanto vivem na terra, de fato estão em peregrinação. Peçam, portanto, que o Senhor não lhes oculte os seus mandamentos, que os liberte desta peregrinação, e que amem a Deus, com o qual estarão eternamente. E amem o próximo, para que chegue lá onde eles mesmos estarão.

3 20 Que há de amar quem ama, se não amar o próprio amor? Por conseguinte, este peregrino na terra, tendo suplicado que Deus não lhe ocultasse os mandamentos, que ordenam em primeiro lugar, ou apenas, o amor, proclama querer amar esta caridade, nos seguintes termos: "A minha alma cobiçou desejar em todo tempo as tuas justificações". Essa concupiscência não é condenável; é louvável. Não foi a respeito dela que foi preceituado: "Não cobiçarás" (Ex 20,17; Rm 7,7), mas daquelas aspirações da carne contra o espírito (cf Gl 5,17). Desta boa concupiscência, que leva o espírito a ter aspirações contrárias à carne, fala a Escritura; procura onde a encontrarás: A concupiscência da sabedoria conduz ao reino (cf Sb 6,21). Existem muitos outros testemunhos sobre a boa concupiscência. É importante saber o objeto da concupiscência,

que não deve ser omitido quando se menciona a boa concupiscência; se este não é declarado, mas o termo vem só, entende-se que está usado no mau sentido. No trecho que citei: A concupiscência da sabedoria conduz ao reino, de forma alguma, sem o acréscimo: da sabedoria, se teria dito: A concupiscência conduz ao reino. Quanto à afirmação do Apóstolo: "Eu não teria conhecido a concupiscência, se a lei não tivesse dito: Não cobiçarás" (Rm 7,7), ele não acrescentou que se sentiria concupiscência, ou o que é que não se deve cobiçar. Ao se exprimir desta maneira, evidencia-se que se trata da má concupiscência. Que é, então, que cobiça a alma do salmista? "Desejar as tuas justificações, em todo o tempo". Creio que ainda não as desejava, quando cobiçava desejar. Efetivamente, justificações são os atos justos, isto é, as obras de justiça. Se mesmo quem já as deseja, ainda não as possui, como não estaria longe delas quem ainda cobiçava desejá-las? E como não estariam ainda mais longe os que nem isso ainda desejavam?

4 É de admirar como se há de cobiçar o desejo, nem que ele não exista em nós se a concupiscência em nós já se encontra. Não se trata de um belo objeto como o ouro, ou de um corpo formoso que alguém cobice sem possuir, porque está do lado de fora, e não dentro do homem. Quem não sabe que a concupiscência está no homem, que dentro do homem se encontra o desejo? Por que então cobiça tê-lo, como se fosse trazido do lado de fora? Ou como poderia sua concupiscência existir sem ele, se ele próprio dela não se distingue? Pois, desejar, sem dúvida, é cobiçar. Que doença é esta, tão estranha e inexplicável? E no entanto, assim é. Igualmente o doente que está enfastiado e quer se livrar deste mal, ambiciona desejar alimento, quando não quer ter fastio; mas este fastio é doença corporal. Quanto à concupiscência que o leva a desejar alimento, para ficar livre do fastio, encontra-se no ânimo, não no corpo. Quem a possui não é o paladar, restringido pelo fastio, mas a intenção de recuperar a saúde, com a qual se provê à eliminação do fastio. Por isso, não é extraordinário que a alma deseje para que o corpo apeteça, quando a alma está desejando sem que o corpo a acompanhe. Sendo ambos dependentes da alma, e ambos constituam concupiscência, por que cobiço desejar as justificações de Deus? Como numa só e mesma alma tenho a cobiça deste desejo, e não tenho o desejo? Ou seriam, duas coisas, não uma só? Por que cobiço desejar as justificações, e não as próprias justificações mais do que o desejo delas? Ou de que maneira posso cobiçar o desejo das justificações e não cobiçar as próprias justificações? Se cobiço o desejo delas, é porque desejo tê-las. Se assim é, na verdade já as desejo. Que necessidade há de cobiçar o desejo delas, quando já as tenho e percebo que as tenho? Pois não poderia cobiçar o desejo da justiça senão desejando a justiça. Ou seria o que afirmei mais acima que importa amar o próprio amor que nos leva a amar o que convém, como se deve odiar o amor com que se ama o que não convém? De fato, temos ódio a nossa concupiscência, pela qual a carne tem aspirações contrárias ao espírito; e que concupiscência é esta senão a de má espécie? E amamos nossa concupiscência que faz com que o espírito tenha aspirações contrárias à carne (cf Gl 5,17); e que concupiscência é esta senão caridade genuína? Ao se dizer: Deve ser amada, que se afirma senão: Deve ser cobiçada? Por conseguinte, como as justificações de Deus são

cobiçadas com razão, é correta a concupiscência que leva a cobiçar as justificações de Deus. De outra maneira se pode formular: Se as justificações de Deus são retamente amadas, retamente se ama o amor às justificações de Deus. Seria uma coisa cobiçar e outra desejar? Não assevero que a concupiscência não seja desejo, mas que nem toda concupiscência é desejo. Cobiça-se mesmo o que se tem e o que não se possui; pois cobiçando, o homem goza daquilo que possui; desejando, porém, deseja na carência destes bens. Que é, então, o desejo, senão a concupiscência de um bem ausente? Mas como podem estar ausentes as justificações de Deus, a não ser quando desconhecidas? Ou quando conhecidas, mas não praticadas, devem ser consideradas ausentes? Pois, que são as justificações a não ser obras justas, e não somente palavras? Assim, podem não ser desejadas devido à fraqueza da alma; e pela razão, onde se percebe como são úteis e salutares, é possível cobiçar o desejo delas. Freqüentemente vemos o que devemos fazer e não o fazemos, porque não nos agrada a ação e desejamos o que deleita. O intelecto voa na frente, enquanto o afeto humano que é fraco segue-o lentamente, e por vezes, nem segue. Por conseguinte, o salmista cobiçava desejar o que viu ser bom, desejando comprazer-se naquilo cuja motivação podia ver.

5 O salmo não declara: Cobiço, mas: “A minha alma cobiçou desejar em todo tempo as tuas justificações”. Talvez este peregrino na terra era tal que já alcançara o que cobiçara, e já desejava as coisas cuja cobiça manifesta ter tido outrora. Se desejava, por que não o possuía? Só impede a posse das justificações de Deus a falta de desejo delas, quando por elas não arde a caridade, embora brilhe a sua glória. Ou as possuía e as praticava? Pois, pouco mais abaixo diz: “Teu servo, porém, se exercitava em tuas justificações”. Mas, ele demonstra por que degraus se sobe até elas. Primeiro, é necessário ver que são úteis e honestas; em seguida, que se ambicione o desejo delas; por fim, com o aumento da luz e da saúde, seja-nos um deleite praticá-las, quando antes somente seu conhecimento nos deleitava. Os versículos seguintes, uma vez que este sermão já está prolixo, serão explicados melhor em outro sermão, com o auxílio do Senhor.

IX SERMÃO

1 21 Os versículos deste salmo que em seguida serão comentados nos advertem sobre a causa de nossa miséria. De fato, tendo dito: “A minha alma cobiçou desejar as tuas justificações em todo tempo”, quer dizer, na prosperidade e na adversidade, porque a justiça deve deleitar mesmo entre trabalhos e dores, nem deve ser amada de tal modo na tranqüilidade que seja abandonada nos tempos conturbados, mas há de ser abraçada em todo tempo, imediatamente adicionou as palavras: “Repreendeste os soberbos; malditos os que se apartam de teus preceitos”. Pois, os soberbos se apartam dos mandamentos de Deus. Uma coisa é, efetivamente, não cumprir os mandamentos por fraqueza ou ignorância; outra, apartar-se deles por soberba, como fizeram os que nos geraram em condição mortal no meio destes males. Pois, deleitou-os a palavra: “Vós sereis como deuses” (Gn 3,5), e assim se apartaram por esta soberba do mandamento de Deus, que

eles estavam cientes de lhes ter sido imposto, e que eles podiam cumprir facilmente, sem que fraqueza alguma os dissuadisse, impedisse, retardasse. E eis que toda esta dura e infeliz tribulação que atinge os mortais, de certa ma-neira hereditária, constitui uma censura aos orgulhosos. Pois, quando Deus disse: “Adão, onde estás”? (Gn 3,9), não ignorava onde ele estava, mas repreendia o soberbo. Não desejava saber onde estava então, isto é, a que estado miserável fora reduzido, mas com a pergunta censurava, admoestava. Vê, porém, que o salmista, tendo dito: “Repreendeste os soberbos” não declarou: Malditos os que se apartaram de teus preceitos, como se somente se lembrasse do pecado dos primeiros pais, mas afirma: “Malditos os que se apartam”. Era necessário, de fato, que todos ficassem atemorizados diante daquele exemplo e não se apartassem dos preceitos divinos e que amando a justiça em todo tempo, recebessem em troca do labor ainda neste mundo o que perderam no paraíso por causa do prazer.

2 22 Mas, visto que os soberbos não abaixam a cabeça nem diante de tamanha repreensão e derrubados pelo suplício do trabalho e da morte, exaltam-se cheios de soberba, imitando o orgulho dos que caem e zombando da humildade dos que se levantam, o corpo de Cristo reza por eles, nesses termos: “Afasta de mim o opróbrio e o des-prezo, porque procurei cuidadosamente os teus testemunhos”. À palavra: testemunhos corresponde em grego o termo: martyria, que já usamos como se fosse expressão latina. Efetivamente, não são denominados testemunhas, conforme poderíamos falar em latim, mas recebem o nome grego de mártires aqueles que por causa do testemunho prestado a Cristo foram humilhados por vários padecimentos e combateram pela verdade até a morte. Como tendes no ouvido esta expressão de modo habitual e mais agradável, consideremos a frase assim formulada: “Afasta de mim o opróbrio e o desprezo, porque procurei cuidadosamente os teus martírios”. Ao falar desta maneira, acaso o corpo de Cristo considera castigo receber opróbrios e desprezo da parte dos ímpios e soberbos, se com isto ele antes alcança a coroa? Por que, então, suplica que lhe sejam retirados, como algo de pesado e intolerável, a não ser, como disse, que reza por seus inimigos, vendo ser-lhes prejudicial lançar como opróbrio aos cristãos o santo nome de Cristo? E desprezar também a cruz, de que zombam os judeus, e os remédios da humildade cristã, única a curar o tumor que nos fez cair e mais inchar nesta prostração, pela persistência e aumento desta mesma soberba? Diga, por conseguinte, todo o corpo de Cristo, que já aprendeu a amar os seus inimigos (cf Mt 5,44), diga a seu Deus e Senhor: “Afasta de mim o opróbrio e o desprezo, porque procurei cuidadosamente os teus martírios”, isto é, afasta de mim o opróbrio que ouço, o desprezo que me menoscaba, porque procurei cuidadosamente os teus mar-tírios. Quanto a meus inimigos, que me ordenas amar, que cada vez mais morrem e perecem, ao desprezarem teus martírios e me incriminarem por causa deles, de fato hão de reviver e de se recuperar, se venerarem teus martírios em mim. Assim, de fato, aconteceu; nós o vemos. Eis que o martírio de Cristo, junto dos homens e neste mundo, não somente não constitui opróbrio, mas até se torna grande ornamento. Eis que não apenas na presença do Senhor, mas ainda diante dos homens já é preciosa a morte de seus santos (cf Sl 115,15); eis que os seus mártires não apenas não são desprezados, mas também recebem

grandes honras. Eis que o filho mais jovem, que em prol dos porcos que guardava (cf Lc 15,15), isto é, em prol dos imundos demônios que ele cultuava, perseguia pequena parte do que lhe pertencia antes num pequeno número de cristãos e agora elogia intensamente os mártires, antes injuriados provindos de tantos e tão importantes povos dos gentios, e exalta com máximos louvores aqueles que ele despreza. Ele estava morto e reviveu, havia perecido e foi recuperado. O corpo de Cristo, diante de tão grande lucro devido à correção, conversão e redenção de seus inimigos, pede a Deus: "Afasta de mim o opróbrio e o desprezo". E como se fosse interrogado de que opróbrio, de que desprezo se trata, acrescenta: "Porque procurei cuidadosamente os teus martírios".

3 23.24 Onde se acha agora aquele opróbrio? Onde está aquele desprezo? Foram embora, passaram; e como foram encontrados os que haviam perecido, também eles pereceram. Mas quando a Igreja fazia tais preces, ela os suportava. Diz o salmo: "Pois os príncipes se assentaram e falavam contra mim". Era pesada a perseguição, porque eram os príncipes que, sentados, isto é, com a autoridade dos tribunais, a desferiam. Isto é atinente à própria Cabeça. Encontram-se os príncipes dos judeus sentados, procurando o modo de condenarem a Cristo (cf Mt 26,3). Pertence também a seu corpo, isto é, à Igreja. Encontram-se reis da terra a excogitarem e darem ordens, a fim de exterminarem os cristãos de todas as partes. "Pois os príncipes se assentaram e falavam contra mim. Teu servo, porém, se exercitava em tuas justificações". Se desejas saber que espécie de exercício é este, pondera o que segue: "Porque teus testemunhos são minha meditação e as tuas justificações o meu desígnio". Relembra-te de que mais acima mencionei que testemunhos são idênticos a martírios. Rememora que entre as justificações do Senhor nenhuma é mais difícil e admirável do que amar os inimigos (cf Mt 5,44). Assim, portanto, era exercitado o corpo de Cristo. Meditava os padecimentos de Cristo, e amava aqueles que o injuriavam e desprezavam e dos quais sofria perseguições por causa do próprio martírio. O salmista, efetivamente, não rezava por si, conforme relembramos, mas antes por eles, dizendo: "Afasta de mim o opróbrio e o desprezo. Pois, os príncipes se assentavam e falavam contra mim. Teu servo, porém, se exercitava em tuas justificações". De que modo? "Porque teus testemunhos são minha meditação e as tuas justificações, o meu desígnio". Desígnio contra desígnio. Desígnio dos príncipes assentados foi perder os mártires que fossem encontrados; desígnio dos mártires que sofriam foi de encontrar os inimigos perdidos. Pagavam-lhes o mal com o bem; enquanto eles pagavam o bem com o mal. Que há de espantoso que eles matando pereceram, enquanto os mártires morrendo venceram? Que há, digo, de admirar se os mártires pacientemente sofreram a morte temporal da parte dos gentios cruéis, e esses gentios, devido à oração dos mártires, puderam obter a vida eterna, se o corpo de Cristo assim se exercita, de tal modo que sofra o martírio e implore bens para os malvados perseguidores dos mártires?

X SERMÃO

1 25 Continua este salmo, o maior de todos, os versículos seguintes que devemos considerar e comentar, conforme nos conceder o Senhor: "Prostrada no pavimento está a minha alma. Restitui-me a vida segundo a tua palavra". Que significa: "Prostrada no pavimento está minha alma?" Pois, ao aditar: "Restitui-me a vida segundo a tua palavra", na verdade colocou primeiro a causa do pedido de restituir-lhe a vida: "Prostrada está no pavimento a minha alma". Conseqüentemente, se pede seja-lhe restituída a vida porque sua alma está prostrada no pavimento, seria de admirar que queira dar a entender assim algo de bom. A frase inteira parece significar: Estou morto, vivifica-me. Que seria, então, o pavimento? Se quisermos tomar o mundo inteiro como se fosse determinada casa bem grande, o céu seria o teto e a terra, portanto, o pavimento. O salmista, portanto, quer se libertar das coisas terrenas e repetir com o Apóstolo: "A nossa cidade está nos céus" (Fl 3,20). Assim, aderir às coisas da terra é a morte da alma. Pede-se a vida contrária a este mal, no pedido: "Restitui-me a vida".

2 Mas vejamos se convêm ao salmista estas palavras. Mais acima proferira tais palavras que parecia aderir mais a Deus do que ao pavimento, de tal sorte que sua cidade não estaria nas coisas terrenas, mas nas celestes. Pois, como se entenderia que aderiu às coisas terrenas aquele que afirma: "Teu servo, porém, se exercitava em tuas jutificações. Porque teus testemunhos são minha meditação e as tuas justificações, o meu desígnio?" São estas as palavras precedentes, e as seguintes são: "Prostrada no pavimento está minha alma". Ou devemos compreender por que, quanto alguém progrida nas justificações do Senhor, tem, de fato, o afeto da carne mortal pelos bens terrenos, que fazem da vida humana uma tentação na terra (cf Jó 7,1), e enquanto com perseverança progride, saindo desta morte, diariamente revive, pela ação vivificadora daquele, por cuja graça nosso homem interior se renova de dia em dia? Pois, também quando o Apóstolo dizia: "Enquanto habitamos neste corpo, estamos longe do Senhor" (2Cor 5,6), e desejava partir para estar com Cristo, sua alma estava prostrada no pavimento. Deriva daí que não é absurdo entender por pavimento o próprio corpo, que se origina da terra. Uma vez que ele ainda é corruptível e pesa sobre a alma (cf Sb 9,15) é com razão que se geme quando se está nele, dizendo a Deus: "Prostrada no pavimento está minha alma. Restitui-me a vida segundo a tua palavra". Não quer ele dizer que sem o corpo estaremos para sempre com o Senhor (cf 1Ts 4,17); mas então, como os corpos não serão mais corruptíveis, nem pesarão sobre as almas, se considerarmos bem, nós não havemos de aderir a eles, antes eles é que vão aderir a nós, nós, porém, a Deus. Daí derivam as palavras de outro salmo: "Para mim a felicidade é aproximar-me de Deus" (Sl 72,28). Assim, os corpos vivem por nós, a nós aderindo; nós, porém, vivemos de Deus, porque para nós é felicidade aderir a Deus. Esta união, da qual foi dito: "Prostrada no pavimento está minha alma" não é relativa à união da carne e da alma, apesar de terem alguns assim entendido; a meu ver, representa antes o afeto carnal da alma, pelo qual as aspirações da carne são contra o espírito (cf Gl 5,17). Se for corretamente entendido, efetivamente aquele que diz: "Prostrada no pavimento está minha alma. Restitui-me a vida segundo a tua palavra" não suplica ser libertado deste corpo de morte, pela morte corporal. Isto se realizará no último dia desta vida, que devido a sua brevidade não pode estar muito

longe, e um dia virá. Mas, ele pede que diminua cada vez mais a concupiscência pela qual tem aspirações contrárias ao espírito e que sempre aumente a concupiscência pela qual tenha aspirações contrárias à carne, até que ela desapareça de nós, consumida pelo Espírito Santo, que nos foi dado.

3 26 O salmista se expressou muito bem, pois não disse: "Restitui-me a vida" segundo seus méritos, e sim: "segundo a tua palavra". Que é isto senão segundo a tua promessa? O salmista quer ser filho da promessa, não filho do orgulho, de tal forma que segundo a graça seja firme a promessa a toda descendência. Pois, tal é a promessa: "De Isaac sairá a descendência que terá teu nome, isto é, não são os filhos da carne que são os filhos de Deus, mas são os filhos da promessa que são tidos como descendentes" (Rm 9,7-8; Gn 21,12). Pois, confessa o que ele era por si mesmo, no versículo seguinte: "Eu te expus os meus caminhos e me escutaste". Como efeito, trazem alguns códices: "Teus caminhos"; mas a maioria, e especialmente os gregos têm: "meus caminhos", isto é, maus caminhos. A meu ver, ele diz: Confessei meus pecados e me escutaste, a saber, para perdoá-los. "Ensina-me as tuas justificações". Confessei meus caminhos. Tu os destruíste. Ensina-me os teus. Ensina de tal modo que os ponha em prática e não apenas para saber o que devo fazer. Fora dito do Senhor que "não conhecera o pecado" (2Cor 5,21) e subentende-se que não cometera pecado; assim também deve-se dizer com verdade que conhece a justiça quem a pratica. Esta oração é própria de alguém que está em progresso. Pois, de fato, se não a praticasse absolutamente, não diria as palavras de um versículo anterior: "Teu servo, porém, se exercitava em tuas justificações". Não almeja aprender do Senhor as justificações em que se exercitava, mas quer alcançar avançando destas para outras, crescendo de certa maneira.

4 27.28 Enfim, acrescenta: "Ensina-me a senda de tuas justificações". Alguns códices trazem: "Instrui-me", e mais expressamente do grego: "Faze-me entender. E exercitar-me-ei em tuas maravilhas". Denomina as justificações mais amplas, que ele ambiciona aprender em seu progresso, maravilhas de Deus. Algumas das justificações de Deus são, efetivamente, tão admiráveis que, por fraqueza humana, aqueles que não as experimentaram acreditam não ser possível alcançá-las. Este o motivo por que o salmista se empenha, e de certo modo cansado pela dificuldade de obtê-las, acrescenta: "A minha alma dormitou de tédio. Conforta-me com tuas palavras". Que significa: "dormitou", senão uma diminuição da esperança, que a fazia acreditar poder apreendê-las? Mas, "conforta-me com tuas palavras", para não acontecer que dormitando caia da altura que sinto ter alcançado. Conforta-me com tuas palavras que já possuo, que já pratico, a fim de poder a partir destas, progredindo, atingir outras.

5 29 Qual o obstáculo que impede se ande no caminho das justificações de Deus de tal forma que se possa facilmente chegar também àquelas maravilhas? Que julgamos ser senão o que pede seja removido nos versículos seguintes: "Aparta de mim o caminho da iniqüidade?". Ora, a lei dos atos interveio para que avultassem as faltas" (Rm 5,20); então, prossegue o salmista: "E compadece-te de mim segundo a tua lei". Que lei senão a lei da fé? Escuta o que diz o Apóstolo: "Onde está, então o motivo de glória? Fica

excluído. Em força de que lei? A das obras? De modo algum, mas em força da lei da fé" (Rm 3,27). É nesta lei da fé que acreditamos e é ela que pedimos nos seja dada pela graça, a fim de fazermos o que não podemos cumprir por nós mesmos. Não aconteça que desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a nossa, não nos sujeitemos à justiça de Deus (cf Rm 10,3). Na lei, portanto, das obras encontra-se a justiça do Deus que ordena; na lei, contudo da fé, a misericórdia do Deus que socorre.

6 30-32 Tendo dito: "E compadece-te de mim segundo a tua lei", devido aos benefícios de Deus que já conseguiu, de certo modo, se assim se pode falar, o salmista designa os restantes ainda não obtidos, para impetrá-los. Pois, diz: "Escolhi o caminho da verdade. Não me esqueci de teus juízos. Aderi a teus testemunhos, Senhor, não permitas que seja eu confundido. Escolhi o caminho da verdade", por onde hei de correr; "não me esqueci de teus juízos", para correr. "Aderi a teus testemunhos", ao correr; "Senhor, não permitas seja eu confundido", prossiga por onde corro, alcance o ponto para onde tendo. Pois, "não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus que faz misericórdia" (cf Rm 9,16). Enfim, prossegue: "Corri pelos caminhos de teus mandamentos, quando me dilataste o coração". Não correria, se não me dilatasses o coração. Na verdade, este versículo expõe o que foi dito: "Escolhi o caminho da verdade. Não me esqueci de teus juízos. Aderi a teus testemunhos". Esta corrida, de fato, corresponde ao caminho dos mandamentos de Deus. E como o salmista alega antes os benefícios de Deus do que seus méritos, se alguém lhe dissesse: Correste por este caminho, escolhendo os juízos de Deus, não te esquecendo deles, aderindo a seus testemunhos; acaso pudeste fazê-lo por ti mesmo? Ele responde: Não. E então? "Corri pelos caminhos de teus mandamentos, quando me dilataste o coração". Não foi, portanto, por meu próprio arbítrio, como em nada necessitado de teu auxílio, mas "quando me dilataste o coração". A dilatação do coração consiste no deleite da justiça. Esta é um dom de Deus, de tal forma que não nos sentimos angustiados pelo temor no cumprimento de seus preceitos, mas somos dilatados pelo amor e o deleite da justiça. O Senhor nos promete esta dilatação, dizendo: "Em meio a eles habitarei e caminharei" (2Cor 6,16). Como é amplo o espaço onde Deus caminha! Nesta amplidão difunde-se a caridade em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (cf Rm 5,5). Daí vem que se disse: Não derrames pela rua o teu manancial (Pr 5,16). Platea, rua, vem de palavra grega que significa amplidão (latitudo); em grego se diz platu, em latim, amplo, largo. A respeito dessas águas clama o Senhor: "Se alguém tem sede, venha a mim. Quem crê em mim, de seu seio jorrarão rios de água viva". O evangelista expõe o sentido dessas expressões: "Ele falava do Espírito que deviam receber os que nele cressem" (Jo 7,37-38). Muitas coisas ainda poderiam ser ditas desta dilatação do coração, mas a isto se opõe a extensão deste sermão.

XI SERMÃO

1 33 Prossegue este grande salmo com os versículos que nós vamos considerar e tratar,

pela graça do Senhor: “Impõe-me por lei, Senhor, o caminho de tuas justificações e sempre o cumprirei”. Afirma o Apóstolo: “A lei não é destinada ao justo, mas aos iníquos e rebeldes”, etc. E conclui: “E para tudo o que se oponha à sã doutrina, segundo o evangelho de glória do Deus bendito, que me foi confiado” (1Tm 1,9.11). Por acaso o salmista que disse: “Impõe-me por lei, Senhor”, seria do número daqueles aos quais a lei se destina, conforme a palavra de são Paulo? De forma nenhuma. Se fosse desses tais não teria dito mais acima: “Corri pelos caminhos de teus mandamentos quando me dilataste o coração”. Por que, então, pede que se lhe imponha uma lei, se esta não se destina ao justo? Ou seria que não é imposta do mesmo modo que ao povo contumaz? Para este foi imposta em tábuas de pedra, não em tábuas de carne, nos corações (cf Ex 31,18; 2Cor 3,3); segundo o Antigo Testamento do monte Sinai, que gera para a escravidão (Gl 4,24), e não segundo o Novo Testamento, do qual foi escrito pelo profeta Jeremias: “Eis que dias virão — oráculo do Senhor — em que selarei com a casa de Israel e a casa de Judá uma aliança nova. Não como a aliança que selei com seus pais, no dia em que os tomei pela mão para fazê-los sair da terra do Egito — minha aliança que eles mesmos romperam; e eu os abandonei, oráculo do Senhor. Porque esta é a aliança que selarei com a casa de Israel, depois desses dias, oráculo do Senhor. Eu porei minha lei nas suas mentes e a escreverei em seu coração” (Jr 31,31-33). É desta maneira que o salmista deseja seja-lhe imposta uma lei pelo Senhor; não como aos injustos e rebeldes, pertencentes ao Antigo Testamento, lei promulgada em tábuas de pedra; mas como aos santos filhos da Jerusalém livre, isto é, a Jerusalém do alto, filhos da promessa, filhos da herança eterna, lei que foi dada como se fosse escrita nas mentes pelo dedo de Deus, o Espírito Santo, e se inscreve nos corações. Que eles não a retenham na memória, negligenciando tê-la na vida, mas entendendo-a saibam, amando-a pratiquem, na amplidão do amor e não nas angústias do temor. Pois, quem cumpre as obras da lei pelo temor do castigo e não pelo amor da justiça, realmente a pratica contra a vontade. E quem a pratica coagido, se possível preferiria que não lhe fosse ordenada. Assim, não é amigo, mas inimigo da lei que quereria não existisse; não se purifica pelas obras, quem é impuro pela vontade. Ele não pode repetir o que o salmista declarou nos versículos anteriores: “Corri pelo caminho de teus mandamentos, quando me dilataste o coração”, porque essa dilatação representa a caridade, que, segundo o Apóstolo, é a plenitude da lei (cf Rm 13,10).

2 Ora por que motivo, então, o salmista suplica seja-lhe imposta uma lei? Não lhe seria efetivamente imposta se não tivesse corrido com dilatação do coração no caminho dos mandamentos de Deus? Mas estando a falar alguém que está em progresso e sabe que este é dom de Deus, não pede outra coisa ao suplicar-lhe seja imposta uma lei senão que ele avance cada vez mais submisso a ela. Se seguras um copo cheio de água, e começas a dar a quem tem sede, este bebendo haure e desejando pede. A lei imposta aos injustos e rebeldes (cf 1Tm 1,9), gravada em tábuas de pedra, fá-los réus de prevaricação e não filhos da promessa. Mas igualmente aquele que dela se lembra e não a ama, deste modo torna-se réu; pois esta recordação se torna para ele de certo modo uma lei escrita na pedra, não para adorná-lo, e sim oprimi-lo. É pesado ônus, não título de honra. O

salmista deu a esta lei o nome de caminho dos mandamentos de Deus, que ele disse ter percorrido, quando seu coração se dilatou. Por conseguinte correu e corre, até alcançar a palma do chamado do alto, proferido por Deus. Enfim, tendo dito: "Impõe-me por lei, Senhor, o caminho de tuas justificações", prosseguiu: "E sempre o procurarei". Mas, quem procura o que já tem, a não ser que tenha praticando, e procure progredindo?

3 Que significa, porém: "sempre"? Será que a busca não terá fim, conforme a palavra: "Seu louvor estará sempre em minha boca" (Sl 33,2), porque o louvor será interminável e não deixaremos de louvar a Deus, ao chegarmos a seu reino eterno, pois lemos: "Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos"? (Sl 83,5). Ou refere-se o salmista com o termo: "sempre" à duração da presente vida, uma vez que em toda ela avançamos e depois desta vida os que se aperfeiçoavam aqui, lá serão consumados? Conforme foi dito de certas mulheres: "sempre aprendendo", mas no mau sentido porque em seguida acrescentou: "sem jamais poder atingir o conhecimento da verdade" (2Tm 3,7). Quanto ao que avança para o que é melhor continuamente, chega ao fim que se esforça por alcançar, onde não avançará mais, porque permanece perfeito sem fim. Não foi deles que se disse: "sempre aprendendo", como se depois da morte continuem a aprender doutrinas vãs e estéreis, pois a tais conhecimentos não sucedem outros estudos e sim os suplícios eternos. Aqui na terra, portanto, procura-se a lei de Deus, adiantando-se nela pelo conhecimento e amor; lá no céu, porém, a sua plenitude permanece para o gozo e não para a busca. Assim, naquela palavra: "Buscai sempre a sua face" (Sl 104,4), onde se há de procurar "sempre", a não ser aqui? Pois, não haveremos de procurar a face de Deus lá onde o veremos face a face (1Cor 13,12). Ou se é com razão que se diz que se procura o que se ama sem fastio, e cuida-se de não perder, sempre, de fato, sem fim, havemos de procurar a lei de Deus, isto é, a verdade de Deus. Com efeito, se diz neste mesmo salmo: "E tua lei é a verdade". Procura-se agora para possuí-la; então se possuirá para não perdê-la, conforme foi dito sobre o Espírito de Deus que sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus (cf 1Cor 2,10). Não é, de fato, para que ele encontre aquilo que desconheça, mas porque nada resta, absolutamente que ele não saiba.

4 34 O salmista, portanto, recomenda-nos especialmente a graça de Deus, quando pede ao Senhor lhe imponha uma lei, que ele verdadeiramente já conhecia segundo a letra. Ora, considerando que a letra mata, mas o espírito comunica a vida (cf 2Cor 3,6), suplica-lhe conceda fazer por meio do espírito o que conhecia pela letra, a fim de não acontecer que tendo conhecido o mandamento sem praticá-lo, incorra ainda no crime de prevaricação. Como ninguém pode compreender a lei, se o Senhor não lhe der entendimento, o salmista, desejando conhecer a lei como deve ser conhecida, isto é, entender o que ela quer dizer, o motivo por que foi imposta àqueles que não a haveriam de observar e qual a utilidade de ter "a lei intervindo para que avultassem as faltas" (Rm 5,20), por tudo isso, ele acrescenta: "Dá-me inteligência e perscrutarei a tua lei, e a guardarei de todo o coração". Quando alguém, efetivamente, tiver perscrutado a lei e alcançado o ponto alto do qual toda ela depende, sem dúvida há de amar a Deus de todo

o coração, de toda a alma e de todo o entendimento, e ao próximo como a si mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas (cf Mt 22, 37.39.40). É isso que o salmista evidentemente promete no versículo: “E a guardarei de todo o coração”.

5 35 Mas, não pode alcançar esta meta pelas próprias forças, sem o auxílio daquele que ordena, de sorte a fazer segundo o preceito. Diz o salmista: “Leva-me pela senda de teus preceitos, porque a escolhi”. Pouco adianta minha vontade, se não me conduzes ao fim que almejei. E certamente esta é a senda, este o caminho dos mandamentos de Deus, pelo qual ele já dissera ter corrido, quando seu coração se dilatou. Por isso a denomina senda, porque estreito é o caminho que conduz à vida (cf Mt 7,14); e sendo estreito, por ele não se corre se o coração não estiver dilatado.

6 36 Mas, tendo em vista que ainda se aperfeiçoa, ainda corre, e por isso procura obter o auxílio divino para ser conduzido, por não depender tudo isso de quem quer, nem de quem corre, e sim de Deus que faz misericórdia (cf Rm 9,16), enfim, é Deus quem opera em nós o querer, (cf Fl 2,13), porque a vontade é preparada pelo Senhor, o salmista prossegue: “Inclina meu coração aos testemunhos teus e não à avareza”. Que significa ter o coração inclinado a alguma coisa, senão querê-la? Por conseguinte ele quis e reza para querer. Quis, pois disse: “Leva-me pela senda de teus preceitos, porque a escolhi”, e reza para a querer, ao proferir: “Inclina meu coração aos testemunhos teus e não à avareza”. Assim reza a fim de progredir nessa vontade. Quais são os testemunhos de Deus, se não forem aqueles que ele mesmo atesta? Pois chamam-se testemunhos as provas de alguma coisa. As justificações de Deus e seus mandamentos se provam pelos testemunhos de Deus. Quando Deus quer nos persuadir, persuade através de seus testemunhos. É a esses testemunhos que o salmista pede se incline seu coração e não à avareza. Por meio de seus testemunhos Deus faz com que o cultuemos gratuitamente; é isto que quer impedir a avareza, raiz de todos os males. Ele emprega aqui um termo grego que dá a entender a avareza em geral, que induz alguém a cobiçar mais do que o suficiente. pléon traduz-se ao latim por “mais”; écsis é o hábito que provém do verbo ter (habere). Por conseguinte pleonecsia significa ter mais. Alguns latinos verteram por “emolu-mento”, outros por “utilidade”; mas a melhor tradução é: “avareza”. Com efeito, diz o Apóstolo: “A raiz de todos os males é a avareza” (1Tm 6,10). Mas no grego, de onde foi feita a tradução, não se lê no Apóstolo pleonecsia, conforme está nesta passagem do salmo, e sim philarairía palavra que significa amor do dinheiro. Efetivamente, deve-se entender que com este nome o Apóstolo designa o gênero pela espécie, isto é, pelo amor ao dinheiro avareza universal e geral, que é a raiz de todos os males. Efetivamente, os primeiros homens não teriam sido enganados pela serpente e não cairiam se não tivessem querido ter mais do que haviam recebido, e ser mais do que eram quando foram criados. A serpente lhes prometera: “Vós sereis como deuses” (Gn 3,5). Portanto, eles foram derrubados por esta pleonecsia. Querendo ter mais do que aquilo que haviam recebido, perderam até mesmo o que receberam. Um vestígio desta verdade que está difundida por toda parte e foi recolhida no direito forense encontra-se na disposição de que a causa se perde quando se pede demais, isto é, quem pedir mais

do que lhe é devido, perde mesmo o que lhe cabe por direito. Cortamos toda avareza, se cultuarmos a Deus gratuitamente. O próprio inimigo provoca a este respeito Jó, o santo varão, na luta da tentação, ao dizer a Deus: "É em vão que Jó teme a Deus"? (Jó 1,9). Com efeito, o diabo pensava que este justo adorava a Deus, com coração inclinado à avareza, e que o servia tendo em vista os emolumentos ou a utilidade dos bens temporais com os quais o Senhor o enriquecera, como o mercenário serve por causa do salário; mas a provação demonstrou como cultuava gratuitamente a Deus. Se, portanto, não temos o coração com pendor para a avareza, adoramos a Deus somente por causa de Deus, de tal forma que o próprio culto nô-lo dá como recompensa. Amemo-lo em si mesmo, amemo-lo em nós, amemo-lo em nosso próximo que amamos como a nós mesmos, quer já o possua, quer a fim de que venha a possuí-lo. E como isso se consegue por um dom de Deus, é que se diz: "Inclina meu coração aos testemunhos teus e não à avareza". Quanto aos versículos seguintes, ficam para ser tratados em outro sermão.

XII SERMÃO

1 37 Prossegue o salmo que empreendemos comentar: "Desvia-me os olhos para que não vejam a vaidade. Vivifica-me em teu caminho". A vaidade e a verdade se opõem entre si. A cobiça deste mundo é vaidade, enquanto Cristo, que liberta deste mundo, é a verdade. Ele é o caminho onde o salmista quer ser vivificado, porque Cristo é também a vida; de fato, ele mesmo declarou: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). Mas, que significa: "Desvia-me os olhos para que não vejam a vaidade?" Por acaso enquanto estamos neste mundo, podemos deixar de ver a vaidade? "De fato, a criação foi submetida à vaidade" (Rm 8,20). Entende-se que ela está no homem. E: "Tudo é vaidade. Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol"? (Eclo 1,2.3). Talvez esteja pedindo o salmista que sua vida não se desenrole debaixo do sol, onde tudo é vaidade, mas esteja naquele a quem pede que o vivifique? Ele, na verdade, "subiu, não apenas acima do sol, mas subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas" (Ef 4,10). Vivem mais realmente nele do que debaixo do sol os que não escutam debalde a palavra do Apóstolo: "Procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra, pois mor-restes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3,1). Assim, se nossa vida está onde se encontra a verdade, ela não está debaixo do sol, onde se acha a vaidade. Mas possuímos mais em esperança do que na realidade tão grande bem. E o bem-aventurado Apóstolo proferiu estas coisas de acordo com a nossa esperança; pois, depois da afirmação: "A criação foi submetida à vaidade", aditou: "Não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu na esperança" (Rm 8,20). Por conseguinte, por enquanto estamos sujeitos à vaidade, na esperança de que havemos de aderir à contemplação da verdade. Com efeito, toda a criação espiritual, animal e corporal encontra-se no homem; ou antes, é o homem. Ela pecou espontaneamente, e se fez

inimiga da verdade; mas para ser punida como merecia, foi submetida involuntariamente à vaidade. Enfim, diz ele pouco depois: "E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do espírito", isto é, que ainda não por todo o nosso ser, mas pela parte que nos faz melhores que os animais, nos submetemos a Deus, não à vaidade, pelas primícias do espírito; "gememos interiormente, suspirando pela redenção de nosso corpo. Pois fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8,23-25). Enquanto, portanto, segundo a carne estamos na terra, esperando ainda pela paciência da esperança a adoção e a redenção, estamos sujeitos à vaidade, pela parte de nós mesmos que está debaixo do sol. Por conseguinte, enquanto assim somos, como podemos deixar de ver a vaidade, à qual também somos sujeitos em esperança? Por que motivo diz então o salmista: "Desvia-me os olhos para que não vejam a vaidade?" Será que assim suplica tendo em mira não esta vida que decorre na esperança, e sim aquela onde tal objetivo se pode realizar, de "ser liberta da escravidão da corrupção" em espírito, alma e corpo, "para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus", onde já não verá a vaidade?

2 Assim podem ser interpretadas estas palavras, segundo a regra da fé, mas existe outro sentido que, confesso, agrada-me mais. O Senhor diz no evangelho: "Se o teu olho estiver são, todo o teu corpo ficará iluminado; mas, se o teu olho estiver doente, todo o teu corpo ficará escuro. Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas" (Mt 6,22.23). Conseqüentemente, ao praticarmos algum bem, é da maior importância o fim que temos em vista. Com efeito, é dever nosso pensar que não na tarefa, mas na finalidade, de tal modo que ponderemos não tanto se é bom o que fazemos, mas principalmente se o fazemos por um bem. O salmista suplica que, para não verem a vaidade, sejam desviados os olhos que nos fazem contemplar por que razão fazemos o que fazemos; isto é, não vise à vaidade ao praticar algum bem. Destaca-se entre os motivos inspirados nesta vaidade o amor do louvor humano. Por causa dele, fizeram grandes obras os que o século denomina grandes, e que são célebres nas cidades dos gentios. Eles procuram obter glória junto dos homens e não diante de Deus e para alcançá-la vivem aparentemente de maneira prudente, forte, temperante, justa; se a obtêm, em sua vaidade receberam vã recompensa. No intuito de afastar os olhos dos seus desta vaidade, exorta o Senhor: "Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles. Se o fizerdes, não recebereis a recompensa do vosso Pai que está nos céus" (Mt 6,1). Em seguida, ao tratar de certas partes da própria justiça, ordenando acerca das esmolas, da oração, do jejum, sempre admoestou a não se fazer coisa alguma por causa da glória humana, e declarou que todos os que agissem assim já teriam recebido sua recompensa, a saber, a recompensa temporal visada pelos que contemplam a vai-dade ao agirem e não a recompensa eterna reservada junto do Pai para os santos. O louvor humano, em si, não é culpável (pois que há de mais desejável do que agradar aos homens aquilo que eles devem imitar?), mas agir bem tendo como finalidade o louvor significa contemplar a vaidade em suas obras. Efetivamente, por maior que seja o louvor proveniente dos homens ao justo, ele não deve ver nisto a finalidade do bem

que pratica, mas até o louvor deve ser referido ao louvor de Deus, fim visado pelos que são efetivamente bons, ao fazerem o bem; pois não são bons por si mesmos, mas isto provém de Deus. Enfim, no mesmo sermão, o Senhor já lhes dissera: “Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus (Mt 5,16). É o fim que o Senhor indica, a glória de Deus, à qual devemos visar quando fazemos algum bem, se nossos olhos se desviam da vaidade. Não constituamos o fim de nossa boa obra nos louvores dos homens, mas corrijamos os próprios louvores humanos, referindo-os ao louvor de Deus, por quem nos é concedido tudo o que em nós é louvado sem erro de quem louva. Na verdade, se é vão fazer o bem em vista do louvor dos homens, muito pior não será fazê-lo para adquirir, aumentar ou guardar dinheiro ou por qualquer outra vantagem temporal, que nos atinge externamente? “Tudo é vaidade. Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol”? (Ecl 1,2.3). Enfim, nem mesmo pela incolumi-dade temporal devemos fazer nossas boas obras, mas antes por nossa salvação eterna, onde havemos de gozar de um bem imutável, que nos virá da parte de Deus, ou antes, que é o próprio Deus. Pois, se os santos de Deus fizessem boas obras por causa da salvação temporal, nunca os mártires de Cristo teriam completado a boa obra da confissão com a perda desta mesma salvação. Mas receberam auxílio na tribulação, porque nada vale o socorro humano (Sl 59,13); e não desejaram o dia fatal (cf Jr 17,16), porque o homem assemelha-se à vaidade, e seus dias passam como sombra (cf Sl 143,4).

3 Se pedimos a Deus que nos conceda o que parece estar em nosso poder, isto é, desviar os olhos para não ver a vaidade, que fazemos a não ser insistir na realidade de sua graça? Pois, alguns não desviaram os olhos da vaidade, por pensarem que eles próprios se fariam justos e bons, e amaram mais a glória dos homens do que a de Deus (cf Jo 12,43); são homens que tiveram excessiva complacência em si mesmos, e presumiram das forças de seu arbítrio. Mas também isso é vaidade e presunção de espírito (cf Ecl 6,9). Tendo dito o salmista: “Desvia-me os olhos para que não vejam a vaidade. Vivifica-me em teu caminho”, porque o caminho não é vaidade, mas é a verdade, logo acrescentou: “Estabelece em teu servo a tua palavra, mediante teu temor”. Que quer dizer senão: Dá-me a possibilidade de fazer o que dizes? A palavra de Deus não está estabelecida naqueles que a removem de si, fazendo o contrário do que ela ordena; está estabelecida naqueles em que se mantém imóvel. Por conseguinte, Deus estabeleceu sua palavra em seu temor naqueles aos quais concede o espírito de seu temor; não aquele temor mencionado pelo Apóstolo: “Não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor” (Rm 8,15); mas o perfeito amor lança fora o temor (cf 1Jo 4,18). Trata-se daquele temor do qual diz o profeta: espírito de temor de Deus (cf Is 11,3), de temor casto que permanece pelos séculos dos séculos (cf Sl 18,10), temor que leva ao receio de ofender o ser amado. De um modo teme a mulher adúltera ao marido, de outro a casta. A adúltera tem medo de que ele venha, a casta de que a abandone.

4 39 “Afasta de mim o opróbrio de que suspeito, porque são suaves os teus juízos”. Quem é que suspeita de seu próprio opróbrio e não conhece melhor seu opróbrio do que

o alheio? É mais provável que o homem suspeite do alheio do que do seu, porque o que se suspeita ignora-se. No próprio opróbrio não há suspeita, mas conhecimento, quando a consciência fala. Que significa então: "o opróbrio de que suspeito?" Certamente, o sentido desta frase deve ser deduzido do sentido da frase anterior. Enquanto o homem não desvia os olhos para não verem a vaidade que opera em si, suspeita que outros a tenham. Acredita que os outros agem pelo mesmo motivo que o leva a adorar a Deus, ou a fazer o bem. De fato, os homens podem ver o que fazemos, mas continua oculto o que visamos em nossas ações. Assim, fornece-se ocasião para suspeitas. O homem ousa julgar das intenções ocultas e suspeitar temerariamente muitas vezes coisas falsas, e se são reais, contudo são desconhecidas. Assim, o Senhor, ao falar da finalidade pela qual devemos praticar a justiça, a fim de desviar nossos olhos da visão da vaidade, exortou-nos a não agirmos tendo em mira os louvores dos homens, nesses termos: "Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles". Admoestou-nos a que não o fizéssemos por causa do dinheiro: "Não ajunteis para vós tesouros na terra", e: "Não podeis servir a Deus e ao dinheiro". Acautelou-nos a não agirmos por causa da própria subsistência e das vestes: "Não vos preocupeis com a vossa vida, quanto ao que haveis de comer, nem com o vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir" (Mt 6,1.19,24.25). E tendo-nos feito todas essas admoestações, porque podemos suspeitar sobre aqueles cuja vida justa presenciamos, sem saber que fim têm em vista, de que fazem o bem por algum destes últimos motivos, logo acrescenta: "Não julgueis para não serdes julgados" (Mt 7,1). Daí vem que o salmista após dizer: "Afasta de mim o opróbrio de que suspeito", acrescentou: "porque são suaves os teus juízos", isto é, teus juízos são verdadeiros. Amante da verdade, clama que é suave o que é verdadeiro. Quanto aos juízos dos homens acerca das intenções ocultas dos homens não são suaves, mas temerários. Por esta razão o salmista diz que é seu o opróbrio que suspeitou a respeito de outrem, porque não entende a palavra do Apóstolo: "Comparando-se a si mesmos". O homem é propenso a suspeitar nos outros o que sente em si mesmo. Por conseguinte, pede o salmista seja-lhe afastado o opróbrio que sentira em si mesmo, e suspeitara dos outros, para não se tornar semelhante ao diabo, que suspeitou dos sentimentos ocultos do santo varão Jó e de que não cultuava a Deus sem interesses próprios. Pediu permissão para tentá-lo para revelar o crime que lhe imputara (cf Jó 1,9).

5 40 Mas como somente a emulação suspeita de bom grado de opróbrio em outrem, desde que não pode reprender a boa ação, porque se manifesta por si o que é feito às claras, censura-se a intenção, porque esta não se revela, mantendo-se oculta. Assim, consegue ter suspeitas livremente quem o quer, não vendo o que está escondido, e invejando o que se destaca; de fato, contra este mal, que leva alguém a suspeitar de outro voluntariamente o mal que não vê, é necessária a caridade, que não é invejosa (cf 1Cor 13,4). O Senhor a recomenda de modo todo especial: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros", e: "Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros" (Jo 13,34.35). E referindo-se ao amor de Deus e do próximo, assim se exprime: "Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mt 22,40). Daí provém que o salmista ore, contra o opróbrio de que

suspeita e que quer cortar: “Eis que cobicei teus mandamentos. Dá-me vida segundo tua justiça”. Eis que desejei de todo o coração, de toda a alma, de todo o espírito amar-te e ao próximo como a mim mesmo; “dá-me vida segundo tua justiça”, não segundo a minha, isto é, cumula-me desta caridade que desejei. Ajuda-me a fazer o que ordenas, dá o que mandas. “Dá-me vida segundo a tua justiça”, pois encontro em mim o que pode causar-me a morte; recurso para dar-me a vida só o encontro em ti. Cristo é a tua justiça, ele “que se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção, a fim de que, como diz a Escritura, aquele que se gloria, se glorie no Senhor” (1Cor 1,30-31). Nele encontro os teus mandamentos que desejei, para que em tua justiça, a saber, nele, me vivifiques. Ele é o Verbo que é Deus; e o Verbo se fez carne (cf Jo 1,14), para ser também meu próximo.

XIII SERMÃO

1 41 Ao sermão anterior que proferimos recentemente sobre o mais prolixo dos salmos, devemos unir este a respeito dos versículos que seguem. São estas as expressões: “E venha sobre mim a tua misericórdia, Senhor”. A sentença parece anexa à anterior, pois o salmista não disse: “Venha sobre mim”, e sim: “E venha”. A precedente reza: “Eis que cobicei teus mandamentos. Dá-me vida segundo tua justiça”. Vem em seguida: “E venha sobre mim a tua misericórdia, Senhor”. Que é que está pedindo, senão que aquele que deu a ordem execute por sua misericórdia os mandamentos que cobicei? Pois, ele expõe de certa maneira o que disse: “Dá-me vida segundo tua justiça”, quando acrescenta: “E venha sobre mim a tua misericórdia, Senhor, a tua salvação segundo a tua palavra”, isto é, segundo a tua promessa. Por isso, o Apóstolo quer que compreendamos que somos filhos da promessa, de tal modo que não consideremos ser nosso o que somos, mas atribuamos tudo à graça de Deus (cf Rm 9,8). Pois, “Cristo se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça santificação e redenção, a fim de que, como diz a Escritura, aqueles que se gloria, se glorie no Senhor” (1Cor 1,30.31). Quanto à palavra: “Dá-me vida segundo tua justiça”, efetivamente deseja ser vivificado em Cristo e pede que venha sobre ele esta mesma misericórdia. O próprio Cristo é a “Salvação” de Deus; com esta expressão expôs a que misericórdia se referia, ao pedir: “E venha sobre mim a tua misericórdia, Senhor”. Se perguntarmos de que misericórdia se trata, ouçamos o que vem em seguida: “A tua salvação segundo a tua palavra”. Tal promes- sa foi feita por aquele que “chama à existência as coisas que não existem como se existissem” (Rm 4,17). Ainda não existiam os receptores da promessa, a fim de que ninguém se gloriasse de seus méritos. E esses receptores também foram prometidos, de sorte que profira todo o corpo de Cristo: “Pela graça de Deus sou o que sou” (1Cor 15,10).

2 42 “E responderei aos que me insultam uma palavra”. É ambíguo o sentido. “Aos que me insultam uma palavra”, ou: “responderei com uma palavra”. Qualquer dos sentidos acena para Cristo. Censuram-nos por causa dele os que consideram Cristo crucificado um escândalo ou uma loucura (cf 1Cor 1,13), ignorando que o Verbo se fez carne e

habitou entre nós, e que o Verbo era no princípio, e era junto de Deus e era Deus (cf Jo 1,14.1). Mas embora não seja ao próprio Verbo que insultam, porque o desconhecem, visto que não reconhecem sua divindade os que desprezam a fraqueza que aparece na cruz; nós, contudo, respondamos com o Verbo e não tenhamos medo nem vergonha por causa do insulto. Pois se conhecessem o Verbo, jamais teriam crucificado o Senhor da glória (cf 1Cor 2,8). Responde com o Verbo aos injuriadores aquele que recebe a salvação de Deus, para o proteger e não para o esmagar. Pois, ela há de vir para esmagar a alguns, que agora desprezam sua humildade, e investindo contra ela se quebram. Pois, assim se exprime o evangelho: "Aquele que cair sobre essa pedra vai se quebrar todo, e aquele sobre quem ela cair, ela o esmagará" (Lc 20,18). Portanto, os que nos insultam, tropeçam e caem sobre a pedra. Nós, porém, para não tropeçarmos e cairmos, não temamos seus insultos, mas respondamos com uma palavra. "Esta é a palavra da fé que nós pregamos. Porque se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Pois quem crê de coração obtém a justiça, e quem confessa com a boca, a salvação" (Rm 10,9.10). Não é suficiente, portanto, ter Cristo no coração e não querer confessá-lo por medo do insulto; mas aos que insultam devemos responder com uma palavra. Foi prometida aos mártires a possibilidade de realizar isto: "Não sereis vós que estareis falando naquela hora, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós" (Mt 10,20). Por isso, o salmista tendo dito: "E responderei aos que me insultam uma palavra", logo acrescenta: "Porque em tua palavra pus a minha confiança". Seria, de fato, em tuas promessas.

3 43 Mas, levando em consideração que muitos, apesar de pertencerem ao corpo que profere estas palavras, não conseguiram suportar o insulto, sob a pressão e peso da perseguição, e cairam, negando a Cristo, prossegue o salmo: "E não me retires da boca até o extremo a palavra da verdade". Refere-se a sua boca, porque fala a unidade do corpo, entre cujos membros se contam aqueles que fra-quejaram por uma negação momentânea, mas reviveram depois pela penitência, ou até recuperaram, reparando pela confissão, a palma do martírio que haviam perdido. A palavra da verdade, portanto, não foi retirada da boca de Pedro, que era tipo da Igreja; não foi até o extremo (usque valde), ou como trazem alguns códices: inteiramente (usquequaque). Apesar de ter negado num momento, perturbado pelo medo, no entanto reparou pelas lágrimas e confessando foi posteriormente coroado. Todo o corpo da Igreja, portanto, é que fala, a saber, a santa Igreja univer-sal. Neste corpo inteiro, seja porque embora muitos tenham negado, restaram os fortes que combateram pela verdade até a morte, seja porque destes que negaram muitos fizeram reparação, não foi retirada de sua boca a palavra da verdade "até o extremo". A expressão: "Não retires" deve ser interpretada como: não permitas seja retirada. É por isso que rezamos: "Não nos deixes cair em tentação" (Mt 6,13). E o próprio Senhor disse a Pedro: "Eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça" (Lc 22,32), isto é, não seja retirada de tua boca a palavra da verdade "até o extremo". Prossegue: "Porque esperei em teus juízos", ou como alguns traduziram mais cuidadosamente do grego: esperei sobretudo (supersperavi). Este verbo usualmente não é composto, no entanto supre diante da necessidade da exatidão da tradução. Mais

atentamente, portanto, devemos procurar o sentido desta passagem, para entendermos, com o auxílio de Deus, o que quer dizer: “Esperei em tuas palavras, esperei sobretudo em teus juízos. Responderei aos que me insultam uma palavra, porque em tuas palavras pus a minha confiança”, isto é, porque isto me prometeste. “E não me retires da boca até o extremo a palavra da verdade, porque esperei sobretudo em teus juízos”. Os teus juízos, que me corrigem e castigam, não só não me tiram a esperança, mas ainda a aumentam, porque o Senhor corrige a quem ama e castiga todo filho que acolhe (cf Hb 12,6). Efetivamente, os santos e humildes de coração, presumindo de teu auxílio, não desfaleceram nas perseguições; os que de si presumiram falharam; no entanto, pertenciam a teu corpo e reconhecendo sua fraqueza choraram e recuperaram de modo mais firme tua graça porque desistiram de sua soberba. Por conseguinte, “não me retires da boca a palavra da verdade inteiramente, porque esperei sobretudo em teus juízos”.

4 44 “E guardarei sempre a tua lei”, isto é, se não retirares de minha boca a palavra da verdade, “guardarei sempre a tua lei. Nos séculos e pelos séculos dos séculos” mostra por que motivo empregou a palavra: “sempre”. Algumas vezes “sempre” tem este sentido: Enquanto se vive aqui na terra; outra coisa é: “nos séculos e pelos séculos dos séculos”. É tradução melhor do que a de alguns códices: “eternamente e pelos séculos dos séculos”. Não puderam dizer: pela eternidade da eternidade. A lei aqui mencionada é a de que fala o Apóstolo: “A caridade é a plenitude da lei” (Rm 13,10). Guardam-na os santos, de cuja boca não é retirada a palavra da verdade, isto é, a própria Igreja de Cristo, não somente neste século, isto é, até que termine o tempo presente, mas também no outro, que se denomina: “séculos dos séculos”. Lá, contudo, não receberemos preceitos da lei, como aqui, para guardarmos, mas observaremos a própria plenitude da lei, como disse, sem temor algum de pecar. Pois, ao contemplarmos a Deus amá-lo-emos mais plenamente, e também ao próximo, porque Deus será tudo em todos (cf 1Cor 15,28). Não haverá pretexto algum de suspeita contra o próximo, porque lá nada será oculto.

XIV SERMÃO

1 45-48 Os versículos precedentes deste longo salmo continham uma oração; os seguintes, que comentaremos agora, constam de uma narração. Mais acima o homem de Deus suplicava o socorro da graça de Deus, nesses termos: “Dá-me vida segundo tua justiça. E venha sobre mim a tua misericórdia, Senhor”, e outras preces semelhantes, antes ou depois. Agora, porém, declara: “E andava por caminho amplo, porque busquei os teus mandamentos. E falava de teus testemunhos diante dos reis e não me envergonhava. E meditava em teus mandamentos, que amei. E ergui as mãos para os teus mandamentos, que amei; e exercitava-me em tuas justificações”. São palavras de um narrador, não de um suplicante. Parece ter impetrado o objeto de sua súplica e confessa, em louvores a Deus, o que dele fizera a misericórdia do Senhor, que pedira viesse sobre si. O salmista não fez a conexão com os versículos precedentes desta forma:

“E não me retires da boca a palavra da verdade inteiramente, porque esperei sobretudo em teus juízos. E guardarei sempre a tua lei, nos séculos e pelos séculos dos séculos; e andarei por caminho amplo, porque busquei os teus mandamentos. E falarei de teus testemunhos diante dos reis e não me envergonharei” etc., no futuro. Assim parece que os versículos seguintes deviam unir-se aos precedentes. Mas disse: “E andava por caminho amplo”. A conjunção copulativa: “E” parece mal colocada, porque ele não disse: E andarei, como dizia: “E guardarei sempre a tua lei”. Ou certamente se foi dito no modo optativo: “Que eu guarde tua lei”, não disse: E ande por caminho amplo, desejando e pedindo ambas as coisas; mas disse: “E andava por caminho amplo”. Se aí não estivesse a conjunção, mas a frase fosse independente e livre de conexão com as frases anteriores: “Andava por caminho amplo”, nada impressionaria o leitor como se fosse inusitado modo de falar, e ele achasse que aqui devia procurar um sentido oculto. Na verdade, quis dar a entender o que não disse, isto é, que foi atendido; e logo acrescentou o que lhe acontecera, como se dissesse: Tendo rezado, tu me ouviste, “e eu andava por caminho amplo”, e o restante, que elaborou desta maneira.

2 Que significa, portanto: “E andava por caminho amplo”, senão andava com a caridade, que foi derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado? (cf Rm 5,5). Por este caminho amplo andava o Apóstolo que afirmava: “A nossa boca se abriu para vós, ó coríntios; o nosso coração se dilatou” (2Cor 6,11). Esta caridade toda inteira está contida naqueles dois mandamentos, dos quais dependem a lei e os profetas (cf Mt 22,40). Daí vem que tendo dito: “E andava por caminho amplo”, acrescentou a causa disso: “Porque busquei os teus mandamentos”. Alguns códices não contêm “mandamentos, e sim tes-temunhos”. Mas encontramos na maior parte “mandamentos”, principalmente nos gregos. Quem duvida de que tem maior crédito a língua precedente, de onde estes salmos foram traduzidos para nós? Assim, portanto, se queremos saber como ele procurou estes mandamentos ou como devem ser procurados, contemplemos o que nos diz o bom mestre, doutor e doador: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto”. E pouco depois: “Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está nos céus, dará coisas boas aos que lhes pedem” (Mt 7,7.11). Assim mostra com evidência que as palavras: “Pedi, buscai, batei” só se referem a pedidos, isto é, a instância na oração. Outro evangelista, de fato, não disse: “Dará coisas boas aos que lhe pedem”, que pode ter muitos sentidos, tanto corporais quanto espirituais; mas omitiu algumas coisas, e exprimiu de modo bastante cuidadoso o que o Senhor desejava que peçamos com veemência e instância: “Quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem”? (Lc 11,13). É o Espírito por quem se derrama a caridade em nossos corações (cf Rm 5,5), para amarmos a Deus e o próximo e assim cumprirmos os mandamentos divinos. É o Espírito que nos faz clamar: “Abba, Pai” (Rm 8,15). Desta forma ele nos faz pedir aquele que desejamos receber, ele nos faz procurar quem almejamos encontrar; ele nos faz bater à porta daquele que nos esforçamos para alcançar. É o que nos ensina o Apóstolo que, afirmando que o Espírito Santo nos faz clamar: ”Abba, Pai!”, ainda diz em outra passagem: “Enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abba,

Pai" (Gl 4,6). Como é que nós clamamos, se ele é quem clama em nós, a não ser porque ele nos fez clamar, quando começou a habitar em nós? Uma vez recebido ele faz também com que seja mais largamente acolhido: pedindo, procurando, batendo, nós o suplicamos. Seja, pois, que peçamos uma vida boa, seja para vivermos bem, todos, de fato, que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus (cf Rm 8,14). Por conseguinte, "andava por caminho amplo, porque busquei os teus mandamentos". Buscara e encontrara, porque pedira e recebera o Espírito bom. Por ele transformado em bom, o salmista faria bem obras boas, pela fé que opera pela caridade.

3 "E falava de teus testemunhos diante dos reis e não me envergonhava", como alguém que pedira e recebera, a fim de responder aos que o insultavam com uma palavra, e para que não lhe fosse retirada da boca a palavra da verdade. Por isso, combatendo por ela até a morte, nem mesmo na presença dos reis envergonhava-se de a proferir. Com efeito, os testemunhos de que falava diante deles, em grego se denominam martírios. Já usamos esta palavra como se fosse latina. Dela deriva também o vocábulo mártires, de quem Jesus predissera que haveriam de confessar na presença dos reis sua fé nele (cf Mt 10,18).

4 "E meditava em teus mandamentos, que amei. E ergui as mãos para os teus mandamentos, que amei". Alguns códices acrescentam a cada um desses versículos: amei "muito, ou demais, ou veementemente", conforme o tradutor preferiu para verter o termo grego sphódra. Conseqüentemente, amou os mandamentos de Deus, porque andava por caminho amplo; por ação do Espírito Santo, que derrama em nós a caridade e dilata os corações dos fiéis (cf Rm 5,5). O salmista, porém, amou em pensamentos e obras. Pois, quanto aos pensamentos, declarou: "E meditava em teus mandamentos"; quanto às obras: "E ergui as mãos para os teus mandamentos". A ambas as sentenças acrescentou: "que amei". A finalidade do preceito é a caridade, que procede de coração puro (cf 1Tm 1,5). Quando se cumpre o mandamento de Deus visando a tal fim, tal intenção, a obra é verdadeiramente boa; e então as mãos se erguem, porque acha-se no alto a finalidade por que se levantam. Por isso, o Apóstolo, estando para falar da mesma caridade, disse: "Aliás, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos" (1Cor 12,31); e em outro lugar: "E conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento" (Ef 3,19). Efetivamente, se no cumprimento dos mandamentos de Deus visa-se à recompensa da felicidade terrena, as mãos em vez de se levantarem, abaixam-se, uma vez que se está procurando recurso terreno, o qual é de baixo, não do alto. A ambos, aos pensamentos e às obras pertence o que logo segue: "E exercitava-me em tuas justificações". Assim preferiram alguns tradutores, em lugar de "alegrava-me ou tagarelava" conforme verteram alguns o termo grego edoléskoun. Exercita-se alegre nas justificações de Deus, e de certa maneira loquaz, aquele que ama seus mandamentos e os guarda com prazer em pensamentos e obras.

XV SERMÃO

1 49.50 Consideremos, na medida que Deus quiser, e comentemos os versículos seguintes deste grande salmo: “Lembra-te de tua palavra a teu servo, na qual me fizeste esperar. Este é o consolo em minha humilhação, que tua palavra me conserva a vida”. Será que Deus se esquece, como o homem? Então, por que dizer: “Lembra-te?” Ora, em outros lugares da Sagrada Escritura vem claramente a palavra, como, por exemplo: “Por que me esqueceste?” e: “Esqueces nossa miséria” (Sl 41,10; 43,24). E o próprio Deus diz através do profeta: “Nenhum dos crimes que praticou será lembrado” (Ez 18,22). Aqui e ali, com freqüência se lê isto. Mas não se aplicam a Deus, como acontece aos homens. Pois, assim como se diz que Deus se arrepende quando, fora das previsões humanas ele muda os acontecimentos, sem alterar seus desígnios, porque o plano do Senhor permanece eternamente (cf Sl 32,11), assim se diz que ele esquece, quando parece retardar o auxílio ou o cumprimento do prometido, ou não pagar aos pecadores conforme merecem, ou coisa semelhante, parecendo ter falhado sua memória, quando não acontece o que se espera ou se receia. Essas coisas se dizem no sentido moral, conforme age o afeto humano. Deus o realiza por decisão certa, sem falha de memória, nem obscurecimento da inteligência, nem mudança da vontade. Quando, pois, alguém lhe diz: “Lembra-te” revela-se o desejo do suplicante, porque pede o que foi prometido, e intensifica-se; e não procura relembrar a Deus, como se lhe tivesse fugido da memória. “Lembra-te de tua palavra a teu servo”, quer dizer, cumpre a promessa feita a teu servo. “Na qual me fizeste esperar”, isto é, como prometeste, fizeste-me esperar em tua palavra.

2 “Este é o consolo em minha humilhação”. É a esperança dada aos humildes, segundo a palavra da Escritura: “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg 4,6; 1Pd 5,5). A própria boca do Senhor proferiu: “Todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc 14,11; 18,14). Com justeza se reconhece aqui a humildade (não a que leva alguém a confessar os pecados e a não se arrogar jutiça, mas) a condição humilde de quem sofre tribulação ou rejeição, merecidas pela soberba, ou quando se exerce ou se prova a sua paciência. Por isso, diz o salmo mais adiante: “antes de ser humilhado, errei”. E o que ensina o livro da Sabedoria: “Na dor, suporta, e nas vicissitudes de tua pobre condição sê paciente, pois o ouro e a prata se provam no fogo e os homens eleitos, no cadinho da humilhação” (Eclo 2,4.5). Denominando-os “eleitos”, dá-lhes esperança que os console em sua condição humilde. O Senhor Jesus, predizendo a seus discípulos tal humilhação da parte dos perseguidores, não os deixou sem esperança. Deu-lhes uma esperança que ainda os consolaria, dizendo: “É pela perseverança que mantereis vossas vidas” (Lc 21,19). Também do próprio corpo, que poderia ser morto pelos inimigos e perecer quase inteiramente, disse: “Nem um só cabelo de vossa cabeça se perdera” (Lc 21,18). Ao corpo de Cristo, que é a Igreja, foi dada esta esperança que o consolasse em sua condição humilde. Em vista desta esperança diz também o apóstolo Paulo: “E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos” (Rm 8,25). Mas, esta é a esperança dos prêmios eternos. Existe outra esperança que muito consola na humilhação da tribulação e é dada aos santos na palavra de Deus que promete o auxílio da graça a fim de que ninguém desfaleça. Desta

esperança fala o Apóstolo: “Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima de vossas forças. Mas, com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar” (1Cor 10,13). O Salvador igualmente por sua própria boca deu-nos tal esperança, nesses termos: “Esta noite Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; eu, porém, orei por ti, Pedro, a fim de que tua fé não desfaleça” (Lc 22,31.32). Deu também esta esperança na oração que ensinou, onde nos exortou a dizermos: “Não nos deixeis cair em tentação” (Mt 6,13). De certo modo ele prometeu que havia de dar aos que corriam perigo aquilo que quis repetissem os que rezassem. Na verdade, este salmo fala especialmente desta esperança: “Este é o consolo em minha humilhação, que tua palavra me conserva a vida”. Melhor traduziram os que não empregaram: verbum, palavra, mas: eloquim, oráculo. O grego traz lógion que se traduz por eloquim e não lógos que se traduz por verbum, palavra.

3 51 Continua o salmo: “Os soberbos agiam iniquamente até o extremo; eu, porém, não me desviei de tua lei”. Designa por soberbos os perseguidores dos homens piedosos; por isso, acrescentou: “eu, porém, não me desviei de tua lei”, visto que a perseguição deles o impelia a isto. Afirma que eles agiam iniquamente “até o extremo”, porque não somente eram ímpios, mas queriam obrigar os piedosos a se tornarem ímpios. Nesta humilhação, isto é, nesta tribulação, a esperança serve de consolo, que é dado pelo auxílio da palavra de Deus, a qual promete que a fé dos mártires não há de desfalecer; e pela presença de seu Espírito que dá força aos aflitos, a fim de que escapando do laço dos caçadores possam dizer: “Se o Senhor não estivesse conosco, decerto nos teriam devorado vivos” (Sl 123,1).

4 Ou talvez disse: “Este é o consolo em minha humilhação”, referindo-se à humilhação em que caiu o homem e foi arrastado à morte, por aquele pecado cometido na felicidade do paraíso de forma tão infeliz? (cf Gn 3,23). De fato, nesta humilhação, em que o homem se assemelhou à vaidade e em que seus dias passam como sombra (cf Sl 143,4), todos são filhos da ira, a não ser que através do Mediador se reconciliem com Deus os que foram predestinados à salvação eterna antes da criação do mundo (cf Ef 1,4). Nesse Mediador também os antigos justos tinham esperança, quando pelo espírito de profecia previam que ele haveria de vir na carne. Portanto, o oráculo que lhes era feito a respeito dele, também com razão se entende que é palavra, se compreendemos acerca deles esta expressão. Desta palavra foi dito: “Lembra-te de tua palavra a teu servo, na qual me fizeste esperar. Este é o consolo em minha humilhação”, isto é, em minha condição mortal, “que tua palavra me conserva a vida”, de tal forma que arrastado à morte, tivesse esperança de vida. “Os soberbos agiam iniquamente até o extremo”, porque de fato nem a humilhação da mortalidade domou a sua soberba. “Eu, porém, não me desviei de tua lei”, o que me impeliam a fazer os soberbos.

5 52 “Lembro-me, Senhor, dos juízos de outrora e sinto-me consolado”. Ou conforme alguns códices: “E fui advertido”, isto é, recebi um aviso. A palavra grega pode ter os dois sentidos: parekléthen. “Outrora”, portanto, desde o começo do gênero humano, “lembro-me de teus juízos” acerca dos vasos de ira, que foram consumados para sua

perdição. “E sinto-me consolado”, porque mostraste as riquezas de tua glória para com os vasos de tua misericórdia (cf Rm 9,22.23).

6 53.54 “Senti tédio por causa dos pecadores que abandonam a tua lei. Objeto de meus cantos eram as tuas justificações, no lugar de minha habitação”, ou conforme outros códices: “no lugar de minha peregrinação”. Trata-se daquela condição humilde na região da mortalidade para o homem peregrino fora do paraíso (cf Gn 3,23) e daquela Jerusalém do alto, de onde desceu o homem para Jericó, caindo nas mãos dos ladrões; mas por causa da misericórdia daquele samaritano (cf Lc 10,30), tornaram-se as justificações de Deus objeto de canto para ele no lugar de sua peregrinação. Contudo, sente tédio por causa dos pecadores que abandonam a lei de Deus, pois deve conviver com eles nesta vida, ou durante certo tempo, até vir a ventilação da eira. Estes dois versículos podem adaptar-se a cada uma das partes do versículo anterior, de sorte que: “Lembro-me de teus juízos de outrora, Senhor”, refira-se a: “Senti tédio por causa dos pecadores que abandonam a tua lei”; e a outra parte: “E sinto-me consolado” relaciona-se a: “Objeto de meus cantos eram as tuas justificações no lugar de minha peregrinação”.

7 55 “À noite lembrei-me de teu nome, Senhor, e guardei a tua lei”. Noite é aquela condição humilde, onde se encontram as tribulações da mortalidade; noite são os soberbos que agem iniquamente até o extremo, noite é o tédio por causa dos pecadores que abandonam a lei de Deus; noite finalmente é o lugar desta peregrinação, até que venha o Senhor, e ilumine os esconderijos das trevas, e manifeste os pensamentos dos corações; então cada uma receberá de Deus o louvor que lhe é devido (cf 1Cor 4,5). Nesta noite o homem deve lembrar-se do nome de Deus, de tal modo que aquele que se gloria, glorie-se no Senhor (cf 1Cor 1,31); por causa disso temos a palavra da Escritura: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a glória” (Sl 113,12). Assim, pois, ninguém observa a lei de Deus por sua glória, mas pela glória de Deus, porque não é por sua justiça, mas pela justiça de Deus, isto é, que lhe foi concedida por Deus, conforme diz o salmista: “À noite, lembrei-me de teu nome, Senhor, e guardei a tua lei”. Não a teria guardado, se fiado em seu valor, não se tivesse lembrado do nome de Deus. O nosso auxílio está no nome do Senhor (Sl 123,8).

8 56 Em vista disso, logo prossegue: “Esta para mim foi feita, porque busquei as tuas justiças”. De fato, “as tuas justiças”, com as quais justificas o ímpio e não as minhas, que nunca me tornam piedoso e sim soberbo. Pois, o salmista não era do número daqueles que “desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus” (Rm 10,3). Alguns traduziram melhor o termo justiças, que justificam gratuitamente pela graça de Deus aqueles que por si mesmos não podem ser justos, pela palavra “justificações”, porque, de fato, o grego não usa a expressão dikaiosúnas, isto é, “justiças”, e sim dikaiómata que significa “justificações”. Mas, que quer o salmista, ao dizer: “Esta para mim foi feita”? Que designa por “esta”? Seria acaso a lei, porque havia dito: “E guardei a tua lei”, acrescentando: “Esta para mim foi feita” dizendo aparentemente: Esta lei para mim foi feita? Mas não precisamos rememorar na exposição como lhe foi imposta a lei de Deus. A locução grega, de onde

foi vertido o versículo mostra suficientemente que não se trata da lei: "Esta para mim foi feita", porque lei naquela língua é do gênero masculino e lá também o pronome está no feminino: "Esta para mim foi feita". Pergunta-se, portanto, em primeiro lugar, o que lhe foi feita, em seguida como lhe foi feita, seja ela o que for. "Esta para mim foi feita": com toda certeza, não é a lei, porque o grego, conforme disse, exclui este sentido. Talvez, então: Esta noite, porque a sentença anterior é a seguinte: "À noite, lembrei-me de teu nome, Senhor, e guardei a tua lei". E logo: "Esta para mim foi feita". Se não é a lei, certamente é a noite que foi feita para ele. Que significa, então: A noite para mim foi feita, "porque busquei as tuas justificações"? Com efeito, seria antes a luz que fora feita para ele, não a noite, porque buscou as justificações de Deus. E se entendermos bem: "foi feita para mim", seria: feita em meu favor, isto é, foi feita para meu proveito. Se, pois, a condição humilde da mortalidade com fundamento se entende que é noite, na qual os corações dos mortais estão fechados uns para os outros, de tal sorte que de tais trevas se originam inumeráveis e graves tentações, e a tal ponto que durante esta noite também perambulem as feras da floresta, os leõezinhos que rugem, pedindo a Deus o seu sustento (cf Sl 103,21) e na qual também está o leão que ruge, procurando quem devorar (cf 1Pd 5,8), do qual o Senhor disse o que já mencionei acima: Nesta noite, "Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo" (Lc 22,31), isto é, nesta noi-te em que perambulam as feras da floresta, aquele grande leão vos pediu como alimento a Deus. Ora, a própria condição de humilhação deste lugar de peregrinação, que é denominada com razão noite, é proveitosa àqueles que nela se exercitam de maneira salutar, de tal sorte que aprendem a não se orgulharem. Por causa deste mal da soberba o homem foi lançado nesta noite. Pois, o princípio do orgulho é o afastar-se de Deus (cf Eclo 10,12). Mas, o salmista já gratuitamente justificado, e nesta humilhação, progrida no meio das várias tentações desta noite, e bem ciente repita o que neste salmo se diz um pouco mais adiante: "Foi bom que me humilhaste para que eu aprenda as tuas justificações. Foi bom que me humilhaste", significa outra coisa senão: esta condição de humilhação, denominada noite, "para mim foi feita", isto é, ocorreu para meu bem? Mas por quê? "Porque busquei as tuas justificações" e não as minhas.

9 É possível ainda compreender o texto: "Esta para mim foi feita" de sorte a não se subentender nem a lei, nem a noite, mas o pronome "Esta" é tomado como na passagem de outro salmo, onde se lê: "Uma só coisa pedi ao Senhor, e a procurarei" (Sl 26,4). O salmista não diz qual é, nem o que é a coisa de que disse: "Esta só procurarei"; o feminino aí substitui o neutro. Não é usual dizer: "Uma pedi e a procurarei" sem dar a entender que uma é essa. Seria mais usual dizer: Uma só coisa (Unum) pedi ao Senhor, e isto procurarei (hoc), habitar na casa do Senhor. Com o neutro não se costuma exigir o que subentender; por exemplo, um bem, ou uma casa, etc.; mas seja o que for, mesmo do gênero masculino ou feminino, ou se não se insinua o gênero, costuma-se exprimir no neutro. Assim, portanto, foi possível dizer: "Esta para mim foi feita", como seria: Isto para mim foi feito. Se perguntarmos, porém, o que seria, ocorre-me o que dissera mais acima: "À noite, lembrei-me de teu nome, Senhor, e guardei a tua lei". Isto para mim foi feito, isto é, guardei a tua lei, não por mim mesmo, mas isto para mim certamente foi

feito por ti, “porque busquei as tuas justificações”, não as minhas. “Pois é Deus, diz o Apóstolo, quem opera em vós o querer e o operar, segundo a sua vontade” (Fl 2,13). É isto igualmente que Deus diz através do profeta: “Farei com que andeis de acordo com as minhas justificações e guardeis as minhas normas e as pratiqueis” (Ez 36,27). Se Deus assim se exprime: “Farei com que guardeis as minhas normas e as pratiqueis”, é com toda exatidão que diz o salmista: Isto para mim foi feito. Se perguntares o que foi, ele responderá com as palavras acima: Que eu guardasse a lei de Deus. Mas como este sermão está longo demais, os versículos seguintes, se o Senhor nos conceder, serão mais bem comentados em outra exposição.

XVI SERMÃO

1 57 Agora empreenderemos, se Deus quiser, comentar os versículos seguintes deste salmo tão prolixo: “Meu quinhão, Senhor”, ou segundo outros: “Minha porção, Senhor”. Um ou outro tem o sentido de que aquele que adere ao Senhor, se torna dele participante, conforme foi escrito: “Para mim a felicidade é aproximar-me de Deus” (Sl 72,28). Os homens por sua existência não são deuses, mas tornam-se deuses participando daquele que é o único e verdadeiro Deus. Ou, os homens escolhem sua parte neste mundo, ou estas lhes cabem por sorte, um de um modo, outro de outro, para dela viverem, de certa maneira, Deus é sempre a porção dos justos, da qual eles vivem. Ambos os sentidos são aceitáveis. Mas ouçamos a continuação: “Disse, é guardar a tua lei”. Que significa: “Meu quinhão, Senhor, disse, é guardar a tua lei”, senão que o Senhor será a porção de todo aquele que guardar a sua lei?

2 58.59 Mas, como há de guardar, a não ser por dom e auxílio do Espírito vivificador? A fim de que a letra não mate (2Cor 3,6), e o pecado, aproveitando a ocasião através do preceito, não gere toda espécie de concupiscência (cf Rm 7,8) no homem. Deve, portanto, ser invocado este Espírito. Desta forma, a fé alcança dele o que a lei ordena, porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (cf Jl 3,5; Rm 10,13). Assim, vê o que acrescenta o salmo: “De todo coração imploro ver teu rosto”. E declara como implorou: “Tem piedade de mim segundo a tua palavra”. E como alguém que foi atendido e auxiliado por aquele a quem pediu socorro: “Considerei os meus caminhos, e desviei meus passos para dirigi-los segundo os teus testemunhos”. “Desviei” de meus caminhos, que me desgostaram para dirigir-me aos teus testemunhos, e lá encontrasse o caminho. Muitos códices não trazem: “Porque considerei”, conforme se lê em alguns, mas apenas: “Considerei”. Quanto a: “E desviei meus passos”, alguns contêm: “Porque considerei, e desviaste os meus passos”, atribuindo-o antes à graça de Deus, segundo as palavras do Apóstolo: “Pois é Deus quem opera em vós” (Fl 2,13). A ele igualmente se pede: “Desvia-me os olhos para que não vejam a vaidade”. Se ele desvia os olhos para não verem a vaidade, por que não há de desviar os pés, a fim de não seguirem o erro? Por isso, foi escrito: “Meus olhos se voltam sempre para o Senhor, porque ele é quem há de tirar os meus pés do laço” (Sl 24,15). Mas, quer se leia: “desviaste meus pés”, quer:

“desvia meus pés”, quem o leva a fazer é aquele a quem o salmista rogou em seu coração, nesses termos: “Tem piedade de mim segundo a tua palavra”, isto é, segundo a palavra de tua promessa. São os filhos da promessa que são tidos como descendentes de Abraão (cf Rm 9,8).

3 60 Finalmente, tendo impetrado este benefício da graça, diz o salmista: “Estou preparado e não me sinto perturbado em guardar os teus mandamentos”. Uns traduziram o termo grego tou philácsastai por: “a fim de serem guardados os teus mandamentos”; outros: “para eu guardar”; outros ainda: “em guardar”.

4 61 Prossegue declarando como está preparado para guardar os mandamentos divinos: “Cercaram-me os laços dos pecadores, mas não me esqueci de tua lei. Os laços dos pecadores” são os obstáculos levantados pelos inimigos, quer espirituais, como o diabo e seus anjos, quer carnais, os filhos da incredulidade, nos quais o diabo opera (cf Ef 2,2). A expressão: “peccatorum” não é genitivo de pecados, mas de pecadores, conforme evidencia o texto grego amartolon. Quando ameaçam os pecadores com males os justos para os atemorizarem, a fim de que não queiram padecê-los pela lei de Deus, de certo modo os enredam em cordéis, que são semelhantes a uma forte e resistente corda. Pois, eles arrastam os pecados como uma longa corda (cf Is 5,18). Assim, esforçam-se por envolver os santos, e por vezes isso lhes é permitido. Mas se enredam os corpos, não enredam as almas que não se esquecem da lei de Deus, porque a palavra de Deus não está algemada (cf 2Tm 2,9).

5 62 “Levantava-me no meio da noite para louvar-te, pelos juízos de tua justiça”. Mesmo o fato de cercarem os laços dos pecadores ao justo provém dos juízos da justiça de Deus. Por tal razão, afirma o apóstolo Pedro, “que é tempo de começar o juízo pela casa de Deus. Ora, se ele começa por nós, qual será o fim dos que se recusam a obedecer ao evangelho do Senhor? Se o justo com dificuldade consegue salvar-se, em que situação ficará o ímpio e o pecador”? (1Pd 4,17.18). Isto relativamente às perseguições de que sofria a Igreja, quando a cercavam os laços dos pecadores. Por conseguinte, julgo que “meio da noite” representa as tribulações mais graves. Declara o salmista que então ele se “levantava”, porque não o afligiam a ponto de o abaterem; mas era exercitado para se levantar, isto é, para avançar por meio da própria tribulação a confessar com maior valor.

6 63.64 Uma vez que tudo isso se realiza pela graça de Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor, nesta profecia o próprio Salvador une sua voz à de seu corpo. Julgo que propriamente pertence à Cabeça o seguinte: “Partilho a sorte dos que te temem e guardam os teus mandamentos”, conforme se encontra na carta aos Hebreus: “Pois tanto o Santificador quanto os santificados descendem de um só; razão por que não se envergonha de os chamar irmãos”. E pouco mais adiante: “Por isso”, porque os filhos têm em comum carne e sangue, “também ele participou da mesma condição” (Hb 2,11.14). Não significa o mesmo que: Fez-se participante? Pois, não seríamos participantes de sua divindade se ele não se fizesse partícipe da nossa mortalidade. Por

isso, também no evangelho, uma vez que fomos feitos participantes de sua divindade, diz-se: “Deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que crêem em seu nome, que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1,12-13). Para tal, visto que ele se fez participante de nossa mortalidade, assim prossegue o evangelho: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,14). Através desta participação a graça nos é subministrada, a fim de temermos castamente a Deus e guardarmos os seus mandamentos. É por isso que o próprio Jesus fala nesta profecia; mas certas expressões são de seus membros, na unidade de seu corpo, como um só homem, espalhado por todo o orbe da terra, que cresce no decurso dos séculos, enquanto outras expressões são peculiares à nossa Cabeça. Daí dizer o salmista: “Partilho a sorte dos que te temem e guardam os teus mandamentos”. O grão de trigo caiu na terra, a fim de morrer e dar muito fruto, porque o Senhor se fez participante da sorte de seus irmãos, Deus da sorte dos homens, o imortal da condição dos mortais. A respeito desses frutos, prossegue o salmo: “De tua misericórdia, Senhor, está cheia a terra”. Como se realiza isso a não ser pela justificação do ímpio? O salmista, com o desejo de adiantar-se no conhecimento desta graça, acrescentou: “Ensina-me as tuas justificações”.

XVII SERMÃO

1 65 Agora, vamos comentar, pela vontade de Deus, os versículos deste salmo que assim começam: “Trataste com suavidade o teu servo, Senhor, segundo a tua palavra”, ou antes, “segundo teu oráculo”. Os nossos tradutores algu-mas vezes verteram o termo grego chrestóteta por “suavidade” e outras vezes por “bondade”. Mas, como pode haver suavidade em coisas más, quando deleitam prazeres ilícitos e imundos, e pode haver até na volúpia carnal, devemos entender aqui “suavidade”, que corresponde ao grego chrestóteta relativamente a bens espirituais; por isso, os nossos quiseram dar-lhe o nome de “bondade”. Julgo que o salmista não quis dizer outra coisa senão: “Trataste com suavidade o teu servo”, fizeste-me deleitar-me no bem. Deleitar-se no bem é grande dom de Deus. Quando se pratica a boa obra ordenada pela lei, por temor do castigo e não pelo deleite da justiça, porque não se ama a Deus, mas apenas se teme, é uma ação servil, não livre. Ora, o escravo não permanece sempre na casa, mas o filho aí permanece para sempre (cf Jo 8,35), porque o perfeito amor lança fora o temor (cf 1Jo 4,18). “Trataste”, portanto “com suavidade o teu servo, Senhor”, transformando o servo em filho; “segundo o teu oráculo”, isto é, segundo a tua promessa, de tal sorte que segundo a fé, seja firme a promessa a toda descendência (cf Rm 4,16).

2 66 “Ensina-me a suavidade, a instrução, a ciência, porque tenho fé em teus mandamentos”. Suplica que tudo isso cresça nele e se consuma. Ele que, de fato, já dissera: “Trataste com suavidade o teu servo”, como é que pede: “Ensina-me a suavidade”, a não ser que deseja mais se manifeste nele, pela graça de Deus, a suavidade da bondade? Pois, tinham fé aqueles que haviam dito: “Senhor, aumenta-nos a fé!” (Lc

17,5). Enquanto se vive neste mundo, este canto é peculiar àqueles que procuram aperfeiçoar-se. O salmista, porém, acrescenta: "e a instrução", ou segundo muitos códices: "disciplina". Cada vez que as nossas Escrituras costumam trazer a palavra "disciplina", que corresponde ao grego paideían, deve-se entender uma instrução um tanto incômoda, conforme o texto: "O Senhor educa a quem ele ama, e castiga todo filho que acolhe" (Pr 3,12; Hb 12,6). Isso nas Sagradas Letras costuma-se denominar disciplina, versão do grego paideia. Esta palavra grega encontra-se na epístola aos Hebreus, no trecho assim vertido pelo tradutor latino: "Toda educação, com efeito, no momento, não parece motivo de alegria, mas de tristeza. Depois, no entanto, produz naqueles que assim foram exercitados um fruto de paz e de justiça" (Hb 12,11). Aquele que Deus trata com suavidade, isto é, a quem Deus se mostra propício, inspirando o deleite no bem, e para explicar melhor, a quem Deus concede a sua caridade, e a caridade ao próximo por causa dele, de fato, deve orar instantemente, pedindo que à medida que este dom nele cresce, saiba não somente por causa dele desprezar os outros prazeres, mas também por ele sofrer qualquer padecimento. Assim à suavidade se acrescenta de maneira salutar a disciplina. Por conseguinte, não se deve pedir e desejar só um pouquinho de suavidade ou bondade, isto é, de caridade santa, e sim uma caridade tão grande que não se extinga sob a pressão da disciplina, mas como uma enorme chama ao sopro do vento, quanto mais se abafa tanto mais crepita. Por isso, não foi suficiente dizer: "Trataste com suavidade o teu servo"; devia pedir ainda que lhe fosse ensinada a suavidade em tão alto grau que pudesse efetivamente suportar com paciência a disciplina. Em terceiro lugar, ele nomeia a ciência. Com efeito, se a extensão da ciência prevalecer sobre a da caridade, ela não edifica, mas incha (cf 1Cor 8,1). Se no entanto, a caridade for tanta, com uma suave bondade, que não seja possível extingui-la com as tribulações provenientes da disciplina, então a ciência será útil, revelando ao homem o que ele merece por si mesmo e o que lhe foi dado por Deus e tornando-o ciente daquilo que ele não sabia ser-lhe possível, mas que por si mesmo absolutamente não poderia.

3 Quanto a não ter dito o salmista: Dá-me, e sim: "ensina-me", como se há de ensinar a suavidade, sem dá-la? Ora, muitos sabem de coisas que não lhes aprazem, e não sentem suavidade nelas, embora as conheçam. Pois, não se pode aprender a suavidade, se a coisa não deleita. Igualmente a disciplina, que significa uma tribulação corretiva, aprende-se recebendo; isto é, não é ouvindo ou lendo ou pensando, e sim experimentando. Quanto à ciência, porém, colocada em terceiro lugar entre as coisas que o salmista pediu: "Ensina-me", comunica-se ensinando. Pois, que significa ensinar senão dar a ciência? E estas duas estão tão ligadas que uma coisa não pode existir sem a outra. Pois, ninguém é ensinado se não aprende e, ninguém aprende se não for ensinado. Por esta razão, se o discípulo não é capaz de entender o que o mestre profere, este não pode dizer: Eu o ensinei, mas ele não aprendeu; contudo, pode declarar: Eu lhe disse o que devia dizer, mas ele não aprendeu, porque não percebeu, não compreendeu, não entendeu. De fato, ele teria aprendido, se o mestre ensinasse. Deus, porém, quando quer ensinar, primeiro dá o intelecto, sem o qual o homem não pode aprender os pontos pertencentes à doutrina divina; por isso, o salmista suplica pouco mais adiante: "Dá-me entendimento a fim de

que eu aprenda os teus mandamentos”. Com efeito, pode o homem que deseja ensinar alguém repetir as palavras que o Senhor dirigiu a seus discípulos, depois de ressuscitar dos mortos; mas não pode fazer o que ele fez. Narra o evangelho: “Então abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras, e disse-lhes” (Lc 24,45). Ali se lê o que ele lhes disse; mas eles captaram o que o Senhor lhes disse porque ele lhes abriu a mente para que o captassem. Portanto, Deus ensina a suavidade inspirando o deleite, ensina a disciplina moderando a tribulação, ensina a ciência insinuando o conhecimento. Mas, como difere o que aprendemos apenas para saber daquilo que aprendemos para praticar, quando é Deus que ensina, ensina de tal forma que saibamos o que devemos saber, manifestando-nos a verdade, e ensina-nos o que havemos de praticar, inspirando-nos suavidade. Não é sem razão que lhe pedimos: “Ensina-me a fazer a tua vontade” (Sl 142,10). Assim, diz o salmo, “ensina-me a fazer”, não apenas para que eu saiba. As próprias ações retas são os frutos com que pagaremos a nosso agricultor. Mas, diz a Escritura: “O Senhor dará a suavidade, e nossa terra produzirá seu fruto” (Sl 83,13). Que terra é esta a não ser aquela de que se fala ao Senhor que dá a suavidade: “como a terra sem água minha alma está diante de ti” (Sl 142,6).

4 Depois de ter dito, de fato, o salmista: “Ensina-me suavidade, e disciplina e ciência”, prossegue: “porque tenho fé em teus mandamentos”. É razoável fazer a pergunta por que ele não disse: obedeci, mas “tenho fé”. Uma coisa são os mandamentos, outra as promessas. Recebemos mandamentos para cumpri-los, a fim de merecermos receber o objeto das promessas. Por conseguinte, acreditamos nas promessas e obedecemos aos mandamentos. Então, porque: “Tenho fé em teus mandamentos”, senão porque acreditei que foste tu quem os ordenaste e não um homem, embora tenham sido transmitidos aos homens por meio de outros homens? Uma vez que acreditei que os mandamentos são teus, a própria fé que me levou a crer, obtenha-me a graça de fazer o que ordenaste. Se fosse um homem que me ordenasse essas coisas externamente, por acaso ajudaria interiormente a cumprir a ordem? Ensina-me, portanto, a suavidade inspirando-me a caridade, ensina-me a disciplina dando-me paciência, ensina-me a ciência iluminando a inteligência, “porque tenho fé em teus mandamentos”. Tenho fé que foste tu, que és Deus, que mandaste, e dás ao homem a possibilidade de fazer o que mandas.

5 67 “Antes de ser humilhado, errei. Agora, porém, cumpri a tua palavra”, ou como alguns trazem mais exatamente: “Agora, porém, cumpri o teu oráculo”, a fim de não ser novamente humilhado. Isso melhor se refere à humilhação que sofreu Adão, no qual toda a criatura humana, de certo modo viciada na raiz, não tendo querido submeter-se à verdade, ficou sujeita à vaidade (cf Gn 3,17; cf Rm 8,20). Foi de proveito aos vasos de misericórdia esta experiência, a fim de que, rejeitando o orgulho, amém a obediência e se extinga sem retorno a miséria.

6 68 “És suave, Senhor”, ou como muitos códices trazem: “Suave és tu, Senhor”; outros ainda: “Suave és tu”, ou “Bom és tu”, conforme explicamos mais acima a respeito desta palavra. “E em tua suavidade ensina-me as tuas justificações”. Verdadeiramente ele quer praticar as justificações de Deus, quando quer aprendê-las com a suavidade daque-le ao

qual se dirige nesses termos: “Suave és tu, Senhor”.

7 69 Enfim, continua: “A iniqüidade dos soberbos se multiplicou contra mim”. A iniqüidade daqueles aos quais de nada serviu ter sido humilhada a natureza humana, depois da queda. “Eu, porém, de todo o coração sondarei os teus preceitos”. Por mais que abunde a iniqüidade, não conseguirá fazer esfriar em mim a caridade (cf Mt 24,12). Parece afirmá-lo aquele que aprendeu as justificações de Deus com a sua suavidade. Quanto mais suaves são as ordens daquele que ordena e ajuda, tanto mais aquele que ama as sonda, para praticar o que conhece e no ato de fazê-lo conhecer melhor. Pois, as coisas se conhecem melhor quando são feitas.

8 70 “O coração deles se coalhou como o leite”. Quem são eles senão os soberbos, cuja iniqüidade o salmista declara que se multiplicou contra ele? Essa expressão, neste lugar, significa que o coração deles se endureceu. Pois, ela é usada também no sentido bom, como no salmo sexagésimo sétimo, onde se diz: “Monte ubérrimo de queijo, monte pingüe” (Sl 67,16). Entende-se que é cheio de graça. Alguns usaram o termo: “coagulado”. Mas vê a que se opõe a dureza do coração deles: “Mas eu meditei a tua lei”. Qual? Na verdade, a lei muito justa e misericordiosa. Daí a palavra: “Compadece-te de mim segundo a tua lei”. Deus resiste aos soberbos, para que se obstinem; aos humildes, porém, dá a graça, a fim de que amem a obediência e se tornem excelentes (cf Tg 4,6; 1Pd 5,5). De fato, pela meditação desta lei, conserva-se a humildade voluntária, e escapa-se da humildade penal, da qual logo se falará.

9 71 “Foi bom que me humilhaste para que eu aprenda as tuas justificações”. Há pouco, mais acima, já dissera: “Antes de ser humilhado, errei. Agora, porém, cumpri a tua palavra”. O próprio resultado demonstra que foi bom para ele ser humilhado; mas declara também a causa por que precedeu a humilhação penal de seu erro. Naquele versículo temos: “Agora, porém, cumpri a tua palavra”, e neste: “para que eu aprenda as tuas justificações”. Com isso, a meu ver, designa suficientemente que conhecer é o mesmo que guardar, e guardar o mesmo que conhecer. Cristo conhecia o que censurava, no entanto censurava o pecado, apesar de se afirmar dele que “não conhecera o pecado” (2Cor 5,21). Com efeito, conhecera por certa notícia, mas ao invés não conhecera devido a certa ignorância. Assim também muitos aprendem as justificações de Deus, e não as aprendem. Conheceram-nas por certa notícia, mas ao contrário desconheceram-nas por certa ignorância, porque não praticam o que sabem. Igualmente aqui se deve entender que disse o salmista: “para que eu aprenda as tuas justificações”, com o conhecimento que leva à prática.

10 72 Isso somente se realiza pelo amor, que causa prazer, conforme foi dito: “Em tua suavidade ensina-me as tuas justificações”. Demonstra-o o versículo seguinte: “Melhor é para mim a lei que saiu de tua boca do que milhões em ouro e prata”. A caridade tem maior amor à lei de Deus do que a ambição a milhões em ouro e prata.

XVIII SERMÃO

1 73 Quando Deus fez o homem da argila e insuflou-lhe um hálito de vida (cf Gn 2,7), não se narra que o tenha plasmado com as mãos. Não vejo por que alguns opinam que o restante da criação tenha sido feito pela palavra de Deus, mas quanto ao homem, como algo de mais importante, ele o tenha plasmado com as mãos, a não ser por que se lê que o corpo do homem foi formado da argila. Eles pensam que só poderia ter sido feito com as mãos, sem entender a que se acha escrito no evangelho a respeito do Verbo de Deus: "Tudo foi feito por meio dele" (Jo 1,3); isso não seria verdade se também o corpo humano não tivesse sido feito por meio do Verbo. Mas eles aduzem o testemunho deste salmo, e afirmam: Aí está como um homem exclama claramente: "As tuas mãos me fizeram e me plasmaram", como se também não tivesse sido dito expressamente: "Quando contemplo os céus, lavor de teus dedos" (Sl 8,4) e não menos abertamente: "Os céus são obra de tuas mãos" (Sl 101,26), e muito mais exatamente: "E suas mãos estabeleceram a terra firme" (Sl 94,5). Ora, as mãos de Deus são o seu poder. Se os inquieta o plural, pois o salmista não escreveu: tua mão, mas "tuas mãos", tomem por mãos de Deus seu poder e sua sabedoria (cf 1Cor 1,24), ambas as designações usadas para Cristo, que é um só; mas ele é também chamado braço do Senhor, na passagem onde se lê: "E a quem se revelou o braço do Senhor"? (Is 53,1). Ou refiram as mãos de Deus ao Filho e ao Espírito Santo, porque o Espírito Santo age com o Pai e o Filho. Daí provém a palavra do Apóstolo: "Mas, isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza" (1Cor 12,11). Efetivamente disse: "O único e mesmo", a fim de que ninguém pensasse que são tantos espíritos quantas as obras, nem que o Espírito opera algo sem o Pai e o Filho. Pode-se escolher, portanto, como entender as mãos de Deus; contanto que não se negue que o Verbo faz o que se faz com as mãos; nem se pense que o que se faz pelo Verbo, não se faz com as mãos; nem por se falar em mãos se pense em uma forma corporal, ou numa mão esquerda e noutra direita; nem por causa do Verbo se cogite de som oral; ou de movimento transitório do ânimo enquanto Deus opera.

2 Não faltam também os que queiram distinguir as duas palavras: "fizeram-me e me plasmaram" de tal modo que dizem ter Deus feito a alma e plasmado o corpo, pois sobre a alma disse Deus: "A alma que criei" (Is 57,16); quanto ao corpo lê-se: "Deus modelou o homem com a argila do solo" (Gn 2,7), como se fosse feito tudo o que se modela, e não, ao contrário, se modele tudo o que se faz. Por isso, é preferível dizer que a alma foi criada e não modelada, porque ela não é corpo, mas espírito; como se não estivesse escrito: "Que formou o espírito do homem dentro dele" (Zc 12,1). Todavia, se ambas as expressões se encontram numa passagem a respeito do homem, e não se nega que ambas as partes do homem, a saber, a alma e o corpo foram criadas por Deus, fica bem distribuir as duas expressões para cada parte, de sorte que se entenda que a alma foi criada, enquanto o corpo foi modelado, ou formado, ou plasmado. Pois, alguns tradutores não quiseram verter: "fizeram-me" e sim: "plasmaram-me", preferindo expressão menos latina, e seguir servilmente o grego a dizer: finxerunt, porque este verbo (fingo) às vezes costuma significar: simular.

3 Mas se isto se aplica a Adão, do qual se originam todos os homens, uma vez que ele

foi criado, qual dos homens não pode dizer que também foi feito, em razão da origem e da descendência? Ou se pode dizer isto com razão: “As tuas mãos me fizeram e me plasmaram”, visto que o homem nasce dos pais, por obra de Deus, pois os pais geram e Deus cria? Com efeito, se o poder conservador de Deus se subtrai, eles perecem. Nada absolutamente, nem dos elementos do mundo, nem dos progenitores, nem dos gérmens nasce, se Deus não operar. Por este motivo, diz o profeta Jeremias: “Antes mesmo de te formar no ventre materno, eu te conheci” (Jr 1,5). Mas, por acaso, Deus fez o homem sem intelecto, seja o primeiro homem, seja cada um dos que nascem, para que se peça: “As tuas mãos me fizeram e me plasmaram. Dá-me intelecto?” O intelecto não é peculiar à natureza humana, de tal modo que por ele o homem se distingue do animal? Ou teria sido a natureza tão deformada ao pecar que mesmo o intelecto nela deve ser reformado? Por causa disso, também o Apóstolo diz a todos os regenerados: “Renovai-vos pela transformação espiritual da vossa mente” (Ef 4,23). De fato, o intelecto pertence à mente. Daí dizer ainda: “Transformai-vos, renovando a vossa mente” (Rm 12,2); quanto aos que não participavam desta regeneração, disse ele: “Isto, portanto, digo e no Senhor testifico. Não andeis mais como andam os demais gentios, na futilidade dos seus pensamentos, com entendimento entenebrecido, alienados da vida de Deus pela sua ignorância e pela dureza dos seus corações” (Ef 4,17.18). A fé purifica os corações (cf At 15,9), para que se abram e cada vez mais se tranqüilizem os olhos interiores, cuja cegueira consiste em não entender. Aliás, quem não entender alguma coisa não pode crer em Deus; contudo, a própria fé o cura a fim de lhe ser possível entender melhor. Efetivamente, há coisas que se não entendermos não acreditamos; e outras, que se não acreditarmos não entendemos. Pois, a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo (cf Rm 10,17); como, então, alguém pode aderir ao pregador da fé cuja língua, para não falar de tudo mais, não entende? Mas, de outro lado, se não houvesse algo que não podemos entender se não acreditarmos primeiro, não diria o profeta: “Se não acreditardes, não entendereis” (Is 7,9, seg. LXX). Progrida, portanto, nosso intelecto para compreender o que crê, e a fé progrida para crer o que deve entender; e para entender cada vez mais tudo isso, a mente há de aumentar o entendimento. Mas isto não se realiza pelas próprias forças naturais, e sim com o auxílio e o dom de Deus, assim como os remédios, e não a natureza, fazem com que os olhos doentes recuperem a visão. Quem, portanto, assim se dirige a Deus: “Dá-me intelecto para que aprenda os teus mandamentos”, não está inteiramente privado dele, como os animais; nem igualmente, enquanto homem, deve ser contado no número daqueles que “andam na futilidade de seus pensamentos, com entendimento entenebrecido, alienados dos caminhos de Deus” (Ef 4,17.18). Pois, se fosse desse número, não proferiria estas palavras. Não é próprio de uma inteligência limitada saber a quem deve pedir entendimento. E devemos ponderar quanto mais difícil é entender os mandamentos divinos. De fato, quem já entende isso e já disse que guardou as palavras de Deus, ainda pede, para aprendê-los, lhe seja dado entendimento.

4 As palavras vertidas pelos nossos do seguinte modo: “Dá-me intelecto em grego se diz mais brevemente com uma só palavra: sinetison me. “Dá-me intelecto”, sinétison, em

latim não se pode exprimir por uma só palavra. Seria como se em latim não se pudesse dizer: cura-me, e se empregassem duas palavras: dá-me a cura conforme aqui se disse: “Dá-me intelecto”; ou: torna-me sadio, como aqui se poderia dizer: faze-me inteligente. Foi assim que o anjo pôde dizer, pois falou a Daniel: “Vim para te dar entendimento” (Dn 10,14); em grego encontra-se o mesmo verbo que neste salmo: sinetisai se. Seria como exprimir-se em latim: dar-te a cura, e em grego: curar-te. O tradutor latino não usaria uma circunlocução, dizendo: dar-te entendimento, como se pode falar com um derivado de saúde: sanar-te, se pudesse dizer, derivado de intelecto: intellectuare te mas se um anjo pode fazê-lo, por que o salmista suplica a Deus que isso lhe aconteça? Ou será porque Deus ordenara ao anjo que fizesse? Sim; pois entende-se que Cristo ordenou ao anjo que o fizesse, na passagem em que o profeta assim se expressa: “Enquanto contemplava esta visão, eu Daniel, procurava o seu significado. Foi quando, de pé diante de mim, vi uma como aparência de homem. E ouvi uma voz humana sobre o Ulai gritanto e dizendo: Gabriel, explica a este a visão” (Dn 8,15.16). E aí, no grego encontra-se a mesma palavra que aqui, no salmo: sinétison. Deus, portanto, por si mesmo porque ele é luz (cf Jo 1,4.9) ilumina as mentes piedosas, a fim de que entendam as coisas divinas que lhes são ditas ou mostradas. Mas, se em vista disso emprega o ministério de um anjo, de fato este pode agir na mente do homem, para que apreenda a luz de Deus e por meio desta entenda; desta forma, diz-se que Deus dá intelecto ao homem, e quase, por assim dizer: pode intellectuare o homem; conforme se diz que alguém traz a luz a uma casa, ou ilumina a casa, quando abre nela uma janela. No entanto, o que penetra e ilumina não é uma luz que lhe seja própria, mas este homem apenas faz ali uma abertura por onde a luz penetra e ilumina. Ora, nem o sol que através da janela ilumina a casa, criou esta mesma casa, nem foi o homem que colocou a janela na casa, ou aquele que lhe ordenou que a colocasse, ou ajudou a quem a colocava, ou fez algo para praticar a abertura por onde infundisse sua luz. Deus, ao contrário, criou a mente racional e intelectual do homem, capaz de apreender a sua luz; e criou o anjo de tal forma que pudesse fazer alguma coisa em vista de auxiliar o homem a apreender a luz de Deus. Deus ainda ajuda a mente humana a receber a operação angélica. Ilumina-a por si mesmo, de tal modo que ela, progredindo, contempla não apenas o que a verdade lhe mostra, mas ainda a própria verdade. Mas como tratamos (entretanto num comentário prolixo) de questões, a meu ver, necessárias, adiemos a explicação dos versículos seguintes deste salmo, e encerremos este sermão.

XIX SERMÃO

1 73 O Senhor Jesus pediu a Deus, através do profeta neste salmo, que desse a seu corpo, a Igreja, como se fosse para si mesmo, intelecto para aprender os mandamentos de Deus. Sendo ele para seu corpo, isto é, seu povo, uma vida escondida em Deus (cf Cl 3,3), ele neste mesmo corpo sofre penúria e suplica o que é necessá- rio a seus membros. Diz o salmo: “As tuas mãos me fizeram e me plasmaram. Dá-me intelecto

para que aprenda os teus mandamentos". Se tu formaste, reforma, a fim de se realizar no corpo do Cristo, o que disse o Apóstolo: "Transformai-vos, renovando a vossa mente" (Rm 12,2).

2 74 "Regozijar-se-ão, ver-me-ão os que te temem", ou conforme outros códices: "Alegrar-se-ão, porque eu esperei em tuas palavras", isto é, em tuas promessas, de sorte a serem filhos da promessa, descendência de Abraão, na qual serão abençoadas todas as nações (cf Gn 12,3; 26.4). Mas, quais são os que temem a Deus, e que ao ver-me alegrar-se-ão, porque esperei nas palavras de Deus? Se é o corpo de Cristo, isto é, a Igreja (e dela é esta voz por Cristo, ou nela e originária dela, trata-se, então, da voz de Cristo, como se fosse dele mesmo), acaso não se identifica com aqueles que temem a Deus? Quem será, então, aquele que eles vêem e se alegram? Será que o povo vê a si mesmo e se alegra, e então se diz: "Alegrar-se-ão, ver-me-ão, os que te temem, porque eu esperei em tuas palavras"? Ou segundo outros que traduziram mais exatamente: "esperei sobretudo", ficando deste modo: "Os que te temem", ao verem a tua Igreja, "alegrar-se-ão, porque eu esperei sobretudo em tuas palavras"; e no entanto eles mesmos constituem a Igreja, eles que vêem a Igreja e se alegram? Mas por que não disse: os que te temem, ao ver-me, se alegram, mas pôs no tempo presente o verbo: "te temem", enquanto: "ver-me-ão, alegrar-se-ão", estão no futuro? Será que o temor é próprio do tempo presente, enquanto a vida humana sobre a terra é uma tentação? Quanto à alegria a que se refere aqui, será quando os justos fulgirem como o sol no reino de seu Pai? (cf Jó 7,1; Mt 13,43). Daí também o que se lê em outro salmo: "Como é grande, Senhor, a abundância de tua doçura reservada para os que a ti temem!" (Sl 30,20). Agora, portanto, enquanto temem, ainda não vêem; mas "verão e alegrar-se-ão", porque aquele salmo prossegue: "E perfeita para os que em ti esperam", e o presente salmo: "Porque eu esperei em tuas palavras", ou esperei sobretudo, de tal modo que na palavra assim composta, vertida por um tradutor mais cuidadoso, entendamos igualmente que Deus "é poderoso para realizar por nós infinitamente além do que pedimos ou pensamos" (Ef 3,20) e tendo em vista que é "além do que pedimos e pensamos", não basta esperar, mas devemos esperar sobremaneira.

3 75.76 Mas, como ainda teme a Igreja nesta vida, e ainda não se vê no reino onde haverá alegria segura, mas labuta no meio de perigosas tentações neste mundo, onde escuta o aviso: "Aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair" (1Cor 10,12), e considerando a miséria da mortalidade, que pesa como um jugo sobre os filhos de Adão, desde o dia em que saem do ventre de sua mãe, e se estende até o dia da sepultura no seio da mãe comum (cf Eclo 40,1), de tal modo que mesmo os regenerados, devido à concupiscência da carne contra o espírito (cf Gl 5,7), são obrigados a gemer sob tal peso, considerando tudo isso, diz o salmista: "Sei que são justos, Senhor, teus juízos e em tua verdade me humilhaste. Tua misericórdia me console, segundo a tua palavra a teu servo". A palavra divina de tal modo encarece a misericórdia e a verdade que, além de se encontrarem em muitos trechos, principalmente nos salmos, lê-se em certa passagem: "Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade". Neste salmo, porém,

colocou em primeiro lugar a verdade, que nos humilha pela morte, por juízo daquele cujos julgamentos são justos; em seguida, vem a misericórdia, que nos instaura na vida, por promessa daquele cujo benefício é graça. Por isso, continua o salmista: “segundo a tua palavra a teu servo”, isto é, conforme tua promessa a teu servo. Quer se trate, portanto, da regeneração, quando aqui na terra somos adotados como filhos de Deus, quer da fé, esperança e caridade, essas três virtudes que se instalam em nós, embora provenham da misericórdia de Deus, contudo, nesta vida atribulada e tormentosa, servem de alívio para infelizes e não de alegria para bem-aventurados. Por esse motivo suplica o salmista: “Tua misericórdia me console”.

4 77 Mas, como depois disto e através disto virão também aquelas coisas, continua o salmo: “Desçam sobre mim as tuas comiserações e viverei”. Viverei verdadeiramente quando nada mais temer que me ocasione a morte. Fala-se aqui de vida sem qualquer acréscimo, e entende-se que é a vida eterna e feliz, única que merece o nome de vida e em comparação com a qual, esta que levamos agora antes deve ser denominada morte do que vida, conforme a palavra do evangelho: “Se queres entrar para vida, guarda os mandamentos” (Mt 19,17). Porventura ele acrescentou: eterna, ou feliz? De igual forma, ao falar da ressurreição da carne, disse o Senhor: “E sairão os que tiverem feito o bem, para uma ressurrieção de vida” (Jo 5,29). Aqui também não disse: eterna, ou feliz. De modo semelhante no salmo: “Desçam sobre mim as tuas comiserações e viverei” e não completou: viverei eternamente, ou viverei feliz, como se fosse coisa diferente viver e viver infinitamente, sem miséria alguma. Mas, por que razão? “Porque tua lei é minha meditação”. Se essa meditação não se realizasse na fé, que opera pela caridade (cf Gl 5,6), nunca poderia alguém por meio dela alcançar a vida. Julguei que devia afirmá-lo, para que não pensasse alguém (depois de decorar toda a lei, e cantá-la freqüentemente, sem calar o que ela ordena, mas também sem viver o que ela manda), cumprir o que lê no salmo: “Porque tua lei é minha meditação”. E assim, pensaria que haveria de obter o que pediu anteriormente por esse mérito, nestes termos: “Desçam sobre mim as tuas comiserações e viverei”. Esta meditação consta dos pensamentos de alguém que ama, e ama tanto que não se esfrie a caridade dessa sua meditação por mais que se acumule a iniqüidade alheia (cf Mt 24,12).

5 78 Enfim, prossegue: “Confundam-se os soberbos, porque injustamente me fizeram mal; eu, porém, me exercerei em teus preceitos”. Aqui se vê o que o salmista denomina meditação da lei de Deus, ou antes meditação que é a lei de Deus.

6 79 “Para mim se voltem os que te temem e que conhecem os teus testemunhos”. Em alguns códices tanto gregos como latinos encontramos: “A mim se voltem”, quanto posso julgar, equivale a: “Para mim”. Mas quem é que fala aqui? Qualquer não ousará falar deste modo, ou se ousar, não é ouvido. Efetivamente trata-se daquele que mais acima interpôs sua própria voz, dizendo: “Partilho a sorte dos que te temem”, pois ele se fez participante de nossa mortalidade a fim de nos tornar partícipes de sua divindade; nós nos tornamos participantes de um só para a vida, e ele se fez participantes de muitos para a morte. É para ele que se voltam os que temem a Deus e que co-nhecem os

testemunhos de Deus, preditos com tanta antecedência pelos profetas a respeito dele, e que foram apresentados há pouco, por ele mesmo presente, através de seus milagres.

7 80 “Em tuas justificações, torne-se sem mancha o meu coração, para que eu não seja confundido”. O salmista volta à voz do corpo de Cristo, a saber, de seu santo povo, e pede se torne sem mancha o seu coração, isto é, o coração de seus membros; pelas justificações de Deus, e não por suas forças; isto ele suplica, sem presunção. O pedido: “para que eu não seja confundido” encontra-se mais ou menos nos primeiros versículos deste salmo, onde assim se expressa: “Oxalá se confirmem as minhas veredas na observância de tuas justificações. Então não serei confundido quando contemplar todos os teus mandamentos”. Ali, com uma só palavra indicou sua opção: “Oxalá”; aqui, em termos mais claros exprimiu a prece, dizendo: “Torne-se sem mancha o meu coração”. Nem naquela, nem nesta sentença, ambas com um só sentido, encontra-se a audácia do livre-arbítrio que confia em si contra a graça. Ali disse: “Então não serei confundido e aqui: “para que eu não seja confundido”. Torne-se, portanto, sem mancha o coração dos membros e do corpo de Cristo, pela graça de Deus, através da própria Cabeça deste corpo, isto é, por meio de Jesus Cristo nosso Senhor, no batismo da regeneração, onde foram apagados todos os nossos pecados passados, por auxílio do espírito, por intermédio do qual temos aspirações contrárias à carne (cf Tt 3,5; Gl 5,17), a fim de não sermos vencidos em nossas lutas. Isto como efeito da oração do Senhor, na qual repetimos: “Perdoa as nossas dúvidas” (Mt 6,12). Assim, por meio da regeneração que nos foi concedida, do auxílio no combate, das preces que fazemos, nosso coração se torna sem mancha, para que não sejamos confundidos. Também isso faz parte das justificações de Deus, pois entre outros preceitos foi-nos ordenado: “Perdoai, e vos será perdoado. Dai, e vos será dado” (Lc 6,37.38).

XX SERMÃO

1 81 Com o auxílio do Senhor, empreendemos considerar e expor a parte deste extenso salmo, que assim começa: “Desfaleceu-me a alma pelo desejo de tua salvação. Na tua palavra depus a minha esperança”. Nem todo desfalecimento deve ser tido na conta de culpa ou castigo; existe um desfalecimento louvável, ou desejável. Pois, como são entre si contrárias essas duas coisas, avançar e desfalecer (proficere et deficere) usualmente o avanço é tomado em bom sentido, e o desfalecimento no mau sentido, quando não se acrescenta ou se subentende em que se avança ou se desfalece; quando, porém, vem expresso o objeto, pode-se também avançar para o mal e ser bom desanimar. De fato, diz claramente o Apóstolo: “Evita o palavreado vão e ímpio, já que os que o praticam progredirão na impiedade” (2Tm 2,16). E declarou de alguns: “Progredirão no mal” (2Tm 3,13). Assim desistir do bem em troca do mal é ação má, do mal em vista do bem, é boa ação. Trata-se do bom desfalecimento no salmo: “Suspira e desfalece a minha alma pelos átrios do Senhor” (Sl 83,3). Igualmente neste salmo não se disse: Desisti de tua salvação: mas: “Desfaleceu pelo desejo de tua salvação”, em vista de tua salvação “a

minha alma". É bom, portanto, este desfalecimento; indica um bom desejo, ainda não satisfeito, mas intenso e veemente. Mas, quem assim se exprime, a não ser a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo de sua particular propriedade (cf 1Pd 2,9), desde a origem do gênero humano até o fim deste século, naqueles que em épocas sucessivas viveram na terra, vivem ou hão de viver, desejando a vinda de Cristo? Atesta-o o santo velho Simeão, que tendo recebido Cristo menino nos braços, disse: "Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque meus olhos viram a tua salvação". Fora-lhe revelado por Deus que não veria a morte antes de ver o Cristo do Senhor (Lc 2,29.30.26). É de se crer que o mesmo desejo que possuía este ancião, tinham-no igualmente os santos das épocas precedentes. Por esta razão o próprio Senhor disse a seus discípulos: "Muitos profetas e reis desejaram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouvis e não ouviram" (Mt 13,17). É possível reconhecer a voz deles nesta passagem do salmo: "Desfaleceu-me a alma pelo desejo de tua salvação". Por conseguinte, nem então aquietou-se este desejo dos santos, nem se interrompe agora no corpo de Cristo que é a Igreja, até o fim do mundo, até que venha o Desejado de todas as nações, como foi prometido pelo profeta (Ag 2,8). Além disso, diz o Apóstolo: "Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia; e não somente a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor a sua aparição" (2Tm 4,8). O desejo de que aqui se trata, portanto, deriva do amor a sua vinda; a respeito desta diz o mesmo Apóstolo: "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória" (Cl 3,4). Conseqüentemente, nos primeiros tempos da Igreja, antes do nascimento virginal, houve santos que desejavam a chegada de sua encarnação; quanto aos tempos após a sua ascensão ao céu, existem santos que desejam a sua manifestação para julgar os vivos e os mortos. Este desejo da Igreja, desde o início até o fim do mundo não se amorteceu alguma vez, a não ser enquanto Cristo viveu na carne entre os discípulos na terra, de tal modo que convém aplicar à voz de todo o corpo de Cristo a gemer nesta vida as palavras: "Desfaleceu-me a alma pelo desejo de tua salvação. Na tua palavra pus a minha esperança". Esta é a promessa. A esperança faz com que pela paciência se espere o que os fiéis ainda não vêem (cf Rm 8,25). Igualmente aqui se encontra no texto grego a palavra que alguns de nossos tradutores preferiram traduzir por supersperavi, esperei sobretudo; sem dúvida, trata-se de esperar mais do que se pode dizer.

2 82 "Meus olhos se cansaram de esperar por tua promessa, dizendo: Quando me consolarás?" Eis aí novamente, em relação aos olhos, mas olhos interiores, aquele louvável e feliz desfalecimento que não provém da fraqueza do ânimo, mas da força do desejo daquilo que Deus prometeu; por isso: "pela tua promessa". Como, porém, dizem tais olhos: "quando me consolarás?" a não ser quando se ora e geme, com tal intenção e expectativa? A língua costuma falar; os olhos, não; mas é de certo modo voz dos olhos o desejo do orante. De fato, por dizer: "quando me consolarás?" mostra que sofre com as delongas. Daí também a palavra: "E tu, Senhor, até quando"? (Sl 6,4). Assim sucede ou para que seja mais suave a alegria adiada, ou é o modo de pensar dos que estão desejando algo, porque a demora temporal, embora seja breve para o doador, é longa

para aquele que ama. O Senhor, contudo, sabe o que há de fazer e quando, porque ele dispõe tudo com medida, número e peso (cf Sb 11,21).

3 83 Quando, porém os desejos espirituais são ardentes, sem dúvida esfriam os desejos carnais; por isso continua o salmo: “Assemelho-me a um odre exposto à geada, mas não esqueci as tuas justificações”. Na verdade, pelo odre quer figurar a carne mortal, pela geada o celeste benefício, que entorpece a concupiscência da carne, como que pelo frio; e assim sucede que as justificações de Deus não fogem da memória, porque não se pensa noutra coisa, e acontece o que diz o Apóstolo: “Não procureis satisfazer os desejos da carne” (Rm 13,14). Por isso, tendo dito: “Assemelho-me a um odre exposto à geada” prosseguiu: “mas não esqueci as tuas justificações”, isto é, não me esqueci, porque assim me tornei. Pois, o ardor da cupidez esfriou, enquanto aqueceu-se a lembrança da caridade.

4 84 “Quantos são os dias de teu servo? Quando farás o julgamento de meus perseguidores?” No apocalipse tal é a voz dos mártires, e é-lhes imposto ter paciência até que se cumpra o número de seus irmãos (cf Ap 6,10). Portanto, interroga o corpo de Cristo sobre a quantidade dos dias que há de passar neste mundo. E para que ninguém pense que a Igreja há de desaparecer da terra antes do fim do mundo, e haverá algum tempo neste século em que a Igreja já não existirá, por isso, tendo feito a pergunta a respeito da duração de seus dias, acrescentou também a menção do juízo, certamente demonstrando que ela há de permanecer na terra até o juízo, no qual será feita justiça a seus perseguidores. Se, porém, alguém se inquietar porque faz a pergunta que fizeram os discípulos, obtendo do Mestre a resposta: “Não vos compete conhecer os tempos que o Pai reservou a seu poder” (At 1,7), por que não havemos de acreditar que nesta passagem do salmo foi profetizado que eles haveriam de fazer esta pergunta e ser realizada a palavra da Igreja, que foi aqui predita com tanta antecedência, por meio de sua interrogação?

5 85 Quanto ao que segue: “Os iníquos falaram-me de prazeres, mas não são como tua lei, Senhor”, assim preferiram nossos tradutores verter o termo grego: adoleschías que não se pode exprimir em latim numa só palavra. Alguns traduziram por “prazeres”, outros por “coisas fabulosas”, de modo que com razão se julgue que são exercícios, palavras com certo deleite. Estas existem em diversas seitas e profissões, e nas letras seculares, nas chamadas Deuterosis pelos judeus, que contêm, fora do cânon das Sagradas Escrituras, mil fábulas; possui-nas também a loquacidade vã e errônea dos hereges. O salmista quis dar a entender todos os iníquos, que lhe narraram: adoleschías, isto é, exercícios deleitáveis de palavras: “mas não são como tua lei, Senhor”. Nela deleita-me a verdade, não as palavras.

6 86 Em seguida acrescenta: “Todos os teus preceitos são verdadeiros. Perseguiram-me injustamente. Socorre-me”. O conjunto depende do sentido anterior: “Quantos são os dias de teu servo? Quando farás o julgamento de meus perseguidores?” Tendo em vista perseguir-me, contaram-me os prazeres de suas palavras; mas preferi a tua lei, que mais

me aprouve porque “todos os teus preceitos são verdadeiros”, e não estão repletos de vaidade como os sermões deles. Por isso, “injustamente me perseguiram”; foi somente a verdade que perseguiram em mim. Portanto, “socorre-me”, a fim de que combata pela verdade até a morte; porque este é teu mandamento e portanto, é verdade.

7 87 Tendo assim agido a Igreja, sofreu o que vem em seguida: “Por pouco não me consumiram na terra”, quer dizer, veio grande mortandade de mártires, porque eles confessavam e pregavam a verdade. Mas, como não foi inutilmente que foi dito: “Socorre-me, eu não abandonei teus mandamentos”.

8 88 E no intuito de que eu perseverasse até o fim, disse: “Conserva-me a vida, segundo a tua misericórdia e eu guardarei os testemunhos de tua boca”. No grego temos: martyria. Não omiti esse pormenor, por ser muito doce este nome de mártires. Sem dúvida, quando se enfurecia tamanha crueldade dos perseguidores, de tal modo que por pouco a Igreja não desaparecia da terra, eles de modo algum prestariam testemunho se não lhes fosse feito o que nesta passagem foi pedido: “Conserva-me a vida segundo a tua misericórdia”. A vida lhes foi conservada de tal sorte que não negaram a vida, amando-a, nem a perderam, negando-a. Desta forma, os que em prol da vida não quiseram abandonar a verdade, morrendo pela verdade, continuaram a viver.

XXI SERMÃO

1 [89] Fala neste salmo alguém que parece aborrecer-se com a mutabilidade humana, que enche a vida presente de tentações; e estando no meio de suas tribulações, que o levaram a dizer mais acima: “Os iníquos me perseguiram”, e: “Por pouco não me consumiram na terra”, sente-se inflamado de desejo pela Jerusalém celeste. Olhou para cima e disse: “Tua palavra, Senhor, permanece eternamente no céu, isto é, entre teus anjos que perseveram na milícia eterna, sem desertarem.

2 90 Depois de aludir ao céu, o versículo seguinte conseqüentemente trata da terra. Pois, é um versículo dos oito que pertencem a esta letra. A cada uma das letras hebraicas estão sujeitos oito versículos, até o fim deste salmo prolixo. “De geração em geração dura a tua verdade. Fundaste a terra e ela subsiste”. O olhar da mente fiel, depois de contemplar o céu, volta-se para a terra e encontra nela as gerações que não estão no céu, e diz: “De geração em geração dura a tua verdade”. Esta repetição indica todas as gerações, nas quais nunca faltou a verdade de Deus em seus santos, ora em poucos, ora em um número maior, conforme as vicissitudes dos tempos passados ou futuros. Ou quer o salmista dar a entender duas determinadas gerações, uma pertence à lei e aos profetas, outra, porém, ao evangelho. Parece indicar a causa porque jamais faltou a verdade nestas gerações, com essas palavras: “Fundaste a terra e ela subsiste”, dando o nome de terra aos que habitam a terra. Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo (cf 1Cor 3,11). Cristo também não deixou de ser fundamento daquela geração pertencente à lei e aos profetas (cf Rm 3,21). Ou Moisés e os profetas

devem ser contados entre os filhos da escrava que gera para a escravidão, e não da livre que é nossa mãe, esta Sião a que dirá um homem: “Sião, minha mãe, ele que nela nasceu e o próprio Altíssimo a fundou”? (cf Gl 4,24; Sl 86,5). É o mesmo que é Altíssimo junto do Pai, e por nossa causa tornou-se humílimo no seio desta mãe. Era Deus acima dela, e fez-se homem, nascendo nela. Sobre tal fundamento, Senhor, “fundaste a terra e ela subsiste”. Firmada em tais alicerces, será inabalável pelos séculos dos séculos (cf Sl 103,5), quer dizer, permanecerá naqueles aos quais darás a vida eterna. Não permanecem, porém, aqueles que a escrava deu à luz, pertencentes ao Antigo Testamento, em cujas figuras, contudo, escondia-se o Novo, porque eles não tinham gosto a não ser pelo objeto das promessas terrenas. Ora, o escravo não permanece sempre na casa, mas o filho aí permanece para sempre (cf Jo 8,35).

3 91 “Segundo teus decretos permanece o dia”. Tudo isso, de fato, constitui o dia. E este é o dia que o Senhor fez; exultemos e nos alegremos (Sl 117,24); como de dia, andemos decentemente (cf Rm 13,13). “Porque todas as coisas te servem. Todas as coisas”, a saber, das quais falava o salmista. “Todas as coisas” que pertencem a este dia, “te servem”. Quanto aos ímpios, na verdade, dos quais se diz: “À noite comparei vossa mãe” (Os 4,5, seg LXX), não te servem.

4 92 Em seguida, considera como se libertará esta terra, para permanecer estável, e prossegue: “Se tua lei não fosse a minha meditação, talvez já tivesse perecido em minha humilhação”. Tal a lei da fé; não de uma fé vã, mas a fé que opera pela caridade (cf Gl 5,6). Por meio desta fé se impetra a graça, que torna os homens fortes na tribulação temporal, a fim de que não pereçam numa humilhação mortal.

5 93 “Jamais hei de esquecer as tuas justificações, porque com elas me deste vida”. Eis a razão por que ele não perece em sua humilhação. Pois, se Deus não vivifica, que é o homem? Ele pôde matar-se, mas não pode vivificar-se.

6 94 Acrescenta, a seguir: “Sou teu. Salva-me, porque busquei as tuas justificações”. Não se entenda superficialmente o que foi dito: “Sou teu”. Que existe que não seja dele? Talvez se possa pensar que uma vez que se diz que Deus está nos céus exista algo na terra que não seja seu? No entanto, clama outro salmo: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que ela encerra, o mundo e todos os seus habitantes” (Sl 23,1). Por que então o salmista julgou que podia de certa maneira recomendar-se mais familiarmente a Deus, dizendo: “Sou teu. Salva-me”, senão para dar a entender que para sua infelicidade quis ser dono de si, o que constitui o primeiro e máximo mal da desobediência? É como se dissesse: Quis ser dono de mim mesmo e me perdi; pede, então: “Sou teu. Salva-me, porque busquei as tuas justificações”, não as minhas vontades, que me faziam dono de mim mesmo, mas “as tuas justificações” a fim de começar a ser teu.

7 95 “Espreitaram-me os pecadores para perder-me, mas compreendi os teus testemunhos”. Que quer dizer: “espreitaram-me para perder-me?” Por acaso armaram-me insídias no caminho, espreitando para matar-me quando passasse? Então receava perecer por morte corporal? De forma nenhuma. E então que é: “espreitaram-me” a não

ser queriam que consentisse no mal que eles faziam? Então, de fato, me arruinariam. No intuito de não perecer, disse: “Compreendi teus testemunhos”. Mas soa de modo mais familiar aos ouvidos da Igreja a palavra grega: “compreendi teus martírios”. Apesar de me matarem se não consentisse no que queriam, confessando teus “martírios”, não pereceria; mas eles, querendo perder-me, espreitavam-me para que consentisse, torturavam-me mesmo quando eu confessava. Mas, o salmista não abandonava o que havia compreendido, vendo e contemplando o fim sem fim, se ele perseverasse até o fim.

8 96 E prossegue: “Vi que toda perfeição tem um limite; teu mandamento é amplo em extremo”. O salmista entrara, de fato, no santuário de Deus (cf Sl 72,17) e entendera os últimos acontecimentos. Nesta passagem, a meu ver, toda perfeição representa combater até a morte pela verdade, e tolerar todos os males por causa do bem supremo e verdadeiro (cf Eclo 4,33). O fim desta perfeição é ter lugar excelente no reino de Cristo, que não tem fim, e possuir com grande honra ali, onde não há mais morte nem dor, a vida adquirida com as dores e opróbrios da perda desta vida. Entendo que o acréscimo: “Teu mandamento é amplo em extremo” indica a caridade. O que adian-taria, de fato, a iminência de qualquer gênero de morte, e no meio de toda espécie de tormentos confessar aqueles testemunhos, se não houvesse caridade naquele que confessava? Ouçamos o Apóstolo: “Ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria” (1Cor 13,3). O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5,5). Nesta difusão há amplidão, onde podemos andar sem aperto mesmo pelo caminho estreito, por dom daquele ao qual dissemos: “Alargaste o caminho sob meus pés e minhas pegadas não se apagaram” (Sl 17,37). Amplo é, portanto, o mandamento da caridade, aquele duplo mandamento que nos preceitua amar a Deus e ao próximo. Que pode haver de mais amplo, do que o mandamento do qual depende toda a lei e todos os profetas? (cf Mt 22,40).

XXII SERMÃO

1 97 Freqüentemente advertimos que aquela louvável amplidão, onde não padecemos angústia alguma no cumprimento dos mandamentos de Deus, representa a caridade. Por este motivo, tendo um versículo deste longo salmo mais acima declarado: “Teu mandamento é amplo em extremo”, num versículo subseqüente mostra como ele é amplo, nos seguintes termos: “Quanto amei a tua lei, Senhor!” É, portanto, o amor que torna amplo o mandamento. Como seria, na verdade, possível amar o que Deus quer que seja amado, e não amar a própria ordem? Pois, esta é a lei. Diz o salmista: “Todo dia é ela a minha meditação”. Eis a que ponto a amei: todo dia ela é a minha meditação; ou antes, conforme está no texto grego: “durante todo dia”, onde melhor se exprime a continuidade da meditação. Entende-se que dura todo tempo, isto é, sempre. Tal amor exclui a cobiça, que muitas vezes contradiz aos preceitos da lei, pois a carne tem

aspirações contrárias ao espírito (cf Gl 5,17); o espírito deve ter aspirações contra ela, e assim amar a lei de Deus a tal ponto que ela seja a sua meditação todo o dia. Pergunta, porém, o Apóstolo: "Onde está, então, o motivo de glória? Fica excluído. Em força de que lei? A das obras? De modo algum, mas em força da lei da fé" (cf Rm 3,27). Esta é a fé que opera pela caridade (cf Gl 5,6); porque, procurando, pedindo, batendo (cf Mt 7,7), impetra o espírito bom, por meio do qual o amor se derrama em nossos corações (cf Rm 5,5). Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus (cf Rm 8,14), que são acolhidos para se assentarem à mesa no reino dos céus, com Abraão, Isaac e Jacó (cf Mt 8,11), expulso o servo, que não permanece na casa para sempre (cf Jo 8,35), isto é, Israel segundo a carne, ao qual foi dito: "Quando virdes Abraão, Isaac, Jacó e todos os profetas no reino de Deus, vós, porém, lançados fora. Eles virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e tomarão lugar à mesa no reino de Deus. Eis que há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos" (Lc 13,28-30). "Os gentios", porém, como se exprime o vaso de eleição, "sem procurar a justiça, alcançaram a justiça, isto é, a justiça da fé, ao passo que Israel, procurando uma lei de justiça, não conseguiu esta lei. E por quê? Porque não a procurou pela fé, mas como se a conseguisse pelas obras. Esbarraram na pedra de tropeço" (Rm 9,30-32). Assim se tornaram inimigos daquele que fala nesta profecia.

2 98 Ainda adiciona: "Fizeste-me perceber melhor do que os meus inimigos o teu mandamento, porque ele está eternamente diante de mim". Pois, eles têm zelo de Deus, mas não é um zelo esclarecido. Desconhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus (cf Rm 10,2.3). O salmista, efetivamente, que percebe melhor que seus inimigos o mandamento de Deus, quer estar na companhia do Apóstolo, não tendo a justiça da lei, mas a justiça que vem de Deus, apoiada na fé de Cristo (cf Fl 3,9); não significa isto que a lei a que aderem seus inimigos não venha de Deus, e sim que não a percebem como a percebe o salmista, que a entende melhor que seus inimigos, aderindo à pedra contra a qual eles tropeçaram (cf Rm 9,32). A finalidade da lei é Cristo para a justificação de todo o que crê (cf Rm 10,4), a fim de serem justificados gratuitamente, por sua graça (cf Rm 3,24), mas não como aqueles que pensam poder cumprir a lei por suas próprias forças, e assim procurar estabelecer segundo a lei de Deus, é verdade, mas sua própria justiça. Ao contrário, como filho da promessa, que tendo fome e sede da justiça (cf Mt 5,6), pedindo, buscando e batendo de certa maneira a mendiga do Pai, a fim de que sendo adotado pelo Unigênito, a receba. Desta forma, quando é que percebe o mandamento de Deus, senão quando o faz perceber desta forma aquele ao qual diz o salmista: "Fizeste-me perceber melhor do que os meus inimigos o teu mandamento?" Com efeito, seus inimigos, como aqueles gerados por Agar, para a escravidão (cf Gl 4,24), pelo cumprimento do mesmo mandamento buscaram obter recompensas temporais; e por isso, ele não estava eternamente em sua presença, como o salmista. Traduziram melhor os que verteram: "eternamente" do que os que escreveram "pelos séculos", dando a entender que terminados estes séculos já não poderia existir mandamento algum. De fato, não haverá mandamento escrito em tábuas ou livros visíveis; nas tábuas do coração, contudo, permanecerá o amor a Deus e

ao próximo eternamente; deste duplo mandamento dependem a lei e os profetas. Aquele mesmo que o prescreveu será a recompensa de seu cumprimento, e o amado servirá de prêmio ao amor, quando Deus for tudo em todos (cf 1Cor 15,28).

3 99 Qual o sentido do versículo seguinte: "compreendo melhor do que os meus mestres?" Quem é este que compreende melhor do que seus mestres? Quem é este, digo, que ousa classificar-se quanto ao entendimento acima de todos os profetas, que não somente ao falarem a seus coetâneos, mas ainda ao escreverem para os pósteros ensinaram com autoridade tão grande? Com efeito, foi concedida a Salomão tão grande sabedoria que parece estar acima de todos que existiram antes dele (1Rs 3,12). Mas, não é plausível que seu pai Davi aqui pudesse ter profetizado a respeito dele; principalmente por não se poder afirmar de Salomão o que aqui se diz: "Dos meus caminhos desviei meus passos". Na verdade, pode ser, o que é mais provável, que o profeta prenuncia Cristo, ora quanto à Cabeça, que é o próprio Salvador, ora quanto ao corpo, que é a Igreja, assimilando as palavras proféticas, e levando-o a falar como um só homem, por causa daquele grande mistério, do qual foi dito: "E serão dois numa só carne" (Ef 5,31). Reconheço-o, na verdade, compreendendo mais do que seus mestres, quando aos doze anos, ficou o menino Jesus em Jerusalém e depois de três dias foi encontrado pelos pais no templo, sentado em meio aos doutores, ouvindo-os e interrogando-os; e todos os que o ouviam ficavam extasiados com a sua inteligência e as suas respostas (cf Lc 2,42). Foi com razão que ele disse, tanto tempo antes, por meio desta profecia: "Compreendo melhor do que os meus mestres". Refere-se a todos os homens, não a Deus Pai. Dele falou o próprio Filho: "Falo como me ensinou o Pai" (Jo 8,28). Dificilmente se aplicaria isso à pessoa do Verbo; a não ser que se entenda que o Filho aprendeu do Pai, enquanto gerado. Para ele ser não difere de ser ensinado, mas identifica-se ser com ser ensinado; na verdade, daquele de quem recebe o ser, simultaneamente é por ele ensinado. Quanto à natureza humana, a sua condição de servo, facilmente se entende que tenha aprendido do Pai o que este disse (cf Fl 2,7). Estabelecido nessa condição de servo, principalmente enquanto menino, puderam os adultos pensar que devia aprender, mas aquele a quem o Pai ensinou, compreendia melhor do que os seus mestres. "Porque teus testemunhos são minha meditação". Por conseguinte, compreendia melhor do que seus mestres porque meditava os testemunhos de Deus. Conhecia por si mesmo e melhor do que eles, aquele que afirmava: "Vós enviastes emissários a João e ele deu testemunho da verdade. Eu, no entanto, não dependo do testemunho de um homem; mas falo assim, para que sejais salvos. João foi o facho que arde e ilumina e vós vos quisestes alegrar, por um momento, com sua luz. Eu, porém, tenho um testemunho maior que o de João" (Jo 5,33-36).

4 100 É razoável pensar que esses mestres se identificam com os anciãos a respeito dos quais diz logo em seguida: "sou mais prudente do que os anciãos". Em minha opinião, é uma repetição, a fim de ao lermos nos recordarmos daquela idade mencionada no Evangelho, a infância em meio a adultos, isto é, o menino sentado entre os an-ciãos e que compreendia mais que os mestres (cf Lc 2,46). Costuma-se denominar mais jovem e mais velho respectivamente ao menor e ao maior, embora nenhum deles tenha chegado à

velhice, ou dela esteja próximo. Se, porém, quisermos pesquisar onde no evangelho se encontra expresso o nome de anciãos, que ele superou no entendimento, encontramos na pergunta feita pelos escribas e fariseus: “Por que os teus discípulos violam a tradição dos antigos? Pois que não lavam as mãos quando comem”. Eis como é acusado de transgressão da tradição dos antigos. Mas, ouçamos o que lhes replicou aquele que era mais prudente que os anciãos: “E vós, por que violais o mandamento de Deus por causa da vossa tradição”? (Mt 15,2). Em seguida, pouco mais adiante, a fim de que não somente ele, Cabeça do corpo, mas também o próprio corpo, seus membros, compreendessem melhor do que os anciãos, cuja tradição de lavar as mãos era preterida, chamou as turbas e disse-lhes: “Ouvi e entedei!” Seria como se dissesse: Entendei também vós melhor do que os anciãos, e deste modo também se manifeste que se trata igualmente de vós o que foi prenunciado: “Sou mais prudente do que os anciãos”. Aplique-se não somente à Cabeça, mas ainda ao corpo, ao Cristo total. “Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isto sim o torna impuro”. Isso não entendiam aqueles anciãos, que ensinavam preceitos a respeito de lavar as mãos, como se fossem grandes mandamentos. Mas, os próprios membros desta Cabeça, que eram mais prudentes que os anciãos, ainda não haviam entendido o que ele lhes falara. Enfim, pouco depois, Pedro tomou a palavra: “Explica-nos esta parábola”. Pensava que era uma parábola o que o Senhor proferira sem empregar figuras. Este lhe respondeu: “Nem mesmo vós tendes inteligência? Não entendeis que tudo o que entra pela boca vai para o ventre e daí para a fossa? Mas o que sai da boca procede do coração e é isto que torna o homem impuro”? (cf Mt 15,10.11.15.16). Também vós ainda não tendes inteligência, e não sois mais prudentes que os anciãos? Mas, na verdade, já agora, tendo ouvido tal mestre, nossa Cabeça, pode cada um de nós dizer: “Sou mais prudente do que os anciãos”. Pois, mesmo ao corpo convém o que o salmista acrescenta em seguida: “Porque busquei os teus mandamentos. Teus mandamentos”, não preceitos humanos; “teus mandamentos”, não os mandamentos dos anciãos, que pretendendo passar por doutores da lei, não sabem nem o que dizem nem o que afirmam (cf 1Tm 1,7). É justa a resposta dada a respeito dos preceitos de Deus que devem ser procurados e entendidos melhor do que a interpretação dos anciãos, àqueles que preferiam a própria autoridade à verdade: “E vós, por que violais o mandamento de Deus por causa da vossa tradição”? (Mt 15,3).

5 101 Mas, o que vem em seguida não parece convir à Cabeça, e sim ao corpo: “Dos meus caminhos desviei meus passos para observar tuas palavras”. Pois, nossa Cabeça, o próprio Salvador do corpo, não era impelido para algum caminho maligno, devido a desejos carnais, de sorte que lhe fosse necessário desviar dali seus passos, como se dirigissem para lá espontaneamente. Assim agimos nós, quando resistimos a nossos desejos pervertidos, que ele não teve, a fim de não trilharmos as sendas do mal. Deste modo podemos observar as palavras de Deus, se não nos deixamos levar por nossas paixões (cf Eclo 18,30), para alcançar o mal ambicionado; mas antes as refreemos, seguindo as aspirações do espírito contra a carne (cf Gl 5,17), a fim de que elas não nos arrastem nem subvertam, levando-nos por caminhos malignos.

6 102 “De teus juízos não me aparto, porque em mim gravaste uma lei”. Indica qual o temor que o impediu de dirigir os passos por caminhos malignos. Que significa: “De teus juízos não me aparto” a não ser o que foi dito em outra passagem: “Temi os teus juízos?” Com perseverança acreditei neles, “porque em mim gravaste uma lei”. Tu que me és mais íntimo do que meu íntimo, puseste no interior de meu coração uma lei, gravada por teu espírito, teu dedo. Hei de temê-la, não servilmente sem amor, mas por um temor casto amá-la-ei como filho, e temerei por um casto amor.

7 103 Observa agora o versículo seguinte: “Quão doces ao meu paladar as tuas palavras!” ou, mais exatamente, segundo o grego: “Teus oráculos. Excedem em suavidade o mel e o favo, em minha boca”. É o Senhor quem dá tal suavidade, a fim de que nossa terra produza seu fruto (Sl 84,13). Assim, pratiquemos o bem de forma verdadeiramente boa, isto é, não por medo carnal de um mal, mas pelo deleite espiritual da boa ação. Alguns códices não trazem a palavra: “favo”, mas a maior parte a contém. A doutrina da sabedoria claramente enunciada assemelha-se ao mel; quanto ao mel retirado do favo representa a doutrina extraída dos mistérios mais ocultos, como se fossem favos de cera, pela boca do pregador, que os mastiga. Ele é doce à boca do coração e não à carnal.

8 104 Mas, que quer dizer: “Entendi por meio de teus preceitos?” Uma coisa é: “Entendi teus mandamentos”; e outra: “Entendi por meio de teus preceitos”. Não sei o que o salmista quer dizer que entendeu por meio dos mandamentos de Deus; isto é, a meu ver, ele declara que tendo praticado os preceitos de Deus chegou ao conhecimento daquilo que desejara conhecer. “Desejas a sabedoria, está escrito: “Guarda os mandamentos e o Senhor dar-te-á em profusão” (Eclo 1,26). Não queira alguém, ao invés, antes de possuir a humildade da obediência, alcançar o cume da sabedoria, que não pode apreender se não seguir a ordem. Escuta, portanto: “Não procures o que é muito difícil para ti, não investigues o que vai além de tuas forças. Aplica-te sempre àquilo que o Senhor te ordenou” (Eclo 3,21.22). Assim o homem alcança, através da obediência aos mandamentos, a sabedoria das coisas ocultas. Tendo dito: Aplica-te àquilo que o Senhor te ordenou, acrescentou: “sempre”, porque é necessário guardar a obediência para que se alcance a sabedoria, e uma vez esta obtida, não se abandone a obediência. É voz dos membros espirituais de Cristo: “Entendi por meio de teus preceitos”. É com razão que se assim se exprime o corpo de Cristo naqueles de seus membros que, observando os mandamentos, através desta mesma observância, recebem com maior abundância a doutrina da sabedoria. “Por isso detesto todas as sendas da iniqüidade”. Pois, é necessário que odeie toda espécie de iniqüidade o amor da justiça, que é tanto maior, quanto mais inflamado por suavidade mais intensa da sabedoria. Esta é oferecida a quem obedece a Deus, e entende por meio de seus mandamentos.

XXIII SERMÃO

1 105 Estando a perscrutar e comentar, segundo a faculdade que Deus nos concede, os

versículos deste salmo, agora começamos por aqueles que trazem em primeiro lugar: “Facho diante de meus passos é tua palavra e luz para minhas veredas”. O sentido da palavra: “Facho” vem repetido no termo: “luz”; e “meus pés” tem sentido igual a: “minhas veredas”. Que será, então: “tua palavra?” Acaso será o Verbo que no princípio estava com Deus, o Verbo que era Deus, e por meio do qual tudo foi feito? (cf Jo 1,1). Não. Pois, aquele Verbo é luz, não é facho. Com efeito, o facho é uma criatura, e não o Criador. Ele se acende por participação na luz imutável. Assim era João, a respeito do qual diz o Verbo que é Deus: “João foi o facho que arde e ilumina” (Jo 5,35). Também o facho é luz; contudo, em comparação com o Verbo, do qual foi dito: “E o Verbo era Deus”, ele não era luz; foi enviado para dar testemunho da luz (Jo 1,7). Mas existia a luz verdadeira, que não é iluminada como os homens, mas que ilumina todo homem. Se também o facho não fosse luz, não diria o Senhor aos apóstolos: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14). Depois de ouvirem isto, podiam pensar que eram iguais àquele que proferia essas palavras, porque ele dissera em certo lugar de si mesmo: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12); para evitar isso, o Senhor afirmou a respeito deles: “Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte. Nem se acende uma lâmpada e se coloca debaixo do alqueire, mas no candelabro e assim ela brilha para todos os que estão na casa. Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens” (Mt 5,14.15). Assim eles saberiam que eram lâmpadas acesas por aquela luz que brilha imutavelmente. Com efeito, criatura alguma, apesar de racional e intelectual, ilumina-se a si mesma, mas acende-se na participação da verdade eterna. Se alguma vez é denominada dia, não é o dia do Senhor, mas o dia que ele fez; e por isso ouve a ordem: “Acercai-vos dele e sereis iluminados” (Sl 33,6). Por causa desta participação, o próprio Mediador, enquanto homem, recebe no Apocalipse o nome de “lâmpada” (cf Ap 21,23). Mas a Encarnação é singular. De nenhum dos santos se pôde dizer, por inspiração divina, ou é lícito de algum modo declarar: “O Verbo se fez carne” (Jo 1,14), a não ser do único Mediador entre Deus e os homens (cf 1Tm 2,5). Por conseguinte, chama-se luz o Verbo unigênito, igual ao Genitor, luz denomina-se também o homem, iluminado por aquele Verbo, e tem igualmente o nome de facho, como João, como os apóstolos, mas nenhum deles é o Verbo; e aquele Verbo que os ilumina não é facho. Sendo assim, que o verbo é este cognominado luz de tal modo que é facho (pois disse o salmista: “Facho diante de meus passos é a tua palavra, e luz para minhas veredas”) senão a palavra comu-nicada aos profetas, ou anunciada pelos apóstolos? Não o Verbo que é Cristo, mas o verbo de Cristo, do qual foi es-crito: “Pois a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo” (Rm 10,17). Ora, o apóstolo Pedro compara a palavra profética a uma lâmpada: “Temos, também, por mais firme a palavra dos profetas, à qual fazeis bem em recorrer como a uma luz que brilha em lugar escuro” (2Pd 1,19). Por conseguinte, neste versículo: “Facho diante de meus passos é a tua palavra e luz para minhas veredas”, palavra é a contida em todas as Sagradas Escrituras.

2 106 “Jurei e determinei guardar os juízos de tua justiça”, como alguém que anda corretamente à luz daquele facho e se mantém nas veredas retas. A segunda palavra expõe o que diz a primeira. Como se perguntássemos o que significa: “Jurei”, o salmista

acrescenta: “e determinei”. Chama de juramento o que determinou por um sinal, porque a mente deve manter-se firme na observância dos juízos da justiça de Deus, de tal modo que o que determinou fazer, vale por um juramento.

3 107 É pela fé que se guardam os juízos da justiça de Deus. Diante de Deus, justo juiz, nenhuma ação boa fica sem merecimento, nem pecado algum se crê que fica impune. Mas, como, por causa da fê, o corpo de Cristo suportou muitos e gravíssimos males, diz o salmista: “Fui humilhado em extremo”. Não disse: Humilhei-me, dando a entender a humildade que é objeto de um preceito, mas disse: “Fui humilhado em extremo”, isto é, sofreu máxima perseguição por ter jurado e determinado guardar os juízos da justiça de Deus. E em vista de que a fé não desfalecesse diante de tanta humilhação, acrescentou: “Senhor, conserva-me a vida, segundo a tua palavra”, isto é, segundo a tua promessa. Pois, também a palavra das promessas de Deus é facho para os passos, e luz nas veredas. Assim também supra, rezou na humilhação da perseguição, pedindo a Deus que lhe conservasse a vida: “Por pouco não me consumiram na terra, mas eu não abandonei teus mandamentos. Conserva-me a vida segundo a tua misericórdia e eu guardarei os testemunhos”, isto é, os martírios, “de tua boca”. Assim se entende que se ele não vivificar dando paciência, segundo a palavra: “É pela perseverança que mantereis vossas vidas” (Lc 21,19), e a respeito do Senhor: “É dele que depende a minha paciência” (Sl 61,6), não será o corpo que morrerá na perseguição, mas a alma, por não guardar os testemunhos e os juízos da justiça de Deus.

4 108 “Aceita, Senhor, as ofertas voluntárias de meus lábios”, isto é, elas te agradem; não as reproves, aprova-as. Entende-se bem que “ofertas voluntárias de meus lábios” sejam os sacrifícios de louvor, oferecidos por uma confissão de amor e não por temor e forçados; por isso, foi dito: “Oferecer-te-ei sacrifícios espontâneos” (Sl 53,8). Mas, qual o motivo de acrescentar: “E ensina-me teus juízos?” Ele mesmo não havia declarado nos versículos anteriores: “De teus juízos não me aparto?” Como era possível, se não os conhecia? Se os conhecia, como pede aqui: “E ensina-me teus juízos?” Seria semelhante ao versículo: “Trataste com suavidade o teu servo”, depois do qual o salmista roga: “Ensina-me a suavidade?” Explicamos que se trata de palavras de alguém em progresso, que pede seja-lhe aumentado o que já recebera.

5 109 “Minha alma está sempre em tuas mãos”. Alguns códices trazem: “em minhas mãos”, a maioria, contudo, “em tuas”. E isto é evidente. Pois, a vida dos justos está nas mãos de Deus (Sb 3,1) e nas suas mãos estamos nós, nossas palavras (Sb 7,16). “E não esqueci a tua lei”. Parece afirmar que para alguém não esquecer a lei de Deus é auxiliado pela memória, a alma. Ignoro como se explica: “Minha alma está em minhas mãos”. Na verdade, são palavras de um justo, não de um injusto; de alguém que volta para o Pai, e não que dele se aparta. Não é provável ter o filho mais moço querido possuir em suas mãos a sua alma, quando disse ao pai: “Dá-me a parte da herança que me cabe” (Lc 15,12). Ele estava morto, estava perdido. Ou teria dito o salmista: “Minha alma está em minhas mãos”, apresentando-a a Deus para que lhe desse vida? Conforme dito em outra parte: “A ti, Senhor, elevei a minha alma” (Sl 24,1). Pois, pedira mais acima: “Conserva-

me a vida".

6 110 "Os pecadores armaram-me laços, mas não me desviei de teus preceitos". Donde provém isto, senão porque sua alma está nas mãos de Deus, ou nas suas, oferecendo-a a Deus para ser vivificada?

7 111 "Em herança adquiri teus testemunhos eternamente". Alguns, querendo verter numa só palavra o termo grego, traduziram: "Herdei". Embora seja possível, em latim, significaria antes quem deu a herança do que aquele que a recebeu. Então seria hereditatem, herança no acusativo, conforme ditei. Por conseguinte, o sentido genuíno melhor se expressa em duas palavras, quer se diga: "Possuí em herança", quer: "Em herança adquiri". Não: hereditatem, mas hereditate. Se perguntarmos, porém, o que adquiriu "em herança", diz o salmista: "Teus testemunhos". Que quer dar a entender senão que foi por um dom do Pai, do qual é herdeiro, que se tornou testemunha de Deus, confessou seus testemunhos, isto é, fez-se mártir de Deus e proferiu seus testemunhos, conforme fazem os mártires? Efetivamente, muitos o quiseram, mas não puderam; contudo, nenhum pôde a não ser que tenha querido, porque não poderia se quisesse negar os testemunhos de Deus. Mas a sua vontade é amparada pelo Senhor. Portanto, o salmista atesta que adquiriu estes bens em herança, e isto "eternamente". Efetivamente, não se trata da glória temporal dos homens que buscam a vaidade, mas da glória eterna daqueles que sofrem por um breve tempo e hão de reinar sem fim. Daí, a continuação do salmo: "Porque são a alegria de meu coração". Apesar de ser aflição para o corpo, contudo é alegria para o coração.

8 112 Em seguida, prossegue: "Inclinei meu coração a praticar as tuas justificações continuamente, em vista da retribuição". Quem assevera: "Inclinei meu coração", já suplicara: "Inclina meu coração aos testemunhos teus", a fim de entendermos que isto resulta simultaneamente de um dom divino e da própria vontade. Mas, por acaso, vamos praticar eternamente as justificações de Deus? As boas obras que praticamos para aliviar as necessidades do próximo não podem ser eternas, como também não essas necessidades; mas se as praticamos sem amor, não existe justificação; se, porém, as fazemos com caridade, esta é eterna, e lhe está preparada uma retribuição eterna. O salmista declara que inclinou seu coração a praticar as justificações de Deus, de tal sorte que amando eternamente, mereça possuir eternamente o objeto de seu amor.

XXIV SERMÃO

1 113 O trecho deste salmo que, segundo a vontade de Deus, vamos comentar, assim começa: "Detesto os iníquos, mas amo tua lei". Não disse: Detesto os iníquos e amo os justos; ou: Detesto a iniqüidade e amo a tua lei; mas tendo dito: "Detesto os iníquos", expõe por que motivo, acrescentando: "e amo a tua lei". Assim demonstra que não detesta a natureza humana enquanto tal, mas a iniqüidade que os torna inimigos da lei que ele ama.

2 114 Prossegue: “És meu amparo e protetor. Amparo na prática do bem, protetor” na fuga do mal. Quanto ao acréscimo: “Em tua palavra coloquei toda a minha esperança”, fala como filho da promessa.

3 115 Qual o sentido do versículo seguinte: “Apartai-vos de mim, malignos e sondarei os mandamentos de meu Deus?” Não afirmou: Farei, e sim: “sondarei”. Deseja que os malignos dele se apartem e obriga-os a se afastarem para que possa perfeita e cuidadosamente conhecer os mandamentos. Pois, os malignos o exercitam na prática dos mandamentos, mas o impedem de sondá-los. E isso, não somente ao perseguirem, ou disputarem conosco, mas ainda quando nos prestam obséquios e honras, e se empenham por que nos ocupemos em ajudá-los em suas ambições viciosas e envolventes e que nisso gastemos nosso tempo. Ou então, oprimem os fracos e os obrigam a apresentar-nos suas causas. Não ousamos dizer-lhes: “Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro da vossa partilha”? (Lc 12,14). Em tais causas, o Apóstolo estabeleceu juízes na Igreja, proibindo aos cristãos entrar em litígio no foro (cf 1Cor 6,1). Dizemos, não àqueles que não roubam o alheio, mas àqueles que reclamam ambiciosamente o que é seu: Acautelai-vos de toda ambição. Colocamos diante de seus olhos aquele homem ao qual foi dito: “Insensato, nessa mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste, de quem serão”? (Lc 12,20). Quando dizemos isto, não se afastam de nós, não nos deixam; mas insistem, pressionam, suplicam, agitam-se, extorquem, de forma que temos de nos ocupar destas coisas que eles amam mais do que sondar os mandamentos de Deus que nós amamos. Oh! com que tédio das turbas turbulentas, com que desejo das palavras divinas foi dito: “Apartai-vos de mim, malignos, e sondarei os mandamentos de meu Deus!” Perdoem-nos os fiéis obedientes que raramente nos procuram por causa de suas questões mundanas, e facilmente atendem a nossos julgamentos; eles não nos esmagam com seus litígios, mas antes nos consolam por causa de sua obediência. Certamente, por causa daqueles que entre si discutem pertinazmente, e quando oprimem os bons, desprezam nossos julgamentos e fazem-nos perder o tempo que devíamos dedicar às coisas divinas, certamente, digo, ser-nos-ia lícito exclamar, com essa expressão do corpo de Cristo: “Apartai-vos de mim, malignos, e sondarei os mandamentos de meu Deus”.

4 116 Em seguida, depois que fez como se tocasse dos olhos de seu coração as moscas que os atacavam, volta-se para aquele ao qual dizia: “És meu amparo e protetor. Em tua palavra pus a minha esperança”, continuando a prece: “Recebe-me, segundo a tua palavra e viverei; e não me confundas em minha esperança”. Havia dito: “Meu amparo” e pede que seja acolhido cada vez melhor, e seja conduzido àquele bem pelo qual suporta tantas incomodidades; confia que há de viver mais realmente ali do que nos sonhos das coisas humanas. Assim, pois, fala do futuro: “e viverei”, como se não vivesse neste corpo de morte. Pois, o corpo está morto por causa do pecado. E esperando a redenção de nosso corpo, em esperança somos salvos. E se esperamos o que não vemos, é pela perseverança que o aguardamos (cf Rm 8,10.24.25). E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (cf Rm 5,5). Clamamos ao Pai a fim de recebê-lo mais amplamente: “Não me

confundas em minha esperança".

5 117 E como se silenciosamente lhe fosse respondido: Não queres ser confundido em tua esperança? Não interrompas a meditação de minhas justificações; e como o salmista percebe que esta meditação é muitas vezes perturbada pelas fraquezas da alma, disse: "Ajuda-me e serei salvo e meditarei sempre as tuas justificações".

6 118 "Desprezaste a todos", ou conforme parece mais exato, segundo o texto grego: "Reduziste a nada todos os que se apartam de tuas justificações, porque é injusto o seu pensamento". Ele clamou, portanto: "Ajuda-me e serei salvo e meditarei sempre as tuas justificações", considerando que Deus reduziu a nada todos os que se apartam de suas justificações. Por que se apartam eles? "Porque é injusto o seu pensamento". O pensamento aproxima ou afasta. Todas as ações, más ou boas, procedem do pensamento; cada qual se torna inocente pelo pensamento, ou por meio dele se torna réu. Por esta razão foi escrito: "O pensamento santo te guardará" (cf Pr 2,11); e lê-se em outra parte: "Indagar-se-á sobre os planos do ímpio" (Sb 1,9); e o Apóstolo: "E seus pensamentos que alternadamente acusam ou defendem" (Rm 2,15). Como, porém, pode ser feliz quem é infeliz em seus pensamentos? Ou como não será infeliz quem foi reduzido a nada? A iniqüidade é, de fato, grande esterilidade. Com justeza foi dito: "Confundidos sejam todos os iníquos obreiros de coisas vãs" (Sl 24,4), isto é, inutilmente, pois foram reduzidos a nada.

7 119 Continua o salmo: "Reputei prevaricadores, ou julguei, ou considerei todos os pecadores da terra". Os nossos traduziram de muitos modos uma única palavra grega: elogisámen; mas é uma sentença profunda, e com o auxílio do Senhor, num comentário mais trabalhado penetraremos em outros sentidos. Pois, o acréscimo: "e por isso amei sempre os teus testemunhos" tornam-na muito mais profunda. Com efeito, diz o Apóstolo: "A lei produz a ira", e dá a razão deste dito: "Onde não há lei, não há transgressão" (Rm 4,15). Assim demonstra que nem todos são prevaricadores. Pois, nem todos têm a lei. Que nem todos têm a lei, ele o demonstra com evidência noutra passagem: "Todos aqueles que pecaram sem lei, sem lei perecerão" (Rm 2,12). Que quer dizer, então: "Reputei prevaricadores todos os pecadores da terra?" Mas, para hoje é suficiente ter formulado a questão. Em outro sermão, se Deus quiser, a comentaremos, para que a extensão deste não nos obrigue a explicá-la mais rapidamente do que o necessário para ser bem entendida.

XXV SERMÃO

1 119 Estamos pesquisando a possibilidade de descobrir, se Deus nô-lo conceder, como entender o que declarou este longo salmo: "Prevaricadores", ou antes os "que estão preva-ricando", visto que o texto grego traz parabainontas e não parabatas; pequisamos, portanto, como interpretar: "Reputei que estão prevaricando todos os pecadores da terra?" devido à afirmação do Apóstolo: "Onde não há lei, não há transgressão". Assim

falou, distinguindo a promessa, da lei. Ora, a fim de se depreender melhor o sentido, vejamos os versículos anteriores: “De fato, não foi através da lei que se fez a promessa a Abraão, ou à sua descendência, de ser o herdeiro do mundo, mas através da justiça da fé. Porque, se os herdeiros fossem os da lei, a fé ficaria esvaziada da promessa e a promessa sem efeito. Mas o que a lei produz é a ira, ao passo que onde não há lei, não há transgressão. Por conseguinte, a herança vem pela fé, para que seja gratuita e para que a promessa fique garantida a toda a descendência, não só à descendência segundo a lei, mas também à descendência segundo a fé de Abraão, que é o pai de todos nós” (Rm 4,15.13-16). Por que se exprime desse modo o Apóstolo, senão para demonstrar que a lei sem a graça da promessa, não somente não o apaga, mas até aumenta o pecado? Daí provém a palavra: “Ora, a lei interveio para que avultassem as faltas” (Rm 5,20). Mas como através da graça todos os pecados são perdoados, não somente os cometidos fora da lei, mas também os cometidos sob a lei, ele acrescenta: “Mas, onde avulto o pecado, a graça superabundou”. Conseqüentemente, o Apóstolo não considera que são prevaricadores todos os pecadores, mas julga que estão prevaricando somente aqueles que transgridem a lei. “Onde não há lei, não há transgressão”. Assim de acordo com o Apóstolo todo prevaricador é pecador, porque peca sob a lei, mas nem todo pecador é prevaricador, porque alguns pecam estando fora da lei. Portanto, “onde não há lei, não há transgressão”. Na verdade, se ninguém pecasse sem lei, não teria dito o mesmo Apóstolo: “Todos aqueles que pecaram sem lei, sem lei perecerão” (Rm 2,12). Conforme este salmo, porém, se estão prevaricando todos os pecadores da terra, não existe pecado sem prevaricação; mas não há prevaricação sem a lei; portanto, não existe pecado a não ser sob a lei. Quem, pois, afirma: “Reputei que estão prevaricando todos os pecadores da terra”, não quer, absolutamente, que sejam considerados pecadores senão os que tiverem transgredido a lei; com isso, opõe-se àquele que disse: “Todos aqueles que pecaram sem lei, sem lei perecerão”. Segundo seu parecer, na verdade, existem alguns pecadores, apesar de não serem prevaricadores, isto é, que sem “lei pecaram. Onde não há lei, não há transgressão”. No parecer deste, contudo, ninguém é pecador se não transgrediu; porque considera prevaricadores todos os pecadores da terra. Por conseguinte, segundo este ninguém pecou sem lei, porque “onde não há lei, não há transgressão”. Ou talvez havemos de afirmar que, de fato, é verdade que não há transgressão onde não há lei, mas não é verdade que alguns sem lei pecaram; ou que é verdade que alguns pecaram sem lei, mas não é verdade que onde não há lei não possa haver transgressão? No entanto, o Apóstolo afirmou ambas as coisas; por conseguinte ambas são verdadeiras, porque a Verdade afirmou as duas coisas através do Apóstolo. Como, então, pode ser verdade o que neste salmo, sem dúvida pela mesma Verdade, foi dito: “Reputei que estão prevaricando todos os pecadores da terra?” Alguém pode responder-nos: Quem são, então, os que segundo o Apóstolo pecaram sem lei? Pois, nenhum deles deve ser considerado prevaricador, porque segundo o mesmo Apóstolo, “onde não há lei, não há transgressão”.

2 Mas, efetivamente, ao dizer o Apóstolo: “Todos aqueles que pecaram sem lei, sem lei perecerão”, tratava da lei que Deus promulgou através de seu servo Moisés, para seu

povo de Israel. O próprio contexto o demonstra. O Apóstolo disputava acerca de judeus e gregos, isto é, gentios que não eram circuncisos, mas incircuncisos; por isso, declara-os sem lei, porque não haviam aceitado a lei que se gloriavam ter recebido os judeus. Daí replicar-lhes: “Ora, se tu te denominas judeu e descansas na lei e te glorias em Deus” (Rm 2,17). Finalmente, devemos ponderar de onde vem esta sentença, para que ele diga: “Todos aqueles que pecaram sem lei, sem lei perecerão”. Tinha dito: “Ira e indignação, tribulação e angústia para toda pessoa que pratica o mal, para o judeu em primeiro lugar, mas também para o grego; glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, para o judeu em primeiro lugar e também para o grego. Porque Deus não faz acepção de pessoas. A isto acrescentou o trecho em questão, nesses termos: “Portanto, todos aqueles que pecaram sem lei, sem lei perecerão; e todos aqueles que pecaram com lei, pela lei serão julgados” (Rm 2,8-12). Ele quer se subentenda por estes últimos os judeus, e por aqueles os gregos, porque falava deles, demonstrando que ambos estavam marcados pelo pecado, e confessando que ambos necessitavam da graça; por isso, assim se exprime: “Pois não há diferença, sendo que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus, e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus” (Rm 3,22-24). Quais são os que ele assegura terem todos pecado, senão judeus e gregos, dos quais dissera: “Não há diferença”? Pois, a respeito deles afirmara pouco antes: “Acabamos de provar que todos, tanto os judeus como os gregos, estão debaixo do pecado” (Rm 3,9). Por isso, “todos aqueles que pecaram sem lei”, a lei da qual se gloriavam os judeus, “sem lei perecerão; e todos aqueles que pecaram com lei, isto é, os próprios judeus, pela lei serão julgados”. Nem por isso deixarão de perecer, a não ser que acreditem naquele que veio procurar o que estava perdido (cf Lc 19,10).

3 Com efeito, alguns comentadores, mesmo católicos, compreendendo estas palavras do Apóstolo de maneira diferente do que são, pensaram por falta de atenção que ele afirmara perderem-se os que pecaram sem lei; quanto aos que pecaram sob a lei, seriam apenas julgados, sem serem condenados; julgavam que se purificariam com penas transitórias, como aquele do qual foi dito: “Será salvo, mas como que através do fogo” (1Cor 3,15). Mas isto exatamente se refere ao fundamento de que tratava o Apóstolo quando assim falou. Mais acima ele dissera: “Como bom arquiteto, lancei o fundamento; outro constrói por cima. Mas cada um veja como constrói. Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Cristo Jesus” (1Cor 3,10.11) etc., até o lugar onde ele disse que se salva como que através do fogo quem sobre este fundamento edifica, não com ouro, prata, pedras preciosas, mas com madeira, feno ou palha; todavia, ele não recusou este fundamento, nem o aban-donou depois de o ter aceitado. Ele prefere este fundamento a todos os prazeres carnais, que o prendem e o fazem sucumbir, quando estivesse diante de ocasião em que devesse abandoná-los ou a Cristo. Se não preferir a Cristo, este não é para ele o fundamento. Na verdade, tem prevalência o fundamento a todas as outras partes posteriores da construção. Considero que os que julgaram não se perderem aqueles dos quais foi dito: “Pela lei serão julgados” (Rm 2,12), foi apenas por que tinham estes a Cristo por fundamento. Deram pouca atenção ao que demonstramos; no entanto, a própria Escritura clama que o Apóstolo o

afirma a respeito dos judeus, os quais não têm a Cristo por fundamento. Que cristão há de se assegurar que não se perderá o judeu que não acreditar em Cristo e que será apenas julgado, se o próprio Cristo atesta que foi enviado a este mesmo povo, por causa das ovelhas perdidas de Israel (cf Mt 15,24), e que o dia do juízo será mais tolerável para Sodoma, por que seus habitantes perecerão sem lei, do que para a cidade da Judéia que não acreditou nele, apesar de ter feito ali tão grandes milagres? (cf Mt 10,15).

4 Efetivamente, se o Apóstolo assevera que os outros povos estavam sem lei, a lei que Deus deu a seu povo de Israel por intermédio de Moisés, mas não deu aos demais povos, como interpretaremos a palavra deste salmo: “Reputei prevaricadores todos os pecadores da terra”, a não ser que entendamos haver alguma lei que não foi promulgada através de Moisés, segundo a qual são considerados transgressores os pecadores dos demais povos? Pois, “onde não há lei, não há transgressão”. De que lei se trata, senão daquela mencionada pelo Apóstolo (Rm 4,15): “Quando então os gentios, não tendo lei, fazem naturalmente o que é prescrito pela lei, eles, não tendo lei para si mesmos são lei”? (Rm 2,14). Conforme o que ele diz: “não tendo lei, pecaram sem lei, e sem lei perecerão; segundo, porém, a palavra: “para si mesmos são lei”, com razão são julgados transgressores todos os pecadores da terra. Ninguém injuria a outrem se não quer ser ele próprio injuriado; e nisto transgride a lei natural, que não pode ser ignorada, pois faz a outrem o que não quer para si. Porventura o povo de Israel não tinha a lei natural? Tinha, é certo, porque também eram homens. Estariam sem a lei natural se pudessem estar fora da natureza do gênero humano. Por conseguinte, tornaram-se muito mais transgressores da lei divina, pela qual a lei natural foi instaurada, ou aumentada ou consolidada.

5 Com efeito, se entre os pecadores da terra convém contar também as crianças, por causa dos vínculos do pecado original, demonstra-se que também elas, de modo semelhante à transgressão de Adão (Rm 5,14), são ligadas à prevaricação primeira cometida sob a lei dada no paraíso (cf Gn 3,6). Assim, na verdade, sem excessão, são tidos por transgressores todos os pecadores da terra. De fato, “todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23). A graça do Salvador, portanto, encontrou a todos como prevaricadores, uns mais, outros menos. Pois, quanto maior em alguém o conhecimento da lei, tanto menor a escusa do pecado; quanto menor a escusa do pecado, tanto mais manifesta a transgressão. Faltava, portanto, que a justiça, não a sua própria, mas a justiça de Deus, isto é, concedida por Deus, socorresse a todos. Daí a afirmação do Apóstolo: “Da lei vem só o conhecimento do pecado. Não a abolição, mas o conhecimento. Agora, porém, independente da lei, se manifestou a justiça de Deus, testemunhada pela lei e pelos profetas” (Rm 3,20.21). Por este motivo, continua o salmo: “Por isso, amei os teus testemunhos”. De certo modo, ele diz: Uma vez que a lei, seja a promulgada no paraíso, seja a inspirada naturalmente, ou promulgada por escrito, tornou a todos os pecadores da terra prevaricadores, “por isso amei os teus testemunhos”, incluídos em tua lei, por tua graça, de tal modo que em mim não constituem a minha justiça, mas a tua. Pois, a lei serve para nos remeter à graça. Não somente enquanto

atesta a lei de Deus a ser manifestada, sem a lei, mas ainda pelo fato mesmo de fazer prevaricadores, enquanto a lei mata (cf 2Cor 3,6); o temor impele a se procurar refúgio no Espírito, pelo qual se apagam todos os pecados, e se inspira o amor das boas obras. "Por isso, amei os teus testemunhos". Alguns códices trazem: "sempre"; outros, não. Mas se é assim, devemos tomar "sempre" na seguinte acep-ção: enquanto se vive aqui na terra. Aqui de fato são necessários os testemunhos, da lei e dos profetas, a atestarem a justiça de Deus, que nos justifica gratuitamente; aqui também são necessários nossos testemunhos. Por eles, os mártires deram a sua vida terrena.

6 120 Conhecida, portanto, a graça de Deus, única a libertar da transgressão que se comete com o conhecimento da lei, reza o salmista: "Traspassa com os cravos de teu temor a minhas carnes". Assim mais literalmente verteram alguns dos nossos, o que em grego se exprime com uma só palavra: kathéloson. Alguns disseram "traspassa", sem acrescentar: "com cravos". Tencionando assim traduzir uma só palavra grega por uma só latina, a frase ficou menos explícita, porque "traspassar" não inclui a palavra cravos, enquanto kathéloson não se entende sem incluir o termo cravos. Em latim só se pode exprimir com duas palavras, conforme foi dito: "Traspassa com cravos (confige clavis)". Que quer dar a entender, senão o que o Apóstolo afirmou: "Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo"? (Gl 6,14). E ainda: "Fui crucificado com Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim" (Gl 2,19). Que significa, senão: Não existe em mim justiça que me é própria, provinda da lei, sob a qual me fiz transgressor; mas a justiça de Deus (cf Fl 3,9), isto é, que vem de Deus, está em mim, mas não vem de mim? Assim, efetivamente, vive em mim, não eu, mas Cristo, "que se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção, a fim de que, como diz a Escritura, aquele que se gloria, se glorie no Senhor" (1Cor 1,30; 2Cor 10,17). E ainda: "Pois os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com suas paixões e seus desejos" (Gl 5,24). Aqui se afirmou que eles "crucificaram a carne", enquanto no salmo pede-se a Deus que o faça, nesses termos: "Traspassa com os cravos de teu temor as minhas carnes"; deste modo entendamos que o bem que praticamos deve ser atribuído à graça de Deus, pois é Deus quem opera em nós o querer e o operar, segundo a sua vontade (Fl 2,13).

7 Mas, qual o motivo de primeiro dizer: "Traspassa com os cravos de teu temor as minhas carnes", e depois: "porque temi os teus juízos?" Por que: "Traspassa com o teu temor; porque temi?" Se já tivera medo, ou temia, por que ainda pedia que Deus crucificasse suas carnes com o temor? Seria por desejar crescesse seu temor a ponto de temer quanto bastasse para crucificar suas carnes, isto é, as concupiscências e afetos carnais? Como se dissesse: Leva à perfeição em mim o teu temor; porque temi os teus juízos? Mas existe um sentido mais profundo, que devemos retirar daí, à medida que Deus nos conceder, perscrutando o interior das Escrituras. "Traspassa com os cravos de teu temor as minhas carnes; porque temi os teus juízos", isto é, reprimi meus desejos carnais com o teu casto temor, que permanece pelos séculos dos séculos (cf Sl 18,10);

"porque temi os teus juízos", ao ameaçar-me a lei, que não me podia dar a justiça, com castigos. Mas este temor, o medo do castigo, é lançado fora pelo amor consumado (cf 1Jo 4,18). Este liberta, não pelo receio da pena, mas pelo deleite da justiça. Pois, o temor que não leva a amar a justiça e sim a temer o castigo, é servil, porque é carnal; portanto, não cru-cifica a carne. Pois, o desejo de pecar permanece vivo, e aparece nas obras quando se conta com a impunidade. Quando se acredita que o castigo seguirá, esse desejo fica latente, mas vivo. Pois, o pecador preferia que fosse lícito, e sente ser ilícito o que a lei proíbe; ele não se deleita espiritualmente no bem, mas teme carnalmente o mal que o ameaça. Pelo temor casto, ao contrário, a própria caridade que expulsa o temor receia pecar, mesmo se houvesse impunidade. Ele não considera haver impunidade, porque por amor à justiça reputa como castigo o próprio pecado. Tal temor crucifica a carne, pois os deleites carnais, proibidos pela letra da lei, mais do que evitados são vencidos pelo deleite dos bens espirituais, e são eliminados até a perfeição, por meio de vitórias maiores. "Traspassa com os cravos de teu temor as minhas carnes; porque temi os teus juízos"; isto é: Dá-me o temor casto. O temor da lei, qual pedagogo, me levou a pedi-lo e por este temor "temi os teus juízos".

XXVI SERMÃO

1 121 Agora começamos a considerar e comentar os seguintes versículos deste salmo tão longo: "Pratiquei o juízo e a justiça; não me entregues aos meus opressores". Não é de admirar que tenha praticado o juízo e a justiça o salmista que mais acima pedira o temor de Deus, temor casto, para traspassar com cravos as suas carnes, isto é, as concupiscências carnais, que costumam perturbar nosso julgamento, impedindo-o de ser reto. Reto ou errado, contudo, usualmente falamos de juízo, conforme se diz no evangelho aos homens: "Não julgueis pela aparência, mas julgai conforme a justiça" (Jo 7,24); nesta passagem, porém, emprega-se o vocábulo juízo de tal modo que se não for reto não deve ser denominado juízo; aliás, não bastaria dizer: "Pratiquei o juízo", mas ter-se-ia: Pratiquei um juízo reto. Desta forma falou o Senhor Jesus, na locução: "Omitis as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade" (Mt 23,23). Aqui também emprega-se a palavra juízo de tal modo que não seja juízo se for perverso. Encontra-se esse modo de falar em muitas passagens das Sagradas Escrituras, como a seguinte: "Cantar-te-ei a misericórdia e o juízo, Senhor" (Sl 100,1). E o trecho de Isaías: "Deles esperava o juízo, mas o que produziram foi a transgressão" (Is 5,7). Ele não se expressou deste modo: Esperava deles um juízo justo, mas eles emitiram um juízo iníquo. Falou como se pelo fato de ser juízo já fosse justo, e não seria juízo, se injusto. Quanto à justiça, não se costuma falar: boa justiça, ou má justiça, conforme por vezes se diz bom ou mau juízo; mas é boa pelo fato mesmo de ser justiça. Assim, pois, existe o costume de se falar em bom juízo e mau juízo, como se fala em bom juiz e mau juiz; ao invés, não se diz boa justiça ou má justiça, como não se diz: bom justo e mau justo, porque automaticamente é bom, se é justo. A justiça, portanto, é uma virtude da alma

grande e especialmente louvável; é ocioso agora falar acerca dela mais longamen-te. Relativamente ao juízo, porém, quando usado no bom sentido conforme o modo de empregar o termo, é a ação derivada desta virtude. Pois, quem possui a justiça, julga com retidão; ou antes, de acordo com o modo de se expressar do salmista, quem tem a justiça, julga: porque não julga, se não julga com retidão. E justiça, neste trecho, representa não a própria virtude, mas assinala a sua operação. De fato, quem opera a justiça no homem, a não ser aquele que justifica o ímpio, isto é, por meio de sua graça transforma o ímpio em justo? Daí provém o dito do Apóstolo: “São justificados gratuitamente, por sua graça” (Rm 3,24). Pratica, portanto, a justiça, isto é, a obra de justiça, quem tem em si a justiça, isto é, a obra da graça.

2 “Pratiquei o juízo e a justiça; não me entregues aos meus opressores”. Quer dizer: Pratiquei um justo juízo; não me entregues àqueles que me perseguem. De fato, alguns códices trazem: “Não me entregues aos que me perseguem”. A expressão grega antídikos foi traduzida por alguns: “opressores”; por outros: “perseguidores”; por outros ainda: “caluniadores”. Admiro-me de que entre todos os códices que tinha à mão nunca li: “adversários”, quando indiscutivelmente o que os gregos chamam de antídikos em latim se denomina adversário. Ao suplicar, portanto, que não seja entregue a seus adversários, que está pedindo o salmista senão aquilo mesmo que rogamos: “Não nos deixes cair em tentação”? (Mt 6,13). O adversário é o referido pelo Apóstolo: “Temendo que o Tentador vos tivesse seduzido” (1Ts 3,5). A este Deus entrega quem ele abandona. Com efeito, o Tentador não engana aquele a quem Deus não abandona, em sua benevolência, confirmando-o em sua honra (cf Sl 29,7). Daquele, porém, que dissera na prosperidade: “Jamais serei abalado”, Deus esconde a sua face e ele fica perturbado (Sl 29,7.8), e revela-se a si mesmo. Todo aquele, portanto, que tem as carnes crucificadas pelo casto temor de Deus, e não se corrompe pelos atrativos da carne, praticando o juízo e as obras da justiça, deve suplicar para não ser entregue aos adversários, isto é, não ceder pelo medo de sofrer males aos perseguidores, fazendo o mal. Pois, o Senhor, de quem recebe a vitória contra a concupiscência para não ser arrastado pelo prazer, recebe igualmente a força da paciência para não ser esmagado pela dor; pois daquele mesmo modo do qual se diz: “O Senhor dará a suavidade” (Sl 84,13), igualmente se declara: “Dele depende a minha paciência” (Sl 61,6).

3 122 Continua: “Ampara teu servo para seu bem. Não me (mihi) caluniem os soberbos”. Eles impelem para que eu caia no mal; tu ampara para o bem. Os que verteram: “Não me (me) caluniem”, seguiram literalmente o grego, numa forma menos usada em latim. Ou talvez significaria: “Não me caluniem” o mesmo que dizer: Não me apanhem, caluniando-me?

4 123 Contam-se muitas espécies de calúnias dos soberbos, que desprezam a humildade cristã. Mas a maior delas estaria aqui, se tomamos a palavra homens no sentido de soberbos. Estes nos caluniam, dizendo que adoramos um morto. Com efeito, a humildade cristã alude à morte de Cristo, e a recomenda como fato divino. Esta calúnia, porém, é comum a ambos os infiéis, isto é, judeus e gentios. Os hereges também

possuem suas próprias calúnias, cada qual a sua; têm-nas igualmente os cismáticos. Todos eles se separaram da união dos membros de Cristo pela soberba. Como não é grande e de que espécie a calúnia do próprio diabo, com a qual atacou o justo: "É em vão que Jó teme a Deus"? (Jó 1,9). As calúnias destes soberbos todos, qual veneno das serpentes, são vencidas quando se olha com piedade vigilante e intensa a Cristo crucificado. Prefigurou-o Moisés quando, por ordem compassiva de Deus, levantou no deserto a estátua duma serpente num madeiro, prefigurando a semelhança da carne de pecado que devia ser crucificada em Cristo (cf Jo 3,14; Nm 21,9). Expeliremos todo o vírus destes caluniadores soberbos, olhando para esta cruz salutífera. De certo modo, também o salmista atentamente a contempla e diz: "Meus olhos se enfraqueceram no anseio por tua salvação e a palavra de tua justiça". Na verdade, Deus fez o próprio Cristo, por causa da semelhança com a carne do pecado, pecado por nós, a fim de nos tornarmos justiça de Deus nele (cf Rm 8,3). O salmista declara que seus olhos enfraqueceram no anseio pela palavra da justiça de Deus, contemplando-a cheio de ardor e sede, enquanto lembrado da fraqueza humana, deseja em Cristo a graça divina.

5 124 Por isso, vem em seguida: "Trata o teu servo segundo tua misericórdia" e não, de fato, segundo a minha justiça. "E ensina-me as tuas justificações", aquelas que por meio das quais Deus justifica e não os justos mesmos a si.

6 125 "Sou teu servo". Nada me correu bem quando quis ser livre por minha conta e não ser teu servo. "Dá-me in-teligência para conhecer teus testemunhos". É um pedido que deve ser ininterrupto. Pois, não basta ter recebido inteligência e ter aprendido os testemunhos de Deus, se não os recebermos sempre, e de certa maneira sempre bebermos da fonte da luz eterna. Na realidade, quanto mais alguém se torna inteligente, tanto melhor conhece os testemunhos de Deus.

7 126 "Para o Senhor é tempo de intervir". Assim se lê na maioria dos códices e não como consta de alguns: "Ó Senhor". Que "tempo", então é esse, ou que intervenção ele deseja "do Senhor?" A que foi citada pouco antes pelo salmista: "Trata o teu servo segundo a tua misericórdia". Para tal intervenção é que "é tempo para o Senhor". Em que consiste ela senão na graça revelada em Cristo, em tempo oportuno? Acerca deste tempo diz o Apóstolo: "Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho" (Gl 4,4). Por isso, acrescente-se também o testemunho do profeta em outra parte: "No tempo do meu favor te respondi, no dia da salvação te socorri" (Is 49,8). E o Apóstolo: "Eis agora o tempo favorável por excelência. Eis agora o dia da salvação" (2Cor 6,2). Mas, qual o motivo de acrescentar imediatamente, como que desejando mostrar ter chegado o tempo para o Senhor de intervir: "Eles dissiparam a tua lei"? Então, seria tempo para o Senhor de intervir porque os soberbos dissiparam a sua lei; desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus? (cf Rm 10,3). Que significa: "Eles dissiparam a tua lei" senão: Pela iniqüidade da prevaricação, não guardaram a integridade da lei? Convinha, portanto, fosse dada a lei aos soberbos e aos que presumiam da liberdade de seu arbítrio. Depois de transgredi-la, todos os que, arre-pendidos, se humilhassem, correriam em

busca do socorro da graça, por meio da fé e não mais por causa da lei. Por conseguinte, abolida a lei, era tempo de ser enviada a misericórdia por intermédio do unigênito Filho de Deus. Ora, a Lei interveio para que avultassem as faltas (cf Rm 5,20). Por essas faltas a lei foi dissipada; e já era ocasião oportuna para a vinda de Cristo, de sorte que onde avultou o pecado, a graça superabundasse.

8 127 "Por isso amei os teus mandamentos mais do que ao ouro e o topázio". A graça faz com que por amor se cumpram os preceitos de Deus, que não podiam ser praticados por temor. Na verdade, a graça de Deus, "o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5,5). Esta a razão de dizer o próprio Senhor: "Não vim revogar a lei, mas dar-lhe pleno cumprimento" (Mt 5,17) e o mesmo Apóstolo: "A caridade é a plenitude da lei" (Rm 13,10). Por isso, "mais do que ao ouro e ao topázio". Isso igualmente se lê em outro salmo: "Muito mais desejáveis do que o ouro e a pedra preciosa" (Sl 18,11). De fato, o topázio é considerado pedra muito preciosa. Os israelitas, no Antigo Testamento, não entendendo a graça oculta, como que escondida sob um véu, figurada quando eles não podiam olhar para a face de Moisés (cf Ex 34,35; 2Cor 3,13), esforçavam-se por cumprir os mandamentos de Deus, tendo em vista uma recompensa terrena e carnal, mas não o conseguiam; porque não amavam os mandamentos, mas outra coisa. Assim, suas obras não eram voluntárias, mas antes um peso imposto contra sua vontade. Ao contrário, quando os próprios mandamentos são amados muito mais do que o ouro e a pedra preciosa, toda recompensa terrena é insignificante em comparação com os próprios preceitos. Não há comparação alguma entre outros bens para o homem e os bens que tornam bom o próprio homem.

9 128 "Por isso, corrigiam-me todos os teus mandamentos". Na realidade, eu me corrigia, porque amava e aderia com amor a esses mandamentos retos a fim de me tornar reto também eu. O que vem em seguida é conseqüência do que precede: "Detestei toda senda iníqua". Como seria possível não detestar uma senda perversa se ele amava o caminho reto? Pois, se ele amava como ouro e pedra preciosa o preceito, detestaria efetivamente tudo o que pudesse causar-lhe prejuízo nessas coisas; assim, uma vez que amava os mandamentos de Deus, detestava a senda da iniqüidade, da mesma forma que os marinheiros têm pavor de um imenso rochedo, contra o qual poderiam naufragar com bens tão preciosos. Para evitá-lo, velejam bem longe dali, aqueles que navegam sobre o madeiro da cruz com as mercadorias dos preceitos di- vinos.

XXVII SERMÃO

1 129 Os versículos do salmo sobre os quais vamos fazer nossa exposição, com o auxílio do Senhor, são os seguintes: "Maravilhosos são os teus testemunhos; por isso minha alma os perscrutou". Quem pode enumerar ao menos de um modo geral os testemunhos de Deus? O céu e a terra, as suas obras visíveis e invisíveis, mostram de certa maneira os testemunhos de sua bondade e grandeza. O próprio curso ordinário e usual da natureza, por onde decorre o tempo veloz, relativamente a todas as espécies de seres,

embora temporais e mortais e certamente despercebidas devido ao costume, se forem observadas por alguém que seja piedoso e reflexivo, dá testemunho ao Criador. Qual deles não é digno de admiração, se os medirmos pela razão e não por hábito? Se, efetivamente, ousarmos considerá-los sob um só olhar, numa única contemplação, não nos sucederá o que disse o profeta: "Considerei as tuas obras e fui tomado de pavor"? (Hab 3,1). No entanto, ele não ficou apavorado, ao admirar os seres, mas afirmou que a causa de serem perscrutados está em que são admiráveis. Tendo dito: "Maravilhosos são os teus testemunhos", logo prossegue: "por isso minha alma os perscrutou"; tornou-se mais curioso pela dificuldade que encontrou em sondá-los. Pois, quanto mais ocultas as causas, tanto mais se tornam admiráveis os fatos.

2 Se, portanto, encontrarmos alguém que diga estar perscrutando os testemunhos de Deus porque eles são admiráveis, quando se acham cheias deles tanto as coisas visíveis quanto as invisíveis, o universo criado, não refrearíamos dizendo-lhe: "Não procures o que é muito difícil para ti, não investigues o que vai além de tuas forças. Aplica-te sempre ao que te ordenou Deus"? (Eclo 3,22). Mas se nos responder: Estes mesmos testemunhos, o que o Senhor ordenou, e que me mandas meditar, são admiráveis. Eles atestam que ele é o Senhor porque ordena, e é bom e grande porque ordena tais coisas. Acaso ousaremos afastar alguém de perscrutar e não devemos antes exortá-lo a assim agir com empenho e a dar-se quanto puder a esta tarefa? Talvez confessaremos serem os preceitos de Deus testemunhos de sua bondade, mas negaremos que são admiráveis? Seria espantoso que um bom Senhor ordene ações boas? Ao contrário, seria completamente admirável, e mereceria investigação do motivo por que assim é, que tendo Deus que é bom ordenado ações boas, no entanto, tenha dado uma lei boa àqueles que a mesma lei não poderia vivificar, nem proviria a justiça desta boa lei. "Se tivesse sido dada uma lei capaz de comunicar a vida, então sim, realmente, a justiça viria da lei" (Gl 3,21). Por que, então, foi dada uma lei que não poderia comunicar a vida, a da qual não viria justiça alguma? Na verdade, é admirável, é estupendo. Tais são, portanto, os maravilhosos testemunhos de Deus. A estes perscrutou minha alma, porque a respeito deles não se lhe pode dizer: "Não procures o que é muito difícil para ti, mas aplica-te sempre ao que te ordenou Deus". São as coisas que o Senhor nos ordenou e por isso nelas devemos sempre pensar. Agora vejamos antes o que esta alma que perscrutou terá encontrado.

3 130 "A exposição de tuas palavras ilumina, e dá inteligência aos pequeninos". Quem é pequeno senão o humilde e o fraco? Não te ensoberbeças, portanto, não presumas de tuas forças, que são nulas; e compreende como Deus que é bom deu uma lei boa, a qual, no entanto, não pode vivificar. Foi dada a fim de te fazer de grande um pequeno, e te demonstrar que para praticar a lei não tens forças por ti mesmo; e assim, necessitado de socorro e pobre, te refugiasses na graça, clamando: "Tem piedade de mim, Senhor; estou enfraquecido" (Sl 6,3). Foi isso, portanto, que entendeu esse pequeno em sua investigação, e que mostrou o mínimo dos apóstolos, Paulo, isto é, o pequeno, a saber: foi dada uma lei que não podia vivificar, pois "a Escritura encerrou tudo debaixo do

pecado, a fim de que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse concedida aos que crêem" (Gl 3,22). Faze isto, Senhor, faze isto, Senhor misericordioso; ordena o que não é possível cumprir, ou antes ordena o que só se pode cumprir por tua graça, a fim de que os homens, não podendo por suas próprias forças cumpri-lo, "toda boca se cale", e ninguém se tenha na conta de grande. Sejam todos pequenos, e todo mundo se reconheça como réu diante de ti; "porque diante dele ninguém será justificado pelas obras da lei, pois da lei vem só o conhecimento do pecado. Agora, porém, independente da lei, se manifestou a justiça de Deus, testemunhada pela lei e pelos profetas" (Rm 3,19-21). São estes os admiráveis testemunhos teus, que a alma deste pequeno perscrutou e encontrou-os, porque se humilhou e fez-se pequeno. Quem é, então, que pratica os teus preceitos como devem ser praticados, isto é, pela fé que age pela caridade, a não ser que o próprio amor seja derramado em seu coração pelo Espírito Santo? (cf Gl 5,6; Rm 5,5).

4 131 Isto é igualmente o que confessa esse pequeno: "Abri minha boca, para aspirar, porque anelava pelos teus preceitos". Qual seu anelo senão praticar os preceitos divinos? Mas aquele que era fraco não tinha com que praticar ações fortes, nem o pequeno, grandes feitos; ele abriu a boca, confessando o que por si mesmo não podia fazer. E aspirou o que possibilitaria essa prática; abriu a boca pedindo, procurando, batendo (cf Mt 7,7); e sedento, hauriu o Espírito bom para fazer o que por si mesmo não podia, o preceito santo, justo e bom (cf Rm 7,12). Ora, se nós que somos maus sabemos dar boas dádivas aos nossos filhos, quanto mais o vosso Pai, que está nos céus, dará o Espírito bom aos que lhe pedem? (cf Mt 7,11). Pois, não são os que são conduzidos pelo próprio espírito, mas todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus que são filhos de Deus (cf Rm 8,14). Não significa isso que nada façam, mas o bem que fazem, eles o fazem conduzidos pelo Espírito bom. Efetivamente, tanto mais alguém se torna bom filho quanto mais largamente o Pai lhe concede o Espírito bom.

5 132 Enfim, o salmista ainda formula pedidos. Com efeito, abriu a boca e aspirou. Mas ainda bate à porta do Pai e procura; bebe, mas quanto mais suave é a bebida, tanto mais ardentemente tem sede. Escuta as palavras deste sedento: "volta para mim o olhar e tem compaixão segundo costumas fazer para com os que amam o teu nome", isto é, conforme costumas julgar aqueles que amam o teu nome; de fato, a fim de que eles te amassem, tu os amaste primeiro. Assim se exprime o apóstolo João: "Nós amamos a Deus". E como se alguém interrogasse qual o motivo de amarmos, acrescentou: "Porque ele nos amou primeiro" (1Jo 4,19).

6 133 "Dirige meus passos segundo a tua palavra, e nenhuma injustiça me domine". Que quer dizer senão: Faze-me reto e livre segundo a tua promessa? Ora, quanto mais em alguém reinar a caridade de Deus, tanto menos o dominará a maldade. Que está pedindo a não ser amar a Deus, por um dom seu? Quem ama a Deus, ama a si mesmo e assim pode amar também de forma salutar ao próximo como a si mesmo. Destes mandamentos dependem toda a lei e os profetas (cf Mt 22,40). Que está pedindo a não ser que possa cumprir com o auxílio de Deus os preceitos que ele impôs por uma ordem?

7 134 Mas, por que diz o salmista: “Liberta-me das calúnias dos homens e guardarei os teus mandamentos?” Se os crimes de que os homens o acusam são reais, não se trata de calúnias; se são falsos, por que ambiciona ser libertado das calúnias, isto é, de acusações falsas, que não podem prejudicá-lo? Com efeito, um crime falso, em que consiste a calúnia, não torna réu o homem, a não ser diante de um juiz humano; quando, porém, é Deus que é o juiz, a ninguém prejudica uma falsa incriminação; o crime não seria inputado ao acusado, mas antes ao acusador. Ou será que aqui se prefigura a oração da Igreja e de todo o povo cristão, que foi libertado das calúnias dos homens, com as quais até agora eram atacados os cristãos? Mas é por isso que observa os mandamentos de Deus? Não seria no meio das próprias calúnias, quando eram inflamadas, que o povo santo observava de modo muito mais glorioso os mandamentos de Deus entre tribulações, sem ceder aos perseguidores, não perpetrando impiedades? Mas, de fato, “Liberta-me das calúnias dos homens e guardarei os teus mandamentos” seria o seguinte: Senhor, infunde-me o teu Espírito e faze com que não me vença o medo das calúnias dos homens e não me afaste de teus mandamentos, nem me arrastem eles a suas obras más. Pois, se agires assim para comigo, isto é, que deste modo não tema as acusações falsas que me lançam, e suas calúnias, tu me libertarás, dando-me paciência; entre as próprias calúnias, hei de guardar os teus mandamentos.

8 135 “Irradia a luz de tua face sobre teu servo”, isto é, manifesta a tua presença, socorrendo e auxiliando. “E ensina-me as tuas justificações”. Ensina, mas para que as pratique; é o que evidencia outra passagem: “Ensina-me a fazer a tua vontade” (Sl 142,10). De forma alguma se considera que um ouvinte aprendeu, embora conserve na memória o que ouviu, se não o pratica. É palavra da própria Verdade: “Quem escuta o ensinamento do Pai e dele aprende vem a mim” (Jo 6,45). Quem, portanto, não faz, isto é, não vem, não aprendeu.

9 136 O salmista recordando a dor do arrependimento de sua transgressão, diz: “Desceram de meus olhos torrentes de águas, por não haverem observado a tua leï”, isto é, os meus próprios olhos. Pois, em alguns códices se lê: “por não haver eu observado a tua lei. Desceram, portanto torrentes de lágrimas”, isto é, lágrimas abundantes. Pode-se usar este modo de falar: meus pés desceram a montanha; em vez de: pela montanha, ou na montanha; pode-se também usar esta locução: desci a escada, e não: pela escada; ou desci à piscina, e não: desci até a piscina. Por isso, também: desceram, a saber, pela humilhação da penitência. Pois, eles subiram quando por uma soberba contumaz se ergueram e elevaram. Parecia-lhes estar no alto quando ignorando a justiça de Deus, procuraram estabelecer a sua (Rm 10,3). Fatigados, e confusos pela transgressão da lei, desceram chorando daquela altura, a fim de impetrarem antes a justiça de Deus, por sua penitência. Há códices que não trazem: “desceram”, mas “ultrapassaram”. Seria dizer com certo exagero que, chorando, ultrapassaram torrentes de águas; entendamos: “torrentes de águas”, isto é, choraram mais do que manam as águas de suas fontes. Por que, então, se chora assim por não ter guardado a lei, senão a fim de se impetrar a graça? Esta apaga a iniqüidade do penitente e fortalece a vontade do fiel.

XXVIII SERMÃO

1 13.138 O cantor deste salmo dissera mais acima: “Desceram de meus olhos torrentes de lágrimas, por não haverem observado a tua lei”. Atesta ter chorado muito a sua transgressão. Em seguida, como que dando a razão de seu choro abundante e do grande arrependimento de seu pecado: “És justo, Senhor, e é reto teu juízo. Mandaste observar tua justiça, teus testemunhos e tua verdade sobremaneira”. Todo pecador deve temer de fato esta justiça de Deus, seu reto juízo e a verdade. Baseado nelas, Deus condena todos os que são condenados. Não há absolutamente quem possa queixar-se retamente de sua condenação por um Deus justo. Daí ser justificado o pranto do penitente; porque se fosse condenado seu coração impenitente, na verdade seria condenado com toda justiça. É exato denominar o salmista de justiça os testemunhos de Deus; efetivamente ele se mostra justo ordenando a justiça. Esta é igualmente verdade, porque Deus se revela por tais testemunhos.

2 139 Mas que significa o que segue: “O meu zelo me fez definhar” ou conforme outros códices: “teu zelo”? Em alguns consta: “de tua casa”, e não: “me fez definhar”, mas: “me consumiu”. Parece-me que o copista emendou de acordo com o outro salmo, onde está escrito: “Devorou-me o zelo de tua casa” (Sl 68,10), que foi citado também no evangelho, conforme sabemos (cf Jo 2,17). Entretanto, alguma semelhança existe entre “me fez definhar” e o que ali se encontra: “devorou-me”. Quanto a “meu zelo”, de vários códices, não oferece dificuldade. Que há de extraordinário se alguém definha devido a seu zelo? Quanto à expressão de alguns: “teu zelo” representa alguém que tenha zelo por Deus e não por si; mas neste caso nada repugna dizer: “meu”. Pois, não é assim que fala o Apóstolo: “Zelo por vós com zelo para Deus?” Pois, ao dizer: “Zelo por vós” não demonstra apenas o seu zelo? Mas uma vez que disse: “para Deus”, isto é, não relativamente a si mesmo e sim a Deus, acrescentou: “com zelo de Deus”. Este zelo, efetivamente, Deus inspira a seus fiéis através de seu Espírito; é efeito do amor e não do ciúme. De fato, qual foi o cuidado que teve o Apóstolo para falar desta maneira? Diz ele: “Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura. Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade e da pureza devida a Cristo” (2Cor 11,2.3). Devorava-o o zelo pela casa de Deus, no entanto, o zelo era para Deus, não para si. Pois, é o esposo que tem zelo pela esposa; o amigo do esposo, porém, deve ter zelo por ela, mas a favor do esposo e não de si. Por conseguinte, entende-se que se trata de um bom zelo, pois o salmista declara em seguida qual a causa deste zelo: “Porque os meus inimigos esqueceram tuas palavras”. Eles, portanto, retribuíam o bem com o mal. Com efeito, o salmista tinha zelo por Deus de maneira tão veemente e ardente que dizia ter definhado por causa deste zelo; os inimigos, porém, por isso mesmo, demonstravam-lhe inimizade; de fato, ele queria que aqueles por quem tinham zelo em sua caridade, amassem a Deus. Não sendo ingrato para com a graça de Deus, que o reconciliara com Deus quando era inimigo, amava até seus inimigos, e por eles

tinha zelo para Deus, sofrendo e definhando porque eles estavam esquecidos das palavras de Deus.

3 140 Em seguida, considerando o salmista as chamas de seu amor à palavra de Deus, disse: "Tua palavra é excessivamente inflamada e teu servo a ama". Com razão tinha zelo pelo coração impenitente de seus inimigos, que esqueceram as palavras de Deus. Ardia no anelo de os converter ao que ele amava de maneira tão inflamada.

4 141 "Sou mais jovem e desprezado, mas não esqueço as tuas justificações". Não sou como meus inimigos, que esqueceram tuas palavras. Parece que o mais moço, lembrado das justificações de Deus, se condói por causa de seus inimigos mais velhos que as esqueceram. Pois, que significa: "Sou mais jovem, mas não esqueço", senão: Eles, que são mais velhos, esqueceram? Néoteros é termo grego que se encontra igualmente no versículo: "como o jovem corrigirá seu caminho?" Este nome está no comparativo e entende-se bem que a comparação é com um mais velho. Reconheçamos, portanto, aqui, dois povos, que lutavam no seio de Rebeca (cf Gn 25,23), "quando não dependendo das obras, mas daquele que chama, foi-lhe dito: O maior servirá o menor" (Rm 9,13). Mas o mais jovem se diz desprezado; no entanto, tornou-se o maior, "porque o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é" (cf 1Cor 1,28). Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos (cf Mt 20,16).

5 142 Com justeza, esqueceram as palavras de Deus os que desejaram estabelecer sua justiça, ignorando a justiça de Deus (cf Rm 10,3); quanto ao menor, não esqueceu, porque não quis estabelecer sua própria justiça e sim a de Deus, da qual também diz agora: "A tua justiça é justiça eternamente, e tua lei é verdade". Como não seria verdade a lei, pela qual vem o conhecimento do pecado, e que dá testemunho da justiça de Deus? Assim se expressa o Apóstolo: "Agora se manifestou a justiça de Deus, testemunhada pela lei e pelos profetas" (cf Rm 3,21).

6 143 Por causa dela o mais jovem sofreu perseguição da parte do mais velho, de tal forma que o mais moço dis-sesse o que segue: "Surpreenderam-me a tribulação e a angústia. Teus mandamentos são minha meditação". Enfureçam-se, persigam, contanto que não sejam abandonados os teus mandamentos e sejam amados por efeito destes mesmos mandamentos até esses homens cruéis.

7 144 "Eterna é a justiça de teus testemunhos. Dá-me inteligência e viverei". Este mais jovem pede inteligência. Se não a tivesse não entenderia mais que os mais velhos. Mas ele a pede na tribulação e na angústia, a fim de que com-preenda como é desprezível aquilo que os inimigos podem tirar-lhe, perseguindo-o. Afirma que eles o desprezam. Por isso diz: "e viverei", ponderando que se a tribulação e a angústia chegarem ao ponto de que os inimigos perseguidores o matem, ele viverá eternamente, pois ele antepõe a justiça que permanece para sempre aos bens temporais. Esta justiça na tribulação e na angústia constitui os martírios, testemunhos de Deus que coroam os mátires.

XXIX SERMÃO

1 145 Quem tem dúvidas de não ser em vão um clamor dirigido ao Senhor pelos que oram, se produzido pela voz do corpo, sem que o coração esteja orientado para Deus? Se, porém, se dá no coração, mesmo silenciando a voz, pode ficar oculto a qualquer outro, não contudo a Deus. Seja, portanto, com a voz corporal, quando necessário, seja em silêncio diante de Deus, ao orarmos, temos de clamar com o coração. O clamor do coração, porém, consiste em grande tensão do pensamento. Na oração, ela exprime um forte afeto daquele que deseja e pede, com esperança de obter o efeito desejado. Na verdade, alguém clama de todo coração quando não pensa em outra coisa. Para muitos tais orações são raras, para poucos são freqüentes; mas não sei se para alguns assim sejam todas as suas orações. O cantor deste salmo menciona tal oração como sua, nesses termos: “Clamei de todo meu coração; escuta-me, Senhor”. Prossegue declarando para que serve este seu clamor: “Procurarei tuas justificações”. Clamou, por conseguinte, de todo seu coração, com o anelo de conseguir do Senhor o seguinte: que procure as suas justificações. Na verdade, pedimos nos dê procurar aquilo que ele nos ordena fazer. Quão longe ainda se encontra de fazer aquele que está à procura! Não é forçoso encontre aquele que procura, ou que faça aquele que encontra. Mas, não pode fazer sem ter encontrado, nem encontrar se não tiver procurado. Mas o Senhor Jesus nos deu grande motivo de esperança, dizendo: “Buscai e achareis” (Mt 7,7). Ainda diz a sabedoria (que é ela, a não ser ele próprio?): “Buscar-me-ão os maus, e não me encontrarão” (Pr 1,28). Em conseqüência, não foi aos maus, e sim aos bons que foi dito: “Buscai e achareis”. Ou antes, foi dito àqueles aos quais na mesma passagem o Senhor declarou um pouco mais adiante: “Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos” (Mt 7,11). Como, então, se diria aos maus: “buscai e achareis”, se de outro lado, foi assegurado: “Buscar-me-ão os maus, e não me encontrarão?” Acaso, queria o Senhor que procurassem outra coisa que a sabedoria, quando prometia aos bons que o encontrariam se o procurassem? Nela, na verdade, se encontra tudo o que hão de procurar aqueles que ambicionam ser felizes. Ali, portanto, estão também as justificações de Deus. Diante disso, resta ainda compreendermos que nem todos os maus deixam de encontrar a sabedoria, se a procurarem; e sim aqueles que são tão maus que a odeiam. Assim, pois, assegurou também: “Buscar-me-ão os maus e não me encontrarão; porque odiaram o saber” (Pr 1,29). Não encontram porquanto a odeiam. Mas de outro lado se odeiam, como procuram, a não ser que não a procuram por si mesma, mas por outra coisa que os malvados amam, e pensam que a alcançarão mais facilmente por meio da sabedoria? Pois, são muitos os que procuram cuidadosamente os ditos da sabedoria, e querem tê-la em conhecimento, mas não na vida. Desta forma não chegam à luz de Deus, que é a sabedoria, por meio dos costumes inspirados pela sabedoria; mas por meio das palavras da sabedoria procuram obter o louvor humano, isto é, a vanglória. Não é, portanto, a sabedoria que procuram, porque não a procuram por si mesma; do contrário viveriam de acordo com o que ela prescreve, mas querem orgulhar-se de suas palavras; e quanto mais se incham de soberba, tanto mais se põem fora de seu âmbito. O salmista, contudo, pede ao Senhor lhe conceda fazer o que ele manda, a fim de que o próprio Senhor opere nele o que ordena. Pois, é Deus quem opera em vós o querer e o operar, segundo a sua

vontade (cf Fl 2,13). “Clamei de todo meu coração; escuta-me, Senhor. Procurarei tuas justificações”, para praticá-las e não apenas para conhecê-las, para não me assemelhar àquele servo duro que apesar de ter escutado, não obedece.

2 146 “Clamei, salva-me”; ou conforme alguns códices gregos e latinos: “Clamei por ti. Salva-me”. Que significa: “Clamei por ti”, senão: clamando, eu te invoquei? Mas depois de pedir: “Salva-me”, que acrescenta? “E guardarei teus testemunhos”, a fim de não te negar por fraqueza. Com efeito, pela salvação da alma faz-se o que se conhece ser o dever, até a morte do corpo, se uma prova extrema o exigir, combatendo pela verdade dos testemunhos divinos; onde, porém, não há salvação, a fraqueza sucumbe e abandona-se a verdade.

3 147 Logo vem algo de obscuro que será preciso expor um pouco mais longamente. “Antecipei a meia noite (in-tempesta nocte), e clamei”. Muitos códices não trazem: intempesta nocte, mas immaturitate, aurora. Encontrei apenas um que traz dupla preposição, isto é, in imma-turitate. Com efeito, imaturidade neste lugar figura o tempo da noite que não está maduro, isto é, oportuno, para se ficar desperto e fazer algo. O povo também costuma dizer: hora importuna. Também, hora importuna da noite, isto é, meia noite, é tempo de descansar. O nome deve derivar do fato de ser então nada oportuno à ação. Os antigos denominavam tempestivo o que é oportuno; e intem-pestivo o que não é oportuno. A palavra origina-se do vocábulo tempo e não de tempestade, que usualmente no latim indica o céu carregado. Embora os historiadores empreguem livremente o termo, dizendo: ea tempestate quando querem designar o tempo, conforme disse o autor egrégio: “Unde haec tam clara repente tempestas. Como de repente o tempo ficou tão luminoso”? (Virg. Aen. 9,19.20). Com este nome não designou um céu carregado de nuvens e ventos, antes um céu brilhante por súbita e esplên-dida serenidade. Em grego encontram-se não uma, mas duas palavras, isto é, a preposição e o nome en aoria. Alguns de nossos tradutores verteram por meia noite, intempesta nocte; muitos por immaturitate, não por duas palavras, mas uma só. O nominativo deste vocábulo é im-maturitas, imaturidade. Outros, por duas palavras, conforme o grego: in immaturitate; aoria de fato é imaturidade, en aoria in immaturitate, como se aquele que disse: intempesta nocte quisesse falar com dupla preposição: in intempesta. Uma preposição representaria em que hora, e a outra pertenceria à composição do nome. Não muda a sentença se alguém disser que fez uma coisa qualquer ao canto do galo, ou no canto do galo; assim não há diferença se o salmista diz ter clamado intempesta ou in intem-pesta nocte, isto é, à meia noite. O texto grego, porém, traz no meio da noite, o que equivale a: na aurora, isto é, no tempo da noite não oportuno, in immaturitate. Até aqui tratamos do termo obscuro; agora vejamos qual o seu sentido.

4 “Antecipei a meia noite, e clamei; esperei em tuas palavras”. Se o referirmos a cada um dos fiéis e ao sentido próprio, muitas vezes acontece que em tal parte da noite o amor de Deus está desperto, e impelido por grande e premente afeto à oração não espera, mas antecipa o tempo de rezar, que costuma ser após o canto do galo. Se, porém, queremos tomar a palavra noite no sentido de todo este século, na verdade é no meio da noite que

clamamos a Deus, e antecipamos o tempo marcado de nos dar o que prometeu, conforme se lê noutra parte: “Com a confissão saiamos ao seu encontro” (Sl 94,2). De outro lado se quisermos entender como não oportuno tempo da noite, a época anterior à plenitude do tempo (cf Gl 4,4), isto é, o tempo oportuno quando Cristo se manifestou na carne, nem então a Igreja se calou, mas antecipando esta maturidade, clamou por meio dos profetas, e esperou na palavra de Deus, que é poderoso para realizar o que prometeu, a saber, que na descendência de Abraão seriam abençoadas todas as nações (cf Gn 12,3; 22,18).

5 148 “Meus olhos adiantam-se ao amanhecer, para meditar as tuas palavras”, diz também a Igreja. Consideremos que amanhecer seria quando nasceu uma luz para os que estavam sentados à sombra da morte (cf Is 9,2). Os olhos da Igreja não se adiantaram para este amanhecer, através dos santos que haviam vivido antes na terra, porque eles previram este futuro, de sorte que meditavam as palavras de Deus, realizadas então e que prenunciavam os fatos futuros, pela lei e os profetas?

6 149 “Escuta, Senhor, a minha voz, segundo a tua misericórdia e dá-me a vida de acordo com teu juízo”. Pois, primeiro Deus segundo a sua misericórdia retira a pena dos pecados, depois dá a vida aos justos de acordo com seu juízo; não é por nada que se diz nessa ordem: “Cantar-te-ei a misericórdia e a justiça, Senhor” (Sl 100,1), visto que, mesmo o tempo da misericórdia não está desprovido de julgamento, de acordo com o que diz o Apóstolo: “Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas por seus julgamentos o Senhor nos corrige, para que não sejamos condenados com o mundo” (1Cor 11,31); e seu coapóstolo: “É tempo de começar o juízo pela casa de Deus. Ora, se ele começa por nós, qual será o fim dos que se recusam a obedecer ao evangelho do Senhor”? (1Pd 4,17). Mesmo o último tempo do juízo não será sem misericórdia, porque conforme o salmo, “ele te coroa por sua comiseração e misericórdia” (Sl 102,4). Para os maus da esquerda, contudo, o juízo será sem misericórdia porque eles não tiveram misericórdia (cf Tg 2,13).

7 150 “Aproximaram-se os que me perseguem com iniqüi-dade”, ou, de acordo com alguns códices: “iniquamente”. Aproximaram-se os perseguidores, quando chegam até a atormentar e matar o corpo. Daí a palavra do salmo vinte e um, onde foi profetizada a paixão do Senhor: “Não te afas-tes de mim, porque a tribulação está próxima” (Sl 21,12). Trata-se do que o Senhor padeceu, não quando a paixão estava iminente, mas já presente. Chama a tribulação de próxima, porque na carne; nada, na verdade, de mais próximo da alma do que o corpo a que está unida. Aproxi-maram-se, portanto, os perseguidores, afligindo o corpo da-queles que eles perseguiam. Mas observa o que segue: “Bem longe estão de tua lei”. Quanto mais se aproximaram dos justos perseguidos, tanto mais se distanciaram da justiça. Mas em que prejudicaram aqueles de quem se aproximaram perseguindo, quando é mais profunda a aproximação do Senhor, que de forma alguma os abandona?

8 151 Enfim, prossegue: “Perto estás, Senhor, e verdade são todos os teus caminhos”. É

usual que os santos confessem, atribuindo à verdade de Deus, mesmo as suas tribulações, que merecidamente sofrem. Assim agiram a rainha Ester (cf Est 14,6), o santo profeta Daniel (cf Dn 6,22) os três jovens na fornalha (cf Dn 3,24), e os seus companheiros na santidade. Pode-se questionar como se diz aqui: "Verdade são todos os teus caminhos", quando se lê em outro salmo: "Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade" (Sl 24,10); mas, para com os santos todos os caminhos do Senhor são misericórdia e todos os caminhos do Senhor são verdade, porque ao julgar ele socorre, e assim não falta a misericórdia; e ao ter compaixão demonstra o que prometeu, de tal forma que não falte a verdade. Para com todos, quer os liberte, quer os condene, todos os caminhos do Senhor, porém, são misericórdia e verdade, porque onde não demonstra compaixão, mostra-se a verdade no castigo. Com efeito, livra a muitos sem o merecerem, mas não condena a ninguém que não o mereça.

9 152 "Desde o início sei a respeito de teus testemunhos, que os estabeleceste eternamente". A expressão grega: kat'archás foi vertida por alguns dos nossos: "desde o início", outros: "no início", outros ainda: "nos começos". Mas os que preferiram o plural seguiram servilmente a locução grega. Na língua latina usa-se antes: "desde o início ou no início", o que o grego parece exprimir no plural, mas de fato é advérbio: kat'archás. Assemelha-se ao que assim dizemos: "Alias" assim faço. Parece plural do gênero feminino, mas é um advérbio que significa: em outra ocasião. Que significa então: "Desde o início sei", ou antes, para empregar um advérbio: "Inicialmente sei a respeito de teus testemunhos, que os estabeleceste eternamente?" O salmista afirma que os testemunhos do Senhor foram estabelecidos eternamente, e atesta que os conhece desde o início, e que não os conheceu de outra forma senão segundo os mesmos testemunhos. Quais são estes testemunhos, a não ser aqueles em que Deus atestou que haveria de dar a seus filhos um rei eterno? E isto atestou que haveria de dar em seu Unigênito, do qual foi dito: "E o seu reinado não terá fim" (Lc 1,33); deste modo afirmou que os mesmos testemunhos foram estabelecidos eternamente, porque o objeto da promessa é eterno. Pois, por si mesmos os testemunhos então não serão necessários, quando a realidade se mostrar; são requeridos agora os testemunhos para que se acredite. Por isso, bem se entende a palavra: "os estabeleceste", porque mostram-se verdadeiros em Cristo. Quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo (cf 1Cor 3,11). Donde vem, então, que o salmista o conheceu desde o início, a não ser que é a Igreja quem fala? Ela não estava ausente no início do gênero humano. Primícias dela foi o santo Abel, imolado também ele (cf Gn 4,8) em testemunho do futuro sangue do Mediador que devia ser derramado por um ímpio irmão. Pois, no começo também foi dito: "Serão dois numa só carne" (Gn 2,24). Expondo este grande mistério, disse o apóstolo Paulo: "Refiro-me a Cristo e a sua Igreja" (cf Ef 5,32).

XXX SERMÃO

1 153 Membro algum do corpo de Cristo se considere alheio a esta voz (porque

verdadeiramente diz todo o corpo de Cristo estar nessa condição de humilhação), com a qual inicia-se a leitura deste salmo, que agora vamos comentar: "Vê a minha humilhação e livra-me, porque não esqueci a tua lei". Nesta passagem, entendemos tratar-se de nenhuma lei de modo mais adequado do que daquela firmemente estabelecida: todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado (cf Lc 14,11;18,14). O soberbo, portanto, é envolvido em males para que se humilhe; o humilde é libertado dos males, para ser exaltado.

2 154 "Julga a minha causa e resgata-me". De algum modo repete uma sentença anterior. O que foi dito: "Vê a minha humilhação" corresponde a: "Julga a minha causa". E quanto a: "porque não esqueci a tua lei" combina com o que está mais abaixo: "por causa de tua palavra dá-me a vida". A palavra é a lei de Deus, que o salmista não esqueceu, humilhando-se para ser exaltado. A esta mesma exaltação pertence a expressão: "Dá-me a vida", porque a exaltação dos santos é a vida eterna.

3 155 "A salvação está longe dos pecadores, porque não buscaram as tuas justificações". Que te distingue, a ti que disseste: "A salvação está longe dos pecadores?" Que te distingue dos pecadores, de tal sorte que a salvação não esteja longe de ti, e sim contigo? Isto, na verdade, te distingue, que fizeste o que estes não fizeram, isto é, buscaste as justificações de Deus. Que é que possuis que não tenhas recebido? (cf 1Cor 4,7). Não és tu que pouco antes dizias: "Clamei de todo meu coração; escuta-me, Senhor. Procurarei tuas justificações?" Por conseguinte, recebeste o dom de procurá-las daquele a quem clamaste. Ele, portanto, te distingue daqueles que estão longe da salvação, porque não buscaram as justificações de Deus.

4 156 Também o salmista o verificou. Nem eu o veria, se não o visse em Cristo, se nele não estivesse. Estas pala-vras são, de fato, do corpo de Cristo, de quem somos membros. O salmista o viu, e logo prosseguiu: "Tuas comise-rações são muitas, Senhor". Até mesmo o fato de procurarmos tuas justificações pertence as tuas comiserações. "Segundo teu juízo vivifica-me". Sei que mesmo o teu juízo não me atingirá sem tua comiseração.

5 157 "Muitos me perseguem e afligem; não me afastei de teus testemunhos". Isto aconteceu. Nós o sabemos, disto nos recordamos, reconhecemo-lo. Toda a terra ficou purpúrea com o sangue dos mártires; o céu floriu com as coroas dos mártires, as Igrejas se ornaram com as memórias dos mártires, os tempos foram assinalados com as festas natalícias dos mártires, aumentam as curas pelos méritos dos mártires. Donde vem isto, a não ser porque foi realizado o que foi predito deste homem espalhado pela terra inteira: "Muitos me perseguem e afligem; não me afastei de teus testemunhos?" Nós o reconhecemos e damos graças ao Senhor nosso Deus. Tu pois, ó homem, tu em outro salmo, tu mesmo disseste: "Se o Senhor não estivesse conosco, decerto nos teriam devorado vivos" (Sl 123,2). Eis porque não te afastaste de seus testemunhos, e chegaste à palma da vocação do alto entre as mãos de muitos que te perseguiam e afligiam.

6 158 "Vi os insensatos e me consumia"; ou conforme alguns códices: "Vi os

transgressores do pacto"; são muitos os que assim contêm. Mas quais os transgressores do pacto, a não ser os que se afastaram dos testemunhos de Deus, não suportando as tribulações dos muitos perseguidores? O pacto consiste em que sejam coroados os vencedores. Não o observaram os que não suportando a perseguição, se afastaram pela negação dos testemunhos de Deus. O salmista os notou e se consumia, porque amava. Trata-se do zelo bom, proveniente do amor e não do ciúme. Em seguida vem qual o ponto em que não observaram o pacto: "Porque não guardaram tuas palavras". Efetivamente, eles as negaram nas tribulações.

7 159 O salmista, diferenciando-se deles, recomenda-se, dizendo: "Vê que amei teus mandamentos". Não afirma: Não neguei tuas palavras, ou teus testemunhos. Isto é que os mártires eram instigados a fazer, e quando não faziam, sofriam tormentos intoleráveis. Mas foi dito onde se encontra o fruto de todos os padecimentos; porque ainda que eu entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria (cf 1Cor 13,3). Relembrando-o disse o salmista: "Vê que amei teus mandamentos". Em seguida pediu o prêmio: "Senhor, em tua misericórdia dá-me a vida". Eles dão a morte, tu dá-me a vida. Se o prêmio, que a justiça deve dar, é pedido por misericórdia, quanto mais não será misericórdia que obtenha a própria vitória o prêmio que lhe compete?

8 160 "A verdade é o princípio de tuas palavras, e todos os juízos de tua justiça são eternos". Tuas palavras procedem da verdade, e portanto são verazes, e a ninguém enganam. Elas prenunciam a vida ao justo, e a pena ao ímpio. Tais são, na verdade, os eternos juízos da justiça de Deus.

2 Em conseqüência disso, meus irmãos, cantemos este salmo de ascensão para subirmos pelo coração, pois Cristo desceu até nós a fim de podermos subir. Efetivamente Jacó viu uma escada e nela anjos que subiam e desciam; viu ambas as coisas (cf Gn 28,12). Podemos pensar que os que subiam representavam aqueles que se aperfeiçoam; e os que desciam, os que desistem de avançar. De fato, encontramos isso no povo de Deus: uns progridem, outros desanimam. A escada podia figurá-los, mas talvez seja melhor entender que tanto os que sobem como os que descem na escada são os bons. Não foi sem razão que não se disse: os que caem, e sim: os que descem. Há grande diferença entre descer e cair. Pois Adão caiu (cf Gn 3,5), e Cristo desceu. Um caiu, outro desceu. Um caiu por soberba, outro desceu por misericórdia. Não foi somente ele que desceu. Na verdade, do céu foi apenas ele que desceu, mas muitos santos, imitando-o, descem até nós, e desceram até nós. Com efeito, o Apóstolo habitava em determinada altura do coração, quando dizia: "Se nos deixamos arrebatar para fora do bom senso, foi por causa de Deus" (2Cor 5,13). Se fora arrebatado, fora arreba-tado por causa de Deus. Fora arrebatado para além de toda fragilidade humana, além do tempo, de tudo que desvanece nascendo e morrendo, de tudo o que é transitó-rio; de coração habitava em certa inefável contemplação, quanto possível; sobre ela declara que ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir (cf 2Cor 12,4). Mas, apesar de não poder ele te repetir o que viu, podia até certo ponto ver o que não te podia explicar. Por con-seguinte, se quisesse permanecer sempre naquilo que via, sem poder exprimi-lo, não te levaria até onde

poderias ver. Que fez ele, então? Desceu. Pois, disse naquela passagem: “Se nos deixamos arrebatar como para fora do bom senso, foi por causa de Deus; se somos sensatos, é por causa de vós” (2Cor 5,13). Que quer dizer: “somos sensatos?” Falamos de tal modo que podeis compreender. Pois, também Cristo assim fez, ao nascer e sofrer, a fim de que os homens pudessem falar a seu respeito, pois é fácil para o homem falar sobre o homem. Quanto a Deus, quando falará o homem sobre ele assim como ele é? Facilmente, porém, fala o homem sobre outro homem. Tendo em vista que os grandes descessem até os pequenos e só lhes falassem daquele que é grande, o Senhor que era grande se fez pequeno, a fim de que os grandes falassem aos pequenos sobre ele. Ouvistes agora isso mesmo que digo ao lermos o Apóstolo. Se estáveis atentos, ele assim se exprimiu: “Não vos pude falar como a homens espi-rituais, mas tão-somente como a homens carnais” (1Cor 3,1). Por conseguinte, fala aos espirituais nas alturas; mas para se dirigir aos carnais, ele desce. Pois, para saberdes que ao descer fala daquele que desceu, eis como fala João, permanecendo em si mesmo: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No prin-cípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,1-3). Apreende, se podes; to-ma-o, é alimento. Mas, hás de responder-me: Na verdade, trata-se de um alimento; eu, porém, sou uma criancinha, devo tomar leite para tornar-me capaz de comer alimento sólido. Então, se deves nutrirte de leite, mas isto é um alimento sólido que ele passe pelo corpo da mãe antes de vir a teus lábios. A mãe come o alimento, que ela passa à criança, transformando-o através de seu corpo, em leite. Assim também, o alimento dos anjos, o Senhor, o Verbo se fez carne (Jo 1,14), se transformou em leite. Ora, diz o Apóstolo: “Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar” (1Cor 3,2). Portanto, oferecendo leite desceu até os pequenos; e tendo descido, deu aquele que havia descido. Porquanto disse: “Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado” (1Cor 2,2). Se dissesse apenas: “Jesus Cristo”, podia ser Jesus Cristo segundo a divindade, segundo o Verbo junto de Deus, Filho de Deus Jesus Cristo; mas a este, isto é, dito desta maneira, os pequenos não entendem. Como, então, entendem os que tomam leite? “Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado”. Suga aquilo em que ele se transformou por tua causa, e crescerás para alcançar aquilo que ele é. Existem, portanto, alguns que descem e outros que sobem. Naquela escada há os que sobem e os que descem (cf Gn 28,12). Quais são os que sobem? Os que avançam até o sentido espiritual. Quais os que descem? Aqueles que, embora de acordo com as possibilidades humanas, gozam da inteligência das coisas espirituais, no entanto, descem até os pequenos, falando-lhes de sorte que possam compreender, e nutridos de leite, tornam-se capazes e idôneos relativamente ao alimento espiritual. Isaías, irmãos, também ele foi do número dos que desceram até nós; evidenciam-se os degraus pelos quais desceu. Assim falou a respeito do Espírito Santo: “Sobre ele repousará o espírito de sabedoria e de discernimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de temor do Senhor” (Is 11,2-3). Começou pela sabedoria e desceu até o temor. Da mesma forma que aquele que ensinava desceu da sabedoria até o temor, tu que aprendes, se progrides, sobe do temor à sabedoria. Pois está escrito: “O temor do Senhor é o princípio

do saber” (Pr 1,7). Agora, pois, escutai o salmo. Eis: tenhamos diante dos olhos um homem que está para subir. Onde está a ascensão? “No coração”. De onde há de subir? Da humildade, isto é, do “vale de lágrimas”. Aonde vai subir? Ao que é inefável, e apesar disso foi dito: “Ao lugar que ele determinou” (Sl 83,7).

3 Ora, ao começar alguém a dispor-se a subir, ou falando mais claramente, ao começar o cristão a pensar em progredir, passa a sofrer das línguas dos adversários. Quem ainda não as suportou, evidentemente ainda não progrediu; quem não as suporta, também não se empenha em avançar. Quer saber o que estamos dizendo? É preferível que experimente algo que possamos ouvir juntos. Comece a aperfeiçoar-se, comece a querer subir, a desprezar as coisas terrenas, frágeis, temporais, a considerar por nada a felicidade deste mundo, a pensar somente em Deus, a não se alegrar com os lucros, nem se abater pelos prejuízos, a vender o que é seu e distribuir entre os pobres e seguir a Cristo, vejamos como há de sofrer das línguas dos detra-tores e de muitas contradições, e o que é pior, dos que o aconselham, afastando-o da salvação. Quem aconselha a outrem, aconselha em vista da salvação, aconselha o que lhe é útil; estes, porém, aparentam aconselhar, mas afastam da salvação. É língua enganosa a daquele que aparenta dar um bom conselho, e oferece o veneno mortal. Estando, portanto, para subir, primeiro suplica a Deus, contra as línguas dos detratores; de fato, diz: “Clamei ao Senhor na minha tribulação e ele me atendeu”. Em que o atendeu? Colocou-o na escada para subir.

4 2 E como foi ouvido, estando já para subir, como reza? “Senhor, livra a minha alma de lábios iníquos e de língua enganadora”. Qual a língua enganadora? A astuta, que aparenta aconselhar e é perniciosa e prejudicial. São aqueles que perguntam: E tu hás de fazer o que ninguém fez? Somente tu és cristão? E se demonstrares que outros assim agiram, e leres o evangelho onde o Senhor o ordenou, e leres os Atos dos Apóstolos, que haverão de responder as línguas enganadoras e os lábios iníquos? Talvez não consigas realizá-lo; é grande demais o que empreendes. Uns assustam e procuram impedir, outros louvam e pressionam ainda mais. Pois, esta vida é tal que já encheu o mundo; tão grande é a autoridade de Cristo que nem um pagão ousa censurá-lo mais. Lê, e não pode criticar a palavra: “Vá, vende os teus bens e dá aos pobres. Depois, vem e segue-me” (Mt 19,21). Ele não pode contradizer a Cristo, não pode contradizer ao evangelho, não pode repreender a Cristo; volta-se a língua enganosa a um louvor que tolhes. Se louvas, exorta. Por que coíbes com o elogio? Seria melhor injuriares do que louvares dolosa-mente. Que dirias como injúria? Não faças isto. É uma vida horrível, uma vida má. Mas, ciente de que a autoridade do evangelho pode atacar tuas palavras, mudas a espécie de dissuasão. Elogiando falsamente, tu me afastas da aprovação verdadeira. Ou antes, louvas a Cristo, enquanto me afastas dele, dizendo: Que é isto? Eles agiram assim, mas talvez não te seja possível. Começas a subir e cais. Parece admoestar. É uma serpente, uma língua enganadora, venenosa. Reza contra ela, se queres subir, e dize a teu Deus: “Senhor, livra a minha alma de lábios iníquos e de língua enganadora”.

5 3.4 Teu Senhor te interroga: “Qual será a tua paga, o teu castigo, ó língua

enganadora?”, isto é, que tens contra a língua enganadora, que podes opor-lhe, como te armas contra esta língua, “qual será a tua paga, o teu castigo?” Interrogou raciocinando, pois ele mesmo responderá à pergunta. Responde a si mesmo prosseguindo: “Aguçadas setas de poderosos, com carvões devoradores, ou devastadores”. Quer digas: “devoradores ou devastadores” (com efeito, nos vários códices as versões são diversas) o sentido é idêntico. Vede: chamam-se carvões devoradores, porque devorando e devastando facilmente levam à desolação. Que carvões são estes? Entenda, V. Caridade, primeiro que significam as setas. “Aguçadas setas de poderosos” são as palavras de Deus. São lançadas e traspassam os corações; mas quando os corações forem traspassados pelas setas da palavra de Deus, excita-se o amor e não se ocasiona a morte. O Senhor sabe lançar setas de amor. E ninguém lança setas de amor de maneira mais bela do que aquele que lança palavras. Ou melhor, traspassa o coração do amante, para que seja estimulado; traspassa para fazê-lo amar. As palavras que proferimos são setas. E os carvões devastadores, que são eles? Não basta lançar palavras contra a língua enganadora e os lábios iníquos, é pouco empregar apenas palavras; são neces-sários os exemplos. Os exemplos são carvões devoradores. V. Caridade receba resumidamente uma explicação acerca da denominação de carvões devoradores. Em primeiro lugar, notai como apresentar exemplos. A língua enganadora, por mais enganadora que fosse, nada mais pôde dizer senão o seguinte: Não podes fazer isto; é demais para ti empreender tal coisa. Tomaste o preceito evangélico, tens a seta, mas ainda não possuis os carvões. É provável que somente as setas nada consigam contra a língua enganadora, mas existem os carvões. Por exemplo, Deus começa a interrogar-te: Tu não podes; por que ele pode? Por que outro pôde? Por acaso és mais delicado do que aquele senador? És mais fraco do que este ou aquele, quanto à saúde? És mais débil que as mulheres? As mulheres puderam, os homens não podem? Ricos frágeis puderam, pobres não podem? Mas, responde ele, eu pequei demais, sou grande pecador. Enumeram-se também aqueles que pecaram muito, e amaram tanto mais quanto mais lhes foi perdoado, conforme disse o evangelho: “Mas aquele a quem pouco foi perdoado mostra pouco amor” (Lc 7,47). Tendo sido enumerado tudo isso, e foram nomeados aqueles que puderam assim agir, o opositor recebe uma seta no coração, e ainda por cima carvões devastadores, e assim elimina-se nele a cogitação terrena. Que significa: elimina-se? É reduzido à desolação. Existiam nele árvores más frondosas, muitos pensamentos carnais, muitos amores mundanos; são queimados pelos carvões devoradores, para que se purifique o lugar desolado, e nesse terreno limpo Deus levante seu edifício. Ali o diabo arruinara tudo, ali se edifica Cristo; pois enquanto o diabo ali permanece, Cristo não pode ser ali edificado. Atingem-no os carvões desoladores, e derrubam o que fora mal edificado, e no local limpo levanta-se a estrutura da felicidade perpétua. Observai, então, por que são denominados carvões. Efetivamente, os que se convertem ao Senhor, de mortos que estavam ressuscitam. Quanto aos carvões que se acendem, antes de serem acesos, estavam apagados. Carvões apagados são mortos; ao arderem, chamam-se vivos. Como exemplo, muitos malvados, convertidos para o Senhor, são chamados carvões. Escutas as exclamações dos homens: Eu o conheci. Era um ébrio, um criminoso, um

freqüentador do circo ou do anfiteatro, um fraudulento. Agora, como serve a Deus, como se tornou inócuo! Não te espantes; é um carvão. Alegras-te por verificares que está vivo aquele que choravas como morto. Mas quando o louvas enquanto vive, se sabes louvar, aproxima o carvão morto para que ele se acenda; isto é, a qualquer que ainda está lento para seguir a Deus, aplica-lhe o carvão que estava apagado, e tenha a seta da palavra de Deus, e o carvão devorador, para que vás ao encontro dos lábios iníquos e da língua enganadora.

6 5 Como continuar? O salmista já recebeu setas ardentes, receba ainda carvões devoradores. Já repeliu a língua enganadora e os lábios iníquos, já subiu os degraus, começa a progredir, mas ainda vive entre maus, entre iníquos; a eira ainda não foi ventilada. Imagina que ele se fez trigo; acaso já está no celeiro? Ainda é necessário que fique angustiado no meio de muita palha. Quanto mais avança, tanto mais observa escândalos no povo. Ora, se não avança, não vê os pecados; se não é cristão genuíno não nota os falsos. Com efeito, irmãos, o Senhor nô-lo ensina com aquela parábola do trigo e do joio. “Quando o trigo cresceu e começou a granar, apareceu também o joio”, isto é, os maus não se revelam a quem não se tornar bom, porque “quando o trigo cresceu e começou a granar, apareceu também o joio”. Por conseguinte, o salmista já começou a progredir, começou a ver os maus e muita maldade que antes não conhecia, e clama pelo Senhor: “Ai de mim! porque minha peregrinação muito se prolongou!” Muito me afastei de ti. Minha peregrinação se estendeu por regiões longínquas. Ainda não alcancei a pátria, onde não conviverei com malvado algum; ainda não cheguei à companhia dos anjos, onde não temerei escândalos. Por que motivo, porém, ainda não estou ali? “Porque minha peregrinação muito se prolongou”. Ser estrangeiro é peregrinar. Chama-se estrangeiro quem habita em terra estranha, não em sua cidade. “Minha peregrinação muito se prolongou”. Por que região longínqua? Às vezes, meus irmãos, quando alguém é peregrino, vive no meio de homens melhores dos que os que se encontram em sua pátria; mas o mesmo não acontece, quando peregrinamos longe daquela Jerusalém celeste. Pois, o homem emigra e por vezes sente-se bem na peregrinação. Encontra amigos fiéis no estrangeiro, quando na pátria não conseguia encontrá-los. Tinha inimigos que o expulsaram da pátria; e ao peregrinar, encontrou o que não tinha na pátria. Tal não sucede naquela pátria que é Jerusalém, onde todos são bons. Todo aquele que de lá se afasta, acha-se no meio de maus; e não pode apartar-se dos maus a não ser voltando à companhia dos anjos, para permanecer ali de onde se afastara. Lá todos são justos e santos. Gozam do Verbo de Deus, sem leitura, sem letras; o que encontramos escrito em páginas, vemos ali na face de Deus. Que pátria! Pátria grandiosa, e infelizes são os peregrinos longe daquela pátria.

7 Mas as palavras do salmista: “Minha peregrinação muito se prolongou” são especialmente da própria Igreja que labuta nesta terra. Trata-se da voz daquele que clama dos confins da terra, e que diz em outro salmo: “Dos confins da terra clamei a ti” (Sl 60,3). Qual de nós clama dos confins da terra? Nem eu, nem tu, nem ele. Mas, dos confins da terra clama toda a Igreja, toda a herança de Cristo. De fato, a Igreja é sua

herança, e dela foi dito: “Pede-me e dar-te-ei as nações por herança, e como propriedade os confins da terra” (Sl 2,8). Se, portanto, a propriedade de Cristo vai até os confins da terra, e a posse de Cristo são todos os santos, e todos os santos constituem um só homem em Cristo, porque a unidade santa se acha em Cristo, este homem único diz: “Dos confins da terra clamei a ti, quando meu coração se angustiava” (Sl 60,3). A longínqua peregrinação deste homem, portanto, se realizou no meio de gente má. E como se alguém lhe dissesse: Com quem moras, de fato, para gemeres? “Minha peregrinação muito se prolongou”. Mas, que importa, se ele estava entre bons? Se estivesse entre homens bons não diria: “Ai de mim!” Ai é uma interjeição de infelicidade, é uma palavra que indica calamidade e infelicidade; contudo, com esperança, porque já aprendeu a gemer. Pois, muitos são infelizes e não gemem; peregrinam e não querem voltar. O salmista quer voltar, reconhece a infelicidade de sua peregrinação. Uma vez que a reconhece, volta; e começa a subir, porque começou a cantar o cântico gradual. Então, onde é que geme? Habita no meio de que povo? “Habitei nas tendas de Cedar”. Certamente não entendestes esta palavra, porque é hebraica. Que significa: “Habitei nas tendas de Cedar?” Cedar, quanto me lembro dos sentidos das palavras hebraicas, significa trevas. Cedar vertido para o latim seria trevas. Sabeis que Abraão teve dois filhos, mencionados pelo Apóstolo, que diz serem imagem dos dois testamentos: um era da escrava, outro da livre. Filho da escrava era Ismael; de Sara, a livre, era Isaac que ela recebeu, devido a fé, quando já não havia esperança. Ambos da descendência de Abraão, mas não ambos herdeiros de Abraão (cf Gl 4,22; Gn 16,15; 21,2). Um, nascido de Abraão, contudo não herda; outro herda, e não era apenas filho, mas também herdeiro. Ismael figura todos os que cultuam carnalmente a Deus. A estes pertence também o Antigo Testamento, pois assim se exprime o Apóstolo: “Vós que quereis estar debaixo da lei, não ouvis a lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da serva e outro da livre. Isto dito em alegoria. Elas, com efeito, são as duas alianças” (Gl 4,21.22.24). Quais são as duas alianças? Uma é o Antigo Testamento, outra o Novo. O Antigo Testamento proveio de Deus, e o Novo Testamento veio de Deus, como de Abraão nasceram Ismael e Isaac. Mas Ismael para o reino terreno, Isaac para o celeste. Por este motivo, o Antigo Testamento possui promessas terrenas, uma Jerusalém terrena, uma Palestina terrena, um reino terreno, uma salvação terrena, a sujeição dos inimigos, a abundância de filhos, a fecundidade da terra. Todas essas são promessas terrenas. Entendem-se em figura espiritualmente como a Jerusalém terrena era sombra do reino celeste, e o reino terreno sombra do reino dos céus. Ismael em sombra, Issac na luz. Se, portanto, Ismael estava em sombra, não é espantoso que ali houvesse trevas. As trevas são sombras mais espessas. Por conseguinte, Ismael nas trevas, Issac na luz. Todos aqueles que na Igreja terrena pedem a Deus uma felicidade terrestre, ainda pertencem a Ismael. São eles que contradizem aos homens espirituais que avançam; são detratores, têm lábios iníquos e línguas enganadoras. Contra estes rogou o salmista ao subir, e foram-lhe dados carvões devoradores e setas aguçadas de poderosos. Vive ainda no meio deles, até que seja ventilada toda a eira. Por isso declara: “Habitei nas tendas de Cedar”. Pois as tendas de Ismael são denominadas de Cedar. Assim narra o livro do Gênesis (Gn

25,13), afirma que Cedar pertence a Ismael. Portanto, Isaac na companhia de Ismael, isto é, os que pertencem a Isaac, vivem entre os que pertencem a Ismael. Os primeiros querem subir, os segundos os empurram para baixo; os primeiros querem voar para Deus, os segundos procuram arrancar-lhes as asas. Pois, assim diz o Apóstolo: “Mas como o nascido segundo a carne perseguia o nascido segundo o espírito, assim também agora” (Gl 4,29). Os espirituais, portanto, padecem perseguição da parte dos carnais. Mas que diz a Escritura? “Expulsa esta serva e seu filho, para que o filho desta serva não seja herdeiro com meu filho Isaac” (Gn 21,10). Quando se realizará a palavra: “Expulsa”? Quando se começar a ventilar a eira. Agora, porém, antes que seja expulso: “Ai de mim! porque minha peregrinação muito se prolongou. Habitei nas tendas de Cedar”. E expõe-nos quais são os que pertencem às tendas de Cedar.

8 6 “Por muito tempo a minha alma andou peregrina”. Disse que a alma andava peregrina a fim de não pensares numa peregrinação corporal. O corpo viaja por vários lugares, a alma peregrina pelos afetos. Se amas a terra, peregrinas longe de Deus; se amares a Deus, sobes para junto dele. Exercitemo-nos no amor a Deus e ao próximo, para voltarmos à caridade. Se cairmos na terra, murchamos e apodrecemos. Aquele que havia caído, desceu até ele, a fim de subir. Entendendo qual era o tempo de sua peregrinação, afirmou que estava como peregrino nas tendas de Cedar. Por quê? “Porque minha peregrinação muito se prolongou”. Subiu do lugar onde era peregrino. Não peregrina corporalmente, nem foi corporalmente que subiu. Mas de onde subiu? “Em seu coração preparou ascensões” (Sl 83,6). Se subiu pelo coração, somente a alma peregrina sobe por ascensões do coração. Mas até que chegue, “por muito tempo a minha alma andou peregrina”. Onde? “Nas tendas de Cedar”.

9 7 “Com os que odeiam a paz fui pacífico”. Para ouvirdes a verdade, irmãos caríssimos, não podereis provar a realidade do que cantais, se não começardes a praticar o que cantais. Por mais que eu o diga, por mais que exponha, sejam quais forem as palavras que empregue, nada disso entra no coração daquele que não o observa. Começai a agir, e vereis o que falamos. Então, à cada pala-vra correm as lagrimas, então o salmo é cantado, e o coração faz o que o salmo canta. Pois, quantos não fazem ressoar sua voz e ficam mudos no coração? E de quantos calam os lábios, e clamam os afetos? Porque os ouvidos de Deus estão atentos ao coração do homem. Como os ouvidos do corpo atendem à boca do homem, assim os ouvidos de Deus, ao coração humano. Muitos de boca fechada são atendidos e muitos com grandes clamores não são ouvidos. Devemos rezar com os afetos, e dizer: “Por muito tempo a minha alma andou peregrina. Com os que odeiam a paz fui pacífico”. Como nos dirigimos a estes hereges, senão com as palavras: Reconhecei a paz, amai a paz? Afirmais que sois justos. Mas se fôsseis justos, gemeríeis no meio das palhas, sendo grãos. Mas os grãos estão na Igreja católica, e são grãos verdadeiros; por isso toleram a palha, até que a eira seja ventilada. No meio da palha os grãos clamam: “Ai de mim! porque a minha peregrinação muito se prolongou. Habitei nas tendas de Cedar”. Habitei com as palhas. Mas como da palha se levanta muita fumaça, assim também das trevas de Cedar. “Habitei nas tendas de Cedar.

Por muito tempo a minha alma andou peregrina". É a voz do trigo que geme no meio das palhas. Assim falamos aos que odeiam a paz e dizemos: "Com os que odeiam a paz fui pacífico". Quais são os que odeiam a paz? Os que rompem a unidade. Se não odiassem a paz, permaneceriam na unidade. Mas, uma vez que se separaram, para serem justos, para não se misturarem com os injustos, esta voz é nossa ou deles: escolhe de quem é. A Igreja católica declara: Não se deve abandonar a unidade, não é lícito dividir a Igreja de Deus. Posteriormente Deus julgará maus e bons. Se agora os maus não podem ser separados dos bons, devem ser suportados por algum tempo. Os maus podem estar conosco na eira; no celeiro, não. E talvez os que hoje parecem maus, amanhã serão bons; e os que hoje se orgulham de sua bondade, amanhã se revelarão maus. Todo aquele, portanto, que humildemente suporta por algum tempo os maus, chegará ao repouso eterno. Esta é a voz da Igreja católica. Qual a voz daqueles que não entendem nem o que falam, nem o que afirmam? (cf Tg 1,7). "Não toqueis nada do que seja impuro" (Is 52,4), e "Todo aquele que tocar alguma coisa impura, ficará impuro" (Lv 22,4.6). Separemo-nos, não nos misturemos com os maus. E nós lhes respondemos: Amai a paz, amai a unidade. Não sabeis de quantos bons vos afastais, quando os caluniais como sendo maus? Ficam furiosos, fora de si, quando assim falamos; procuram até matar-nos. Muitas vezes manifestam-se seus ataques, suas insídias. Enquanto vivemos no meio de suas ciladas e lhes dizemos: Amai a paz, eles se tornam nossos adversários. Essa palavra então não é nossa: "Com os que odeiam a paz fui pacífico? Quando lhes falava, sem motivo me impugnavam". Que significa, irmãos: "me impugnavam?" E não basta; acrescentou: "sem motivo". Acaso pedimos àqueles aos quais dizemos: Amai a paz, amai a Cristo: Amai-nos e honrai-nos? Mas dizemos: Honrai a Cristo. Não queremos que nos prestem honras e sim a Cristo. Pois, que somos nós ao lado do apóstolo Paulo? Ele, no entanto, falava àqueles pequenos, que os maus queriam, persuadindo-os mal, separar da unidade, levando-os a aderir ao cisma. Que lhes dizia? "Paulo terá sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo"? (1Cor 1,13). É isso mesmo que dizemos também nós: Amai a paz, amai a Cristo. Pois, se amam a paz, amam a Cristo. Ao exortarmos: Amai a paz, dizemos: Amai a Cristo. Por quê? Porque o Apóstolo afirma acerca de Cristo: "Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só" (Ef 2,14). Se, portanto, Cristo é a paz, porque "de ambos os povos fez um só", por que vós de um só fizestes dois? Como sois pacíficos se quando Cristo faz um só de dois, vós fazeis de um só, dois povos? Mas ao falarmos assim, somos pacíficos com aqueles que odeiam a paz; no entanto, os que odeiam a paz, ao lhes falarmos, impugnavam-nos sem motivo.

SALMO 120

SERMÃO

(a festa de Santa Crispina, mártir)

1 1 O presente salmo é o segundo dos que têm o título: “Cântico gradual”. Muitos são os que assinalam, conforme já ouvistes no primeiro deles, nossa ascensão, feita do coração a Deus, partindo do vale das lágrimas, isto é, da humilhação das tribulações. A ascensão só nos é proveitosa se primeiro, humildes, nos lembramos de que devemos subir do vale de lágrimas (pois vale é uma depressão do terreno; como as elevações formam montanhas e colinas, assim vale é um lugar baixo); não aconteça que procurando exaltar-nos apressada e desordenadamente, não subamos, mas resvalemos. O próprio Senhor, porém, ensinou que devemos subir do vale de lágrimas quando se dignou por nossa causa humilhar-se e sofrer até a morte de cruz. Não descuremos este exemplo; os mártires compreenderam o sentido deste vale de lágrimas. Como compreenderam? Como? Também eles subiram do vale de lágrimas a fim de serem coroados.

2 Veio a propósito hoje este salmo: “Cântico gradual”. Deles, dos mártires, foi dito: “Ao partirem, iam chorando, lançando suas sementes” (Sl 125,6). Trata-se do vale de lágrimas, onde os que choram lançam as sementes. Quais são as sementes? As boas obras nesta tribulação terrena. O bom operário no vale de lágrimas é semelhante ao semeador no inverno. Acaso o frio o faz desistir do trabalho? Igualmente não devemos desistir da boa obra devido às pressões mundanas, pois vês como continua o salmo: “Ao partirem, iam chorando, lançando suas sementes”. Suavemente infelizes, se choravam sempre; sumamente infelizes, se jamais se libertariam das lágrimas. Mas observa como prossegue: “Ao voltarem, vêm exultantes, trazendo os seus feixes” (Sl 125,6).

3 Nestes cânticos, irmãos, nada mais aprendemos do que subir; mas subir pelo coração, por um bom afeto, na fé, esperança e caridade, com anseio pela perpetuidade e a vida eterna. Assim é que se sobe. Convém que falemos da maneira de subir. V. Caridade ouviu coisas terríveis na leitura do evangelho! Vedes, certamente, que o Senhor “virá numa hora que não pensais”, como um ladrão de noite. “Se o dono da casa soubesse em que vigília viria o ladrão”, em verdade vos digo, “não permitiria que a sua casa fosse arrombada” (Mt 24,43). Replicais agora: Quem, portanto, sabe a hora em que virá, se será como um ladrão? Não sabes a hora em que virá; vigia sempre. Como desconheces quando há de vir, que te encontre preparado por ocasião de sua vinda. Talvez por isso mesmo não sabes quando há de vir: para estares sempre pronto. O pai de família será surpreendido naquela hora. O pai de família representa o soberbo. Não queiras ser um pai de família e aquela hora não te surpreenderá repentinamente. Que devo ser, então, perguntas? Tal como escutaste do salmo: “Quanto a mim, sou pobre e estou dolorido” (Sl 68,30). Se és pobre, dolorido, não serás pai de família, a quem aquela hora surpreenderá de repente, e de repente assustará. Pais de família, de fato, são os que

presumem de suas ambições, e se incham, enfraquecidos com os prazeres mundanos; e eles se levantam contra os humildes, e injuriam os santos que compreenderam o que é o caminho estreito que conduz à vida (cf Mt 7,14). Para esses tais aquela hora virá repentinamente, porque tais também eram os homens na época de Noé. Escutastes a menção feita no evangelho desses dias: “Como nos dias de Noé, será a vinda do Filho do homem. Estavam eles comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca. Veio o dilúvio e os levou a todos” (cf Mt 24,37-39; Lc 17,26-27). E então? Perecerão todos os que assim agem, que se casam, que se dão em casamento, que replantam, que edificam? Não. São, ao invés, os que presumem destas coisas, que as preferem a Deus, que por causa delas estão prontos a ofender a Deus. De outro lado, os que não usam dessas coisas, ou usam como se não usassem, presumindo mais do doador do que dos dons, e percebendo neles consolo e misericórdia, não se preocupam com os dons para não perderem o doador; os que são assim, não os surpreende desprevenidos aquela hora, que chega como um ladrão. A estes disse o Apóstolo: “Vós, porém, não andais em trevas, de modo que esse dia vos surpreenda como um ladrão, pois que todos vós sois filhos da luz, filhos do dia”. O Senhor, ao dizer que devíamos temer essa hora como a um ladrão, falou que seria de noite; e o Apóstolo assim se exprime: “O dia do Senhor virá como um ladrão noturno”. Não queres que te surpreenda? Não permaneças na noite. Que quer dizer: Não permaneças na noite? “Sois filhos da luz, filhos do dia. Não somos da noite, nem das trevas” (1Ts 5,4.5.2). Quais são os filhos da noite e das trevas? Os iníquos, os ímpios, os infiéis.

4 Mas também eles ouçam antes que venha a hora e diga-lhes o Apóstolo: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5,8). Conforme se encontra neste salmo, vigiem. Os montes já estão iluminados; por que ainda dormem? “Ergam os olhos para os montes, para ver de onde lhes virá o auxílio”. Que quer dizer: Os montes já estão iluminados? Já nasceu o sol de justiça, os apóstolos já pregaram o evangelho, as Escrituras já foram anunciadas, revelaram-se todos os mistérios, o véu se rasgou (cf Mt 27,51), manifestou-se o segredo do templo; finalmente já levantem os olhos para os montes, para verem de onde lhes virá o auxílio. É isto que ordena este salmo, o segundo dos que têm a inscrição: “Cântico gradual”. Mas, nem por isso presumam dos montes; porque os montes não brilham por si mesmos, mas são iluminados por aquele do qual foi dito: “Era a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem ao mundo” (Jo. 1,9). É possível entender-se por montes os homens importantes, os homens ilustres. E quem maior do que João Batista? Que monte não era ele, se disse o próprio Senhor a seu respeito: “Entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista” (Mt 11,11). Certamente vês como brilha este grande monte; escuta como confessa. O que confessa ele? “De sua plenitude todos nós recebemos” (Jo. 1,16). Teu auxílio vem daquele de cuja plenitude receberam os montes, e não destes montes; contudo, a não ser que ergas os olhos para eles, através das Escrituras, não te aproximarás para seres iluminado.

5 3 Canta, portanto, o que segue: se queres ouvir, para colocares firmemente os pés nos

degraus, e não te cansares durante a ascensão ou sofreres uma queda, diz o seguinte: “Não permitas que resvalem os meus pés”. Onde resvalam os pés? Onde resvalaram os pés daquele que estava no paraíso. Mas primeiro observa como resvalou o pé daquele que estava entre os anjos e tendo resvalado caiu, e de anjo se transformou em diabo, pois resvalou o pé e ele caiu. Procura saber por que caiu: caiu por soberba. Por conseguinte, o pé não resvala senão por soberba; só a soberba faz o pé resvalar para a ruína. A caridade move os pés para andarem e avançarem e subirem; para caírem, movem-nos a soberba. Por isso, que diz o salmista em outro salmo? “Os filhos dos homens se abrigam à sombra de tuas asas”. Se estão sob a sombra das asas, são sempre humildes, sempre estão esperando em Deus, sempre não presumindo de si mesmos. “Abrigam-se à sombra de tuas asas”. Não se saciam de si mesmos, para serem felizes. Pois, como continua o salmo? “Inebriar-se-ão na abundância de tua casa, na torrente de tuas delícias lhes dás de beber” (Sl 35,8-9). Eis os sedentos, eis os inebriados; eis que têm sede, eis que bebem; mas não bebem do que é seu, não são fontes para si mesmos. Mas de onde bebem? “Eles se abrigam à sombra de tuas asas”. Se estão sob as asas, são humildes. Por quê? “Pois em ti está a fonte da vida”. Os montes não se irrigam a si mesmos, como não são por si mesmos que estão iluminados. Nota a continuação: “Na tua luz contemplamos a luz”. Se, portanto, na sua luz veremos a luz, quem é que cai e perde a luz a não ser aquele para quem o Senhor não é a luz? E quem quiser ser luz para si mesmo, perde a luz que o ilumina. Por isso, sabendo que cai apenas aquele que quer luzir para si mesmo, enquanto é apenas treva, logo acrescenta o salmo: “Não me pisoteie a soberba, nem as mãos dos pecadores me sacudam”, isto é, não me abale o exemplo dos pecadores de sorte que me afaste de ti. Por que temeste e disseste: “Não me pisoteie a soberba”? continua: “Tombaram os operários de iniqüidade desta forma” (Sl 31,8.10.12.13). Os que agora podes observar praticando a iniqüidade, já estão condenados; mas para serem condenados, caíram ali, quando a soberba os pisoteou. Foi com razão que o salmista ouvindo isto, para subir e não cair, para avançar partindo do vale de lágrimas, para não desfalecer com o tumor da soberba, diz ao Senhor: “Não permitas que resvalem os meus pés”. E Deus lhe responde: “Nem há de dormitar o que te guarda”. Preste atenção, V. Caridade. Parece uma sentença só, formada de duas vozes. Alguém disse, a subir e cantar o Cântico gradual: “Não permitas que resvalem os meus pés”, e Deus como que responde: Tu me dizes: “Não permitas que resvalem os meus pés”, prossegue: “Nem há de dormitar o que te guarda”, e teu pé não resvalará.

6 4 Replicará o salmista, contudo: Por acaso está em meu poder que não dormite aquele que me guarda? Quero que não durma, nem dormite. Por conseguinte, escolhe para ti aquele que não dormitará, nem há de dormir, e teu pé não resvalará. Deus nunca está dormindo; se queres ter um guarda que não dorme, escolhe a Deus para teu guardião. “Não permitas que resvalem os meus pés”, dizes tu. Bem, ótimo. Mas também ele te diz: “Nem dá de dormitar que te guarda”. Tu talvez te voltarias para alguns homens que te guardassem e dirias: Qual é que hei de encontrar que não durme? qual o homem que não dormitará? A quem hei de encontrar? Aonde irei? Para onde me voltarei? O salmista te mostra: “Não dormita, nem há de dormir o que guarda Israel”. Queres ter um guarda que

não dorme nem dormita? “Não dormita, nem há de dormir o que guarda Israel”. Pois Cristo guarda Israel. Sê, portanto, Israel. Que é Israel? Israel significa aquele que vê a Deus. E como se vê a Deus? Em primeiro lugar pela fé, depois pela visão. Se não podes ainda ter a visão, vê pela fé. Se não podes ver a sua face, porque seria a visão, olha-o pelas costas. O Senhor o disse a Moisés: “Não poderás ver a minha face. Quando passar, me verás pelas costas” (Ex 33,20.23). Esperas talvez que ele passe; já passou. Olha as suas costas. Como passou? Escuta o que diz João: “Sabendo que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai” (Jo 13,1). Nosso Senhor Jesus Cristo já fez a Páscoa. Páscoa, de fato, significa passagem. Pois é palavra hebraica; alguns pensam que é termo grego, como se fosse paixão, mas não é. Os mais estudiosos e entendidos descobriram que Páscoa é palavra hebraica; e não se traduz por paixão e sim por passagem. Pela paixão, no entanto, o Senhor passou da morte à vida; e abriu-nos um caminho para acreditarmos em sua ressurreição e passarmos também nós da morte à vida. Não é grande coisa acreditar que Cristo morreu; também os pagãos, os judeus e todos os malvados acreditam. Todos acreditam que ele morreu. A fé dos cristãos consiste em crer na ressurreição de Cristo. Consideramos importante crer que ele ressuscitou. Conseqüentemente, ele quis aparecer quando passou, isto é, quando ressuscitou. Quis que acreditássemos nele quando passou; porque ele foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitou para a nossa justificação (cf Rm. 4,25). Foi essa fé na ressurreição de Cristo que principalmente recomendou o Apóstolo. Pois disse: “Se creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10,9). Não disse: Se acreditares que Cristo morreu, o que também os pagãos, os judeus e todos os seus inimigos acreditaram, e sim: “Se creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”. Crer nisto é ser Israel, isto é, ver a Deus; apesar de ser ainda pelas costas, no entanto, ao acreditares nas costas, chegarás à visão da face. Que significa isto? Se acreditares naquilo que posteriormente Cristo se fez por ti, se acreditares no que Cristo assumiu posteriormente. Pois, no princípio que é a sua face? “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”. E o que veio depois? E o Verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,1.14). Ao acreditares, portanto, naquilo que o Verbo se fez por tua causa, e que resssuscitou corporalmente, a fim de não perderes a esperança acerca de tua carne, tornar-te-ás Israel. Ao te tornares Israel, não dormitará, nem dormirá aquele que te guarda. Uma vez que já és Israel e ouviste o salmo dizer: “Não dormita, nem há de dormir o que guarda Israel”. Pois, o próprio Cristo dormiu, mas ressuscitou. Como se exprime ele no salmo? “Eu adormeci, caí em sono profundo”. Porventura continuou dormindo? “Despertei, porque o Senhor me acolherá” (Sl 3,6). Se, portanto, já ressuscitou, já passou; se já passou, vê as suas costas. Que significa: Vê as suas costas? Crê em sua ressurreição. E como o Apóstolo disse: “Por certo, foi crucificado em fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus” (2Cor 13,4); e ainda: Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele” (Rm 6,9), com justeza canta o salmo: “Não dormita, nem há de dormir o que guarda Israel”. Talvez ainda perguntes, de modo carnal: Quem é que “não há de dormitar, nem há de dormir?” E se procuras entre os homens, tu te enganas; e jamais

encontrarás. Não presumas, portanto, de homem algum; todo homem dorme e dormitará. Quando dormita? Enquanto carrega a carne fraca. Quando dormirá? ao morrer. Não presumas de homem algum. Um mortal pode dormitar; dorme ao morrer. Não procures isto entre os homens.

7 5 E quem é que não dormita, nem há de dormir e me guardará? perguntas. Escuta como prossegue o salmo: "O Senhor te guardará". Não é um homem que dormita e dorme, mas o Senhor que te guarda. Como te guarda? "O Senhor é tua proteção, sobre a mão de tua direita". Vamos, irmão. Procuremos entender, com o auxílio do Senhor, o que quer dizer: "O Senhor é tua proteção, sobre a mão de tua direita". Parece-me ter um sentido oculto o fato de não ter dito: "O Senhor te guardará", de maneira absoluta e simples, mas acrescentou: "sobre a mão de tua direita". E então? Deus guarda a nossa direita e não guarda a esquerda? Não foi ele quem nos fez inteiramente? Quem nos deu a direita, não nos deu igualmente a esquerda? Finalmente, se aprouve ao salmista falar apenas da direita, porque disse: "sobre a mão de tua direita" e não: sobre a tua direita? Por que se exprimiu assim, a não ser que tenha ocultado aqui algum segredo, que atingiremos batendo à porta? Deveria ter dito: "O Senhor te guardará" e nada mais; ou, se quisesse acresentar a direita: O Senhor te guardará, a tua direita; ou sem dúvida, para acrescentar "mão", diria: O Senhor te guardará, a tua mão direita e não: "sobre a mão de tua direita". Manifestar-vos-ei o que o próprio Senhor se dignar sugerir. Ele que habita também em vós, sem dúvida vos fará experimentar que é verdade o que digo. Pois, ignorais o que vamos dizer; mas depois de o termos proferido, não somos nós mesmos que vos mostraremos ser verdade o que dizemos, mas vós próprios reconhecereis ser verdade o que dizemos. Como, porém, reconhecereis, a não ser que vô-lo demonstre que em vós habita, enquanto sois do número daqueles que pedem: "Não permitas que resvalem os meus pés", e aos quais se diz: "Não há de dormitar o que te guarda?" Importa que Cristo não durma em vós, e agora haveis de entender que é verdade o que dizemos. Como, perguntas? Porque se vossa fé está adormecida, Cristo dorme em vós. A fé em Cristo é Cristo em vosso coração. Disse o Apóstolo: "Cristo habite pela fé em vossos corações" (Ef 3,17). Onde a fé não dorme, Cristo está vigilante. Se, por acaso, tua fé estava dormindo, e por isto, nesta questão estavas flutuando, como aquela nave que estava sujeita à tempestade, enquanto Cristo nela dormia (cf Mt 8,24). Acorda a Cristo e as tempestades se acalmam.

8 Interrogo, então, a vossa fé, caríssimos. Sois filhos da Igreja, e progredistes na Igreja, e os que ainda não avançaram hão de progredir na Igreja; e ainda vos aperfeiçoareis os que já progredistes. Interrogo-vos como costumais entender a palavra do evangelho: "Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita" (Mt 6,3). Havendo entendido esta passagem, descobrireis o que é a direita e o que é a esquerda. Entendereis simultaneamente que Deus fez ambas as partes, a direita e a esquerda; e no entanto não deve saber a esquerda o que faz a direita. Chama-se nossa esquerda tudo o que temos de temporário e direita, tudo o que o Senhor nos promete de eterno e imutável. Se, porém, aquele que dará a vida eterna, também consola a vida presente com estes bens

temporais, foi ele mesmo quem fez a direita e a esquerda. De alguns diz o salmo de Davi: “Cuja boca falou o que é vão; sua direita é direita iníqua” (Sl 143,8). Ele descobriu, portanto, a alguns que ele censura, porque tomaram a verdadeira destra por esquerda, e fizeram a verdadeira esquerda tornar-se sua direita. Logo expõe quem são eles. Todo homem que considera não haver felicidade humana, a não ser somente nessas riquezas e prazeres temporais, e afluência e abundância neste mundo, é um estulto e perverso, que toma a esquerda por direita. Tais eram aqueles que o salmo menciona. Não significa isto que não haviam recebido de Deus mesmo o que possuíam no tempo, mas que consideravam que somente esta era a vida feliz e nada mais buscavam. Escutai o que a respeito deles afirma o salmo em seguida: “Cuja boca falou o que é vão; sua direita é direita iníqua”. E logo: “Seus filhos são sarmentos novos; suas filhas estão cobertas de ornatos à semelhança de um templo. Seus celeiros estão atulhados, transbordantes de toda espécie de frutos. Suas ovelhas são fecundas e multiplicam-se em seus partos. Seus bois são cevados. Não há brechas na sebes, nem ruína e clamor em suas praças” (Sl 143,8.11-14). O salmo descreve a grande felicidade de alguns homens. É possível que goze de tal felicidade no entanto, também um justo, como aconteceu a Jó; mas Jó a considerava como esquerda e não direita; pois tinha na conta de direita somente a perpétua e eterna felicidade junto de Deus. Por isso Deus permitiu que a esquerda fosse atingida por males; bastou-lhe a direita. Como foi ferida a esquerda? Pelas provas do diabo. O diabo de repente a tirou. Na verdade, Deus o permitiu a fim de provar o justo e punir o ímpio. O diabo tirou-lhe tudo; mas Jó que sabia que a esquerda era esquerda, e a direita, direita, como se manteve à direita? Alegrou-se no Senhor, consolou-se dos prejuízos, porque não sofreu dano nas riquezas interiores; ele tinha o coração cheio de Deus. E disse: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou, bendito seja o nome do Senhor. Conforme agradou ao Senhor assim se fez” (Jó 1,21). Sua direita era o próprio Senhor, a própria vida eterna, aquela posse da luz, a fonte da vida, a luz na luz. “Inebriar-se-ão na abundância de tua casa” (Sl 35,9): esta a direita. A esquerda, porém, servia de auxílio e consolo e não de base de felicidade. Pois sua felicidade verdadeira e genuína era Deus. Aqueles, ao contrário, dos quais diz Davi que sua “boca falou o que é vão; sua direita é direita iníqua”, ele não os censura por terem tal abundância, e sim porque sua “boca falou o que é vão”. Como continua? Havendo enumerado suas riquezas, disse: “Eles denominam feliz quem goza desses bens”. Foi esta coisa vã que seus lábios falaram: “Feliz quem goza desses bens”. Que dizes tu, que sabes o que é a esquerda e o que é a direita? Imediatamente acrescenta: “Feliz é o povo que tem o Senhor por seu Deus” (Sl 143,8.15).

9 V. Caridade, dê-me atenção. Notamos a esquerda, notamos a direita. Escuta como o confirma o Cântico dos cânticos: “Sua mão esquerda está sob minha cabeça”. A esposa diz do esposo, a Igreja, de Cristo, no amplexo da piedade e da caridade. Como fala? “Sua mão esquerda está sob minha cabeça, e com a direita me abraça” (Ct 2,6). Que significa, porém, que a direita estava em cima, e em baixo a esquerda, e assim o esposo abraçava a esposa, colocando em baixo a esquerda para consolo, e impondo a direita para proteção? “Sua mão esquerda está sob minha cabeça”. Deus a dá. Sua esquerda

porque é Deus quem dá todos esses bens temporais. Como são vãos, como são ímpios os que pedem essas coisas aos ídolos, aos demônios! Quantos são os que pedem tudo isso aos demônios e não conseguem? De outro lado, os que não o pedem aos demônios o possuem; mas não são os demônios que o dão. Ainda muitos pedem a Deus, e não têm. Ele, que chama à direita, sabe como dar a esquerda. Portanto, se é esquerda, seja esquerda, mas sob a cabeça; por cima esteja tua cabeça, isto é, por cima a tua fé, em que Cristo habita. Não anteponhas os bens temporais à tua fé, e a esquerda não estará sobre a tua cabeça; mas submete todos os bens temporais a tua fé, e antepõe a tua fé a todos os bens temporais; e a esquerda estará sob tua cabeça, e com razão sua direita te abraçará.

10 Escuta como nos Provérbios se expõe o mesmo, o que é a esquerda e o que é a direita, quando se fala acerca da sabedoria: "Em sua direita: longos anos; em sua esquerda: riqueza e honra" (Pr 3,16). Longos anos representa a eternidade. Com propriedade a Escritura chama de longo o que é eterno; pois tudo o que tem fim é breve. E em outra passagem: "De longos dias hei de cumulá-lo" (Sl 90,16). De outra forma, que importância teria o que foi dito: "Honra a teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra"? (Ex 20,12). De fato, em que terra, a não ser a mencionada aqui: "Tu és a minha esperança, a minha porção na terra dos vivos" (Sl 141,6). Ali ser longevo que é, senão viver eternamente? Pois, aqui na terra longevidade é atingir a velhice. Embora pareça longa a vida, ao chegar a velhice, parece breve porque acaba. E muitos que maldizem os pais, envelhecem nesta terra; muitos, porém, que os respeitam, logo partem para junto do Senhor. Por acaso, então, realiza-se esta palavra: que seja longevo segundo a vida presente? Mas a longevidade ali aparece em vez de eternidade. A longevidade se encontra à sua direita; ao contrário, riquezas e glória, isto é, a abundância nesta vida, tudo o que os homens consideram bem, constitui a esquerda. Supõe que venha alguém que queira te ferir à direita, isto é, tirar-te a fé; recebeste o tapa na direita, oferece a esquerda, (cf. Mt 5,39), isto é, que ele tire o que é temporário e não o que tens de eterno. Escuta como agiu assim o apóstolo Paulo. Os homens o perseguiam por ser cristão; feriam-no à direita, e ele opunha-lhes a esquerda. Disse: Sou cristão romano (At 22,25). Eles desprezavam a direita, e Paulo os atemorizava com a esquerda, porque eles não podiam temer a sua direita; pois ainda não acreditavam em Cristo. Então, se a direita abraça, a esquerda está sob a cabeça, que quer dizer: "Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita"? (Mt 6,3). Quer dizer, ao fazeres uma obra boa, pratica-a por causa da vida eterna. Pois, se a fizeres na terra, para que tenhas fartura de bens terrenos, a tua esquerda sabe o que faz a direita. Misturaste direita e esquerda. Não ajas senão em vista da vida eterna. Age assim, e agirás com segurança, porque assim o ordenou Deus. Se fazes o que fazes, visando apenas às coisas humanas e somente esta vida, só a esquerda opera; se porém, ages por causa da vida eterna, é só a direita que opera; se, contudo, tens na intenção a vida eterna, mas se insinua a ambição da vida temporal, atendendo também a esta, ao praticares uma boa obra, para que aqui algo recebas em retribuição, a esquerda se misturará às obras da direita. Isto, Deus o proíbe.

11 Tratemos agora da palavra do salmo: “O Senhor é tua proteção, sobre a mão de tua direita”. A mão figura o poder. Com que o provamos? Porque também o poder de Deus foi denominado mão de Deus. Pois, o diabo ao tentar Jó, disse a Deus: “Mas estende tua mão e toca nos seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto” (Jó 1,11). Que significa: “Estende tua mão”, a não ser, dá-me o poder? Escuta como é mais claro, irmão, a fim de não pensares talvez ainda carnalmente que Deus tem membros distintos; escuta como é evidente que a mão designa o poder. Em certo lugar diz a Escritura: “Morte e vida estão nas mãos da língua” (Pr 18,21). Sabemos que a língua é um determinado pedaço de carne. Move-se na boca e tocando o palato e os dentes torna distintos os sons com que falamos. Mostrem-se-me as mãos da língua. A língua, portanto, não tem mãos; ou tem mãos. Quais são as mãos da língua? A força da língua. “Morte e vida estão nas mãos da língua”. Que quer dizer isto? “Por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras serás condenado” (Mt 12,37). Se, pois, a mão representa a força, que será a mão direita? Nada me parece mais adequado do que entender por mão direita o poder que Deus te deu, se quiseres, com a graça de Deus, de estar à direita. Com efeito, todos os ímpios estarão à esquerda; ao invés, estarão os bons filhos à direita e se lhes dirá: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo” (Mt 25,34). Recebeste o poder de estar à direita, isto é, de te tornares filho de Deus. Que poder? O mencionado por João: “Deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus”. Como recebeste tal poder? “Aos que crêem em seu nome” (Jo 1,12). Por conseguinte, se crês, foi-te concedido o poder de estares entre os filhos de Deus. Estar, porém, entre os filhos de Deus é pertencer à direita. Portanto, tua fé é a mão de tua direita, isto é, o poder que te foi dado de estares entre os filhos de Deus é a mão de tua direita. Mas de que vale o poder que o homem recebeu, se Deus não o proteger? Eis que ele acreditou, já anda de acordo com a fé; é fraco, agita-se no meio das tentações, das aflições, das corrupções carnais, das sugestões da cupidez, das insídias e laços do inimigo. De que lhe serve, então, ter o poder, acreditar em Cristo, a fim de estar entre os filhos de Deus? Ai daquele homem, se Deus não proteger a sua fé; isto é, que Deus não permita seja tentado além de suas forças, conforme diz o Apóstolo: “Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças” (1Cor 10,13). Ele, portanto, que não nos deixa ser tentados acima do que podemos suportar, embora já sejamos fiéis, embora já tenhamos a mão de nossa direita, Deus, protege-nos sobre a mão de nossa direita. Não nos basta termos a mão direita, se ele não proteger a própria mão direita.

12 Falei acerca das tentações; notai o que segue. “O Senhor é tua proteção, sobre a mão de tua direita”. Falei, e conhecestes minha opinião. Se não a tivésseis aceitado, e não a tivésseis reconhecido nas Escrituras, não teríeis manifestado vosso modo de pensar por vossas exclamações. Portanto, uma vez que entendeste, irmãos, notai a continuação: por que o Senhor protege, e sobre a mão da direita, isto é, a própria fé, na qual recebemos o poder de sermos filhos de Deus, e estarmos à direita, por que importa que o Senhor proteja? Por causa dos escândalos. Onde estão os escândalos? Acerca de duas coisas devemos recear os escândalos, porque dois são os preceitos dos quais dependem toda a

lei e os profetas, o amor de Deus e do próximo (cf Mt 22,40). Ora, a Igreja é amada por causa do próximo; quanto a Deus, por causa de Deus. Entende-se que Deus é figurado pelo sol; a Igreja é figurada pela lua. Todos podem errar, crendo a respeito de Deus de maneira diferente do que devem. Não crê alguém que o Pai e o Filho e o Espírito Santo são de uma só substância, enganado pela astúcia dos hereges, principalmente dos arianos. Se acreditar que há algo de menor no Filho, ou no Espírito Santo do que no Pai, sofreu escândalo a respeito de Deus; o sol o queimou. Quem, de outro lado, pensar que a Igreja existe numa parte da terra, e não conhecer que ela se difundiu por todo o orbe da terra, e acreditar nos que dizem: "Olha o Messias aqui! ou: ali!" (Mt 24,23) conforme acabastes de ouvir da leitura do evangelho, enquanto Cristo adquiriu toda a terra, pagando tão grande preço por ela, este se escandaliza sobre o próximo; a lua o queimou. Por conseguinte, quem erra quanto à substância da verdade, é queimado pelo sol, durante o dia; pois erra acerca da própria sabedoria, da qual foi dito: "O dia ao dia profere a palavra". Daí enunciar o Apóstolo: "Exprimindo realidades espirituais em termos espirituais" (1Cor 2,13). "O dia ao dia profere a palavra". Exprimindo realidades espirituais em termos espirituais. O dia ao dia profere a palavra. "É realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos" (1Cor 2,6). E que significa: "E a noite à noite anuncia a ciência"? (Sl 18,3). Aos pequenos se prega a humildade de Cristo, a carne de Cristo, a crucifixão de Cristo; é leite que basta aos pequenos. E os pequenos não são abandonados na noite, porque a lua ilumina a noite, isto é, através da carne de Cristo a Igreja é anunciada, porque a própria carne de Cristo é Cabeça da Igreja. Quem não se escandaliza quanto à Igreja e à carne de Cristo, não é queimado pela lua; não se queima pelo sol quem não se escandalizar com aquela verdade imutável e incontaminada; não queima este sol que vêem conosco as moscas e os animais, mas aquele sol sobre o qual dizem os ímpios no fim do mundo: "Que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviu riqueza e arrogância? Tudo isso passou como sombra. Haviam dito: Sim, extraviamo-nos do caminho da verdade; a luz da justiça não brilhou para nós, para nós não nasceu o sol" (Sb 5,8.9.6). Porventura o sol não se levanta para todos os ímpios, por determinação daquele de quem lhe foi dito: "Ele faz nascer o seu sol igualmente sobre bons e maus"? (Mt 5,45). Por conseguinte, Deus fez um sol que se levanta sobre bons e maus, este sol que os bons e os maus contemplam. Existe, contudo, outro sol, não criado, mas gerado, por quem foram feitas todas as coisas, no qual se encontra a inteligência da verdade imutável; deste falam os ímpios: "Para nós não nasceu o sol". Quem não erra acerca da sabedoria, não é queimado pelo sol. Quem não erra a respeito da Igreja, da carne do Senhor, e das ações realizadas em nosso favor no tempo, não é queimado pela lua. Qualquer, porém, apesar de crer em Cristo, erra a respeito de um ou outro desses pontos, se nele não se dá o que foi dito: "O Senhor é tua proteção, sobre a mão de tua direita". Portanto, tendo dito: "O Senhor é tua proteção, sobre a mão de tua direita", como se perguntasse: Já está aqui a mão de minha direita, já optei por acreditar em Cristo, recebi o poder de estar entre os filhos de Deus, por que Deus há de ser ainda minha proteção, isto é: "sobre a mão de minha direita?" prossegue o salmo: "De dia o sol não te queimará, nem de noite, a lua". É proteção sobre a mão de tua direita, a fim de

que o sol não te queime de dia, nem a lua, de noite. Deduzi daí, irmãos, que foi dito em sentido figurado. Com efeito, se pensarmos no sol visível, ele queima de dia; acaso a lua queima de noite? Mas que é esta queimadura? O escândalo. Escuta o Apóstolo: "Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem se escandaliza, sem que eu também me abrase"? (2Cor 11,29).

13 6-8 "De dia", portanto, "o sol não te queimará, nem de noite, a lua". Por quê? "O Senhor te guardará de todo o mal". Dos escândalos ao sol, dos escândalos sob a lua, de todo mal te guardará quem é tua proteção sobre a mão de tua direita e que não dorme nem há de dormitar. E qual a razão? Porque estamos no meio das tentações: "O Senhor te guardará de todo o mal. Guarde o Senhor a tua alma". Mesmo quanto à alma, guarde o Senhor a tua entrada e a tua saída, desde agora e para sempre. Não se refere ao corpo: pois, quanto ao corpo, os mártires foram mortos; mas "guarde o Senhor a tua alma", porque quanto à alma os mártires não cederam. Os perseguidores se encarni-çavam contra Crispina, cujo dia natalício hoje celebramos; encarniçavam-se contra mulher rica e delicada; mas era forte, poque o Senhor era a proteção sobre a mão de sua direita, ele que a guardava. Há na África, irmãos, quem não a conheça? Pois, era ilustre, de família nobre, possuía enorme riqueza; mas tudo isso era da esquerda, estava sob sua cabeça. Veio o inimigo para lhe ferir a cabeça, e foi-lhe apresentada a esquerda que estava sob a cabeça. A cabeça estava por cima, a direita de cima a abraçava. Que lhe poderia fazer o perseguidor, apesar de ser mulher delicada? Na verdade era do sexo fraco, e talvez, mais débil devido às riquezas, e mais fraca de corpo por seus costumes; mas que pôde ele contra tantas armas? Que conseguiu, tendo o esposo colocado a esquerda sob sua cabeça e abraçando-a com a direita? (cf Ct 2,6). Como o inimigo feriria quem estava assim armada? No entanto feriu-a, mas só no corpo. Que diz, porém, o salmo? "Guarde o Senhor a tua alma". A alma não cedeu, o corpo foi ferido. E o corpo foi atingido temporariamente; pois no fim há de ressuscitar. Também aquele que se dignou ser Cabeça da Igreja, apresentou seu corpo aos ferimentos temporários; mas sua carne, ele a ressuscitou ao terceiro dia; a nossa, ressuscitará no fim. Portanto, ressuscitou a Cabeça, para ter o corpo a que atender, a fim de não desfalecer. "Guarde o Senhor a tua alma". Esta não ceda, não se abata com os escândalos, as perseguições, as tribulações. Não ceda, desfalecendo, conforme a palavra do Senhor: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena" (Mt 10,28). Guarde o Senhor a tua alma, a fim de não cederes diante de um sedutor, não cederes a quem te faz falsas promessas, não cederes diante de ameaças temporais, e "o Senhor guarde a tua alma".

14 Em seguida: "Guarde o Senhor a tua entrada e a tua saída, desde agora e para sempre". Observa tua entrada por algum tempo. "Guarde o Senhor a tua entrada e a tua saída, desde agora e para sempre". Guarde a tua saída. Que é "entrada"? Que é "saída"? Quando somos tentados, entramos; quando vencemos a tentação, saímos. Escuta qual a "entrada", qual a "saída". "O forno põe à prova as vasilhas de barro, diz a Escritura, e a tribulação, os homens justos" (Eclo 27,6). Os homens justos são quais vasos de barro; é

preciso que entrem os vasos de barro no forno. E o oleiro não se sente seguro ainda quando eles entram, e sim quando saem. O Senhor, contudo, está seguro, porque sabe quais são os seus (cf 2Tm 2,17), e sabe que não arrebentarão na fornalha. Não arrebentam porque não os toca o vento da soberba. A humildade, portanto, guarda em toda tentação, porque subimos do vale de lágrimas, cantando o Cântico gradual; e o Senhor guarda a entrada, a fim de ingressarmos sãos e salvos. Tenhamos uma fé sadia quando sucede a tentação, e o Senhor guardará nossa "saída, desde agora e para sempre". Ao sairmos de toda tentação, na eternidade, não nos atemorizará tentação alguma, nem solicitará ao menos alguma concupiscência. Escuta como menciona o Apóstolo o que citei pouco antes: "Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças". Eis a tua entrada que é guardada; quando Deus não permite que sejas tentado além do que podes suportar, ele guarda a tua entrada; vede que ele guarda também a saída. "Mas, com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar" (1Cor 10,13). Por acaso, irmãos, podemos dar interpretação diferente do que nos ensinam as próprias palavras do Apóstolo? Guardai-vos, portanto, mas não por vós mesmos, porque o Senhor é a proteção, ele guarda, ele não dormita nem dorme. Dormiu uma vez, em nosso favor; ressuscitou, já não dorme. Ninguém presuma de si mesmo. Subimos do vale de lágrimas, não fiquemos no caminho. Restam ainda degraus no caminho; não devemos parar com preguiça, não devemos cair por soberba. Digamos a Deus: Não resvalem nossos pés. Não há de dormir aquele que nos guarda. Está em nosso poder, com a graça de Deus, que façamos ser nosso guarda aquele que não dorme, nem dormita e que guarda Israel. Qual? Aquele que vê a Deus. Assim teu auxílio virá do Senhor, ele será tua proteção sobre a mão de tua direita; assim ele guarda a tua entrada e a tua saída desde agora e para sempre. Pois se presumires de ti mesmo, teus pés resvalarão; se resvalarem, pensas estar num degrau. Cairás dali, se és soberbo, porque o humilde diz no vale de lágrimas: "Não permitas que resvalem os meus pés".

15 Embora o salmo seja curto, a explicação foi longa, e grande o sermão. Imaginai, irmãos, que vos convidei por ocasião da festa natalícia de santa Crispina, e passei a medida na duração do banquete. Não poderia acontecer que um militar vos convidasse, e nos levasse a beber além da medida à mesa? Permitido nos seja fazer isso relativamente à palavra divina, para vos inebriardes e saciardes, assim como o Senhor se dignou irrigar a terra com sua chuva material, a fim de nos permitir ir com maior alegria ao lugar dos mártires, conforme havíamos prometido ontem. Pois, os mártires sem dificuldade alguma estão aqui conosco.

SALMO 121

SERMÃO AO POVO

1 Assim como o amor impuro inflama a alma e convida a desejar bens terrenos e buscar coisas perecíveis, fazendo-a perecer, precipitando-a nas profundezas e mergulhando-a no abismo, do mesmo modo o amor santo eleva para as alturas, traz ardente desejo das coisas eternas, e excita a alma no anelo pelos bens que não passam nem morrem, erguendo-a das regiões inferiores ao céu. De fato, todo amor tem a sua própria força, e não pode estar ocioso na alma do que ama; necessariamente há de impelir. Queres saber qual a espécie de um amor determinado? Considera aonde ele conduz. Não vos exortamos, pois, a não amar coisa alguma, mas vos exortamos a não amardes o mundo a fim de amardes livremente o Criador do mundo. A alma presa ao amor da terra, tem uma espécie de visgo nas asas; não pode voar. Purificada, contudo, dos afetos imundos das coisas desta terra, estende as asas, e com as duas asas livres de qualquer impedimento, isto é, seguindo os dois mandamentos do amor de Deus e do próximo (cf Mt 22,40), pode voar. Para onde, a não ser subindo pelo vôo até Deus, porque sobe pelo amor? Antes de lhe ser isto possível, geme sobre a terra. Se já tem dentro de si o desejo de voar, e diz: "Quem me dará asas como as da pomba para voar e repousar"? (Sl 54,7). Para onde haverá de voar? De onde senão do meio dos escândalos, entre os quais gemia também este homem, cuja voz relembrei? Por conseguinte, do meio dos escândalos, da companhia dos maus, das palhas misturadas aos grãos, ele quer voar para um local onde não sofra da união e sociedade dos iníquos, mas viva na santa sociedade dos anjos, cidadãos da eterna Jerusalém.

2 1 Com efeito, este salmo, que hoje empreendemos comentar para V. Santidade, trata do desejo de Jerusalém; ou antes, é o salmista que sobe com este salmo, que na verdade é "Cântico gradual". Conforme dissemos várias vezes a V. Caridade, não são degraus para descer, mas para subir[1]. O salmista, portanto, quer subir. E para onde quer subir, a não ser para o céu? Por que para o céu? Será que quer subir para ficar entre o sol, a lua e as estrelas? De forma alguma. Mas refere-se ao céu da eterna Jerusalém, onde estão nossos concidadãos, os anjos. Da companhia destes nossos concidadãos estamos longe, peregrinando sobre a terra. Em nossa peregrinação suspiramos; em nossa cidade alegrar-nos-emos. Encontramos, porém, nesta peregrinação companheiros que já viram a cidade e convidam-nos a corrermos para ela. Com isso rejubila-se o salmista e diz: "Alegrei-me com o que me foi dito: Iremos à casa do Senhor". Irmãos, rememore V. Caridade que se, acaso, se fala de festa de mártires ou de algum lugar santo, para onde afluem as multidões em determinada data para celebrar a solenidade, como aquelas multidões animam-se mutuamente, como se estimulam, dizendo: Vamos, vamos. E perguntam: Aonde iremos? Responde-se: Àquele lugar, ao lugar santo. Falam entre si, e como que inflamados, um por um, tornam-se uma chama só; e esta única chama, acesa por seus

mútuos convites, arrasta-os ao lugar santo, e os santos pensamentos os santificam. Se, portanto, um santo amor arrasta a um lugar material, qual não deve ser o amor que arrebata ao céu os que estão em concórdia, e dizem-se uns aos outros: "Iremos à casa do Senhor?" Por conseguinte, corramos, corramos, porque vamos à casa do Senhor. Corramos sem nos fatigarmos; pois alcançaremos o local onde não mais nos cansaremos. Corramos para a casa do Senhor, e alegre-se nossa alma com o que nos foi dito. Os que nos falam, viram a pátria antes de nós, e de longe gritam para os que vêm atrás: "Iremos à casa do Senhor": andai, correi. Os apóstolos a viram e nos disseram: Correi, andai, prossegui, "iremos à casa do Senhor". E que responde cada um de nós? "Alegrei-me com o que me foi dito: Iremos à casa do Senhor". Alegrei-me com os profetas, alegrei-me com os apóstolos. Pois, todos eles nos disseram: "Iremos à casa do Senhor".

3 2 "Detiveram-se nossos pés em teus átrios, ó Jerusalém". Aqui tens a casa do Senhor, se procuravas saber o que é a casa do Senhor. Naquela casa do Senhor se louva aquele que a construiu. Ele constitui as delícias de todos os que habitam nessa casa; ele é a única esperança aqui, e a realidade ali. Por conseguinte, os que correm em que devem pensar? Que estão quase ali, e lá se detêm. É coisa grandiosa, de fato, estar ali entre os anjos e não desistir. Aquele que de lá caiu, não permaneceu na verdade (cf Jo 8,44). Todos os que não cairam, permanecem na verdade; permanece aquele que goza da presença de Deus. Aquele que quiser, porém, gozar de si mesmo, cai. Quem é que procura fruir de si mesmo? Quem é soberbo. Por isso, aquele que sempre queria estar nos átrios de Jerusalém, dizia: "Na tua luz contemplamos a luz"; não: em minha luz. E: "Pois em ti está a fonte da vida"; não: em mim. E que acrescenta ainda? "Não me pisoteie a soberba, nem as mãos dos pecadores me sacudam" (Sl 35,10.12). "Tombaram os obreiros de iniqüidade. Foram expulsos e não puderam manter-se em pé" (Sl 35,13). Se, portanto, eles não puderam permanecer, porque foram soberbos, sobe humildemente, a fim de dizeres: "Detiveram-se os nossos pés em teus átrios, ó Jerusalém". Pensa o que serás ali; e embora estejas ainda a caminho, coloca diante de teus olhos a idéia de que de certo modo ali estás, quase já te alegras sem cessar entre os anjos, e te sucederá o que foi dito: "Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos" (Sl 83,5). "Detiveram-se os nossos pés em teus átrios, ó Jerusalém". De que Jerusalém? Costuma-se chamar Jerusalém também a terrena. Mas, esta Jerusalém é apenas uma sombra da outra. E que importância há em estar nesta Jerusalém, se ela não pôde se manter, mas converteu-se em ruínas? O Espírito Santo se referirá a ela, como algo de grande, ao falar através do coração ardente de quem ama: "Detiveram-se os nossos pés em teus átrios, ó Jerusalém?" Não seria esta a Jerusalém, à qual o Senhor apostrofou: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados"? (Mt 23,37). Que desejava de importante o salmista, se queria estar entre os que matavam os profetas e apedrejavam os que lhes eram enviados? De forma alguma pense isto de Jerusalém aquele que ama, que arde de desejo, que ambiciona chegar a Jerusalém que é nossa mãe, da qual diz o Apóstolo: "eterna nos céus" (cf Gl 4,26; 2Cor 5,1).

4 3 Enfim, escuta; não é em mim que deves acreditar. Escuta como continua o salmo e

qual a Jerusalém que designa a nosso entendimento. Tendo dito: “Detiveram-se os nossos pés em teus átrios, ó Jerusalém”, como se ouvisse a pergunta: De que Jerusalém estás falando? A que Jerusalém fazes referência? logo acrescenta: “Jerusalém, construída como uma cidade”. Irmãos, quando Davi assim falava, aquela cidade estava terminada, não estava sendo construída. Não sei a que cidade, portanto, se refere, que está sendo edificada agora, e para a qual acorrem na fé as pedras vivas, mencionadas por Pedro: “Também vós, como pedras vivas, constituí-vos em um edifício espiritual” (1Pd 2,5), isto é, em templo santo de Deus. Que quer dizer: “como pedras vivas constituí-vos em um edifício espiritual”? Pedras vivas, se acreditas; se acreditas, tornar-te-ás templo de Deus, conforme afirma o apóstolo Paulo: “Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós” (1Cor 3,17). Agora, portanto, edifica-se a cidade; cortam-se as pedras dos montes pelas mãos dos que anunciam a verdade, e são esquadriadas para entrarem na estrutura eterna. Ainda estão muitas pedras nas mãos do artífice; não caiam de suas mãos, para poderem perfeitamente se adaptar à estrutura do templo. Trata-se, pois, desta “Jerusalém, construída como cidade”. Seu fundamento é Cristo. Assegura o apóstolo Paulo: “Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Cristo Jesus” (1Cor 3,11). Quando se lança o fundamento na terra, levantam-se sobre ele as paredes e o peso das paredes puxa para baixo, onde se encontra a base. Se, porém, nosso fundamento está no céu, para lá se ergue o edifício. Seres humanos edificaram esta estrutura, esta basílica, que vedes como se levantou bem ampla; foram homens que a construíram, e lançaram os alicerces na terra. Como, ao contrário, o edifício de que fazemos parte é espiritual, nossos alicerces estão no alto. Para lá, portanto, corramos, lá devemos ser edificados, porque foi dito de Jerusalém: “Detiveram-se os nossos pés em teus átrios, ó Jerusalém”. Mas, de qual Jerusalém? Da “Jerusalém, construída como uma cidade”. Ainda é pouco para determinar qual Jerusalém dizer: “construída como uma cidade”, porque ainda se pode designar assim a terrena. Mas, pode-se apresentar alguém que declare: Na verdade, quando isso se dizia no tempo de Davi, e assim se cantava, a cidade estava terminada; mas Davi em espírito via que seria arruinada e reedificada. Pois, a cidade foi tomada e o povo cativo foi transportado para Babilônia, e a Escritura denomina o acontecimento pelo termo de cativeiro de Babilônia. E o profeta Jeremias prenunciou que depois de setenta anos de cativeiro, a cidade que fora destruída pelos vencedores poderia ser reedificada. Talvez replique alguém: Davi previa em espírito que a cidade seria arruinada pelos vencedores, e Jerusalém novamente poderia ser edificada, depois de setenta anos, e por isso disse: “Jerusalém, construída como uma cidade”; mas não se julgue que se refira àquela cidade que consta de santos, quais pedras vivas. Como continua o salmo, a fim de resolver toda dúvida? “Detiveram-se os nossos pés em teus átrios, Jerusalém”. Mas qual é a Jerusalém que designo? Acaso esta que vedes erguida, com paredes materiais? Não; mas a “Jerusalém, construída como uma cidade”. Por que não se fala claramente de cidade e sim: “como uma cidade?” A não ser que esta estrutura de paredes, que havia em Jerusalém, constituía uma cidade visível, como propriamente se diz de todas as cidades. Aquela, porém, é construída como uma cidade, porque os que a compõem, são “como que pedras vivas”. Então não são verdadeiras pedras? Como os

elementos são como pedras, e não simplesmente pedras, assim não se fala somente de cidade, mas "como uma cidade", da qual disse o salmista que "é construída". Indica sob o nome de edifício a estrutura e construção de elementos materiais e de paredes. Pois, propriamente se entende por cidade os seus habitantes. Mas ele nos manifestou que cidade aqui designa a urbe, porque "se constrói". E como um edifício espiritual se assemelha a um edifício material, é "construída como uma cidade".

5 Mas que ele prossiga e nos tire todas as dúvidas de que não devemos tomar materialmente as palavras: "Jerusalém, construída como uma cidade que participa em idipsum". Agora, irmãos, qualquer que eleve o espírito, que deponha a escuridão da carne, que limpe os olhos do coração, levante-se e veja o que é idipsum. Que significa idipsum? Que direi a não ser idipsum? Irmãos, se for possível, entendei o que é idipsum. Pois, seja o que for que eu disser, não exprimo o que é idipsum. Esforcemo-nos, contudo, por comparação com palavras e sentido aproximados, levar a fraqueza de nossa mente a pensar no que seria idipsum. Que é idipsum? Aquilo que é sempre da mesma maneira; o que não é ora uma coisa, ora outra. Que significa idipsum senão o que é? E que seria o que é? O que é eterno. Pois, aquilo que sempre se torna diferente, não é, porque não permanece; não deixa de ser de modo absoluto, mas não é por excelência. E que é aquilo que é, a não ser aquele que ao enviar Moisés, lhe disse: "Eu sou aquele que é?" Quem, senão aquele que (tendo dito o seu servo: Eis que me envias. Se o povo me perguntar: "Qual é o seu nome? Que direi?") não quis dar outro nome a não ser: "Eu sou aquele que é", e acrescentou: "Assim dirás aos filhos de Israel: eu sou me enviou até vós" (Ex 3,13.14). Eis o que significa idipsum: Eu sou aquele que é. Eu sou me enviou até vós". Não podes captar; é demais para se entender, demais para se apreender. Retém aquilo que se tornou por ti aquele que não podes captar. Retém a carne de Cristo, que te carregou quando estavas doente, meio morto devido às feridas infligidas pelos ladrões, e levou à hospedaria para seres tratado (cf Lc 10,30). Conseqüentemente, corramos para a casa do Senhor, e alcancemos a cidade onde se detenham os nossos pés; cidade "construída como uma cidade", que participa em idipsum. O que deves reter? Aquilo que Cristo se fez por tua causa, pois se trata de Cristo mesmo. A Cristo com razão se atribui a palavra: "Eu sou aquele que é", na condição divina. Nela não se prevaleceu de sua igualdade com Deus (cf Fl 2,6), isto é, em idipsum. Para que tu te tornasses participante do que ele é em si, primeiro ele se fez partícipe do que é teu. O Verbo se fez carne para que a carne participe do Verbo (cf Jo 1,14). Sendo da descendência de Abraão, o Verbo se fez carne e habitou entre nós; fora prometido, de fato, a Abraão e a Isaac e a Jacó que em sua descendência seriam abençoadas todas as nações (cf Gn 22,18). Por isso, vemos a Igreja difundida em todo o orbe. Deus fala a homens fracos. Ele procurou firmeza de coração, ao dizer: "Eu sou aquele que é"; procurou firmeza de coração e a mais alta contemplação, ao dizer: "Eu sou me enviou até vós". Mas talvez ainda não chegaste à contemplação. Não desanimes, não desesperes. Aquele que é, quis ser homem como tu, e por isso em seguida disse a Moisés, um tanto atemorizado, o seu nome. Que nome? O que significa: "É"? E disse o Senhor a Moisés: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Este é o meu nome para sempre" (Ex 3,15). Não percas a

coragem porque eu disse: "Eu sou aquele que é" e: "Eu sou me enviou até vós", porque agora tu flutuas, e não podes perceber, devido à mutabilidade dos seres e às vicissitudes da mortalidade humana o que significa idipsum. Eu desço, porque não podes vir até mim. "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó". Espera algo da descendência de Abraão, a fim de te fortificares e contemplares aquele que veio a ti, sendo da descendência de Abraão.

6 Portanto, trata-se de idipsum, do qual foi dito: "Mudá- las-ás e se transformarão. Mas tu és sempre o mesmo e teus anos não terminarão" (Sl 101,27-28). Eis o mesmo (idipsum), cujos "anos não terminarão". Irmãos, os nossos anos não passam cada dia, nem param, absolutamente? Pois, os que vieram já não existem; e os que hão de vir ainda não são; aqueles já passaram, e passarão os que hão de vir. Mesmo neste único dia de hoje, irmãos, agora enquanto falamos é um momento só. As horas anteriores passaram, as futuras ainda não vieram; e quando vierem, elas também passarão e terminarão. Quais são os anos que não terminam senão os que permanecem? Se, portanto, ali os anos permanecem, os anos que permanecem constituem um só ano, e este único ano que permanece constitui um só dia. Este único dia não tem começo nem fim, não se inicia ontem, nem termina com o amanhã, mas permanece sempre como um só dia; e à vontade o denominas dia, ou ano, ou se preferes é um só dia; seja o que for que cogitares, permanece no entanto; sua estabilidade participa aquela cidade "que participa em idipsum". Com razão, portanto, uma vez que a cidade participa desta estabilidade, diz aquele que corre para lá: "Detiveram-se os nossos pés em teus átrios, ó Jerusalém". Pois, permanecem todas as coisas lá onde nada passa. Queres também tu permanecer e não passar? Corre para lá. Ninguém por si mesmo possui o idipsum. Atenção, irmãos. Tudo o que tem corpo, não é idipsum, porque não permanece em si mesmo. Muda pela idade, muda pela transferência de lugar e de tempo, muda pelas doenças e defeitos carnais; portanto, não permanece em si mesmo. Os corpos celestes não permanecem em si mesmos; sofrem certas mutações, embora ocultas; certamente mudam de lugar em lugar, sobem do oriente ao ocidente e de novo voltam ao oriente; portanto, não permanecem, não são idipsum. Nem mesmo a alma humana permanece. Por quantas mutações e cogitações ela varia! por quantos prazeres muda! por quantos desejos é atingida e dividida! A própria mente humana, que é chamada racional, é mutável, não é idipsum. Ora quer, ora não quer; ora sabe, ora desconhece; ora se lembra, ora se esquece; portanto ninguém tem por si mesmo idipsum. Aquele que quis ter por si mesmo idipsum, como se fosse por si mesmo idipsum, caiu; decaiu o anjo, e tornou-se diabo. Ofereceu de beber ao homem a soberba (cf Gn 3,1), arrastou consigo pela inveja aquele que estava de pé. Eles quiseram ser idipsum; quiseram ser príncipes, quiseram dominar; não quiseram ter o verdadeiro Senhor, que verdadeiro é idipsum e ao qual foi dito: "Muda-las-ás e se transformarão. Mas tu és sempre o mesmo" (Sl 101,27.28). Volte, portanto, a idipsum a alma humilhada, depois de tanta enfermidade, depois de tantas doenças, dificuldades, labores; e fique naquela cidade, "que participa em idipsum.

7 4 “Para lá subiram as tribos”. Interroguemos, pois, para onde subir aquele que caiu; porque dissemos que esta voz é de alguém que sobe, da Igreja que sobe. Para onde imaginamos que ela sobe? Para onde vai? Para onde se eleva? “Para lá subiram as tribos”. Para onde subiram as tribos? Para a cidade, “que participa em idipsum”. Por conseguinte, sobem para lá, para Jerusalém. Um homem, porém, que descia de Jerusalém a Jericó, caiu no meio de assaltantes (cf Lc 10,30). Não descesse, e não cairia no poder de ladrões. Aquele, porém, que descendo caiu no poder de ladrões, subindo venha à companhia dos anjos. Suba, portanto, porque as tribos subiram. Mas quais são as tribos? Muitos sabem e muitos não sabem. Mas também nós que sabemos, desçamos para junto daqueles que não conhecem as tribos, a fim de que conosco subam para lá aonde subiram as tribos. As tribos podem receber outro nome, o de cúrias, mas não com propriedade. Portanto, as tribos com outro nome não podem ser chamadas propriamente; mas um nome aproximado seria cúria. Pois, propriamente se dissermos cúria, só se entende a cúria que existe em cada cidade; daí vem que são chamados curiais e decuriões os que estão na cúria ou decúria; e sabeis que cada uma das cidades possui tais cúrias, uma por cidade. Existem, contudo, ou existiam outrora nestas cidades também as cúrias do povo; e uma cidade tem muitas cúrias, como Roma, que tem trinta e cinco cúrias do povo. Elas se chamam tribos. Destas, o povo de Israel tinha doze, de acordo com o número dos filhos de Jacó.

8 O povo de Israel tinha doze tribos; nelas existiam bons e maus. Quais as tribos más que crucificaram o Senhor? Quais as tribos boas que reconheceram o Senhor? Por conseguinte, as tribos que crucificaram o Senhor são tribos do diabo. Por conseguinte, quando o salmista aqui disse: “Para lá subiram as tribos”, para não entenderes que fala de todas as tribos, acrescentou: “as tribos do Senhor”. Que significa: “as tribos do Senhor?” As que conheceram o Senhor. Entre elas, pois, as doze tribos más, havia bons das tribos boas, que reconheceram o construtor da cidade; e no meio daquelas tribos, eram grãos misturados às palhas. Subiram, porém, não com as palhas, mas como tribos purificadas, escolhidas, tribos do Senhor. “Para lá subiram as tribos, as tribos do Senhor”. Que significa: “tribos do Senhor? Como testemunho de Israel”. Ouvi, irmãos, o que quer dizer: “Testemunho de Israel”, isto é, como se conhece que se trata de verdadeiro Israel. Pois, que quer dizer Israel? Já disse qual a interpretação do nome, e seja repetida várias vezes; talvez, mesmo se disse recentemente, esquecestes. Repetindo-o, façamos com que não se esqueçam mesmo os que não sabem ou não querem ler; sejamos nós livro para eles. Israel se traduz por aquele que vê a Deus; ou antes, se melhor examinarmos a palavra, assim se traduz Israel: é, aquele que vê a Deus. Ambas as coisas: é, aquele que vê a Deus. Porque em si o homem não é; pois muda e converte-se noutra coisa, se não participar daquele que é em si mesmo (idipsum). Começa a ser quando vê a Deus. É, quando vê aquele que é; e vendo aquele que é, ele também a seu modo vem a ser. Portanto ele é Israel, e Israel é aquele que vê a Deus. Por isso, o soberbo não é Israel, porque não participa daquele que é idipsum, pois quer ser para si mesmo idipsum. Quem quer ser seu próprio princípio não é Is-rael. Conseqüentemente, todo homem fingido não é Israel, porque todo soberbo necessariamente é fingido.

Afirmo-o, irmãos, necessariamente todo soberbo quer parecer aquilo que não é; não pode ser de outro modo, meus irmãos. Oxalá quisesse o soberbo parecer o que não é, de tal sorte que quisesse, por exemplo, parecer flautista quando não é flautista. Logo provaria que não o é. Se alguém lhe disesse: Toca, vejamos se és flautista. Não poderia; logo se descobriria que falsamente queria parecer o que não era. Se ele afirmasse que é eloqüente, poder-se-ia pedir-lhe: Fala, prova-o. Se falasse, descobrir-se-ia que não era o que assegurara ser. O soberbo, o que é pior, quer parecer justo quando não é; e como é difícil averiguar se há justiça, é difícil reconhecer os soberbos. Portanto, querem os soberbos parecer o que não são; por isso, sua parte não é com "idipsum"; não pertencem a Israel, que é aquele que vê a Deus. Quem, pois, pertence a Israel? Quem participa em "idipsum". Quem é que participa em "idipsum"? Quem confessa que não é o que Deus é, e que dele recebeu o bem que pode ter, que por si só possui o pecado, e de Deus lhe vem a justiça. Tal homem não tem dolo em si. E que disse o Senhor, ao ver Natanael? "Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento" (Jo 1,47). Se, portanto, é verdadeiro israelita aquele em quem não há fingimento, sobem a Jerusalém as tribos nas quais não há fingimento. E elas são "testemunho de Israel", isto é, por meio delas se reconhece que os grãos estavam no meio da palha (cf Mt 3,12), quando a eira parecia toda cheia de palha. Os grãos, pois, estavam ali; mas ao subirem à sublimidade do esplendor, quando se ventilar a eira, então, haverá "testemunho de Israel". Então dirão os maus: Na verdade havia justos entre os maus, quando todos nos pareciam maus; pensávamos que todos eram tais quais nós éramos. "Testemunho de Israel". Para onde sobem? Por que sobem? "Para confessar teu nome, ó Senhor". Não se pode exprimir de maneira mais magnífica. Como a soberba presume, a humildade confessa. Como é presunçoso quem quer parecer o que não é, assim é confessor quem não quer parecer o que é, e ama o que Deus é. Para isso, portanto, sobem os israelitas, nos quais não há fingimento, porque verdadeiramente são israelitas, porque neles há testemunho de Israel; para isso sobem, "para confessar teu nome, ó Senhor".

9 5 "Lá se assentaram os tronos de justiça (sederunt sedes). "Grande enigma, admirável questão, se não for entendida. Fala-se em assentos que os gregos denominam tronos. Os gregos denominam tronos, os assentos, como sendo lugares de honra. Por conseguinte, meus irmãos, não é de admirar que os homens se sentem em cadeiras, em assentos; mas como entender que os próprios tronos se assentem? Como se alguém dissesse: Assen-tem-se aqui as cátedras, ou assentem-se aqui as cadeiras; pois usam-se a cadeira, as cadeiras, as cátedras como assento, mas os próprios tronos não se assentam. Que significa, portanto: Lá se assentaram os tronos de justiça? Certamente costumais ouvir as palavras de Deus: "O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés" (Is 66,1; At 7,49). Em latim se diz: O céu é meu assento. Que é isto, senão os justos? Quem são os céus a não ser os justos? Céu é o mesmo que céus, assim como Igreja é o mesmo que Igrejas. São muitas de tal modo que seja uma só. Assim igualmente os justos. Os justos são céu, são céus. Neles Deus põe seu trono, e julga. Não foi sem motivo que se disse: "Narram os céus a glória de Deus" (Sl 18,2). Pois, os apóstolos se tornaram céu. Como se tornaram céu? Porque foram justificados. Da mesma forma que o pecador se tornou

terra, e foi-lhe dito: “Pois tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3,19), os que foram justificados se tornaram céu. Eram portadores de Deus, e através deles Deus fazia relampejarem milagres, trovejarem terrores, choverem consolações. Eram, portanto, céu, e narravam a glória de Deus. Com efeito, a fim de saberdes que eram denominados céu, diz o salmo: “Seu som repercutiu por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras” (Sl 18,5). Perguntas de quem? E descobres que é dos céus. Se, portanto, o céu é o trono de Deus, e os apóstolos são céu, eles se tornaram sedes de Deus, tronos de Deus. Foi dito em outra passagem: “A alma do justo é trono da sabedoria”. É importante, foi dita uma coisa importante: É trono da sabedoria a alma do justo, isto é, na alma do justo a sabedoria se assenta como em sua cadeira, como em seu trono, e de lá julga cada coisa que julga. Por conseguinte, eles eram tronos de sabedoria, e por isso disse-lhes o Senhor: “Também vós vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19,28). Assim também eles se sentaram em doze tronos, e são tronos de Deus; deles, na verdade, foi dito: “Lá se assentaram os tronos. Porque lá se assentaram os tronos”. Quais foram os que se assentaram? “Os tronos”. E que são os tronos? Aqueles dos quais foi dito: A alma do justo é trono da sabedoria. Quais são os tronos? Os céus. Quais são os céus? O céu. Que é o céu? Aquilo mencionado pelo Senhor: “O céu é o meu trono” (Is 66,1; At 7,49). Os justos são tronos e têm tronos; e naquela Jerusalém os tronos se assentarão. Para quê? “Para o juízo. Também vós vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel”. Quais os julgados? Os que estão em baixo, na terra. Quais os juízes? Os que se tornaram céu. Os julgados, porém, serão divididos em duas partes: uma à direita, e outra à esquerda. Os santos julgarão com Cristo. “O Senhor entra em julgamento com os anciãos” (Is 3,14), diz Isaías. Uns, portanto, serão os que com ele julgarão; outros que serão julgados por ele e por aqueles que serão juízes com o Senhor. Serão, então, estes divididos em duas partes: uma será colocada à direita, sendo-lhes enumeradas as esmolas que deram; outra estará à esquerda, sendo-lhes citadas a crueldade e a falta de misericórdia. Dir-se-á aos que estiverem à direita: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo”. Por quê? E o Senhor lhes responde: “Pois tive fome e me destes de comer”. E eles dirão: “Quando foi que te vimos com fome? Ele lhes responderá: Toda vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,34). E então, irmãos? Julgarão os santos aos quais foi dito que adquiram amigos com o dinheiro da iniqüidade, “a fim de que eles os recebam nos tabernáculos eternos” (Lc 16,9). Os santos se sentarão ao lado do Senhor para atender aos que praticaram a misericórdia, separá-los à direita e assumi-los no reino dos céus. Tal é a paz de Jerusalém. Que é a paz de Jerusalém? Consiste em que as obras corporais de misericórdia correspondam às obras espirituais da pregação; far-se-á a paz, dando e recebendo. O Apóstolo afirmou que estas esmolas se acham sob a razão de dar e receber; disse: “Se semeamos em vosso favor os bens espirituais, será excessivo que colhamos os vossos bens materiais”? (1Cor 9,11). Sobre o mesmo assunto diz em outra passagem: “Quem recolhera muito, não teve excesso; quem recolhera pouco, não sofreu penúria” (2Cor 8,15). Por que motivo “quem recolhera muito não teve excesso?” Porque quem possuía mais, deu ao indigente. E que significa: “Quem

recolhera pouco, não sofreu penúria?” Porque recebeu daquele que tinha mais, “e assim haverá igualdade” (2Cor 8,14). De tal paz é que foi dito: “Haja paz em tua fortaleza”.

10 6 Com efeito, tendo dito: “Lá se assentaram os tronos de justiça, os tronos da casa de Davi”, isto é, da família de Cristo, a quem deram no tempo oportuno o alimento, logo disse, como que falando aos próprios tronos: “Interrogai o que trará a paz a Jerusalém”. Ó tronos, que já vos assentais para julgar, e vos tornastes tronos do Senhor que julga (porque os juízes interrogam e os julgados são interrogados), “interrogai o que trará a paz a Jerusalém”. Que descobrirão com esta interrogação? Que uns praticaram a misericórdia e outros não. Os que se revelaram misericordiosos serão chamados a Jerusalém. As obras de misericódia trarão “a paz a Jerusalém”. O amor é forte, meus irmãos; o amor é forte. Queres verificar o quanto é forte? Quem for impedido por motivo de força maior de cumprir o que Deus manda, ame aquele que cumpre seu mandamento e também o cumprirá. V. Caridade preste atenção. Alguém, por exemplo, é casado e não pode abandonar a esposa; importa que obedeça ao Apóstolo: “O marido cumpra o dever conjugal para com a esposa”. E: “Estás ligado a uma mulher? Não procures romper o vínculo” (1Cor 7,3.27). Ocorre-lhe a lembrança de que é melhor a vida mencionada pelo mesmo Apóstolo: “Quisera que todos os homens fossem como sou” (1Cor 7,7). Observa aqueles que assim procedem; ama-os e unido a eles cumpre o que não pode fazer por si mesmo. É forte o amor. É a nossa força. Se não o possuirmos, nada servem as qualidades que possamos ter. “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou címbalo que tine”. Acrescenta uma frase muito importante: “Ainda que eu distribuísse todos os meus bens, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria” (1Cor 13,1.3). Se, contudo, alguém tiver apenas a caridade, se não encontrar o que distribuir aos pobres, ame. Se der somente um copo de água fria (Mt 10,42), ser-lhe-á imputado o mesmo que a Zaqueu, que doou metade de seu patrimônio aos pobres (Lc 19,8). Por quê? Um deu tão pouco, outro deu tão grande quantidade, e a mesma recompensa lhes é atribuída? A mesma, na verdade. Pois, as possibilidades diferem, mas a caridade é igual.

11 Eles, portanto, interrogam; quanto a vós, ponderai o que sois. Eis que nos foi dito: “Iremos à casa do Senhor”. Certamente alegramo-nos com o que nos foi dito: “iremos à casa do Senhor”. Verifiquemos, então, se vamos. Pois, não vamos com os pés, mas com os afetos. Vede se vamos; cada qual interrogue-se a si mesmo como procede para com o pobre que vive santamente, para com o irmão indigente, para com o mendigo em penúria; verifique se não tem um coração mesquinho. Por que os tronos se assentarão para julgar; eles devem te interrogar e querem encontrar em ti o que trará paz a Jerusalém. E como interrogam? Como tronos de Deus. Deus interroga. Se algo fica oculto a Deus, igualmente poderá escapar àqueles tronos perscrutadores. “Interrogai o que trará a paz a Jerusalém”. Que é que trará a paz a Jerusalém? “E a abundância aos que te amam”. O salmista dirige-se agora à própria Jerusalém. Há abundância para aqueles que a amam. Abundância que brotou da penúria. Aqui necessitados, ali fartos;

aqui fracos, ali firmes; aqui pobres, alí ricos. Por que se tornaram ricos? Porque deram aqui na terra o que receberam de maneira temporária de Deus, e receberão lá a retribuição eterna da parte de Deus. Aqui, meus irmãos, até os ricos são pobres. É bom que o rico se reconheça como pobre. Se ele se considera plenamente enriquecido, está com um tumor; não é plenitude. Reconheça sua penúria a fim de ficar repleto. O que possui? Ouro. E o que ainda não tem? A vida eterna. Verifique o que tem e o que não tem. Irmãos, dê de suas posses, a fim de receber aquilo de que carece; compre com o que tem aquilo que ainda não tem. "E a abundância aos que te amam".

12 7 "Haja paz em tua fortaleza". Ó Jerusalém! Ó cidade construída como cidade, que participa in idipsum, haja paz em tua fortaleza, haja paz em tua caridade; porque tua força é a tua caridade. Escuta o Cântico dos cân-ticos: "O amor é forte, é como a morte" (Ct 8,6). Palavra magnífica, irmãos: "O amor é forte, é como a morte". Impossível exprimir de modo mais magnífico a força da caridade do que dizer: "O amor é forte, é como a morte". Pois, quem resiste à morte, irmãos? V. Caridade dê-me atenção. Resiste-se ao fogo, à água, à espada; resiste-se aos potentados, aos reis; somente à morte, quando ela chega, quem resiste? Nada de mais forte. Por isso, a caridade é comparada a sua força e se diz: "O amor é forte, é como a morte". Considerando que a caridade mata o que fomos, a fim de nos tornarmos o que não éramos, o amor opera em nós uma espécie de morte. Assim morrera aquele que declarava: "O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gl 6,14). Desta morte morreram os destinatários destas palavras do Apóstolo: "Mor-restes e vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3,3). "O amor é forte, é como a morte". Se, portanto, é válido, é forte, é valoroso, é a própria força, que orienta os fracos por meio dos firmes, a terra pelo céu, os povos pelos tronos, então, "haja paz em tua fortaleza", haja paz em teu amor. E por esta virtude, por este amor, por esta paz, "haja abundância em tuas torres", isto é, em tuas alturas. Poucos se assentarão no dia do juízo; mas muitos, colocados à direita, constituirão o povo daquela cidade. Muitos pertencerão a cada um dos mais ilustres, que os receberão nos tabernáculos eternos; e haverá "abundância em tuas torres". A plenitude das delícias, porém, e a abundância das riquezas será o próprio Deus, o próprio idipsum. Ele idipsum, por quem a cidade participará in idipsum. Esta abundância será também a nossa. Mas, como? Através da caridade, isto é, da virtude. Em quem existe a caridade, irmãos? Naquele que não procura os próprios interesses nesta vida (Fl 2,4.21). Escuta como fala o Apóstolo que possui a caridade: "Assim como eu mesmo me esforço por agradar a todos em todas as coisas", igualmente agradai, também vós. Onde fica então o que disseste: "Se eu quisesse ainda agradar os homens, não seria servo de Cristo"? (Gl 1,10). E agora dizes que agradas, agora exortas a que eles também agradem? Mas não tinha isso como finalidade. Ninguém procure agradar por sua própria causa e sim devido à caridade. Quem busca a própria glória, não pensa na salvação dos outros. Por isso, disse o Apóstolo: "Assim como eu mesmo me esforço por agradar a todos em todas as coisas, não procurando os meus interesses pessoais, mas os do maior número, a fim de que sejam salvos" (1Cor 10,32.33).

13 8 Por isso, aqui trata o salmista da caridade: “Por amor de meus irmãos e meus amigos, pedi por ti a paz, ó Jerusalém, cidade que participa in idipsum. Eu, nesta vida e nesta terra, eu, pobre, peregrino em gemidos, que ainda não gozo de tua paz, mas a anuncio, não a anuncio por minha causa, como os hereges que, buscando sua própria glória, dizem: A paz esteja convosco, e não têm a paz que anunciam aos povos, porque se tivessem a paz, não romperiam a unidade, eu, porém, “pedi por ti a paz”. Mas, por que razão? “Por amor de meus irmãos e meus amigos”, não por minha honra, não por meu dinheiro, não por minha vida; “pois, para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. Pedi a paz por ti, por amor de meus irmãos e meus amigos”. Com efeito, meu desejo é partir e ir estar com Cristo”. Quem assim pregava a seus amigos e a seus irmãos, disse: “Mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa” (Fl 1,21.23.24). “Por amor de meus irmãos e meus amigos, pedi por ti a paz”.

14 9 “Por amor da casa do Senhor meu Deus, desejo-te todos os bens”. Não procurei os bens por minha causa, senão não os buscaria para ti, mas para mim; portanto, nem eu os teria, porque não os buscaria para ti, “mas por amor da casa do meu Deus”, por amor da Igreja, por amor dos santos, dos peregrinos, dos pobres, para que subam, quando lhes dizemos: “Iremos à casa do Senhor. Por amor da casa do Senhor meu Deus, desejo-te todos os bens”. Foi um sermão prolixo, mas necessário, meus irmãos; triturai-o, comei-o, bebei-o. Fortalecei-vos, correi e apreendei.

1 Cf. Com. s/salmo 38,2; 119,1-3.

SALMO 122

SERMÃO AO POVO

1 Empreendi comentar por ordem a V. Santidade cânticos de alguém que sobe, que sobe e ama, sobe porque ama. Todo amor sobe ou desce. Pois, os bons desejos nos elevam a Deus e os maus nos precipitam no abismo. Uma vez, porém, que já caímos devido aos maus desejos, cabe-nos, se conhecemos aquele que não caiu, contudo desceu para junto de nós, aderir a ele e subir, visto que por nossas próprias forças não o podemos. Disse-nos ele, nosso Senhor Jesus Cristo: “Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu, o Filho do homem que está no céu” (Jo 3,13). Parece referir-se somente a si mesmo. Então, os demais ficaram, se subiu apenas quem desceu? Que devem fazer os restantes? Unir-se a seu corpo, constituindo um só Cristo, que desceu e subiu. Desceu a Cabeça, subiu com o corpo, revestido de sua Igreja, que apresentou a si mesmo, sem mancha, nem ruga (cf Ef 5,27). Portanto, subiu sozinho. Mas, nós também subimos se estamos com ele, membros nele incorporados. Conosco ele é único, um só, e sempre um só. A unidade nos agrega neste único homem. Somente com ele não sobem os que não quiserem ser com ele um só. Efetivamente, ele se acha no céu, com a carne ressuscitada é imortal, tendo sido mortal por algum tempo. No céu não sofre perseguição, nem ultrajes ou opróbrios, como se dignou sofrer por nós na terra. No entanto, compadecido de seu corpo a pelejar na terra, disse: “Saulo, Saulo, por que me persegues”? (At 9,4). Ninguém o tocava mais, entretanto clamava do céu que sofria perseguição. Por isso, não devemos perder a esperança; ao invés, havemos de presumir com maior confiança, porque se ele, devido à caridade, está conosco na terra, pela mesma caridade também nós estamos com ele no céu. Mostramos de que maneira ele está na terra conosco, por meio da voz proferida do alto do céu: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” enquanto Saulo absolutamente não o atingia, nem mesmo o via. Como, então, se manifesta que igualmente estamos com ele no céu? Por palavras do mesmo apóstolo Paulo: “Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra. Pois morrestes e vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,1.3). Por conseguinte, ele ainda está embaixo e nós já estamos no alto com ele. Está ele na terra pela compaixão da caridade e nós estamos no alto, por causa da esperança da caridade. “Pois fomos salvos em esperança” (Rm 8,24). Todavia, visto que é certa a nossa esperança, apesar de se tratar de evento futuro, fala-se relativamente a nós como já tendo sido realizado.

2 1 Suba, portanto, esse cantor. Cante este homem do interior do coração de cada um, e cada qual seja este homem. Se alguém repete este canto separadamente, visto que todos sois um em Cristo, é aquele homem único que fala. E não diz: Erguemos nossos olhos a ti, Senhor, e sim: “Ergo meus olhos a ti, Senhor”. Deveis considerar, efetivamente, que é cada um de vós que fala; mas principalmente fala aquele homem único, que se acha

espalhado por todo o orbe da terra. Fala aquele único, que em outra passagem assim se exprimiu: "Dos confins da terra clamei a ti, quando meu coração se angustiava" (Sl 60,3). Quem é que clama dos confins da terra? Quem é este homem único, espalhado até os confins da terra? Cada qual da região onde habita pode clamar; acaso clama dos confins da terra? A herança de Cristo, porém, da qual foi dito: "Dar-te-ei as nações por herança e como propriedade os confins da terra" (Sl 2,8), assim proclama: "Dos confins da terra clamei a ti, quando meu coração se angustiava". Angustie-se nosso coração e clamemos. De que modo se angustia o nosso coração? Não da maneira como se angustiam os malvados, por exemplo, pelo fato de sofrerem prejuízo material; pois se é assim que se angustia o nosso coração, trata-se apenas de cinzas. Se perdes algum dos teus, segundo a vontade de Deus, e com isso se angustia o coração, que há de extraordinário nisso? Igualmente por isso se angustiam os corações dos infiéis; também o padecem os que ainda não acreditaram em Cristo. Por que se angustia o coração do cristão? Porque ainda não vive com Cristo. Por que se angustia o coração do cristão? Porque ainda é peregrino e anela pela pátria. Se é assim que se angustia o teu coração, embora sejas feliz segundo o modo de pensar do mundo, ficas gemendo; mesmo que tudo prospere e o mundo te sorria em tudo, gemes no entanto, porque te vês como peregrino. Percebes, de fato, que tens a felicidade que é tal aos olhos dos estultos, mas ainda não de acordo com as promessas de Cristo. Procurando-a gemes, procurando-a desejas e com este anelo sobes, e enquanto sobes cantas o "Cântico gradual"; e cantando o "Cântico gradual", dizes: "Ergo meus olhos a ti que habitas nos céus".

3 Ao subir, para onde haveria o salmista de erguer os olhos, a não ser para o lugar a que visava e para onde de-sejava subir? Pois, subiu da terra ao céu. Eis que a terra que calcamos aos pés está em baixo e no alto está o céu, que vemos com nossos olhos. E subindo cantamos: "Ergo meus olhos a ti que habitas nos céus". Onde estão, então, as escadas? Verificamos que é tão grande a distância entre o céu e a terra, tão grande a separação, tão vasto o espaço; queremos subir para lá e não vemos escadas. Acaso nós nos enganamos, por cantarmos um "Cântico gradual", isto é, um cântico de subida? Subimos ao céu, se pensamos em Deus, que dispôs ascensões em nossos corações. Que significa subir pelo coração? Progredir em direção a Deus. Quem desanima não desce, cai; assim quem avança, sobe, mas se avançar de tal modo que não tenha orgulho, se subir sem quedas; mas se ao avançar orgulha-se, cai novamente enquanto sobe. Mas o que fazer para não se orgulhar? Erga os olhos para aquele que habita no céu, sem dar atenção a si próprio. Pois, todo soberbo olha para si mesmo e comprazendo-se em si, julga-se muito importante. Mas, quem agrada a si mesmo, agrada a um estulto, porque o fato mesmo de comprazer-se em si é tolice. Compraz-se com segurança somente quem agrada a Deus. E quem é que apraz a Deus? Aquele a quem Deus apraz. Deus não pode ter desprazer por si mesmo; que ele te agrade, a fim de lhe agradares. Ele, porém não poderá te aprazer, se te comprazes em ti. Se desagradas a ti mesmo, retira os olhos de ti. Para que dás atenção a ti mesmo? Se te olhares como convém, encontrarás em ti desprazer; e dirás a Deus: "O meu pecado está sempre diante de mim" (Sl 50,5). Esteja sempre o teu pecado diante de ti, a fim de não estar diante de Deus; também tu, não

fiques diante de ti, para estares diante de Deus. Da mesma forma que não queremos que Deus desvie de nós o seu rosto, assim queremos que desvie a face de nossos pecados; pois cantamos ambas as coisas nos salmos. “Não desvies de mim a tua face”: é a voz de um salmo e portanto é a nossa voz. O salmista pede: “Não desvies de mim a tua face”; vê como suplica em outro salmo: “Desvia a tua face de meus pecados” (Sl 50,11). Se queres que desvie a sua face de teus pecados, desvia de ti a tua face, porém não a desvies de teus pecados. Pois, se deles não apartares a tua face, hás de te irritar contra teus pecados; se, contudo, não desvias o rosto de teus pecados, tu os reconheces e Deus os perdoa.

4 Além disso, retira os olhos de ti mesmo e ergue-os para ele, dizendo: “Ergo meus olhos a ti que habitas nos céus”. Se, meus irmãos, entendermos por céus materialmente o céu que vemos com nossos olhos corporais, de fato erraremos, e pensaremos que subiremos para lá somente por escadas ou por outros meios; se, porém, subimos espiritualmente, devemos entender espiritualmente a palavra céu; se a subida é através dos afetos, o céu se acha na justiça. Que é, então, o céu de Deus? Todas as almas santas, todas as almas justas. Com efeito, também os apóstolos, embora estivessem corporalmente na terra, eram céus, porque o Senhor assentado sobre eles, percorria todo o mundo. Por conseguinte, ele habita no céu. Como? Conforme diz outro salmo: “No entanto, habitas no santuário, ó glória de Israel” (Sl 21,4). Habita no céu, habita no santuário. “Que é “santuário” senão o seu templo? “Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós” (1Cor 3,17). Mas, todos os que ainda são fracos e caminham pela fé (cf 1Cor 5,7), segundo a fé são templo de Deus; serão um dia, na plena realidade, templo de Deus. Por quanto tempo são templos de Deus pela fé? Enquanto neles Cristo habitar pela fé, conforme a palavra do Apóstolo: “Cristo habite pela fé em vossos corações” (Ef 3,17). Existem, contudo, agora céus nos quais Deus habita realmente, e que o vêem face a face: todos os santos anjos, todas as santas Virtudes, Potestades, todos os Tronos, Dominações, aquela Jerusalém celeste longe da qual peregrinamos gemendo e que suplicamos desejando-a. Ali Deus habita. Para lá o salmista ergueu os olhos da fé, para lá subiu com seus afetos e desejos. Este anelo faz a alma expelir as imundícies dos pecados e purificar-se de toda mancha, a fim de se tornar também ela um céu, pois ergueu os olhos àquele que habita no céu. Pois se compreendermos que a habitação de Deus é este céu material que vemos com nossos olhos, passará a habitação de Deus, visto que passarão céus e terra (cf Mt 24,25). Além disso, onde habitava Deus, antes de criar o céu e a terra? Mas perguntará alguém: E antes de criar os santos, onde habitava? Deus habitava em si mesmo, habitava junto de si, junto de si está Deus. E quando se digna habitar nos santos, estes não constituem a casa de Deus de tal forma que se esta for destruída, Deus caia. Deus habita nos santos de modo diverso do que nós habitamos em nossas casas. Moras numa casa; se ela for retirada, caio. Deus habita nos santos. Se ele se retira os san-tos caem. Todos os que são portadores de Deus, templo de Deus, não pensem que o sustentam de tal maneira que Deus tenha receio de que eles se furtem. Ai daqueles de quem Deus se afastar, porque cai; pois Deus em si sempre permanece. As casas onde habitamos, nos contêm; aqueles onde Deus habita, ele é quem os contém. Já

verificaste a grande diferença entre nossas moradias e a habitação de Deus; e assim reza a alma: “Ergo meus olhos a ti que habitas nos céus”, entendendo bem que Deus não precisa nem mesmo do céu para habitar; mas o céu é que dele necessita, a fim de que Deus nele habite.

5 2 Qual a continuação do versículo: “Ergo meus olhos a ti que habitas nos céus?” Como ergueste teus olhos? “Sim, como os olhos dos servos se fixam nas mãos de seus senhores, e como os olhos da serva nas mãos de suas senhoras, assim os nossos olhos estão fitos no Senhor até que de nós se compadeça”. Somos servos e serva; e Deus é Senhor e senhora. Que significam estas palavras? Que figuram essas comparações? V. Caridade, dê-me um pouco de atenção. Não é de admirar que sejamos servos e ele seja o senhor; mas é estranho que sejamos serva e ele seja senhora. Mas não é estranho sermos serva, porque somos Igreja; nem é de admirar que ele seja senhora, pois é a virtude e a sabedoria de Deus. Escuta como fala o Apóstolo: “Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1,23.24). O povo já é servo, e a Igreja serva; “Cristo, virtude de Deus e sabedoria de Deus”; ouviste ambas as coisas: “Cristo, virtude de Deus e sabedoria de Deus”. Ao ouvires a palavra Cristo, ergue os olhos para as mãos de teu Senhor; ao ouvires falar de virtude de Deus e de sabedoria de Deus, ergue os olhos para as mãos de tua senhora, porque és servo e serva: servo porque és povo; serva, porque és Igreja. Com efeito, a própria serva encontrou grande dignidade junto de Deus: tornou-se esposa. Mas até que chegue àqueles amplexos espirituais, quando seguramente gozará daquele a quem ama e por quem suspirou durante esta longa peregrinação, é esposa; e recebeu grandes arras, o sangue do esposo, pelo qual suspira com segurança. Não se lhe diz: Não ames, como se diz por vezes a uma jovem noiva, antes do casamento e com razão: Não ames; depois de te tornares cônjuge, ama. Diz-se isto com razão porque é desejo precipitado e despropositado, e não casto, amar aquele que ela não sabe se a desposará. Pode acontecer que um seja o noivo e outro o marido. Ao invés, como não há outro preferível a Cristo, a Igreja ame com segurança; antes de se unir a ele, ame, e suspire de longe, de uma distante peregrinação. Somente ele a desposará, porque foi o único a dar-lhe tal penhor. Quem pode se casar, morrendo por aquela a quem quer desposar? Se quiser morrer por ela, não existirá mais para se casar. Cristo, porém, morreu com confiança por sua esposa; ressuscitado haveria de desposá-la. Entretanto, irmãos, por enquanto sejamos como servos e serva. O Senhor efetivamente disse: “Não mais vos chamo servos, mas amigos” (Jo 15,15); talvez o disse apenas aos discípulos? Escuta a palavra do apóstolo Paulo: “De modo que já não és escravo, mas filho. E se és filho, és também herdeiro, graças a Deus” (Gl 4,7). Dirigia-se ao povo, aos fiéis. Com efeito, já redimidos em nome do Senhor, por meio de seu sangue, purificados pelo batismo, somos filhos, somos um filho, porque somos muitos de tal sorte que nele somos um só. Por que razão, então, ainda falamos como se fôssemos servos? Acaso podemos ter tanto mérito na Igreja, apesar de já sermos filhos, de servo que éramos, quanto teve o próprio apóstolo Paulo? No entanto, como escreve na epístola? “Paulo, servo de Cristo Jesus”

(Rm 1,1). Se aquele que nos pregou o evangelho, ainda se denomina servo, quanto mais devemos nós reconhecer nossa condição, a fim de ser maior em nós a sua graça? Em primeiro lugar, transformou os redimidos em servos. Aquele sangue foi o preço dado pelos servos, foi o penhor dado pela esposa. Reconhecendo, portanto, a nossa condição (embora já sejamos filhos pela graça, somos servos enquanto criaturas, porque todo o criado serve a Deus), digamos: "Como os olhos dos servos se fixam nas mãos de seus senhores, e como os olhos da serva nas mãos de sua senhora, assim os nossos olhos estão fitos no Senhor nosso Deus até que de nós se compadeça".

6 Declarou também qual a razão por que como os olhos dos servos se fixam nas mãos de seu senhor e os olhos da serva nas mãos de sua senhora, "assim os nossos olhos estão fitos no Senhor nosso Deus". Como se perguntasses: Para quê? "Até que de nós se compadeça". Que servos o salmista quis dar a entender, irmãos, servos que fixam os olhos nas mãos de seus senhores; e quais são as servas que fixam os olhos nas mãos de sua senhora, até que sua senhora se compadeça? Quem são estes servos e servas, que têm os olhos fixos nas mãos de seus senhores, senão porque eles querem castigá-los? "Assim os nossos olhos estão fitos no Senhor nosso Deus até que de nós se compadeça". Como? "Como os olhos dos servos se fixam nas mãos de seus senhores e como os olhos da serva nas mãos de sua senhora". Portanto, eles e elas, até que seu senhor, ou sua senhora se compadeça. Imagina, pois, que um senhor tenha ordenado castigar o servo: é batido, sente as dores das chagas e olha as mãos de seu senhor, até que ele diga: Basta. Chama de mão o próprio poder. E então, que dizer, meus irmãos? Nosso senhor mandou castigar-nos, e nossa senhora, a sabedoria de Deus, ordenou que fôssemos batidos; nesta vida somos flagelados e toda esta vida mortal é a nossa chaga. Escuta a palavra do salmo: "Por causa da iniqüidade castigaste o homem e fizeste consumir-se qual aranha a minha alma" (Sl 38,12). Observai, irmãos, como a aranha é frágil; com uma leve batida é esmagada e morre. O salmista, tendo em mira que não pensássemos que somente a nossa carne é frágil devido à fraqueza mortal, não disse: Fizeste com que me consumisse, para não entendermos que se tratava da carne, mas disse: "Fizeste consumir-se qual aranha a minha alma". Pois, nada é mais fraco do que nossa alma, entre as tentações do mundo, no meio dos gemidos e das aflições que surgem; nada de mais fraco até que adquira à solidez celeste, e esteja no templo de Deus, de onde não cairá mais; pois antes de chegar a esta fraqueza e debilidade, fez-se frágil como a aranha e foi expulsa do paraíso. Então, veio a ordem de se castigar o servo. Meus irmãos, notai desde quando somos castigados. Em todos aqueles que nasceram desde o início do gênero humano, em todos que agora existem, em todos os que nascerão posteriormente, Adão é castigado. Adão é castigado, isto é, o gênero humano; e muitos endureceram de tal modo que nem sentem as suas chagas. Receberam o senso da dor os membros do gênero humano que se tornaram filhos. Percebem que são castigados, e sabem quem mandou castigá-los; e ergueram os olhos para aquele que habita no céu, e de tal modo seus olhos se fixaram nas mãos de seu Senhor, até que deles se compadeça, como os olhos dos servos se fixam nas mãos de seus senhores e como os olhos da serva fitam as mãos de sua senhora. Observas que há alguns que são felizes neste mundo que riem e se gabam. Não são

flagelados, ou antes, são flagelados de modo pior ainda; ficam mais gravemente feridos porque perderam o senso da dor. Despertem e sejam castigados; percebam que são batidos, saibam que são batidos e se condoam por serem batidos. Pois, "aumentando o saber, aumenta-se o sofrer" (Ecl 1,18); a Escritura o afirmou. Por isso, declara o Senhor no evangelho: "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados" (Mt 5,5).

7 3 Ouçamos a voz de quem é castigado, e sejam tais as nossas vozes, mesmo quando tudo corre bem. Pois, quem não entende que é castigado quando adoece, quando está no cárcere, talvez em cadeias, quando sofre da parte de ladrões? Quando lhe são infligidas tribulações por alguns malvados, sente que está sendo castigado. Mas, é grande sensibilidade perceber que está sendo castigado mesmo quando tudo corre bem. A Escritura não diz no livro de Jó: que a vida humana está repleta de tentações e sim: "Acaso não é uma tentação a vida humana sobre a terra"? (Jó 7,1). Denomina tentação a vida inteira. Portanto, a tua vida toda sobre a terra constitui a tua chaga. Chora enquanto vives na terra; quer vivas na felicidade, quer em alguma tribulação, clama: "Ergo meus olhos a ti que habitas nos céus", para as mãos do Senhor, que ordenou fosses castigado, e ao qual te diriges em outro salmo nesses termos: "Por causa da iniqüidade castigaste o homem e fizeste consumir-se qual aranha a minha alma" (Sl 38,12); clama pelas mãos que ferem, dizendo: "Tem misericórdia de nós Senhor, tem misericórdia". Não são gritos de quem apanha: "Tem misericórdia de nós, Senhor, tem misericórdia?"

8 "Porque estamos saturados de opróbrios. Nossa alma está farta dos opróbrios dos que vivem na abundância e do desprezo dos soberbos". Quem é descurado, é desprezado. Todos os que optam por viver piedosamente (cf 2Tm 3,12), de acordo com os ensinamentos de Cristo, necessariamente sofrem opróbrios, são desprezados por aqueles que não querem viver piamente, e que colocam nos bens terrenos toda a sua felicidade. Zombam daqueles que chamam de felicidade bens que não podem ver com os próprios olhos e lhes dizem: Em que acreditas, louco? Vês aquilo em que crês? Alguém voltou da região dos mortos e te contou o que lá se passa? Eu, ao contrário, vejo aquilo que amo e gozo com isso. És desprezado por esperares o que não vês; despreza-te quem pensa agarrar o que vê. Observa se ele o retém. Não te perturbes. Vê se ele retém, e não te insulte. Não percas a felicidade verdadeira que há de vir, considerando-o feliz no presente. Não te perturbes. Observa se ele a retém. Foge dele aquilo que ele agarra, ou ele mesmo é quem foge daquilo que retinha para si. Forçoso é que ele passe através de seus bens, ou os bens o deixem. Por quem as riquezas transitam? Por aquele que fica arruinado durante a vida. Quem passa por seus bens? Quem morre no meio das riquezas; porque ao morrer não as leva consigo à região dos mortos. Tenho a minha casa, ele se gabava. Perguntas: Qual é a tua casa? Aquela que meu pai me deixou. E ele, onde adquiriu esta casa? Nosso avô lha deixou. Recorre ao bisavô, depois ao trisavô, e já não podes nomear outros. Não é uma razão a mais para te causar temor perceberes que muitos passaram por aquela casa e nenhum deles a levou à eterna morada? Teu pai a deixou aqui; passou por ela; assim também tu hás de passar. Se, portanto, vossa casa serve de passagem, é uma hospedaria de viajantes transitórios e não habitação permanente.

Entretanto, como esperamos os bens futuros, e suspiramos pela felici-dade futura, e ainda não apareceu o que seremos, embora já sejamos filhos de Deus (1Jo 3,2), porque nossa vida está escondida com Cristo em Deus (Cl 3,3), "estamos sa-turados de opróbrios", isto é, de desprezo da parte daque-les que buscam ou possuem a felicidade neste mundo.

9 "Nossa alma está farta do opróbrio dos que vivem na abundância e do desprezo dos soberbos". Queríamos saber quais são os que "vivem na abundância"; o salmista o expôs: "os soberbos. Opróbrio" equivale a "desprezo, e os que vivem na abundância" equivale a "soberbos". O "opróbrio dos que vivem na abundância" é repetição de: "desprezo dos soberbos". Por que os soberbos vivem na abundância? Porque querem ser felizes na terra. Como? Quando são infelizes, acaso vivem na abundância? Talvez quando são infelizes não nos insultem. V. Caridade dê-me atenção. Talvez eles insultem quando são felizes, quando se jactam com as pompas de suas riquezas, quando se gabam da vaidade das falsas honras; então nos injuriam, e nos dizem de certo modo: Olhe. Estou bem, aproveito das coisas presentes, e fiquem longe de mim os que prometem o que não podem mostrar. Seguro o que vejo, gozo do que vejo; estou bem nesta vida. Tu, porém, estás mais seguro, porque Cristo ressuscitou e te ensinou o que há de dar na outra vida; fique bem certo de que ele dará. Mas ele te injuria porque já tem o que quer. Suporta o injuriador, e hás de rir quando ele gemer; pois, virá o tempo em que vão dizer: "Estes são aqueles de quem outrora nos ríamos". Estas palavras se encontram no livro da Sabedoria. A Escritura nos revela o que hão de dizer aqueles que agora zombam de nós, nos desprezam, nos saturaram de opróbrios e de desprezo. São as palavras que hão de proferir quando a verdade os desprezar. Verão brilharem à direita aqueles que haviam desprezado quando viviam no meio deles, ao se realizar o que predisse o Apóstolo: "Quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória" (Cl 3,3.4). E eles dirão: "Estes são aqueles de quem outrora nos ríamos, de quem fizemos alvo de ultraje, nós insensatos! Considerávamos a sua vida uma loucura e seu fim infame. Como agora são contados entre os filhos de Deus, e partilham a sorte dos santos? E prosseguindo, acrescentam: Sim, extraviamo-nos do caminho da verdade; a luz da justiça não brilhou para nós, para nós não nasceu o sol. Que proveito nos trouxe o orgulho? O que nos serviu riqueza e arrogância"? (Sb 5,3-8). Ali, tu não os insultas, porque eles mesmos se insultam. Até que isso aconteça, irmãos, ergamos os olhos àquele que habita no céu; dele não retiremos os olhos, até que se compadeça de nós, e nos livre de toda tentação, opróbrios e desprezo.

10 Sucede ainda que por vezes até os que estão sob o flagelo da infelicidade temporal, nos insultam. Encontras alguém que devido ao mérito de suas iniqüidades, ou por oculto juízo de Deus, ou por manifesta condenação, é lançado no cárcere e carregado de cadeias; também ele insulta. E se alguém lhe diz: Por que não viveste honestamente? Eis a que chegaste com uma vida má. Ele responde: Por que os que vivem bem, sofrem estas coisas? Mas, eles sofrem para serem provados, para serem exercitados pelas tentações, para progredirem por meio dos flagelos; porque Deus castiga todo filho que ele

acolhe (cf Hb 12,6). E se ele castigou o Filho único, que não tinha pecado, e entregou-o por todos nós (cf Rm 8,32), como não devemos nós ser castigados, tendo praticado o que merece castigo? Ao falarmos assim, eles ainda se ensoberbecem em sua infelicidade, e aflitos, mas não humilhados, respondem: Estas são as expressões vãs dos cristãos que acreditam no que não vêem. Se também eles nos injuriam, por que havemos de pensar, irmãos, que eles não estão incluídos neste salmo, quando diz: "O opróbrio dos que vivem na abundância e o desprezo dos soberbos?" Efetivamente injuriam os cristãos mesmo os que não vivem na abundância e estão na penúria e nas tribulações; nem eles cessam de injuriar. Certamente, há o "opróbrio dos que vivem na abundância". Mas, não se encontra um atribulado que insulta? Não insultou o ladrão que estava crucificado junto do Senhor na cruz? (cf Lc 23,39). Por conseguinte, se injuriam até mesmo os que não vivem na abundância, por que diz o salmo: "O opróbrio dos que vivem na abundância?" Se pesquisarmos com diligência, também eles vivem na abundância. Como? Pois se não estivessem na abundância não seriam soberbos. Um tem fartura de dinheiro e por isso é soberbo; outro tem abundância de honrarias e daí se orgulha; outro julga que tem abundância de justiça, e por isso se ensoberbece, o que é pior ainda. Os que julgam não ter fartura de dinheiro, pensam ter grande justiça, contra Deus; e sofrendo tribulações, se justificam e acusam a Deus, dizendo: Que cometi, que fiz? E tu lhe dizes: Considera, recorda-te de teus pecados, pensa se nada fizeste. Abala-se um pouco a consciência, cai em si, pensa no mal que fez; mesmo relembrando seus pecados, nem assim quer confessar que sofre o que merece, mas diz: De fato, cometi muitos pecados; mas vejo que muitos fizeram pecados maiores e nada sofreram. Queres justificar-te diante de Deus. Por conseguinte, ele está muito bem, tem o coração cheio de justiça; com efeito, parece-lhe que Deus faz mal e ele sofre injustamente. Se lhe entregasses o leme do navio, este naufragaria com ele; quer, porém, expulsar a Deus do governo do mundo, segurar o leme da criação e distribuir dores e alegrias, penas e prêmios. Alma infeliz! Por que vos espantais? Ela tem em abundância, mas abundância de maldade, abundância de malícia; e quanto mais maldade tem, mais lhe parece ter abundância de justiça.

11 Ao invés, o cristão não deve ter abundância, mas reconhecer que é pobre; e se tiver riquezas, deve saber que não são as verdadeiras riquezas, a fim de desejar outras. Pois, quem deseja riquezas falsas, não busca as verdadeiras, enquanto aquele que busca as verdadeiras, ainda é pobre, e declara com razão: "Sou pobre e estou dolorido" (Sl 68,30). De outro lado, aquele que é pobre, mas cheio de maldade, como se diz que está na abundância? A razão é que lhe desagrada ser pobre, e pensa que tem grande justiça em seu coração, em oposição à justiça de Deus. E qual é a grandeza de nossa justiça? Por maior que seja, é um orvalho qualquer em comparação com aquela fonte; diante daquela grande fartura, são gotinhas que amolecem nossa vida, e dissolvem a dura iniqüidade. Desejamos então ser saciados plenamente na fonte da justiça, desejamos fartar-nos da abundância mencionada no salmo: "Inebriar-se-ão na abundância de tua casa. Na torrente de tuas delícias lhes dás de beber" (Sl 35,9). Enquanto estamos aqui, entendamos que somos pobres e necessitados, não somente das riquezas que não são verdadeiras, mas até da própria saúde. E quando estamos sadios, entendamos que

estamos doentes. Pois, enquanto este corpo tem fome e sede, enquanto este corpo se cansa de estar desperto, cansa-se de estar de pé, cansa-se de andar, cansa-se de ficar sentado, cansa-se de comer, e seja para onde for que se volte para procurar alívio do cansaço, encontra outro motivo de fadiga, não existe saúde perfeita, nem para o próprio corpo. Por conseguinte, as riquezas de que falávamos não são riquezas, mas mendicidade; porque à medida que aumentam, cresce a penúria e a avareza. A referida saúde corporal não é saúde, mas doença. Aliviamo-nos cada dia com os medicamentos de Deus, porque comemos e bebemos; são medicamentos que nos são oferecidos. Irmãos, se quereis ver que doença nos ataca, vede que se alguém jejua sete dias, fica consumido pela fome. Portanto, a fome está aí; não a sentes, porque a curas todos os dias; com efeito, nem a própria saúde em nós é perfeita.

12 Note V. Caridade como perceberemos que somos pobres, de tal sorte que nos alegremos junto de Deus e ergamos nossos olhos para aquele que habita no céu. As riquezas da terra não são as verdadeiras: aumentam a cupidez daqueles que as possuem. A saúde de que falamos não é a verdadeira saúde corporal, porque traz consigo uma fraqueza sempre defectiva; para qualquer lado que se volte, desfalece. Não encontras firmeza nem nos próprios socorros. Cansas de estar de pé, procuras sentar-te; podes ficar muito tempo sentado? Quem resolveu não se cansar, tem de que desanimar. Cansa-se de estar desperto, vai dormir; acaso porque dormiu, não desfalece? Cansa-se de jejuar, procura a refeição; se comer demais, desfalece. Esta fraqueza não deixa perdurar coisa alguma. E que acontece com a justiça? Que justiça há entre tantas tentações? Podemos abster-nos de homicídio, de adultério, de furtos, de perjúrios, de fraudes; poderemos evitar os maus pensamentos? E as sugestões dos maus desejos? Qual, então, é a nossa justiça? Por conseguinte, tenhamos fome totalmente, tenhamos sede totalmente das verdadeiras riquezas, da verdadeira saúde, da verdadeira justiça. Quais são as verdadeiras riquezas? Aquela moradia celeste em Jerusalém. Quem é considerado rico nesta terra? Quando se louva um rico, como se fala? É muito rico; nada lhe falta. Certamente, a primeira parte é um louvor; a segunda não é: nada lhe falta. Observa se nada lhe falta. Se nada deseja, nada lhe falta; se, porém, ainda deseja bens maiores do que os que possui, aumentaram as riquezas para crescer a pobreza. Naquela cidade de Jerusalém, contudo, as riquezas serão verdadeiras, porque lá nada nos faltará; não necessitaremos de coisa alguma e haverá genuína saúde. Qual é a genuína saúde? Quando a morte for absorvida na vitória, quando este ser corruptível tiver revestido a incor-ruptibilidade, e este ser mortal tiver revestido a imortalidade (1Cor 15,54); então haverá verdadeira saúde, então haverá verdadeira e perfeita justiça, e não somente não poderemos praticar mal algum, mas nem mesmo pensar nisso. Agora, porém, necessitados, pobres, indigentes, doloridos suspiramos, gememos, rezamos, erguemos os olhos para Deus; pois aqueles que são felizes neste mundo nos desprezam, porque estão na abundância, e têm no coração uma justiça que é falsa. Não alcançam a verdadeira justiça, porque estão repletos da falsa. Tu, porém, a fim de alcançares a verdadeira justiça, sê pobre e mendigo da justiça de Deus e escuta a palavra do evangelho: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6).

SALMO 123

SERMÃO AO POVO

1 1 Já estais bem cientes, irmãos caríssimos, de que cântico gradual é o cântico de nossa ascensão, e esta subida não se realiza com os pés corporais, mas com os afetos do coração. Freqüentemente inculcamos isto; por isso, não precisamos repetir com freqüência as mesmas coisas, para haver ocasião de explicar o que ainda não foi exposto. Também o salmo que ouvistes agora cantar intitula-se: "Cântico gradual". É o seu título. Cantai-o, portanto, enquanto subis. Por vezes, é um só que canta, outras vezes muitos; porque somos um embora muitos, visto que Cristo é um só e em Cristo, os membros de Cristo com ele formam um só homem. A Cabeça destes membros todos está no céu. Embora o corpo ainda labute na terra, não está separado de sua Cabeça. A Cabeça considera do alto e cuida do corpo. Pois se não cuidasse, não diria àquele perseguidor que ainda era Paulo, antes de ser Paulo: "Saulo, Saulo, por que me persegues"? (At 9,4). Tendes conhecimento disto muito bem e vos é familiar. Não se aborreçam os que ainda se lembram, a fim de que por sua paciência, relembrem aqueles que haviam se esquecido; são palavras salutares e devem ser repetidas freqüentemente. Seja, portanto, um só que cante, ou muitos cantem, muitos formam um só, por causa da unidade. E Cristo, conforme dissemos, é um só, e todos os cristãos são membros de Cristo.

2 Que é, então, que eles cantam? Que cantam os membros de Cristo? Eles amam, e amando cantam, cantam repletos de desejos. Às vezes cantam em tribulação, outras vezes cantam exultando, cantam com esperança. Nossa tribulação é no mundo atual, nossa esperança, porém, é a respeito do século futuro; e se na tribulação presente não nos consola a esperança do século futuro, perecemos. Nossa alegria, portanto, irmãos, ainda não é na plena realidade e sim na esperança. Nossa esperança é tão segura que já parece realidade perfeita; não temos medo porque foi a Verdade quem o prometeu. Pois a Verdade não pode enganar-se nem enganar. É bom aderir a ela; ela nos liberta, mas se permanecermos em sua palavra. Agora cremos, então veremos; ao acreditarmos, nossa esperança está neste mundo; ao vermos, a realidade será no século futuro. Então veremos face a face (cf 1Cor 13,12); veremos face a face, quando tivermos o coração purificado. "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8). Como se purificam os corações senão pela fé, conforme disse Pedro nos Atos dos Apóstolos: "Purificou os seus corações pela fé" (At 15,9). Nossos corações se purificam pela fé, para se tornarem idôneos a apreender a realidade. Caminhamos agora pela fé, ainda não na plena visão, conforme diz o Apóstolo: "Enquanto habitamos nesse corpo estamos fora da nossa mansão, longe do Senhor". Que significa: "Estamos fora da nossa mansão? Caminhamos pela fé e não pela visão" (2Cor 5,7.6). Quem, portanto, está peregrinando e caminha pela fé, ainda não está na pátria, mas já está a caminho; quem, contudo, não crê, não está na pátria, nem no caminho. Andemos, portanto, como quem

está a caminho; porque o próprio Rei de nossa pátria se fez caminho. Rei de nossa pátria é o Senhor Jesus Cristo; e lá está a verdade, aqui, porém, o caminho. Para onde vamos? Para a verdade. Por onde vamos? Pela fé. A quem vamos? A Cristo. Por onde vamos? Por Cristo. Ele próprio disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). Ele havia dito certa vez aos que nele acreditavam: "Se perma-necerdes na minha palavra, sereis, em verdade, meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (Jo 8,31.32). Disse: "Conhecereis a verdade, mas se permanecerdes na minha palavra". Em que palavra? De acordo com o que diz o Apóstolo: "A palavra da fé que nós pregamos" (Rm 10,8). Em primeiro lugar, portanto, vem a palavra da fé. Se permanecermos nesta palavra da fé, conheceremos a verdade e a verdade nos libertará. A verdade é imortal, a verdade é imutável; a verdade é aquele Verbo do qual foi dito: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus". E quem vê isto, senão o coração purificado? Como se purificam os corações? "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (Jo 1,1.14). O Verbo que permanece em si é a verdade da qual nos aproximamos e que nos liberta; quanto ao verbo da fé, no qual o Senhor quer que permaneçamos a fim de conhecermos a verdade, é o seguinte: "O Verbo se fez carne, e habitou entre nós". Crês no Cristo nascido na carne, e chegarás ao Cristo nascido de Deus, Deus junto de Deus.

3 Exultantes cantam eles os salmos que lemos; estes membros de Cristo exultantes cantam o presente salmo. E quem pode exultar aqui na terra, a não ser em esperança, conforme disse? Seja segura a nossa esperança e cantemos exultando. Os que cantam não nos são estranhos, nem deixa de ser nossa a voz deste salmo. Ouvi como que escutando a vós mesmos; ouvi como que observando a vós mesmos no espelho das Escrituras. Quando observas, como num espelho as Escrituras, tua face se alegra. Ao verificares que és semelhante, pela exultação da esperança, a certos membros de Cristo que cantaram tais palavras, estarás também tu entre esses membros, e cantarás essas palavras. Por que eles exultantes cantam estas palavras? Porque escaparam. Por conseguinte, cantam na esperança. Enquanto somos peregrinos na terra, ainda não escapamos. Na verdade, alguns membros nos precederam, pertencentes ao corpo a que também nós pertencemos, e que podem cantar verdadeiramente. Isto cantaram os santos mártires; já escaparam, e estão alegres com Cristo, para receberem os corpos incorruptos, os mesmos que antes eram corruptíveis, e nos quais sofreram os tormentos; tornaram-se para eles ornamentos de justiça. Portanto, quer sejam eles já na realidade, ou nós na esperança, unindo-nos pelo afeto às suas coroas e desejando uma vida tal como aqui não temos, e não poderíamos ter a não ser que por ela anelemos, cantemos todos juntos o seguinte: "Se o Senhor não estivesse conosco". Ponderaram as tribulações passadas e já estabelecidos em seu lugar, na bem-aventurança, em segurança, consideraram por onde haviam atravessado e aonde chegaram; e como era difícil sua libertação sem a assistência da mão do libertador, disseram com alegria: "Se o Senhor não estivesse conosco". Assim começaram eles a cantar; ainda não disseram de onde escaparam. Tão grande é sua exultação: "Se o Senhor não estivesse conosco".

4 2 “Diga-o agora Israel. Se o Senhor não estivesse conosco”. Diga-o agora, porque já escapou. Os que escapam, isto é, que já escaparam, é que este salmo contempla. Decidamos também nós vê-los triunfantes pelo coração, e como se estivéssemos entre eles, conforme foi dito no salmo anterior: “Detiveram-se os nossos pés em teus átrios, ó Jerusalém” (Sl 121,2). Ainda não estavam em Jerusalém, mas estavam a caminho; tão grande era a alegria dos que se apressavam para lá e tão grande a esperança de chegar que ainda estando a caminho e cansados, já se consideravam lá. Assim também agora nós nos vejamos naquele triunfo que teremos no século futuro, quando atacaremos a morte já terminada, já consumida, dizendo-lhe: “Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?” (1Cor 15,55). Já unidos aos anjos, e exultantes com nosso Rei, que quis ser o primeiro a ressurgir, embora não tenha querido ser o primeiro a morrer. De fato, muitos morreram antes dele, mas ninguém ressuscitou antes dele eternamente. Mas, exultantes com ele, também lá estabelecidos em esperança e de coração, porque escapamos, pensemos de que escapamos, de que escândalos, de que tribulações do mundo, de que perseguições dos pagãos, de que fraudes de todos os hereges, de que sugestões do diabo, de que combates dos desejos maus. Quem escapará de tudo isso, “se o Senhor não estivesse conosco? Diga-o agora Israel”; com firmeza, pois, diz Israel: “Se o Senhor não estivesse conosco”. Quando? “Quando os homens se levantaram contra nós”. Não te espantes: foram vencidos, pois eram homens. O Senhor, porém, estava conosco, não era um homem entre nós; quanto aos homens, levantaram-se contra nós. Todavia os homens oprimiriam os outros homens, a não ser que, com os homens que não puderam ser oprimidos, estivesse não um homem, mas o Senhor.

5 3 Por conseguinte, “se o Senhor não estivesse conosco, quando os homens se levantaram contra nós”. Que não vos fariam os homens, enquanto estáveis alegres cantando, seguros da felicidade eterna? Que não vos fariam os homens que se levantaram contra vós, se o Senhor não estivesse convosco? Que não fariam? “Decerto nos teriam devorado vivos. Devorado vivos”; não matariam primeiro para depois devorar. Oh, desumanos! Oh, cruéis! Não é assim que devora a Igreja. Foi dito a Pedro: “Imola e come” (At 10,13). E não: Devora vivos. Como, então, Pedro, isto é, a Igreja, imola e come? E como estes que se levantaram contra nós, “decerto nos teriam devorado vivos, se o Senhor não estivesse conosco?” Porque ninguém é incorporado à Igreja, se não for morto primeiro. Morre o que foi para se tornar o que não era. De outra forma, quem não é imolado para ser comido pela Igreja, pode ser do número do povo que vêem os olhos humanos; do número, porém, do povo conhecido por Deus, do qual fala o Apóstolo: “O Senhor conhece os que lhe pertencem” (2Tm 2,19), não pode constar senão o que foi comido e só poderá ser comido se primeiro for imolado. Vem um pagão, ainda idólatra. Deve ser inserido entre os membros de Cristo. Para isto, deve ser comida. Para ser comido pela Igreja, deve ser morto. Renuncie ao século, e então é imolado; acredite em Deus e é comido. Como, então, eles “decerto nos teriam devorado vivos, se o Senhor não estivesse conosco?” Surgiram muitos perseguidores outrora e mesmo agora eles não faltam. Surgem isoladamente, e por vezes devoram vivos, mas somente aqueles com os quais o Senhor não está. Por isso, antes de tudo eles disseram: “Se o Senhor não

estivesse conosco", porque muitos serão devorados, quando com eles não está o Senhor. São absorvidos vivos os que sabem que é mal o que lhes dizem e consentem. Pois, apareceram alguns perseguidores que diziam aos outros: Oferecei incenso; se não nós vos matamos. Eles preferiram a vida presente e ficaram presos à doçura desta vida. Não preferiram as coisas que Deus prometeu àquelas que viam na terra. Recebiam ordem de acreditar naquelas que ainda não viam, mas eles amavam as que viam. Mais apegados às coisas que viam, expeliram o Senhor de seus corações; e como o Senhor não estava com eles, foram devorados vivos. Que quer dizer: foram devorados vivos? Eles ofereceram incenso aos ídolos, sabendo que o ídolo era um nada. Pois, se julgassem que o ídolo é alguma coisa, seriam devorados depois de mortos; mas como pensavam que o ídolo nada é, e sabiam que todas as crenças dos gentios são vãs, eles estão vivos; e ao fazerem o que querem os perseguidores, são absorvidos vivos. Mas são devorados, porque o Senhor não está com eles. Aqueles com os quais está o Senhor, são feridos de morte e não morrem. Mas, os que consentem quando estão vivos, são devorados vivos, e devorados morrem. Aqueles, contudo, que sofreram e não cederam no meio das tribulações, exultam e dizem: "Diga-o agora Israel; diga-o exultando, diga-o com segurança: Se o Senhor não estivesse conosco, quando os homens se levantaram contra nós, decerto nos teriam devorado vivos".

6 4 "Quando sobre nós se descarregou o seu furor". Sabeis, irmãos, que em um dos salmos anteriores, no início dos cânticos graduais alguém pediu auxílio contra a língua dolosa. Começava a subir e disse: "Senhor, livra a minha alma de lábios iníquos e de língua enganadora". Logo que o homem começa a subir e avançar, no próprio início da ascensão, padece das línguas enganadoras, acariciadoras para perder, brandas para persuadir à prática do mal: Que fazes? Por que assim ages? Não é possível viver de outra maneira? Não se pode servir a Deus de outro modo? És o único que queres ser o que os outros não são! E se estiveres com outros, que profere aquela língua suave e enganadora? Eis que eles puderam fazer isto, mas talvez tu não possas. Começas e desanimas; seria melhor não começar, do que começar e desistir. A língua enganadora ainda acaricia. Se persistires, a língua enganadora e acariciadora é vencida, mas começa a atacar abertamente; e a que acariciava para seduzir, ameaça para atemorizar. Mas se o Senhor está contigo e de coração não te apartares de Cristo, vences a língua enganadora por meio de setas agudas e de carvões devoradores (Sl 119,2.4), isto é, pelas palavras de Deus que estavam fixas em teu coração e pelos exemplos dos justos, que estavam mortos e foram vivificados, de pecadores se tornaram justos, como os carvões apagados revivem. Como os venceste com setas e carvões devoradores, quando seduziam adulando fraudulentamente e com suavidade, assim vences a estes que furiosos ameaçam, porque não puderam seduzir com carícias. Foram vencidos quando lisonjeavam, sejam superados quando ameaçam. Mas, como são vencidos, senão porque o "Senhor estava conosco?" Manifesta-se que não foste tu que venceste, mas venceu aquele que está em ti. Trazes contigo tal imperador e és vencido? Aquele que trazes não é o que disse: "Eu venci o mundo"? (Jo 16,33). Ele primeiro não venceu o diabo morrendo, estando sempre acima de todas as criaturas, porque é Verbo, Deus junto de

Deus? Por que venceu, senão para te ensinar a lutar com o diabo? No entanto, já instruído, se não estiver contigo aquele que foi o primeiro a vencer, serás vencido. “Se o Senhor não estivesse conosco, quando os homens se levantaram contra nós, decerto nos teriam devorado vivos. Quando sobre nós se descarregou o seu furor”. Já se irritam, já abertamente se enfurecem: “Sem dúvida as águas nos tragariam”. Chama de água, o povo pecador; veremos na seqüência que espécie de águas. Todo aquele que consentir no que eles querem, as águas o tragam. Morreria com morte semelhante a dos egípcios, e não atravessaria a exemplo dos israelitas (cf Ex 14,22-29). Tendes conhecimento, irmãos, de que o povo israelita atravessou o mar, e as águas cobriram o povo egípcio. “As águas nos tragariam”.

7 5 Mas que água é esta? É torrente que corre com ímpeto, mas logo passa. Chamam-se torrentes os rios que crescem por causa de chuvas repentinas; são impetuosas. Todo aquele que não está com o Senhor e nela cair, é arrastado. A alma que, contudo, tem o Senhor consigo, atravessa a torrente. A torrente ainda não secou, mas a alma dos mártires já a atravessou. Enquanto o tempo presente transcorre, com nascimentos e mortes, existe a torrente; daí provêm as perseguições, desta torrente. Dela bebeu, em primeiro lugar, nossa Cabeça, conforme a palavra do salmo: “Beberá da torrente no caminho”. Bebeu desta torrente, daquela água que representa o povo perseguidor, aquele que disse a seus discípulos: “Podeis beber o cálice que estou para beber”? (Mt 20,22). “Beberá da torrente no caminho”. Que quer dizer: “Beberá no caminho”? Beberá de passagem, sem se deter. Bebe no caminho, porque talvez tenha sido dito a respeito dele: “Não se deteve no caminho dos pecadores” (Sl 1,1). Bebe de passagem. E que foi dito por este motivo? “Por isso levantará a cabeça. Beberá da torrente no caminho, por isso levantará a cabeça” (Sl 109,7). Nossa Cabeça já foi exaltada, porque bebeu da torrente no caminho; nosso Senhor já sofreu a paixão. Se, portanto, nossa Cabeça já está exaltada, porque o corpo há de temer a torrente? Sem dúvida, uma vez que a Cabeça está exaltada, o corpo dirá em seguida: “Nossa alma atravessou a torrente; talvez tenha nossa alma atravessado águas sem substância”. Eis a água da qual o salmista declarava: “Sem dúvida as águas nos tragariam”. Qual a água sem substância? Que significa: “sem substância?”"

8 Primeiro vejamos que quer dizer: “Talvez tenha nossa alma atravessado?” Os latinos exprimiram como puderam a palavra grega ára. Assim consta dos exemplares gregos: ára. É palavra de quem duvida, expressando-se, de fato, num termo dubitativo: fortasse, talvez. Mas, não é bem isto. Podemos traduzi-lo por uma palavra menos adequada ao latim, mas apta a ser apreendida por vossas inteligências. Os púnicos dizem iar (não no sentido de madeiro) quando duvidam; é isso que os gregos exprimem por ára, e os latinos podem ou costumam dizer: pensas? Por exemplo, ao falarem: Pensas que escapei disso? Se, portanto, se diz: Talvez escapei, vedes que não exprime isso. A palavra que empreguei: Pensas? é um modo usual de falar; mas não é latim. Posso expressar-me assim, quando vos faço alguma exposição; muitas vezes, emprego termo não latino, a fim de entenderdes. Não posso escrever isto, pois não seria locução latina; faltando um termo

latino, foi empregado em seu lugar o que não é muito exato. No entanto, entendei como se dissesse: Pensas, teria "nossa alma atravessado águas sem substância?" E por que dizem: Pensas? Porque a intensidade do perigo faz com que seja quase incrível a evasão. Houve grande mortandade, e eles atravessaram grandes perigos; foram inteiramente oprimidos, de tal sorte que estando vivos, quase consentiram, quase foram devorados vivos; por isso, já tendo escapado, já seguros, mas lembrados da intensidade do perigo, dizem: Pensas, teria "nossa alma atravessado águas sem substância?"

9 Que será água sem substância, senão a água dos pecados sem substância? Pois os pecados não têm substância; estão na penúria, não têm substância; têm pobreza, não substância. Nesta água sem substância, perdeu aquele filho mais jovem todos os seus haveres (substan-tiam suam). Sabeis que o filho mais jovem partiu para uma região longínqua, tendo dito a seu pai: "Dá-me a parte da herança que me cabe". Que queres? Ela se conservará melhor em poder de teu pai; é tua, queres dissipá-la; queres partir para longe. "Dá-me". O pai deu. Partiu para uma região longínqua e vivendo prodigamente com meretrizes perdeu toda a sua herança; ficou pobre, cuidando de porcos; em sua miséria lembra-se das riquezas de seu pai (cf Lc 15,12-17). Se a pobreza não o impelisse, não desejaria aquela saciedade. Considerem, portanto os seus pecados, vejam todos se os pecados têm substância. Por que o pecador irritou a Deus? Se não vês teu pecado antes de cometê-lo, pondera-o ao menos depois de cometido. A doçura deste mundo adoça a boca por um pouco de tempo; muda-se depois em grande amargura. Pecaste, tiveste um lucro; que lucro tiveste? Para lucrares, ofendeste a Deus, para aumentares o dinheiro, diminuíste a fidelidade, e o ouro se acumulou. Que perdeste e que adquiriste? Chama-se ouro o que adquiriste, chama-se fidelidade o que perdeste; compara a fidelidade com o ouro se a fidelidade fosse uma mercadoria, teria preço? Ponderas teus lucros, mas não pesas teus danos? Alegras-te com tua caixa e não lamentas teu coração? Tua caixa está repleta não sei de quê; mas vê o que diminuiu em teu coração. Ao abrires a caixa, encontras as moedas que lá não estavam; bem, alegra-te o que antes ali não estava. Observa o cofre do teu coração; a fidelidade lá se encontrava e não está mais ali. Se te regozijas por causa do ouro, porque não por causa do ouro, porque não te lastimas por causa da fidelidade? Perdeste mais do que adquiriste. Queres ver o que perdeste? Nem um naufrágio te poderia arrebatar a fidelidade. Efetivamente, por vezes, os mercadores perdem tudo no mar, escapam sem nada. Muitos naufragaram com Paulo (cf st 27,41). Aqueles que amavam o mundo sofreram naufrágio e escaparam sem coisa alguma; eles perderam o que tinham fora de si, e encontraram a morada de seu coração vazia. Paulo, ao contrário, trazia no coração o patrimônio de sua fé, que nem os vagalhões, nem as tempestades puderam lhe arrebatar; saiu despojado, mas saiu rico. Tais riquezas é que devemos ambicionar. Mas não as vejo, tu me dizes. Alma estulta, não as vês com os olhos carnais; com os olhos do coração as verás. Mas não vês a fidelidade. Por que a vês em outrem? Por que gritas quando alguém viola a fidelidade que te prometeu, se não a vês? Se alguém rompe a fidelidade, gritas. Queres que seja demonstrada para contigo e então a vês; se é exigida de ti, então não a vês? O que reclamas por que outro não tem para contigo, lastima não teres para com ele. E vê que o

pecado que cometes, é sem substância. O que se adquire com o pecado parece ser substância. Mas nem isso se adquire. Possui o ouro quem sabe utilizá-lo; quem, de fato, não sabe utilizar o ouro, é tido, não tem; é possuído, não possui. Sede donos do ouro e não servos do ouro, porque Deus fez também o ouro, e te criou acima dele. Fez o ouro para teu subsídio e criou-te à sua imagem. Vê quem está acima de ti e pisa sobre o que está abaixo de ti. Que foi, então, que adquiriste? Queres verificar como a água não tem substância? Leva contigo à região dos mortos o que adquiriste; que farás disto? Adquiriste ouro e perdeste a fidelidade. Poucos dias depois, deixas esta vida e não podes levar contigo o ouro que adquiriste perdendo a fidelidade. Teu coração sem a fidelidade sai deste mundo e vai para o suplício. Enquanto ao contrário, cheio de fidelidade, sairia para a coroa. Eis que nada é o que fizeste, e por causa do que nada vale ofendeste a Deus. Foi uma água sem substância que te tragou. "Por que razão o ímpio desafiou a Deus"? (Sl 9,34). "Confundidos sejam todos os operários de coisas vãs" (Sl 24,4). Pois, ninguém pratica o mal a não ser em vão; mas ninguém reflete nisso.

10 Vão os homens e escutam aquele provérbio comum; e os provérbios de Deus neles estão adormecidos. Que provérbio é este? Prefiro o que tenho ao que espero. Ó infeliz, que é que tens? Eis que dizes: Prefiro o que tenho; segura-o para não perdê-lo, e dize: Prefiro o que tenho. Se, porém, não o tens, por que não agarras aquilo que não podes perder? Que tens, então? Ouro. Segura-o, então; se o tens, não te seja roubado, contra tua vontade. Pelo ouro és arrastado aonde não queres. O ladrão maior vai a tua procura, porque encontrou um ladrão menor. A águia maior te procura, porque primeiro apanhaste a lebre. O menor se tornou tua presa, serás presa do maior. Os homens não o vêem nas coisas humanas; eles cegaram por tamanha cupidez. É espantoso, irmãos; apavorem-se os que o consideram. O mais forte procura o mais fraco, e procura oprimi-lo, pela única razão de que tem o que ele pode roubar-lhe. Vê que o inferior sofre tribulação pelo único motivo de ter o que tem, e acumula para si aquilo que lhe ocasiona a tribulação. O mais poderoso não atendia a isso quando perseguia; o inferior fugia, era torturado, temia, procurava onde se esconder; por que padecia estes males, senão porque possuía alguma coisa? Ao menos com ele aprende de que deves fugir. Cuida não te sejam arrebatados os bens que atormentavam, quando o perseguias. Outro não te persiga, tendo com que te atormentar. Observa que estás na abundância; se o procuras porque é rico, tem medo de enriquecer para que outro não te ataque. E tudo isso é vaidade. Procura qual o fim e encontras trevas. Pergunta por que e não há resposta.

11 6 Em conseqüência disso, alegrem-se e rejubilem-se no Senhor os que dizem: "Nossa alma atravessou as águas sem substância" e recebam seus bens. Eles os perderam vivendo prodigamente; mas acaso o Pai se tornou pobre? Voltem, e encontrarão ali riquezas que haviam dissipado numa região longínqua com meretrizes; escapem das águas sem substância e digam: "bendito o Senhor que não nos entregou como presa aos seus dentes". Pois, havia caçadores que perseguiam e puseram uma isca na armadilha. Que isca? Os prazeres desta vida, de tal forma que cada um por causa da suavidade desta vida ponha a cabeça na maldade, e seja apanhado na armadilha. Mas não aqueles

nos quais estava o Senhor, aqueles que declaram: “Se o Senhor não estivesse conosco”; não são apanhados no laço. O Senhor esteja contigo e não serás apanhado na armadilha. Clama: “Bendito o Senhor que não nos entregou como presa aos seus dentes”.

12 7 “A nossa alma como pássaro escapou ao laço dos caçadores”. Como o Senhor estava na alma, a alma como pássaro escapou ao laço dos caçadores. Por que como pássaro? Porque caíra incauta como um pássaro. E poderia dizer depois: Deus me perdoará. Ó pássaro instável, firma de preferência o pé na pedra, não caias na armadilha. Serás apanhado, consumido, esmagado. O Senhor esteja contigo; e te livrará de ameaças maiores, do laço dos caçadores. Assemelha-se isto no seguinte: Se vires uma ave a ponto de cair no laço, fazes um grande barulho para que voe do laço; assim também quanto aos mártires, talvez algum deles já se inclinasse para a suavidade desta vida. O Senhor estava com eles, e fez barulho com a ameaça da geena, e o pássaro escapou do laço dos caçadores: “A nossa alma como pássaro escapou do laço dos caçadores”. E então? Sempre haverá aquele laço? Laço era a suavidade desta vida. Eles não aderiram ao laço e foram mortos. Com sua morte o laço foi quebrado; já não subsistia a suavidade desta vida, que poderia de novo apanhá-los, mas foi quebrada. Acaso também o pássaro foi esmagado? De forma nenhuma, porque não estava no laço; “Quebrou-se o laço e fomos libertados”.

13 8 Clamem, portanto, porque foram libertados; voem para Deus, triunfem em Deus, porque foram libertados; porque o Senhor estava com eles, a fim de não serem apanhados no laço. Por que o laço se quebrou e fomos libertados? Queres saber por quê? “O nosso socorro está no nome do Senhor, que fez o céu e a terra”. Pois, se este auxílio não existisse, nem por isso o laço seria permanente; mas o pássaro apanhado seria triturado. De fato, esta vida é transitória; os que forem aprisionados por sua suavidade e por meio dela ofenderem a Deus, passarão com a vida presente. Com efeito, o laço será quebrado. Podeis estar certos disso. Toda a suavidade da vida presente passará, uma vez cumprida sua função. Mas não deves aderir a ela, a fim de que ao se romper o laço, exultes e digas: “Que-brou-se o laço e fomos libertados”. Mas, para não pensares que podes fazer isto por tuas forças, considera de quem precisas para libertar-te (pois, se te orgulhares, cairás na armadilha), e declara: o nosso socorro está no nome do Senhor, que fez o céu e a terra”.

14 O salmo foi comentado, e na medida que o Senhor se dignou ajudar-nos, como penso, foi explicado. Estais bem cientes de que amanhã devemos a V. Caridade um sermão; comparecei e ajudai-nos com vossas orações. Deveis estar lembrados de nossa promessa; não diria de que haveria de tratar se não quisesse ser auxiliado por vossa fé e vossas orações. Recordai-vos de que prometi expor-vos o trecho do evangelho: “A lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo” (Jo 1,17). Costumam os hereges, especialmente os maniqueus, acusar a lei e afirmar que não foi Deus quem a promulgou. Pois, expondo esta passagem deve-se tornar conhecido que foi Deus quem deu a lei, e deu-a por meio de Moisés; havia determinada causa por que ela não transmitia a salvação. A lei não salvava, a fim de que se anelasse pelo Imperador, o

próprio legislador, que desse o perdão aos pecadores; de fato, a lei foi dada por meio de Moisés, e a graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo. Quis despertar vossa atenção para esse fato. Assista-nos a misericórdia do Senhor, não por nossos méritos, mas talvez devido ao merecimento de vosso desejo; não por nossas faculdades, mas pela abundância de seus dons; seja assim comentada uma questão bastante necessária aos homens do Novo Testamento, de tal sorte que o inimigo não encontre trevas de espécie alguma onde se ocultar para enganar os fiéis.

SALMO 124

SERMÃO AO POVO

1 1.2 Este salmo, pertencente ao número dos cânticos graduais (título de que já falamos muito nos outros salmos, e não queremos repetir aqui, para não suceder ocasionarmos mais confusão do que instrução), ensina-nos, ao subirmos e erguermos nossas almas ao Senhor nosso Deus com afetos de amor e piedade, a não nos impressionarmos com os que prosperam neste mundo, com uma felicidade falsa, aérea e inteiramente sedutora. Esta felicidade nutre apenas o orgulho, e o coração deles permanece frio em relação a Deus e impenetrável à chuva de sua graça, de sorte a não frutificar. Eles, presumindo de que têm tudo com fartura do que é necessário ao sustento da vida presente, e além do necessário, se exaltam; e sendo homens inferiores a todos pela malícia, julgam-se superiores a todos os homens, devido à soberba. Oxalá se considerassem ao menos iguais aos outros. Vendo e observando demais, por vezes, a tais homens, mesmo os que adoram a Deus, vacilam e hesitam, como se estivesse perdida a recompensa dos que cultuam a Deus, por se verem em trabalhos, em pobreza, em tribulação, com doenças e dores, passando necessidade, e notam que outros têm saúde corporal, fartura de bens temporais, alegram-se com a incolumidade dos seus, florescem com o brilho das honrarias; e estes não apenas não adoram a Deus, mas ainda são adversários de todos os homens; observando-os, hesitam e repetem interiormente o que está claramente escrito em outro salmo: “Como sabe Deus? Ou será que o Altíssimo tem conhecimento? São assim os pecadores e opulentos no mundo; aumentam suas riquezas. E prossegue: Foi então inutilmente que justifiquei meu coração e lavei minhas mãos entre os inocentes”? (Sl 72,11-13). Por acaso fui um tolo querendo viver com justiça e inocência no meio dos homens, quando sei que os que não querem conservar a inocência, gozam de tamanha felicidade e os felizes em sua iniqüidade injuriam os justos?

2 Mas, quem foi que proferiu essas palavras do salmo? Alguém que ainda não tinha reto o coração. Foi assim que começou o salmo que acabamos de citar (não este que agora empreendemos meditar e comentar), nesses termos: “Como sabe Deus? Ou será que o Altíssimo tem conhecimento? São assim os pecadores e opulentos no mundo, aumentam suas riquezas. Foi então inutilmente que justifiquei meu coração e lavei minhas mãos entre os inocentes”? (Sl 72,11-13). Com efeito, o salmo em que vedes a alma periclitando, os pés quase resvalando, assim começa: “Como é bom o Deus de Israel para os retos de coração! Os meus pés quase escorregaram e por um triz não resvalaram os meus passos. Por quê? Ao ter inveja dos maus, observando a paz dos pecadores” (Sl 72,1-3). Aquele que olhou e inspecionou a felicidade dos pecadores e verificou que gozavam de paz, enquanto ele estava em tribulação, declara que por isso seus pés se abalaram e quase resvalaram seus passos, caindo para sua ruína, longe de Deus. Narrou isto, porém, quando já escapara, e tendo-se corrigido de coração aderira a Deus; narrou

seus perigos passados. Portanto, “é bom o Deus de Israel”. Mas, para quem? “Para os retos de coração”. Quais são os retos de coração? Os que não acusam a Deus. Quais são os retos de coração? Os que orientam sua vontade conforme a vontade de Deus e não se esforçam por dobrar a vontade de Deus à sua. É um curto preceito: que o homem corrija seu coração. Queres ter um coração reto? Cumpre o que Deus quer; e não procures que faça Deus o que tu queres. São corações perversos, isto é, não têm o coração reto os que se sentam e discutem como Deus devia agir; não louvam o que fez, mas criticam. Querem corrigi-lo; ainda não basta que não queiram ser corrigidos por ele, mas dizem: Deus não devia fazer os pobres, mas somente deviam existir os ricos; eles somente deviam viver. Para que o pobre? Para que vive? Censuram o Deus dos pobres. Quanto melhor seria que fosse ele um pobre de Deus, e seria rico dos dons de Deus, isto é, seguiria a vontade de Deus, e veria que sua pobreza é temporal, transitória, enquanto no futuro serão suas as riquezas espirituais que de forma alguma podem acabar; e teria como riqueza a fé no coração, se não lhe sucede ter ouro no cofre? Se tivesse ouro no cofre, teria medo do ladrão, e mesmo não querendo perderia o ouro do cofre; quanto à fé do coração não a perderia se ele mesmo não a expulsasse de lá. Rapidamente, porém, se poderia responder, caríssimos irmãos. Deus fez o pobre, para experimentar os homens; e Deus fez o rico para experimentá-lo acerca do pobre. E tudo o que Deus fez, fez bem. Se não podemos ver seu plano, o motivo porque fez um assim e outro assim, é bom subme-termo-nos à sua sabedoria, e acreditarmos que fez bem todas as coisas, mesmo desconhecendo ainda por que o fez; e teremos um coração reto, presumindo do Senhor e nele confiando. Nossos pés não se abalarão, e acontecer-nos-á em nossa subida o que se encontra no começo deste salmo: “Os que confiam no Senhor, são como o monte de Sião, não serão abalados eternamente”.

3 Quem são eles? “Os que habitam em Jerusalém”. Eles mesmos “não serão abalados eternamente, os que habitam em Jerusalém”. Se entendermos que se trata da Jerusalém terrena, todos os que lá habitavam foram expulsos pelas guerras e destruição da própria cidade; se agora procuras um judeu na cidade de Jerusalém, não encontras. Por que, então, “não serão abalados eternamente os que habitam em Jerusalém”, senão por existir outra Jerusalém, da qual estais acostumados a ouvir muitas coisas? Ela é nossa mãe, pela qual suspiramos e gememos nesta peregrinação, até que voltemos para lá. Desviamo-nos dela, e não encontrávamos caminho; veio o próprio Rei e tornou-se caminho para nós, a fim de podermos voltar para lá. Nela é que “se detiveram os nossos pés, nos átrios de Jerusalém”, conforme ouvistes num salmo gradual anterior, que já expusemos e comentamos em vossa presença. Por esta cidade, suspirava o salmista que cantava: “Jerusalém, construída como uma cidade, que participa em idipsum” (Sl 121,2-3). Seus habitantes, portanto, “não serão abalados eternamente”. Foram abalados os habitantes da Jerusalém terrena; primeiro no coração, depois no exílio. Quando foram abalados no coração e caíram, então crucificaram o Rei da Jerusalém do alto. Já estavam fora espiritualmente e expulsaram o próprio Rei. Lançaram-no para fora de sua cidade e o crucificaram fora. E ele os expulsou de sua cidade, isto é, da Jerusalém eterna, mãe de todos nós, que está nos céus (cf Mt 27,32; Jo 19,17.18).

4 Como é esta Jerusalém? Descreve-a brevemente o salmo. "Montes estão em torno dela". Tem alguma importância estarmos numa cidade cercada de montanhas? É esta toda a nossa felicidade, termos uma cidade cercada de montanhas? Acaso não sabemos o que são montanhas? Ou que são as montanhas a não ser elevações de terra? Existem, pois, outros montes amáveis, excelsos, pregadores da verdade, quer sejam anjos, quer apóstolos quer profetas. Estes estão em torno de Jerusalém; cercam-na e formam em torno dela uma espécie de muralha. A Escritura se refere assiduamente a estes montes amáveis e deleitáveis. Notai-o ao ouvirdes ou lerdes; em muitas passagens encontrareis referência a montes deleitá-veis, que não podemos mencionar. Contudo, quanto o Senhor nos sugerir, apraz-nos falar muitas coisas a respeito destes montes: e os testemunhos divinos das Sagradas Letras vêm à nossa lembrança. São montes iluminados por Deus; primeiro são iluminados, e através deles a luz atinge os vales ou as colinas, que não são tão altas quanto os montes. Por meio deles, quer na profecia, quer nos apóstolos, quer no evangelho é que a Escritura nos é ministrada. Destes montes cantamos: "Ergui os olhos para os montes, para ver de onde me viria o auxílio", porque nesta vida vem-nos o auxílio por meio da Escritura. Mas, visto que os próprios montes não se protegem a si mesmos, nem por si cuidam de nós, nem nossa esperança deve estar depositada nos montes, para não sermos amaldiçoados por depormos num homem a nossa esperança (cf Jr 17,5), já dissera o salmista: "Ergui os olhos para os montes, para ver de onde me viria o auxílio. O meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra" (Sl 120,1.2). São os montes dos quais diz ainda o salmista: "Recebam os montes a paz para o povo e as colinas a justiça" (Sl 71,3). As montanhas são grandes e as colinas, menores. Os montes, portanto, vêem e as colinas acreditam; os que vêem, receberam a paz e transmitiram-nos aos que crêem. Pois os que crêem, recebem a justiça; efetivamente o justo vive da fé (cf Rm 1,17). Os anjos vêem, anunciam o que vêem e nós acreditamos. Pois, disse João: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1,1). Ele via e nos anunciou para que crêssemos. E recebendo a paz através dos montes, as colinas receberam a justiça. Com efeito, que disse ele dos próprios montes? Não afirmou: Têm a paz por si mesmos, ou instituem a paz, ou geram a paz, mas recebem a paz. Do Senhor é que recebem a paz. Levanta, portanto, teus olhos aos montes por causa da paz, a fim de que teu auxílio venha do Senhor, que fez o céu e a terra. Além disso, o Espírito Santo alude àqueles montes, nesses termos: "Vieste, esplendente de luz, das montanhas eternas" (Sl 75,5). Não disse que os montes iluminam, mas: "Vieste, esplendente de luz, das montanhas eternas". Por meio destes montes, que quiseste fossem eternos, a pregar o evangelho, tu "vies-te, esplendente de luz" e não os montes. Tais "montes", portanto, estão "em torno" de Jerusalém.

5 E a fim de conhecerdes quais são os montes que estão em torno dela, logo que a Escritura cita montes bons, é muito raro e difícil, ou mesmo jamais deixa de imediatamente nomear o Senhor, ou o assinala simultaneamente, a fim de que a esperança não seja depositada nos montes. Vede quantas coisas relembrei. "Ergui os olhos para os montes, para ver de onde me viria o auxílio" e a fim de não parares nisso, disse: "O meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra". E ainda: "Recebam os

montes a paz para o povo" e tendo dito: "recebam", mostra que outra é a fonte da paz de onde eles recebem. E ainda: Iluminando "dos montes", mas o salmista acentua: "tu, vieste, esplendente de luz, das montanhas eternas". De novo, neste salmo, tendo dito: "Montes estão em torno dela", para que desta vez ainda não parasses nos montes, logo acrescentou: "Cerca também o Senhor ao seu povo", a fim de que tua esperança não esteja nos montes, mas naquele que ilumina os montes. Como ele habita nos montes, isto é, nos santos, ele cerca também o seu povo; e ele mune seu povo de uma defesa espiritual, a fim de não ser abalado eternamente. Ao contrário, quando a Escritura se refere aos montes maus, não acrescenta a palavra: Senhor. Tais montes, conforme já dissemos freqüentemente, significam certas almas grandes, mas malvadas. Pois, não penseis, irmãos, que as heresias foram criadas por algumas almas pequenas. Não criaram heresias, senão grandes homens; mas quanto maiores, eram piores esses montes. Pois, não eram montes que recebessem a paz para que as colinas recebessem a justiça; mas eles receberam as dissensões do diabo, seu pai. Por conseguinte, eram montes; cautela para não te refugiares em tais montes. Pois, podem vir alguns que te dirão: Grande varão, grande homem! Assim foi Donato! Tal é Maximiano! E certo Fotino, que homem foi! E aquele Ario que homem foi! Nomeou todos esses montes, montes, porém, que causam naufrágio. Vedes que deles cai uma faísca de palavra, e acende-se uma pequena chama. Se navegais num barco de madeira, durante a noite, isto é, na escuridão desta vida, não vos enganem, nem orienteis para ali a nave; ali se acham rochedos, que causam grandes naufrágios. Se, portanto, forem louvados diante de ti esses montes, e alguns começarem a te persuadir a procurares esses montes, como te trazendo auxílio e repouso, responde: "No Senhor eu confio. Por que dizeis a minha alma: Foge para os montes como o pássaro"? (Sl 10,2). É bom para ti ergueres os olhos para aqueles montes de onde te virá o auxílio do Senhor, e escaparás como pássaro do laço dos caçadores, sem fugires para os montes. Pois, o pás-saro é instável; move-se rapidamente, rapidamente voa daqui para ali. Mas tu confia no Senhor, e serás como o monte de Sião; não serás eternamente abalado, não fugirás para os montes como o pássaro. Acaso ao nomear ali os montes queria falar do Senhor?

6 Mas, ama os montes, nos quais se acha o Senhor. Então os próprios montes te amarão, se neles não puseres tua esperança. Vede, irmãos, quais são os montes de Deus. Pois eles assim são nomeados em outra passagem: "A tua justiça é como as montanhas de Deus" (Sl 35,7). Não a justiça deles, mas "a tua justiça". Escuta o Apóstolo, um dos tais montes: "Para ser achado nele, não tendo a justiça da lei, mas a justiça que vem de Deus, apoiada na fé em Cristo" (Fl 3,9). Aqueles, contudo, que por sua justiça quiseram ser montes, como certos judeus, ou alguns fariseus dentre seus príncipes, assim são censurados: "Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus" (Rm 10,3). Os que estão sujeitos à justiça de Deus, se estão elevados, mantém-se humildes. E como são grandes, denominam-se montes, mas como estão sujeitos a Deus, são vales; e como são capazes de piedade, recebem abundância de paz, e transmitem essas águas transbordantes às colinas. Agora, no entanto, vê que montes deves amar. Se queres que os bons montes te amem, não

deposites tua esperança nesses bons montes. Pois, que espécie de monte era Paulo? Quando se encontrará outro igual? (Refiro-me às grandezas humanas). É possível encontrar com facilidade quem possua graça em tal grau? E no entanto, receava que aquele pássaro colocasse nele a esperança. Como se exprime? "Paulo teria sido crucificado em vosso favor"? (1Cor 1,13). Mas, ergui os olhos para os montes para ver de onde vos virá o auxílio; porque "eu plantei, Apolo regou", mas vosso auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra, pois é Deus quem fazia crescer (1Cor 3,6). Conseqüentemente, "montes estão ao redor dela". Mas, como "montes estão ao redor dela", assim "também o Senhor cerca o seu povo, desde agora e para sempre". Se, portanto, "montes estão em torno dela, e cerca o Senhor o seu povo", o Senhor congrega seu povo num só vínculo de caridade e de paz, de tal sorte que aqueles que confiam no Senhor sejam como o monte de Sião e não se abalem eternamente, isto é, "desde agora e para sempre".

7 3 "O Senhor não deixará o cetro dos pecadores sobre a sorte dos justos, para que não estendam os justos suas mãos à iniqüidade". Agora, de fato, os justos pelejam um tanto, e os injustos às vezes dominam os justos. De que maneira? Por vezes, os injustos obtêm as honrarias do século; quando as alcançarem e se tornarem, por exemplo, juízes, ou reis, porque Deus assim age para disciplina de seu povo, não se pode deixar de exibir-lhes a honra devida a seu poder. Pois, Deus assim dispôs na sua Igreja, de forma que todo poder estabelecido no mundo recebe honra, por vezes dos que são melhores. Para exemplo, digo um só fato. Daí podeis calcular os graus de todos os poderes. O primeiro e cotidiano poder de um homem sobre outro é o do senhor sobre o escravo. Quase todas as casas têm essa espécie de poder. Existem senhores e escravos. São denominações diferentes; enquanto homens e homens são nomes de seres iguais. E como se expressa o Apóstolo, ao ensinar aos servos a serem sujeitos a seus senhores? "Servos, obedecei a vossos senhores" segundo a carne, porque existe um senhor segundo o espírito. É o senhor verdadeiro e eterno; os outros são temporais, segundo a época. Cristo não quer te fazer soberbo, enquanto caminhas pela via, enquanto vives nesta vida. Acontece que te tornas cristão e tens um senhor humano; não te tornaste cristão para desdenhares servir. Ao seguires a ordem de Cristo, servindo a um homem, não serves a ele, e sim àquele que o ordenou. Assim diz o Apóstolo: "Servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, em simplicidade de coração, servindo-os, não quando vigiados, para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, que atendem à vontade de Deus com toda a alma, com boa vontade" (Ef 6,5.6). Eis que ele não nos transformou de servos em homens livres, e sim de maus servos em bons servos. Quanto não devem os ricos a Cristo, que lhes pôs em ordem a casa! Se lá havia um escravo infiel, Cristo o converta e não lhe dirá: Abandona teu senhor; já conheces o verdadeiro Senhor. Talvez ele seja ímpio e iníquo e tu já és fiel e justo. Não convém que um justo e fiel sirva a um iníquo e infiel. Ele assim não se expressou, mas antes disse: Serve. E para fortalecer o servo disse: Serve segundo meu exemplo; fui o primeiro a servir aos iníquos. Pois, o Senhor que suportou tamanhos sofrimentos, de quem suportou, senão o senhor de seus servos? E de que servos, a não ser dos malvados? De fato, se fossem bons servos, teriam honrado o

Senhor. Mas como eram maus servos, o injuriaram. Que fez ele, em contra-posição? Pagou o ódio com amor. Pois disse: “Pai, perdoa-lhes, não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Se o Senhor do céu e da terra, por quem tudo foi feito, serviu os indignos, rogou pelos homens cruéis e enfurecidos, e como médico mostrou-se em sua vinda (pois também os médicos, homens melhores por seus conhecimentos de medicina, servem os doentes), quanto mais não deve o homem prezar servir a um senhor, mesmo que seja mau, de toda alma, de toda boa vontade, com todo amor? Eis que o melhor serve o pior, mas durante algum tempo. Isso que falei acerca das relações entre senhor e escravo, aplicai-o aos potentados e aos reis, a todas as dignidades deste mundo. Pois, às vezes, os potentados são bons, e temem a Deus; outras vezes, não temem a Deus. Juliano foi um imperador infiel, foi apóstata, iníquo, idólatra; soldados cristãos serviram o imperador infiel. Enquanto serviam a causa de Cristo, não reconheciam senão aquele que estava no céu. Se alguma vez ele queria que adorassem um ídolo, oferecessem incenso, eles antepunham Deus ao imperador. Quando, porém, lhes dizia: Entrai em fileira, marchai contra aquele povo, logo obedeciam. Distinguiam o senhor eterno do senhor temporal; entretanto eram submissos, por causa do senhor eterno, também ao senhor temporal.

8 Mas, acaso será sempre assim, que iníquos governem justos? Não. Vede o que diz este salmo: “O Senhor não deixará o cetro dos pecadores sobre a sorte dos justos”. Sente-se durante algum tempo o cetro dos pecadores dominando a sorte dos justos; mas não ficará assim, não será assim eternamente. Virá tempo em que somente Deus será reconhecido; virá tempo quando Cristo em sua glória aparecerá e reunirá perante si todas as gentes, dividi-las-á, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; colocará as ovelhas à direita e os cabritos à esquerda (cf Mt 25,32.33). E verás ali muitos servos no meio das ovelhas e muitos senhores entre os cabritos; de outro lado, há muitos senhores entre as ovelhas e muitos servos entre os cabritos. Com efeito, se consolamos assim os servos, nem todos os servos são bons; ou se assim reprimimos a soberba dos senhores, nem todos os senhores são maus. Existem senhores bons e fiéis e existem maus senhores; existem servos bons e fiéis e existem maus servos. Mas se servos bons servem a maus senhores, que eles os suportem por algum tempo: “O Senhor não deixará o cetro dos pecadores sobre a sorte dos justos”. Por quê? “Para que não estendam os justos suas mãos à iniqüidade”, para que suportem temporariamente o domínio dos iníquos, entendam que isso não dura eternamente, e preparem-se para possuir a herança eterna. Que herança? Quando for destruído todo principado e todo poder, para que Deus seja tudo em todos (cf 1Cor, 15,24.28). Reservando-se para isso, contemplando-o com o coração e retendo-o pela fé, persistindo para o verem, não estendem “suas mãos à iniqüidade”. Efetivamente, se constatarem que o cetro dos pecadores está sempre sobre a sorte dos justos, pensam consigo mesmos e dizem: Que me adianta ser justo? O iníquo sempre me dominará e sempre serei servo? Pratique, portanto, também eu a maldade, porque nada serve manter-me na justiça. A fé lhe insinua, a fim de que não fale desta maneira, que temporariamente pode estar o cetro dos pecadores sobre a sorte dos justos, mas “o Senhor não o deixará sobre a sorte dos justos, para que não estendam os justos suas mãos à iniqüidade”, mas abstenham-se suas mãos da iniqüidade, suportem a

maldade e não a pratiquem. É preferível sofrer injustiça a praticá-la. Por que não será sempre assim? Porque "o Senhor não deixará o cetro dos pecadores sobre a sorte dos justos".

9 4 Este o modo de pensar dos que são retos de coração e que mencionei um pouco acima. Seguem a vontade de Deus, não a sua. Todavia, os que querem seguir a Deus, deixam que ele os preceda e seguem-no. Não querem pre-cedê-lo e fazer com que os siga. Em tudo reconhecem que ele é bom, quer emende, quer console, quer exercite, quer coroe, quer purifique, quer ilumine, conforme a palavra do Apóstolo: "E nós sabemos que tudo coopera para o bem dos que amam a Deus" (Rm 8,28). Por isso, prossegue o salmista: "Senhor, faze o bem aos bons e aos retos de coração".

10 5 Como, porém, o reto de coração aparta-se do mal e faz o bem (cf Sl 36,27), porque não tem inveja dos maus, observando a paz dos pecadores (Sl 72,3), assim o de coração perverso, que se escandaliza com os caminhos do Senhor, afasta-se de Deus e pratica o mal, preso às suavidades do mundo, e por elas amarrado e apanhado, sofre amargas penas. Para aquele que se afasta de Deus, não querendo sujeitar-se a sua disciplina, o juízo de Deus faz com que a falsa felicidade dos maus se torne para eles um verdadeiro laço. Por isso logo acrescenta o salmo: "Mas aos que se desviam para a extorsão, o Senhor os levará com os obreiros da injustiça", cujas ações eles imitaram, porque amaram suas alegrias do presente e não acreditaram nos futuros suplícios. Os que têm o coração reto e não se apartam de Deus, que terão? Já iremos à herança, irmãos, pois somos filhos. Que possuiremos? Qual a nossa herança? Qual a nossa pátria? Como se chama? Paz. Por meio dela vos saudamos, nós vô-la anunciamos; que os montes a recebem e as colinas, a justiça (cf Sl 71,3). Cristo é a paz: "Ele é a nossa paz; de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação" (Ef 2,14). Como somos filhos, teremos a herança. E qual o nome da herança, a não ser paz? E vede que são deserdados os que não amam a paz. Não amam a paz, contudo, os que dividem a unidade. Paz é a possessão dos homens piedosos, a possessão dos herdeiros. E quais são os herdeiros? Os filhos. Escutai o evangelho: "Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5,9). Escutai ainda a conclusão deste salmo: "Paz sobre Israel!" Israel: Aquele que vê a Deus; Jerusalém significa: Visão de paz. Entenda, V. Caridade. Israel significa: Aquele que vê a Deus, e Jerusalém: Visão de paz. Quais os que "não serão abalados eternamente? Os que habitam em Jerusalém". Não serão, portanto, abalados eternamente os que habitam na visão de paz. "Paz sobre Israel!" Por conseguinte, Israel que vê a Deus, vê a paz; Israel é também Jerusalém, porque é povo de Deus, cidade de Deus. Se, portanto, quem vê a paz é o mesmo que vê a Deus, com razão se diz que o próprio Deus é a paz. Efetivamente, Cristo, Filho de Deus, é a paz, e veio reunir os seus e separá-los dos iníquos. De que iníquos? Dos que odiaram Jerusalém, que odiaram a paz, que querem romper a unidade, que não acreditam na paz, que prometem uma paz falsa ao povo, e não a possuem. Ao lhes ser dito: A paz esteja convosco, e responderem: E com o teu espírito, proferem-no com falsidade, e escutam falsamente. A quem dizem: A paz esteja convosco, se eles os

separam da paz de toda a terra? E a quem dizem: E com o teu espírito? Os que abraçam as dissensões, odeiam a paz. Se, pois, a paz estivesse em seu espírito, não amariam a unidade e abandonariam a dissensão? Por isso, falando com falsidade, ouvem falsidade. Nós, ao contrário, falemos a verdade, e escutemo-la. Sejamos Israel e abracemos a paz, porque Jerusalém é visão de paz, e nós somos Israel. "Paz sobre Israel!"

SALMO 125

SERMÃO AO POVO

1 1 Conforme deveis estar lembrados, dos salmos que vos comentamos por ordem este é o centésimo vigésimo quinto, que se encontra entre os salmos intitulados: "Cân-ticos graduais". Representa, como sabeis, a voz daqueles que sobem. Para onde, senão para a Jerusalém do alto, mãe de todos nós, que está nos céus? (cf Gl 4,26). A Jerusalém do alto é eterna; a terrena, era sombra daquela. De fato, a terrena caiu, a outra permanece. A primeira completou o tempo de anúncio, a segunda possui a eterni-dade de nossa restauração. Da Jerusalém do alto estamos longe como peregrinos nesta vida e suspiramos por regressar para lá; somos infelizes e atribulados até que para lá voltemos. Os anjos, nossos concidadãos, nos abandonaram em nossa peregrinação, mas nos anunciaram que o próprio Rei haveria de vir até nós. E veio para o meio de nós, foi desprezado entre nós, por nós, e enfim, conosco; e ensinou-nos como nos portarmos no desprezo, porque ele foi desprezado; ensinou-nos a tolerar, porque ele tolerou; ensinou a sofrer porque sofreu; e prometeu que haveríamos de ressuscitar uma vez que ele ressuscitou, demonstrando em si mesmo o que devemos esperar. Se, portanto, irmãos, os antigos profetas, nossos pais, antes que nosso Senhor Jesus Cristo viesse na carne, antes que morresse, ressuscitasse e subisse ao céu, suspiravam por aquela cidade, quanto mais não nos convém desejar ir para onde ele nos precedeu e de onde nunca se afastou? Pois, o Senhor não veio para junto de nós, abandonando os anjos; permaneceu com eles e veio até nós; permaneceu com eles em majestade, veio até nós na carne. Nós, porém, onde estávamos. Se ele é denominado nosso redentor, estávamos cativos. Onde então estávamos detidos, para que ele viesse redimir os cativos? Onde estávamos presos? Talvez entre bárbaros? Pior do que os bárbaros é o diabo com seus anjos. Eles anteriormente detinham o gênero humano; redimiu-nos de suas mãos aquele que deu por nós, não ouro ou prata, mas seu próprio sangue.

2 Interroguemos ao apóstolo Paulo como foi que o homem caiu em cativeiro. Efetivamente, Paulo geme de modo especial neste cativeiro, suspirando pela eterna Jerusalém; e ensinou-nos a gemer por intermédio do mesmo Espírito de que ele estava repleto e que o fazia gemer. Pois, assim se exprime: "A criação inteira geme e sofre até o presente". E ainda: "De fato, a criação foi submetida à vaidade, não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu, na esperança". Afirma que toda a criação, mesmo nos homens que ainda não crêem, mas haverão de crêr, toda a criação geme em dores. Acaso somente naqueles que ainda não acreditaram? E naqueles que creram não geme, a criatura em dores de parto? "E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito", isto é, que já servimos a Deus em espírito, que já acreditamos pela mente em Deus, e apresentamos na fé certas primícias, pois havemos de seguir nossas primícias; portanto, "também nós, gememos interiormente, suspirando pela

adoção, pela redenção de nosso corpo". Gemia, portanto, ele, e gemem todos os fiéis, esperando a adoção, a redenção de seu corpo. Onde gemem? Nesta vida mortal. Qual a redenção que esperam? A de seu corpo, que precedeu no Senhor, o qual ressuscitou dos mortos e subiu ao céu. Antes que isto nos seja concedido, faz-se mister que gemamos, mesmo que sejamos fiéis, mesmo que esperemos. Por isso naquela passagem continua o Apóstolo, depois de dizer: "Também nós, gememos interiormente, suspirando pela adoção, pela redenção de nosso corpo", imaginando que alguém lhe dissesse: De que te serviu Cristo, se ainda gemes? E como o Salvador te salvou? Quem geme ainda está doente. Acresenta ele: "Pois fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8,20-25). Eis o motivo por que gememos, e como gememos. O que esperamos, de fato esperamos, mas ainda não possuímos, e até que o consigamos, no tempo suspiramos, por desejarmos o que ainda não temos. Por quê? Porque "fomos salvos em esperança". Já a carne que de nós o Senhor assumiu, está salva, não em esperança, mas na plena realidade. Pois a nossa carne salva ressuscitou e subiu ao céu em nossa Cabeça; nos membros ainda deve ser salva. Os membros se alegrem com toda segurança, porque sua Cabeça não os abandonou. Pois, disse a seus membros em tribulação: "Eis que estou convosco até a consumação dos séculos" (Mt 28,20). Assim sucedeu que nos convertemos a Deus. Não tínhamos esperança a não ser neste mundo; e daí vinha que éramos servos infelizes, duplamente infelizes, porque tínhamos posto nossa esperança nesta vida, e voltáramos a face para o mundo e as costas a Deus. Quando, porém, o Senhor nos converter e começarmos a voltar a face para Deus e as costas para o mundo, nós ainda estamos a caminho, porém já tendendo para a pátria; e quando sofremos qualquer tribulação, mas nos mantemos no roteiro e vamos sobre madeiro, o vento pode ser forte, mas é próspero. Com dificuldade, de fato, mas nos conduz rapidamente; logo nos leva ao termo. Como nós gemíamos devido a nosso cativeiro, gemem também aqueles que já acreditaram. Esquecemo-nos de como nos tornamos cativos, mas a Escritura nô-lo recorda. Interroguemos o próprio apóstolo Paulo. Pois ele diz: "Sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido como escravo ao pecado" (Rm 7,14). Eis o motivo de nos termos tornado cativos: fomos vendidos ao pecado. Quem nos vendeu? Nós mesmos, porque consentimos na sedução. Pudemos vender-nos, mas não podemos nos remir. Nós nos vendemos pelo consentimento no pecado, e somos redimidos pela fidelidade à justiça. Pois foi pago por nós o preço do sangue inocente, a fim de sermos remidos. Que espécie de sangue derrama todo aquele que persegue os justos e derrama seu sangue? O diabo derramou, efetivamente, o sangue dos justos; derramou o sangue dos profetas, de nossos pais, dos justos e dos mártires. Todos, porém, de uma raça pecadora. Mas, somente um sangue foi derramado de alguém que não foi justificado, porque nasceu justo; uma vez derramado aquele sangue, o diabo perdeu aqueles que ele retinha presos. De fato, por eles foi pago o sangue inocente, foram redimidos; e voltando do cativeiro, cantam este salmo.

3 "Quando reconduziu o Senhor os repatriados de Sião, ficamos como que consolados".

Queria dizer: Ficamos alegres. Quando? “Quando reconduziu o Senhor os repatriados de Sião”. Qual Sião? A própria Jerusalém, a Sião eterna. Como Sião é eterna, e como é cativa Sião? Nos anjos, ela é eterna, nos homens é cativa. Pois, nem todos os cidadãos daquela cidade são cativos; mas os que estão fora dela são cativos. O homem é cidadão de Jerusalém, mas vendido como escravo ao pecado, tornou-se peregrino. De sua descendência nasceu o gênero humano e encheu as terras do cativeiro de Sião. E este cativeiro de Sião como é sombra daquela Jerusalém? É sombra daquela, Sião que os judeus receberam como imagem, e que foi figurada no cativeiro de Babilônia; depois de setenta anos, o povo voltou à sua cidade (cf Jr 25,11; 29,10; 1Esd 1,1ss). Setenta anos significam todo o tempo que decorre num ciclo de sete dias. Quando tiver passado todo o tempo, então voltaremos também nós a nossa pátria, assim como aquele povo depois de setenta anos voltou do cativeiro de Babilônia. Babilônia, de fato, é este mundo, pois Babilônia se traduz por: Confusão. Vede se não é confusão a vida toda a humana. Tudo aquilo que os homens fazem por uma vã esperança, quando reconhecerem o que fazem, haverão de se envergonhar. Por que razão trabalham? Para quem trabalham? Para meus filhos, respondem. E eles, para quem? Para seus filhos. E estes, para quem? Para seus filhos. Por conseguinte, ninguém para si mesmo. Desta confusão já se haviam convertido aqueles aos quais se dirige o Apóstolo nesses termos: “E que frutos colhestes então daquelas coisas de que agora vos envergonhais”? (Rm 6,21). Uma confusão, portanto, é toda essa vida dedicada às coisas humanas, e não pertencente a Deus. Nesta confusão, nesta Babilônia, Sião é mantida em cativeiro; mas o Senhor reconduz os repatriados de Sião.

4 “Ficamos como que consolados”, isto é, alegramo-nos, como que recebendo um consolo. Precisam de consolo apenas os infelizes, os que gemem, os que choram. Por que “como consolados” senão porque ainda gememos? Gememos na realidade, somos consolados em esperança. Quando os acontecimentos passarem, passar-se-á do gemido à alegria eterna, quando não será mais necessário consolo algum, porque não seremos atacados por nenhuma infelicidade. Por que então disse o salmista: “como que consolados” e não apenas: consolados? Nem sempre se trata de semelhança, quando se emprega esta palavra: “como que, sicut”. Sicut às vezes se refere ao sentido próprio, outras vezes a uma semelhança. Agora trata-se do sentido próprio. Vamos dar um exemplo da maneira habitual de falarem os homens, para que se entenda mais facilmente. Quando dizemos: Como viveu o pai, assim vive o filho, estamos comparando; e: Como o animal, assim morre o homem; diz-se isto como uma comparação. Ao dizermos, porém: Agiu como um bom homem, acaso não se trata de um homem bom, mas somente de uma aparência de homem bom? Agiu como um justo; esse “como”, não nega que ele fosse justo, mas mostra uma qualidade sua. Agiste como um senador. Se ele disser: Então, não sou senador, responderás: Ao contrário, como és senador, agiste como um senador; e como és justo, agiste como um justo; e como és bom, agiste como um homem bom. Por conseguinte, como estes estavam verdadeiramente consolados, alegravam-se “como que consolados”, isto é, grande era sua alegria, como a dos consolados. Consolava os que haviam de morrer aquele que morreu. Pois todos nós

morremos gemendo; consolou-nos aquele que morreu para não temermos a morte. Foi o primeiro a ressuscitar a fim de termos o que esperar. Tendo sido o primeiro a ressuscitar, trouxe-nos a esperança. Estávamos na miséria e fomos consolados com a esperança; daí provém a maior alegria. E como o Senhor reconduziu nossos repatriados, já temos um caminho de regresso do cativeiro, em direção à pátria. Já redimidos, portanto, não temamos os nossos inimigos que nos armam ciladas no caminho. O Senhor nos remiu a fim de que o inimigo não ouse nos armar ciladas, se não nos desviarmos do caminho. Pois, o próprio Cristo se fez o caminho (cf Jo 14,6). Queres não sofrer da parte dos ladrões? Ele te diz: Abri-te um caminho para a pátria; não te afastes dele. Defendi este caminho de tal sorte que o ladrão não ouse aproximar-se. Não te desvies dele, e o ladrão não ousará aproximar-se de ti. Anda, portanto, em Cristo e canta alegre, canta como consolado, porque te precedeu aquele que ordenou que o seguisses.

5 2 "Encheu-se de risos a nossa boca e a nossa língua de cantos de alegria". Como se enche de risos, meus irmãos, a boca que temos no corpo? Não costuma encher-se senão de alimento, bebida, ou qualquer outra coisa que lá metermos. Enche-se por vezes a nossa boca; e dizemos mais a V. Santidade: quando temos a boca cheia não podemos falar. Temos, porém, interiormente uma boca, isto é, no coração, de onde tudo o que procede; se é mal, mancha-nos, se é bom, nos purifica. Ouviste falar a respeito dessa boca, quando era lido o evangelho. Os judeus atacavam o Senhor, porque seus discípulos comiam sem lavar as mãos (cf Mt 15,1). Eles insultavam; tinham a pureza exterior, mas interiormente estavam cheios de manchas; os que tinham a justiça apenas aos olhos dos homens insultavam. O Senhor, porém, procurava a nossa pureza interior; se ela existir, necessariamente o que está no exterior será puro. "Limpa primeiro o interior do copo para que também o exterior fique limpo" (Mt 23,26). O mesmo Senhor diz em outra passagem: "Antes, dai o que tendes em esmola e tudo ficará puro para vós" (Lc 11,41). De onde, porém, procede a esmola? Do coração. Se estendes a mão, mas não te compadeces de coração, nada fizeste; se, porém, te compadeces de coração, mesmo que não tenhas o que oferecer, Deus aceita a tua esmola. Aqueles iníquos, contudo, buscavam a pureza exterior. Deste número era o fariseu que convidara o Senhor, quando se aproximou a mulher que era pecadora na cidade, de má fama, e que lavou com lágrimas os pés do Senhor, enxugou-os com os cabelos, ungiu-os com ungüento. O fariseu, no entanto, que convidara o Senhor, e tinha a pureza apenas exteriormente no corpo, mas tinha o coração cheio de iniqüidade e de rapina, disse a si mesmo: "Se esse homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que lhe toca os pés" (cf Lc 7,36-50). Como podia saber se o Senhor conhecia ou não? Mas pensou que ele desconhecia, porque não a repeliu. Se tal mulher se aproximasse do fa-riseu, ele que tinha a pureza na carne aparentemente, teria insultado, repelido, rejeitado, para que a mulher imunda não tocasse a ele que estava puro e não contaminasse sua pureza. Como o Senhor não agiu deste modo, supôs que ele não sabia quem era a mulher que lhe tocava os pés. O Senhor, contudo, não somente a conhecia, mas ouvia também os pensamentos do fariseu. Se o contacto corporal produz alguma coisa, ó imundo fariseu, a carne do Senhor poderia ser manchada com o contato da mulher, ou antes a mulher se purificaria

ao contato com o Senhor? O médico, com efeito, permitia que a doente tocasse o remédio; e aquela que o procurara conhecia o médico, e ela que era insolente talvez em sua fornicação, tornou-se mais insolente para obter a salvação. Irrompeu na casa onde não era convidada; mas estava chagada, e ali viera, onde o médico estava à mesa. Aquele que convidara o médico, pensava que estava sadio; por isso, não foi curado. Sabeis como o evangelho continua, como o fariseu foi confundido, ao lhe demonstrar o Senhor que conhecia aquela mulher e descobrira os seus pensa-mentos.

6 Mas voltemos ao ponto que acaba de ser lido no evangelho, e que tem relação com o presente versículo: "Encheu-se então de risos a nossa boca e a nossa língua de cantos de alegria". Perguntamo-nos que boca e que língua. V. Caridade esteja atenta. Atacaram o Senhor, porque seus discípulos comiam sem lavar as mãos. O Senhor lhes respondeu como era conveniente, e tendo chamado as turbas, disse: "Ouvi-me todos e entendei! Nada há no exterior do homem que, penetrando na boca, o possa tornar impuro, e sim o que sai do homem" (cf Mt 15,1-20; Mc 7,5-23). Que significa isto? Tendo dito o evangelista: "O que entra pela boca", designa a boca que está no corpo. Pois entram os alimentos, e os alimentos não mancham o homem, visto que "para os puros, todas as coisas são puras" (Tt 1,15). E: "Tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graças" (1Tm 4,4). Entre os judeus havia certas coisas que eram ditas impuras, figuradamente (cf Lv 11,4ss). Mas depois que veio a luz, as sombras se dissiparam. Não estamos presos à letra, mas somos vivificados pelo espírito; e não é imposto aos cristãos o jugo da observância, que era imposto aos judeus; pois o Senhor disse: "O meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mt 11,30). E diz o Apóstolo: "Para os puros, todas as coisas são puras; mas para os impuros e descrentes, nada é puro; tanto a mente como a consciên-cia deles estão corrompidas" (Tt 1,15). Que quis dar a entender? Para o puro tanto o pão como a carne de porco são puros, para o impuro, nem o pão nem a carne de porco são puros. "Para os impuros e descrentes, nada é puro". Por que nada é puro? "Tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas". Se o que está no interior é impuro; do que está fora, nada pode ser puro. Se, portanto, para aqueles cujo interior é impuro, o exterior não pode ser puro, se quiseres que o exterior seja puro, purifica o interior. Lá se encontra a boca que se encherá de risos mesmo quando calas; pois quando calas e te alegras, tua boca clama por Deus. Mas vê qual o motivo de tua alegria. Se te alegras por causa do mundo, clamarás por Deus com uma alegria impura; se, porém, te alegras por causa de tua redenção, como diz este salmo: "Quando reconduziu o Senhor os repatriados de Sião, ficamos como que consolados", então encheu-se de risos a tua boca e tua língua de cantos de alegria. É evidente que te alegras na esperança, e é agradável a Deus tua alegria. Com esta alegria, comemos e bebemos, com a boca que temos no interior. Como a boca carnal serve para a refeição do corpo, assim a outra para a refeição do coração. Daí a palavra: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados" (Mt 5,6).

7 Se, porém, não torna impuro senão o que sai da boca, e isto nós o ouvimos do evangelho, e o entendemos a respeito da boca do corpo, seria absurdo e loucura

pensarmos que o homem não se torna impuro quando come, e julgarmos que fica impuro se vomita. Pois, o Senhor disse: "Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isso sim o torna impuro". Ao comeres não te tornas impuro; e se vomitares, te tornas impuro? Quando bebes, não és impuro; e quando cospes, és impuro? Pois, quando cospes, sai alguma coisa de tua boca. Que quis dizer o Senhor: "Não é o que entra pela boca, mas o que sai, que torna o homem impuro?" Outro evangelista, na mesma passagem, disse que são as coisas que saem da boca, para entenderes que não se referia à boca corporal, mas à boca do coração. De fato, disse: "Com efeito, é do coração que procedem más intenções, forni-cações, assassínios, blasfêmias. São essas coisas que tornam o homem impuro; mas o comer sem lavar as mãos não o torna impuro" (Mt 15,11.19.20). Essas coisas, portanto, meus irmãos, saem da boca, porque "procedem do coração", conforme diz o próprio Senhor. Não é quando as nomeamos que nos tornamos impuros. Ninguém diga: Quando falamos tais coisas, elas saem de nossa boca, porque as palavras e os sons são emitidos por nossa boca; e quando falamos coisas más, tornamo-nos impuros. Se alguém não fala, e apenas pensa coisas más, está puro, porque de sua boca carnal nada saiu? Mas o que proferiu a boca do coração Deus já o ouviu. Aí está, meus irmãos. Prestai atenção ao que digo. Nomeio o furto; agora mesmo nomeio o furto; acaso por que nomeei o furto, o furto me contaminou? Saiu de minha boca e não me tornou impuro. O ladrão, porém, surge de noite, e nada profere com a boca, mas praticando o mal torna-se impuro. Não somente não falou, mas conteve o crime com um silêncio completo; tinha medo até de que fosse ouvida sua voz, e não queria que soasse nem o ruído de seus passos; pelo fato de calar-se a esse ponto, está limpo? Digo mais, meus irmãos. Eis que ele ainda está esticado em sua cama e não se levantou para praticar o furto; acorda e espera que os homens durmam; já clama diante de Deus, já é ladrão, já está impuro, já procedeu o crime de sua boca interior. Com efeito, quando o crime saiu de sua boca? Quando a vontade determinou praticá-lo. Decidiste fazer o mal; falaste, fizeste. Se não praticaste exteriormente o furto, talvez aquele que te dispunhas a despojar não merecia o prejuízo; ele nada perdeu, tu serás condenado por furto. Decidiste matar alguém; falaste em teu coração, o homicídio procedeu de tua boca interior; o homem ainda está vivo e tu és culpado de homicídio. Importa o que és junto de Deus e não o que aparentas entre os homens.

8 Certamente já sabemos e devemos saber e reter na memória que existe uma boca do coração, uma língua do coração. Essa boca se enche de alegria; com essa boca, em nosso íntimo, rezamos a Deus, quando os lábios estão cerrados, mas a consciência está presente. Tudo em silêncio, mas clama o coração; a que ouvidos? Não aos do homem, mas aos de Deus. Fica, portanto, tranqüilo; ouve aquele que tem compaixão. De outro lado, se ninguém ouve as palavras más que procedem de tua boca, não confies, porque ouve aquele que condena. Susana não era ouvida pelos juízes injustos; calava-se e orava. Os homens não escutavam o que saía de seus lábios, seu coração clamava por Deus. Por acaso, uma vez que sua voz não foi emitida pela boca corporal, não mereceu ser escutada? (cf Dn 13,35ss). Foi atendida; quando orava, homem algum o sabia. Por

conseguinte, irmãos, pensai no que temos na boca interior. Cuidar de não proferir coisa alguma iníqua interiormente e nada de mal fazer exteriormente. O homem não pode fazer exteriormente coisa alguma que não tenha dito interiormente. Guarda a boca do coração de todo mal, e serás inocente; inocente será a língua do corpo, inocentes as mãos, inocentes também os pés, os olhos serão inocentes, os ouvidos; todos os teus membros combaterão pela justiça, porque o imperador justo tomou-te o coração.

9 2.3 "Então se dirá entre as nações: Grandes coisas o Senhor fez por eles. Grandes coisas o Senhor fez por nós. Nós nos regozijamos". Vede, irmãos, se agora Sião não profere essas palavras no meio dos povos, por todo o orbe da terra; verificai se não acorre o povo à Igreja. Na terra inteira é recebido o sangue que é nosso preço e se responde: Amém. Repitam, portanto, no meio dos povos os jerosolimitanos cativos, os jerosolimitanos repatriados, peregrinos que suspiram por sua pátria. O que dizem? "Grandes coisas o Senhor fez por nós. Nós nos regozijamos". Acaso eles mesmos o fizeram a si? Fizeram o mal a si mesmos, porque venderam-se ao pecado. Veio o redentor, e fez-lhes o bem e "grandes coisas o Senhor fez por eles. Grandes coisas o Senhor fez por nós. Nós nos regozijamos".

10 4 "Reconduzi nossos cativos, Senhor, como a torrente no sul". V. Caridade, preste atenção para saber o que é isto. Já dissera o salmista: "Quando reconduziu o Senhor os repatriados de Sião". Parecia falar do passado; mas o profeta costuma falar como se fosse passado o que prenuncia do futuro. Falava como se fosse de um fato passado o salmista, em outra passagem de um salmo: "Traspassaram-me as mãos e os pés. Contaram todos os meus ossos" (Sl 21,17). Não disse: hão de traspassar; não disse: contarão, não disse: dividirão entre si as minhas vestes; não disse: sobre a minha túnica lançarão sortes. Eram eventos futuros, e eram cantados como feitos do passado. Pois, tudo o que há de vir, para Deus já está feito. Neste salmo, portanto, tendo dito: "Quando reconduziu o Senhor os repatriados de Sião, ficamos como que consolados. Encheu-se de risos a nossa boca e nossa língua de cantos de alegria"; no intuito de mostrar que sob a figura do passado, ele pensava no futuro, disse: "Então se dirá entre as nações". Se dirá, já se trata do futuro. "Grandes coisas o Senhor fez por nós. Nós nos regozijamos". Ao serem cantados esses versículos, os fatos eram futuros, mas parecem presentes. Reza, portanto, como se fosse do futuro, quem cantava o futuro como passado: "Reconduz nossos cativos, Senhor". Os cativos ainda não tinham sido repatriados, porque ainda não viera o Redentor. Por isso, quando foram cantados os salmos, já se realizou o que então se pedia: "Reconduz, Senhor, nossos cativos, como a torrente no sul". Converte nossos cativos como se voltam as torrentes no sul. Pergunta-se o que quer dizer isto; mas logo se esclarecerá, com o auxílio de Deus e de vossas orações. A Escritura em determinado lugar, ordenando e admoestando sobre as boas obras diz: "Como gelo ao sol, assim os teus pecados serão dissolvidos" (Eclo 3,15). Efetivamente, os pecados nos prendiam. Como? Como o frio impede que a água corra. E nós, presos pelo frio de nossos pecados, gelamos. O sul é um vento quente; quando sopra o vento sul, o gelo se derrete, e enchem-se as torrentes. Chamam-se todavia torrentes os rios

hibernais; elas correm impetuosas, repentinamente cheias com as águas do degelo. Tínhamos, portanto, ficado gelados no cativeiro; nossos pecados nos oprimiam; soprou o vento sul do Espírito Santo, nossos pecados foram perdoados e fomos libertados do gelo da iniqüidade; como o gelo ao sol, nossos pecados se dissolvem. Corramos em direção à pátria, como as torrentes no sul. Por muito tempo labutamos, e labutamos mesmo na prática do bem. Pois a própria vida humana em que ingressamos é infeliz, cheia de trabalhos, dores, perigos, tribulações, tentações. Não vos deixeis seduzir pelo gozo das coisas humanas; notai o que há de lastimável nas coisas humanas. A criança ao nascer poderia primeiro rir; por que começa a viver pelo choro? Ainda não sabe rir; por que já sabe chorar? Porque começa a ingressar na vida. Quanto àqueles cativos, aqui choram e gemem; mas virá a alegria.

11 5 Prossegue o salmo: "Os que semeiam entre lágrimas, ceifarão com alegria". Semeemos nesta vida, que é repleta de lágrimas. O que semearemos? Boas obras. As obras de misericórdia são nossas sementes. Destas sementes fala o Apóstolo: "Não desanimemos na prática do bem, pois, se não desfalecermos, a seu tempo colheremos. Por conseguinte, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas sobretudo com os irmãos na fé" (Gl 6,8-10). Como se expressa ele a respeito das esmolas? "Sabei que quem semeia com parcimônia, com parcimônia também colherá" (2Cor 9,6). Portanto, quem semeia muito, "colherá muito, quem semeia com parcimônia, com parcimônia também colherá", e quem nada semeia, nada colherá. Por que desejais grandes campos, para lançardes muitas sementes? Mais amplo terreno onde podereis semear não existe do que Cristo, que quis receber as sementes. Vossa terra é a Igreja; semeai quanto puderdes. Mas tendes pouco para isso. Tens a boa vontade. Como nada seria o que tendes, sem a boa vontade, assim também se não tens, não te entristeças, se tens boa vontade. Pois, que é que semeias? A misericórdia. E o que é que colhes? A paz. Por acaso disseram os anjos: Paz na terra aos homens ricos? Disseram sim: "Paz na terra aos homens de boa vontade" (cf Lc 2,14). Zaqueu tinha uma vontade magnânima, grande caridade. Recebeu o Senhor como hóspede, recebeu-o alegremente, e prometeu dar metade de seu patrimônio aos pobres, e devolver ao quádruplo se tivesse tirado algo de alguém (cf Lc 19,6.8). Assim se entende que ele guardou metade, não para ter posses, mas para poder pagar o que devia. Vontade magnânima; deu muito, semeou muito. Então aquela viúva (cf Sl 21,1-4) que lançou duas moedinhas no tesouro, semeou pouco? Ao contrário, tanto quanto Zaqueu. Oferecia bens menores, mas tinha uma boa vontade igual. Lançou as duas moedinhas de tão boa vontade quanto Zaqueu distribuiu metade de seu patrimônio. Se ponderas o que deram, encontrarás quantias diversas; se observas de onde provinham, encontrarás vontades iguais. Ela deu tudo o que tinha, ele deu o que tinha.

12 Imagina que alguém não possui nem duas moedas; existe algo de menor valor a semear, a fim de obtermos aquela messe? Existe: "E quem der, nem que seja um copo d'água fria a um de meus discípulos, não perderá a sua recompensa" (Mc 9,40; Mt 10,42). Um copo d'água fria não custa duas moedas, mas é gratuito; contudo, às vezes o

que é gratuito, um tem e outro não tem. Se, pois, quem tem der àquele que não tem, deu tanto, se deu com inteira caridade, deu tanto quanto a viúva ao dar duas moedinhas, quanto Zaqueu ao distribuir metade de seus bens. Não foi inútil ter acrescentado: "fria", para mostrar como é pobre. Disse, pois: "Um copo d'água fria? para que alguém não se desculpasse por não ter lenha para esquentar a água. "Quem der um copo de água fria a um desses pequeninos, não perderá a sua recompensa". E se não tiver nem isso? Fique sossegado, se não tiver nem isso: "Paz na terra aos homens de boa vontade" (cf Lc 2,14). Receie apenas ter e não dar. Pois, se tem e não faz a boa obra, interiormente gelou; seus pecados ainda não foram apagados como a torrente no sul, porque sua vontade é fria. De que valem tantos bens que possuímos? Acrescente-se uma vontade ardorosa, e já se dissolve ao calor do vento do sul; apesar de nada ter, tudo lhe é computado. Como se ajudam os mendigos! Observe V. Caridade como se pratica a esmola. Certamente são os mendigos que recebem esmola, eles precisam. Talvez atendeis a vossos irmãos, se precisam de alguma coisa; dais, se Cristo está em vós, até aos estranhos. Mas se eles são mendigos, que têm a profissão de pedir, nas necessidades eles também têm como se ajudar mutuamente. Deus não os abandona; dá-lhes oportunidade de se provar que fazem esmolas. Um não pode andar; quem pode andar, empresta seus pés ao coxo; quem vê, empresta os olhos ao cego; o jovem sadio empresta suas forças ao velho doente, carrega-o. Um é indigente e o outro é rico.

13 Às vezes um rico mostra-se pobre e um pobre lhe presta algum auxílio. Chega alguém às margens de um rio. É tanto mais delicado quanto mais rico. Não pode atravessar. Se atravessasse com pés descalços, resfriaria, adoeceria, morreria. Aparece um pobre, com um corpo mais exercitado. Atravessa o rico, faz-lhe uma esmola. Por isso, não consideres pobres apenas os que não têm dinheiro. Nota em que é pobre cada qual. Talvez és rico naquilo em que ele é pobre, e tens o que lhe emprestar. Talvez emprestas teus membros e é mais do que se emprestasses dinheiro. Precisa de um conselho e tu és cheio de prudência; em prudência ele é pobre e tu és rico. Eis que nem trabalhas, nem perdes coisa alguma; dás um conselho e fizeste uma esmola. Agora, meus irmãos, enquanto falamos, sois quais outros pobres ao nosso lado; e do que Deus se dignou dar-nos, nós vô-lo transmitimos. E todos dele recebemos, pois só ele é rico. Assim se mantém o corpo de Cristo. Os membros associados assim se coadunam e unem-se na caridade e no vínculo da paz, quando cada qual dá ao que não tem daquilo que tem. É rico com aquilo que tem; relativamente ao que não tem é pobre. Assim amai-vos uns aos outros, assim tende caridade mútua. Não atendais somente a vós mesmos; mas atendei aos necessitados em torno de vós. Mas não desanimeis porque isto custa nesta vida trabalhos e tribulações. Semeais entre lágrimas, para colherdes com alegria. E então, meus irmãos? Quanto o próprio agricultor, quando sai com o arado e leva a semente, algumas vezes o vento não está frio e a chuva o assusta? Observa o céu, vê que está carregado, treme de frio, todavia avança e semeia. Tem receio de que, se esperar passar o dia nublado e aguardar um dia claro, passe a época e depois não tenha o que colher. Não deveis adiar, meus irmãos; semeai no inverno, semeai as boas obras, mesmo chorando; porque "os que semeiam entre lágrimas, ceifarão com alegria". Lançam suas

sementes: boa vontade e boas obras.

14 6 “Ao partirem, iam chorando, lançando suas sementes”. Por que choravam? Por se acharem entre infelizes; e eram infelizes. Seria melhor, irmãos, que não existissem infelizes do que precisares praticar a misericórdia. Quem, a fim de praticar a misericórdia, preferir que haja infelizes, tem uma misericórdia cruel. Seria como o médico que para exercer a medicina desejasse que houvesse muitos doentes; seria uma medicina cruel. É melhor que todos estejam sadios do que exercer-se a medicina. É melhor, portanto, que todos reinem felizes naquela pátria do que haver alguns a quem se possa oferecer a misericórdia. No entanto, enquanto existam os que necessitam de misericórdia, não desanimemos nesta tribulação de espalhar sementes. Apesar de semearmos com lágrimas, colheremos com alegria. Pois, na ressurreição dos mortos cada qual receberá seus feixes, isto é, o produto da semeadura, a coroa de alegrias e exultação. Então será o triunfo dos que se alegram e desafiam a própria morte, que os fazia gemer; dir-lhe-ão: “Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão”? (1Cor 15,55). Mas por que já se alegram? Porque “trazem os seus feixes. Ao partirem, iam chorando, lançando suas sementes”. Por que, “lançando suas sementes?” Porque “os que semeiam em lágrimas, ceifarão com alegria”.

15 Neste salmo vos exortamos principalmente a prati-cardes a misericórdia, porque assim se sobe; e vedes que aquele que sobe canta o cântico gradual. Tende na memória; não ameis descer e não subir. Pensai na subida. Aquele que descia de Jerusalém a Jericó, caiu em poder de ladrões (cf Lc 10,30). Não descesse e não encontraria ladrões. Já Adão desceu e caiu em poder dos ladrões; pois todos nós somos Adão. Mas o sacerdote passou e menosprezou; passou o levita e desprezou, porque a lei não pôde curar. Passou certo samaritano, isto é, nosso Senhor Jesus Cristo. A ele foi dito: “Não dizíamos, com razão, que és samaritano e tens um demônio? Ele não disse: Não sou samaritano; mas disse: Eu não tenho demônio” (Jo 8,48). Samaritano se traduz por: Guarda. Se dissesse: Não sou samaritano, teria dito: Não sou guarda. Que outro guarda teríamos? Em seguida, narra a parábola: “Certo samaritano chegou junto dele e moveu-se de compaixão” (Lc 10,33), como sabeis. O homem jazia ferido no caminho, porque desceu. O samaritano de passagem, não nos desprezou: cuidou de nós, colocou-nos no jumento, sua carne, levou à hospedaria, isto é, à Igreja; recomendou ao hospedeiro, isto é, aos apóstolos; deu dois denários para que fosse cuidado, a caridade a Deus e ao próximo; desses dois mandamentos depende toda a lei e os profetas (cf Mt 22,40). Disse ao hospedeiro: “O que gastares a mais, em meu regresso te pagarei” (Lc 10,35). O Apóstolo deu mais, pois como a todos os apóstolos fora permitido receber como soldados de Cristo o estipêndio dos funcionários de Cristo, trabalhou com as próprias mãos, e doou seu salário aos provinciais (cf 1Cor 4,12; 1Ts 2,7-9; 2Ts 3,8.9). Tudo isso se realizou. Se descemos e fomos feridos, subamos, cantemos, avancemos para chegarmos ao termo.

SALMO 126

SERMÃO AO POVO

1 1 Entre todos os cânticos intitulados: “Cântico gradual” este salmo acrescentou mais alguma coisa ao título: “de Salomão”. Assim foi anotado no início: “Cântico gradual de Salomão”. Por isso, chamou nossa atenção o título inusitado, de sorte que nos perguntamos a razão do acréscimo: “De Salomão”. Pois, quanto ao sentido de “Cântico gradual”, é desnecessário repetir mais vezes; falamos muitas coisas a esse respeito. Canta-o aquele que sobe com piedade e amor àquela Jerusalém do alto, pela qual suspiramos durante nossa peregrinação, e onde nos alegraremos quando regressarmos desta peregrinação. Sobe para lá todo aquele que progride; cai todo o que desanima. Não procures subir com os pés corporais, nem penses que desces com esses pés. Sobes, amando a Deus; amando o mundo, cais. Por conseguinte, esses cânticos pertencem aos que amam, e estão inflamados de um santo desejo. Ardem deste desejo os que os cantam de todo coração. Este coração ardente se encontra também em seus costumes, em seu bom comportamento e relacionamento, nas obras segundo os preceitos de Deus, no desprezo dos bens temporais e amor das coisas eternas. Mas, direi a V. Caridade, quanto me inspirar o Senhor, sobre o motivo do acréscimo: “De Salomão”.

2 Salomão foi outrora um grande rei, filho de Davi. O Espírito Santo operou nas Sagradas Escrituras, através dele, por meio de santos preceitos, salutares avisos e divinos mistérios. Com efeito Salomão amou muitas mulheres e foi reprovado por Deus; mas esta paixão foi uma armadilha para ele a tal ponto que as mulheres o coagiram a sacrificar aos ídolos, conforme o atesta a Escritura (cf 1Rs 11,1ss). Mas se por sua queda se apagasse o que foi dito através dele, julgar-se-ia que suas palavras não eram do Espírito Santo. Maravilhosamente, portanto, agiu aqui a misericórdia de Deus com o seu Espírito, de forma que tudo o que Salomão proferiu de bom, fosse atribuído a Deus; quanto ao pecado do homem, ao homem. Que há de espantoso em que tenha caído Salomão no meio do povo de Deus? No paraíso não caiu Adão? O anjo não caiu do céu e se tornou diabo? Por isso, aprendemos que em homem algum se deve depor confiança. Este Salomão ainda edificara o templo do Senhor (cf 1Rs 6,1), como tipo e figura da futura Igreja, corpo do Senhor; daí provém que diga no evangelho o Senhor: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei” (Jo 2,19). Salomão edificara aquele templo e nosso Senhor Jesus Cristo, o verdadeiro pacífico, verdadeiro Salomão, edificou seu templo. Pois, Salomão significa Pacífico. Ele é, efetivamente, o verdadeiro pacífico, de quem diz o Apóstolo: “Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só” (Ef 2,14). Ele é o verdadeiro pacífico, que uniu em si os dois muros, vindos de direções diferentes, e tornou-se a pedra angular, para o povo fiel vindo da circuncisão e para o povo proveniente dos gentios, também crentes. Dos dois povos fez uma só Igreja, dos quais ele se tornou pedra angular; portanto, é verdadeiramente pacífico. Ele é verdadeiro

Salomão. O outro Salomão, filho de Davi por Bersabéia, rei de Israel, era figura deste pacífico, quando edificou o templo (cf 1Sm 12,24). A Escritura, para evitar que penses no Salomão que construiu a casa de Deus, mostrando-te outro Salomão, assim começa o salmo: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalharam os que a edificaram”. O Senhor, portanto, edifica a casa, nosso Senhor Jesus Cristo edifica sua casa. Muitos trabalham na construção, mas se ele não edificar, “em vão trabalharam os que a edificaram”. Quais são os que trabalham na construção? Todos os que na Igreja pregam a palavra de Deus, os ministros dos sacramentos de Deus. Todos corremos, todos trabalhamos, todos edificamos agora; e antes de nós, muitos correram, trabalharam, construíram; mas “se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalharam os que a edificaram”. Por esta razão, ao verem certas ruínas os apóstolos, e propriamente Paulo disse: “Observais cuidadosamente dias, meses, estações, anos! Receio ter-me afadigado em vão por vós” (Gl 4,10). Sabia que em si Deus edificava interiormente e lastimava a estes, pois em vão se afadigara por eles. Com efeito, nós falamos exteriormente, e o Senhor edifica interiormente. Notamos como ouvis, mas o que pensais, conhece-o apenas aquele que vê vossos pensamentos. Ele edifica, ele admoesta, ele atemoriza, ele abre o intelecto, ele aplica vosso modo de pensar a fé. Entretanto, nós também, como operários, trabalhamos: mas “se o Senhor não edificar a casa, em vão tra-balharam os que a edificaram”.

3 Casa de Deus identifica-se com cidade de Deus. Pois, casa de Deus é o povo de Deus; casa de Deus é o templo de Deus. E como se exprime o Apóstolo? “Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós” (1Cor 3,17). Todos os fiéis, porém, são casa de Deus. Não apenas os que existem agora, mas ainda os que existiram antes de nós e já adormeceram no Senhor, os que existirão depois de nós, que ainda devem nascer no gênero humano até o fim do mundo, todos os fiéis congregados na unidade, inúmeráveis, mas computados pelo Senhor, dos quais diz o Apóstolo: “O Senhor conhece os que lhe pertencem” (2Tm 2,19), aqueles grãos que agora gemem entre as palhas, e que constituirão uma só massa, quando a eira for ventilada no fim do mundo (cf Mt 3,12); portanto, o número total dos santos fiéis, que de homens se tornarão iguais aos anjos de Deus, reunidos aos anjos, os quais não peregrinam, mas nos aguardam ao regressarmos de nossa peregrinação; todos esses simultaneamente constituem uma só casa de Deus e uma só cidade. Esta é Jerusalém. Ela tem seus guardas; como tem os que a edificam, os que trabalham na sua construção, assim possui também seus guardas. A essa guarda pertence o que assim diz o Apóstolo: “Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade e da pureza devida a Cristo” (2Cor 11,3). Paulo guardava, era guarda, vigiava, quanto podia, aqueles que governava. Também os bispos fazem assim. Pois, o bispo está colocado num posto mais alto para superintender e de certo modo guardar o povo. Em grego se diz episcopus, em latim a tradução é vigilante; superintende quem vê de cima. Como o vinhateiro tem um posto mais alto para guardar a vinha, assim também o bispo tem um posto mais elevado, e deste local mais elevado há de prestar contas com perigo para si; a não ser que nos mantenhamos aqui com tal disposição interna que pela humildade

estejamos a vossos pés, rezando por vós, a fim de que aquele que conhece vossas mentes, vos guarde. De fato, podemos ver-vos ao entrardes e saírdes; mas não vemos o que pensais em vossos corações, nem podemos ver o que fazeis em vossas casas. Como então vos guardamos? À maneira humana; quanto podemos, com quanto poder recebemos para isso. E como guardamos de modo humano e não podemos guardar perfeitamente, ficareis sem guarda? De forma alguma. Pois, onde fica aquele do qual se disse: "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalharam os que a edificaram?" Trabalhamos nesta vigilância, mas será vão nosso labor, se não guardar aquele que vê vossos pensamentos. Ele vos guarda quando estais despertos, ele vos guarda quando dormis. Ele, de fato, dormiu uma vez na cruz e ressuscitou; agora já não dorme. Sede Israel, porque não dorme, nem dormitará o que guarda Israel (cf Sl 120,4). Vamos, irmãos. Se queremos ser guardados sob as asas de Deus, sejamos Israel. Com efeito, nós vos guardamos por ofício; mas queremos ser guardados convosco. Para vós somos quais pastores, mas sob aquele Pastor somos ovelhas convos-co. Deste posto, somos para vós quais doutores; mas sob aquele único Mestre nesta escola somos vossos condiscípulos.

4 2 Se queremos ser guardados por aquele que se humilhou por nossa causa, e foi exaltado para nos guardar, sejamos humildes. Ninguém se arrogue coisa alguma. Ninguém possui algo de bom se não tiver recebido daquele que é o único bom. Quem quiser, porém, arrogar-se sabedoria, é estulto. Seja humilde, para que a sabedoria venha e o ilumine. Se, contudo, antes que a sabedoria venha a ele, julgar-se sábio, levanta-se antes da aurora e anda nas trevas. E que ouve ele deste salmo? "Inútil levantar-vos antes do amanhecer". Que significa: "Inútil levantar-vos antes do amanhecer?" Se vos levantais antes do amanhecer, necessariamente permanecereis na vaidade, porque estareis nas trevas. Levantou-se a nossa luz que é Cristo. É bom levantar-te depois de Cristo. Não te levantes antes dele. Quais são os que se levantam antes de Cristo? Os que querem prevalecer diante dele. E quais são os que se preferem a si mesmos e não a Cristo? Os que querem ser importantes aqui na terra, onde ele foi humilde. Sejam, portanto, humildes na terra, se querem ser grandes no céu, onde Cristo está exaltado. Pois, ele falou acerca dos que aderiram a ele pela fé, entre os quais estamos nós, se nele acreditamos com coração puro: "Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estou, também eles estejam comigo" (Jo 17,24). Grande dom, grande graça, grande promessa, meus irmãos! E quem não quer estar com Cristo onde ele está? Mas Cristo já está exaltado. Queres estar onde está quem foi exaltado? Sê humilde onde ele foi humilde. Por isso, diz aquele que é a própria luz: "Não existe discípulo superior ao mestre, nem servo superior ao seu senhor" (Mt 10,24). Os discípulos que queriam estar acima do mestre e os servos que queriam estar acima de seu senhor, queriam levantar-se antes do amanhecer. Andavam inutilmente, porque não iam atrás da luz. A estes diz o presente salmo: "Inútil levantar-vos antes do amanhecer". Tais eram os filhos de Zebedeu, que antes de serem humilhados segundo a paixão do Senhor, já escolhiam seus lugares, para se sentarem: um à direita e outro à esquerda. Queriam levantar-se antes da aurora; portanto, caminhavam em vão. O Senhor os reconduziu à humildade, ao ouvir seu propósito e lhes disse: "Podeis beber o cálice que estou para beber"? (Mt 20,21.22). Vim

para ser humilde e vós quereis ser elevados antes de mim? Segui-me para onde vou, disse. Pois se quereis ir para onde eu não vou, “inútil levantar-vos antes do amanhecer”. Pedro também queria levantar-se antes da aurora, quando queria dar conselho ao Senhor de não padecer por nós. O Senhor predissera sua paixão, pela qual seríamos salvos, devido à própria humildade, pois ele sofreu humildemente. Ao predizer, portanto, a paixão, Pedro assustou-se; havia pouco antes declarado que ele era o Filho de Deus e teve medo de que morresse, e lhe disse: “Deus não o permita, Senhor! Isto jamais te acontecerá!” Queria levantar-se antes do amanhecer, e dar conselho à luz. Mas que fez o Senhor? Fez com que ele se levantasse depois que surgisse a luz: “Arreda-te de mim, Satanás” (Mt 16,21-23). Era Satanás porque queria levantar-se antes do amanhecer. “Arreda-te” de tal modo que eu preceda e tu me sigas. Deves ir aonde eu for e não me levares aonde queres ir.

5 Por conseguinte diz o salmo àqueles que queriam levantar-se antes do amanhecer: “Inútil levantar-vos antes do amanhecer”. E quando nos levantaremos? Quando tivermos sido humilhados: “Erguei-vos após terdes estado sentados”. Levantar-se é exaltação, assentar-se representa humilhação. Em outras passagens, sentar-se representa a honra de julgar; em outras ainda, a humildade. Como assentar-se representa a honra de julgar? “Também vós vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19,28). E como sentar-se é sinal de humilhação? “Fatigado da caminhada, o Senhor sentou-se junto ao poço. Era por volta da hora sexta” (Jo 4,6). Cansaço do Senhor, fraqueza do Senhor, fraqueza do poder, fraqueza da sabedoria; a própria fraqueza é humildade. Portanto, se assentou-se por fraqueza, o ato de assentar-se significa a humildade. Este assentar-se, esta humildade sua, nos salvou, porque “o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Cor 2,25). Por este motivo diz certo salmo: “Senhor, tu me conheceste ao sentar-me e ao levantar-me” (Sl 138,2), isto é, minha humilhação e minha exaltação. Por que, então, quereis levantar-vos antes do amanhecer, ó filhos de Zebedeu? Assim falamos, e de preferência nomeamos aqueles que contra nós não se encolerizarão, porque o fato foi registrado, a fim de que os demais se precavessem da soberba em que eles caíram. Por que, então, quereis “levantar-vos antes do amanhecer? É inútil”. Quereis exaltar-vos antes de serdes humilhados? O próprio Senhor, vossa luz, foi humilhado a fim de ser exaltado. Escutai Paulo a falar: “Sendo de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus”. Por que isso não era rapina? Porque era natureza. Nascera sendo igual àquele que o gerou. Mas o que fez? Por nossa causa, “aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo, assemelhando-se aos homens. E sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz”. Foi o ato de sentar-se. Mas ouve como foi a ressurreição: “Por isso Deus o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todo nome” (Fl 2,6-9). Vós já acorreis para junto daquele nome; “erguei-vos após terdes estado sentados”. Levantai-vos como quereis, mas primeiro sentai-vos; e erguendo-vos deste estado de humilhação, chegareis ao reino. Pois, se vos apressais em arrebatar o reino, caís de lá antes de vos levantardes. Podeis beber o cálice que estou para beber? Eles responderam: Podemos. Então ele lhes disse: Sim, bebereis

de meu cálice. Todavia, sentar à minha direita e à minha esquerda, não cabe a mim concedê-lo; mas é para aqueles aos quais meu Pai o preparou" (Mt 20,22.23). Que quer dizer: "não cabe a mim concedê-lo?" Não me compete dá-lo aos soberbos; pois eles ainda o eram. Mas se quereis recebê-lo, deixai de ser o que sois. Para outros foi preparado; tornai-vos um destes, e será preparado para vós. Que quer dizer: tornai-vos um destes? Primeiro humilhai-vos, vós que já quereis ser exaltados. Entenderam, então, que a humildade lhes seria proveitosa e corrigiram-se. Em conseqüência disso, também nós ouçamos, conforme o que diz também este salmo: "Erguei-vos após terdes estado sentados".

6 O salmista, a fim de evitar que alguém julgue que deve sentar-se para ser honrado, e a fim de mostrar que por esse ato quis recomendar a humildade, e ainda para que ninguém pensasse que recebeu ordem de sentar-se para julgar, ou para banquetear-se e alegrar-se, com sober-ba maior, acrescentou como sinal de humilhação: "Vós que comeis o pão da dor". Comem o pão da dor os que gemem nesta peregrinação. Eles estão no vale de lágrimas. Deus lhes dispõe ascensões no coração. Mas onde é que ele as dispõe? "Em seu coração preparou ascensões", diz o salmo. Quem? Deus. Se as ascensões são no coração, então eles cantam o cântico gradual. Humilhemo-nos neste mundo. Subamos. Como? Pelo coração. A ascensão do coração vem do vale de lágrimas. Diz o salmo: "No vale de lágrimas" (Sl 83,6.7). Como os montes se elevaram, os vales se abaixaram. Pois, chamam-se vales as depressões da terra; colinas são lugares mais altos, no entanto, menos do que as montanhas; as partes muito altas da terra chamam-se montanhas. Não basta. Não disse: Erguei-vos da colina; nem disse: do campo, e sim do vale, para mencionar algo de mais baixo do que o campo. Se, portanto, no vale de lágrimas comes o pão da dor, e dizes: "Minhas lágrimas noite e dia se tornaram o meu pão, quando se me diz cada dia: Onde está o teu Deus"? (Sl 41,4). Levantas-te corretamente, porque estavas sentado.

7 Supondo-se que digas: Quando nos ergueremos? Agora temos ordem de sentarmos; nossa ressurreição será como foi a do Senhor. Sê atento a ele, que te precedeu; pois se não olhas para ele, é inútil levantares antes do amanhecer. Quando ele foi exaltado? Ao morrer. Portanto, aguarda a tua exaltação após a morte, espera-a na ressurreição dos mortos, porque Cristo ressuscitou e subiu ao céu. Mas onde ele dormiu? Na cruz. Dormir na cruz era um sinal, ou antes, cumpria-se o que foi figurado em Adão. Quando Adão dormiu, foi-lhe retirada uma costela, e Eva foi criada (cf Gn 2,21-22); assim também, tendo o Senhor adormecido na cruz, seu lado foi traspassado pela lança, e profluíram os sacramentos, de onde nasceu a Igreja (cf Jo 19,34). Pois, a Igreja, esposa do Senhor, saiu de seu lado, como Eva foi modelada do lado de Adão. Mas como Eva foi formada do lado de Adão que dormia, assim a Igreja não foi formada senão do lado de Cristo que morria. Se, pois, ele não ressuscitou senão tendo morrido, tu deves esperar a exaltação apenas depois desta vida. Mas para que o salmo te instrua, perguntas: Quando ressurgirei? Talvez depois de ter estado sentado? "Quando eu der", diz o Senhor, "o sono a meus amigos". Isso é o que Deus dá, quando adormecerem seus

amigos; ressuscitarão os seus amados, isto é, de Cristo. Pois todos ressuscitarão, mas não do mesmo modo que os seus amigos. A ressurreição dos mortos é de todos; mas como se exprime o Apóstolo? Ressurgiremos todos, “mas não seremos todos transformados” (1Cor 19,34). Os outros hão de ressurgir para o castigo; nós ressuscitaremos como ressuscitou nosso Senhor, para seguirmos nossa Cabeça, se somos seus membros. Se, porém, somos seus membros, então somos seus amados, então compete-nos a ressurreição, em que o Senhor nos precedeu. A luz se levantou antes de nós, e nós depois dela; porque é inútil levantarmo-nos antes da aurora, isto é, procurar a exaltação antes de morrermos, pois Cristo, nossa luz, não foi exaltado na carne, senão depois que morreu. Estabelecidos, portanto, entre seus membros, e membros de seu amado, depois de passar pelo sono, levantar-nos-emos na ressurreição dos mortos. Somente um ressuscitou para não mais morrer. Lázaro ressuscitou, mas haveria de morrer. Ressuscitou a filha do chefe da sinagoga, mas para morrer. Ressuscitou o filho da viúva, mas para morrer (cf Jo 11,44; Mt 9,25; Lc 7,15). Ressuscitou Cristo para não mais morrer. Escuta o que diz o Apóstolo: “Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele” (Rm 6,9). Aguarda tal ressurreição; por causa disto sê cristão, não por causa da felicidade terrena. Pois, se queres ser cristão tendo em vista a felicidade desta via, enquanto tua luz não procurou na terra uma felicidade mundana, queres levantar-te antes do amanhecer; necessariamente permanecerás em trevas. Muda, segue tua luz. Levanta-te conforme ela ressuscitou. Senta-te primeiro, depois levanta-te. “Pois o Senhor dá o sono a seus amigos”.

8 3 Perguntarias ainda: A que amigos? “Herança do Senhor são os filhos, recompensa, o fruto das entranhas”. Quando diz o salmista: “o fruto das entranhas”, esses filhos já nasceram. Existe certa mulher, em quem se revela espiritualmente o que foi dito a Eva: “Na dor darás à luz” (Gn 3,16.20). A Igreja, esposa de Cristo dá à luz seus filhos. Se gera, dá à luz. Simboliza-a Eva, denominada “mãe de todos os viventes”. Entre os membros da parturiente encontrava-se aquele que dizia: “Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,19). Mas não foi em vão que sofreu o parto, nem que deu à luz; haverá uma santa prole na ressurreição dos mortos; os justos, que agora estão espalhados pela terra inteira, serão superabundantes. A Igreja geme por causa deles, a Igreja está de parto; na ressurreição dos mortos revelar-se-á o fruto de seu parto, passará a dor e o gemido. E que se dirá? “Herança do Senhor são os filhos, recompensa, o fruto das entranhas”. Deste fruto, e não: este fruto. “Recompensa deste fruto das entranhas”. Qual a recompensa? Ressuscitar dentre os mortos. Qual a recompensa? Levantar-se após ter estado sentado. Qual a recompensa? Alegrar-se após ter comido o pão da dor. De que entranhas? Da Igreja. No seu seio (porque Rebeca era tipo da Igreja), os dois gêmeos, como sendo dois povos lutavam (cf Gn 25,22.23). Uma só mãe continha em seu seio dois irmãos em desacordo mesmo antes de nascerem; as vísceras maternas pulsavam devido às discórdias internas; ela gemia, sofria devido à violência, mas ao dar à luz distinguia os gêmeos que gerara. Assim também agora, irmãos, enquanto a Igreja geme, enquanto dá à luz, tem dentro de si bons e maus. Fruto das entranhas, porém, era Jacó, que a mãe

amava de preferência. “Eu amei a Jacó, diz Deus, e odiei Esaú” (Ml 1,2.3; Rm 9,13). Ambos eram procedentes do mesmo útero; um mereceu ser amado, e o outro ser reprovado. Por conseguinte, o fruto constará dos amados. Com efeito, “recompensa, o fruto das entranhas”.

9 4 “Quais setas nas mãos de um valente guerreiro são os filhos dos que foram sacudidos”. De onde provém esta herança, irmãos? De onde vem tão grande herança, da qual se diz no fim: “Herança do Senhor, são os filhos, recompensa, o fruto das entranhas?” Foram projetados pela mão do Senhor, como setas e foram longe, encheram toda a terra, onde os santos pulularam. Esta a herança, da qual foi dito: “Pede-me e dar-te-ei as nações por herança. E como propriedade os confins da terra” (Sl 2,8). E como essa possessão se estende e cresce até os confins da terra? Porque “quais setas nas mãos de um valente guerreiro, são os filhos dos que foram sacudidos”. Do arco se lançam as setas, e quanto maior for a sacudidela, tanto mais longe atinge a seta. Quem, porém, é mais forte para sacudir do que o Senhor? Com seu arco, lança os apóstolos; não houve resíduo que não alcançasse a seta projetada por tão forte guerreiro; chegou até os confins da terra. Não foi além, porque não há nada mais além no gênero humano. Pois, o Senhor possui tanta força que se houvesse um lugar além para lançar a seta, para lá a projetaria. Os filhos dos que foram sacudidos são como estes últimos. Foi-me perguntado a respeito desta palavra, mesmo por aqueles que antes de nós comentaram este salmo. Porque foram chamados filhos dos sacudidos, ou quem são os filhos sacudidos? Alguns emitiram a opinião, como acabo de dizer, que filhos dos sacudidos são os filhos dos apóstolos.

10 V. Caridade, dê-me um pouco de atenção. Pergunta-se por que os apóstolos foram sacudidos. Alguns disseram que foram denominados assim os apóstolos, porque o Senhor lhes ordenou: “Se alguém não dá ouvidos às vossas palavras, saí daquela cidade e sacudi o pó dos vossos pés” (Mt 10,14). Mas outro dirá: Não se devia dizer filhos dos sacudidos, mas filhos dos que sacodem. O Senhor fez com que eles sacudissem, ao dizer-lhes: “Sacudi o pó dos vossos pés”. Não disse: Sacudi-vos. Quem assim comentou essa palavra, de maneira sutil quis contradizer à sentença precedente; entretanto, à medida que o Senhor nos ajudar, ao buscarmos como se poderia afirmar com razão que eram também sacudidos aqueles aos quais ordenou o Senhor: “Sacudi o pó dos vossos pés”, descobrimos que não é absurdo assim falar. Pois, embora eles sacudissem, sacudiam-se a si mesmos. Digo o seguinte: Quem sacode, ou se sacode, ou sacode alguma coisa. Se sacode alguma coisa, enquanto sacode não é sacudido; se, porém, se sacode, sacode e é sacudido. Atenção! Explanarei de modo mais claro, se puder. Se alguém sacode um objeto, sacode e não é sacudido; se é sacudido por outrem, é sacudido e não sacode; se, porém, sacode-se a si mesmo, sacode porque sacode a si mesmo; e é sacudido porque se sacode. A questão está em saber quem terá sacudido os apóstolos. Sem dúvida, foram eles mesmos; pois, sacudiram a poeira de seus pés. Mas dirá alguém: Não se sacudiram, mas sacudiram a poeira. Sem dúvida, isto é falso. Dizemos que uma coisa é sacudida de dois modos: ou aquilo que é sacudido para longe de si, ou aquilo de onde alguma coisa é sacudida. Pois dizemos também: a poeira foi

sacudida e foi sacudida a veste. Alguns seguram a veste, sacodem-na, e salta dali a poeira aderente. Como se fala sobre esta poeira? Foi sacudida. Que dizes da veste? A veste foi sacudida. Se, portanto, tanto o que saltou da veste quando se sacudia, como a veste em que aderia a poeira que saltou, se diz que foi sacudida. A poeira foi sacudida. Também os apóstolos foram sacudidos. Por que, então, não haveriam de ser chamados "filhos dos que foram sacudidos" os filhos dos apóstolos?

11 Mas existe outra opinião que não devemos deixar de mencionar. Talvez estas palavras são um tanto obscuras para que tenham muitos sentidos, e os homens se enriqueçam, porque encontraram escondido o que de muitos modos se revelasse, melhor do que se encontrassem claramente exposto de uma só maneira. Dizemos que se sacode alguma coisa, para que caia o que talvez ali esteja escondido. É diferente se sacudimos uma veste ou se sacudimos a poeira; e é ainda outra coisa sacudir um saco para que caia o que estava lá dentro. Por isso entendo, irmãos, como posso, que filhos dos sacudidos seriam os próprios apóstolos, filhos dos profetas. Os profetas, de fato, continham mistérios ocultos e revelações; foram sacudidos para que dali procedessem palavras manifestas. Imagina, pois, que o profeta disse, como disse na verdade: "O boi conhece o seu dono, e o jumento, a manjedoura de seu senhor, mas Israel é incapaz de me conhecer" (Is 1,3). No momento, ocorreu-me citar essa palavra do profeta; se me lembrasse de outra, teria dito. Ouvindo isso, poderia alguém pensar em asno, boi, animal e jumento que costuma ver e considerará exteriormente o que há interiormente, como num invólucro; desconheceria o que ali se encontra. O asno e o boi significam alguma coisa. Que dizer a quem quer logo responder? Espera; está fechado o que tocas, sacode o invólucro. O profeta teceu algo sob os véus daqueles nomes. Asno e boi significam qualquer coisa que ainda não sei. Pois, o asno é figura do povo de Deus, é o jumento de Deus que carrega seu Senhor a fim de não se desviar no caminho. E boi seria o mencionado pelo Apóstolo: "Não amordaçarás o boi que tritura o grão. Acaso Deus se preocupa com os bois? Não é sem dúvida, por causa de nós que a Escritura assim fala"? (1Cor 9,9.10). Com efeito, todo o pregador da palavra de Deus admoesta, repreende, atemoriza; tritura a eira, cumpre o ofício de um boi. O boi vinha do povo judaico; dali vieram, de fato, os apóstolos pregadores; o asno provinha dos gentios, isto é, das nações. Veio para carregar o Senhor; por isso o Senhor montou num jumento, que jamais havia carregado alguém; pois nem a lei, nem os profetas foram enviados aos gentios. Como nosso Senhor Jesus Cristo quis ser nosso alimento, recém-nascido foi colocado num presépio: "O boi conhece o seu dono, e o jumento, a manjedoura de seu senhor". Mas, porventura essas coisas apareceriam se o saco não fosse sacudido? Se com diligência não fosse discutida a profecia que estava num invólucro, ter-nos-ia alcançado a revelação? Tudo isto estava fechado até que viesse o Senhor. O Senhor veio, sacudiu as coisas ocultas e elas se revelaram; os profetas foram sacudidos, e nasceram os apóstolos. Como nasceram depois que os profetas foram sacudidos, os apóstolos são filhos dos que foram sacudidos. Eles foram colocados nas mãos do valente guerreiro como setas e alcançaram os confins da terra. Daí dizer-se no fim do salmo: "Herança do Senhor são os filhos; recompensa, os frutos das entranhas". Visto que esta herança se congrega dos confins da

terra, “quais setas nas mãos de um valente guerreiro são os filhos dos que foram sacudidos”, isto é, os filhos dos profetas, os apóstolos, se tornaram quais setas nas mãos de um valente guerreiro. Se é valente, sacudiu com força; se sacudiu com força, chegaram aos confins da terra os que foram sacudidos.

12 5 “Feliz o homem que neles viu cumprido seu anelo”. E então, meus irmãos, quem viu cumprido seu anelo neles? Os que não amam o mundo. Quem está cheio de desejos mundanos não dá entrada àquilo que eles pregaram. Derrama o que carregas, para te tornares capaz de reter o que não tens. Isto é, desejas as riquezas; não podes satisfazer com elas teus desejos. Desejas as honras na terra, desejas o que Deus deu até aos jumentos, isto é, a volúpia temporal, a saúde do corpo, etc.; não verás nisso cumpridos teu anelos. Se, porém, desejas como o cervo anseia pelas fontes das águas (cf Sl 41,2); se dizes: Suspira e desfalece a minha alma pelos átrios do Senhor” (Sl 83,3), cumpridos são teus anelos; não que eles possam cumprir teus desejos, mas imitando-os chegas àquele que cumpriu os desejos deles.

13 “Não será confundido quando pleitear com seus inimigos à porta da cidade”. Irmãos, falamos à porta, isto é, todos sabem de que falamos. Quem não quer falar à porta, quer ocultar o que fala; e talvez queira ocultá-lo porque é mal. Se tem confiança, fale à porta; conforme se exprime a Escritura sobre a Sabedoria: “Junto às portas da cidade, fala com audácia” (Pr 8,3). Por quanto tempo os inocentes se mantiverem na justiça, não se envergonharão; é isto que significa anunciar junto à porta. E quem é que anuncia à porta? Quem anuncia em Cristo, porque é Cristo a porta pela qual ingressamos naquela cidade. Muito, se não foi ele próprio que disse: “Eu sou a porta” (Jo 10,9). Se é porta da casa (janua), é também porta da cidade (porta). Pois, se denomina janua a porta da casa; a da cidade é porta, enquanto a porta da casa se chama janua. Não seria exato chamar de porta, se não se denominasse pelo termo: casa, a cidade. Ambas as coisas foram ditas um pouco mais acima: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalharam os que a edificaram”. O salmista disse ainda, a fim de que ouvindo falar de casa, não pensasses em algo de insignificante: “Se o Senhor não guardar a cidade, vigiam debalde as sentinelas”. Aquela casa, portanto, identifica-se com a cidade. Ela tem porta (janua) como uma casa e tem porta (porta) qual uma cidade. O que é a porta (janua) para a casa, é a porta (porta) para a cidade. Se, pois, Cristo é a porta da cidade, não se envergonha aquele que permanece em Cristo e assim o anuncia. Fecha-se a porta contra aquele que prega contra Cristo. Quais são os que pregam contra Cristo? Os que negam que foram lançadas setas das mãos de valente guerreiro e alcançaram os confins da terra, e que esta é a herança do Senhor, da qual foi dito: “Pede-me e dar-te-ei as nações por herança e como propriedade os confins da terra” (Sl 2,8). Antes que isso se realizasse, foi anunciado, foi ouvido; e alguns não querem reconhecê-lo depois de cumprido. Estão, portanto, fora da porta os que disputam contra Cristo, porque buscam a própria honra e não a de Cristo. Os que anunciam junto à porta, procuram a glória de Cristo, não a sua. Quem anuncia à porta diz: Nada presumais de mim; entrareis pela porta, não por mim. Aqueles, porém, que desejam que os homens confiem em si, querem impedi-los de

entrar pela porta. Não é de admirar que a porta se feche contra eles, e inutilmente batam para que se lhes abra. Coragem, portanto, irmãos; amanhã devemos fazer-vos um sermão, que prometemos cumprir com o auxílio do Senhor, acerca do evangelho sobre a pomba[1]. Pagaremos a promessa por misericórdia daquele em cujo nome prometemos. Mas, a fim de podermos pagar devidamente, sem termos sido audaciosos ao prometermos, rezai por nós.

1 Cf Tract. in Joh. IV, 16; V;VI.

SALMO 127

SERMÃO

1 [1.4] Conforme diz o Apóstolo, irmãos caríssimos: "Exprimimos realidades espirituais em termos espirituais. O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus" (1Cor 2,13). Por isso, devemos precaver-nos não aconteça que os homens que vivem segundo a carne, não percebendo o que vem do Espírito de Deus, mais se escandalizem com este salmo do que se instruam. Brevemente (embora o tenhamos ouvido ao ser cantado), porque ele é breve, vou percorrê-lo, lendo em vez de comentá-lo. Notai que se alguém desejar as coisas contidas neste salmo, pensando obtê-las de Deus como coisas valiosas e talvez não as obtenha porque Deus o ama e não porque o abandona, e se verificar que o que consta como prêmio para os que temem a Deus, foi concedido fartamente aos que não temem, seus passos vacilem e resvalem, e ele diga em seu coração que foi inútil temer a Deus, porque não mereceu os dons reservados aos que o temem; além disso receberam-nos aqueles que não só não temeram a Deus, mas até blasfemaram. Pois, vede como se exprime o salmo: "Felizes todos os que temem o Senhor, que andam em seus caminhos. Comerás do trabalho dos teus frutos. Serás feliz, cumulado de bens". Nessas palavras, apesar de homens carnais, ainda podemos ver a felicidade do século futuro; mas vede como continua o salmo: "Tua esposa será qual vide fecunda no interior de tua casa. Teus filhos quais vergônteas de oliveira ao redor de tua mesa. Assim será abençoado o varão que teme o Senhor". Como? Se sua esposa é qual vinha fecunda no interior de sua casa, e seus filhos quais vergônteas de oliveira ao redor de sua mesa, então perderam sua recompensa os que por causa de Deus não quiseram contrair matrimônio? Mas dirá quem não quis se casar: Deus me abençoará de outro modo… Não é assim. Ou abençoará desta maneira ou não abençoará; a sentença é clara: "Assim é abençoado o varão que teme o Senhor".

2 Que sentido, então, tem isso, irmãos? O profeta nos apresentou uma espécie de pacote, a fim de não desejarmos a felicidade temporal e terrena, perdendo a celeste. Não sei o que está dentro desse invólucro. V. Caridade deve estar lembrada de que ao comentar o salmo precedente, encontramos um versículo obscuro, nesses termos: "Quais setas nas mãos de um valente guerreiro são os filhos dos que foram sacudidos". E quando examinamos o que seriam os "filhos dos que foram sacudidos", pareceu-nos, por uma iluminação do Senhor como cremos, que os apóstolos foram chamados filhos dos que foram sacudidos, filhos dos profetas. Com efeito, os profetas falaram em figura, e a realidade do mistério estava encoberta pelos invólucros dos símbolos. Os homens não puderam extrair dali o sentido, sem sacudir aqueles invólucros. Os apóstolos foram denominados, portanto, "filhos dos que foram sacudidos", porque, sacudidos os profetas, eles disso tiraram proveito. Por conseguinte, também nós sacudamos este invólucro para não nos enganarmos, e tocando o que está dentro sem ver, afirmemos talvez que é

madeira em vez de ouro, ou argila em vez de prata. Sacudamos, se apraz a V. Caridade. O Senhor nos assistirá, para extrairmos o que está lá dentro; principalmente, meus irmãos, porque estamos celebrando a festa natalícia dos mártires. Quantos males padeceram os mártires, quantos perigos, quantos tormentos, a imundície dos cárceres, as cadeias apertadas, a crueldade das feras, o ardor das chamas, os espinhos dos ultrajes! Teriam sofrido tudo isso, se não vissem algo a que tendessem, e que não pertence à felicidade deste mundo? É inconveniente, porém, celebrarmos as festas dos mártires, destes servos de Deus que desprezaram este mundo em vista da felicidade eterna, e considerarmos felicidade agora o que no salmo está escrito, e dizermos talvez de um homem de Deus, fiel, cidadão da Jerusalém do alto, que mesmo que casado, não tenha filhos: Este homem não teme o Senhor; pois se temesse o Senhor, sua esposa seria como uma vide fértil em sua casa, e não estéril, sem filhos; e se este homem temesse o Senhor, seus filhos cercariam sua mesa, como ramos de oliveria. Se dissermos isto, somos carnais, e não percebemos o que é do Espírito de Deus. Comecemos a sacudir-nos, para sermos também nós filhos dos que foram sacudidos. Pois, se formos filhos dos que foram sacudidos, estaremos nas mãos de valente guerreiro quais setas, e ele nos lançará, conforme seu preceito, ao coração dos homens que ainda não amam, a fim de que feridos pelas setas das palavras de Deus, comecem a amar. Com efeito, se começarmos a lhes pregar: Meus filhos, ou meus irmãos, temei o Senhor, a fim de possuirdes filhos e netos, para alegria de vossa casa. Então, não lançamos setas para que seja amada aquela Jerusalém eterna; eles se deterão no amor dos bens terrenos e verificando que os ímpios os possuem com fartura, embora não ousem responder-nos, dirão em seu coração: Por que aquele que não teme a Deus, tem a casa cheia de filhos? Talvez outro lhe replique: Ainda não sabes o que pode lhe acontecer. E se lhes foram concedidos, porque não temem a Deus, justamente em tal número para que sofram dor maior com a morte deles? Mas se deres esta resposta, ele poderá contestar: Eu conheço um homem ímpio, pagão, sacrílego, adorador dos ídolos (e talvez conheça mesmo e diz a verdade, e não é um só, nem são dois ou três); e foi sepultado depois de velho, decrépito, tendo morrido em seu leito, cercado da multidão dos filhos e netos. Eis que ele não temia o Senhor, e uma grande descendência de sua casa fechou-lhe os olhos. Que diremos diante disso? Nada de mal pode lhe suceder, de forma que em sua vida lhe sejam tirados os filhos; já morreu e foi levado ao sepulcro com honra pelos filhos.

3 Sacudamos, portanto, sacudamos, se queremos ser filhos dos que foram sacudidos; alguma coisa retiraremos daí. Pois, existe certo homem que assim é abençoado. Ninguém teme o Senhor se não estiver entre os membros deste homem. Consta de muitos e é um só. Muitos cristãos, um só Cristo. Os cristãos unidos a sua Cabeça, que subiu ao céu, formam um só Cristo. Não digo que ele é um só e nós somos muitos, mas que nós, sendo muitos, naquele que é um, somos um só. Por conseguinte, Cristo é um só, Cabeça e corpo. Qual é o seu corpo? Sua Igreja, conforme a palavra do Apóstolo: "Porque somos membros do seu corpo" (Ef 5,30). E: "Vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros" (1Cor 12,27). Compreendamos, pois, a voz deste homem, em cujo corpo somos um só homem; e então veremos os verdadeiros bens de Jerusalém. No final, o

salmo se exprime da seguinte maneira: “Vejas a prosperidade de Jerusalém”. Se, porém, olhares com olhos terrenos tal prosperidade, isto é, a abundância de filhos e netos, a fertilidade e fecundidade da esposa, não se trata dos bens da Jerusalém terrestre. Esta prosperidade é peculiar à terra dos que morrem, e aquela Jerusalém é a terra dos vivos. Não consideres coisa importante ter filhos, filhos que hão de morrer, senão antes de ti, com toda certeza depois de ti. Queres ter filhos que jamais haverão de morrer, e viverão sempre contigo? Sê membro daquele corpo, do qual foi dito: “Vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros”.

4 Efetivamente, para demonstrá-lo, o mesmo salmo, tão obscuro que nos convida a batermos à porta, tão oculto que necessita ser sacudido, começa a dirigir-se a muitos: “Felizes todos os que temem o Senhor, que andam em seus caminhos”. Fala a muitos; mas como esses muitos são um só em Cristo, continua no singular: “Comerás do trabalho de teus frutos”. Mais acima dissera: “Felizes todos os que temem o Senhor, que andam em seus caminhos”. Por que então agora: “Comerás do trabalho de teus frutos” e não: Comereis? E por que razão: “Comerás do trabalho de teus frutos”, e não: do trabalho de vossos frutos? Tão logo se esquece de que falava a vários? Mas se já sacudiste, que te responde? Ao dirigir-me a vários cristãos, em Cristo que é um, subentendo um só. Por conseguinte sois vários e sois um só; somos vários e somos um só. Como somos vários e somos um só? Aderindo àquele de quem somos membros. Se a Cabeça está no céu, os membros a seguem.

5 Por conseguinte, descreva o salmista, porque é claro de quem fala. Assim serão evidentes as coisas que seguem: apenas temei o Senhor, andai por seus caminhos e não tenhais inveja daqueles que não seguem suas vias, se verificardes que de maneira infeliz são felizes. Os homens mundanos infelizmente são felizes, os mártires, ao invés, eram felizmente infelizes. Pois, eram infelizes por algum tempo, mas eternamente felizes; e pelo fato mesmo de serem infelizes temporariamente, eram considerados mais infelizes do que de fato eram. Como se exprime o Apóstolo? “Como tristes e, não obstante, sempre alegres” (2Cor 6,10). Por que “sempre”? Aqui e lá; efetivamente, aqui e lá. Aqui, na terra, de onde vem nossa alegria? Da esperança. E lá, por que nos alegraremos? Com a realidade. A esperança causa grande alegria. E se nos alegramos “na esperança” (cf Rm 12,12), vede como continua o Apóstolo: “perseverantes na tribulação”. Os mártires, portanto, eram pacientes na tribulação, porque se alegravam na esperança. Mas como ainda não se tratava do objeto da promessa, que diz o Apóstolo? “Ver o que se espera, não é esperar. E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos” (Rm 8,24.25). Eis por que os mártires tudo suportaram. Aguardavam pela paciência o que não viam. Seus carrascos amavam o que viam; eles, que eram mortos, suspiravam por aquilo que não viam e tinham pressa de alcançar as coisas invisíveis; e se a morte tardava, sentiam essas delongas.

6 Por isso, irmãos, o mártir Feliz, verdadeiramente feliz pelo nome e pela coroa, cuja festa comemoramos hoje[1], desprezou o mundo. Por acaso era feliz porque temia o Senhor, era feliz porque sua esposa era na terra uma vide fértil e seus filhos estavam ao

redor de sua mesa? Perfeitamente ele possuía tudo isso, mas no Corpo daquele de que fala o salmo. E como entendeu essas coisas, desprezou os bens presentes para receber os futuros. Deveis saber, porém, irmãos, que ele não sofreu a mesma morte que os outros mártires. De fato, ele confessou a Cristo e seus tormentos foram adiados; no dia seguinte seu corpo foi encontrado exânime. Haviam-no prendido no cárcere, mas somente o corpo, não o espírito. Os verdugos viram que se ausentara aquele que eles estavam prontos a torturar; perderam a sua crueldade. Ele jazia exânime, insensível; não podia ser torturado; mas, junto de Deus tinha percepção para ser coroado. Como teria sido feliz, irmãos, não somente pelo nome, mas ainda pelo prêmio da vida eterna, se amasse as coisas presentes?

7 Conseqüentemente, ouçamos este salmo em referência a Cristo, e todos nós unidos ao corpo de Cristo e transformados em seus membros, andemos pelos caminhos do Senhor; temamos o Senhor com temor casto, que permanece pelos séculos dos séculos. Existe outro temor, que a caridade exclui, conforme diz S. João: “Não há temor no amor; mas o perfeito amor lança fora o temor” (1Jo 4,18). Não é de qualquer temor que se diz que a caridade lança fora; pois tens em outro salmo: “O temor do Senhor é casto, permanece pelos séculos dos séculos” (Sl 18,10). Por conseguinte, um temor permanece e outro é lançado fora. O temor que é lançado fora não é casto; é casto aquele que permanece. Qual o temor que é excluído? Prestai atenção. Alguns têm medo de sofrer algo de mal aqui na terra: não lhes advenha uma doença, não sofram dano, orfandade, não percam algum ente querido, não passem por exílio, condenação, cárcere, tribulação. Por tudo isso temem e tremem. Este temor ainda não é casto. Escuta ainda. Outro não receia sofrer nesta terra, mas tem medo do inferno, a respeito do qual atemorizou-nos o próprio Senhor. Escutastes a leitura do evangelho: “Onde o verme deles não tem fim e onde o fogo não se extingue” (Mc 9,48). Os homens ouvem estas coisas; e como na verdade hão de vir para os ímpios, eles temem e abstêm-se do pecado. Têm temor, e pelo temor abstêm-se do pecado. Temem de fato, mas não amam a justiça. Enquanto pelo temor se abstêm do pecado, habituam-se à justiça, o que era duro começa a ser amado e Deus se lhes torna suave. O homem inicia uma vida na justiça, não por temer o castigo, mas por amor à eternidade. Por conseguinte, o amor expulsou o temor, mas sucedeu-lhe o temor casto.

8 Que é este temor casto? Devemos, meus irmãos, de acordo com este entender o versículo: “Felizes todos os que temem o Senhor, que andam em seus caminhos”. Se eu conseguir expressar devidamente o que é este temor casto, com o auxílio do Senhor, nosso Deus, muitos talvez partindo deste temor casto se inflamem num amor casto. Talvez não possa explicar, a não ser com uma comparação. Imagina uma esposa casta, que teme seu esposo; e outra, adúltera, que teme seu esposo. A esposa casta receia que ele se afaste dela; a adúltera, que ele venha. E se ambos estão ausentes? Uma tem medo de que ele venha; a outra, que ele demore. De certa maneira está ausente aquele a quem somos desposados, está ausente aquele que nos deu o penhor do Espírito Santo, ausente quem nos redimiu com seu sangue; aquele esposo mais belo do que todos os homens,

mas que se mostrou sem beleza entre as mãos dos perseguidores, e do qual pouco antes dizia Isaías: “Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar” (Is 53,2). Então, nosso esposo é feio? De forma alguma. Como o amariam as virgens, que não procuraram esposo na terra? No entanto, apareceu sem beleza diante dos perseguidores; e se não o considerassem feio, não o assaltariam, não o feririam com flagelos, não o coroariam de espinhos, não o injuriariam com escarros. Mas como lhes parecia feio, fizeram-lhe tudo isso; não tinham olhos para ver a beleza de Cristo. A que olhos Cristo se revelou belo? Quais os olhos que desejava o próprio Cristo, quando dizia a Filipe: “Há tanto tempo estou convosco e não me conheceis”? (Jo 14,9). Estes olhos precisam ser purificados para poderem ver aquela luz; e por menos que sejam atingidos por seu esplendor, inflamam-se de amor de sorte que querem ser curados e são iluminados. Com efeito, para saberdes que é belo o Cristo amado, disse o profeta: “Muito belo, acima dos filhos dos homens” (Sl 44,3). Sua beleza supera a de todos os homens. O que amamos em Cristo? Os membros crucificados, o lado aberto, ou o amor? Quando ouvimos dizer que padeceu por nós, que amamos? É a caridade que é apreciada. Ele nos amou para que retribuíssemos seu amor; e para podermos retribuir com amor, visitou-nos com seu Espírito. Ele é belo, mas está ausente. Interroga-se a esposa, se é casta. Todos nós somos seus mem-bros, meus irmãos; estamos entre seus membros, por isso somos um só homem. Veja cada qual que temor possui. Se aquele que a caridade expulsa, ou o temor casto que permanece pelos séculos dos séculos. Agora o experimentou; digo, e o experimentará. Nosso esposo está ausente. Interro-ga tua consciência. Queres que venha ou ainda queres que tarde? Vede, irmãos. Bati à porta de vossos corações. O Senhor ouviu a voz dos que lá habitam. Não foi possível chegar a meus ouvidos, porque sou homem, o que agora dis-se a consciência de cada qual. Escutou-vos aquele que está ausente corporalmente, mas presente pelo vigor de sua majestade. Quantos são os que dirão: Oxalá venha! se lhes for dito: Eis que Cristo já está aqui, amanhã é o dia do juí-zo. Muito amam os que assim falam. Se lhes for dito, ao in-vés: Ainda demora, receiam que tarde, porque seu temor é casto. Da mesma forma que agora se receia que tarde, assim quando vier, ter-se-á receio de que se afaste. Será, porém, casto nosso temor, se for tranqüilo e seguro. Pois, ele depois de nos encontrar, não nos abandonará, visto que nos procurou antes que o buscássemos. O temor casto, portanto, meus irmãos tem esta característica: vem do amor. Ao contrário, o temor que ainda não é casto, teme a presença e o castigo. Faz por temor tudo de bom que faz; não pelo temor de perder aquele bem, mas pelo medo de sofrer aquele mal. Não teme perder o amplexo do esposo belíssimo, mas teme ser lançado na geena. É bom este temor, é útil. Não permanecerá pelos séculos dos séculos; ainda não é o temor casto que permanece pelos séculos dos séculos.

9 Em que é casto? De novo pergunto o que deveis perguntar a vós mesmos. Se Deus viesse e nos falasse de própria voz (embora não cale em suas Escrituras), e dissesse ao homem: Queres pecar, peca. Pratica tudo o que te apraz. Torne-se teu tudo o que amares na terra. Morra aquele contra o qual te irares. Seja roubado aquele a quem quiseres roubar; ferido, quem quiseres ferir; condenado quem desejares condenar. Apossa-te do

que quiseres ter. Ninguém te resista, te diga: Que fazes? Ninguém: Não faças. Ninguém: Por que o fizeste? Tenhas fartamente todos os bens terrestres que ambicionares, e vive com eles, não por algum tempo, mas para sempre. Mas, jamais vereis a minha face. Meus irmãos, porque gemestes, senão porque brotou em vós o temor casto, que permanece pelos séculos dos séculos? Por que vosso coração se comoveu? Se Deus dissesse: Jamais verás a minha face; eis que terás em abundância esta felicidade terrena, todas as coisas, cercar-te-ão os bens temporais; não os perderás, não os deixarás; que queres mais? O temor casto, de fato, haveria de chorar e gemer, dizendo: Prefiro que tudo me seja tirado, e veja a tua face. O temor casto exclamaria, de acordo com o salmo: "Converte-nos, ó Senhor, Deus dos exércitos. Mostra-nos a luz de tua face e seremos salvos" (Sl 79,8). O temor casto exclamaria com o salmo: "Uma só coisa pedi ao Senhor e a procurarei". Observa como é ardente esse temor casto, esse amor verdadeiro, amor sincero. "Uma só coisa pedi ao Senhor, e a procurarei. Qual? Habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida". E se fosse por causa da felicidade terrena? Ouve como continua: "Para contemplar as delícias do Senhor. E ele me proteja como a seu templo" (Sl 26,4), isto é, ser o templo seu, ser protegido por ele, foi a única coisa que pedi ao Senhor. Se pedirdes essa coisa única, se exercitardes vosso coração nessa única coisa, se recteardes perder somente isso, se não invejardes a felicidade terrena e esperardes a felicidade verdadeira, estareis no corpo de Cristo, sobre o qual se canta: "Felizes todos os que temem o Senhor, que andam em seus caminhos".

10 "Comerás do trabalho de teus frutos". Ó vós todos e tu, vós que de muitos sois um. "Comerás do trabalho de teus frutos". Parece errado aos que não entendem o versí-culo. Dever-se-ia dizer: Comerás do fruto de teus trabalhos. Pois, muitos comem o fruto de seus trabalhos. Trabalham na vinha, e não comem o próprio trabalho; mas comem o que nasce de seu trabalho. Trabalham em torno das árvores frutíferas; quem come o trabalho? Mas o que aquelas árvores produzem, o fruto do trabalho é que alegra o agricultor. Que quer dizer: "Comerás do trabalho de teus frutos?" Agora temos os trabalhos; os frutos virão depois. Mas como os próprios trabalhos não são desprovidos de contentamento, por causa da esperança, de que falamos pouco acima: "Alegrando-nos na esperança, perseverando na tribulação" (Rm 12,12), agora os próprios trabalhos nos alegram e tornam-nos contentes na esperança. Se, portanto, nosso labor pôde ser comido, pôde alegrar-nos, que será comer o fruto do labor? Comiam de seus trabalhos, os que "ao partirem, iam chorando, lançando suas sementes"; com e que mais profunda alegria hão de comer do fruto de seus trabalhos, os "que ao voltarem, vêm exultantes, trazendo os seus feixes" (Sl 125,6). E para saberdes, irmãos, que se come deste trabalho, ouvis-tes no salmo precedente o que foi dito aos soberbos, que queriam levantar-se antes do amanhecer, isto é, antes de Cristo, mas não pela humildade, através da qual Cristo ressuscitou: "Erguei-vos após terdes estado sentados", isto é, humilhai-vos e depois erguei-vos, porque Cristo veio para ser humilhado, ele que foi exaltado por vossa causa. Que se lhes disse? "Vós que comeis o pão da dor" (Sl 126,2). Tal o labor dos frutos, o pão da dor. Se não pudesse ser comido, não seria chamado pão; se não tivesse algum sabor este pão, ninguém o comeria. Com que suavidade não chora e geme o orante? São

mais suaves as lágrimas dos orantes do que as alegrias dos teatros. E escuta qual a chama do desejo com que se come este pão, assim denominado: "Vós que comeis o pão da dor". Em outra passagem diz este homem que ama, cuja voz reconhecemos muitas vezes nos salmos: "Minhas lágrimas dia e noite se tornaram o meu pão". Como as lágrimas se transformaram em pão? "Quando se me diz cada dia: Onde está o teu Deus?" (Sl 41,4). Antes de contemplarmos aquele que nos amou, que nos deu um penhor, ao qual estamos desposados, os pagãos nos injuriam: Onde está o Deus que os cristãos adoram? Mostrem-nos aquele que adoram. Eis que eu lhes aponto o meu Deus; que eles nos mostrem seu Deus. Ao te dizer isso um pagão, não encontras o que lhe mostrar, porque não existe um objeto que possas lhe apresentar como teu Deus. Voltaste, então para teu Deus e te lamentas; porque suspiras por ele antes de o contemplares, e gemes por causa desse desejo; e como choras devido a teu desejo, suaves são estas lágrimas, e serão teu alimento, porque se tornaram teu pão dia e noite, enquanto se te diz diariamente: "Onde está o teu Deus?" Mas virá o teu Deus, a respeito do qual te perguntam: "Onde está?" e enxugará tuas lágrimas (cf Ap 21,4) e será o teu pão em lugar das lágrimas e te saciará eternamente; porque estará conosco a Palavra de Deus, que alimenta os anjos. Entretanto, agora temos os trabalhos para os frutos, depois o fruto do trabalho. "Comerás do trabalho de teus frutos, és feliz; serás cumulado de bens. És feliz", no presente; "serás cumulado de bens", no futuro. Ao comeres do trabalho de teus frutos, serás feliz; ao alcançares o fruto de teus trabalhos, "serás cumulado de bens". Como? Se serás cumulado de bens, na verdade serás feliz; e se fores feliz, serás cumulado de bens. Mas há diferença entre a esperança e a realidade. Se a esperança já é tão agradável, como não será suave a realidade!

11 Já chegamos àquele ponto: "Tua esposa". Fala-se a Cristo; portanto, sua esposa é sua Igreja; sua Igreja, sua esposa, todos nós. "Qual vide fecunda". Mas, em quem ela é vide fecunda? Vemos que essas paredes encerram muitos que são estéreis; vemos que encerram muitos ébrios, usurários, charlatães, muitos que procuram sortilégios, que vão aos feiticeiros e feiticeiras quando têm dor de cabeça. É esta a fertilidade da vide? É esta a fecundidade da esposa? Não. São os espinhos; mas ela não contém espinhos em toda parte. Tem certa fertilidade e é uma vinha fértil. Mas, em quais? "Nos lados de tua casa". Nem todas as paredes são laterais. Pergunto quais são as laterais; que dizer? São paredes, pedras fortes? Se me referisse a esta moradia material, talvez entenderíamos assim os lados. Chamamos de lados da casa aqueles que aderem a Cristo. Não é sem razão, na linguagem de cada dia que nos referimos a alguém que talvez proceda mal por causa dos maus conselhos dos amigos; dizemos dele: Mala latera habet tem maus conselheiros a seu lado. Que quer dizer isto? Seus companheiros são maus. Portanto, de outro se diz: Bona latera habet, convive com bons conselheiros. Como? Segue bons conselhos. Por conseguinte, as paredes laterais da casa são aqueles que se unem a Cristo. Não foi sem razão que a própria esposa foi formada do lado do homem. Adão dormia e Eva foi formada (cf Gn 2,21.22), e quando Cristo morria, nasceu a Igreja (cf Jo 19,34). Uma, do lado do homem, do qual foi extraída uma costela; outra do lado do homem, quando foi atravessado pela lança, e brotaram os sacramentos. Por conseguinte, "tua

esposa será qual vide fecunda”. Onde? “Nos lados de tua casa”. Estéril naqueles que não aderem a Cristo. Mas nem mesmo os conto como pertencentes à vinha.

12 “Teus filhos”. A esposa e os filhos são uma coisa só. Nas núpcias e casamentos carnais, uma é a esposa e outros são os filhos; na Igreja, a esposa identifica-se com os filhos. À Igreja pertenciam os apóstolos, que também eram membros da Igreja. Portanto, constituíam a esposa, e formavam a esposa segundo a parte que lhes cabia como seus membros. Por que motivo, então, se diz a respeito deles: “Dias virão, quando o noivo lhes será tirado; então, sim, jejuarão”? (Mt 9,15). Portanto, esposa e filhos são uma coisa só. É extraordinário, meus irmãos. Entre as palavras do Senhor encontramos que a Igreja se identifica com seus irmãos, suas irmãs, sua mãe. Pois, ao ser-lhe anunciado que sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora, o fato de estarem fora constituía-os como tipo. A quem prefigurava a mãe? A sinagoga. E os irmãos carnais? Os judeus que estavam fora. Fora está também a sinagoga. Pois, Maria estava nos lados de sua casa, e seus parentes, consangüíneos da virgem Maria, que acreditaram em Cristo, estavam nos lados de sua casa; não enquanto eram consangüíneos, mas enquanto ouviam o verbo de Deus e o punham em prática. Por isso respondeu o Senhor: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos”? (Mt 12,48). Daí vem que alguns tentaram afirmar que Cristo não teve mãe, porque perguntou: “Quem é minha mãe?” Por quê? Então, Pedro, João e Tiago e outros apóstolos não tiveram pais na terra? No entanto, que lhes diz o Senhor: “A ninguém na terra chameis pai, pois um só é o vosso Pai, o celeste” (Mt 23,9). O ensinamento que dava aos apóstolos a propósito do pai, ele o demonstrou acerca da mãe. O Senhor quer que prefiramos a Deus em relação a nossos consangüíneos terrenos. Honra ao pai porque é pai; honra a Deus porque é Deus. O pai te gerou de sua carne; Deus te criou empregando o seu poder. Não se irrite o pai quando Deus é preferido; ao contrário, alegre-se de tanta honra, e mais ainda por se encontrar quem o supere. Então, o que dizer? Que diz o Senhor? “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E apontando para os discípulos, disse: Aqui estão minha mãe e meus irmãos”. Com efeito, eram irmãos. De que modo era sua mãe? Acrescentou: “Aquele que fizer a vontade de meu Pai, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12,46-50). Imagina que o Senhor diz “irmão” relativamente aos membros do sexo viril que a Igreja contém, “irmã” por causa das mulheres que Cristo tem entre seus membros: mãe de que modo, senão porque o próprio Cristo está nos cristãos, gerados diariamente pela Igreja por meio do batismo? Por conseguinte, neles reconheces a esposa, a mãe, os filhos.

13 Então, digamos como devem ser os filhos. Quais? Pacíficos. Por que pacíficos? Porque “bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9). A oliveira contém o fruto da paz; pois o óleo significa a paz, significa a caridade; sem caridade não há paz. É manifesto que os que romperam a paz não tinham a caridade. Por isso, já expus a V. Caridade por que motivo a pomba levou à arca folhas e frutos de oliveira. Simbolizava que também os que foram batizados fora, como aquelas árvores fora da arca haviam sido mergulhadas, se não tivessem apenas folhas, isto é, somente palavras, mas tivessem também frutos, isto é, a caridade, a própria pomba os

levaria à arca e viriam à unidade[2]. Tais filhos, portanto devem estar "ao redor da mesa do Senhor quais vergônteas de oliveira". É perfeita, é grande felicidade. Quem, então, não quer ser desse número? Se vires algum homem blasfemo que possui esposa, filhos, netos e talvez não os tenhas, não invejes; vê que isto também se realizou espiritualmente em ti. Acaso não pertences aos membros de Cristo? Se não pertences, deves lamentar-te porque não os tens aqui, não os terás lá. Se, porém, tiveres lá, fica sossegado; porque embora seja somente lá e não aqui, lá será mais proveitoso do que aqui.

14 Se, porém, temos, por que razão os temos? Porque tememos o Senhor. "Assim é abençoado o varão que teme o Senhor". Esse "varão" representa os homens, em geral; esses homens constituem um só, homem. Muitos formam um só porque Cristo é um.

15 5 "De Sião te abençoe o Senhor". Pois começavas a observar: "Assim é abençoado o varão que teme o Senhor". Provavelmente percorrias com os olhos aqueles que não temem o Senhor, e vias que têm esposas fecundas, muitos filhos ao redor da mesa do pai. Não sei por onde andavas: "Abençoe-te o Senhor, mas de Sião". Não ambiciones as bênçãos que não provêm de Sião. Mas, não foi o Senhor que abençoou àqueles homens, meus irmãos? É uma bênção do Senhor (cf Gn 8,11). Ou se não é do Senhor, quem se casaria, se o Senhor não o quisesse? Quem estaria com saúde, se o Senhor não o quisesse? Quem seria rico se o Senhor não o quisesse? Ele dá esses bens; mas não vês que os deu também aos animais? Por conseguinte, esta bênção não é proveniente de Sião. "De Sião te abençoe o Senhor, para que vejas a prosperidade de Jerusalém". Aqueles bens não são de Jerusalém. Queres constatar que esses bens não são peculiares a Jerusalém? Foi dito até as aves: "Sede fecundas, multiplicai-vos" (Gn 1,22). Queres considerar um dom extraordinário o que foi dado às aves? Quem não sabe que foi dado pela palavra de Deus? Mas, usa destes bens, se os receberes. Pensa antes em como educar os filhos que nasceram do que em que nasçam. Em si não é ainda uma felicidade ter filhos, e sim ter bons filhos. Trabalha por educá-los, se já nasceram; se porém não nasceram, dá graças a Deus. Talvez tenhas menos solicitude, e não será estéril, tua esposa. Pode ser que esta mãe por meio de ti dê à luz espiritualmente filhos que serão como vergônteas de oliveira em torno da mesa do Senhor. O Senhor, portanto, te console "Para que vejas a prosperidade de Jerusalém". Estes são os verdadeiros bens. Por que são? Porque são eternos. Por que são? Porque lá se encontra o rei: "Eu sou aquele que é" (Ex 3,14). Os bens mencionados são bens e não são; pois não permanecem: resvalam, fluem. Os filhos são ainda pequenos; acaricias os pequeninos, são acariciados. Por acaso, permanecem assim? Ao contrário, desejas que cresçam, desejas que cheguem à idade seguinte. Mas nota que ao chegar uma idade, a outra perece. Vem a puerícia, morre a infância; vem a adolescência, morre a puerícia; vem a juventude, morre a adolescência; vem a velhice, morre a juventude; vem a morte e morrem todas as idades. Quantos os graus que desejas, simultaneamente desejas tantas mortes das idades. Estas, portanto, não são. Com efeito, os filhos que obtivestes na terra viverão contigo, ou antes te excluirão e serão teus sucessores? Alegras-te porque eles nasceram para tu seres excluído? Ao nascerem os filhos, aparentam dizer a seus pais: Vamos, cuidai de partir

daqui, para que representemos nossa peça. A peça representada pelo gênero humano é toda a vida que é uma tentação; com efeito, foi dito: “É vaidade todo homem que vive na terra” (Sl 38,6). Entretanto, se nos alegramos de tal modo com os filhos nossos sucessores, quanto mais devemos alegrar-nos com os filhos com os quais havemos de permanecer, junto daquele pai que não morre e para o qual nascemos, a fim de vivermos sempre junto dele? Tais são os bens de Jerusalém, que são bens. “De Sião te abençoe o Senhor, para que vejas a prosperidade de Jerusalém”. Pois, estes bens a que dás atenção, tu os vês como um cego. “Vejas”, mas aqueles bens que se vêem com o coração. E por quanto tempo verei os bens de Jerusalém? “Todos os dias de tua vida”. Mas se tua vida for eterna, eternamente verás os bens de Jerusalém. Se, porém, meus irmãos, estes bens são bens, não os vês todos os dias de tua vida, pois não morres quando deixas o corpo. Tua vida continua; o corpo morre, mas a vida do espírito permanece. Os seus olhos não vêem, porque se apartou a alma que via através dos olhos. Seja onde for que esteja a alma que via, por meio dos olhos, vê alguma coisa. Com efeito, não estava morto aquele rico que na terra se vestia de púrpura e linho fino; se estivesse morto, não seria atormentado no inferno (cf Lc 16,19.23). Seria desejável para ele talvez que morresse, mas para sua infelicidade vivia no inferno. Pois, era atormentado, e não via aqueles bens que deixara na terra; eis que vivia, mas não via aqueles bens. Por conseguinte, deves desejar bens que vejas “todos os dias de tua vida”, isto é, com os quais vivas eternamente.

16 6 Notai, irmãos, que bens são estes. É possível denominar bens os seguintes: ouro, prata, propriedade amena, paredes de mármore, tetos trabalhados? De forma alguma. Estas coisas, até os pobres têm com certa abundância nesta vida. Vale mais para o pobre ver o céu estrelado do que o rico contemplar o teto dourado. Irmãos, qual é então o bem que nos entusiasma, que nos faz suspirar, nos inflama, faz-nos suportar tantos trabalhos para o alcançarmos e contemplarmos, conforme ouvistes da leitura do Apóstolo que, “aliás, todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos”? (2Tm 3,12). Nem mesmo agora, considerando que o diabo não se enfurece por intermédio dos reis, os cristãos deixam de sofrer perseguição. Pois, se o diabo morreu, morreram as perseguições; se, porém, vive aquele nosso adversário, onde não sugere tentações? Onde não devasta? Onde não provoca ameaças ou escândalos? Oh! se começas a viver piamente, verás que todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos. Qual o motivo de sofrermos tantas perseguições? Diz o Apóstolo: “Se temos esperança em Cristo tão-somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os homens” (1Cor 15,19). Por que os mártires foram condenados às feras? É possível descrever aquele bem? Como a língua pode exprimi-lo? É qual? Que ouvidos podem ouvi-lo? Com efeito, a este bem “os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não percebeu” (1Cor 2,9). Basta-nos amar, progre-dir. Vedes que não faltam as lutas e combatemos nossas concupiscências. Lutamos fora com os homens infiéis e desobedientes, lutamos interiormente com as sugestões e perturbações carnais. Em toda parte ainda lutamos, porque o corpo corruptível pesa sobre a alma (cf Sb 9,15); lutamos ainda, porque “o espírito é “vida”, no entanto “o corpo está morto, pelo

pecado". Mas como será depois? "Se o Espírito daquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos habita em vós, ele dará vida também a vossos corpos mortais, mediante seu Espírito que habita em vós" (Rm 8,10.11). Quando nossos membros mortais tiverem sido vivificados, nada mais resistirá a nosso espírito. Não haverá fome, nem sede, porque elas derivam da corrupção de nosso corpo. Tu te refazes, porque algo se desfez. As concupiscências dos deleites carnais lutam contra nós. Trazemos a morte conosco devido á fraqueza de nosso corpo; mas quando a própria morte for trocada por aquela imutabilidade, e este ser corruptível revestir a incorrup-tibilidade e este ser mortal revestir a imortalidade, que palavras ouvirá a morte? "Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?" E talvez dir-se-á ao morrer: Restam alguns inimigos? Não; "o último inimigo a ser destruído será a morte" (1Cor 15,53.54.55.26). Destruído este, seguir-se-á a imortalidade. Se não houver mais inimigo, a morte será de certo modo "o inimigo último a ser destruído". A paz é o bem pelo qual suspiramos. Eis que nosso bem, irmãos, nosso maior bem chama-se paz. Perguntáveis qual era o seu nome: ouro, prata, propriedade, veste? É paz. Não a paz que os homens têm entre si, pérfida, instável, mutável, incerta; nem a paz que um homem tem consigo mesmo. Pois, explicamos que o homem luta consigo mesmo. Até que dome seus de-sejos, luta. Que paz, então, é esta? A paz que o "olho não viu, o ouvido não ouviu". Que paz? A paz proveniente de Jerusalém, porque Jerusalém se interpreta: Visão de paz. Assim, portanto, "de Sião te abençoe o Senhor, para que vejas a prosperidade de Jerusalém todos os dias de tua vida. E vejas", não apenas teus filhos, mas "os filhos de teus filhos". Que significa: teus filhos? As obras que fazes. Quais são os filhos de teus filhos? O fruto de tuas obras. Dás esmolas, são teus filhos. Por causa das esmolas recebes a vida eterna são os filhos de teus filhos. "E vejas os filhos de teus filhos" e sucederá o que segue, a conclusão: "Paz sobre Israel". É esta a paz que vos anunciamos, a paz que nós amamos, a paz que desejamos que ameis. Alcançam esta paz os que foram pacíficos na terra. Os que são pacíficos aqui, serão também lá; são os que estão em torno da mesa do Senhor como vergônteas de oliveira. Não sejam árvore estéril como a figueira em que o Senhor quando teve fome não encontrou fruto (cf Mt 21,18.19). E vedes o que lhe aconteceu. Tinha apenas folhas, não produzira frutos. Assim são os que têm só palavras e não obras. O Senhor, ao chegar com fome não encontra o que comer, porque o Senhor tem fome de nossa fé e de nossas boas obras. Alimentamo-lo vivendo bem, e ele nos nutrirá eternamente, dando-nos a vida.

1 Narra o martirológio que ele sofreu o martírio em Tinissa ou Timisa, na África, não longe de Hipona. Ignora-se, contudo qual o dia.

2 Cf Tract in Joh. VI, 19,2 ss.

SALMO 128

SERMÃO AO POVO

1 O salmo que cantamos é curto; mas conforme se acha escrito no evangelho a respeito de Zaqueu que era de pequena estatura, mas grande em obras (cf Lc 19,2-9), e como está escrito acerca da viúva que jogou duas moedi-nhas no tesouro do templo, que tinha pouco dinheiro mas grande caridade (cf Mc 12,42-44; Lc 21,2-4), assim este salmo é breve no número de palavras, mas se ponderas as sentenças é grande. Ele não nos deterá até nos cansarmos. Por quê? Note vossa prudência, e haja uma atenção própria de um cristão. Soe a palavra de Deus, para os que querem e não querem, de maneira oportuna e inoportuna. Encontre espaço, encontre corações onde repouse, encontre terra para germinar e dar fruto. Pois, é manifesto que existem muitos maus e iníquos que a Igreja suporta até o fim do mundo. Para estes a palavra de Deus é supérflua. E cai sobre eles como a semente que cai no caminho e é pisada ou recolhida pelas aves; ou cai sobre eles como a semente que caiu num terreno pedregoso, onde não há muita terra, e logo que brota, murcha devido ao calor do sol, porque não têm raízes; ou como a semente no meio dos espinhos, que apesar de germinar e querer levantar-se para o ar livre, é sufocada pela quantidade de espinhos. Tais são os que desprezam a palavra de Deus como a semente no caminho, ou os que se alegram por um momento, e quando vem a tribulação, como o calor do sol, murcham; ou que por causa dos pensamentos e cuidados e solicitudes mundanos, os espinhos da avareza sufocam o que neles começou a germinar. Existe, porém, igualmente a terra boa, onde a semente que caiu produz fruto, um trinta, outro sessenta outro cem por cento. Muito ou pouco, todos irão para o celeiro (cf Mt 13,3-23). Existem portanto todos esses, e por causa deles é que falamos. Por eles fala a Escritura, em vista deles não cala o evangelho. Mas, que também os outros ouçam. Podem ser uma coisa hoje, outra amanhã. É possível que mudem, ao ouvirem, arando o caminho, limpando as pedras, arrancando os espinhos. Diga o Espírito de Deus, fale e cante para nós. Cante quer queiramos dançar, quer não o queiramos. Quem dança, movimenta-se de acordo com o canto; igualmente os que dançam segundo os preceitos de Deus, suas obras obedecem aos sons do canto. Que foi que o Senhor disse no evangelho aos que não quiseram assim agir? "Cantamos e não dançastes! Entoamos lamentações e não batestes no peito" (Mt 11,17). Cante, pois. Acreditamos na misericórdia de Deus, porque existirão alguns para nos consolarem. Pois, quanto aos pertinazes, que perseveram na malícia, embora ouçam a palavra de Deus, perturbam cotidianamente a Igreja com seus escândalos. Destes fala o presente salmo que assim principia:

2 "Muito me atacaram desde a minha juventude". A Igreja menciona os que ela tolera e parece dizer: Por acaso isso acontece agora? A Igreja é antiga; desde que se nomeiam os santos, existe a Igreja na terra. Primitivamente a Igreja se encontrava só em Abel, que foi

morto por Caim (cf Gn 4,8), o irmão malvado e perdido. Outrora existia só em Enoc, que foi trasladado do meio dos iníquos (cf Gn 4,24). Em certo tempo a Igreja se achava somente na casa de Noé, que suportou todos os que pereceram no dilúvio; apenas a arca emergia das águas e alcançou, escapando, a terra firme (cf Gn 6,8). Em determinada época a Igreja se encontrava somente em Abraão e sabemos quanto ele suportou da parte dos pecadores. A Igreja se achava somente no filho de seu irmão, Lot, e em sua casa em Sodoma; ele suportou as iniqüidades e perversidades dos sodomitas, até que Deus o libertou do meio deles (cf Gn 12,20). A Igreja começou a existir no povo de Israel, que suportou o faraó e os egípcios. Começou também na assembléia, isto é, no povo de Israel, a aumentar o número dos santos. Moisés e outros santos suportavam os iníquos judeus, o povo de Israel. Finalmente chegou nosso Senhor Jesus Cristo, o evangelho foi pregado, e ele disse nos salmos: "Eu os anunciei e narrei; multiplicaram-se acima de qualquer número" (Sl 39,6). Que significa: "acima de qualquer número?" Não somente acreditaram os que pertencem ao número dos santos, mas entraram também "acima de qualquer número": muitos justos e muito mais iníquos; e os justos suportaram os iníquos. Quando? Na Igreja. Por acaso somente agora, quando ela enumera, quando comemora? Então, para que a Igreja agora não se admirasse, para que ninguém se admirasse a respeito da Igreja, querendo ser bom membro da Igreja, ouça como a própria mãe Igreja diz a si mesma: Não se espantem com esses fatos, filhos: "Muito me atacaram desde a minha juventude".

3 O salmo começou assim com grande emoção: "Muito me atacaram desde a minha juventude". Parece que já estava falando alguma coisa, pois não se assemelha a um início, mas a uma resposta. Mas, a quem responde? Aos que pensam e dizem: Quantos males sofremos, quantos escândalos crescem cada dia, quantos iníquos entram na Igreja e os suportamos? Responda, porém, a Igreja por intermédio de alguns, isto é, responda pela voz dos mais fortes às queixas dos fracos e os firmes corroborem os fracos, os grandes aos pequenos e declare a Igreja: "Muito me atacaram desde a minha juventude. Diga-o Israel agora: Muito me atacaram desde a minha juventude". Diga-o, não tema. Que importância tem o fato de que depois de dizer: "Muito me atacaram", acrescentou: "desde a minha juventude?" Agora, a Igreja em sua velhice é atacada, mas não deve temer; diga: "Muito me atacaram desde a minha juventude". Talvez não chegou à velhice, porque eles não cessaram de atacar? Puderam eliminá-la? "Diga-o Israel agora" e console-se Israel, console-se a própria Igreja com os exemplos do passado e diga: "Muito me atacaram desde a minha juventude".

4 Por que atacaram? "Mas não prevaleceram contra mim. Lavraram o meu dorso os pecadores, levaram longe a sua injustiça". Por que atacaram? "não prevaleceram contra mim". Que significa: "não prevaleceram contra mim?" Não puderam lavrar. Por que motivo "não prevaleceram contra mim?" Não consenti no mal. Todo mau persegue o bom porque o bom não consente no mal. Pratique alguém o mal. O bispo não repreende: o bispo é bom. O bispo repreende: o bispo é mau. Alguém rouba. Cale-se o roubado e é bom; fale qualquer coisa, repreenda, mesmo que não exija restituição, é mau. Mau é

quem re- preende o ladrão e bom o que rouba! Prossiga: “Comamos e bebamos porque amanhã morreremos” (Is 22,13; 1Cor 15,32-24). Ao contrário, diz o Apóstolo: “As más companhias corrompem os bons costumes. Tornai-vos sóbrios, como é necessário e não pequeis!” Soa a palavra e ressoa a palavra contraditória à paixão; ora, o amigo do prazer, inimigo da palavra oposta a sua amizade, é adversário e odeia a palavra de Deus. A avareza se tornou amiga, e Deus se fez seu inimigo. Pois Deus contradiz à avareza, não quer que a avareza possua alguma coisa. Ela me possui, clama o avarento. Por que queres que a avareza te possua? Ela dá ordens duras, e eu mando coisas leves: seu peso é grande, meu fardo é leve (cf Mt 11,30); seu jugo é áspero, meu jugo é suave. Não queiras ser posse da avareza. A avareza manda que atravesses o mar e obedeces; manda que te sujeites aos ventos e procelas. Eu te ordeno a que dês ao pobre que está diante de tua porta; tens preguiça de fazer a boa obra que está diante de ti e és corajoso para atravessar o mar. Serves porque é a avareza que manda; odeias, porque a ordem vem de Deus. Como? Quando começar a odiar, principia a incri-minar aqueles dos quais ouve bons preceitos e por suas suspeitas quer encontrar crimes nos servos de Deus. Aqueles que nos dizem estas coisas, não as fazem eles mesmos? E dizem que se deve fazer seja o que se faz ou que se não faz. As coisas boas, eles dizem que são más, e as que toleramos, atribuem-nos como culpa. E nós, que responderemos? Não me dês atenção; atende à palavra. O Senhor te fala através de qualquer um; é dele que és inimigo. Assume uma atitude conciliadora com o teu adversário, enquanto estás com ele no caminho (cf Mt 5,25). Fizeste da palavra de Deus teu adversário. Não dês atenção àquele que te fala; pode ser mau o intermediário por quem te fala, mas não é mau quem te fala, a palavra Deus. Acusa a Deus, acusa, se podes.

5 Acreditais, irmãos, que a este ponto chegaram aqueles aos quais se diz no salmo: “Muito me atacaram desde a minha juventude”, que não hesitam em acusar o próprio Deus? Acusas o avaro, e ele acusa a Deus que fez o ouro. Não sejas avaro. Que Deus não fizesse o ouro. Falta só isto: como não podes te abster de praticar obras más, acusas as obras de Deus, que são boas; desagrada-te o Criador e artífice do mundo. Não devia ter feito o sol, porque muitos nas janelas brigam por causa da luz, e levam um ao outro ao juízo. Oh! se nos abstivermos de nossos vícios! Todas as coisas, de fato, são boas, porque é bom o Deus que as fez; e suas obras o louvam, quando as considera quem têm um espírito refletido, espírito piedoso e sábio. Em toda parte Deus é louvado por suas obras. Como não o louvam suas obras, através da boca dos três jovens? (cf Dn 3,57-90). Que foi omitido? Louvam-no os céus, louvam os anjos, louvam os astros, louvam o sol e a lua, louvam os dias e as noites, louva tudo o que germina na terra, louva tudo o que nada no mar, louva tudo o que voa no ar, louvam todos os montes e colinas, louvam o frio e o calor. Ouvistes que louva a Deus tudo o mais que ele fez; por acaso ouvistes que louvam a Deus a avareza, e a luxúria? Estas coisas não o louvam, porque ele não as fez. Naquele cântico os homens louvam a Deus, pois Deus é o Criador do homem. A avareza é obra dos homens malvados; mas o próprio homem é obra de Deus. E qual a vontade de Deus? Matar em ti o que fizeste e salvar o que ele mesmo fez.

6 Não emprestes com usura. Tu acusas a Escritura que diz: "Não emprestou dinheiro com usura" (Sl 14,5). Não fui eu que o escrevi, não foi de minha boca que saiu pela primeira vez. Escuta o que diz Deus. Alguém te diz: Os clérigos não emprestem com usura. Talvez quem te fala não empresta; mas se ele empresta com usura, está bem, ele empresta; por acaso empresta com usura aquele que fala por seu intermédio? Se ele pratica o que te ordena e tu não o fazes, tu irás para o fogo eterno e ele para o reino. Se não pratica o que te ordena, e igualmente pratica o mal que fazes, e te ordena o bem que não faz, os dois irão de igual modo para o fogo. O feno arderá, mas a palavra do Senhor permanecerá eternamente (cf Is 40,8). Arderá a palavra que soou por meio dele? Ou é Moisés que te fala, isto é, um bom e justo servo de Deus; ou é um fariseu que se senta na cátedra de Moisés; ouviste o que foi dito acerca deles: "Observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações" (Mt 23,3). Não tens desculpas quando a palavra de Deus se dirige a ti. Como não podes matar a palavra de Deus, procuras incriminar aqueles que te anunciam a palavra de Deus. Procura quanto quiseres, quanto quiseres blasfema, fala quanto quiseres: "Muito me atacaram desde a minha juventude. Diga-o Israel agora: Muito me atacaram desde a minha juventude". Os usurários ousam mesmo declarar: Não tenho de que viver. Isto me diria também o ladrão, preso em flagrante; dir-me-ia o arrombador, surpreendido dentro das paredes de casa alheia; dir-me-ia o traficante, a comprar jovens para a prostituição; dir-me-ia o feiticeiro, a vender seus malefícios. A todos esses se tentássemos impedir, responderiam todos que não tinham de que viver, de que subsistir. Como se não devessem ser castigados principalmente por isso mesmo, que escolheram artes maléficas, para viverem no meio delas, tirando daí seu sustento, e ofendendo assim aquele que a todos alimenta.

7 Mas se clamares e lhes disseres essas coisas, eles replicam: Se é assim, não nos aproximamos; se é assim, não entramos na Igreja. Venham, entrem, ouçam: "Muito me atacaram desde a minha juventude. Mas não prevaleceram contra mim. Lavraram o meu dorso os pecadores", isto é, não puderam fazer com que consentísses fizeram o mal que devo suportar. Como o salmista disse bem, como apontou com exatidão: "Mas não prevaleceram contra mim. Lavraram o meu dorso os pecadores". Agem de tal modo que em primeiro lugar nos induzam a consentir nos seus malefícios; se não consentirmos, dizem-nos: Su-portai-nos. Por conseguinte, se não prevaleceste contra mim, sobe às minhas costas; devo carregar-te até o fim; pois assim me foi ordenado, a fim de que dê fruto na perseverança (cf Lc 8,15). Não te corrijo; tolero-te; ou talvez, pelo fato de te tolerar, tu te corriges. Se não te corrigires até o fim, tolero-te até o fim; e até o fim, lavrarás meu dorso, por certo tempo. Por acaso, permanecerás sempre sobre minhas costas? Pois, há de vir aquele que te expulse daí; virá o tempo da messe, virá o fim do mundo; Deus enviará os segadores. Os segadores são os anjos; separam os maus do meio dos justos, como o joio do trigo. Recolherão o trigo no celeiro; quanto à palha, queimá-la-ão no fogo inextinguível. Suportei quanto pude; então alegre passo para o celeiro de Deus, e canto com firmeza: "Muito me atacaram desde a minha juventude".

8 Que, então, puderam fazer-me os que "me atacaram desde a minha juventude?"

Exercitaram-me, mas não me oprimiram. Puderam contra mim quanto pode o fogo relativamente ao ouro e não como o fogo faz ao feno. Com efeito, o fogo aplicado ao ouro, tira as escórias; levado ao feno, converte-o em cinzas. “Mas não prevaleceram contra mim”, porque não consenti, porque não me transformaram em seres iguais a eles. “Lavraram o meu dorso os pecadores, levaram longe a sua injustiça”. Fizeram-me tolerar, mas não conseguiram que consentisse. Portanto, sua injustiça já está longe de mim. Os maus estão misturados com os bons não somente no mundo, mas até dentro da própria Igreja eles estão misturados. Vós o sabeis e o experimentastes; e experimentareis mais ainda se fordes bons. “Quando o trigo cresceu e começou a granar, apareceu também o joio” (Mt 13,24-43). Na Igreja, os maus só aparecem aos que são bons. Estais cientes de que estão mesclados, e a Escritura sempre e em toda parte diz que só se separarão no fim. Pelo fato de estarem misturados maus e bons, não pense alguém que a iniqüidade se acha junto da justiça. “Não prevaleceram contra mim”, isto é disseram e disseram perversamente: “Comamos e bebamos porque amanhã morreremos!” As más companhias não corromperam os bons costumes (Is 22,13; 1Cor 15,32.33). Em consideração ao que ouvi de Deus, não cedi às palavras dos homens. Os pecadores infligiram-me o que tive de suportar, mas não aderi a eles, e sua iniqüidade esteve longe de mim. Pois, que há de mais próximo do que dois homens numa só igreja? E que há de mais distante do que a iniqüidade da justiça? Onde há consenso, há proximidade. Amarram-se dois homens, que são conduzidos ao juiz: um ladrão e outro igualmente preso. Dois são presos com uma só cadeia, um inocente e outro celerado, e no entanto, estão longe um do outro. Que distância há entre eles? A que existe entre o crime e a inocência. Eis que estes dois estão distantes um do outro. Outro ladrão comete crimes na Espanha; ele está próximo de um que comete crimes na África. Em que grau estão próximos? Na medida em que se unem crime e crime, quanto estão unidos um latrocínio e outro. Ninguém, portanto, tenha medo de estar perto corporalmente de homens malvados. Esteja longe deles pelo coração, e com segurança suportará aquilo que não receia: “Levaram para longe a sua injustiça”.

9 4 Que acontece? Destacam-se aqueles que dominam iniquamente; e para empregarmos a linguagem vulgar, os iníquos trovejam, exaltam-se inchados de orgulho e com calúnias. E então? Será sempre assim? Não. Escuta como prossegue o salmo: “O Senhor, que é justo, abaterá a cerviz dos pecadores”. V. Caridade dê-me atenção. “O Senhor, que é justo, abaterá a cerviz dos pecadores”. Quem não tremerá? Com efeito, quem não cometeu pecado? “O Senhor, que é justo, abaterá a cerviz dos pecadores”. O tremor penetra no coração de todos os que escutam isto, se acreditam nas Escrituras de Deus. Pois, se os homens por nada batem no peito, mentem os que batem no peito se são justos, e pelo fato mesmo de mentirem a Deus tornam-se pecadores. Se, pois, com verdade batem no peito, são pecadores. E qual de nós não bate no peito? Qual dentre nós não abaixa os olhos, como o publicano, dizendo: “Senhor, tem piedade de mim, pecador”? (Lc 18,13). Se, portanto, todos somos pecadores, e ninguém há sem pecado, todos hão de temer a espada na cerviz, porque “o Senhor, que é justo, abaterá a cerviz dos pecadores”. Não penso, meus irmãos, que se trata de todos os pecadores; mas o

membro que é atingido aponta a espécie de pecadores que ele fere. Pois, o salmista não disse: O Senhor justo abaterá a mão dos pecadores; ou: O Senhor justo ferirá os pés dos pecadores. Isso ele não disse. Mas, queria referir-se aos pecadores soberbos, porque, de fato, todos os soberbos têm dura cerviz, uma vez que não somente praticam o mal, mas não querem reconhecê-lo e quando são repreendidos, se justificam. Se alguém lhe diz: Olha. Fizeste isto. Ao menos reconhece o que fizeste. Deus odeia o pecador, por isso, deves também tu aborrecer-te contra ele. Une-te a Deus, e com ele persegue o teu pecado. Ele retruca: Não. Agi bem; Deus é quem agiu mal. Como? Diz: Nada de mal eu fiz; foi Saturno quem fez, foi Marte, foi Vênus; eu nada fiz; foram as estrelas. Tu te justificas e acusas a Deus que fez as estrelas, que ornou o céu. Por conseguinte, justificas teu pecado e te enso-berbeces contra Deus, desculpando-te e inculpando a Deus. Levantaste tua cerviz, e correste contra Deus, conforme está escrito no livro de Jó (atinente ao pecador ímpio): "Investindo contra ele de cabeça curvada, com escudo" (Jó 15,26). Fala de cerviz, porque tu assim te ergues e não abaixas os olhos, nem bates no peito, dizendo: "Senhor, tem piedade de mim, pecador!" Mas, te gabas de teus méritos, diz Deus, e queres pleitear contra mim, levar-me a juízo (cf Jr 2,29), quando devias satisfazer a Deus, por causa de teu reato, e clamar por ele, aquilo que se clama em outro salmo: "Se observares, Senhor, as nossas iniqüidades, quem, Senhor, poderá subsistir"? (Sl 129,3). E o que se clama ainda em outro salmo: "Eu disse: Compadece-te de mim, Senhor, cura a minha alma, porque pequei contra ti" (Sl 40,5). Visto que não queres dizê-lo, mas justificas teus feitos em oposição à palavra de Deus, recairá sobre ti a palavra da Escritura seguinte: "O Senhor, que é justo, abaterá a cerviz dos pecadores".

10 5 "Sejam confundidos e recuem todos os que têm ódio a Sião". Os que odeiam a Sião, odeiam a Igreja, porque Sião é a Igreja. E aqueles que entram na Igreja fingidamente, odeiam a Igreja. Odeiam a Igreja os que não querem observar a palavra de Deus. "Lavraram o meu dorso os pecadores". Que há de fazer a Igreja senão suportar até o fim?

11 6 Mas que diz a respeito deles? Continua: "Assemelhem-se ao feno dos telhados, que antes de arrancado já secou". Feno dos telhados é uma erva que nasce nos telhados, nos terraços cobertos de telhas. Aparece crescido, mas não tem raiz. Como não seria melhor se tivesse nascido mais abaixo e cheio de viço? Mas nasce no alto para secar mais depressa. Não se desenvolveu e já seca. Ainda não se apresentaram ao juízo de Deus, e não têm mais a seiva para se tornarem verdejantes. Observai suas obras e vede que secaram. Mas vivem e estão aqui. Ainda não foram arrancados. Secaram, mas ainda não foram arrancados; são como "o feno dos telhados, que antes de arrancado já secou".

12 7 E virão os segadores, mas não enchem com eles as mãos. Pois, os ceifeiros hão de vir e recolher o trigo no celeiro, amarrando o joio e lançando-o ao fogo. Assim também o feno dos telhados é arrancado e tudo o que for tirado dali é lançado ao fogo, porque antes de ser arrancado já secou. Com ele o ceifeiro não enche as mãos. Pois, assim prossegue o salmista: "E não enche as mãos do segador, nem o regaço do que recolhe os feixes. Os ceifeiros são os anjos, diz o Senhor" (Mt 13,39).

13 8 “E não dizem os transeuntes: A bênção do Senhor venha sobre vós; nós vos abençoamos em nome do Senhor”. Sabeis, irmãos, que ao passar pelos trabalhadores é costume dizer-lhes: “A bênção do Senhor venha sobre vós”. E esse costume era mais arraigado entre os judeus. Ninguém passava e via alguns trabalhando no campo, ou na vinha, ou na messe, ou algo de semelhante sem abençoá-los. Uns são os que recolhem os feixes e outros os que passam pelo caminho. Os que recolhem os feixes, não enchem com eles as mãos, porque não se recolhe no celeiro o feno dos telhados. Quais são os que recolhem os feixes? Os ceifeiros. Quais são os ceifeiros? “Os ceifeiros são os anjos”, diz o Senhor. Quais são os transeuntes? Os que já passaram por este caminho, isto é, os que por esta vida passaram para a pátria. Os apóstolos eram transeuntes nesta vida, os profetas eram transeuntes. Quais foram os que os profetas e os apóstolos abençoaram? Aqueles nos quais eles viram a raiz da caridade. Aqueles que eles encontraram se destacando nos telhados e soberbos com a “cerviz e o escudo”, eles lhes predisseram males, porém não os abençoaram. Por conseguinte, esses maus que a Igreja suporta, conforme lestes nas Escrituras, verificais que são malditos, pertencentes ao anticristo, ao diabo, às palhas, à cizânia. E muitas coisas, são ditas sobre eles nas parábolas: “Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus” (Mt 7,21). Não descobrirás Escritura alguma que fale bem a respeito deles, porque os que passavam pelo caminho não os abençoaram. Os profetas que passaram falaram sobre eles toda espécie de males. Também este profeta que trazemos nas mãos, Davi, passou pelo caminho; ouvistes o que falou acerca deles: “O Senhor, que é justo, abaterá a cerviz dos pecadores. Sejam confundidos e recuem todos os que têm ódio a Sião. Assemelham-se ao feno dos telhados, que antes de arrancado já secou. E não enche as mãos do segador, nem o regaço do que recolhe os feixes”. Foi isso que Davi disse a respeito deles. Ao passar, portanto, não os abençoou, e cumpriu-se por intermédio dele igualmente “o que ele mesmo disse: E não disseram os transeuntes: Nós vos abençoamos em nome do Senhor”. E estes transeuntes, quer sejam os profetas, os patriarcas, ou os apóstolos abençoaram-nos “em nome do Senhor”, a todos nós, irmãos, qualquer um deles. Dizes: Quando Paulo me abençoou? Examina as Escrituras, vê se vives bem, e lá encontras que foste abençoado. Eles abençoaram a todos os que vivem bem. E como abençoaram? “Em nome do Senhor”; não em seu próprio nome como os hereges. Pois aqueles que afirmam: É santo aquilo que nós damos, querem bendizer em seu próprio nome, não no nome do Senhor. Os que dizem, porém: Somente Deus santifica, ninguém é bom a não ser por um dom de Deus, estes bendizem em nome do Senhor, não em seu próprio nome, porque são amigos do esposo e não querem levar a esposa ao adultério.

SALMO 129

SERMÃO AO POVO

1 1.3 Presumimos que estais vigilantes, não somente com os olhos corporais abertos, mas ainda de coração; por isso, devemos cantar com inteligência: “Das profundezas clamei a ti, Senhor, Senhor, escuta a minha voz”. De fato, esta voz é de alguém que sobe, e pertence aos cânticos graduais. Por esta razão, veja cada um de nós as profundezas onde se encontra, e de lá clame ao Senhor. Jonas clamou das profundezas, do ventre da baleia. Achava-se não somente debaixo das ondas, mas ainda nas vísceras da baleia; todavia, nem aquele corpo, nem aquelas ondas, impediram que sua oração chegasse até Deus, e o ventre do animal não pôde reter a voz do suplicante. Penetrou tudo, rompeu todos os obstáculos, chegou aos ouvidos de Deus. Se, no entanto, se pode dizer que atravessando tudo chegou aos ouvidos de Deus, quando os ouvidos de Deus já estavam atentos ao coração daquele que rezava. Qual a voz fiel que não tem Deus presente? Todavia, também nós devemos entender de quais profundezas havemos de clamar ao Senhor. Profundezas para nós constitui nossa vida mortal. Todo aquele que entende encontrar-se nas profundezas, clama, geme, suspira, até ser arrancado das profundezas, e chegar àquele que está sentado acima de todos os abismos, sobre os querubins, acima de tudo que ele criou, não somente os seres corporais, mas também os espirituais. Até a alma, alcançar a Deus até que ele liberte a sua imagem, o homem, imagem apagada e varrida por assíduas ondas nessas profundezas e até que seja renovada e restaurada por Deus, que a imprimiu quando formou o homem (este pôde ser capaz de cair, mas não é capaz de se ressuscitar), este acha-se sempre nas profundezas. Se não for libertado, conforme disse, estará sempre nas profundezas. Mas ao clamar dessas profundezas, ergue-se de lá e o próprio clamor não o deixa ficar muito no fundo. Estão mergulhados nas profundezas os que de lá nem ao menos clamam. Diz a Escritura: “O pecador, chegando ao profundo dos males, despreza” (cf Pr 18,3). Já podeis notar, irmãos, quais são essas profundezas, lá onde se despreza a Deus. Quando alguém percebe que está acabrunhado de pecados cotidianos e oprimido por um acervo e uma grande quantidade de iniqüidades, se lhe for dito que reze a Deus, ele zomba. De que modo? Em primeiro lugar, responde: Se os crimes desagradassem a Deus, eu estaria vivo? Se Deus se preocupasse com os eventos humanos, diante de tantos crimes que pratiquei, não só ainda estaria vivo, mas gozaria de tal bem-estar? Isto costuma suceder aos que estão mergulhados nas profundezas, e prosperam no meio de seus pecados; e tanto mais submergem quanto mais se julgam felizes. Uma felicidade falaz é a maior infelicidade. Em seguida, costumam dizer: Uma vez que já cometi muitos pecados e minha condenação é iminente, perco se não faço tudo o que posso; e: Estou perdido, porque não faço tudo o que posso? Deste modo costumam os ladrões dizer, quando desesperados: O juiz há de me matar por dez homicídios, da mesma forma que por cinco, ou por um só; por que não hei de fazer tudo que me ocorrer? É isto o que

significa: “O pecador, chegando ao profundo dos males, despreza”. Mas nosso Senhor Jesus Cristo que não desprezou nem mesmo as nossas profundezas, que se dignou vir a esta vida, prometendo a remissão de todos os pecados, estimulou o homem, mesmo o que estava nas profundezas, a clamar destas profundezas, sob o grande peso dos pecados, e fez com que a voz do pecador chegasse até Deus. De onde clamava ele, senão das pro-fundezas de seus males?

2 E observai como a voz do pecador clama do fundo do abismo: “Das profundezas clamei a ti, Senhor; Senhor, escuta a minha voz. Teus ouvidos estejam atentos ao clamor de minha súplica”. De onde clama? Das profundezas. Quem é, então, que clama? O pecador. Qual a esperança que o leva a clamar? Porque o Senhor que veio perdoar os pecados, deu esperança até ao pecador mergulhado nas profundezas. E como prossegue o salmista depois destas palavras? “Se observares, Senhor, as nossas iniqüidades, quem, Senhor, poderá subsistir?” Eis que ele revela de que profundezas clamava. Pois, clama sob o peso e as vagas de suas iniqüidades. Examina-se, examina sua vida; verifica que está de todos os lados coberta de delitos e crimes. Para qualquer lado que volte o olhar, descobre que em si não há bem algum, nada da serenidade da justiça lhe ocorre. E vendo de todas as partes tão grandes e tantos pecados e a multidão de seus crimes, apavorado exclamou: “Se observares, Senhor, as nossas iniqüidades, quem, Senhor, poderá subsistir?” Não disse: Eu não subsistirei; mas: “quem poderá subsistir?” Constata que quase todas as vidas humanas estão cercadas do tropel de seus pecados, todas as consciências são acusadas por seus próprios pensamentos e que não existe coração casto a presumir de sua própria justiça. Se, portanto, não se encontra coração casto que presuma de sua justiça, presumam todos os corações da misericórdia de Deus e digam: “Se observares, Senhor, as nossas iniqüidades, quem, Senhor, poderá subsistir?”

3 4.6 Mas, por que há esperança? “Mas em ti se encontra a propiciação. E que propiciação é esta, senão o sacrifício? E qual o sacrifício, senão o que foi oferecido por nós? O sangue inocente que foi derramado apagou todos os pecados dos malvados; foi pago um preço tão grande que remiu todos os cativos das mãos do inimigo que os prendera. Portanto, “em ti se encontra a propiciação”. Se em ti não se encontrasse a propiciação, se quisesses ser apenas juiz, sem misericórdia, observasses todas as nossas iniqüidades e as procurasses, quem subsistiria? Quem compareceria diante de ti, dizendo: Sou inocente? Quem subsistiria em teu juízo? Por conseguinte, só existe uma esperança: “Mas em ti se encontra a propiciação. Por amor de tua lei, eu te sustive, Senhor”. Qual lei? A que fez réus? Aos judeus foi dada uma lei santa, justa, boa; mas pôde torná-los réus. Não foi dada uma lei que pudesse vivificar, e sim que revelasse ao pecador seus pecados (cf Rm 7,12; Gl 3,21). O pecador estava esquecido de si mesmo, não se via; foi-lhe dada uma lei para que se visse. A lei fez réus, o Legislador libertou. Pois o Legislador é também o Imperador. Foi dada uma lei que atemorizasse e obrigasse sob pena de culpa; e a lei não libertou dos pecados, mas os demonstrou. Talvez o salmista, estando sob a lei, notou nas profundezas quanto pecou contra a lei, e por isso exclamou: “Se observares, Senhor, as nossas iniqüidades, quem, Senhor, poderá subsistir?” Existe,

portanto, uma lei da misericórdia de Deus, lei da propiciação de Deus. Aquela, primeira, foi a lei do temor, mas existe outra lei, a da caridade. A lei da caridade perdoa os pecados, apaga os delitos passados, adverte do perigo dos futuros. Não abandona o parceiro da viagem, torna-se companheiro daquele que conduz pelo caminho. Mas deves concordar com o adversário, enquanto estás com ele no caminho (cf Mt 5,25). A palavra de Deus, de fato, é teu adversário, enquanto não concordares com ela. Concordas, porém, quando começas a te deleitar na prática daquilo que ordena a palavra de Deus. O adversário já se torna amigo: então, no fim do caminho, não te entregará ao juiz. Portanto, "por amor de tua lei, eu te sustive, Senhor", porque tu te dignaste trazer-me uma lei de misericórdia, perdoar todos os meus pecados, dar-me além disso advertências para não te ofender; e se hesitar diante destes avisos, deste-me remédio, o de te suplicar: "Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (Mt 6,12). Estabeleceste por lei que eu seja perdoado da mesma forma que eu perdoar. "Por amor" desta "tua lei, eu te sustive, Senhor". Esperei que viesses e me libertasses de todas as necessidades, porque nesta situação não abandonaste a lei da misericórdia.

4 Escuta a que lei o salmo se refere, se ainda não entendeste que agora se trata da lei da caridade; ouve o Apóstolo: "Carregai o peso uns dos outros e assim cum-prireis a lei de Cristo" (Gl 6,2). Quais são os que carregam os fardos dos outros, a não ser os que têm a caridade? Os que não têm a caridade, sentem o próprio peso; os que a têm carregam-se mutuamente. Alguém te lesou e te pede perdão; se não perdoas, não carregas o peso de teu irmão; se perdoas, carregas aquele que é fraco. E se acaso alguma enfermidade te atacar, enquanto és homem, deve teu irmão te carregar, como tu o carregaste. Escuta as palavras que precederam o trecho acima: "Caso alguém seja apanhado em falta, vós, os espirituais, corrigi esse tal com espírito de mansidão" (Gl 6,1). E logo acrescenta, visto que ele admoestara espirituais a não se sentirem seguros: "Cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado". Em seguida, vês as palavras que citei: "Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo". Daí dizer também: "Por amor de tua lei, eu te sustive, Senhor". Narra-se que os cervos, quando atravessam as águas, em direção às ilhas próximas, à busca de pastagens, apoiam a cabeça uns nos outros; somente um que está à frente deles, sustenta a própria cabeça, sem apoiá-la em outro; mas quando ele se cansa, sai da frente e fica no último lugar, a fim de descansar apoiado em outro; e assim todos carregam o peso dos outros e chegam aonde desejam; e não naufragam, porque a caridade lhes serve de navio. Portanto, a caridade carrega os fardos; mas não tenha medo de ser esmagada por tal peso; cuide cada qual de não ser oprimido por seus próprios pecados. Pois, quando carregas as fraquezas de teu irmão, os pecados dele não te oprimem. Com efeito, se consentes nos pecados dele, oprimem-te os pecados que se tornam teus, e já não são dele. Todo aquele que concorda com um pecador, fica onerado com os pecados seus, não com os dele. Concordares com o pecado de outrem, torna-se pecado teu; e não te queixes de que os pecados alheios te oneram. Poder-se-á te dizer: Oprimem-te, mas os teus pecados. "Se vias um ladrão, corrias com ele" (cf Sl 49,18). Que significa isto? Andaste com teus pés para praticar um furto; ou antes, tu te uniste de ânimo a um ladrão e o furto que era ato somente dele, se

tornou também teu, porque o aprovaste. Se te desagradou, porém, e rezaste por ele, e a seu pedido lhe concedeste o perdão, de tal sorte que possas de fronte erguida repetir a oração que o celeste jurisperito te ditou: “Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (Mt 6,12), aprendeste a carregar o fardo de teu irmão e então outro carregará o que talvez tiveres e acontecerá convosco o que disse o Apóstolo: “Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2). E assim cantarás com segurança o que agora disse o salmo: “Por amor de tua lei, eu te sustive, Senhor”.

5 Quem não observa esta lei, não carrega o Senhor; nem se quiser carregar, não tem motivo para isto, é em vão que o suporta. Pois, o Senhor há de vir, e descobrirá teus pecados; não achará que viveste em perfeita justiça. Talvez não encontre em ti homicídios (pois é um pecado mais grave, muito maior); não encontrará adultério, nem furto, nem rapina, nem malefícios, nem idolatria. Nada disso encontrará em ti. Então, nada achará? Escuta a palavra do evangelho: “Aquele que chamar a seu irmão: Cretino!” (Mt 5,22). Quem evita estas faltas miúdas da língua? Mas talvez dizes: São pequenas. Diz o Senhor: “Terá de responder ao julgamento da geena de fogo”. Se te parecia pequena falta, ou insignificante, dizer ao irmão: “Cretino!” que, pelo menos, te pareça grande a geena de fogo; se desprezas um pecado como sendo pequeno, que ao menos a gravidade do castigo te atemorize. Mas replicas: São faltas menores, são minúsculas, e sem elas não decorre a vida. Ajunta miudezas e se tornarão um montão. Pois também os grãos são diminutos e no entanto constituem uma massa; as gotas são pequeninas e enchem os rios, arrastam volumes. Por isso, o salmista considerando quantas faltas pequenas comete o homem diariamente, se não por outro modo a não ser por pensamentos e palavras, percebe a sua quantidade; e se nota como são pequenas, verifica que muitas coisas insignificantes formam um montão; e não mais cogitando acerca de seus pecados passados, mas considerando a própria fragilidade humana, clama enquanto sobe: “Das profundezas clamei a ti, Senhor, escuta a minha voz. Teus ouvidos estejam atentos ao clamor de minha súplica. Se observares, Senhor, as nossas iniqüidades, quem, Senhor, poderá subsistir?” Podem-se evitar os homicídios, os adultérios, as rapinas, os perjúrios, os malefícios, a idolatria; acaso também os pecados por palavras? Ou os pecados do íntimo do coração? Está escrito: “O pecado é a iniqüidade” (1Jo 3,4). “Quem, portanto, poderá subsistir, se observares, Senhor as nossas iniqüidades?” Se quiseres agir para conosco como severo juiz e não enquanto pai misericordioso, quem ficará de pé diante de teus olhos? “Mas em ti se encontra a propiciação. Por amor de tua lei, eu te sustive, Senhor”. Que lei é esta? “Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2). Quais os que carregam mutuamente os seus fardos? Os que rezam com fé: “Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (Mt 6,12).

6 “Minha alma esperou em tua palavra”. Só espera quem ainda não recebeu o objeto da promessa. Pois quem já recebeu, como há de esperar? Recebemos a remissão dos pecados, mas foi-nos prometido o reino dos céus; nossas ofensas foram perdoadas, mas

nossa recompensa será no futuro; recebemos o perdão, mas ainda não possuímos a vida eterna. Quem deu o perdão, contudo, é o mesmo que prometeu a vida eterna. Se fosse palavra humana, devíamos ter receios, mas como se trata da palavra de Deus, esta não falha. Por conseguinte, esperamos com confiança a realização de sua palavra que não pode falhar. "Desde a vigília matutina até a noite a minha alma esperou no Senhor". Que sentido tem esta frase? Esperou no Senhor durante um só dia, e terminou toda a sua esperança? "Desde a vigília matutina até a noite, esperou no Senhor". Esta vigília matutina é o fim da noite; daí: "até a noite a minha alma esperou no Senhor". Portanto, devemos compreender e não pensar que só durante um dia devemos esperar no Senhor: "Da vigília matutina até a noite". Que pensais disso, irmãos? É o seguinte: "Desde a vigília matutina até a noite, a minha alma esperou no Senhor", porque o Senhor que nos perdoou os pecados, na vigília matutina ressuscitou dos mortos, a fim de esperarmos que futuramente nos sucederá o que aconteceu primeiro ao Senhor. Pois, já foram perdoados nossos pecados, mas ainda não ressuscitamos. Se ainda não ressuscitamos, ainda não se realizou em nós o que aconteceu primeiro à nossa Cabeça. Que sucedeu primeiro a nossa Cabeça? A carne de nossa Cabeça ressuscitou: por acaso morreu seu espírito? Mas a parte que morreu, ressuscitou. Ressurgiu ao terceiro dia; de certa maneira assim nos falou o Senhor: O que vistes em mim, esperai para vós, isto é, uma vez que ressuscitei, vós também ressurgireis.

7 Mas existem alguns que dizem: De fato, o Senhor ressuscitou; então, por isso, devo esperar que poderá também ressuscitar-me? Sim; por isso. O Senhor ressuscitou a carne que recebeu de tua natureza. Pois, não resurgiria se não tivesse morrido, e não teria morrido se não possuísse carne. Que recebeu de tua natureza o Senhor? A carne. Quem veio? O Verbo de Deus, que existia antes de todas as coisas e pela qual tudo foi feito. Mas para receber de ti alguma coisa, o Verbo se fez carne, e habitou entre nós (cf Jo 1,3.14). Recebeu de ti, o que havia de ofe-recer por ti, do mesmo modo que o sacerdote recebe de ti a vítima que por ti há de oferecer, quando queres aplacar a Deus, devido a teus pecados. Já aconteceu isto, assim se fez. Nosso sacerdote recebeu de nós o que havia de ofe-recer por nós. Pois recebeu de nós o corpo; com este corpo tornou-se vítima, fez-se holocausto, fez-se sacrifício. Na paixão realizou-se o sacrifício; na ressurreição restaurou o que fora morto, e entregou-o a Deus, como primícias tuas e te disse: Tudo o que é teu já foi consagrado, quando tais primícias do que era teu foram oferecidas a Deus; espera, portanto, que se realize em ti no futuro o que precedeu em tuas primícias.

8 Por conseguinte, uma vez que ele ressuscitou na vigília matutina, nossa alma começou a esperar também isso. E até quando? "Até a noite", até que morramos. Pois, nossa morte carnal é uma espécie de sono. Começaste a esperar desde que o Senhor ressuscitou; não desanimes de esperar até que saias desta vida. Pois, se não esperares até a noite, apagar-se-á tudo o que esperavas. Há alguns que começam a esperar, mas não perseveram até a noite. Começam a sofrer algumas tribulações, começam a suportar tentações, vêem os maus e iníquos gozarem de felicidade temporal; e como esperar obter

do Senhor esses dons, para serem felizes na terra, observam os que cometeram crimes e que possuem aquilo mesmo que eles ambicionavam ter; e seus pés resvalam e desistem de esperar. Por quê? Porque não começaram a esperar desde a vigília matutina. Ao invés, esperavam que, se fossem cristãos receberiam do Senhor uma casa repleta de trigo, vinho, óleo, prata, ouro; ninguém ali morreria cedo; quem não tivesse filhos, haveria de tê-los; os que não eram casados, haveriam de se casar; não somente a esposa, mas nem mesmo os animais em sua casa haveriam de abortar; seu vinho não fermentaria, não caíria granizo em sua vinha. Os que esperavam obter essas coisas do Senhor, notam que as têm em abundância os que não adoram o Senhor e seus pés resvalam (cf Sl 72,2.3); não esperaram até a noite, porque não começaram a esperar desde a vigília matutina.

9 Quem, então começa a esperar desde a vigília matutina? Quem espera obter do Senhor o que ele começou a mostrar da vigília matutina em que ressuscitou. Pois, antes dele ninguém ressuscitara para viver para sempre. V. Caridade, preste atenção. Ressuscitaram alguns mortos antes da vinda do Senhor; pois, tanto Elias quanto Eliseu ressuscitaram mortos, mas ressuscitaram para morrer de novo (cf 1Rs 17,22; 2Rs 4,35). Os que o Senhor ressuscitou, ressurgiram para morrer novamente. Quer o filho da viúva (cf Lc 7,15), quer a menina de doze anos, filha do chefe da sinagoga (cf Lc 8,55), quer Lázaro (cf Jo 11,14) foram ressuscitados de maneira diferente, pois todos haveriam de morrer novamente; nasceram uma só vez, mas morreram duas. Somente o Senhor ressuscitou para não mais morrer. Quando foi que o Senhor ressuscitou para não mais morrer? “Desde a vigília matutina”. Também tu, espera isto do Senhor; ele há de te ressuscitar, não da maneira que Lázaro ressuscitou, nem como o filho da viúva e a filha do chefe da sinagoga ressuscitaram, nem como ressurgiram os antigos profetas; mas espera que hás de ressuscitar da mesma forma que o Senhor, de sorte que depois da ressurreição por que passarás, não terás mais medo de ter de morrer; e começaste a esperar desde a vigília matutina.

10 Espera, contudo, até a noite, até que termine a vida presente, até que seja noite para todo o gênero humano no ocaso destes séculos. Por que até então? Porque depois desta noite já não haverá esperança, mas será a própria realidade. Diz o Apóstolo: “Ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos” (Rm 8,24.25). Se, portanto, devemos aguardar pacientemente o que não vemos, esperemos até a noite, isto é, até o fim desta nossa vida ou o do mundo. Tendo passado esta noite, virá o que esperávamos; e já não esperaremos, sem contudo estarmos desesperados. Pois, são censuráveis os desesperançados. Às vezes, detestamos alguém e dizemos: Ele não tem esperança. Não é sempre um mal-estar sem esperança. Mas enquanto estamos nesta vida, é um mal não ter esperança; pois os que agora não têm esperança, não possuirão depois a realidade. Por conseguinte, agora devemos ter esperança. Mas ao chegar a realidade, acaso haverá esperança? “Acaso alguém espera o que vê?” Virá o Senhor nosso Deus, primeiro revelando-se ao gênero humano na forma em que foi crucificado e ressuscitou, a fim de

que vejam piedosos e ímpios. Uns verão, congratulando-se de ter encontrado aquele em quem acreditaram antes de vê-lo; outros se envergonharão por não terem crido naquele que hão de ver. Os que se envergonharem serão condenados e os que se alegrarem serão coroados. Dir-se-á aos que estarão confundidos: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos: e aos que estarão felizes: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo" (Mt 25,41.34). Quando eles o tiverem recebido, terá acabado a esperança, porque já possuirão o objeto da mesma. Uma vez terminada a esperança, passará aquela noite; mas até que isso aconteça, espere no Senhor a nossa alma desde a vigília matutina.

11 E repete a expressão: "Desde a vigília matutina espere Israel no Senhor. Desde a vigília matutina até a noite, a minha alma esperou no Senhor". Mas, o que esperou? "Desde a vigília matutina espere Israel no Senhor". Não somente "espere Israel no Senhor, mas desde a vigília matutina espere Israel". Portanto, estou censurando uma esperança que queira obter de Deus bens mundanos? Não; mas a esperança peculiar a Israel é outra. Não espere Israel qual bem supremo para si as riquezas, a saúde corporal, a fartura de bens terrenos; ao contrário terá de sofrer na terra tribulação, quando lhe advierem aflições por causa da verdade. Não se pode dizer que os mártires não tivessem esperado em Deus; contudo, sofreram o que sofrem os ladrões, os iníquos: lançados às feras, queimados na fogueira, feridos pela espada, rasgados com as unhas de ferro, presos às cadeias, mortos no cárcere; tudo isso padeceram e não esperavam no Senhor? Ou esperavam, a fim de isentos de todos esses males, gozarem da vida presente? Certamente não; porque esperavam desde a vigília matutina. Que significa isto? Consideravam a vigília matutina em que seu Senhor ressuscitou, e viam que antes de ressuscitar, também ele sofreu o mesmo que eles, e não perdiam a esperança de que igualmente após esses sofrimentos eles deviam ressuscitar para a vida eterna. "Desde a vigília matutina até a noite, esperou Israel no Senhor".

12 7.8 "Porque no Senhor se acha a misericórdia e nele é copiosa a redenção". Magnífico! Não se poderia encontrar melhor expressão neste lugar, por causa das palavras do salmo: "Desde a vigília matutina, espere Israel no Senhor". Por quê? Porque desde a vigília matutina, o Senhor ressuscitou; espere o corpo o mesmo que primeiro aconteceu à Cabeça. Mas não se insinue este pensamento: A Cabeça pôde ressuscitar porque não estava onerada de pecados, não tinha pecado; e nós? Havemos de esperar tal ressurreição qual a que primeiro adveio ao Senhor, estando carregados de nossos pecados? Mas vê o que segue: "Porque no Senhor se acha a misericórdia e nele é copiosa a redenção. E ele há de resgatar Israel de todas as suas iniqüidades". Por isso, se Israel sentia-se oprimido por seus pecados, assistiu-o a misericórdia de Deus. Por essa razão, precedeu-vos aquele que não tinha pecado, a fim de apagar os pecados de seus seguidores. Não tenhais presunção de vossas forças, mas presumi por causa da vigília matutina. Vede que vossa Cabeça ressuscitou e subiu ao céu. Nele não havia culpa; mas ele apaga as vossas: "E ele há de resgatar Israel de todas as suas iniqüidades". De fato, Israel pôde vender-se, ser vendido por causa do pecado; mas redimir-se de suas

iniqüidades não lhe é possível. Pôde resgatar aquele que não pôde vender-se. É redentor dos cativos do pecado aquele que não cometeu pecado. “Ele há de resgatar Israel”. De que resgatará? Desta ou daquela iniqüidade? “De todas as suas iniqüidades”. Quando alguém tenciona aproximar-se de Deus, não tenha receio por causa de alguns de seus pecados; somente aproxime-se de todo o coração, e desista de fazer o que antes fazia; não diga: Tal pecado não me será perdoado. Pois, se assim se exprimir, não se converte por causa do pecado que pensa não lhe será perdoado, e cometendo outros, não lhe serão perdoados aqueles de que não tinha receio. Diz: Uma vez que cometi grave pecado, que não me pode ser perdoado, cometerei os outros; pois perco o que não faço. Não tenhas medo: estás nas profundezas, não deixes de clamar pelo Senhor das profundezas: “Se observares, Senhor, as nossas iniqüidades, Senhor, quem poderá subsistir?” Observa-o, espera nele, e suporta, por causa de sua lei. Que lei ele te deu? “Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. Tem confiança de que hás de ressuscitar, e então estarás livre de todo pecado, porque ressuscitou aquele que foi o primeiro a não ter pecado. Espera desde a vigília matutina. Não digas: Não sou digno por causa de meus pecados. Não és digno: mas “nele é copiosa a redenção, e ele há de resgatar Israel de todas as suas iniqüidades”.

SALMO 130

SERMÃO AO POVO

1 Recomenda-nos este salmo a humildade do fiel servo de Deus, todo o corpo de Cristo, que o canta com sua própria voz. Freqüentemente advertimos a V. Caridade, de que não se deve tomar os salmos como sendo a voz de um só cantor, e sim de todos os que pertencem ao corpo de Cristo. E como todos se acham naquele corpo, falam como se fosse um só homem; é um único homem, e são muitos. Muitos são em si mesmos, um só naquele que é um. Ele é igualmente templo de Deus, do qual diz o Apóstolo: "Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós" (1Cor 3,17), isto é, todos os que crêem em Cristo e crêem de tal modo que também o amam. Pois crer em Cristo é amá-lo e não como os demônios que não o amavam e por isso, embora acreditassem, clamavam: "Que existe entre nós e ti, Filho de Deus"? (cf Tg 2,19; Mt 8,29). Nós, ao contrário, acreditemos, mas acreditemos amando-o, e não digamos: "Que existe entre nós e ti, Filho de Deus?" Digamos antes: Nós te pertencemos, tu nos remiste. Todos, portanto, que crêem assim, são como pedras vivas, que entram na edificação do templo de Deus (1Pd 2,5); e são como madeira incorruptível, com a qual se fabricou a arca que não pôde naufragar no dilúvio (Gn 6,14). Efetivamente, este é o templo de Deus, isto é, os próprios homens, onde se reza a Deus e ele atende. Quem orar fora do templo de Deus, não será atendido quanto àquela paz da Jerusalém do alto, embora possa ser ouvido acerca de alguns bens temporais, que Deus concedeu até aos pagãos. Pois, mesmo os demônios foram atendidos quando pediram para entrar nos porcos (Mt 8,31.32). Ser atendido em relação à vida eterna é coisa diferente, e não se concede senão a quem ora no templo de Deus. Mas, de fato, ora no templo de Deus, quem ora estando na paz da Igreja, na unidade do corpo de Cristo. Este corpo de Cristo consta de muitos fiéis em todo o orbe da terra; e é atendido porque ora no templo. Pois, ora em espírito e verdade quem ora na paz da Igreja (cf Jo 4,21-24); não no templo que era figurativo.

2 Figuradamente o Senhor expulsou do templo aqueles que procuravam seus próprios interesses; isto é, iam ao templo para vender e comprar (cf Jo 2,15). Se, porém, aquele templo era uma figura, evidencia-se que o corpo de Cristo, verdadeiro templo de que o outro era imagem, contém misturados aqueles que compram e vendem, isto é, os que procuram os próprios interesses e não os de Jesus Cristo (cf Fl 2,21). Mas são expulsos com flagelos de cordas. A corda figura os pecados, conforme diz o profeta: "Ai dos que se apegam à iniqüidade, arrastando-a como corda comprida" (Is 5,18). Arrastam os pecados como corda comprida os que acumulam pecado sobre pecado; cometendo um, para ocultá-lo fazem outro. Da mesma forma que se faz a corda. Une-se cordão a cordão, não em fio reto, mas torcido; assim todos os atos malvados, os pecados, acumulam-se e de pecado em pecado, um unido a outro, tece-se uma longa corda. As sendas do pecador são perversas, e seus passos se desviam (cf Jó 6,18). Para que serve

esta corda, a não ser para ligar o pecador de mãos e pés, a fim de ser lançado nas trevas exteriores? Lembrai-vos de que foi dito de determinado pecador no evangelho: "Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o fora, nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes" (Mt 22,13). Não haveria com que ligar-lhe as mãos e os pés, se ele mesmo não tivesse feito a corda. Daí o que está escrito claramente em outra passagem da Escritura: "O ímpio é preso por suas próprias culpas" (Pr 5,22). Efetivamente, como os homens são castigados devido a seus pecados, o Senhor fez um flagelo de cordas, e com ele expulsou do templo todos os que procuravam os próprios interesses e não os de Jesus Cristo (Fl 2,22).

3 A voz emitida deste templo encontra-se no salmo. Neste templo, conforme disse, roga-se a Deus e ele atende à voz em espírito e verdade, não à voz corporal. Pois o templo era sombra que mostrava o que havia de vir. Ele já caiu. Caiu então, nossa casa de oração? Absolutamente não. Não foi ao templo que caiu que se deu o nome de casa de oração, da qual foi dito: "A minha casa será chamada casa de oração, para todos os povos" (Is 56,7). Ouvistes o que disse nosso Senhor Jesus Cristo: "Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos. "Vós, porém, fazeis dela um covil de ladrões" (Mt 21.12.13; Jo 2,14-16). Então, aqueles que quiseram fazer da casa de Deus um covil de ladrões, fizeram ruir o templo? Assim também aqueles que vivem mal na Igreja católica, quanto está em seu poder, querem fazer da casa de Deus um covil de ladrões; nem por isso destroem o templo. Pois, virá o tempo em que devido à corda de seus pecados serão lançados fora. Quanto ao templo de Deus, isto é, o corpo de Cristo, esta assembléia de fiéis tem uma só voz, e canta o salmo como se fosse um só homem. Já ouvimos sua voz em muitos salmos; ouçamo-la também neste. Se quisermos, será nossa voz; se quisermos, ouvimos o cantor com nossos ouvidos e cantamos em nossos corações. Se, porém, não quisermos, estaremos no templo como aqueles que compram e vendem, isto é, procuramos nossos interesses; entramos na igreja, mas não com a finalidade de procurar as coisas que agradam aos olhos de Deus. Cada um dentre vós verifique como ouve, se ouve e zomba, se ouve e coloca para trás, se ouve e canta em uníssono, quer dizer, se percebe aí a sua voz e une a voz de seu coração à voz deste salmo. No entanto, a voz deste salmo não se cala. Instruam-se os que puderem, ou antes os que quiserem; os que não querem, não atrapalhem. A humildade vos é recomendada; com ela começa o salmo.

4 1 "Senhor, o meu coração não se exaltou". Ofereceu um sacrifício. Como provamos que ofereceu um sacrifício? A humildade de coração é sacrifício. Diz-se em outro salmo: "Se quisesses um sacrifício, de certo eu o ofereceria" (Sl 50,18). Queria satisfazer a Deus por causa de seus pecados, torná-lo propício, a fim de receber o perdão dos pecados. E como que procurando como torná-lo propício, disse: "Se quisesses um sacrifício, de certo eu o ofereceria. Não te comprazes em holocaustos". Por conseguinte, inutilmente ele procurava cordeiros ou touros, ou qualquer outra vítima, para aplacar a Deus. E então? Uma vez que Deus não se compraz nos holocaustos, mas ele não aceita sacrifícios, e se aplaca sem eles? Se não há sacrifício, nem há sacerdote. Mas, se temos

um sacerdote no céu, que intercede por nós junto do Pai (cf Hb 9,12) (ele entrou uma vez por todas no santo dos santos, por detrás do véu, onde não entrava o sacerdote a não ser uma vez por ano, como figura, assim também o Senhor durante todo o tempo ofereceu-se uma só vez. Ofereceu-se, enquanto sacerdote e vítima, e entrou uma só vez no santo dos santos, e já não morre, nem a morte tem mais domínio sobre ele) (cf Rm 6,9) estamos garantidos, pois temos um sacerdote; ali ofereçamos também a vítima. Vejamos que sacrifício devemos oferecer, porque nosso Deus não se compraz nos holocaustos, conforme ouvistes do salmo. Mas este prossegue e mostra o que oferecer: "Sacrifício a Deus é o espírito contrito; ao coração arrependido e humilhado Deus não despreza" (Sl 50,19). Se um coração humilhado é um sacrifício a Deus, ofereceu um sacrifício aquele que disse: "Senhor, o meu coração não se exaltou". Ei-lo em outra passagem oferecendo-se a Deus nesses termos: "Vê a minha humilhação e o meu labor e perdoa todas as minhas culpas" (Sl 24,18).

5 "Senhor, o meu coração não se exaltou, nem foram altivos os meus olhos. Não aspirei a grandezas, nem a maravilhas acima de minhas capacidades". Seja dito e ouvido com maior clareza. Não fui soberbo, não quis fazer-me conhecido entre os homens por maravilhas; não procurei ações acima de minhas forças, para me gabar diante de homens ignorantes. V. Caridade preste-me atenção. É uma questão importante. Assim agiu Simão mago. Queria fazer prodígios acima de sua forças. Agradava-lhe mais o poder dos apóstolos do que a justiça dos cristãos. Tendo visto que pela imposição das mãos dos apóstolos e por suas orações o Espírito Santo era dado aos fiéis, e que então o milagre demonstrava a vinda do Espírito Santo, pois aqueles sobre os quais descia o Espírito Santo falavam línguas que não haviam aprendido, vendo tudo isso Simão quis fazer tais milagres e não procurar ser como eles; e sabeis que quis até comprar por dinheiro o dom do Espírito Santo (cf At 8,18-23). (Não digo que agora, o Espírito Santo não é dado, porque os fiéis não falam em línguas. Pois, então convinha que os apóstolos falassem em línguas para simbolizar as línguas de todos os povos que haveriam de crer em Cristo. Logo que se cumpriu o que era simbolizado, terminou o milagre). Simão era, pois, daqueles que entram no templo para comprar e vender; queria comprar o que se dispunha a vender. E na verdade, meus irmãos, ele era dos tais e deste modo procurava os apóstolos. O Senhor expulsou do templo os que vendiam pombas. A pomba, porém, figurava o Espírito Santo. Queria, portanto, Simão comprar a pomba e vendê-la. Veio nosso Senhor Jesus Cristo, que habitava em Pedro, e com um flagelo de cordas expulsou o péssimo mercador.

6 Com efeito, existem alguns que se comprazem em milagres e exigem milagres daqueles que progrediram na Igreja. Eles pensam que são perfeitos e querem fazê-los; consideram que não pertencem a Deus se não os fizerem. O Senhor nosso Deus, contudo, que sabe o que dá a cada um, a fim de conservar o conjunto de seu corpo em paz fala à Igreja, através do Apóstolo: "Não pode o olho dizer à mão: Não preciso de ti; nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: Não preciso de vós. Se o corpo todo fosse olho, onde estaria a audição? Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfato"? (1Cor 12,21.17). Por

isso, irmãos, vedes como entre nossos membros cada qual tem sua função. O olho vê e não ouve; o ouvido ouve e não vê; a mão trabalha e não ouve, nem vê; o pé anda e não ouve, nem vê, nem faz o que faz a mão. Mas num corpo sadio e onde os membros não se combatem mutuamente, o ouvido vê por meio do olho, o olho ouve por meio do ouvido; nem se objeta ao ouvido que não vê, de sorte a dizer-lhe: Tu és nada, és menor; podes ver e discernir as cores, como faz o olho? O ouvido há de responder, referindo-se à unidade do corpo: Estou onde está o olho, estou no mesmo corpo; por mim mesmo não vejo, mas com o olho a que estou conjugado, eu vejo. Assim enquanto o ouvido diz: O olho vê para mim, o olho replica: O ouvido ouve para mim. O olho e o ouvido dizem: As mãos trabalham para nós. As mãos afirmam: O olho e o ouvido para nós vêem e ouvem. Os olhos, os ouvidos e as mãos dizem: Os pés andam por nós. Os membros de um só corpo ao entrarem em ação, se forem sadios e concordes, alegram-se e congratulam-se mutuamente. E se algum membro sofre algo de molesto, não o abandonam, mas compadecem-se uns dos outros (1Cor 12,26). Uma vez que os pés no corpo estão de certo modo distantes dos olhos (pois estes estão localizados no alto da cabeça, enquanto os pés estão no ponto mais baixo), se acaso entrar um espinho no pé, acaso os olhos o abandonam? E não é o contrário, como já vimos, que todo o corpo se dobra, o homem se assenta, curva a espinha dorsal, para procurar o espinho que penetrou na planta do pé? Todos os membros fazem o que podem, para retirar o espinho que penetrara na parte ínfima e pequena. Assim também, irmãos, não é qualquer um no corpo de Cristo que pode ressuscitar um morto. Não o procure fazer, mas procure não ser discordante do corpo; porque desta forma, se o ouvido quiser ver, pode entrar em desacordo com o corpo. Pois, não pode fazer aquilo que não lhe foi dado fazer. Mas se lhe forem lançadas estas palavras: Se fosses justo, ressuscitarias um morto, conforme Pedro ressuscitou. Com efeito, os apóstolos aparentaram, usando o poder de Cristo, ter feito coisas maiores do que o próprio Senhor (cf Jo 14,12). Mas, como seria possível que os sarmentos possam mais do que a própria raiz? E então como os apóstolos parecem ter feito obras maiores do que ele? Mortos ressuscitaram a uma palavra do Senhor, enquanto a sombra de Pedro que passava ressuscitou um morto. Este prodígio parece maior do que o outro. Todavia, Cristo podia praticá-lo sem Pedro, mas Pedro só o podia em Cristo (cf At 5,15). "Sem mim, diz o Senhor, nada podeis fazer" (Jo 15,5). Quando um homem que progride na fé, ouvir essas palavras, quase como uma injúria, da parte de pagãos ignorantes, de homens que não sabem o que falam, responda em união ao corpo de Cristo: Tu que dizes: Não és justo porque não fazes milagres, poderias dizer também ao ouvido: Não estás no corpo, porque não vês (cf 1Cor 12,15.16). Ele replica: Devias fazer também tu, como Pedro fez. Mas Pedro também fez por mim, porque estou no mesmo corpo em que Pedro o fez; neste corpo posso o mesmo que ele, porque dele não estou separado; se posso menos, ele se compadece de mim e eu me regozijo com ele porque pode mais do que eu. O pró-prio Senhor clamou do céu em favor de seu corpo: "Saulo, Saulo, por que me persegues"? (At 9,4). Entretanto ninguém o tocava; mas a Cabeça clamava do céu pelo corpo que labutava na terra.

7 Por conseguinte, irmãos, a cada um que praticar com justiça o que pode, e não invejar

outro que puder mais do que ele, mas se congratular com ele como pertencente ao mesmo corpo, competem as palavras deste salmo: "Senhor, meu coração não se exaltou, nem foram altivos os meus olhos. Não aspirei a grandezas, nem a maravilhas acima de minhas capacidades". Diz o salmista: Não procurei o que excede minhas forças, não quis ir além, nem me engrandecer por isso. Devo recomendar-vos que vos lembreis de como deveis recear esta exaltação em vista da abundância das graças, não se ensoberbecendo por causa do dom de Deus, antes guardeis a humildade, praticando o que foi escrito: "Quanto mais fores importante, tanto mais humilha-te para achares graça diante do Senhor" (Eclo 3,20). Sempre de novo quero recomendar a V. Caridade quanto se deve temer a soberba relativamente ao dom de Deus principalmente tendo em vista que o salmo tão breve, nos permite disso falar. O apóstolo Paulo que de perseguidor tornou-se pregador, conseguiu graça mais abundante no labor apostólico do que os outros apóstolos, a fim de que Deus demonstrasse que o dom é seu e não do homem. Como os médicos costumam mostrar a profundidade de seus conhecimentos em doentes desenganados, assim nosso Senhor Jesus Cristo, nosso médico e salvador, demonstrou a grandeza de sua arte num doente já desenganado, que foi perseguidor da Igreja, de tal modo que fez dele não apenas um cristão, mas ainda um apóstolo; nem somente um apóstolo, mas conforme ele próprio diz, apóstolo que trabalhou mais que todos eles. Recebeu, portanto, a mais excelente graça (1Cor 15,10). E podeis verificar, irmãos, que agora na Igreja vigoram mais a epístolas de São Paulo, apóstolo, do que as de seus companheiros no apostolado. Pois, os outros não escreveram, mas falaram na igreja; de fato, as que são falsamente atribuídas aos nomes deles, visto que não provêm deles, são recusadas, não são recebidas na Igreja. Outros, no entanto, que escreveram, não o fizeram tanto, nem com a mesma graça. S. Paulo que recebera grande graça e grandes dons da parte de Deus, como fala em determinada passagem? "Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba. Atenção! Profiro uma coisa tremenda: Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão na carne, um anjo de Satanás para me espancar" (1Cor 12,7). Que significa isto, meus irmãos? Para não se encher de soberba como um jovem, é espancado como um menino. E por quem? Por um anjo de Satanás. Que é isto? Diz-se que sofria de uma veemente dor corporal. Às vezes as dores corporais são provocadas por anjos de Satanás; mas eles só têm poder para tal quando recebem permissão. Pois, também o santo varão Jó assim foi provado (cf Jó 2,7). Foi permitido que Satanás o provasse, e feriu-o de tal modo que ficou cheio de podridão e de vermes. Assim foi permitido ao imundo para que o santo fosse provado. O diabo não sabe quanto bem se retira do que ele faz, mesmo quando se enfurece. Furioso entrou no coração de Judas, enfurecido entregou a Cristo, cheio de furor o crucificou; mas Cristo foi crucificado e a terra inteira foi remida. Eis que a crueldade do diabo prejudicou-o, e nos foi proveitosa. Pois, enfurecendo-se perdeu aqueles que tinha cativos; e foram redimidos pelo sangue do Senhor que ele cruelmente derramou. Se soubesse o grande dano que haveria de sofrer, não derramaria sobre a terra o preço que redimiu o gênero humano. Desta forma, portanto, de bom grado foi permitido ao anjo de Satanás que espancasse o

Apóstolo; o Apóstolo, contudo, estava sendo curado. O remédio que o médico lhe aplicara era incômodo ao enfermo; ele pediu ao médico que o retirasse. Da mesma forma que o médico aplica às vísceras um forte emplastro molesto e caústico para curar aquele cujas vísceras estavam entumescidas e quando o doente começar a sentir o ardor e o tormento do remédio, pede ao médico que o retire, mas o médico consola, admoesta-o a ter paciência, porque sabe quanto é útil o medicamento que receitou, assim o Apóstolo continua, depois de ter declarado: "Foi-me dado um aguilhão na carne, um anjo de Satanás, para me espancar, tendo dito antes a razão disso: Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão na carne, um anjo de Satanás para me espancar. A esse respeito três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Quer dizer: Roguei ao médico que me tirasse o emplastro incômodo que me aplicara. Mas escuta a voz do médico: Respondeu-me, porém: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder (2Cor 12,7-9). Sei que remédio apliquei, sei qual a tua doença, sei como te curar.

8 Se, portanto, caríssimos irmãos, o apóstolo Paulo poderia se encher de soberba por causa das revelações extraordinárias, se não fosse o anjo de Satanás que o espancava, quem pode estar seguro a respeito de si mesmo? Parece que anda com maior segurança quem recebeu menos, mas se não procurar perversamente obter o que não recebeu de maneira certa; pergunte de que necessita para estar no corpo de Cristo, ou para não estar nele mal colocado. Acha-se mais garantido no corpo um dedo sadio do que um olho remelento. O dedo é uma parte pequenina; o olho é um órgão magnífico, e pode muito; no entanto é melhor ser dedo e sadio do que ser olho e turvar-se, inflamar-se, cegar. No corpo de Cristo ninguém procure outra coisa senão ser sadio. De acordo com a saúde tenha a fé; pela fé purifica-se o seu coração, e pela pu-rificação do coração verá aquela face da qual foi dito: "Bem- aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8). Seja quem fez milagres ou quem não os fez no corpo de Cristo, alegre-se apenas com a face de Deus. Os apóstolos, ao voltarem da missão, disseram ao Senhor: "Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!" O Senhor viu que os tentava a soberba devido ao poder de fazer milagres; e o médico que viera para curar nossos tumores, e aliviar nossas fraquezas, logo prosseguiu: "Não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus" (Lc 10,17.20). Nem todos os bons cristãos exorcisam demônios; todos, contudo, têm seus nomes inscritos nos céus. O Senhor proíbe que se alegrem pelo que tinham de particular, e não pelo que possuíam com os demais, a salvação. Quis que os apóstolos se alegrassem com o que igualmente é causa de tua alegria. V. Caridade dê-me atenção. Nenhum fiel tem esperança, se seu nome não está inscrito no céu. Estão inscritos no céu os nomes de todos os fiéis que amam a Cristo, que andam humildemente por seu ca-minho, o que ele ensinou em sua humildade. Qualquer daqueles de menor valor na Igreja que acredita em Cristo e o ama, e ama a paz de Cristo, tem seu nome inscrito no céu; qualquer dos mais desprezados. E que semelhança existe entre estes e os apóstolos, que fizeram tantos milagres? No entanto, os apóstolos foram repreendidos por se alegrarem do bem peculiar que possuíam e foi-lhes preceituado que se alegrassem com o que faz a

alegria daqueles que são desprezados.

9 2 Não é sem razão, meus irmãos, que o salmista se exprime assim humildemente: "Senhor, meu coração não se exaltou, nem foram altivos os meus olhos. Não aspirei a grandezas, nem a maravilhas acima de minhas capacidades. Se não tive sentimentos humildes, mas exaltei a minha alma, como à criança desleitada, afastada do regaço materno, seja recompensada a minha alma". Parece que lança sobre si uma maldição. Segundo diz outro salmo: "Senhor, meu Deus, se fiz tal coisa, se manchei as mãos com a iniqüidade, se paguei o mal com o mal aos que me retribuiram com o mal, sucumba, sem razão, por mãos de meus inimigos" (Sl 7,4.5) etc., parece que disse aqui: "Se não tive sentimentos humildes, ou exaltei a minha alma". Seja, como se quisesse dizer: Aconteça-me isso e aquilo. Da mesma forma, naquele outro salmo: "Se paguei o mal com o mal aos que me retribuíram com o mal", aconteça-me, o quê? "Sucumba, sem razão, por mãos de meus inimigos"; e também neste salmo: "Se não tive sentimentos humildes, mas exaltei a minha alma, como à criança desleitada, afastada do regaço materno, seja recompensada a minha alma". Atenção! Sabeis que o Apóstolo diz a alguns fiéis fracos: "Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis" (1Cor 3,2). Há enfermos que são incapazes de ingerir alimento sólido; mas querem atingir o que não podem apreender; e se captarem um pou-quinho, ou pensarem que apreenderam o que não entenderam, exaltam-se e orgulham-se disso; julgam-se uns sá-bios. Isso aconteceu a todos os hereges; sendo animais e carnais, defendendo suas opiniões perversas, que não puderam considerar falsas, foram excluídos da Igreja católica. Direi a V. Caridade o que posso. Sabeis que nosso Senhor Jesus Cristo é o Verbo de Deus, segundo a palavra de S. João: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito" (Jo 1,1.2.3). Ele é, portanto, o pão do qual vivem os anjos. Eis que te foi preparado pão; mas deves crescer por meio de leite para poderes comer pão. E como, perguntas, cresço nutrido de leite? Crê, em primeiro lugar, naquilo que Cristo se fez por ti, por causa de tua fraqueza, e agarra-o com força. Da mesma forma que a mãe, vendo que o filho ainda não é capaz de tomar alimento sólido, nutre-o com o que ela transformou em leite. A criança é alimentada com o pão que a mãe come; mas a criança não é capaz de assentar-se à mesa, mas é capaz de sugar o seio. O pão da mesa vem até ela pelo seio materno; de sorte que o mesmo alimento chega ao pequenino. Assim nosso Senhor Jesus Cristo, era o Verbo junto do Pai. Tudo foi feito por ele; sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus (cf Fl 2,6). Os anjos, a seu modo o entendem, e assim no céu as Potestades e as Virtudes, os espíritos intelectuais se nutrem. O homem, porém, fraco, envolvido pela carne, jazia por terra, e não podia alcançar o pão celeste. Então, a fim de que o homem pudesse comer o pão dos anjos e o maná descesse do céu para um povo de Israel mais genuíno (cf Sl 77,25; Ex 16,14) "o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14).

10 Por isso, o apóstolo Paulo, falando a fracos que ele denomina animais e carnais, (1Cor 3,1), emprega esses termos: "Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser

Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado" (1Cor 2,2). Pois, Cristo existia antes de ser crucificado: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. E como o Verbo se fez carne" (Jo 1,1.14), o próprio Verbo foi crucificado, mas não se transformou em homem; no Verbo, o homem é que foi mudado. Transformou-se em melhor do que era, mas não se converteu na própria substância do Verbo. Pela natureza humana, Deus morreu; segundo a divina, o homem despertou, ressuscitou, subiu ao céu. Não se pode dizer que Deus não tenha padecido tudo o que o homem padeceu; porque era Deus e assumiu a natureza humana, sem se transformar nela; de igual modo não podes dizer que não foste injuriado, se tua veste for rasgada. E ao te queixares aos amigos ou em julgamento, assim falas ao juiz: Ele me dilacerou; não dizes: Rasgou meu manto e sim: Dilacerou-me. Se foi possível a tua veste ter a honra de denominar-se tu, embora não o seja, mas seja tua veste, quanto mais merece a carne de Cristo, templo do Verbo unido a ele, ouvir que sofreria o próprio Deus tudo o que a carne sofresse. O Verbo, contudo, não pôde morrer, nem corromper-se, nem mudar, nem ser morto; mas padeceu todas essas coisas em sua carne. Não te admires de que o Verbo nada tenha sofrido; nem a alma do homem pode sofrer algo quando se mata o corpo, conforme a palavra do próprio Senhor: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma" (Mt 10,28). Se a alma não pode ser morta, poderia ser morto o Verbo de Deus? Entretanto o que diz? Flagelou-me, esbofeteou-me, feriu-me, dilacerou-me. Tudo isso não é infligido à alma. Cristo diz, contudo: a mim, devido à unidade das duas partes.

11 Por conseguinte, nosso Senhor Jesus Cristo é pão, e se fez por nós leite; encarnou-se e apresentou-se como mortal, a fim de absorver a morte e para não errarmos acerca do Verbo, ao crermos na carne que o Verbo assumiu. Com isso cresçamos, nutridos desse leite; antes de sermos capazes de apreender o Verbo, não abandonemos a fé desse leite. Os hereges, contudo, buscando disputar acerca daquilo que não eram capazes de captar, disseram que o Filho é menor que o Pai, e o Espírito Santo é menor que o Filho; estabeleceram graus e introduziram na Igreja três deuses. Pois, não podem negar que o Pai é Deus, nem podem negar que o Filho é Deus, nem que o Espírito Santo é Deus. Ora, se o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus, e são desiguais, e não têm a mesma substância, não há um só Deus, mas são três deuses. Discutindo, portanto, o que não conseguiram entender, exaltaram-se orgulhosamente; e fez-se neles o que diz este salmo: "Se não tive sentimentos humildes, mas exaltei a minha alma; como à criança desleitada afastada do regaço materno, seja recompensada a minha alma". Mãe é a Igreja de Deus, da qual eles se separaram; deviam ser aleitados e nutridos ali, a fim de crescerem e poderem captar o Verbo, Deus junto de Deus, na condição divina igual ao Pai.

12 Outra opinião, outro modo de interpretar estas palavras tiveram os que as comentaram antes de nós, e não deixarei de transmiti-los à V. Caridade. Assim falaram: Todo soberbo desagrada a Deus e deve a alma humana se humilhar para não desagradar a Deus, e de todo coração considerar o que foi dito: "Quanto mais fores importante, tanto mais humilha-te para achares graça diante do Senhor" (Eclo 3,20). De outro lado,

alguns, ao ouvirem que devem ser humildes, desistem, e não querem aprender coisa alguma, julgando que se aprenderem algo, serão soberbos; e ficam só com o leite. A Escritura os repreende, dizendo: "E precisais de leite, e não do alimento sólido" (Hb 5,12). Deus quer que nos alimentemos de leite, mas não que paremos nisso; mas crescendo por este meio, cheguemos ao alimento sólido. Por isso o homem não deve exaltar orgulhosamente o coração, mas deve elevá-lo pela doutrina da palavra de Deus. Pois, se a alma não devesse elevar-se, não se diria em outro salmo: "A ti, Senhor, elevei a minha alma" (Sl 24,1). E se a alma não se erguer acima de si mesma, não chegará à visão de Deus e ao conhecimento daquela substância imutável. Como agora ainda está na carne, ouve a palavra: "Onde está o teu Deus"? (Sl 41,4). Mas seu Deus está no interior, espiritualmente acha-se no interior, e espiritualmente é excelso; não por distância local, como há distância local para o que está em lugar mais alto. Pois, se é desta altitude que se trata, as aves nos superam no vôo para junto de Deus. Por conseguinte, Deus é excelso interior e espiritualmente; a alma não consegue atingi-lo se não ultrapassar a si mesma. É grande erro pensar de Deus como um ser corporal. É ainda muito infantil pensar a respeito de Deus segundo o modo de ser da alma humana, como se Deus se esquecesse, ou gostasse para desgostar-se em seguida, ou fizesse alguma coisa e depois se arrependesse. Tudo isso se encontra na Escritura acerca de Deus, em referência a nós, que ainda somos lactentes. Não tomemos estas expressões em sentido próprio, de sorte que entendamos que Deus se arrepende, que ora aprende o que não sabia, ora entende o que não entendia ou se lembra do que esquecera. Assim age a alma, não Deus. Se a alma, portanto não ultrapassar seu modo de agir, não verá que Deus é o que é, conforme disse: "Eu sou aquele que é" (Ex 3,14). Por isso, que respondeu aquele ao qual se perguntava: "Onde está o teu Deus?" "Minhas lágrimas noite e dia se tornaram o meu pão; quando se me diz cada dia: Onde está o teu Deus?". Que fez para encontrar o seu Deus? "Meditei sobre essas coisas. Minha alma acima de si mesma se expandiu" (Sl 41,4.5). Expandiu sua alma acima de si mesma a fim de encontrar a Deus. Não é dessa maneira que te é dito: Sê humilde, ignora. Mas: Sê humilde em relação à soberba; eleva-te pela sabedoria. Escuta uma sentença clara a este respeito: "Quanto ao modo de julgar, não sejais como crianças; quanto à malícia, sim, sede crianças, mas quanto ao modo de julgar, sede adultos" (1Cor 14,20). Está explicado, certamente, meus irmãos, como é que Deus nos quer humildes, e como exaltados. Humildes, acautelando-nos do orgulho; exaltados, para captarmos a sabedoria. Bebe leite, para te nutrires; alimenta-te para cresceres; cresce para comeres pão. Ao começares a comer o pão, serás desleitado, isto é, já não precisarás de leite, e sim de alimento sólido. Parece que é isso que disse o salmo: "Se não tive sentimentos humildes, mas exaltei a minha alma", isto é, se fui criança, não no modo de julgar, mas quanto à malícia. Assinalando isto, disse antes: "Senhor, meu coração não se exaltou, nem foram altivos os meus olhos. Não aspirei a grandezas, nem a maravilhas acima de minhas capacidades". Eis que fui criança, quanto à malícia. Mas como não fui criança quanto ao modo de julgar, "se não tive sentimentos humildes, mas exaltei a minha alma", seja-me retribuído como à criancinha que é desleitada, de tal modo que já esteja capaz de comer pão.

13 Esta opinião é aceitável, irmãos, pois não é contrária à fé. Impressiona-me, contudo, porque não foi dito apenas: "Como à criança desleitada, seja recompensada a minha alma", mas foi acrescentado: "Como à criança des-leitada, afastada do regaço materno, seja recompensada a minha alma". Não vejo como seja uma maldição. A criança não é desleitada quando pequenina, mas já crescidinha. O ser fraco, ainda na primeira infância, na verdadeira infância, é sustentado pela mãe; se for-lhe retirado o leite, morre. Não é inútil o acréscimo: "afastado do regaço materno". Todos podem ser desleitados, quando crescem. Se cresce e é desleitado, é bom para ele; mas para quem ainda está no regaço materno é pernicioso. Portanto, irmãos, é de se precaver e recear que alguém seja desleitado antes do tempo. Pois, todo menino crescido é desleitado. Mas ninguém seja desleitado quando ainda está no regaço materno. Quando ainda está nos braços da mãe aquele que foi carregado no seio materno (foi carregado no seio até nascer; é carregado nos braços para crescer), precisa de leite; ainda está no regaço materno. Não procure então exaltar a sua alma, quando ainda não é capaz de tomar alimento, mas cumpra o preceito da humildade. Tem como se exercitar: creia em Cristo, para poder entendê-lo. Não pode ver o Verbo, não pode aprender a igualdade do Verbo com o Pai, a igualdade do Espírito Santo relativamente ao Pai e ao Verbo; creia e sugue. Está seguro, porque tendo crescido, há de comer o que não conseguia fazer antes de sugar para crescer: tem aonde tender. "Não te ocupes com coisas misteriosas. Não te aflijas com aquilo que te ultrapassa", isto é, com aquilo de que não és capaz. E que devo fazer, perguntas? Ficarei como estou? "Aplica-te àquilo que o Senhor te ordenou" (Eclo 3,22). Que te ordenou o Senhor? Pratica a misericórdia, não abandones a paz da Igreja, não deposites confiança num homem, não tentes a Deus desejando milagres. Se reconheces que algum fruto em ti existe, se toleras na companhia dos bons o joio até a messe (cf Mt 13,30), pois temporariamente podes achar-te entre os maus, mas não eternamente. Na eira a palha se encontra contigo neste tempo; mas não estará contigo no celeiro. "Aplica-te sempre àquilo que o Senhor te ordenou". Não serás desleitado enquanto estiveres no regaço materno, para não morreres de fome, antes de poderes comer pão. Cresce; forticar-te-ás e verás o que não podias ver, entenderás o que não entendias.

14 E então? Quando eu vir o que não podia ver e entender o que não entendia, já estarei em segurança? Serei perfeito? Não enquanto viveres na terra. Nossa perfeição aqui é a humildade. Ouvistes há pouco a conclusão da leitura da carta do Apóstolo, se vos lembrais; como ele fora espancado para não se exaltar devido às revelações extraordinárias que recebera (quanta coisa lhe fora revelada!); por causa da grandeza das revelações, poderia se exaltar, se não fosse permitido a um anjo de Satanás que o esbofeteasse. Entretanto, como se exprime aquele que teve tantas revelações? "Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado"; para isso foi permitido a um anjo de Satanás que o esbofeteasse, a fim de não se exaltar por causa de suas extraordinárias revelações (cf 2Cor 12,7). Quem ousa afirmar que compreendeu? Eis que Paulo não julga tê-lo apreendido e diz: "Eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado". Que dizes, Paulo? "Vou prosseguindo para ver se o alcanço". Paulo ainda está à caminho e tu te julgas já na pátria? "Mas uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás". Faze o

mesmo. Esquece-te de tua má vida no passado. Se a vaidade outrora te deleitava, não te deleite mais. “Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus” (Fl 3,13.14). Escuto a voz de Deus que vem do alto e corro para alcançar. Ele não me deixa parar no caminho, porque não cessa de falar-me. Portanto, irmãos, Deus não cessa de falar-nos. Pois, se cessar, que podemos fazer? Que é que fazem as leituras divinas e os cânticos divinos? Esquecei, portanto, o que fica para trás, e avançai para o que está diante. Sugai o leite para crescerdes e tomardes alimento sólido. Ao chegardes à pátria, alegrar-vos-eis. Observai ainda o Apóstolo avançar para o prêmio da vocação do alto. Pois, ele diz: “Portanto, todos nós que somos perfeitos, tenhamos este sentimento” (Fl 3,15). Não falo a imperfeitos, aos quais não posso falar palavras de sabedoria, porque ainda bebem leite e não se nutrem de alimento sólido; mas falo àqueles, que já tomam alimento sólido. Parecem ser perfeitos, porque entendem a igualdade do Verbo com o Pai; ainda não vêem, como haveremos de ver, face a face, e sim parcialmente, em figura (1Cor 13,12). Corram, portanto, porque ao terminar a caminhada, voltaremos à pátria. Corram, avancem. “Todos nós que somos perfeitos, tenhamos este sentimento, e se em alguma coisa pensais de modo diferente, Deus vos esclarecerá” (Fl 3,15). Se acaso aceitais algum erro, por que não voltais ao leite materno? Pois, se não vos exaltais, se não exaltais vosso coração, se não procurais maravilhas acima de vós, mas conservais a humildade, Deus vos revelará o erro em vosso pensamento. Se, porém, quereis defender o que opinais de modo diferente e pertinazmente sustentá-lo até contra a paz da Igreja, tornar-se-á para vós maldição o que o salmista disse; estando no regaço materno; se fordes separados, desleitados, expulsos das entranhas maternas, morrereis de fome. Se, ao invés, perseverardes na paz da Igreja católica, e pensardes algo de modo diferente do que convém pensar, a vós, humildes, Deus o revelará. Por quê? Porque Deus resiste aos soberbos, mas dá a graça aos humildes (cf Tg 4,6; Pd 5,5).

15 3 Por isso, assim termina o salmo: “Espere Israel no Senhor, desde agora e pelos séculos”. Em grego, encontra-se: (apó tou nun kai héos tou aionos) foi traduzido: “desde agora e pelos séculos”. Mas nem sempre o nome de século se aplica a este século; algumas vezes refere-se à eternidade; quanto a eterno entende-se de dois modos: eterno, isto é, sempre sem fim ou até que cheguemos à eternidade. Como entender, então, aqui? Até que cheguemos à eternidade, esperemos no Senhor Deus; porque ao chegarmos à eternidade, já não haverá esperança, mas será a plena realidade.

SALMO 131

SERMÃO AO POVO

1 1 Seria mais justo, caríssimos irmãos, ouvirmos meu irmão e colega, presente entre nós[1]. Ele agora não recusou falar, mas apenas adiou. E eu o refiro a V. Caridade, para que comigo reclameis o cumprimento da promessa. V. Caridade não julgue absurdo que eu tenha primeiro obedecido a sua ordem. Ele exigiu de mim que pudesse agora ser ouvinte, com a condição, porém, de que por mi-nha vez seja ouvinte dele, porque a caridade nos faz a todos ouvintes do único Mestre que está no céu (cf Mt 23,10). Por conseguinte, atenção ao salmo que havemos de comentar, como sabeis, segundo a ordem. Traz primeiro anotado: "Cântico gradual". É um pouco mais longo do que os demais que têm tal título. Não nos detenhamos, a não ser nos pontos necessários, a fim de podermos explicar todo ele, se Deus o permitir. Não precisais ouvir tudo de novo como se o ignorásseis; deveis ajudar-nos com o que ouvistes de outras vezes, para não necessitarmos dizer tudo de novo. De fato, devemos ser novos, porque não devem insinuar-se os antigos costumes, mas precisamos crescer e aperfeiçoar-nos. Deste progresso, na verdade, diz o Apóstolo: "Embora em nós, o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia-a-dia" (2Cor 4,16). Não avancemos de tal modo que de novos nos façamos velhos, mas cresça a própria vida nova.

2 2 "Lembra-te, Senhor, de Davi e de sua grande mansidão. Como fez este julgamento ao Senhor e este voto ao Deus de Jacó". Davi, na realidade, foi rei de Israel, filho de Jessé. Era, de fato, manso, conforme indica e relembra a Escritura divina (cf 1Rs 24,4-15), e tão manso que a Saul, seu perseguidor, não pagou o mal com o mal. Teve para com ele tamanha humildade que o chama rei e a si mesmo de cão. E não respondia ao rei com insolência ou soberba, embora fosse mais poderoso diante de Deus, mas procurava antes aplacá-lo pela humildade, do que excitá-lo com orgulho. O Senhor Deus entregou Saul ao seu poder, de sorte que teria podido fazer o que quisesse. Mas como Deus não lhe ordenou que matasse, e apenas o entregou ao seu poder (é lícito ao homem empregar o poder que lhe foi confiado), pendeu para a indulgência, em vez de utilizar a concessão. Se preferisse matar, ficaria livre do inimigo; como poderia, contudo rezar: Perdoa-me as minhas ofensas, assim como eu perdôo aos que me têm ofendido? (cf Mt 6,12). Saul entrou na gruta onde estava Davi, ignorando o fato; entrara para satisfazer às necessidades naturais. Davi se levantou de mansinho e cuidadosamente por detrás cortou um pedacinho da veste de Saul, para lhe mostrar que ele estivera em seu poder e que ele o poupara não por necessidade, mas voluntariamente, e não quisera matá-lo. Talvez seja tal a mansidão aqui recomendada: "Lembra-te, Senhor, de Davi e de sua grande mansidão". Tal é a realidade dos fatos narrados pela Escritura divina, segundo dissemos. Costumamos nos salmos, e em qualquer profecia, não atender à letra, mas perscrutar o

mistério através da letra. V. Caridade se recorda de que costumamos ouvir a voz de certo homem em todos os salmos; um só homem, Cabeça e corpo. A Cabeça se encontra no céu e o corpo na terra; o corpo, porém, há de seguir a Cabeça lá onde ela o precedeu. E já não digo qual é a Cabeça e qual o corpo; falo a entendidos.

3 Recomenda-se, portanto, a humildade de Davi, a mansidão de Davi; diz-se a Deus: “Lembra-te, Senhor, de Davi, e de sua grande mansidão. Por que: “Lembra-te, Senhor, de Davi? Como fez ao Senhor este juramento, este voto ao Deus de Jacó”. Que ele se lembre, portanto, a fim de cumprir sua promessa. Davi fez um voto, como se estivesse em seu poder o objeto do juramento; no entanto roga a Deus que cumpra o que ele prometeu. Dedicação de quem vota, humildade de quem reza. Ninguém presuma cumprir o que prometeu por suas próprias forças. Se Deus te exorta a fazeres um voto, ele ajuda a cumpri-lo. Vejamos o que ele prometeu e daí entenderemos como tomar a figura de Davi. Pois, Davi se interpreta: Mão forte. Era, de fato, grande guerreiro. Presumindo, contudo do Senhor seu Deus, entrou nas guerras, prostrou todos os seus inimigos, com o auxílio de Deus, conforme os desígnios de Deus sobre aquele reino; prefigurava, contudo, certo guerreiro forte em vencer os inimigos, o diabo e seus anjos. A Igreja, porém, debela esses inimigos. Como? Pela mansidão. Nosso próprio Rei venceu pela mansidão o diabo. Este estava enfurecido; o Senhor suportava. Foi vencido aquele que se enfurecia e venceu o que sofria. Nesta mansidão o corpo de Cristo, a Igreja, vence os inimigos. Seja mão forte, vença em sua ação. O corpo de Cristo é igualmente templo, casa, cidade; aquele que constitui sua Cabeça é também habitante da casa, santificador do templo, rei da cidade. Como a Igreja é tudo aquilo, Cristo é tudo isto. Que prometemos a Deus, senão sermos seu templo? Nada de mais agradável a seus olhos podemos lhe oferecer do que dizer-lhe o que disse Isaías: “Toma posse de nós” (cf Is 26,13). Com efeito, quanto às propriedades terrenas confere-se alguma coisa ao pai de família quando se lhe entrega a sua posse; não acontece o mesmo nesta possessão que é a Igreja; ela é quem ganha de ter tal proprietário.

4 3-5 Que significa: “Como fez ao Senhor este juramento e este voto ao Deus de Jacó?” Vejamos que voto é esse. Pois, jurar é prometer firmemente. Considerai este voto, isto é, o que prometera, com que ardor, com que amor, com que desejo; entretanto, para cumpri-lo suplicara ao Senhor: “Lembra-te, Senhor, de Davi e de sua grande mansidão”. Com esta mansidão, fizera o voto de se tornar casa de Deus: “Se eu entrar na tenda em que moro, se subir ao leito onde repouso, se der sono aos meus olhos”. Julgou que não bastava dizer: “sono aos meus olhos, e repouso às minhas pálpebras”, mas se der ainda “descanso às minhas têmporas, até que ache um lugar para o Senhor, um tabernáculo para o Deus de Jacó”. Onde procurava um lugar para o Senhor? Se era manso, procurava em si. Pois, como é um lugar para o Senhor? Escuta o profeta: “Eis sobre quem repousa o meu Espírito. Sobre o humilde, o manso, aquele que treme diante de minha palavra” (cf Is 66,2). Queres ser um lugar para o Senhor? Sê humilde, quieto, treme diante das palavras de Deus, e te tornarás aquilo que desejas ser. Se, porém, isso não se realizar em ti, que aproveita a ti se em outro se realiza? Na verdade, Deus às

vezes opera apenas a salvação de outro por meio de um anunciador da palavra, se ele diz e não faz; e assim o outro se torna, através de suas palavras, um lugar para o Senhor, enquanto ele mesmo, não. Aquele que pratica exatamente o que ensina, e assim ensina a outrem, ele e o outro se tornam lugar para o Senhor, porque todos os que crêem constituem juntos um só lugar para o Senhor. Com efeito, o lugar para o Senhor é o coração, e o coração de todos os que estão unidos pelos laços da caridade é um só.

5 Quantos milhares acreditaram, meus irmãos, quando depuseram o preço de seus bens aos pés dos apóstolos (At 4,35). Mas que diz a Escritura a respeito deles? Certamente se tornaram templo de Deus; não foi apenas cada um em particular que se fez templo de Deus, mas todos juntos se tornaram templo de Deus. Por conseguinte, tornaram-se lugar para o Senhor. E para saberdes que todos se tornaram um só lugar para o Senhor, diz a Escritura: "A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma" (At 4,32) em Deus. Muitos, porém, não se tornam lugar para o Senhor, se procuram seus próprios interesses, amam o que é seu, alegram-se com seus poderes, ambicionam ter bens particulares. Quem, contudo, quer arranjar um lugar para o Senhor, contente fica não com seus bens particulares, mas com os comuns. Foi isso que os fiéis então fizeram com seus próprios bens; puseram-nos em comum. Então perderam o que tinham de seu? Se os possuíssem sozinhos, cada qual teria o que era seu; teria apenas isso; ao tornarem comuns seus bens particulares, também os bens dos outros se fizeram seus. V. Caridade esteja atenta. Por causa dos bens que cada um de nós possui, existem contendas, inimizades, discórdias, lutas entre os homens, tumultos, dissensões, escândalos, pecados, iniqüidades, homicídios. Por que razão? Por causa do que possuímos em particular. Acaso brigamos por causa do que possuímos em comum? Em comum respiramos o mesmo ar, vemos em comum o mesmo sol. Felizes, portanto, os que de tal modo dispõem um lugar para o Senhor, que não gostam de ter bens particulares. O salmista descrevia tal espécie de homens, nesses termos: "Se eu entrar na tenda em que moro". Era um bem particular. Sabia que este bem privado era um obstáculo a que ele preparasse um lugar para o Senhor e menciona o que lhe pertencia; "não entrarei na tenda em que moro, até que eu ache". Como? Ao encontrares um lugar para o Senhor, entrarás em tua tenda? Ou será a tua tenda o lugar que encontrarás para o Senhor? Por quê? Porque serás um lugar para o Senhor, e com aqueles que forem um lugar para o Senhor serás uma coisa só.

6 Abstenhamo-nos, portanto, irmãos, da posse de bens particulares; ou do amor aos bens particulares, se não podemos abster-nos da posse e providenciemos um lugar para o Senhor. É demais para mim, diz alguém. Mas vê quem és, que haverás de arranjar um lugar para o Senhor. Se um senador quisesse hospedar-se em tua casa, ou antes, não digo um senador mas um procurador de um grande neste mundo e te dissesse: Em tua casa há alguma coisa que me desagrada; embora gostasses desse objeto, tu o retirarias para não ofenderes aquele cuja amizade ambicionas. E de que te serve a amizade de um homem? Talvez nela não encontrarás auxílio algum, mas até será um perigo. Pois, muitos não incorriam em perigo antes de procurarem a companhia dos grandes; optaram por sua amizade para incorrerem em maiores perigos. Opta com segurança pela amizade de

Cristo. Ele quer hospedar-se em tua casa; dá-lhe lugar. Que quer dizer: dá-lhe lugar? Não ames a ti mesmo e sim a ele. Se amares a ti mesmo, fechas-lhe a porta; se o amares, abres. Se, porém, lhe abrires e ele entrar, não perecerás amando-te a ti mesmo, mas te encontrarás com aquele que te ama.

7 "Se eu entrar na tenda onde moro, se subir ao leito onde repouso". Pois os bens particulares em que o homem repousa, torna-o soberbo; por isso disse o salmista: "Se subir". Necessariamente se torna soberbo quem possui bens particulares; daí vem que um homem ataca a outro, embora ambos sejam carne. Que é o homem, irmãos? Carne. E que é o outro? Carne. E no entanto a carne do rico se ergue contra a carne do pobre; como se tivesse trazido alguma coisa aquela carne quando nasceu ou leva algo quando morre. Teve mais o rico para mais se orgulhar. Mas, o salmista que quer encontrar um lugar para o Senhor, diz: "Se subir ao leito onde repouso".

8 "Se der sono aos meus olhos". Muitos, de fato, quando dormem, não dão lugar ao Senhor. O Apóstolo os acorda: "Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará" (Ef 5,14); e em outra passagem: "Nós que somos do dia, vigiemos e sejamos sóbrios. Quem dorme, dorme de noite; quem se embriaga, embriaga-se de noite" (1Ts 5,5-8). Chama de noite a iniqüidade, em que eles dormem cobiçando as riquezas terrenas. E tudo o que ao mundo parece felicidade é sonho daqueles que dormem. Assemelha-se ao que vê tesouros em sonho, e é rico durante o sono; quando acorda é pobre. Assim todas as vaidades mundanas de que se regozijam os homens, gozam delas num sonho. Acordarão quando não querem, se não estão despertos quando lhes é útil; e verificam que tudo foi sonho e passou, conforme diz a Escritura: "como ao despertar de um sonho" (Sl 72,20); e em outro lugar: "Dormiram, sonharam e esses homens ricos nada encontraram nas mãos (Sl 75,6). Dormiram, sonharam", terminou o sonho e "nada encontraram nas mãos", porque viam em sonho riquezas transitórias. Portanto, este salmista que quer encontrar um lugar para o Senhor, disse também: "Se der sono aos meus olhos". Existem alguns que não dormem, mas cochilam. Retraem-se um pouco do amor dos bens temporais, e novamente vêm se revolver neles; como os que cochilam, freqüentemente inclinam a cabeça. Acorda, sacode o sono: cochilando podes cair. O salmo não quer que entregue os olhos ao sono, nem dê repouso às pálpebras, aquele que tenciona encontrar um lugar para o Senhor.

9 "E descanso as minhas pálpebras". Se as pálpebras repousam, o sono vem aos olhos. As pálpebras estão perto dos olhos. Ao chegar o sono, as pálpebras ficam pesadas. Quando os homens vão dormir, as pálpebras começam a pesar; ao sentirem pesadas as pálpebras, estão quase dormindo; se querem entregar os olhos ao sono, dão descanso às pálpebras e o sono chega; se não repousarem as pálpebras, o sono não vem. Então, se algo de temporário começar a te deleitar para pecares, as pálpebras já te estão pesando. Queres vigiar, não dormir, nem dormitar? Não te confies a tais deleites; terão mais dores do que suavidades. Com esta reflexão esfregando a fronte, repeles o sono e preparas um lugar ao Senhor.

10 “Até que ache um lugar para o Senhor, um taber-náculo para o Deus de Jacó”. Embora por vezes se chame o tabernáculo de Deus de casa de Deus, e a casa de Deus se denomine tabernáculo de Deus, há uma distinção, meus caríssimos irmãos. Tabernáculo é a Igreja do tempo presente; casa, porém, é a Igreja da Jerusalém celeste, para onde iremos. O tabernáculo é próprio dos que militam e combatem; as tendas pertencem aos soldados de prontidão, em expedição; daí chamarem-se contubernais os soldados, porque têm por habitação as mesmas tendas. Por conseguinte, enquanto temos inimigo a combater, levantamos um tabernáculo para Deus. Ao terminar o tempo de combate, e vier aquela paz que ultrapassa todo entendimento, conforme declara o Apóstolo: “A paz de Cristo que excede toda a compreensão” (Ef 4,7), por mais que medites naquela paz, a alma menos a apreende enquanto o corpo pesa sobre ela; ao chegar à pátria, já estará em casa, e nenhum adversário a provará de tal sorte que se possa falar em tabernáculo. Não avançaremos para lutar, mas permaneceremos a louvar. Que se diz daquela casa? “Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos” (Sl 83,5). No tabernáculo ainda gememos, em casa louvaremos. Por que razão? Porque os gemidos são próprios dos peregrinos, e o louvor dos que já permanecem na pátria. Aqui, em primeiro lugar se procura um tabernáculo para o Deus de Jacó.

11 6 “Ouvimos dizer que ela estava em Éfrata”. Que é “ela”? A sede do Senhor. “Ouvimos dizer que estava em Éfrata. Encontramo-la nos campos do bosque”. Ouviu dizer onde a encontrou; ou ouviu numa parte e encontrou em outra? Investiguemos o que é “Éfrata”, onde o sal-mista ouviu; e ainda procuremos saber o que são os “campos do bosque”, onde ele a encontrou. Éfrata é palavra hebraica que se traduz ao latim por espelho, speculum, conforme informaram os que traduziram para outras línguas as palavras hebraicas da Escritura, a fim de que nós pudéssemos entendê-las. Pois, de hebraico traduziram para o grego, foram vertidas para o latim. Eram vigilan-tes acerca das Escrituras. Se, então, Éfrata significa espe-lho, o salmista ouviu falar daquela casa que se encontra nos campos do bosque, em espelho. O espelho produz uma imagem; toda profecia é imagem dos eventos futuros. Por isso, a futura casa de Deus, foi anunciada sob as imagens proféticas. Ouvimos falar dela, pois, em espelho, isto é: “Ouvimos dizer que ela estava em Éfrata. Encontra-mo-la nos campos do bosque”. Quais são os campos do bos-que? Os campos da floresta. Não se trata do que se diz vulgarmente: aquele bosque, por exemplo, consta de tantas centenas. Bosque propiamente é um lugar ainda inculto e silvestre. Alguns códices trazem: “nos campos da selva”. Quais eram, então, os campos dos bosques senão os povos incultos? Quais os campos dos bosques, a não ser os que ainda se achavam nos espinheiros da idolatria? No entanto, como ali existiam os espinheiros da idolatria, ali encontramos lugar para o Senhor, um tabernáculo para o Deus de Jacó. Aquilo que “ouvimos dizer em Éfrata, encon-tramos nos campos do bosque”; o que foi anunciado em imagem aos judeus, foi revelado na fé aos gentios.

12 7 “Entraremos em seu tabernáculo”. De quem? Do Senhor Deus de Jacó. Os que entram para habitar são os mesmos que entram para serem habitados. Entras em tua casa

para ali habitares, entras na casa de Deus para seres habitado. Pois, o Senhor é bom. Quando começar a habitar em ti, far-te-á feliz. Com efeito, se não fores habitado por ele, serás infeliz. Quis ser senhor de si o filho que disse ao pai: "Dá-me a parte da herança que me cabe" (Lc 15,12). Ele estava bem guardado junto do pai, para não dissipar seus bens com meretrizes. Recebeu a herança, que passou para sua posse; partiu para uma região longínqua, gastou tudo com meretrizes. Finalmente passou fome e lembrou-se do pai; voltou, a fim de ter pão com fartura. Por isso, entra, para seres habitado; não sejas dono de ti mesmo, e sim posse dele: "Entraremos em seu tabernáculo".

13 "Prostrar-nos-emos no lugar onde se detiveram seus pés". De quem são os pés? Do Senhor, ou da própria casa do Senhor? Pois é na casa do Senhor que ele há de ser adorado. "Prostrar-nos-emos no lugar onde se detiveram seus pés". Fora de sua casa, Deus não atende relativamente à vida eterna. Pertence à casa do Senhor aquele que está integrado pela caridade entre as pedras vivas. Quem não tiver a caridade, arruína-se; enquanto ele cai, a casa permanece de pé. Ninguém ameaça a casa, de onde começou a ser uma pedra, como se prejudicasse à casa se ele quiser cair. Foi desta maneira que se orgulhou em primeiro lugar o povo judaico, dizendo: Deus não há de falhar na promessa feita ao patriarca Abraão de uma grande descendência. E eles cometiam todos os pecados, falsamente seguros das promessas de Deus, de sorte que não lhes retribuiria de acordo com seus méritos, quando cometiam crimes, mas os pouparia em consideração aos méritos de Abraão, e reuniria quaisquer dos maus filhos de Abraão em sua casa, para a vida eterna. Mas, que pregava João? "Raça de víboras". Quando se aproximavam deles os filhos de Abraão, para serem batizados na água da penitência, não lhes disse: Raça de Abraão, mas "de víboras". Pois eram tais quais os povos que eles imitavam; não eram filhos de Abraão, mas filhos dos amorreus, dos cananeus, dos gergeseus, dos jebuseus, e de todos os que ofendiam a Deus. Eram filhos deles porque seguiram seu modo de agir. "Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzi, então, fruto que prove a vossa conversão e não penseis que basta dizer: Temos por pai a Abraão, pois eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão" (Mt 3,7-9). Não sei que pedras ele então via nos campos do bosque, onde foram suscitados filhos a Abraão. São antes filhos os que imitaram sua fé e não os nascidos de sua raça. Ninguém, portanto, ameace a casa de Deus, dizendo de certo modo: Subtraio-me e a casa ruirá. Seria melhor que ele tivesse a caridade para nela ser coedificado. Pois, mesmo que ele caia, a casa ficará de pé. Por conseguinte, irmãos, a casa de Deus consta daqueles que Deus predestinou e soube de antemão que haveriam de perseverar. Deles foi dito: "Onde se detiveram seus pés". Alguns há que não perseveram, nem seus pés se detêm. Não são dos que constituem a Igreja; não pertencem agora ao tabernáculo, nem depois à casa. Mas onde se detiveram seus pés? "Pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará". Não se detêm os pés daqueles cujo amor esfriou. Mas como continua? "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt 24,12.13). Eis em quais se detiveram seus pés; adora-o neste lugar, isto é, sê do número daqueles nos quais se detiveram os pés do Senhor.

14 Se quiseres, porém, tomar no sentido de que é a própria casa: “Onde se detiveram os seus pés”, teus pés se detenham em Cristo. Os pés se deterão, se perseverares em Cristo. Pois, que se diz do diabo? “Ele foi homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade” (Jo 8,44). Portanto, os pés do diabo não se detiveram. O mesmo se diz a respeito dos soberbos: “Não me pisoteie a soberba, nem as mãos dos pecadores me sacudam. Tombaram os obreiros de iniqüidade. Foram expulsos e não puderam manter-se em pé” (Sl 35,12.13). Portanto é casa de Deus a que tem os pés firmes. Daí, alegrando-se, que diz João? “Quem tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo que está presente e o ouve. Se não está de pé ali, não ouve. É tomado de alegria à voz do esposo” (Jo 3,29). De direito está de pé, porque se alegra à voz do esposo; se ele se alegrasse com a própria voz, cairia. Já podeis perceber porque caíram aqueles que se alegram com sua própria voz. Aquele amigo do esposo dizia: “Ele é que batiza” (Jo 1,33). Alguns dizem: Nós batizamos. Tendo-se alegrado à sua própria voz, não puderam estar de pé; e não pertencem à casa da qual se diz: “Onde se detiveram seus pés”.

15 8 “Levanta-te, Senhor, para ir ao lugar de teu repouso”. Chama ao Senhor que dorme: “Levanta-te”. Já sabeis quem dormiu e quem ressuscitou. Ele diz em determinado lugar de um salmo: “Dormi inquieto” (Sl 56,5). Com razão se lhe diz: “Levanta-te, Senhor, para ir ao lugar de teu repouso”. Já não te inquietarás, porque Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele (cf Rm 6,9). É sua a voz em outro salmo: “Eu adormecí, caí em sono profundo. Despertei, porque o Senhor me acolherá” (Sl 3,6). Ao que dormiu se diz: “Levanta-te, Senhor, para ir ao lugar de teu repouso, tu e a arca de tua santificação”, isto é, levan-ta-te, para que também se levante a arca de tua santifi-cação, aquela que santificaste. Ele é nossa Cabeça; sua arca é sua Igreja; ele ressurgiu primeiro, mas a Igreja também ressurgirá. O corpo não ousaria prometer a si mesmo a ressurreição, se a Cabeça não tivesse ressurgido em primeiro lugar. “Levanta-te, Senhor, para ir ao lugar de teu repouso, tu e a arca de tua santificação”. Alguns interpretam que a arca da santificação é o corpo de Cristo, nascido de Maria, de sorte que o salmista poderia dizer: “Levanta-te, Senhor, para ir ao lugar de teu repouso, tu e a arca de tua santificação”. Levanta-te com o corpo, a fim de que apalpem os que não acreditavam. “Levanta-te, Senhor, para ir ao lugar de teu repouso, tu e a arca de tua santificação”.

16 9 “Teus sacerdotes se revistam de justiça e exultem os teus santos”. Depois que ressurgiste dos mortos e subiste ao Pai, revista-se o sacerdócio real de fé, porque o justo vive da fé (cf 1Pd 2,9; Rm 1,17); e tendo recebido o penhor do Espírito Santo, os membros devem alegrar-se na esperança da ressurreição, em que a Cabeça os precedeu. Pois, o Apóstolo lhes diz: “Alegrando-vos na esperança” (Rm 12,12).

17 10 “Por amor de Davi, teu servo, não apartes a face de teu Cristo”. Dirige-se a Deus Pai: “Por amor de Davi, teu servo, não apartes a face de teu Cristo”. O Senhor foi crucificado na Judéia; foi crucificado pelos judeus; afligido por eles dormiu. Levantou-se para julgar aqueles cruéis, entre cujas mãos ele dormiu. O Senhor diz em certo salmo: “Ergue-me e dar-lhes-ei a merecida retribuição” (Sl 40,11). Deu e há de dar. Pois quanto

os judeus tiveram de sofrer depois da morte do Senhor, eles mesmos o sabem. Todos foram expulsos da própria cidade, onde o mataram. E então? Pereceram todos da estirpe de Davi e da tribo de Judá? Não. Pois, dentre eles alguns acreditaram, muitos milhares acreditaram, e isto após a ressurreição do Senhor. Enfureceram-se e crucificaram-no; depois começaram a ver os milagres realizados em nome do crucificado. Tremeram diante do poder de seu nome tanto mais quanto ele parecera, quando estava em suas mãos, nada poder. Arrependidos de coração, já acreditavam na divindade oculta daquele que haviam julgado semelhante aos demais homens, e pedindo conselho aos apóstolos, ouviram deles: "Convertei-vos, e seja cada um de vós batizado em nome de Jesus Cristo", nosso Senhor (At 2,37.38). Por isto, uma vez que Cristo ressuscitou para julgar os que o crucificaram, e desviou sua face dos judeus, voltando-se para os gentios, roga de certo modo a Deus, por causa do resto de Israel, e diz-lhe: "Por amor de Davi, teu servo, não apartes a face de teu Cristo". Se a palha é condenada, o trigo é recolhido no celeiro. "Um resto se salvará" (cf Is 10,21; Rm 9,27), diz Isaías. Sem dúvida, o resto se salvou; dele saíram os doze apóstolos, e mais de quinhentos irmãos, aos quais o Senhor apareceu depois da ressurreição (cf 1Cor 15,6); dele provêm tantos milhares que foram batizados, os que depositaram o preço de suas propriedades aos pés dos apóstolos (cf At 2,41; 4,34). Por conseguinte, cumpriu-se o que aqui, neste salmo, se pediu a Deus: "Por amor de Davi, teu servo, não apartes a face de teu Cristo".

18 11 "O Senhor jurou a Davi uma promessa, e não se arrependerá". Que quer dizer: "jurou"? Promessa que confirmou por si mesmo. E que significa: "Não se arrependerá"? Não mudará. Deus não tem contrição, nem se engana, de sorte que queira corrigir um erro. Mas como o homem se arrepende quando quer mudar o que fez; assim se aqui se diz que Deus se arrepende, esperas uma mudança. Deus age de modo diferente do teu, embora se use o nome de arrependimento. Tu te arrependes, porque tinhas errado; ele, porém, porque vinga ou liberta. Tirou o reino de Saul, e foi dito que Deus se arrependeu. Mas no mesmo lugar em que a Escritura diz: Arrependeu-se, declara pouco depois: "Não é um homem para se arrepender" (1Rs 15,11.29). Quando, pois, muda suas obras segundo seu desígnio imutável, diz-se que ele se arrependeu por causa da mudança nas obras e não no seu desígnio. No salmo, porém, prometeu de tal maneira que não mudaria. De acordo com esta outra palavra: "Jurou o Senhor e não se arrependerá. Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec" (Sl 109,4). Assim também neste salmo prometeu de tal forma que não mudaria, porque necessariamente tal coisa aconteceria e permaneceria; disse: "O Senhor jurou a Davi uma promessa e não se arrependerá. Do fruto de tuas entranhas, eu porei em teu trono". Poderia dizer: Do fruto de tua coxa. Por que preferiu: "Do fruto de tuas entranhas?" Se dissesse aquilo, seria verdade; mas é mais significativo dizer: "do fruto de tuas entranhas", porque Cristo nasceu de uma virgem.

19 12 E então? "O Senhor jurou a Davi uma promessa. Do fruto de tuas entranhas, eu porei em teu trono. Se teus filhos guardarem a minha aliança e os meus testemunhos que lhes ensinarei, também os seus filhos se sentarão no teu trono eternamente". Se teus

filhos guardarem, os filhos deles se sentarão no trono eternamente. Com razão, os pais obtem-no para os filhos. Que acontecerá se os filhos dele guardarem, e os filhos deles não guardarem? Por que se promete felicidade aos filhos devido aos méritos dos pais? Pois, por que disse o salmista: "Se teus filhos guardarem, também os seus filhos se sentarão no trono eternamente" (não disse: Se teus filhos guardarem, se sentarão no teu trono; e se os filhos deles guardarem, também eles se sentarão no teu trono; mas disse: "Se teus filhos guardarem, também os seus filhos se sentarão no teu trono") senão porque deu a entender que filhos aqui significam seus frutos? "Se teus filhos guardarem a minha lei, e os mandamentos que lhes ensinarei", teus filhos guardarem; "também os seus filhos se sentarão no teu trono", isto é, será este o fruto que obterão, que eles se sentem no teu trono. Agora, irmãos, todos nós que trabalhamos em Cristo, todos os que tememos suas palavras, que agora de algum modo nos empenhamos em cumprir a sua vontade, e gememos pedindo que nos ajude a cumprir o que ele manda, acaso já nos sentamos naqueles tronos da bem-aventurança, que nos foi prometida? Não; mas cumprindo seus mandamentos esperamos que isso há de suceder. Sob o nome de filhos designa-se a própria esperança. A esperança do homem nesta vida são os filhos, os frutos são os filhos. Por isso, os homens quando querem se desculpar de sua avareza, dizem que guardam sua reserva para os filhos; e se não querem dar ao necessitado, desculpam-se sob o pretexto de amor aos filhos, porque seus filhos são a sua esperança. Pois, todos os que vivem segundo este mundo, dizem que sua esperança está em gerar filhos e deixá-los após si. Por isso, o salmista sob o nome de filhos designa a própria esperança, dizendo: "Se teus filhos guardarem a minha aliança, e os meus testemunhos que lhes ensinarei, também os seus filhos se sentarão no teu trono eternamente", isto é, terão tais frutos: não os decepcionará a esperança de chegarem aonde esperam chegar. Agora, portanto, são como pais, homens de esperança a se realizar; ao alcançarem, porém, o que esperam, são filhos, porque através de boas obras geraram, deram à luz o que obtiveram. E isto lhes será reservado posteriormente, por-que os filhos costumam ser denominados posteridade.

20 Ou se interpretas que filhos são os próprios homens, entende que é referente a eles o versículo: "Se teus filhos guardarem a minha aliança e os meus testemunhos que lhes ensinarei", de tal forma que seja este o sentido: "Se teus filhos guardarem a minha aliança e os meus testemunhos que lhes ensinarei, também os seus filhos", isto é, se guardaram; aqui deves subdistinguir e em seguida concluir: "se sentarão no teu trono eternamente", isto é, teus filhos e os filhos deles, mas todos eles, se guardarem. Que será, então, se não guardarem? A promessa de Deus falhará? Não; mas assim foi dito e prometido, porque Deus o previu; o que, se não que eles haveriam de acreditar? Mas para que ninguém usasse as promessas de Deus como ameaças, e tentasse tornar dependente de seu poder a realização das promessas de Deus, por isso disse: "jurou". Mostra com isso que sem dúvida há de vir. Como, então, colocou a condição: "Se guardarem?" Para que não te glories das promessas, e deixes de guardar. Serás filho de Davi se guardares; se não, não serás filho de Davi, Deus fez a promessa aos filhos de Davi. Não digas: Sou filho de Davi, se degeneras. Se os judeus, que nasceram de sua

estirpe, não o dizem ou antes, dizem, mas deliram. O Senhor declarou abertamente: "Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão" (Jo 8,39). Com isso, negou que sejam filhos de Abraão, porque não praticavam as suas obras, como podemos nós, que não somos de sua raça segundo a carne, dizer-nos filhos de Davi? Resta que não sejamos seus filhos, a não ser que imitemos sua fé e adoremos a Deus, como ele adorou. Se, então, não podes esperar isso devido à raça, e não queres praticar as suas obras, como em ti se realizará a promessa de te sentares no trono de Davi? E se não se cumprir em ti, pensas que não se cumprirá? E como a encontrará nos campos do bosque? E como se deterão aí seus pés? De qualquer forma que fores, aquela casa ficará de pé.

21 13 "Porque o Senhor escolheu Sião e a preferiu para sua morada". Sião é a Igreja, aquela Jerusalém cuja paz queremos alcançar e que é peregrina, não quanto aos anjos, mas quanto a nós, e que espera ter parte no melhor da herança. Desta Jerusalém vêm-nos as cartas que cotidianamente são lidas. É a cidade, a Sião que o Senhor preferiu.

22 14 "Este é o lugar de meu repouso pelos séculos dos séculos". São palavras de Deus, "Meu repouso": ali des-canço. Quanto Deus nos ama, irmãos! Diz que descansa quando descansamos nós! Ora, ele não fica por vezes aflito e depois repousa; mas diz que repousa porque nele temos nós repouso. "Aqui habitarei porque o escolhi".

23 15 "Abençoarei largamente a sua viúva e fartarei de pão os seus pobres". É viúva toda alma que compreende estar privada de todo auxílio, exceto do auxílio de Deus. Como o Apóstolo descreve a viúva? "Aquela que é verdadeiramente viúva, que permaneceu sozinha, põe a confiança em Deus". Trata-se daquelas que a Igreja denomina viúvas. Havia dito: "A viúva que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta", e não a enumerou entre as viúvas. Descrevendo as viúvas santas, o que diz? "Aquela que é verdadeiramente viúva, que permaneceu sozinha, põe a sua confiança em Deus e persevera em súplicas e orações dia e noite". E acrescenta: "A que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta (1Tm 5,5.6). Que é, então, que constitui uma viúva? Não ter outro auxílio senão o que vem de Deus. Aquelas que têm marido, de certo modo se orgulham do auxílio que deles recebem; as viúvas parecem abandonadas, no entanto o auxílio que recebem é maior. Por conseguinte, a Igreja inteira constitui uma só viúva, quer nos homens, quer nas mulheres, ou nos casados e nas casadas, ou nos adolescentes, ou nos velhos, ou nas virgens; a Igreja toda é uma só viúva, sozinha neste mundo, se o percebe, se conhece sua viuvez; então lhe advém o auxílio pronto. Não reconheceis, meus irmãos, a viúva do evangelho, quando o Senhor disse que importa orar sempre, sem jamais esmorecer? "Havia numa cidade um juiz que não temia a Deus e não tinha consideração para com os homens. Nesta mesma cidade, existia uma viúva que vinha a ele todos os dias, dizendo: Faz-me justiça contra o meu adversário". E a viúva interpelando-o cotidianamente, dobrou-o. "Disse o juiz, que não temia a Deus e não tinha consideração para com os homens, pensando consigo mesmo: Embora eu não tema a Deus, nem respeite os homens, como esta viúva está me dando fastio, vou fazer-lhe justiça" (Lc 18,1-8). Se o juiz iníquo atendeu à viúva, para se livrar do fastio, Deus não ouvirá a Igreja, a quem exorta a que suplique?

24 Ainda: “Fartarei de pão os seus pobres”. Que significa isto, irmãos? Sejamos pobres e então seremos saciados. Muitos que presumem do mundo e são soberbos, são cristãos; adoram a Cristo, mas não são saciados. Pois estão saturados e fartos de soberba. Destes diz um salmo: “O opróbrio dos que vivem na abundância e o desprezo dos soberbos” (Sl 122,4). Estes têm em abundância; por isso, comem, mas não são saciados. Que diz deles outro salmo? “Comeram e adoraram todos os poderosos da terra” (Sl 21,30). Adoram a Cristo, veneram a Cristo, suplicam a Cristo; mas não se saciam de sua sabedoria e justiça. Por quê? Porque não são pobres. Os pobres, porém, isto é, os humildes de coração, quanto mais fome têm, mais comem; e tanto mais estão famintos quanto desprovidos neste mundo. Quem está na fartura, seja o que for que lhe deres, há de recusar, porque está farto. Apresenta-me um faminto, apresenta-me um daqueles dos quais foi dito: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6); e serão do número daqueles pobres aqui mencionados: “E fartarei de pão os seus pobres”. Pois, naquele salmo onde está escrito: “Comeram e adoraram todos os poderosos da terra” encontra-se também a respeito dos pobres sentença inteiramente igual à que está neste salmo: “Os pobres hão de comer e saciar-se. Louvarão o Senhor aqueles que o procuram” (Sl 21,30.27). Lá foi dito: “Comeram e adoraram todos os poderosos da terra e também: Os pobres hão de comer e saciar-se”. Por que motivo se diz que os poderosos adoraram e não que foram saciados; e quando se fala dos pobres, diz-se que foram saciados? De que foram saciados? Que saciedade é esta, irmãos? Deus é pão. O pão, a fim de se tornar leite para nós, desceu à terra; e disse aos seus: “Eu sou o pão vivo, descido do céu” (Jo 6,41). Por isso, se acha naquele salmo: “Os pobres hão de comer e saciar-se”. De que se saciarão? Escuta como prossegue o salmo: “Louvarão o Senhor aqueles que o procuram”.

25 Sede pobres, portanto, sede dos membros daquela viúva. Somente Deus seja vosso auxílio. O dinheiro nada vale; não é dele que vos virá o auxílio. Muitos por causa do dinheiro se precipitaram no abismo, muitos pereceram por causa dele; muitos devido à quantidade de dinheiro que tinham foram atingidos pelos ladrões; estariam em segurança se não tivessem o que eles procurassem. Muitos presumiram de seus amigos poderosos; caíram aqueles em quem confiavam e envolveram na queda também aqueles que deles presumiram. Considerai os exemplos do gênero humano. Que há de extraordinário no que vos dizemos? Não falamos apenas do que se encontra nas Escrituras; podeis ler essas coisas por toda a terra. Cuidai de não presumir do dinheiro, de um homem amigo, de honras e vaidades do mundo. Tira tudo isso; mas se os possuis, dá graças a Deus se o desprezas. Se, porém, com isso, te inchas de orgulho, não consideres quando serás presa dos homens; já és presa do diabo. Se, porém, não presumires dessas coisas, serás dos membros daquela viúva, a Igreja, da qual foi dito: “Abençoarei largamente a sua viúva”. Serás também o pobre, daqueles mencionados no salmo: “E fartarei de pão os seus pobres”.

26 Às vezes, contudo, o que não devo omitir, encontrarás um pobre soberbo, e um rico humilde; diariamente suportamos tais homens. Ouves um pobre a gemer sob o poder de

um rico, e quando um rico mais poderoso o oprime, então vês que tem uma atitude humilde; às vezes, nem então, mas ainda é soberbo; daí conclues o que seria se tivesse alguma coisa. Por conseguinte, o pobre segundo Deus é pobre pelo espírito, e não conforme a bolsa. Aparece por vezes alguém que tem uma casa completa, terras férteis, muitas propriedades, muito ouro e prata e ele sabe que dessas coisas não há de presumir; humilha-se diante de Deus e faz bem; assim seu coração se ergue para Deus, e sabe que as riquezas não somente em nada lhe são proveitosas, mas ainda impedem seus passos, a não ser que o Senhor domine e ajude. Ele é contado entre os pobres que se saciam de pães. Encontras outro, mendigo orgulhoso, ou antes não inchado de orgulho porque nada tem, entretanto procurando obter o que o fará soberbo. Deus não olha o que tem, mas sua cupidez; e julga-o segundo a ambição que tem de bens temporais, e não segundo as riquezas que ele não consegue obter. Daí exortar o Apóstolo aos ricos: “Aos ricos deste mundo, exorta-os que não sejam orgulhosos, nem ponham sua esperança na instabilidade das riquezas, mas em Deus vivo, que nos provê tudo com abundância, para que nos alegremos”. Que, então, devem fazer de suas riquezas? Continua: “Enriqueçam-se com boas obras, sejam pródigos, capazes de partilhar”. E vê que eles na terra são pobres: “Estão assim acumulando para si mesmos um belo tesouro para o futuro, a fim de obterem a verdadeira vida” (1Tm 6,17-19). Quando obtiverem, então serão ricos. Enquanto, porém, não as possuem, saibam que são pobres. Assim, todos os humildes de coração, estabelecidos na prá-tica da dupla caridade, tenham o que tiverem neste mundo, Deus os enumera entre seus pobres, que se saciam de pães.

27 16.17 “Revestirei de salvação os seus sacerdotes e seus santos exultarão de alegria”. Já estamos no final do salmo. V. Caridade dê-me ainda um pouco de atenção. “Revestirei de salvação os seus sacerdotes e seus santos exultarão de alegria”. Quem é nossa salvação senão Cristo nosso Senhor? Que quer dizer, então? “Revestirei de salvação os seus sacerdotes? Todos vós, que fostes batizados em Cristo vos vestistes de Cristo” (Gl 3,27). “E seus santos exultarão de alegria”. Por que “exultarão de alegria?” Porque revestidos de salvação, mas não por si mesmos. Tornaram-se, de fato, luz, mas no Senhor; pois, antes eram trevas (Ef, 5,8). E por isso acrescenta o salmista: “Aí suscitarei o chifre de Davi”, para que se conte com Cristo. Ele será a exaltação de Davi. Chifre significa exaltação. Qual? Não a carnal. Pois, todos os ossos estão protegidos pela carne. O chifre é uma excrescência na carne. A exaltação espiritual é representada pelo chifre. Qual a elevação espiritual, a não ser contar com Cristo. E não afirmar: Eu faço, eu batizo, e sim: “Ele é que batiza”? (Jo 1,33). Aí está o chifre de Davi. Para saberdes que aí se acha o chifre de Davi, notai como continua o salmo: “Preparei uma lâmpada para meu Cristo”. Que lâmpada? Já conheceis as palavras do Senhor acerca de João: “Ele foi o facho que arde e ilumina” (Jo 5,35). E, ao invés, como se exprime João? “Ele é que batiza”. Assim é que exultarão os santos, assim exultarão os sacerdotes; pois tudo de bom neles, não provém deles mesmos, mas daquele que tem o poder de batizar. Com segurança, portanto, aproxima-se de seu templo todo aquele que recebeu o batismo. Este não deriva de um homem e sim daquele que suscitou o chifre de Davi.

28 18 “Sobre ele, porém, florescerá a minha santificação”. Sobre quem? Sobre meu Cristo. “Meu Cristo” — é a voz do Pai, que diz: “Abençoarei largamente a sua viúva, e fartarei de pão os seus pobres. Revestirei de salvação os seus sacerdotes e os seus santos exultarão de alegria”. É Deus quem fala: “Aí suscitarei o chifre de Davi”. Ele mesmo declara: “Preparei uma lâmpada para meu Cristo”, porque Cristo é nosso e Cristo é do Pai. Cristo é nosso, ao nos salvar e nos governar, assim como é nosso Senhor; mas é Filho do Pai. Enquanto Cristo, é nosso e do Pai. Pois, se Cristo não fosse do Pai, não teria sido declarado mais acima: “Por amor de Davi, teu servo, não apartes a face de teu Cristo. Sobre ele, porém, florescerá a minha santificação”. Florescerá sobre Cristo. Ninguém a assuma para si, porque é ele próprio quem santifica; de outra forma não seria exata a afirmação: “Sobre ele, porém, florescerá a minha santificação”. A glória da santificação florescerá. Por conseguinte, a santificação de Cristo está no próprio Cristo, o poder de santificação de Deus acha-se em Cristo. “Florescerá” refere-se à glória. As árvores são belas quando florescem. A santificação acha-se no batismo; ali floresce e brilha. Por que reconhece o mundo tal beleza? Porque floresce em Cristo. Se a colocas em poder de um homem, como há de florescer, se toda carne é feno, e toda a sua graça como a flor do feno? (Is 40,6).

1 Os Maurinos julgaram tratar-se do bispo Severo de Mileve, cf Com. s/sl 95,1 e 5.

SALMO 132

SERMÃO AO POVO

1 1 O salmo é curto, mas bem conhecido e freqüente-mente mencionado. "Eis como é bom, como é agradável a irmãos unidos viverem em comum". Palavra tão suave que mesmo os que não conhecem o saltério, cantam-na. Suave como a caridade que leva irmãos a conviverem unâni-mes. "Eis como é bom, como é agradável a irmãos unidos viverem em comum". É dispensável, irmãos, qualquer comentário ou explicação. Os versículos seguintes, contudo, apresentam algumas dificuldades, que são solucionadas por quem souber bater à porta. Mas, consideremos repetidas vezes o primeiro versículo a fim de descobrirmos através dele a trama do salmo. Vejamos se a enun-ciação: "Como é bom, como é agradável a irmãos unidos viverem em comum" se refere a todos os cristãos em geral, ou se há alguns mais perfeitos que habitam unidos, não sendo esta bênção, comum a todos, mas reservada a alguns, que a transmitem aos demais.

2 Estas palavras do saltério, som agradável, suave melodia, quer sejam cantadas, quer ouvidas, deram origem aos mosteiros. Tal som despertou irmãos que desejaram viver em comum. Foi toque de trombeta. Ressoou por toda a terra e reuniu os que estavam dispersos. Clamor de Deus, clamor do Espírito Santo, clamor profético! Não foi escutado na Judéia e foi ouvido na terra inteira. Fizeram-se surdos aqueles para os quais o salmo era cantado, mas abriram-se os ouvidos de outros, a quem se referiam as palavras: "Vê-lo-ão aqueles a quem não foi anunciado, e conhecê-lo-ão aqueles que dele não ouviram falar" (Rm 15,21; Is 52,15). Mas se examinarmos cuidadosamente, caríssimos, esta bênção atingiu primeiro a um dos muros, o dos circuncisos. Acaso todos os judeus pereceram? Então de onde saíram os apóstolos, filhos dos profetas, "Filhos dos que foram sacudidos"? (Sl 126,4). É a entendidos que falamos. De onde vieram os quinhentos discípulos que viram o Senhor ressuscitado, conforme relembra o apóstolo Paulo? (cf 1Cor 15,6). De onde os cento e vinte, reunidos no mesmo recinto após a ressurreição e ascensão do Senhor ao céu, e sobre os quais, congregados num só lugar, no dia de Pentecostes, desceu o Espírito Santo, enviado do céu, segundo fora prometido? (cf At 1,15; 2,1ss). Todos eram judeus; foram os primeiros a viverem em comum. Venderam todos os seus bens e depositaram o preço aos pés dos apóstolos, segundo se lê nos Atos dos Apóstolos: "Distribuía-se a cada um segundo a sua necessidade. Ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles". E o que significa: "era comum? A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma em Deus" (cf At 4,32.24.35; 2,45). Foram, portanto, os primeiros que ouviram a palavra: "Eis como é bom, como é agradável a irmãos unidos viverem em comum". Primeiros, mas não os únicos. A caridade e a união fraternas não se limitaram a eles. A alegria da caridade e o voto feito a Deus abrangeram também os pósteros. Prometia-se algo a Deus pois foi dito: "Fazei votos ao Senhor, vosso Deus, e cumpri-os" (Sl 75,12).

É preferível não fazer promessas a fazê-las, mas não cumpri-las (Eclo 5,4). Tenha-se, no entanto, ânimo resoluto para prometer e cumprir. Não aconteça que por medo de ser incapaz de cumprir, se perca a coragem de prometer. Com efeito, jamais cumprirá quem pensar que há de consegui-lo pelas próprias forças.

3 Deriva das palavras deste salmo o nome de monges. Por causa deste nome ninguém ataque os católicos. Quando vós, com razão, começais a criticar os hereges, por causa dos circeliões (circelliones), visando a que envergonhados se salvem, eles vos contra-atacam com o nome de monges. Em primeiro lugar, vede se convém comparar. Se precisardes falar, logo começa o contraste. Basta pedir um pou-co de atenção. Apenas observe, compare. Para que falar? Comparem-se ébrios e sóbrios, impetuosos e moderados, furiosos e simples, vagabundos e os que vivem reunidos. Aliás, eles costumam perguntar: Que quer dizer esta palavra: monges? Com mais razão interrogamos nós: Que quer dizer: circeliões (circelliones)? Mas, replicam, eles não se chamam circelliones. Talvez estejamos lhes dando um nome truncado. Diremos o nome completo? É provável que seja circumcelliones não circelliones. Se é assim, expliquem o que são. Pois, chamam-se circumcelliones porque andam errantes pelas celas. Costumam ir de cá para lá, nunca domiciliados e cometem o mal que sabeis e que eles também não ignoram, quer queiram, quer não.

4 Entretanto, existem, caríssimos, falsos monges. Também nós os conhecemos. Não se arruína, porém, a pia fraternidade, devido aos que professam ser o que não são. Tanto existem falsos monges quanto falsos clérigos e falsos fiéis. As três espécies de monges, meus irmãos, que mencionamos em outra ocasião (e creio que não foi uma vez só) têm em seu seio bons e maus.[1] Destas três espé-cies foi dito: “Estarão dois no campo, um será tomado e o outro deixado” (Mt 24,40.41); “dois estarão no leito, um se-rá tomado e outro deixado; duas mulheres estarão moendo juntas, uma será tomada e a outra deixada” (Lc 17,34.35). Estão no campo os que governam a Igreja. Daí declarar o Apóstolo — Vede se não estavam no campo —: “Eu plantei; Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer (1Cor 3,6). Os que estavam no leito representam os que apreciam o repouso, pois o leito simboliza o descanso. Eles não se perdem no meio das multidões, nem dos tumultos do gênero humano; servem a Deus com tranqüilidade. Todavia, daí também um será tomado e o outro deixado. Entre eles há varões probos e homens réprobos. Não vos espanteis de encontrarem ali réprobos, pois alguns ocultam o que são e só no fim se manifestarão. As duas (do gênero feminino) no moinho representam a plebe. Por que no moinho? Porque estão no mundo, figurado pelo moinho. O mundo se movimenta à semelhança da mó. Ai daqueles que a mó tritura. De tal modo aqui vivem os fiéis bons, que uma é deixada e a outra é tomada. Praticam ações peculiares ao mundo os mundanos, os fraudulentos e fingidos. Outros, contudo, acham-se no mundo conforme a palavra do Apóstolo: “Usam deste mundo como se não usassem plenamente, porque passa a figura deste mundo. Eu quisera que estivésseis isentos de preocupações” (1Cor 7,31.32). Escutas quais são as mulheres tomadas do moinho? Certamente muitos pecados parecem peculiares aos ricos. Como seu âmbito de ação e administração é mais

amplo e dependem deles bens familiares mais vultosos, torna-se-lhes difícil não contraírem pecados em maior número. Deles foi dito: "É mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus". E como os discípulos ficassem contristados por isso, considerando-os em estado desesperador, o Senhor os consolou nesses termos: "Ao homem isso é impossível, mas a Deus tudo é possível" (Mt 19,24-26). De que maneira Deus facilmente o faz? Ouve o que o Apóstolo ordena, se não negligencias as suas ordens: "Aos ricos deste mundo exorta que não sejam orgulhosos" (1Tm 6,17). Descobrirás pobres soberbos e ricos humildes. Um cristão, por exemplo, que julgue acertadamente tudo passageiro e perecível e que ele nada trouxe para este mundo, nada há de levar; lembra-se do rico a arder nas chamas do inferno e a ansiar por um pingo d'água que gotejasse do dedo do mendigo que desejara comer das migalhas de sua mesa (cf Lc 16,19-24). Assim meditando, segue a recomendação do Apóstolo: "Nem ponham sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus vivo, que nos provê tudo com abundância para que nos alegremos. Que se enriqueçam com boas obras, sejam pródigos, capazes de partilhar. Estarão assim acumulando…" E qual o lucro que daí retiram? "Estarão assim acumulando um belo tesouro para o futuro, a fim de obterem a verdadeira vida" (1Tm 6,17-19). Esta a mulher tomada do moinho. Era, contudo, deixada a que se assemelhava àquele rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte e desprezava o mendigo, deitado à sua porta (Lc 16,19-24). Porque do moinho uma é tomada e outra é deixada.

5 Cita igualmente Ezequiel três varões, nos quais não é absurdo ver figuradas estas três espécies de homens. "Se o Senhor trouxer a espada contra um país, ainda que estejam ali estes três, a saber, Noé, Daniel e Jó eles não conseguiriam salvar os seus filhos e as suas filhas. Antes, só eles seriam salvos" (Ez 14,14-18). Eles já haviam sido salvos outrora, mas os três nomes figuravam três espécies de homens. Noé representa os que governam a Igreja, porque no dilúvio governou a arca (Gn 7). Daniel escolheu uma vida tranqüila, servindo a Deus no celibato, isto é, sem esposa. Era um varão santo e levava uma vida de desejos celestes. Foi provado muitas vezes e demonstrou ser ouro puro. Como era tranqüilo quem se sentia seguro até no meio de leões (Dn 6,22.14,28-39). Conseqüentemente, sob o nome de Daniel, também denominado "homem de desejos" (Dn 10,11), são simbolizados os servos de Deus castos e santos, dos quais se diz: "Eis como é bom, como é agradável a irmãos unidos viverem em comum". Pelo nome de Jó se representa a mulher que é to-mada no moinho. Ele possuía mulher, filhos, muitas rique-zas e tão copiosas neste mundo que o diabo objetara contra ele que se adorava a Deus não era gratuitamente e sim em vista do que recebera. Esta a objeção do adversário contra o santo varão. As tentações demonstraram, ao invés, quão gratuita era sua adoração a Deus; não era oca-sionada pelos dons recebidos e sim por quem os concedera. Então, perdidos todos os bens através de repentina afli-ção e provação, perdida a herança, perdidos os herdeiros e restando apenas a mulher, não para consolá-lo, mas para tentá-lo, proferiu a palavra que conheceis: "O Senhor deu, o Senhor o tirou. Como foi do agrado do Senhor, assim acon-teceu. Bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1,21). Isto se realiza também nas palavras que cantamos diariamente, se nossos

costumes estão em uníssono com elas: “bendirei o Senhor em todo o tempo; seu louvor estará sempre em minha boca” (Sl 33,2). As três espécies de homens estão, portanto, representadas nestes três nomes e igualmente nos três casos que mencionei do evangelho.

6 Ora, que nos replicam os que se riem de nós por causa do nome de monges? Talvez dirão: Os nossos não se chamam circumcelliones; vós é que lhes dais esse nome injurioso. Não é assim que os nomeamos. Digam como os denominam, para ouvirdes. Chamam-nos de “agonistas”, isto é, lutadores. Aceitamos este nome honesto, se de fato lhes convém. Por enquanto, veja V. Caridade. Se eles nos interpelam: Mostrai-nos onde está escrito o nome de monges, mostrem eles onde se acha escrito o nome de “agonistas”. Retrucam: O nome que lhes damos deriva de combate, porque eles lutam, conforme declarou o Apóstolo: “Combati o bom combate” (2Tm 4,7). Estes soldados de Cristo têm o nome de “agonistas” porque lutam com o diabo e o vencem. Oxalá fossem mesmo soldados de Cristo e não do diabo, aos quais o louvor de Deus (Deo laudes)2 incute medo maior do que o provocado pelo rugido do leão. Ousam injuriar-nos, porque os irmãos, ao encontrarem alguém, dizem: Graças a Deus (Deo gratias)3. Respondem: Que significa Graças a Deus? És surdo? Não sabes o que quer dizer: Graças a Deus? Quem diz: Graças a Deus, agradece a Deus. Nota se não deve um irmão dar graças, ao ver outro irmão. Não é motivo de dar graças o encontro entre os que vivem com Cristo? Apesar disso, rides de nossas ações de graças: Graças a Deus. De vossos: louvor a Deus, choram os homens. Mas certamente, apresentastes as razões de vos denominardes “agonistas”. Assim seja. Estamos perfeitamente de acordo. Conceda-lhes o Senhor a graça de combaterem o diabo e não a Cristo, cuja Igreja perseguem. Todavia, denominai-os “agonistas”, e descobristes que o nome provém da palavra do Apóstolo: “Combati o bom combate”. Então, por que motivo não podemos também nós denominar-nos monges, se o salmo declara: “Eis como é bom, como é agradável a irmãos unidos viverem em comum?” Efetivamente, monos quer dizer: um, sozinho. Um, não de qualquer modo. Uma turba é um aglomerado. Mas, a multidão formada de muitos pode ser deno-minada um conjunto, mas não monos, isto é, um sozinho, porque monos significa: um só. Aqueles, portanto, que vivem unidos de tal sorte que formam um só homem, sendo exato a respeito deles o que foi escrito: “são uma só alma e um só coração” (At 4,32), são muitos corpos, mas não muitas almas, muitos corpos mas não muitos corações; com razão, chama-se monos, isto é, um só. Daí também vemos que só um doente foi curado na piscina. Respondam-nos, expliquem-nos os que zombam do nome de monges, porque o homem doente durante trinta e oito anos respondeu ao Senhor: “Não tenho quem me jogue na piscina, a água é agitada, ao chegar, outro já desceu antes de mim” (Jo 5,7). Um descera, outro já não descia. Um só era curado; ele figurava a unidade da Igreja. Com razão atacam a unidade os que da unidade se separaram. Têm motivo de lhes desagradar o nome de monges, porque não querem viver unidos aos irmãos, mas seguem a Donato e abandonaram a Cristo. Ouviu V. Caridade as explicações acerca de: um, sozinho. Agora, alegremo-nos com o salmo e vejamos como prossegue. É breve. Podemos percorrê-lo ligeiramente, explanando quanto o Senhor nos

sugerir. Penso que as palavras acima esclarecem as seguintes, embora aparentemente sejam obscuras.

7 2 “Eis como é bom, como é agradável a irmãos unidos viverem em comum”. Dizia: “Eis”; estava mostrando. Também nós, irmãos, vemos e bendizemos a Deus; suplicamos que possamos também nós dizer: “Eis”. Declare o salmo a que se assemelham eles: “É qual óleo puríssimo derramado sobre a fronte, que desce pela barba, a barba de Aarão, para espalhar-se até a orla de sua veste”. O que era Aarão? Era sacerdote. Quem é sacerdote senão o único sacerdote, que penetrou no santo dos santos? Quem é este sacerdote, a não ser aquele que simultaneamente foi vítima e sacerdote? Senão aquele que, nada encontrando no mundo de puro para oferecer, ofereceu-se a si mesmo? O ungüento foi derramado na cabeça, porque o Cristo total inclui a Igreja; mas da Cabeça é que corre o ungüento. Nossa Cabeça é Cristo; crucificado, sepultado, ressuscitado, subiu ao céu. A Cabeça enviou o Espírito Santo. Até onde? Até a barba. A barba significa os fortes; a barba representa os jovens, os corajosos, os infatigáveis, os ágeis. Por isso, se queremos designá-los, dizemos: É um homem barbado. Assim, aquele primeiro ungüento desceu sobre os apóstolos, desceu sobre os que suportaram em primeiro lugar o ataque do mundo; pois desceu sobre eles o Espírito Santo. Foram igualmente os primeiros a viverem em comum. Sofreram perseguição. Uma vez que o ungüento espalhara-se até a barba sofreram, mas não foram vencidos. Efetivamente, a Cabeça os precedera nos sofrimentos, e dela desceu o ungüento. Com tal precedente, quem venceria a barba?

8 Daquela barba procedera santo Estevão. Vencer é não deixar a caridade ser superada pelos inimigos. Os perseguidores dos santos pensaram que tinham vencido. Uns feriam, outros eram vulnerados; uns matavam, outros eram mortos. Quem não pensaria que os primeiros subjugavam e os outros eram vencidos? Como, porém, a caridade não foi superada, o ungüento desceu à barba. Considera Estêvão. Inflamava-se a caridade e ele atacava enquanto era ouvido, mas rezava por eles quando apedrejado. O que falou aos judeus, enquanto o ouviam? “Homens de dura cerviz, incircuncisos de ouvido e coração, vós sempre resistis ao Espírito Santo” (At 7,51). Eis a barba. Acaso adulou? Ou se atemorizou? Eles escutavam as palavras de Estêvão, que parecia encolerizado; enfurecia-se de boca, amava com o coração. E a caridade nele não foi vencida. Os adversários, trevas afugentadas pela luz, aborreceram as palavras e começaram a apanhar pedras para apedrejar Estêvão. Antes eram as palavras de Estêvão que os apedrejavam, depois as pedras lançadas por eles lapidavam Estêvão. Quando devia este estar mais irado? Ao ser apedrejado ou ao ser ouvido? Manso ao ser apedrejado, irado ao ser ouvido. Por que se enfurecia ao ser ouvido? Porque desejava transformar aqueles que o ouviam. Quando as pedras o atingiam, a caridade não foi vencida, porque o ungüento descera da cabeça à barba e ele ouvira da própria Cabeça: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5,44). Ele ouvira da própria Cabeça, pendente da cruz: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Assim, portanto, o ungüento descera da Cabeça à barba; também ele, ao ser apedrejado, dobrando os joelhos, disse: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7,51,59).

9 A barba, por conseguinte, eram eles. Muitos eram fortes e sofreram muitas perseguições. Mas, se o ungüento não tivesse descido da barba, não teríamos agora os mosteiros. Desceu, contudo, até a orla da veste. “Para espalhar-se até a orla de sua veste”. Veio em seguida a Igreja, e ela da veste do Senhor produziu os mosteiros. Pois, a veste sacerdotal significa a Igreja. Desta veste diz o Apóstolo: “Para apresentar a si mesmo a Igreja gloriosa, sem mancha nem ruga” (Ef 5,27). É lavada para tirar as manchas, estendida para não ficar amassada. Onde o pisoeiro a estende? Não é sobre uma tábua? Vemos todos os dias os pisoeiros de certa maneira crucificando as roupas. São cravadas no madeiro para alisarem. Que sentido tem a orla da veste. Como interpretaremos, irmãos, esta orla da veste? A orla é a extremidade. E o que quer dizer a beira da veste? Será porque no fim dos tempos a Igreja teria irmãos unidos a viverem em comum? Orla figuraria a perfeição, porque é o acabamento da veste? E são perfeitos os que vivem unidos? São perfeitos os que cumprem a lei. Como, porém, cumprem a lei de Cristo os irmãos unidos que vivem em comum? Escuta o Apóstolo: “Carregai o peso um dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2). Esta é a orla da veste. Qual, irmãos, a orla aqui referida, e pela qual escorreu o ungüento? Não penso que seria a orla lateral do manto. Pois, existem orlas laterais. Mas, o ungüento pôde descer da barba para a orla perto da cabeça, a gola. Tais são os que habitam em comum. Como através da gola passa a cabeça do homem ao se vestir, assim por meio da concórdia fraterna entra Cristo, nossa Cabeça, para se vestir, de tal sorte que a Igreja fique aderente.

10 3 Que acrescenta ainda o salmo? “Qual o orvalho do Hermon que desce pela colina de Sião”. Estas palavras dão a entender, meus irmãos, ser graça de Deus os irmãos unidos viverem em comum. Não deriva das próprias forças, nem de seus méritos; é dom de Deus, é graça, qual orvalho que cai do céu. A terra não produz a chuva por si mesma; seca o que brota se do alto não descer a chuva. Encontra-se em outra passagem de um salmo: “Chuva benfazeja, voluntária, reservarás, ó Deus, para tua herança” (Sl 67,10). Por que a denominou “voluntária?” Porque não provém de nossos méritos, mas da vontade de Deus. Que bem merecemos nós, pecadores? Que bem merecemos nós, iníquos? Adão se origina de Adão, e de Adão nascem muitos pecados. A criança nasce como filho de Adão, condenado filho de um condenado, e por uma vida má acrescenta pecados ao pecado de Adão. Que bem mereceu Adão? Todavia, o Senhor misericordioso amou, o esposo amou, para torná-la formosa, uma esposa que não era bela. A graça de Deus, portanto, é que o salmista chama de orvalho do Hermon.

11 Mas deveis saber o que significa Hermon. É um monte, longe de Jerusalém, isto é, de Sião. Em conseqüência disso, é estranho afirmar: “Qual o orvalho do Hermon, que desce pela colina de Sião”, estando o monte Hermon situado distante de Jerusalém; diz-se que se situa além do Jordão. Por isso, procuraremos uma interpretação da palavra Hermon. É palavra hebraica, e temos a tradução de conhecedores da língua. A tradução de Hermon seria: luz exaltada. De Cristo vem o orvalho. Ora, não há luz exaltada a não ser o Cristo. Como foi exaltado? Primeiro na cruz, em seguida no céu. Exaltado na cruz, humilhado, mas essa humilhação não podia deixar de ser elevação. A economia humana, figurada em

João Batista, diminuía cada vez mais; a economia divina crescia em nosso Senhor Jesus Cristo. Demonstraram-no os dias do nascimento dos dois. João Batista, conforme a tradição da Igreja, nasceu a 24 de junho, quando os dias começam a diminuir. O Senhor, porém, nasceu a 25 de dezembro, quando os dias começam a crescer. Escuta a declaração do próprio João: "É necessário que ele cresça e eu diminua" (Jo 3,30). A paixão de cada um deles também o indica. O Senhor foi exaltado na cruz; João, decapitado, diminuiu. Cristo, pois, é a luz exaltada. Dele provém o orvalho do Hermon. Se quiserdes viver em comum, desejai o orvalho, a chuva de lá. De outra forma, não podereis manter o que professais, nem mesmo ousaríeis prometer, a não ser que ele faça ouvir o seu trovão. Nem podereis permanecer, se faltar o subsídio, subsídio que desce sobre os montes de Sião.

12 "Montes de Sião", os grandes de Sião. O que é Sião? A Igreja. E nela, quais os montes? Os grandes. Montes têm significado idêntico ao da barba, da orla da veste. Barba só se aplica aos perfeitos. Não habitam em comum senão aqueles nos quais é perfeita a caridade de Cristo. Se viverem em comum os que não têm a caridade perfeita de Cristo odeiam-se, molestam-se, são turbulentos, perturbam os outros com seu desassossego e procura saber o que deles se diz. O jumento inquieto em parelha não apenas não puxa, mas escoiceia o seu par. Se, porém, recebe o orvalho do Hermon, "que desce sobre os montes de Sião", é quieto, plácido, tolerante e reza em vez de murmurar. Certa passagem da Escritura descreve magnificamente os murmuradores: "Os sentimentos do estulto são como uma roda de carro" (Eclo 33,5). Que sentido tem a frase: "Os sentimentos do estulto são como uma roda de carro?" Carrega feno e murmura. As rodas de um carro não podem deixar de murmurar. Assim também são muitos irmãos. Vivem em comum só corporalmente. Quais seriam os que vivem unidos em comum? Aqueles dos quais foi dito: "A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma em Deus. "Ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles" (At 4,32). Foram designados, foram descritos os que constituem a barba, os pertencentes à orla da veste, os enumerados entre os montes de Sião. E se ali existem murmu-radores, lembrem-se da palavra do Senhor: "Um é tomado e outro deixado" (Mt 24,40).

13 "Ali derramou o Senhor a sua bênção". Onde? Sobre irmãos unidos que vivem em comum. Ali derramou a bênção, ali bendizem o Senhor os que vivem em concórdia. Pois, a discórdia não bendiz o Senhor. Em vão tua língua canta o louvor do Senhor, se de coração não o proferes. Bendizes com a boca, maldizes no coração. "Bendiziam-me com a boca, e amaldiçoavam-me no coração" (Sl 61,5). São palavras nossas? Aplicam-se a alguns. Bendizes o Senhor ao rezar, mas prossegues a prece, maldizendo teu inimigo. Não ouvistes do próprio Senhor a ordem: "Amai os vossos inimigos"? (Mt 5,44). Se o fizeres, se amares teu inimigo, rezares por ele, "o Senhor derrama a sua bênção, e terás a vida para todo o sempre", isto é, eternamente. Muitos, amando esta vida, maldizem seu inimigo. Por que motivo, senão por causa desta vida, dos bens deste mundo? Como te oprimiu o inimigo, impelindo-te a maldizer? Estás angustiado na terra? Emigra, mora no

céu. Como, dirás, habitarei no céu, ainda revestido da carne, sujeito à carne? Precede com o coração; para lá seguirás com o corpo. Não te faças de surdo, ao ouvires: Corações ao alto! Mantém ao alto o coração e ninguém te afligirá no céu. Continuação bem adequada constitui o salmo seguinte.

1 Cf Com. s/salmo XIX, 13.

2 Saudação dos circunceliões.

3 Saudação dos monges.

SALMO 134

SERMÃO AO POVO

1 O convite deste salmo deve ser-nos muito agradável e alegrar-nos por sua suavidade. Assim se expressa: “Louvai o nome do Senhor”. O motivo por que é justo que louvemos ao nome do Senhor, vem logo em seguida: “Louvai, servos, ao Senhor”. Que pode haver de mais justo? De mais digno? De mais grato? Com efeito, se os servos do Senhor não o louvarem serão soberbos, ingratos, irreligiosos. E que lhes acontece se não o louvam, senão que encontrem um Senhor severo? Pois se o servo é ingrato, se não quiser louvar ao Senhor, nem por isso deixa de ser servo. Quer louves, quer não louves, és servo. Se louvares, o Senhor te será propício; se não louvares, tu o ofenderás. Esta exortação é boa, portanto, e útil. Daí vem que mais devemos nos esforçar por saber como louvar a Deus do que duvidar de que deva ser louvado. Por conseguinte, “louvai o nome do Senhor”. Exorta-nos o salmo, exorta-nos o profeta, exorta-nos o Espírito de Deus, exorta-nos por fim o próprio Senhor a que louvemos o Senhor. Ele não cresce com nossos louvores; nós é que crescemos. Deus não se torna melhor se o louvares, nem pior se o injuriares. Tu é que te tornarás melhor, louvando-o, e pior, se o injuriares. Ele permanecerá bom, como é. Pois, se ele ensina a seus servos que têm o mérito de suas boas obras, aos pregadores de sua palavra, aos pastores de sua Igreja, aos adoradores de seu nome, obedientes a seus mandamentos, a que conservem na consciência a suavidade de uma vida bem vivida e a que não se deixem corromper por louvores dos homens, nem se abatam por suas críticas, quanto mais ele próprio que é imutavelmente acima de tudo e que dá este ensinamento, não será engrandecido se o louvares, nem diminuído se o injuriares. Mas como nos é proveitoso louvá-lo, em sua misericórdia ordena-nos que o louvemos; não é por arrogância. Ouçamos, portanto, o que diz o salmo: “Louvai o nome do Senhor, louvai, servos, o Senhor”. Pois, servos, ao louvardes o Senhor, não fazeis algo de inconveniente. Mesmo se devêsseis continuar como servos apenas para sempre, deveríeis louvar ao Senhor; quanto mais deveis louvá-lo enquanto servos, a fim de merecerdes tornar-vos filhos?

2 2 Mas conforme escrito em outro salmo: “Aos retos convém louvá-lo” (Sl 32,1); e ainda em outra passagem: “O louvor não é belo na boca do pecador” (Eclo 15,9); e igualmente em outro lugar: “O sacrifício de louvor me glorificará e ali está o caminho em que lhe mostrarei a salvação de Deus”, e de forma consentânea: “Ao pecador, porém, Deus diz: Por que enumeras as minhas justiças e tens na boca a minha aliança? Pois, tu detestas a disciplina e atiraste para trás as minhas palavras” (Sl 49, 23.16.7), para evitar que alguém, tendo em vista a palavra: “Louvai, servos, o Senhor”, apesar de ser nesta grande casa um mau servo, pense que o louvor do Senhor lhe é proveitoso, logo acrescenta e ensina quais devem ser os que louvam o Senhor: “Que estais na casa do Senhor, nos átrios da casa do nosso Deus. Que estais” de pé, e não que caís. Diz-se que

estão de pé, os que perseveram no cumprimento de seus mandamentos, que servem a Deus com uma fé não fingida, com esperança firme e caridade sincera, honram sua Igreja, e não causam escândalo por uma vida má àqueles que desejam se aproximar, mas encontram no caminho pedras de escândalo. Portanto, "vós que estais na casa do Senhor, louvai o nome do Senhor". Sede agradecidos. Estáveis fora, e agora estais dentro. Uma vez que estais de pé, será pouca coisa para vós, achar-vos onde louvar aquele que vos ergueu quando jazíeis prostrados, e vos fez estar em sua casa, conhecê-lo e louvá-lo? Será benefício insignificante estarmos na casa do Senhor? Visto que estamos aqui nesse ínterim, nessa peregrinação, nessa casa (que durante a peregrinação se chama também tenda) visto que aqui estamos, podemos ser gratos em pequeno grau? Não havemos de pensar que estamos aqui? Pensar o que nos tornamos? Pensar onde jazíamos, e de onde fomos recolhidos? Pensar que os ímpios não buscavam o Senhor, e este procurou os que não o buscavam, despertou os que encontrou, chamou os despertos, introduziu os chamados, e fez com que estivessem em sua casa? Quem refletir assim e não for ingrato, desprezará inteiramente a si mesmo por amor de seu Senhor, que lhe concedeu benefícios tão grandes. E como não tem com que retribuir a tão grandes benefícios de Deus, que lhe resta senão dar graças, uma vez que não os pode restituir? À ação de graças pertence tomar o cálice do Senhor e invocar seu nome. Pois, o que pode re-tribuir ao Senhor por tudo que lhe deu? (cf Sl 115,12.13). Portanto, "vós que estais na casa do Senhor, nos átrios da casa de nosso Deus, louvai o Senhor".

3 3 Que motivo vos apresentarei para louvardes? "Porque o Senhor é bom". Brevemente, com uma só palavra foi explicado o motivo de louvor ao Senhor nosso Deus: "O Senhor é bom". É bom, mas não apenas como são boas as coisas que ele fez. Pois Deus fez todas as coisas muito boas. Não somente boas, mas muito boas (cf Gn 1,31). O céu, a terra e todas as coisas que eles contêm, Deus as fez boas, muito boas. Se ele fez todas as coisas muito boas, como não será quem as fez? Contudo, apesar de ter feito boas todas as coisas, e o Criador seja muito melhor que todas elas, não se descobre nada de melhor a dizer sobre ele, senão "o Senhor é bom", para quem entende como é propriamente bom aquele que fez boas todas as coisas. Pois, todas as coisas boas foi ele quem as fez, mas a ele próprio, que é bom, ninguém o fez. Ele é o bem por si mesmo, e não por participação em qualquer outro bem. É bom por si mesmo e não por aderir a outro bem. Para mim a felicidade é aproximar-me de Deus (cf Sl 72,28), porque ele de ninguém precisou para se tornar bom, mas os demais seres dele precisaram para se fazerem bons. Queres ouvir de que maneira singular ele é bom? O Senhor, uma vez foi interrogado e respondeu: "Ninguém é bom senão só Deus" (Mt 19,17). Não quero passar rapidamente sobre esta sua bondade singular, mas não sou capaz de recomendá-la convenientemente. Receio que se tratar rapidamente dela me mostre ingrato; de outro lado temo que empreendendo explicá-la, fique exausto sob o peso de tamanho louvor ao Senhor. Assim, irmãos, acolhei-me com o desejo de louvar apesar de minha incapacidade, a fim de que mesmo que não me desempenhe bem da explicação sobre o louvor, seja bem recebida a dedicação em exaltá-lo. Aprovai minha boa vontade, perdoai se não puder cumprir o meu anelo.

4 Sinto inefável suavidade quando escuto a palavra: “O Senhor é bom”. Depois que considero todas as coisas e corro os olhos por tudo que vejo exteriormente, porque dele tudo provém, mesmo quando tudo isso me apraz, volto àquele que as criou, a fim de entender que “o Senhor é bom”. Além disso, ao me aproximar dele quanto posso, percebo que ele ainda é mais íntimo e mais alto. Deus é bom de tal modo que não precisa de tudo isso para ser bom. Finalmente, não louvo as criaturas isoladas dele; descubro, porém que ele, sem elas, é perfeito, sem necessidades, imutável; não necessita de bem alheio para crescer, não receia mal algum que o diminua. E que direi ainda? Encontro na criação um sol bom, um céu bom, uma lua boa, estrelas boas; uma terra boa, vegetais que brotam da terra e nela lançam raízes e que são bons; animais que andam e se movem e que são bons; aves que voam nos ares, peixes que nadam nas águas e que são bons. Afirmo também que o homem é bom: “O homem bom, do seu bom tesouro” (do coração) “tira o bem” (Mt 12,35). Digo que também é bom o anjo, não o que caiu por soberba e se tornou diabo, e sim o que obedecendo, aderiu àquele que o fez. Digo que todas essas coisas são boas, mas ligada a palavra: bom, a seus nomes: céu bom, anjo bom, homem bom. Quando me refiro, contudo, a Deus, penso que nada de melhor posso dizer senão que é bom. Na verdade o próprio Senhor Jesus Cristo disse: “O homem bom”; e foi ele também que disse: “Ninguém é bom senão só Deus” (Mc 10,18). Acaso não quis estimular-nos a investigar e distinguir o que é ser bom por participação em outro bem, e bom por si mesmo? Quão grande bem aquele que torna boas todas as coisas! Não podes absolutamente encontrar algum bem que não derive do seu. Assim como é propriedade sua fazer os outros seres bons, também é propriedade sua ser o bem. Nem por isso as coisas que fez deixam de ser; é injúria a ele dizer que não existem os seres que ele fez. Pois, por que teria feito, se não existe o que ele fez? Ou o que fez, se não existe sua criatura? Sendo, portanto, as coisas que ele fez, passamos a uma comparação; e como se ele fosse o único a existir, disse: “Eu sou aquele que é”; e: “Assim dirás aos filhos de Israel: Eu sou me enviou até vós” (Ex 3,14). Ele não disse: O Senhor Deus, o onipotente, o misericordioso, o justo. Se o dissesse, diria a verdade. Deus, omitindo todos os nomes com os quais poderia ser chamado e dito, respondeu que se denominava o próprio ser. E à guisa de nome próprio, declarou: “Assim dirás: Eu sou me enviou até vós”. Ele, porém, é de tal modo que comparado a ele tudo o que ele fez não é. Sem esta comparação, as criaturas são, porque provêm dele; mas comparadas a ele, não são, porque o verdadeiro e imutável ser é somente ele. Ele é, e como o bem de todos os bens, é o bem. Ponderai e verificai que as demais coisas que louvardes, vós as louvais porque são boas. É um louco quem elogia o que não é bom. Se elogias um iníquo pelo fato mesmo de ser iníquo, não serás tu também iníquo? Se exaltas um ladrão pelo fato de ser ladrão, não participarás de suas faltas? Se louvas um justo por ser justo, não tens uma parte em sua justiça com este louvor? Pois, não o louvarias se não o amasses; não amarias, se em nada partilhasses da justiça. Se, portanto, seja o que for que louvamos, nós o fazemos porque é bom, nenhum motivo encontrarás maior, melhor, mais firme de louvar a Deus, a não ser porque ele é bom. Por isso, “louvai o Senhor porque o Senhor é bom”.

5 Por quanto tempo falaremos de sua bondade? Quem pode conceber ou abranger pelo coração o quanto o Senhor é bom? Mas voltemos a considerar-nos e em nós o reconheçamos, louvando nas obras o seu Criador; porque não somos capazes de comtemplá-lo. E se alguma vez formos capazes de contemplá-lo, quando nosso coração for purificado pela fé, para que por fim se alegre com a realidade plena, agora, visto que não podemos contemplá-lo, consideremos suas obras para não ficarmos sem louvar. Por isso, diz o salmo: "Louvai o Senhor porque é bom; salmodiai ao seu nome, porque é suave". Talvez fosse bom, mas não suave, se não o pudesses prelibar. Ele de tal forma se apresentou aos homens que enviou até o pão do céu (cf Jo 6,32.51). Mandou seu Filho, igual a si, que é tudo o que ele é, para se fazer homem e morrer por eles. Assim por aquilo que és, experimentes o que não és. Já era demais para ti experimentares a suavidade de Deus; esta era muito remota, altíssima, e tu excessivamente abjeto, prostrado nas profundezas. Apesar desta enorme separação foi enviado o Mediador. Tu, homem, não podias atingir a Deus; Deus se fez homem; sendo possível a um homem aproximar-se de outro, e não de Deus, por meio de um homem alcançarias a Deus. E fez-se um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus (cf 1Tm 2,5). Mas se ele fosse apenas homem, ao seguires alguém igual a ti, jamais chegarias a Deus; se fosse somente Deus, não compreenderias o que não és, e jamais chegarias. Deus se fez homem, a fim de que seguindo um homem, o que te é possível, alcances a Deus, o que era impossível. Ele é o mediador, e assim se tornou suave. Que de mais suave do que o pão dos anjos? Como não seria suave o Senhor, se o homem comeu o pão dos anjos? (cf Sl 77,25). O homem não subsiste por alimento diferente daquele pelo qual vive o anjo. Ele é a verdade, a sabedoria, o poder de Deus; mas não podes fruir de tudo isso da mesma maneira que os anjos. Como é que eles gozam? Conforme ele é: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Tudo foi feito por meio dele". E tu, como o atinges? Assim: "O Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (Jo 1,1.3.14).

6 Ouvi agora quais as suas obras. Tendíeis, talvez, a ver o bem de todos os bens, o bem donde se origina a bondade de todos os seres, o bem sem o qual nada é bom, e bem que é bom sem precisar de algum outro bem. Tendíeis a ver, e talvez nesse esforço de expandir a parte mais elevada de vossa mente, desfalecíeis. Suponho-o baseado em mim mesmo; sofro disso. Mas se há alguém, conforme é possível e muito possível, de engenho maior do que o meu, e que fixa o olhar de seu coração longamente naquele que é, louve quanto puder, louve como não podemos fazer. Somos agradecidos, contudo, ao salmista que neste salmo moderou seu louvor, para servir aos firmes e aos fracos. Pois, na missão que Deus deu a seu servo Moisés, dizendo-lhe: "Eu sou aquele que é"; e: "Assim dirás aos filhos de Israel: Eu sou me enviou até vós", sendo difícil à mente humana captar propriamente o ser, e como era um simples homem que era enviado aos homens, embora não da parte de outro homem, Deus logo moderou seu louvor e falou a respeito de si mesmo o que seria possível apreender suavemente; não quis permanecer louvor inatingível para os que o louvassem. "Assim dirás aos filhos de Israel: O Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó me enviou até vós. Este é o meu nome para

sempre” (Ex 3,14.15.6). Certamente, Senhor, tens um nome, pois disseste: “Eu sou; Eu sou me enviou até vós”; então, agora mudaste de nome, dizendo: “O Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?” Não te parece que responde, dando o motivo, nesses termos: Disse: “Eu sou aquele que é” e é verdade, mas tu não captas; enquanto, o que disse: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”, é verdade, e tu não o entendes? Quanto a afirmar: “Eu sou aquele que é, toca-me a mim; o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”, refere-se a ti. Se falhas no conhecimento daquilo que sou para mim mesmo, capta o que sou para ti. No intuito de evitar que alguém pensasse ser apenas seu nome para sempre o que declarara: “Eu sou aquele que é. Eu sou me enviou até vós” e ser temporária esta designação: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”, Deus ao afirmar: “Eu sou aquele que é”, e: “Eu sou me enviou até vós”, não teve o cuidado de acrescentar ser este o seu nome para sempre, porque mesmo sem o dizer, seria subentendido. Pois, ele é, e é verdadeiramente, e pelo fato de ser verdadeiramente, é sem início e sem termo. Relativamente ao que é por causa do homem: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”, para não suscitar no homem uma preocupação, de que esta designação será temporária, não eterna, tranquilizou-nos, porque ele nos conduz dos acontecimentos temporais à vida eterna. Disse: “Este é o meu nome para sempre”, não que Abraão seja eterno, eterno Isaac e eterno Jacó, mas porque Deus os fez eternos depois, sem fim: de fato, tiveram começo, mas não terão fim.

7 Considerai em Abraão, Isaac e Jacó a Igreja inteira, pensai em toda a descendência de Israel; toda a descendência de Israel, não apenas segundo a carne, mas também a que se origina da fé. Era aos gentios que se dirigia o Apóstolo, ao dizer: “E se vós sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa” (Gl 3,29). Por isso, somos abençoados todos no Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Segundo o Apóstolo, certa árvore foi bendita, uma oliveira, os próprios santos patriarcas, de onde floresceu o povo de Deus. Mas esta oliveira foi podada, não cortada; foram tirados os ramos soberbos, o blasfemo e ímpio povo judaico. Subsistiram, porém, os ramos bons e úteis, dentre os quais os apóstolos. E tendo restado nela os ramos úteis, pela misericórdia de Deus foi enxertada também a oliveira silvestre dos gentios, aos quais exorta o Apóstolo: “E tu, oliveira silvestre, foste enxertada entre eles, para te beneficiares da seiva da oliveira. Não te vanglories contra os ramos; e se te vanglorias, saibas que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz sustenta a ti” (Rm 11,17.18). É uma árvore só, pertencente a Abraão, Isaac e Jacó; além disso, a oliveira silvestre enxertada pertence mais a Abraão, Isaac e Jacó do que os ramos quebrados. Estes, arrancados, já não estão na oliveira, enquanto a oliveira silvestre não estava nela e agora está. Os primeiros pelo orgulho mereceram ser tirados, estes pela humildade mereceram ser enxertados. Os outros perderam a raiz, estes a ela se prenderam. Ao ouvirdes falar de Israel de Deus, Israel pertencente a Deus, não vos considereis alheios. Efetivamente, éreis oliveira silvestre, mas agora sois da oliveira, participantes da seiva da oliveira. Quereis saber como foi enxertada a oliveira silvestre na descendência de Abraão, de Isaac e de Jacó? Não julgueis que não pertenceis a esta árvore, porque não sois carnalmente da descendência

de Abraão. Quando o Senhor admirou a fé daquele centurião que não pertencia ao povo de Israel, mas era gentio, disse: "Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente"; eis a oliveira silvestre sob a mão do que faz a incisão: "Virão muitos do oriente e do ocidente". Vemos o que traz para enxertar; vejamos onde vai enxertá-los: "E se assentarão à mesa no reino dos céus com Abraão, Isaac e Jacó". Vimos o que enxertou e onde enxertou. Que diz o evangelho dos ramos soberbos naturais? "Os filhos do reino serão postos para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes" (Mt 8,11.12). Evento anunciado, evento cumprido.

8 4 Por conseguinte, "salmodiai ao Senhor, porque é suave". Atendei ao que fez por nós. "Porque o Senhor para si escolheu Jacó, Israel para sua possessão". Louvai, salmodiai, porque fez estas coisas. Explico o que podeis apreender. Entregou as outras nações ao governo dos anjos; "o Senhor para si escolheu Jacó, Israel para sua possessão". Fez de sua gente um campo para ele mesmo cultivar, onde ele próprio semearia; embora ele tenha criado todos os povos, entregou os outros aos anjos, e reservou este para sua posse, para que ele mesmo o conservasse; este povo, povo de Jacó. Por merecimento dele, ou pela graça de Deus? Disse ele a respeito de dois meninos ainda antes do nascimento: "O maior servirá ao menor" (Rm 9,12). Foi o Apóstolo quem assim falou. Que mérito podiam ter antes de nascerem, antes de praticarem o bem ou o mal? Por isso, Jacó não se vanglorie, não se glorie, não atribua algo a seus méritos. De antemão foi conhecido, predestinado, escolhido; não foi escolhido por seu méritos, mas foi encontrado e vivificado pela graça de Deus. Assim também todos os povos; pois que mereceu a oliveira silvestre de frutos amargos, estéril, para ser enxertada? Era uma árvore da floresta, não do campo do Senhor. Entretanto, pela misericórdia de Deus, a oliveira silvestre foi enxertada na genuína oliveira. Mas a oliveira silvestre ainda não tinha sido enxertada, quando "o Senhor para si escolheu Jacó, Israel para sua possessão".

9 5 E que diz o profeta? "Sei que o Senhor é grande". Com a mente a voar nas alturas, elevada acima da carne, a transcender toda criatura, ela conheceu que "o Senhor é grande". Nem todos podem conhecer pela visão; louvem o que ele fez: "é suave. O Senhor para si escolheu Jacó, Israel para sua possessão". Daí, louva-o, pois também eu "sei que o Senhor é grande". Falava o profeta, que entrou no santuário de Deus, que talvez tenha ouvido palavras inefáveis que não é lícito ao homem proferir (cf 2Cor 12,4); que anunciou o que é possível anunciar aos homens, e guardou para si o que não podia dizer. Por isso, ouçamo-lo no que é possível, e acreditemos no que não podemos ouvir. É-nos possível ouvir: "O Senhor para si escolheu Jacó, Israel para sua possessão". Quanto ao que não podemos entender, creiamos, porque o salmista sabia "que o Senhor é grande". Se lhe dissermos: Por favor, explica-nos a grandeza de Deus, acaso não nos responderia: Seria muito grande o que vejo se o puder explicar? Volte, portanto, a sua obra e nos fale. Tenha a consciência da grandeza do Senhor, que ele viu, na qual recomendou que acreditássemos, e aonde não pôde elevar nosso olhar; e enumere algumas das obras do Senhor na terra, a fim de que nós, que não podemos como ele ver a grandeza de Deus, mais facilmente apreendamos por meio de suas obras, o que for

possível. Diz o salmista: “Sei que o Senhor é grande e que nosso Deus está acima de todos os deuses”. Que deuses? “Se bem que existam aqueles que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra — e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores —, para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos” (1Cor 8,5.6). Os homens sejam denominados deuses. Pois, foi dito: “Deus está de pé na assembléia dos deuses. Foi dito: Eu disse: Vós sois deuses e sois todos filhos do Altíssimo” (Sl 81,1.8). Acaso Deus não está acima dos homens? Mas que importância tem estar Deus acima dos homens? Deus está também acima dos anjos; pois os anjos não fizeram a Deus, mas Deus fez os anjos; e necessariamente o próprio Criador está acima de tudo aquilo que ele fez. O salmista, ciente da grandeza do Senhor, e verificando que ele se acha acima de toda criatura, não somente corporal, mas ainda espiritual, declara: “Grande Rei acima de todos os deuses”. É o Deus supremo; acima de si não há outro deus. Enumere suas obras; estas são entendidas.

10 6 “O Senhor fez tudo o que lhe aprouve no céu e na terra, no mar e em todos os abismos”. Quem pode compreender isto? Quem pode enumerar as obras do Senhor no céu e na terra, no mar e em todos os abismos? Contudo, se não podemos compreender todas as coisas, devemos crer firmemente e sustentar que quaisquer criaturas no céu, na terra, no mar e em todos os abismos foram feitas pelo Senhor, porque “o Senhor fez tudo o que lhe aprouve no céu e na terra, no mar e em todos os abismos”, conforme já dissemos. Não foi obrigado a criar tudo o que criou, mas “fez tudo o que lhe aprouve”. A sua vontade foi a causa por que fez todas as coisas. Tu fazes uma casa, porque se não quiseres faze-la, ficarás sem casa; foi a necessidade que te forçou a levantar uma casa, não a livre vontade. Fazes uma veste, porque se não a fizesses, andarias nu; és coagido a fazer a veste por necessidade e não por livre vontade. Plantas videiras no monte, espalhas sementes, porque se não o fizeres, não terás alimento. Tudo isso fazes por necessidade. Deus criou por bondade. Não precisava de coisa alguma que fez; portanto, “fez tudo o que lhe aprouve”.

11 Pensas que temos algo que fazemos por livre vontade? As coisas que enumeramos, nós as fazemos por necessidade, porque se não as fizéssemos, ficaríamos necessitados e desprovidos. Encontramos alguma coisa que podemos fazer por livre vontade? Certamente encontramos: quando amamos a Deus e o louvamos. Pois, isso fazes por livre vontade, quando amas aquele que louvas; não é por necessidade, e sim porque nos apraz. Daí provém que Deus é amável para os justos e santos de Deus, mesmo quando os castiga. Apraz-lhes quando desagrada a todos os iníquos. Ao se acharem sob seu flagelo, nas tribulações, nos trabalhos, nos ferimentos, na pobreza louvaram a Deus; não deixou de aprazer-lhes nem quando os atormentava. Isto é que é amar gratuitamente e não em vista de uma recompensa. Tua própria recompensa suprema será o mesmo Deus a quem amas gratuitamente; e deves amá-lo de tal modo que não deixes de desejar por recompensa aquele que é o único a te saciar, do mesmo modo que Filipe desejava, quando dizia: “Mostra-nos o Pai e isto nos basta” (Jo 14,8). Com razão, pois fazemos

isto por livre vontade e devemos fazer por livre vontade, porque o praticamos de bom grado, se o praticamos por amor. Apesar de corrigidos por ele, jamais ele deve desagradar-nos, porque ele é sempre justo. Assim o afirmou o salmista, ao louvá-lo: "Em mim, ó Deus, estão os votos de louvor que cumprirei" (Sl 55,12). E em outro salmo: "Oferecer-te-ei sacrifícios espontâneos" (Sl 53,8). Que significa: "Sacrifícios espontâneos?" Sacrificar-te-ei voluntariamente. Porque diz outro salmo: "O sacrifício de louvor me glorificará" (Sl 49,28). Se fosses obrigado a oferecer ao Senhor um sacrifício grato e aceitável, como anteriormente se ofereciam sacrifícios como sombra das realidades futuras, talvez não encontrasses em teu rebanho um touro apresentável, e entre os cabritos um bode digno do altar do Senhor, nem em teu redil um cordeiro digno para vítima ofertado a teu Senhor; e sem encontrar, procurarias o que fazer e talvez dissesses a teu Deus: Queria, mas não tenho o que oferecer. Podes acaso dizer acerca do louvor: Queria louvar e não pude? O ato de querer já é louvar. Deus não procura tuas palavras, mas teu coração. Enfim, podes dizer: Não tinha língua. Se alguém emudece por doença, não teve língua para louvar, e no entanto teve como louvar. Se Deus tivesse ouvidos carnais, e precisasse do som de teu corpo, quando ficasses sem língua, ficarias sem louvor igualmente; agora, contudo, ele procura o coração, olha o coração, é testemunha de teu interior, teu juiz, que te aprova, ajuda, coroa. Basta que lhe ofereças tua vontade. Se podes, confessas com a boca para a salvação; se não podes, acreditas no coração para a justiça (cf Rm 10,10). Louvas no coração, no coração bendizes, no coração, no altar da consciência colocas vítimas sagradas. E te será dito em troca: "Paz na terra aos homens de boa vontade" (Lc 2,14).

12 Aquele Deus, portanto, que é onipotente: "fez tudo o que lhe aprouve no céu e na terra". Tu, em tua casa, não fazes tudo o que queres. Ele "no céu e na terra fez tudo o que lhe aprouve". Faze, ao menos em teu campo, tudo o que queres. Queres muitas coisas, e não podes fazer em tua casa tudo o que queres. Talvez te contradiz tua esposa, contradizem os filhos, por vezes um pequeno servo por contumácia contradiz, e não fazes o que te apraz. Mas, replicas, faço o que quero, porque se ele não obedece e contradiz, eu me vingo. Nem isso podes fazer sempre que queres. Por vezes, queres te vingar e não podes; às vezes, ameaças e antes de fazeres o que ameaças, morres. Pensemos; em ti mesmo fazes o que queres? Refreias toda a tua cupidez? Talvez refreias; podes fazer com que esses desejos não apareçam, embora os refreies? Pois certamente queres que não se insinue essa incômoda cupidez; e no entanto, "a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne, de sorte que não fazeis o que quereis" (Gl 5,17). Tu, em ti mesmo, não fazes o que queres. "O Senhor nosso Deus, porém, fez tudo o que lhe aprouve no céu e na terra". Ele te conceda a graça de fazeres em ti mesmo o que queres; sem sua ajuda nem em ti fazes o que queres. Com efeito, o Apóstolo não fazia em si o que queria: "A carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne, de sorte que não fazeis o que quereis", e ele gemia por si mesmo, nesses termos: "Compraz-me a lei de Deus, segundo o homem interior; mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros"; não somente em sua

casa, nem apenas em seu campo, mas até em sua carne ou em seu espírito não realizou o que queria, clamou por Deus, que "fez tudo o que lhe aprouve no céu e na terra" e disse: "Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?" E o Senhor bom e suave de certo modo lhe respondeu, e ele logo acrescentou: "A graça de Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso" (Rm 7,22.25). Amai, portanto, esta suavidade, louvai esta suavidade. Reconhe-cei a Deus que "fez tudo o que lhe aprouve no céu e na terra". Ele também em vós fará o que quereis, realizareis vossa vontade com o seu auxílio. Mas enquanto não podeis realiza-lo, confessai; quando puderdes, dai graças, prostrados, clamai; erguidos, não vos orgulheis. Por conseguinte ele "fez tudo o que lhe aprouve no céu e na terra, no mar e em todos os abismos".

13 7 "Faz subir as nuvens dos confins da terra". Observamos estas obras de Deus em sua criação. As nuvens vêm dos confins da terra para o meio do céu, e chove. Não sabes de onde elas vêm. O profeta o indica: "dos confins da terra", seja do abismo, seja dos confins da redondeza da terra; ele faz surgir as nuvens de onde quer, todavia da terra. "Produz os relâmpagos com a chuva". Pois os relâmpagos sem chuva, te aterrariam e nada te dariam. "Produz os relâmpagos com a chuva". Aparecem os relâmpagos, tremes; chove, alegras-te. "Produz os relâmpagos com a chuva". Ele te assusta, ele te alegra. "Tira os ventos de seus tesouros", por meio de causas ocultas, que desconheces. Sentes que o vento sopra; qual a causa deste sopro, ou de que tesouro razoável foi tirado, não sabes. Deves, contudo, acreditar em Deus com piedade, porque o vento não sopraria se não por ordem de quem o fez, se não o produzisse aquele que o criou.

14 8-12 Vemos, portanto, estas coisas na criação; louvamos, admiramos, bendizemos a Deus. Vejamos o que fez entre os homens por causa de seu povo. "Feriu os primo-gênitos do Egito". Com efeito, foram narrados os feitos divinos amáveis e não os temíveis. Atenção. Também quando se encoleriza, faz o que quer. "Feriu os primogê-nitos do Egito, desde os homens até os animais. Operou milagres e prodígios no meio de ti, ó Egito". Sabeis, lestes quantos sinais fez a mão do Senhor por intermédio de Moisés no Egito para aterrorizar, ferir, abater os egípcios. "Contra o faraó e todos os seus servos". Não basta o que realizou no Egito. Que aconteceu depois que o povo foi tirado de lá? "Abateu muitas nações", que possuíam a terra que Deus decidira dar ao seu povo. "E exterminou reis poderosos. A Seon, rei dos amorreus e a Og, rei de Basã e a todos os reis de Canaã". Todos esses eventos que o salmo rememora brevemente, nós os lemos em outros livros do Senhor, e a mão do Senhor ali se mostra poderosa. Ao vires o que aconteceu aos ímpios, acautela-te para que não te suceda igualmente. Pois, tais coisas lhes sucederam a fim de que passes adiante, não os imites e não sofras de igual modo. Todavia, vê que o flagelo do Senhor atinge toda carne. Não penses que não és visto ao pecares, não penses que ele se descuida do que fazes, não julgues que o Senhor dorme; ao refletires, nota os exemplos dos benefícios de Deus; e ao recordares seus castigos, teme. Ele é onipotente tanto para consolar como para castigar. Por esta razão, é útil ler a narração destes fatos. Quando, porém, um homem piedoso vê o que sofre o ímpio, abstém-se de toda impiedade, para não sofrer também ele tal pena, tal castigo.

Entendestes bem estas coisas. Que fez Deus em seguida? Expulsou os ímpios: "Deu a terra deles em herança, em herança a Israel seu servo".

15 13 Depois, a exultação no louvor: "Senhor, teu nome permanece para sempre", após tudo isto que fizeste. Quais as tuas obras que vejo? Examino tua criação no céu, observo a parte ínfima em que habitamos; e daqui contemplo teus benefícios: as nuvens, os ventos, as chuvas. Considero teu povo. Tu os livraste da casa da escravidão, operaste sinais e prodígios entre seus inimigos, puniste os que os molestavam, expulsaste os ímpios de sua terra, mataste os reis deles, entregaste a terra deles a teu povo. Vi tudo isso, e enchi a boca de louvor: "Senhor, teu nome permanece para sempre".

16 6 Vemos como à letra, esses acontecimentos foram escritos, tomamos conhecimento deles, louvamos a Deus. Se, porém, assinalam ainda algo, não vos seja oneroso ouvir-me, ao explicar como posso. Assim, pelos próprios homens, posso reconhecer que ele "fez tudo o que lhe aprouve no céu e na terra". Pois, considero céu etéreo os seres espirituais; a terra, os carnais. Desses dois, céu e terra, consta a Igreja de Deus. Aos espirituais cabe a pregação e aos carnais compete a submissão. Pois, também "narram os céus a glória de Deus e proclama o firmamento as obras de suas mãos" (Sl 18,2). Se o povo de Deus não fosse terra de Deus, não afirmaria o Apóstolo: "Vós sois o edifício de Deus, a seara de Deus. Como bom arquiteto, lancei o fundamento, outro constrói por cima" (1Cor 3,9.10). Portanto, somos o edifício de Deus, somos o campo de Deus. "Quem planta uma vinha e não come de seu fruto"? (1Cor 9,7). "Eu plantei, Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer" (1Cor 3,6). Em conseqüência, também em sua Igreja, em seus pregadores, em seu povo, que são como céu e terra, ele fez tudo o que lhe aprouve. E não basta ter feito neles: "no mar e em todos os abismos fez tudo o que lhe aprouve". Mares são os infiéis todos, todos os que ainda não acreditam. Neles o Senhor "fez tudo o que lhe aprouve". E estes infiéis se enfurecem apenas quando Deus o permite; e não são castigados, quando perversos, a não ser que ordene quem criou todos os povos. Talvez se trate de mar e não de terra; estaria ele fora do poder de Deus onipotente? "No mar e em todos os abismos fez tudo o que lhe aprouve". Quais são os abismos? Os corações dos mortais que ficam escondidos, os profundos pensamentos do homem. E como é que Deus ali faz o que quer? "O Senhor interroga o justo e o ímpio. Quem ama a iniqüidade, odeia a sua alma" (Sl 10,6). E onde o interroga? Em outra passagem está escrito: "Indagar-se-á sobre os planos do ímpio" (Sb 1,9). Escondido está o coração bom, escondido o coração mau; é um abismo tanto o coração bom, quanto o coração ruim; mas estão descobertos para Deus, a quem nada está oculto. Ele consola o coração bom, atormenta o coração malvado. Portanto, "fez tudo o que lhe aprouve no céu e na terra, no mar e em todos os abismos".

17 7 "Faz subir as nuvens dos confins da terra". Que nuvens? Os pregadores da palavra da verdade. Em outro lugar da Escritura, irritado contra sua vinha, diz o Senhor acerca destas nuvens: "Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela" (Is 5,6). Não bastou ter feito subir as nuvens de Jerusalém, ou de Israel, e enviá-las a pregar seu evangelho à terra inteira; destas nuvens foi declarado: "Seu som repercutiu

por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras" (Sl 18,5). Não foi suficiente, mas conforme disse o próprio Senhor: "E este evangelho do reino será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações. E então virá o fim" (Mt 24,14); ele faz subir as nuvens dos confins da terra. Pois, propagando-se o evangelho, como estarão os pregadores do evangelho nos confins da terra, a não ser que o Senhor faça subir as nuvens dos confins da terra? Que faz ele destas nuvens? "Produz os relâmpagos com a chuva". Das ameaças inclinou-se à misericórdia, do terror passou à irrigação. Como passou do terror à irrigação? Quando Deus te ameaça através do profeta e do Apóstolo, e ficas com medo, não foram os relâmpagos que te atemorizaram? Mas ao te corrigires pela penitência e reconheceres que isto é misericórdia, o terror do raio se muda em chuva. "Tira os ventos de seus tesouros". Penso que tanto as nuvens como os ventos representam os pregadores; são nuvens devido à carne, ventos por causa do espírito. Pois, as nuvens se vêem, enquanto os ventos são sentidos, mas são invisíveis. Enfim, porque verificamos que a carne se origina da terra, "faz subir as nuvens dos confins da terra". Exprimira de onde fez subir as nuvens; trata agora dos ventos, porque ignora-se de onde procede o espírito do homem. "Tira os ventos de seus tesouros". Prestai-me um pouquinho de atenção e vejamos o restante.

18 8 "Feriu os primogênitos do Egito, desde os homens até os animais". Nossos primogênitos se salvem para o Senhor, porque foi ele quem nô-los concedeu. Mas, é pena dolorosa, praga muito terrível a morte dos primogênitos. Quais são os nossos primogênitos? São os nossos hábitos, no serviço de Deus. Temos como primícias a fé, de onde começamos. Foi dito à Igreja: "Virás e irás além, partindo do começo da fé" (Ct 4,8, sg LXX). Ninguém começa a viver bem, senão pela fé. Por conseguinte, a fé é nosso primogênito. Se guardamos a fé, o restante há de seguir. Os homens se purificam cotidianamente progredindo na perfeição e vivendo melhor, e assim se renova o homem interior de dia a dia, segundo a palavra do Apóstolo: "Embora, em nós, o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia" (2Cor 4,16). Com isso o primogênito, a fé, vive, conforme a respeito dela fala o Apóstolo: "E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito", isto é, oferecemos a Deus as primícias de nosso espírito, isto é, a fé, como sendo nosso primogênito; "gememos interiormente, suspirando pela adoção, a redenção do nosso corpo" (Rm 8,23). Se, portanto, é grande graça de Deus conservar-se nossa fé, grande pena é morrerem os primogênitos, quando os homens, sob as tribulações da Igreja, perdem a fé. Pois, eles afligem a Igreja, quando perdem a fé; de fato, Egito significa aflição. Morrem, portanto, os pri-mogênitos de todos aqueles que afligem a Igreja, todos os que ocasionam escândalos na Igreja, apesar de se chamarem cristãos. Serão infiéis, serão vãos; têm apenas o nome e o sinal de cristãos; no coração, porém, sepultaram seus primogênitos. Chega um deles ao ponto de rir por dentro se lhe disseres algo sobre uma vida honesta, acerca da esperança da vida eterna ou do temor do fogo eterno; ou se é dos tais que ousam fazê-lo diante de ti, torce os lábios, dizendo: Quem voltou de lá? Os homens inventam o que querem. E é um cristão; mas como causa aflição, foi morto seu primogênito, morreu sua fé; e isto "desde os homens até os animais". Irmãos, vou dizer

o que penso. Entendo que por homens simbolizam-se espiritualmente os doutos, devido à alma racional própria do homem; e por animais, os ignorantes, que têm, contudo, a fé, senão não teriam primogênitos. Existem doutos que afligem a Igreja, causando cismas e heresias. Conseqüên-temente, não encontras neles a fé, porque se transformam em Egito, isto é, em aflição para o povo de Deus. Foram mortos os seus primogênitos. Arrastam após si turbas ignorantes, os animais. Enquanto a Igreja se aflige, morre a fé daqueles que a afligem: morrem os primogênitos dos doutos e indoutos, porque Deus feriu os primogênitos dos egípcios, "desde os homens até os animais.

19 9 Operou milagres e prodígios no meio de ti, ó Egito, contra o faraó e todos os seus servos". O faraó é o rei dos egípcios. Atenção a este nome; vede como Deus age. O rei é o primeiro em todos os povos. Egito significa aflição e faraó dispersão.[1] A aflição, portanto, tem por rei a dispersão, porque os que afligem a Igreja, a afligem depois de dispersos. Para afligirem, se separam. Pois, o rei conduz e o povo o segue. Precede a dispersão, segue a aflição. Ouvi, ouvi estes nomes, cheios de sentido típico e de sabedoria. Entre aqueles sobre os quais Deus exerceu sua ira, não encontras um só nome que tenha significado benigno.

20 10.11 "Abateu muitas nações e exterminou reis poderosos". Narra: que reis são eles e que nações? "Seon, reis dos amorreus". Escutai nomes pesados de sacramentos, sinais. Diz o salmista que ele matou Seon, rei dos amorreus. Matou, efetivamente; e agora mate nos corações de seus servos, e durante as provas infligidas a sua Igreja; não cesse sua mão de matar tais reis e tais povos. Com efeito, Seon significa tentação dos olhos; amorreus, provocadores. Observai se podemos entender como os provocadores têm por rei a tentação dos olhos. Tentação dos olhos só pode ser a mentira. Tem o colorido, mas falta a realidade. Que há de espantoso em que os provocadores tenham tal rei, um rei de mentira? Sem que precedam a mentira e a simulação, não existem provocadores na Igreja; provocam, porque fingem. Precede a tentação dos olhos, segue a provocação; precedeu no próprio diabo. Pois tentação dos olhos consiste em que "Satanás se transfigura em anjo de luz" (2Cor 11,14). A mão do Senhor fira a este e àqueles; a este para que não induza à tentação, àqueles para que se corrijam. Efetivamente, aquele rei morre em todo homem que condena a simulação e ama a verdade. A mão de Deus não deixa de agir. Pois, assim como agiu à letra outrora, agora age espiritualmente, a fim de cumprir o que naquele tempo prenunciou profeticamente. Feriu também a outro rei e a seu povo: "E a Og, rei de Basã". Também este, que malvado! Og significa conclusão; Basã se verte por confusão. É mau o rei que fecha o caminho para Deus. É o que faz o diabo; sempre opondo seus artifícios, opondo seus ídolos, opondo a si mesmo, como sendo necessário, por meio dos possessos, dos adivinhos, dos agoureiros, dos arúspices, dos magos, os mistérios dos demônios, ele fecha o caminho. Ao contrário, Cristo abre o caminho que fora fechado; alguém que fora redimido por ele, declara: "Com meu Deus escalarei a muralha" (Sl 17,30), enquanto o diabo nada faz senão impedir o caminho para que não se creia em Deus. Pois, abre-se o caminho para quem acredita em Deus, e o próprio Cristo é o caminho (cf Jo 14,6): para quem não acredita em Deus, o caminho

está impedido. Se, porém, estiver impedido para os que não crêem, que resta senão, ao voltar àquele em quem não acreditavam, que sejam confundidos os incré-dulos? Por quê? Porque precede o obstáculo e segue-se a confusão. O fechamento precede, qual rei, e segue a confusão, o povo. Aqueles para os quais agora o diabo fecha o caminho a fim de não acreditarem em Cristo, quando Cristo aparecer, todos serão confundidos. As iniqüidades deles os entregarão à infelicidade. Então dirão os ímpios, cheios de confusão: "Que proveito nos trouxe" o orgulho? (Sb 5,8). Grande mistério, meus irmãos! A dispersão é rei da aflição; são dispersos para serem afligidos. Grandes mistérios! A tentação dos olhos, isto é, a ilusão, rei dos pro-vocadores; falham para se tornarem provocadores. O fechamento, rei da confusão; os homens ficam impedidos de passarem à fé, e quando voltar aquele em quem acreditamos, serão confundidos. Deus feriu "a todos os reis de Canaã". Canaã quer dizer: preparado para a humildade. A humildade é um bem, se for a humildade proveitosa; pois a humildade perversa merece castigo. Se a humildade não pudesse merecer castigo, não se teria dito: "Todo aquele que se exalta será humilhado" (Lc 14,11; 18,14). Não se trata de um benefício ser humilhado por castigo. Canaã, portanto, é soberbo. Todo ímpio, todo infiel exalta seu coração; não quer acreditar em Deus. Mas esta exaltação está preparada para ser humilhada no dia do juízo; então será humilhada, quando não o quiser. Pois, são vasos de ira, prontos para a perdição (cf Rm 9,22). Agora se exaltem, tagarelem, coloquem-se acima dos fiéis, zombem deles, blasfemem contra os cristãos. Digam: São fábulas de velhas as coisas que se contam sobre o dia do juízo. Este orgulho deles está pronto para ser humilhado. Ao voltar o juiz, de que zomba ao ser prenunciado, aquele que agora se ensoberbece, será humilhado, não para seu proveito, mas para seu castigo. Agora, porém, não se humilha, mas se prepara para ser humilhado, isto é, está preparado para a condenação, para ser vitimado.

21 13 Deus, de fato, abate tudo isto; corporalmente ele abateu outrora, quando nossos pais foram retirados da terra do Egito; derruba espiritualmente agora, nem pára a sua mão, até o fim. Por isso, não penses que esse poder de Deus no passado agora cessou: "Senhor, teu nome permanece para sempre". Isto é, tua misericórdia não cessa, não cessa tua mão pelos séculos de realizar essas coisas, que então prenunciaste figuradamente: "Estas coisas lhes aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução, para nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos" (1Cor 10,11). "Teu memorial, Senhor, de geração em geração". Esta geração e mais outra geração: a geração que nos tornou fiéis, renascidos pelo batismo; e geração na qual ressurgiremos dos mortos e viveremos eternamente em companhia dos anjos. Teu memorial, Senhor, nesta geração e na outra, porque não te esqueceste agora de chamar, nem te esquecerás então de coroar. "Teu memorial, Senhor, de geração em geração".

22 14 "Porque o Senhor julgou o seu povo". Certamente ele realizou tudo aquilo no povo judaico. Porventura permaneceram suas obras, depois que ele introduziu seu povo na terra da promissão? Com toda certeza ainda julgará: "O Senhor julgou o seu povo e será propício a seus servos". Ele já julgou o seu povo; sem levar em conta o juízo

futuro, o povo judaico foi julgado. Que quer dizer: foi julgado? Dele foram retirados os justos e ficaram os injustos. Se, contudo, estou mentindo, ou se pensa que estou mentindo, porque afirmei: Já foi julgado, que se ouça o Senhor dizer: “Para julgamento é que vim a este mundo: para que os que não enxergam, vejam, e os que vêem tornem-se cegos” (Jo 9,39). Cegaram-se os soberbos, enxergaram os humildes. Portanto, “julgou o seu povo”. Isaías se refere a este juízo: “Ó casa de Jacó, vinde, andemos à luz do Senhor”. Não basta; mas como continua o profeta? “Com efeito, tu rejeitaste o teu povo, a casa de Jacó” (Is 2,5.6). Casa de Jacó e casa de Israel se identificam; Jacó, de fato, é o mesmo que Israel. Conheceis as Letras Sagradas, e julgo que vos ocorre que Jacó viu um anjo a lutar consigo, e recebeu então o nome de Israel (cf Gn 32,28). Jacó e Israel são um só homem; uma só pessoa; uma só é a casa de Jacó e a casa de Israel, um só povo, uma só nação. É a mesma que o Senhor convida e que rejeita. Certamente, já mataste a Cristo, ó casa de Jacó; já mataste a Cristo, já meneaste a cabeça diante da cruz, já zombaste do crucificado, já disseste: “Se é Filho de Deus, desça da cruz”. E o médico rezou pelos frenéticos: “Pai, perdoa-lhes; não sabem o que fazem” (cf Mt 27,39-43; Lc 23,34.35). Sem dúvida, tudo isso já se realizou; agora, acredita naquele que mataste, bebe o sangue que derramaste. E agora, casa de Jacó, desejo que exponhas, conforme o testemunho de Isaías, o que o salmista disse aqui: “Porque o Senhor julgou o seu povo e será propício a seus servos”. Entende-se que o Senhor julgou o seu povo, separando bons dos maus, fiéis dos infiéis, apóstolos dos judeus mentirosos. Foi o que assinalou por meio do profeta, segundo eu começara a expor, nesses termos: “Após teus males todos, ó casa de Jacó, vinde, andemos à luz do Senhor”. Por que vos digo eu: “Vinde, andemos à luz do Senhor?” Não suceda que permanecendo no judaísmo, não alcanceis a Cristo. Mas, por quê? Lá Cristo não foi sempre profetizado? Mas agora ele rejeitou o “seu povo, a casa de Israel”. Vem, casa de Jacó, porque ele rejeitou “seu” povo, a casa de Jacó; vem, casa de Israel, porque o Senhor rejeitou o seu povo, a casa de Israel. Qual veio, e qual foi rejeitada, a não ser que juízo consista em que “os que não enxergam, vejam, e os que vêem tornem-se cegos”? Conseqüentemente “o Senhor julgou o seu povo”. Fez uma separação e não terá encontrado ali alguns para restituir a seu reino? Sem dúvida, encontrará: “E será propício a seus servos”. Assevera o Apóstolo: “Não repudiou Deus seu povo que de antemão conhecera”. E como o comprova? “Pois eu também sou israelita” (Rm 11,1.2). Portanto, “o Senhor julgou o seu povo”, separando os bons dos maus, isto é, “será propício a seus servos”. Quais? Aqueles originários dos gentios. Pois, quantos povos vieram à fé! Quantas terras, quantos lugares desertos agora aderem! Vêm de lá não sei quantos, querem a fé. Perguntamos-lhes: Que quereis? Respondem: Conhecer a glória de Deus. Crede-me, irmãos. Ficamos admirados, contentes ao ouvirmos esta palavra da parte dos camponeses. Eles vêm não sei de onde, chamados não sei por quem. Que digo? Não sei por quem? Ao contrário, sei por quem, visto que “ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair” (Jo 6,44). Eles vêm de repente da floresta, do deserto, de montanhas muito distantes e íngremes à Igreja, e a maior parte, quase todos deles, têm este pedido de verem dentro dela a Deus como mestre. Cumpre-se a Escritura, o anúncio do profeta: “E todos serão ensinados por

Deus" (Jo 6,45; Is 54,13). Que desejais, perguntamos? E eles respondem: Ver a glória de Deus. "Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus" (Rm 3,23). Acreditam, são consagrados, pedem que para si se ordenem clérigos. Não se cumpre a palavra: "E será propício a seus servos?"

23 15-17 Enfim depois de toda esta disposição e administração, o Espírito de Deus se volta a exprobrar e zombar dos ídolos, que já são ridicularizados por seus adoradores: "Os ídolos dos gentios são prata e ouro". Uma vez que foi Deus quem fez todas as coisas, que fez no céu e na terra e tudo o que lhe aprouve, que julgou o seu povo e será propício a seus servos, que resta para um ídolo senão ser ridicularizado e não cultuado? Talvez o salmista os chamaria ídolos dos gentios para desprezarmos todos eles; diria que os ídolos dos gentios são pedra e madeira, gesso e barro? Não digo isso, pois é matéria vil; digo o que eles apreciam muito, honram muito. "Os ídolos dos gentios são prata e ouro". Certamente o ídolo é ouro, certamente é prata; mas porque a prata brilha, porque o ouro brilha, eles têm olhos e vêem? Sendo prata, sendo ouro, talvez seja útil ao avaro, mas não é a quem tem religião; ou antes, nem mesmo ao avaro é útil e sim a quem o emprega bem, e distribuindo-o, adquire um tesouro celeste. Todavia, sendo esses metais insensíveis, por que fazeis deuses de prata e ouro? Não vedes, vós que os fabricais, que eles não vêem? (cf Sb 15,15). "Têm olhos e não verão; têm ouvidos e não escutarão; têm nariz e não cheirarão; têm boca e não falarão; têm mãos e não trabalharão; têm pés e não andarão". O artífice, o ourives que trabalha a prata e o ouro pôde fazer tudo isso: olhos, ouvidos, nariz, boca, mãos e pés; mas não deu a visão aos olhos, nem a audição aos ouvidos, nem a voz à boca, nem o olfato ao nariz, nem o movimento às mãos, nem o andar aos pés.

24 18 Ó homem, sem dúvida te rirás do que fizeste se reconheceste quem te fez. Daqueles que não conhecem a Deus, que se diz? "A eles se assemelhem os que os fabricam e todos os que neles confiam". E acreditai-me, irmãos; neles se exprime certa semelhança com os ídolos, não em sua carne, mas no homem interior. Pois, eles têm ouvidos e não ouvem; com efeito, clama a eles: "Quem tem ouvidos, ouça" (Mt 11,15). Eles têm olhos e não vêem; têm olhos corporais, mas não possuem os da fé. Enfim, esta profecia se cumpre entre todos os povos. Notai como foi predito pelo profeta. Não menciono coisa alguma que seja alegórica ou figurada. Ouvi a profecia própria, expressa, simples, manifesta, proferida de antemão; vede-a realizada. "O Senhor será terrível contra eles", diz o profeta Sofonias (Sf 2,11). Contra os que recusam, se rebelam, fazem mártires dos fiéis que eles matam, contudo sem o saberem: "O Senhor foi terrível contra eles". E como? Em sua Igreja, vemos como o Senhor foi terrível contra eles. Eles queriam extinguir, matar poucos cristãos; derramaram seu sangue. Do sangue dos mártires surgiram tantos fiéis, que superaram o número dos carrascos deles. No entanto, agora procuram onde esconder seus ídolos aqueles que antes trucidavam os cristãos por causa desses ídolos. O Senhor não foi terrível contra eles? Vê se ele faz o seguinte: "O Senhor foi terrível contra eles". E que fez o Senhor? Ele "suprimiu todos os deuses da terra; prostrar-se-ão diante dele, cada uma em seu lugar, todas as ilhas das nações" (Sf

2,11). Qual o significado disso? Fora predito? Não se cumpriu? Não se vê tal qual se lê? E os que restaram, têm olhos e não vêem; têm nariz e não cheiram. Não sentem aquele odor: “Somos o bom odor de Cristo”, segundo diz o Apóstolo, “em toda parte” (2Cor 2,15). Que lhes adianta terem nariz, se não cheiram o tão suave odor de Cristo? Na verdade neles se realizou o que deles foi dito em toda verdade: “A eles se assemelhem os que os fazem e todos os que neles confiam”.

25 19.20 Mas cada dia acontece que eles passam a acreditar devido aos milagres de Cristo Senhor, diariamente se abrem os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos, cheiram os narizes dos que eram insensíveis, abre-se a boca dos mudos, apertam-se as mãos dos paralíticos, corrigem-se os pés dos mancos, e destas pedras se tiram filhos de Abraão. A todos estes já se diz: “Casa de Israel, bendizei ao Senhor”. Todos são filhos de Abraão; e se dessas pedras se tiram filhos de Abraão (cf Mt 3,9), é claro que eles são mais casa de Israel, porque pertencem à casa de Israel, pertencem à descendência de Abraão, não pela carne e sim pela fé: “Casa de Israel, bendizei ao Senhor”. Mas, imagina que o salmista se refere àquela casa, que também povo é chamado de Israel; deste meio creram os apóstolos e milhares de circuncisos. “Casa de Israel, bendizei ao Senhor: casa de Aarão, bendizei ao Senhor; casa de Levi, bendizei ao Senhor”. Povos, bendizei ao Senhor, isto é “casa de israel”, em geral, chefes, bendizei ao Senhor, isto é, “casa de Aarão”; ministros, bendizei ao Senhor, isto é, “casa de Levi”. E as demais nações? “Todos os que temeis ao Senhor, bendizei ao Senhor”.

26 21 Todos, portanto, em uníssono, digamos o seguinte: “De Sião seja bendito o Senhor, que habita em Jerusalém”. De Sião e de Jerusalém. Sião significa: observação; Jerusalém, visão de paz. Em que Jerusalém hás de habitar agora? Naquela que foi arruinada? Não, e sim naquela que é nossa mãe, que está nos céus, e da qual foi dito: “Mais numerosos são os filhos da abandonada do que os daquela que tem marido” (Is 54,1; Gl 4,21). Agora, portanto, o Senhor habita em Sião, porque observamos até que ele venha; agora, entretanto, vivendo na esperança, estamos em Sião. Terminado o caminho, habitaremos naquela cidade que jamais será arruinada, porque também o Senhor nela habita e a guarda. Ela é a visão de paz, a eterna Jerusalém, daquela paz, meus irmãos, que nossos lábios não podem louvar suficientemente, onde não teremos inimigo algum nem na Igreja, nem fora da Igreja, nem em nossa carne, nem em nossos pensamentos. A morte será absorvida na vitória (cf 1Cor 15,54), e nos entregaremos ao ócio de ver a Deus na paz eterna, transformados em cidadãos de Jerusalém, cidade de Deus.

1 Cf. Hier. Liber. interpret. 6,13.

SALMO 135

COMENTÁRIO

1 1 “Confessai ao Senhor, porque ele é bom, porque eterna é a sua misericórdia”. Este salmo contém o louvor de Deus, e todos os seus versículos terminam com o mesmo estribilho. Além disso, apesar de serem proferidas muitas palavras em louvor de Deus, principalmente se recomenda a sua misericórdia. O salmista, por meio do qual o Espírito Santo compôs o salmo, não quis que versículo algum terminasse sem explícita citação desta misericórdia. Lembro-me, porém, que no salmo centésimo quinto (Sl 105,1), que começa da mesma forma, não há no códice que consultei: “eterna” e sim: “pelos séculos a sua misericórdia”. Procurei saber como devíamos entender isso. No texto grego acha-se: eis tòn aiona que se pode traduzir por: “pelos séculos e eternamente”. Mas, o que ali expliquei, quanto foi possível, seria longo aqui repetir. Neste salmo, porém, o mesmo códice não traz: “pelos séculos”, conforme trazem alguns, mas: “sua misericórdia é eterna”. Embora após o juízo final de vivos e mortos, quando os justos irão para a vida eterna e os iníquos para o fogo eterno, não haverá mais alguém para o qual deva Deus exercer a misericórdia, pode-se interpretar corretamente que sua misericórdia será eterna, a misericórdia que concede a seus santos e a seus fiéis. Não serão eternamente miseráveis, necessitados de uma misericórdia eterna; mas quer isto dizer que a própria bem-aventurança que Deus concede misericordiosamente aos míseros, para deixarem de ser miseráveis e começarem a ser felizes, não terá fim, e por isso é “eterna a sua misericórdia”. Deriva de sua misericórdia que de iníquos seremos transformados em justos, de doentes em sadios, de mortos em vivos, de mortais em imortais, de miseráveis em felizes. E assim seremos eternamente: portanto, “eterna é a sua misericórdia”. Por conseguinte: “Confessai ao Senhor”, isto é, confessando louvai ao Senhor, “porque ele é bom”. Em vista desta confissão, não havereis de adquirir algum bem temporal, “porque eterna é a sua misericórdia”, isto é, o benefício que vos concede misericordiosamente é eterno. Quanto à expressão: “porque ele é bom”, no grego se encontra agathos, e não a mesma palavra que no salmo centésimo quinto: lá, “porque ele é bom”, corresponde ao termo grego chrestós. Por isso, alguns verteram: Porque ele é suave. Agathós não se refere a um bem qualquer, mas a alguém que é bom por excelência.

2 2.3 Logo prossegue o salmo: “Confessai ao Deus dos deuses, porque eterna é a sua misericórdia. Confessai ao Senhor dos senhores, porque eterna é a sua misericórdia”. Com toda razão se costuma perguntar que deuses e senhores são estes dos quais é Senhor e é Deus, o Deus verdadeiro. E encontramos em outro salmo escrito que também os homens são denominados deuses, conforme o versículo: “Deus está de pé na assembléia dos deuses e no meio deles instituiu seu julgamento” (Sl 81,1.6.7). E um pouco mais adiante: Eu disse: “Vós sois deuses e sois todos filhos do Altíssimo. Morrereis todavia como homens e caireis como um príncipe qualquer”. O Senhor

igualmente cita este testemunho no evangelho: “Não está escrito em vossa Lei: Eu disse: Sois deuses? Se ela chama deuses aqueles aos quais a palavra de Deus foi dirigida — e a Escritura não pode ser anulada —, àquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo dizeis: Blasfemas! porque disse: Sou Filho de Deus”? (Jo 10,34-36). São denominados deuses, não por serem todos bons, mas porque a palavra de Deus foi a eles dirigida. Se fossem todos bons, não os julgaria deste modo. O salmo depois de dizer: “Deus está de pé na assembléia dos deuses” não disse: Ele faz uma distinção entre deuses e homens, querendo mostrar a diferença que existe entre deuses e homens, mas declara: “No meio dos deuses instituiu seu julgamento”. E prossegue: “Até quando julgareis injustamente” etc.? (Sl 81,2). Não se refere, de fato, a todos, e sim a alguns, porque fala com discernimento; no entanto “no meio dos deuses instituiu seu julgamento”.

3 Mas pergunta-se: Uma vez que os homens, aos quais se dirigiu a palavra de Deus, são chamados deuses, também os anjos devem receber esta denominação? Note-se que foi prometido aos homens justos e santos, como prêmio máximo, a igualdade com os anjos. Entretanto, não sei se é possível, ou mesmo seja fácil encontrar nas Escrituras uma afirmação nítida de que os anjos são deuses. Tendo sido asseverado sobre o Senhor Deus: “É temível sobre todos os deuses”, logo à maneira de explicação por que assim falou, prossegue: “Porque os deuses das nações são demônios”. O salmista diz que acima desses deuses o Senhor é terrível em seus santos, transformados em céus, que atemorizam os demônios. Pois, assim continua o salmo: “Mas o Senhor fez os céus” (Sl 95,4.5). Eles, portanto, não são deuses sem mais; mas os demônios são deuses dos gentios. Mais acima, contudo, disse: “É temível sobre todos os deuses”; e não: sobre todos os deuses dos gentios, apesar de o dar a entender, acrescentando o seguinte: “Porque os deuses das nações são demônios”. Diz-se que em hebraico não se encontra escrito deste modo, e sim: “Os deuses das nações são simulacros”. Se isto é exato, muito mais crédito merece a versão dos Setenta, que verteram por iluminação do Espírito Santo, o mesmo Espírito que falou o que se encontra nas Escrituras hebraicas. Por obra do mesmo Espírito, foi conveniente falar como foi dito: “Os deuses das nações são demônios”, para entendermos que é este o sentido da expressão hebraica: “Os deuses das nações são simulacros”, a fim de se designarem antes os demônios que estão nos simulacros. Pois, quanto aos próprios simulacros, que em grego se chamam ídolos (nome que já usamos em latim) têm olhos e não vêem etc., segundo o que se afirma deles, porque carecem de qualquer sensibilidade. Por isso, não podem se atemorizar, visto que os seres insensíveis não podem, de fato, se atemorizar. Como então o salmo assevera sobre o Senhor: “É temível sobre todos os deuses. Porque os deuses das nações, são demônios”, a não ser que por simulacros se designem os demônios, os quais podem se atemorizar? Daí deriva a palavra do Apóstolo: “Sabemos que um ídolo nada é” (1Cor 8,4). Assim se refere à matéria terrena insensível. E ainda, para que ninguém pensasse não existir natureza viva que se deleite nos sacrifícios dos gentios, acrescentou: “Aquilo que os gentios imolam, eles o imolam aos demônios, e não a Deus. Ora, não quero que entreis em comunhão com os demônios” (1Cor 10,20). Se, portanto, nunca se encontra na Sagrada Escritura uma passagem em que os anjos sejam denominados deuses, veio-

me à mente que o motivo principal seria que os homens, por causa deste nome, não fossem induzidos a prestar aos santos anjos o ministério ou culto, que em grego se chama liturgia ou latria; eles próprios não querem que os homens lhe prestem tal culto, mas o prestem somente a Deus, que é Deus deles e dos homens. Daí vem que sejam chamados anjos, com maior vantagem, porque em latim este nome significa núncio. Através deste nome que não indica a substância e sim o ofício, entendemos bem que eles querem que adoremos aquele Deus anunciado por eles. O Apóstolo resolve rapidamente toda esta questão, com as palavras: "Se bem que existam aqueles que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra — e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores —, para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos" (1Cor 8,5.6).

4 4-7 Confessemos, portanto, "ao Deus dos deuses, e ao Senhor dos senhores, porque eterna é a sua misericórdia. Ao único que faz grandes maravilhas". Assim como na última parte de todos os versículos se encontra: "Porque eterna é a sua misericórdia", assim na primeira parte de todos, embora não seja explicitado deve-se subentender: "Confessai". Em grego isto é evidente. Seria explícito também no latim, se nossos tradutores pudessem verter a mesma locução. Seria possível neste versículo, se dissessem: facienti mirabilia (nós temos: Qui facit mirabilia, e o grego: facienti mirabilia, sendo então necessário subentender: "Confessai". Se ao menos tivessem acrescentado o pronome, dizendo: Aquele que faz, Ei qui facit, ou: aquele que fez, ei qui fecit, ou: aquele que firmou, ei qui firmavit, porque deste modo facilmente se compreenderia que estava subentendido: "Confessai". Agora, efetivamente, está muito obscuro, de sorte que aquele que não souber ler o códice grego, ou negligenciar este exame, poderá pensar o seguinte: "Que fez os céus, que firmou a terra, que fez os luminares, porque eterna é sua misericórdia" assinalaria que Deus fez tudo isso, "porque eterna é a sua misericórdia", enquanto à sua misericórdia compete libertar da miséria. E não, ao contrário, entendamos que pertence a sua misericórdia criar céu, terra, luminares, pois é próprio tudo isso da bondade de Deus que criou todas as coisas muito boas. Criou, porém, para que todas as coisas existissem; é peculiar à misericórdia purificar-nos de nossos pecados e libertar-nos para sempre da miséria. Por isso, assim nos fala o salmo: "Confessai ao Deus dos deuses, confessai ao Senhor dos senhores"; confessai àquele que é o "único a fazer grandes maravilhas"; confessai àquele que "fez os céus com sabedoria"; confessai àquele "que firmou a terra sobre as águas"; confessai "àquele que sozinho fez os grandes luminares". Coloca no fim de todos os versículos o motivo porque devemos confessar: "Porque eterna é a sua misericórdia".

5 5-10 Mas que quer dizer: "Ao único que faz grandes maravilhas?" Acaso assim se exprime porque Deus faz muitas maravilhas através dos anjos e dos homens? Há certas maravilhas que somente Deus faz, e o salmista continua: "Que fez os céus com sabedoria, que firmou a terra sobre as águas; ao único que fez os grandes luminares". Acrescentou aqui: "único", porque as outras maravilhas que vai narrar, Deus as fez por

intermédio dos homens. Tendo dito, contudo: “Ao único que fez os grandes luminares”, em seguida esclarece quais são esses luminares. “O sol para presidir o dia, a lua e as estrelas para presidirem a noite”. Em seguida começa a declarar o que fez por meio dos anjos e dos homens: “Que feriu os egípcios com seus primogênitos” etc. Deus sozinho, portanto, fez toda a criação, e não por intermédio de alguma criatura. O salmista enumera certas partes mais excelentes da criação, por meio das quais imaginássemos o conjunto, a saber, os céus inteligíveis e a terra visível; e como existem também os céus visíveis, exortou-nos, relembran-do os luminares do céu, a aceitarmos que foi criado por Deus o conjunto dos corpos celestes.

6 Pode-se pesquisar se o versículo: “Que fez os céus com sabedoria”, ou conforme alguns traduziram: “com inteligência” figura os céus inteligíveis, ou quer dizer que Deus fez com seu intelecto, ou sua inteligência os céus, isto é, com sua Sabedoria, segundo a passagem da Escritura: “Com sabedoria fizeste todas as coisas” (Sl 103,24), insinuando deste modo tratar-se do Verbo unigênito. Mas se é assim que Deus com seu intelecto fez os céus, por que trata somente dos céus, apesar de ter Deus criado tudo com a mesma Sabedoria? Ou só ele foi citado expressamente para se entender implicitamente as demais criaturas, de tal sorte que seja este o sentido: “Que fez os céus com sabedoria, que firmou a terra sobre as águas”, subentendendo-se: “com sabedoria. Ao único que fez os grandes luminares, o sol para presidir o dia e a lua e as estrelas para presidirem a noite”, efetivamente “com sabedoria?” Como, então, fez “sozinho”, se o fez com o intelecto, ou com a inteligência, com a Sabedoria, isto é, com o Verbo unigênito? Ou, seria porque a Trindade não é composta de três deuses, mas é um só Deus, afirma-se que foi o único a fazer, visto que não fez a criação por meio de uma criatura?

7 Mas que sentido tem o versículo: “Que firmou a terra sobre as águas?” É questão obscura, pois a terra parece mais pesada, de sorte que se acredita não serem as águas que a sustentam, antes ela é que sustenta as águas. Não queremos aparentar, contra os que pensam ter descoberto estas coisas por meio de certas razões, defender com contendas as nossas Escrituras. Seja assim, ou seja de outra maneira, temos como entender no momento que a terra, habitada pelos homens e que contém animais terrestres, denominados de outro modo nas Escrituras terra firme, conforme foi escrito: “Apareça a terra firme, e Deus chamou à terra firme de terra” (Gn 1,9.10), foi fir-mada sobre as águas, porque se destaca no meio das águas que a cercam. Não se diz que a cidade do litoral se firma sobre as águas; o mar está abaixo dela mas não como as águas sob as cavernas, ou debaixo dos navios que o sulcam; diz-se que está sobre os mares, porque se eleva acima do mar, em nível inferior. Assim foi dito a respeito do faraó que ele saiu às águas, super aquam (Ex 7,15); assim se encontra no grego, enquanto alguns códices latinos têm: ad aquam, junto das águas. De igual modo, o Senhor sentou-se junto ao poço, super puteum sedebat (cf Jo 4,6). Ambos estavam bem acima do rio e do poço; o faraó estava junto do rio, o Senhor junto do poço.

8 Se, porém, estas palavras: “Deus fez os céus com sabedoria” representam algo que nos toca mais de perto, seus santos espirituais, aos quais concedeu o dom não somente de

crer, mas ainda de entender as coisas divinas de outro lado, os que ainda não podem entender, e somente dão sua adesão por uma fé firmíssima, são figurados pelo nome de terra abaixo dos céus. E como estão firmes por fé inabalável naquilo que receberam no batismo, foi dito: "Que firmou a terra sobre as águas". Além disso, visto que foi dito acerca de nosso Senhor Jesus Cristo que nele estão "escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Cl 2,3), os dois, isto é, a sabedoria e o conhecimento, se distinguem entre si, conforme atesta a Escritura, principalmente na palavra do santo varão Jó, onde cada qual de certo modo é definido: "E disse ao homem: O temer o Senhor, eis a sabedoria; fugir do mal, eis a inteligência" (Jó 28,28), não há inconveniente em entendermos que a sabedoria consiste no conhecimento e amor daquele que sempre existe, e permanece imutavelmente, isto é, Deus. Pois, a expressão: "Eis a sabedoria", o temor do Senhor, diz-se em grego theosébeia; para se expressar totalmente o seu sentido em latim poder-se-ia dizer: culto de Deus. "Fugir do mal", o que ele chama de inteligência, que é senão, no meio de uma geração má e pervertida (cf Fl 2,15), na noite deste mundo, viver cautelosa e prudentemente? Assim, abstendo-se cada qual da iniqüidade, não se confunde nas trevas, separado delas pela luz do próprio dever. Em certa passagem, o Apóstolo querendo mostrar a variedade concorde das graças nos homens de Deus, coloca essas duas qualidades em primeiro lugar: "A um o Espírito dá a mensagem da sabedoria", a meu ver, seria: "O sol para presidir o dia". "A outro, a palavra da ciência, segundo o mesmo Espí-rito", isto é, "a lua". Em seguida, penso que cita de certa maneira as "estrelas" nesses termos: "A outro, o mesmo Espírito dá a fé, a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia, a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro, ainda, o dom de as interpretar" (1Cor 12,8). Nenhum desses dons é desnecessário na noite deste mundo; depois que ela passar, já não serão necessários; portanto, "para presidirem a noite". Disse o salmista: "para presidirem o dia ou a noite", de sorte que brilhassem de dia ou de noite. Entende-se acerca dos dons espirituais, porque o Senhor lhes deu o poder de se tornarem filhos de Deus (cf Jo 1,12). "Que feriu os egípcios com seus primogênitos". Feriu o mundo, com os que são reputados importantes no mundo.

9 11-26 "E tirou Israel do meio deles". Tirou também os santos e fiéis do meio dos maus. "Com mão poderosa e braço estendido". Que há de mais poderoso, mais elevado do que o braço de que foi dito: "E a quem se revelou o braço do Senhor"? (Is 53,1). "Que dividiu o mar Vermelho em duas partes". Divide também quando um só e mesmo batismo para uns é vida, para outros é morte. "E tirou Israel do meio deles". Conduziu igualmente seu povo renovado através do banho da regeneração. "E precipitou o faraó e seu exército no mar Vermelho". Velozmente apagou os pecados e a culpa deles por meio do batismo. "Que conduziu seu povo pelo deserto". Conduze-nos também através da aridez e esterilidade deste mundo, a fim de não perecermos. "Que abateu grandes reis, e exterminou reis poderosos". Abate e extermina igualmente em nosso favor os poderes diabólicos e prejudiciais. "A Seon, rei dos amorreus". Germe inútil ou tentação ardente é o significado de Seon; rei dos provocadores, significado de amor-reus. "E Og, rei de

Basã". Aquele que amontoa, significado de Og, e rei de confusão, sentido de Basã. Que, porém, amontoa o diabo, a não ser confusão? "E deu a terra deles em herança, em herança a Israel, seu servo". Dá também aqueles que eram posse do diabo em herança à descendência de Abraão, que é o Cristo. "Em nossa humilhação lembrou-se de nós. E resgatou-nos de nossos inimigos", pelo sangue de seu Unigênito. "Ele dá alimento a toda carne", isto é, a toda espécie de homens, não apenas israelitas, mas também gentios. Deste alimento se diz: "Pois a minha carne é verdadeira comida" (Jo 6,55). "Confessai ao Deus do céu, porque eterna é a sua misericórdia. Confessai ao Senhor dos senhores, porque eterna é a sua misericórdia". Creio que a expressão: "Deus do céu" é outro modo de dizer o mesmo que acima: "Deus dos deuses". Pois o que lá acrescentou, repetiu também aqui: "Confessai ao Senhor dos senhores". Se bem que existam aqueles que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra — e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores —, para nós, contudo, existe um só Deus; o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos" (1Cor 8,5.6), ao qual nós confessamos, "porque eterna é a sua misericórdia".

SALMO 136

SERMÃO AO POVO

1 1 Julgo que não estais esquecidos de que vos recomendamos, ou antes vos relembramos que todo aquele que foi instruído na santa Igreja deve saber de onde somos cidadãos, onde peregrinamos e que o pecado é a causa de nossa peregrinação; quanto a nossa volta depende da remissão dos pecados e da justificação proveniente da graça de Deus. Ouvistes dizer e estais cientes de que existem duas cidades, por enquanto materialmente interpe-netradas, mas separadas pelo coração e que percorrem uma quantidade de séculos até o fim do mundo. Uma delas tem por fim a paz eterna e se chama Jerusalém. A outra põe sua alegria na paz temporal e se chama Babilônia. Se não me engano, guardais na memória o sentido desses nomes: Jerusalém se traduz por visão de paz; e Babilônia, por confusão. Jerusalém era mantida cativa em Babilônia, mas não em sua totalidade, pois os anjos são também seus cidadãos. Mas no que toca aos homens, predestinados à glória de Deus, futuramente pela adoção co-herdeiros de Cristo, tendo sido redimidos deste cativeiro por seu sangue, constituem uma partícula desta cidade de Jerusalém, cativa em Babilônia devido ao pecado, mas que começa a sair primeiro pelo coração através da confissão de sua iniqüidade e da caridade da justiça, e em seguida, no fim do mundo há de ser separada também naturalmente. Nós o relembramos naquele salmo, que comentamos em primeiro lugar aqui, com V. Dileção; ele assim principia: "A ti, ó Deus, convém um hino em Sião; diante de ti cumprir-se-ão os votos em Jerusalém" (Sl 64,2). Hoje, porém, cantamos: "Às margens dos rios de Babilônia nos assentamos a chorar, ao nos lembrarmos de Sião". Vede que no outro salmo foi dito: "A ti, ó Deus, convém um hino em Sião", e neste: "Às margens dos rios de Babilônia nos assentamos, ao nos lembrarmos de Sião", aquela Sião, onde convém cantar um hino a Deus.

2 Quais são, então, os rios de Babilônia e que significa nos assentarmos a chorar, à lembrança de Sião? No entanto, se somos cidadãos de Sião, não somente cantamos estas palavras, mas as realizamos. Se somos cidadãos de Jerusalém, isto é, de Sião, e nesta vida, na confusão deste mundo, nesta Babilônia onde não moramos como cidadãos, mas somos detidos como cativos, importa não apenas que cantemos estas palavras, mas o façamos com piedoso afeto e religioso desejo da cidade eterna. Possui igualmente esta cidade de Babilônia seus adeptos que buscam a paz temporal sem mais nada esperar, e fixam e limitam nela toda a sua alegria. Vemos que eles trabalham intensamente em prol da república terrena. Mas, também os que nela vivem com fidelidade, se não ambicionam viver com orgulho, com soberba perecível e odiosa jactância, e, ao invés, manifestam uma fé verdadeira, quanto possível, enquanto possível, e a quem a podem mostrar, no tocante às coisas terrenas e na medida em que entendem a beleza da sua cidade, Deus não os deixa perecer em Babilônia, pois os predestinou a serem cidadãos de

Jerusalém. Deus vê o cativeiro deles e mostra-lhes outra cidade, pela qual devem verdadeiramente suspirar, em prol da qual devem-se empenhar totalmente, devendo exortar a alcançá-la todos os seus concidadãos, peregrinos como eles, o quanto lhes for possível. Por isso diz nosso Senhor Jesus Cristo: "Quem é fiel nas coisas mínimas, é fiel também no muito". E ainda: "Se não fostes fiéis em relação ao bem alheio, quem vos dará o vosso"? (Lc 16,10.12).

3 No entanto, caríssimos, anotai o que são rios de Babi-lônia. Rios de Babilônia são todos os bens amados nesta terra que são passageiros. Alguém, por exemplo, gosta de se dar à agricultura, enriquecer por meio dela, ocupar neste serviço o espírito, ter prazer nisto; observe o final, e veja que não amou os alicerces de Jerusalém, e sim um rio de Babilônia. Outro diz: Servir na milícia é coisa importante; todos os agricultores têm medo dos soldados, respeitam-nos, tremem diante deles; se me fizer agricultor terei medo do soldado; se me tornar soldado, incutirei medo no agricultor. Louco, tu te precipitaste em outro rio de Babilônia, muito mais agitado e veloz. Queres ser temido por um subordinado; teme o superior. De repente, o inferior pode se tornar superior a ti, ele que te teme; mas aquele a quem deves temer jamais se tornará menor. Outro declara: Ser advogado é muito importante. A eloqüência é poderosíssima. Dependem de sua fala de patro-no eloqüente os clientes, que de sua boca esperam prejuízos ou lucros, morte ou vida, perdição ou salvação. Não sabes onde te metes. É outro rio de Babilônia, que faz muito barulho e com estrépito bate nos rochedos. Observa que ele corre, nota que é fluído; e se notas que decorre e flui, acautela-te porque arrasta. Outro afirma: Navegar e negociar é grande coisa; conhecer muitas províncias, obter lucros, não estar sujeito numa cidade a um potentado, peregrinar sempre, nutrir o espírito com a diversidade do comércio e dos povos e voltar para casa rico com o aumento de seus lucros. Também isto é um rio de Babilônia. Quando ficarão estáveis os teus lucros? Ao presumires deles, quando estarás seguro acerca do que adquiriste? Quanto mais rico fores, mais tímido te tornarás. Sais inteiramente despojado de um só naufrágio, e com razão hás de chorar dentro de um rio de Babilônia, porque não quiseste te assentar a chorar às margens dos rios de Babilônia.

4 Por este motivo, outros cidadãos da Jerusalém santa, compreendendo qual o seu cativeiro, consideram os anelos humanos e as diversas cobiças dos homens que os arrastam de cá para lá, carregam-nos, levando-os até o mar; verificam isto e não entram nos rios de Babilônia, mas assentam-se às suas margens e choram junto dos rios de Babilônia, aqueles que são arrastados, ou a si mesmos que mereceram estar em Babilônia; assentados, contudo, isto é, humilhados. Por conseguinte, "Às margens dos rios de Babilônia nos assentamos a chorar, ao nos lebrarmos de Sião". Ó santa Sião, onde tudo está firme e nada flui! quem nos precipitou nestes rios? Por que abandonamos teu Fundador e tua sociedade? Eis que no meio destas águas que correm e fluem, mal um ou outro, arrastado pelo rio, poderá escapar, agarrado a uma tábua. Humilhados, portanto, em nosso cativeiro, assentemo-nos às margens dos rios de Babilônia, sem ousarmos lançar-nos nas águas daqueles rios; nem ousemos nos males e tristezas de

nosso cativeiro levantarmos com soberba, mas assentemos e choremos. Assentemos às margens (super) dos rios de Babilônia, não abaixo (infra) dos rios de Babilônia: nossa humildade seja tal que não nos afogue. Assenta-te às margens do rio, e não dentro do rio ou abaixo dele; assenta-te; porém, humildemente e fala, mas não como se estivesses em Jerusalém. Pois, lá estarás de pé. Outro salmo, referindo-se à própria esperança, canta essas palavras: “Detiveram-se os nossos pés em teus átrios, ó Jerusalém” (Sl 121,2). Lá te erguerás, se aqui te humilhares arrependendo-te e confessando. Por isso, nos átrios de Jerusalém “detiveram-se os nossos pés, enquanto às margens dos rios de Babilônia nos assentamos a chorar, ao lembrarmos de Sião”. Convém que chores ali, recordando-te de Sião.

5 Com efeito, existem muitos que choram lágrimas de Babilônia, porque também se entregam às alegrias de Babilônia. Chorar pelos prejuízos, alegrar-se com os lucros, são ações próprias de quem vive em Babilônia. Deves chorar, mas ao te recordares de Sião. Se choras ao te recordares de Sião, mesmo quando em Babilônia tudo corre bem para ti, convém que chores. Por esta razão acha-se em determinado salmo: “Encontrei a tribulação e a dor e invoquei o nome do Senhor”. Por que emprega a expressão: “Encontrei?” Não sei como, parece que procurou a tribulação, encontrou-a como se algo procurasse. E quando a achou, que lucro tirou dela? Invocou o nome do Senhor. Há enorme diferença entre encontrares a tribulação e seres encontrado por ela. Diz o salmista em outro versí-culo: “Dores de inferno me cercaram” (Sl 17,6). Que será: “Dores de inferno me cercaram?” E: “Encontrei a tribulação e a dor”? (Sl 114,4). Quando de repente a tristeza te invade, devido a perturbações em fatos mundanos que te deleitavam, quando de repente encontras tristeza por te acontecer o que não esperavas te pudesse entristecer, e no entanto te entristeces, cercam-te dores de inferno. Pois, pensavas que estavas no alto, entretanto, estavas bem em baixo, e ao te cercar a dor de inferno, descobres que estavas bem embaixo, apesar de te julgares por cima de tudo isso. A dor te atingiu gravemente, a tristeza por algum mal acerca do qual presumias que uma tristeza não te afetaria; cercou-te dor de inferno. Quando, porém, tudo corre bem para ti, sorrie-te a prosperidade neste mundo, nenhum dos teus morreu, em tua vinha talvez nada secou ou sofreu pelo granizo, ou mostrou-se estéril, não fermentou tua cuba, teu rebanho não sofreu aborto, não perdeste um posto honroso neste mundo, teus amigos vivem e conservam-te amizade, não te faltam clientes, os filhos te respeitam, os servos te temem, tua esposa é cordata, diz-se que a casa é feliz; procura encontrar ali a tribulação, se é possível, a fim de que, após encontrá-la, invoques o nome do Senhor. Parece que a palavra divina ensina algo de errado quando ordena chorar na alegria, e alegrar-se na tristeza. Escuta como se alegra alguém que está na tristeza: “Nós nos gloriamos também nas tribulações” (Rm 5,3). Vê se encontrou a tribulação quem chora na alegria. Cada qual examine sua própria felicidade, que fez sua alma exultar, encher-se de certo modo de gáudio, exaltar-se, dizendo: Sou feliz. Examine se aquela felicidade não é transitória, se pode estar certo de que há de permanecer eternamente. Se não está certo e vê que é fluido o objeto de sua alegria, saiba que é um rio de Babilônia. Assente-se às suas margens e chore. Ora, hás de assentar-te a chorar, se lembrar de Sião. Ó paz, que

veremos junto de Deus! Ó santa igualdade com os anjos! Ó bela visão e lindo espectáculo! Eis que em Babilônia são belas as coisas que nos prendem; não prendam, não iludam. Uma coisa é o alívio dos cativos, e outra a alegria dos libertos. “Às margens dos rios de Babilônia assentamos a chorar, ao nos lembrarmos de Sião”.

6 “Nos salgueiros que havia no meio dela penduramos nossos instrumentos musicais”. Os cidadãos de Jerusalém têm seus instrumentos: as Escrituras divinas, os preceitos de Deus, as promessas de Deus, a meditação do século futuro; mas enquanto vivem no meio de Babilônia, suspendem seus instrumentos nos salgueiros. Salgueiros são árvores infrutíferas. Conforme aparecem aqui não podem representar coisa boa; talvez em outro lugar possam. Agora, então, entendei que se trata de árvores estéreis, que nascem às margens dos rios de Babilônia. São irrigadas pelos rios de Babilônia e não produzem fruto algum. Como existem homens cúpidos, avaros, estéreis em boas obras, assim também os cidadãos de Babilônia, árvores desta região, alimentam-se de prazeres caducos, irrigados pelos rios de Babilônia. Quem procurar neles algum fruto, não encontrará de forma alguma. Quando temos de suportar alguns destes, convivemos com habitantes de Babilônia, de seu meio. Há grande diferença entre o meio de Babilônia e o exterior. Aqueles que não estão no meio dela não estão muito sufocados com a concupiscência do mundo e seus prazeres. Para falar mais clara e resumidamente, aqueles que são muito ruins estão no meio de Babilônia e são árvores estéreis como os salgueiros de Babilônia. Quando os vemos, e descobrimos que são tão estéreis, de tal modo que pareça difícil encontrar neles algo que possibilite levá-los à fé verdadeira, ou às boas obras, ou à esperança do século futuro, ou ao anelo de libertarem-se do cativeiro da mortalidade, temos palavras da Escritura para lhes repetir; mas como não encontramos neles um ponto de apoio para começar, desviamos deles o rosto e dizemos: Estes ainda não degustam, não captam; seja o que for que lhes dissermos, considerarão do lado contrário e adverso. Por isso, desistindo no momento de falar-lhes das Escrituras, penduramos nossos instrumentos nos salgueiros; pois não os julgamos dignos de carregarem nossos instrumentos. Não os forçamos a ter nas mãos os nossos instrumentos, mas os penduramos, adiando a entrega. Pois, são salgueiros, árvores infrutíferas de Babilônia, alimentados de prazeres temporários, quais rios de Babilônia.

7 3 E examinai se não é assim que prossegue o salmo: “Nos salgueiros que havia no meio dela penduramos nossos instrumentos musicais. E ali os que nos levaram cativos pediram-nos canções, e os que para lá nos arrastaram, um hino” (subentenda-se: “pediram-nos”). Pediram-nos canções e um hino os que nos levaram cativos. Quais são, irmãos, os que nos levaram cativos? Quais os que percebemos outrora como nossos capturadores? A Jerusalém terrena, de fato, foi capturada pelos babilônios, per-sas, caldeus, e habitantes daquelas regiões; mas poste-riormente, não quando estes salmos eram cantados. Mas já dissemos a V. Caridade que todos os eventos que advie-ram segundo a letra àquela cidade eram figuras dos nossos; e é fácil demostrar que somos cativos. Com efeito, ainda não respiramos as auras de nossa liberdade; pois não fruímos da pureza da verdade, nem daquela sabedoria que sem mudar, tudo renova (cf Sb 7,27).

Somos tentados pelos atrativos dos bens temporais, e lutamos cotidianamente com as sugestões dos prazeres ilícitos; mal respiramos na oração e compreendemos que somos cativos. Mas quem foi que nos levou cativos? Que homens? Que povo? Que rei? Se fomos remidos é porque éramos cativos. Quem nos redimiu? Cristo. Das mãos de quem? Do diabo. O diabo, portanto, e seus anjos nos levaram cativos; mas só podiam levar os que consentissem. Fomos conduzidos como cativos. Disse quais os nossos capturadores. São eles também os ladrões que feriram o viajante que descia de Jerusalém a Jericó, e que eles deixaram semi-morto (cf Lc 10,30). Este nosso guarda, isto é, nosso samaritano (pois samaritano quer dizer: guarda), ao qual os judeus replicaram: "Não dizíamos, com razão, que és samaritano e tens um demônio?" rejeitou uma das duas objeções e a outra aceitou. Respondeu: "Eu não tenho demônio" (Jo 8,48). Ele, porém, não disse: Não sou sama-ritano. Efetivamente, se aquele samaritano não nos guardar, perecemos. O samaritano, pois, ao passar viu o homem ferido, machucado, abandonado pelos ladrões, e como sabeis, o apanhou. Às vezes damos o nome de ladrões aos que nos inflingem as chagas dos pecados; se consentimos em nosso cativeiro, eles são nossos seqüestradores.

8 Quando é, então, que estes, o diabo e seus anjos, "nos levaram cativos e pediram-nos canções?" Como entender isso? Ao nos pedirem canções alguns homens nos quais o diabo trabalha, devemos entender que nos pede aquele que neles age. Diz o Apóstolo: "Vós estáveis mortos em vossos delitos e pecados. Neles vivíeis outrora, conforme a índole deste mundo, conforme o Príncipe do poder do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência. Com eles, nós também andávamos outrora" (Ef 2,1-3). O Apóstolo mostra que, resgatado de Babilônia, já começara a sair de lá. Todavia, o que diz ainda? Que temos inimigos a combater. E tendo em vista que não nos encolerizemos contra homens que nos persigam, desvia nossa atenção do ódio a homens, e orienta nossa luta contra certos espíritos invisíveis que temos a combater. Declara, de fato: "O nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne", isto é, não se trata, de combater homens que vedes, e dos quais julgais sofrer, porque vos perseguem; pois para estes recebemos ordem de rezar. "O nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, as Potestades, contra os dominadores deste mundo de trevas" (Ef 6,12). Quem é que ele chama de mundo? Aqueles que amam o mundo. Denominou-os também de trevas, quer dizer, os iníquos, os celerados, os infiéis, os pecadores. Com estes, transformados em fiéis, ele se congratula deste modo: "Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor" (Ef 5,8). Portanto, estabelece que havemos de lutar com aqueles príncipes; foram eles que nos levaram cativos.

9 Como, porém, o diabo entrou no coração de Judas, para que traísse o Senhor (Jo 13,27) e não entraria, se ele não o permitisse, assim muitos malvados do meio de Babilônia, que através de desejos carnais e ilícitos dão entrada ao diabo e a seus anjos em seus corações, para que neles operem, por vezes nos interrogam com estas palavras: Apresentai-nos as razões. Os pagãos muitas vezes nos dizem: Apresentai-nos as razões da vinda de Cristo e de que serviu Cristo ao gênero humano? Desde que Cristo veio, tudo não piorou entre as coisas humanas, em comparação do que era antes, e não

sucediam coisas melhores aos homens do que agora? Digam-nos os cristãos que bens nos trouxe o Cristo? Por que consideram os homens mais felizes as condições humanas, desde que Cristo veio? Pois, vedes, se os teatros e anfiteatros e os ricos permanecessem incólumes, se nada caísse em Babilônia, se houvesse fartura de prazeres para os homens que cantam e dançam com canções torpes, se a paixão dos desonestos e meretrizes tivessem tranqüilidade e segurança, se não receassem a fome para sua casa os que gritam para que os pantomimos ganhem vestes; se tudo isso decorresse sem mancha, sem perturbação, e houvesse a maior garantia para futilidades, os tempos seriam felizes, e Cristo teria trazido grande felicidade às coisas humanas. Mas, como as iniqüidades são atacadas, a fim de que tendo sido extirpada a cupidez se plante a caridade de Jerusalém; uma vez que se misturam amarguras à vida temporal a fim de se desejar a eterna; visto que os homens são educados por meio de castigos, para que recebendo o ensinamento paterno não sejam sujeitos a uma sentença judiciária, Cristo nada trouxe de bom, Cristo trouxe apenas labuta. E começas a explicar a este homem quantos bens o Cristo fez e ele não entende. Apresenta-lhes aqueles que praticam o que acabastes de ouvir do evangelho, que vendem seus bens e os distribuem aos pobres a fim de terem um tesouro no céu e sigam o Senhor (cf Mt 19,12). Dizes-lhes: Eis o que Cristo nos trouxe. Quantos assim agem, distribuem seus bens aos necessitados, e tornam-se pobres, não por necessidade, mas voluntariamente, seguindo a Deus e esperando o reino dos céus! Zombam deles como se fossem loucos. Replicam: E são estes os bens que Cristo trouxe, que o homem perca o que é seu, e dando aos pobres se faça pobre? Que farás então? Não entendes quais são os bens de Cristo. Pois, outro tomou posse de ti, o adversário de Cristo, a quem deste lugar em teu coração. Olhas para os tempos passados, e te parecem mais felizes os tempos precedentes. Eram como azeitonas pendentes da árvore, embaladas pelos ventos, gozando de certa aura de liberdade, segundo um desejo vago. Veio o tempo de se meterem as azeitonas no lagar. Não deviam ficar sempre na árvore. Chegou o fim do ano. Não é sem razão que alguns salmos se intitulam: “Por causa dos lagares” (cf Sl 8;80.83). Na árvore, a liberdade; no lagar a compressão. Podes notar que ao serem os bens humanos esmagados e oprimidos, cresce a avareza; mas observa também que aumenta a continência. Por que és tão cego que vês a borra a correr pelas ruas e não vês o óleo nas vasilhas? Mas, existe uma causa para isso. Os que vivem mal, são publicamente conhecidos; ao contrário, os que se convertem a Deus, e se purificam das manchas dos maus desejos, ficam ocultos, porque num mesmo lugar, ou antes do mesmo lagar, o resíduo corre abertamente, mas o óleo ocultamente destila.

10 Aclamastes, demonstrastes vossa alegria diante dessas palavras; isto porque já podeis assentar às margens dos rios de Babilônia e chorar. Aqueles, porém, que nos levaram cativos, quando entram nos corações dos homens, interrogam-nos por meio das bocas dos que eles possuem nesses termos: “Entoai-nos canções”; apresentai-nos as razões da vinda de Cristo, explicai como é a outra vida. Quero crer; expõe-me o motivo por que me mandas crer. Respondo-lhes: Ó homem, como não queres que te mande acreditar? Estás cheio de maus desejos; se descrevo os bens de Jerusalém, não captas; esvazia-te do que te enche para poderes te encher do que não tens. Por conseguinte, não é fácil

explicar-lhe alguma coisa; é um salgueiro, árvore estéril; não toques teu instrumento, pendura-o. Mas, ele há de replicar: Dize-me, canta-me, expõe-me as razões. Não queres que eu aprenda? Retruco: não ouves de boa vontade, não bates de tal modo que mereças que eu te abra. Enche-te aquele que me levou cativo; é ele quem me interroga por meio de ti. Ele é astuto, procura falsamente; não busca aprender, mas quer descobrir o que censurar. Por isso, não falo, suspendo meu instrumento.

11 4 Ora, o que ele dirá ainda? "Cantai-nos canções, can-tai-nos um hino, entoai-nos alguns dos cânticos de Sião". Que responderemos? Babilônia te carrega, Babilônia te con-tém, Babilônia te nutre, Babilônia fala por ti; só apreendes o que brilha temporariamente, não sabes, meditar nas coisas eternas, não captas o que interrogas. "Como cantaremos o cântico do Senhor em terra estranha?" Na verdade, irmãos, assim é. Começai a pregar a verdade que conheceis, por limitada que seja, e vereis como tereis de suportar os zombeteiros, os fiscais da verdade, cheios de falsidade. Respondei-lhes, ao vos exigirem a expressão da verdade que não podem apreender, e dizei-lhes cheios de confiança em vossos cânticos sagrados: "Como cantaremos o cântico do Senhor, em terra estranha?"

12 5 Mas cuida, povo de Deus, corpo de Cristo, generosa peregrinação (não és da terra, és de outra parte), como conviver com eles. Não aconteça que ao te dizerem eles: "Cantai-nos canções, cantai-nos um hino, entoai-nos alguns dos cânticos de Sião", fingindo amá-los e desejando sua amizade, receando desagradar-lhes, comeces a te deleitar em Babilônia e te esqueça de Jerusalém. Para evitá-lo, verifica o que o salmista acrescenta, vê como continua. Este cantor sofreu (e nós somos este homem, se o quisermos), sofreu de todas as partes, dos que faziam tais interrogações, dos aduladores com lisonjas, dos censores mordazes, dos que elogiavam com falsidade, dos que exigiam respostas que não compreendem, dos que não querem expelir aquele que ocupou seu interior; e no meio desta turba, o salmista periclitante, elevou o espírito à lembrança de Sião e obrigou-se por uma espécie de juramento, nestes termos: "Se eu te esquecer, Jerusalém", cercado embora das palavras dos que o levaram cativo, das pa-lavras dos mentirosos, das palavras dos que interrogavam com má intenção, que perguntavam sem ter o desejo de aprender.

13 Eis de onde era aquele rico que interrogou o Senhor: "Bom Mestre, que farei para ter a vida eterna?" Ao perguntar sobre a vida eterna, não estava pedindo um cântico de Sião? "Guarda os mandamentos", disse-lhe o Senhor. E ele com vaidade, tendo ouvido isso, respondeu: "Tudo isso tenho guardado", desde a minha juventude. O Senhor lhe replicou com um dos cânticos de Sião, mas sabia que ele não entenderia; contudo, deu-nos o exemplo para sabermos que muitos hão de parecer procurar um conselho sobre a vida eterna, e nos louvarão até que respondamos o que interrogam. Deu-nos um modelo de como havemos de dizer por vezes a tais homens: "Como cantaremos o cântico do Senhor em terra estranha?" Pois, disse o Senhor: "Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me" (Mt 19,16-26). Em primeiro lugar, se quiser aprender um cânticos dos cânticos de Sião, retire

os impedimentos, ande livremente, sem peso algum que o onere: e então aprenda algo dos cânticos de Sião. Ele, porém, saiu pesaroso. Digamos atrás dele: "Como cantaremos o cântico do Senhor em terra estranha?" O moço, de fato, afastou-se; entretanto o Senhor deu uma es-perança aos ricos. Pois, os discípulos contristados lhe disseram: "Quem poderá então salvar-se?" Jesus lhe respondeu: "Ao homem isso é impossível, mas a Deus tudo é possível" (Mt 19,16-26). Ora, os ricos têm também uma modalidade própria, e receberam um cântico de Sião, a respeito do qual disse o Apóstolo: "Aos ricos deste mundo, exorta-os que não sejam orgulhosos, nem coloquem sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que provê tudo com abundância, para que nos alegremos. Acrescentando o que devem fazer, toca seu instrumento, não o pendura: "Que eles se enriqueçam com boas obras, sejam pródigos, capazes de partilhar. Estão assim acumulando para si mesmos um belo tesouro para o futuro, a fim de obterem a verdadeira vida" (1Tm 6,17-19). O primeiro dos cânticos de Sião entregue aos ricos é o seguinte: "Não sejam orgulhosos". As riquezas ensoberbecem; e os que se ensoberbecem, são arrastados por aqueles rios. Que, então, lhes é preceituado? Antes de tudo "que não sejam orgulhosos". Precavenham-se do que costumam trazer as riquezas; acautelem-se os ricos da soberba. Este o maior mal que as riquezas acarretam aos homens incautos. O ouro, que Deus criou, não é mau; mau é o homem avaro, que abandona o Criador e se volta para a criatura. Por isso, o salmo o previne a não ser soberbo, e assentar-se às margens dos rios de Babilônia. Foi-lhe ordenado: "Não seja orgulhoso"; portanto, sente-se. Se esperar na instabilidade das riquezas, é arrastado pelo rio de Babilônia. Nem "ponham a esperança na instabilidade da riqueza"; portanto, sente às margens dos rios de Babilônia. Se, na verdade, humilhar-se, não se orgulhar, não esperar na instabilidade da riqueza, senta-se às margens dos rios, suspira pela Jerusalém eterna, lembrado de Sião. E pede lhe seja dado alcançar Sião. Eis o cântico que foi dado aos ricos dentre os cânticos de Sião. Operem, toquem seu instrumento, não fiquem inertes, ao encontrarem alguém que lhes diga: Que estás fazendo? Perdes teus bens, dando tão largamente; acumula para teus filhos. Ao verificarem que não entendem, e que são salgueiros, não lhes digam facilmente por que assim agem, e o que fazem; pendurem os seus instrumentos nos salgueiros de Babilônia. Apesar dos salgueiros, porém, cantem, não parem, trabalhem. Pois, não perdem aquilo que dão. Se dão a um escravo para guardar, estaria seguro; se entregam a Cristo, se perde?

14 Ouvistes o cântico dos ricos, dentre os cânticos de Sião; escutai igualmente o cântico dos pobres. É Paulo quem fala: "Nós nada trouxemos para o mundo, nem coisa alguma dele podemos levar. Se, pois temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso. Ora, os que querem se enriquecer caem em tentação, e em muitos desejos insensatos e perniciosos, que mergulham os homens na ruína e na perdição". São rios de Babilônia. "Porque a raiz de todos os males é o amor do dinheiro, por cujo desenfreado desejo alguns se afastaram da fé, e a si mesmos se afligem com múltiplos tormentos". Então, estes cânticos são contrários entre si? Não são contrários. Vede o que ele diz aos ricos: "Não sejam orgulhosos, nem ponham sua esperança na instabilidade da riqueza" (1Tm 6,7-18), mas que façam o bem, sejam capazes de partilhar, acumulando para si mesmos

um belo tesouro para o futuro. Que foi dito aos pobres? “Os que querem se enriquecer, caem em tentação”. Paulo não disse: Os que são ricos, mas: “Os que querem se enriquecer”. Se já fossem ricos, ouviriam outro cântico: o rico ouve que deve dar e o pobre ouve que não ambicione.

15 Mas enquanto conviverdes com os que não captam o cântico de Sião, conforme disse, pendurai vossos instrumentos musicais nos salgueiros que há ali; adiai o que haveríeis de dizer. Se as árvores começarem a dar frutos, se as árvores se transformarem e prometerem dar bons frutos, então já nos será lícito cantar para que ouçam. Mas, enquanto viveis no meio dos que ocasionam tumultos, que interrogam com más intenções, que resistem à verdade, contende-vos para não terdes vontade de lhes agradar, a fim de não vos esquecerdes de Jerusalém. Diga vossa alma, uma só, pois se tornou somente uma de muitas que era, por causa da paz de Cristo, diga a Jerusalém ainda cava, que vive na terra: “Se eu te esquecer, Jerusalém, esqueça-me a minha direita”. Obriga-se com toda a veemência, meus irmãos: Esqueça-me a minha direita”. Ligou-se de maneira atroz. Nossa direita é a vida eterna, nossa esquerda é a vida temporal. Tudo o que fazes por causa da vida eterna é a direita que opera. Se ao amor à vida eterna mesclares em tuas obras a concupiscência da vida temporal, ou do louvor humano, ou de qualquer vantagem mundana, tua esquerda conheceu o que fez a tua direita. Sabeis que há no evangelho este preceito: “Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita” (Mt 6,3). “Se eu te esquecer, Jerusalém, esqueça-me a minha direita”. E, na verdade, assim aconteceu: ele prenunciou, não imprecou. Àqueles que se esquecem de Jerusalém, acontece o que o salmista disse. Sua direita os esquece, pois a vida eterna permanece em si, mas eles ficam no meio dos deleites temporais e transformam em direita para si o que propriamente é esquerda.

16 Atenção, meus irmãos. A propósito de direita, para a salvação de todos, insinuarei, na medida em que o Senhor o permitir, o seguinte. Talvez vos lembreis de que já tratei certa vez dos que consideram direita aquilo que é, de fato, esquerda, isto é, que têm maior consideração pelos bens temporais, e neles põem sua felicidade, ignorando qual a verdadeira felicidade, a genuína direita[1]. A Escritura os denomina filhos estranhos, não sendo cidadãos de Jerusalém e sim de Babilônia; a eles se refere certa passagem de um salmo: “Livra-me, Senhor, das mãos dos filhos dos estranhos, cuja boca falou o que é vão; sua direita é direita iníqua”. E prossegue: “Seus filhos são sarmentos novos: suas filhas estão cobertas de ornatos à semelhança de um templo. Seus celeiros estão atulhados, transbordantes de toda espécie de frutos. Suas ovelhas são fecundas e multiplicam-se em seus partos. Seus bois são cevados. Não há brechas nas sebes, nem clamor em suas praças” (Sl 143,7-15). Acaso seria pecar, possuir tal felicidade? Não. Mas seria pecado fazer disso a direita, pois de fato é esquerda. Por isso, em seguida o que diz o salmo? “Eles denominam feliz quem goza destes bens”. Eis como falaram o que é vão, porque disseram que é feliz o povo que goza destes bens. Tu, porém, és cidadão de Jerusalém. Não te esqueces de Jerusalém, para que não te esqueça a tua destra. Visto que aqueles que falaram o que é vão denominaram feliz quem goza destes

bens, canta-me tu um cântico de Sião. “Feliz é o povo”, diz o salmo, “que tem o Senhor por seu Deus”. Interrogai vossos corações, irmãos, se desejais os bens de Deus, se suspirais por aquela cidade de Jerusalém, se anelais pela vida eterna. Toda a felicidade terrena considerai-a como esquerda; a outra é a direita que sempre tereis; e se tiverdes a esquerda, não presumais por causa dela. Não corriges aquele que quiser comer com a mão esquerda? Se consideras uma ofensa que um conviva coma com a esquerda; como não se injurias à mesa de Deus, se transformardes a direita em esquerda e a esquerda em direita? E então? “Se eu te esquecer, Jerusalém, esqueça-me a minha direita”.

17 6 “A minha língua fique pegada ao paladar, se me não lembrar de ti”. Isto é, fique mudo se não me lembrar de ti. Para que falar, para que cantar, se não se canta um cântico de Sião? Nossa língua é o cântico de Jerusalém. O cântico de amor deste mundo é uma língua estrangeira, uma língua bárbara, que aprendemos no cativeiro. Em conseqüência serás mudo diante de Deus, se te esqueceres de Jerusalém. E é pouco lembrar-se apenas; pois também os inimigos se lembraram, querendo destruí-la. Que cidade é esta, dizem? Quem são os cristãos? E como são os cristãos? Oh! se não existissem os cristãos! A multidão dos cativos já venceu os dominadores que os mantinham cativos, e no entanto eles murmuram, e se encolerizam, e querem matar a cidade santa peregrina que está no meio deles, como o faraó quis matar o povo israelita, quando assassinava os meninos e deixava vivas as meninas; afogava as virtudes, nutria as concupiscências. Por conseguinte, não basta lembrar-se; vê como se há de lembrar. Recordamo-nos de certas coisas com ódio, de outras com amor. Tendo dito o salmista: “Se eu te esquecer, Jerusalém, esqueça-me a minha direita. A minha língua fique pegada ao paladar, se me não lembrar de ti”, imediatamente prossegue: “Se não puser Jerusalém acima de todas as minhas alegrias”. A alegria suprema se encontra lá onde fruiremos de Deus, onde estaremos seguros das adesões fraternas e da sociedade de nossos concidadãos. Ali nenhum tentador nos atingirá, nem mesmo poderá insinuar algum atrativo mau, nada debitará ali senão o bem. Eliminar-se-á toda necessidade, e brotará felicidade extrema. “Se não puser Jerusalém acima de todas as minhas alegrias”.

18 7 E o Senhor se voltará contra os inimigos desta cidade: “Lembra-te, Senhor, do dia de Jerusalém, contra os filhos de Edom”. Edom é sinônimo de Esaú. Ouvistes isso quando se lia a epístola do Apóstolo: “Amei Jacó e aborreci Esaú”. Eram dois filhos no mesmo seio, gêmeos; no seio de Rebeca, filhos de Isaac netos de Abraão. Nasceram ambos: um para receber a herança, outro para ser deserdado. Esaú se tornou inimigo de seu irmão, porque o filho mais novo precedeu-o, ao receber a bênção; e realizou-se a palavra: “O maior servirá ao menor” (Rm 9,10,13; Gn 25,23). Agora entendemos quem é o maior, quem o menor, qual o maior que servirá ao menor. Maior parecia ser o povo judaico, menor no tempo o povo cristão. E vede como o maior serve o menor. Eles carregam nossos códices; e nós vivemos de seus códices. Mas para entenderdes, irmãos, como se aplica a palavra geralmente a todos, quanto a maior e menor, maior se chama o homem carnal, e menor se denomina o homem espiritual; porque primeiro vem o carnal e depois o espiritual. Encontras como o Apóstolo o diz abertamente: “O primeiro

homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu, é celeste. Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste" (1Cor 15,46-49). Dissera mais acima: "Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é animal; o que é espiritual, vem depois". Chama de animal aquele que ele demonstrou ser carnal. O homem, ao nascer, começa por ser animal, começa por ser carnal. Mas se ele se converte do cativeiro de Babilônia, de volta a Jerusalém, ele se renova, e esta renovação se processa segundo o homem novo e interior; e torna-se o filho menor pelo tempo, maior pelo poder. Portanto, Esaú representa todos os homens carnais, e Jacó, os espirituais: os menores são eleitos, os maiores reprovados. Quer um desses ser escolhido também? Torne-se menor. Edom é nome derivado de certo alimento vermelho, lentilhas, isto é, uma comida rosada. A lentilha estava bem cozida, temperada; Esaú desejou-a, pediu a seu irmão Jacó, e cedeu-lhe o direito de primogenitura, vencido pelo desejo de comer daquela lentilha. Jacó cedeu o alimento aprazível, e tomou para si a honrosa dignidade. Assim de certo modo fizeram um pacto entre si, de sorte que Jacó ficasse sendo o maior, e Esaú o menor, e assim o maior servisse o menor. E foi denominado Edom. Conforme os que conhecem aquela língua, Edom significa sangue: mesmo na língua púnica Edom significa sangue (cf Gn 25,29-34; 27,36.37). Não vos admireis. Ao sangue se referem todos os homens carnais. "A carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus" (1Cor 15,50). A ele não pertence Edom; pertence Jacó, que se privou do alimento carnal, e assumiu a honra espiritual. Edom, porém, se tornou seu inimigo. Todos os carnais são inimigos dos espirituais; todos desses que ambicionam os bens presentes perseguem aqueles que se ocupam dos eternos. Contra eles, como se exprime o salmista, olhando para Jerusalém, e pedindo a Deus libertá-lo do cativeiro? "Lembra-te, Senhor, contra os filhos de Edom". Livra-nos dos homens carnais, daqueles que imitam a Edom, que são irmãos mais velhos, mas inimigos. Nasceram antes, mas os que nasceram depois venceram-nos quanto à primogenitura, porque a concupiscência carnal os derrubou, enquanto o desprezo da concupiscência elevou a estes. Vivem, invejam, perseguem.

19 "Lembra-te, Senhor, do dia de Jerusalém, contra os filhos de Edom". Dia de Jerusalém, em que labutou, em que foi aprisionada; ou aquele dia de felicidade para Jerusalém, no qual é libertada, em que chega ao fim, em que é associada à eternidade? "Lembra-te, Senhor", não te esqueças, dos "filhos de Edom". De quais? "Que diziam: Arrasai-a, arrasai-a até os alicerces". Em conseqüência, lembra-te desse dia em que eles queriam destruir Jerusalém. Pois, quantas perseguições não sofreu a Igreja! Diziam os filhos de Edom, isto é, os homens carnais, súditos do diabo e de seus anjos, adoradores de pedras e madeira, seguidores das concupiscências carnais: Extingui os cristãos, abaixo os cristãos, não fique um sequer! Isso não foi dito? E apesar de o dizerem, os perseguidores foram reprovados e os mártires, coroados. "Que diziam: Arrasai-a, arrasai-a até os alicerces". Os filhos de Edom dizem: "Arrasai-a, arrasai-a", e Deus diz: Servi. Quais as palavras que prevalecem, senão as de Deus: "O maior servirá o menor? Arrasai-a, arrasai-a até os alicerces".

20 8 E o salmista se volta para esta: “Desgraçada filha de Babilônia”. Infeliz em tua própria alegria, em tua presunção, e por tuas inimizades: “Desgraçada filha de Babilônia”. A mesma cidade se chama Babilônia e filha de Babilônia, como se diz Jerusalém e filha de Jerusalém, Sião e filha de Sião; segundo este costume se fala em Igreja e filha da Igreja. Tendo em vista a sucessão denomina-se filha, e por causa da precedência tem o nome de mãe. Primeiro existiu uma Babilônia; seu povo permaneceu nela? Pela sucessão, Babilônia tornou-se filha de Babilônia; “Desgraçada de ti, filha de Babilônia! Feliz quem te retribuir o mal que nos fizeste”. Desgraçada de ti, feliz dele!

21 9 Que fizeste, que te será retribuído? Escuta: “Feliz quem te retribuir o mal que nos fizeste”. De que retribuição se trata? Com a que encerra o salmo: “Ditoso o que tomar e esmagar os teus filhinhos contra uma pedra”. Esta é a retribuição. Que nos fez esta Babilônia? Já o cantamos em outro salmo: “As palavras dos iníquos prevaleceram sobre nós” (Sl 64,4). Pois, ao nascermos, pequeninos ainda veio ao nosso encontro a confusão deste mundo. Ainda pequeninos sufocou-nos com as vãs opiniões dos diversos erros. Nasce o menino, futuro cidadão de Jerusalém, já cidadão na predestinação de Deus, mas nesse interim cativo e aprende a amar o que lhe insinuam os pais. Instruem-no e ensinam-lhe a avareza, as rapinas, as mentiras cotidianas, os cultos de vários ídolos e demônios, os remédios ilícitos dos encantamentos e amuletos. Que há de fazer o menino, alma tenra, observando os que fazem os maiores, senão seguir aquilo que os vir praticando? Portanto, perseguiu-nos Babilônia quando ainda éramos pequenos; mas ao crescermos, Deus nos deu o conhecimento de si, a fim de não seguirmos os erros de nossos pais. Eu o relembrei então[2], conforme predito pelo profeta: “Para ti acorrem as nações das extremidades da terra. Elas dirão: Nossos pais não adoraram senão mentira, vazio que não serve para nada” (Jr 16,19). Falam os jovens, mortos na infância por seguirem coisas vãs. Rejeitando, porém, essas coisas vãs, e revivendo progridam em direção a Deus, e retribuam a Babilônia. Que retribuição lhe darão? Aquela que ela nos deu. Seus filhos pequenos, por sua vez, sejam sufocados; ou antes seus pequeninos sejam esmagados, e morram. Quais são os filhinhos de Babilônia? As concupiscências, logo ao despertarem. Existem os que combatem velha cupidez. Ao nascer a cupidez, antes que se fortaleça contra ti, pelo mau hábito, enquanto é pequenina, não receba de modo algum o reforço de um mau costume. Enquanto é pequena, esmaga-a. Mas se receias que esmagada não morra, esmaga-a contra a “pedra”. Essa rocha era Cristo (1Cor 10,4).

22 Irmãos, que os instrumentos não deixem de soar; cantai uns para os outros os cânticos de Sião. Quanto maior a boa vontade de ouvir, tanto mais de bom grado praticai o que ouvis. Se não quereis ser salgueiros de Babilônia, irrigados de seus rios, e infrutíferos. Mas suspirai pela Jerusalém eterna. Vossa vida acompanhe a esperança que vos precede. Lá estaremos com Cristo. Agora Cristo é nossa Cabeça; governa-nos lá do alto. Abraçá-lo-emos naquela cidade. Seremos iguais aos anjos de Deus. Não ousaríamos imaginá-lo, se não nô-lo houvesse prometido a própria Verdade. Anelai por isso, irmãos; pensai nisso dia e noite. Não presumais de coisa alguma que vos sorria, das felicidades

mundanas. Não dialogueis livremente com vossas concupiscências. O inimigo é grande, seja morto contra a pedra; é pequeno, seja esmagado contra a pedra. Vença a pedra. Construí sobre a pedra se não quereis ser arrastados pelo rio, pelos ventos, pela chuva. Se quereis estar armados contra as tentações no mundo, cresça e se robusteça o desejo da Jerusalém eterna em vossos corações. O cativeiro passará, virá a felicidade, será condenado o maior dos inimigos e com nosso rei, livres da morte, triunfaremos.

1 Cf Com. s/salmo CXX,8.

2 Cf Com. s/salmo 64,6.

SALMO 137

SERMÃO

1 1 O título deste salmo é breve e simples, e não nos deterá, pois sabemos de quem Davi era figura. Nele reco-nhecemo-nos também a nós, porque também somos membros do corpo de Cristo. Reconheçamos, pois, aqui, a voz da Igreja, e simultaneamente alegremo-nos por termos merecido estar no meio daquela cuja voz ouvimos neste cântico. O título inteiro é: “Do mesmo Davi”. Vejamos, portanto, por que se refere a Davi.

2 “Confesso-te, Senhor, de todo o meu coração”. O título de um salmo costuma indicar-nos o assunto do salmo. Este título, não indica isso, mas somente para quem é cantado. O assunto de todo o salmo vem anunciado no primeiro versículo: “Confesso-te, Senhor, de todo o meu coração”. Ouçamos, pois, esta confissão. Mas primeiro lem-bro-vos que a palavra confissão nas Escrituras, quando confessamos a Deus, costuma ter dois sentidos: confissão dos pecados, e de louvor. Mas todos notam quando se trata de confissão dos pecados; quanto à confissão de louvor, são poucos os que a percebem. Com efeito, é tão conhecida a confissão dos pecados, que logo se ouve em alguma passagem das Escrituras: “Eu te confesso, Senhor”; ou: “Nós te confessamos”, pelo hábito de entender assim, as mãos se apressam a bater no peito, a tal ponto os homens não entendem confissão a não ser dos pecados. Mas teria sido o próprio Senhor nosso, Jesus Cristo, um pecador, pois diz no evangelho: “Eu te confesso, ó Pai, Senhor do céu e da terra?” Continuou dizendo porque confessava, para compreendermos que se trata de confissão de louvor e não de pecados. “Eu te confesso, ó Pai do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11,25). Louvou ao Pai, louvou a Deus, porque ele não despreza os humildes, mas despreza os soberbos. Também aqui, neste salmo, ouviremos tal confissão de louvor a Deus e de gratidão. “Quero confessar-te, Senhor, de todo o meu coração”. Deposito todo o meu coração no altar de tua confissão, ofereço-te o holocausto de louvor. Chama-se holocausto o sacrifício em que se queima toda a vítima. De fato em grego a palavra holon corresponde em latim ao termo: todo. Vê como oferece um holocausto espiritual aquele que diz: “Quero confessar-te, Senhor, de todo o meu coração”. A chama de teu amor queime todo o meu coração. Nada reste para mim, nem como olhar para mim mesmo, mas inteiramente me consuma por ti, arda totalmente em ti, inteiramente te ame, inflamado por ti. “Quero confessar-te, Senhor de todo o meu coração, porque ouviste as palavras de minha boca”. A que “boca” se refere senão a do coração? É dali que saem as vozes que Deus escuta e que ouvidos humanos não percebem, absolutamente. Certamente clamavam os acusadores de Suzana, e não elevavam os olhos ao céu; ela se calava, mas clamava com o coração. Por isso ela mereceu ser atendida e eles, serem punidos (cf Dn 13,34ss). Existe, portanto, uma boca em nosso íntimo; ali rogamos, dali rogamos; e se

preparamos uma hospedagem ou uma casa para Deus, ali falamos e ali somos ouvidos. Ele, de fato não está longe de cada um de nós. Nele vivemos, nos movemos e somos (cf At 17,27.28). Somente a iniqüidade te leva para longe de Deus. Derruba a parede do pecado que se interpõe, e estarás junto daquele a quem rogas. “Ouviste as palavras de minha boca. Quero confessar-te”.

3 “Eu te entoarei salmos na presença dos anjos”. Não será na presença dos homens que te entoarei salmos, e sim na presença dos anjos. Saltério meu, minha alegria! Mas a minha alegria devido a bens inferiores se dá na presença dos homens; minha alegria sobre bens superiores, se expande na presença dos anjos. O ímpio desconhece a alegria do justo: “Para os ímpios não há alegria, diz o Senhor” (Is 48,22; 57,21). O iníquo alegra-se com a bebida, o mártir com as cadeias. Como se alegrava esta Crispina cuja solenidade celebramos hoje[3]? Alegrava-se quando era aprisionada, quando era levada ao juiz, quando metida no cárcere, quando comparecia amarrada, quando era levantada na cama de ferro, quando julgada, quando condenada; em todas estas ocasiões ela se alegrava. E os infelizes tinham na conta de infeliz aquela que se alegrava na presença dos anjos.

4 2 “Prostrar-me-ei em teu santo templo”. Qual é o teu templo santo? É o lugar em que habitaremos e onde adoraremos. Acorremos para adorar. Nosso coração está para dar à luz e procura onde. Que lugar é este onde Deus deve ser adorado? Que mundo? Que edifício? Enfim, qual a sede no céu, no meio das estrelas? Procuramos nas Sagradas Escrituras e o encontramos nas palavras da Sabedoria: “Eu estava com ele; eu era o seu encanto todos os dias”. Narra suas obras e expõe-nos qual a sua sede. Qual? “Quando condensava as nuvens no alto e separava seu trono acima dos ventos” (Pr 8,30.27.28). Sua sede, porém, é seu templo. Para onde, então, iremos? Vamos adorá-lo acima dos ventos? Se deve ser adorado acima dos ventos, as aves nos vencem. Se, porém, interpretamos que ventos representam as almas, isto é, pelo nome de ventos são designadas as almas, conforme certa passagem das Escrituras: “Voou com as asas dos ventos” (Sl 17,11), isto é, acima das forças da alma: daí ser denominada a alma: sopro de Deus (cf Gn 2,7, vento; mas não como o vento que percebemos quando nos impele. O termo está assinalando algo de invisível, que os olhos não podem ver, os ouvidos não podem perceber, o olfato não pode indicar, o paladar não pode provar, as mãos não podem tocar. Com efeito, trata-se da vida que nos torna seres vivos, e é denominada alma, se entendermos isto acerca desta espécie de ventos, não há necessidade de procurarmos asas visíveis, a fim de voarmos como as aves, para adorarmos no templo de Deus. Ao contrário, descobriremos que somos o trono onde Deus se assenta, se quisermos ser do número de seus fiéis. Vede se não é assim. Diz o Apóstolo: “O templo de Deus é santo e esse templo sois vós” (1Cor 3,17). Certamente, é manifesto, Deus habita nos anjos. Por isso, quando em nossa alegria acerca de bens espirituais e não de terreno, assumimos um cântico dedicado a Deus, e salmodiamos na presença dos anjos, a própria assembléia dos anjos é templo de Deus, e adoramos no templo de Deus. Existe uma Igreja embaixo, na terra, e uma Igreja no alto; a Igreja terrena é constituída por todos os fiéis, a Igreja no alto, por todos os anjos. Mas, o Senhor dos anjos desceu à

Igreja na terra, e os anjos o serviram enquanto ele próprio nos servia (cf Mt 4,11). Não vim "para ser servido, mas para servir" (cf Mt 20,28), disse ele. E o que ele nos serviu, senão aquilo que hoje também nós comemos e bebemos? Uma vez que o Senhor dos anjos nos serviu, não percamos a esperança de que seremos iguais aos anjos. Pois, é maior do que os anjos aquele que desceu para junto dos homens. O Criador dos anjos assumiu a humanidade, o Senhor dos anjos morreu pelos homens. "Prostrar-me-ei em teu santo templo"; entendo teu templo, não feito por mãos humanas, mas que tu o mesmo fizeste para ti.

5 "E confessarei teu nome pela tua misericórdia e tua verdade". Por estes dois motivos confessaremos; com efeito, assim se lê em outro salmo: "Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade" (Sl 24,10). Por estes dois motivos confessamos: "pela tua misericórdia e tua verdade". Olhaste com misericórdia para o pecador, e por tua verdade cumpriste o que prometeste. Confessar-te-ei "pela tua misericórdia", portanto, e por "tua verdade". De-volvo-te, na medida de minhas forças, o que me deste, praticando a misericórdia e a verdade: a misericórdia ao socorrer, a verdade ao julgar. Por meio delas Deus nos ajuda, e por elas temos merecimento diante de Deus. Com razão, portanto, "todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade". Não existem outros caminhos para ele vir até nós, nem outros caminhos para irmos até ele.

6 "Porque sobre todas as coisas exaltaste o teu nome santo". Que congratulação é esta, meus irmãos? Ele exaltou seu nome santo sobre Abraão. Pois, "acreditou Abraão em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça" (cf Gn 15,6; Rm 4,3). Todas as demais nações imolavam aos ídolos, serviam os demônios. De Abraão nasceu Isaac; Deus foi exaltado sobre aquela casa; daí originou-se Jacó; Deus foi exaltado. Ele disse: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó" (Ex 3,6). Foi a origem dos doze filhos, do povo de Israel que foi libertado do Egito, conduzido através do mar Vermelho, exercitado no deserto, e instalado na terra da promissão, após a expulsão daqueles povos. O nome do Senhor foi exaltado sobre Israel. Além disso, deste povo saiu a Virgem Maria, dela nasceu o Cristo Senhor, que morreu por causa de nossos pecados, e ressurgiu para nossa justificação (cf Rm 4,25), encheu o Espírito Santo os fiéis, e mandou fosse anunciado pelas nações: "Convertei-vos, porque o reino dos céus está próximo" (Mt 3,2). E assim sobre todas as coisas ele exaltou seu santo nome.

7 3 "Em qualquer dia em que eu te invocar, atende-me prontamente". Por que: "prontamente?" Porque tu disseste: Enquanto ainda falares te direi: "Eis-me aqui!" (Is 58,9). Por que: "prontamente?" Porque já não peço felicidade ter-rena. O Novo Testamento ensinou-me um santo desejo. Não peço terra, nem fecundidade carnal, nem saúde temporal, nem sujeição dos inimigos, nem riquezas, nem honrarias. Nada disso peço; por isso "atende-me prontamente". Visto que ensinaste o que devo pedir, dá o que peço. Digamos-lhe: Pedes tal coisa? Ouçamos, profira sua petição e vejamos o que pede: com ele aprendamos a pedir a fim de merecermos receber. Vieste à igreja, para pedir hoje não sei o quê. Que pensamos que vieste pedir? Vinhas com teu desejo, não sei qual, talvez inocente, apesar de carnal. Mas remove a iniqüidade, afasta tudo o que é carnal.

Aprende o que pedir, atento ao que hoje deves celebrar. Celebras o dia natal de uma santa e bem-aventurada mulher, e talvez estejas desejando felicidade terrena. Ela, por causa de um santo desejo abandonou a felicidade que tinha na terra; deixou os filhos a chorar, e a lamentar a mãe como se fosse cruel, e tivesse perdido a misericórdia humana, apressando-se a obter a coroa divina. No entanto, ela não sabia o que devia desejar, o que calcar? Ao contrário; sabia salmodiar na presença dos anjos de Deus, desejar sua companhia, sua santa e pura amizade, lá onde não haveria mais de morrer, onde encontraria um juiz perante o qual nada valia a mentira. E então? Naquela vida não existe bem algum? Absolutamente não; ali só existem bens, não há mal misturado com eles. Alegrar-te-ás com toda a segurança que podes ambicionar, e ninguém te dirá: Modera-te. Aqui na terra, porém, não é fácil alegrar-se por causa dos bens terrenos. É muito perigoso que te apegues a esta alegria, e ao te alegrares pereças. Qual a razão por que Deus mistura tribulações às alegrias da terra, senão para que sentindo a tribulação e as amarguras, aprendamos a desejar a eterna suavidade?

8 Que é, portanto, que o salmista pede? Vejamos por que razão ele disse: "Atende-me prontamente". Que pedes para seres atendido prontamente? "Multiplicar-me-ás". Multiplicação tem muitos sentidos. Existe a multiplicação da geração terrena, de acordo com a primeira bênção concedida à nossa natureza, e que já ouvimos: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a" (Gn 1,28). É assim que queria multiplicar-se aquele que dizia: "Atende-me prontamente?" Efetivamente, esta multiplicação é proveitosa, e provém da bênção do Senhor. E agora, que dizer de outras multiplicações? Alguém se multiplica pelo ouro, pela prata, pelos rebanhos, pela família, pelas propriedades, por todas as coisas. Muitas são as multiplicações terrenas. A mais feliz é, porém, a dos filhos. Embora aos avaros a própria fecundidade seja incômoda. Receiam tornarem-se pobres seus filhos, se nascerem muitos. Este cuidado impeliu a muitos a serem impiedosos, a ponto de esquecerem que eram pais, e se despojarem de todo afeto humano, expondo seus filhos, e deixando-os a estranhos. Expõe a mãe os filhos que gerou, recolhe aquela que não gerou. Uma despreza e a outra ama; a primeira em vão é mãe carnal, a segunda é mãe com mais verdade pela boa vontade. Sendo, portanto muitas as formas de multiplicação, muitas as espécies de multiplicação, qual a que procura aquele que disse: "Atende-me prontamente?" Pois, ele disse: "Multiplicar-me-ás". Aguardemos para ouvir em quê. Escuta, portanto: "em minha alma". Não em minha carne, mas "em minha alma. Multiplicar-me-ás em minha alma". Será necessário acrescentar alguma coisa para não se pensar que multiplicação na alma não signifique logo felicidade? Multiplicam-se também as preocupações na alma do homem. Parece que fica multiplicado na alma o homem cujos vícios se multiplicaram. Um é apenas avaro, outro apenas soberbo, outro só luxurioso; este é avaro, soberbo e luxurioso; multiplicaram-se os vícios em sua alma, mas para seu mal. Esta multiplicação é atinente à carência, não à fartura. Então que desejas, tu que disseste: "Atende-me prontamente", e te afastaste de tudo o que é corporal, de todas as coisas terrenas, de todo anelo mundano, para dizeres a Deus: "Multiplicar-me-ás em minha alma?" Explica melhor o que desejas. Multiplicar-me-ás em minha alma pelas virtudes". Voto expresso, desejo

expresso, livre de qualquer confusão. Se dissesse: “Multiplicar-me-ás”, poderias pensar em não sei qual bem terreno; acrescentou: “em minha alma”. E ainda, a fim de não julgares que se trata de vícios na alma, prossegue: “pelas virtudes”. Nada mais precisas pedir a Deus, se queres repetir com boa vontade e sinceridade: “Atende-me prontamente”.

9 4 “Todos os reis da terra, Senhor, te celebrem”. Assim sucederá, assim acontece e diariamente acontece. Evidencia-se que não foi dito em vão, exceto que era futuro. “Celebrem-te, Senhor, todos os reis da terra”. Mas, eles ao te celebrarem, ao te louvarem, não estão esperando obter de ti bens terrenos. Pois, que haveriam os reis da terra de desejar? Já não possuem o império? Que poderia ainda o homem desejar na terra? Seu desejo vai até alcançar o império. Que pode obter mais? Seria necessária sublimidade maior. Mas talvez quanto mais alta, tanto mais perigosa. Por isso, os reis da terra quanto mais se acham numa posição terrena sublime, tanto mais devem humilhar-se diante de Deus. Por quê? “Porque ouviram todas as palavras de tua boca!” Ó Senhor, “todas as palavras” de tua boca! Em certo povo estavam escondidos a lei e os profetas, “todas as palavras de tua boca”. Mas, somente no povo judaico se achavam todas as palavras de tua boca. Louvando este povo, disse o Apóstolo: “Que vantagem há então em ser judeu? E qual a utilidade da circuncisão? Muita, e sob todos os pontos de vista. Em primeiro lugar, porque foi a eles que foram confiados os oráculos de Deus” (Rm 3,1.2). Entre eles se encontravam as palavras de Deus. Mas pensemos em Gedeão, aquele santo varão do tempo dos juízes; vede que sinal pediu ao Senhor: “Eis que colocarei um tosão de lã na eira; o orvalho caia somente sobre o tosão e a eira fique seca”. E assim se fez. O orvalho caiu somente sobre o tosão, e só a eira ficou seca. De novo ele pediu um sinal: Toda a eira se cubra de orvalho e só o tosão fique seco. E assim se fez: a eira ficou coberta de orvalho, e o tosão ficou seco (Jz 6,36-40). Que vos parece, irmãos, que seja a eira? Não será o orbe da terra? Que é o tosão? Seria o da terra no meio do povo judaico que tinha o sacramento da graça, não manifestamente, mas oculto de maneira nebulosa encoberto como o orvalho no tosão. Veio o tempo em que o orvalho se revelasse na eira; manifesto, não escondido. Fez-se, portato, o que disse o versículo: “Todos os reis da terra, Senhor, te celebrem, porque ouviram todas as palavras de tua boca”. Que é, Israel, que escondias? Por quanto tempo escondias? O tosão foi espremido e saiu de ti o orvalho. A suavidade do orvalho se encontra apenas em Cristo. Não reconheces somente a ele nas Escrituras, que foram escritas por causa dele. Ao invés, “todos os reis da terra, Senhor, te celebrem, porque ouviram todas as palavras de tua boca”.

10 5 “E cantem nos caminhos do Senhor, porque é grande a glória do Senhor”. Os reis da terra cantem nos caminhos do Senhor. Em que caminhos? Aqueles mencionados mais acima: “Pela tua misericórdia e tua verdade, porque todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade” (Sl 24,10). Os reis da terra, portanto, não sejam soberbos; sejam humildes. Cantem nos caminhos do Senhor, se são humildes; amem e cantarão. Já notamos os viajantes que cantam; cantam e apressam-se a chegar. Existem as canções

ruins pertencentes ao velho homem; mas o cântico novo pertence ao homem novo. Andem, portanto, também os reis da terra em teus caminhos, andem e cantem em teus caminhos. O que cantarão? “Porque é grande a glória do Senhor”, e não a dos reis.

3 Cf Com s/sl. CXX,13 (Serm. post Maurinos repert. Ed. Morin, pg 595,5 et 14).

11 6 Vê como quer o salmista que os reis cantem, humildemente carregando o Senhor, e não se exaltando contra o Senhor. Pois se eles se exaltarem, qual a conseqüência? “Excelso é o Senhor e baixa o olhar sobre os humildes”. Querem os reis que ele os olhe? Sejam humildes. Como? Se eles se exaltaram com soberba, podem se esconder de seus olhos? Não acontece que tendo ouvido: “baixa o olhar sobre os humildes”, procures ser soberbo, dizendo a tua própria alma: Deus olha os humildes, não me olha; farei o que quero. Quem me vê? Ao homem está oculto e Deus não quer me ver, porque não sou humilde e ele baixa olhar para o humilde; faço o que quero. Ó importuno, por acaso falarias assim se soubesses o que deves amar? De fato, se Deus não quer te ver, não tens medo disso mesmo, que não quer te ver? Se saúdas um patrono importante, e verificas que não te dá atenção, como não sentirás? Se, porém, é Deus que não te vê, consideras-te em segurança? O Salvador não te vê, e vê-te o depredador. Entretanto, o próprio Deus te vê. Não julgues que não te vê; ao contrário, reza para mereceres ser visto por aquele que te vê. Pois, disse o salmo: “Os olhos do Senhor estão inclinados para os justos”. Uma vez que não está sobre os injustos, façam então os injustos o que querem: “Os olhos do Senhor estão inclinados para os justos”. Continua o salmo: “E os ouvidos, atentos as suas preces” (Sl 33,16). Por conseguinte, os injustos que se consideravam seguros, porque os olhos do Senhor não estavam inclinados para eles, não temem, visto que os seus ouvidos não estão atentos as suas preces? Não é melhor que estejam os seus olhos sobre nós, e seus ouvidos estejam atentos as nossas preces? Mas ao praticares ações sobre as quais não queres que estejam os olhos do Senhor, não merecerás que seus ouvidos estejam atentos a tuas preces. Fazendo o mal, contudo, não evitas o olhar do Senhor. Qual a conseqüência disto? “Mas a face do Senhor volta-se contra os malfeitores”. Com que finalidade? “Para apagar da terra a lembrança deles” (Sl 33,17). Queres ser visto? Vês que não podes ficar escondido? Se tudo o que fazes é visto, porque não ages de forma a mereceres agradar? Portanto, que se acha no salmo? “Porque é grande a glória do Senhor. Excelso é o Senhor e baixa o olhar sobre os humildes”. Seria como se não olhasse as coisas elevadas, pois “baixa o olhar sobre os humildes”. Que faz com “os soberbos? Vê de longe os soberbos”. Que consegue, portanto, o soberbo? Que seja olhado de longe e não que não seja visto. Não deves considerar-te em segurança, porque ele não te vê muito bem, uma vez que te vê de longe. Com efeito, tu não enxergas bem o que vês de longe. Deus, apesar de te ver de longe, vê perfeitamente, mas não está contigo. O resultado do que fazes não é que ele te veja menos bem, e sim que não estejas com aquele que te vê. E o humilde, o que obtém? “O Senhor está perto dos corações contritos” (Sl 33,19). O soberbo, portanto, se exalte quanto quiser; certamente Deus habita no alto, Deus está no céu. Queres que se aproxime de ti? Humilha-te. Pois estará tanto mais distante de ti quanto te exaltares:

"Mas vê de longe os soberbos".

12 7 "Se eu andar no meio das tribulações hás de vivificar-me". É verdade. Em qualquer tribulação que te encontrares, confessa, invoca; ele te libertará, te vivificará. Mas, talvez devamos aqui entender algo de melhor, que nos faça aderir a Deus mais intimamente e dirigir-lhe a prece: "Atende-me prontamente". O salmista havia afirmado: "Mas de longe vê os soberbos". E os soberbos que se exaltam desconhecem a tribulação. Não conhecem, digo, a tribulação mencionada em outra passagem: "Encontrei a tribulação e a dor e invoquei o nome do Senhor (Sl 114,3). Que há de extraordinário se a tribulação te encontrar? Se podes alguma coisa, tu mesmo vás ao encontro de tribulação. Mas, respondes, quem é que encontra a tribulação? Ou quem será mesmo que a procure? Estás no meio da tribulação e não sabes? Esta vida presente é pequena tribulação? Se não é tribulação, também não é peregrinação. Se, porém, é peregrinação, ou amas muito pouco a pátria, ou sem dúvida alguma sentirás a tribulação. Quem é que não se aflige por não estar com aquele que deseja? Mas por que não descobres esta tribulação? Porque não amas. Ama a outra vida, e verás que a vida presente é tribulação. Por mais brilhante que seja a prosperidade, por mais que abundem as delícias ao redor de nós, quando ainda não chegou aquela alegria certíssima sem tentação alguma, que Deus nos reserva para o fim, indubitavelmente estamos em tribulação. Por isso, compreendamos esta tribulação, irmãos. "Se eu andar no meio das tribulações, hás de vivificar-me". Ele não está dizendo: Se me advier qualquer tribulação, libertar-me-ás. Como, então? "Se eu andar no meio das tribulações hás de vivificar-me", isto é, não me vivificarás de outra maneira senão se eu andar no meio das tribulações. "Se eu andar no meio das tribulações hás de vivificar-me. Ai de vós, que agora rides; bem-aventurados vós, que agora chorais" (Lc 6,25.21). "Se eu andar no meio das tribulações hás de vivificar-me".

13 "E contra a ira dos meus inimigos estendeste a mão e salvou-me a tua destra". Enfureçam-se os inimigos. Que podem fazer eles? Tirar dinheiro, espoliar, proscrever, exilar, torturar com dores e tormentos; finalmente, se lhes for permitido, matar; acaso podem mais que isso? "Tu, porém, Senhor, contra a ira dos meus inimigos estendeste a mão", contra o mal que podem fazer-me os inimigos, tu estendeste tua mão. Os inimigos não podem separar-me de ti; tu, porém, preparas maior vingança, porque adias acolher-me: "Contra a ira dos meus inimigos estendeste a mão". Enfureça-se quanto puder o inimigo, que não me separará de Deus. Tu, porém, Senhor, ainda não me recebes, ainda me afliges na peregrinação, ainda não me ofereces tua alegria e suavidade; ainda não me inebriaste com a abundância de tua casa, ainda não me deste de beber da torrente de tuas delícias. Pois em ti está a fonte da vida e na tua luz contemplamos a luz (cf Sl 35,9.10). Mas eis que tenho as primícias do espírito, acreditei em ti, e me submeto pelo espírito à lei de Deus; no entanto ainda gememos interiormente, suspirando pela redenção de nosso corpo, esperando a adoção (cf Rm 7,25; 8,23). Depois que pecamos, Deus nos deu esta vida, onde Adão deve ser oprimido, trabalhando com o suor de seu rosto, mas a terra produz espinhos e cardos (cf Gn 3,18.19). Acaso algum inimigo pôde causar mal maior? "Contra a ira dos meus inimigos estendeste a mão"; mas não é para se desesperar. Pois

continua o versículo: “E salvou-me a tua destra”.

14 Pode-se entender também do seguinte modo a palavra: “Contra a ira dos meus inimigos estendeste a mão”. Os inimigos se encolerizavam, mas me vingaste contra meus inimigos. “O pecador verá e se irritará. Rangerá os dentes e se consumirá (Sl 111,16). Onde estão os que diziam: Desapareça o nome dos cristãos da terra? Certamente ou morrem ou se convertem. Por conseguinte, “contra a ira dos meus inimigos estendeste a mão”, enquanto se dizia o que foi escrito: “Amaldiçoam-me os inimigos: Quando há de morrer e de extinguir-se o seu nome”? (Sl 40,6). Quando se apagará da terra o nome dos cristãos? Ao falarem deste modo, uns acreditaram, outros morreram, poucos ficaram timidamente. Com que violência os inimigos se enfureciam quando se derramava o sangue dos mártires? Como pensavam que apagavam da terra o nome dos cristãos! “Contra a ira dos meus inimigos estendeste a mão e salvou-me a tua destra”. Eis que os perseguidores dos mártires agora procuram os monumentos dos mártires, ou para ali adorarem, ou para se embriagarem; seja como for, procuram-nos: “Contra a ira dos meus inimigos estendeste a mão e salvou-me a tua destra”. Conforme meu desejo, “salvou-me a tua destra”. Existe, de fato, uma salvação à direita; pois há outra, à esquerda. A salvação temporal e carnal é à esquerda; a salvação eterna em companhia dos anjos, é à direita. Por isso, Cristo que já se encontra na imortalidade, está sentado à direita de Deus (cf Mc 16,19). Com efeito, Deus não tem em si mesmo direita ou esquerda; mas chama-se direita de Deus aquela felicidade que não se revela a nossos olhos e tem tal nome. Tu me salvastes por esta tua direita e não segundo a salvação temporal. Efetivamente, Crispina foi morta; mas por acaso Deus a abandonou? Não a salvou pela esquerda, mas pela direita. Quantos tormentos padeceram os Macabeus (cf 2Mc 7,3). Os três jovens andando no meio da fornalha bendiziam a Deus (cf Dn 3,24). A salvação dos primeiros era pela direita, a dos segundos também salvação, mas pela esquerda. Deus, por vezes não salva seus santos pela esquerda, mas sempre os salva pela direita. Pois, os perseguidores de Crispina, tinham saúde corporal; ela foi morta e eles vivem. A incolumidade deles é pela esquerda, a salvação dela pela direita. “E salvou-me a tua destra”.

15 8 “Senhor, retribuirás por mim”. Eu mesmo não retribuo; tu retribuirás em meu lugar. Os inimigos enfureçam-se quanto quiserem; tu hás de retribuir o que eu não posso retribuir. “Senhor, retribuirás por mim”. Dai atenção a nossa Cabeça. Ele nos deixou um exemplo, para seguirmos as suas pegadas. “Ele não cometeu nenhum pecado; mentira nenhuma foi achada em sua boca. Quando injuriado, não revidava (dizia: Senhor, retribuirás por mim) ao sofrer, não ameaçava, antes, punha a sua causa nas mãos daquele que julga com justiça” (1Pd 2,21-23). Que significa: “Senhor, retribuirás por mim?” Disse ele: “Não procuro a minha glória há quem a procure e julgue” (Jo 8,50). “Não façais justiça por vossa conta, diz o Apóstolo, caríssimos, mas dai lugar à ira, pois está escrito: A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei, diz o Senhor (Dt 32,35; Rm 12,19). Senhor, retribuirás por mim”.

16 Outro modo de interpretar não é desprezível, e talvez seja preferível. “Senhor, Cristo,

retribuirás por mim". De fato, se eu restituir será porque roubei; tu pagaste com algo que não roubaste: "Senhor, retribuirás por mim". Observa-o a retribuir por nós. Vieram os cobradores do tributo; cobravam o tributo com didracmas, isto é, duas dracmas por cabeça. Aproximaram-se do Senhor, para que pagasse o tributo; ou melhor, não dele, mas dos discípulos e lhes disseram: "O vosso mestre não paga o tributo?" Eles levaram a pergunta ao mestre, que respondeu: "De quem recebem os reis da terra tributos? Dos seus filhos ou dos estranhos? Replicaram: Dos estranhos. Então lhes disse: Logo, os filhos estão isentos. Mas, para que não os escandalizemos, disse a Pedro: Vai ao mar e joga o anzol. O primeiro peixe que subir, segura-o e abre-lhe a boca. Acharás aí um estáter, isto é, duas didracmas. O estáter é um peso que vale quatro dracmas. "Acharás aí; entrega-o a eles por mim e por ti" (Mt 17,23-26). "Senhor, retribuirás por mim". Com razão temos o primeiro peixe apanhado no anzol, preso pelo anzol; o primeiro que sobe do mar, o primogênito dentre os mortos. Em sua boca encontramos duas didracmas, isto é, quatro dracmas; em sua boca encontramos os quatro evangelhos. Libertam-nos estas quatro dracmas dos impostos deste mundo; por meio dos quatro evangelhos não continuaremos a ser devedores, pois ali todos os nossos pecados são perdoados. O Senhor, portanto, retribuiu por nós; demos graças a sua misericórdia. Ele nada devia; não pagou por si, mas por nós. Disse ele: "O príncipe deste mundo vem; contra mim, ele nada pode". Que significa: "Contra mim nada pode?" Não encontrará em mim pecado algum; não tem o que matar em mim. Mas para que todos saibam que "faço como o Pai me ordenou, levantai-vos! Partamos daqui" (Jo 14,30.31). Que quer dizer: "Levantai-vos! Partamos daqui?" Não sofro obrigado, mas voluntariamente, pagando o que não devo: "Senhor, retribuirás por mim".

17 "Senhor, a tua misericórdia é eterna". Que teria eu desejado? Não o dia dos homens, não tive dificuldade em te seguir, senhor, "e não desejei o dia dos homens, tu o sabes" (Jr 17,16). Eis que a mártir, santa Crispina, se desejasse o dia dos homens, negaria a Cristo. Viveria aqui por mais tempo, mas não viveria eternamente. Preferiu viver eternamente a viver um pouco mais no tempo. Enfim, "Senhor, a tua misericórdia é eterna". Não quero me libertar somente por algum tempo. "A tua misericórdia é eterna". Por meio dela livraste os mártires e para isto logo os retiraste desta vida. "Senhor, a tua misericórdia é eterna".

18 "Não desprezes a obra de tuas mãos". Senhor, não peço: Não desprezes as obras de minhas mãos; não me vanglorio de minhas obras. "Levantei, efetivamente, de noite, as minhas mãos para o Senhor e não fiquei decepcionado" (Sl 76,3). Todavia, não me refiro às obras de minhas mãos; tenho medo de que se examinares, encontres mais pecados que méritos. Rogo apenas isto, só isto menciono, somente isto desejo impetrar: "Não desprezes a obra de tuas mãos". Pondera em mim a tua obra, não a minha; pois se consideras minha obra, condenas, se olhares a tua, coroas. Com efeito, qualquer de minhas boas obras, vem de ti, e portanto são mais tuas do que minhas, Ouço, de fato, a voz de teu Apóstolo: "Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é o dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho. Pois somos

criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras" (Ef 2,8-10). Por conseguinte, seja enquanto somos homens, seja enquanto fomos de nossa impiedade transformados e justificados, Senhor, "não desprezes a obra de tuas mãos".

SALMO 138

SERMÃO AO POVO

(Proferido em Útica)

1 Havíamos preparado para vós um salmo curto, que mandamos fosse cantado pelo leitor; mas ele, parece, perturbado no momento leu um por outro. Preferimos seguir a vontade de Deus manifestada no erro do leitor a realizar a nossa em nosso propósito. Se, portanto, nós vos prendermos um pouco devido ao fato de que este é prolixo, não nos acuseis; mas acreditai que Deus não quis que trabalhássemos sem resultado. Não foi em vão que por ocasião de nosso primeiro pecado recebemos o castigo de comer o pão com o suor do rosto (cf Gn 3,19). Observai apenas se é pão. É pão se for Cristo, pois ele disse: "Eu sou o pão vivo, descido do céu" (Jo 6,41). Procuremos também nos profetas aquele que se nos revelou no evangelho. Lá não o vêem aquele sobre cujo coração ainda está posto um véu (cf 2Cor 3,14), conforme V. Caridade ouviu ontem. Quanto a nós, porém, uma vez que o sacrifício vespertino da cruz do Senhor rasgou o véu, a fim de se revelarem os segredos do templo, por todo o tempo em que Cristo nos é anunciado, apesar de ser com trabalho e suor, devemos comer o pão.

2 Nos profetas, por vezes fala nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto nossa Cabeça, o próprio Cristo salvador, que está sentado à direita do Pai (cf Mc 16,19); ele também por nossa causa nasceu da virgem, e sob Pôncio Pilatos, segundo sabeis, padeceu (cf Lc 2,7; 21,1ss); tendo sido derramado seu sangue inocente, preço que pagou por nós, redimiu-nos a nós culpados do cativeiro em que éramos detidos pelo diabo, perdoando-nos os delitos, e com o preço que pagou por nós, seu sangue, apagou o título de dívida que existia contra nós (cf Cl 2,13.14). Ele é o guia, o esposo, o redentor da Igreja, e nossa Cabeça. E, de fato, se é Cabeça, tem um corpo. Seu corpo, porém, a santa Igreja, é também sua esposa, à qual diz o Apóstolo: "Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros" (1Cor 12,27). O Cristo total, portanto, Cabeça e corpo, é como um homem inteiro. Pois, a mulher foi tirada do varão e a ele pertence. E foi dito do primeiro matrimônio: "Serão dois numa só carne" (cf Gn 2,24). O Apóstolo interpreta, segundo o mistério, que não foi em vão que se refere àqueles dois seres humanos, porque eles figuravam Cristo e a Igreja. Pois, assim o expõe o Apóstolo: "Serão ambos uma só carne. É grande este mistério: refiro-me a Cristo e à Igreja" (cf 5,31.32). Ele afirma também que Adão é figura daquele que devia vir: "Que é figura daquele que devia vir" (Rm 5,14). Se, pois, Adão é figura daquele que viria, assim como de seu lado, enquanto dormia, foi feita Eva (cf Gn 2,21.22), do lado do Senhor que dormia, isto é, que morria em sua paixão, e fora ferido na cruz pela lança, manaram os sacramentos, que plasmariam a Igreja. Efetivamente, acerca de sua futura paixão, assim se exprime ele em outro salmo (cf Jo 19,34): "Eu adormeci, caí em sono profundo, despertai, porque o Senhor me acolherá" (Sl 3,6). Com efeito, por este sono se entende a paixão. Eva foi tirada do lado

de Adão que dormia, a Igreja do lado de Cristo, que estava padecendo. Por conseguinte, fala nosso Senhor Jesus Cristo nos profetas, às vezes, com sua voz, às vezes com a nossa, porque ele se torna um conosco, segundo a palavra: “Serão dois numa só carne” (Gn 2,24). Daí dizer o próprio Senhor no evangelho, ao tratar do casamento: “De modo que já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19,6). Uma só carne, por que assumiu carne de natureza mortal; não, porém, uma só divindade, porque ele é o Criador e nós somos criaturas. Tudo aquilo, portanto, que o Senhor fala em lugar da carne que assumiu pertence à Cabeça que já subiu ao céu e aos membros que ainda labutam na peregrinação terrena. Em favor destes membros em trabalhos, quando Saulo os perseguia, o Senhor clamou do céu: “Saulo, Saulo, por que me persegues”? (At 9,4). Ouçamos, então, nosso Senhor Jesus Cristo a falar em profecia. Os salmos foram cantados muito tempo antes que o Senhor nascesse de Maria, mas não antes que fosse Senhor. Pois, foi sempre o Criador de todas as coisas, mas uma vez nasceu de uma criatura. Acreditemos naquela divindade, e quanto pudermos, entendamos que é igual ao Pai. Mas aquela divindade igual ao Pai, se tornou participante de nossa mortalidade, não por sua natureza, mas pela nossa, a fim de que nos tornássemos participantes de sua divindade; não pelo que é nosso, mas por aquilo que é dele.

3 2 “Senhor, tu me perscrutaste e me conheceste”. Diga o próprio Senhor, Jesus Cristo, diga também ele: “Senhor”, ao Pai. Seu Pai não é seu Senhor senão porque ele se dignou nascer segundo a carne. É Pai de Deus, Senhor do homem. Queres saber de quem é Pai? Do Filho, igual a si. O Apóstolo diz: “Sendo de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus”. O Pai tem esta condição divina, e igual condição o Filho unigênito, nascido de sua substância. Por nossa causa, porém, a fim de sermos restaurados e nos tornarmos partícipes de sua divin-dade, restaurados para a vida eterna, porque ele, conforme disse, se tornou participante de nossa mortalidade; que declarou sobre ele o Apóstolo, na passagem onde dissera: “Sendo de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus? Afirma: Mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E sendo exteriormente reconhecido como homem” (Fl 2,6.7). Na condição divina era igual ao Pai; e assumiu a condição de servo, na qual é menor do que o Pai. Daí provém que no evangelho se encontram ambas as coisas: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30) e: “Porque o Pai é maior do que eu” (Jo 14,28). “Eu e o Pai somos um”, segundo a condição divina. “O Pai é maior do que eu”, segundo a condição de servo. Uma vez, portanto, que é Pai e é Senhor, Pai na condição divina, Senhor relativamente à condição de servo, diga o Filho e não nos admiremos, nem nos escandalizemos por dizer o Filho Único de Deus: “Senhor, tu me perscrutaste e me conheceste”. Perscrustaste e conheceste. Não quer dizer que não conhecia, mas que o tornaste notório aos demais. “Tu me perscrutaste e me conheceste”.

4 “Tu me conheceste ao sentar-me e ao levantar-me”. Que indica este sentar-se? Que é levantar-se? Quem se assenta, humilha-se. O Senhor, portanto, sentou-se na paixão, levantou-se na ressurreição. “Tu o conheceste”, isto é, tu quiseste, tu aprovaste; aconteceu segundo tua vontade. Se, porém, quiseres tomar no sentido de falar a Cabeça

em lugar do corpo, digamos também nós: "Tu me conheceste ao sentar-me e ao levantar-me". O homem se senta quando se humilha pela penitência; levanta-se, contudo, quando se ergue pela esperança da vida eterna. Por este motivo, diz outro salmo: "Erguei-vos após terdes estado sentados, vós que comeis o pão da dor" (Sl 126,2). Os penitentes comem o pão da dor; eles cantam em outro salmo: "Minhas lágrimas noite e dia se tornaram o meu pão" (Sl 41,4). Que significa então: "Erguei-vos após terdes estado sentados?" Não vos exalteis, se não tiverdes sido humilhados. Muitos, de fato, querem erguer-se antes de terem estado sentados; querem parecer justos, antes de se confessarem pecadores. Por conseguinte, se tomas as palavras como atinentes à Cabeça, este é o sentido: "Tu me conheceste ao sentar-me e ao levantar-me", isto é, mi-nha paixão e minha ressurreição. Se, porém, as relacionas ao corpo: "Tu me conheceste ao sentar-me e ao levantar-me", quer dizer, confessei meus pecados diante de teus olhos, e fui justificado por tua graça.

5 3.4 "Penetraste de longe os meus pensamentos, investigaste as minhas sendas e os meus limites, e previste todos os meus caminhos". Por que: "de longe?" Conheces meus pensamentos durante minha peregrinação, antes de chegar à pátria. Considera o filho mais jovem; este também se tornou corpo de Cristo, a Igreja proveniente dos gentios. Na verdade, o filho mais jovem fora para longe. Com efeito, um pai de família tinha dois filhos. O mais velho não partira para longe; trabalhava no campo e representava os santos sob a lei, que praticavam as obras e os preceitos da lei. O gênero humano, ao invés, declinara para o culto aos ídolos e partira para uma região longínqua. Que coisa se acha mais distante do Criador do que o ídolo que fabricaste para ti? Partiu, por conseguinte, o filho mais jovem para uma região longínqua, levando consigo seus haveres, e segundo o evangelho, dissipou sua herança vivendo de modo devasso. Estando a passar fome, foi empregar-se com um dos principais daquela região, que o mandou cuidar de porcos. Ele queria matar a fome com as bolotas dos porcos, mas não o podia. Após trabalhos, angústia, tribulação e penúria, lembrou-se do pai e quis voltar. Assim falou: Levantar-me-ei e irei "procurar meu pai". Levantar-me-ei, porque estava sentado. Reconhece neste salmo a sua voz: "Tu me conheceste ao sentar-me e ao levantar-me". Estava sentado por penúria, levantei-me com saudade de teu pão. "Penetraste de longe os meus pensamentos". Pois, partira para longe; mas onde não está aquele que eu deixei? "Penetraste de longe os meus pensamentos". Por isso afirma o Senhor no evan-gelho que o pai foi ao seu encontro (cf Lc 15,11-20). Com efeito, penetrara de longe os pensamentos do filho. "Investigaste as minhas sendas e os meus limites. Minhas sendas" — quais, senão as perversas por onde ele caminhara, a fim de abandonar o pai, como se pudesse ocultar-se dos olhos daquele que o castigaria; ou, de fato, seria esmagado por aquela penúria, ou seria posto a cuidar de porcos, se o pai não quisesse flagelar o filho distante a fim de recuperá-lo bem próximo? Por isso, seja para onde for que partirmos, seja aonde for que nos adiantarmos, como um fugitivo recapturado, devido à vingança legítima de Deus, que castiga nossas más afeições, seremos cativos recapturados que falam: "Investigaste as minhas sendas e os meus limites". Que quer dizer: "minhas sendas?" Aquelas que trilhei. Que são "os meus

limites?” Aonde cheguei. “Investigaste as minhas sendas e os meus limites”. Meus longínquos limites não estavam distantes de teus olhos. Caminhara muito, mas tu lá estavas. “Investigaste as minhas sendas e os meus limites”.

6 “E previste todos os meus caminhos”. O salmista não disse: viste, e sim: “previste”. Antes que andasse por eles, antes de caminhar por ali, tu os previste; e permitiste que seguisse por meus caminhos com labor, a fim de que se não quisesse o labor, voltasse para teus caminhos. “Porque não há dolo em minha língua”. Por que assim se exprime? Porque confesso; segui minhas sendas, distanciei-me de ti; afastei-me de ti, onde estava bem, e o que era bom para mim fez-se um mal, fora de ti. De fato, se me sentisse bem fora de ti, talvez não quisesse voltar a ti. Por esta razão, o corpo de Cristo, que confessa seus pecados e que é justificado não em si, mas pela graça de Deus, declara: “Não há dolo em minha língua”.

7 5 “Conheceste, Senhor todas as coisas, as últimas e as antigas”. Conheceste as últimas, quando cuidei dos porcos. Conheceste as antigas, quando reclamei a parte da herança que me tocava. As antigas foram o começo dos males mais recentes. Antigo pecado, quando caímos; última pena, quando chegamos a esta mortalidade laboriosa e perigosa. Oxalá sejam estes nossos últimos males! Serão os últimos se quisermos voltar. Existirá um novíssimo para os ímpios, aos quais se dirá: “Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,41). Nós, irmãos, porém, abandonamos a Deus até este ponto; até a mortalidade desta vida, baste o nosso labor. Lembremo-nos do pão de nosso Pai, recordemo-nos da felicidade da casa de nosso pai; não nos deleitem as bolotas dos porcos, os ensinamentos dos demônios. “Conheceste, Senhor, todas as coisas, as últimas e as antigas”. “As últimas”, onde cheguei; “as antigas”, onde te ofen-di. “Tu me formaste e puseste sobre mim a tua mão”. “Tu me formaste”. Onde? Nesta vida mortal. Por conseguinte, para os trabalhos, aos quais fomos destinados ao nascer. Ninguém nasce sem que Deus o tenha formado no seio de sua mãe; não há criatura de quem não seja ele o criador. “Mas formaste-me” no meio de trabalhos, “e puseste sobre mim a tua mão”. Mão que castiga, que pesa sobre o soberbo. Assim, salutarmente derruba o orgulhoso, para erguer o humilde. “Tu me formaste e puseste sobre mim a tua mão”.

8 6 “Ciência maravilhosa, muito elevada, inacessível para mim”. Ouvi atentamente uma coisa que realmente é obscura, mas que se descobre com grande deleite, Moisés, aquele santo servo de Deus, com o qual Deus falava, através de uma nuvem (cf Ex 33,9; 34,5), porque ao falar no tempo, falava a seu servo, usando de uma criatura, isto é, não por sua substância, mas por uma criatura corporal, que emitisse sons a atingirem os ouvidos mortais dos homens. (Deus então falava, não como fala em sua substância). Como, então, fala em sua substância? Palavra de Deus é o Verbo de Deus. Verbo de Deus é Cristo. Aquele Verbo não soa e passa, mas permanece sempre imutável o Verbo pelo qual tudo foi feito (cf Jo 1,3). A este Verbo, Sabedoria de Deus, se diz: “Mudá-las-ás e se transformarão. Mas tu és sempre o mesmo” (Sl 101,27). E em outra passagem a respeito da Sabedoria, tendo a Escritura dito: “Sem nada mudar” (em si mesma), acrescenta: “tudo renova” (Sb 7,27). Esta sabedoria, portanto, permanecendo (no caso de se poder

dizer que permanece; diz-se isto por causa de imutabilidade e não de imobilidade) e sempre se mantendo do mesmo modo, sem variar de lugar ou de tempo, nunca diferente aqui ou ali, nunca diversa do que é agora ou foi anteriormente, identifica-se com a palavra de Deus. A palavra dirigida a Moisés, ao homem constava de sílabas, de sons passageiros. Isso não aconteceria, se Deus não tomasse tal criatura, por meio da qual emitisse palavras e vozes. O santo varão Moisés reconhecia esta palavra de Deus, formada por meio das criaturas corporais; e desejou, almejou ver a face de Deus, pedindo a Deus que lhe falava: "Se encontrei graça aos teus olhos, mostra-me a ti mesmo" (Ex 33,13). Como o desejasse ardentemente, e se assim se pode dizer, pela familiaridade e amizade que Deus se dignara conceder-lhe, queria extorqui-lo de Deus, de sorte a ver sua majestade e sua face enquanto é possível falar em rosto de Deus, disse-lhe: "Não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver-me e continuar vivendo. Mas, colocar-te-ei na fenda da rocha e cobrir-te-ei com a palma da mão até que eu tenha passado e me verás pelas costas" (Ex 33,20-23). Destas palavras origina-se outro enigma, isto é, certa figura obscura da realidade. "Até que eu tenha passado e me verás pelas costas", diz Deus, como se de um lado tivesse a face e da outro o dorso. Longe de nós pensar isto da majestade divina. Pois, para quem pensar assim sobre Deus, de que lhe serve estarem fechados os templos dos deuses? Ele fabrica um ídolo em seu coração. Há, portanto, naquelas palavras grandes mistérios. O Senhor falava, conforme disse, por intermédio de uma criatura, como queria, a seu servo. Subentende-se aqui a pessoa do próprio Senhor e Salvador nosso, Jesus Cristo. Ele, de fato, na condição divina, segundo a qual é igual ao Pai (cf Fl 2,6), é também invisível aos olhos humanos, como o Pai. Se, com efeito, a sabedoria humana não pode ser vista por nossos olhos, poderia sê-lo a Virtude e Sabedoria de Deus, por olhos de carne? Mas como o Senhor em tempo oportuno, haveria de assumir a carne, aparecendo até aos olhos da carne para curar interiormente a mente, quando fosse necessário aparecer deste modo, predisse este fato de maneira figurada a Moisés: "Não po-derás ver a minha face e me verás pelas costas mas quando tiver passado". Para que não me vejas a face, cobrir-te-ei com a palma de minha mão. Que é esta passagem do Senhor, senão aquilo que menciona o evangelista: "Sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Paí"? (Jo 13,1). Páscoa significa passagem. A palavra hebraica: Páscoa, traduz-se para o latim com o termo: Passagem. Que quer dizer: "Não poderás ver a minha face, mas me verás pelas costas?" Quem representava Moisés, quando lhe foi dito: "Não poderás ver a minha face, mas me verás pelas costas", e isto: "quando eu tiver passado", e para que não vejas a minha face, "cobrir-te-ei com a palma da mão?" Chamou de sua face, sua condição primeira e de certo modo suas costas a passagem deste mundo, através de sua paixão. Ele apareceu aos judeus, mas eles não o reconheceram. Moisés os representava, quando o Senhor lhe dizia: "Não poderás ver a minha face". Donde vem que eles não viram a Deus encarnado? Porque sobre eles pesara a mão do Senhor. Isaías predissera a respeito deles: "Embota o coração deste povo, tapa-lhe os olhos" (Is 6,10), e ouve-se a voz deles em outro salmo: "Porque pesava sobre mim a tua mão" (Sl 31,4). Como agiu o Senhor para que então não conhecessem eles a divindade de Cristo (pois se o tivessem

conhecido, jamais teria crucificado o Senhor da glória [1Cor 2,8] e se o Senhor não tivesse sido crucificado, seu sangue não redimiria o orbe da terra), senão aquilo mesmo que o Apóstolo assegura sobre a profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus, exclamando: "Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos! Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe fez o dom para receber em troca? Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos dos séculos" (Rm 11,33-36). O Apóstolo o afirma, porque dissera mais acima: "O endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios, e assim todo Israel será salvo" (Rm 11,25.26). Por conseguinte os judeus cegaram parcialmente, devido a sua soberba, pois se diziam justos; e obcecados crucificaram o Senhor. Este fez pesar sobre eles a sua mão, a fim de não o descobrirem, até que tivesse passado deste mundo ao Pai. Verifiquemos se após ter ele passado, se os judeus viram suas costas. O Senhor ressuscitou, apareceu a seus discípulos e a todos que haviam acreditado nele; não àqueles que o crucificaram, porque sua mão pesara sobre eles, até que ele próprio passasse. Depois, subiu ao céu, tendo passado quarenta dias com seus discípulos. Tendo se completado o dia de Pentecostes, enviou-lhes o Espírito Santo. Os discípulos, repletos do Espírito Santo, começaram a falar as línguas de todas as nações, embora houvessem nascido numa só, e tivessem aprendido uma só língua. Ficaram apavorados, atemorizados diante de tão grande milagre, milhares daqueles que haviam crucificado o Senhor (cf At 1,3; 2,1ss). Contritos de coração diante de tão grande milagre, pediram conselho aos apóstolos acerca do que deviam fazer, após ser-lhes anunciado o Cristo, muito admirados de que homens incultos falassem as línguas de todos. O apóstolo Pedro, portanto, anunciou-lhes o Cristo que eles haviam desprezado na cruz e de quem haviam zombado, como se fosse um mortal. Insultavam-no porque não descia da cruz. No entanto, foi na verdade muito mais o que fez, ressurgindo do sepulcro do que se descesse da cruz. Por isso, sendo-lhes anunciado Cristo, perguntaram: "Que devemos fazer?" Eles que se enfureceram contra o Senhor que viam, já pedem um conselho salutar; e obtiveram a resposta: "Convertei-vos e seja cada um de vós batizado em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, para a remissão dos pecados". Eis como viram as suas costas, não tendo podido ver a sua face. Pois, a mão do Senhor pesara sobre seus olhos; mas não para sempre e sim até que ele passasse. Após ter passado, retirou de seus olhos a mão. Quando o Senhor retirou a mão de seus olhos, perguntaram aos discípulos: "Que devemos fazer?" (At 2,37-38). Primeiro cruéis, depois pios; primeiro irados, depois tímidos; primeiro duros, depois flexíveis; primeiro estavam cegos, mas depois recuperaram a luz dos olhos.

9 Julgo que podemos reconhecer neste salmo as vozes deste povo, a lembrar-se de sua infidelidade. "Deus encerrou todos na desobediência para a todos fazer misericórdia" (Rm 11,32). "Tu me formaste e puseste sobre mim a tua mão. Ciência maravilhosa, muito elevada, inacessível para mim". De certo modo puseste sobre mim a tua mão, e te tornaste para mim uma coisa extraordinária; estava contigo e não te compreendia. Como era acessível para mim a face do pai, quando lhe disse: "Dá-me a parte da herança que

me cabe" (Lc 15,12). Parti, de fato, para uma região longínqua e morto de fome, sinto que é demais para mim e tenho de trabalhar; não posso apreender o que perdi. "Ciên-cia maravilhosa, inacessível para mim". Meu pecado fez com que se tornasse para mim admirável, incompreensível. Pois, tinha facilidade em te contemplar quando não te abandonara pela soberba. "Ciência maravilhosa, muito elevada, inacessível para mim", mas subentende-se: por mim mesmo. "Inacessível relativamente a minhas forças; mas quando se tornar possível para mim, só o poderei por ti.

10 7 Eis como encontras em região longínqua o fugitivo que não pode esconder-se daquele de quem foge. Para onde haverá de partir, se seus limites foram investigados? Vede como se exprime: "Aonde irei para longe de teu espírito? Pois, o espírito do Senhor enche o universo" (Sb 1,7). Quem pode fugir daquele Espírito que enche o mundo? "Aonde irei para longe de teu espírito e aonde fugirei de tua face?" Ele procura um lugar para onde possa fugir longe da ira de Deus. Que lugar acolherá o fugitivo de Deus? Os homens, ao acolherem fugitivos, perguntam de quem eles estão fugindo; e se encontram um servo de um senhor menos poderoso, acolhem-no sem temor, dizendo em seu coração: Não tem um senhor que pode procurá-lo. Ouvindo, porém, que se trata de um senhor poderoso, ou não acolhem, ou só acolhem com muito medo; porque mesmo um homem poderoso pode ser enganado. Mas, onde é que Deus não está? Quem pode enganá-lo? Quem escapa do olhar de Deus? Qual o fugitivo que Deus não procura? Para onde, então, irá quem foge da face de Deus? Vira-se para cá e para lá, procurando um lugar para fugir.

11 8 "Se subir ao céu ali estás; se descer ao inferno ali estás presente". Afinal compreendeste, fugitivo em situação má, que de forma alguma podes te apartar daquele de quem quiseste te distanciar. Eis que ele se acha em toda parte; e tu, para onde irás? Encontrou uma solução, mas inspirada por aquele que já se digna chamá-lo novamente. "Se subir ao céu ali estás, se descer ao inferno ali estás presente". Se me exalto, encontro tua repressão; se me escondo, encontra-me tua busca; e não uma simples busca, mas uma investigação. Se, porém, se orgulhar de minha justiça, tu, que possuis a verdadeira justiça ali estás. Se pecando chegar às profundezas dos males, e desprezar confessá-lo (cf Pr 18,3), dizendo: "Quem me vê"? (Eclo 23,18). Pois, "no inferno quem te confessará"? (Sl 6,6). Também lá te achas para castigares. Então, para onde hei de ir, para fugir de tua face, isto é, para não sentir a tua ira?

12 9 Encontrei esta solução: Fugirei de tua face, fugirei de teu Espírito; fugirei de teu Espírito disposto a vingar, de tua face vindicativa, assim fugirei. Como? "Se retomar minhas asas na direção certa, se habitar nos confins do mar", poderei fugir de tua face. Se ele quer fugir da face de Deus para os confins do mar, ali não estará aquele de quem foge e do qual ele mesmo disse: "Se descer ao inferno ali estás presente?" É espantoso que não esteja nos confins do mar aquele que não está ausente nem dos infernos. Mas, diz o salmista, sei como fugir de tua ira. Retomarei minhas asas não numa direção errada, mas na direção certa. Não presumirei com soberba, nem mergulharei num desespero que conduz à perdição. Quais as asas que quer tomar, senão as duas asas, os

dois preceitos da caridade? Desses dois preceitos dependem toda a lei e os profetas (cf Mt 22,40). Se retomar essas asas e habitar nos confins do mar, posso fugir de uma de tuas faces a outra, da face de Deus irado à face do Deus aplacado. Que são os confins do mar senão o fim do mundo? Vamos voar desde já para lá pela esperança e pelo desejo, tendo as duas asas da caridade; não descansemos senão nos confins do mar. Pois, se quisermos descansar em outra parte, seremos precipitados no mar. Voemos até os confins do mar, elevemo-nos com as duas asas do amor; nesse ínterim voemos para Deus por meio da esperança, e antecipemos a chegada aos confins do mar por meio de uma esperança cheia de fé.

13 10 Mas, quem nos levará até lá? Notai. Aquele mesmo de cuja face queremos fugir, quando está irado. Pois, como continua o salmo? “Se descer ao inferno ali estás presente. Se retomar minhas asas na direção certa”. Retomar, diz o salmista; portanto, tinha perdido. “Se retomar minhas asas e seguir a direção certa, se habitar nos confins do mar. Até lá me conduzirá a tua mão e a tua destra me sustentará”. Nisso nos empenhemos, irmãos caríssimos. Seja esta nossa esperança, nosso consolo. Retomemos as asas pela caridade, uma vez que as perdêramos pela ambição. Pois, a ambição foi o visgo em nossas asas; derrubou-nos da liberdade do ar, isto é, das auras livres do Espírito de Deus. Caindo, perdemos as asas, e fomos apanhados, ficando em poder do caçador; dali nos resgatou com seu sangue aquele de quem fugimos para sermos apanhados. Ele fortifica-nos as asas com seus preceitos; podemos abri-las, já sem visgo. Não amemos o mar, mas voemos até os confins do mar. Ninguém tenha medo; mas também ninguém presuma de suas asas, porque mesmo tendo asas, se o Senhor não nos levantar, se ele mesmo não nos conduzir, seremos precipitados no fundo do mar, cansados e fatigados, por presumirmos de nossas forças. É necessário, portanto, termos asas, é necessário que ele nos conduza; pois é nosso auxílio. Temos o livre-arbítrio; mas quanto podemos com o livre-arbítrio, se não nos ajudar aquele que nos dá ordens? “Até lá me conduzirá a tua mão e a tua destra me sustentará”.

14 11 E considerando a extensão da estrada, que disse o salmista a si mesmo? “Se eu disser: Talvez as trevas me oprimam”. Eis que já acreditei em Cristo, já me ergo com as duas asas da caridade, mas cresce a iniqüidade deste mundo; e “pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará” (Mt 24,12). Nesta vida, entre tantos escândalos, entre tantos pecados, no meio de tamanha quantidade de tentações cotidianas, de cotidianas sugestões más, que posso fazer? Como atingirei os confins do mar? Ouço do Senhor de maneira terrível: “Pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará. E prossegue: Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 24,13). Considerando a extensão da estrada, disse a mim mesmo: “Talvez as trevas me oprimam. Mas a noite se fez luz para minhas delícias”. A noite se tornou luz para mim; porque durante a noite perdera a esperança de poder atravessar um mar tão imenso, superar um caminho tão longo e chegar ao termo perseverando até o fim. Graças sejam dadas àquele que me procurou enquanto estava fugitivo, que me feriu o dorso com as chagas do flagelo, que me chamando me retirou da ruína, que iluminou minha noite. É noite

enquanto decorre a vida presente. Como fica iluminada a noite? Cristo desce à noite. Quando Cristo assumiu a carne neste mundo a iluminou nossa noite. Aquela mulher perdera uma dracma (cf Lc 15,8). A Sabedoria de Deus perdera uma dracma. Que é esta dracma? Dracma era uma moeda tendo gravada a imagem de nosso Imperador. Ele fizera o homem à imagem de Deus (cf Gn 1,27), mas o homem perecera. E que fez a mulher prudente? Acendeu uma lâmpada. A lâmpada é de barro, mas produz a chama, com a qual se encontra a dracma. A lâmpada da sabedoria, portanto, é a carne de Cristo, feita de argila; mas o Verbo brilha e encontra os perdidos. "Mas a noite se fez luz para minhas delícias", a noite se fez para mim uma delícia. Nossas delícias é Cristo. Vede como nos alegramos por causa dele. Estas vossas exclamações, esta vossa alegria de onde vêm, senão das delícias? De onde provêm as delícias, senão porque a noite foi iluminada, senão porque nos é anunciado Cristo, nosso Senhor? Ele vos procurou antes que o buscásseis, e vos encontrou para que o encontrásseis. "E a noite se fez luz para minhas delícias".

15 12 "As próprias trevas para ti não serão escuras". Não faças tuas trevas ainda mais escuras; também Deus não as escurece, mas as ilumina: porque foi-lhe dito em outro salmo: "Senhor, fazes brilhar a minha lâmpada. Iluminarás meu Deus, as minhas trevas" (Sl 17,29). Quem, então, escurece suas trevas, se Deus não as escurece? Os homens malvados, os perversos; ao pecarem, são de fato trevas; se não confessam os pecados que cometeram, mas ainda por cima os defendem, escurecem mais suas trevas. Por conseguinte, se já pecaste, estás nas trevas; mas confessando teus pecados, tuas trevas, merecerás que elas se iluminem; mas se defenderes tuas trevas, escurecê-las-ás. E quando escaparás destas trevas duplas, se nas simples já lutavas? Donde vem que o Senhor não escurece nossas trevas? De que ele não nos deixa impunes os pecados; castiga-nos com tribulações, e nos educa. Toda a miséria do gênero humano que faz o mundo gemer; sabei, irmãos, é dor medicinal e não sentença penal. Vedes dor em toda parte, em toda parte medo, em toda parte necessidade, em toda parte labores. A avareza cresce, mas no meio de males. Se Deus nos instrui por meio de tais flagelos, a fim de que nossas trevas não fiquem mais escuras, reconheçamos que estamos sob o castigo do flagelo, e bendigamos o Senhor que mistura amarguras à suavidade da vida temporal, a fim de que não nos cegue com o prazer das delícias temporais, e desejemos as delícias eternas, aspiremos por alcançar o fim do mar e habitemos em seus confins. Enfureçam-se, portanto, as ondas do mar; quanto mais se enfurecem os vagalhões, tanto mais a pomba levanta o vôo. Deus, portanto, não acentua nossas trevas, ao misturar castigos aos nossos pecados, e amarguras dos nossos prazeres perversos. Não aumentemos nós as nossas trevas defendendo nossos pecados, e a noite se fará luz para nossas delícias. "As próprias trevas para ti não serão escuras".

16 "E a noite brilhará como o dia". A noite como o dia. Dia representa a prosperidade neste mundo, e noite, a adversidade. Mas, se reconhecermos que merecemos sofrer adversidades devido a nossos pecados, ser-nos-ão suaves os castigos do Pai, a fim de não sofrermos amarga sentença do juiz. Assim consideraremos as trevas desta noite

como luz que brilhe durante a noite. Se é noite, como haverá luz? É noite, porque o gênero humano está no erro; é noite, porque ainda não veio o dia, que não está encerrado entre um ontem e um amanhã, mas é perpétuo, sem aurora, sem ocaso. Portanto, agora é noite; mas esta noite possui certa luz, e possui algumas trevas. Porque generalizando dizemos que é noite? Qual a luz nesta noite? A prosperidade e a felicidade presentes, a alegria temporária, a honra temporária servem de luz durante esta noite. A adversidade, porém, e a amargura da tribulação ou a ignomínia constituem as trevas desta noite. Nesta noite, na mortalidade da vida humana os homens possuem sua luz, e possuem suas trevas; a luz da prosperidade, as trevas da adversidade. Mas logo que se aproximar Cristo Senhor, e habitar na alma pela fé, prometendo outra luz, e inspirar e der paciência, admoestando a não se deleitar na prosperidade para não desfalecer na adversidade, a alma fiel começa a usar com indiferença deste mundo. Não se orgulha quando tudo corre bem, nem desanima quando corre mal, mas em tudo bendiz o Senhor; não somente na abundância, mas ainda quando tudo perde; não apenas quando goza de saúde, mas igualmente quando adoece, de tal forma que canta com verdade: “Bendirei o Senhor em todo o tempo; seu louvor estará sempre em minha boca” (Sl 33,2). Ora, se é “sempre”, quando brilha a luz na noite, quando a noite é obscura, quando sorri a prosperidade, quando entristece a adversidade, sempre esteja seu louvor em tua boca; e realizar-se-á em ti a palavra: “São dele as trevas como a luz”. Suas trevas não me oprimem, porque não me exalta a sua luz.

17 Podes ver a luz em Jó. Teve fartura de todos os bens. Em primeiro lugar descreve-se a luz da noite, em suas riquezas; quantos bens e em que quantidade. Era a luz de sua noite. O inimigo pensava que tal varão adorava a Deus porque lhe dera tudo aquilo e pediu que tudo lhe fosse retirado; desceram as trevas da noite sobre aquele que antes tinha a luz. Entretanto Jó sabia que com luz, ou com trevas, achava-se naquela noite, em que era peregrino, longe de seu Deus; e tinha como luz interior o próprio Deus. Essa luz interior fazia com que se portasse com indiferença diante das trevas ou da luz daquela noite. Por isso, à luz daquela noite, isto é, na abundância de bens, adorava a Deus; quando estes lhe foram tirados, vindo as trevas, que disse ele? “O Senhor o deu, o Senhor o tirou; conforme agradou ao Senhor, assim se fez; bendito seja o nome do Senhor” (Jo 1,21). Estou como numa noite desta vida. Meu Senhor, disse ele, habita em meu coração; ele iluminou com certos socorros esta noite, quando me dera fartura de riquezas temporais; subtraiu-me, porém, a própria luz temporal, e a noite se escureceu. Mas como “são dele as trevas e a luz: O Senhor os deu, o Senhor o tirou”; conforme foi do agrado do Senhor, assim se fez; “bendito seja o nome do Senhor”. Não me entristeço nessa noite, porque “são dele as trevas como a luz”. Ambas passaram, de tal sorte que aqueles que choram, sejam como se não chorassem, aqueles que se regozijam, como se não se regozijassem (cf 1Cor 7,30), porque “são dele as trevas como a luz”.

18 13 “Possuíste, Senhor, os meus rins”. Não é sem motivo que diz o salmista: “São dele as trevas como a luz”. O possuidor está no meu interior; possui não somente o coração, mas também os rins; não apenas os pensamentos, mas também os prazeres. Ele,

portanto, possui o local onde me deleitaria a pequena luz na noite; ele possui meus rins; não posso deleitar-me senão com a luz interior de sua sabedoria. E então? Não te deleitas com a prosperidade, a felicidade temporal, as honras, as riquezas, a família? Não me deleito, responde. Por quê? Porque "são dele as trevas como a luz". De onde se origina esta indiferença, de sorte que dele seja, para ti as trevas como a luz? De onde? Porque "possuíste, Senhor os meus rins; tu me amparaste desde o seio de minha mãe". Enquanto estava no seio de minha mãe, não eram indiferentes para mim as trevas ou a luz desta noite. Com efeito, seio de minha mãe eram os hábitos de minha cidade. Que cidade é esta? A que primeiro nos gerou para o cativeiro. Conhecemos aquela Babilônia, de que falamos ontem. De lá saem todos os que crêem, e suspiram por aquela luz, a Jerusalém celeste. Eu, portanto disse: Do seio de minha mãe fui acolhido pelo Senhor; então, as trevas desta noite e a luz desta noite se tornaram indiferentes para mim. Quem, contudo, se acha no seio daquela mãe, Babilônia, alegra-se com a prosperidade mundana, fica alquebrado com as adversidades no mundo; não sabe regozijar-se senão quando acontece algo de próspero no tempo, nem se contrista a não ser que suceda algo de contrário segundo o tempo. Saí do seio de Babilônia, começa a cantar um hino ao Senhor. Sai e nasce; Deus te acolherá do seio de tua mãe. Que Deus é este? Deus, a quem se refere o apóstolo Paulo: "Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno, houve por bem revelar em mim o seu Filho" (Gl 1,15.16). Quem era sua mãe? A sinagoga. E ali, que aprendera a não ser o que tinham e haviam aprendido os próprios judeus e o povo? Ficara-lhes o nome de louvor de Deus; mas neles não se encontravam ações que o louvassem. As palavras de Deus eram neles semelhantes as folhas de uma árvore, mas frutos não se achavam em parte alguma. Como sabeis, ao encontrar o Senhor uma figueira nessas condições, amaldiçoou-a e ela secou (cf Mt 21,19; cf Mc 11,13). Pois, nela achou folhas, mas não frutos. Era uma árvore que nos simbolizava. Com efeito, ainda não era época dos frutos; o criador do céu e da terra não sabia o que era notório a todos os homens? Portanto, aquele que separou Paulo desde o seio materno, também nos separou desde o seio de nossa mãe. De que mãe? Daquela Babilônia. Acolhidos, portanto, desde o seio materno, já começamos a ter esperança. Ele prometeu, irmãos e por isso vos alegrais; frutificai, devido a outra esperança. Só conhecemos como mal ofender a Deus e não sermos levados ao prêmio que nos prometeu; nem conhecemos outro bem a não ser merecermos ver a Deus, e sermos conduzidos aos bens que ele prometeu. Quanto aos bens deste mundo e aos males deste mundo, que faremos? Sejam-nos indiferentes. Já acolhidos desde o seio materno, e considerando esses bens como indiferentes, dizemos: "São dele as trevas como a luz". Nem a felicidade deste mundo nos faz felizes, nem a adversidade, infelizes. Importa mantermo-nos na justiça, amar a fé, esperar em Deus, amar a Deus, amar também o próximo. Depois destes trabalhos, teremos a luz indefectível, o dia sem ocaso; passa tudo o que nesta noite é lúcido e tenebroso. "Possuíste, Senhor, os meus rins, tu me amparaste desde o seio de minha mãe".

19 14 "Glorificar-te-ei, Senhor, porque te engrandeceste de maneira assombrosa. De maneira assombrosa te engrandeceste". Nós te admiramos porque és assombroso;

alegramo-nos com tremor. Pois, temos medo de que, nos exaltando pela soberba diante de teus dons, mereçamos perder o que recebemos por causa de nossa humildade. “Glorificar-te-ei, Senhor, porque te engrandeceste de ma-neira assombrosa. São admiráveis as tuas obras e minha alma profundamente o reconhece”. Minha alma já o reconhece profundamente, porque me amparaste desde o seio materno; com efeito, tua ciência maravilhosa me ultrapassou, era muito elevada, inacessível para mim. Portan-to, me ultrapassara, e era inacessível para mim. De onde provém, então, que agora minha alma o reconhece profundamente, a não ser porque a noite se fez luz para minhas delícias? Senão porque veio tua graça e iluminou minhas trevas? Senão porque possuíste os meus rins? Senão porque me amparaste desde o seio de minha mãe?

20 15 “Meus ossos, que formaste secretamente, não te são ocultos”. Refere-se aos ossos. Vulgarmente se diz: ossum, enquanto o latim correto diz: os. Assim se encontra no grego. Pois, poderíamos aqui supor que seria os que tem o plural: ora (boca, bocas); e não os, plural: ossa (osso, ossos). Tenho secretamente certo osso (ossum). Vamos falar assim; é melhor que os gramáticos nos censurem, do que ficar o povo sem entender. Portanto, existe um osso (ossum) secretamente, mas não escondido de ti. Com efeito, fizeste-o secretamente; por acaso o escondeste de ti mesmo? Os homens não podem ver esses ossos que fizeste para mim secretamente; conhece-os tu, que os fizeste. De que osso trata o salmista, irmãos? Investi-guemo-lo; é coisa secreta. Uma vez que sendo cristãos, falamos a cristãos, em nome do Senhor, encontramos agora que significa este osso. Trata-se de determinada firmeza interior; porque por ossos entende-se a firmeza, a fortaleza. Existe, portanto, certa firmeza interior da alma, que não se dobra. Quaisquer que forem os tormentos, as tribulações, as adversidades deste mundo que se enfureçam de todas as partes, aquilo que Deus secretamente fez firme, em nós não pode ser quebrado, não cede. Deus nos deu certa firmeza em nossa paciência, a respeito da qual diz outro salmo: “Minha alma se há de submeter a Deus. É dele que depende a minha paciência” (Sl 61,6). Observa como o apóstolo Paulo tem esta espécie de firmeza: Diz ele: “como tristes e, não obstante, sempre alegres” (2Cor 6,10). Por que: “como tristes? Por causa das injúrias, opróbrios, perseguições, flagelos, golpes, apedrejamentos, cárceres, cadeias. Quem não os julgaria infelizes nessas condições? Os próprios perseguidores não seriam cruéis contra eles, se não pensassem que suas perseguições os faziam infelizes. Eles os julgavam de acordo com sua própria fraqueza, pois não tinham interiormente ossos ocultos. Os outros, porém, que os possuíam ocultamente, por fora pareciam tristes aos homens, mas interiormente alegravam-se diante de Deus. A este Deus, que lhes dera secretamente os ossos, isso não era oculto. O mesmo apóstolo Paulo alude a esses ossos ocultos, criados por Deus, nesses termos: “E não é só. Nós nos gloriamos também nas tribulações”. Não basta que não te entristeças, mas ainda te glorias disso? Era suficiente não ficar triste. Respondes: Isto é pouco para os cristãos. Tu me deste tais ossos secretamente, que não basta não ficar esmagado, mas ainda me glorio. Por que motivo te glorias? “Nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança”. Vê se forma aquela firmeza interior no coração: “Sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança uma virtude comprovada, a virtude

comprovada a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,3-5). Assim foram formados e firmados aqueles ossos ocultamente, de sorte a levar-nos a nos gloriarmos até nas tribulações. Mas aparentemente somos infelizes, porque está escondido o que temos interiormente. "Meus ossos, que formaste secretamente, não te são ocultos, nem a minha substância nas profundezas da terra". Eis que a minha substância se encontra na carne, nas profundezas da terra; todavia, tenho interiormente ossos que formaste, e que não me deixam ceder diante de todas as perseguições desta região inferior, onde ainda se encontra a minha substância. Que há de extraordinário que um anjo seja forte? Coisa grandiosa é que a carne seja forte. E como há de ser forte a carne, há de ser forte um vaso de barro, senão por possuir secretamente ossos? "Nem a minha substância, nas profundezas da terra".

21 16 Mas, o que acontece aos que são menos firmes? Pois, quem aqui se exprime, conforme já o observei, é Cristo. Ele, contudo, fala muitas coisas em lugar do corpo; ouve-se também a Cabeça. Quase não se distingue, ora estando a falar a Cabeça, ora o corpo. Se, pois, distinguisse, de certo modo dividiria; não seriam dois numa só carne (cf Ef 5,31.32). Se, porém, são dois numa só carne, não é de admirar que sejam dois numa só voz. Quando nosso Senhor Jesus Cristo padeceu, os discípulos ainda não tinham interiormente ossos; ainda não estavam corroborados com o vigor da paciência. Isso lhes estava oculto; não conheciam as suas próprias forças. E Pedro ousou prometer que aompanharia até a morte o Senhor em sua paixão. Não sabia que estava doente; mas o médico conhecia o paciente. E o que sucedeu? Disse Pedro: "Estou pronto a ir contigo à morte. Pedro, eu te digo: o galo não cantará hoje sem que por três vezes tenhas negado conhecer-me" (Lc 22,33.34; Mt 26,34.35). A resposta do médico mostrou-se mais verídica do que a presunção do doente. Sobre o assunto, portanto, diz o salmista: "Meus ossos, que formaste secretamente, não te são ocultos". Neles se fortificaram os ossos por dentro. O vigor máximo na paixão se acha em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Ele quando quis, sentou-se; quando quis, levantou-se; quando quis, adormeceu; quando quis despertou; porque, segundo ele mesmo disse: "Tenho o poder de entregar a minha vida e a poder de retomá-la" (Jo 10,18). Que declara acerca daqueles em quem não se formara nem consolidara a fortaleza? Que diz deles? Vê como se dirige a Deus Pai: "Teus olhos viram a minha imperfeição". Minha imperfeição, Pedro, meu discípulo, que prometeu e negou, que presumiu e falhou; entretanto teus olhos o viram. Pois, o próprio Senhor o olhou, conforme se acha escrito no evangelho, após a terceira negação, advertindo-o daquilo que lhe predissera e ele: "indo para fora, chorou amargamente" (cf Lc 22,61.62). Aquelas lágrimas foram causadas pelo olhar compassivo de Deus, porque: "Teus olhos viram minha imperfeição". Efetivamente, o discípulo imperfeito, vacilando durante a paixão do Senhor, sem dúvida pereceria, mas viram-no os teus olhos; e não só a este, mas a todos os outros que eram imperfeitos, até que se fortalecessem pela ressurreição de Cristo. Viram com os próprios olhos que o corpo do Senhor que morrera não havia perecido; e fortificaram-se os seus ossos secretamente, de tal forma que já não temiam a morte. "Teus olhos viram minha imperfeição. Em teu livro todos serão inscritos". Não

apenas os perfeitos, mas também os imperfeitos. Que estes não tenham medo. Mas, devem progredir. Se eu disse: Não temam, nem por isso amem a imperfeição e fiquem onde estão. Devem progredir, na medida de suas forças. Cada dia acrescentem um pouco, cada dia aproximem-se mais. Não se afastem do corpo do Senhor. Membros de um só corpo, unidos entre si, mereçam a palavra: "Teus olhos viram minha imperfeição. Em teu livro todos serão inscritos".

22 "Errarão durante o dia e dentre eles ninguém (que não errasse)". Aqui, dia ainda é nosso Senhor Jesus Cristo. É por isso que ele dizia: "Caminhai enquanto tendes luz" (Jo 12,35). Mas os imperfeitos "errarão durante o dia". Julgaram que nosso Senhor Jesus Cristo era apenas homem; que não possuía em si oculta a divindade, não fosse secretamente Deus, mas fosse apenas o que aparentava; isso foi o que eles pensaram. Até o próprio Pedro (falamos especialmente dele, porque serve de exemplo de que não se deve perder a esperança por causa da fraqueza). O mesmo Pedro dissera ao Senhor, que interrogava sobre o que diziam os homens a respeito dele: "Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo". E o Senhor lhe respondeu: "Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus" (Mt 16,16.17). Por quê? Porque afirmara que ele era Filho de Deus. Ali, pouco depois, no mesmo lugar, no mesmo contexto, o Senhor começou a predizer sua paixão. Pedro, porém, que já confessara ser ele o Filho de Deus, ficou com medo de que morresse como filho do homem. Ele, de fato, era Filho de Deus, e era filho do homem: Filho de Deus, na condição divina, igual ao Pai; filho do homem, na condição de servo (cf Fl 2,6.7) em que era menor que o Pai (Jo 14,28). Viera, efetivamente para sofrer a paixão na condição de servo. Por que receou Pedro que na condição de servo perecesse a condição divina, em vez de presumir que pela condição divina reviveria a condição de servo? Assim falou Pedro: "Deus não o permita, Senhor! Isso jamais te acontecerá!" E o Senhor que o chamara de bem-aventurado, diz: "Arreda-te de mim, Satanás! Não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!" (Mt 16,13-23). Anteriormente, tendo dito: "Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo", ouvira a resposta: "Não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus". Por isso era pedra, por isso era bem-aventurado. Agora, contudo, porque não respondera por revelação do Pai, mas somente devido à fraqueza da carne, foi denominado Satanás: "Não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens". E aqui estava Cristo, irmãos; andava no meio deles, ordenara aos ventos (Mt 8,26), diante dos olhos deles andara sobre as ondas do mar (Mt 14,25), perante os olhos deles ressuscitara um morto havia quatro dias (Jo 11,39-44), diante dos olhos deles fizera tantos milagres; entretanto eles tiveram medo por causa de sua paixão, como se fossem perder aquele de quem haviam presumido em vão. Mas "errarão durante o dia e dentre eles ninguém que não errasse". Ninguém, nem mesmo aquele que declara: "Contigo, até a morte" (Lc 22,33). O Senhor lhes dissera: "Eis que chega a hora em que vos dispersareis, cada um para o seu lado, e me deixareis sozinho". "Mas eu não estou só, porque o Pai está comigo" (Jo 16,32). O Pai estava com ele, e ele com o Pai; ele e o Pai são um. Mas os discípulos tiveram medo quando ele morria. Por que, senão porque erraram durante o dia, e dentre eles ninguém que não errasse? "Errarão durante o

dia e dentre eles ninguém que não errasse". Mas que sentido tem a expressão: "Errarão durante do dia?" Por acaso se perderão? E onde fica então: "Teus olhos viram minha imperfeição. Em teu livro todos serão inscritos?" Então, quando foi que erraram durante o dia? Quando o Senhor estava na terra, e elas não o entenderam. Qual a conseqüência? "Mas a teus amigos, ó Deus, presto grandes honras". Os mesmos que erraram durante o dia, e dentre eles não houve quem não errasse, tornaram-se teus amigos, e presto-lhes grandes honras. Após a ressurreição do Senhor, seus ossos se fortificaram ocultamente, e eles sofreram pelo nome daquele durante cuja paixão tiveram medo. "Mas a teus amigos, ó Deus, presto grandes honras. Muito se fortaleceu o seu principado". Tornaram-se apóstolos, chefes da Igreja, carneiros que conduzem o rebanho, "muito se fortaleceu o seu principado".

24 18 "Se os contar, excederão os grãos de areia". Por intermédio daqueles que erraram durante o dia, e não houve dentre eles quem não errasse, nasceu tão grande multidão que já é incontável como os grãos de areia; somente não para Deus. Pois ele disse: "Excederão os grãos de areia". No entanto, dissera: "Contá-los-ei". Serão contados os que "excederão os grãos de areia". Conta os grãos de areia aquele que conta os cabelos da nossa cabeça (cf Mt 10,30). "Contá-los-ei, excederão os grãos de areia".

25 "Despertei e ainda estou contigo". Que quer dizer: "Despertei e ainda estou contigo?" Já sofri, fui sepultado; mas ressuscitei e eles ainda não entendem que estou no meio deles. "Ainda estou contigo", isto é, ainda não com eles, porque eles ainda não me reconhecem. Lê-se no evangelho que após a ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, os discípulos não reconheceram logo o Senhor que lhes aparecia (cf Mt 28,17). Há ainda outro sentido: "Despertei e ainda estou contigo" designa o período em que ainda está oculto à direita do Pai, antes de se revelar na glória com que virá para julgar vivos e mortos.

26 19.20 Em seguida diz o que sofre na terra, em todo esse intervalo de tempo desde a ressurreição, em que está ainda com o Pai, pela mistura de pecadores em seu corpo, a Igreja, e pela separação dos hereges. O salmo prossegue: "Se matares, ó Deus, os pecadores; homens sanguinários apartai-vos de mim. Porque revolverás em tuas cogitações: Receberão em vão as suas cidades". A meu ver, assim se coordenam as palavras: "Se matares, ó Deus, os pecadores, receberão em vão as suas cidades". O salmista dá a entender que eles são mortos quando se incham de soberba, perdendo a graça que os vivifica. "Pois o espírito santo, o educador, foge da duplicidade, ele se retira diante dos pensamentos sem sentido" (Sb 1,5). Desta forma são mortos os pecadores, porque com a inteligência obscurecida (cf Ef 4,18), afastam-se da vida divina. De fato, perdem a confissão devido ao orgulho; e assim, estando mortos, se realiza neles o que foi escrito: "Para o morto, como se não existisse mais nada, o louvor acabou" (Eclo 17,28). E assim recebem "em vão as suas cidades", isto é, seus povos vãos, seguindo a vaidade deles; estando inchados sob pretexto de justiça persuadem-nos a romperem o vínculo da unidade e a segui-los, como se fossem mais justos, os cegos e inexperientes. E encontram muitos nisso uma ocasião de se separarem da unidade de Cristo. Eles acusam

os maus, com os quais fingem não quererem ter comunhão. E como pode acontecer que não apenas ataquem a fama dos inocentes de quem eles simulam fugir como sendo malvados, mas também falam a verdade de alguns maus, semelhantes a si, no meio deles geme o trigo de Cristo (cf Mt 3,12), que conserva o vínculo da unidade. Por isso intercalou o salmista: "Homens sanguinários, apartai-vos de mim. Porque revolverás em tuas cogitações: Receberão em vão as suas cidades", isto é, seduzem, levando-os a sua própria separação seus povos, e corrompendo-os com a sua vaidade, porque tu "revolverás em tuas cogitações: Homens sanguinários, apartai-vos de mim". Segundo merece sua soberba, os pecadores, mortos espiritualmente, em vão recebem suas cidades, a saber, seus povos. Separando-os, entregam-nos à vaidade do erro, e aparentando ofendidos com a mescla das palhas, rompem a unidade e abandonam o trigo. O Senhor exorta o próprio trigo, isto é, os bons fiéis a que antes da ventilação, que virá no fim, não se separem abertamente dos maus, para não suceder que abandonem os bons misturados com eles; mas por meio de uma vida bem vivida e pela diferença de costumes de certa maneira lhes falam sem palavras: "Homens sanguinários, apartai-vos de mim". É a voz de Deus na consciência, como Deus fala no pensamento de seu povo santo. Quais são os homens sanguinários senão os que odeiam os irmãos, segundo a expressão de S. João: "Todo aquele que odeia o seu irmão é homicida"? (1Jo 3,15). Visto que os pecadores que morreram não o entendem como Deus fala no pensamento dos bons aos maus: "Homens sangui-nários, apartai-vos de mim", acusam-nos de comunhão com os maus; e separando-se por estas calúnias, recebem "em vão as suas cidades". Esta palavra que agora no pensamento dos bons se dirige aos maus, será manifesta naquele dia quando nossa Cabeça lhes dirá: "Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade" (Mt 7,23).

27 21 Agora, porém, diz o corpo de Cristo, que é a Igreja: Por que me caluniam os soberbos, como se os pecados alheios me maculassem, e por este motivo se separam de mim e recebem "em vão as suas cidades? Porventura, Senhor, não odeio os que te odeiam"? Por que os piores exigem de mim também a separação corporal dos maus, de tal sorte que antes do tempo da messe, simultaneamente com o joio se arranque o trigo (cf Mt 13,30); que antes do tempo da ventilação perca a paciência de tolerar a palha (Mt 3,12); antes que todas as espécies de peixes no fim do mundo chegarem à praia para serem separados, rompa as redes da paz e da unidade? (Mt 13,47). Por acaso os sacramentos que recebo são dos maus? Por acaso comunico-me, por consentimento, com suas vidas e com suas ações? "Porventura, Senhor, não odeio os que te odeiam e não me consumia por causa de teus inimigos?" Quando o zelo de tua casa me devorava, não via os insensatos e me consumia? (Sl 68,10). Não sentia tédio por causa dos que abandonam tua lei? (Sl 118,53). Pois, quais são os teus inimigos, a não ser os que demonstram em sua vida que odeiam a tua lei? Uma vez que odeio a esses tais, porque me caluniam os que recebem "em vão as suas cidades", como me imputam os pecados daqueles que eu odiava e acerca dos quais sentia tédio por causa do zelo pela casa de Deus? Mas e então o preceito: "Amai os vossos inimigos"? (Mt 5,44). Teria dito: "vossos, não de Deus? "Fazei bem aos que vos odeiam"; não disse: os que odeiam a

Deus. Por isso continua o salmista: “Porventura, Senhor, não odeio os que te odeiam?” Não disse: os que me odeiam. “E não me consumia por causa de teus inimigos?” Disse: teus, não meus. Mas os que nos odeiam e são nossos inimigos porque servimos a Deus, que fazem senão odiar a Deus e se tornarem seus inimigos? Então não devemos amar tais inimigos nossos? Não sofrem perseguição por causa de Deus aqueles aos quais foi dito: “Orai pelos que vos perseguem”? (Mt 5,44). Conseqüentemente, notai o que segue.

28 22 “Eu os odeio com ódio perfeito”. Que significa: “ódio perfeito? Odeio suas iniqüidades, amo tua condição. Este ódio é perfeito, a saber, não odiar os homens nem por causa dos vícios; também não amar os vícios por causa dos pecadores. Pois, vê o que acrescenta o salmo: “Fizeram-se meus inimigos”. Mostra que já não são apenas inimigos de Deus, mas seus próprios inimigos. Com eles cumprirão o que disse o salmista: “Porventura não odeio os que te odeiam”, e o que o Senhor preceituou: “Amai os vossos inimigos?” Como o realizará, a não ser com aquele ódio perfeito, odiando pelo fato de serem iníquos e amando-os por serem homens? Pois também no tempo do Antigo Testamento, em que o povo carnal era contido por meio de suplícios visíveis, um homem que já pertencia ao Novo Testamento por seu entendimento, o servo de Deus Moisés, como odiava os que pecavam, se orava por eles? E como não odiava, se os matava, senão porque os odiava com ódio perfeito? Pois, por meio daquela perfeição odiava a iniqüidade que punia, a fim de amar a humanidade pela qual orava.

29 23 Agora, portanto, o corpo de Cristo que no fim do mundo há de ser separado até corporalmente dos ímpios e dos iníquos, por enquanto geme no meio deles; e quando aqueles pecadores que foram mortos os caluniam, apesar de bons, como se fosse pela comunhão com os maus, e se separam dos bons e inocentes sob o pretexto da existência dos maus, que recebam em vão as suas cidades, de modo que muitos maus ainda restem, sem seguirem sua separação, mas devem ser tolerados pelos bons até o fim, permanecendo misturados entre eles. Que faz, então, neste meio, o corpo de Cristo, dando fruto pela paciência, sejam cem, sessenta, ou trinta por um? (cf Mt 13,23; Lc 8,15). Que faz a amada de Cristo no meio das donzelas, como lírio no meio dos espinhos? (cf Ct 2,2). Quais as suas palavras? Qual a consciência? Qual a beleza da filha do rei internamente? (cf Sl 44,14). Ouve o que ela diz: “Experimenta-me, ó Deus, e examina meu coração”. Tu, meu Deus, experimentas; tu sabes. Não um homem, não um herege que não sabe experimentar, nem pode conhecer meu coração, onde tu experimentas e sabes que não consinto nas ações dos maus, enquanto eles julgam que os pecados alheios podem contaminar-me. Enquanto eu, em minha longínqua peregrinação faço o que digo gemendo em outro salmo, isto é, que sou pacífico com os que odeiam a paz (cf Sl 119,7), até que chegue àquela visão de paz, significada pelo nome de Jerusalém, mãe de todos nós, cidade eterna nos céus, eles provocando e caluniando se separaram; recebam, não certamente na eternidade, mas “em vão as suas cidades. Experimenta-me, ó Deus, e examina meu coração; perscruta-me e reconhece minhas sendas”. Para quê? Atenção ao que se segue.

30 24 “Vê se trilho caminho íniquo e conduze-me pelo caminho da eternidade. Perscruta

minhas sendas", isto é, meus planos e pensamentos e "vê se trilho caminho íniquo, em obras", ou por consentimento; "e conduze-me pelo caminho da eternidade". Seria outra coisa do que: conduze-me em Cristo? Quem é, com efeito, a vida eterna, senão aquele que é a vida eterna? Pois é eterno aquele que disse: Eu sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6). Se, pois, encontrares em meu caminho algo que desagrade a teus olhos, porque meu caminho é mortal, "conduze-me pelo caminho da eternidade", onde não existe iniqüidade alguma; porque "se alguém pecar, temos como advogado, junto do Pai, Jesus Cristo, o justo. Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados" (1Jo 2,1). Ele é a via eterna sem pecado; ele é a vida eterna sem suplício.

31 Grandes mistérios, irmãos. Como fala conosco o Espírito de Deus? Como nesta noite ele nos traz delícias? Que é isto, nós vos perguntamos, irmãos? Como as coisas são mais suaves quanto mais obscuras? De maneira admirável, prepara-nos o Senhor uma poção que nos leva a amá-lo. Engrandece suas palavras, de sorte que quando dizíamos o que já sabíeis, todavia como daquelas passagens irrompia o que parecia obscuro, surgiam como que conhecimentos novos. Não sabíeis, irmãos, que na Igreja de Deus devia-se tolerar os maus e não criar cismas? Não sabíeis que naquela rede onde se apanham peixes bons e maus, devem permanecer eles até se chegar à praia, e que as redes não devem ser rompidas; que na praia serão separados os bons e colocados nos recipientes e os maus serão jogados fora? (cf Mt 13,47). Já sabíeis estas coisas; mas não entendíeis os versículos deste salmo. Foi explicado o que não entendíeis e renovado o que já sabíeis.

SALMO 139

SERMÃO AO POVO

1 Meus co-irmãos, os senhores bispos[1], e neles o próprio Senhor de todos, ordenaram-me que vos expusesse este salmo, na medida que Deus nos conceder este dom. Ajudem-me vossas orações, para que diga o que devo dizer, e escuteis como convém, a fim de que a palavra divina seja de utilidade para todos nós. Com efeito, ela não é útil para todos, porque a fé não é de todos (cf 2Ts 3,2). Na alma, a fé é qual raiz boa e esta dá fruto, com as chuvas. Ao invés, a perfídia, o erro diabólico, a cupidez, raiz má de todos os males (cf 1Tm 6,10), é qual raiz de espinheiro que produz galhos espinhentos mesmo com a chuva mais suave.

2 Acredito que enquanto se cantava o salmo notaste qual o seu conteúdo. O corpo de Cristo, cercado de malvados, queixa-se e geme, derramando diante de Deus as suas preces. Sua voz, em toda esta profecia, é a daquele pobre, isto é, necessitado, ainda não saciado, com fome e sede de justiça, ao qual é prometida certa saciedade, reservada para o fim do mundo (cf Mt 5,6). Neste ínterim, agora na terra tenha sede e fome, gema, bata à porta, procure. Não se deleite nos prazeres durante a peregrinação, não considere o mundo sua pátria, do qual a vinda de Cristo o libertará; porque Cristo é nossa Cabeça, Cabeça de um corpo. Não se pode falar em cabeça, onde não existe corpo ao qual pertença a cabeça. Portanto, se Cristo é Cabeça, é Cabeça de um corpo. O corpo desta Cabeça é a santa Igreja, da qual somos membros, se amamos nossa Cabeça. Ouçamos, então, as vozes do corpo de Cristo, isto é, nossas vozes, se estamos no corpo de Cristo; porque aquele que lá não se achar, pertence ao número daqueles que fazem o corpo gemer. Conseqüentemente, ou estás no corpo e gemes no meio dos maus; ou não estás no corpo, e serás dos que fazem o corpo gemer, porque ele geme no meio dos maus. Ou serás membro de Cristo, ou inimigo do corpo de Cristo. Estes inimigos e adversários do corpo de Cristo não se entendem de maneira unívoca, nem agem do mesmo modo. É versátil aquele que reina sobre eles, e que os emprega como instrumentos seus. Enfim, muitos se libertam dele, e passam para o corpo de Cristo. Quais são estes, e quantos haverão de ser, conhece-o somente aquele que os redimiu com seu sangue, sem que eles mesmos o soubessem. Com efeito, alguns haverão de persistir em sua malícia, e não pertencem ao corpo de Cristo; também eles são conhecidos daquele que nada ignora. Neste ínterim os que já estão incorporados a ele como seus membros, que ainda não gozam da futura ressurreição, quando terminará todo gemido e lhe sucederá o louvor, quando toda tribulação perecerá e haverá exultação sem fim, eles, portanto, que ainda não possuem tudo isso na realidade, mas já o têm em esperança, gemem por seus anelos, e pedem que sejam libertados dos homens malvados, no meio dos quais é necessário que vivam mesmo os bons; pois qualquer separação ainda não é segura. A separação cabe àquele que não pode errar. Que quer dizer: não pode errar? Não coloca o mau à direita,

nem o bom à esquerda. A nós, porém, nesta vida é difícil conhecermos até a nós mesmos; quanto mais não devemos de outro proferir uma sentença improvisada? Pois, se hoje sabemos que alguém é mau, ignoramos o que será amanhã; e talvez aquele que odiamos intensamente, é nosso irmão e não o sabemos. Por isso, odiamos com segurança a malícia dos maus, e amamos a criatura; de tal sorte que amemos o que Deus criou e odiemos o que fez o homem. De fato, Deus criou o próprio homem, mas o homem fez o pecado. Ama o que Deus criou, odeia o que fez o homem; desta forma perseguirás o que o homem fez, a fim de se libertar o que Deus criou.

3 1 “Para o fim. Salmo de Davi”. Não consideres outro fim senão o que foi estabelecido pelo Apóstolo: “Fim da lei é Cristo para a justificação de todo o que crê” (Rm 10,4). Por conseguinte, ao ouvires de um salmo: “Para o fim, voltem-se os corações para Cristo. O título do salmo é o pregoeiro do salmo, parecendo dizer: Eis que ele virá. Por isso vou falar, hei de cantar a Cristo. Quanto a “Davi”, entendo aquele que nasceu da descendência de Davi, segundo a carne (cf Rm 1,3). Enfim, o nome lhe veio da estirpe. Raça carnal de Davi; raça espiritual acima de Davi. E não somente antes de Davi, mas anterior a Abraão (cf Jo 8,58); mas não somente anterior a Abraão, mas até antes de Adão; nem apenas antes de Adão, mas antes do céu e da terra, antes de todos os anjos, antes de todas as Potestades e Virtudes, antes de todos os seres visíveis e invisíveis. Por quê? Porque para que existissem, tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito (cf Jo 1,3). Por isso, uma vez que é da descendência de Davi, não segundo a divindade, pela qual é Criador do próprio Davi, mas segundo a carne, ele se dignou ser denominado Davi na profecia, considera o próprio fim, porque o salmo é cantado para “Davi”. Escuta a voz de seu corpo, e permanece em seu corpo. Torne-se tua a voz que ouviste, ora e repete o que segue.

4 2 “Senhor, livra-me do homem malvado”, não de um só, mas de toda a série; nem apenas dos instrumentos, mas do próprio chefe, isto é, do próprio diabo. Por que “do homem”, se é do diabo? Porque ele aparece também na figura de homem, conforme foi dito: “Um homem inimigo é que fez isto. Veio e semeou o joio no meio do trigo”; e como os servos do pai de família dissessem: “Não semeaste boa semente? Como então está cheio de joio?” Ele respondeu: “Um homem inimigo é que fez isto” (Mt 13,27.28.25). Deste homem maligno reza, quanto puderes, para te livrares. Pois, teu “combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo de trevas” (Ef 6,12), isto é, os dominadores dos pecadores. E isto, na verdade, nós o fomos; acabamos de ouvir a palavra do Apóstolo: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5,8). Por conseguinte, transformados em luz, não em nós, mas no Senhor, oremos não somente contra as trevas, isto é, os pecadores, que ainda estão em poder do diabo, mas ainda contra o próprio príncipe deles, o diabo, que opera nos filhos da incredulidade. “Guarda-me do injusto. Homem malvado” aqui identifica-se com “injusto”. Chama-o de malvado, porque injusto, a fim de que não julgues que um injusto é bom. Pois, existem muitos injustos que parecem não prejudicar; não são cruéis, não são ásperos, não são

perseguidores, nem oprimem os outros; contudo, são injustos de outro modo porque luxuriosos, ébrios, dados aos prazeres. Como não prejudica quem não se poupa a si mesmo? Inocente é o que não prejudica; mas não o que prejudica a si mesmo. E como pode não te prejudicar quem prejudica a si mesmo? Mas respondes: Em que me prejudica? Não invadiu o que é meu, não atacou minha saúde, nutre-se de sua lúxúria, deleita-se em seus prazeres; mas se tem prazeres impuros, mancha-se a si mesmo; que me importa se não me é molesto? Prejudica-te ao menos pelo mau exemplo, porque vive contigo e convida-te a praticar as mesmas ações. Se o vês prosperar no meio de sua impureza, és induzido a deleitar-te em tais ações? Mesmo que não consintas, ao menos tens o que combater. Como, então, não te prejudicaria, se tens trabalho para vencer o que ele fez a teu coração? É malvado, portanto, todo injusto, e necessariamente será prejudicial, quer seja brando, quer seja feroz. Quem nele tropeçar, quem for apanhado em seus laços, descobrirá como é prejudicial aquele que ele julgava inócuo. Com efeito, irmãos, também os espinheiros não espetam nas raízes. Tira os espinheiros da terra, esfrega suas raízes, e verifica se sentes dor. No entanto, o que te causa dor na superfície, procede daquela raiz. Por conseguinte não vos agradem os homens como se fossem afáveis e brandos, se são amantes das volúpias carnais e seguidores dos desejos impuros; não vos agradem. Embora pareçam mansos, são raízes de espinhos. Com tais ações, pela sensualidade, muitas vezes manifestam o que tinham; e como procuram recuperar o que derramaram? Acaso já evitam as rapinas e os pensamentos de fraudes, de procurar toda espécie de maldades? Logo descobres o malvado que antes consideravas inofensivo. Quando o vias embriagar-se, era bom; agora já o vês ladrão, e o temes. As raízes produziram espinhos. Quando sentias lisas as raízes do espinheiro, então se possível devias queimá-las para não brotarem os que agora te espetam. Por isso, meus irmãos, corpo de Cristo, ou membro de Cristo, que geme no meio destes malvados; todos aqueles que encontrardes inclinados aos maus prazeres e aos deleites perniciosos, reprendei-os, castigai-os, queimai-os. Queime-se a raiz, e não poderão brotar os espinhos. Se, porém, não o puderdes, ficai certos de que os tereis como inimigos. Podem calar, podem ocultar suas inimizades, não podem amar-vos. Mas, uma vez que não podem amar-vos, necessariamente os que vos odeiam procurarão fazer-nos mal; vossa língua e vosso coração não cessem de rogar a Deus: "Senhor, livra-me do homem malvado, guarda-me do injusto".

5 3 "Dos que tramam injustiças no coração". E então? Não ousam proferir com a boca, e guardam no coração? Por isso o salmista refere-se aos que muitas vezes têm palavras boas nos lábios. Ouves a voz de um justo; mas o coração não é de um justo. Que adianta acrescentar: "Dos que tramam injustiças no coração?" Livra-me des-tes. Seja nisto poderosíssima tua mão para livrar-me. Pois é fácil evitar as inimizades declaradas; é fácil escapar do inimigo pronto e manifesto, cujas iniqüidades estão também nos lábios; é molesto, é oculto, é difícil de evitar aquele que tem palavras boas nos lábios, e ocul-ta o mal no coração: "Dos que tramam injustiças no coração, que provocam lutas todos os dias". Que são essas "lutas?" Todos os dias estabelecem o que deve combater. Nas-ce de tais corações tudo aquilo contra o qual luta o cristão. Se é sedição, cisma, heresia,

contradição turbulenta, isso não brota a não ser daqueles pensamentos que estavam encobertos; e mesmo quando os lábios proferem palavras boas, "provocam lutas todos os dias". Ouves palavras pacatas, mas a guerra declarada não se afas-ta dos corações. Os termos: "todos os dias" indicam que isto acontece ininterruptamente, isto é, em qualquer tempo.

6 4 "Aguçaram a língua qual serpente". Se ainda procuras saber qual o homem, pondera a comparação. Na serpente encontra-se principalmente a astúcia e o dolo prejudicial; por isso também ela serpeia. Nem ao menos tem pés, para que se ouçam seus passos quando se aproxima. Ao avançar, arrasta-se suavemente, mas não em linha reta. Portanto, assim rasteiam e serpeiam para causar dano, ocultando o veneno, que inoculam sob leve contacto. Por isso continua o salmo: "Sob os lábios têm veneno de áspides". Nota que está sob os lábios; uma coisa é estar sob os lábios e outra, nos lábios. Outra passagem o manifesta, nesses termos: "Falam de paz com o próximo, mas têm a malícia no coração" (Sl 27,3).

7 5 "Guarda-me, Senhor, da mão do pecador; livra-me dos homens injustos". São eles, são conhecidos. Não se trata de entender, mas de agir; necessitamos de orar e não de tentar saber quais são. Mas como orar contra tais homens, o versículo seguinte o denota. Pois muitos rezam contra os maus de forma indébita. Diz o salmo: "Que planejaram suplantar-me". É possível uma interpretação material. Alguém possui um inimigo; planeja enganá-lo num negócio, e tirar-lhe dinheiro, que investiram juntos; outro tem um vizinho inimigo, e cogita fazer mal a sua casa, diminuir um pouco seus rendimentos; com efeito, planeja um dolo, planeja uma fraude, e quer consegui-lo com artifícios diabólicos; ninguém o recebe. Todavia, não é por isso que deves precaver-te, e sim para que não te atraiam para seu lado, por meio de insídias; isto é, não te separem do corpo de Cristo e te incorporem no deles. Pois, como Cristo é Cabeça dos bons, o diabo é a cabeça deles. "Que planejaram suplantar-me". Que quer dizer: "suplantar-me?" Não quer dizer que não erres no negócio que tens com ele, e que ele não te engane na causa que tens com ele no foro. Ele suplanta, se te impedir de prosseguir no caminho de Deus, de tal modo que o desígnio reto que tencionaras realizar vacile, ou escorregue no caminho, ou caia no caminho, ou volte atrás do caminho, ou permaneça no caminho, ou retroceda para o lugar de onde partira. Todo aquele que te fizer uma de tais coisas, te suplantou, te enganou. Reza para superares tais insídias, a fim de não perderes o patrimônio celeste, não deixares de ser co-herdeiro de Cristo, porque hás de viver eternamente na companhia daquele que te fez herdeiro. Não te fez herdeiro de alguém que morre para que sejas seu sucessor, e sim com o qual hás de viver eternamente.

8 6 "Os soberbos me esconderam as suas armadilhas". Brevemente descreve todo o corpo do diabo, dizendo: "os soberbos". Daí vem que eles muitas vezes se denominam justos, enquanto são iníquos. Daí provém que nada lhes é tão incômodo como confessar seus pecados. Sendo falsos justos, forçosamente invejam os verdadeiros. Pois ninguém inveja a outrem naquilo que não quer ser ou parecer. Alguém te inveja por seres rico; para te invejar, ou quer ser rico ou ser tido na conta de rico. Outro te inveja porque és

ilustre e nobre; ou gostaria de sê-lo, ou ambiciona ser julgado tal. E assim acontece com tudo o que neste mundo parece ser bom, ou é julgado como um bem. És invejado naquilo que alguém ambiciona, em que deseja se destacar ou obter fama. Ora, estes falsos justos querem parecer justos, quando não o são; e forçosamente vendo-se na presença de verdadeiro justo, invejam-no, e procedem de maneira a tirar-lhe esse motivo de glória. Daí provêm todas as seduções e suplantações. Quem foi o primeiro a querer tal coisa foi o próprio diabo, que decaído invejou o homem que estava de pé; e tendo perdido o reino dos céus, não quis e não quer que o homem o alcance; e agora age de forma que o homem não chegue lá de onde ele mesmo foi expulso. Uma vez, portanto, que ele é soberbo, e invejoso porque soberbo, todo o seu corpo é constituído de soberbos invejosos. Quanto a nós, rezemos contra aquele que não se pode corrigir, e também pelos que podem, de sorte que digamos ao homem injusto: Por que invejas o justo, ó injusto? Porque ambicionas parecer justo? Faze logo o que é melhor, e mais facilmente conseguirás ser aquilo que queres parecer. Sê justo; assim amarás aquele a quem invejavas; o que te dói por ele ser assim, serás igualmente, e amar-te-ás nele e a ele em ti. Efetivamente, se invejares o rico, não está em teu poder tornar-te rico; se invejares um senador honesto e nobre, não está em teu poder seres nobre e ilustre; se invejares um homem belo, jamais conseguirás fazer-te belo. Se invejares ao forte e válido, jamais obterás para ti essa força. Mas, se invejares a um justo, é questão de vontade; torna-te o que te dói ver no outro. De fato, não terás de comprar o que não és e o outro é; obtém-se gratuitamente, rapidamente: “Paz na terra aos homens de boa vontade” (Lc 2,14).

9 Mas aqueles “soberbos me esconderam suas armadilhas”. Procuraram suplantar-me. E que fizeram? “Estenderam cordas como laços para meus pés”. Que cordas? Esta palavra é conhecida das Escrituras, e encontramos noutra passagem o que significam essas redes. O Senhor fez um flagelo de cordas para expulsar do templo os que ali agiam mal (cf Jo 2,15), e outro trecho das Escrituras indica-nos como entender essas cordas: “O ímpio é apanhado pelos laços do pecado” (Pr 5,22). E abertamente Isaías: “Ai dos que se apegam à iniqüidade, arrastando-a como uma corda longa”! (Is 5,18). Por que a denomina corda? Porque todo pecador que persevera em seus pecados, acumula-os. E quando devia pela acusação do pecado corrigir-se, duplica-o pela defesa o que podia apagar com a confissão, e muitas vezes quer proteger-se com outros pecados por causa daqueles que cometeu. Pratica um adultério e para não ser morto, premedita um homicídio; acrescenta pecado a pecado. Além disso, se lhe acontecer praticar o homicídio, ele que temia por causa de um crime, teme por dois. E assim, vendo-se com maior temor do que antes, não pensa diminuir o que fez, mas acumular o que ainda não fez; vai atrás talvez de um malefício. Eis com três pecados. Quem pensará em mais? Como acabar a corda dos pecados? E não é exata a expressão: rede? A rede aumenta pela torcedura; e não se colocam fios retos, mas tortos. A perversidade alonga-se e não cuida de cortar o que teceu errado e sim aumentar, produzir, esticar. No fim terá como ser ligada de mãos e pés e ser lançada nas trevas exteriores (cf Mt 22,13). Eles estendem diante dos justos esses seus pecados, quando tentam persuadi-los a praticar os crimes

que eles mesmos cometem. Por isso diz o salmista: “Estenderam cordas como laços para meus pés”, isto é, quiseram derrubar-me com seus pecados; e onde? “Perto do caminho puseram-me um tropeço”. Não no caminho, mas “perto do caminho”. Teus caminhos são os preceitos de Deus. Eles colocaram tropeço perto do caminho; não te apartes do caminho, e não esbarrarás no tropeço. Não digas: Se Deus lhes proibisse colocar-me tropeços perto do caminho, não poriam. É o contrário. Deus permitiu que eles colocassem tropeços junto do caminho para que tu não deixes suas veredas. “Perto do caminho puseram-me um tropeço”.

10 7 E que resta? Qual o remédio no meio de tantos males, nestas tentações, nestes perigos? “Disse ao Senhor: És o meu Deus”. Eles são homens e não são meus; tu és Deus, e és meu. “Disse ao Senhor: És o meu Deus”. Oração grandiosa! Induz à confiança. Mas, Deus não será deles? De quem não é Deus o Deus verdadeiro? Mas propriamente é Deus daqueles que dele fossem, que o servem, que de bom grado se submetem a ele. Com efeito, os maus, mesmo contra a vontade, estão-lhe sujeitos. Os bons invocam o Deus que os coroará; os que fogem da sujeição, por ele serão condenados. O iníquo que não quer ter o Senhor por seu Deus, para onde fugirá do Deus de todas as coisas? Seria bom para ele, portanto, converter-se para o Deus de todos, e fazê-lo seu Deus, através da conversão; aquele, porém, que a conversão fez dele o seu Deus, convivendo com tais pecadores, sedutores, hipócritas, soberbos, diga a Deus: “Disse ao Senhor: És o meu Deus. Ouve, Senhor, a voz da minha súplica”. É uma sentença simples, e fácil de se entender. Entretanto, talvez seja agradável pensar por que não disse o salmista: Ouve minha súplica; mas exprimindo de certo modo com maior clareza o afeto de sua alma, disse: “a voz de minha súplica”, a vida de minha súplica, a alma de minha súplica. Não o que soa em minhas palavras, mas o que vivifica minhas palavras. Pois, ruídos sem alma podem ser chamados sons, mas não vozes. A voz propriamente é dos seres animados, vivos. Quantos, porém, suplicam a Deus, e não percebem a Deus, não pensam de maneira correta sobre ele? Podem ter então o som da súplica, mas não a voz, porque não têm vida. Voz da súplica era de alguém que vivia, porque conhecia seu Deus, via quem o libertava, e percebia de que o libertava.

11 8 Recomendando-a aos ouvidos de Deus, diga: “Senhor, Senhor”. Tu, “Senhor, Senhor”, isto é, tu, Senhor em toda verdade, não como os homens são senhores, não como os senhores que compram com dinheiro, e sim Senhor que compra com seu sangue. “Senhor, Senhor, força de minha salvação”, isto é, que dás forças à minha salvação. Que quer dizer: “força de minha salvação?” O salmista se queixava dos escândalos e das ciladas dos pecadores, dos homens que o cercavam ladrando e armando insídias, instrumentos do diabo, dos soberbos que invejavam os justos, entre os quais necessariamente vivemos, enquanto estamos em peregrinação. O Senhor predisse que viria tal abundância de escândalos: “Crescerá a iniqüidade, e pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará”. Mas logo acrescentou o consolo: “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 24,12). Percebeu-o o salmista e teve medo; perturbado com a abundância das iniqüidades, considerou a esperança, porque

“aquele que perseverar até o fim, esse será salvo”. Empenhou-se em perseverar e viu como o caminho era longo. Visto que perseverar é coisa grandiosa e difícil, pediu a perfeição de sua perseverança àquele que lhe ordenou que perseverasse. Certamente serei salvo se perseverar até o fim; mas a perseverança pertence à virtude, para que mereça a salvação; tu és a força de minha salvação, tu me fazes perseverar para obter a salvação. “Senhor, Senhor, força de minha salvação”. Qual o motivo por que espero que sejas a força de minha salvação? “Protegeste-me a cabeça no dia do combate”. Eis que agora ainda combato: combato fora contra os que se fingem bons; combato dentro contra minhas concupiscências; “mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros. Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso” (Rm 7,23-25). Por conseguinte, lutando nesta guerra, olhou para a graça de Deus; já começara a sentir calor e a murchar, mas encontrou uma sombra, sob a qual viveria: “Protegeste-me a cabeça no dia do combate”, isto é, no calor ardente, para não me cansar, não murchar.

1 Portanto, o sermão foi pronunciado a pedido de alguns bispos.

12 9 “Não me entregues, Senhor, segundo meu desejo, ao pecador”. Eis para que me valerá a tua sombra, a fim de não sofrer o ardor de mim mesmo. Que me faria aquele pecador, por mais que se enfurecesse? Com efeito, os iníquos se enfureceram contra os mártires; arrastaram-nos, ligaram-nos com cadeias, fecharam-nos nos cárceres, feriram-nos com a espada, lançaram-nos às feras, consumiram-nos no fogo. Tudo isso eles fizeram; mas Deus não os entregou aos pecadores, porque não foram entregues segundo seus desejos. Por isso, suplica-lhe, quanto puderes. Que Deus não te entregue, segundo teu desejo, ao pecador. Pois, tu, com teu desejo dás entrada ao diabo. Eis que o diabo te propôs um lucro e te incitou a uma fraude. Não podes alcançar o lucro se não cometeres esta fraude. Mas o lucro é uma isca, a fraude, um laço. Dá atenção à isca de tal sorte que vejas igualmente o laço, porque não podes obter o lucro se não cometeres fraude; mas se a cometeres, cairás no laço. Não digo que cairás, porque serás descoberto. Às vezes não serás descoberto, mas da parte dos homens; acaso não o serás por Deus? Serás apanhado, arrastado, morto. Todo o que pratica isto, mata-se a si mesmo. Lá está a isca, mas também lá está o laço. Freia o desejo, e não cairás no laço; se, porém, te vencer o desejo da isca, ele porá teu pescoço no laço, e o caçador das almas te apanhará. “Não me entregues, Senhor, segundo meu desejo, ao pecador”. Daí provém a sombra no dia do combate. Pois o desejo produz calor ardente; a sombra do Senhor tempera o desejo, a fim de podermos refrear e não sermos arrastados; não sentiremos tal ardor que sejamos jogados na armadilha. “Eles tramaram contra mim; não me desampares para que não se ensoberbeçam”. Encontra-se em outra passagem: “Exultarão meus opressores se eu ficar abalado” (Sl 12,5). Estes também são assim, porque assim é também o próprio diabo. Quando tiver seduzido o homem, alegra-se, triunfa sobre ele; ele se exalta porque foi humilhado o homem. Por que foi humilhado? Porque se exaltara malignamente; mas aquele que dele triunfa, será humilhado. Assim acontece a todos os que se alegram com

o mal. Parecem por algum tempo gloriar-se, ensoberbecer-se, levantar a cabeça. Não vos agrade a exaltação deles. Têm na boca a isca e o anzol. O que os deleita os arrasta. “Não me desampares para que não se ensoberbeçam”, isto é, não triunfem por minha causa, não se alegrem por isso.

13 “O começo de seus circuitos, a fadiga de seus lábios os envolverá”. A mim, me protegerá a sombra de tuas asas. Protegeste-me no dia do combate. E a eles, o que protege? “O começo de seus circuitos”, isto é, a soberba. Que são “seus circuitos?” Eles rodam e não páram; giram em torno do erro, numa estrada sem fim. Quem vai ao longo da estrada, começa num ponto e termina em outro; quem gira, nunca chega ao fim. Esta a fadiga dos ímpios, demonstrada com maior evidência em outro salmo: “Os ímpios andam ao redor” (Sl 11,9). Mas o começo de seus circuitos é a soberba, porque a soberba é o início de todo pecado (cf Eclo 10,15). Como se sabe, porém que a soberba é “a fadiga de seus lábios?” Todo soberbo é fingido, todo fingido é mentiroso. Os homens lutam para falar a mentira; falariam com toda facilidade, se falassem a verdade. É um labor o fingimento ao falar. Pois, quem quer dizer a verdade, não faz esforço algum; a própria verdade fala sem labor. O salmista mostra o homem a pedir a Deus: Proteja-me tua sombra; aos outros proteja-os a sua mentira, mas a própria mentira é fadiga para seus lábios. “Eis que ele gerou a injustiça, concebeu o trabalho e deu à luz a iniqüidade” (Sl 7,15). Toda obra má acarreta fadiga, e toda obra mal concebida, tem a mentira como guia. Só existe verdade na obra boa. É por isso que todos se cansam com a mentira. Como clamou a verdade? “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso” (Mt 11,28). É a mesma voz que clama aos atribulados em outro salmo: “Filhos dos homens, até quando tereis o coração empedernido? Por que amais a vaidade e procurais a mentira”? (Sl 4,3). Escuta de outra passagem mais claramente alusão à fadiga que traz a mentira: “Habituaram suas línguas à mentira, eles se cansam de agir mal” (Jr 9,4). “O começo de seus circuitos, a fadiga de seus lábios os envolverá”.

14 11 “Choverão sobre eles carvões em brasa na terra, e os derrubarão”. Que é: “na terra?” Aqui, ainda nesta vida; aqui “sobre eles choverão carvões em brasa, e os derrubarão”. Quais são esses “carvões em brasa?” Já conhecemos estes carvões. Ou esses diferem daqueles dos quais vamos falar? Pois vejo que estes eqüivalem a um castigo; os outros, porém, a que vou me referir, são para salvação. Foi dito, efetivamente, de certos carvões, quando o sal-mista pedia auxílio contra uma língua dolosa: “Qual será a tua paga, o teu castigo, ó língua enganadora? Aguçadas setas de poderosos, com carvões devoradores” (Sl 119,9), isto é, as palavras de Deus que traspassam o coração, eliminam o velho homem, geram o amor; e são os exemplos dos homens que estavam mortos e reviveram, estavam negros e se tornaram brilhantes. Pois, os carvões representam as trevas; a cor o indica. Mas, ao se aproximar deles a chama da caridade, e ser apagados se acenderem, escutem a palavra do Apóstolo: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5,8). Estes são, irmãos, os carvões que contemplamos, quando queremos mudar a vida por termos sido traspassados pelas setas

de Deus, e impedem-nos as línguas más, das quais há pouco nos queixávamos; e querem seduzir-nos, afastando-nos do caminho da verdade, além disso induzir-nos a seus erros e dizer-nos que não cumpriremos o que prometermos. Olhamos esses carvões. O que ontem era ébrio, hoje é sóbrio; quem ontem era adúltero, hoje é casto; quem ontem era ladrão, hoje é doador; todos estes são carvões em brasa. Acrescentam-se os exemplos dos carvões aos das feridas ocasionadas pelas setas (não receio denominá-las feridas, uma vez que a esposa clama: “Estou ferida de amor” [Ct 2,5,sg. LXX] e realiza-se ali a devastação do feno; por isso são chamados carvões devastadores. O feno é devastado, mas o ouro é purificado. E o homem se transfere da morte à vida, e começa a ser também ele carvão ardente. Tal carvão era o Apóstolo, que primeiro foi perseguidor, blasfemo e injurioso (cf 1Tm 1,13), negro e extinto; tendo obtido misericórdia, foi aceso por um fogo vindo do céu; a voz de Cristo o acendeu. Sumiu dele todo negrume, e começou, pelo fervor do espírito que o inflamava, a acender os outros. Então aqui, devemos entender que se trata de tais carvões, que chovem sobre os maus e os derrubam? Certamente, não é proibido entender assim. Vejo aqui começar a luzir para nós uma sentença aceitável e irrepreensível; entendo que esses carvões caem sobre eles para derrubá-los. Sobre uns chovem para acendê-los; sobre outros, para derrubá-los. Pois, o próprio carvão dizia: “Para uns somos odor que da morte leva à morte; para outros, odor que da vida leva à vida” (2Cor 2,16). Pois, eles vêem os justos, ardorosos de espírito, numa luz candente, e caem por invejá-los. Assim, chovem sobre eles carvões na terra, e são derrubados. Que quer dizer: “na terra?” Enquanto estão nesta vida; sem levar em consideração a pena que é reservada para os ímpios, esses carvões os derrubam, antes que venha o fogo eterno: “Choverão sobre eles carvões em brasa na terra e os derrubarão. Na desgraça não subsistirão”. Vem a desgraça sobre eles e não a toleram; o justo, porém, subsiste, como subsiste aquele que diz: “Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança uma virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,3-5). Ao invés, quando sobrevém aos ímpios alguma angústia, alguma infelicidade, não subsistem; caem. Pois, ao sofrerem tais tribulações, não conseguem tolerá-las, caem em péssimos pecados, porque são entregues segundo seu desejo ao pecador.

15 “O homem falador não trilhará bom caminho na terra”. O falador gosta da mentira. Que prazer tem senão falar? Não presta atenção ao que fala, contanto que fale. É impossível que trilhe bom caminho. Como deve então ser o servo de Deus, inflamado por aqueles carvões, e feito também ele carvão salutar? Como deve ser? Deve preferir ouvir a falar, conforme está escrito: “Seja cada um de vós pronto para ouvir, mas tardio para falar” (Tg 1,19); e se for possível, deseje não ter necessidade de falar, discursar e ensinar. Pois, eis o que afirmo a V. Caridade: meus irmãos agora vos falamos para vos ensinar; quanto melhor seria se todos nós soubéssemos tudo e nenhum ensinasse a outro, de sorte que não haveria um que falasse, outro que ouvisse, mas todos seríamos ouvintes só daquele ao qual se diz: “Far-me-ás ouvir o júbilo e a alegria”? (Sl 50,10). Daí também

deriva que João Batista não se alegrava tanto por pregar e falar, mas alegrava-se por ouvir; assim se exprime: “Mas o amigo do esposo, que está presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do esposo” (Jo 3,29). Por isso, irmãos, logo direi a V. Caridade, como cada qual deve dar provas de si mesmo: não quero dizer que não fale, mas fale conforme o exija o dever de falar; tenha o gosto voluntário da taciturnidade, e a palavra de ensinamento segundo a necessidade. Pois, quando é necessária a palavra da doutrina? Quando tens de suportar um ignorante, quando suportas um indouto. Se sempre te agrada ensinar, sempre queres que haja um ignorante a quem ensines. Se, porém, és benévolo, e queres que todos sejam doutos, não queres que haja sempre a quem ensinar. O exercício ou a aprovação de teu ensino não virá de tua vontade, e sim da necessidade. Tua alegria esteja na audição da palavra de Deus, e a necessidade te leve a falar; e assim não serás falador, que não trilha bom caminho. Por que queres falar e não queres ouvir? Sempre pronto a sair, demoras a voltar para dentro. Teu mestre está no teu interior; quando ensinas, de certo modo sais ao encontro daqueles que estão do lado de fora. No interior, de fato, ouvimos a verdade, e falamos àqueles que estão fora de nosso coração. Quando se diz que temos no coração aquilo que pensamos, trata-se de determinada imagem, que disto temos impressa. Pois, se eles estivessem inteiramente dentro de nós, saberiam o que existe em nosso coração e assim seria desnecessário falar-lhes. Se, porém, te agrada o que fazes do lado de fora, acautela-te de inchar-te do lado de fora, sem poderes voltar pela porta estreita (cf Mt 7,17), e que não possa te dizer teu Deus: “Entra na alegria de teu Senhor” (Mt 25,21.23); mas te diga, porque estava fora de ti o que amaste: “Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o fora, nas trevas exteriores” (Mt 22,13). Mostrou que é um mal ser lançado fora, também demonstrou que é bom entrar no interior. Pois, o que disse ao servo bom? “Entra na alegria de teu Senhor; ao mau servo, porém: “Lançai-o fora, nas trevas exteriores” (cf Mt 25,30). Por conseguinte, não prefiramos os bens exteriores, mas os interiores; alegremo-nos com os interiores; quanto aos exteriores, sigamos a necessidade, não a vontade. “O homem falador não trilhará bom caminho na terra”.

16 “Os males apanharão o injusto para sua perdição”. Os males advêm, e ele não subsiste; por isso disse o salmista: “Apanharão para sua perdição”. Sucedem males a muitos bons, a muitos justos; parece que os males vêm encontrá-los. Por isso, diz o salmo: “Apanharão”, porque todos querem se esconder do mal; mas quando alguém é alcançado por um mal, é uma espécie de caça. Porventura são apenas os maus que fogem dos males, quando estes vêm procurá-los? Não foi dito também aos bons: “Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra”? (Mt 10,23). Portanto, quando os maus perseguiam os bons, isto é, nossos mártires, prendendo-os, apanhavam-nos na caça, mas não para sua perdição. A carne era oprimida, a alma coroada; a alma foi lançada para fora do corpo, mas ao corpo nada se fez que posteriormente pudesse ainda prejudicá-lo. Seja queimada a carne, seja ferida, dilacerada; foi roubada ao Criador, porque foi entregue às mãos do perseguidor? Aquele que a criou quando não era, não restaurará melhor a que era? Por isso, todas as vezes que os justos foram aprisionados, os maus na verdade os apanharam, mas não para a perdição. Ao invés, aqueles que não

trilham bom caminho, que são faladores, os males os apanharão para sua perdição. Por quê? Porque “na desgraça não subsistirão”.

17 3 “Sei, porém, que o Senhor fará justiça ao necessitado”. Esse necessitado não é falador. Pois, quem é falador, quer ter fartura, não sabe ter fome. Mas, são necessitados aqueles aos quais se diz: “Batei e vos será aberto; buscai e achareis; pedi e vos será dado” (Mt 7,7). É necessitado aquele do qual se diz: ‘Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Gemem no meio dos escândalos dos maus, suplicam a sua Cabeça que os livre do homem malvado, que os guarde do maligno, que escapem das mãos dos injustos. Destes o Senhor não negligencia a causa; e se agora sofrem opressão, aparecerá a sua glória quando se manifestar a glória de sua Cabeça. A eles se diz aqui na terra: “Morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,3). Portanto, somos pobres, e nossa vida está escondida. Clamemos por pão; existe um pão; existe um pão vivo que desceu do céu (cf Jo 6,41). Quem nos alimenta na caminhada, na pátria há de saciar-nos. Agora, pois, somos reconfortados para suportarmos; pois é forçoso que tenhamos fome até sermos saciados. “Sei que o Senhor fará justiça ao necessitado”. O salmista está seguro de “que o Senhor fará justiça ao necessitado e à causa do pobre”. O Senhor mostrará aos iníquos quanto ama seus justos; mostrará aos ricos quanto ama seus pobres. Ricos são os soberbos e pobres os humildes; ricos, os que não procuram porque têm em abundância; pobres, os que suspiram por desejo do que não têm. O Senhor fará justiça a sua causa.

18 “Mas os justos confessarão teu nome”. Confessarão teu nome, ao atenderes a causa deles, ao fazer-lhes justiça; nada atribuirão aos próprios méritos, e sim a tua misericórdia. “Mas os justos confessarão teu nome”. Confessarão teu nome, porque por mais justos que forem, nada assumem como seu, nada atribuem a si mesmos. Como é que tornam reto o coração? Voltando-se para si mesmos, eles torcem o coração; ao invés, voltando-se para o Senhor, tornam reto o coração. Onde estará o prazer, o repouso, a alegria, a felicidade? Porventura em si mesmos? Não; naquele que os transforma em luz. Diz o Apóstolo: “Mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5,8). Por isso, leva em consideração o modo de continuar e de concluir do salmo: “E os retos habitarão diante de tua face”. Iam mal ao olharem para a própria face; estarão bem diante de tua face. Amaram sua face e comeram o pão com o suor de seu rosto (cf Gn 3,19). Voltem, enxuguem o suor, termine o trabalho, cesse o gemido e virá para eles a tua face, com tudo que lhes baste. Nada mais procurarão, pois nada há de melhor; não te abandonarão doravante, nem serão desamparados por ti. Com efeito, que foi dito sobre o Senhor, após a ressurreição? “Encher-me-ás de alegria ante a tua face” (Sl 15,11). Longe de tua face, não existe alegria para nós. Limpamos a face, a fim de nos alegrarmos ante a sua face. Pois, “desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é” (1Jo 3,2), porque “os retos habitarão diante de tua face”. Imaginamos que será diante da face do Pai e não diante da face do Filho? Ou ante a face do Filho e não diante da face do Pai? Ou de certa maneira perante a face do Pai e do Filho e do Espírito

Santo, que é uma só? Verifiquemos se não teria o próprio Filho nos prometido a visão de sua face para nos alegrar. Agora mesmo o Senhor Deus inspirou-nos a leitura do capítulo do evangelho que atesta o que se encontra neste salmo. Pois, afirmou o próprio Senhor: "Quem ouve meus mandamentos e os observa é que me ama; e quem me ama, será amado por meu Pai. Eu o amarei e a ele me manifestarei" (Jo 14,21). Qual o prêmio prometido, caríssimos? Por acaso não o viam os apóstolos a quem prometeu que se lhes manifestaria? Não estava diante deles? Sua face corporal não se oferecia a seus olhos? Que é que ainda queria mostrar aos que o viam? Mas os discípulos o viam tal qual aparecia ao ser crucificado pelos judeus. Pois, era Deus oculto sob aquela carne. Eles podiam como homens ver a sua humanidade, mas quanto a Deus não o podiam, apesar de ter a natureza humana. Uma vez que são "bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8), apareceu na condição humana aos piedosos e aos ímpios; reservou a condição divina para os puros e piedosos, para que nele nos alegremos, e sermos felizes eternamente diante de sua face.

SALMO 140

SERMÃO AO POVO

1 Ouvistes, irmãos, da boca do Apóstolo, ao ser lida há pouco sua carta, uma exortação e uma súplica. De fato, disse ele: “Perseverai na oração, vigilantes, orando por nós também ao mesmo tempo, para que Deus nos abra uma porta à palavra, para falarmos do mistério de Cristo, a fim de que eu dele fale como devo” (Cl 4,2-4). Dignai-vos considerar estas palavras como se fossem minhas também. Existem nas Sagradas Escrituras mistérios profundos, que foram escondidos para não serem subestimados; devem ser procurados para que nos exercitem; e a porta se abre para nutrirem. O salmo que acabamos de cantar é um tanto obscuro em muitas sentenças. Quando, com o auxílio do Senhor, começarmos a tirar para fora e expor o que foi dito, verificareis que já conhecíeis o que ouvis. Mas foram repetidas essas coisas de muitas formas para que a diversidade no modo de serem emitidas acabasse com o fastio, diante da verdade.

2 Pois, que verdade haveis de ouvir e conhecer melhor, mais salutarmente, do que esta: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo coração, de toda a alma e de todo o entendimento”, e: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo?” Mas não julgueis que estes dois preceitos são pequenos: “Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mt 22,37-40). Que pode, portanto, a mente conceber de mais salutar, ou a boca proferir, ou qualquer página divina inscrever, que não tenha por fim a caridade? Mas não uma caridade de qualquer modo. Com efeito, os que vivem mal travam entre si sociedade relativamente a uma consciência condenável, e dizem que se amam entre si, que não querem se separar uns dos outros, que são concordes em suas conversas, sentem falta dos ausentes e se alegram com a mútua presença. Este amor é infernal; tem um visgo que os lança nas profundezas e não asas que os elevem para o céu. Que é então a caridade, segre-gada e distinta das outras que assim são chamadas? Caridade verdadeira é a dos cristãos, definida por Paulo, de tal modo de limites definidos que se distingue das outras espécies, pois é infinita devido à divindade. Diz Paulo: “A finalidade desta admoestação é a caridade” (1Tm 1,5). Podia dizer tudo isso. Pois, em outros trechos onde falava a bom conhecedores, declarou: “A caridade é a plenitude da lei” (Rm 13,10), e não explicou qual a caridade. Não o exprimiu, porque já dissera noutra passagem; não se pode, nem se deve falar tudo em todos os lugares. Portanto, aqui disse: “A caridade é a plenitude da lei”. Talvez perguntarias: Que caridade? Qual caridade? Escuta outra passagem: “A finalidade desta admoestação é a caridade, que procede de um coração puro”. Ponderai se entre ladrões existe caridade que procede de um coração puro. Coração puro no exercício da caridade consiste em amar o próximo segundo Deus; porque também a ti mesmo deves amar assim, para que seja exata a regra: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,39). Se, pois, amas de maneira errada e sem fruto a ti mesmo, de que aproveita ao próximo se o amas assim? Como, porém, amas a ti mesmo

de forma errada? Como o insinua a Escritura, que não adula, e te convence de que não amas a ti mesmo; ainda mais, convence-te de que te odeias: “Quem ama a iniqüidade, odeia a sua alma” (Sl 10,6). Se, então, amas a iniqüidade, pensas que te amas a ti mesmo? Erras; e ao amares deste modo ao próximo, tu o levas à iniqüidade, e teu amor será uma cilada para o ser amado. Por conseguinte, “a caridade que procede de um coração puro” é segundo Deus, e procede também de “uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia” (1Tm 1,5). Esta caridade definida pelo Apóstolo se desdobra em dois preceitos: amor a Deus e amor ao próximo. Em parte alguma da Escritura procures outra coisa; ninguém vos prescreve mandamento diferente. Tudo que há de obscuro na Escritura traz oculta a caridade; tudo o que é manifesto a revela. Se a caridade em parte alguma aparecesse claramente, não te nutriria; se nunca estivesse oculta, não te exercitaria. Esta caridade clama de um coração puro, do coração daqueles que proferem estas palavras, como aquele que reza agora. E quem é ele, logo direi: é Cristo.

3 Mas, ides ouvir algumas palavras que não se aplicam a nosso Senhor Jesus Cristo, e quem não entender bem achará que foi temerário de minha parte afirmar que se trata de Cristo neste salmo. Como, pois, seria possível entender a respeito de nosso Senhor Jesus Cristo, daquele cordeiro imaculado, daquele que foi o único em quem não se encontrou pecado, único a poder afirmar com toda verdade: “Pois o príncipe do mundo vem; contra mim, ele nada pode” (Jo 14,30), isto é, não encontra culpa alguma, crime algum; único que restituía o que não tirou (cf Sl 68,5); único a ter derramado seu sangue inocente, Filho de Deus unigênito a assumir a carne, não para ser diminuído, mas para nos fazer crescer: como, então, seria possível atribuir-lhe com exatidão essas expressões: “Põe, Senhor, uma guarda a minha boca, e uma porta que feche meus lábios. Não deixes inclinar-se meu coração a palavras malignas, buscando escusas aos pecados?” É bem evidente que o sentido é o seguinte: Guarda, Senhor, minha boca, fechando-a com a porta, os batentes de teu preceito, a fim de que meu coração não se incline às palavras malignas. Quais são estas palavras malignas? As que desculpam os pecados. Prefiro, diz o salmista, não escusar e sim acusar os meus pecados. Estas palavras não se adaptam a nosso Senhor Jesus Cristo. Pois, que pecados cometeu, de sorte que devesse antes confessá-los que defendê-los? Estas palavras são nossas. Mas, certamente Cristo fala. Se são palavras nossas, como fala Cristo? E onde fica a caridade que mencionei? Não sabeis que ela nos fez um em Cristo? A caridade clama e em nosso favor; a caridade clama da parte de Cristo por nossa causa. Como a caridade clama a Cristo por nossa causa? “Então, todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo” (Jl 3,5). Como a caridade de Cristo clama por nós? “Saulo, Saulo, por que me persegues”? (At 9,4). Diz o Apóstolo: “Vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros” (1Cor 12,27). Se, portanto, ele é a Cabeça e nós somos o corpo, é um só homem que fala; quer seja a Cabeça que fale, quer sejam os membros, é um só Cristo que fala. E é próprio da Cabeça falar também em lugar dos membros. Observai o costume que temos. Em primeiro lugar, como somente a Cabeça pode falar em lugar de nossos membros. De fato, como nossa cabeça fala em lugar de todos os membros, notai-o. Num lugar apertado alguém te pisa o pé. Diz a cabeça: Tu me pisas. Uma mão te bate: Tu me bates,

diz a cabeça. Ninguém tocou a cabeça, mas fala a unidade do conjunto de teu corpo. A língua que se acha na cabeça toma a defesa de todos os teus membros, e emprega a palavra em favor de todos. Assim, portanto, ouçamos Cristo a falar; mas cada qual reconheça aí sua voz, pois está incorporado a Cristo. Às vezes vai pronunciar palavras, nas quais nenhum de nós se reconhece, mas pertence apenas à Cabeça; esta, contudo, não se põe à parte de nossas palavras e se eleva às suas próprias, ou de suas palavras deixa de retornar às nossas. Pois, dele e da Igreja foi dito: "Eles se tornam uma só carne" (Gn 2,24). Daí se origina a palavra do evangelho sobre o mesmo assunto: "De modo que já não são dois, mas uma só carne" (Mt 19,6). Isso não é novidade; sempre ouvis estas coisas, mas ao se apresentar a ocasião é necessário relembrá-las, em primeiro lugar porque as próprias Escrituras que comentamos de tal forma são conexas, que muitas coisas se repetem em muitas passagens; e é útil. As preocupações mundanas são espinhos e sufocam as sementes. Por isso, importa que o Senhor relembre aquilo que o mundo leva a esquecer.

4 1 "Senhor, clamei por ti, escuta-me". Estas palavras todos nós podemos proferir. Mas, não sou eu quem falo, é o Cristo total. Refere-se, contudo, mais ao corpo. Quando Cristo estava na terra, vivendo na carne, orou e em lugar do corpo suplicou ao Pai. E ao orar, de todo o corpo corriam gotas de sangue. Assim está escrito no evangelho: "Orava com mais insistência ainda", e suou sangue (Lc 22,44). Que simboliza esse suor sanguíneo por todo o corpo senão a paixão dos mártires de toda a Igreja? "Senhor, clamei por ti, escuta-me atende à voz de minha prece, quando por ti clamar". Pensavas que a questão dos clamores tinha terminado ao dizeres: "Clamei por ti". Clamaste, mas não fiques tranqüilo. Se a tribulação terminou, terminou o clamor; se, porém, permanece a tribulação da Igreja e do corpo de Cristo até o fim do mundo, não somente diga: "Clamei por ti, escuta-me, mas ainda: "Atende à voz de minha prece, quando por ti clamar".

5 2 "Qual incenso, suba a minha oração a tua presença e a elevação de minhas mãos seja um sacrifício vespertino". Todo cristão sabe que estas palavras costumam ser aplicadas à própria Cabeça. Ao declinar o dia, à tarde, o Senhor na cruz entregou o espírito que tomaria novamente; não o perdeu, contra sua vontade. Todavia, nisto também nos representava. Que parte dele esteve pendente da cruz, senão a natureza que de nós recebeu? E como seria possível que alguma vez Deus Pai abandonasse o Filho único, que efetivamente é com ele um só Deus? Entretanto cravando na cruz nossa fraqueza, onde "nosso velho homem", na expressão do Apóstolo, "foi crucificado com ele" (Rm 6,6), tomou a voz do próprio homem e clamou: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste"? (Sl 21,2; Mt 27,46). Sacrifício vespertino, por conseguinte, é a paixão do Senhor, a cruz do Senhor, a oblação da vítima salutar, holocausto agradável a Deus. Aquele sacrifício vespertino transformou-se por ocasião na ressurreição, em dom matutino. Quanto à oração que se eleva com pureza do coração fiel, é como o incenso que sobe do santo altar. Não há odor mais agradável ao Senhor; assim o exalam todos os que crêem.

6 3 “Nosso velho homem”, portanto, conforme as palavras do Apóstolo, “foi crucificado com ele, para que fosse destruído este corpo de pecado, e assim não sirvamos mais ao pecado” (Rm 6,6). Igualmente no salmo mencionado, tendo dito: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste”, imediatamente acrescentou o salmista: “As vozes de meus delitos”. De que delitos, se consideras a Cabeça? Entretanto, esta palavra do salmo ele fez sua, conforme atestou na cruz, onde proferiu estas palavras, pronunciou o mesmo versículo. Não há margem para conjeturas humanas, nem acesso para qualquer negação de um cristão. Escuto do Senhor o mesmo que leio no salmo. Também no próprio salmo reconheço o que leio no evangelho: “Traspassaram-me as mãos e os pés. Contaram todos os meus ossos. Estiveram a olhar-me e me examinaram. Dividiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sorte” (Sl 21,17-19). Tudo isso se realizou conforme fora predito. Como ouvimos, assim vimos (cf Sl 47,9). Por conseguinte, se nosso Senhor Jesus Cristo, figurando-nos pelo amor a seu corpo, apesar de ser ele mesmo sem pecado, disse: “As vozes de meus delitos”, e proferiu-o representando seu corpo, qual de seus membros ousa afirmar que não tem pecado, a não ser que ouse aplicar-se uma falsa justiça, e acusar a Cristo de falsidade? Confessa, portanto, ó membro, aquilo que a Cabeça pronunciou em teu lugar. Para o confessarmos, para o fazermos, não nos justifiquemos diante daquele que é o único justo e que justifica o ímpio (cf Rm 4,5). Logo acrescenta o salmista a voz do corpo: “Põe, Senhor uma guarda a minha boca e uma porta que feche meus lábios”. Não disse: um claustro que feche e sim: “uma porta”. A porta abre-se e fecha-se; portanto, se é porta, abre-se e fecha-se. Abre-se para a confissão dos pecados, fecha-se para escusá-los. Assim, pois, será uma porta que contenha, não arruíne.

7 4 De que nos serve esta porta que fecha? Como ora Cristo em nome de seu corpo? “Não deixes inclinar-se meu coração a palavras malignas. Que é: “meu coração?” O coração de minha Igreja, o coração de meu corpo. Notai aquelas palavras que encerram para nós uma norma: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9,4) quando ninguém o tocava. “Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber etc.” E eles perguntarão: “Quan-do foi que te vimos com fome, com sede?” E o Senhor: “Toda vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,35.37.40). Essas palavras não devem ser estranhas aos cristãos, especialmente por conterem normas, que tornam claras as outras; e não devem ser alteradas, ou logo corrigidas. Como, então, dirão os justos: Senhor, por que disseste: “Tive fome e me destes de comer? Quando foi que te vimos com fome? E ele há de responder: Toda vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”; assim também agora digamos a Cristo interiormente, em nosso homem interior, porque ele se digna habitar ali pela fé (cf Ef 3,17). Pois, ele não está ausente, e temos a quem falar, uma vez que ele mesmo nos diz: “Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,20). Digamos, portanto, também nós, porque assumimos sua voz neste salmo; com efeito ninguém nega que se trata de sua voz nesse versículo: “E a elevação de minhas mãos seja um sacrifício vespertino”. Conseqüentemente, deves proferir: “Põe, Senhor, uma guarda a minha boca e uma porta

que feche meus lábios. Não deixes inclinar-se meu coração a palavras malignas, buscando escusas aos pecados". Por que rezas deste modo, Senhor? Que pecados tens para te escusares? Ele responderá: Toda vez que um de meus membros assim reza, eu também rezo, da mesma forma que respondeu naquela passagem do evangelho: "Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25,40).

8 Quando, porém, teu coração não se inclinar, ó membro de Cristo, quando teu coração não declinar "para palavras malignas, buscando escusas aos pecados, com os malfeitores" não te comunicarás "com os eleitos deles". Quais são os eleitos deles? Os que se justificam a si mesmos. Quais são os eleitos deles? Os que se consideram justos e desprezam os outros, como aquele fariseu que disse no templo: "Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens" (Lc 18,11). Quais são os eleitos deles? "Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca" (Lc 7,38). Reconheceis as palavras de outro fariseu, que convidara o Senhor a sua casa, quando aquela mulher que era pecadora na cidade veio e aproximou-se de seus pés? Aquela mulher impudica, antes descarada por sua fornicação, mas ainda mais sem pudor, para obter a salvação invadiu a casa alheia. Mas, não era alheio aquele que estava ali à mesa. Ela não era estranha a determinado conviva e sim serva do Senhor, e que o seguiu. Aproximou-se dos pés, porque queria seguir suas pegadas; lavou-os com as lágrimas e enxugou-os com os cabelos. Quais são os pés de Cristo, senão aqueles pelos quais ele percorreu o mundo? "Quão graciosos são os pés dos mensageiros, dos que anunciam a paz, dos que proclamam boas novas!" (Is 52,7; Rm 10,15). Quantos receberam os pés do Senhor a fim de que, recebendo um justo na qualidade de justo, pudessem receber a recompensa própria de justo, e recebendo um profeta na qualidade de profeta, pudessem receber a recompensa própria de profeta! "E quem der, nem que seja um copo d'água fria, a um destes pequeninos, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa" (Mt 10,41.42). Quem, portanto, recebe os pés do Senhor com tal atenção, o que dá senão o que tem de supérfluo em casa? É com razão que aquela mulher enxugava os pés do Senhor com os cabelos, porque estes são considerados um tanto supérfluos. As coisas supérfluas se tornarão para ti necessárias, se com elas obsequiares os pés do Senhor. Ora, ela queria curar-se, cônscia como estava de seu grande ferimento. Mas o ferimento era grave e o médico pouco hábil? Os fariseus não se deixavam tocar pelos impuros e evitavam todo contato com os pecadores; e se por necessidade os tocavam, faziam abluções. E quase toda hora purificavam não somente a si mesmos, mas seus utensílios, seus leitos, cálices, pratos, segundo menciona o Senhor no evangelho (cf Mt 23,25). E como, portanto, o fariseu que conhecia aquela mulher, e se ela se lhe aproximasse dos pés, a repeliria, para não tornar-se impuro, possuía a santidade no corpo, não no coração; e visto que não a possuía no coração, era falsa a do corpo. Uma vez, então, que ele a teria repelido, e o Senhor assim não agiu, ele julgou que o Senhor desconhecia quem ela era, e disse a si mesmo: "Se esse homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca" (Lc 7,39). Não disse: repeliria, mas se soubesse quem é; seria conseqüente que, sabendo, a repelisse. Pelo fato de não

ter repelido, suspeitou que ele não soubesse. O Senhor, contudo, tinha pousado os olhos naquela mulher, enquanto os ouvidos estavam atentos ao coração do fariseu. Por isso, percebendo seus pensamentos, propôs a parábola que conheceis. "Um credor tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários e o outro cinqüenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual dos dois o amará mais?" E ele respondeu, coagido pela verdade a proferir sentença contra si próprio: "Suponho que aquele ao qual mais perdoou". E voltando-se para a mulher, disse a Simão: "Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste um ósculo; ela, porém, não parou de cobrir-me os pés de beijos. Não me derramaste água nos pés; ela, ao contrário, regou-me os pés com lágrimas. Não me derramaste óleo na cabeça; ela, ao invés, ungiu-me com perfume. Por esta razão, eu te digo, seus numerosos pecados lhe estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor" (Lc 7,36-47). Por quê? Porque confessou, chorou, seu coração não se inclinou a palavras malignas, buscando escusas para seus pecados, não se comunicou com os eleitos deles, isto, com os que se defendem.

9 Pois, não faltaria essa mulher de defender seus pecados, se seu coração se inclinasse para palavras malignas. Acaso diariamente as iguais a ela na impureza, mas não iguais na confissão, meretrizes, adúlteras, criminosas não defendem seus pecados? Se são escondidos, negam; se, porém, forem surpreendidas no pecado, forem convencidas, ou se os fizerem publicamente, defendem. E como é fácil a defesa delas, como é rápida, quão precipitada, cotidiana e sacrílega! Oh, se Deus não o quisesse, não o faria! Foi Deus, foi a fortuna, foi o destino que o quiseram. Não dizem: "Eu disse: Compadece-te de mim, Senhor", nem procuram como aquela pecadora os pés do médico: "Cura a minha alma, porque pequei contra ti" (Sl 40,5). E quais são os que empregam tal defesa, meus irmãos? Não somente os ignorantes, mas também os instruídos. Sentam-se e fazem o cômputo dos astros; intervalos; cursos, volubilidade, estado, movimento, tudo isso observam, descrevem, calculam. Parecem doutos, importantes. Todo esse conhecimento e grandeza empregam na defesa do pecado. Serás adúltero, porque assim te quer Vênus; serás homicida porque o quer Marte. Portanto, é Marte que é homicida e não tu; e Vênus que é adúltera, não tu. Cuidado, não aconteça seres condenado por causa de Marte e de Vênus. Pois, Deus que haverá de condenar, sabe quem és tu que dizes: Não fui eu, a um juiz bem informado. Na verdade, o próprio astrólogo, que te vende fábulas insidiosas, de sorte que adquires, mas não gratuitamente, tua morte (pois compras do astrólogo a morte, tendo desprezado a vida gratuita que Cristo te oferece); o mesmo astrólogo se acaso vir sua esposa conversar com certa petulância, ou atender perversamente a alguns estranhos, ou freqüentemente ir à janela, não a pega, não lhe bate, e impõe disciplina a sua casa? Se a mulher lhe responder: Se podes, bate em Vênus, não em mim. Ele não responderá: Louca, uma coisa é o que compete ao dono e outra é o que se diz ao comprador? Portanto, os eleitos deles quais são? Eleitos dos maus, eleitos dos ímpios, com os quais não deve haver comunicação, isto é, com os quais não se estabelece sociedade. Quais são eles? Os que se consideram justos, e desprezam os demais como pecadores, como eram aqueles fariseus. Se os próprios pecados são manifestos ou são descobertos, ou são praticados em público, defendem e afirmam que culpa alguma lhes

deve ser atribuída; e isto a fim de que se julgue que eles não praticaram mal algum, mas dizem eles, tudo foi Deus que fez, porque ou assim criou o homem, ou ordenou as estrelas, ou negligencia os negócios humanos. São as defesas dos eleitos do mundo. Mas diga o membro de Cristo, diga o corpo de Cristo, diga Cristo em nome de seu corpo: "Não deixes inclinar-se meu coração a palavras malignas, buscando escusas aos pecados, com os malfeitores; e não me comunicarei com os eleitos deles".

10 Sabeis, irmãos, não devo, contudo, omiti-lo, que os maniqueus denominam eleitos os que se consideram justos eminentes, ocupando de certo modo o primeiro grau da justiça. Os que sabiam, recordem; os que não sabiam, ouçam. Na verdade, eleitos de Deus são todos os santos, e temos isto nas Escrituras; mas eles usurparam aquele nome, e aplicaram-no a si habitualmente, de sorte que sejam chamados, como se lhes fosse nome próprio, de eleitos. Quais são estes eleitos? Aqueles dos quais se disseres: Pecaste, imediatamente proferem aquela defesa ímpia, pior que as outras e mais sacrílega: Não fui eu que pequei, mas a raça tenebrosa. Qual é esta raça tenebrosa? A que entrou em guerra com Deus. E é ela que peca quando tu pecas? Ela mesma, responde, porque estou mesclado com ela. De que teve medo Deus, que te misturou com ela? Dizem o seguinte: Aquela raça tenebrosa se rebelou contra Deus, antes da criação do mundo; e ele temendo que seus reinos, devido a um ataque hostil fosse devastado, enviou para a terra seus membros, sua substância, aquilo que ele mesmo é; se é ouro, ouro; se é luz, luz. Tudo o que ele é, foi enviado e misturado às entranhas do povo das trevas; e assim Deus criou o mundo. E nós, as almas, dizem eles, somos dos membros de Deus; mas somos oprimidos aqui nas entranhas do povo tenebroso, e todo pecado que se nos atribui, é ele que o comete. Com efeito, parecem escusar-se de pecado; mas não escusam seu Deus do crime do medo, nem a própria substância de Deus do crime da corruptibilidade. Mas, se Deus é incorruptível, se imutável, se incontaminável, se ima-culado, se impenetrável, que lhe pode fazer aquela raça? Lançasse ela o ataque que quisesse; como atemorizaria o impenetrável, o inviolável, o incontaminado, o imutável o incorruptível? Se, portanto, Deus é tal, é cruel, porque vos mandou para cá sem motivo, pois nada poderia causar-lhe dano. Por que vos enviou? De fato, aquela raça tenebrosa não poderia causar-lhe dano. Ele, no entanto, vos prejudicou gravemente, e ele, mais do que ela, foi vosso inimigo. Entretanto, ele mesmo podia vos prejudicar. Pudestes ser oprimidos, ser capturados, pudestes ser manchados, pudestes vos corromper; portanto, também ele o pôde. Pois, um pedaço, uma pequena porção de sua natureza venceu a massa. Aquele que ficou lá é tal a porção que foi enviada para cá. Isto afirmam eles. Eles afirmam que existem duas substâncias: uma aquela e outra esta. Os livros deles contêm essas coisas; e se negam, leiam-se os livros e ficarão convencidos.

11 E então? Para neste exórdio não falar mais, omitirei os fatos piores, os mais criminosos; neste mesmo exórdio, pelo qual fazem a guerra, vede como devem ser vencidos. E quanto a dizer que a raça tenebrosa lutou contra Deus, eles mesmos se acham envolvidos nesta contenda de palavras. De fato, não têm como responder, ou para onde fugir. Se queres, ó nefando, falsamente eleito, defender teu pecado, de tal maneira

que tendo cometido algum pecado, pareças não seres tu que o cometeste, procuras sobre quem jogar a culpa de teu pecado e a lanças sobre a raça tenebrosa. Mas considera se não estás lançando a culpa de teu pecado sobre Deus. Se a raça tenebrosa, que inventais pudesse, te diria: Por que me acusas? Pude fazer algo contra teu Deus, ou não? Se pude, sou mais forte do que ele; se não pude, por que ele teve medo de mim? Se não teve medo, por que te mandou para cá, a fim de sofreres tanto, apesar de seres membro dele, sua substância? Se não teve medo, teve inveja; se não agiu assim por medo, foi por crueldade. Quão iníquo, então, não é ele, visto que nada podia prejudicá-lo, no entanto fez com que seus membros na terra a tal ponto sofressem dano! Ou podia ser atingido? Nesse caso não seria incorruptível. Querendo, pois, defender-te de teu pecado, não podes louvar a Deus. Se não te jactasses louvando-te a ti mesmo, não serias impedido de louvar a Deus. Passa a censurar-te e louvarás a Deus. Retorna às palavras dos salmos que aborreces e dize: "Eu disse: Compadece-te de mim, Senhor, cura a minha alma, porque pequei contra ti" (Sl 40,5). Declarei: Eu pequei. Não foi a fortuna, o destino, a raça tenebrosa. Se, pois, tu pecaste, logo hás de ver como se abre o caminho ao louvor de Deus, que era estreito enquanto querias defender-te. É melhor sentir angústias por teus pecados e te dilatares no louvor de Deus. Tendo confessado teu pecado, vê como Deus será louvado. Ele é justo, ao punir o que persiste no pecado, e misericordioso ao libertar aquele que confessa. Diz o salmo: "Não deixes inclinar-se meu coração a palavras malignas, buscando escusas aos pecados", a ponto de dizer que a raça tenebrosa foi que cometeu o pecado que eu cometi.

12 "Com os malfeitores". Qual malefício? Digamos uma de suas iniqüidades nefandas. Escutai a narração de uma iniqüidade maligna e pública dos maniqueus, que eles mesmos confessam. Dizem que é melhor ser usurário do que agricultor. Interrogas qual a razão e eles a dão. Vê se tal razão não deve ser chamada loucura. Dizem eles: Aquele que empresta dinheiro com usura, não lesa à cruz luminosa (muitos não entendem, mas vou explicar); quanto ao agricultor, lesa muito à cruz luminosa. Perguntas que cruz luminosa é esta? Respondem: Os membros de Deus que foram aprisionados no combate, misturaram-se ao mundo todo, e estão nas árvores, nas ervas, nos po-mos, nas frutas. Fere os membros de Deus aquele que abre sulcos na terra; fere os membros de Deus, quem arranca a erva da terra; fere os membros de Deus, quem colhe a mãça da árvore. Para não fazer no campo falsos homicídios, comete com empréstimos verdadeiros homicídios. Ele não dá o pão ao mendigo. Vede se existe maior iniqüidade do que esta justiça. Não dá o pão ao mendigo; perguntas qual o motivo. Para que aquele mendigo não receba a vida que se acha no pão, denominada por eles membro de Deus, substância divina; e não a prenda na carne. E então, que fazeis vós? Por quê? Por que comeis? Não tendes carne? Mas nós, respondem, uma vez que somos maniqueus iluminados pela fé, pelas nossas orações e salmos, e que somos eleitos, purificamos assim a vida que está no pão, e a enviamos aos tesouros dos céus. Tais são os eleitos; não são salvos por Deus, mas salvadores de Deus. E isto é Cristo, dizem eles, crucificado em todo o mundo. Eu pelo evangelho recebera Cristo como salvador; vós, porém, em vossos livros, ledes que sois salvadores de Cristo. Sois, sem dúvida, blasfemadores de Cristo, e portanto por ele

não deveis ser salvos. Portanto, não se dê a esmola ao mendigo, e para não chorar no bocado de pão o membro de Deus, o mendigo há de morrer de fome! Falsa misericórdia para com o bocado de pão, que pratica um verdadeiro homicídio contra um homem. Mas quem são estes eleitos deles? “Não deixes inclinar-se meu coração a palavras malignas e não me comunicarei com os eleitos deles”.

13 5 “O justo me corrigirá e repreenderá com misericórdia”. Vede o pecador a confessar. Quer ser corrigido misericordiosamente, antes que ser louvado com mentira. “O justo me corrigirá com misericórdia”, se é justo, se é misericordioso, ao me vir pecando. Assim, na verdade, se exprimem certos membros de Cristo, falam sobre determinados membros de Cristo, falam em um só corpo. O Senhor se digne falar como alguém que corrige, sem rejeitar falar em lugar daquele que se corrigiu ou deve ser corrigido. Pois, todos os membros nele, e ele próprio dizem: “O justo me corrigirá”. Qual o justo que te haverá de corrigir? A Cabeça emenda todos os membros. “O justo me corrigirá e repreenderá com misericórdia”. Repreenderá, mas com misericórdia; repreenderá, mas não com ódio; e repreenderá tanto mais quanto não odeia. E o repreendido, porque agradece por isso? Porque: “Repreende o sábio, e ele te agradecerá” (Pr 9,8). “O justo me corrigirá” porque me persegue? De forma alguma. Deveria então ser emendado, se corrige com ódio. Por que então corrige? “Com misericórdia. E me repreenderá”. Como? “Com misericórdia. Mas o óleo do pecador não me unja a cabeça”. Que significa: “O óleo do pecador não me unja a cabeça?” Não erguerá minha cabeça com a adulação. Adulação é falso louvor; louvor falso do adulador é óleo do pecador. Por isso, os homens quando querem zombar de alguém louvando-o com falsidade, dizem a respeito dele: Ungi-lhe a cabeça. Gostai, portanto, de serdes repreendidos pelo justo com misericórdia, e não serdes louvados pelo pecador com irrisão. Levai óleo convosco, e não procureis o óleo do pecador. Pois, aquelas virgens prudentes levaram óleo consigo (cf Mt 25,4). As virgens prudentes levavam óleo consigo, isto é, a consciência delas prestava-lhes bom testemunho. O óleo representa a glória; brilha, resplandece na superfície. Mas a glória deve ser boa e verdadeira, para que esteja dentro, nos vasos. Escuta o que é estar nos vasos. “Cada um examine sua própria conduta, e então terá de que se gloriar por si só e não por referência ao outro” (Gl 6,4). Que quer dizer: em seus vasos? Escuta o próprio Apóstolo: “O nosso motivo de ufania é este testemunho da nossa consciência” (2Cor 1,12).

14 Finalmente, uma vez que estás no corpo de Cristo, e ainda carregas certa mortalidade, sê justo para ti mesmo, sê justo em ti mesmo. És pecador, castiga a ti mesmo; volta à tua consciência, exige de ti cumprimento de pena, atormenta-te. Assim ofereces um sacrifício a Deus. “Pois se quisesses um sacrifício, de certo eu o ofereceria. Não te comprazes em holocaustos”. E então? Não aceitas sacrifício algum? “Sacrifício a Deus é o espírito contrito; ao coração arrependido e humilhado Deus não despreza” (Sl 50,18.19). Humilha teu coração, esmaga-o, atormenta-o; também tu te emendarás com misericórdia; não te odiaste a ti mesmo, ao te enfureceres contra ti. A parte que se corrige te faz justo, embora sejas na parte que precisa ser emendada, pecador; quanto à parte que te desagrada, és injusto; quanto a que te desagrada por te fazer injusto, és

justo. Queres ver quanto és justo? Desagrada-te o mesmo que a Deus; já te uniste à vontade de Deus, e odeias em ti não o que ele fez, mas o que ele aborrece. Na medida que odeias em ti o que fizeste, e que odeia igualmente aquele Deus que não o fez, começaste a ser severo para contigo mesmo; e ele será misericordioso, poupando-te porque tu não te poupaste. Portanto, devido ao fato de que olhas como ele vê, e te comprazes em sua lei, e censuras em ti o que sua lei condena, e te desagrada o que não apraz aos olhos de Deus, verifica como és justo. De outro lado, és iníquo e pecador por teres caído e feito o que desagrada a Deus, e devido a certa fragilidade inerente à fraqueza humana cometeres aquelas faltas e ainda carregares a fraqueza da carne, e gemeres pela consciência de estares relutando.

15 Perguntas: Como se pode ser parcialmente justo e parcialmente pecador? Que é que dizes? Sentimos dificul-dade, parecemos falar paradoxos, a não ser que nos venha em socorro a autoridade do Apóstolo. Escuta a palavra do Apóstolo, a fim de não me acusares de entender mal. Diz ele: “Compraz-me a lei de Deus, segundo o homem interior”. Eis o justo. Pois, não é justo aquele a quem compraz a lei de Deus? Como, então, é pecador? “Mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado”. Ainda faço guerra contra mim mesmo, ainda não estou inteiramente restaurado à imagem de meu criador; comecei a ser esculpido de novo, e pela parte em que sou reformado, desagrada-me o que em mim é disforme. Por isso, enquanto sou assim, que espero? “Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? A graça de Deus por Jesus Cristo Senhor nosso” (Rm 7,22-25). A graça de Deus que já começou a esculpir novamente, a graça de Deus que infunde suavidade, de tal sorte que pelo homem interior te comprazes na lei de Deus; assim como isto foi sanado, o restante também o será. Geme, porém, ainda estando ferido, castiga a ti mesmo, a tua situação te desagrade.

16 Diz Paulo: “É assim que pratico o pugilato, mas não como quem fere o ar. Trato duramente o meu corpo e reduzo-o à servidão, a fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado” (1Cor 9,26-27). Porventura quem trata duramente o corpo, o odeia? Quem castiga o servo, o odeia? Se fustiga o filho, o odeia? E para falarmos globalmente, tua carne é como tua esposa. Isto é o que diz o próprio Apóstolo: “Ninguém jamais quis mal à sua própria carne, antes alimenta-a e dela cuida, como também faz Crito com a Igreja” (Ef 5,29). Certamente a carne assemelha-se a uma esposa, e ninguém quer mal a sua própria carne. No entanto, que diz outra passagem? “A carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne” (Gl 5,17). Tem aspirações contrárias as tuas, como uma esposa; ama e castiga, até que se reforme e viva em concórdia. Quando isto sucederá? Uma vez que agora clamas: “Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte”? (Rm 7,24). Este corpo se há de separar de ti e então estarás seguro? E que seria: “Gememos interiormente, suspirando pela redenção de nosso corpo”? (Rm 8,23). Da mortalidade é restaurado para a imortalidade e já não resiste, porque não existe mortalidade que resista. Por isso, trata duramente teu corpo; agora sujeita o que depois recuperarás; agora

desfaleça, para que então tudo esteja bem. Pois, nesta vida não pode ser restaurado, enquanto decorre o tempo em que é mortal. Não te abata, não te quebrante; suporta, instrui, castiga. Ele será restaurado no fim. E como "ninguém jamais quis mal a sua própria carne", ressurgirá a carne. Mas como? Também então haveria eu de lutar? "É necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade" (1Cor 15,53).

17 Por conseguinte, ao dizer o salmista: "Ele me corrigirá e repreenderá", quer seja um irmão, quer um próximo, quer um vizinho, quer tu mesmo, deves repreender e corrigir com misericórdia. "Mas o óleo do pecador não me unja a cabeça". Mas o que faço, dizes-me? Sofro da parte dos aduladores, que não cessam de gritar; louvam-me no que não quero, elogiam-me naquilo que menosprezo, censuram-me no que estimo; aduladores, mentirosos, sedutores. Dizem, por exemplo: É um grande homem, aquele Fulano; importante, douto, sábio; mas por que é cristão? (cf Tertul. Apolog. 3,1). De grande ciência, grandes conhecimentos, grande sabedoria. Se tem grande sabedoria, aprova o fato de ser cristão; se têm grande ciência, escolheu doutamente. Enfim,aquilo que tu condenas, agrada àquele a quem elogias. Mas, como? Aquele louvor não adoce: é óleo do pecador. Mas ele não cessa de falar. Nem por isso unja tua cabeça, isto é, não fiques contente com isso; isto é, não concordes, não consintas, não te con-gratules com isso; e se ele traz o óleo da adulação, mas tua cabeça permanece íntegra, não se incha, não se orgulha. Se ela se inchar e se elevar, fica pesada e te precipita nu-ma queda. "Mas o óleo do pecador não me unja a cabeça".

18 "Ainda até minha oração será do agrado deles". Espera; agora me injuriam, diz o Cristo. Nos primórdios, os cristãos eram censurados em toda parte. "Ainda espera; até minha oração será do agrado deles". Virá a época em que ultrapassarão o número mil os homens que baterão no peito a dizer: "Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (cf Mt 6,12). Quantos restaram que têm vergonha de bater no peito? Portanto censurem; toleremos. Repreendam, odeiem, acusem, caluniem: "Ainda; até minha oração será do agrado deles". Virá o tempo em que até minha oração será do agrado deles. Pois eles se erguem por suas forças, como se fossem justos; serão vencidos na luta. Uma vez que se elevaram orgulhosamente, serão derrubados, arrastados pelos pecados, verão que são iníquos, e se realizarão as predições dos profetas. Começarão a temer o juízo, o íntimo deles se volta à consciência dos pecados, e agradar-lhes-á a oração: "Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (Mt 6,12). Oh loquaz defesa dos pecados! Certamente os povos já proferem esta prece, e o trovão dos povos a baterem no peito não se interrompe. Com razão, das nuvens onde Deus habita, partem trovões. Onde se encontra aquela loquacidade, onde aquela jactância: Sou justo, não pratiquei mal algum? Sem dúvida, ao ponderares a norma da justiça incluída nas Sagradas Escrituras, por mais que tenhas progredido, reconhecer-te-ás pecador. Progrediste, já adoras a um só Deus. Ótimo! Não praticas adultério em relação a ele, procurando ídolos, astrólogos, adivinhos, arúspices, agoureiros, maléficos; seria fornicação relativamente ao Senhor teu Deus; já és do

número dos membros de Cristo. Começas a perceber também aqueles pecados da sociedade humana. Não matas, não cometes adultério com a mulher do próximo, nem abandonas tua mulher para procurar outra, não injurias, não te contaminas por nenhuma mácula péssima, contiveste a mão para não furtar, a língua de um perjúrio, o coração de desejar qualquer bem do próximo: já és justo. Considera o restante; não te ensoberbeças ainda. Tua língua não peca em coisa alguma? Não deixas escapar uma palavra dura? Mas que importância tem isso, dizes? Que importância? "Aquele que chamar ao seu irmão: Louco, terá de responder ao julgamento da geena de fogo" (Mt 5,22). Aquela soberba toda estremece. Eis que ele não comete mal tão grande que pareça por alguma impiedade blasfemar contra Deus; não avança para causar dano a alguém, não faz a outrem o que não quer lhe seja feito; mas e a língua? Quem a domina? Suponhamos que já a domaste, embora se pergunte: Quem é tão grande que o faça perfeitamente? Mas seja que já a freaste; que fazes de teus pensamentos? Que fazes do tumulto e da turba de desejos rebeldes? Não lhes ofereces teus mebros. Acredito. Vejo. No entanto os pensamentos às vezes te dobram, te arrastam, muitas vezes durante a oração de joelhos. Prostras o corpo, dobras a cerviz, confessas os pecados, adoras a Deus. Vejo onde jaz o corpo, e pergunto por onde voa o espírito. Vejo os membros prostrados; vejamos se a consciência está firme, vejamos se está fixa naquele a quem adora; e se muitas vezes não é arrastada pelos pensamentos, como um mar agitado, e é levada pela tempestade daqui para lá. Se estivesses falando comigo, e de repente te voltasses para teu escravo, e me deixasses (não digo que estivesses me pedindo algo, mas falavas de igual para igual), não consideraria uma injúria? É isto que fazes cotidianamente a Deus. Quem é que assim age, irmãos? Não falo daquele que adora um só Deus, que confessa a Cristo, que sabe que o Pai e o Filho e o Espírito Santo são um só Deus, que não lhes é infiel, que não adora os demônios, que não procura auxílio do diabo, que pertence à Igreja católica; de quem ninguém se queixa ter sido por ele defraudado, nem um vizinho fraco geme devido a uma opressão; que não tenta a mulher do próximo, que se contenta com a sua, ou nem se une a sua, mas segundo é permitido e lícito, segundo a disciplina do Apóstolo, quando há consenso mútuo, ou ainda não contraiu casamento. Quem assim, no entanto é surprendido a fazer aquelas coisas que mencionei.

19 6 Veio, portanto, o tempo do qual foi dito: "Ainda; e até a minha oração será do agrado deles"; seja a que ele nos ensinou, seja aquela com a qual intercede por nós. Por conseguinte, diante de todos esses pecados diários que esperança temos, senão proferir com coração humilde a oração do Senhor, que já é de nosso agrado, pois não defendemos nossos pecados, mas os confessamos: "Perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (cf Mt 6,12), e temos por advogado junto do Pai, Jesus Cristo, o justo? Ele é vítima de expiação pelos nossos pecados (cf 1Jo 2,1.2). Agora falam os soberbos; são vencidos em número, são vencidos pelos povos, enquanto a terra inteira, do nascer do sol até o seu ocaso, louva o nome do Senhor. Que fazem os outros, em pequeno número, que disputam? São os juízes dos ímpios. Mas que te importa? Vê o seguinte: "Seus juízes foram tragados junto à pedra". Que significa: "Foram tragados junto à pedra? Essa rocha, porém, era Cristo" (1Cor 10,4). "Foram

tragados junto à pedra". Junto, isto é, com ela confrontam-se os juízes, os grandes, os poderosos, os doutos; são denominados "seus juízes", porque julgam acerca dos costumes e proferem uma sentença. Assim falou Aristóteles. Coloca-o junto à pedra e é tragado. Quem é Aristóteles? Que ele ouça: Cristo falou, e ele estremece nas regiões inferiores. Assim falou Pitágoras, assim Platão. Coloca-os junto à pedra, compara a autoridade deles à autoridade evangélica, compara os orgulhosos ao crucificado. Digamos a todos eles: Vós inscrevestes vossas obras nos corações dos soberbos; ele gravou sua cruz nos corações dos reis. Finalmente, morreu e ressuscitou; vós mor-restes, e não quero saber como ressurgireis. Portanto: "Foram tragados junto a esta pedra seus juízes". Parecem proferir algo até que sejam postos em confronto com a pedra. Por isso se descobrimos que algum deles disse o mesmo que Cristo disse, congratulamo-nos com ele; mas ele não o segue. Todavia ele foi anterior a Cristo. Se alguém fala a verdade, será anterior à própria verdade? Ó homem, pondera quando foi que Cristo te criou e não quando veio a ti. O doente pode também dizer: Mas eu fui para a cama antes que o médico viesse me ver. De fato, ele veio depois, porque tu caíste doente primeiro.

20 Notai, então o texto do salmo: "Ainda; e até minha oração será do agrado deles". Mas serão muitos os con-traditores: "Seus juízes foram tragados junto à pedra. E então? Ouvirão, porque minhas palavras prevaleceram". Minhas palavras prevaleceram sobre as palavras deles. Eles proferiram sermões eloqüentes, mas os meus são verdadeiros. Uma coisa é louvar um orador loquaz, outra louvar um verdadeiro. "Ouvirão, porque minhas palavras prevaleceram". Qual deles não foi surpreendido a sacrificar, quando as leis o proíbem, e não negou? Qual não foi descoberto a adorar um ídolo e deixou de gritar: Não fiz isto; e tem medo de ser convencido? O diabo tinha tais ministros. Como então prevaleceram as palavras do Senhor? "Eis que eu vos envio como ovelhas entre lobos. Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode meter corpo e alma na geena de fogo" (Mt 10,16.28). Incutiu o temor, acrescentou a esperança, inflamou o amor. Diz ele: Não temais a morte. Temeis a morte? Eu morro em primeiro lugar. Receais que não pereça um fio de vossos cabelos? Antes eu ressuscito íntegro na carne. Com razão ouvistes suas palavras, porque prevaleceram. Falavam eles e eram mortos; caíam e ficavam de pé. E que aconteceu à morte de tantos mártires, a não ser que prevaleciam suas palavras, e a terra irrigada pelo sangue dos testemunhas de Cristo, em toda parte produzisse as messes da Igre-ja? "Ouvirão porque minhas palavras prevaleceram". Como prevaleceram? Já o dissemos: Ao serem pregadas aos que não temiam. O que eles não temiam? Nem o exílio, nem os prejuízos, nem a morte, nem a cruz. Pois, não era apenas a morte; mas não temiam nem a cruz, a mais execrável das mortes. O Senhor a assumiu, a fim de que seus discípulos, de fato, não temessem a morte, nem tivessem horror de algum gênero de morte. Por isso, ao se dizer tais coisas aos que não temem, as palavras prevaleceram.

21 7 Qual o efeito da morte de todos aqueles mártires? Escuta: "Como o torrão endurecido se pulveriza na superfície da terra, dispensaram-se nossos ossos à beira do sepulcro". À beira do sepulcro dispersaram-se os ossos dos mártires, isto é, os corpos

das testemunhas de Cristo. Pois, os mártires foram mortos, e de certo modo prevaleceram os que os mataram. Eles prevaleceram perseguindo, a fim de que as palavra de Cristo prevalecessem na pregação. E qual o resultado da morte dos santos? "Como o torrão endurecido se pulveriza na superfície da terra, dispersaram-se nossos ossos à beira do sepulcro". Que significa: "o torrão endurecido se pulverizou na superfície da terra?" Sabemos que terra endurecida é tudo que há de desprezível. As coisas que parecem desprezíveis aos homens fecundam a terra. Disse certo salmo que os santos jaziam mortos e não havia quem os sepultasse (cf Sl 78,3). Mas aquelas mortes todas se tornaram terra fértil. Como a terra recebe certa fertilidade de elementos desprezíveis e abjetos, assim com aquilo que o mundo desprezava a terra foi fertilizada, a fim de que fossem abundantes as colheitas da Igreja. Sabeis, irmãos, que o lixo da terra que a fertiliza (não quero nomeá-lo, nem convém), alimenta a terra e a fortifica; e no entanto, é coisa desprezível para os homens, um tanto sórdida, e é lançada fora. Mas qual o efeito, para usar as palavras adequadas: "Ele levantou do pó o indigente e do estrume ergueu o pobre, para colocá-lo entre os príncipes, com os príncipes de seu povo" (Sl 112,7.8). Com efeito, foi prostrado por terra; como torrão endurecido foi pulverizado na superfície da terra. Foi assim que jazia aquele Lázaro chagado que, contudo, foi levado pelos anjos ao seio de Abraão (cf Lc 16,21-22). Preciosa na presença do Senhor é a morte de seus santos (cf Sl 115,15). O que é desprezível no mundo é valioso para o agricultor. Ora, ele sabe onde se encontra o que é útil, e o suco fértil; sabe o que aplicar, o que escolher para uma farta messe. Mas o mundo o despreza. Não sabeis que "o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é"? (1Cor 1,28). Do estrume foi erguido Pedro e também Paulo. Quando foram mortos, eram desprezados. Agora a terra já foi fecundada, e surgindo a messe da Igreja, eis que vem a Roma o imperador, o homem mais nobre e importante do mundo. Para onde se precipita? Para o templo do Imperador ou para o sepulcro do Pescador? Pois, "como o torrão endurecido se pulveriza na superfície da terra, dispersaram-se nossos ossos à beira do sepulcro".

22 8 "A ti, Senhor, se volvem os meus olhos; em ti esperei, não me tires a vida". Efetivamente, os mártires foram torturados nas perseguições e muitos apostataram. O salmo disse a respeito do cativeiro da perseguição: "Como o torrão endurecido se pulveriza na superfície da terra, dispersaram-se nossos ossos à beira do sepulcro". Aconteceu que muitos falharam e muitos periclitaram; e uma voz suplicante se levanta no meio das tribulações das perseguições: "A ti, Senhor, se volvem os meus olhos". Meus olhos estão mais fixos em tuas promessas, do que nas ameaças deles. Sei o que sofreste por mim, o que prometeste: "A ti, Senhor, se volvem os meus olhos; em ti esperei, não me tires a vida".

23 9 "Preserva-me do laço que me armaram". Qual o laço? Propunham: Se consentes, eu te poupo. No laço foi colocada a isca desta vida. Se a ave gosta desta isca, cai na armadilha. Se porém, é uma ave capaz de dizer: "Não desejei o dia do homem, tu o sabes" (Jr 17,16), seus olhos não se apartam de Deus, e este tirará seus pés da armadilha

(cf Sl 24,15). “Preserva-me do laço que me armaram e dos escândalos dos obreiros de iniqüidade”. Trata de duas coisas, distintas entre si: o laço que armaram os perseguidores, os escândalos, porém, daqueles que consentiram e apostataram; e de ambas as coisas quer ser preservado. De um lado enfurecem-se os que ameaçam, de outro caem os que consentem. Tenho medo de que o primeiro me atemorize e o segundo me leve a imitá-lo. O primeiro: Faço-te tal coisa, se não consentires: “Preserva-me do laço que me armaram”. Olha; teu irmão já consentiu: “E dos escândalos dos obreiros de iniqüidade”.

24 10 “Caiam os pecadores em suas próprias redes”. Que quer dizer isto, irmãos: “Caiam os pecadores em suas próprias redes?” Não se refere a todos os pecadores. Certos pecadores, que o são a tal ponto que amam a vida presente, preferindo-a à vida eterna; estes caiam em suas próprias redes. Mas que dizes? Pensas que estes caem em suas próprias redes? Mas que sucede a teus discípulos, ó Cristo? Eis que no ardor da perseguição, quando todos te deixaram sozinho, e foram cada um deles para sua própria casa (tu o predisseste, porque o previste. Não quer isso dizer que pelo fato de teres prenunciado, foste tu que o fizeste, ou que tu em algum ponto te negaste a ti mesmo), mas aqueles que te seguiam, na tua provação e perseguição, quando os inimigos te exigiam que fosses crucificado, eles falharam. E um só, aquele audacioso que te prometera que te seguiria até a morte, ouviu efetivamente da boca do médico como estava doente. Pois, estava febril e dizia estar são; o médico pegara-lhe o pulso. Chegou a prova, a tentação, a acusação; e ele interrogado, não por um potentado, mas pela última serva, uma mulher, uma escrava, sucumbiu. Negou por três vezes. Tendo negado uma vez, e sendo citado, negou outra vez; tendo renegado duas vezes, foi citado, e negou pela terceira vez. O Senhor o predissera. Não o ordenara, não o coagira. Ou se alguém pensar que Pedro agiu bem, porque o Senhor o predissera, também agiu bem Judas que o traiu, porque isso também foi predito pelo Senhor. De forma alguma, irmãos: este é o modo de falar dos eleitos que antes defendem seus pecados do que os confessam. Demos atenção antes ao próprio Pedro. Se em nada pecou, porque chorou? Acerca de Pedro interroguemos apenas as suas lágrimas. Não encontraremos testemunhas mais fidedignas. “Chorou amargamente”, diz o evangelho (Mt 26,31-75). Ainda não era capaz do martírio. “Mas me seguirás mais tarde” (Jo 13,36), disse-lhe o Senhor. Ainda haveria de se tornar firme, confirmado pela ressurreição do Senhor.

25 Por conseguinte, ainda não era tempo de serem dispersados aqueles ossos à beira do sepulcro. Pois, notai quantos falharam, até os primeiros que estavam presos às suas palavras; até eles falharam. Por quê? “Quanto a mim, estou sozinho até que passe”. Assim continua o salmo. Mais acima dissera: “Preserva-me, Senhor, do laço que me armaram e dos escândalos dos obreiros de iniqüidade. Do laço e dos escândalos”; dos que atemorizam, e dos que caíram. Mas como durante a paixão do Senhor mesmo os primeiros discípulos, que haveriam de ser os guias da Igreja e as colunas da terra, falharam, ainda não se havia realizado a palavra de outro salmo: “Eu firmei suas colunas” (Sl 74,4). Por que falou: “Quanto a mim, estou sozinho até que passe?” É a voz da Cabeça. “Quanto a mim, estou sozinho até que passe”. Que quer dizer: “Estou sozinho?”

Na paixão tu somente sofrerás, tu somente serás morto pelos inimigos. “Quanto a mim, estou sozinho até que passe”. Que significa: “até que passe?” Narra o evangelista: “Sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai” (Jo 13,1). Por que, então: “até que passe”, a não ser “deste mundo para o Pai?” Pois, então confirmei as suas colunas, isto é, as colunas da terra, quando os apóstolos em minha ressurreição aprenderam perfeitamente que a morte não deve ser temida. Por isso, “até que passe, estou sozinho”. Quando tiver passado, multiplicar-me-ei. Muitos me imitarão, muitos sofrerão por causa de meu nome. Estou sozinho até que passe; quando tiver passado, muitos em mim serão um só. “Quanto a mim, estou sozinho até que passe”. Escutai ainda o mistério desta palavra. Segundo a língua grega, pascha parece significar a paixão; páscheim se traduz, de fato, por sofrer; de acordo, porém, com a língua hebraica, pascha se traduz por passagem. Com efeito, se interrogares com insistência os gregos, negam que pascha seja termo grego. Soa, de fato, páschein, isto é, sofrer, mas não se costuma deste modo se pronunciar; pois paixão em grego é pathos, não pascha. Portanto, pascha, conforme afirmam os que sabem, e que traduziram para que lêssemos, é passagem. Efetivamente, estando por acontecer a paixão do Senhor, o evangelista usa a própria palavra: “Sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai”. No salmo a palavra aparece neste versículo: “Quanto a mim, estou sozinho até que passe”. Depois da páscoa já não estarei sozinho, depois da passagem não estarei isolado. Muitos me imitarão, muitos me seguirão; e se depois seguirão, como será? “Quanto a mim, estou sozinho até que passe.” Por que o Senhor diz neste salmo: “Quanto a mim, estou sozinho até que passe?” Como é que o comentamos? Se entendemos bem, presta atenção às palavras do Senhor no evangelho: “Em verdade, em verdade, vos digo: Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto”. O Senhor o afirmou na passagem onde também disse: “Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,24.32). “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto”. Portanto, grande colheita produziria aquele grão; mas espera, ainda será morto; porque se o grão que cair na terra não morrer, permanecerá sozinho.

26 Por conseguinte, estava só antes de morrer. Por isso, Pedro igualmente não tinha tais forças; receberia forças para seguir a Cristo, ele que não tinha forças para precedê-lo (cf Jo 13,36). Com efeito, ninguém morreu antes de Cristo pela confissão de seu nome, pelo qual somos cristãos. Não deveis pensar isso. Efetivamente, muitos morreram e são mártires, muitos profetas sofreram a morte; todavia não morreram por terem anunciado previamente o Cristo, mas porque denunciavam os pecados dos homens, e resistiam livremente a suas iniqüidades; e são tidos na conta de mártires. Com justiça, de fato, porque se não foram mortos pela confissão do nome de Cristo, contudo o foram pela verdade. Desta forma, porém, ninguém morreu pelo próprio nome, isto é, pela confissão do nome de Cristo, antes que aquele grão de trigo caísse na terra. Dele foi dito: “Quanto a mim, estou sozinho até que passe”. O próprio João Batista, que fora morto recentemente, entregue à morte para ser dada sua cabeça à jovem dançarina, por ordem de um rei iníquo, não foi morto porque confessou a Cristo. Poderia, de fato, ter sido

morto por isso, por meio de muitos judeus. Se foi morto por um só por outro motivo, quanto mais poderia ter sido morto por causa de Cristo por aqueles que mataram a Cristo? Ora, Cristo deu testemunho a respeito de João. Os que ouviam a Cristo queriam matá-lo, mas não mataram aquele que dava testemunho. Com efeito, se atacassem a João por causa de Cristo, ele não o negaria. (Ele tinha grande força, e por isso foi chamado amigo do esposo [cf Jo 3,29]. Possuía grande graça, grande excelência: "Entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista" [Mt 11,11]. Com efeito, foi atacado aquele que não tinha tal força; foi atacado Pedro, e não João. Mas, Pedro posteriormente recebeu a mesma força; naquela ocasião, porém, era fraco. Por causa do nome de Cristo foi interrogado aquele que não tinha força; o que a tinha não sofre perseguição por causa de Cristo, para não preceder a Cristo, sofrendo por seu nome. Não foi morto pelos judeus aquele que livremente dava testemunho de Cristo, que os judeus mataram; e foi morto por Herodes, porque lhe dizia: "Não te é permitido ter a mulher de teu irmão" (cf Mt 14,3-11). Nem seu irmão havia morrido sem deixar descendência. Morreu, de fato, pela lei da verdade, pela eqüidade, pela justiça: portanto é santo, e é mártir; não, contudo pelo nome que nos faz cristãos. Por que isso, senão para se cumprir a palavra: "Quanto a mim, estou sozinho até que passe?"

SALMO 141

SERMÃO AO POVO

1 Assim como vos compete celebrar com fervor a solenidade dos mártires, cabe-nos o dever de usar da palavra. Mas, relembro à V. Caridade quanto falamos ontem. Nem mesmo diante da avidez interior com que ouvistes o longo sermão, devemos esquecer a fraqueza comum aos homens; em primeiro lugar, porque convém honrar as palavras sublimes, conforme foi escrito: As palavras de uma sabedoria sublime pertencem ao Senhor Deus. Todavia, servimos de instrumentos para ministrá-las; e se os pratos são de barro, o pão é celeste. Afirma o Apóstolo: "Trazemos, porém, este tesouro em vasos de argila, para que este incomparável poder seja de Deus" (2Cor 4,7). Este tesouro é igualmente pão. Pois, se tesouro e pão não se identificassem, não estaria escrito a respeito do mesmo tesouro em outra passagem: "Tesouro precioso descansa na boca do sábio, mas o insensato o engole" (cf Pr 21,20). Por este motivo, admoestamos a V. Caridade a que, após ouvir e guardar na memória, novamente revolvendo e refletindo, rumineis estas verdades. É isto que quer dizer: "Tesouro precioso descansa na boca do sábio, mas o insensato o engole". Em resumo: O sábio rumina, o estulto não rumina. Que significa isto numa linguagem clara e vernácula? O sábio reflete no que ouviu; o insensato, porém, deixa no esquecimento o que escutou. Não foi por outra razão que na lei se denomina puros os animais que ruminam, impuros os que não ruminam (cf Lv 11,3); pois toda criatura de Deus é pura. Para Deus criador é tão puro o porco quanto o cordeiro. Pois, tudo o que ele criou é muito bom (Gn 1,31) e o Apóstolo assegura: "Tudo o que Deus criou é bom" (1Tm 4,4); e: "Para os puros, todas as coisas são puras" (Tt 1,15). Embora por natureza ambos sejam puros, quanto ao simbolismo o cor-deiro representa o que é puro, e o porco, algo de impuro; o cordeiro significa a inocência da sabedoria de quem rumina; o porco, a impureza da insensatez de quem se esquece. Devido à solenidade foi recitado um salmo curto; vejamos se é possível comentá-lo também brevemente.

2 2 "Com minha voz clamei ao Senhor". Bastaria: "Com a voz clamei ao Senhor". Talvez não seja inútil o acréscimo: "minha". Pois muitos clamam ao Senhor, não com sua voz, mas com a voz de seu corpo. Por isso, o homem interior, no qual Cristo começou a habitar pela fé (cf Ef 3,17), clame ao Senhor, não com o ruído dos lábios, mas com o afeto do coração. Com efeito, Deus não ouve do mesmo modo que o homem; o homem não te ouve se não clamares com a voz emitida pelos pulmões, as cordas vocais e a língua, ao passo que teu pensamento é um clamor diante do Senhor. "Com minha voz clamei ao Senhor. Com minha voz supliquei ao Senhor". Tendo dito: "clamei", explicou: "supliquei". Pois, também clamam ao Senhor os que blasfemam. No primeiro versículo empregou: clamor, e no segundo explicou que espécie de clamor. Como se alguém insistisse: Com que espécie de clamor clamaste ao Senhor? Ele

responde: “Supliquei ao Senhor”. Meu clamor é minha súplica; não é uma injúria, não é murmuração, não é blasfêmia.

3 3 “Expando diante dele minha prece”. Que quer dizer: “Diante dele?” Em sua presença. Que significa: Em sua presença? Onde ele vê. E onde ele não vê? Pois, dizemos: Onde vê, como se ele não visse em alguma parte. Ora, os homens vêem e os animais vêem, no conjunto dos seres corporais; Deus, porém, vê mesmo onde o homem não vê. De fato, ninguém vê teu pensamento, Deus, contudo, vê. Lá, então, expande a tua prece, lá onde somente vê aquele que te remunera. Pois, o Senhor Jesus Cristo mandou orar em segredo; se conheces teu aposento e o purificas, ali rogas a Deus. Disse o Senhor: “E, quando orardes, não sejais como os hipócritas, porque eles gostam de fazer oração pondo-se em pé nas praças e nas encruzilhadas, a fim de serem vistos pelos homens. Mas, tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a Deus ocultamente e ele, que vê o que está oculto, te recompensará” (Mt 6,5.6). Se são os homens que recompensarão, expande tua prece diante deles; se é Deus quem há de recompensar, expande diante dele a tua prece, e fecha a porta, a fim de que não entre o tentador. O tentador não cessa de bater, para irromper lá dentro; se encontrar fechada a porta, passa adiante. Por isso o Apóstolo, visto que está em nosso poder fechar a porta, a porta do coração, não das paredes, porque no coração existe também um quarto, e está em nosso poder fechar a porta, diz o Apóstolo: “Nem deis lugar ao diabo” (Ef 4,27). Por conseguinte, se ele entrou e tomou posse, verifica se tu fechaste com negligência ou deixaste de fechar.

4 Que é, então, fechar a porta? Esta porta tem duas folhas: a da cupidez e a do temor. Ou ambicionas algo de terreno, e ele entra por aí; ou temes algo de terreno e ele entra por esta parte. Fecha, portanto, a porta do temor e da ambição contra o diabo, e abre para Cristo. Como as abres para Cristo? Desejando o reino dos céus e temendo o fogo da geena. O diabo entra pelas ambições mundanas, e Cristo entra pelo desejo da vida eterna; o diabo entra pelo temor das penas temporais, e Cristo entra pelo temor do fogo eterno. Eis que os mártires fecharam a porta contra o diabo e abriram-na para Cristo. Este mundo lhe prometeu muitos bens; eles se riram, fecharam a porta da cupidez contra o diabo. O mundo ameaçou-os com feras, fogo, cruz; não temeram, fecharam a folha do temor contra o diabo. Vejamos se as abriram para Cristo: “Todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante de meu Pai que está nos céus” (Mt 10,32). Amaram, portanto, o reino dos céus, onde Cristo se declarará por eles. Como? “Vinde, benditos do meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a criação do mundo” (Mt 25,34). Cristo confessará aqueles que estiverem à direita. Vejamos se também abriram para Cristo a folha do temor, que fecharam ao diabo. Numa só e mesma passagem, o Senhor admoesta a que se feche ao diabo e se abra para si. Diz ele: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma” (Mt 10,28); exorta a bater a porta do temor na cara do diabo. Então, nada se deve temer? Não se deixa aberta a entrada do temor diante de Cristo, tendo-a fechada para o diabo? Logo acrescenta, como se quisesse dizer: “Tu o repeliste; então, abre-me. Temei

antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena" (Mt 10,28). Por conseguinte, se acreditaste, e abriste a porta a Cristo, fecha-a ao diabo. Cristo está dentro e aí habita; expande diante dele a tua prece, sem procurar que ele te atenda de longe. Pois, a Sabedoria de Deus não está distante: "Alcança com vigor de um extremo ao outro e governa o universo suavemente" (Sb 8,1). Portanto, ele está em teu interior e diante dele expande tua prece; ali estão atentos seus ouvidos. "Não é do oriente, nem do ocidente, nem das montanhas desertas, pois o juiz é Deus" (Sl 74,7). Se, porém, ele é juiz, verifica qual a causa que defendes em teu coração.

5 4 "Expando diante dele minha prece. Em sua presença exponho minha tribulação". Há repetição nos dois primeiros versículos e nos seguintes. São duas sentenças, ambas repetidas. Uma é a seguinte: "Com minha voz clamei ao Senhor. Com minha voz supliquei ao Senhor". A outra assim é enunciada: "Expando diante dele a minha prece. Em sua presença exponho minha tribulação". "Diante dele" é o mesmo que: "em sua presença". E: "expando minha prece" é igual a: "exponho minha tribulação". E quando fazes isto? Fala o perseguido: "Quando meu espírito desfalecia". Por que desfalece teu espírito, ó mártir atribulado? Para que não atribua minhas forças a mim mesmo e saiba que é outro quem opera em mim, dando-me vigor. Da seguinte forma o Senhor exortou os que ele queria que fossem mártires: "Quando vos entregarem aos juízes, não fiqueis preocupados em saber o que haveis de falar. Não sereis vós que estareis falando, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós" (Mt 10,19.20). Por isso, desfaleça teu espírito, e fale o Espírito de Deus. Com razão, o Senhor desejava que houvesse pobres em espírito: "Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus" (Mt 5,3). Bem-aventurados, portanto, os pobres em seu espírito, e ricos do Espírito de Deus. Pois, todo o homem que segue seu próprio espírito é soberbo. Submeta seu espírito a fim de captar o Espírito de Deus. Ia ao cume; descanse no vale. Se for ao cume, a água escapará para baixo. Se permanecer no vale, encher-se-á dela o seio, do qual foi dito: "De seu seio jorrarão rios de água viva" (Jo 7,38). Portanto, "quando meu espírito desfalecia, em sua presença expus minha tribulação". Tornei-me humilde, confessando-te quando fra-queja o meu espírito, porque estou repleto de teu Espírito.

6 Talvez tenham ouvido os outros que meu espírito desfalecera, e de mim nada esperando disseram: Nós o pegamos e o oprimimos. "Conheceste tu também as minhas sendas". Eles me consideravam prostrado, mas tu vias que eu estava de pé. Aqueles que me perseguiam e me haviam aprisionado, pensavam que meus pés estavam amarrados; mas eles se emaranharam e caíram. Mas nós nos levantamos e ficamos firmes de pé (cf Sl 19,7). Meus olhos se voltam sempre para o Senhor, porque ele é quem há de tirar os meus pés do laço (Sl 24,15). Continuei andando. "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt 10,22). Eles me julgavam oprimido, mas eu andava. Onde andava? Pelas sendas que não viam aqueles que me consideravam preso; pelas sendas de tua justiça, sendas de teus preceitos. "Conheceste as minhas sendas". O perseguidor não as conhecia, pois do contrário não me invejaria, mas andaria comigo por elas. Quais são estas sendas, senão aquelas vias mencionadas em outro lugar: "O Senhor conhece o

caminho dos justos; o caminho dos ímpios leva à perdição"? (Sl 1,6). O salmista não afirmou: Deus não conhece o caminho dos ímpios, e sim: "conhece o caminho dos justos; o caminho dos ímpios leva à perdição". Pois, aquilo que Deus não conhece, perece. Em muitas passagens da Escritura verificamos que o conhecimento de Deus conserva, o conhecimento de Deus guarda, e se ele desconhece, é condenação. Donde vem que aquele que tudo sabe, há de dizer no fim do mundo: "Nunca vos conheci"? (Mt 7,23). Nem por isso se regozijem os ímpios, dizendo: Não seremos punidos, porque o juiz não nos conhece. Já estão castigados, se o juiz não os conhece. As vias, das quais se disse que o Senhor não as conhece, são as mesmas que aqui têm o nome de sendas: "conheceste as minhas sendas". Pois toda senda é via; mas nem toda via é senda. Por que são denominadas sendas aquelas vias, senão porque são estreitas? Caminho largo dos ímpios, caminho estreito dos justos.

7 Denominam-se via e vias, como se diz Igreja e igrejas, céu e céus. Pode-se dizer no singular e no plural. Por causa da unidade da Igreja diz-se que é uma Igreja: "Uma só é minha pomba, uma só a preferida pela mãe que a gerou" (Ct 6,8). Em vista dos agrupamentos fraternos por vários lugares, as Igrejas são muitas. Diz o Apóstolo: "As igrejas da Judéia que estão em Cristo ouviam dizer: quem outrora nos perseguia, agora evangeliza a fé que antes devastava, e por minha causa glorificavam a Deus" (Gl 1,22-24). Refere-se a igrejas e a uma só Igreja: "Não vos torneis ocasião de escândalo, nem para os judeus, nem para os gregos, nem para a Igreja de Deus" (1Cor 10,32). Assim também há vias e via; sendas e senda, e por que senda? Como demos as razões de se falar em igrejas e Igreja, devemos dá-las também aqui. São denominadas sendas de Deus, porque os preceitos são muitos; mas estes preceitos que são muitos podem ser reduzidos a um só, porque o amor é a plenitude da lei (cf Rm 13,10); por isso estas vias de muitos preceitos se reduzem a uma só, e se chama uma, porque nossa via é a caridade. Vejamos se a caridade é uma via. Ouçamos o Apóstolo: "Passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos" (1Cor 12,31). Que dizes, ó Apóstolo? "Um caminho que ultrapassa a todos?" Escuta qual é: "Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar os montes, se não tivesse a caridade, eu nada seria. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos pobres, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria" (1Cor 13,1-3). Por conseguinte, ele denomina a caridade: "caminho que ultrapassa a todos". Este grande caminho, irmãos, é um grande prodígio. Certamente este caminho que a todos ultrapassa é o mais excelente; ultrapassa porque é excelso. Nada de mais excelso que o caminho da caridade, mas por ele só andam os humildes. E estes caminhos foram por ele denominados preceitos da caridade. "Conheceste as minhas sendas". Sabes que o que sofro por ti, sofro por amor; sabes que a caridade em mim tudo suporta; sabes que se entrego meu corpo às chamas, tenho a caridade sem a qual nada é de proveito para o homem.

8 Mas, quem conhece esses caminhos do homem, meus irmãos, senão aquele ao qual foi dito: "Conheceste as minhas sendas?" Com efeito, todas as ações humanas estão diante dos olhos dos homens; mas é incerta a intenção com que são realizadas. E quantos são os maus que medindo os outros por si mesmos, conforme o que são, dizem que nós na Igreja procuramos honras, louvores, utilidades temporais? Quantos afirmam que vos falo para me aclamardes e elogiardes e que falo com esta finalidade e esta intenção? E como posso mostrar-lhes que não falo com tal intenção? Resta-me apenas dizer: "Conheceste as minhas sendas". Como eles sabem o que nem vós sabeis? Como sabem o que eu mal conheço? De fato, nem a mim mesmo julgo; quem me julga é o Senhor (cf 1Cor 4,3.4). Não sei bem o que Pedro inconscientemente presumia de si, e como via o médico de forma diferente as forças dele. Por isso, com piedade e pureza deve-se clamar pelo Senhor, pois é um clamor genuíno: "conheceste minhas sendas". Efetivamente, queres que ele te conduza por estas sendas? Sê manso, sê suave; não sejas cruel, soberbo, de cerviz ereta e agitado, "como o cavalo e o mulo, sem inteligência" (Sl 31,9). Se fores manso e sossegado, o Senhor sentar-se-á sobre ti e te conduzirá através de seus caminhos. Pois, ele dirigirá os mansos no juízo, e ensinará aos dóceis os seus caminhos (cf Sl 24,9). "Conheceste as minhas sendas".

9 "No caminho que trilhava, esconderam-me um laço". Este caminho trilhado é Cristo; ali esconderam um laço os que me perseguem por ser de Cristo, por causa do nome de Cristo. Ali, portanto, "esconderam-me um laço". Que invejam em mim? Que perseguem? Pelo fato de ser cristão. Se me perseguem por ser cristão, "no caminho que trilhava, esconderam-me um laço". Quanto puderam, no caminho que eu trilhava, eles esconderam-me um laço; na medida de sua ambição, de seus esforços, de seus desejos, quiseram armar-me um laço para apanhar-me no caminho. Mas, "o Senhor conhece o caminho dos justos" (Sl 1,6): "Conheceste as minhas sendas". Efetivamente, eles quiseram colocar um tropeço contra ti, mas não lho permitiste, porque és o meu caminho. Com efeito, também os hereges em relação ao nome de Cristo querem esconder-nos um tropeço e se enganam. Aquilo que eles julgam pôr no caminho, põem do lado de fora, porque eles também estão fora do caminho; não podem armar um laço onde não estão. Mas isto, em relação a seus desejos, seus votos e opiniões, pois foi dito expressamente em outro lugar: "Perto do caminho puseram-me um tropeço" (Sl 139,6). A expressão: "no caminho", refere-se a sua ambição e a seu desejo; quanto a outra: perto da senda, isto é, "perto do caminho", refere-se à realidade. Com efeito, não põem na senda, no caminho, porque Cristo é o caminho; mas colocam perto do caminho. Cristo não permite que eles o coloquem no caminho para que tenhamos por onde passar; permite, contudo, que o coloquem perto do caminho, a fim de não nos desviarmos dele. O pagão pensa que coloca um tropeço no caminho quando me diz: Adoras a um Deus crucificado. Critica a cruz de Cristo, que ele não entende. Julga colocar em Cristo o que de fato coloca perto do caminho. Não me apartarei de Cristo, e não cairei no laço, fora do caminho. Que ele injurie a Cristo crucificado; e eu veja a cruz de Cristo na fronte dos reis. Sou salvo por aquela cruz que eles ridicularizam. Não há maior soberbo do que o doente que zomba de seu medicamento. Se não zombasse, ele o tomaria, e seria curado.

A cruz é sinal de humildade. O pagão, por enorme soberba não reconhece a cruz que curaria o tumor de sua alma. Todavia, se eu conheço, ando pelo caminho. A tal ponto não me envergonho da cruz que não coloco a cruz de Cristo num esconderijo, mas a trago na fronte. Recebemos muitos sinais sagrados de várias maneiras: alguns, como sabeis, recebem na boca, outros por todo o corpo. Uma vez que a fronte manifesta o rubor, estabeleceu que tivéssemos esse sinal de ignomínia, de certo modo, e que é objeto de escárnio da parte dos pagãos, lá onde aparece nosso pudor, aquele que disse: "Aquele que me renegar diante dos homens, também o renegarei diante de meu Pai, que está nos céu" (Lc 9,26;10,33). Ouves alguém injuriar assim um insolente: Não tem vergonha na face. Que quer dizer: Não tem vergonha na face? É insolente. Não tenha eu a fronte desnuda; cubra-a a cruz de meu Senhor. Portanto: "No caminho que trilhava, esconderam-me um laço", quanto puderam, pois o colocaram perto do caminho; eu, porém, estarei seguro, se não me afastar do caminho. "Saibas que caminhas entre laços" (Eclo 9,20), diz a Escritura. Que é: "entre laços?" No caminho de Cristo existem laços daqui e dali, laços à direita e laços à esquerda, laços à direita, a prosperidade neste mundo; laços à esquerda, a adversidade; laços à direita, as promessas; laços à esquerda, as ameaças. Caminhas entre laços; não te apartes do caminho. Nem a promessa te apanhe, nem a ameaça te derrube. "No caminho que trilhava, esconderam-me um laço".

10 5 "Olhava à direita e examinava". Ele olhava à direita e via; quem olha para a esquerda, cega-se. Que significa considerar à direita? É olhar para onde se acham aqueles aos quais se dirá: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino". Com efeito, existirão os da esquerda, aos quais se dirá: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,34.41). O salmista, portanto, num mundo enfurecido e ameaçador, durante as perseguições, enquanto de toda parte aumentavam as injúrias e o terror, desprezava as coisas presentes, contemplava as futuras, considerava a direita onde ele havia de estar. Meditava, ponderava, via, e tudo suportava. Os perseguidores não viam. Por isso, tendo dito: "Olhava à direita" e examinava, continua: "E não havia quem me conhecesse". Ao tolerares tudo, quem sabe qual a tua intenção, se diriges o olhar para a direita, ou para a esquerda? Se toleras, procurando o louvor dos homens, consideraste a esquerda; se suportas, procurando as promessas de Deus, tiveste em conta a direita. Olhaste à di-reita, verás; olhaste à esquerda, ficarás cego. Mas ao olhares à direita, não haverá quem te conheça. Quem, então, te consola, senão o Senhor ao qual dizes: "Conheceste as minhas sendas? E não havia quem me conhecesse".

11 "Faltou-me um meio de escapar". Parece cercado de todos os lados: "Faltou-me um meio de escapar". Insultem os perseguidores. O salmista foi oprimido, capturado, sitiado, vencido; faltou-lhe como escapar. Faltou um meio de escapar àquele que não foge. Quem, contudo, não foge, sofre tudo o que pode por Cristo, isto é, não foge pelo espírito. Pois, corporalmente é lícito fugir, é concedido, é permitido, segundo a expressão do Senhor: "Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra" (Mt 10,23). Mas, quem não foge pelo espírito, faltam-lhe meios de escapar. Interessa, contudo, saber qual o motivo por que não foge. Não foge porque está cercado, porque foi capturado, ou

porque é forte? Meios de escapar faltam ao prisioneiro e ao forte. Qual, então, a fuga a evitar? Qual a fuga que nos escapa? O Senhor no evangelho trata de uma fuga. "O bom pastor dá sua vida por suas ovelhas. O mercenário, que não é pastor, vê o lobo aproximar-se e foge". Vendo o assaltante, por que foge? "Porque não se importa com as ovelhas" (Jo 10,11.13). Faltara-lhe o meio de escapar, quer o tomemos relativamente à Cabeça, e escutamos a voz do Cristo Senhor, que morreu por todos os homens; quer em relação a seus membros, nossos mártires, que igualmente padeceram em favor dos irmãos. Escuta como fala João: "Ele deu a sua vida por nós. E nós também devemos dar a nossa vida pelos irmãos" (1Jo 3,16). Mas, quando eles a dão, é Cristo quem a dá, pois quando eles sofrem perseguição, Cristo clama: "Por que me persegues"? (At 9,4). "Faltou-me um meio de escapar e não há quem cuide de minha vida". Então, não há quem cuide de sua vida? Ele vê os homens enfurecidos, querendo sua morte e derramar seu sangue; como não há quem cuide de sua vida? Esta expressão tem dois sentidos: faltar um meio de escapar tem dois sentidos, porque tanto ao preso não há como fugir, quanto ao forte; assim também de dois modos se cuida da vida de um homem: ou da parte dos perseguidores, ou da parte dos amigos. Assim, portanto, trata-se dos perseguidores: "Não há quem cuide de minha vida", isto é, certamente perseguem minha vida e não cuidam de minha vida. Se cuidassem, descobririam que ela adere a ti; e se não sabem cuidar dela, não sabem também imitar. Pois, para se saber que também os perseguidores procuram a vida do homem, diz-se em outra passagem: "confundam-se e envergonhem-se juntos os que procuram tirar-me a vida" (Sl 39,15).

12 6 "Clamei por ti, Senhor; e eu disse: Tu és a minha esperança". Quando suportava, atribulado, "disse: Tu és a minha esperança". Minha esperança aqui; por isso suporto. "Minha porção", porém, não aqui, e sim, "na terra dos vivos". Deus dá a porção na terra dos vivos; mas não algo fora de si, alheio a si. Que dará àquele que o ama, senão a si mesmo?

13 7 "Atende a minha oração, porque fui em extremo humilhado". Humilhado pelos perseguidores, humilhado na confissão. Ele se humilha invisivelmente e é humilhado visivelmente pelos inimigos. Deus, porém, o eleva visível e invisivelmente. Invisivelmente já foram exaltados os mártires; visivelmente serão exaltados, quando este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade (cf 1Cor 15,53), na ressurreição dos mortos e for restaurado o corpo, o único ao qual os perseguidores puderam infligir tormentos. "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma" (Mt 10,28). E o que pereceu? Aquilo que eles matam? Ao menos lhes é permitido matar e fazer perecer? Não perecerá. Escuta a promessa do próprio Senhor: Em verdade vos digo, "nem um só cabelo de vossa cabeça se perderá" (Lc 21,18). Por que ficas preocupado com os demais membros, se nem os cabelos se perderão?

14 "Livra-me dos perseguidores". De quem pensas que ele reza para ser libertado? De homens que o perseguiam? São os homens que são nossos inimigos? Temos outros inimigos invisíveis, que nos perseguem de modo diferente. O homem persegue para matar o corpo; outro persegue para que a alma caia no laço. E isto através de seus

instrumentos, porque dele foi dito: “O espírito que agora opera nos filhos da desobediência” (Ef 2,2), por seus instrumentos, isto é, os homens nos quais ele opera, lançando uma perseguição aos corpos, a fim de arruinar interiormente os corações. De fato, se o corpo cai, mas a alma fica firme, o laço rompe-se e nós somos libertados (cf Sl 123,7). Existem, portanto, outros inimigos, dos quais devemos pedir a Deus que nos livre, para que não nos seduzam, dobrando-nos pelas tribulações deste mundo, ou arrastando-nos aos prazeres. Quais são estes inimigos? Vejamos se algum servo do Senhor não os descreve claramente, algum soldado perfeito que lutou contra eles. Escuta o Apóstolo falar: “O vosso combate não é contra o sangue nem contra a carne”. Não devoteis ódio aos homens reputando-os inimigos e julgando que sua inimizade vos esmaga; estes homens que temeis são de carne e sangue. “O vosso combate não é contra o sangue nem contra a carne”. Assim se exprimiu, desprezando os mortais. E contra quais, então? “Contra os Principados, contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo, destas trevas” (Ef 6,12). Tu te assustaste ao ouvires: “os Domi-nadores deste mundo”. Se são os dominadores deste mundo, terás de ir para fora do mundo, para te livrares deles? Terás de ir para fora do mundo, para não sofreres da parte deles? Não compreendas os termos: “mundo e domi-nadores destas trevas”, como sendo os dominadores do céu e da terra; pois estes são criaturas de Deus. Céu e terra denominam-se mundo, e também se chamam mundo os homens malvados. Por que estes também são mundo? Porque eles amam o mundo; e são trevas, porque são ímpios. Por esta razão, pelo fato de que muitos deste número se tornaram fiéis, que afirma o Apóstolo? “Outrora éreis treva, mas agora soi luz no Senhor” (Ef 5,8). Observai que dominador tivestes antes de vos tornardes luz, quando éreis trevas. Que dominador têm os iníquos, senão o diabo, assim como os pios e fiéis têm Cristo por chefe? Por isso, o Apóstolo chamou o diabo e seus anjos de “domina-dores deste mundo”, isto é, dominadores dos que amam o mundo, dominadores dos pecadores, isto é, “destas trevas”; temos a esses mesmos como inimigos, e devemos suplicar ao Senhor que nos livre deles.

15 Escuta que na Sagrada Escritura, no evangelho, num só lugar, claramente se distingue um mundo de outro mundo. Há o mundo que Deus fez; e o mundo que o diabo governa, isto é, os que amam o mundo. Quanto aos próprios homens, Deus os fez; mas não os fez que amassem o mundo. Pois amar o mundo é pecado e Deus não fez o pecado. Escuta, portanto, como eu começara a dizer que há mundo e mundo. Foi dito: “Ele estava no mundo” (Jo 1,10). De quem foi afirmado: “Ele estava no mundo”, senão da Sabedoria de Deus, que é Cristo Jesus? Dela se declarou o que citei há pouco: “Alcança com vigor de um extremo ao outro e governa o universo com suavidade” (Sb 8,1). “Por sua pureza, tudo atravessa e penetra. Nada de impuro nela se introduz” (Sb 7,24.25). “Ele estava no mundo e o mundo foi feito por ele, mas o mundo não o conheceu” (Jo 1,10). Ouviste falar de dois mundos: “O mundo foi feito por ele”, e: “O mundo não o conheceu”. Não é o mundo que por Jesus foi feito que é regido por aqueles Principados e Potestades das trevas; mas é o mundo que não conheceu Jesus, isto é, dos que amam o mundo, os pecadores, os iníquos, os soberbos e infiéis. Por que os pecadores constituem este mundo? Porque amam o mundo, e amando-o, neles habitam; do mesmo modo se chama

casa o edifício e os que nela moram. Boa casa, muitas vezes designa um bom edifício; e boa casa, porque são bons os que ali vivem. E: Acautela-te desta casa, porque é ruim, tem dois sentidos. É uma casa péssima, cuidado! Talvez pelo perigo de ruir, a fim de que não caia uma parte qualquer e te esmague. Diz-se também de outro modo: Cuidado com esta casa péssima, para não incorreres no perigo de cair no laço dos caçadores, para não sofreres, sendo pobre, a opressão de um rico, para não estares sujeito a uma fraude. Da mesma forma que existe casa e casa, há mundo e mundo. Qual o motivo porque também os justos, apesar de estarem também eles no mundo, não sejam chamados mundo? Porque afirma o Apóstolo: "Embora vivamos na carne, não militamos segundo a carne" (2Cor 10,3). "Mas a nossa cidade está nos céus" (Fl 3,20). O justo habita na terra pela carne, mas o coração está unido a Deus. Seria chamado mundo se ouvisse inutilmente: Corações ao alto; se, porém, ouve na verdade, habite nas alturas. Diz o Apóstolo: "Pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3,3). Aqueles, cuja vida decorre aqui na terra, isto é, que ficam apegados à terra pelo desejo e pelo amor, aqui são esmagados, aqui ficam envolvidos, e com justeza são denominados habitantes do mundo; com razão são chamados mundo, aqueles que nele habitam, como na verdade se chama casa os seus habitantes. Então, há mundo e mundo: "O mundo que foi feito por ele", e: "O mundo que não o conheceu". Eis o mundo que foi feito pelo Senhor, eis o mundo que não conheceu o Senhor. Louva a criatura e ama o Criador; e não gostes de morar na construção, mas habita no construtor.

16 "Livra-me dos perseguidores, pois se tornaram mais fortes do que eu". Quem disse: "se tornaram mais fortes do que eu?" É o corpo de Cristo que clama, é a voz da Igreja, clamam os membros de Cristo: Cresceu demais o número dos pecadores. "E pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará" (Mt 24,12). "Livra-me dos perseguidores, pois se tornaram mais fortes do que eu".

17 8.1 "Tira da prisão a minha alma, para que eu confesse teu nome". Nossos predecessores entenderam esta prisão de várias maneiras. Talvez seja o mesmo que se encontra no título: "gruta". Com efeito, é o seguinte o título deste salmo: "Intelecto de Davi. Quando estava na gruta. Oração". A gruta equivale aqui a cárcere. Propusemos dois conceitos a explicar; entendendo-se um, ambos estão explicados. Os méritos é que fazem a prisão. Pois, uma só habitação, para um é casa, para outro é cárcere. Existem aqueles que guardam os prisioneiros; embora estejam guardando em sua casa, os que são estritamente guardados estão no cárcere; acaso se dirá que os primeiros estão na prisão? Uma só é a habitação de uns e outros; para uns a liberdade faz dela uma casa; para outros, a servidão faz uma prisão. Alguns intérpretes, portanto, opinaram que gruta e prisão representam este mundo. E a Igreja pede que seja tirada da prisão, isto é, deste mundo, de debaixo do sol, onde tudo é vaidade. De fato, diz a Escritura: "Tudo é vaidade e presunção de espírito. Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol"? (Ecl 1,2.3). Por isso, fora deste mundo, em não sei que repouso, Deus nos promete o que haveremos de ser; talvez seja a respeito deste lugar que clamamos: "Tira da prisão a minha alma". Nossa alma pela fé e a esperança está em

Cristo, conforme disse mais acima: “A vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,3). Mas, nosso corpo se acha nesta prisão, neste mundo. Se o salmista dissesse: Sai da prisão, meu corpo, entenderíamos sem dúvida que prisão é o mundo. Talvez, contudo, por causa de alguns desejos terrenos, contra os quais lutamos e combatemos, porque: “Percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão” (Rm 7,23), dizemos com exatidão: Tira da prisão a minha alma deste mundo, isto é, dos trabalhos e angústias deste mundo. Servem-me de prisão, não a carne que tu fizeste, mas a corrupção da carne, as angústias e as tentações.

18 Alguns, porém, interpretaram que esta prisão e esta gruta são o corpo: “Tira da prisão a minha alma”. Mas esta interpretação é um tanto duvidosa. Pois, que há de extraordinário em dizer: “Tira da prisão a minha alma”, se o sentido fosse: Tira do corpo a minha alma? As almas dos ladrões e criminosos não saem do corpo, para sofrerem castigos piores do que os da terra? E que há de especial em pedir: “Tira da prisão a minha alma”, se cedo ou tarde, há de sair efetivamente? Talvez diga um justo: Que morra logo; tira da prisão do corpo a minha alma. Se tem pressa demais, não tem caridade. Com efeito, deve desejar e almejar o que disse o Apóstolo: “O meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso me é muito melhor”. Todavia, onde está a caridade? Por isso, ele prossegue: “Mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa” (Fl 1,23.24). Então, Deus a retire do corpo, quando ele quiser. Poder-se-ia chamar também o nosso corpo de cárcere, mas não que Deus o tenha feito qual uma prisão, e sim por ser sujeito à pena e à morte. Temos de ponderar duas coisas acerca de nosso corpo: enquanto criatura de Deus e enquanto merecedor de castigo. A sua forma, estado, andar, membros bem ordenados, disposições dos sentidos: ver, ouvir, cheirar, provar e tocar, todo esse conjunto e distinção do corpo só puderam ser criados por Deus que tudo fez, os seres celestes, terrestres, supremos e ínfimos, visíveis e invisíveis. E a parte penal que é nossa? A carne corruptível, sua constituição frágil, mortal, indigente; isto não existirá como prêmio. O corpo não cessará de ser, ao ressurgir. Mas, o que não haverá nele? A corrupção: pois o ser corruptível revestirá a incorruptibilidade (cf 1Cor 15,13). Então, se a carne é uma prisão para ti, não é o corpo que é tua prisão e sim a corrupção de teu corpo. Pois, Deus fez bom o teu corpo, porque ele é bom; mas infligiu a corruptibilidade, porque é juiz. O primeiro é benefício, o segundo, suplício. Por isso talvez tenha dito o salmista: “Tira da prisão a minha alma”. Tira da corrupção a minha alma. Se compreendermos assim, não é blasfêmia; tem sentido. É claro.

19 No final, irmãos, a meu ver: “Tira da prisão a minha alma” eqüivale a: tira da angústia. Para um homem alegre a prisão é ampla, e para o triste o prado é estreito. Por esta razão, suplica ser retirado da angústia. Apesar de ter amplidão em esperança, na realidade presente tem angústia. Nota as angústias do Apóstolo: “Não tive repouso de espírito, pois não encontrei Tito, meu irmão” (2Cor 2,13). E noutro trecho: “Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu também me abrase”? (2Cor 11,29). Quem, portanto se sentia fraco e se abrasava não estava em penas e prisão? Mas estas penas provenientes da caridade geram a coroa. Ora, ele diz

ainda: “Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia” (2Tm 4,8). Por isso: “Tira da prisão a minha alma, para que eu confesse teu nome”. Já livre da corrupção, que tem para confessar? Ali não há mais pecados, mas existe o louvor. De fato, confissão tem duas interpretações: confissão de nossos pecados, e confissão de louvor a Deus. A confissão dos pecados é bem conhecida, e tão conhecida de todo o povo que, ao se ouvir o nome de confissão na leitura, quer seja de louvor, quer de pecados, logo se bate no peito. Por conseguinte, sabe-se o que é confissão dos pecados; procuremos saber o que é confissão de louvor. Onde a encontramos? Tens nas Escrituras: “Assim direis em seu louvor: Todas as obras do Senhor são magníficas” (Eclo 39,20.21). Trata-se, portanto, de confissão de louvor. Em outro lugar diz o próprio Senhor: “Eu te confesso, ó Pai, Senhor do céu e da terra”. Que confessava? Acaso pecados? Para Cristo, confessar era louvar. E ouve o louvor do Pai: “Porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11,25). Uma vez que, após as angústias da corrupção habitaremos na casa de Deus, toda a nossa vida será apenas louvor de Deus. Já vos expusemos freqüentemente que terminadas todas as penúrias, caem todas as ocupações necessárias; por isso, não teremos o que fazer lá.[1] Não digo dia e noite, porque lá não há noite; mas os dias todos, porque será um só dia, não teremos o que fazer senão louvar aquele que amamos, porque então veremos igualmente. Agora anelamos por aquele que não vemos, e louvamos; então, vendo aquele que amamos, de que modo louvaremos? Será um louvor sem fim, porque sem fim é o amor. Uma vez, então, que o faremos lá, pedimos: “Tira da prisão a minha alma, para que eu confesse o teu nome. Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos” (Sl 83,5). Agora a prisão é um obstáculo, porque “um corpo corruptível pesa sobre a alma” (Sb 9,15). Não é o corpo que pesa sobre a alma (pois, então, teremos também um corpo) e sim “um corpo corruptível”. Conseqüentemente, o que faz a prisão não é o corpo, mas a corrupção. “Tira da prisão a minha alma, para que eu confesse teu nome”. Logo, a voz que vem em seguida, vem da Cabeça, nosso Senhor Jesus Cristo. E é tal qual a última palavra, de ontem. A última, ontem, se vos lembrais, foi a seguinte: “Estou sozinho, até que passe” (Sl 140,10). E aqui, qual é a última? “Os justos me esperarão até que venhas retribuir-me”.

1 Cf: Com. ao salmo 83

SALMO 142

SERMÃO AO POVO

1 Do salmo que cantamos, falarei a V. Caridade o que o Senhor me conceder falar. Ontem comentamos um salmo mais curto, mas o tempo de que dispúnhamos possibilitou-nos dizer muito sobre poucos versículos; agora, visto que o salmo é mais longo, não devemos deter-nos tanto em cada versículo, a fim de não acontecer que o Senhor não nos dê a faculdade de percorrê-lo por inteiro.

2 1 O título do salmo é: "De Davi, quando seu filho o perseguia". Pelo livro dos Reis sabemos que isto aconteceu, que Absalão se tornou inimigo do pai, fez não só guerra civil contra ele, mas também criou uma luta doméstica. Davi, porém, não se abateu iniquamente, mas humilhou-se com piedade, aceitou a correção da parte do Senhor, suportou o medicinal tratamento; não retribuiu maldade com maldade, mas de coração pronto aceitou a vontade do Senhor (2Sm 1,5,16). Aquele Davi foi deste modo digno de louvor; mas devemos reconhecer outro Davi, verdadeiramente Mão forte (assim se traduz a palavra Davi), nosso Senhor Jesus Cristo. Aqueles feitos passados eram figuras do futuro; não preciso recomendar longamente o que ouvistes com freqüência, e guardais muito bem na memória. Procuremos, portanto, neste salmo a profecia, em que nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, anuncia-se a si mesmo, e apregoa o que realizaria hoje, por meio dos fatos de outrora. Com efeito, ele anunciava-se a si mesmo, através dos profetas, porque ele é o Verbo de Deus e os profetas não podiam dizer tais coisas se não estivessem repletos do Verbo de Deus. Por conseguinte, eles anunciavam o Cristo, repletos de Cristo; precediam aquele que haveria de vir, e que não abandonava os seus antecessores. Reconheçamos ainda como também a Cristo o filho perseguia; pois tinha filhos dos quais declarava: Os filhos do esposo não jejuam, enquanto o esposo está com eles. "Dias virão, quando o esposo lhes será tirado; então, sim, jejuarão" (cf Mt 9,15). Em conseqüência, filhos do esposo são os apóstolos: e entre eles, Judas, o perseguidor, um diabo. Neste salmo o próprio Cristo apregoa a paixão. Ouçamos.

3 Novamente chamamos a atenção de V. Caridade, não para ensinar o que ignorais, mas para admoestar acerca do que conheceis. Nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo é Cabeça de seu corpo, ele, um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus (1Tm 2,5), nascido da virgem, como que no deserto, conforme ouvimos do Apocalipse (Ap 12,5-6). No deserto, a meu ver, porque somente ele nasceu desta forma. Aquela mulher o deu à luz, para reger o povo com um cetro de ferro. Esta mulher, porém, é a antiga cidade de Deus, mencionada no salmo: "coisas gloriosas são ditas de ti, cidade de Deus". Esta cidade começou com Abel, como a cidade má principiou com Caim. Por conseguinte, esta antiga cidade de Deus, que sempre suporta males na terra, que espera o céu, e também é chamada Jerusalém e Sião. Este salmo refere-se, de fato, a alguém que nasceu em Sião e é fundador da mesma Sião: "Sião, minha mãe, dirá um

homem". Qual? "O homem que nasceu nela e o próprio Altíssimo a fundou" (Sl 86,3.5). Enfim, ele mesmo se fez homem em Sião, mas fez-se homem humildemente; e o próprio Altíssimo fundou a cidade, em que ele se fez homem. Com efeito, aquela mulher estava vestida de sol (cf Ap 12,1), o sol de justiça que os ímpios não conhecem; e dirão no fim: "Sim, extraviamo-nos do caminho da verdade; a luz da justiça não brilhou para nós, para nós não nasceu o sol" (Sb 5,6). Existe, pois, certo sol de justiça que não nasce para os ímpios. Além disso, Deus faz este sol nascer para bons e maus (cf Mt 5,45). A mulher do Apocalipse estava revestida do sol, e trazia nas entranhas um nascituro. Era o fundador de Sião e nascia em Sião; e aquela mulher, aquela cidade de Deus, era protegida pela luz daquele cuja carne ela gerava. Com razão, tinha ela sob os pés a luz, porque calcava por seu poder a mortalidade da carne que crescia e decrescia. Ora, o Senhor Jesus Cristo é Cabeça e corpo; quis falar em nosso lugar aquele que se dignou morrer por nós; fez de nós seus membros. Por vezes, então fala em lugar de seus membros, ou fala em seu próprio nome, enquanto nossa Cabeça. Tem algo a dizer sem nós; mas nós, sem ele, nada podemos dizer. Declara o Apóstolo: "Completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo (Cl 1,24). Completo o que falta das tribulações de Cristo", não minhas; "na carne", não de Cristo, e sim "minha". Cristo ainda sofre tribulação, não em sua carne, pois esta subiu ao céu, mas em minha carne, que ainda labuta na terra. Cristo sofre tribulação em minha carne: "Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim" (Gl 2,20). Com efeito, se Cristo também em seus membros isto é, em seus fiéis, não sofresse opressão, Saulo na terra não teria perseguido a Cristo, sentado nos céus. Finalmente, claramente o Apóstolo o expõe em determinada passagem: "Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo" (1Cor 12,12). Ele não disse: Assim acontece com Cristo e o seu corpo; mas: "O corpo é um e tem muitos membros. Assim acontece com Cristo". O todo, portanto, é Cristo; e como o todo é Cristo, a Cabeça clama do céu: "Saulo, Saulo, por que me persegues"? (At 9,4). Guardai estas palavras, e conservai-as firmemente na memória, como filhos que conhecem os ensinamentos e a fé da Igreja católica, reconhecendo Cristo Cabeça e corpo, e o mesmo Cristo, Verbo de Deus unigênito, igual ao Pai; e daí ponderai a imensa graça de atingirdes a Deus, de tal sorte que ele quis ser um conosco, sendo um com o Pai. E como é um com o Pai? "eu e o Pai somos um" (Jo 10,30). E como é um conosco? Diz o Apóstolo: "Não diz: E aos descendentes, como referindo-se a muitos, mas como a um só: e à tua descendência, que é Cristo" (Gl 3,16). Mas dirá alguém: Se Cristo é da descendência de Abraão, nós também o somos? Recordai que Cristo é da descendência de Abraão; então, se somos da descendência de Abraão, somos também nós Cristo. "O corpo é um e, não obstante, tem muitos membros. Assim também acontece com Cristo. Todos vós, que fostes batizados em Cristo vos vestistes de Cristo". Portanto, Cristo é da descendência de Abraão; nem é possível contradizer-se às palavras bem claras do Apóstolo: "E à tua descendência, que é Cristo". Vede o que ele nos assegura: "E se vós sois de Cristo, então sois descendência de Abraão" (Gl 3,27.29). É grande este mistério: "E eles se tornam uma só carne" (Gn

2,24). Afirma o Apóstolo: "É grande este mistério; refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja" (Ef 5,32). Cristo e a Igreja, dois numa só carne. Dois, por causa da distância que provém da majestade de Cristo. Dois, na verdade. Pois, não somos o Verbo, nem éramos no princípio Deus junto de Deus, nem éramos aquele pelo qual tudo foi feito. Veio encarnar-se, e então Cristo é ele e somos nós (cf Jo 1,1ss). Por isso não nos cause admiração o que se encontra nos salmos. Muitas coisas neles são ditas pela Cabeça, muitas pelos membros; e no entanto o todo fala como se fosse um só. Não é espantoso serem dois numa só voz, se não dois numa só carne.

4 Judas, filho do esposo, perseguiu o esposo. Aconteceu naquele tempo; seria apresentado como exemplo para o futuro? De fato, a Igreja haveria de sofrer da parte de muitos falsos irmãos, de forma que agora e até o fim, o filho persiga o esposo. Com efeito, "se me exprobrasse um inimigo decerto o suportaria. E se o que me odiava proferisse insolência, dele me esconderia" (Sl 54,13). Quem é o inimigo? Qual o que me odiava? Aquele que pergunta: Quem é o Cristo? Cristo foi um homem, não pôde continuar a viver, quando queria viver. E morreu, dizem eles, contra a vontade, vencido, cruficicado, morto. Assim falam os inimigos. Diz Cristo! Este é um inimigo declarado, que me odeia, ataca-me com inimizade aberta; é fácil tolerar ou evitar a este; mas, que faço de Absalão? Que faço de Judas? Que faço dos falsos irmãos? Que faço dos filhos malvados, não obstante meus filhos, que contra nós não blasfemam a Cristo, mas conosco adoram a Cristo e o perseguem em nós? Acerca deles conseqüentemente diz o mesmo salmo: Seria fácil suportar outro, que me odiasse; ou esconder-me dele. Escondes-te de um pagão, entrando na igreja. Quando, porém, lá dentro encontras aquele que temes, por que procuras onde te esconder? Enfim, o próprio Apóstolo geme por causa dos perigos ocasionados por falsos irmãos: "Por fora, lutas; por dentro, temores" (2Cor 7,5). "Se, portanto, o que me odiava proferisse insolências, dele me esconderia. Mas és tu, meu companheiro" (Sl 54,13.14). Denomina-o companheiro unânime, como sendo um em Cristo. Por isso, a Igreja tem o que suportar fora e por que gemer dentro; considera os inimigos dentro e fora; os de fora são mais fáceis de evitar, os de dentro, mais difíceis de tolerar.

5 Diga, então nosso Senhor, conosco fale Cristo, o Cristo total: "Senhor, escuta a minha oração, presta ouvidos a minha súplica. Escuta e presta ouvidos"; é a mesma coisa, é repetição, confirmação. "Atende-me em tua verdade, em tua justiça". Não tomeis a expressão: "em tua justiça" com qualquer acepção. Está sendo recomendada a graça, a fim de que não julgue cada um de nós tratar-se de sua própria justiça. Justiça de Deus é aquela que ele te comunicou para que a possuas. Que afirma o Apóstolo dos que quiseram gloriar-se de sua própria justiça? "Eu lhes rendo testemunho de que têm zelo de Deus". Falando dos judeus, ele declara: "Têm zelo de Deus, mas não é um zelo esclarecido" (Rm 10,2). Que quer dizer: "não esclarecido?" Qual a ciência útil que tu recomendas? Seria aquela que se estiver sozinha incha? Que se não for acompanhada da caridade, não edifica? (1Cor 8,1). Certamente, não; porém aquela que é companheira da caridade, mestra da humildade. Vê se é esta: "Têm zelo de Deus, mas não é um zelo

esclarecido". Exponha o que ele chama de ciência: "Desconhecendo a jus-tiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus" (Rm 10,3). Quais, então, os que querem estabelecer a sua própria justiça? Os que imputam a si mesmos o bem que fizerem, e o mal a Deus; inteiramente perversos. Enfim, serão retos quando inverterem isto. Por isso és perverso; atribues o que está mal a Deus e o que está bem a ti; serás reto quando atribuíres a ti mesmo o mal que fizeres e o bem a Deus. Pois, de ímpio que eras não viverias na justiça se não te tornasse justo aquele que justifica o ímpio (cf Rm 4,5). Em conseqüência: "Atende-me em tua verdade, em tua justiça", não em minha justiça, a fim de ser achado nele, não tendo a minha justiça, que vem da lei, mas a justiça que vem da fé (cf Fl 3,9). Eis por que: "Atende-me em tua justiça". Se considero a mim mesmo, nada encontro a não ser meu pecado.

6 2 "Não entres em juízo com teu servo". Quais os que querem entrar em juízo com ele, senão os que desconhecendo a justiça de Deus, procuram estabelecer a sua própria? "Por que temos jejuado e tu não o vês? Temos mortificado as nossas almas e tu não tomas conhecimento disso"? (Is 58,3). Como se dissessem: Fizemos o que mandaste; por que não dás o que prometeste? Deus te responderá: A fim de poderes receber o que prometi, eu darei os meios para isso; a fim de fazeres com que recebas, eu dei. Afinal, o profeta se dirige a tais soberbos: "Por que pleiteais comigo? Vós todos vos rebelastes contra mim, oráculo do Senhor" (Jr 2,29). Por que quereis pleitear comigo, e relembrar as vossas justiças? Relembrai vossas justiças; eu conheço os vossos crimes. Como aprovarei a justiça naqueles em quem condeno a soberba? Com razão, o salmista, humilde no corpo de Cristo, aprendendo da Cabeça a ser manso e humilde de coração, diz (cf Mt 11,29): "Não entres em juízo com teu servo". Não entremos em litígio; não quero ter uma questão contigo, proponho eu a minha justiça e tu, convencendo-me de minha iniqüidade: "Não entres em juízo com teu servo". Por que isto? Por que motivo tem medo? "Porque não se justifica na tua presença nenhum vivente". Nenhum vivente, a saber, que viva na terra, que viva na carne, que viva para morrer, nascido como homem, recebendo a vida através dos homens, de Adão, de Adão vivo; todo aquele que vive assim talvez possa justificar-se diante de si mesmo, mas não na tua presença. Como diante de si? Agradando a si próprio, desagradando a ti: "na tua presença", porém, "não se justifica nenhum vivente". Portanto, não entres em juízo comigo, Senhor, meu Deus. Por mais reto que me considere, tiras de teu tesouro uma régua, medes-me junto dela, e aparece como sou ruim. "Não entres em juízo com teu servo". Ótimo: "com teu servo". Não é conveniente que entres em juízo com teu servo; nem mesmo com teu amigo. Não terias dito: "Meus amigos, eu vos digo" (Lc 1,24), se não fizesses de teus servos, teus amigos. Apesar de me chamares amigo, confesso-me teu servo; preciso de misericórdia, volto como fugitivo, procuro fazer as pazes; não sou digno de ser chamado teu filho: "Não entres em juizo com teu servo, porque não se justifica na tua presença nenhum vivente. Antes da morte não beatifiques a ninguém" (Eclo 11,30); absolutamente, "nenhum vivente". E então, os próprios cordeiros, os apóstolos, de cuja prole diz o salmo: "Trazei ao Senhor cordeirinhos"? (Sl 8,1). Dentre eles, Paulo, que declara não ser perfeito: "Não que eu o tenha alcançado ou que já seja perfeito" (Fl 3,12). Finalmente,

irmãos, para logo o saberdes, eles aprenderam a rezar conforme nós oramos, foi-lhes dada a regra das preces pelo jurisperito celeste. Disse ele: “Orai desta maneira”. Após algumas petições prévias, apresentou a seguinte, a fim de que a repetissem nossos cordeiros, os guias das ovelhas, os membros principais do Pastor que congrega um só rebanho: eles aprenderam a rezar: “Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6,9.12). Não disseram: Graças a ti, porque perdoaste as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores; e sim: “Perdoa, assim como nós perdoamos”. Efetivamente rezavam já sendo fiéis, já sendo apóstolos; pois esta oração dominical é entregue antes aos fiéis. Se aquelas dívidas só se referissem às que são perdoadas no batismo, conviria mais aos catecúmenos rezar: “Perdoa as nossas dívidas”. Digam, portanto, os apóstolos, digam: “Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. E se forem interrogados: Por que falais assim? Quais as vossas dívidas? Respondam: “Porque não se justifica na tua presença nenhum vivente”.

7 3 “Porque o inimigo perseguiu a minha alma. Calcou na terra a minha vida”. Vê; somos nós, é a nossa Cabeça falando por nós: “Porque o inimigo perseguiu a minha vida”. O diabo também perseguiu certamnte a alma de Cristo, e Judas a alma do mestre; e agora, na perseguição ao corpo de Cristo permanece o mesmo diabo; Judas, porém, teve outro Judas por sucessor. Pois, não falta motivo para o corpo afirmar: “Porque o inimigo perseguiu a minha alma. Calcou na terra a minha vida. Calcou”, diz ele, “na terra a minha vida”. Em outro salmo encontra-se: “Mantinham curvada a minha alma” (Sl 56,7). A que visa todo perseguidor senão fazer com que, abandonando a esperança celeste apreciemos a terra, e cedendo ao perseguidor, amemos os bens terrenos? Eles, de fato, na medida que podem, fazem isto; a nós, contudo, isto não suceda, pois foi-nos dito: “Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra, pois morrestes” (Cl 3,1-3). Efetivamente, não se justifica em sua presença nenhum vivente. Os perseguidores abertamente enfurecidos ou armando insídias ocultamente empenham-se em calcar na terra a nossa vida; contra eles estejamos vigilantes, a fim de podermos asseverar: “A nossa cidade está nos céus” (Fl 3,20). O inimigo “calcou na terra a minha vida”.

8 “Colocou-me em lugares tenebrosos, como a mortos do mundo”. Imediatamente ouvistes isso como sendo atinente à Cabeça, e reconheceis logo que se aplica à Cabeça. Pois, Cristo morreu por nós, mas não como a mortos do mundo. Quais são os mortos do mundo? E como ele não era morto do mundo? Mortos do mundo são os que mereceram a morte, e recebem a paga da iniqüidade, e morrem por causa da transmissão do pecado, conforme a palavra: “Eis que fui concebido na iniqüidade e em pecado me gerou minha mãe” (Sl 50,7). Cristo veio, assumindo a carne no seio da virgem, mas não a iniqüidade da carne; assumiu uma carne pura e purificadora. Os ímpios, contudo, julgando-o pecador, consideravam-no como morto do mundo. Mas o Senhor que disse: “Restituía o que não roubei” (Sl 68,5), e que declarou no evangelho: “O príncipe do mundo vem”, o

preposto à morte, conselheiro persuasivo do mal, cobrador de um castigo, sobre ele disse: “Vem; contra mim, ele nada encontra” (Jo 14,30). Que significa: “Contra mim, ele nada encontra?” Não encontra culpa alguma, nada que me faça réu da morte. “Mas o mundo saberá que amo o Pai e faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos! Partamos daqui”! (Jo 14,30.31). Morro para cumprir a vontade de meu Pai, mas não mereço a morte. Nada fiz para merecer a morte, mas procuro a morte a fim de libertar pela morte de um inocente os culpados que deviam morrer. “Colocou-me em lugares tenebrosos”, tais como a região dos mortos, como o sepulcro, como a própria paixão; “como a mortos do mundo”, aquele que disse: “Sou como um homem sem amparo, livre entre os mortos” (Sl 87,5.6). Que é “livre?” Por que motivo “livre?” Porque quem comete pecado é escravo do pecado (cf Jo 8,34). Além disso, não libertaria dos vínculos, se não estivesse livre de vínculos. Ele que estava livre matou a morte, prendeu os vínculos, levou cativo o cativeiro, e o colocaram em lugares tenebrosos, como a mortos do mundo.

9 4 “O tédio apoderou-se de meu espírito”. Lembrai-vos da palavra: “A minha alma está triste até a morte” (Mt 26,38). Notai que é uma só voz. Mas, não é evidente a passagem da Cabeça aos membros e dos membros à Cabeça. “O tédio apoderou-se de meu espírito”. Reconhecemos a expressão: “A minha alma está triste até a morte”. Mas nós estávamos ali. Pois ele transfigurou o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso (Fl 3,21); nosso velho homem foi crucificado com ele (cf Rm 6,6). “Meu coração se perturbou dentro de mim”. Dentro de mim, diz o salmista, não nos outros. Pois, os outros me abandonaram, os amigos se afastaram, e pensaram de mim coisa diferente, porque me viam morrer; e foram superados pelo ladrão, que acreditou quando os outros falharam (cf Lc 23,40).

10 5 Daí em diante, falam os membros. “Lembrei-me dos dias antigos”. Acaso se lembrou dos dias antigos aquele que fez todos os dias? Mas é o corpo que fala, fala cada um dos que foram justificados por sua graça, unidos a ele pela caridade e devota humildade; fala nos seguintes termos: “Lembrei-me dos dias antigos; meditei sobre todas as tuas obras”. Com efeito, tu fizeste boas todas as coisas, e nada existiria se não lhes desses a existência. Tua criação tornou-se um espetáculo para mim; na obra procurei o artífice, e na criatura, o Criador. Por que razão? Se o salmista não tivesse entendido que tudo o que há de bom foi feito por ele, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não estaria submisso à justiça de Deus (cf Rm 10,3), como lhe conviria aquela palavra acima proferida: “Em tua verdade e em tua justiça?” Por isso, em todas as obras de Deus e na meditação de todas as obras de Deus ele sugere a graça, recomenda a graça, gloria-se de ter encontrado a graça, a graça pela qual gratuitamente somos salvos; porque fomos salvos gratuitamente. Por que te glorias de tua justiça? Por que te exaltas, ignorando a justiça de Deus? Talvez tenhas dado alguma coisa para seres salvo? Que deste para seres homem? Olha, portanto, para o criador de tua vida, autor de tua substância, da justiça e da salvação. “Medita sobre todas as suas obras”, e verás que vem de suas mãos a justiça que há em ti. Escuta como o Apóstolo te ensina: “Não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho”. Não praticamos boas obras?

Certamente, mas nota como ele continua: “Pois somos criaturas dele. Criaturas dele”, talvez tenha querido relembrar nossa natureza humana, sob o apelativo de criatura? Não; ele falava a respeito das obras. “Não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho”. Mas não façamos conjecturas; ele prossegue: “Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras” (Ef 2,9.10). Não julgues, portanto, que fazes alguma coisa, a não ser enquanto és mau. Afasta-te de tua obra, aproxima-te da obra daquele que te fez; ele é quem forma, é ele quem há de reformar o que formara e tu estragaste. Ele agiu para que tu sejas; para que sejas bom, se és bom, ele mesmo opera. Diz o Apóstolo: “Operai a vossa salvação com temor e tremor”. Se trabalhamos em nossa própria salvação, porque o faremos com temor e tremor, se está em nosso poder aquilo que fazemos? Ouve porque deve ser com temor e tremor: “Pois é Deus que opera em vós o querer e o operar, segundo a sua vontade” (Fl 2,12. 13). Por conseguinte, com temor e tremor, para que a nosso artífice apraza operar no vale. Aquele que julga as nações e enche de ruínas, assim age entre os que estão abatidos. “Meditei sobre as obras de tuas mãos”.

11 6 E que fiz, ao verificar que todo dom precioso e toda dádiva perfeita vem do alto, descendo do Pai das luzes, no qual não há mudança, nem sombra de variação? (cf Tg 1,17). Vendo isso, apartei-me da bora má que fizera em mim, e “estendi a ti as minhas mãos. A ti estendi as minhas mãos; como terra sem água minha alma está diante de ti”. Diz o salmista: Faze com que chova sobre mim, para que dê bons frutos. O Senhor dará a suavidade, para que nossa terra produza seu fruto (cf Sl 84,13). “A ti estendi as minhas mãos; como terra sem água minha alma está diante de ti não de mim. Posso ter sede de ti, mas não posso irrigar-me. “Como terra sem água minha alma está diante de ti”, porque minha alma tem sede do Deus vivo (cf Sl 41,3). Quando irei, a não ser quando ele vier? Minha alma tem sede do Deus vivo, porque “como terra sem água minha alma está diante de ti”. O mar tem água em superabundância, inunda, é imenso, flutua, mas é amargo. Foi separada a água e apareceu a terra seca (cf Gn 1,9) de minha alma. Irriga-a porque é “como terra sem água diante de ti”.

12 7 “Escuta-me prontamente, Senhor”. Por que esta de-mora para inflamar minha sede, se de tal maneira estou sedento? Diferias a chuva, para que sorvendo-a embebesse, e não a menosprezasse quando caísse. Se a adiavas, dá agora, porque “como terra sem água minha alma está diante de ti. Escuta-me prontamente, Senhor; meu espírito desfaleceu”. Encha-me teu espírito, porque “meu espírito desfaleceu”. O motivo para ouvires logo está em que “meu espírito desfaleceu”. Tornei-me pobre em espírito; faze-me bem-aventurado no reino dos céus (cf Mt 5,3). Aquele que vive de seu espírito é soberbo; em seu espírito ele se exalta contra Deus. Convém-lhe o que foi escrito em outra passagem: “Se lhes retiras o espírito expiram e voltam para o pó de onde vieram” (Sl 103,29), a fim de que confessem: “Lembra-te de que somos pó” (Sl 102,14). Tendo eles dito: “Lembra-te de que somos pó”, então profiram: “Como terra sem água minha alma está diante de ti”. Que terra, de fato, é mais seca do que a poeira? Mas, “escuta-me prontamente, Senhor”. Que a chuva caia sobre mim, confirma-me, não seja como a poeira que o vento

carrega da superfície da terra (cf Sl 1,4). "Escuta-me prontamente, Senhor, meu espírito desfaleceu". Não se prolongue minha penúria. Retiraste-me o espírito para que desfaleça e volte para o pó de onde viera; dir-te-ei: "Como terra sem água a minha alma está diante de ti". Faze igualmente aquilo que se encontra na continuação do mesmo salmo: "Enviarás teu espírito e serão criados e renovarás a face da terra" (Sl 103,30). Se alguém está em Cristo é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas (cf 2Cor 5,17). Em seu espírito as coisas antigas passaram, em teu Espírito fizeram-se novas.

13 "Não me ocultes a tua face". Tu a afastaste do soberbo. Efetivamente outrora tinha fartura, e nesta fartura, me orgulhara: Pois, outrora, "eu disse na prosperidade: Jamais serei abalado. Eu disse: Jamais serei abalado, na prosperidade", ignorando a justiça de Deus, e estabelecendo a minha própria (cf Rm 10,3); "mas tu, Senhor, por tua benevolência, confirmaste a minha honra" (Sl 29,7). "Eu disse na prosperidade: Não serei abalado"; na verdade toda a minha abundância provinha de ti. E para provares que vinha de ti, "escondeste a tua face e fiquei perturbado" (Sl 29,8). Depois desta perturbação que me adveio por teres escondido de mim a tua face, depois do tédio que se apossou de meu espírito, depois que meu coração se perturbou dentro de mim por teres apartado a tua face, já me tornei como terra sem água diante de ti: "Não me ocultes a tua face". Ocultaste do soberbo, mostra-a ao humilde. "Não me ocultes a tua face", porque se a ocultares "serei semelhante aos que descem à fossa". Que quer dizer: "os que descem à fossa? O pecador, chegando ao profundo dos males, despreza" (Pr 18,3). Descem à fossa os que depreciam a confissão; contra isso diz o salmo: "Nem a boca do poço se feche sobre mim" (Sl 68,16). A Escritura muitas vezes denomina essas profundezas de fossa; é nesta profundeza que o pecador que a atinge, despreza. Que significa: "despreza?" Pensa que já não existe providência; ou se o considera, julga que não o atinge. Propõe-se toda liberdade de pecar, soltando as rédeas da iniqüidade, porque perdeu a esperança do perdão. Não diz: Voltarei para Deus, a fim de que ele se volte para mim. Nem ouve a palavra: "Voltai a mim e eu voltarei a vós" (Ml 3,7). Porque chegou ao fundo dos males e despreza. "Para o morto, como se não existisse mais nada, o louvor acabou" (Eclo 17,26). Portanto, "não me ocultes a tua face, senão serei semelhante aos que descem à fossa".

14 8 "Faze-me ouvir de manhã a tua misericórdia, porque em ti esperei". Eis que estou na noite; mas esperei em ti, até que passe a iniqüidade noturna (cf Sl 56,2). Diz S. Pedro: "Temos, também, por mais firme a palavra dos profetas, à qual fazeis bem em recorrer como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d'alva em nossos corações" (2Pd 1,19). Chama de "manhã" o fim do mundo, quando veremos o que cremos na terra. Pois, "desde a manhã ouvirás minha voz. Desde a manhã estarei de pé diante de ti e verei (Sl 5,4.5). "Faze-me ouvir de manhã a tua misericórdia porque em ti esperei". Pois se esperamos o que não vemos, nós o esperamos pela paciência (cf Rm 8,25). "Faze-me ouvir de manhã a tua misericórdia porque em ti esperei".

15 E então, que fazer até que venha a manhã? Pois, não basta esperar pela manhã; há de se fazer alguma coisa. Por que fazer alguma coisa? Porque diz outro salmo: "No dia de

minha tribulação procurei a Deus", em minha noite busquei a Deus. Como o buscaste? "De noite levantei as mãos para ele e não fiquei decepcionado" (Sl 76,3). De noite, procura-se a Deus por meio das mãos. Que representam "as mãos?" As boas obras "levantei as mãos para ele: Quando deres uma esmola, não te ponhas a trombe-tear; e o teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará" (Mt 6,2.4). Uma vez que se deve aguardar assim a manhã e deste modo suportar a noite, e perseverar na paciência até o raiar do dia, que fazer neste intervalo? Acaso farás algo por ti mesmo, a fim de mereceres ser levado até a manhã? "Dá-me a conhecer o caminho em que ande". Para isso, Deus acende a lâmpada dos profetas e enviou o próprio Senhor num vaso de argila, a carne, conforme ele mesmo se expressa: "Minha força secou-se qual vaso de argila" (Sl 21,16). Caminha, portanto, de acordo com as profecias, caminha à luz das predições de eventos futuros, caminha segundo a palavra de Deus. Ainda não contemplas o Verbo no princípio, Deus junto de Deus (cf Jo 1,1). Caminha até a condição de servo, e serás conduzido para junto da condição de Deus. "Dá-me a conhecer o caminho em que ande, porque a ti elevei a minha alma. Elevei a ti", não contra ti. Junto de ti está a fonte da vida (cf Sl 35,10). "A ti elevei a minha alma", levei à fonte meu vaso; enche-me, "porque a ti elevei a minha alma".

16 9 "Livra-me, Senhor, de meus inimigos, porque em ti me refugiei". Eu que outrora fugi de ti, "em ti me refugiei". Ora, Adão fugiu da presença de Deus e escondeu-se entre as árvores do paraíso (cf Gn 5,8). A seu respeito diz o livro de Jó: "Como o escravo, que foge de seu Senhor, e que conseguiu sombra" (Jó 7,2, sg os LXX). Fugiu da face de seu senhor, e conseguiu sombra: fugiu para a sombra das árvores do paraíso. Ai dele, se permanecer na sombra; não lhe seja dito mais tarde: "Tudo isso passou como uma sombra" (Sb 5,9). "Livra-me de meus inimigos". Não julgo que aqui se trate de homens inimigos: "O nosso combate não é contra a carne nem contra o sangue". Contra quem? "Contra os Principados, contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo". De que mundo? Não do céu e da terra; não reinam sobre aquilo que não fizeram. "Dominadores deste mundo"; mas de que mundo? "Destas trevas" (Ef 6,12). De que trevas? Dos iníquos. "Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor" (El 5,8). "Dominadores deste mundo, destas trevas", dominadores dos iníquos; contra estes é que tendes de combater. Grande combate vos cabe, não ver os inimigos e vencê-los. "Contra os Dominadores deste mundo, destas trevas", a saber, o diabo e seus anjos. Não são dominadores do mundo do qual foi dito: "O mundo foi feito por meio dele", mas do mundo do qual foi dito: "O mundo não o conheceu" (Jo 1,10). "Livra-me, Senhor, de meus inimigos, porque em ti me refugiei. De meus inimigos": não de Judas, mas daquele que entrou em Judas. Suporto o inimigo que vejo, mas ataco o que não vejo. Pois, Judas recebeu o bocado e Satanás nele entrou (cf Jo 13,27), a fim de que este Davi sofresse perseguição da parte de um filho. De quantos Judas Satanás encheu o coração, os quais indignamente receberam o pedaço de pão para seu juízo! Aquele que come e bebe indignamente, come e bebe a própria condenação (cf 1Cor 11,29). Não é coisa má o que é dado, mas o que é bom é dado ao mau para sua condenação. Não pode ser um bem receber mal o que é bom. Portanto, "livra-me, Senhor, de meus inimigos, porque em ti

me refugiei". Pois, para onde fugiria? "Aonde irei para longe de teu espírito? Se subir ao céu ali estás, se descer ao inferno ali estás presente". Que me resta? "Se retomar minhas asas como pomba, e voar até os confins do mar, isto é, se pela esperança habitar no fim dos tempos, até lá me conduzirá a tua mão e a tua destra me sustentará" (Sl 138,7-10). "Livra-me, Senhor, de meus inimigos, porque em ti me refugiei".

17 10 "Ensina-me a fazer a tua vontade, porque és o meu Deus". Ó confissão, ó prescrição! "Porque és o meu Deus". Devo correr procurando refazer-me junto de outro, se fui criado por ele. Tu és todo meu: "porque és o meu Deus". Procurarei o Pai, por causa da herança? "Tu és o meu Deus", não somente doador da herança, mas a própria herança: "O Senhor é a porção da minha herança" (Sl 15,5). Devo procurar o Senhor, tendo em vista a redenção? "Tu és o meu Deus". Procuro um patrono para minha libertação? "Tu és o meu Deus", no final, tendo sido criado, desejo uma restauração? "Tu és o meu Deus", meu Criador, que me criaste por teu Verbo, e me fizeste nova criatura pelo Verbo. Mas tu me criaste por meio do Verbo, que é Deus e permanece junto de ti; fizeste-me nova criatura pelo Verbo que se fez carne por nossa causa. "Ensina-me, pois, "a fazer a tua vontade, porque és o meu Deus". Se não me ensinares, farei minha vontade, e meu Deus me abandonará. "Ensina-me a fazer a tua vontade, porque és o meu Deus". Ensina-me: pois, tu és o meu Deus, mas eu não serei meu próprio mestre. Vede como é encarecida a graça. Conservai isto na memória; embebei-vos desta verdade, ninguém a tire de vosso coração, a fim de que não tenhais um zelo de Deus não esclarecido; nem desconhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a vossa própria, deixeis de estar sujeitos à justiça de Deus (cf Rm 10,2.3). Reconheceis certamente as palavras do Apóstolo. Repeti, portanto, a seguinte: "Ensina-me a fazer a tua vontade, porque és o meu Deus".

18 10-12 "Teu espírito bom", não é meu, malvado. "Teu espírito bom me conduzirá à terra de retidão", enquanto meu espírito mau me conduziu à terra perversa. E que mereci? Quais são as minhas obras boas que contam sem o teu auxílio para que impetre a graça de ser digno de ser conduzido por teu Espírito à terra de retidão? Quais as minhas obras, os meus méritos? "Por teu nome, Senhor, tu me vivificarás". Prestai atenção, portanto, quanto puderdes, à recomendação da graça, pela qual fostes salvos gratuitamente. "Por teu nome, Senhor, tu me vivificarás. Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a glória" (Sl 113,12). "Por teu nome, Senhor, tu me vivificarás em tua justiça", não em minha justiça; não porque tenha merecido, mas porque tu te compadeces. Pois, se quissesse apresentar meus méritos, nada mereceria de ti, senão suplício. Arrancaste meus méritos, inseriste os teus dons. "Por teu nome, Senhor, tu me vivificarás em tua justiça; livrarás a minha alma da angústia. Na tua misericórdia exterminarás meus inimigos. Destruirás todos os que me atribulam a alma, porque sou teu servo".

SALMO 143

SERMÃO AO POVO

1 1 O título deste salmo é breve no número de palavras, mas pesado de mistérios. “De Davi. Contra Golias”. Este combate se deu no tempo de nossos pais, conforme se recorda comigo V. Caridade, segundo consta da leitura das Sagradas Escrituras. Como um povo estrangeiro combatesse contra o povo de Deus, um só guerreiro provocou a um combate singular, Golias a Davi (cf 1Rs 17). Nesta luta, a vontade de Deus se mostraria, com a vitória de uma parte. Mas, por que nos preocuparmos acerca da vitória, quando ponderamos qual o provocador e qual o provocado? A impiedade provocou a piedade, a soberba provocou a humildade, por fim, o diabo provocou a Cristo. Como admirar que o diabo seja vencido? Golias era de grande estatura; Davi pequeno, mas grande pela fé. O santo jovem Davi tomou as armas bélicas para avançar contra Golias. Mas não pôde usar estas armas devido à idade, e à pequena estatura, conforme dissemos. Rejeitou as armas que o oneravam, e não o ajudavam; tomou cinco pedras do rio, e colocou-as na funda de pastor. Armado assim corporalmente, mas espiritualmente armado com o nome de Deus, avançou e venceu. Isto aconteceu a Davi; mas perscrutemos o mistério. Havíamos proposto o título do salmo, breve no número das palavras, mas pesado de mistérios. Venha-nos à mente a sentença do Apóstolo: “Estas coisas lhes aconteceram para servir de exemplo” (1Cor 10,11), para não parecermos procurar com insolência algo de escondido, numa passagem em que tudo pode ser explicado simplesmente, sem a profundidade do mistério. Temos, portanto, uma palavra autorizada que nos torna atentos para procurar, vigilantes para investigar, devotos para ouvir, fiéis para crer, infatigáveis para praticar. Em Davi encontra-se Cristo. Mas como costumais entender, tendo sido instruídos em sua escola, trata-se de Cristo, Cabeça e corpo. Não ouvis alguma coisa acerca de Cristo, como se não vos tocasse, a vós, membros de Cristo. Tendo posto esta base, vede a seqüência.

2 Sabeis que aquele povo do Antigo Testamento foi onerado com muitos sacramentos visíves e materiais: a circuncisão, aquele sacerdócio complicado, o templo cheio de figuras, os múltiplos holocaustos e outras espécies de sacrifícios. Nosso Davi os aboliu, como que tirando as armas que o oneravam, sem ajudá-lo. “Se tivesse sido dada uma lei capaz de comunicar vida, então sim, realmente, a justiça viria da lei”. Para que então a lei? Continua: “Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, a fim de que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse concedida aos que crêem (Gl 3,21.22). Afinal, que fez este Davi, isto é, Cristo Cabeça e corpo, no tempo da revelação do Novo Testamento, tempo de se insinuar e recomendar a graça de Deus? Tirou as armas, e tomou cinco pedras (cf 1Rs 17,39-40); tirou as armas, conforme dissemos, que eram muito pesadas; portanto, os mistérios da lei, aqueles sacramentos da lei, que não são impostos aos gentios, que não observamos. Estais lembrados de quantas coisas lemos da

antiga lei que não observamos; contudo entendamos que foram estabelecidas e propostas com algum significado. Não devemos rejeitar a lei de Deus, mas uma vez que os sacramentos eram uma promessa, cumprida esta, não os celebramos. Pois, veio o objeto da promessa. Com efeito, a graça do Novo Testamento estava velada na lei; no evangelho se revela. Removemos o véu, porque sabemos o que velava. Conhecemos, porém, pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo, nossa Cabeça, nosso Salvador, que por nós foi crucificado; quando foi crucificado, o véu do templo se rasgou. Afinal, ele tirou as armas, enquanto figuravam o peso dos sacramentos da antiga lei; mas aceitou a mesma lei. Pois, as cinco pedras representam os cinco livros de Moisés. Apanhou, portanto, aquelas cinco pedras no rio. Sabeis o que é este rio. Passa o século mortal, e flui tudo o que vem ao mundo. As pedras, portanto, estavam no rio, como se estivessem naquele povo antigo; ali eram inúteis, ociosas, imprestáveis, rolavam nos rios. Que fez Davi, para que a lei fosse útil? Recebeu a graça. A lei sem a graça não pode ser cumprida: “O amor é a plenitude da lei” (Rm 13,10). E de onde veio esta caridade? Vê se não provém da graça. O amor de “Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). Como a graça faz cumprir a lei, ela é representada pelo leite. Este, na carne, é gratuito, porque a mãe não quer receber, mas empenha-se em dar. A mãe o dá gratuitamente e entristece-se se falta quem o aceite. Como, então, Davi mostrou que a lei sem a graça não pode agir, senão quando, querendo unir à graça aquelas cinco pedras, que figuravam a lei em cinco livros, colocou-as no alforje de pastor, onde costumava guardar leite? Assim armado, quer dizer, munido da graça, e por isso não presumindo de si mesmo, mas confiando em seu Senhor, avançou contra Golias soberbo, que se gabava e presumia de si. Tomou uma pedra, lançou-a, e feriu o inimigo na fronte; ele caiu, ferido naquela parte do corpo onde não tinha sinal de Cristo. Merece atenção também o seguinte: apanhou cinco pedras, mas jogou uma só. Os cinco livros são lidos, mas vence a unidade. Pois “a plenitude da lei”, como há pouco relebrávamos, é “o amor”; e diz o Apóstolo: “Suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 4,2.3). Em seguida, estando Golias ferido e derrubado, Davi tirou-lhe a espada e com ela cortou-lhe a cabeça. Isto fez nosso Davi: expulsou o diabo do que era seu. Quando acreditam os grandes que o diabo tinha em suas mãos e com os quais ele trucidava certas almas, aqueles voltam suas línguas contra o diabo; e assim a cabeça de Golias é cortada com sua própria espada. Comentamos o mistério do título, de acordo com a brevidade do tempo; vejamos agora o conteúdo do próprio salmo.

3 “Bendito o Senhor, meu Deus, que adestra minhas mãos para a luta, meus dedos para a guerra”. É a nossa voz, se somos o corpo de Cristo. Bendigamos o Senhor nosso Deus, que adestra nossas mãos para a luta, nossos dedos para a guerra. Parece repetição da mesma sentença. Nossas mãos para a luta e nossos dedos para a guerra, teriam o mesmo sentido. Ou existe diferença entre mãos e dedos? Na verdade, as mãos agem por meio dos dedos; por isso, não é absurdo considerar que dedos aí substituem a palavra: mãos. Todavia, nos dedos reconhecemos a divisão das operações, mas com a raiz da unidade. Vê a graça; diz o Apóstolo: “A um o Espírito dá a mensagem da sabedoria; a outro, a

palavra da ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o dom de falar em línguas; a outro a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos. Mas, isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz" (1Cor 12,8-11). "A um", isto, "a outro", aquilo: são as divisões das operações. "Isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza": é a raiz da unidade. Com esses dedos, portanto, combate o corpo de Cristo, avançando para a luta, avançando para a batalha.

4 Talvez seja longo demais relembrar as espécies de combates e guerras, e seja mais fácil entrar neles do que explicá-los. Temos apenas uma guerra mencionada pelo Apóstolo: "O nosso combate não é contra a carne e o sangue", isto é, contra homens que vos ocasinam sofrimentos; não é contra eles que lutais, e sim "contra os Principados e Potestades, contra os Dominadores deste mundo". E para não entenderes que se trata do mundo que consta de céu e terra, mostra o que quer dizer: "Destas trevas" (Ef 6,12). Não do mundo feito por ele, pois: "O mundo foi feito por meio dele", porém o mundo que não o conheceu: "Mas o mundo não o conheceu" (Jo 1,10). Essas trevas não são naturais, mas voluntárias. Pois, a alma por si mesma não ilumina; canta ela humilde e verazmente: "Senhor, farás brilhar a minha lâmpada. Iluminarás meu Deus as minhas trevas" (Sl 17,29), e: "Pois em ti está a fonte da vida e na tua luz contemplamos a luz" (Sl 35,10). Não em nossa luz, mas "na tua luz". Também nossos olhos se chamam luz (lumina); contudo, se faltar a luz extrínseca, mesmo que os olhos sejam sadios e estejam abertos, permanecerão nas trevas. Por isso, fazemos guerra contra os dominadores destas trevas, os dominadores dos infiéis, o diabo e seus anjos, senhores da espada com que luta o diabo contra os fiéis. Mas como se tirou a espada de Golias prostrado, para que sua cabeça fosse cortada com sua própria espada (cf 1Rs 17,51), assim quando os infiéis passam a crer, aplica-se-lhes a palavra: "Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor" (Ef 5,8). Lutaste, ó espada, pela mão de Golias; agora na mão de Cristo, corta a cabeça de Golias.

5 Este é um combate; outro, porém tem cada qual em si mesmo. Há pouco foi lido o trecho sobre esta guerra na epístola do Apóstolo: "A carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne; de sorte que não fazeis o que quereis" (Gl 5,17). É uma guerra intensa, e tanto mais molesta quanto mais interna. Nesta guerra, para que alguém seja vencedor, deverá continuamente superar aqueles inimigos invisíveis. O diabo ou seus anjos não tentam senão o que em ti for dominado pelo que é carnal. Pois, como vencemos aqueles inimigos invisíveis, a não ser porque sentimos nossos movimentos carnais interiores? Quando os combatemos, ferimos também a eles. Com o amor do dinheiro a avareza domina; se a avareza te domina, o diabo do lado de fora propõe-te um lucro com fraude. Muitas vezes, de fato, não consegues lucro, se não cometeres fraude. Por isso, ele de fora propõe à avareza que não venceste interiormente, que não domaste, que não sujeitaste; propõe como um mau presidente dos jogos ao atleta a fraude e o lucro, a obra e o prê-mio: Faze isto, e retira o prêmio. Tu, porém, se calcas a avareza, se

ela interiormente não te domina, e sentindo-a a vences (porque ao diabo que te arma insídias não vês), se domaste a avareza, percebes outro a propor-te a obra e a recompensa. Que te propôs? A fraude e o lucro. Que te propõe o Senhor? A inocência e a coroa. Um e outro te di-zem: Faze, e obterás. Logo tu, lutador interiormente, se não tiveres sido vencido pela avareza, mas fores vencedor, atendes a Cristo, vences o diabo. Tens discernimento sobre um e outro e dizes: Aqui vejo a obra e o prêmio, ali a isca e o laço. Percebes em ti o que te pertence. Com efei-to, o pecado te dividiu contra ti mesmo. Arrastas em ti a propagação e a origem da morte; tens o que combater em ti mesmo, tens o que expugnar. Mas tens também a quem invocar, para que te ajude na luta, e te coroe após a vitória; aquele que te fez quando não existias.

6 Como, perguntas, hei de vencer? Eis que o próprio Apóstolo te propõe um combate dificílimo, e se não entendo, mostra quão laborioso ou talvez mesmo insuperável é. Diz ele: “Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne, de sorte que não fazeis o que quereis” (Gl 5,17). Como me ordenas que vença, se ele afirma: “De sorte que não fazeis o que quereis?” Perguntas: Como? Presta atenção à graça do alforje de pastor, coloca uma pedra tirada do rio no receptáculo de leite. Eis o que te digo, ou antes o que te diz a própria verdade. De fato, não fazes o que queres, pois a carne tem aspirações contrárias ao teu espírito. Se nesta luta presumires de ti mesmo, deves ser admoestado, a fim de não ouvires inutilmente: “Exultai em Deus, nosso protetor” (Sl 80,2). Se por ti mesmo realizasses tudo, não te seria necessário um protetor. De outro lado, se por tua vontade nada fizesses, não seria chamado teu auxíliador: serve de auxílio quem auxilia a alguém em sua ação. Enfim, tendo dito: “A carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne, de sorte que não fazeis o que quereis”, e tendo colocado ante teus olhos a ti mesmo, como alguém que em si é deficiente, logo te envia a quem pode te ajudar: “Mas se vos deixais guiar pelo Espírito, não estais debaixo da lei”. Quem está debaixo da lei, não cumpre a lei, mas é coagido por ela, como Davi se sentia sob o peso das armas. Portanto, se és guiado pelo Espírito, vê quem te ajudará para cumprires o que queres. É teu amparo, teu protetor, tua esperança que adestra tuas mãos para a luta, teus dedos para a guerra. “Ora, as obras da carne são manifestas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, luxúria, feitiçaria, rixas, inimizades, bebedeiras, comedorias, e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos previno, como já vos preveni: os que tais coisas praticam, não herdarão o reino de Deus” (Gl 5,18-21). Não se trata dos que combatem tais vícios, mas dos que os praticam. Uma coisa é combater, outra vencer; e outra ainda ter paz e repouso. Prestai atenção a alguns exemplos que vos mostro. Se é sugerido um lucro, isto agrada; inclui uma fraude, mas é grande lucro; agrada, contudo não consentes; vê a luta; ainda alguém persuade, insta, delibera; portanto o lutador periclita. Vimos a luta; vejamos o restante. Ele despreza a justiça para cometer a fraude: foi vencido. Desprezou o lucro, para servir a justiça: venceu. Nesses três casos, tenho pena do vencido, receio pelo que luta, alegria pelo que vence. Mas, mesmo o vencedor, por acaso agiu de tal modo que não deu atenção ao dinheiro, ou nada despertou nele de atração, embora superável, desprezível, apesar de não ter consentido, mas nem ao menos se dignou combater? Todavia, inclui-se

certo incentivo de deleite. Este incentivo e aquele inimigo, já não atacam, nem reinam; existe, contudo, o incentivo e como que mora na carne mortal, embora não haverá no futuro. Será arrastado na vitória, mas depois; agora, contudo: "O corpo está morto, pelo pecado"; por conseguinte o pecado está no mesmo corpo, embora não reine: "Mas o Espírito é vida, pela justiça. E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós" (Rm 8,10ss). Lá já não haverá o que combata, ou incite; tudo estará em paz. Pois, não é uma natureza contrária que combate outra natureza; é sim como numa casa marido e mulher. Se discordam entre si, é uma luta molesta e perigosa; se o marido é vencido e a mulher domina, é uma paz pervertida; se porém, a mulher se sujeita ao marido que domina, é paz correta; não é, contudo algo proveniente de outra natureza, porque a mulher foi tirada do homem. É tua carne, tua cônjuge, tua serva. Seja o que for que empreendas, é preciso que a sujeites, e se lutas, que lhe seja útil a luta. Convém que o inferior se submeta ao superior, de tal forma que quem quiser lhe seja submisso o inferior, submeta-se a quem lhe é superior. Reconhece qual a ordem, procura a paz. Tu obedeças a Deus, e a carne a ti. Que há de mais justo? De mais belo? Tu obedeças ao maior, e o menor a ti; serve aquele que te fez para que te sirva aquele que foi feito por tua causa. A ordem que conhecemos e recomendamos não é esta: A carne a ti e tu a Deus; e sim: tu a Deus, e a carne a ti. Mas, se tu desprezas a Deus, jamais conseguirás que a carne te obedeça. Se não obedeces ao Senhor, serás atormentado pelo escravo. Acaso, se não obedeceres primeiro a Deus, para que em seguida a carne te obedeça, poderás proferir as seguintes palavras: "Bendito o Senhor, meu Deus, que adestra minhas mãos para a luta, meus dedos para a guerra?" Queres combater sem perícia, serás vencido e condenado. Em primeiro lugar, portanto, que te submetas a Deus; em seguida, com seu ensino e auxílio combaterás, e dirás: "Que adestra minhas mãos para a luta, meus dedos para a guerra".

7 E uma vez que estás combatendo, e combatendo corres perigo, dize as palavras seguintes, enquanto perdura o perigo: "Minha misericórdia". Não serei vencido. Que significa: "Minha misericórdia?" Ofereces-me a misericórdia, foste misericordioso para comigo? Ou: Deste-me a capacidade de ser misericordioso, também eu? Nada vence melhor o inimigo de que sermos misericordiosos. Ele prepara, de fato, calúnias para apresentar no juízo, mas não pode acusar-nos de coisas falsas, porque não tem a quem acusar-nos. Se o juízo fosse perante os homens, poderia enganá-los mentindo, e acumular contra nós acusações falsas; mas como é perante tal juiz que nossa questão com ele é julgada, este não pode enganá-lo; por isso empenha-se em nos seduzir ao pecado, para ter objeções verdadeiras. E quando por acaso a fragilidade humana sucumbe por causa de algumas de suas fraudes, entregue-se a humilde confissão, exerça-se em obras de misericórdia e piedade. Tudo será apagado, quando de coração sincero e com inteira confiança dizemos àquele que nos vê: "Perdoa-nos como nós perdoamos" (Mt 6,12). Profere-o de todo coração, com toda confiaça, e segurança: "Perdoa-nos, como nós perdoamos"; ou não perdoes, se não perdoamos. Mesmo que não peças: Não perdoes, se não perdoamos, ele efetivamente não perdoa, se não perdoamos. Ele não

promete falsamente, de sorte que sejas um pecador impune. Queres que te perdoe? Perdoa. Existe também outro fruto da misericórdia: Queres que eu dê? Dá. Num mesmo lugar do evangelho se encontra: “Perdoai, e vos será perdoado. Dai, e vos será dado” (Lc 6,37.38). Diz o Senhor: Tenho algo contra ti e tu tens algo contra outro; perdoa e eu perdôo. Tu me pedes alguma coisa, e o próximo, por sua vez, te pede algo; dá e eu dou. E que perdoa? Que dá? Não é a caridade? E de onde vem a caridade, senão do Espírito Santo que nos foi dado? (cf Rm 5,5). Se, portanto, vencemos o inimigo com as obras de misericórdia, e não podemos praticá-las a não ser que tenhamos a caridade, e não haveria em nós caridade alguma se não a recebêssemos do Espírito Santo, ele adestra nossas mãos para a luta, nossos dedos para a guerra; por isso dizemos-lhe com razão: “Minha misericórdia”, pois dele provém que somos misericordiosos. “O juízo será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia” (Tg 2.13).

8 Julgas que são insignificantes as obras de misericórdia? Convém falar alguma coisa a respeito disso. Notai primeiro esta sentença da Escritura que acabo de mencionar: “O juízo será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia”. Será julgado sem misericórdia aquele que não praticou a misericórdia antes do juízo. E então? Qual a conseqüência? “Mas a misericórdia triunfa do juízo” (Tg 2,13). Que significa isto, irmãos: “A misericórdia triunfa do juízo?” A misericórdia supera o juízo; onde se encontrar uma obra de misericórdia, embora haja algo talvez a ser punido no juízo, a misericórdia, como água, extingue o fogo do pecado. “A misericórdia triunfa do juízo”. E então? Deus seria injusto quando socorre a tais pecadores, quando os liberta e perdoa? De forma alguma. Nisto também é justo. Nele a misericórdia não afasta a justiça, nem a justiça retira a misericórdia. Vê, pois, se não é justo: Perdoa e eu perdôo; dá e eu dou. Vê se não é justo: “Com a medida com que medis sereis medidos” (Mt 7,2). Quanto à expressão: “Com a medida”, não se julgue que se trata da mesma espécie de medida; mas mede-se do mesmo modo: Perdoa, e perdôo. Tens por medida dar o perdão; encontrarás em mim por medida recebê-lo; em ti está a medida de dar o que tens; encontrarás em mim a medida de receber o que não tens.

9 “Minha misericórdia, meu refúgio, meu baluarte, meu libertador”. Muito trabalho tem este lutador, contendo a carne que tem aspirações contrárias ao espírito. Segura o que tens. Virá plenamente o que queres, quando a morte for absorvida na vitória (cf 1Cor 15,54), quando este corpo mortal ressuscitado for transferido para a convivência angelical e voar revestido de qualidades celestes. Diz o Apóstolo: “então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4,16-18). Lá a morte será absorvida na vitória, e dir-se-á: “Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão” (1Cor 15,55). Não restará, nem na alma, nem no corpo, qualquer rebeldia contra o amor de Deus. Plena vitória, plena paz. A nós, durante o combate, nos é dito: “Vinde, filhos, ouvi-me. Eu vos ensinarei o temor do Senhor”. Estais em combate, lutais numa contenda; contudo, desejais certo repouso. “Qual é o homem que quer a vida e deseja

ver dias felizes?" Quem não responderá: Eu? No céu será a vida, os dias bons, quando nada terá aspirações contrárias ao espírito. Lá não se diz: Luta; e sim: Alegra-te. Mas quem é que quer ver estes dias? Certamente todos dizem: Eu. Escuta o que segue. Vejo que labutas, vejo que te achas num combate, em perigo. Escuta o que segue. O Senhor adestra tuas mãos para a luta, teus dedos para a guerra. "Preserva tua língua do mal e os teus lábios das palavras enganosas. Aparta-te do mal e faze o bem". Como poderás fazer o bem, se não te apartares do mal? Como desejar que vistas o pobre, quando ainda o espolias? Como queres que dês, quando ainda roubas? "Aparta-te do mal e faze o bem". Que o pobre não chore primeiro sob teu poder, para depois alegrar-se por tua causa. "Aparta-te do mal e faze o bem". Qual a recompensa? Pois agora lutas. "Procura a paz e segue-a" (Sl 33,12-15). Aprende a dizer: "Minha misericórdia, meu refúgio, meu baluarte, meu libertador, meu protetor. Baluarte" para que não caia; "libertador", para que não fique prostrado; "protetor", para que não seja ferido. "Meu protetor, em quem esperei". Nele esperei em tudo isso, em todo meu labor, em todos os meus combates, em todas as minhas dificuldades. "E que a mim submeteu os povos". Eis que conosco fala nossa Cabeça.

10 3 "Senhor, que é o homem, para te manifestares a ele?" Ele é tudo o que é porque te manifestaste a ele. "Que é o homem, para te manifestares a ele? Ou o filho do homem para o apreciares?" Tu o estimas, dás-lhes tanta importância, tanto valor; tu pões tudo em ordem. Sabes sob quem o colocas, e acima de quem. Estimar é avaliar o valor de uma coisa. Quanto estimas o homem, pois o Filho Único derramou por ele seu sangue? "Que é o homem, para te manifestares a ele?" A quem te dás a conhecer? "Que é o filho do homem para o apreciares?" Se lhe dás tanto valor, tanta estima, mostras que é algo de precioso. Pois, Deus não estima o homem do mesmo modo que um homem estima a outro; quando este encontra um escravo à venda, dá um preço mais elevado por um cavalo a para um homem. Vê quanto Deus te estima, de sorte que poder dizer: "Se Deus está conosco, quem estará contra nós?" E quanto te estimou aquele que "não poupou o seu próprio Filho e o entregou por nós? Como não nos haverá de agraciar em tudo junto com ele"? (Rm 8,31-32). Quem deu tal ração ao combatente, o que não reserva ao vencedor? "Eu sou o pão vivo, disse ele, descido do céu" (Jo 6,41). Esta a ração do combatente, trazida dos celeiros do Senhor, de onde se alimentam os anjos, porque "o homem comeu o pão dos anjos" (Sl 77,25). Depois do combate e desta refeição, que nos reserva? Que dará aos vencedores, senão o que diz o salmo: "Uma só coisa pedi ao Senhor, e a procurarei. Habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida, para contemplar as delícias do Senhor. E ele me proteja como a seu templo" (Sl 26,4). "Que é o homem para te manifestares ele? Ou o filho do homem para o apreciares?"

11 4 "Comparável à vaidade é o homem". E no entanto, a ele te manifestaste e o estimas. "Comparável à vaidade é o homem". A que vaidade? Dos tempos passageiros e transitórios. Chama-se vaidade em comparação com a verdade que sempre permanece e nunca desvanece. Com efeito, a criação tem também seu lugar. Pois, como está escrito, "o Senhor encheu a terra de seus bens" (Eclo 16,30). Por que: "seus?" Bens que lhe são

adequados. Mas todos esses bens terrenos, voláteis, transitórios, se comparados àquela verdade, da qual foi dito: “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14); tudo o que passa chama-se vaidade. Desvanece, pois, com o tempo, como a fumaça no ar. E posso dizer mais que o apóstolo Tiago, querendo reduzir os homens soberbos à humildade? Diz ele: Que é a vossa vida? “Com efeito, não passais de um vapor que se vê por alguns instantes e depois logo se desfaz” (Tg 4,14). Portanto, “comparável à vaidade é o homem”. Pecando “é comparável à vaidade é o homem”. Pecando “é comparável à vaidade”. Com efeito, ao ser criado, foi feito semelhante à verdade; mas como pecou, recebeu o que merecia, e “se tornou comparável à vaidade. Por causa da iniqüidade castigaste o homem”, diz outro salmo, “e fizeste consumir-se sua alma qual aranha”. Daí deduz-se: “Comparável à vaidade é o homem”. Naquele salmo, se diz: “Eis que reduziste os meus dias à velhice” (Sl 38,12.6), e aqui, que diz o salmista? “Seus dias são sombra que passa”. Esteja atento o homem nos dias de sombra, a fim de fazer alguma coisa digna da luz por que almeja; e se está na sombra da noite, procure o dia. Para o homem consciente de que são vãos os seus dias, estes são dias de tribulação. Quer o mundo nos prejudique com algum fato incômodo ou molesto, quer nos sorria pela prosperidade, tudo é temível e lastimável, visto que é uma tentação a vida humana sobre a terra (cf Jó 7,1). Daí dizer o salmista: “Todo dia acabrunhado de tristeza” (Sl 37,7). Precisamos de alívio, e tudo o que Deus agora nos oferece, quando oferece prosperidade, não consiste em alegrias dos bem-aventurados, mas trata-se de consolo dos infelizes. Por isso, faça o homem algo que seja digno da luz almejada, nestes dias de sombra, e busque a Deus à noite, conforme foi escrito: “No dia de minha tribulação procurei a Deus, de noite levantei as mãos para ele e não fiquei decepcionado” (Sl 76,3). Que é o mencionado dia de tribulação senão o mesmo que noite? “De noite, levantei as mãos para ele”. Ainda estamos na noite, vigilantes sob a luz das profecias. Alguma coisa foi prometida que ainda é esperada; mas que diz o apóstolo Pedro? “Temos, também, por mais firme a palavra dos profetas, à qual fazeis bem em recorrer como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d’alva em nossos corações” (2Pd 1,19). Lá nosso prêmio será o próprio dia. “Desde a manhã ouvirás a minha voz. Desde a manhã estarei de pé diante de ti e verei” (Sl 5,4.5). Age, portanto, enquanto é noite, com tuas mãos; isto é, procura a Deus, com boas obras, antes que venha o dia que te alegrará, e não o que te entristecerá. Vê, pois, a segurança com que agirás, porque não serás abandonado por aquele a quem procuras: “Procurei a Deus, de noite levantei as mãos para ele” (Sl 76,3). Assim, teu Pai que vê o que está oculto, te recompensará (cf Mt 6,4); por isso : “para ele”. Interiormente tem a misericórdia, a caridade; não faças coisa alguma no intuito de agradar aos homens. “As mãos”, as minha obras: na sombra, nesta vida, que ele vê, e onde não procuro agradar aos homens. Qual a conseqüência? “E não fiquei decepcionado. Comparável à vaidade é o homem, seus dias são sombra que passa”, e no entanto, tu te manifestaste a ele e o apreciaste.

12 5-7 “Inclina, Senhor, os teus céus e desce. Toca os montes e eles fumegarão. Faze coruscar o raio e dispersa-os. Desfere as tuas flechas e enche-os de temor. Estende do alto a tua mão, tira-me. Salva-me das muitas águas”. O corpo de Cristo, Davi humilde,

cheio de graça, confiante em Deus, combatente neste mundo, invoca o auxílio de Deus: "Inclina, Senhor, os teus céus e desce". Que céus inclinados são estes? Os apóstolos humilhados. Pois, estes são "os céus que narram a glória de Deus"; e destes céus que narram a glória de Deus logo acrescenta o salmista: "Não são linguagem, nem discursos, sons imperceptíveis. Seu som repercutiu por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras" (Sl 18,2.4.5). Então, estes céus emitiam sons por toda a terra, faziam milagres pois o Senhor através deles fazia coruscar e trovejar, por milagres e preceitos; por isso, foram considerados deuses que tivessem descido do céu para junto dos homens. Pois, alguns pagãos julgando assim, até quiseram oferecer-lhes sacrifícios. Então, eles vendo que queriam prestar-lhes honra indébita, cheios de pavor e horror, e corrigindo aqueles que erravam desta maneira, a fim de demonstrarem a comoção de sua alma, rasgaram as vestes e perguntaram: "Que estais fazendo? Nós também somos homens, passíveis da mesma sorte que vós" (At 14,13). Com estas palavras começaram a exaltar a excelência de nosso Senhor Jesus Cristo, humilhando-se a fim de se entregarem a Deus, porque os céus se haviam inclinado para que Deus descesse. "Inclina, Senhor, os teus céus e desce". Assim aconteceu. "Toca os montes e fumegarão", montes soberbos, orgulhos terrenos, túmidas grandezas. "Toca", diz o salmista, "toca estes montes". Dá a estes montes parte de tua graça; "e fumegarão", porque confessarão seus pecados. A fumaça dos que confessam seus pecados fará correr lágrimas dos soberbos que foram humilhados. "Toca os montes e fumegarão". Enquanto não forem tocados, considerar-se-ão grandes homens. Haverão de dizer: "Tu, Senhor, és grande" (Sl 47,2); dirão também os montes: "E tu somente és o Altíssimo em toda a terra" (Sl 82,19).

13 Mas existem alguns que conspiram, unidos conspiram contra o Senhor, e o seu Cristo (Sl 2,2; At 4,26,27). Congregaram-se, conspiram. "Faze coruscar o raio e dispersa-os". Aumenta teus milagres, e sua conspiração, se dissolverá. "Faze coruscar os raios e dispersa-os". Assustados com os milagres, não ousarão empreender coisa alguma contra ti, e hesitarão apavorados diante dos mesmos milagres. Quem é este que pode tanto? Quem é este que se exalta de tal forma, cujo nome tem tanto poder? Ao dizerem: Quem é este? haverão de crer. Fizeste brilhar os milagres, e dispersaste sua concórdia malvada. "Desfere as tuas flechas e enche-os de temor. Aguçadas setas de poderosos" (Sl 119,4); teus preceitos, teus ditos firam os corações deles. "Desfere as tuas flechas e enche-os de temor". Sejam feridos os sadios para seu mal, a fim de serem curados com feridas oportunas; e já na Igreja, no corpo de Cristo, digam, digam com a Igreja: "Estou ferida de amor" (Ct 2,5, sg LXX). "Desfere as tuas flechas e enche-os de temor".

14 "Estende do alto a tua mão". E depois? E no final? Como vence o corpo de Cristo? Com o auxílio celeste. Pois, virá, "o Senhor, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, do céu" (1Ts 4,16); o próprio Salvador de seu corpo, as mãos de Deus. "Estende do alto a tua mão, tira-me. Salva-me das muitas águas". Que significa: "das muitas águas?" Do meio de muitos povos. Que povos? Estrangeiros, infiéis, que atacam de fora, e armam insídias de dentro. "Salva-me das muitas águas", com as quais me exercitavas onde me revolvias para que saísse do meio de imundícies. É a água de contradição.

“Tira-me. Salva-me das muitas águas”.

15 7.8 Ouçamos alguma coisa acerca destas muitas águas, das quais Deus libertará o corpo de seu Cristo, das quais libertará Deus a humildade de Davi. Que significa: “das muitas águas?” Que disseste para que não se entenda de modo diferente as águas? Por que falaste de muitas águas? Escuta o que disse. “Da mão dos filhos dos estranhos”. Ouvi, irmãos, no meio de quem estamos vivendo, e dos quais devemos desejar libertar-nos. “Cuja boca falou o que é vão”. Hoje, todos vós, se não vos tivésseis reunido para estes divinos espetáculos da palavra de Deus, e se estivésseis misturados a eles nesta mesma hora, quantas coisas vãs teríeis ouvido! “Cuja boca falou o que é vão”. Enquanto eles proferem o que é vão, vos ouviriam quando proferísseis a verdade? “Cuja boca falou o que é vão e cuja direita é direita iníqua”.

16 9 Que farás tu no meio deles com o alforje de pastor contendo cinco pedras? Dize-me outra coisa. A mesma lei, que simbolizaste em cinco pedras, tem também outro sentido. “Quero cantar-te, ó Deus, um cântico novo”. Cântico novo é o cântico da graça; o cântico novo é peculiar ao homem novo; o cântico novo pertence ao Novo Testamento. “Quero cantar-te um cântico novo”. Mas não julgues que a graça se afasta da lei; ao contrário, pela graça mais se cumpre a lei: “Celebrar-te no saltério de dez cordas. No saltério de dez cordas”, na lei de dez mandamentos. Com ela salmodiar-te-ei, com ela alegrar-me-ei, com ela cantar-te-ei o cântico novo, porque o amor é a plenitude da lei (cf Rm 13,10). De resto, os que não possuem a caridade, podem carregar o saltério, mas não podem tocá-lo. Eu, portanto, diz o salmista, no meio das águas da contradição, quero cantar-te um cântico novo; e o estrépido das águas da contradição jamais farão calar o meu saltério: “No saltério de dez cordas” celebrar-te-ei.

17 10 “Tu, que dás a vitória aos reis”. Os montes já fumegam. “Que redimiste teu servo Davi”. Reconheceis quem é Davi. Sede Davi. Como ele redimiu Davi, seu servo? Como redimiu Cristo? Como redimiu o corpo de Cristo? “Da espada maligna livra-me”. Da espada, não basta. Acrescentou: “maligna”. Sem dúvida existe um gládio benigno. Qual é este gládio benigno? O referido pelo Senhor: “Não vim trazer paz à terra, mas espada” (Mt 10,34). Ele haveria de separar os fiéis dos infiéis, os filhos dos pais, e cortar as demais relações, cortando com a espada o que estava apodrecido, e curando os membros de Cristo. Existe, portanto, um gládio benigno de dois gumes, afiado nas duas partes da lâmina, o Antigo e o novo Testamento, que narram fatos passados e prometem eventos futuros. Este é, portanto, o gládio benigno; maligno é aquele de que usam os que falam a vaidade, pois é benigno o de Deus, pelo qual ele fala a verdade. Por isso: “Da espada maligna livra-me. Armas e flechas são os dentes dos filhos dos homens. Espada afiada, a sua língua” (Sl 56,5). Livra-me deste gládio maligno. Aqui o samista fala em espada, mas acima denomina-o muitas águas: “Salva-me das muitas águas”. O que o salmista chama de águas, eu chamo de espada maligna. Enfim, tendo dito: muitas águas, continua: “Da mão dos filhos dos estranhos, cuja boca falou o que é vão”. E para que saibais que se refere à mesma coisa, tendo dito aqui: “Livra-me da espada maligna”, continua: “Livra-me da mão dos filhos dos estranhos, cuja boca falou o que é vão”, de maneira

semelhante ao que se acha ali. E o versículo seguinte: “Cuja direi-ta é direita iníqua”, também o dissera mais acima, ao mencionar as muitas águas. Para que não penses que as muitas águas são boas, explicou o sentido dizendo: espada maligna. Agora, então, exponha a locução: “cuja boca falou o que é vão e cuja direita é direita iníqua”. Que coisa vã falou sua boca? E como sua “direita é direita iníqua?”

18 12-14 “Seus filhos são sarmentos novos, fortes desde a sua juventude”. Quer narrar sua felicidade. Atenção, filhos da luz, filhos da paz; atenção, filhos da Igreja, membros de Cristo; notai a quem o salmista denomina estrangeiros, denomina filhos dos estranhos, chama de águas da contradição, de espada maligna. Atenção, eu vos peço: porque entre eles estais em perigo, no meio destas línguas, lutais contra os desejos da carne; no meio destas línguas em poder do diabo, que ele usa para atacar, tendes luta, “não contra a carne e o sangue, mas contra os Principados e contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo, destas trevas” (Ef 6,12), isto é, dos iníquos. Atenção, para discernirdes; atenção, a fim de não julgardes ser verdadeira felicidade a que preferem os homens fracos ou malignos. Eis, irmãos, certamente o salmista denota os filhos dos estranhos, com certeza, as muitas águas, a espada maligna. Vede as coisas vãs que eles falam e acautelai-vos para não falardes tais coisas, cuidado para não imitardes os que as proferem. “Cuja boca falou o que é vão e cuja direita é direita iníqua”. Que coisa vã proferiu sua boca e qual a direita que é iníqua? Escuta: “Seus filhos são sarmentos novos, fortes desde a sua juventude. Suas filhas estão cobertas de ornatos, à semelhança de um templo. Seus celeiros estão atulhados, transbordantes de toda espécie de frutos. Suas ovelhas são fecundas e multiplicam-se em seus partos. Seus bois são cevados. Não há brechas nas sebes, nem ruína, nem clamor em suas praças”. Então, isso não é felicidade? Interrogo os filhos do reino dos céus, interrogo a raça da ressurreição que é para sempre, interrogo o corpo de Cristo, os membros de Cristo, templo de Deus: Então não é felicidade ter filhos incólumes, filhas cobertas de ornatos, celeiros atulhados, rebanho numeroso, nenhuma ruína, já não falo das paredes, mas nem das sebes, nenhum tumulto e clamor nas praças, mas tranqüilidade, paz, abundância, fartura nas casas e nas cidades? Não é isto uma felicidade? Ou os justos devem fugir disto? Ou não encontras casa alguma de um justo repleta de todas as coisas, cheia desta felicidade? A casa de Abraão não tinha fartura de ouro, prata, filhos, família, rebanhos? E o santo patriarca Jacó, fugindo de seu irmão Esaú para a Mesopotâmia, não enriqueceu trabalhando, e não voltou, dando graças ao Senhor seu Deus, porque atravessara o rio com um bastão, e regressou com tamanha abundância de rebanhos e filhos (cf Gn 12,5; 13,2-6; 31,18; 32,7-10)? Que dizemos? Isto não é felicidade? Seja, concedo, mas esquerda. Que quer dizer: esquerda? Temporal, mortal, corporal. Não digo que fujas dela, mas que não a consideres direita. Estes não eram malignos, vãos, porque tinham tal fartura de bens, mas porque aquilo que de-viam considerar esquerda, punham à direita. Por isso, sua “direita é direita iníqua; e sua boca falou o que é vão”, porque colocaram à direita o que deviam considerar como esquerda. Que deveriam ter como direita? Deus, a eternidade, os anos de Deus que não terminaram, e dos quais diz o salmo: “E teus anos não terminam” (Sl 101,28). Ali está a direita, ali deve-se concentrar nosso desejo. Usemos da esquerda no

tempo, desejemos a direita na eternidade. Se fluírem as riquezas, a elas não prendais o coração (Sl 61,11). Se prenderdes o coração às grandes riquezas, tomais a esquerda por direita. Corrigi-vos, reconhecei a sabedoria que vos abraça; a ela foi dito: “Sua mão esquerda está sob minha cabeça, e com a direita me abraça” (Ct 2,6). Vede os santos cânticos de amor; vede o Cântico dos cânticos, nas núpcias celestes de Cristo e da Igreja. Que diz a esposa do esposo? “Sua mão esquerda está sob minha cabeça, e com a direita me abraça”. A esquerda sob a cabeça, a direita sobre a cabeça. Quem abraça põe o braço sobre a cabeça a esquerda sob a cabeça. “A esquerda”, diz o Cântico, “sob a cabeça”. Pois, não me aban-done nas necessidades temporais. Contudo, a esquerda esteja sob a cabeça; não se sobreponha à cabeça, mas estará sob a cabeça, para que sua direita me abrace, prometendo-me a vida eterna. Assim, pois, a esquerda fica sob a cabeça, se a direita está por cima; e se cumprirá o que foi escrito a Timóteo: “Pois contém a promessa da vida presente e futura” (1Tm 4,8). Diz o Apóstolo: “Contém a promessa da vida presente e futura”. Que acontece no presente? “A esquerda sob a cabeça”. E no futuro? “Com a direita me abraça”. Procurais o necessário durante o tempo? “Buscai, em primeiro lugar, o reino de Deus”, isto é, a direita; “e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33). Tendes aqui riquezas e glória e no século futuro a vida eterna. Com a esquerda sustentarei vossa fraqueza, com a direita coroarei a vossa perfeição. Por acaso os apóstolos, abandonando todos os seus bens, ou distribuindo tudo o que tinham aos pobres, ficaram desprovidos de riquezas neste mundo? E como se realiza aquela promessa acerca da esquerda: Receberá neste mundo sete vezes mais? (cf Mt 19,29; Mc 10,28.31; Lc 18,28-30). Promete uma multiplicação. E de fato, que falta ao homem de Deus? Se alguém é infiel, possui uma casa ou poucas; contudo, todas as riquezas do mundo são do fiel (cf Pr 17,6 sg LXX). Vede sua esquerda sob a cabeça, repleta de bens: Receberá neste mundo sete vezes mais. Vede a destra a abraçá-lo: “E no século futuro a vida eterna” (Mt 19,29). Com razão diz outra passagem da Sabedoria: “Em sua direita longos anos; em sua esquerda: riqueza e honra” (Pr 3,16).

19 15 Donde, então, vêm estes homens que falam o que é vão? Por que sua boca falou o que é vão? Porque “sua di-reita é direita iníqua”. Eu não os censuro porque seus filhos são sarmentos novos, fortes desde a sua juventude, nem porque suas filhas estão cobertas de ornatos, à semelhança de um templo, nem porque outros bens superabundam para eles e possuem a paz terrena. Mas por que os censuro? Porque “eles denominam feliz o povo que goza destes bens”. Ó homens que falam o que é vão! “Feliz é o povo que goza destes bens”. Perderam a noção da verdadeira direita; malignos, perversos, vestiram pelo avesso os benefícios de Deus. Ó malignos, grandiloqüentes, ó filhos de estranhos! “Eles denominam feliz o povo que goza destes bens”. Tomaram por direita o que era esquerda. “Denominam feliz o povo que goza destes bens”. E tu, Davi? E tu, corpo de Cristo? E vós, membros do Cristo? Vós, filhos dos estranhos, mas filhos de Deus? Uma vez que os que falam o que é vão, os filhos dos estranhos “denominam feliz o povo que goza destes bens”, vós, o que dizeis? “Feliz é o povo que tem o Senhor por seu Deus”. Por conseguinte, possuí os bens da esquerda, mas à esquerda; desejai os da direita, para colocá-los à direita. Tiveram os bens da esquerda na conta de esquerda

aqueles junto dos quais o Cristo teve fome e eles lhe deram de comer; teve sede e lhe deram de beber; foi hóspede e eles o receberam; esteve nu e eles o vestiram (cf Mt 25,35.36). Eles retiraram tudo isto da esquerda, e transferiram-no para as obras da direita, a fim de serem colocados à direita. Portanto, os loquazes filhos dos estranhos "denominaram feliz o povo que goza destes bens"; quanto a vós, dizei conosco: "Feliz é o povo que tem o Senhor por seu Deus". Voltando-nos para o Senhor,[1] etc. Amém. Demos sempre graças a Deus.

1 Começo de uma oração, habitualmente rezada, no fim dos Sermões.

SALMO 144

SERMÃO

(Proferido em Útica na basílica da Massa Cândida[2])

1 Tínhamos desejado louvar convosco ao Senhor; e como ele se dignou no-lo conceder, de sorte que o louvor tem uma ordem que lhe é própria, para que não aconteça que alguém se exceda no ato de louvar, procuramos nas Escrituras de Deus o melhor modo de louvar, sem nos desviarmos deste caminho, nem para a direita, nem para a esquerda. Pois ouso dizer a V. Caridade: A fim de que o homem pudesse louvar convenientemente a Deus, louvou-se a si mesmo o próprio Deus; e como ele se dignou louvar-se, o homem descobriu como deve louvá-lo. Não se pode dizer a Deus, o que se diz a um homem: "Não te louve tua boca" (Pr 27,2). Se um homem se louva, é arrogância; se é Deus que se louva, é misericórdia. É vantajoso amarmos aquele a quem louvamos; amando aquele que é bom, tornamo-nos melhores. Então, sabendo ele que é útil para nós amá-lo, louvando a si mesmo ele se torna amável; e é pensando em nosso bem que se torna amável. Por isso, ele exorta nosso coração a louvá-lo. Encheu seus servos de seu espírito, para que o louvassem. E visto que seu espírito em seus servos o louva, quem o louva senão ele mesmo? O presente salmo assim inicia:

2 1 "Quero exaltar-te, meu Deus e meu rei; e bendizer teu nome nos séculos e pelos séculos dos séculos". Vedes começado o louvor de Deus, e até o fim do salmo se desenrola este louvor. Com efeito, o título do salmo é: "Louvores de Davi". Considerando-se que é denominado a Davi, aquele que veio até nós, da descendência de Davi (cf Rm 1,3), nosso rei, que nos governa e nos introduz em seu reino, entende-se que: "Louvores de Davi" são louvores ao próprio Cristo; Cristo, pois, segundo a carne é Davi, porque é filho de Davi; segundo a divindade, porém, Criador de Davi e Senhor de Davi. Por fim, também o Apóstolo, querendo prestar honras ao primitivo povo de Deus, donde saíram os apóstolos que acreditaram, e donde se originaram muitas das primitivas Igrejas (e faziam muitos milhares de homens aquilo que o rico do evangelho ouviu, mas triste se afastou (cf Mt 19,21.22), isto é, vendiam tudo o que tinham e distribuindo aos pobres (cf At 2,41-47; 4,32-35), querendo, pois, louvar aquele primeiro povo, assim se expressou: "Aos quais pertencem os patriarcas, e dos quais descende o Cristo, segundo a carne que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos" (Rm 9,5). Como Cristo descende deles segundo a carne, é Davi; e como ele é acima de tudo Deus, bendito pelos séculos: "Quero exaltar-te, meu Deus, e meu rei, e bendizer teu nome pelos séculos e pelos séculos dos séculos". Talvez "pelos séculos". Pelos séculos, seria: aqui; e "pelos séculos dos séculos": na eternidade. Por conseguinte, começa a louvar agora, se deves louvar eternamente. Quem não quiser louvar no decurso destes séculos calará quando vierem os séculos dos séculos. Daí vem que nos versículos seguintes, o salmista disse mais ou menos isso mesmo.

3 2 Para não acontecer que alguém compreenda de maneira diferente o versículo: “Louvarei teu nome pelos séculos” e procure outros séculos para louvar, diz o salmista: “Todos os dias eu te bendirei”. Louva, portanto, e bendize ao Senhor teu Deus todos os dias, a fim de que, ao terminarem os dias sucessivos e vier o último dia sem fim, vás de louvor em louvor, como avanças de virtude em virtude (cf Sl 83,8). “Todos os dias eu te bendirei”: não passará um dia sem que eu te bendiga. Não é de admirar que bendigas teu Deus nos dias de alegria. E o que será, se talvez surja um dia triste, como sucede entre os homens, quando há abundância de escândalos, e multiplicação das tentações? Que será se suceder um triste evento? Deixarás de louvar a Deus? Deixarás de bendizer o teu Criador? Se deixas, mentes ao declarar: “Todos os dias eu te bendirei, Senhor”. Se não o deixas de fazer, apesar de te parecer um mal este dia triste, será um bem em teu Deus. Mesmo quando sucede um mal, sem dúvida haverá algum bem para ti. Pois, se por ocasião de algum mal, tu te sentes mal, sem dúvida em algum bem te sentirás bem. E que há de tão bom quanto teu Deus, do qual foi dito: “Ninguém é bom, senão só Deus”? (Lc 18,19). Depreende do próprio bem quão seguro é este louvor, e quão seguro este bem. Pois, se te alegras pelo bem que te sucede num dia, talvez passe no dia seguinte este bem de que te alegras. Foi bom para mim, passei um dia ótimo! Pois, talvez vieram uns lucros, ou foste convidado a um banquete, ou estiveste presente num longo convívio. Alegras-te porque estiveste durante muito tempo num banquete; outro dia te ensinará, porque não te envergonhaste disso. Todavia, seja qual for o bem que te regozija, certamente é transitório. Se, porém, te alegras no Senhor teu Deus, ouvirás a Escritura te dizer: “Põe tuas delícias no Senhor” (Sl 36,4). Alegrar-te-ás com tanto mais firmeza quanto mais seguro o objeto de tua alegria. Pois, se estás contente por causa de dinheiro, temes o ladrão; se, porém, te alegras por causa de Deus, que receias? Alguém te poderá tirar de Deus? Ninguém te roubará Deus, se tu mesmo não o abandonares. Deus não é como esta luz que brilha do céu. Nem sempre quando queremos temos acesso a esta luz, porque não brilha em todos os lugares. Devido a nossa fraqueza, no inverno apraz-nos expor-nos a esta luz; agora, porém, no verão, vereis que procuramos de preferência um lugar, em que não estaremos expostos a ela. Quanto a teu Deus, quando estás em sua presença, e te alegras à luz de sua verdade, não buscas um lugar para te aproximares dele; mas é a consciência que se aproxima ou se afasta. Quanto à palavra: “Acercai-vos dele e sereis iluminados” (Sl 33,6), trata-se da alma, não de um veículo; de afetos, não dos pés. E ao estardes junto dele, não sofrerás calor. O espírito soprará, e sob as suas asas, esperarás (Sl 90,4).

4 Vês, portanto, que tens como te deleitar todos os dias. Pois teu Deus não te abandonará, mesmo se acontecer algo de triste. Como não era triste o que acontecera ao santo varão Jó! De repente, quantos males! Como todas as coisas que pareciam ser-lhe aprazíveis, mas nas quais não confiava sua alegria, foram-lhe subtraídas, por tentação do diabo! Como os filhos foram mortos! Perdeu o que reservava e aqueles para os quais guardava esses bens; mas não perdeu aquele que lhe dera bens e filhos. Os próprios filhos pereceram neste mundo, para serem reconhecidos e recuperados no futuro. Aquele varão, contudo sendo outro o objeto de sua alegria, e para o qual era exato o que há

pouco citamos: “Todos os dias eu te bendirei”, acaso, porque naquele dia perdera tudo num dia triste perdeu a luz interior do coração? Ficou firme com aquela luz e disse: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou, conforme agradou ao Senhor assim se fez, bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1,21). Por conseguinte, louvou todos os dias aquele que mesmo em dia tão triste louvou o Senhor. Doutrina resumida: louva sempre a Deus, e dize de coração sincero, não falso: “Bendirei o Senhor em todo o tempo; seu louvor estará sempre em minha boca” (Sl 33,1). Doutrina resumida, a saber, saibas que ele dá misericordiosamente quando dá, e misericordiosamente tira, quando tira; nem acredites que sua misericórdia te abandona, se ele te acaricia dando para que não desanimes, ou te corrige quando exultas a fim de não te perderes. Seja, portanto, em seus dons, seja nos seus flagelos, louva. O louvor da mão que flagela é cura da ferida. “Todos os dias eu te bendirei”. Absolutamente, irmãos, bendizei todos os dias; aconteça o que acontecer, bendizei a Deus. Com efeito, ele cuida que não te aconteça algo que não possas suportar. Por isso, deves ter temor quando tudo te corre bem; nem te inclines a pensar que jamais serás tentado. Pois, se nunca fores tentado, nunca serás provado. Não é melhor ser tentado e provado, do que não ser tentado e ser reprovado? “E louvarei teu nome pelos séculos e pelos séculos dos séculos”.

5 3 “Grande é o Senhor e muito digno de louvor”. Quantas coisas ias dizer? Que palavras procurar? Quantos conceitos encerra esta palavra: “muito (valde)?” Pensa quanto quiseres. Quando se pode pensar o que não se pode apreender? “É muito digno de louvor. Sua grandeza não tem limites”. Disse: “muito (valde)”, porque “sua grandeza não tem limites”. Não suceda que comeces a louvar, e penses que ao louvares podes chegar ao fim; entretanto sua grandeza não tem limites. Não penses, portanto, que aquele cuja grandeza não tem limites possa ser suficientemente louvado. Não é mais condizente que assim como ela é infinita, seu louvor não tenha fim? Sua grandeza é sem limites; também seu louvor seja sem fim. Que foi dito de sua grandeza? “Sua grandeza não tem limites”. E de teu louvor? “Louvarei teu nome pelos séculos e pelos séculos dos séculos”. Portanto, como sua magnitude não tem fim, teu louvor seja igualmente sem fim. Pois, nem ao morreres corporalmente, deixas de louvar o Senhor. Pois, foi dito: “Não são os mortos que louvam o Senhor” (Sl 113,17), mas em referência àqueles dos quais se disse: “Para o morto, como se não existisse mais nada, o louvor acabou” (Eclo 17,26) e não daqueles, de que disse o evangelista: “Quem crê em mim, ainda que morra, viverá (Jo 11,25), porque o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó, não é Deus de mortos, e sim de vivos” (Mt 22,32). Se, pois, jamais serás de outrem senão dele, jamais calarás seu louvor. Poderás ter medo de que enquanto vives na terra, deixes de ser dele; e quando morreres não serás dele? Escuta como o Apóstolo te promete segurança: “Porque se vivemos, é para o Senhor que vivemos, e se morremos é para o Senhor que morremos. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor” (Rm 14,8). E como pode ser que sejas dele mesmo depois de morto? Porque ele te remiu pelo preço de seu sangue, quando estavas morto. Como perderá o servo depois de morto, se sua morte é o preço com que te remiu? Por isso, tendo dito o Apóstolo: “Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor”, para mostrar o preço da redenção, disse:

“Com efeito, Cristo morreu e reviveu para ser o Senhor dos mortos e dos vivos” (Rm 14,9).

6 4 Tendo em vista, contudo, que “sua grandeza não tem limites”, e devemos louvar aquele que não compreendemos (pois se o compreendêssemos, sua grandeza teria limites; de outro lado, se sua grandeza não tem limites podemos compreender alguma coisa acerca dela, apesar de não a compreendermos totalmente), incapazes diante de sua grandeza, a fim de nos reanimarmos com sua bondade, olhemos para suas obras, e tomando como ponto de partida as obras louvemos o artífice, do artefacto o fabricante, da criatura o Criador. Contemplemos as coisas que ele fez na terra, as quais nos são conhecidas porque nos foram manifestadas. Em sua imensa bondade e infinita grandeza, quantas outras obras criou que nós não conhecemos? Se estendemos até o céu a penetração de nosso olhar, e de novo, do sol, da luz e das estrelas voltamos à terra, e por todo este espaço vaga o nosso olhar, pois, além dos céus quem estenderá, já não digo a intensidade do olhar, mas a da mente? Por isso, céu à medida que nos são conhecidas as suas obras, louvemo-lo através delas. Pois, sua realidade invisível tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas (Rm 1,20). “Geração por geração louvará tuas obras”. Todas as gerações louvarão tuas obras. Pois talvez signifique toda geração a expressão: “Geração por geração”. Não diria: “Geração por geração”, insinuando: até que se completasse o número das gerações todas, mas trata-se de uma repetição, remetendo para o infinito o espírito daquele que raciocina. Com efeito, esta geração que agora vive na carne, passará como veio, e louva as obras de Deus; a que lhe sucederá louvará também as obras de Deus; depois desta, virá outra; e assim, até o fim do mundo, quantas gerações! É isto que o salmista quis dizer, nesses termos: “Geração por geração louvará tuas obras”. Acaso quis sugerir duas determinadas gerações com esta repetição? Pois estamos na geração presente, como filhos de Deus; seremos na outra geração filhos da ressurreição. A Escritura nos denomina filhos da ressurreição e chama a própria ressurreição de regeneração. “Na regeneração, quando o Filho do homem se assentar no seu trono de glória” (Mt 19,28). E ainda em outro lugar: “Nem eles se casam, nem elas se dão em casamento, pois são filhos da ressurreição” (Lc 20,35.36). Portanto, “geração por geração louvará tuas obras”. Agora, enquanto vivemos esta vida mortal louvamos as obras do Senhor; se louvamos enquanto estamos em grilhões, como louvaremos depois de coroados! Por isso, agora, nesta geração, atendamos às obras do Senhor, em cujo louvor se diz: “Geração por geração louvará tuas obras”; porque tua grandeza não tem limites. Convém contemplar tuas obras a fim de seres louvado por criares tais obras.

7 “E proclamará teu poder”. Tuas obras não te louvarão se não anunciarem teu poder. Os meninos na escola aprendem a louvar, e são-lhes propostas as obras de Deus para que as louvem. Ao homem é proposto o louvor do sol, do céu, da terra; e para chegar às coisas míninas, o elogio da rosa, do louro. Tudo isso é obra de Deus, é proposta, é bem recebido, é louvado; celebram-se as obras, e cala-se uma referência ao Criador. Por isso, quero que nas obras seja louvado o Criador; não gosto do louvor de um ingrato. Louvas

a obra, e calas aquele que a fez? Como se, de fato, ele não fosse tão grande, não descobririas o que louvar. O que louvas nas coisas visíveis? A beleza, a utilidade, alguma virtude, algum poder. Se é a beleza que te deleita, que há de mais belo do que aquele que as fez? Se louvas a utilidade, que há de mais útil do que aquele que tudo fez? Se é a virtude que é louvada, que há de mais potente do que aquele que tudo fez? E que não abandona suas obras, mas as rege e governa? A geração por geração de teus servos não louva tuas obras como certos homens loquazes e mudos, que louvam a criatura, esquecendo-se do Criador. Mas como é que ela louva? "E proclamará teu poder". Louvando tuas obras, anunciarão teu poder. Estes panegiristas, fiéis bons e santos, genuínos louvadores, que não são ingratos à graça, ao louvarem as obras de Deus, estas e aquelas, as supremas e as ínfimas, as celestes e as terrestres, no meio destas obras de Deus que louvam, encontram-se a si mesmos, porque também eles são obra de Deus. Aquele, de fato, que fez todas as coisas, também nos fez no meio delas. Por conseguinte, se louvas as obras de Deus, louvar-te-ás a ti mesmo também, porque és igualmente obra de Deus. E então como fica a palavra: "Não te louve tua boca"? (Pr 27,2). Foi descoberto como podes louvar-te, sem te tornares arrogante. Louva a Deus em ti, não a ti mesmo. Não pelo fato de seres o que és, mas porque ele te fez; não porque tu podes algo, mas porque ele pode em ti e por ti. E por isto eles te louvarão e "proclamarão teu poder": não o seu, mas "o teu". Aprende, portanto, como louvar. Considerando as obras, admirai o artífice; dando graças, sem arrogância. Louvai porque ele vos criou, assim vos estabeleceu, tais dons vos concedeu.

8 5-7 Enfim, vê os versículos seguintes: "Proclamarão teu poder. Hão de narrar a magnificência de tua glória e santidade e apregoar as tuas maravilhas. Falarão da força com que assombras e contarão tua grandeza. Expandir-se-ão na lembrança de tua doçura inesgotável", unicamente da tua. Considera se o salmista, ao meditar nestas obras, declinou do Criador para elas; verifica se perdeu de vista o artífice, voltando-se para o artefacto. Das obras fez um degrau para subir ao Criador e não decaiu de junto dele, por causa destas obras. Pois, se as amares mais do que a ele, não o possuirás. E que te adianta estar com abundância destas obras, se te abandona quem as fez? Certamente deves amá-las também; mas ama-o mais, e ama-as por causa dele. Proclama o seu poder, fala da magnificência de sua glória e santidade, narra suas maravilhas, narra a força com que ele assombra. Com efeito, ele é amável e terrível. Pois, não acaricia sem ameaçar igualmente. Se não acariciasse, não haveria exortação; se não ameaçasse não corrigiria. Narrem, portanto, os que te louvam também a "força com que assombras"; não calarão a força das criaturas que empregas para punir e ensinar. Pois, não proclamarão teu reino eterno, e deixarão de falar do fogo eterno. Efetivamente o louvor de Deus durante a caminhada deve te demonstrar o que tens de amar, o que temer, o que desejar, de que fugir, o que escolher, o que rejeitar. Agora é tempo de opções, depois será de receber o merecido. Anuncie-se, portanto, a força com que ele assombra. "E contarão a tua grandeza". Não calarão como é infinita, como tua grandeza não tem limites. "A tua grandeza", digo, da qual falara mais acima: "E tua grandeza não tem limites. Eles hão de narrá-la". Como hão de narrá-la, se não tem limites? Narrá-la-ão ao

louvá-la; e como não tem fim, também seu louvor não terá fim. Provemos que seu louvor não terminará. Diz o salmista: “Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos” (Sl 83,5). “E a tua grandeza”, aquela grandeza infinita, eles a “contarão”.

9 “Expandir-se-ão na lembrança de tua doçura inesgotável”. Feliz banquete! que comerão os que assim haverão de arrotar? “A lembrança de tua doçura inesgotável”. Que é: “lembrança de tua doçura inesgotável?” Não nos esqueceste quando nós de ti nos esquecemos. De fato, toda carne se esquecera de Deus; ele, contudo, não se esqueceu de sua obra. Cabe-nos apregoar, narrar esta lembrança que teve de nós, pois não nos esqueceu; e como é muito suave, deve ser ingerida e arrotada. Come de sorte que arrotes; recebe para dares. Comes, quando aprendes; arrotas quando pregas: todavia arrotas o que comeste. Finalmente, aquele ávido conviva, o apóstolo João, a quem não bastava a própria mesa do Senhor, mas precisava reclinar sobre o peito do Senhor (cf Jo 13,23), e haurir os segredos divinos daquele esconderijo, que arrotou? “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus” (Jo 1,1). “Expandir-se-ão na lembrança de tua doçura inesgotável”, como não basta: tua lembrança, nem: a lembrança de tua abundância, ou a lembrança de tua doçura; mas profere: “a lembrança de tua doçura inesgotável?” Efetivamente que adianta ser inesgotável, se não é suave? É também desagradável se é suave, mas insuficiente.

10 Portanto: “Expandir-se-ão na lembrança de tua doçura inesgotável”, porque não te esqueceste de nós; e bem lembrado nos advertiste a fim de despertar nossa memória. “Haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra” (Sl 21,28). Uma vez que eles “se expandirão na lembrança de tua doçura inesgotável”, entendendo que em si nada têm de bom que não provenha de ti; nem que teriam podido converter-se a ti, se tu não os advertisses; nem se lembrarem de ti, se tu te esquecesses deles, considerando estas coisas, em tua graça, “exultarão em tua justiça”. Ponderando estas coisas em tua graça, “exultarão em tua justiça”, não na sua. Irmãos, se quereis emitir a graça, bebei a graça. Que quer dizer: bebei a graça? Aprendei o que é a graça, entendei-a. Nós antes de existirmos, absolutamente não éramos; e fomos criados como homens, quando antes nada éramos; em seguida, homens de uma raça pecadora, éramos malignos, por natureza filhos da ira, como os demais (cf Ef 2,3). Consideremos, portanto, a graça de Deus, não somente a de nos ter feito, mas ainda de nos ter refeito. Àquele a quem devemos a graça de sermos, devemos também a de sermos justificados. Ninguém atribua a Deus o fato de ser, e a si o de ser justo. Estás querendo atribuir a ti mais do que a ele; pois é melhor o fato de ser justo do que o de ser homem. Dás a Deus o que é inferior e a ti o que é melhor. Dá-lhe tudo, louva-o por tudo; não caias da mão do artífice. Quem te fez para que existisses? Não está escrito que Deus tomou do limo da terra e plasmou o homem? (cf Gn 2,7). Antes de seres homem, eras limo; antes de seres limo, nada eras. Mas não agradeças a teu artífice apenas por este artefacto; escuta que há outro, com que te fez. “Não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho”. Mas, se o Apóstolo disse: “Não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho” o

que relembrou mais acima? “Pela graça fostes salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós”. São palavras do Apóstolo, não minhas: “Pela graça fostes salvos, por meio da fé”; e isso (que fostes salvos, por meio da fé) “não vem de vós”. Apesar de que a palavra que proferia: “graça” implica que “não vem de vós”, para que ninguém entendesse de modo diverso, dignou-se declará-lo expressamente. Para bom entendedor, ele disse tudo nas palavras: “Pela graça fostes salvos”. Quem ouve: “graça”, entende que é gratuita. Se, portanto, é gratuita, em nada contribuíste, nada mereceste; pois se algo se retribui a um mérito, é recompensa, e não graça. “Pela graça fostes salvos, por meio da fé”. Expõe-no mais claramente por causa dos arrogantes, dos que se comprazem em si mesmos, desconhecendo a justiça de Deus e querendo estabelecer a sua. Escuta-o claramente: E isso, diz ele, que “fostes salvos pela graça, não vem de vós, é dom de Deus”. Mas, talvez tenhamos feito algo para merecermos os dons de Deus. “Não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho”. E então? Não agimos bem? Agimos. Mas, como? Quando o Senhor opera em nós; pela fé, damos acesso em nosso coração àquele que opera o bem em nós e por nós. Escuta, pois, como operas o bem: “Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus já antes tinha preparado para que nelas andássemos” (Ef 2,8-10). Tal é a doçura inesgotável de sua lembrança relativamente a nós. Arrotando-a os pregadores de justiça exultarão na justiça dele, não em sua própria. Que nos fizeste, então, Senhor, para existirmos, para louvarmos, para exultarmos em tua justiça, para nos expandirmos em tua doçura inesgotável, que nos fizeste, Senhor, a quem louvamos? Profiramo-lo, e ao proferi-lo louvemos.

2 Márites queimados em calviva.

11 8 “Clemente e misericordioso é o Senhor, paciente e cheio de compaixão. Benigno é o Senhor para com todos e sua comiseração se estende a todas as suas obras”. Se ele não fosse assim, nada nos valeria essa repetição. Considera a ti mesmo. Que merecias, pecador? Que merecias, tu que desprezaste a Deus? Vê se te ocorre outra coisa senão a pena, se te ocorre outra coisa senão o suplício. Vês, portanto, o que te era devido, e o que te concedeu quem o deu gratuitamente. Deu o perdão ao pecador, deu o espírito de justificação, deu a caridade e o amor, com o qual praticas o bem; e além disso dar-te-á também a vida eterna e a sociedade dos anjos: tudo por misericórdia. Em parte alguma te gabes de teus méritos, porque mesmo teus méritos são dons de Deus. “Exultarão em tua justiça. Clemente e misericordioso é o Senhor”. Tudo fizeste gratuitamente. “Paciente”: pois quantos pecadores ele suporta? “Clemente e misericordioso é o Senhor”, para com aqueles que perdoou, para com os que ainda não perdoou: “paciente”, não condenando, mas esperando e clamando nesta expectativa: “Retornai a mim e eu retornarei a vós” (Zc 1,3; Ml 3,7). E por imensa paciência: “Certamente não tenho prazer na morte do ímpio: que ele se converta e viva” (Ez 33,11). Ele, efetivamente, é paciente; tu, porém, com a dureza de teu coração, com teu coração impenitente, estás acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus, que retribuirá a cada um segundo suas obras (cf Rm 2,5.6). Ele não é agora longâmine em suportar a tal ponto que jamais será justo, castigando. Divide os tempos: agora te chama, agora te exorta; espera que te

arrependas, e tu tardas! Sua misericórdia é grande, até por deixar incerto quantos os dias de tua vida, de sorte que não sabes quando partirás daqui; e enquanto esperas cada dia a partida, talvez um dia te convertas; nisto ainda é grande a sua misericórdia. De resto, se marcasse um dia para todos, faria com que os pecados se multiplicassem, devido à segurança. Mas deu esperança de perdão, a fim de que não aconteça que percas a esperança e peques mais. Tanto a esperança, quanto o desespero, são perigosos relativamente aos pecados. Notai as palavras daquele que, desesperado, aumenta os pecados, e as do que espera demais, aumentando os pecados, e como vem ao encontro de ambos a providência e a misericórdia de Deus. Escuta como fala o desesperado: Eu, diz ele, já estou condenado; por que não fazer tudo o que quero? Escuta as palavras do que espera demais: A misericórdia de Deus é grande; quando me converter ele tudo perdoará; por que não fazer tudo o que quero? Desespera para pecar; espera para pecar. Deve-se ter medo de ambas as atitudes; ambas são perigosas. Ai do desespero! Ai da esperança perversa! Como a misericórdia de Deus vai ao encontro de ambos os perigos, de ambos os males? Que dizes tu, que perdendo a esperança, querias pecar? Já estou condenado, por que não faço tudo o que quero? Escuta a Escritura: "Certamente não tenho prazer da morte do ímpio; que ele se converta e viva". Esta voz do Senhor o reconduz à esperança; mas deve recear outro laço: que não peque mais, devido à mesma esperança. Que dizias tu, que pecas mais, devido à esperança? Quando me converter, Deus tudo me perdoará; farei tudo o que quero. Escuta também tu a Escritura: "Não demores a voltar para o Senhor e não adies de um dia para o outro, porque de repente, a cólera do Senhor virá e no dia do castigo perecerás" (Eclo 5,8.9). Não digas: Amanhã me converterei, amanhã agradarei a Deus; e tudo de hoje e ontem me será perdoado. Falas a verdade, porque Deus prometeu o perdão se te converteres; mas não prometeu um prazo até amanhã.

12 9 "Benigno é o Senhor para com todos e sua comise-ração se estende a todas as suas obras". Por que então condena? Por que castiga? Os condenados e castigados não seriam obra dele? Certamente são. E queres saber como "sua comiseração se estende a todas as suas obras?" De onde vem aquela longaminidade que faz seu sol se levantar sobre bons e maus? Não será por "sua comiseração que se estende a todas as suas obras" que ele faz chover sobre justos e injustos? (cf Mt 5,45). "Sua comiseração não se estende sobre todas as suas obras?" Sendo longânime espera o pecador, dizendo: "Retornai a mim e eu retornarei a vós"; não é porque "sua comiseração se estende a todas as suas obras?" E ao proferir a sentença: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,41), aqui não se vê a sua comiseração e sim a sua severidade. Concede a compaixão a suas obras; a sua severidade atinge não as suas obras, mas as tuas. Finalmente, se afastas tuas obras más, e não restar em ti senão as suas obras, sua comiseração não te abandonará; se, porém, não renuncias as tuas obras, sua severidade está reservada a tua obra, não a sua.

13 10 "Glorifiquem-te, Senhor, todas as tuas obras, e os teus santos te bendigam. Glorifiquem-te todas as tuas obras". E então? A terra não é sua obra? As árvores não são

sua obra? Os animais, as feras, os peixes, as aves não são sua obra? Sem dúvida alguma são sua obra. E como o glorificarão também estas? Vejo, de fato, que mesmo entre os anjos suas obras o glorificam, pois os anjos são sua obra. E os homens igualmente são sua obra. E quando os homens o confessam, suas obras o confessam, acaso as árvores e as pedras têm vozes para confessar? Sem dúvida confessam-no todas as suas obras. Que dizes? E a terra e as árvores? Todas as suas obras. Se todas louvam, por que não haveriam todas de confessar? Confissão não se refere apenas à confissão dos pecados, mas existe também confissão de louvor; não aconteça que logo que ouvis falar de confissão, penseis que só pode ser de pecados. A tal ponto se julga assim que logo que se escuta esta palavra da Sagrada Escritura, imediamente costuma-se bater no peito. Existe também confissão de louvor. Acaso nosso Senhor Jesus Cristo tinha pecado? Contudo, ele diz: “Confesso-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra” (Mt 11,25). Existe, portanto, também confissão de louvor. Em conseqüência, como entender: “Confessem-te, Senhor todas as tuas obras”.Louvem-te todas as tuas obras. Mas agora volta relativamente ao louvor a mesma questão relativa à confissão. Se, pois, não podiam confessar a terra, as árvores e todas as coisas insensíveis, porque não tinham voz para confessar, nem podem louvar, porque não têm voz para anunciar, todavia, aqueles três jovens, que andavam no meio das chamas intactos não as enumeram? Tinham possiblidade não somente de não se queimarem, mas ainda de louvar a Deus. Diziam a todos os seres, dos celestes aos terrestres: “Bendizei-o, cantai um hino e exaltai-o para sempre” (Dn 3,20.90). Eis como cantam um hino. Ninguém julgue que uma pedra muda, ou um animal mudo tenha razão para conhecer a Deus; os que assim opinaram, erraram muito longe da verdade. Deus tudo ordenou, tudo fez. A certos seres deu percepção, inteligência e imortalidade, como aos anjos; a outros deu sensibilidade, inteligência, mas com mortalidade, como aos homens; a outros deu sentidos corporais, mas não inteligência, nem imortalidade, como aos animais; a outros nem sensibilidade, nem inteligência, nem imortalidade, como às ervas, às árvores, às pedras. No entanto, não falham em seu próprio gênero. Deus ordenou a criação, da terra até o céu, das coisas visíveis às invisíveis, das mortais às imortais, segundo determinados graus. Este conjunto da criação, esta beleza perfeitamente ordenada, que sobe dos seres ínfimos aos supremos, que desce dos supremos aos ínfimos, em parte alguma interrompida, mas moderada pelas diferenças, toda ela tributa louvores a Deus. Por que toda ela tributa louvores a Deus? Porque se a consideras e vês como é bela, tu louvas a Deus por causa dela. A beleza da terra constitui certa voz da terra em sua mudez. Observas e vês sua beleza, vês sua fecundidade, vês suas forças, como brota a semente, e como muitas vezes produz o que não foi semeado; vês e em tua reflexão de certo modo a interrogas; o próprio exame é uma interrogação. Quando pesquisares com admiração, e perscrutares e descobrires sua grande força, grande beleza, preclara virtude e considerando que em si e por si não pode ter tal vigor, logo te ocorre ao pensamento que isso não pode provir de si, mas apenas do Criador. E se chegas a esta conclusão, é uma voz de confissão, louvor ao Criador. Por acaso, ao contemplares toda a beleza deste mundo, esta própria formosura não parece responder-te a uma só voz: Não fui eu que me fiz, mas foi Deus?

14 11 Portanto, “Confessem-te, Senhor, todas as tuas obras e os teus santos te bendigam”. Os próprios santos observem como a criação confessa, a fim de que teus santos te bendigam com a confissão de tuas obras. Ouve a voz delas a bendizer. Com efeito, ao te bendizerem teus santos, o que dizem? “Proclamarão a glória de teu reino e falarão de teu poder”. Quão poderoso é Deus, que fez o céu e a terra! Quão poderoso é Deus que encheu a terra de bens”. Quão poderoso é Deus que deu vida própria aos animais! Quão poderoso é Deus que entregou sementes diversas às entranhas da terra, para germinar tamanha variedade de frutos, tantas espécies de árvores! Quão poderoso é Deus, como é grande! Interroga e a criação responde; e segundo esta resposta, esta espécie de confissão da criação, tu, santo de Deus, bendizes a Deus e falas de seu poder.

15 12 “Para tornar conhecidos aos filhos dos homens o teu poder e o magnífico esplendor de teu reino”. Os santos, portanto, recordam o magnífico esplendor de teu reino, a grandeza e beleza de tua glória. Existe um magnífico esplendor de teu reino; isto é, teu reino tem beleza, grande beleza. Na verdade, tudo o que é belo, de ti recebe a beleza; teu próprio reino que beleza tem! Não nos atemorize teu reino; tem beleza que nos deleite. Com efeito, qual não será a beleza de que fruirão os santos, aos quais se dirá: “vinde, benditos de meu Pai, recebei em herança o reino”? (Mt 25,34). Para onde irão? Vede, irmãos; e se podeis, quanto podeis, pensai na beleza daquele reino que há de vir; por este motivo é que pedimos em nossa oração: “Venha a nós o teu reino” (Mt 6,10). Desejamos que venha o reino; os santos apregoam este reino vindouro. Observai este mundo. Tem beleza! Que beleza têm a terra, o mar, o ar, o céu, os astros! Todos esses seres não atemorizam a quem os considera? Sua beleza não brilha tanto que quase nada de mais belo se possa encontrar? E aqui na terra vivem, no meio desta beleza, desta formosura quase inefável, aqui vivem contigo também os vermezinhos e os ratos, e todos os répteis; estes animalzinhos vivem contigo no meio desta beleza. Qual não será a beleza daquele reino, onde contigo não viverão senão os anjos? No entanto, não basta isso para se exprimir o seu esplendor magnífico. Foi possível exprimir o esplendor da beleza de qualquer espécie que vive neste mundo, ou que brota da terra ou que refulge no céu; mas o “magnífico esplendor de teu reino” refere-se a alguma coisa que ainda não vemos, em que acreditamos sem ter visto, que desejamos por termos acreditado, por cujo desejo tudo suportamos. Existe, portanto, um esplendor magnífico. Seja amado antes de ser visto, a fim de o segurarmos quando o virmos.

16 13 “Teu reino”. A que reino me refiro? “Teu reino se estende a todos os séculos”. Efetivamente, também os reinos deste mundo têm sua beleza. Mas não existe ali aquele esplendor magnífico do reino de todos os séculos. “E teu império a toda geração e geração”. Trata-se daquela repetição que significa ou toda geração, ou aquela geração que virá após a presente geração.

17 “Fiel é o Senhor em todas as suas promessas, e santo em todas as suas obras. Fiel é o Senhor em todas as suas promessas”. Pois, o que prometeu e não deu? “Fiel é o Senhor em todas as suas promessas”. Existem algumas coisas que prometeu e ainda não deu; mas acredite-se nele, tendo em vista o que já deu. “Fiel é o Senhor em todas as suas

promessas”. Poderíamos acreditar somente em suas palavras. Mas não quis que confiássemos apenas no que dizia; quis obrigar-se por sua Escritura. Seria como se dissesses a alguém a quem prometesses algo: Não acredi-tais em mim; escrevo para ti. Na verdade, uma vez que uma geração vai, e outra geração vem, e assim transcorrem estes séculos, enquanto os mortais dão lugar aos que são seus sucessores, devia permanecer a Escritura de Deus, e certo documento de Deus, que pudessem ler todos os que passassem e retivessem a garantia de sua promessa. E quantas coisas são as que ele cumpriu contidas neste documento? Os homens duvidam, não querem confiar nele a respeito da ressurreição dos mortos e do século futuro, as únicas coisas que ainda faltam ser cumpridas. Quando, se ele acertar as contas com os infiéis, eles se envergonharão? Se Deus te disser: Tens o meu título; prometi o juízo, a separação ente bons e maus, o reino eterno aos fiéis, e não queres acreditar? Lê no meu documento o que prometi, acerta comigo; certamente, ao menos computando o que paguei, podes acreditar que hei de pagar o que ainda devo. No próprio título tens a promessa de enviar meu Filho Único, que não poupei, mas o entreguei por todos vós (cf Rm 8,32); computa-o entre o que foi pago. Lê o documento; prometi que daria o penhor do Espírito Santo, por meio de meu Filho (cf Sl 1,8; 2,2-4); anota o crédito. Prometi ali o sangue e as coroas dos mártires gloriosíssimos; anota o pagamento. Advirta-te a Mas-sa, do pagamento de meu débito[1]. Mas, também a fim de ser dada esta glória aos mártires, prometida no documento, onde se acha escrito: “Por tua causa somos expostos à morte todo dia” (Sl 43,22), para que isto acontecesse: “As nações se agitaram e os povos tramaram em vão. Os reis da terra se sublevaram e os príncipes unidos conspiraram contra o Senhor e o seu Cristo” (Sl 2,1.2). Os príncipes unidos conspiraram contra os cristãos. Por quê? Acaso não prometi no documento, e cumpri na realidade, que seus reis teriam a fé? Toma conhecimento de como prometi: “Adorá-lo-ão todos os reis da terra, todas as nações o servirão” (Sl 71,11). Ingrato, lês o débito, verificas o paga-mento e não acreditas na promessa? Lê outra coisa em meu documento: “Por que as nações se agitaram, e amaldiçoam-me os inimigos”, isto é, a Cristo: “Quando há de morrer e de extinguir-se o seu nome”? (Sl 40,6). Uma vez que eles fizeram tudo isso e assim falaram, lê o que prometi, o que me obriguei a solver: “O Senhor será terrível contra eles! Quando ele suprimir todos os deuses da terra, prostrar-se-ão diante dele, cada um em seu lugar” (Sl 2,11). De fato, já prevaleceu; exterminou todos os deuses dos gentios da terra. Acaso não faz isso, não paga assim? Diante dos olhos de todos apresenta o pagamento de seu débito. Certas coisas pagou no tempo de nossos maiores e nós o vimos; outras, em nossa época, que eles não viram; por todas as gerações cumpre o que está escrito. E o que resta? Não se confia nele, depois que pagou tudo isso? Que resta ainda? Eis que presto contas; paguei tanto; acaso por causa do pouco que restou tornei-me infiel? De forma alguma. Por quê? Porque “fiel é o Senhor em todas as suas promessas e santo em todas as suas obras”.

18 14 “O Senhor confirma todos os que caem”. Mas quais são esses “todos que caem?” Absolutamente todos, mas que caem de certa maneira. Com efeito, muitos caem, afastando-se dele; muitos, porém, caem devido a seus pensamentos. Se tinham maus pensamentos, caem por causa deles, mas o “Senhor confirma todos os que caem”.

Aqueles que perdem algo neste mundo e são santos, de certo modo são privados das honrarias neste mundo: de ricos tornam-se pobres, de honrados se fazem abjetos, contudo são santos de Deus; parecem estar caídos. Mas "o Senhor confirma todos os que caem". Os justos caem sete vezes e se levantam, mas os ímpios "tropeçam na desgraça" (Pr 24,16). Quando sucedem males aos ímpios, eles tropeçam; quando acontecem aos justos: "O Senhor confirma todos os que caem". Jó decaíra da glória da luz primitiva das coisas caducas que o cercara temporariamente. Decaíra a glória de sua casa. Queres saber quanto decaíra? Estava sentado num monturo; e o Senhor confirmou o que caíra. A que ponto confirmou? A tal ponto que, ferido em todo o corpo com graves chagas, respondeu à mulher, que o tentava e que foi a única que o diabo lhe deixou por auxiliar: "Falas como uma insensata: se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males"? (Jó 2,7-10). Como o Senhor confirmara aquele que caíra! "O Senhor confirma todos os que caem. O justo ainda que caia não ficará prostrado, porque o Senhor o ampara com a mão" (Sl 36,24). "E levanta os prostrados", todos os que lhe pertencem. Pois, Deus resiste aos soberbos (cf Tg 4,6).

19 15 "Os olhos de todos em ti esperam e a seu tempo lhes dás o alimento". Na verdade, dás, como a um doente se dá alimento quando oportuno, quando deve receber; e dás o que deve. De fato, por vezes é desejado por ele, e o Senhor não dá; ele sabe qual a hora de dar àquele que ele cura. Por que falo assim, irmãos? Para não suceder que, se por acaso, alguém pedir a Deus uma coisa justa, ele não dê, pois se é pedido algo de injusto, ele atende para castigo; mas digo se pedir uma coisa justa, se não foi ouvido, não fique de ânimo abatido, desanimado; seus olhos esperem o alimento, que ele dá a seu tempo. Quando não dá, não o dá para que seu dom não prejudique. O Apóstolo também não pedia coisa injusta quando rogava que lhe fosse tirado o estímulo da carne, o anjo de Satanás que o esbofeteava; rogou e não recebeu, porque ainda era tempo de exercitar sua fraqueza e não oportunidade para o alimento. Foi-lhe respondido: "Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder" (2Cor 12,7-9). O diabo pediu permissão para tentar Jó, e recebeu (cf Jó 1,9-12; 2,4-6). Atenção, meus irmãos; trata-se de um grande mistério que deve ser ensinado, repetido, conservado na lembrança, jamais esquecido, por causa da abundância das tentações neste mundo. Que direi? Na verdade, devemos comparar Apóstolo e diabo? O Apóstolo roga e não recebe; o diabo pede e recebe. Mas o Apóstolo não recebeu por causa de sua perfeição, enquanto o diabo recebeu para sua condenação. Enfim, o próprio Jó recebeu a cura em tempo oportuno. Houve demora, contudo, para que ele fosse provado. Por muito tempo esteve sentado, coberto de feridas, e proferiu muitas palavras; rogava a Deus que o livrasse destes males e Deus não os tirava. Atendeu mais rapidamente ao diabo para tentá-lo, do que o próprio Jó para ser curado. Aprendei, portanto, a não murmurar contra Deus, e quando não sois ouvidos, não falhe entre vós a realização da palavra: "Todos os dias eu te bendirei". O próprio Filho, o único, viera para sofrer, para pagar o que não devia, para morrer nas mãos dos pecadores e por seu sangue apagar o documento de nossa morte. Veio para isso; e no entanto, para te dar um exemplo de paciência, transfigurou o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso (cf Fl 3,21).

Disse ele: “Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice” (Mt 26,39). E para cumprir a palavra: “Todos os dias eu te bendirei”, embora não recebesse o que parecia pedir, disse: “Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres. Os olhos de todos em ti esperam e a seu tempo lhes dás o alimento”.

20 16 “Abres as mãos e enches de bênçãos a tudo o que tem vida.” Embora por vezes não dás, contudo dás em tempo oportuno. Diferes, mas não retiras, e isto a seu tempo.

21 17 “Justo é o Senhor em todos os seus caminhos”. Quer fira, quer cure, ele é justo e nele não se encontra iniqüidade. Com efeito, todos os santos quando atribulados, primeiro louvavam sua justiça e depois pediam os seus benefícios. Primeiro diziam: É justo o que fazes. Assim rezou Daniel, assim os outros santos: São justos os teus juízos, sofremos merecidamente, com razão sofremos (cf Dn 3,27-31; 9,5-19). Não atribuíram a Deus injustiça, não lhe atribuiram iniqüidade e insipiência. Primeiro louvaram aquele que os castigava e assim sentiram que ele os alimentava: “Justo é o Senhor em todos os seus caminhos”. Ninguém o considere injusto, quando talvez sofra algum mal; mas louve a sua justiça e acuse sua própria injustiça: “Justo é o Senhor em todos os seus caminhos e santo em todas as suas obras”.

22 18 “Perto está o Senhor de quantos o invocam”. E então como se explica: “Chamar-me-ão, e não escutarei”? (Pr 1,28). Ora, pondera o que segue: “De quantos o invocam com sinceridade”. Pois, muitos o invocam, mas não com sinceridade. Querem obter dele outra coisa; não o buscam. Por que amas a Deus? Porque me deu saúde. É claro, foi ele quem a deu; de nenhum outro vem a saúde senão dele. Porque me deu uma mulher rica, a mim que nada possuía, e que me serve. Isso também foi ele quem deu; falas a verdade. Deu-me filhos, muitos e bons, deu-me uma família, deu-me todos os bens. É por isso que o amas? Então nada mais procuras? Sê faminto; bate ainda à porta do pai de família; ele tem mais coisas para dar. És mendingo com tudo isso que recebeste e o desconheces. Ainda carregas uma carne maltrapilha e mortal; acaso já recebeste aquela veste da glória da imortalidade, e já nada pedes, estando saciado? “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Por conseguinte, se Deus é bom, porque te concedeu estes bens, quanto mais feliz não serás quando ele te der a si mesmo? Desejaste tanta coisa dele; peço-te, deseja-o a ele mesmo. Estes bens, na verdade, não são mais suaves do que ele, nem lhe são comparáveis, de modo algum. Invoca a Deus com sinceridade quem antepõe o próprio Deus, de quem recebeu os bens que o alegram, a tudo que recebeu. Pois, como sabeis, se a tais homens for proposto: Se Deus quiser tirar-te todos esses bens que te alegram? Eles já não o amarão. Não há entre eles quem diga: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou; conforme foi do agrado do Senhor, assim se fez; bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1,21). Mas talvez diga aquele a quem Deus o tirou: Deus, que te fiz? Por que me tiraste e deste a eles? Dás aos iníquos e tiras dos teus? Acusas a Deus, como se fosse injusto, e te louvas como se fosses justo. Deves converter-te; acusa-te e louva-o. Então serás reto, quando Deus te agradar em todos os bens que ele te dá; e em todos os males que sofres, ele não deixa de te ser aprazível. Isto é que é invocar a Deus com sinceridade. Deus atende os que assim o invocam: “Perto

está”, isto é, ainda não te deu o que queres, mas está presente. Como acontece com o médico que talvez prescreva para os olhos ou as vísceras algum remédio que queime visando a curar. Se o doente lhe rogar que o retire, o médico espera o momento adequado, não faz o que o doente pede; contudo, não se afasta dele. Está perto e não atende; e tanto menos atende, quanto perto está. Para curar, impôs o que impôs, e curando não faz o que lhe é pedido. Não te ouve segundo a vontade atual, para atender à futura saúde; e isto, na verdade, de acordo com tua vontade; pois, queres ficar curado, embora não queiras ser queimado. “Perto está o Senhor de quantos o invocam”. Mas, quais são esses “todos? De quantos o inovocam com sinceridade”.

23 19 “Ele fará a vontade dos que o temem”. Fará, fará. Embora não faça no momento, fará contudo. Certamente, se temes a Deus, fazendo sua vontade, ele também de certo modo te serve, faz tua vontade: “Ouvirá seu clamor e os salvará”. Vês que o médico ouve para salvar. Quando? Escuta a palavra do Apóstolo: “Pois fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, não é esperar. E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que aguardamos” (Rm 8,24.25) a salvação, que Pedro declara “prestes a revelar-se no tempo do fim” (1Pd 1,5).

24 20 “O Senhor guarda a todos os que o amam, e perderá todos os pecadores”. Vedes que aquele que tem tanta suavidade, tem igualmente a severidade. Salvará a todos os que esperam nele, todos os fiéis. Todos os que o temem, todos os que o invocam com sinceridade; “e perderá todos os pecadores”. Que “pecadores todos”, senão os que perseveram nos pecados, que ousam censurar a Deus, não a si, que disputam todos os dias contra Deus, que desesperados de obterem o perdão dos pecados, por desespero acumulam pecados? Ou que prometendo a si mesmos perversamente o perdão, devido a isso não se importam com os pecados e com a impiedade? Virá o tempo em que todos esses serão separados, e se formarão dois grupos, um à direita e outro à esquerda. Os justos receberão o reino eterno e eles irão para o fogo eterno (cf Mt 25,32.33.46): “E perderá todos os pecadores”.

25 21 Uma vez que assim são as coisas, e ouvimos a bênção do Senhor, e escutamos acerca das obras do Senhor, das maravilhas do Senhor, da misericordia do Senhor, da severidade do Senhor, de sua providência sobre todas as suas obras, da confissão de todas as suas obras, notai como o salmista conclui o louvor: “Meus lábios hão de proferir os louvores do Senhor. Bendiga toda carne o seu nome santo pelos séculos, e pelos séculos dos séculos”.

1 Isto é, os mártires vulgarmente chamados de Massa Cândida. Cf. o título e o Com s/salmo 49,9.53.

SALMO 145

SERMÃO AO POVO

1 Delícias de nosso espírito são os cânticos divinos e mesmo as lágrimas que os acompanham são alegres. Não há recordação mais agradável ao fiel, peregrino neste mundo do que a daquela cidade, longe da qual peregrina. Mas a recordação da cidade durante uma peregrinação vem acompanhada de dor e suspiros. A esperança certa, contudo, de nosso regresso, mesmo durante a peregrinação, consola e exorta os tristes. As palavras de Deus arrebatem vossos corações, e vosso Senhor reclame sua possessão, isto é, as vossas mentes, para que não se desviem para outro objeto. Cada qual esteja totalmente aqui, de sorte que aqui não esteja, isto é, esteja totalmente embebido na palavra de Deus, que soa na terra para nos elevar e não ficarmos sobre a terra. Deus está conosco, para que nós estejamos com ele. A fim de estar no meio de nós, desceu para junto de nós, e leva-nos a estar com ele, a fim de para ele subirmos. Neste ínterim ele não aborreceu nossa peregrinação, porque em parte alguma é peregrino aquele que tudo criou.

2 1 Eis que ressoa o salmo. É determinada voz que, se quiserdes, será vossa, a exortar a alma a louvar a Deus, dizendo a si mesma: “Louva, minha alma, o Senhor”. Efetivamente, por vezes, no meio das tribulações e tentações desta vida, queira ou não, a alma se perturba; outro salmo alude a esta perturbação nesses termos: “Por que estás triste, ó minha alma? E por que me perturbas?” No intuito de afastar dela tal perturbação, sugere um gáudio proveniente não ainda da total realidade, mas da esperança, e dirige-se a ela, perturbada, ansiosa, triste e aflita: “Espera em Deus; ainda o louvarei” (Sl 42,5). A con-fissão de louvor constitui a esperança que a anima, como se lhe tivesse falado a sua alma, que o perturbava com a tristeza. Por que me dizes: “Espera no Senhor?” A cons-ciência de meus pecados me faz retroceder; sei o que cometi, e dizes: “Espera no Senhor?” Cometeste, é verdade; contudo, por que deves esperar? “Ainda o louvarei”. Como Deus odeia os que defendem seus pecados, ele reergue aquele que os confessa. Com tal esperança, esperança que não pode existir sem alegria, apesar de estarmos nesta vida presente no meio de dificuldade e de procelas e tempestades, a alma reanimada com esta esperança, (porque se alegra na esperança, conforme diz o Apóstolo: “Alegrando-vos na esperança, pacientes na tribulação” [cf Rm 12,12]) recebe de Deus força para se levantar e louvar a Deus, dizendo-lhe: “Louva, minha alma, o Senhor”.

3 Mas quem o diz, e a quem? Que diremos, irmãos? É a carne que profere: “Louva, minha alma, o Senhor?” E a carne pode sugerir um bom conselho à alma? Por mais que seja domada a carne, e o Senhor nos conceda forças para mantê-la sujeita, de sorte que nos sirva como escrava perpétua, basta que não nos atrapalhe. Além disso, caríssimos, pedem-se conselhos a quem é melhor. E se nossa alma é um bem, e nossa carne é certo

bem, porque Deus criou a ambas e ele fez tudo muito bom (cf Gn 1,31); embora, portanto, ambas em seus respectivos gêneros sejam boas, no entanto diz o Apóstolo: "O corpo está morto pelo pecado". Existe, é verdade, outro corpo, que nos é prometido e ainda não possuímos, e sobre cuja redenção nos alegramos na esperança, conforme as palavras do Apóstolo: "Gememos interiormente esperando a adoção, suspirando pela redenção do nosso corpo. Pois fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8,10.23.24.25). Por conseguinte, embora nosso corpo seja um bem, contudo enquanto é mortal devido ao pecado, enquanto é necessitado, enquanto é corruptível, enquanto é mutável, de sorte que nem por um momento consista em si mesmo, e sem dúvida é assim, a fim de que optemos por sua redenção, que o fará um dia não ser mais assim. Mas como será então? Conforme o descreve o Apóstolo em outra passagem: "É necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade" (1Cor 15,53). Mas mesmo quando nosso corpo for tal, corpo já celeste e espiritual, corpo angélico na sociedade dos anjos, nem assim dará conselho à alma. Pois o corpo sempre, visto que é corpo, estará abaixo da alma, e qualquer alma ínfima será sempre mais excelente que o mais excelente dos corpos.

4 Não vos pareça coisa admirável que uma alma ínfima e pecadora é melhor do que qualquer corpo grande e valioso. Não é melhor pelos méritos, mas por natureza. Existe, na verdade, alma pecadora, manchada com certas máculas das concupiscências; no entanto é melhor o ouro, mesmo sórdido do que o chumbo mais purificado. Assim percorra vosso ânimo todas as criaturas, e vereis que não é incrível o que dizemos, a saber, que embora a alma seja censurável, é mais louvável do que um corpo louvável. São duas substâncias: alma e corpo. Censuro a alma, louvo o corpo; censuro a alma que é iníqua; elogio o corpo que é sadio. No entanto, em seu gênero louvo a alma, ou em seu gênero a inculpo; e em seu gênero louvo o corpo, ou o acuso. Se me interrogas qual é o melhor, se o que censurei, ou o que louvei, hás de receber uma resposta estranha. Certamente censurei a um e louvei a outro. Interrogado, porém, qual o melhor, respondo ser melhor o que censurei do que o que louvei. Se te admiras a respeito destes dois, reflete naqueles dois argumentos que relembrei acerca do ouro e do chumbo. Com efeito, eu censurei o ouro. Não é um ouro bom porque é sórdido, não brilha, não está purificado. Este chumbo é ótimo; nada de mais puro. Censurei o primeiro e louvei o segundo; e coloquei a ambos diante de ti, criticando a um e elogiando a outro. Depois desta censura e deste elogio, interroga-me qual o melhor. Responderei: O ouro é melhor, apesar de sórdido, do que o chumbo puro. Por que melhor? E por que o censuraste? Por que censurei? Porque ainda não é o ouro que lhe é possível ser. Que pode ainda ser? Puro e melhor. Como ainda não foi purificado, foi censurado. E por que foi louvado o chumbo? Porque já está purificado, de sorte que não poderia ser melhor. Da mesma forma, dizes que um cavalo é ótimo e um homem é péssimo; entretanto antepões o homem criticado ou cavalo elogiado. Se, pois, fores interrogado qual dos dois é melhor, responderás: O homem, não pelos méritos, mas pela natureza. Entre os artífices, por

exemplo, dizes que alguém é um ótimo sapateiro, e criticas um jurisperito, porque ignora muitas leis. Elogiaste o sapateiro e criticaste o jurisperito. Pergunta, contudo, qual dos dois é o melhor. O jurisperito incapaz é preferido ao sapateiro perfeito. V. Caridade, preste atenção. Entre muitas coisas louváveis, e muitas criticáveis, muitas vezes interrogados, antepomos as criticadas às elogiadas. A natureza da alma é superior à natureza do corpo; muito mais excelente. É espiritual, incorpórea, vizinha da substância de Deus. É invisível, rege o corpo, move os membros, dirige os sentidos, prepara os pensamentos, semeia as ações, capta imagens de seres infinitos; e quem, enfim, irmãos caríssimos, é capaz de louvar dignamente a alma? E se desfalece ao louvar a alma, qual não será o louvor daquele que criou a alma? Entretanto, tamanha é a sua graça que diz o salmista: "Louva, minha alma, o Senhor". Quem é capaz de louvar a Deus? Se alguém te dissesse: Louva-te a ti mesma, talvez desistisses; mas diz: "Louva a Deus". Esforça-te por piedade, mas desfaleces no meio desses louvores. Convém-te desfalecer no louvor de Deus; melhor do que avançar, louvando-te. Ao louvares a Deus, e não podendo explicar o que queres, teu pensamento se prolonga para o interior; e esse aprofundamento te torna mais capaz de conteres aquele a quem louvas.

5 Como começara a dizer, quem é então que diz: "Louva, minha alma, o Senhor?" Não é a carne que o profere. Fosse mesmo um corpo angélico, seria inferior à alma; e não pode dar conselho a quem lhe é superior. Infeliz é a alma que esperasse conselho da parte do corpo. A carne bem obediente é serva da alma; a alma governa e esta é governada; a primeira ordena e esta serve; quando pode a carne dar conselho à alma? Por que, então, assim fala: "Louva, minha alma, o Senhor?" Nada mais encontramos no homem que a carne e a alma; o homem todo é isto: espírito e carne. Seria a própria alma que fala a si mesma, de certo modo dando ordens a si mesma, exortando-se, incitando-se? Em parte, devido a determinadas perturbações hesitava; de outra parte, porém, a chamada alma racional, que reflete sobre a sabedoria, aderindo ao Senhor agora e suspirando por ele, percebe que a parte inferior se perturba por impulsos mundanos, e por certos desejos terrenos vai para fora, abandonando a Deus, no seu íntimo; torna a chamar-se das coisas exteriores para as interiores, das inferiores às superiores, e diz: "Louva, minha alma, o Senhor". Que te agrada no mundo? Que é que queres louvar? Que queres amar? Para qualquer lado que te voltes com os sentidos corporais, encontras o céu, encontras a terra. O que amas na terra é terreno; tudo o que amas igualmente no céu é corpóreo. Em toda parte amas e em toda parte louvas; como não há de ser louvado aquele que criou estes seres que louvas? Já, portanto, longamente viveste ocupada, batida por desejos diversos, chagada, ferida, dividia por muitos amores, sempre inquieta, nunca segura; recolhe-te a ti mesma. Procura quem o autor de tudo aquilo que te agrada exteriormente. Na terra, por exemplo nada melhor do que isto e aquilo: ouro, prata, animais, árvores, suavidades. Pensa na terra inteira. Que existe de melhor no céu do que o sol, a lua, as estrelas? Pensa no céu inteiro. Tudo isto simultaneamente é muito bom, porque Deus fez todas as coisas muito boas. Por toda parte encontrarás a beleza da obra que te recomenda o autor. Admiras o conjunto da criação, ama o Criador. Não te ocupes com o que foi feito, afastando-o de quem o fez. Essas coisas que te ocupam, ele as colocou abaixo de ti,

porque te fez abaixo dele. Se aderires ao superior, calcarás os inferiores; se, porém, abandonas o superior, estas coisas se converterão em suplício para ti. Assim, de fato, aconteceu, meus irmãos. O homem recebeu o corpo para seu serviço, tendo Deus por Senhor; o corpo por servo, tendo acima de si o Criador e abaixo de si a criação que lhe foi subordinada. A alma racional foi estabelecida como que em lugar médio, aderindo ao superior e regendo os seres inferiores. Não pode reger os inferiores se não for governada por aquele que é melhor do que ela. É atraída pelos inferiores, e então abandona o melhor. Não pode mais reger o que regia, porque não quis ser regida por aquele que a governava. Agora, então volte, louve. A própria alma, pela mente racional, iluminada pela luz de Deus aconselha-se a si mesma. Concebe pela mente o conselho fixo na eternidade de seu autor. Lê ali algo de tremendo, louvável, amável, desejável, apetecível. Ainda não o apreende, não capta; atinge-a certo relâmpago, mas não tão forte que a retenha ali. Então, recupera, recolhendo-se, a saúde, e diz: “Louva, minha alma, o Senhor”.

6 E então, como é, meus irmãos? Não louvamos o Senhor? Não cantamos diariamente hinos? Segundo nossas capacidades, cotidianamente não soam em nossa boca, e nosso coração não emite os louvores a Deus? E que é que louvamos? Aquele que louvamos é grande, mas nosso louvor é ainda muito fraco. Quando aquele que louva dá um louvor adequado à excelência de quem é louvado? Eis que o homem está de pé, canta a Deus por vezes longamente, e enquanto os lábios freqüentemente se movem para cantar, seu pensamento, contudo, voa não sei atrás de que desejos. Estava, portanto, nossa mente de certa maneira a louvar a Deus, e nossa alma divagava por aqui e por ali, conforme os diversos anelos ou ocupações. A mente, como que acima disso tudo observa esta divagação e inquietação que a incomoda e voltando a si fala-lhe: “Louva, minha alma, o Senhor”. Por que te inquietas com outras coisas? Por que te ocupas com solicitude de bens terrenos e passageiros? Fica comigo, louva o Senhor. E a alma opressa, sem poder manter-se como é conveniente, responde à mente: “Louvarei o Senhor durante a minha vida”. Que significa: “durante a minha vida?” Quer dizer que agora estou em minha morte. Por isso, exorta-te e dize: “Louva, minha alma, o Senhor”. Responder-te-á a tua alma: Louvo quanto posso, tenuamente, debilmente, fracamente. Por quê? Porque enquanto estamos no corpo, estamos peregrinando longe do Senhor (cf 2Cor 5,6). Por que louvas assim o Senhor, imperfeitamente, sem estabilidade? Interroga a Escritura: Porque “um corpo corruptível pesa sobre a alma e — tenda de argila — oprime a mente pensativa” (Sb 9,15). Tira-me o corpo que pesa sobre a alma e louvarei o Senhor; tira-me a habitação terrena que oprime a mente pensativa, e reduzindo os múltiplos pensamentos em um só, louvarei o Senhor; enquanto, porém, for assim, não posso, estou oprimido. E então? Calarás e não louvarás perfeitamente o Senhor? “Louvarei o Senhor durante a minha vida”.

7 Que será: “durante a minha vida? Tu és a minha esperança”, aqui. “Tu és a minha esperança”, aqui, dizemos. Mas tu “és a minha porção na terra dos vivos”, não aqui (Sl 141,6). Pois esta terra é terra dos que morrem; daqui nós passamos, mas importa para onde. Com efeito, o mau peregrina aqui, e o bom peregrina aqui. Não sucede que passe

o bom e permaneça o mau; ou que o mau passe, e o bom fique; ambos passam, mas não vão ambos para o mesmo lugar. Havia dois homens: Um pobre chagado, que jazia à porta de um rico, e um rico revestido de purpura e linho fino e que se banqueteava diariamente, em lautas mesas; ambos estavam na terra, ambos partiram daqui, mas não para o mesmo lugar; diversos lugares os acolhem porque levam consigo méritos diferentes. O pobre passou para o seio de Abraão, e o rico para os tormentos do inferno. Estavam perto um do outro na terra; um em casa, outro diante da porta. Depois da morte, tão separados que a um deles disse Abraão: “Entre vós e nós existe um grande abismo” (Lc 16,19-26). Por isso, irmãos, uma vez que é a esperança que nos alimenta aqui, nossa vida, porém, não é perfeita, a não ser aquela que nos é prometida. Aqui temos gemidos, aqui tentações, aqui angústias, aqui, tristezas, aqui perigos. Nossa alma louvará o Senhor como ele deve ser louvado, conforme se diz em outro salmo: “Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos século” (Sl 83,5), quando toda nossa ocupação será o louvor. Mas quando será isto? “Durante a minha vida”. E agora? Seria possível dizer: Minha morte. Por que razão é tua morte? Porque peregrino, longe do Senhor. Efetivamente, se aderir a ele é vida, afastar-se dele é morte. Mas, o que te consola? A esperança. Já vives na esperança; louva por causa da esperança, canta por causa da esperança. Onde está a tua morte, não cantes; onde vives, canta. Tua morte consiste na tristeza deste mundo; vives na esperança do século futuro. “Louvarei o Senhor durante a minha vida”.

8 E como louvarás teu Senhor? “Salmodiarei a meu Deus enquanto existir”. Como será aquele louvor: “Salmodiarei a meu Deus enquanto existir?” Vede, irmãos, como será aquela existência. Onde o louvor será eterno, será eterna a existência. Eis como és; acaso salmodias a teu Deus enquanto existes? Eis que salmodiavas; tu te afastaste para algum negócio. Já não salmodias e ainda és; eis que és, e não salmodias. Talvez ainda por cupidez inclinado a alguma coisa, não somente não salmodias, mas ainda ofendes os ouvidos de Deus; entretanto existes ainda. Que louvor será aquele enquanto existires? Por que disse o salmista: “enquanto existir?” Por acaso em alguma época deixará de existir? Ao contrário, terá duração eterna, e por isso será verdadeiramente duradouro. Pois, tudo o que tem fim no tempo, embora seja longo, não é duradouro. “Salmodiarei a meu Deus enquanto existir”.

9 3 Neste ínterim, é certo, louvarás o Senhor durante tua vida, salmodiarás a teu Deus no futuro enquanto existires. Ótimo! Espera dele tudo o que convém presumir aqui. Não nos abandone a esperança nesta peregrinação e tentação, nesta improbidade e insídias do inimigo, enquanto ao redor de nós lançam gritos as tentações do século, e estamos no meio de trabalhos e angústias de todas as partes. Que faremos? Escuta como continua o salmo: “Não confieis nos príncipes”. Irmãos, deparamos aqui uma grande questão. É voz divina, e ressoa do alto para nós. Agora, uma fraqueza qualquer da alma humana, quando atribulada, faz com que desista de esperar no Senhor e quer presumir dum socorro humano. Diz-se a alguém aflito por qualquer motivo: Existe um homem poderoso, que pode te libertar. Sorri, alegra-se, anima-se. Mas se alguém lhe disser: Deus

te liberte, esfria, quase desesperado. Promete-se um auxílio mortal e alegra-se; promete-se um imortal e fica triste! Foi-te prometido que te libertará alguém que contigo necessita de libertação, e no entanto como se tivesses recebido um grande auxílio; foi te prometido aquele libertador que não precisa de alguém que o liberte e desesperas como se fosse uma fábula. Ai dos que assim pensam! Peregrinam muito longe. Verdadeiramente infeliz e grande a sua morte. Aproxima-te, começa a desejar, começa a buscar e reconhecer aquele que te fez. Ele não abandonará a sua obra, se sua obra não o deixar. Deves converter-te, portanto, para ele, e dizer-lhe: "Louvarei o Senhor durante a minha vida. Salmodiarei a meu Deus enquanto existir". O salmista, já repleto de tão grande espírito, admoesta-nos e diz-nos como se estivéssemos longe, em peregrinação longíqua, e não somente não querendo louvar a Deus, mas ainda nem mesmo nele esperando: "Não confieis nos príncipes. Nos filhos dos homens que não podem salvar". A salvação se encontra num só filho do homem; e não enquanto filho do homem, mas porque é Filho de Deus; não devido ao que assumiu de tua natureza, mas por causa daquela que conservou em si. Portanto, homem algum pode salvar. De fato, nele está a salvação porque é Deus, "acima de tudo, Deus bendito pelos séculos". De Cristo foi dito: "Dos quais descende o Cristo segundo a carne". (Rm 9,5). De quem? Dos judeus, dos pais "descende Cristo segundo a carne". Mas, acaso segundo a carne é o Cristo todo? Não; pois segundo a carne não é acima de tudo, Deus bendito pelos séculos". Nele está a salvação, porque "do Senhor vem a salvação". Diz outro salmo: "Do Senhor vem a salvação. Sobre o teu povo, a tua bênção" (Sl 3,9). É sem razão que se arrogam alguns homens de darem a salvação. Dêem a si mesmos. Responde ao homem soberbo: Tu te glorias de me dares a salvação; concede-a a ti mesmo. Vê se a tens. Ponderando bem a tua fragilidade, verificas que não a tens ainda. Não me exortes a esperá-la de ti, mas espera obtê-la comigo. "Não vos confieis nos príncipes. Nos filhos dos homens que não podem salvar". Eis que certos príncipes se apresentam, não sei onde, e dizem: Eu batizo, e o que dou é santo; se o receberes de outrem, nada recebes; mas se receberes de mim, receberás alguma coisa. Ó homem, ó príncipe, queres estar entre os filhos dos homens, e entre os príncipes que não podem salvar? Então, tenho a salvação, porque tu me dás? É teu o que dás? Ou na verdade também tu a dás? Ou pode-se dizer que tu a dás? Diga também o cano que ele fornece a água; diga o canal que ele mesmo mana; diga o pregoeiro que ele liberta. Eu na água considero a fonte, na voz do pregoeiro reconheço o juiz. Tu, na verdade, não serás o autor de minha salvação. Ele é quem me faz seguro; de ti estou incerto. Se não és arrogante, não somente eu estou incerto a teu respeito, mas tu mesmo o estás de ti. Minha salvação, portanto, deriva daquele que é "acima de tudo, porque do Senhor vem a salvação". Tu estás entre os filhos dos homens, és do número dos príncipes; mas escuto o salmo dizer: "Não confieis nos príncipes. Nos filhos dos homens que não podem salvar".

10 4 Considerando a multidão dos homens, que são estes filhos dos homens? Queres saber que são? "Vai-se seu espírito e ele volta ao limo da terra". Eis que alguém fala, sem saber por quanto tempo falará; ameaça, sem saber por quanto tempo viverá. De repente vai-se seu espírito e ele volta ao limo da terra. Por acaso vai-se seu espírito quando ele

quer? Sairá, e sairá quando ele não quer, e quando ele não sabe volta ao limo da terra. Indo-se o espírito, a carne volta ao limo da terra. Mas como era carne a que assim falava (somente aqueles dos quais foi dito: “Pois ele é carne” [Gn 6,3], teriam coragem de declarar: Confia em mim e eu te darei): “Vai-se o espírito e ele volta ao limo da terra. Naquele dia perecem todos os seus desígnios”. Onde fica seu inchaço? Onde está a soberba? Onde a jactância? Mas talvez tenha passado para um lugar bom, para junto dos justos; se passar. Pois quem falava deste modo, não sei para onde foi. Pois falava a soberba; e não sei para onde vão tais homens, a não ser que examine outro salmo e verifique que sua passagem é má. “Vi o ímpio sumamente elevado, tão alto como os cedros do Líbano. Passei, e já não existia. Procurei-o e não achei o seu lugar” (Sl 36,35.36). Este homem piedoso que passou e já não encontrou o ímpio, chegou ao lugar onde o ímpio não está. Portanto, irmãos, ouçamos todos; irmãos amados de Deus, ouçamos todos. Em qualquer tribulação, em qualquer desejo dos dons divinos, não confiemos nos príncipes, nem nos filhos dos homens que não podem salvar. Tudo isso é mortal, transitório e caduco. “Vai-se o espírito e ele volta ao limo da terra. Naquele dia perecem todos os seus desígnios”.

11 5 Que faremos então, se não se deve esperar nos filhos dos homens, nem nos príncipes? Que faremos? “Ditoso aquele que tem o Deus de Jacó por protetor”. Não este homem ou aquele, não este ou aquele anjo; mas: “Ditoso aquele que tem o Deus de Jacó por protetor”. Foi tal protetor para Jacó, que de Jacó fez Israel (cf Gn 32,28). Grande auxílio, pois Israel já vê a Deus. Por isso, aqui na terra, peregrino e ainda não vendo a Deus, se tiveres como protetor o Deus de Jacó, de Jacó te tornarás Israel, e verás a Deus; e terminará todo labor e todo gemido, passarão os cuidados mordazes, sucederão os louvores felizes. “Ditoso aquele que tem o Deus de Jacó por protetor”: deste Jacó. Por que ele é ditoso, se nesse ínterim ainda geme nesta vida? “E coloca sua esperança no Senhor seu Deus”. Por isso é feliz, porque “sua esperança esta no Senhor seu Deus”. Possuirá realmente aquele que é sua esperança. Irmãos, terei errado por ter afirmado que Deus será nosso bem? Que será se disser que há de ser nossa herança? “Tu és a minha esperança, a minha porção na terra dos vivos” (Sl 141,6). Serás a minha porção. Serás a possessão e possuirás; serás a possessão de Deus e Deus será a tua porção. Serás sua possessão para seres cultivado por ele, e ele será tua porção para o cultuares. Pois tu cultuas a Deus, e Deus te cultiva. Com razão se diz: Cultuo a Deus. Como, porém, sou cultivado por Deus? Encontramo-lo nos escritos do Apóstolo; diz ele: “Sois a seara de Deus, o edifício de Deus” (1Cor 3,9). E o Senhor: “eu sou a videira e vós os ramos. E meu pai é o agricultor” (Jo 15,5.1). Deus te cultiva para que dês fruto. E cultuas a Deus, para dares fruto. É bom para ti que Deus te cultive, e é bom para ti que cultues a Deus. Se Deus que cultiva se aparta do homem, o homem se torna deserto; e se o homem agricultor se aparta de Deus, se torna ermo. E Deus não cresce quando te aproximas dele, nem decresce se te afastas. Seja, portanto, ele nossa possessão para nos nutrir; e seremos sua possessão para ele nos reger.

12 6 “Coloca sua esperança no Senhor seu Deus”. Quem é este Senhor seu Deus?

Atenção, irmãos. Pois muitos têm muitos deuses, e os denominam seus senhores e seus deuses. Mas diz o Apóstolo: “Se bem que existam aqueles que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra — e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores — para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe” (1Cor 8,5.6). Seja ele, portanto, a tua esperança. O Senhor teu Deus; nele esteja a tua esperança. No senhor seu deus coloca sua esperança aquele que cultua Saturno; no senhor seu deus coloca sua esperança aquele que cultua Marte, que cultua Netuno, que cultua Mercúrio; mais ainda, quem cultua o ventre, sendo do número dos que menciona o Apóstolo: Seu deus é o ventre (Fl 3,9). Por conseguinte, um é o deus deste e outro o daquele. Quem é o deste homem feliz, que “coloca sua esperança no Senhor seu Deus?” Mas, quem é? “Aquele que fez o céu e a terra, o mar e tudo o que neles se contém”. Meus irmãos, temos um grande Deus! Bendigamos seu nome santo, porque se dignou fazer de nós sua possessão. Ainda não vês a Deus, não podes amar plenamente aquilo que ainda não vês. O que vês, foi ele quem o fez. Se admiras o mundo, porque não hás de admirar o artífice do mundo? Olhas para o alto, para o céu, e ficas apavorado; pensas em toda a terra e estremeces; e quando a grandeza do mar ocupa o teu pensamento? Levanta os olhos para as inúmeras estrelas; considera tantas espécies de sementes, tantas diversidades entre os animais, tudo o que nada nas águas, arrasta-se pela terra, voa pelos ares, circula pelo céu. Tudo isso, como é grande, brilhante, belo, estupendo! Eis que foi o teu Deus quem fez tudo isso. Põe nele tua esperança a fim de seres feliz: “coloca sua esperança no Senhor seu Deus”. Em quem? “Naquele que fez o céu e a terra, o mar e tudo o que neles se contém”. Temos um grande Deus!

13 Dai atenção, irmãos, a este Deus grandioso, bom, e que faz tais maravilhas. Que então pensou Deus, para fazer (se é possível dizer de Deus: pensou) “o céu, a terra, o mar, e tudo o que neles se contém?” Talvez dirá este homem: Vejo, de fato, que tudo isso é grande: o céu e a terra, o mar, criaturas de Deus; como me conta Deus entre as coisas que fez? E na verdade pertenço aos objetos de seus cuidados, e agora Deus pensa em mim, ou sabe que eu vivo? Que estás dizendo? Não se insinue um mau pensamento no teu coração; sê do número daqueles dos quais falávamos um pouco acima: “Louvarei o Senhor durante a minha vida, salmodiarei a meu Deus enquanto existir”. Mas o salmista fala de outros, não sei bem quais, tépidos, a quem exorta, com receio de que desesperem de si mesmos, porque talvez não estejam nos cálculos de Deus. Muitos se dão a tais cogitações. Por isso, abandonam a Deus, e se lançam em qualquer pecado, porque não acreditam que Deus se ocupa com o que eles fazem. Escuta as palavras divinas. Não desesperes de ti mesmo. Aquele que cuidou de criar-te, não cuidará de te restaurar? Não é o teu Deus aquele que fez o céu, a terra e o mar? Se ele dissesse apenas isto, talvez responderias tu: Deus que fez o céu, a terra e o mar é um grande Deus; mas acaso se preocupa comigo? Ele te fez, alguém replicará. Como? Por acaso sou o céu, ou sou a terra, ou sou o mar? Efetivamente, é claro que não sou nem o céu, nem a terra, nem o mar; mas estou na terra. Ou ao menos me concedes que és terra. Ouve que Deus não fez apenas o céu, a terra e o mar: “Fez o céu e a terra, o mar e tudo o que neles se

contém”, e também a ti. Não basta dizer a ti. Fez também o pássaro, o gafanhoto, o vermezinho. Não há entre eles o que Deus não tenha feito, e ele cuida de todos. Este cuidado não provém de um preceito; pois só ao homem ele deu um preceito. De fato, diz um salmo: “Salvaste os homens e os animais, Senhor. Como se multiplicou a tua misericórdia, ó Deus multiplicou-se a tua misericórdia disse o salmista, e de acordo com ela salvaste os homens e os animais” (Sl 35,7.8). E o Apóstolo: “Acaso Deus se preocupa com os bois?” Num lugar: “Deus não se preocupa com os bois”; e em outro lugar: “Salvaste os homens e os animais, Senhor”. São opostas essas sentenças? Que diz o Apóstolo? “Acaso Deus se preocupa com os bois?” Aí está prescrito: “Não amordaçarás o boi que tritura o grão” (1Cor 9,9; Dt 25,4). Então, Deus não se preocupa com os bois? Efetivamente quis aludir a determinada espécie de bois. Ora, Deus não cuidou de te admoestar acerca do que deves fazer aos bois; a própria natureza humana o sabe. O homem foi feito de tal modo que sabe cuidar de seus animais; não recebeu a respeito disso preceitos da parte de Deus, mas foi-lhe incutido na mente por Deus, de sorte que pode agir sem um preceito no caso; assim o fez Deus. Mas como o homem dirige o animal, deve ser dirigido por outro; daquele que o governa recebeu um preceito. Quanto ao teor do preceito, portanto, “Deus não se preocupa com os bois”; quanto à providência universal, pela qual criou o mundo e o governa: “Salvaste os homens e os animais, Senhor”.

14 V. Caridade preste atenção. Talvez diga-me alguém[1]: Está em o Novo Testamento que “Deus não se preocupara com os bois”; e no Antigo Testamento: “Salvaste os homens e os animais, Senhor”. Existem caluniadores que afirmam que os dois Testamentos não são concordes. Para evitar que declare haver uma coisa no Antigo e outra em o Novo, e me ataque com uma sentença, como esta: “Salvaste os homens e os animais, Senhor”, que devo fazer? Nada é tão importante em o Novo Testamento como os evangelhos. No evangelho encontro que essas coisas todas pertencem a Deus; ninguém pode contradizê-lo. Seria o Apóstolo contrário ao evangelho? Ouçamos o próprio Senhor, príncipe e mestre dos apóstolos. “Olhai as aves do céu; não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros. E, no entanto, vosso Pai celeste as alimenta” (Mt 6,26). Por conseguinte, além do homem, estes animais pertencem a Deus que cuida de que sejam alimentados, e não para que recebam uma lei. Quanto ao que respeita a uma lei, Deus não se preocupa com os bois; quanto, porém, às coisas a criar, apascentar, governar e reger, tudo isso pertence a Deus. Pergunta o Senhor Jesus Cristo: “Não se vendem dois pardais por um asse? E, no entanto, nenhum deles cai em terra sem o consentimento do vosso Pai. Valeis mais do que muitos pardais” (Mt 10,29-31). Não digais: Não pertenço a Deus. Tua alma pertence a Deus, teu corpo pertence a Deus, porque Deus fez tua alma e teu corpo. Talvez responderás: Deus não me conta no meio de uma grande multidão. Acrescente-se aquele dito admirável do evangelho: “Até mesmo os vossos cabelos foram todos contados” (Mt 10,30).

1 São designados aqui os maniqueus.

15 7 Por conseguinte, ele é meu Deus, pus minha esperança naquele “que fez o céu, e a

terra, o mar e tudo o que neles se contém". Em relação a mim, como age? "O que guarda a fidelidade eternamente". O salmo recomendou o Deus que deve ser amado e temido. "O que guarda a fidelidade eternamente". Que fidelidade e qual dura eternamente? Qual e em que guarda fidelidade? "Faz justiça aos oprimidos". Vinga os injuriados, meus irmãos; faz-lhe justiça. A quem? Aos que recebem injúrias, punindo todos os injuriosos. Se, pois favorece os injuriados e pune os injuriosos, vê agora de que número queres ser. Vê, atende se queres estar entre os que recebem injúrias ou entre os que as fazem. Logo se te apresenta a voz do Apóstolo, nesses termos: "De todo modo, já é para vós uma falta a existência de litígios entre vós. Por que não preferis, antes, padecer uma injustiça"? (1Cor 6,7). Repreende aqueles, porque não preferem sofrer uma injustiça. Não te exorta a padeceres uma coisa desagradável, mas a suportares uma injustiça; não é tudo que incomoda que é injustiça. Tudo aquilo que sofres por justiça, não é injúria. A fim de não dizeres: Eu também sou contado entre aqueles que sofrem injustiça, pois sofri isso naquele lugar, e aquilo por uma causa padeci. Vê se sofreste injustiça. Os ladrões sofrem muito, mas não é uma injustiça; os celerados, os maléficos, os infractores, os adúlteros, os corruptores, todos sofrem muito, mas nenhum por injustiça. Uma coisa é sofrer injustiça; outra sofrer tribulação, ou pena, ou incômodo, ou suplício. Considera onde estás, vê o que fizeste, por que padeces. Direito e injustiça são contrários. Direito é o que é justo. Nem tudo que é chamado direito é direito de fato. E se alguém criar um direito iníquo? Nem mesmo deve ser denominado direito, se é injusto. É verdadeiro o que é igualmente justo. Vê o que fizeste e não o que sofres. Se agiste conforme o direito, sofres injustamente; se praticaste a injustiça, sofres justamente.

16 Por que falei estas coisas, irmãos[1]? A fim de que os hereges não se exaltem quando talvez sofram por ordem dos príncipes terrenos; não se enumerem entre aqueles que são injuriados, e digam: Eis que o salmo me consola; pois eu adoro a Deus "que faz justiça aos oprimidos". Com razão pergunto se és injuriado. Se praticaste a justiça, é injusto o que sofres. É justo insuflar contra Cristo? É justo levantar um altar com soberba rebelde? É direito poupar os perseguidores da túnica de Cristo, e rasgar a Igreja de Cristo? Ora, se isto não é justo, tudo o que sofres por causa de tais ações é justo. Não és, portanto, do número daqueles que sofrem injustiça. Leio algo de mais claro no evangelho: "Bem-aventurados os que são perseguidos". Aguarda; por que te apressas? Por que dizes: sou eu? Espera, digo: lerei o texto todo. Ouviste: "Bem-aventurados os que são perseguidos". Já começaras a arrogar-te não sei o quê. Se permites, lerei tudo; vê como continua: "Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça" (Mt 5,10). Agora responde: sou eu. Se ousas afirmar: Sou eu. Reconsideremos o que disse mais acima. Ou, se achas muito longo, interrogo apenas uma coisa: Se condenares apenas um homem, cuja causa desconheces, ousarias assegurar que cumpres a justiça? Ou, se algo sofresses por esse motivo, denominarias uma injustiça? Ergues-te no tribunal temerário de teu coração, de onde serás precipitado; e ousas proferir uma sentença acerca de um homem cuja causa desconheces! Se assim agisses a respeito de um só homem, serias injusto; tu o fazes contra todo o orbe da terra, e és justo? Irmãos caríssimos, quem é que sofre injustiça senão a Igreja católica, que padece tantos desses males? Ela geme no meio

de tantos escândalos dos hereges; vê serem arrebatados de seu grêmio, por más persuasões e fraudes, os fracos, os pequenos serem arrastados por não sei quais esconderijos de tenebrosas cavernas, serem rebatizados, ser insuflado contra Cristo que neles habita, ser morto não aquilo que os constitui como homens, mas aquilo que os faria viver eternamente. Um homem é persuadido a dizer: Não sou cristão. E consideram isto justiça. Tu te aproximarás do bispo, eles lhe dizem, não digas que és cristão; pois se disseres que és cristão, não serás recebido; tu, para seres acolhido, dize que não és cristão. A que exortas, ó cristão? Que ensinas? Certamente sofres perseguição; é muito mais verdade que és perseguidor! Quando os imperadores perseguiam os cristãos, obrigavam por ameaças a fazer o que tu levas a praticar por persuasão. Persuades cristão a negar que é cristão. O perseguidor matando não fez o que tu fazes persuadindo. Vive sujeito a ti alguém que nega ser cristão. Nega e vive? Já perdeu a vida; é um cadáver que te fala. Aquele que foi ferido pelo gládio do perseguidor, caiu e vive; aquele a quem falas, está de pé e caiu. Assim agindo, qualquer coisa que sofreres, será injúria? Não te iludas; se tudo o que fazes são estas ações injustas, será justo qualquer coisa que padeceres. A quem faz justiça aquele que "guarda a fidelidade eternamente? Aos oprimidos".

17 8 Agora avança e profere teus bons raciocínios, como se fossem apurados e subtis, pois tu nutres. Profere: Um famélico pode alimentar? Isto é, um pecador pode dar o que é santo? Um famélico pode alimentar? Um doente pode curar? Um homem amarrado pode desligar? Estas reflexões, que parecem importantes e subtis, enganam os ignorantes. Este salmo fecha-lhes a boca: "Dá pão aos que têm fome". Eis que nada espero de ti; Deus "dá pão aos que têm fome". A que famintos? A todos. Que quer dizer? Todos? A todos os animais, a todos os homens ele dá alimento; e nada reserva para os seus amados? Se eles têm outra espécie de fome, terão também outro alimento. Perguntemos primeiro qual a sua fome e encontraremos qual o seu alimento: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados" (Mt 5,6). Devemos ser famintos de Deus; mendiguemos diante de sua porta, em sua presença, nas orações; ele "dá pão aos que têm fome". Por que, ó herege, te gabas de desatar, erguer, iluminar? Pelo fato de teres sido libertado, estás de pé e és luz? De forma alguma. Atende ao que foi declarado mais acima: "Não confieis nos príncipes. Nos filhos dos homens que não podem salvar". Eles não dão a salvação. Portanto, afastem-se os hereges. "O Senhor solta os grilhões dos cativos. O Senhor levanta os caídos. O Senhor torna sábios os cegos", isto é, daqueles que são cegos ele faz os sábios. De maneira excelente esta sentença expõe-nos todas as anteriores, pois assim, quando o salmista disse: "O Senhor solta os grilhões dos cativos", não nos referimos àqueles cativos que talvez devido a alguma falta foram postos em ferros por seus senhores; e quando disse: "Levanta os caídos", não nos venha à memória alguém que tropece e caia, ou que caia do cavalo. Existem outras quedas, outros grilhões, como existem outras trevas e outra luz. Por ter dito: "Torna sábios os cegos" não quis dizer: dá a vista aos cegos, para não entenderes isto carnalmente, da forma que o Senhor empregou, quando deu a vista ao cego, a cujos olhos ele aplicou lama feita com saliva, e o curou (cf Jo 9,6.7). Conseqüentemente, como os cegos vêem devido à luz da sabedoria, assim se soltam os grilhões dos cativos, e se levantam os

caídos. Como estamos agrilhoados? Como caímos? Nosso corpo foi nosso adorno; pecamos e por isso recebemos os grihões. Quais são os nossos grilhões? A própria mortalidade. Escuta o apóstolo Paulo, porque ele também nesta peregrinação fora cativo com grilhões. Quantas terras percorreu este homem com grilhões! Os grilhões não lhe pesaram; com esses grilhões pregou o evangelho a toda a terra. O espírito de caridade arrebatou os grilhões, e ele percorreu quanto pôde. Entretanto, o que disse? "O meu desejo é partir e ir estar com Cristo". Partir de onde? Dos grilhões da mortalidade. E no entanto, por misericórdia ainda queria estar em grilhões, por causa dos outros cativos, aos quais servia: "Mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa" (Fl 1,23.24). "O Senhor, portanto, solta os grilhões dos cativos", isto é, dos mortais faz imortais. "O Senhor levanta os caídos". Por que caíram? Porque estavam elevados. Por que são levantados? Porque foram humilhados. Adão caiu e deslisou; Cristo desceu. Por que desceu aquele que não caiu, senão para levantar o que caíra? "O Senhor torna sábios os cegos. O Senhor ama os justos". Por isto faz justiça aos que sofrem injustiça.

18 9 E quem são os justos? Agora até onde justos? Como está escrito: "O Senhor guarda os prosélitos". Prosélitos são os estrangeiros. Toda a Igreja dos gentios é prosélita. Ela é estrangeira junto dos patriarcas, porque não nasceu de sua carne, mas é sua filha pela imitação. No entanto, é o Senhor quem guarda e não um homem qualquer. "Ampara o órfão e a viúva". Ninguém pense que se trata de órfão em relação à herança, ou à viúva em vista de qualquer negócio seu. Com efeito, Deus também socorre a estes e em todos os bons ofícios do gênero humano faz uma boa obra quem cuida do órfão, quem não abandona a viúva; mas segundo certo ponto de vista todos somos órfãos, estando ausente nosso pai, não morto. Segundo o ponto de vista humano, fica-se órfão quando morre o pai. E se pensardes bem, irmãos, que a alma não morre, vivem nossos pais; e os órfãos são órfãos propriamente com a ausência dos pais; se foram maus, vivem no meio dos castigos, se foram bons, vivem no repouso: todos os seres permanecem íntegros para o Criador. Todavia, nós, enquanto estamos neste corpo e habitamos num lugar de nossa peregrinação, está ausente nosso Pai, a quem clamamos: "Pai nosso, que estás nos céus" (Mt 6,9). A Igre-ja é como viúva, na ausência do esposo, do cônjuge. Virá aquele que agora a protege, e que não é visto, mas desejado. Somos arrastados por um grande desejo e anelamos com amor por àquele que não vemos. Abraçá-lo-emos quando for visto, se pela fé o retemos antes de vê-lo. Então, o que o salmista quis dar a entender por "órfão e viúva", irmãos? Os destituídos de todo socorro e auxílio. A alma destituída no mundo, espere o auxílio de Deus. Seja o que for que possues, por exemplo, possues ouro; com isto presumiste? Já não és prosélito, não és órfão, não serás contado entre as viúvas. Tens um amigo. Se presumires a respeito dele e abandonares a Deus, não estás destituído. Tens tudo isso; não presumes por isso, não ficas soberbo? És órfão de Deus e viúva de Deus. Portanto, ele recebe os destituídos; ele o afirmou: acolhe o órfão, e te ampara como a uma viúva.

19 "Mas exterminará o caminho dos pecadores". Qual o caminho dos pecadores? Zombar das coisas que dizemos. Quem é o órfão? Quem é a viúva? Que é o reino dos

céus? Quais as penas do inferno? São fábulas dos cristãos. Viverei para aquilo que vejo: "Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos". Vê que esses tais não te persuadam, que pelo ouvido não entrem no coração: encontrem espinhos em teus ouvidos; quem começar a entrar assim, seja afastado pelas Picadas. Pois, "as más companhias corrompem os bons costumes" (1Cor 15,32.33). Mas, então, talvez repliques: Por que são felizes? Eles não adoram a Deus, e diariamente cometem todos os pecados; e têm fartura daquilo de que tenho falta, apesar de meu trabalho. Não invejes os pecadores. Vês o que eles recebem; não vês o que lhes está reservado? Respondes: E como verei o que é invisível? A fé tem, na verdade, olhos; e olhos maiores, mais potentes, mais fortes. Estes olhos a ninguém enganam; "estes olhos estejam voltados sempre para o Senhor, a fim de que ele livre dos laços os teus pés" (cf Sl 24,15). A senda dos pecadores te agrada porque é larga e muitos são os que por ela andam; vês a sua largura, mas não ves a que fim leva. Eis que no seu termo há um precipício; termina na profundeza do báratro. Os que se alegram, se expandem neste caminho, submergem naquele final. Mas não podes alcançar com os olhos este fim; acredita naquele que o vê. E qual o homem que o vê? Talvez nenhum; mas teu Senhor veio a ti, para acreditares em Deus. Acaso não acreditarás no Senhor teu Deus, que disse: "Largo e espaçoso o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele"? (Mt 7,13). É este o caminho que o Senhor exterminará, porque é o caminho dos pecadores.

20 10 E tendo sido exterminado o caminho dos pecadores, o que ainda falta? "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo" (Mt 25,34). Assim conclui o salmo: "Mas exterminará o caminho dos pecadores". E então? "O Senhor reinará eternamente". Alegra-te, porque reinará para ti; alegra-te, porque serás o seu reino. Considera a continuação. Certamente és cidadão de Sião, não de Babilônia, isto é, não da cidade deste mundo que vai perecer, mas de Sião, temporariamente em labor e peregrinação, mas que há de reinar eternamente. Ouviste, portanto, qual o termo: de lá és tu. "O Senhor reinará eternamente, o teu Deus, ó Sião". Ó Sião, o teu Deus reinará eternamente; será que teu Deus reinará sem ti? "Por geração e geração". Repete por duas vezes, porque não pôde dizer sempre. Não julgues que terminadas as palavras, termine a eternidade. A eternidade é palavra que consta de quatro sílabas, mas em si mesma é sem fim. Somente pôde o salmista recomendar-te isso: "O teu Deus reinará por geração e geração". Disse pouco. Se falasse o dia todo seria insuficiente; se falasse a vida toda, não teria de calar por vezes? Ama a eternidade. Reinarás sem fim, se teu fim é o Cristo, com o qual reinarás pelos séculos dos séculos. Amém.

[1] Contra os donsatistas.

SALMO 146

SERMÃO

1 Ouvíamos atentamente o canto do presente salmo e nem todos os ouvintes entendiam. Quanto maior não deve ser agora a atenção, se, como espero e desejo, com o auxílio das orações de todos os ouvintes, Deus nos revelar o que nele houver de obscuro. Seja útil esta escuta, e o ouvinte não saia daqui sem proveito, ele que estava tão atento para ouvir. Como inicia? O salmo nos exorta: “Louvai o Senhor”. Dirige-se a todas as nações e não somente a nós. Cada Igreja escuta esta voz que soa em cada lugar pela voz dos leitores; uma voz, no entanto, a de Deus, acima de todas não se cala, convidando-nos a louvá-lo. E se perguntássemos por que motivo devemos louvar a Deus, vede qual a causa que o salmista apresenta: “Louvai o Senhor porque é bom salmodiar”. Será esta toda a recompensa dos que louvam? Louvemos o Senhor. Por quê? “Porque é bom salmodiar”. Dirá alguém: Queria louvar o Senhor, se algo me fosse dado por este louvor. Pois quem louva gratuitamente mesmo um homem? Os que louvam os homens esperam alguma recompensa; quem louvar a Deus não deve esperar, nem pedir, nem aguardar qualquer recompensa? Louva-se um ser fraco e espera-se algo dele; louva-se o Onipotente, e não há recompensa alguma? Ou será que desejo algo que ele não possa dar? Que pode desejar um homem que não esteja nas mãos de Deus? Ao louvares um homem, é possível que ambiciones o que ele não pode te prestar. Louva a Deus com segurança, porque ninguém pode afirmar que ele não pode prestar o que é possível que desejes. Proposta, de fato, a esperança de alcançar alguma recompensa, devemos louvar a Deus; no entanto, ele não há de dar tudo aquilo por que anelamos. Pois, ele é o Pai, e não dá as coisas más que os filhos desejam. Louvemos, esperemos e desejemos não isto ou aquilo, mas aquilo que julga dever nos conceder aquele que louvamos. Com efeito, ele sabe o que convém dar-nos; quanto a nós, demos atenção àquilo que nos é proveitoso receber. Diz o Apóstolo: “Pois não sabemos o que pedir como convém” (Rm 8,26). E o mesmo apóstolo Paulo julgava que lhe seria útil ser-lhe retirado o estímulo da carne, o anjo de Satanás que o esbofeteava, conforme ele mesmo confessa: “A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder” (2Cor 12,7-9). Desejou alguma coisa; não foi concedida, conforme sua vontade, a fim de ser atendido quanto a sua cura. E neste salmo, que nos é proposto: “Louvai o Senhor”? Por que louvaremos o Senhor? “Porque é bom salmodiar”. Salmodiar é louvar o Senhor. Por isso exorta o salmo: Louvai o Senhor, porque é bom louvá-lo. Não deixemos de louvar o Senhor. Foi pronunciado o salmo e passou; terminou e interrompemos; louvamos e calamos; cantamos e paramos. Fomos talvez fazer algo que faltava, e outras ações que nos ocorreram; o louvor divino cessará para nós? Não. Pois, tua língua louva por uma hora, mas tua vida sempre louve. Por isso, é bom salmodiar.

2 O salmo, de fato, é um canto, não de qualquer espécie, mas com o saltério. O saltério é um instrumento de música como a lira, a cítara, e outros instrumentos feitos para o canto. Por isso quem salmodia, não salmodia apenas com a voz; mas tomando certo instrumento, denominado saltério, toca-o com as mãos, concordando com a voz. Queres, então salmodiar? Não apenas tua voz cante os louvores de Deus, mas tuas obras concordem com tua voz. Ao cantares com a voz, de vez em quando te calas. Canta com a vida, de tal forma que jamais te cales. Estás fazendo um negócio, e planejas uma fraude: o louvor de Deus se ca-lou; e o que é mais grave, não apenas calaste o louvor, mas partiste para uma blasfêmia. Se Deus é louvado em vista de tua boa obra, louvas a Deus com a tua obra; e quando Deus é blasfemado por causa de teus malfeitos, com tua obra blasfemas contra Deus. Por isso, para uma exortação que os ouvidos apreendam, canta com a voz; mas não cale o coração, não cale a vida. Se num negócio não planejas fraude, salmodias a Deus. Ao comeres e beberes, salmodias. Não mistures a isto as suavidades dos sons agradáveis aos ouvidos, mas come e bebe, modesta, frugalmente com temperança, porque assim se pronuncia o Apóstolo: "Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus" (1Cor 10,31). Se, portanto, tu te comportas bem ao comer, beber e tomar alimento para refeição do corpo e reparação dos membros, dando graças àquele que te ofereceu estes alívios suplementares, a ti mortal e frágil, teu alimento e tua bebida louvam a Deus. Se, contudo, excedes por imoderada voracidade a medida devida à natureza, e te embriagas de vinho, por mais que tua língua profira louvores a Deus, tua vida blasfema. Depois da comida e bebida descanças e dormes; no leito nada faças de torpe, nem excedas indo além do que permite a lei de Deus. Seja casta a união com tua esposa; e se cuidas da procriação dos filhos, não haja desenfreada luxúria; trata com deferência tua cônjuge no leito, porque ambos sois membros de Cristo (cf 1Cor 6,15), ambos criados por ele, ambos resgatados por seu sangue; agindo assim louvas a Deus e teu louvor não calará. E quando o sono vier? Enquanto dormes, tua consciência pesada não te tire do repouso; e pela inocência do sono louva a Deus. Se, portanto, louvas, não canta apenas com a língua, mas toma também o saltério das boas obras, "porque é bom salmodiar". Louvas quando tratas de um negócio, louvas ao tomares alimento e bebida, louvas quando descansas no leito, louvas quando dormes; quando não louvas? O louvor de Deus será perfeito em nós, ao chegarmos àquela cidade, quando nos tivermos tornado iguais aos anjos de Deus: quando nenhuma necessidade corporal nos solicitar de parte alguma (cf Mt 22,30), nem nos ataque a fome e a sede, o calor nos canse, o frio não nos enrijeça, a febre não nos abata, nem a morte seja um termo. Exercitemo-nos para aquele louvor perfeitíssimo por meio deste louvor através das boas obras.

3 Por isso, tendo dito: "Louvai o Senhor porque é bom salmodiar; ao nosso Deus é agradável o louvor". Como será agradável o louvor ao nosso Deus? Se o louvarmos vivendo bem. Escuta como lhe será agradável o louvor. Em outra passagem se diz: "O louvor não é belo na boca do pecador" (Eclo 15,9). Se, pois, na boca do pecador o louvor não é belo, não é agradável; é agradável o que é belo. Queres, portanto, que o louvor seja agradável a Deus? Que de bons cânticos não destoem maus costumes. "Ao

nosso Deus seja agradável o louvor". Que disse o salmista? Vós que louvais, vivei bem. O louvor dos ímpios ofende a Deus. Ele dá mais atenção à maneira como vives do que ao que cantas. Certamente queres ter a paz com aquele a quem louvas; como queres ter paz com ele, se destoas de ti mesmo? Como, respondes, destôo de mim mesmo? Tua língua canta uma coisa, e a vida indica outra. "Ao nosso Deus seja agradável o louvor". O louvor pode ser agradável ao homem, se ouve palavras harmoniosas, sentenças finas, voz suave do canto; mas para "nosso Deus seja agradável o louvor"; seus ouvidos estão atentos ao coração não à boca; eles se abrem não à língua, mas à vida do cantor.

4 Quem é o nosso Deus ao qual deve ser agradável o louvor? É suave em relação a nós, recomenda-se a nós; graças a ele que se dignou agir assim. Dignou-se, de fato, recomendar-se a nós, não como se devêssemos prestar-lhe algum serviço, mas para receber muito da parte dele. Como pois Deus se mostra a nós? Ouve a expressão do apóstolo Paulo: "Deus demonstra seu amor para conosco". Como "demonstra"? Ouvi: Diga o Apóstolo para o compararmos com as palavras do salmo: "Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores" (Rm 5,8). Que reserva então para os que o louvam quem assim demonstra seu amor aos pecadores? O Apóstolo declara que Deus demonstrou seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido pelos ímpios; não para permanecerem ímpios, mas a fim de que pela morte do justo fossem curados da injustiça. E que ouves do salmo depois do versículo: "Ao nosso Deus seja agradável o louvor?" Vejamos se há a mesma demonstração mencionada pelo Apóstolo: que Cristo morreu pelos pecadores e pelos ímpios. "O Senhor que edifica Jerusalém e congrega os dispersos de Is- rael". Eis que o Senhor edifica Jerusalém e congrega os dispersos de seu povo. Povo em Jerusalém, povo de Israel. Existe uma Jerusalém eterna nos céus, onde os cidadãos são os anjos. Como, então, está ali Israel? Se considerares aquele neto de Abraão, chamado Jacó, como entenderemos que os anjos são Israel? Se pesquisarmos o sentido do nome, porque também Jacó teve o nome mudado em Israel (cf Gn 32,28), é mais adequado ali o nome de Isarel; e oxalá também nós sejamos, em conseqüência, Israel. Como se traduz Israel? Aquele que vê a Deus. Por conseguinte, todos os cidadãos daquela cidade, vendo a Deus se alegram naquela grande, ampla, celeste cidade; Deus mesmo será para eles a visão. Mas nós somos peregrinos, longe daquela cidade, expulsos por causa do pecado, sem podermos ali permanecer; e sob o peso da mortalidade, não podemos para lá voltar. Deus considerou nossa peregrinação, e aquele que edifica Jerusalém, restaurou a parte arruinada. Como restaurou a parte arruinada? "Congregando os dispersos de Israel". Com efeito, uma parte caiu e se tornou peregrina. Deus olhou misericordiosamente para esta peregrina, e procurou os que não o buscavam. Onde procurou? Quem enviou para junto de nosso cativeiro? Enviou o Redentor, segundo a palavra do Apóstolo: "Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores" (Rm 5,8). Enviou, portanto, para junto de nosso cativeiro seu Filho, como redentor. Leva, disse ele, contigo a bolsa, oferece ali o preço dos cativos. Ele se revestiu, então, da mortalidade da carne, e ali encontrou o sangue que derramou para que fôssemos redimidos. Com aquele sangue congregou os dispersos de Israel. E se

ele congregou os que outrora estavam dispersos, como devemos nos empenhar para que agora os dispersos sejam congregados? Se os dispersos foram congregados, para que na mão do artífice entrassem na construção, como devem ser congregados os que caíram da mão do artífice devido à sua inquietude? "O Senhor edifica Jerusalém". Eis aquele a quem louvamos, eis aquele ao qual devemos louvor durante toda a nossa vida. "O Senhor edifica Jerusalém, e congrega os dispersos de Israel".

5 3 Como congrega? Que faz para congregar? "Ele cura os contritos de coração". Eis como se congregam os disper-sos de Israel, a fim de serem curados os contritos de coração. Os que não são contritos de coração, não se curam. Que é: ter contrito o coração? Caríssimos, tomai nota; que isto aconteça a fim de poderdes ser curados. Foi dito em muitos outros lugares da Escritura; e principalmente naquele lugar em que a voz de um cantor assim se exprimia: "Pois se quissesses um sacrifício, de certo eu o ofereceria". O salmista dizia a Deus: "Se quisesses um sacrifício, de certo eu o ofereceria. Não te comprazes em holocaustos". E então? Ficamos sem a oblação do sacrifício? Escuta o que ele quer que ofereças. Continua: "Sacrifício a Deus é o espírito contrito; ao coração arrependido e humilhado Deus não despreza" (Sl 50,18.19). Portanto, "ele cura os contritos de coração"; porque deles se aproxima para curá-los, conforme se diz em outra passagem: "O Senhor está perto dos corações contritos" (Sl 33,19). Quais têm o coração contrito? Os humildes. Quais não o têm? Os soberbos. O coração contrito será curado, e o orgulhoso, derrubado. Talvez por isso cai, para que se torne contrito e se cure. Portanto, irmãos, não queira nosso coração estar ereto, antes de ser reto; ergue-se pessimamente o que primeiro não se corrigir.

6 "Ele cura os contritos de coração e pensa-lhes as fraturas. Ele cura os contritos de coração", cura, portanto, os humildes de coração, cura os que confessam, cura os que se penitenciam, exercendo severo juízo contra si mesmos, para poderem sentir a misericórdia de Deus. A esses tais, ele cura; mas a perfeita cura deles se realizará depois de passar a mortalidade, quando este ser corruptível revestir a incorruptibilidade e este ser mortal revestir a imortalidade (cf 1Cor 15,53.54); quando não houver nenhuma solicitação da parte da carne; não somente nenhuma tentação a que possamos consentir, mas nem mesmo sugestão alguma da carne. De fato, agora, meus irmãos, quantos prazeres ilícitos atingem o ânimo! Embora não consintamos, de sorte que nossos membros sirvam à justiça e não à iniqüidade, no entanto, pelo menos sentir o deleite de tais coisas, apesar de não se consentir, ainda não é a perfeita saúde. Serás curado, portanto, serás curado pela contrição do coração. Não te envergonhes, torna contrito o coração; a estes Deus cura. Mas que faço agora? perguntas. "Compraz-me a lei de Deus, segundo o homem interior; mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão, e que me acorrenta à lei do pecado". Que deves fazer? Esmaga o coração, confessa; coragem, repete as seguintes palavras: "Infeliz de mim! quem me libertará deste corpo de morte?" Proferir: "Infeliz de mim!" já se trata de coração contrito. Espere a felicidade quem se confessar infeliz. Repete, portanto: "Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?" para obteres a resposta: "A graça de Deus,

por Jesus Cristo Senhor nosso" (Rm 7,22-25). Mas, como nos libertará a graça de Deus, da qual agora recebemos o penhor? Escuta o mesmo Apóstolo: "O corpo está morto pelo pecado, mas o Espírito é vida, pela justiça. E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós" (Rm 8,10-11). Nosso Espírito recebeu este penhor, para começarmos pela fé a servir a Deus, e pela fé sermos denominados justos; porque o justo vive da fé (cf Rm 1,17). Tudo aquilo que em nós ainda repugna e resiste, provém da mortalidade da carne; e isto será curado. "Dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós". Deu o penhor para cumprir o que prometeu. Que acontecerá, então, nesta vida, quando ainda temos de confessar, sem ainda possuir, que sucederá nesta vida? Como se dará a cura? "Ele cura os contritos de coração"; mas a saúde perfeita será então, no fim, como dissemos. E agora, como será? "E pensa-lhes as fraturas". Aquele que cura os contritos de coração, cuja perfeita cura será na ressurreição dos justos, agora pensa-lhe as fraturas.

7 Quais são as ligaduras da contrição? Do mesmo modo que os médicos enfaixam as fraturas. Algumas vezes, contudo. Compreenda isso, V. Caridade, e é sabido daqueles que o observaram ou ouviram contar os médicos. Acontece que algumas vezes os médicos para corrigirem os ossos que se consolidaram mal e distorcidos, quebram-nos e fazem novo ferimento, porque era má a consolidação errada. Assim, diz a Escritura: "Os caminhos do Senhor são retos. Mas os de coração pervertido tropeçarão neles" (Os 14,10). Que quer dizer: "corações pervertidos?" Coração torto, aquele que tem o coração torto. Ele julga torto tudo que Deus diz, julga torto o que Deus fez, desagradam-lhe todos os juízos de Deus, principalmente quando ele corrige; e senta-se, e disputa como Deus age mal, porque não faz segundo sua vontade. Coração distorcido, não lhe basta não se corrigir segundo o que Deus manda; quer ainda torcê-lo para seu lado. Que lhe fala Deus do alto? Estás torto, e eu sou bem adaptado. Se fosses reto, perceberias minha eqüidade. Do mesmo modo que se colocasses no pavimento um pedaço de madeira torto, não se ajustaria, mas balançaria de todos os lados, mover-se-ia. Não é a desigualdade do pavimento que faz isso e sim a distorção do lenho. Por isso diz a Escritura: "Como é bom o Deus de Israel para os retos de coração!" (Sl 72,1). E então? Como se retifica o coração torto? É torto e é duro; por isso, o torto e duro seja quebrado, esmagado, para ser retificado. Tu mesmo não podes retificar teu coração: tu deves quebrar, e ele há de retificar. Como quebras? Como esmagas? Confessando, penitenciando-te de teus pecados. Que sentido tem bater no peito? A menos que pensemos que nossos ossos pecaram; e batemos no peito. Mas queremos dizer que nosso coração está contrito para que o Senhor o retifique.

8 Por conseguinte, "ele cura os contritos de coração", os que têm o coração contrito; e a cura do próprio coração será perfeita, quando se completar a restauração prometida ao corpo. Neste ínterim como age o médico? Pensa tua fratura, a fim de poderes chegar à mais completa firmeza, até que se consolide a fratura, que foi enfaixada. Que faixas são

essas? Os sacramentos temporais. São as faixas medicinais de nossa contrição os sacramentos por enquanto temporais, com os quais nos consolamos; e todas essas palavras que vos falamos, que soam e passam, tudo o que se faz na Igreja durante o tempo, constituem faixas de contrição. Da mesma forma que o médico, quando a saúde volta a ser perfeita, tira a ligadura, assim naquela cidade de Jerusalém, ao nos tornarmos iguais aos anjos (cf Mt 22,30), acaso julgais que haveremos de receber o que recebemos aqui? Ou lá será recitado o evangelho, para que nossa fé permaneça? Ou algum superior há de impor as mãos a alguém? Tudo isso são ligaduras de fraturas; serão retiradas quando a saúde for perfeita; mas a ela não se chegaria, sem essas faixas. Portanto, "ele cura os contritos de coração e pensa-lhes as fraturas".

9 4 "Ele conta a multidão das estrelas e chama cada uma por seu nome". Que importância tem o fato de Deus contar a multidão das estrelas? Mesmo os homens tentaram fazê-lo; vejam se puderam realizá-lo; contudo, não tentariam se não esperassem consegui-lo. Deixemos a eles saber o que puderam, e até onde chegaram; quanto a Deus, não considero grande coisa que ele conte todas as estrelas. Será que computa seu número para não esquecê-lo? É grande coisa que Deus conte as estrelas, se ele conta os cabelos da cabeça? (cf Mt 10,30). É claro, irmãos, que Deus tenciona fazer-nos entender alguma coisa com estas palavras: "Ele conta a multidão das estrelas e chama cada uma por seu nome". Existem na Igreja certas estrelas, luzes que consolam nossa noite, todos aqueles mencionados pelo Apóstolo: "No seio da qual brilhais como astros no mundo". Diz ele: "No meio de uma geração má e pervertida, no seio da qual brilhais como astros no mundo, mensageiros da palavra de vida" (Fl 2,15-16). Deus conta as estrelas; tem numerados todos os que hão de reinar consigo, todos os que deverão ser agregados ao corpo de seu Unigênito, e conta-os. Quem é indigno, nem é contado. Muitos acreditaram, muitos se agregaram a seu povo, por uma sombra de fé; contudo ele conhece o que deve contar, e o que deve ser excluído. Pois, tão grande é a elevação do evangelho que se cumpre a palavra: "Eu os anunciei e narrei; multiplicaram-se acima de qualquer número" (Sl 39,6). Existem, portanto, no meio do povo certos supernumerários. Que significa: supernumerários? Mais do que lá hão de estar. Dentro dessas paredes mais estão do que hão de estar no reino de Deus, naquela Jerusalém celeste; eles estão acima do número. Observe cada um se brilha nas trevas, se não se deixa seduzir pela tenebrosa iniqüidade do mundo; se não for seduzido nem vencido, será qual estrela já contada por Deus.

10 "E chama cada uma por seu nome". Aí está todo o prêmio, temos certo nome junto de Deus. Devemos, a fim de que Deus conheça nosso nome, desejar isto, agir assim, nisso nos enpenharmos na medida que pudermos, não nos alegrarmos com outras coisas, nem mesmo de certos dons espirituais. Veja V. Caridade; existem muitos dons na Igreja, conforme declara o Apóstolo: "A um, o Espírito dá a mensagem da sabedoria; a outro a palavra da ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o dom das curas; a outro, o discernimento dos espíritos", isto é, de discernir os bons espíritos dos maus; "a outro, o dom de falar em línguas; a outro, a profecia" (1Cor

12,8-10). Quanta coisa ele disse! E como são grandes! Muitos que usaram mal de tais dons, ouvirão no fim: "Nunca vos conheci". E que responderão no final aqueles que ouvirem a sentença: "Nunca vos conheci? Senhor, não foi em teu nome que profetizamos e em teu nome que expulsamos demônios e em teu nome que fizemos muitos milagres?" Tudo isto em teu nome. E que lhes responderá o Senhor? "Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade" (Mt 7,22-23). Que é então, ser já agora uma luz do céu que consola nossa noite, que não é vencida pela noite? Diz o Apóstolo: "Passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos. Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou címbalo que tine". Que dom não é este de falar as línguas dos anjos e dos homens! Contudo, "se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa, ou um címbalo que tine. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento do todos os mistérios, de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar os montes" (Como são grandes estes dons!), "se eu não tivesse a caridade, eu nada seria". Que dom não é o dom do martírio, e de distribuir todos os seus bens! Todavia, "ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos pobres, ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria" (1Cor 12,31; 13,1-3). Serão tirados esses dons daquele que não tiver a caridade, embora os possua por algum tempo. Ser-lhe-á tirado o que tem, porque falta-lhe algo; falta-lhe justamente aquilo que lhe garantiria a posse dos demais e ele mesmo não pereceria. Que significa o que o Senhor disse: "Pois àquele que tem lhe será dado, mas ao que não tem, mesmo o que tem lhe será tirado"? (Mt 13,12). Daquele que não tem, mesmo o que tem lhe será tirado. Tem a graça de possuir, mas não a caridade para usá-lo. Por este motivo, tanto o que não tem, como o que tem lhe será tirado. Por essa razão, vejamos o que disse aos discípulos, a fim de terem a caridade aqueles que ele queria transformar em estrelas no céu, e que seguissem o caminho que ultrapassa a todos, o Deus que "conta a multidão das estrelas e chama cada uma por seu nome". Os discípulos que haviam sido enviados a pregar, ao voltarem com alegria diziam: "Senhor, até os espíritos imundos se nos submetem em teu nome". E ele que "conta a multidão das estrelas e chama cada uma por seu nome", sabendo que muitos haveriam de dizer: "Não foi em teu nome que expulsamos demônios?" aos quais responderia no fim: "Nunca vos conheci", porque não os contou entre a multidão das estrlas, nem os chamou pelo nome, disse: "Contudo, não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus" (Lc 10,17.20). "Ele conta a multidão das estrelas e chama cada uma por seu nome".

11 5 "Grande é nosso Senhor". O salmista encheu-se de alegria, que irrompeu de maneira inefável. Não sei o quê não conseguia exprimir; e como podia pensar? "Grande é nosso Senhor, e grande o seu poder e sua sabedoria não tem limites". Ele que conta a multidão das estrelas, não pode ser medido: "Grande é nosso Senhor, e grande o seu poder e sua sabedoria não tem limites". Quem é capaz de explicá-lo? Quem adequadamente ao menos pode pensar no que foi dito: "E sua sabedoria não tem limites?" Oxalá ele infunda em vós este conhecimento, e onde falhamos, ele que é

poderoso ilumine vossas mentes, para que saibais o que significa: “E sua sabedoria não tem limites”. Notai, irmãos; podem-se contar os grãos de areia? Nós não, mas Deus pode. Ele conta os cabelos de nossa cabeça e os grãos de areia. Tudo o que este mundo encerra de infinito, é incontável para o homem, não para Deus; digo pouco, para Deus, pois os anjos o contam. “Sua sabedoria não tem limites”. Ela excede todos os algarismos; não nos é possível contá-la. Quem conta o próprio número? Todas as coisas numeradas são numeradas por meio dos números. Se uma coisa qualquer é numerada, é numerada por meio do número; quanto ao número não tem número, o número de forma alguma pode ser numerado. Como então é junto de Deus, onde fez todas as coisas e onde? Foi-lhe dito: “Mas tudo dispuseste com medida, número e peso” (Sb 11,20). Ora, quem pode numerar, medir, pesar a própria medida, o próprio número, o próprio peso, com os quais Deus tudo dispôs? Portanto: “Sua sabedoria não tem limites”. Calem as vozes humanas, silenciem-se as cogitações humanas; não se estendam aos seres incompreensíveis como se pudessem compreendê-los, mas como participantes; pois seremos partícipes. Não seremos aquilo que captamos, nem o captaremos totalmente; mas seremos participantes. Foi dito de Jerusalém, de quem Deus congrega os dispersos, foi dito a seu respeito algo de grande: “Jerusalém, construída como uma cidade, que participa in idipsum” (Sl 121,3). Que se chama: in idipsum senão o que não se pode mudar? As demais coisas criadas, podem ser de um modo e de outro; o criador, porém, não pode ser de um modo e de outro. Ele, portanto, é idipsum, porque lhe foi dito: “Mudá-las-ás e se transformarão”. “Mas tu és sempre o mesmo e teus anos não terminarão” (Sl 101,27.28). Por conseguinte, se ele é sempre o mesmo e não pode mudar em nada, participando de sua divindade seremos também nós imortais na vida eterna. E deu-nos o penhor disto no Filho de Deus, conforme já disse a V. Santidade, de sorte que antes de nos tornarmos participantes de sua imortalidade, ele se fez partícipe de nossa mortalidade. Como, porém, ele é mortal, não por sua substância, mas segundo a nossa, assim nós somos imortais, não segundo nossa substância, e sim segundo a dele. Efetivamente seremos participantes. Ninguém o duvide. A Escritura o disse. E de que seremos participantes, como se em Deus existissem partes, ou ele se dividisse em partes? Quem, então, explica como podem muitos ser participantes de um só e simples? Não exijais o que não se pode dizer adequadamente; penso que o entendeis. Mas voltai ao remédio de nosso Salvador. Esmagai o coração, quebre-se a dureza do ânimo, quebrante-se a pertinácia do espírito, acusa-se o mal para renascer quanto ao bem. Ele mesmo retificará, ligará a fratura, consolidará a cura; e já não nos serão impossíveis as coisas que agora são impossíveis. Pois é bom que confesse a fraqueza quem deseja chegar à divindade. “E sua sabedoria não tem limites”.

12 6 Ora, para que saibas o que fazer quando houver dificuldade de se entender, o salmista te mostra no ver-sículo seguinte: “O Senhor ampara os humildes”. Por exemplo: Não entendes, entendes pouco, não consegues. Honra a Escritura de Deus, honra a palavra de Deus, embora não abertamente; adia a sua compreensão, por causa da piedade. Não sejas malvado, acusando a obscuridade, ou quase a perversidade da Escritura. Aqui nada há de perverso; de obscuro existe, mas não para te negar o acesso,

e sim para te preparar a receber. Por isso, quando um trecho está obscuro, foi o médico quem o dispôs a fim de bateres à porta; quis que te exercitasses batendo; quis que se abrisse a quem bater (cf Mt 7,7). Batendo tu te exercitas; estando exercitado, tu te alargas tendo-te tornado mais amplo, captarás o que é dado. Portanto, não te encolerizes por encontrar a porta fechada; sê manso, sê tranqüilo. Não recalcitres contra as obscuridades, dizendo: Seria melhor se fosse dito assim. Pois, quando poderás dizer ou julgar o modo conveniente de falar? Assim foi proferido porque assim se devia dizer. O doente não corrija seu medicamento. O médico sabe modificá-lo; acredita naquele que te cura. Por isso como continua o salmo? "O Senhor ampara os humildes". Não resistas então, contra o que Deus fecha; sê manso, para que ele te acolha. Se resistes, escuta o que segue: "Aos pecadores humilha até o chão". Há muitas espécies de pecadores: "Aos pecadores humilha até o chão". Que pecadores senão os contrários aos mansos? Pelo fato de ter dito: "O Senhor ampara os humildes e aos pecadores humilha até o chão", deu a entender certa espécie de pecadores, suge-rida pela predita mansidão. Neste texto indica como pecadores os impacientes, os que não são mansos. Porque humilha até o chão? Uma vez que censuram as coisas inteligíveis, haverão de sentir as coisas terrenas.

13 Assim Deus agiu para com os que quiseram zombar da lei, mais do que conhecerem. Não foram mansos. Entenda V. Caridade. Existe certa seita perdida, a dos maniqueus. Zombou das Escrituras aceitas e lidas; quis criticar o que não entendia, e discutindo e censurando o que não havia entendido, fez cair no laço a muitos. Mas foram humilhados os que assim quiseram fazer, até o chão. Não lhes foi permitido entender as coisas celestes, e tiveram gosto pelas terrenas. Tudo o que ouves em suas fábulas, não passa de blasfêmias, e invenções de imagens materiais. Na verdade, querendo entender a Deus, chegaram com o pensamento até esta luz visível; não puderam ir além. E dividiram o reino de Deus em campos de luz, considerando-o semelhante a este sol visível, que seria fruto da luz divina. Tudo o que se toca nessa terra carnal é terra para Deus. Pois, temos com que ver, ouvir, cheirar, provar, tocar. Esta carne, através de cinco mensageiros que denominamos sentidos, percebe apenas as coisas corporais; quanto às inteligíveis e espirituais são apreendidas pela mente. Eles, portanto, que zombaram da obscuridade das Escrituras (fechadas para que se exercitassem os que batiam à porta e não para serem negadas ao pequenos), foram humilhados até o chão, de sorte que não puderam ir mais longe com suas cogitações do que o que se percebe pela terra. Que quero dizer com a expressão: Pela terra? Pela carne. Pois, esta carne é terra, e foi tirada da terra. Tudo aquilo que apreendes por meio dos olhos, pertence à terra; tudo o que captas pelos ouvidos, pelo olfato, pelo gosto, pelo tato pertence à terra, porque se percebe por meio da terra. Eles, portanto, não conseguiam entender a sabedoria sem limites, porque "sua sabedoria não tem limites". Criticando as Escrituras, que escondem do modo salutar o seu sentido em figuras místicas, para exercício dos pequenos, por sua crítica se tornaram impacientes, o que é o inverso da mansidão; foram humilhados até ao chão, a fim de não poderem perceber o Deus incorporal, e pensassem de modo corporal tudo o que pensassem sobre Deus.

14 7 “Aos pecadores humilha até o chão”. Que devemos fazer se não queremos ser humilhados até o chão? É coisa grandiosa avançar até os seres inteligíveis, é grandioso avançar até os seres espirituais, grandioso atingir com o coração o conhecimento de existir algo que não se estende por algum lugar, nem varia com o tempo. Qual, pois, a forma da sabedoria? Quem pode abrangê-la com o pensamento? É longa? É quadrada? É redonda? Ora está aqui, ora ali? Alguém reflete sobre a sabedoria no oriente, outro reflete sobre ela no ocidente; se refletem bem, apesar de situados em tamanha diversidade de lugar, ela se apresenta toda inteira a ambos. Que é isto? Quem o apreende? Quem apreende esta substância, esta natureza divina e imutável? Não te apresses, poderás captá-la. Ouve o versículo seguinte: “Começai cânticos, confessando ao Senhor”. Começa por aí, se queres chegar à inteligência clara da verdade. Se queres ser conduzido pelo caminho da fé à posse da realidade, começa pela confissão. Primeiro te acusa; tendo te acusado, louva a Deus. Invoca aquele que ainda não conheces, para que venha e seja conhecido; propriamente não venha, mas para que te conduza a ele. Como ele pode ir para lá de onde jamais se afastou? Tal é a perfeição da sabedoria; está em toda a parte, mas está longe dos maus; está em toda a parte, dizia, e longe está dos maus que se encontram em toda a parte. Pergunto-vos: De quem está longe aquele que está em toda a parte? Onde imaginais que isto acontece, senão porque os que apagam em si a semelhança de Deus, jazem em sua dessemelhança? Feitos dessemelhantes, afastaram-se; refeitos, voltam. Onde seremos reformados? Quando seremos reformados? “Começai cânticos, confessando ao Senhor”. E que sucede depois da confissão? Seguem-se as boas obras. “Salmodiai ao nosso Deus ao som da cítara”. Que quer dizer: “ao som da cítara?” O que já expus, em relação ao saltério em outro salmo; assim também relativamente à cítara; não somente com a voz, mas também com as obras. “Salmodiai ao nosso Deus ao som da cítara”.

15 8 Eis: Confessai, praticai obras de misericórdia: “Salmodiai ao nosso Deus”. Quem é o “nosso Deus? Aquele que cobre de nuvens o céu”. Que significa: “Que cobre de nuvens o céu?” Que cobre a Escritura com figuras e sacramentos. Ele que humilha os pecados até o chão, que ampara os humildes, “cobre de nuvens o céu”. E quem vê o céu coberto de nuvens? Não temas; escuta o que vem em seguida: “Que cobre de nuvens o céu e à terra prepara a chuva. Que cobre de nuvens o céu”; tu te assustaste, porque então não vês o céu; depois de chover, darás fruto e verás um céu sereno. “Que cobre de nuvens o céu e à terra prepara a chuva”. Talvez tenha sido o Senhor nosso Deus quem o fez. Se a obscuridade da Escritura não nos oferecesse ocasião, não vos diríamos tais coisas, que vos regozijam. Talvez seja esta a chuva que vos alegra. Não seria possível exprimi-lo por meio de nossa língua, se Deus não cobrisse das nuvens das figuras o céu das Escrituras. Ele, com efeito, cobre o céu de nuvens para preparar a chuva para a terra. Quis que os ditos dos profetas fossem obscuros para exisitirem posteriormente servos de Deus que interpretando-as fizessem chover sobre os ouvidos e os corações dos homens, os quais recebem das nuvens de Deus o alimento da alegria espiritual. “Que cobre o céu de nuvens, e à terra prepara a chuva”.

16 “Que produz a relva das montanhas e as plantas para o serviço do homem”. Eis o resultado da chuva. “Que produz a relva nas montanhas”. Por acaso não o faz também na terra baixa? Mas, trata-se do que é grande, “nas montanhas”. Montanhas são os ilustres da terra; interpreta essas montanhas como sendo os dignitários. Não é espantoso que tenha certa viúva colocado dois dinheiros no tesouro do templo (cf Mc 12,42). A terra, a terra baixa, produziu a relva; também o monte o produziu. Zaqueu, aquele príncipe dos publicanos, ainda era mais admirável, porque a montanha produziu relva (cf Lc 19,2-8). Quanto mais orgulhosos os homens, tanto mais são avaros; e quanto mais são importantes neste mundo, tanto mais amam suas riquezas. Daí vem que afastou-se triste aquele rico que pedia ao Senhor um conselho sobre a vida eterna e chamou-o de mestre bom: “Que farei para ter a vida eterna? Respondeu: “Guarda os mandamentos. Quais?” E proferiu os mandamentos da lei. “Tudo isso eu tenho guardado desde a juventude. Disse ele: Uma coisa te falta. Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me” (Mt 19,16-21; Mc 10,17-22). Que disse o Senhor? Eis que és um monte, recebe a chuva e produz a relva. Que darás? Não será a relva? Efetivamente, todas essas coisas que os ricos dão à Igreja para as necessidades dos que servem a Deus, que são senão feno? São bens carnais, e aparentes, temporários; não se adquire com eles algo de carnal. Observa o que podes comprar com coisas banais. O Apóstolo querendo mostrar que são feno, disse: “Se semeamos em vosso favor bens espirituais, será execessivo que colhamos os vossos bens materiais?” (1Cor 9,11). E escuta como o feno é coisa material: “Toda carne é feno e toda a glória do homem como a flor do feno” (cf Is 40,6). Entretanto, o rico afastou-se triste; e o Senhor declarou: “Um rico dificilmente entrará no reino dos céus” (Mt 19,23). É portanto, importante que ele produza “a relva nas montanhas”. E como “produz a relva nas montanhas”, se aquele rico, tendo ouvido que devia dar suas propriedades aos pobres, afastou-se pesaroso? Como depois o Senhor respondeu aos apóstolos contristados: “Ao homem isso é impossível, mas a Deus tudo é possível” (Mt 19,26). Por conseguinte, para ele “que produz a relva nas montanhas”, tudo é possível. Pois, nada seria mais estéril do que os montes duríssimos. Fez chover aquele que “produz a relva nas montanhas e as plantas para o serviço do homem”. Que serviço? Dá atenção ao próprio Paulo: “Quanto a nós mesmos, apresentamo-nos como vossos servos por Jesus Cristo” (2Cor 4,5). Ele que dizia: “Se semeamos em vosso favor os bens espirituais, será excessivo que colhamos os vossos bens materiais?” declara-se servo. Nós vos servimos, irmãos. Nenhum de nós se apresente como se fosse acima de vós. Seremos maiores, se formos mais humildes. “Aquele que quiser tornar-se grande entre vós” (é sentença do Senhor) “seja aquele que serve” (Mt 20,26). Portanto, ele “produz a relva nas montanhas e as plantas para o serviço do homem”. Ora, o apóstolo Paulo que vivia do trabalho de suas mãos, não quis receber a relva dos montes; preferiu passar necessidade; todavia as montanhas produziram relva. Então, considerando que ele não quis receber, a relva das montanhas, por isso as montanhas deviam abster-se de produzir, permanecendo estéreis? À chuva deve corresponder o fruto, ao servo se corresponde com alimento, conforme disse o Senhor: “Comei o que vos servirem”. E para os que os acolhiam não

julgarem que davam do que era seu, ele declara: “Pois o operário é digno do seu salário” (Lc 10,8.7).

17 Por isso, irmão, como aconteceu que a esse respeito vos falamos um pouco[1], principalmente porque falamos sem procurar tais benefícios de vossa parte, falamos com mais liberdade; mas mesmo que o procurássemos, procuraríamos vosso fruto, vossa justiça e não as vossas riquezas. Contudo, admoesto-vos brevemente, porque já falamos muito e enfim devemos terminar: Se não quereis ser estéreis, e à chuva corresponder com a fertilidade, a fim de não ser condenada posteriormente a vossa esterilidade (pois Deus ameaça a terra estéril e espinhosa com o fogo [cf Hb 6,7.8], como à fértil prepara o celeiro), exigi muito de vós mesmos, tornai-vos vossos agentes do fisco. Cristo o exige silenciosamente; e mais forte é a voz daquele que cala, porque não cala no evangelho. Com efeito, não cala, quando declara: “Fazei amigos com o dinheiro da iniqüidade, a fim de que eles vos recebam nos tabernáculos eternos” (Lc 16,9). Ele não cala; ouvi a sua voz. Ninguém, de fato, pode exigir de vós senão quando é necessário exigir, de sorte que vos peçam aqueles que vos servem por causa do evangelho. Se acontecer que peçam, cuidai de não pedirdes em vão o que pedis a Deus. Sede, portanto, vossos cobradores, a fim de não acontecer que aqueles que vos servem por causa do evangelho, não digo que sejam obrigados a pedir, pois talvez nem coagidos peçam, mas que não vos censurem em silêncio. Daí vêm as palavras: “Feliz quem entende o necessitado e o pobre” (Sl 40,2). Se o salmista diz: “quem entende o necessitado e o pobre”, diz que não espere que o pobre peça. Deve-se entendê-lo. Uma coisa é o indigente procurar-te, outra, a maneira como tu deves procurá-lo. Ambas as coisas foram prescritas, meus irmãos, tanto: “Dá a quem te pedir” (Lc 6,30), que acabamos de ler, quanto em outra passagem da Escritura: “fique suada a esmola em tua mão até que encontres a quem dar”. Um te procura, a outro tu deves pro-curar. Não deixeis sem socorro o que te procura: “Dá a quem te pedir”, mas a outro deves procurar: “Fique suada a esmola em tua mão até que encontres a quem dar”. Nunca o fará quem não reservar um pouco de seus bens, conforme for conveniente a cada um segundo as necessidades de sua família, como sendo uma dívida a pagar ao fisco. Se Cristo não tem sua república, não terá também seu fisco. Sabeis o que é o fisco? Fisco é uma sacola; de onde vêm fiscella (cestinho) e fiscina (cesta). Não julgueis que o fisco é um dragão, porque tem-se medo ao ouvir falar de cobrador do fisco; fisco é uma sacola pública. O Senhor a possuía aqui na terra, quando tinha uma bolsa; e estava confiada a Judas (cf Jo 12,6). O Senhor tolerava Judas, traidor e ladrão, e para com ele demonstrava em toda parte a sua paciência; no entanto, os que traziam doações, traziam-nas para a bolsa do Senhor. A não ser que imaginais que o Senhor ia pedindo, ou precisava de alguma coisa, ele a quem serviam os anjos e com cinco pães alimentou tantos milhares. Por que, então, quis ter necessidade, senão para dar exemplo aos montes, a fim de que produzissem a erva, e não retribuíssem a chuva com a esterilidade? Separai, portanto, alguma coisa e determinai uma quantia, ou dos produtos anuais ou dos lucros cotidianos. Pois parecerás dar algo de vital, e necessariamente tua mão trepidará se a estendes para dar o que não havias prometido. Reserva uma parte de teus lucros. Queres dar o dízimo? Separa a décima parte, embora seja pouco. Pois foi

dito dos fariseus que eles davam a décima parte: “Jejuo duas vezes por semana, pago o dízimo de todos os meus rendimentos” (Lc 18,12). E que diz o Senhor? “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus” (Mt 5,20). E aqui ele, que tua justiça deve superar, dá o dízimo; tu, porém, não dás nem o milésimo. Como hás de superar aquele a quem nem ao menos igualas? “Que cobre de nuvens o céu e à terra prepara a chuva; que produz a relva nas montanhas e as plantas para o serviço do homem”.

18 9 “Que dá o sustento aos animais”. Estes animais são os rebanhos de Deus. Deus não nega o sustento a sua grei, através dos homens, para cujo serviço faz brotar a relva. Daí as palavras do Apóstolo: “Quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho”? (1Cor 9,7). “Que dá o sustento aos animais e aos filhotes dos corvos que a ele clamam”. Julgamos que os corvos invocam a Deus, para que lhes dê o alimento? Não julgueis que um irracional pode invocar a Deus; só a alma racional invoca a Deus. Tomai a palavra no sentido figurado; não imagineis, conforme dizem alguns ímpios, que as almas humanas reencarnam-se em animais, cães, porcos, corvos. Excluí tais opiniões de vossos corações, de vossa fé. A alma humana foi feita à imagem de Deus (cf Gn 1,26); ele não entregará sua imagem a um cão ou a um porco. E então, que significa: “Aos filhotes dos corvos que a ele clamam?” Quem são os filhotes de corvos? Os israelitas diziam que só eles eram justos, porque haviam recebido a lei; e os componentes todos dos outros povos eram pecadores. Na verdade, todos os povos se achavam no pecado, na idolatria, na adoração das pedras e madeiras; mas permaneceram deste modo? Embora os corvos, nossos pais, não invocassem a Deus, todavia nós, os filhotes dos corvos, o invocamos. “Que dá o sustento aos animais e aos filhotes dos corvos que clamam por ele”. A esses mesmos filhotes dos corvos diz Pedro: “Não foi com coisas perecíveis, isto é, com prata, ou com ouro que fostes resgatados da vida fútil que herdastes dos vossos pais” (1Pd 1,18). O filhotes dos corvos que pareciam adorar os simulacros de seus pais, progrediram, converteram-se a Deus. E agora escutas o filhote do corvo a invocar o Deus único. E então? Abandonaste teu pai? perguntas ao filhote do corvo. Deixei, de fato; pois ele, o corvo, não invoca a Deus, mas eu, seu filhote, invoco a Deus. “E os filhotes dos corvos que a ele clamam”.

19 10 “Não lhe agrada o vigor do corcel”. O vigor do corcel é a soberba. O cavalo parece adequado a ser um estrado para o homem, para que caminhe mais alto. Com efeito, ele tem a cerviz, que indica certa soberba. Que os homens não se exaltem por suas dignidades, não se considerem ilustres devido às honrarias; acautelem-se para não caírem do cavalo indômito. Eis o que diz outro salmo: “Uns confiam nos carros e outros nos cavalos”. Nós, porém, “exultaremos no nome do Senhor nosso Deus” (Sl 19,8.9). Isto é, eles se gloriam das honrarias temporais, nós, contudo, nos gloriamos no nome do Senhor nosso Deus. Por isso, que lhes aconteceu? Verifique a continuação do salmo: “Eles se emaranharam e caíram. Mas nós levantamos e ficamos firmes de pé” (Sl 19,8.9). “Não lhe agrada o vigor do corcel, nem se compraz nos tabernáculos do homem”. Diz o salmo: “Nos tabernáculos do homem”. Com efeito, existe o tabernáculo

do Senhor, a própria santa Igreja difundida por toda a terra. Os hereges, separando-se dos tabernáculos da Igreja, fabricaram taberná-culos para si; nesses tabernáculos humanos Deus não se compraz. Mas presta atenção ao filhote dos corvos a dizer: “Prefiro estar no limiar da casa do Senhor a habitar nas tendas dos pecadores” (Sl 83,11). Efetivamente, se acontecer talvez a um filhote de corvo que invoca a Deus, bom, piedoso, que confessa sua fraqueza, não ter na Igreja uma dignidade temporal, não saia da Igreja, não construa para si, fora da Igreja, um tabernáculo, em que Deus não se compraz. Mas que dizer? “Prefiro estar no limiar da casa do Senhor a habitar nas tendas dos pecadores. Nem se compraz nos tabernáculos do homem”.

20 11 Mas que acrescenta o salmista? “Gosta o Senhor dos que o temem e na sua misericórdia confiam”. Gosta o Senhor dos que o temem; mas por acaso que temem a Deus como ao ladrão? De fato, teme-se o ladrão, o animal é temido, e do homem injusto e poderoso tem-se muito medo. “Gosta o Senhor dos que o temem”; mas como? “E na sua misericórdia confiam”. Com efeito, Judas, o traidor de Cristo temeu, mas não esperou em sua misericórdia. Depois se arrependeu de ter traído o Senhor e disse: “Pequei, entregando um sangue inocente”. Foi bom que tiveste temor; contanto que esperasses na misericórdia daquele a quem temeste. Judas, desesperado, retirou-se e foi se enforcar (cf Mt 27,4.5). Portanto, teme o Senhor de tal forma que esperes em sua misericórdia. Se temes um ladrão, esperas auxílio de outro, não daquele a quem temes; pedes auxílio de alguém a quem não temes contra aquele a quem temes. Se temes a Deus, e de tal modo o temes por seres pecador, de quem receberás auxílio contra Deus? A quem irás? que farás? queres fugir dele? Foge para junto dele. Queres fugir de Deus irado? Foge para junto dele, já aplacado. Tu, porém, o aplacarás se esperares em sua misericórdia; e assim te acautelarás de ainda pecar, a fim de seres atendido a respeito dos pecados passados e seres perdoado pelo Senhor, ao qual são devidos honra e império com o Pai e o Espírito Santo nos séculos dos séculos. Amém.

1 Cf Com s/salmos 103, sermão 3,9-12.

SALMO 147

SERMÃO AO POVO

1 Lembra-se V. Caridade que adiamos o sermão sobre o salmo que agora cantamos até o dia de hoje. Ele havia sido lido no domingo, e deveria ser comentado. Mas então comovidos pela leitura do evangelho, devido ao grande temor que sentimos e tendo em vista o vosso proveito, detemo-nos naquilo que o Senhor nos recomendou sobre o último dia, querendo que esperássemos cautelosos e vigilantes a sua vinda. Atemorizando-nos pelos exemplos, a fim de não nos condenar no juízo, declarou que a vinda do Filho do homem será como nos dias de Nóe: os homens comiam e bebiam, compravam, vendiam, casavam-se e adquiriam esposas, até que Nóe entrasse na arca; e veio o dilúvio e todos pereceram (Mt 24,37.42; cf Le 17,26). Preocupados, portanto, e tomados de grande temor (pois quem não temerá se tiver fé?), detemo-nos neste assunto, quanto foi possível, de tal modo que o sermão desenvolveu a questão de vossos costumes, vossa vida e de todos nós, tendo em vista que possamos esperar aquele dia não somente seguros, mas até desejá-lo. Se amamos a Cristo, devemos anelar por sua vinda. Pois é perverso, e nem sei se seria verdadeiro amor, temer que venha aquele a quem se ama; pedir: "Venha teu reino" (Mt 6,10), e ter medo de ser atendido. De onde, então, provém o temor? Porque o juiz está para vir? Será ele injusto? Ou malévolo? Ou invejoso? Ou, finalmente, espera instruir tua causa por meio de outro? Ou talvez aquele a quem instruíste, pode te enganar prevaricando, ou faltando-lhe eloqüência ou capacidade, não conseguirá demonstrar tua inocência por suas palavras? Nada disso. Quem, então, é que virá? Por que não te alegras? Quem virá para te julgar senão aquele que veio para ser julgado por tua causa? Não temas o acusador, do qual ele mesmo disse: "Agora o príncipe deste mundo foi lançado fora" (Jo 12,31). Não receies um mau advogado, pois agora é teu advogado aquele que então há de ser teu juiz. Será entre ele e tu, e tua causa; a defesa de tua causa é o testemunho de tua consciência. Sejas quem fores que temes o futuro juiz, corrige tua consciência atual. Não te basta que não indagará acerca do passado? Julgará então sem mais espaço de tempo; mas com quanto espaço de tempo agora dá preceitos? Então já não será permitido corrigir-se; e agora, quem o impede? Ao recomendarmos com veemência tudo isso no domingo, porque na verdade é quase a única coisa que devemos dizer, passou-se bastante tempo e fomos obrigados a adiar para hoje o comentário deste salmo que estávamos disposto a expor. Agora ele está aí; fixemos nele o olhar, ou antes em Deus que se dignou dispensar-nos estas palavras em seu Espírito, conforme ele sabe conveniente às nossas fraquezas. Pois, qual o doente que ousa dar conselhos ao médico?

2 Ao ser lido o salmo, acredito que todos ou muitos de vós notaram que alguns versículos nos impelem a bater à porta para que se nos abram, especialmente este trecho: "Faz cair a neve como lã, espalha a névoa como cinza, envia cristais de gelo como

pedaços de pão. Exposto a seu frio quem resistirá?" Tendo ouvido essas coisas, quem as tomar à letra, pensa de fato nas obras divinas. Pois, quem dá a neve, a não ser Deus? E quem espalha a névoa, senão Deus? Quem endurece o gelo senão ele? E essas três figuras têm as correspondentes semelhanças, em sentido oposto. A lã não é muito diferente da neve, ou a cinza da névoa, ou um pedaço de pão branco do brilho e candor do cristal. O cristal, efetivamente, é uma espécie de vidro, mas é branco. Contam isso os que o sabem; por isso não devemos duvidar, porque a fidelíssima Escritura disso dá testemunho: diz-se que o cristal de gelo, neve endurecida no decorrer de muitos anos, sem se derreter; de tal forma congela que não é fácil o degelo. A neve do inverno precedente facilmente se dissolve com a chegada do verão; não lhe advêm os anos para corroborar a sua dureza. Onde, porém, a quantidade de neve acumulada por muitos anos uma sobre as outras, e por sua abundância vence a violência do verão, não só de um verão, mas de muitos, principalmente como aconteceu em algumas partes da terra, isto é, nas plagas do norte, onde nem no verão encontra-se um sol muitíssimo ardente, a mesma dureza prolongada e anual produz esta espécie de objeto que se chama cristal de gelo. Preste atenção, V. Caridade. Que é o cristal de gelo? É neve congelada por muitos anos, de tal sorte que não possa facilmente ser dissolvida pelo sol ou pelo fogo. Nós o expusemos um pouco longa-mente, porque muitos ignoram; nem mesmo aqueles que talvez o soubessem, não devem ter por oneroso o sermão sobre assunto conhecido, utilizado não por sua causa, mas por causa daqueles que o ignoravam. Ao ouvirdes essas palavras cantadas pelo leitor, não duvido que os pensamentos de uns e outros eram diferentes. Alguns devem ter dito, e é verdade: São grandes as obras do Senhor, por isso algumas partículas foram mencionadas, de obras terrenas e conhecidas de quase todos, como Deus faz nevar, como espalha a névoa, como solidifica o cristal. Outros terão dito consigo mesmos: Pensas que na Escritura estas coisas foram citadas sem razão, ou verdadeiramente tudo isso se dá conforme soa? Não nos terão insinuado algo esta neve e esta lã, a névoa e a cinza, o cristal e o pão? Mas por que a Escritura quis se exprimir assim, por meio de comparações nebulosas? Não seria muito melhor falar claramente? Por que hei de perguntar ou hesitar sobre o sentido daquelas palavras? Por que ao ouvi-las faço tal esforço? Por que muitas vezes depois de ouvir um salmo, saio daqui sem entender? É o que disse um pouco antes: suporta o tratamento; assim hás de ser curado. É muito soberbo e precipitado o doente que ousa dar avisos ao méduco, mesmo em se tratando de um homem. O doente ousará dar conselhos ao médico? Quando é um homem que está doente e Deus o trata, o início válido de piedade e de cura consiste em que antes de saberes por que algo foi dito, acreditar que assim devia ser proferido o que foi proferido. Esta piedade te tornará capaz de procurar entender o que foi dito, e ao procurares encontrarás, e ao encontrares te alegrarás. Apresente-se, portanto, junto do Senhor nosso Deus este afeto de vossas preces; e que se ele se digne, se não por nossa causa, certamente por vossa causa, esclarecer o que aqui está escondido. Agora, portanto, imaginai que nós, uma vez que prometemos um dia de determinado espetáculo e representação divina, depois de proferidos estes versículos que ainda não foram explicados, apresentamos alguns invólucros de nosso Empresário. Efetivamente, são

apresentados enrolados, para que se espere sejam abertos; vós, porém, preprarai-vos não só para contemplar, mas também para, revestidos, participardes da representação.

3 Havíamos dito no domingo, se V. Caridade se recorda, os que estavam presentes, que a leitura do evangelho sobre a qual longamente nos detemos a ponto de diferirmos a exposição do salmo, estava muito de acordo com o mesmo salmo. Nós o declaramos então, mas não pudemos demonstrá-lo, porque adiamos a explicação do salmo. Hoje, portanto, vamos mostrar esse acordo. Naquela leitura muito nos assustamos por causa do último dia. Aquele medo gera segurança. Aterrorizados, precavemo-nos, e precavendo-nos tornamo-nos seguros. Assim como uma segurança sem fundamento impele ao temor, uma solicitude bem ordenada gera segurança. Fomos atemorizados a fim de não amarmos a vida presente, deficiente, rápida, transitória, como se não houvesse outra; se, de fato, não existe outra, amemos a atual. Se não existe outra vida, são mais felizes do que nós os que hoje estiveram acordados no anfiteatro. Pois, o que diz o Apóstolo? “Se temos esperança em Cristo tão-somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os homens” (1Cor 15,19). Existe, portanto, outra vida. Interrogue cada qual a Cristo, com fé; mas a fé está adormecida. Com razão flutuas, porque Cristo dorme na barca. Pois, Jesus dormia na barca e a barca flutuava no meio das águas e de grande tempestade (cf Mt 8,24-25). Ora, o coração flutua quando Cristo dorme. Mas, Cristo sempre está desperto; que significa então: Cristo dorme? Dorme a tua fé. Por que ainda és sacudido pela tempestade da dúvida? Desperta o Cristo, desperta tua fé; contempla com os olhos da fé a vida futura, em vista da qual acreditaste, e foste assinalado com o sinal daquele que assumiu esta vida para te mostrar quão desprezível era a que amavas, e quão desejável aquela em que não acreditavas. Se, portanto, despertares a fé, e fixares os olhos da fé nos últimos acontecimentos e se pensares no século futuro em que nos alegraremos após o segundo advento do Senhor, depois de realizado o juízo, após ter sido entregue aos santos o reino dos céus, se pensares naquela vida, caríssimos, e na ocupação, no lazer, do qual freqüen-temente vos falamos, não há de soçobrar nossa ocupação, ocupação que é lazer, repleto apenas de suavidade, sem incômodos, sem fadiga, sem nuvem alguma de perturbação. Qual será nossa ocupação? Louvar a Deus, amar e louvar; louvar com amor, amar com louvor. “Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos” (Sl 83,5). Por que, senão porque pelos séculos dos séculos haverão de te amar? Por que, senão pelos séculos dos séculos haverão de te ver? Que espetáculo, meus irmãos, será a visão de Deus! Os homens vêem um caçador e se deleitam; ai desses infelizes, se não se corrigirem! Pois, os que vêem o caçador e se deleitam, verão o Salvador e se contristarão. Que haverá de mais miserável que aqueles para os quais o Salvador não trará a salvação? Não é de admirar que Deus não dará a salvação que liberta àqueles que se deleitam em ver um homem lutar. Nós, porém, irmãos, se nos lembrarmos de seus membros, se desejarmos, se perseverarmos, veremos e nos alegraremos. Aquela cidade não terá, depois de purificados todos os seus cidadãos, sedioso algum ou turbulento. Aquele inimigo que agora nos inveja procurando impedir que cheguemos à pátria, ali já não pode armar ciladas, porque nem ao menos lhe é permitido estar ali. Pois, se agora é expulso do

coração dos fiéis, como não será excluído da cidade dos vivos? Que será, irmãos, que será, pergunto-vos, estar naquela cidade, se é tão grande alegria falar sobre ela? Para esta vida futura devemos preparar nossos corações. Todo aquele que preparar o coração para isto, despreza esta vida; desprezada esta, seguro esperará o dia, de cuja expectativa o Senhor nos atemorizou.

4 Enquanto este salmo nos descreve e canta a vida futura, o evangelho nos assustou a respeito da presente; o salmo desperta o amor da vida futura, e o evangelho nos incute temor sobre a presente. As letras do Novo Testamento não calam sobre os deleites futuros, principalmente nas passagens onde trata do que quer dar a entender sem figuras; ali parecem claras, a fim de serem entendidas aqui as obscuras. Como se nos dissesse o evangelho: Notai que o último dia há de vir, o dia da vinda do Filho do homem; ele há de encontrar em más condições os que agora se sentem seguros, porque estão erradamente seguros; estão seguros no meio dos prazeres do mundo, quando deviam estar seguros, domando as ambições mundanas; por sua vez, já o Apóstolo nos preparou para aquela vida, em termos que então igualmente citei: "Eis o que vos digo, irmãos: o tempo se fez curto. Resta, pois, que aqueles que têm esposa, sejam como se não a tivessem; aqueles que compram, como se não possuíssem, aqueles que se regozijam como se não se regozijassem; aqueles que choram, como se não chorassem; aqueles que usam deste mundo, como se não usassem. Pois passa a figura deste mundo. Eu quisera que estivésseis isentos de preocupações" (1Cor 7,29.32). Aquele que coloca toda sua alegria e toda a sua felicidade em comer, beber, casar-se, comprar, vender, usar deste mundo, estar sem preocupações, mas fora da arca, ai dele no dilúvio. Todo aquele, contudo, que quer coma, beba, ou faça alguma coisa, tudo faz para a glória de Deus (cf 1Cor 10,31); e se tem alguma tristeza acerca dos bens mundanos, chora, alegrando-se interiormente pela esperança; e se tem alguma alegria proveniente de coisas mundanas, de tal forma se alegra que interiormente, no espírito, teme, nem se entrega à felicidade corrompendo-se, nem se deixa quebrantar pela adversidade (e isto é chorar como se não chorasse, e alegra-se como se não se alegrasse); todo o que, tendo mulher, compadece-se de sua fraqueza, dando, não exigindo, o débito; ou se por causa da própria fraqueza se casa, lamenta-se antes porque não pôde permanecer sem mulher do que se alegra por tê-la adquirido; todo aquele que vende aquilo que sabe não fazê-lo feliz, se o guardasse; todo o que sabe que passará o que compra; e que não presume de tudo isso, mesmo que haja abundância, que o cerque de todos os lados, e pratica a misericórdia com aquele que não tem, a fim de receber o que não possui daquele que tudo tem; todo aquele que assim age, espera com segurança o último dia, porque não está fora da arca; já é contado entre os lenhos incor-ruptíveis, com os quais a arca foi fabricada. Por isso, não tema o Senhor que vem, mas o espere e deseje; de fato, não virá para infligir castigo, e sim para pôr fim às aflições. Assim ele age por desejo daquela cidade. Ele pratica aquilo a que exortou o evangelho e enche-se de anelos pela cidade cantado pelo salmo. Desta forma o evangelho concorda com o salmo.

5 12 E ouçamos qual a cidade que este salmo canta. Ouçamos e cantemos; nossa alegria,

ao ouvirmos, é um cântico de nosso Deus. Pois, não cantamos apenas quando de nossa voz e de nossos lábios fazemos ressoar o cântico; existe interiormente também um cântico, porque interiormente existem igualmente ouvidos. Cantamos com a voz, para nos estimularmos; cantamos pelo coração, a fim de agradarmos a Deus. Diz-se que o salmo é de "Ageu e Zacarias". Ageu e Zacarias eram profetas. Com efeito, eram profetas no cativeiro daquela Jerusalém que na terra era sombra de outra Jerusalém celeste. Ora, no cativeiro daquela cidade em Babilônia, estes profetas profetizaram a restauração de Jerusalém, profetizaram a cidade nova nascida da restauração da antiga, depois de libertado o povo do cativeiro. Reconhecemos também em nós este cativeiro, se verdadeiramente conhe-cemos nossa peregrinação. Pois, neste mundo, nas tribulações deste século, nesta multíplice turba de escândalos, de certa maneira gememos no cativeiro. Mas seremos reerguidos. Pois, se prenuncia que teremos uma nova cidade, igual, no futuro. Depois que estes profetizaram, aconteceu visivelmente que se desenrolasse tudo o que pertencia ao cumprimento da imagem. Jerusalém foi reconstituída após setenta anos de cativeiro. Assim o profeta Jeremias assinala setenta anos, figurando aquele número setenário todas as vicissitudes do tempo; pois estes dias, como sabeis, decorrem em número de setenta; eles vão e voltam. Portanto, após setenta anos, conforme profetizara o profeta Jeremias acerca da reconstrução de Jerusalém (cf Jr 25,12; 29,10), cumpriu-se a profecia, de tal sorte que nisto se figurava o futuro; foi simbolizado que, após toda esta volubilidade do tempo, que se desenrola segundo o número setenta, viria a nossa cidade, já na eternidade, em um só dia. Na verdade, naquela habitação o tempo não decorre, porque seus habitantes ali não passam. Os profetas em espírito a contemplavam; contemplavam-na e falavam a respeito desta. Mas falavam sobre esta o que levava à outra. Tudo o que acontecia segundo o tempo, segundo os movimentos corporais, segundo os atos humanos, eram sinais e prenúncios do futuro.

6 Ouçamos agora como é cantada aquela cidade, e elevemo-nos até ela. O Espírito de Deus muitas coisas nos recomenda sobre ela, infundindo-nos seu amor, a fim de suspirarmos por ela, gemermos na peregrinação e desejarmos alcançá-la. Amemo-la, e este amor em si já é um caminhar. Amemo-la, conforme fala a boca do santo salmista, a boca profética que profere pelo Espírito de Deus: "Louva em comum, ó Jerusalém, ao Senhor". Aqueles que ainda se acham no cativeiro, vêem os rebanhos, ou antes um só rebanho de todos os cidadãos, congregados de todas as partes naquela cidade; vêem a alegria da massa, depois de trituradas, depois de ventiladas e colocadas no celeiro, sem temor algum, sem padecer labor ou incômodo algum; e ainda estando aqui, vivendo nesta trituração, antecipam a alegria pela esperança e anelam por ela, de certa maneira unindo seus corações aos anjos de Deus, e àquele futuro povo que há de permanecer unido a eles na alegria. "Louva em comum, ó Jerusalém, ao Senhor". Que hás de fazer, ó Jerusalém? Certamente passarão o labor e os gemidos. Que hás de fazer? Arar, semear, plantar árvores, navegar e negociar? Que hás de fazer? Ainda terás de te exercitar naquelas obras, apesar de boas e provenientes da misericórdia? Considera teu número, considera tua sociedade de todas as partes. Verifica se alguém tem fome para lhe dares

pão; se alguém tem sede, para lhe dares um copo de água fria; vê se de algum modo existe um peregrino junto de ti, a quem hospedes; vê se há doentes, aos quais visites (cf Mt 25,35.56); olha se alguém pleteia contra ti, para com ele concordares; vê se alguém morre, para o sepultares. Que farás, então? “Louva em comum, ó Jerusalém, ao Senhor”: eis a tua ocupação. Como é costume escrever nos títulos: Feliz proveito. “Louva em comum, ó Jerusalém, ao Senhor”.

7 Sede Jerusalém. Lembrai-vos de quem foi dito: “Senhor, reduziste a nada em tua cidade a imagem deles” (Sl 72,20). São eles que agora se alegram com tais pompas; entre eles acham-se os que hoje não compareceram porque há espectáculo. De quem o espectáculo? Para quem o prejuízo? Ou onde está o espectáculo? Ou onde o dano? Pois, não são apenas os que dão tais espectáculos que sofrem prejuízo; mas são feridos, por dano maior, os que de bom grado olham tais coisas. Esvazia-se de ouro o tesouro dos empresários; o peito destes é espoliado quanto às riquezas da justiça. Lamentam-se muitas vezes os empresários ao venderem suas propriedades; como não devem lamentar-se os pecadores que perdem as suas almas! Será que o Senhor para isto clamou no domingo: “Vigiai”, visando a que hoje se ficasse desperto desta forma? Rogo-vos, ó cidadãos de Jerusalém; conjuro-vos pela paz de Jerusalém, pelo redentor, pelo construtor, pelo governador de Jerusalém, a que façais preces por eles a Deus. Que vejam, sintam sua futilidade; e apesar de tão atentos àqueles espectáculos que lhes agradam, por vezes olhem para si mesmos e sintam desagrado. Estamos contentes porque em muitos isso já se realizou. Outrora também nós ali nos sentamos, como loucos. E quantos pensamos que ali estão agora sentados, e que hão de se tornar não somente cristãos, mas até bispos? Conjec-turamos de fatos passados ou futuros; de eventos que já se deram, prevemos o que Deus há de fazer. Vossas preces sejam vigilantes; não são inúteis vossos gemidos, irmãos. Com efeito, aqueles que de lá escaparam, rezam por aqueles que correm perigo, porque também eles eram do número dos periclitantes, e são atendidos; Deus retirará do cativeiro de Babilônia o seu povo, há de redimi-los inteiramente e libertá-los, e se completará o número dos santos que trazem a imagem de Deus. Não estarão ali aqueles cuja imagem de Deus desprezará em sua cidade e reduzirá a nada; porque também eles em sua cidade, isto é Babilônia, reduziram a nada a imagem dele. Estará a louvar o Senhor aquele povo que o Espírito de profecia agora prevê, e nos diz que exultemos na esperança, anelando plena realidade. “Louva em comum, ó Jerusalém, ao Senhor. Louva a teu Deus, ó Sião. Louva em comum”, porque constas de muitos; “louva, porque te tornaste um só. Diz o Apóstolo: “Nós, embora muitos, somos um só em Cristo Jesus” (cf 1Cor 10,17). Portanto, como somos muitos, louvamos juntos; porque somos um só, louvamos. Os mesmos que são muitos formam um só; porque aquele no qual somos um, é sempre um só.

8 Por que, diz esta Jerusalém, louvo ao Senhor e louvo a meu Deus em Sião? Sião identifica-se com Jerusalém. Por diversos motivos, dois nomes. Jerusalém significa visão de paz; Sião significa observação. Notai se estes nomes diferem do significado de espectáculos, a fim de que os gentios não pensem que eles têm espectáculo e nós, não.

Algumas vezes, ao saírem do teatro ou do anfiteatro, quando daquela caverna começa a ser vomitada a turba dos homens perdidos, por vezes tendo no ânimo fantasias de sua vaidade, e alimentando sua memória de coisas não somente inúteis, mas até perniciosas, e gozando como se fossem suaves, apesar de pestíferas, vêem muitas vezes, como acontece, passarem os servos de Deus, reconhecem-nos pelo hábito, pela veste ou pela cabeça, ou pelo pudor, e dizem consigo mesmos: Que infelizes! O que perdem! Irmãos, roguemos ao Senhor devido à benevolência deles, porque consideram aquilo um bem. Querem-nos bem; mas quem ama a iniqüidade, odeia a sua alma (cf Sl 10,6). Se odeia a sua alma, como poderá amar a minha alma? Entretanto, por uma perversa, inútil e vã benevolência, se pode ser chamada benevolência, lastimam que percamos o que eles amam; rezemos para que não percam o que nós amamos. Vede qual a Jerusalém que é convidada ao louvor, ou antes qual o salmista apresenta prestes a louvar? Não cabe à voz do profeta exortar e estimular ao louvor aquela cidade, onde veremos, amaremos e louvaremos. Mas, agora os profetas falam a fim de que os que estão nesta carne mortal prelibem as futuras alegrias dos bem-aventurados, e irrompendo sua voz em nossos ouvidos, despertem o amor daquela cidade. Ardamos de anelos; não sejamos indolentes de espírito.

9 13 Mas considerai qual Jerusalém diz o salmista que haverá de louvar a Deus, e como: por certa perfeição da bem-aventurança. "Louva em comum, ó Jerusalém, ao Senhor. Louva a teu Deus ó Sião". E se ela respondesse: Como louvarei com segurança? Ele responde: "Porque ele reforçou os ferrolhos de tuas portas". Atenção, meus irmãos. "Reforçou os ferrolhos de tuas portas". Não se reforçam os ferrolhos de portas abertas, e sim da portas fechadas. Daí vem que alguns códices trazem: "Reforçou as fechaduras (seras) de tuas portas". Preste atenção, V. Caridade. O salmista diz que Jerusalém, com as portas fechadas, louva o Senhor. "Louva em comum, ó Jerusalém, ao Senhor. Louva a teu Deus, ó Sião". Louvamos unidos agora, louvamos agora, mas no meio de escândalos. Entram muitos que não queríamos que entrassem; muitos, apesar de não o querermos, saem; e os escândalos aumentam. Diz a Verdade: "E pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará" (Mt 24,12). Por causa dos que entram, que não podemos julgar e dos que saem, que não podemos reter. Por que isto? Porque ainda não veio a perfeição, nem ainda a bem-aventurança. Por que isto? Porque ainda estamos na eira, não no celeiro. E como será, se não que não deves ter receio de que algo de semelhante advirá? "Louva em comum, ó Jerusalém, ao Senhor. Louva a teu Deus, ó Sião. Porque ele reforçou os ferrolhos de tuas portas". Reforçou. Não disse apenas: Cerrou: "Reforçou os ferrolhos de tuas portas". Ninguém saia, ninguém entre. Ninguém saia, alegremo-nos. Ninguém entre, temamos. Mas, nem isto deves temer, será dito ao entrares. Apenas sê do número das virgens que levaram óleo consigo (cf Mt 25,4).

10 Com efeito, aquelas virgens representam as almas. De fato, não eram apenas cinco, mas aquelas cinco figuravam milhares. No número de cinco entendem-se não apenas as mulheres, mas também os homems; ambos os sexos são aqui denominados mulher, por causa da Igreja; e ambos os sexos, isto é, a Igreja, chamam-se virgens. "Des-posei-vos a

esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura" (2Cor 11,2). A virgindade na carne é de poucos, mas de todos deve ser a do coração. A virgindade da carne é o corpo intacto; a virgindade do coração é a fé incorrupta. Portanto, toda a Igreja é chamada virgem, e com o gênero masculino é denominado povo de Deus. De ambos os sexos consta o povo de Deus, e é um povo, um único povo; e uma só Igreja, uma única pomba; e nesta virgindade encontram-se milhares de santos. Por conseguinte, as cinco virgens significam todas as almas que haverão de entrar no reino de Deus; não é sem motivo que se trata do número cinco, porque são cinco os sentidos do corpo, que todos conhecem. Pois, por cinco portas é que tudo entra através do corpo até a alma. Ou pelos olhos entra o que provoca um mau desejo, ou pelos ouvidos, ou pelo olfato, ou pelo gosto, ou pelo tato. Por estas cinco portas, quem não admitir corrupção, é contado entre as cinco virgens. A corrupção é admitida pelos desejos ilícitos. Os livros das Escrituras estão cheios de explicações sobre o que é permitido e o que não é lícito. Portanto, é necessário que estejas entre aquelas cinco virgens. Não temerás o que foi dito: Ninguém entre. Pois, isto é dito, e se realiza. Mas tendo entrado, ninguém fechará a porta contra ti. Após entrares, fechar-se-ão as portas de Jerusalém e serão reforçados os seus ferrolhos. Quanto a ti, se não quiseres ser virgem de coração, ou, apesar de virgem, preferires estar entre as virgens loucas, ficarás fora, e em vão baterás à porta.

11 Quais são as virgens loucas? Elas também são cinco. Quem são, senão as almas que têm a continência da carne, de sorte que evitam a corrupção proveniente dos sentidos, já enumerados? Evitam a corrupção que vem de todos os lados, mas em sua consciência não praticam o bem diante de Deus; querem com isso agradar aos homens, e seguem um juízo alheio. Andam à caça dos favores do vulgo; em si são vis, enquanto querem ser caras aos espectadores; não lhes basta a consciência. Com razão, não têm óleo consigo. Pois, óleo é a exaltação, figurada por seu brilho e esplendor. Mas que diz o Apóstolo? Considera as virgens prudentes que levam óleo consigo. "Cada um examine sua própria conduta, e então terá o de que se gloriar por si só e não por referência a outro" (Gl 6,4). Estas são, portanto, as virgens prudentes. As estultas, porém, de fato acendem as lâmpadas. Com efeito, suas obras parecem brilhar; mas falham e se extinguem, porque não são alimentadas por um óleo interior. E elas adormecem, porque tarda o esposo; de ambos os gêneros de homens há os que adormecem na morte; dentre as loucas e dentre as sábias, como tarda a vinda do Senhor, vai-se a esta morte corporal e visível, que as Escrituras costumam chamar de sono, como é sabido de todos os cristãos. O Apóstolo assim se refere aos doentes: "Eis porque há entre vós tantos débeis e enfermos e muitos adormeceram" (1Cor 11,30). Adormeceram, diz ele, isto é, morreram. Eis que vêm o esposo e todos ressurgem, mas nem todos entrarão. Apagar-se-ão as obras das virgens estultas, por que não têm o óleo da consciência; não encontram onde comprá-lo; costumam vendê-lo os aduladores. Foi-lhes respondido por algumas que zombavam, não que as invejassem: "Ide, comprai para vós". As insensatas haviam pedido às sábias: "Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando". E que responderam as prudentes? "O azeite poderia não bastar para nós e para vós. Ide antes aos que vendem e comprai para vós". A admoestação era: De que vos servem aqueles

dos quais costumáveis comprar adulações? Enquanto elas foram, as outras entraram. "E fechou-se a porta" (cf Mt 25,1-13). Vão pelo coração, enquanto cogitam de tais coisas, e se afastam da boa intenção, olhando para trás, lembradas dos atos passados; de certo modo vão procurar os que vendem. Então não encontram quem as favoreça, não encontram quem as louve dentre os que costumavam elogiá-las, como que estimulando-as à prática das boas obras; não as faziam, porém, pelo vigor de uma consciência reta, mas por instigação das línguas dos outros.

12 Quanto à palavra: "Poderia não bastar para nós", provém de consideração cheia de humildade. Pois o óleo que trazemos na consciência, é o juízo que fazemos de nós mesmos, quais somos; e é difícil que alguém julgue de maneira perfeitamente correta a si mesmo. Meus irmãos, por mais que um homem progrida, por mais que avance para o que está adiante e se esqueça do que ficou para trás (cf Fl 3,13), se já diz a si mesmo: Está bem, está procedendo segundo uma regra extraída dos tesouros de Deus e examina-se literalmente. E quem se gloriará de ter um coração casto? E quem se gloriará de estar puro de pecado? (cf Pr 20,9). Mas como se exprime a Escritura? "O juízo será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia" (Tg 2,13). Por mais que avances, esperarás na misericórdia. De fato, se a justiça for proferida sem misericórdia, encontrará em cada um o que condenar. Qual a palavra da Escritura que nos consola? A que nos exorta a praticar a misericórdia, de sorte que cresçamos inteiramente, distribuindo nosso supérfluo. Ora, teremos muita coisa supérflua, se guardarmos apenas o necessário; de fato, se procurarmos coisas inúteis, nada nos basta. Irmãos, procurai ter o suficiente para a obra de Deus e não o que satisfaz a vossa cupidez. Vossa ambição não é obra de Deus. Vossa forma, vosso corpo, vossa alma, isso tudo é obra de Deus. Busca o suficiente e verás como é pequena a sua quantidade. Para a viúva bastaram duas moedinhas para praticar a misericórdia, bastaram duas moedinhas para comprar o reino de Deus (cf Mc 12,42). Para vestir tantos caçadores que quantia basta ao empresário? Vede que não apenas é pouco o que te basta, mas nem mesmo o próprio Deus vos pede muito. Procura saber quanto ele te deu, e disso retira o que basta; o restante, que é supérfluo, é necessário aos outros. O supérfluo dos ricos é o necessário dos pobres. Possuem bens alheios os que possuem bens supérfluos.

13 Praticando, portanto, estas obras de misericórdia, e principalmente aquela que é gratuita: "Perdoai, como perdoamos" (Mt 6,12) — e nisto, dás apenas a caridade, que cresce quando é dada — praticando-as, portanto, ardoroso nestas obras de misericórdia, e considerando que as boas obras, conforme já dissemos, não serão necessárias no final, porque não haverá miserável algum para receber esta obra de misericórdia1, aguardarás com segurança o juízo; não tanto garantido por tua justiça quanto seguro por causa da misericórdia de Deus; pois também tu antes praticaste a misericórdia. "Porque o juízo será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia. Mas a misericórdia ultrapassa o juízo" (Tg 2,13). Não julgueis, irmãos, que Deus não é justo quando se compadece de nós, ou se afasta da norma de sua justiça. Tanto ao condenar é justo, como ao se compadecer é justo. Pois, que há de tão justo quanto usar de misericórdia

para com quem a praticou antes? Que há de mais justo do que serdes medidos com a medida com que medistes? (cf Mt 7,2). Dá aos irmãos necessitados. A que irmão? Ao Cristo. Se, portanto, uma vez que dás ao irmão, dás a Cristo; e se dás a Cristo é a Deus, acima de tudo bendito pelos séculos (cf Rm 9,5), Deus quis precisar de ti e tu retrais a mão? Certamente estendes a mão para pedires a Deus. Ouve como fala a Escritura: "Que a tua mão não seja aberta para receber e fechada para retribuir" (Eclo 4,36). Deus quer que distribuas daquilo que ele deu. Com efeito, que podes dar que ele não te tenha concedido? Que tens que não tenhas recebido? (cf 1Cor 4,7). Ou, não digo a Deus, mas a qualquer um dás algo que seja teu? Dás do que é de quem te ordenou dar. Sê distribuidor, não usur-pador. Assim agindo se, bem humilde, disseres a respeito daquele óleo: "Poderia não bastar para nós" (Mt 25,9), entras e fecha-se a porta. Escuta o Apóstolo dizer: "Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós" (1Cor 4,3). Como podeis julgar a minha consciência? Quando podeis examinar com que intenção estou agindo em tudo? Como podem os homens julgar os outros? De fato, pode melhor julgar de si; mas Deus pode mais do que o homem, do que o homem pode a respeito de si. Conseqüentemente, se fores tal, entrarás; estarás entre as cinco virgens; as outras, insensatas, serão excluídas. Efetivamente, isto está escrito no evangelho: Fechar-se-á a porta, e elas ficarão fora, gritando: "Abre-nos"; e não será aberta: "Porque ele reforçou os ferrolhos de tuas portas. Reforçou os ferrolhos de tuas portas", diz o salmo. Com segurança fica de pé, com segurança louva, louva sem fim. Tuas portas estão firmemente fechadas. "Ele reforçou os ferrolhos de tuas portas": Não sai o amigo, não entra o inimigo.

[1] Cf Com s/83, nª 8 e 11.

14 "Abençoou em teu recinto os teus filhos". Não vagam por fora, não peregrinam; dentro alegram-se, dentro louvam, dentro são abençoados; lá dentro não se dá à luz, porque ninguém é gerado. São filhos, são santos; estes filhos santos que já louvam e se alegram, foram concebidos e dados à luz, tendo a caridade por mãe, e foram postos lá dentro pela caridade que os congregou. Escuta como a caridade os faz nascer. O apóstolo Paulo, dotado desta caridade, tinha um coração não somente paterno, mas também materno para com seus filhos. Disse ele: "Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto" (Gl 4,19). Quando Paulo os dava à luz, era a caridade que os dava à luz; quando a caridade os dava à luz, o Espírito Santo os dava à luz; "porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5). Por conseguinte, reúna aqueles a quem concebeu e deu à luz. Agora os filhos já estão lá dentro, estão seguros. Voaram do ninho do temor, voaram para as regiões celestes, voaram para as regiões eternas; já nada receiam de temporal.

15 14 "Abençoou em teu recinto os teus filhos". Quem? "Aquele que estabeleceu a paz em tuas fronteiras". Como exultais todos vós! Amai-a, meus irmãos. Muito nos deleita, quando clama de vossos corações o amor da paz. Como vos deleitou? Nada eu havia dito, nada explicara; apenas pronunciei o versículo e exclamastes. Que foi que vos fez

clamar? O amor da paz. Que foi que se mostrou a vossos olhos? Por que clamastes, se não amais? Como podeis amar, se não vedes? A paz é invisível. Que olho a viu para amá-la? Não aclamaríeis, se não a amásseis. São estes os espectáculos que Deus nos exibe das coisas invisíveis. Quanta beleza não despertou em vossos corações o pensamento da paz? Vosso afeto veio ao encontro de todas as minhas palavras. Não consigo exprimir, não posso, não sou capaz. Adiemos todos os louvores da paz até chegarmos à pátria da paz. Ali a louvaremos plenamente, pois ali a teremos de maneira mais completa. Se a amamos tanto quando apenas começada, como a louvaremos quando for perfeita? Eis o que digo, filhos amados, filhos do reino, cidadãos de Jerusalém: em Jerusalém encontra-se a visão da paz; e todos que amam a paz, serão abençoados nela, e ali entram ao se fecharem as portas e serem reforçados os ferrolhos. Se assim a amais e apreciais quando apenas nomeada, segui-a, desejai-a; amai-a em casa, amai-a no negócio, amai-a na esposa, amai-a nos filhos, amai-a nos servos, amai-a nos amigos, amai-a nos inimigos.

16 É esta a paz que não possuem os hereges. Que faz a paz nas incertezas desta região, nesta nossa peregrinação mortal, quando ainda ninguém é transparente para o outro, ninguém vê o coração do próximo? Que faz a paz? Não julga a respeito das coisas incertas, não afirma o que desconhece; é mais inclinada a pensar bem dos homens do que a suspeitar mal. Não se condói muito de errar ao acreditar o bem mesmo de um malvado; muito pior, porém, se pensa mal talvez acerca de um bom. Não sei como é alguém; que perco, se acredito que é bom? Se é incerto, é lícito ter precaução, porque pode ser verdade; todavia não condenes como se fosse verdade. Assim o ordena a paz. “Procura a paz e segue-a” (Sl 33,15). Que aconselha a heresia? Condena os desconhecidos, condena o mundo inteiro: O mundo todo está perdido, não há cristãos, só resta a África. Julgaste bem. De que tribunal proferes a sentença contra o orbe da terra? Em que foro o mundo compareceu a tua presença? Ninguém acredita em mim, mas também não em ti. Acredite-se em Cristo, no Espírito de Deus que fala através dos profetas, acredite-se na lei de Moisés. Que disse Moisés dos tempos futuros? A Abraão foi prometido: “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra” (Gn 22,18). Ainda duvidas qual seja a descendência de Abraão? Julgo que ao afirmar o Apóstolo, não duvidarás; ou se até do Apósto- lo duvidares, por que, então: “Paz! Paz! quando não havia paz”? (Jr 6,14). Que diz o Apóstolo? “As promessas foram asseguradas a Abraão e à sua descendência. Não diz: e os descendentes, como referindo-se a muitos, mas como a um só: e à tua descendência, que é Cristo” (Gl 3,16). Eis que há mais de mil anos foi dito a Abraão: “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra”. Foi dito há mais de mil anos, um homem acreditou e agora vemos cumprido. Isto lemos, vemos, e tu resistes, vindo em sentido oposto? Que dirás? Não acredites. Em quem? No Espírito de Deus? Em Deus que fala a Abraão? E em quem vou acreditar? Em ti? Não digo isso, respondes. Não dizes isto? Não estás dizendo: Acredita mais em mim do que no Espírito de Deus e em Deus a falar a Abraão? Que me dizes, então? Este entregou, aquele entregou. Repetes isto do evangelho, do Apóstolo, dos profetas? Examina todas as Escrituras, lê-me isto das Escrituras em que acredito; pois em

ti não creio. De onde vais ler? Isto foi meu pai que me disse, meu avô, assim falou meu irmão, meu bispo. Mas isto falou Deus a Abraão: “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações”. Um só homem ouviu e acreditou, e isto se realizou em muitos, após muito tempo. Quando foi dito, há quem adredite; quando cumprido, deve-se duvidar? Pois, assim falou Moisés; digam também os profetas. Observa a negociação de nossa compra. Cristo está pendente do madeiro; vê por que preço comprou e assim verificarás o que comprou. Estás para comprar alguma coisa; ainda não sabes o quê. Verifica, verifica por quanto, e verás o seu valor. Cristo derramou seu sangue, comprou com seu sangue, comprou com o sangue do Cordeiro imaculado, com o sangue do Filho único de Deus. O que foi comprado com o sangue do Filho único de Deus? Considera ainda o valor. O profeta anunciou muito antes de realizado: “Traspassaram-me as mãos e os pés. Contaram todos os meus ossos”. Ó Cristo, vejo o grande preço; verei o que compraste: “Haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra”. Em um só e mesmo salmo noto o comprador, o preço, e a aquisição. O comprador é Cristo, o preço é o sangue e o que adquire é o orbe da terra. Ouçamos as próprias vozes do profeta, apesar das contradições dos hereges contenciosos. Eis a posse do meu Senhor. Justamente leio no salmo: “Haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra. E adorarão em sua presença todas as famílias das nações”. Vê o provocador, vê o que defende o direito: “Porque do Senhor é o reino. E ele dominará os povos”. Ele mesmo, Cristo, que comprou, e não Donato que apostatou. “E adorarão; com razão. E adorarão em sua presença todas as famílias das nações”. Por que: com razão? “Porque do Senhor é o reino. E ele dominará os povos” (Sl 21,17. 18.28,29). Isso afirma Moisés, isso afirmam os profetas, e outros muitos mil. Quem pode enumerar os testemunhos da Igreja difundida por todo o orbe da terra? Quem enumera? As heresias contra a Igreja não são tão numerosas quanto os testemunhos da lei em seu favor. Qual a página em que isto se ressoe? Que versículo não o declara? Tudo clama em favor da unidade do Senhor, porque ele estabeleceu a paz nas fronteiras de Jerusalém. Tu, ó herege, ladras contra ela! Com razão, portanto, se diz naquela cidade o que está escrito no Apocalipse: “Fora os cães” (Ap 22,15). Tu ladras contra ela. De onde julgaste o orbe da terra, conforme eu começara a dizer? Em que tribunal? Na presunção de teu coração. Tribunal elevado, mas pronto a ruir. Moisés o afirmou, afirmaram-no os profetas; e os que querem parecer cristãos ainda não acreditam!

17 Certo rico era atormentado no inferno, e desejou que pingasse uma gota d’água do dedo de um pobre que ele desprezara diante de sua porta, pois ele estava ardendo nas chamas. E como não lhe era dada, visto que “o juízo será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia” (Tg 2,13), como não lhe era dada, disse a Abraão: “Pai Abraão, envia Lázaro até à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que ele os advirta, para que não venham eles também para este lugar de tormentos. E que lhes respondeu Abraão? Eles têm Moisés e os profetas. Disse ele: Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos ressuscitar, eles acreditarão. E Abraão replicou: Se não escutam nem a Moisés nem aos profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão” (Lc 16,19-31). De quem ele disse: “Eles têm Moisés e os profetas?” A

respeito daqueles, de fato, que ainda viviam, cujo tempo para a correção ainda era amplo, que ainda não tinham ido para aquele lugar de tormentos. “Eles têm Moisés e os profetas; que os ouçam. Não acreditam nesses, mas se alguém dentre os mortos ressuscitar, eles acreditarão. Se não escutam nem a Moisés nem aos profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão”. É sentença de Abraão. Sentença de Abraão, onde e de onde? De certo lugar elevado, cheio de repouso e felicidade, visto por aquele que era atormentado nas chamas, quando levantou os olhos; viu no seio de Abraão, quer dizer, no seu lugar secreto, o pobre exultante e feliz; dali foi proferida a sentença. Vê de que tribunal. Pois ali habita Deus, visto que Deus habita entre seus santos. Por isso o Apóstolo manifesta seu anelo: “Partir e ir estar com Cristo, me é muito melhor” (Fl 1,23). E foi dito ao ladrão: “Hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23,43). Por conseguinte, o Senhor que permanecia com Abraão e em Abraão proferiu a seguinte sentença: “Eles têm Moisés e os profetas; se não os escutam, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão”. Ó hereges, tendes aqui Moisés e os profetas; ainda viveis, ainda podeis ouvir, ainda é permitido corrigir-vos, conter a animosidade; ainda vos é concedido apreender a verdade. Discuti entre vós se deveis ouvir Moisés e os profetas, que apresentaram tantos testemunhos de sua fé; de fato, vemos que decorrem as coisas humanas conforme foram por eles preditas. Por que ainda hesitais em crer em Moisés e nos profetas? Por que hesitais em ouvir? Acaso procurais alguém que tenha ressurgido dentre os mortos, a fim de que ele vos fale de sua Igreja? O rico o procurou obter no inferno: que alguém fosse enviado dentre os mortos para junto de seus irmãos. Foi censurado porque o procurava. Deviam ter bastado a seus irmãos Moisés e os profetas. Ele inutilmente o procurou para que vós, advertidos por seu exemplo, não procurásseis em vão e tardiamente, e fosseis torturados como ele. Deveis escutar Moisés e os profetas. Que disse Moisés? “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações” (Gn 22,18). Que disseram os profetas? “Haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra” (Sl 21,28). Ainda me haverás de dizer: Ressuscite alguém dentre os mortos; eu não creio, se não vier alguém de lá e me falar? Ó Senhor, graças a tua misericórdia; quiseste morrer para que alguém surgisse da região dos mortos; e este alguém, não é qualquer um, mas a Verdade, que ressuscitou da região dos mortos. Que falaria a verdade acerca das regiões infernais, embora não tenha descido aos infernos; no entanto, contradizendo os gritos dos malvados ignorantes, eis que ele morreu, e ressuscitou da região dos mortos. Que replicas, ó herege? Que respondes? Agora quero ouvir-te; acabaram-se todas as tuas desculpas. Mesmo se repetires as palavras do rico que estava no inferno, Cristo ressuscitou dos mortos; tu te dignarás ao menos ouvi-lo? Eis que estando vivo, tu desejavas talvez o mesmo que o rico morto. Ele ressuscitou dentre os que estavam na região dos mortos. Não ressuscitaram teu pai, nem teu avô, nem qualquer um que eles difamaram com o nome de traidor. Mas suponhamos que não tenham difamado, que tenham dito a verdade. Queres saber quanto isso não me importa? Ouçamos juntos o que disse aquele que ressuscitou da região dos mortos. Para que me deter mais? Ouçamos; abra-se o evangelho, leia-se o que se deu como se estivesse agora se realizando; coloquem-se diante dos nossos olhos os fatos passados,

para nos precavermos dos futuros. Eis que Cristo, ressurgindo dos mortos, aparece aos discípulos. São as suas núpcias; ele é o esposo, a Igreja é a esposa. Eis o esposo que se dizia estar morto, defunto, desaparecido; eis que ele ressuscitou íntegro, eis que aparece ante os olhos dos discípulos, oferece-se para ser tocado; eis que eles tocaram as cicatrizes, chagas incuráveis. Apresentou-se a seus olhos para que o vissem, ofereceu-se para ser tocado com as mãos; pensam que se trata de um espírito. Haviam perdido a esperança da sua própria salvação. Ele os exorta, confirma-os na fé: "tocai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho". Tocam, alegram-se, hesitam. "E como, por causa da alegria, não podiam acreditar ainda" (Lc 24,39-41); assim está escrito. Nas coisas que nos causam demasiada alegria, embora sejam certas, mal acreditamos. A dúvida de alguém que custa a crer fundamenta o prazer de possuir. Necessariamente o homem mais se alegra se acontece aquilo que não esperava mais. Por isso, o Senhor não quis dar-se a conhecer imediatamente para fundamentar e aumentar a alegria. Impediu a visão de seus discípulos, daqueles dois que ele encontrou no caminho conversando, já sem esperança, e dizendo: "Nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel" (Lc 24,21). Esperavam, já não tinham esperança. A esperança não estava com eles, entretanto com eles estava Cristo; mas ele se revelou e fez voltar a esperança. De fato, dizem em seguida, depois que eles o reconheceram na fração do pão, e apareceu aos outros discípulos, que pensavam se tratar de um espírito. "Tocai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho. E como, por causa da alegria, não podiam acreditar ainda, disse-lhes: Tendes o que comer"? (Lc 24,39.41). Tomou, abençoou, comeu e deu-lhes. Manifestou-se a verdade do corpo, foi afastada toda suspeita da falsidade. E que mais? "Não sabíeis que era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos profetas e nos salmos"? (Lc 24,44). E como eles acreditavam em Moisés e nos profetas, era verdade o que disse Abraão: "Se não escutam nem a Moisés nem aos profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão" (Lc 16,31). Como eles acreditavam em Moisés e nos profetas, e não eram do número dos censurados por Abraão, ouviram a palavra do Senhor: "Não sabíeis que era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na lei de Moisés, nos profe-tas e nos salmos?" Eis que eles acreditaram em Moisés e nos profetas; vede como devido ao testemunho deles, acreditaram naquele que ressuscitou dentre os mortos: "Então abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras, e disse-lhes: Assim está escrito que o Messias devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia" (Lc 24,45. 46).

18 Aí temos o esposo da Igreja. E Moisés não calou, não calaram os profetas que Cristo haveria de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia; que sofreria e ressuscitaria. Foi-nos descrito o esposo para evitar que errássemos. Mas existem alguns, não sei quem, que visto não errarmos acerca do esposo — e eles parecem acreditar o mesmo que nós a respeito do esposo — a fim de nos afastar dos membros do esposo, dizem-nos: Ele é de fato o esposo em quem acreditais, em quem nós acreditamos; mas a esposa não é a Igreja a que aderis. E quem é ela? É o partido de Donato. Isto é o que dizeis; isto tu dizes, ou o esposo? Tu dizes; seria Deus, através de Moisés? Eis que através da palavra

de Moisés, eu adiro à Igreja; pois foi dito por Moisés: “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra” (Gn 22,18). Tu dizes, ou o Espírito de Deus através dos profetas? Eis que por meio dos profetas adiro à Igreja; foi dito por um profeta: “haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra” (Sl 21,28). Eis que já tenho o testemunho da lei e o testemunho dos profetas; ouçamos também aquele que ressuscitou dos mortos. Revelou-se como esposo, pren-damo-lo. Confirmou demonstrando, apresentando testemunhos. Pois, Moisés e os profetas atestaram que o “Messias devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia” (Lc 24,46). Por conseguinte, já temos ambos o esposo, por meio de suas palavras, e julgo que já começas a acreditar comigo também nas palavras de Moisés e dos profetas; acreditemos igualmente naquele que ressuscitou dos mortos. Prossiga, e diga: Ó Senhor, já considero Cristo como esposo; isto se fez. Que ninguém me afaste dos membros de tua esposa, e deixes de ser minha Cabeça, se deixar de estar entre seus membros. Dize-me também algo sobre a Igreja, porque já não duvido acerca do esposo. Escuta também uma palavra sobre a Igreja. Prossegue o evangelho: “Em seu nome, fosse proclamada a conversão para a remissão dos pecados”. Nada de mais verdadeiro. “Em seu nome fosse proclamada a conversão para a remissão dos pecados” (Lc 24,47). Mas, onde? Uns dizem: “Olha aqui. Outros: Olha ali”. E como se exprime ele? “Não creiais. Pois hão de surgir falsos Messias e falsos profetas” (Mt 24,23.24). Eles dirão: “Olha aqui”, e: “Olha ali”. Ora, eles não afirmam sobre a própria Cabeça: “Olha aqui”, e: “Olha ali”, pois é notório que Cristo está nos céus, e sim sobre a Igreja onde Cristo se acha, pois ele disse: “E eis que eu estou convosco até a consumação dos séculos” (Mt 28,20). Mas o Senhor diz: “Não creiais”. Quem diz: “Eis aqui, eis ali”, mostra parte; eu comprei o todo. Fale-me o evangelho; fale-me ele mesmo por intermédio do evangelho, pois que já ressuscitaste dos mortos, para que acreditem em ti os que crêem em Moisés e nos profetas; fala-me também tu. Escuto: “O Messias devia sofrer e ressuscitar ao terceiro dia, e que em seu nome, fosse proclamada a conversão para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém” (lc 24,46.47). E então herege? Certamente, quando citei Moisés, ou mencionei os profetas, passaste àquele que haveria de ressucitar dos mortos. Eis que ele ressuscitou, eis que ele falou. Já não há dúvida alguma sobre a Igreja de Cristo e esposa de Cristo, como não existe dúvida sobre o corpo de Cristo, percebido pelos olhos, apalpado pelas mãos dos discípulos. Aquele que ressuscitou dos mortos mostrou a ambos: mostrou a Cabeça, mostrou os membros; mostrou o esposo, mostrou a esposa. Ou acredita em ambas as coisas comigo, ou somente na pri-meira, para tua condenação. Como sabes que ressuscitou dos mortos, que ressurgiu com o mesmo corpo? Muito bem; porque mostrou as cicatrizes; porque assim como foi crucificado, sepultado, voltou, demonstrou. É ótimo que acredites. Escuta como fala aquele em que acreditas. “Em seu nome, fosse proclamada a conversão para a remissão dos pecados”. Onde? Por dilatadas regiões. Se eu quisesse dizer aquelas palavras, já lutando contra os hereges, já combatendo, já mantendo um conflito sobre tamanha questão, não conseguiria dizê-lo contra os hereges presentes como o Senhor o proferiu contra os futuros hereges. Que queres mais? É proclamada a remissão dos pecados, em

nome de Cristo. Onde? “A todas as nações”. De onde? Começando “por Jerusalém”. Comunica-te com esta Igreja. Por que pleiteamos? Pois, a Igreja começou desta Jerusalém terrena, a fim de alegrar-se em Deus naquela Jerusalém celeste. Começa por Jerusalém, termina ali. Lá estará a Igreja inteira, desta assumiu o início da fé.

19 Lê os Atos dos Apóstolos, verifica se minto. Como ali se reuniram os discípulos por ocasião da vinda do Espírito Santo. Assim se demonstra o que te disse o Senhor: “A começar por Jerusalém” como aqueles sobre os quais desceu o Espírito Santo falavam as línguas de todos (cf At 1,4-14; 2,1-12). Por que não queres falar as línguas de todos? Eis que ali ressoaram todas as línguas. Por que agora quem recebe o Espírito Santo não fala as línguas de todos? Pois, tal era então o indício da vinda do Espírito Santo sobre os homens: que eles falavam as línguas de todos. Agora o que hás de dizer, ó herege? Que o Espírito Santo não é dado? Não digo: Onde? É dado, ou não é dado? Se não é dado, que é que fazeis, falando, batizando, abençoando? Que é que fazeis? Celebrações vãs? Por conseguinte, ele é dado. Se é dado, por que não falam as línguas de todos aqueles aos quais é dado? Por acaso, enfraqueceu-se o dom de Deus, ou produz menor fruto? Cresceu o joio, mas também o trigo: “Deixai-os crescer juntos até a colheita” (Mt 13,30). Não disse: Cresça o joio e diminua o trigo: ambos cresceram. Por que não se manifesta agora o Espírito Santo em línguas de todos? Ao contrário, manifesta-se nas línguas de todos; outrora a Igreja ainda não estava difundida por toda a terra, de sorte que os membros de Cristo falassem as línguas de todos os povos. Então, realizava-se em um só o que era prenunciado a respeito de todos. Agora o corpo de Cristo já fala as línguas de todos; e onde ainda não fala, há de falar. Pois a Igreja crescerá até possuir todas as línguas. Até onde não cresceu aquilo que abandonastes! Possuí conosco todos os lugares em que ela tem acesso, para que conosco alcanceis até onde ela ainda não atingiu. Falo as línguas de todos; ouso afirmá-lo. Estou no corpo de Cristo, estou na Igreja de Cristo; se o corpo de Cristo já fala as línguas de todos, eu também estou de posse das línguas de todos; é minha a língua grega, minha a síria, minha a hebraica, minha a de todos os povos, porque estou na unidade de todos os povos.

20 Por conseguinte, irmãos, a Igreja começou por Jerusalém; caminha por todos os povos; que há de mais evidente do que este testemunho da lei, dos profetas, do próprio Senhor? Por toda a parte ressoam as vozes dos apóstolos, prestando testemunho de nossa esperança na unidade do corpo de Cristo. Regozijai-vos por causa do trigo, tolerai o joio, gemei na trituração, suspirai no celeiro. Virá o tempo em que nos alegraremos, tendo sido reforçados os ferrolhos das portas de Jerusalém. Entre quem deve entrar. Aquele que então entrará ali em público, aqui não entra se é fingido. Quem agora é fingido e entra, está fora. Está fora, sem o saber; a ventilação o mostrará, os ferrolhos o provarão. Quem agora está verdadeiramente dentro, genuinamente dentro, lá estará firmemente dentro; aqui, tolerando do lado de dentro, e lá regozijando-se do lado de dentro. Pois, as fronteiras de Jerusalém são a paz. Diz o salmo: “Estabeleceu a paz nas tuas fronteiras”. Agora anelamos pela paz, que possuímos aqui só em esperança. Que espécie de paz ainda temos em nós? A carne tem aspirações contrárias ao espírito, e o

espírito contrárias à carne (cf Gl 5,17). Onde se encontra a paz perfeita mesmo num só homem? Quando for plena num só homem, então será plena em todos os cidadãos de Jerusalém. Quando haverá perfeita paz? Quando este ser corruptível revestir a incorruptibilidade, e este ser mortal revestir a imortalidade (cf 1Cor 15,53). Então haverá paz perfeita, então será firme a paz. Não haverá luta contra a alma do homem, nem ela contra si mesma, pois não terá uma parte ferida. Não haverá fragilidade da carne, nem carência corporal, nem fome, nem sede, nem frio, nem calor, nem cansaço, nenhuma penúria, nem provocação, nem mesmo certamente a cautela solícita de evitar ou de amar o inimigo. Tudo isso, meus irmãos, nos combatem; ainda não existe plena e perfeita paz. Se exclamastes ao ouvir nomeada a paz, clamastes por desejo. Vosso clamor veio da sede e não da saciedade. Pois, haverá perfeita justiça onde houver perfeita paz. Agora temos fome e sede de justiça. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Como serão saciados? Quando alcançarmos a paz. O salmista, após a frase: “Estabeleceu a paz nas tuas fronteiras”, considerando a saciedade e a ausência de qualquer penúria, imediatamente acrescenta: “E te sacia com a flor do trigo”.

21 Irmãos, visto que a paz a que nos referimos ainda não existe totalmente em nós, isto é, totalmente em cada um de nós, talvez vosso espírito ainda se deleite em ouvir-me; mesmo que nada resista, nem se rebele da parte do corpo, terminemos o salmo. Nunca vos percebo cansados; contudo, receio, Deus o sabe, ser pesado a vós ou a alguns irmãos; vejo o empenho de muitos que exigem de mim este trabalho e estes suores, e acredito que no Senhor não serão sem fruto. Alegro-me de ser tal o prazer em ouvir a verdade da palavra de Deus, de tal sorte que vossos bons esforços em vista do bem e deles provenientes superam os dos insensatos que estão no anfiteatro. Será que eles, se ficassem tanto tempo de pé, ainda estariam olhando? Por conseguinte, irmãos, ouçamos o restante, uma vez que o quereis. O Senhor nos assista, assista também às nossas forças e às nossas mentes. “Aquele que estabeleceu a paz nas tuas fronteiras”, fala a Jerusalém: “e te sacia com a flor do trigo”. Passa a fome e a sede de justiça e a saciedade as sucede. Qual será ali a flor do trigo, senão aquele pão que do céu desceu até nós? (cf Jo 6,41). Como não haverá de saciar na pátria o pão que de tal forma nos alimentou em nossa peregrinação?

22 Agora, o salmista está para nos falar acerca da própria peregrinação, no final da qual chegaremos àquela Jerusalém onde juntos louvaremos ao Senhor, louvaremos ao Senhor nosso Deus; nós que constituímos aquela Jerusalém, nós que somos Sião, quando forem reforçados os ferrolhos de nossas portas. Entretanto, aquele que então nos saciará com a flor do trigo, que faz durante esta peregrinação? O que se segue: “ele envia à terra sua palavra”. Eis que na terra trabalhamos cansados, débeis, preguiçosos, frios; quando seremos conduzidos para junto da flor do trigo que sacia, se ele não tivesse enviado à terra que pesava sobre nós, que impedia nosso retorno, a sua palavra? Enviou sua palavra, não abandonou mesmo no deserto, fez chover o maná do céu. “Ele envia à terra sua palavra” e veio à terra seu verbo. Como? Ou qual é seu verbo? “E sua palavra corre com velocidade”. Ele não disse: Veloz é sua palavra. Mas: “Sua palavra corre com

velocidade". Entendamos bem, irmãos; não poderia escolher melhor expressão. O objeto quente esquenta-se com o calor; o frio, esfria-se pelo frio, o veloz torna-se veloz pela velocidade. Que há de mais quente do que o próprio calor, que esquenta tudo o que se aqueça? Que de mais frio que o próprio frio, que esfria tudo o que se torna frio? Que, há, portanto, de mais veloz que a própria velocidade, que torna veloz tudo o que corre velozmente? Podem-se enumerar muitos seres velozes; uns mais, outros menos; e uma coisa é tanto mais veloz quanto mais participa da velocidade. Um ser participa mais da velocidade; portanto, é mais veloz. Ou participa menos da velocidade e será menos veloz. Mas, que será mais veloz do que a própria velocidade? Por conseguinte, até onde corre? "Até à velocidade". Aumenta quanto quiseres a velocidade da palavra e dize: É mais veloz do que isto e aquilo, do que as aves, do que o vento, do que os anjos. Seria alguma dessas coisas tão veloz quanto a própria velocidade, até à velocidade? Que é a própria velocidade, irmãos? Ela está em toda a parte, porém não é parcial. Compete ao Verbo de Deus não estar numa parte, porém estar em toda a parte pelo próprio Verbo, enquanto é Virtude de Deus e Sabedoria de Deus (cf 1Cor 1,24), antes de assumir a carne. Mas pensemos em Deus na condição divina, Verbo igual ao Pai; é a mesma Sabedoria de Deus, da qual foi dito: "Alcança com vigor de um extremo ao outro". Que velocidade! "Alcança com vigor de um extremo ao outro" (Sl 8,1). Talvez alcance por imobilidade. Se é por imobilidade, seria como se uma volumosa rocha enchesse um lugar qualquer; foi dito que atinge do mesmo lugar de um extremo a outro, não contudo por movimento. Que estamos dizendo? Aquele Verbo não tem movimento, e aquela Sabedoria é estulta? E onde fica o que se afirma sobre o Espírito da Sabedoria? Tendo dito muitas coisas, acrescenta: "Sutil, móvel, penetrante, imaculado" (Sb 7,22). Assim, na verdade, a sabedoria de Deus é móvel. Se é móvel, quando atinge isto, não atinge aquilo? Ou toca a este e abandona aquele? E onde está a velocidade? A velocidade faz com que esteja sempre em toda a parte, e em parte alguma fique circunscrita. Mas não conseguimos raciocinar sobre estas coisas; somos preguiçosos. Quem pode pensar nisto? E, de fato, meus irmãos, expus conforme me foi possível (se o foi, se entendi), e entendestes como pudestes. Mas que diz o Apóstolo? "Ao que é poderoso para realizar por nós em tudo infinitamente além do que pedimos ou pensamos" (Ef 3,20). Que nos demonstra aqui? Que por mais que entendamos, não entendemos tal qual é. Por quê? "Um corpo corruptível pesa sobre a alma" (Sb 9,15). Portanto, na terra somos gélidos. A velocidade é fervente; e todas as coisas férvidas são mais velozes e todas as coisas geladas mais tardas. Nós somos tardos, porque tíbios. Aquela Sabedoria, porém, corre até a velocidade. Portanto, é ardorosíssima; ninguém se furta a seu calor (cf Sl 18,7).

23 16 Nós, portanto, que pela lentidão do corpo somos tíbios, onerados com o vínculo desta vida terrena corruptível, não temos esperança alguma de apreender o Verbo, que corre até uma grande velocidade? Teria ele, embora possuindo um corpo, abandonado os que estavam oprimidos entre as realidades ínfimas? Não nos predestinou, antes de nascermos com este corpo mortal e preguiçoso? Aquele que nos predestinou deu à terra a neve, nós mesmos. Agora tratemos daqueles versículos obscuros do salmo. Começamos a tirar os invólucros, pois encontro-vos tanto mais ávidos da palavra de

Deus, quanto mais falamos. Eis que nós, preguiçosos, nesta terra, quase congelávamos aqui. E como acontece com a neve, em cima está gelada e por baixo vai derretendo, assim, com o esfriar da caridade, a natureza humana caiu nesta terra, e envolvida num corpo preguiçoso, tornou-se como neve. Mas desta neve foram retirados os predestinados filhos de Deus. Pois, ele "faz cair a neve como lã". Que quer dizer: Como lã? Quer dizer, ele há de fazer alguma coisa desta neve que ele faz cair; destes que ainda são lentos e frios espiritualmente, e que são predestinados. Lã é um material com que se fabricam as vestes; a lã apresenta-se como certo material para a veste. Portanto, uma vez que Deus predestinou a alguns que temporariamente se arrastam friamente sobre a terra, e ainda não são fervorosos pelo espírito de caridade (pois ainda fala a respeito da predestinação), ele os fez como lã; desta ele fabricará as vestes. Com razão, no monte, as vestes de Cristo refulgiram, como neve (cf Mt 17.2). A veste de Cristo brilhava como neve, como se daquela lã já tivesse sido feito a túnica. Desta lã, isto é, da neve que ele fez cair como lã, os predestinados ainda eram preguiçosos. Contudo, espera, vê a continuação. Ele os fez como lã e desta se confecciona a túnica. Assim como se denomina a Igreja corpo de Cristo, diz-se que a veste de Cristo é a própria Igreja; daí provém a palavra do Apóstolo: "Para apresentar a si mesma a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga" (Ef 5,27). Por conseguinte, apresenta a si mesmo a Igreja gloriosa, sem mancha nem ruga; faça para si uma veste daquela lã que predestinou quando neve. Ainda mesmo quando se trata de homens incrédulos, tíbios, preguiçosos, que ele faça uma veste de tal lã. Para que se lavem as máculas, a Igreja se purifique pela fé; a fim de não ter ruga, seja estendida na cruz. "Faz cair a neve como lã".

24 Se são predestinados, devem ser chamados. Pois, "os que chamou, também os justificou" (Rm 8,30). Como são chamados, tirados do estado de fraqueza daquele corpo, a fim de serem curados? Como são chamados? Escuta o evangelho: "Com efeito, eu não vim chamar justos, mas pecadores" (Mt 9,13). Por conseguinte, a neve pela predes-tinação começa a conhecer seu torpor, a acusar seu pecado; começa pelo chamado a procurar a penitência. Com justeza, portanto, aquele que "faz cair a neve como lã", para confeccionar a futura túnica, igualmente, chamando à penitência, "espalha como cinza a névoa". Diz o salmo: "Espalha como cinza a névoa". Quem? Aquele que faz "cair a neve como lã". Ele chama à penitência aqueles que predestinou; porque "os predestinou, "também os chamou". A cinza figura a penitência. Ouve como chamou à penitência, exprobrando algumas cidades, nestes termos: "Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque se em Tiro e em Sidônia tivessem sido realizados os milagres que em vós se realizaram, há muito se teriam convertido, vestindo-se de cilício e cobrindo-se de cinza" (Mt 11,21). Portanto, "espalha a névoa como cinza". Que quer dizer: "Espalha a névoa como cinza?" Ao ser alguém chamado para conhecer a Deus, e lhe é dito: Apreende a verdade, começa a querer apreendê-la, e não consegue. Vê-se cercado de certa nebulosidade, que antes não via. A névoa presta-se para o seguinte: saberes que desconheces, saberes o que importa saber, e te vejas inválido para conhecer. Como importa conhecer. Pois, se estando esta névoa, presumires conhecer, ouvirás do Apóstolo: "Se alguém julga saber alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber"

(1Cor 8,2). Portanto, ainda não compreendeste, ainda suportas a névoa. Mas não te abandonou aquele que acendeu para ti a lâmpada de sua carne. Segue a fé e não errarás no meio da névoa. Mas, como te esforças por ver, e não podes, arrepende-te de teus pecados; porque a cinza foi espalhada qual névoa. Arrepende-te de teres sido contumaz contra Deus; arrepende-te de ter seguido teus péssimos caminhos. Chegaste a esta dificuldade acerca da feliz visão; e a névoa, que o Senhor espalha como cinza, te será salutar. Ainda te achas dentro da névoa, mas ela é como cinza. Pois, os penitentes ainda se revolvem na cinza, meus irmãos, atestando que lhe são semelhantes, e dizendo a seu Deus: "Confundo-me com a cinza". Diz ainda esta passagem da Escritura: Menosprezei-me e desfaleci. "Confundo-me com o pó e a cinza" (Jó 30,19). É humildade de um penitente. Quando Abraão fala a seu Deus, querendo uma explicação sobre o incêndio de Sodoma, disse: "Sou pó e cinza" (Gn 18.27). Sempre se encontra tal humildade nos grandes e santos varões! Por isso, "espalha a névoa como cinza". Por quê? "Porque os que predestinou, também os chamou, aquele que não veio chamar justos, mas pecadores" (Mt 9,13) à penitência.

25 17 "Envia cristais de gelo como pedaços de pão". Não precisamos novamente dar-nos ao trabalho de explicar que é cristal de gelo. Nós o expusemos antes, e acredito que V. Caridade não se esqueceu. Que significa então: "Envia cristais de gelo como pedaços de pão?" Assim como a neve figura os predestinados; como a névoa representa os chamados à penitência, que são predestinados à salvação, de modo semelhante acontece com o cristal. Que é cristal de gelo? É muito duro, congelou muito; já não pode dissolver-se facilmente como a neve. A neve endurecida por muitos anos e pela série dos séculos, chama-se cristal de gelo; e este é enviado como pedaços de pão. Que quer dizer isto? Existiram alguns excessivamente duros, comparáveis não à neve, mas ao cristal; e eles foram predestinados e chamados; alguns mesmo para apascentar os outros e serem úteis aos demais. Que necessidade há de enumerarmos muitos que talvez conhecemos, este ou aquele? Ocorre a cada qual refletir dentre seus conhecidos quantos foram duros, pertinazes, resistentes contra a verdade, e que agora anunciam a verdade. Tornaram-se pedaços de pão. Qual é o único pão? Diz o Apóstolo: "Nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo" (Rm 12,5); "há um único pão; nós, embora muitos, somos um só corpo" (1Cor 10,17), diz ele mesmo. Portanto, se todo o corpo de Cristo forma um só pão, os membros de Cristo são pedaços de pão. De alguns que são duros faz seus membros, úteis para nutrir os outros. Por que ir à busca de muitos? Consideremos aquele Paulo, apóstolo, muito notório. Mas do que este varão nada temos de mais notório, de mais suave, de mais familiar nas Escrituras. E se houve outros que tinham tanta dureza quanto ele, e se tornaram pães, o seu exemplo inclui os outros todos, a fim de ficar explicado o sentido do versículo: "Envia cristais de gelo como pedaços de pão". Com efeito, o apóstolo Paulo era cristal duro, resistindo à verdade, clamando contra o evangelho, endurecido mesmo ao sol. Quão duro foi, tendo crescido sob a lei, instruído aos pés do doutor da lei, Gamaliel. Ele não ouvia Moisés e os profetas a pregarem o Cristo? Grande dureza! Certamente os gentios não haviam escutado os profetas, não escutaram Moisés; eram gelados, mas não cristais. Aquele que acreditava nas palavras

que anunciavam o Cristo, mas não acreditavam em Cristo que viera, havia se endurecido demasiado. Como era cristal de gelo, parecia brilhante e branco; mas era duro e bastante gélido. Como era brilhante e cândido? "Hebreu filho de hebreus; quanto à lei, fariseu". Considera o brilho do cristal. Mas escuta a dureza do cristal: "Quanto ao zelo, perseguidor da Igreja" (Fl 3,56). Entre os apedrejadores do máritr santo Estêvão encontrava-se este homem duro, talvez mesmo mais duro do que os demais, pois guardava as vestes de todos que o apedrejavam, para apedrejá-lo por meio das mãos de todos os outros (cf At 7,58).

26 18 Por isso, vemos a neve, a névoa, o cristal. Será bom que ele faça soprar o vento e os dissolva. Se ele não fizer soprar, se ele próprio não dissolver a dureza deste gelo: "Exposto a seu frio, quem resistirá? Exposto ao frio", de quem? De Deus. Onde se encontra seu frio? Abandona o pecador, não o chama, não lhe abre o entendimento, não infunde a graça. Dissolva o homem, se puder, o gelo da estultície. Não pode. Por que não pode? "Exposto a seu frio, quem resistirá?" Nota como o homem congela e o afirma: "Mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros. Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?" Eis que esfrio, me congelo; qual o calor que me dissolverá, a fim de que eu corra? "Quem me libertará deste corpo de morte? Exposto a seu frio, quem resistirá?" E quem poderá libertar-se a si mesmo, se ele abandonar? Quem liberta? "A graça de Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso" (Rm 7,23-25). Escuta também aqui a referência à graça de Deus: "Envia cristais de gelo como pedaços de pão. Exposto a seu frio, quem resistirá?" É, portanto, de se desesperar? De forma alguma. Pois, o salmo prossegue: "Manda sua palavra e os derrete". Por conseguinte, não desespere a neve, não desespere a névoa, não desespere o cristal. Da neve, de fato, como se fosse lã, faz-se a túnica. Aquela névoa, na penitência, encontrou a salvação, porque "os que predestinou, também os chamou". Mas, embora haja entre os predestinados alguns duríssimos, que congelaram por muito tempo, e se tornaram cristais de gelo, não serão duros diante da misericórdia de Deus. "Manda a sua palavra e os derrete". Que significa: "os derrete?" Não entendais em sentido ruim a palavra: "derrete". Há de liquefazer, dissolver. Pois, eles são duros por causa da soberba. Com razão a soberba é denominada torpor; tudo o que se entorpece é gelado. Os homens quando sentem o rigor do frio, dizem no dia-a-dia: Fiquei entorpecido. Portanto, a soberba é um torpor. "Manda a sua palavra e os derrete". E, de fato, a neve acumulada, sendo aquecida, derrete, abaixa-se. Como o entorpecimento levanta montes de neve, assim também a soberba eleva os estultos. "Manda a sua palavra e os derrete". Eis que aquele cristal, Saulo, depois da morte e apedrejamento de Estêvão, por certa dureza estulto contra Cristo, pede cartas aos sacerdotes, para em toda parte prender os cristãos, respirando ameaças. Era duro e gélido, em oposição ao fogo de Deus. Mas, apesar de ser ele duro, gélido, eis que o Senhor "manda a sua palavra e o derrete", clamando com ardor do céu: "Saulo, Saulo, por que me persegues"? (cf At 9,1-4). Por uma só voz, tão grande dureza do cristal de gelo se dissolve. Pois, "manda a sua palavra e os derrete". Não se desespere relativamente ao cristal. Escuta a palavra de um destes cristais:

“Outrora era blasfemo, perseguidor e insolente”. Mas, por que Deus dissolveu o cristal de gelo? Para que a neve não perca a esperança acerca de si mesma. Diz ainda: “Mas obtive misericórdia, foi para que em mim, Cristo Jesus demonstrasse toda a sua longaminidade, como exemplo para quantos nele hão de crer, para a vida eterna” (1Tm 1,13-16). Por conseguinte, Deus clama aos povos: Dissolvi o cristal, vinde, ó neves. “Manda a sua palavra e os derrete. Ordena que soprem os ventos e corram as águas”. Eis que o cristal e a neve derretem, tornam-se águas; os que têm sede, venham e bebam. Saulo duro como cristal, Estêvão perseguido até a morte. Paulo já água viva, chama os povos à fonte. “Ordena que soprem os ventos e corram as águas”. O vento é ardente; daí se origina a palavra de outro salmo: “Reconduz nossos cativos, Senhor, como a torrente no sul” (125,4). Pois, a Jerusalém cativa, de certo modo, congelara em Babilônia; sopra vento sul, solve-se o rigor do cativeiro e o ardor da caridade corre para Deus. “Ordena que soprem os ventos e corram as águas”. Faça-se neles fonte de água que jorra para a vida eterna (cf Jo 4,14).

27 19 “Revelou sua palavra a Jacó, sua justiça e seus juízos a Israel”. Qual justiça? Que juízos? Tudo aquilo que o gênero humano anteriormente sofreu aqui na terra, sendo neve, névoa e cristal, sofreu merecidamente devido à soberba e orgulho contra Deus. Remontemos à origem de nossa queda, e vejamos com quanta verdade canta o salmo: “Antes de ser humilhado, errei”. Mas o salmista que diz: “Antes de ser humilhado, errei”, é o mesmo que afirma: “Foi bom que me humilhaste para que eu aprenda as tuas justificações” (Sl 118,67.71). Estas justificações, Jacó as aprendera de Deus, que fez o mesmo Jacó lutar com o anjo; sob a figura do anjo o próprio Senhor lutara. Agarrou-o, enpregou força para segurá-lo, enfraqueceu para que ele o prendesse. Deixou-se prender por misericórdia, não por fraqueza. Por conseguinte, Jacó lutou, prevaleceu, segurou-o; e quem parecia ter vencido, pede a bênção (cf Gn 32,24-26). Como entendia com quem tinha lutado, a quem segurava? Por que lutou violentamente, e segurou-o? “Por que o reino dos céus sofre violência, e violentos se apoderam dele” (Mt 11,12). Então, por que motivo lutou? Porque foi com labor. Por que seguramos mal o que facilmente perdemos? A fim de que não recebendo com facilidade o que perdemos, aprendamos que podemos perder o que temos. Esforce-se o homem por segurar; segurará firmemente o que tiver obtido com trabalho. Ora, foram estes seus juízos que Deus revelou a Jacó e a Israel. Direi mais claramente. Os justos aqui na terra sofrem trabalhos, perigos, incomodidades, padecimentos, por justo juízo de Deus. Somente do Senhor se pode dizer que sofreu sem razão para tal; embora não tenha sido sem motivo, porque foi por nossa causa. Somente ele pode dizer: “Restituía o que não roubei” (Sl 68,5); ele só pôde afirmar: “O príncipe do mundo vem; contra mim, ele nada pode”. E como se lhe fosse perguntado: Então, por que sofres? continua o evangelho: Mas para que saibam todos que faço a vontade de meu Pai. “Levantai-vos! Partamos daqui” (cf Jo 14,30.31). Todos os outros por seus merecimentos, segundo o juízo de Deus, mesmo que sofram pela justiça, não pretendam sofrer a paixão de um inocente, como Cristo. Escuta o apóstolo Pedro: “Com efeito, é tempo de começar o juízo pela casa do Senhor”. Exortando os mártires e testemunhas de Deus, a suportarem com toda paciência todas as ameaças do mundo

enfurecido, disse-lhes: “É tempo de começar o juízo pela casa de Deus. Ora, se ele começa por nós, qual será o fim dos que se recusam a obedecer ao evangelho de Deus? Se o justo com dificuldade consegue salvar-se, em que situação ficará o ímpio e o pecador”? (1Pd 4,17.18). “Revelou sua palavra a Jacó, sua justiça e seus juízos a Israel”.

28 20 “Com nenhum outro povo agiu assim”. Ninguém vos engane. Não foi revelado a alguns povos este juízo de Deus, a saber, como é que sofrem justos e injustos; como todos sofrem segundo merecem; como, segundo o graça de Deus, não são libertados os próprios justos de acordo com seus méritos. Não foi revelado isto a todos os povos; mas somente a Jacó, somente a Israel. Que fazemos, então, nós, se Deus não o revelou a todos os povos, mas apenas a Jacó, apenas a Israel? Onde ficaremos nós? Em Jacó e em Israel. “A nenhum manifestou os seus juízos”. A quem? A todos os povos. E como são chamadas as neves, depois que o cristal de gelo se dissolveu? Como são chamados os povos, depois que Paulo foi justificado? Como, se não estivessem em Jacó? Foi tirado o galho da oliveira silvestre para ser enxertado na oliveira genuína (cf Rm 11,17). Já pertencem à oliveira; já não devem ser denominados gentios, mas um só povo em Cristo, o povo de Jacó, o povo de Israel. Por que o povo de Jacó e povo de Israel? Porque Jacó é filho de Isaac, Isaac filho de Abraão. E que foi dito a Abraão? “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra”. A mesma promessa foi feita a Isaac e a Jacó (cf Gn 22,18; 26,4; 28,14). Pertencemos, portanto, a Jacó, uma vez que pertencemos a Isaac, pertencemos a Abraão. A posteridade de Abraão, contudo, não sou eu ou qualquer outro, mas de acordo com a interpretação do santo Apóstolo, é Cristo. Disse ele: “Não diz: e os descendentes, como referindo-se a muitos, mas como a um só: e à tua descendência, que é Cristo” (Gl 3,16). Se a posteridade é uma só, um é Jacó, um é Israel, e todas as gentes formam um só povo em Cristo. Com efeito, pertencem a todas as gentes o que Deus revelou ao próprio Jacó e ao próprio israel. Devem ser contados entre os outros povos somente aqueles que não quiseram acreditar em Cristo, nem serem retirados da oliveira silvestre e enxertados na verdadeira oliveira. Permanecerão nas selvas, como ramos estéreis e amargos. Alegre-se Jacó. Que significa Jacó? Suplantador, porque suplantou o irmão (cf Gn 27,36). “O endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios” (Rm 11,25). De Jacó se constituiu Israel. Que é Israel? Ouçamos todos, todos de Israel, quer sejais vós que aqui estais como membros de Cristo, quer os de fora e não de fora, e através de todos os povos, em toda parte de fora, em toda parte de dentro; ouça Israel, que de Jacó se tornou Israel. Que quer dizer Israel? Aquele que vê a Deus. Onde verá a Deus? Na paz. Em que paz? Na paz de Jerusalém; pois, ele “estabeleceu a paz nas tuas fronteiras”. Ali nós louvaremos. Todos nós um só naquele que é um seremos orientados para a unidade; porque de então em diante já não seremos muitos dispersos.

SALMO 148

SERMÃO AO POVO

(pregado em Hipona Régia)

1 1 Decorra a vida presente no louvor de Deus, porque a eterna alegria de nossa vida futura será o louvor de Deus. Ninguém será idôneo para a vida futura, se de certo modo agora não se exercitar para isso. Agora, portanto, louvamos a Deus, mas também lhe suplicamos. Nosso louvor é alegria, nossa oração é gemido. Foi-nos prometido algo que ainda não possuímos; sendo veraz o Senhor que prometeu, alegramo-nos na esperança; entretanto, não tendo ainda o objeto de nossa esperança, gememos cheios de desejos. É bom perseverar nesses anelos, até que venha o que foi prometido, passe o gemido, suceda apenas o louvor. Por causa destas duas fases, uma a das tentações e tribulações da vida presente, outra a futura em segurança e alegrias perpétuas, foi instituída a celebração de dois tempos: um antes da Páscoa e outro depois da Páscoa. O tempo precedente à Páscoa figura a tribulação em que nos achamos; o que agora celebramos após a Páscoa lembra a felicidade futura em que nos acharemos. Antes da Páscoa, portanto, celebramos o que vivemos; depois da Páscoa celebramos, assinalando o que ainda não temos. Por isso, no primeiro tempo exercitamo-nos em jejuns e orações; agora, terminados os jejuns, passamos o tempo em louvores. Tal é o sentido do Aleluia" que cantamos. Aleluia se traduz para o latim, como sabeis, por: "Louvai ao Senhor". O primeiro tempo, portanto, representa a fase anterior à ressurreição; o segundo, a posterior à ressurreição do Senhor. Significa a vida futura, que ainda não possuímos; o que representamos depois da ressurreição do Senhor é o que teremos depois de nossa ressurreição. Em nossa Cabeça, pois, temos prefiguradas ambas as coisas, ambas demonstradas. A paixão do Senhor assinala-nos a vida presente, durante a qual importa trabalhar, atribular-nos, e por fim morrer; a ressurreição e a glorificação do Senhor demonstra-nos a vida que receberemos, quando ele vier retribuir dignamente aos que o merecem, dando castigo aos maus, recompensa aos bons. Com efeito, agora os maus todos podem cantar conosco: "Aleluia". Se perseverarem em sua malícia, poderão proferir com os lábios o cântico de nossa vida futura, mas não podem obter a vida, a realidade futura, agora simbolizada, pois não quiseram aplicar-se a ela antes que chegasse, nem assegurar o que haveria de vir.

2 Agora, então, irmãos, nós vos exortamos a louvar a Deus. A isto nos estimulamos ao proferirmos: "Aleluia". Louvai ao Senhor, convidas um outro, e ele a ti. Todos mutuamente se exortam, todos realizam aquilo a que incitam. Mas louvai integralmente, isto é, não louvem a Deus apenas a língua e a voz, mas ainda vossa consciência, vossa vida, vossas ações. Efetivamente, agora reunidos na Igreja louvamos; quando volta cada qual para sua casa, parece que cessa de louvar a Deus. Não deixe de viver bem e louvará sempre a Deus. Só desistes de louvar a Deus, quando te desvias da justiça e daquilo que

lhe apraz. Pois, se nunca te apartas de uma vida correta, tua língua pode calar, tua vida clama; e os ouvidos de Deus estão atentos a teu coração. Como nossos ouvidos captam nossas palavras, os ouvidos de Deus captam nossos pensamentos. Não é possível agir mal quem tem bons pensamentos. Pois as ações procedem do pensamento. Ninguém pode fazer alguma coisa, ou mover os membros para fazer algo, se primeiro não preceder uma ordem de seu pensamento, como do interior do palácio, qualquer coisa que o imperador ordenar, emana para todo o império romano; tudo o que se realiza através das províncias. Quanto movimento se faz somente a uma ordem do imperador, sentado lá dentro? Ao falar, ele move somente os lábios; mas move-se toda a província, ao se executar o que ele fala. Assim também em cada homem, o imperador acha-se no seu íntimo, senta-se em seu coração; se é bom e ordena coisas boas, elas se fazem; se é mau, e ordena o mal, o mal se faz. Se é Cristo que está ali sentado, que pode ordenar senão o bem? Se é o diabo que possui o coração, que pode ordenar senão o mal? Deus deixou a teu arbítrio escolher a quem hás de preparar um lugar, a Deus ou ao diabo; depois de o preparares, aquele que o possuir, mandará. Por isso, irmãos, não atendei somente ao som. Ao louvardes a Deus, louvai totalmente: cante a voz, cante a vida, cantem as ações. E se ainda há gemido, tribulação, tentação, esperai que tudo passe; e virá o dia em que louvaremos sem desfalecimento. Quanto ao salmo, como é muito claro, percorremo-lo-emos rapidamente. Discrimina todas as criaturas que louvam a Deus, e como se as encontrasse caladas, exorta-as a louvá-lo.

3 “Louvai ao Senhor do alto dos céus”. Como se tivesse encontrado no alto dos céus criaturas que calassem o louvor do Senhor, exorta o salmista a que se ergam e louvem. Jamais os seres celestes omitiram o louvor a seu Criador, jamais os seres terrestres cessaram de louvar a Deus. Mas sem dúvida existem algumas que possuem um espírito pronto a louvar a Deus, porque Deus lhes é agradável. Pois, ninguém louva senão aquilo que lhe apraz. Existem outros seres, porém, que não têm espírito de vida e inteligência para louvarem a Deus; todavia, como são bons, e em sua ordem íntegros, e contribuem para a beleza do universo criado por Deus, eles por sua voz e por seu coração não louvam a Deus, mas sendo considerados pelos seres inteligentes, por intermédio desses Deus é louvado; e assim enquanto por estes últimos Deus é louvado, de certo modo aqueles seres louvam a Deus. Por exemplo, louvam a Deus do alto dos céus todos os que têm espírito de vida, e intelecto puro para contemplá-lo e amá-lo sem fastio nem desfalecimento. Louvem, porém, na terra, por meio do intelecto que distingue o bem do mal, por meio do intelecto que conhece criatura e Criador, isto é, os homens que pensam nessas coisas, e aos quais o Senhor concedeu uma mente que discerne, deleita-se e louva. Os homens podem tudo isso; porventura os animais possuem tal intelecto? Se os animais tivessem tal inteligência, Deus não nos diria: “Não sejais como o cavalo, e o mulo, sem inteligência” (Sl 31,9). Quando ele nos exorta a não sermos como os animais, sem inteligência, demonstra-nos que concedeu ao homem inteligência para louvar a Deus. Por acaso, as árvores têm vida sensível como os animais? Pois, os animais, embora não tenham senso interior racional e mente inteligente que distingue como o homem, para louvarem a Deus; têm, contudo, vida manifesta, como todos nós o

sabemos, que os leva a apetecer a comida, a ingerir o que lhes é útil e a rejeitar o que lhes é prejudicial; sentidos corporais para distinguir: a vista para as cores, o ouvido para as vozes, o olfato para os odores, o gosto para os sabores, o movimento para os prazeres ou as incomodidades. Entendemos estas coisas e as temos diante dos olhos. Eles não têm razão para entender; mas têm alma que anima o corpo, e vida manifesta. As árvores, contudo, nem isto têm. Todavia, todas as coisas louvam a Deus. Por que louvam a Deus? Porque quando as vemos e consideramos o Criador que as fez, delas brota em nós o louvor de Deus; e ao ser louvado Deus pela consideração delas todas, todas elas louvam a Deus. O salmista, então, iniciou pelo céu. Todos os seres louvam e ele diz: "Louvai". Por que diz: "Louvai", se eles louvam? Porque fica contente pelo fato de que eles louvam e apraz-lhe acrescentar uma exortação, por sua vez. Assim acontece se observas alguns trabalhando com alegria num serviço bom, seja na vinha, ou na messe, ou em qualquer obra no campo. Agrada-te o que eles fazem e os estimulas: Fazei, agi. Não falas assim para que comecem a operar, mas porque te agrada o que os encontras a fazer, e acrescentas tua congratulação e exortação. Ao dizeres: Fazei, exortando-os a agir, pelo voto como que trabalhas com eles. Com exortação semelhante o profeta, cheio de Espírito Santo, proferiu estas palavras.

4 O salmo é "de Ageu e Zacarias". Assim o título. Estes dois profetas, por ocasião do cativeiro do povo em Babi-lônia, profetizavam já o futuro fim do cativeiro para se restaurar a cidade de Jerusalém, que caíra durante a guerra (cf Esd 5,1.2; 6,14). Simbolizavam em mistério a vida futura, onde louvaremos a Deus após o cativeiro da vida presente. Ali haverá a renovação daquela grande cidade de Jerusalém, pela qual, estando longe como peregrinos, suspiramos, ainda presos sob o peso e a carga do corpo mortal; ainda gememos na peregrinação, exulta-remos, porém, na pátria. Quem, contudo, não geme como peregrino, não se alegrará como cidadão, porque não tem desejos. Por conseguinte, estes santos profetas ofereceram então grande consolo ao povo cativo segundo a carne, isto é, estabelecido em Babilônia, sob o domínio de reis estrangeiros. A profecia, pois, mostrava que viria o tempo da libertação do cativeiro, da restauração de Jerusalém. Mas tudo isso acontecia em figura (cf 1Cor 10,6); tem a sua realidade. Nos antigos foram estas coisas figuradas, em nós mostram-se presentes. E agora, que diz o Apóstolo? "Enquanto habitamos neste corpo, estamos longe do Senhor" (2Cor 5,6). Ainda não estamos na pátria. Quando estaremos na pátria? Quando triunfarmos, tendo vencido o diabo inimigo, quando for destruído o último inimigo, a morte. "Então cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?" (1Cor 15,26.54.55). Quando, portanto, não haverá mais qualquer combate da parte da morte, como agora, o qual nos leva a gemer devido às falhas e mutabilidades das coisas, à fragilidade da carne humana? Atacam-nos cotidianamente tentações, atacam-nos cotidianamente prazeres; embora não consintamos, todavia sofremos mal-estar, e lutamos, e o combatente corre grande perigo de ser vencido; se vencemos, não consentindo, sofremos aflição, resistindo aos deleites. O inimigo não cessa, não morre, exce-to por ocasião da ressurreição dos mortos. Mas presumamos, confiemos. Ageu e Zacarias nos animam; cantam a futura libertação nossa.

Se cantaram para aquele povo e se cumpriu; cantam para o povo cristão e não se realiza? Ficai tranqüilos; somente acautelai-vos acerca do modo de agir na peregrinação desta vida. Não vos agrade o amor de Babilônia, não vos esqueçais de Jerusalém. Apesar de corporalmente estardes presos ainda em Babilônia, vosso coração se antecipe a chegar a Jerusalém. Por conseguinte, louve toda a criação ao Senhor, pois lá haveremos de fazer aquilo que na terra previamente fazemos.

5 “Louvai ao Senhor do alto dos céus, louvai-o nas alturas”. Primeiro refere-se aos céus, em seguida à terra. É o Deus que fez o céu e a terra que é louvado. Os seres celestes são tranqüilos, pacificados; ali o gáudio é contínuo, não há morte, nem doença alguma, nem mal-estar algum. Os bem-aventurados sempre louvam a Deus. Nós, porém, ainda estamos na terra; mas ao pensarmos como ali Deus é louvado, tenhamos lá o coração e não escutemos inutilmente: Corações ao alto! Elevemos nossos corações, a fim de que não apodreçam na terra. Apraz-nos o que os anjos ali fazem. Agora, em esperança; depois na plena realidade, quando lá chegarmos. “Louvai-o”, portanto, “nas alturas”.

6 3-5 “Louvai-o, todos os seus anjos, louvai-o todas as suas potestades. Louvai-o sol e lua, louvai-o estrelas todas e a luz. Louvai-o céus dos céus e águas que estão acima dos céus. Louvem o nome do Senhor”. Quando o salmista poderá explicar, enumerando todas as coisas? Contudo, sumariamente abrangeu quase tudo, todos os seres celestes que louvam o seu Criador.

7 E como se alguém lhe dissesse: Porque o louvam? Que lhe devem, que lhes conferiu, para que o louvem? Continua: “Porque ele disse e foram feitas, ele ordenou e foram criadas”. Não é de admirar que as obras louvem o operador, que os artefactos louvem o artífice, que as criaturas louvem o Criador. Ali Cristo também foi nomeado, e quase não ouvimos seu nome. Quem é Cristo? “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,1-3). Por meio de quem? Do Verbo. Como o salmo mostra que foram feitas todas as coisas por meio do Verbo? “Ele disse e foram feitas, ele ordenou e foram criadas”. Ninguém diz, ninguém manda, a não ser pelo Verbo.

8 6 “Estabeleceu-as pelos séculos e pelos séculos dos séculos”. Todas as realidades celestes, todas as superiores, todas as potestades e anjos, uma determinada cidade do alto, boa, santa, feliz, de onde estamos distantes como peregrinos e por isso ainda somos infelizes; e para onde estamos voltando, felizes em esperança; e onde, depois de voltarmos, seremos felizes realmente. “Estabeleceu-as pelos séculos e pelos séculos dos séculos. Traçou uma lei que não passará”. Que preceito julgais terem recebido os seres celestes e os santos anjos? Que preceito lhes impôs Deus? Qual, a não ser o de o louvarem? Felizes aqueles cuja ocupação consiste em louvar a Deus. Não aram, não semeiam, não moem, não cozinham. Esses trabalhos são impostos pela necessidade; e lá não existe necessidade. Não roubam, não depredam, não adulteram. Tais atos pertencem à iniqüidade presente; ali não existe iniqüidade. Eles não partem o pão para quem tem fome, não vestem o nu, não recebem o peregrino, não visitam o doente, não apaziguam

o litigioso, não sepultam o morto. Estas são obras de misericórdia; ali não há miséria que necessite de misericórdia. Oh! Felizes! Julgamos que também nós seremos assim? Vamos, suspiremos, gemamos com suspiros. E que somos para estarmos lá? Mortais, expulsos, abjetos, terra e cinza. Mas aquele que prometeu é onipotente. Se olharmos para nós, que somos? Se para ele, é Deus, é onipotente. Não pode transformar um homem em anjo, aquele que fez o homem do nada? Ou, na verdade, Deus considera o homem um ser insignificante, se por causa dele quis que morresse o Filho Único? Observemos o indício de seu amor. Recebemos tal penhor da promessa de Deus; temos a morte de Cristo, temos o sangue de Cristo. Quem morreu? O Filho Único. Por causa de quem ele morreu? Oxalá fosse por causa dos bons, dos justos. Mas, então? Diz o Apóstolo: "Cristo morreu pelos ímpios" (Rm 5,6). Quem doou sua morte em prol dos ímpios, que há de reservar aos justos, a não ser a sua vida? Erga-se, portanto, a fragilidade humana; não desespere, não se choque, não se aparte, não diga: Não serei eu. Foi Deus quem o prometeu; veio para prometer; apareceu aos homens, veio assumir nossa morte, prometer sua vida. Veio até a região de nossa peregrinação, receber aqui o que existe aqui fartamente: opróbrios, flagelos, bofetadas, escarros na face, injúrias, coroa de espinhos, suspensão no madeiro, cruz, morte. De tais coisas há fartura em nossa região; veio para tal comércio. Que deu e o que recebeu? Deu exortação, deu doutrina, deu remissão dos pecados; recebeu injúrias, morte, cruz. Trouxe-nos bens de sua região e em nossa região suportou os males. No entanto, prometeu-nos estarmos no futuro ali de onde veio; e disse: "Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estou, também eles estejam comigo" (Jo 17,24). Houve previamente tamanho amor! Esteve conosco onde nós estávamos; estaremos nós com ele lá onde ele está. Que prometeu Deus, ó homem mortal? Que haverás de viver eternamente. Não crês? Crê, crê. É muito mais o que ele já fez do que aquilo que ainda prometeu. Que fez ele? Morreu por ti. Que te prometeu? Que viverás com ele. É muito mais incrível que tenha morrido aquele que é eterno do que viver eternamente um ser mortal. Já temos o que é incrível. Se Deus morreu por causa do homem, este não haverá de viver com Deus? O ser mortal não haverá de viver eternamente, se por ele morreu aquele que eternamente vive? Mas como Deus morreu, e onde? E Deus pode morrer? Assumiu de tua natureza um corpo que morresse por ti. Somente a carne poderia morrer; apenas um corpo mortal poderia morrer. Revestiu-se de um corpo a fim de morrer por ti, e te revestirá daquilo que te permitirá viver com ele. Como se revestiu do que é mortal? Através da virgindade de sua mãe. Como te revestirá da vida? Pela igualdade com o Pai. Escolheu aqui um tálamo casto, onde o esposo se unisse à esposa. O Verbo se fez carne (cf Jo 1,14) para se tornar Cabeça da Igreja. Pois, o Verbo em si não é parte da Igreja; porém no intuito de se tornar Cabeça da Igreja, assumiu a carne. Alguma coisa do que é nosso já está no alto, que ele recebeu aqui na terra, onde morreu, onde foi crucificado. Já te precederam tuas primícias, e ainda duvidas que hás de segui-las!

9 7 Conseqüentemente, volte-se para louvores na terra aquele que convidou ao louvor as coisas celestes: "Da terra, louvai ao Senhor". Mais acima, como começou? "Louvai ao Senhor do alto dos céus", e enumerou os seres celestes; agora ouve falar dos terrestres.

"Dragões e todos os abismos". Abismos são as profundezas das águas: os mares todos, o ar coberto de nuvens pertencem aos abismos. Toda a região onde estão os ventos, as tempestades, as chuvas, os raios, os trovões, o granizo, a neve e tudo o que Deus quer que advenha à terra, partindo do ar úmido e escuro, a toda ela o salmista denominou terra, porque é excessivamente mutável e mortal; a não ser que julgues que chova em cima das estrelas. Tudo isto sucede perto da terra. Às vezes, os homens no cume dos montes vêem as nuvens abaixo de si e não raro chover. Os que observam atentamente tudo isso, que acontece devido a perturbações atmosféricas, verificam que isso se dá nas partes inferiores da terra. Ora, a esta região tenebrosa, isto é, o ar, como a um cárcere, está condenado o diabo, que caiu, com seus anjos, dos coros dos anjos superiores; diz o Apóstolo a respeito dele: "Conforme o Príncipe do poder do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência" (Ef 2,2). E outro apóstolo diz: Com efeito, se Deus não poupou os anjos que pecaram mas lançou-os nos abismos tenebrosos do tártaro, onde estão guardados à espera do juízo (2 Pd 2,4); denominou-o inferno, porque é a parte inferior do mundo. Não penses no que o diabo recebeu, e sim no que perdeu. Vê as qualidades de todos esses seres: mutáveis, perturbados, terrríveis, corruptíveis; todavia, têm seu lugar próprio, têm sua ordem, preenchem a beleza do universo a sua maneira, e assim louvam ao Senhor. O salmista, pois, voltando-se para eles, numa espécie de exortação aos mesmos, contudo, é antes a nós que ele exorta, a fim de que considerando-os, louvemos o Senhor (pois louvam a Deus, quando fazem brotar o louvor a Deus, ao serem contempladas), começou a dizer: "Da terra, louvai ao Senhor, dragões e todos os abismos". Os dragões vivem perto da água, partem de cavernas, elevam-se no ar; eles o agitam. São grandes animais os dragões; não há maiores sobre a terra. Por isso, o salmista começou dizendo: "Dragões e todos os abismos". Existem, de fato, grutas com águas ocultas, de onde vêm as fontes, de onde procedem os rios. Uns aparecem, correndo sobre a terra; outros fluem debaixo da terra; e todo esse conjunto, esta natureza úmida das águas, junto com o mar e a parte inferior do ar, chamam-se abismo, ou abismos. Aí vivem os dragões e louvam a Deus. Como? Pensamos que os dragões formam coros e louvam a Deus? De forma nenhuma. Mas, vós, ao contemplardes os dragões, notai o artífice dos dragões, o Criador dos dragões; e admirando-os, dizeis: É grande o Deus que fez estas coisas. Os dragões louvam a Deus, por intermédio de vossas vozes: "Dragões e todos os abismos".

10 8 "Fogo, granizo, neve, gelo, ventos poderosos que executam a sua palavra". Por que acrescentou: "que executam a sua palavra?" Muitos estultos que não conseguem contemplar e distinguir as criaturas em seus lugares e em sua ordem, e que executam seus movimentos a um sinal ou uma ordem de Deus, parece-lhes que Deus governa os seres superiores, contudo despreza, rejeita, abandona os inferiores, e não cuida deles, não os governa, nem rege; são levados ao acaso, como podem, por onde podem. E convencem os que dizem a si mesmos (que não o digam a ti, isto é, não consintas, ao ouvires seu modo de falar; são palavras blasfemas e abomináveis diante de Deus): Se Deus é quem manda a chuva, faria chover sobre o mar? Que providência é esta? Seca na Getúlia e chuva sobre o mar. Parece-lhe uma opinião engenhosa. Replica-lhes: A Getúlia

ao menos sofre com a seca; e tu, que nem sentes sede! Seria ótimo que falasses a Deus: “Como terra sem água minha alma está diante de ti” (Sl 142,6). Outro salmo traz claramente: “De ti a minha alma está sequiosa e de quantas manerias também a minha carne” (Sl 62,20). E o Senhor no evangelho: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Quem disputa desta forma já está saciado; pensa ser douto, não quer aprender, portanto não tem sede. Se tivesse sede, desejaria aprender; e descobriria que na terra tudo se realiza segundo a providência de Deus. Admiraria até a disposição dos membros de uma pulga. V. Caridade, preste atenção. Quem dispôs os membros da pulga e do mosquito, dando-lhes ordem peculiar, vida própria, movimento próprio? Observa apenas um animal-zinho miúdo, à tua escolha. Considera a ordem de seus membros, a vida que o anima e move; como foge espontaneamente da morte, ama a vida, deseja os prazeres, evita as incomodidades, emprega os diversos sentidos, movimenta-se de forma conveniente a si! Quem deu ao mosquito o aguilhão com o qual suga o sangue? Quão tênue é a fístula por onde sorve! Quem dispôs estas coisas? Quem os fez? Pasmas diante destes seres minúsculos. Louva aquele que é grande. Guardai esta fé, meus irmãos; ninguém vos roube a fé e a sã doutrina. Aquele que criou o anjo no céu, fez na terra o vermezinho; mas o anjo no céu, para a habitação celeste, e o vermezinho na terra para a habitação terrestre. Teria porventura feito o anjo para arrastar-se na lama e o vermezinho no céu? Distribuiu os habitantes conforme as respectivas moradias; deu uma habitação incorruptível para a incorrupção, e para os seres corruptíveis preparou lugares corruptíveis. Atende ao todo, louva o todo. Aquele que dispôs os membros do vermezinho, não governa as nuvens? E por que faz chover sobre o mar? Como se não houvesse no mar animais que a chuva nutre; como se ali não tivesse feito os peixes, ali não tivesse colocado outros animais. Observai como os peixes acorrem para a água doce. E por que, diz ele, cai a chuva para os peixes, e para mim por vezes não chove? A fim de que reflitas que te achas numa região deserta, na peregrinação da vida; e seja-te amarga a vida presente, e aneles pela futura; ou para seres afligido, castigado e corrigido. Como, então, distribui o que é adequado às regiões? Eis que falamos sobre a Getúlia; ali chove quase a ano todo, e o ano todo dá trigo; aqui o trigo não se conserva, logo se estraga, porque dá o ano todo. Lá, dá raramente, mas dá muito e conserva-se duramente muito tempo. Acaso pensas que lá Deus abandona os homens, ou eles, de acordo com sua alegria, não louvam e glorificam a Deus? Tira dali um getulo, e coloca-o no meio destas árvores amenas; procura fugir daqui e voltar para a terra desnuda da Getúlia. Deus, portanto, distribuiu e des-tinou a cada qual seu lugar, sua região, sua época. Seria longo fazer mais cuidadosa reflexão sobre todas as coisas. Quem o pode explicar? No entanto, quem tem olhos, vê muito; vendo, agrada-lhe; agradando-lhe, louva, não às mesmas, mas àquele que criou tudo isso. Desta forma, todas as coisas louvarão a Deus.

11 Refletindo assim o espírito do profeta, após dizer: “Fogo, granizo, neve, gelo, ventos procelosos”, coisas que a estultos parecem desordenadas, e levadas ao acaso, acrescentou: “Que executam a sua palavra”. Não te pareçam movimentadas ao acaso; obedecem em todos os seus movimentos à palavra de Deus. Deus as conduz aonde quer:

para cá o fogo, para lá as nuvens, a chuva, a neve, o granizo. E por que às vezes os raios ferem os montes e não atingem os ladrões? Posso dizê-lo, à medida que meu espírito o capta e que Deus me concede; os engenhos mais agudos conhecerão melhor, e entenderão mais amplamente. Deus vos conceda compreender melhor do que eu me expresso, contudo com temperança, sem soberba. Posso, então, dizer qual a meu ver, a razão por que atingem a montanha, e não o ladrão. Talvez o ladrão ainda procure a conversão; fere o monte que não teme, a fim de que se mude o homem que teme. Às vezes tu também, ao ensinares castigando, bates no chão para que a criança tenha medo. Por vezes fere o Senhor a um homem que quer. Replicas, porém: Fere um mais inocente, e deixa um mais criminoso. Não te admires. Sempre a morte é boa para o homem piedoso. Como podes saber qual o castigo ocultamente reservado àquele homem mais criminoso, se não quiser mudar? Não seria preferível serem fulminados por um raio aqueles aos quais no fim será dito: "Ide para o fogo eterno"? (Mt 25,41). O importante é seres inocente. E então? É um mal morrer num naufrágio, e é um bem mor-rer de febre? Aqui, ou ali, interroga qual é aquele que morre; para onde há de ir após a morte, e não onde sairá desta vida. Numa ocasião qualquer temos de sair daqui. Através de que tipo de morte os mártires mereceram sair daqui? Por acaso, devido a febres, como é desejo de muitos de morrerem de febre? Uns por um golpe de espada, outros pelo fogo, outros lançados às feras. E as feras devoraram os corpos dos mártires, e eles não tiveram medo de que seu corpo perecesse. De toda parte Deus há de reconduzir os corpos de seus santos, pois todos os nossos cabelos são contados (cf Mt 10,30). Quando ele quis, livrou os três jovens da fornalha (cf Dn 3,24.93); por acaso abandonou os Macabeus no fogo? (cf 2Mc 7). Àqueles ele abertamente livrou, a estes coroou ocultamente. Com efeito, Deus sabe o que faz. Tu, teme e sê bom. Seja de onde for que ele quiser que saias daqui, que ele te encontre preparado. Pois, és um inquilino (cf Sl 118,19) e não um proprietário da casa. De fato, a casa te foi alugada; esta casa é alugada, não doada. Embora não o queiras, hás de migrar. Não a rcebeste com a condição de que fosse tua por um tempo determinado. Que te disse teu Senhor? Quando eu quiser e se disser: Sai, está pronto. Tiro-te para fora da hospedaria, mas dar-te-ei uma casa. Na terra, és inquilino; serás um proprietário no céu.

12 Seja o que for, portanto, que acontecer aqui contra nossa vontade, deveis saber que só acontece segundo a vontade de Deus, a sua providência, por sua ordem, por seu aceno, por suas leis. Se não compreendermos por que assim age, entreguemo-lo a sua providência, que não age sem causa, e não blasfemamos. Se começarmos a discutir sobre as obras de Deus: Por que isto, porque aquilo; e: Isso não devia ser feito assim, isso é mal feito, onde fica o louvor de Deus? Perdestes a ocasião de dizer: Aleluia. Considera em tudo como hás de agradar a Deus, e louva o artífice. Se por acaso entrares na oficina de um ferreiro, não ousarás criticar os foles, a bigorna, o martelo. E se entra um ignorante que não sabe para que servem, critica tudo. Mas, se não tiver a perícia do artífice, e ao menos respeita-o, que dirá a si mesmo? Não há de ser sem motivo que os foles estão neste lugar; o artífice sabe por quê, embora eu não saiba. Na oficina não ousará criticar o ferreiro; e ousará censurar neste mundo a Deus! Efetivamente, como

“fogo, granizo, neve, gelo, ventos procelosos executam sua palavra”, assim tudo o que parece desarrazoado na natureza aos estultos, apenas executam a palavra de Deus, porque não se faz senão segundo sua ordem.

13 9-12 Em seguida o salmista convida a louvarem a Deus: “Montes e todas as colinas; árvores frutíferas e todos os cedros; feras e gados de toda espécie, reptéis e aves aladas”. Em seguida, dirige-se aos homems: “Reis da terra e todos os povos, príncipes e todos os juízes da terra; jovens e virgens, anciãos com meninos louvem o nome do Senhor”. Ele explicou como é o louvor no céu, como é o louvor na terra.

14 13 “Porque só o seu nome é excelso”. Ninguém procure exaltar seu próprio nome. Queres ser exaltado? Submete-te àquele que não pode ser humilhado: “Porque só o seu nome é excelso”.

15 14 “Sua confissão se realiza no céu e na terra”. Que significa: “Sua confissão se realiza no céu e na terra?” É ele quem confessa? Não; mas confessam-no todas as coisas, todas as coisas clamam; a beleza de todas elas de certo modo constitui sua voz a confessar a Deus. O céu clama a Deus: Tu me fizeste, e não eu mesmo. A terra clama: Tu me criaste, e não eu mesma. Como estas coisas clamam? Quando são contempladas é que isso se realiza; clamam devido a tua reflexão, clamam por meio de tua voz. “Sua confissão se realiza no céu e na terra”. Observa o céu; é belo. Olha a terra; é bela. Ambos juntos são muito belos. Foi Deus quem os fez, quem os governa, são regidos segundo seu beneplácito. Ele estabelece o tempo, instaura os momentos, por si mesmo os instaura. Por isso, todas essas coisas o louvam, quer estejam estáveis, ou em movimento, seja a terra em baixo, seja o céu no alto, seja ao envelhecerem ou numa renovação. Ao contemplares estas realidades e te regozijares, e te ergueres até o artífice, e ao tornarem-se inteligíveis as realidades invisíveis através das criaturas (cf Rm 1,20), “sua confissão se realiza no céu e na terra”, isto é, confessarás por causa dos seres terrenos, confessarás por causa dos seres celestes. E como Deus criou tudo, e nada há de melhor do que ele, tudo o que ele fez, nele se encontra e tudo o que te agrada das criaturas é menor do que ele. Por conseguinte, não te agrade a criatura de tal forma que te afastes do criador; e se amas o que ele fez, ama muitos mais aquele que o fez. Se são belas as criaturas, quanto mais formoso o Criador? “sua confissão se realiza no céu e na terra”.

16 “E exaltou o poder de seu povo”. Eis o que profetizavam Ageu e Zacarias. Agora o humilde poder de seu povo acha-se no meio de tribulações, tentações, de batidas no peito; quando exaltará “o poder de seu povo?” Quando vier o próprio Senhor e nascer nosso sol. Não este sol visto por nossos olhos, e que se levanta sobre bons e maus (cf Mt 5,45); e sim aquele do qual foi dito: “Mas para vós que temeis a Deus, brilhará o sol de justiça, que tem a cura em seus raios” (Ml 3,20). Dele hão de dizer os soberbos e os ímpios: “A luz da justiça não brilhou para nós, para nós não nasceu o sol” (Sb 5,6). Será este o nosso verão. Agora, no inverno, não se vêem frutos; só a raiz. Notas como as árvores ficam quase secas no inverno. Quem não sabe, pensa que a videira secou; e

talvez esteja perto de uma que na verdade secou. No inverno ambas são semelhantes: a que está viva e a que morreu. Tanto a vida quanto a morte delas está oculta. Vem o verão. A vida de uma aparece e manifestasse a morte da outra. Revela-se a beleza das folhas, a fecundidade dos fruto. Reveste-se exteriormente a videira daquilo que tem nas raízes. Assim, irmãos, agora somos tais quais os demais homens: de maneira igual a eles os santos nascem, comem, bebem, vestem-se, passam esta vida. Algumas vezes, a aparência engana e diz-se: ele se tornou cristão; acaso não tem dor de cabeça? Ou pelo fato de ser cristão que tem a mais do que eu? Ó videira seca, vês junto de ti uma videira despojada de folhas no inverno, mas não esta seca. O verão há de vir, virá o Senhor, nossa honra, escondida na raiz; e então "exaltará o poder de seu povo", depois do cativeiro da mortalidade em que vivemos. Daí afirmar o Apóstolo: "Por conseguinte, não julgueis prematuramente, antes que venha o Senhor. Ele porá às claras o que está oculto nas trevas. Então cada um receberá de Deus o louvor que lhe for devido" (1Cor 4,5). Mas perguntas: Onde está minha raiz? Onde está o meu fruto? Se acreditas, sabes onde se acha tua raiz. Está onde se encontra a tua fé, tua esperança, tua caridade. Escuta o Apóstolo: "Pois morrestes". Pareciam mortos, no inverno. Escuta que eles vivem: "E a vossa vida está escondida com Cristo em Deus". Eis onde tens a raiz. Quando, então, ficarás ornado honrosamente? Quando terás a fecundidade dos frutos? Escuta como ele continua: "Quando Cristo, que é a vossa vida se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória" (Cl 3,3.4) "E exaltará o poder de seu povo".

17 "Cantem hinos todos os seus santos". Sabeis o que é hino? É um cântico com louvor a Deus. Se louvas a Deus sem canto, não é hino. Se cantas e não louvas a Deus, não é hino; se louvas outra coisa não pertencente ao louvor de Deus, apesar de cantares louvores, não é um hino. O hino, pois, consta de três coisas: canto, louvor, de Deus. Portanto, louvor a Deus com cântico chama-se hino. Que significa então: "Cantam hinos todos os seus santos?" Seus santos comecem um hino, cantem um hino; aquele que começarão no fim será um hino eterno. Por isso, diz outro salmo: "O sacrifício de louvor me glorificará e ali está o caminho em que lhe mostrarei a salvação de Deus" (Sl 49,23). E: "Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos" (Sl 83,5). É isto que significa: "Cantem hinos todos os seus santos". Quem são os seus santos? "Os filhos de Israel, o povo que lhe é familiar". Ninguém diga: Não sou filho de Israel. Não julgueis que os judeus são filhos de Israel e nós não somos filhos de Israel. Ouso dizer-vos, meus irmãos: eles é que não são e nós é que somos. Ouvi a razão: porque é mais importante o que nasceu segundo o espírito do que o nascido segundo a carne. De onde se origina Israel? De Abraão; porque Isaac nasceu de Abraão, Israel nasceu de Isaac. Como foi que Abraão agradou a Deus? "Acreditou Abraão em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça" (Rm 4,3). Todo aquele que imita Abraão é filho de Abraão; quem degenerar, perdendo a fé de Abraão, perde sua filiação de Abraão. Os judeus degeneraram: perderam. Nós o imitamos: encontramo-lo. Escuta como eles perderam. Que lhes respondeu o Senhor quando afirmavam: "Somos a posteridade de Abraão?" Ousaram ostentar-se e levantar a cabeça por causa da nobreza da raça do justo. E que lhes replicou o Senhor? "Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de

Abraão" (Jo 8,33,39). Se eles, portanto, perderam o privilégio de serem filhos de Abraão, nós o encontramos para sermos filhos de Abraão. Crendo encontramos o que eles perderam por não acreditarem; porque "acreditou Abraão em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça" (cf Gl 3,16). A posteridade de Abraão é Cristo e nós estamos em Cristo; de Israel veio o povo e do povo de Israel veio Maria, de Maria Cristo, e em Cristo estamos nós; portanto, somos filhos de Israel. E que acrescentou o salmista para nos distinguir? "Os filhos de Israel, o povo que lhe é familiar". Notai os judeus; se eles se aproximam de Deus, eles são Israel. Talvez se aproximem, responde-me alguém. Diariamente também eles cantam salmos, cantam hinos a Deus. Não ouvistes o que lhes disse o profeta? "Este povo se chega a mim com palavras, e me glorifica com os lábios, mas o seu coração está longe de mim" (Is 29,13). Se seu coração está longe, o nosso coração está próximo, porque acreditamos, esperamos, amamos, estamos unidos a Cristo, e tornamo-nos seus membros; acaso os membros estão longe da cabeça? Se estivessem longe, e divididos, não teria dito o Senhor: "Eis que estou convosco até a consumação dos séculos" (Mt 28,20). Se estiverem separados, a Cabeça não diria do céu: "Saulo, Saulo, por que me persegues"? (At 9,4). Se não estivesse em nós, não diria: "Tive fome e me destes de comer", e quando eles lhe perguntaram: "Quando foi que te vimos com fome? respondeu: Toda vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25,35.37.40). Eis o povo de Israel que se aproxima do Senhor. E com ele, nós agora em esperança, depois na plena realidade.

SALMO 149

SERMÃO AO POVO

1 1 Louvemos ao Senhor, com a voz, com o intelecto, com as boas obras. A isto nos exorta o presente salmo: Cantemos-lhe um cântico novo. Pois, ele assim inicia: "Cantai ao Senhor um cântico novo". Homem velho, velho cântico; homem novo, cântico novo. Antigo Testamento, cântico antigo; Novo Testamento, cântico novo. No Antigo Testamento as promessas são temporais e terrenas. Todo aquele que ama os bens terrenos, canta o cântico velho; quem quer cantar um cântico novo ame os bens eternos. O próprio amor é novo e eterno; sempre novo porque não envelhece. Com efei-to, pensando bem, é antigo; como então é novo? Acaso, meus irmãos, a vida eterna surgiu agora? A vida eterna é Cristo, e segundo a divindade não nasceu agora, porque: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus o e Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito" (Jo 1,1-3). Se as coisas que foram feitas por ele são antigas; que é ele mesmo, por meio de quem tudo foi feito? Que é, senão o eterno, coeterno com o Pai? Ora, nós caímos no pecado, chegamos à velhice. É nossa a voz que ressoa naquele salmo, onde dizemos gemendo: "Envelheci em meio de todos os meus inimigos" (Sl 6,8). O homem envelheceu pelo pecado, e é renovado pela graça. Todos, portanto, que se renovam em Cristo a fim de começarem a pertencer à vida eterna, cantam o cântico novo.

2 Este é o cântico da paz, o cântico da caridade. Todo o que se aparta da união dos santos, não canta o cântico novo. Pois, seguiu a velha animosidade, e não a caridade que é nova. Na caridade que é nova que se encontra? Paz, vínculo da santa sociedade, estrutura espiritual, edifício de pedras vivas. E onde está isto? Não em um só lugar, mas por toda a terra. Escuta como o exprime outro salmo: assim fala: "Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, terra inteira" (Sl 95,1). Daí se conclui que aquele que não canta com a terra inteira, canta o cântico velho, sejam quais forem as palavras que profiram seus lábios. Ora, por que ficarei atento ao som de suas palavras, se vejo o que ele pensa? E tu, responde-me, vês o que ele pensa? Os fatos o indicam. Pois, o olho não penetra na consciência. Dou atenção ao que ele faz, e assim percebo o que ele pensa. Se alguém, por exemplo, surpreender outro em um furto, em um homicídio, em um adultério, não vê o coração dele, mas vê os fatos. Há certas coisas que ficam escondidas no interior; mas muitas são as que aparecem nas obras, e se tornam manifestas mesmo aos homens. Quando aqueles que se separaram da união da caridade de Cristo e da sociedade da santa Igreja eram maus em seu interior, somente Deus os conhecia. Veio a prova; separou-os e manifestou aos homens o que só Deus sabia. Pois, os frutos só se mostram nos fatos. Daí a palavra: "Pelos seus frutos os conhecereis" (Mt 7,16). O Senhor menciona alguns que se disfarçam em ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes (cf Mt 7,15). E no intuito que a fragilidade humana pudesse reconhecer o lobo disfarçado

em ovelha, disse: “Pelos seus frutos os conhecereis”. Procuramos os frutos da caridade, e encontramos os espinhos da dissensão. “Pelos seus frutos os conhecereis”. Portanto, seu cântico é o cântico velho; cantemos nós o cântico novo. Já dissemos, irmãos, que toda a terra canta o cântico novo. Quem não canta com a terra inteira o cântico novo, diga o que quiser, soe em sua boca o Aleluia, diaga-o o dia inteiro, toda a noite; meus ouvidos não se inclinam muito para a voz do cantor, antes procuro os costumes daquele que age. Pois, pergunto-lhe: Que é que cantas? Responderá: Aleluia. Que significa Aleluia? Louvai ao Senhor. Vem, louvemos juntos ao Senhor. Se tu louvas ao Senhor, e eu também louvo o Senhor. Por que discordamos? A caridade louva ao Senhor, a discordia blasfema contra o Senhor.

3 E quereis saber onde haveis de cantar o cântico novo? As palavras do salmo em si já exprimem como e onde devem ser realizadas; se por intermédio de todas as nações, ou em alguma parte da terra. Daí melhor entendereis a quem pertence o cântico novo. Já se evidencia o que mencionei de outro salmo: “Cantai ao Senhor um cântico novo”. E no intuito de demonstrar que o cântico novo é fruto da caridade e da unidade, prosseguiu: “Cantai ao Senhor, terra inteira” (Sl 91,1). Ninguém se separe, se desligue: és trigo; suporta a palha até que seja ventilada. Queres ser lançado fora da eira? Mesmo que fosses trigo, fora da eira, as aves te encontrariam e te apanhariam. Acrescente-se que pelo fato mesmo de te apartares e voares, indicas seres palha. Como eras leve, soprou o vento, e te retirou dos pés dos bois. Ao contrário, os grãos de trigo suportam a trituração. Estão contentes de serem grãos, gemem no meio da palha, esperam aquele que vem para a ventilação, porque o reconhecem como redentor. “Cantai ao Senhor um cântico novo. Ressoem seus louvores na assembléia dos santos”. A Igreja dos santos é a Igreja dos grãos de trigo espalhados por toda a terra; foram semeados através do campo do Senhor, isto é, o mundo, conforme explicou o próprio Senhor, ao falar do semeador: “Um homem semeou boa semente no seu campo. Veio o seu inimigo e semeou o joio no meio do trigo. Os servos do proprietário lhe disseram: Não semeaste boa semente no teu campo? Como então está cheio de joio? Ao que este respondeu: Um inimigo é que fez isto”. Os servos queriam recolher o joio, mas ele o impediu, nesses termos: “Deixai-os crescer juntos até a colheita. No tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; em seguida, recolhei o trigo no meu celeiro. Depois os discípulos o interrogaram: “Expli-cai-nos a parábola do joio”. E ele expôs tudo, de sorte que ninguém atribua a seu próprio coração o entendimento da parábola, e sim à exposição do mestre celestial. Ninguém diga: Expôs a si mesmo conforme quis. Se o Senhor expusesse a parábola a um profeta, quando ele falava por meio dos profetas os seus oráculos, quem ousaria dizer que assim não se devia explicar? Com muito mais razão, quando o próprio Senhor explica o que propõe, quem ousará contradizer à verdade evidente? Por conseguinte, o Senhor ao expor esta parábola, assim se expressou: “O que semeia a boa semente é o Filho do homem”, designando-se efetivamente a si mesmo. “A boa semente são os filhos do reino”, a Igreja dos santos. “O joio são os filhos do Maligno. O campo é o mundo” (cf Mt 13,24-30.36,38). Estai cientes, irmãos, de que pelo mundo foi semeada a boa semente e pelo mundo todo foi semeado o joio. Será que

numa parte está o trigo e noutra parte o joio? Pelo mundo inteiro encontra-se o trigo e por todo ele o joio. O campo do Senhor é o mundo e não a África. Não acontece como nessas terras: a Getúlia produz sessenta por um ou cem por um, e a Numídia produz dez; não é isto que sucede no campo de Deus. Por toda a parte produz fruto, cem, sessenta e trinta por um; tu, porém, verifica o que queres ser, se julgas pertencer aos frutos do Senhor. Por isso, a Igreja dos santos é a Igreja católica. A Igreja dos santos não é a Igreja dos hereges. A Igreja dos santos é a predita por Deus antes de aparecer; ele a mostrou para que fosse vista. A Igreja dos santos estava primeiro nos códices, agora está entre as nações. Anteriormente, lia-se o que se refere à Igreja dos santos; agora, lê-se e vê-se. Quando apenas se lia, cria-se; agora se vê e se contradiz! "Seus louvores na assembléia dos santos".

4 2 "Alegre-se Israel no seu criador". Que significa Israel? Aquele que vê a Deus. É o sentido do nome de Israel. Quem vê a Deus, alegra-se naquele que o fez. E então, meus irmãos? Tendo afirmado que pertencemos à Igreja dos santos, já vemos a Deus? Como somos Israel, se não vemos? Existe uma espécie de visão do presente; haverá outra visão no futuro. A visão atual é pela fé; a futura, será na realidade plena. Se acreditamos, vemos; se amamos, vemos. Que vemos? A Deus. Onde está Deus? Interroga João. "Deus é amor" (1Jo 4,16). Bendigamos seu santo nome; e alegremo-nos em Deus, se nos alegramos na caridade. Se alguém tem a caridade, porque haveremos de enviá-lo para longe, a fim de ver a Deus? Atenda a sua consciência, e ali verá a Deus. Se a caridade ali não habita, Deus ali não habita. Se, porém, ali se encontra a caridade, Deus habita ali. Quer alguém talvez vê-lo sentado no céu; tenha a caridade, e Deus nele habita como no céu. Sejamos, portanto, Israel, e alegremo-nos naquele que nos fez: "Alegre-se Israel no seu criador". Alegre-se no seu criador, não em Ario, não em Donato, não em Ceciliano; não em Proculiano[1], não em Agostinho: "Alegre-se no seu criador". Irmãos, não nos recomendamos a vós; mas vos recomendamos Deus, porque vos entregamos a ele. Como vos recomendamos a Deus? A fim de que o ameis para vosso próprio bem, não para o bem dele. Se não o amais é para vosso mal, não o atinge a ele. Não se diminuirá a divindade em Deus, se o homem não lhe tiver amor. Tu cresces por Deus e não é ele quem aumenta por ti. E no entanto, ele nos amou primeiro (cf 1Jo 4,19), antes que o amássemos, de tal forma que enviou seu Filho único a fim de morrer por nós (cf Jo 3,16). Aquele que nos fez, tornou-se um de nós. Como foi que ele nos fez? "Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito". Como se fez um de nós? "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (Jo 1,3.14). Por isso, é nele que devemos nos alegrar. Ninguém se arrogue uma parte desta alegria; dele provém a alegria que nos faz felizes: "Alegre-se Israel no seu criador".

5 "E no seu rei exultem os filhos de Sião". Eles são Israel, são filhos da Igreja. De fato, Sião foi um cidade que caiu. Nas suas ruínas, realmente, habitavam os santos por algum tempo; mas a Sião verdadeira, a Jerusalém verdadeira (pois Sião e Jerusalém se identificam) é eterna nos céus; ela é nossa mãe (cf Gl 4,26). Ela nos gerou, é a Igreja dos santos, nos nutriu; parcialmente é peregrina, parcialmente permanece no céu. A parte que

permanece no céu constitui a felicidade dos anjos; a parte que peregrina neste mundo forma a esperança dos justos. Dela foi dito: "gloria a Deus nas alturas", e ainda: "E na terra paz aos homens de boa vontade" (Lc 2,14). Aqueles que gemem na vida presente, desejando a pátria, corram pelo amor e não com os pés corporais. Não procurem navios, mas asas; tomem as duas asas da caridade. Quais são as duas asas da caridade? O amor de Deus e o do próximo. Pois, peregrinamos, suspiramos gememos. Chegaram cartas de nossa pátria; são as que vos lemos.

1 Supõe-se te sido proferido o sermão em Hipona, enquanto vivia ainda Proculiano, bispo da mesma cidade, donatista, no início do século V. Acerca dele ver as cartas de Agostinho 33-35; 78; 88.

6 "Alegre-se Israel no seu criador e no seu rei exultem os filhos de Sião. Seu criador" é o mesmo que: "seu rei". E: "Israel" é idêntico a: "filhos de Sião". E: "no seu criado" é igual a: "no seu rei". O Filho de Deus que nos criou, fez-se um de nós; e nosso Rei nos governa, porque nosso Criador nos fez. Aquele por quem fomos feitos é quem nos governa; somos cristãos, porque ele é Cristo. Cristo é palavra derivada de crisma, isto é, unção. Efetivamente, eram ungidos os reis e os sacerdotes (cf 1Sm 10,1; 16,13; Ex 30,30). Ele, de fato, foi ungido como Rei e Sacerdote. Rei, lutou por nós; Sacerdote, ofereceu-se por nós. Quando lutou por nós, parecia vencido; na verdade, porém, venceu. Pois, foi crucificado e de sua cruz, em que estava pregado, abateu o diabo. Daí vem que é nosso Rei. E como é Sacerdote? Porque ofereceu-se por nós. Dai o Sacerdote uma vítima para ser oferecida. Como encontraria o homem uma vítima pura? Que vítima? Que coisa pura pode oferecer o pecador? Ó iníquo, ó ímpio! Seja o que for que trouxeres é impuro, e no entanto uma vítima pura deve ser oferecida por ti. Procuras junto de ti o que oferecer e não encontras. Procura o que oferecer de ti mesmo. O Senhor não se deleita com carneiros, bodes, touros. Tudo é dele, mesmo que não o ofereças. Oferece-lhe um sacrifício puro. Mas és pecador, és ímpio, tens uma consciência manchada. Talvez possas oferecer algo de puro, depois de te purificares; mas para isso, tens de oferecer alguma coisa por ti. Que, então, hás de oferecer, a fim de te purificares? Se estás purificado, podes oferecer o que é puro. O sacerdote puro, portanto, ofereça-se a si mesmo, e purificará. Foi isto que Cristo fez. Nos homens, ele nada encontrou que fosse puro, a fim de oferecê-lo em lugar dos homens; ofereceu-se, então, como vítima pura. Feliz vítima, verdadeira vítima, hóstia imaculada! Não ofereceu coisa que lhe tenhamos dado; ou melhor, ofereceu o que recebeu de nós e ofereceu-o inteiramente puro. Assumiu nossa carne e a ofereceu. Mas, de onde a recebeu? Do seio da virgem Maria, para oferecer uma carne pura em favor de seres impuros. Ele é o Rei, o Sacerdote. Nele nos alegremos.

7 3 "Louvem em coro o seu nome". Que quer dizer: coro? Muitos sabem o que é um coro. E como falamos numa cidade, quase todos o sabem. Coro consta de cantores que cantam a uma só voz. Se cantamos em coro, cantemos em concórdia. Num coro de cantores se uma voz estiver dissonante, ofende os ouvidos, perturba o coro. Se uma voz discordante perturba o uníssono dos cantores, como uma heresia dissonante não há de perturbar a harmonia dos que louvam? O coro de Cristo já está constituído do mundo

inteiro. O coro de Cristo soa em uníssono do oriente ao ocidente. Vejamos se a tanto se estende o coro de Cristo. Diz outro salmo: "Desde o nascente ao poente, louvai o nome do Senhor" (Sl 112,3). "Louvem em coro o seu nome".

8 "Cantem ao som do tambor e do saltério". Por que o salmista assume o tambor e o saltério? A fim de que louve não somente a voz, mas ainda as obras. Quando se toma o tambor e o saltério, as mãos cantam em uníssino com a voz. Assim também tu, se algumas vezes cantas o Aleluia, e partes o pão com o que tem fome, vestes o nu, recebes o peregrino, não é apenas a voz que ressoa, mas as mãos concordam, porque concordam palavras e atos. Tomaste o instrumento e concordam língua e dedos. Não calemos o mistério do tambor e do saltério. No tambor o couro é estendido, e no saltério estendem-se as cordas. Em ambos os instrumentos a carne é crucificada. Como salmodiava bem com o tambor e o saltério aquele que dizia: "O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gl 6,14). Quer que tomes o saltério, como tambor, aquele que ama o cântico novo, que te ensina ao te dizer: "Se alguém quer ser meu discípulo, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Mt 16,24). Não abandone o saltério, não largue o tambor. Seja estendido sobre o madeiro e livre-se da concupiscência da carne. Quanto mais se estendem os nervos, tanto mais eles emitem sons agudos. Que disse o apóstolo Paulo para que o saltério emitisse sons agudos: "Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto" (Fl 3,13.14). Estica-se; toca o Cristo e faz soar a doçura da verdade. "Cantem-no ao som do tambor e do saltério".

9 4 "Porque o Senhor beneficiou o seu povo". Que benefício maior do que morrer pelos ímpios? Que benefício tão grande quanto apagar com o sangue do justo o documento da dívida do pecador? Que benefício tão grande como declarar: Não me importa o que fostes; sede o que não fostes? "O Senhor beneficiou o seu povo", perdoando os pecados, prometendo a vida eterna. É um benefício converter o adversário, ajudar o combatente, coroar o vencedor: "O Senhor beneficiou o seu povo. E exaltará os mansos para sua salvação". Os soberbos também se exaltam, mas não para sua salvação. Os mansos para a salvação, os soberbos para a morte; isto é, os soberbos exaltam-se a si mesmos, e o Senhor os humilha; os mansos, ao invés, se humilham, mas Deus os exalta. "E exaltará os mansos para sua salvação".

10 5 "Exultarão os santos na glória". Quero dizer algo; ouvi atentamente, o que falarei da glória dos santos. Não há quem não ame a glória. Mas a glória dos estultos, aquela que é denominada vulgar, traz consigo o atrativo enganoso: quem se impressiona com os louvores dos homens vãos, procura viver de tal forma que seja elogiado por quaisquer dos homens, de qualquer forma que seja. Daí se tornarem os homens loucos, inchados de soberba, vazios interiormente, por fora entumescidos, a ponto de perderem seus bens, dando-os aos comediantes, palhaços, caçadores, aurigas. Quanto dão! quanto gastam! Dispendem as forças, não apenas do patrimônio, mas também de sua alma. Aborrecem o pobre, porque o povo não grita para que o pobre receba; ao contrário, o povo grita para que receba o caçador. Eles, portanto, onde não há clamor, não querem dar; onde há

clamores dos loucos, eles enlouquecem; e tornam-se todos loucos, os que dão o espectáculo, os espectadores, os que os oferecem. Esta glória estulta é censurada pelo Senhor, reprovada diante dos olhos do Onipotente. E no entanto, meus irmãos, Cristo assim censura os seus: Não recebi de vós tanto quanto receberam os caçadores, tirastes-me do que é meu para lhes dar. "Eu estava nu, e não me vestistes. E eles responderão: "Quando é que te vimos nu e não te vestimos? E ele: Todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer" (Mt 25,43-45). Tu, porém, queres vestir a quem te agrada; em que Cristo não te apraz? Queres vestir um caçador, do qual talvez te envergonharás quando vencido. Cristo nunca é vencido. Venceu o diabo, venceu por ti, venceu para ti, e em ti. Não queres vestir a esse vencedor. Por quê? Porque não se clama por ele, nem se fica louco por sua causa. Por isso, os que se comprazem em tal glória, nada possuem em sua consciência. Como esgotam seus tesouros, para enviarem vestes, assim esvaziam a própria consciência, de sorte que ali nada tenham de precioso.

11 6 É ocioso expor como os santos exultam na glória, de que modo exultam. Ouvi o versículo seguinte deste salmo: "Exultarão os santos na glória, eles se regozijarão em seus leitos". Não nos teatros, não nos anfiteatros, não nos circos, não com ninharias, não nas ruas; mas "em seus leitos". Que quer dizer: "nos seus leitos?" Nos seus corações. Escuta como o apóstolo Paulo exulta em seu leito: "O nosso motivo de ufania é este testemunho da nossa consciência" (2Cor 1,12). Além disso, é de se recear que alguém se compraza em si mesmo, e com certa soberba se glorie de sua consciência. Pois, cada qual deve exultar com tremor (cf Sl 2,11), porque o motivo de sua ufania é um dom de Deus e não mérito seu. Entretanto há muitos que se comprazem em si mesmos, considerando-se justos; e contra eles adianta-se outra página da Escritura, nesses termos: "Quem pode dizer: Purifiquei meu coração, do meu pecado estou puro"? (Pr 20,9). Existe certa maneira de gloriar-se em sua consciência, a saber, se vê que tua fé é sincera, tua esperança certa, tua caridade sem fingimento. Mas visto que ainda haja talvez muita coisa que ofenda aos olhos de Deus, louva a Deus que te deu estas coisas; então ele completará seus dons. Por isso, tendo dito o salmista: "Eles se regozijarão nos seus leitos". Logo acrescenta: "Os louvores de Deus estarão em seus lábios". Assim, eles se alegrarão nos seus leitos, não atribuindo a si o fato de serem bons, mas louvarão àquele de quem receberam o que são, pelo qual são chamados para alcançarem aquilo que ainda não são, de quem esperam a perfeição. A ele dão graças, porque foi ele quem começou: "Os louvores de Deus estarão nos seus lábios". Já estais vendo os santos, a glória deles, por todo o mundo. Vede que "os louvores de Deus estão em seus lábios".

12 "E nas suas mãos espadas de dois gumes". Chama-se espada de dois gumes (framea) o que vulgarmente tem o nome de spatah (espada larga). Existem gládios de dois gumes que são as adagas (machaera). As espadas de dois gumes (framea) são chamadas também lanças (rom-phaia) e espadas largas (spatha). Grande mistério encerra esta espécie de ferramenta de dois gumes. Estas "espadas são de dois gumes nas suas mãos". Entendemos por espadas de dois gumes a palavra do Senhor. Ela é uma só espada de

dois gumes. Mas diz-se que são muitas, porque há muitas bocas, muitas línguas dos santos. A palavra de Deus, portanto, é uma espada de dois gumes (cf Hb 4,12). Por que de dois gumes? Fala das realidades temporais, fala das eternas. A respeito de ambas prova o que diz, e separa do mundo aquele a quem fere. Não é um gládio aquele mencionado pelo Senhor: "Não vim trazer paz, à terra, mas espada"? (Mt 10,34). Observa como veio separar, como veio apartar. Separa os santos, separa os ímpios, separa de ti o que te causa impedimento. O filho quer servir a Deus e o pai não quer; veio a espada, veio a palavra de Deus e separou o filho do pai. A filha quer, a mãe não quer; o gládio separa uma da outra. A nora quer, a sogra não quer; venha a espada de dois gumes, traga a promessa da vida presente e da futura, o consolo nas coisas temporais, a fruição das eternas. Eis a espada de dois gumes, que promete bens temporais e eternos. Em que nos decepcionou? Não existia a Igreja de Deus por todo o mundo? Eis que agora está no mundo todo. Lia-se anteriormente o que tratava dela; então não se via; agora como se lê, se vê. Tudo o que nos foi prometido a respeito de bens temporais pertence a um lado da espada; tudo o que é eterno refere-se ao outro lado. Tens a esperança dos bens futuros, tens o consolo acerca dos presentes; não te deixes arrastar por aquele que quer te arrastar para trás: pai, mãe, irmã, mulher, amigo. Não te arraste; ser-te-à útil a espada de dois gumes. Ele te separa para teu proveito, porque estás mal unido. Veio, portanto, nosso Senhor, trazendo a espada de dois gumes, a prometer os bens eternos e a cumprir o que se refere aos temporais. Por isso, diz-se haver dois Testamentos. Que era, então, "as espadas de dois gumes nas suas mãos?" Os dois Testamentos pertencem à espada de dois gumes. O Antigo Testamento promete bens terrenos, o Novo, os eternos. Em ambos a palavra de Deus se mostrou verídica, como uma espada de dois gumes. Por que, então está nas mãos e não nas línguas? "Nas suas mãos espadas de dois gumes". Nas mãos, em seu poder. Eles, pois, receberam a palavra de Deus com poder, de sorte que a proferissem onde quisessem e para quem quisessem; sem medo diante do poder também, não desprezavam a pobreza. Pois, tinham nas mãos a espada que por onde queriam vibravam, moviam, feriam; tudo isso estava no poder dos pregadores. Ora, se a palavra não está nas mãos, não sucede que alguém queira dizer: Como a palavra é uma espada de dois gumes, e como está nas mãos? Pois, se a palavra não está nas mãos, por que foi escrito: "A palavra de Deus foi dirigida, por intermédio (in manu) do profeta Ageu?" (Ag 1,1). Por acaso, irmãos, Deus colocou sua palavra entre os dedos dos profetas? Por que: foi dirigida por intermédio, in manu? Foi-lhe dado o poder de pregar a palavra do Senhor. Enfim, podemos também entender de outra maneira esta mãos. De fato, os que falaram, tiveram na língua a palavra de Deus; os que escreveram, tiveram nas mãos. "Nas duas mãos espadas de dois gumes".

13 7 Já vedes, irmãos, os santos armados. Notai o morticínio, notai os combates gloriosos. Se há imperador, há soldados; se há soldados, há inimigo; se há guerra, há vitória. Que fizeram estes combatentes que tinham nas mãos espadas de dois gumes? "Para executarem a vingança entre as nações". Vede se não houve vingança entre as nações. Diariamente isso acontece; também nós o fazemos ao falarmos. Notai como

foram feridos os habitantes de Babilônia. Foi-lhe retribuído duplamente. Assim está escrito a respeito dela: “Pagai-lhe o dobro, conforme suas obras” (Ap 18,6). Como foi-lhe pago o dobro? Os santos guerreiam, tiram da bainha espadas de dois gumes; fazem-se devastações, morticínios, separações. Como lhes é pago o dobro? Quando Babilônia podia perseguir os cristãos, matava o corpo, mas não abatia a Deus. Agora lhe é pago o dobro. Os pagãos se extinguem, os ídolos são quebrados. Como, dizes, os pagãos são mortos? Como, senão ao se tornarem cristãos? Procuro um pagão e não encontro; fez-se cristão, portanto o pagão morreu. Ora, se não são mortos, por que foi dito a Pedro: “Imola e come”? (At 10,13). Donde provém que o próprio Saulo perseguidor foi morto e levantou-se Paulo pregador? Procuro Saulo perseguidor e não o encontro; foi morto. Como? Pela espada de dois gumes. Mas como foi morto em si, e foi vivificado em Cristo, profere com confiança: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Da mesma forma que lhe sucedeu, ele faz com os outros. Efetivamente, tendo-se tornado pregador, tomou nas mãos a espada de dois gumes, “para executarem a vingança entre as nações”. Visando a (evitar que julgues serem os homens feridos com o ferro, ser o sangue derramado, ferida a carne, continua e expõe o sal-mista: “os castigos entre os povos”. Que seriam esses castigos? Correções. Tirai da bainha a espada de dois gumes, sem cessar; Deus vô-la deu, segundo vossa medida. Que espécie de homem és tu que adoras os ídolos? Fala a teu amigo, se ainda resta a quem falar assim: Que homem és tu, que abandonas aquele que te fez, e adoras o que fizeste? O operário é melhor do que o produto que ele fabrica. Se te envergonhas de adorar o operário, não te coras de adorar o que ele fabricou? Quando ele começar a ter vergonha, começar a se compungir, infligiste uma ferida com tua espada; chegou até o coração, e ele há de morrer para viver: “Nas suas mãos espadas de dois gumes, para executarem a vingança entre as nações e os castigos entre os povos”.

14 8 “Para meterem em grilhões os seus reis e em algemas de ferro os seus príncipes. Para executarem contra eles a sentença escrita”. Facilmente expusemos como cairão ao golpe das espadas para se levantarem, serem separados a fim de se unirem, serem feridos para se curarem, morrerem para viverem. Mas que faremos? Como expor o versículo: “Para meterem em grilhões os seus reis?” Os reis das nações devem ser presos com grilhões. “E os seus príncipes em algemas”; acrescentou o salmista; “de ferro”. Atenção, a fim de reconhecerdes o que já sabeis. Estes versículos que começamos a explicar são obscuros; mas o que tenho a dizer sobre eles, não é novidade. Já vos é conhecido; por isso, não precisais aprender e sim relembrar. Deus quis apresentar alguns de seus versículos de modo obscuro, não para que deles se retire algo de novo, mas a fim de que aquilo que se nos tornara habitual se renove por estas afirmações obscuras. Sabemos que reis se tornaram cristãos, sabemos que príncipes das nações se fizeram cristãos. Existem hoje, existiram e existirão; e não cessam de ferir as espadas de dois gumes nas mãos dos santos. Como, então, entender os grilhões e algemas de ferro que os prenderam? V. Caridade tem conhecimento e instrução a esse respeito (pois fostes nutridos na Igreja e costumais ouvir as leituras divinas): “O que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os

sábios; e, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é". Com efeito, assim se exprime o Apóstolo: "Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu, e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, Deus o escolheu, o que não é, como o que é, para reduzir a nada o que é" (1Cor 1,26-28). Cristo Deus veio para o bem de todos. Mas preferiu fazer bem ao imperador através do pescador, e não ao pescador por meio do imperador; e escolheu aqueles que eram insignificantes no mundo. Encheu-os do Espírito Santo, deu-lhes espadas de dois gumes, ordenou-lhes que pregassem o evangelho, e fossem pela terra inteira (cf Mt 28,19). O mundo se enfureceu, ergueu-se o leão contra o cordeiro; mas o cordeiro foi mais forte que o leão. O leão venceu por cruel-dade, mas o cordeiro venceu pela paciência. Os corações humanos se converteram ao temor de Cristo; começaram os reis, começaram os príncipes a se comoverem com os milagres, a se perturbarem com o cumprimento das profecias, a verem o gênero humano se reunir todo sob um só nome. E que fazer? Muitos preferiram a ignomínia, e abandonando suas casas, e distribuindo seus bens aos pobres, acorreram à perfeição. O Senhor disse a um jovem imperfeito: "Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres. Depois, vem e segue-me. E terás um tesouro nos céus" (Mt 19,21). Muitos nobres assim agiram; mas cessaram de ser nobres das nações; escolheram a pobreza do mundo, e a nobreza em Cristo. Muitos, porém, mantêm a própria nobreza, mantêm o poder régio, e assim são cristãos. Estão como que presos com grilhões e algemas de ferro. Por quê? Aceitaram os grilhões a fim de não avançarem para as coisas ilícitas; grilhões da sabedoria, grilhões da palavra de Deus (cf Eclo 6,25).

15 Por que motivo vínculos de ferro e não de ouro? São de ferro por todo o tempo em que eles temem; amem, e os grilhões se tornarão de ouro. V. Caridade preste atenção ao que vou dizer. Acabastes de ouvir a palavra do apóstolo João: "Porque o temor implica um castigo; não há temor no amor; mas o perfeito amor lança fora o temor" (1Jo 4,18). Este é um vínculo de ferro. Todavia, se o homem não começar a temer a Deus, não chegará ao amor. O começo da sabedoria é o temor do Senhor (cf Sl 110,10). Começa, pois, com vínculos de ferro e acaba com um colar de ouro. Foi dito acerca da Sabedoria: "E um colar de ouro no teu pescoço" (cf Eclo 6,25). Ele não te imporia um colar de ouro se primeiro não te ligasse com grilhões de ferro. Começaste pelo temor, será consumado pela sabedoria. Quantos são os que não querem fazer o mal pelo medo da geena, porque temem os suplícios? Ainda não amam a justiça. Se lhes fosse prometida a impunidade, e fosse-lhes dito: Fazei o que quereis com segurança; fica-reis impunes. Soltariam as rédeas de seus incentivos maus para praticar os piores pecados. Principalmente, meus irmãos, principalmente os reis e os nobres, aos quais não se diz facilmente: que fizestes? Pois o pobre, embo- ra não tema a Deus, como não tem forças, nem possibi-lidades, por medo de ele se agitar, é levado ao suplício, deixa de fazer o mal por temor dos homens, embora não de Deus. Os poderosos do mundo, reis, nobres, se não temerem a Deus, o que temerão? Mas prega-se para eles, e são feridos pela espada de dois gumes. Anuncia-

se-lhes que existe quem coloque uns à direita e outros à esquerda, a fim de se dizer aos que estão à esquerda: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,33.41). Ainda não amam a justiça, mas temem o castigo; e temendo o castigo, já estão em grilhões, e são instruídos pelos vínculos de ferro. Procura-nos um poderoso deste mundo; sua mulher o ofendeu, ou talvez deseja uma mais bela do próximo, ou outra mais rica. Quer despedir a que tem e não o faz. Ouve a palavra de um servo de Deus, ouve um profeta, ouve o apóstolo, e não o faz; ouve de alguém que tem nas mãos uma espada de dois gumes: Não o farás, não te é lícito, Deus não permite abandonar a mulher, a não ser por motivo de fornicação (cf Mt 5,32). Escuta isso, teme e não o faz. Os pés ligeiros já partiam para a queda, mas são presos nos grilhões; têm vínculos de ferro, temem a Deus. Alguém lhe diz: Deus te condenará, se o fizeres; é um juiz acima de todos, ouve os gemidos de tua esposa, tornar-te-ás réu em sua presença. Por essa concupiscência é acariciado, pela pena é atemorizado. Ia consentindo no mau desejo, se não o retivessem vínculos de ferro. Mas ainda, se disser: Quero abster-me já não quero mulher. Não podes. E se tu queres e ela não quer? Acaso por tua continência deve ela se tornar adúltera? Se ela se casar com outro, enquanto vives, será adúltera. Deus não quer por tal lucro compensar tal dano. Paga o débito; embora não o exijas, paga-o. Deus te computará como santificação perfeita, se não exiges o que ela deve, mas pagas o que deves à mulher. Temes, não fazes. Teus vínculos são sacudidos. Escuta como estás ligado com vínculos de ferro: "Estás ligado a uma mulher? Não procures romper o vínculo" (1Cor 7,39.3.27). É duro, é férreo. Quando o Senhor o disse, mostrou que o vínculo é de ferro. Adolescentes, ouvi. São vínculos férreos. Não coloqueis neles os pés. Quando os puserdes, estreitamente sereis apertados pelos grilhões. Tais grilhões vós os consolidais e as mãos do bispo. Os presos com grilhões não se refugiam na igreja e aqui são libertados? Os homens fogem para cá querendo abandonar as esposas: aqui são presos mais estreitamente. Ninguém rompe esses grilhões. "Que o homem não separe o que Deus uniu". Mas são vínculos duros. Quem não o sabe? Os apóstolos se queixaram desta dureza, dizendo: "Se é assim a condição do homem em relação à mulher, não vale a pena casar-se". Se os vínculos são de ferro, não convém colocá-los nos pés. E o Senhor respondeu: "Nem todos são capazes de compreender esta palavra. Quem tiver capacidade para compreender, compreenda!" (Mt 19.6.10.11). "Estás ligado a uma mulher? Não procures romper o vínculo", porque estás preso com vínculos férreos. "Não estás ligado a uma mulher? Não procures mulher" (1Cor 7,27). Não te prendas com vínculos de ferro.

16 9 "Para executarem contra eles a sentença escrita". É a sentença dos santos contra todas as gentes. Por que: "escrita?" Porque ela foi previamente escrita, e agora se realiza. Eis que agora se dão os fatos; outrora se lia, e não se fazia. E assim conclui o salmo: "Esta a glória de todos os seus santos". Pelo mundo inteiro, por todas as gentes assim agem os santos, assim são glorificados. Deste modo exaltam a Deus com seus lábios, assim exultam em sua glória, assim são elevados para sua salvação, assim cantam o cântico novo, assim proferem o Aleluia com o coração, a boca, a vida. Amém.

SALMO 150

SERMÃO AO POVO

1 Embora a ordem dos salmos me pareça conter o segredo de um grande mistério o qual ainda não me foi revelado, no entanto, visto que enumeram-se cento e cinqüenta, isto nos sugere a nós (que não penetramos com inteligência aguda nas profundidades de sentido desta ordem) alguma coisa que nos possibilita sem ousadia, na medida do auxílio do Senhor, uma explicação. Em primeiro lugar, o número quinze, do qual este é um multíplo (quanto vale o número quinze nas unidades, vale o cento e cinqüenta entre as dezenas, porque quinze vezes dez o perfazem; o mesmo vale o número mil e quinhentos entre as centenas, porque consta de quinze centenas; o mesmo vale o número quinze mil entre os milhares, porque consta de quinze vezes mil); o número quinze, portanto, significa a concórdia entre os dois Testamentos. No Antigo Testamento se observava o sábado (cf Ex 20,10), que figura o repouso; em o Novo Testamento se observa o domingo, que significa a ressurreição. O sábado, porém, é o sétimo dia; o domingo, após o sétimo, que é senão o oitavo, tido como o primeiro? É denominado também "una sabbati" (Mc 16,2), um dia depois do sábado, de sorte que vêm em seguida o segundo, o terceiro, o quarto e assim por diante, até o sétimo que é o sábado. De domingo a domingo, porém, temos o dia oitavo. Nele aparece a revelação do Novo Testamento, que estava oculta no Antigo sob promessas de bens terrenos. Sete mais oito são quinze. Tantos são também os cânticos que têm o nome de graduais; deste número eram também os degraus do templo. Além disso, o número cinqüenta contém em si um grande mistério. Pois, consta de uma semana de semanas, mais um, como que para completar o número cinqüenta com este oitavo. De fato, sete vezes sete são quarenta e nove; acrescenta-se mais um para completar cinqüenta. Este número cinqüenta tem grande sentido, porque quando se completaram tantos dias após a ressurreição do Senhor, no quiquagésimo dia veio sobre aqueles que em Cristo estavam congregados o Espírito Santo (cf At 2,1-4). Nas Escrituras principalmente pelo número sete é rememorado o Espírito Santo, seja em Isaías, seja no Apocalipse (cf Ap 1,20). Ali claramente aparecem os sete espíritos de Deus, por causa da operação setenária de um só e mesmo Espírito. Esta operação setenária é assim mencionada pelo profeta Isaías: "Sobre ele repousará o espírito de Deus, espírito de sabedoria e de discernimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de piedade, espírito de temor do Senhor" (Is 11,2). Entenda-se que se trata do temor casto ao Senhor, que permanece pelos séculos dos séculos (Sl 18,10). O perfeito amor lança fora o temor servil (cf 1Jo 4,18) e nos torna livres, a fim de não fazermos obras servis, proibidas no sábado. "O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5). Daí também o número sete lembrar o Espírito Santo. O Senhor, de seu lado, dividiu o número cinqüenta em quarenta e dez. De fato, no quadragésimo dia após sua ressurreição ele subiu ao céu, e de lá, completando-se os dez dias, enviou o Espírito

Santo (cf At 2,3). O número quarenta representa a habitação temporal neste mundo. Pois, o número quatro prevalece no quarenta; efetivamente o mundo e o ano têm quatro partes; acrescentando-se dez, qual recompensa pelo cumprimento da lei por meio de boas obras, figura-se a própria eternidade. O triplo deste número quinquagenário produz cento e cinqüenta, como que um múltiplo de uma trindade. Daí provém que por este motivo parece-nos adequado ser tal o número dos salmos. Além disso, no número dos peixes capturados nas redes depois da ressurreição (cf Jo 21,11), temos cento e cinqüenta mais três; assemelham-se a um aviso para que se divida em tantas partes este número, de sorte a constar de três vezes cinqüenta. Embora o número dos peixes tenha outra razão muito mais sutil e agradável, porque dispondo-se dez e sete em triângulo, isto é, de um a dezessete e somando estes algarismos, chega-se àquele número. Com o número dez assinala-se a lei, e com o sete, a graça. Com efeito, não se cumpre a lei, se o amor não for difundido em nossos corações pelo Espírito Santo, que o número sete representa.

2 Alguns pensam que todos os salmos formam cinco livros. Para tal divisão basearam-se no que se encontra no fim de alguns salmos: "Fiat, fiat, assim seja, assim seja" (Sl 40,14; 71,19; 88,53; 105,48). Mas querendo compreender a razão desta divisão, não consegui; efetivamente, nem as cinco partes são iguais entre si, não digo pela quantidade de texto, nem mesmo pelo número dos salmos, com trinta para cada uma. E se: Fiat, fiat, marca o fim de cada livro, porque o quinto livro, o último, não termina com o mesmo final, é uma pergunta que se pode fazer. Nós, porém, seguindo a autoridade da Escritura canônica, onde se lê: "Pois está escrito no livro dos salmos" (At 1,20), reconhecemos que o livro dos salmos é um só. E vejo, efetivamente, como isto é verdade; também se a outra opinião é verdadeira, não contradiz a esta. Pode acontecer que por algum uso da língua hebraica chama-se um só livro aquele que consta de vários; como de várias Igrejas consta a Igreja, e de muitos céus o céu. (Aquele que disse: "O meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra" [Sl 120,2], não omitiu algum céu. E tendo dito a Escritura: "E Deus chamou ao firmamento céu", e que as águas estavam sobre o firmamento, isto é, acima do céu [Gn 1,8.7] não mente, contudo, a mesma Escritura, ao dizer: "E águas que estão acima dos céu, louvem o nome do Senhor" [Sl 148,4.5], por não ter dito: acima do céu) e uma terra consta de muitas terras. Ora, por um hábito cotidiano dizemos: orbe da terra e orbe das terras. Aquele que afirmou: "Pois está escrito no livro dos salmos", embora seja um modo de falar, parece ter querido ensinuar que se trata de um só livro. Entretanto, é possível objetar: "no livro dos salmos" quer dizer: Em algum dos cinco livros. Expressar-se desta forma não é usual, ou é raro; persuadir-se-ia também que os doze profetas formam um só livro, porque se lê de modo semelhante: "Como está escrito no livro dos profetas" (At 7,42). Existem igualmente alguns que absolutamente denominam todas as Escrituras canônicas um só livro, porque concordam por uma unidade assaz admirável e divina; daí se origina a palavra: "No começo do livro está escrito que se faça a tua vontade", de tal forma que se entenda ter o Pai criado o mundo pelo Filho. A criação do mundo está no princípio das Escrituras, no livro do Gênesis. Ou antes, parece ser profecia, não a narrar fatos passados, e sim prenunciando

o futuro (pois não disse: fiz; mas "para que faça", ou "para que fizesse a tua vontade"). A isso refere-se a sentença que está escrita nas primeiras partes do mesmo livro: Eles se tornarão dois "numa só carne" (Gn 2,24). O Apóstolo chama isto de um grande mistério, no Cristo e na Igreja (cf Ef 5,31.32). Embora também este livro dos salmos possa ter sido figurado nas palavras: "No começo do livro de mim está escrito que faça a tua vontade", pois continua o salmo: "Meu Deus, eu o quis e a tua lei está no fundo de meu coração" (Sl 39,8-10). Do mesmo se considera ter sido profetizado no começo deste livro, no salmo primeiro: "Feliz o homem que não entrou no conselho dos ímpios, não se deteve no caminho dos pecadores, nem se sentou em cátedra pestífera. Mas aderiu à lei do Senhor e dia e noite a meditará" (Sl 1,1.2). Corresponde à "Meu Deus, eu o quis e a tua lei está no fundo do meu coração". Quanto ao que segue: "Anunciei a tua justiça na grande igreja" (Sl 39,10), adapta-se melhor à palavra: Eles se tornarão dois "numa só carne".

3 Quer se entenda de um modo ou de outro a palavra: "No começo do livro", este livro dos salmos em grupos de cinqüenta, se examinarmos cada uma das divisões, corresponde a alguma coisa bem digna de consideração. Não me parece inutilmente que o quinquagésimo salmo seja acerca de penitência, o centésimo acerca da misericórdia e do juízo, e o centésimo quinquagésimo trate do louvor de Deus em seus santos. Assim, pois, tendemos à vida eterna e feliz, primeiramente condenando nossos pecados, em seguida, vivendo bem, de tal forma que depois de renunciarmos a uma vida má e tivermos levado uma vida correta, mereçamos a vida eterna. Deus, segundo o propósito de sua ocultíssima justiça e bondade, "os que predestinou, também os chamou; e os que chamou, também os justificou, e os que justificou, também os glorificou" (Rm 8,30). Nossa predestinação não se fez em nós, mas ocultamente em Deus, em sua presciência. Em nós se realizam as outras três: a vocação, a justificação, a glo-rificação. Somos chamados pela pregação da penitência; pois assim começou o Senhor a evangelizar: "Convertei-vos, porque o reino dos céus está próximo" (Mt 3,2; 4,17). Somos justificados pelo chamado da misericórdia, e pelo temor do juízo; daí vem a palavra: "Salva-me, pela honra de teu nome, ó Deus, por teu poder, faze-me justiça" (Sl 53,3). Não tem medo do julgamento, quem anteriormente tiver impetrado a salvação. Chamados, renunciamos ao diabo, pela penitência, a fim de não permanecermos sob seu jugo. Justificados, somos curados pela misericórdia a fim de não temermos o juízo. Glorificados, passamos à vida eterna, onde sem fim louvamos a Deus. Julgo que a isso se refere a palavra do Senhor: "Eis que eu expulso demônios e realizo curas hoje e amanhã e no terceiro dia vou terminar" (Lc 13,32). Ele o demonstrou nos três dias de sua paixão, dormição e ressurreição. Pois, foi crucificado, sepultado e ressuscitou. Na cruz triunfou das Potestades e Principados, no sepulcro repousou, na ressurreição exultou. A penitência atormenta, a justiça tranqüiliza, a vida eterna glorifica. A voz da penitência é a seguinte: "Piedade de mim, ó Deus, segundo a tua grande misericórdia; e com abundância de tuas comiserações apaga a minha iniqüidade" (Sl 50,3.19). Ela oferece a Deus o sacrifício de um espírito atribulado, de um coração contrito e humilhado. A voz da justiça de Cristo em seus eleitos é a seguinte: "Cantar-te-ei a misericórdia e a justiça,

Senhor. Entoarei salmos e procurarei entender no caminho sem mácula: Quando virás a mim?” Pela misericórdia efetivamente somos auxiliados a praticar a justiça, de sorte que possamos comparecer com segurança no juízo; ali serão exterminados “da cidade do Senhor todos os malfeitores” (Sl 100,2.8). O versículo que termina este salmo é voz da vida eterna.

4 1 “Louvai ao Senhor em seus santos”, a saber, naqueles que ele glorificou. “Louvai-o no firmamento de seu poder. Louvai-o por seus portentos”, ou conforme alguns traduziram: “em seus potentados. Louvai-o segundo a vastidão de sua grandeza”. Tudo isso é atinente a seus santos, conforme diz o Apóstolo: “Por ele, nos tornemos justiça de Deus” (2Cor 5,21). Se, portanto, é justiça de Deus a que ele fez neles, porque não é igualmente poder de Deus neles, de forma que ressuscitassem dos mortos? Efetivamente, o poder principalmente se destaca na ressurreição de Cristo, porque na paixão foi a fraqueza, conforme o dito do apóstolo: “Por certo, foi crucificado em fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus” (2Cor 13,4); e em outra passagem: “Para conhecê-lo, conhecer o poder da sua ressurreição” (Fl 3,10). Com exatidão, diz o salmista: “no firmamento de seu poder”. Firmamento do poder, porque ele já não morre e a morte não tem mais domínio sobre ele (cf Rm 6,9). Por que não serão chamados potentados de Deus aquilo que ele fez deles? Ou melhor, eles são os seus potentados, assim como foi dito: “Nós somos justiça de Deus, por ele”. Que há de mais poderoso do que reinar eternamente, tendo os inimigos sob os pés? Porque não serão eles também a vastidão de sua grandeza? Não a grandeza que o faz grande, mas a que os torna grandes, a tantos santos, milhares de milhares. Da mesma forma entende-se que uma é a justiça que o faz justo e outra que nos torna justos, a fim de sermos sua justiça.

5 Os mesmos santos são figurados em todos os instrumentos musicais daqui em diante nomeados, para o louvor de Deus. Isto propôs o salmista: “Louvai ao Senhor em seus santos”, isto se realiza depois, de várias maneiras assinalando os mesmos santos.

6 3 “Louvai-o ao som da trombeta”, por causa da excelente clareza do louvor. “Louvai-o com o saltério e a cítara”. O saltério figura os que louvam a Deus a respeito dos seres superiores, e a cítara, os que o louvam sobre os seres inferiores; tais os celestes e terrestres, louvando aquele que fez o céu e a terra. Já, de fato, em outro salmo explicamos que o saltério tem no alto do lenho onde ressoam as séries de cordas, que nele se apoiam para produzir melhor som; este madeiro a cítara o possui na parte inferior.

7 4 “Louvai-o com címbalos e coros”. O címbalo louva a Deus, quando a carne já transformada não sofre de corrupção terrena alguma. Com efeito, faz-se o címbalo com couro seco e firme. É um coro que louva a Deus, quando o louva uma sociedade pacificada. “Louvai-o com instrumentos de cordas e outros instrumentos” (organo). O saltério e a cítara, acima mencionados, possuem cordas. Instrumentos (organum) é um nome geral para todos os objetos musicais. Embora já seja habitual chamar-se órgão propriamente os que se enchem por meio de foles. Não penso que aqui se mencione essa

espécie. Pois, órgão é um vocábulo grego que significa, conforme disse, em geral toda espécie de instrumentos musicais; os que têm foles, em grego possuem outro nome. É mais de acordo com o latim e com um costume vulgar chamá-lo de órgão. Se o salmista disse: "com instrumentos de corda e órgão", julgo que quis falar de algum órgão que tem cordas. Pois, não são somente o saltério e a cítara que têm cordas. Mas, como saltério e cítara, por causa do som que parte de baixo ou de cima, mostram que se pode entender algo segundo esta distinção, e convidam-nos a procurar nestas cordas outro sentido, encontramos que representam a carne, já libertada da corrupção. A estes talvez tenha acrescentado o órgão, para não acontecer que soem isoladamente, e sim que soem com diversidade concorde, como acontece no órgão. Os santos de Deus, de fato, terão suas diferenças uníssonas, não dissonantes, isto é, concordantes, não dissidentes, segundo sucede quando há harmonia de diversas vozes que, porém, não são contrárias entre si. "E até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos" (1Cor 15,41-42).

8 5.6 "Louvai-o com címbalos sonoros, louvai-o com címbalos de júbilo". Os címbalos tocam-se mutuamente para soarem; por isso alguns os comparam com nossos lábios. Acho melhor que se entenda sob a figura dos címbalos certa maneira de louvar a Deus, isto é, quando cada um honra a seu próximo e não a si; e enquanto se honram mutuamente, louvam a Deus. Para que não se pense que os címbalos são instrumentos que soam sem alma, foi acrescentado: "com címbalos de júbilo". O júbilo, isto é, um louvor inefável, somente pode brotar da alma. Considero não dever omitir a opinião dos músicos, e é coisa manifesta, que existem três espécies de sons: os emitidos pela voz, pelo sopro, pelo pulso. Pela voz, isto é, com os lábios e as cordas vocais, sem que o cantor empregue instrumento algum. Pelo sopro, como o que se executa com a flauta, ou coisa semelhante. Pelo pulso, como pela cítara ou instrumentos desta espécie. Neste salmo nenhuma espécie foi omitida. Temos a voz no coro, o sopro na trombeta, o pulso na cítara, como se fossem a mente, o espírito, o corpo; mas por comparações, não propriamente. Quanto ao primeiro convite: "Louvai ao Senhor nos seus santos", a quem o dirige o salmista senão a eles mesmos? E que louvem a Deus em quem, senão em si mesmos? Pois, vós sois os seus santos, diz ele, sois seu poder, mas depositado por ele em vós; e seus potentados, e a vastidão de sua grandeza, que fez e manifestou em vós. Vós sois a trombeta, o saltério, a cítara, o címbalo, o coro, as cordas, o órgão, e os címbalos de júbilo retumbantes, porque harmoniosos. Sois tudo isso. Não se pense em coisa alguma de vil, de transitório, de jocoso. E como ter um modo de pensar carnal é morte, "Todo espírito louve ao Senhor".

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué

2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmias

3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma

4. Contra as heresias, Ireneu de Lião

5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão

6. Sermões, Leão Magno

7. A Trindade, S. Agostinho

8. O livre-arbítrio, S. Agostinho

9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho

9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho

9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho

10. Confissões, S. Agostinho

11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho

12. A Graça (I), S. Agostinho

13. A Graça (II), S. Agostinho

14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia

15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia

16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho

17. A doutrina cristã, S. Agostinho

18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio

19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho

20. Contra Celso, Orígenes

21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho

22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers

23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo

24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho

25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio

27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo

27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo

27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo

28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Título original
Enarrationes in psalmos

Tradução
Monjas beneditinas
Mosteiro Maria Mãe do Cristo - Caxambu (MG)

Revisão
H. Dalbosco

Introdução
Roque Frangiotti

Capa
Visa

Os manuscritos, mesmo os mais antigos, usam diversos títulos. Encontram-se, quase sem diferença: exposição, sermão, tratado, além de, algumas vezes, comentários e explanação. Contudo, tratado se reserva de ordinário a verdadeiros sermões, e é esta a verdadeira tradição, atestada por Possídio.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430.

Comentário aos Salmos / Santo Agostinho; revisão de H. Dalbosco. — São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística).

Título original
Enarrationes in psalmos.

Contéudo
Salmos 101-150.

eISBN 9788534938853

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430 2. Bíblia. A.T. Salmos — Comentários I. Dalbosco, Honório, II. Série.
96-1495 CDD-223.207

Hildegarda de Bingen
Scivias
(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor
PAULUS

Scivias

de Bingen, Hildegarda

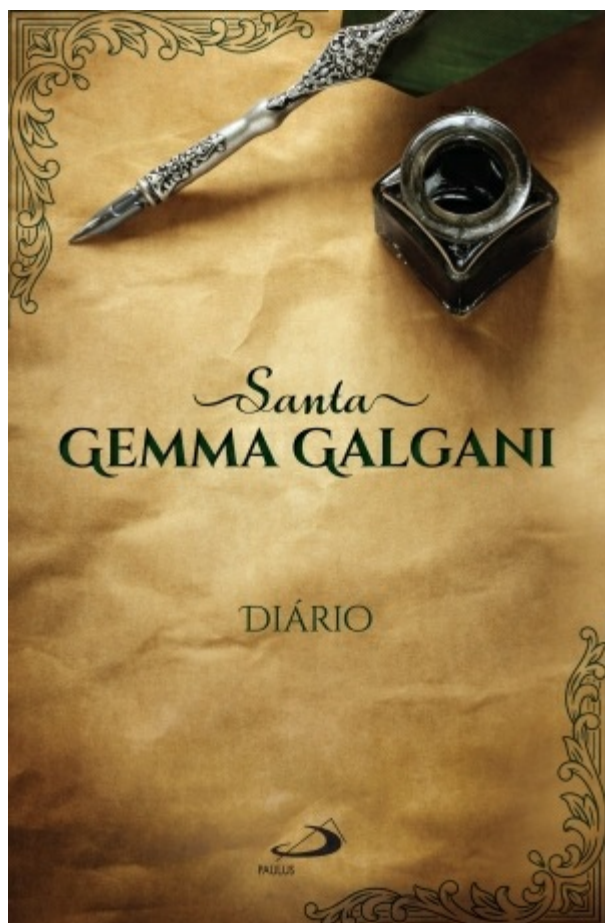
9788534946025

776 páginas

Compre agora e leia

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santifi cação e o fi m do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fi nal de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

Compre agora e leia

Santa
GEMMA GALGANI
DIÁRIO
PAULUS

Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

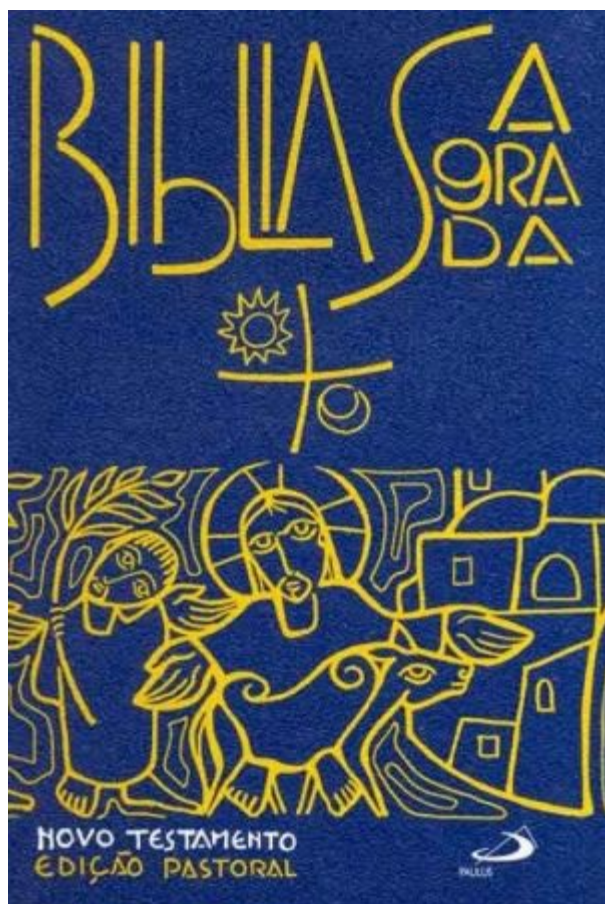
248 páginas

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

Compre agora e leia

DOCAT
Como agir?

Compre agora e leia

BIBLIA SAGRADA
NOVO TESTAMENTO
EDIÇÃO PASTORAL
PAULUS

Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas

Compre agora e leia

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

Compre agora e leia

Lee Martin McDonald
A origem da Bíblia
Um guia para os perplexos
PAULUS

A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

Compre agora e leia

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

Compre agora e leia

Índice